

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

RISOLETE MARIA HELLMANN

CARMEN DOLORES, ESCRITORA E CRONISTA
Uma intelectual feminista da *Belle Époque*

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Literatura da Universidade
Federal de Santa Catarina para obtenção do
Grau de Doutora em Literatura

Orientadora: Dra. Zahidé Lupinacci Muzart

FLORIANÓPOLIS
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

HELLMANN, RISOLETE MARIA

CARMEN DOLORES, ESCRITORA E CRONISTA: Uma intelectual feminista da Belle Époque / RISOLETE MARIA HELLMANN; orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart - Florianópolis, SC, 2015. 851 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de PósGraduação em Literatura.
2 Volumes.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Literatura de autoria feminina. 3. Crônicas. 4. Escritoras do século XIX. 5. Carmen Dolores. I. Muzart, Zahidé Lupinacci. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

Às mulheres do meu coração...

Para minha mãe, **Adélia**,
Mulher do século XX,
que vivenciou a submissão ao poder patriarcal
e partiu na véspera desta tese,
acreditando que isso era natural.

Para minha filha, **Raíssa Camile**,
Menina mulher do século XXI,
Que chegou quando as linhas desta tese se
fechavam.
Que ela vivencie a ousadia e a coragem
de rasgar as máscaras
que nos mantêm na ignorância de nós mesmas
e que possa contribuir
com a desconstrução da ideologia patriarcal.

E aos homens que amo...

Para meu pai, **David**,
que seguiu sua amada, silencioso, como viveu.
Para meu marido, **Claudionor**,
presença amorosa constante.
Para meus filhos, **Thiago e David**,
amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, *Zahidé Muzart*, pela sugestão de Carmen Dolores, por acreditar que eu seria capaz e por me dar a segurança do caminho escolhido.

Ao meu marido, *Claudionor*, por tudo! Pelo companheirismo, pelo carinho, pela compreensão do meu isolamento na biblioteca e pela minha ausência durante a pesquisa de campo, pelo auxílio na transcrição das crônicas e pelo incentivo na minha luta.

Aos meus filhos, *Thiago, David e Raíssa*, por compreenderem minhas ausências durante a elaboração desta tese.

A minha madrinha e amiga, *Irene*, por ter me ensinado as primeiras letras na infância, por ter acompanhado minha trajetória ao longo de muitos anos com carinho e interesse e, principalmente, pelo incentivo e apoio desde a seleção do curso de doutoramento.

Aos amigos *Esterlina* e *Joel*, pela hospedagem na cidade do Rio de Janeiro, e à *Sueli*, pelo acolhimento durante todo o tempo de pesquisa de campo, sem a qual dificilmente eu teria conseguido alcançar tantos dados.

Ao amigo *Luiz Eduardo* (LuLuca), pela disponibilidade e auxílio na coleta de dados.

Às amigas *Patrícia* e *Antonia*, sempre presentes - mesmo que por meios virtuais - pelos muitos momentos de escuta, de trocas e de palavras estimuladoras quando o desânimo e a ansiedade tomavam conta.

Às amigas *Aline*, *Manu*, assim como a minha cunhada e meu irmão, *Marizete* e *Tarcísio*, pela dedicação a minha filhinha durante minhas ausências.

Aos meus professores, principalmente a Prof.^a Dr.^a *Tania Ramos*, por ter me colocado no caminho de minha orientadora.

Aos colaboradores da Biblioteca Nacional, que tão gentilmente me auxiliaram na localização das crônicas e me possibilitaram o acesso aos periódicos impressos.

Aos diversos secretários do Programa de Pós-Graduação em Literatura, pela presteza com que sempre atenderam às minhas solicitações.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por oferecer o curso e auxiliar no custo da pesquisa de campo.

Ao Instituto Federal de Santa Catarina, pela concessão do afastamento do trabalho para desenvolver esta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram e/ou me incentivaram nessa jornada.

Un texto descubierto em algún archivo polvoroso no será bueno e interessante sólo porque lo escribió una mujer. Es bueno e interessante porque nos permite llegar a nuevas conclusiones sobre la tradición literaria de las mujeres; saber más sobre cómo las mujeres se enfrentan, em uma forma literaria, a su situación actual, las expectativas vinculadas a su rol como mujeres, sus temores, deseos y fantasias, y las estrategias que aadoptam para expresarse publicamente a pesar de su confinamento em lo personal y lo privado.

(Sigrig Weigel, 1986)

Se hoje a posição da mulher na sociedade se distancia cada vez mais do papel feminino exercido no século XIX é graças ao empenho de mulheres que viveram à frente de seu tempo, expondo-se às críticas e lutando para conquistar o espaço quase sempre bastante cerceado. Esse percurso em árido terreno fez com que as mulheres fossem pouco a pouco almejando ampliar sua atuação na sociedade [...] Com todas as limitações intelectuais e sociais, houve escritoras brasileiras que superaram os obstáculos e escreveram. Torna-se importante, sem condescendência, reconhecer a dedicação e coragem das brasileiras que publicaram suas obras, fazendo prevalecer a vontade acima dos preconceitos que poderiam vir a sofrer.

(Rosana Cássia Kamita, 2004)

Quem escreve a indagar no seu íntimo a cada instante o que pensarão do que está dizendo, é um cativo intelectual que perde as asas, e não voa mais nunca.

(Carmen Dolores, 1908)

RESUMO

Investigamos, neste estudo, a obra jornalística e literária de Carmen Dolores (um dos pseudônimos de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello), escritora, cronista, conferencista, dramaturga e crítica literária do século XIX, comumente caracterizada, no campo intelectual do seu tempo, como máscula, corajosa e ousada. Dessa obra, focalizamos a atuação jornalística, intelectual, crítica e feminista por meio da análise de suas crônicas publicadas no jornal *O Paiz* entre 1905 e 1910. Reconhecida pela crítica periodística de seu tempo, esquecida politicamente pela História da Literatura e Crítica Literária canônicas ao longo do século XX, ela vem sendo redescoberta pela crítica literária feminista contemporânea. Seguimos a tendência das pesquisas realizadas na linha de resgate da literatura de autoria feminina, preocupando-nos em descobrir seu acervo, para analisá-lo, desfazer equívocos repetidos consecutivamente, assim como interpretar o processo de inserção dessa mulher no contexto histórico-social-cultural, identificar os preconceitos enfrentados, ou seja, avaliar a posição feminista que ocupou no campo literário e intelectual. Desse modo, visamos, concomitantemente, dar visibilidade à obra de uma escritora feminista do século XIX, esquecida politicamente pelos estudos canônicos e contribuir com a releitura do cânone literário e com a construção da historiografia literária de autoria feminina brasileira. Objetivos que nos conduziram à tese de que o resgate dos escritos literário/jornalísticos, da vida e da atuação intelectual e feminista de Carmen Dolores pode proporcionar o reconhecimento e a visibilidade dessa escritora e jornalista como uma intelectual feminista da *Belle Époque* brasileira. Noções de Crítica Feminista, Estudos Culturais, Nova História e Crítica Biográfica permeiam todo o texto como um aporte teórico. No levantamento da fortuna crítica, nos valem os textos críticos de cronistas da *Belle Époque*, assim como de outras fontes secundárias: historiadores e críticos literários canônicos desde Silvio Romero (1888) a Luciana Stegagno-Picchio (1997); e das pesquisas acadêmicas das críticas feministas contemporâneas. No intuito de desfazer equívocos, completar informações desconhecidas por leitores contemporâneos e construir um perfil biográfico da autora a partir do seu contexto social e do seu campo literário, valemo-nos de fontes primárias (registros paroquiais, documentos institucionais, obituários e notas sociais publicadas em periódicos brasileiros durante o tempo de vida de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello).

Palavras-chave: Mulher. Literatura. Crônica. Século XIX.

ABSTRACT

In this study, we investigate the journalistic and literary work of Carmen Dolores (one of the pseudonyms of Emilia MoncorvoBandeira de Mello). Writer, chronicler, lecturer, dramaturgist and literary critic of the 19th century, she is commonly referred to as, in the intellectual field of her epoch, manlike, courageous, and audacious. From her work, we focus her journalistic, intellectual, critic and feminist acting by analyzing her chronicles published in *O Paiz* newspaper from 1905 to 1910. Recognized by the journalistic critic of her time, politically forgotten by canonical Literature History and Literature Critic along the 20th century, she is being rediscovered by contemporaneous feminist literary critic. We followed the trend of researches made in terms of retrieving works made by female writers, concerned about discover her collection, in order to analyze it, reveal repeated misconceptions, as well as to understand the insertion process of this woman into the historical-social-cultural context, identifying the prejudices faced by her; in other words, to evaluate the feminist position occupied by her in both intellectual and literary fields. This way, we aim to, concomitantly, give visibility to the work of a feminist writer of the 19th century, which was politically forgotten by the canonical studies, and to contribute with the rereading of the literary canon and to the construction of the literary historiography of Brazilian female writers. Such purposes conducted us to the thesis that the retrieval of literary and journalistic works, as well as the life and intellectual and feminist acting of Carmen Dolores, could lead to the recognizing and visibility of this writer and journalist as an intellectual feminist of the Brazilian *Belle Époque*. Notions of Feminist Criticism, Cultural Studies, New History, and Biographical Criticism are used in this work as theoretical support. Critical texts of chroniclers from the *Belle Époque*, other secondary sources, such as historians and canonical literary critics like Silvio Romero (1888) and Luciana Stegagno-Picchio (1997), as well as contemporary academic researches regarding feminism criticism were used in the literature review of this work. Aiming to undo misconceptions, to fulfill the lack of information of contemporary readers, and to build a biographical profile of the author from her social context and literary field, we make use of primary sources, such as parochial registers, institutional documents, obituaries, and social notes published in Brazilian periodicals during the lifetime of Emilia Mancorvo Bandeira de Mello.

Keywords: Woman. Literature. Chronicle. 19th Century.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Inscrição do túmulo de Emilia M. Bandeira de Mello.....	26
Figura 2: Túmulo de Emilia M. B. de Mello.....	26
Figura 3: Livro de Registro de Batismo de Emília Moncorvo de Figueiredo	108
Figura 4: Detalhe da página do Registro de Batismo de Emília Moncorvo de Figueiredo.....	109
Figura 5: Livro de Registro do Casamento de Jeronymo e Emília Moncorvo de Figueiredo.....	117
Figura 6: Detalhe da folha: Registro do Casamento de Jeronymo Bandeira de Mello e Emília Moncorvo de Figueiredo.....	117
Figura 7: Carmen Dolores e Chrysanthème nas ruas do Rio.....	126
Figura 8: Convite de missa de 7º dia.....	128
Figura 9: Registro de óbito de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello	130
Figura 10: Notas sobre conferências literárias – Gazeta de Notícias	158
Figura 11: Notas sobre conferências literárias Correio da Manhã.....	158
Figura 12: Capa do livro Lendas Brasileiras (2ª edição, 1914).....	185
Figura 13: O casamento da moça, ilustração de Julião Machado.....	186
Figura 14: O preguiçoso, ilustração de Julião Machado	187
Figura 15: Capa do livro <i>Ao esvoaçar da ideia</i>	188
Figura 16: Carmen Dolores e Vianna de Carvalho	222
Figura 17: Plebiscito para presidente	225
Figura 18: O Chá Five O’Clock.....	242
Figura 19: A confeitaria Colombo e seus intelectuais.....	243
Figura 20: A vida sofisticada	244
Figura 21: A reforma urbana do Rio de Janeiro	252
Figura 22: O Bota-abaixo: demolições prévias	253
Figura 23: Edifícios da Avenida Central	254
Figura 24: Avenida Central - Rio de Janeiro	255
Figura 25: Carmen Dolores em seu gabinete de trabalho	353
Figura 26: O culto ao corpo	355

SUMÁRIO

1 NARRANDO O PERCURSO DA ESCRITURA DESTA TESE.....	11
2 O LUGAR (OU NÃO LUGAR) DA ESCRITORA NA CRÍTICA LITERÁRIA E NAS HISTÓRIAS DA LITERATURA BRASILEIRA.	33
2.1 APESAR DAS REFERÊNCIAS, A EXCLUSÃO DE CARMEN DOLORES DO CANÔNE	34
2.1.1 As décadas de 1930 e 1940	40
2.1.2 As décadas de 1950 e 1960	42
2.1.3 Dos anos de 1970 até nossos dias	57
2.2 CARMEN DOLORES E O RESGATE DA CRÍTICA FEMINISTA...	62
2.2.1 Os textos críticos em livros	64
2.2.2 Carmen Dolores em antologias e dicionários de autoria feminina	76
2.2.3 Os textos críticos em revistas, congressos e seminários	83
2.2.4 As teses e dissertações sobre Carmen Dolores	89
2.2.5 Os prefácios de suas obras em novas edições	98
3 EMILIA E CARMEN DOLORES: UMA HISTÓRIA DE VIDA E A HISTÓRIA DE UMA AUTORA	105
3.1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE UMA MULHER DO SÉCULO XIX ...	107
3.1.1 Emilia e a sua origem	108
3.1.2 A formação escolar	111
3.1.3 O casamento e os filhos	117
3.1.4 Emilia e Carmen Dolores em uma só vida	123
3.1.5 O falecimento: um corpo e duas faces	127
3.2 TRAÇOS DA AUTORA: UMA MULHER DE LETRAS	133
3.2.1 Os pseudônimos: eus desdobráveis	134
3.2.1.1 <i>Julio de Castro</i>	145
3.2.1.2 <i>Celia Marcia</i>	147
3.2.1.3 <i>Leonel Sampaio</i>	148
3.2.1.4 <i>Mario Villar</i>	151
3.2.1.5 <i>Carmen Dolores</i> em periódicos diversos	153
3.2.2 Carmen Dolores, seus livros, conferências e dramaturgia: o reconhecimento da crítica periodística	155
3.2.2.1 Com a face exposta, as conferências literárias	157
3.2.2.2 Na literatura de autoria feminina, o talento de Carmen Dolores.....	168
Sobre <i>Gradações - páginas soltas</i>	169
Sobre <i>Um drama na roça</i> 174	174
Sobre <i>Lendas brasileiras: coleção de 27 contos para crianças</i> 184	184

Sobre <i>Ao esvoaçar da ideia</i>	187
Sobre <i>A luta</i>	201
Sobre <i>Almas complexas</i>	210
Sobre as peças teatrais	217
3.2.2.3 Outras publicações de Carmen Dolores	222
3.2.3 Carmen Dolores: a intelectual como referência	225
3.2.4 As tentativas de preservação do nome de Carmen Dolores	228

4 OUSADIA E IRREVERÊNCIA DE UMA MULHER NA PONTA DA PENA..... 237

4.1 A JORNALISTA: OLHAR DE ARTISTA E PORTA-VOZ DE CIDADÃOS 238

4.1.1. A inserção de Carmen Dolores na vida intelectual da *Belle Époque* 242

4.1.2. O progresso e a modernização da cidade..... 252

4.1.3 As linhas da crônica como espaço de lutas sociais e políticas 261

4.1.3.1 O destino dos despejados no “Bota-Abaixo” e a vida na favela 264

4.1.3.2 A ineficiência do transporte público 272

4.1.3.3 A violência urbana e a falta de segurança pública 274

4.1.3.4 A preservação do meio ambiente 280

4.2 REMINISCÊNCIAS POÉTICAS: ESCRITA E VIDA..... 282

4.2.1 Funções da citação na crônica 288

4.2.2 A crônica como espaço de trabalho e de luta quixotesca 301

4.2.3 Diálogos entre mulheres 302

4.2.4 Ler como uma mulher 307

4.3 A CRÍTICA DE ARTE COMO CRÔNICA 309

4.3.1 A crítica de arte: “Subserviência aos juízos correntes, nunca, nunca!” 310

4.3.2 A preferência pela música 312

4.3.3 Representações teatrais femininas 315

4.3.4 Crítica às conferências literárias 320

4.3.5 Crítica literária de mulher, sim senhor! 329

4.3.6 Possibilidades de crítica literária feminista nos 1900 332

4.3.6.1 A representação da mulher em obra de autoria masculina 332

4.3.6.2 Análise de obras de autoria feminina..... 334

4.4 A CRONISTA E A LUTA PELOS DIREITOS DA MULHER: FEMINISMO OU NÃO? 351

4.4.1 Seu talento “ másculo” e o preconceito contra a mulher..... 351

4.4.2 Uma postura paradoxal 369

4.4.2.1 Sua postura anticlerical, a pecha do ateísmo e sua participação em rituais católicos 372

4.4.2.2 O posicionamento político de Carmen Dolores	383
4.4.3 As principais bandeiras feministas levantadas	394
4.4.3.1 A denúncia da violência contra a mulher	397
4.4.3.2 A questão do divórcio	413
4.4.3.3 O trabalho feminino remunerado	426
4.4.3.4 O direito à educação	431
 5 ARREMATANDO AS ARESTAS DA MONTAGEM DO MOSAICO.....	 439
 REFERÊNCIAS	 448
 APÊNDICES	 480
 APÊNDICE A Critérios para atualização ortográfica na transcrição das crônicas de Carmen Dolores publicadas em <i>O Paiz</i>	 480
 APÊNDICE B Lista dos jornais onde estão as colunas: A SEMANA, assinada por Carmem Dolores	 483



EMILIA MONCORVO BANDEIRA DE MELLO
(CARMEN DOLORES)
(1852-1910)

1 NARRANDO O PERCURSO DA ESCRITURA DESTA TESE...

Neste estudo que ora apresentamos, tomamos como objeto de estudo a obra literária e jornalística de Carmen Dolores¹, autora de obras ficcionais, cronista, conferencista, dramaturga e crítica literária. Uma brasileira do século XIX comumente caracterizada, no campo intelectual do seu tempo, como máscula, corajosa e ousada. De sua variada obra intelectual, optamos por dar uma especial atenção às crônicas publicadas no jornal *O Paiz* entre 1905 e 1910.

QUANTO À ORIGEM DA TESE

Antes, porém, de narrar o desenvolvimento desta pesquisa acadêmica, abrimos um parêntese para, digressivamente, lembrar a gênese deste trabalho, que teve um início nada convencional. Em maio de 2012, já no meio do curso de doutoramento, por motivações diversas, tivemos que encontrar outro(a) orientador(a). Pretendíamos, inicialmente, desenvolver um estudo sobre a obra de outra escritora brasileira contemporânea, Maria José Silveira. Aspirávamos, a partir dos olhares da História, da Literatura e da Crítica Feminista, trabalhar com seus romances históricos. Mas esse projeto fortuitamente acabou não indo à frente em função da necessidade de encontrar nova orientadora. Sim, orientadora, uma mulher que trabalhasse na linha de pesquisa Crítica Feminista e Estudos de Gênero, já que nosso interesse pessoal sempre foi, desde a graduação, desenvolver pesquisa nessa área.² Tanto nas monografias da graduação e da especialização já havia trabalhado com romances de escritoras brasileiras, assim como, no mestrado em que foi apresentada dissertação sobre as obras de Lya Luft.

¹ Pseudônimo de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello (1852-1910).

² *Um dia me perguntaram: - Por que Mulher e Literatura? Sem pestanejar, respondi: - Literatura porque desde que ouvi a história de Hänsel e Gretel (Irmãos Grimm), antes mesmo de aprender a falar, ler e escrever em português, entendi que a literatura é o alimento da alma e que, através dela, tudo é possível. E Mulher porque também muito cedo, dentro do círculo familiar, antes mesmo de conhecer as teorias feministas, aprendi a ser uma feminista por força das circunstâncias, ou melhor, por indignação. E, também, por entender que esse era o meio para sobreviver em uma família onde uma matriarca, paradoxalmente, desempenhava o papel do machista e reproduzia o discurso do patriarcalismo. Só bem mais tarde, já na graduação em Letras, cheguei a argumentos mais consistentes, fundados em conhecimentos teórico-científicos, tanto sobre literatura, quanto sobre o feminismo.*

Ao procurar a Prof.^a Dr.^a Zahidé Muzart, a condição para aceitação da orientação foi que trabalhássemos com resgate de escritoras do século XIX, como Julia Lopes de Almeida, Maria Benedita Bormann (Délia) e Carmen Dolores. Isso demandaria escrever um novo projeto e desenvolvê-lo em um tempo que não dispúnhamos mais e, além disso, é preciso confessar que, naquele momento, não conhecíamos as obras de tais autoras. Aliás, com exceção das duas primeiras, nunca tínhamos ouvido falar em Carmen Dolores. Posto o desafio, desafio aceito, levados por não sei quais sentimentos e pensamentos.

Imediatamente iniciamos as leituras das obras literárias em livros que nos foram disponibilizadas pela nova orientadora naquele mesmo dia. Os prefácios e ensaios críticos, assim como indicações de obras sobre essas autoras, presentes nas reedições de alguns desses livros foram apontando o caminho para novas descobertas. Também as navegações nos sites de busca da internet possibilitaram ampliar o conhecimento sobre a extensão desse possível objeto de estudo. Deslumbradas com o tamanho do acervo dessas escritoras, propusemos, então, delimitar o estudo apenas sobre a vida e as obras da escritora conhecida como Carmen Dolores. Não sabemos precisar o momento posterior a essa decisão em que descobrimos, por pura curiosidade investigativa, a Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, mais especificamente as crônicas publicadas por Carmen Dolores em periódicos diversos. Encontrar todos os seus livros também não foi tarefa fácil e demorou algum tempo até conseguirmos adquiri-los (a duas dessas obras só tivemos acesso a fotocópias).

Na verdade, em algum momento durante o curso de mestrado, Prof.^a Dr.^a Constância Lima Duarte havia nos apresentado a algumas mulheres cronistas brasileiras do século XIX e século XX, mas, na época, empreendemos um estudo sobre as crônicas de Clarice Lispector reunidas em *A descoberta do mundo*. Ao ler as crônicas, ou melhor, o que era possível ler – dada à péssima qualidade de digitalização dos periódicos dos 1900 – lembramos do quanto foi instigante trabalhar com esse gênero textual crônica, situado no “entre-lugar”³ da literatura e do jornalismo.

³ Na discussão sobre as relações culturais, em sua obra *Uma Literatura nos Trópicos* (1978), Silviano Santiago constituiu teoricamente o conceito chave de “entre-lugar”. Tentando resumir um conceito complexo, o termo “entre-lugar” se configura como operador de leitura ou resposta estratégica ao pensamento colonizador, ou seja, um lugar que o crítico pode assumir para trabalhar com um complexo sistema de obras a partir da perspectiva dos Estudos Culturais.

Quanto mais adentrava seus textos, mais um mesmo refrão voltava ao nosso pensamento: “*Essa mulher disse em 1905, 1906 e 1907... tudo o que ainda está engasgado na minha garganta de feminista de meias medidas*”. Mas é aí que nos deparamos com o perigo dos textos literários de identificação, pois fica cada vez mais difícil alcançar a objetividade e a imparcialidade, necessárias para a pesquisadora, na avaliação/interpretação crítica da obra produzida pela autora. A tendência natural é sair em sua defesa, é enaltecer seu feito, às vezes, atribuindo um valor estético ou social maior do que a obra avaliada merece. Além disso, o deslumbramento causado diante do tamanho do acervo dessa autora, que encontrávamos nas páginas dos periódicos, também dificultava encontrar o equilíbrio nesse olhar crítico sobre o objeto de estudo. Esse foi, talvez, um dos maiores desafios nesta tese.

Se o nosso projeto de tese sobre a obra de Carmen Dolores, publicada no jornal *O Paiz*, nasceu em breves dias de intensas leituras do que íamos encontrando de/sobre a obra da autora, nada parecido foi o trabalho empreendido a partir do momento em que obtivemos aprovação da orientadora. Mas sobre isso falaremos mais à frente, ao discorrer sobre os procedimentos metodológicos.

Obviamente, como não tínhamos ideia do que poderíamos encontrar sobre a autora e sua obra quando começássemos a revirar arquivos empoeirados, ao visitar locais onde ela viveu, o projeto inicial foi sofrendo modificações, ou, talvez, foi sendo (re)construído ao longo do levantamento de dados – o que é próprio da pesquisa arqueológica.

A própria tese que aqui defendemos foi reformulada ao longo da pesquisa até chegarmos ao consenso de que o resgate dos escritos literário/jornalísticos da vida e da atuação intelectual e feminista de Carmen Dolores pode proporcionar o reconhecimento e a visibilidade dessa escritora e jornalista como uma intelectual feminista da *Belle Époque* brasileira. Visibilidade e reconhecimento que são necessários para a releitura da História da Literatura e construção da historiografia literária de autoria feminina.

Para nós, narrar a história de uma vida, construir um conjunto mais consistente de apontamentos biográficos sobre esta escritora que aqui estudamos, interpretar temáticas presentes nos seus escritos, não é apenas uma necessidade pessoal de leitora crítica. De vários modos, a vida atravessa a criação literária, seja pela formação intelectual, pelas

reminiscências poéticas, seja pela experiência do vivido do(a) autor(a). Uma obra literária também tem sua história. Ambas precisam ser narradas para que possamos garantir a sua visibilidade e permanência.

QUANTO À RELEVÂNCIA DESSE ESTUDO

Relatada a gênese do estudo, é de praxe acadêmica que se passe à sua justificativa e essa transite necessariamente pela afirmação da importância da autora para a qual voltamos nossa atenção, bem como a relevância desta pesquisa no campo científico.

Nas quase duas décadas dedicadas por Carmen Dolores à literatura e ao jornalismo, a autora sustentou sua família escrevendo crônicas, artigos de crítica literária e outras obras literárias para vários jornais do Rio de Janeiro. Para tanto, valeu-se de três pseudônimos masculinos e dois femininos. Como Júlio de Castro, encontramos seis textos que oscilam entre crônicas, contos e crítica literária, publicados em jornais do Rio de Janeiro e de Petrópolis entre 1898 e abril de 1903. Mario Villar, outro pseudônimo, parece ser, para a autora, a voz que “não deu certo”, pois encontramos apenas dois contos curtos: um em 1899, *Impressões*, e outro, em 1906, *Notas de um Errante*. De Leonel Sampaio, encontramos um número considerável de narrativas, dezoito contos curtos – bem no estilo folhetim – que alcançaram jornais do Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, publicados entre janeiro de 1904 e setembro de 1906. Com o pseudônimo Celia Marcia, encontramos 29 cartas escritas por ela em francês e publicadas no jornal carioca *L'Etoile du Sud*, numa coluna intitulada *Lettres d'une bresilienne* – entre agosto de 1904 a abril de 1905. Contudo, ela acabou optando pelo pseudônimo Carmen Dolores para publicar sua obra cronística de maior valor para a crítica da época, principalmente a que escreveu para *O Paiz* (1905 a 1910) e para o *Correio da Manhã* (1907 a 1910). Ela também usou o pseudônimo Carmen Dolores para trazer à luz a peça teatral *O desencontro* e as conferências literárias, além de publicar os livros de contos *Um drama na roça* (1908); *Lendas brasileiras: coleção de 27 contos para crianças* (1908), o livro de crônicas *Ao esvoaçar da ideia* (1910), o romance póstumo *A luta* (1911) e o livro de contos, também póstumo, *Almas complexas* (1933). No periódico *O Paiz* publicou 282 crônicas, identificadas em nossa pesquisa,⁴ na coluna

⁴ Esclarecemos que as 282 crônicas inventariadas (APÊNDICE B) foram lidas no original. Contudo, transcrevemos somente aquelas crônicas que foram citadas ao longo desta tese atualizando a linguagem conforme normas

dominical *A Semana*, entre 08 de janeiro de 1905 e 14 de agosto de 1910. Ironicamente, considerando as suas próprias palavras na crônica de 16 de fevereiro de 1908, “morre-se escrevendo”, publica a última, no jornal *O Paiz*, dois dias antes do seu falecimento, em 16 de agosto de 1910. Raros foram os domingos, nesses cinco anos e meio, em que não apareceu uma crônica da escritora na primeira página do jornal de grande repercussão nacional, como foi *O Paiz*.

Com essa produção literária e jornalística, muito mais intensa do que extensa, a autora obteve reconhecimento da crítica periodística de seu tempo, no entanto, foi esquecida politicamente pela História da Literatura e Crítica Literária canônicas ao longo do século XX. Há, contudo, contemporaneamente, no Brasil, uma redescoberta dessa mulher intelectual do século XIX.

Por longas décadas, já no século XX, o ensino da literatura nas escolas brasileiras – tomado aqui como um termômetro da difusão da literatura brasileira entre nós, fundado na escrita da História da Literatura canônica,⁵ permitiu que pensássemos que as mulheres não produziram literatura até surgirem as publicações de Cecília Meireles, Raquel de Queiroz, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles, já que essas eram praticamente as únicas que apareciam nos livros didáticos de literatura, os quais usavam como fonte livros clássicos de história da literatura canônica. Longe de nós a intenção de negar a importância da produção dessas escritoras – como também a dos escritores homens – no entanto, sabemos, hoje, elas não foram as únicas e que muito devemos às escritoras pioneiras, que superaram toda sorte de obstáculos e preconceitos para escrever e publicar.

Grande parcela dos estudantes de letras nas universidades brasileiras, e nela nos incluímos, só pode descobrir a dimensão da literatura de autoria feminina brasileira a partir das décadas de 1970 e 1980, quando artigos e livros que apontavam os resultados de pesquisas realizadas pela crítica literária feminista, desenvolvidas nas academias brasileiras, começaram a aparecer, principalmente com o trabalho desenvolvido pelo Grupo de Trabalho A Mulher na Literatura,

estabelecidas (APÊNDICE A). Essas crônicas transcritas estão presentes no VOLUME II que acompanha este texto..

⁵ Discutimos este assunto em HELLMANN, R. M. *O ensino de literatura: algumas reflexões críticas*. Disponível em: <<http://www.fama.br/revista/letras/images/stories/artigos/artigo%20isolete%20-20reflexes%20criticas.pdf>>.

vinculado à ANPPOL, que já tem estabelecido seu reconhecimento nesse campo científico.

Por outro lado, o desenvolvimento desta pesquisa exigiu refletir sobre a necessidade de revisar a História da Literatura Brasileira canônica ou tornar a história da literatura múltipla, como propõe Coutinho (2003, p. 19):

Se não se pode mais pensar a história em termos de um esquema linear e unilateral, mas apenas como a articulação de sistemas que se imbricam, superpõem e transformam constantemente; [...] se finalmente não se pode mais limitar o âmbito da literatura à produção escrita ficcional ou poética, os *corpus* que serviram de base às histórias literárias tradicionais perdem sua fixidez, tornando-se múltiplos e dinâmicos, e dão margem à coexistência de cânones distintos dentro de um mesmo contexto.

Corroborando esse ponto de vista, Cairo (2003, p. 84) complementa:

Em plena época dos hipermercados e shopping centers, não é possível mais pensar numa história da literatura única calcada num único cânone [...] Nas prateleiras da história diacrônica da literatura o usuário crítico deverá, livremente, proceder sua leitura sincrônica, buscando resgatar uma série de outros cânones capazes de gerar muitas histórias da literatura, já que não é possível pensar, no contexto do multiculturalismo em que se está inserido hoje em dia, num cânone que não seja o da exclusão.

Essa crise instaurada na História da Literatura mudou o modo de investigar a literatura e, conseqüentemente, de escrever a(s) sua(s) história(s), o que nos permite não só demonstrar a insatisfação com a exclusão da literatura de autoria feminina, mas ir além, ou seja, contribuir para a (re)escrita da historiografia literária, seguindo a perspectiva crítica feminista. Nesta pesquisa, procuramos seguir a lição que nos propõe Ramos (2008, p. 157):

O importante nessa leitura é percebermos que as mulheres, ao contrário do que se pensou durante anos, pegaram da pena e fizeram literatura, assumindo o papel a que se propuseram. Assim, elas comprovaram e testemunharam um momento importante da história cultural,

embora para a historiografia fossem consideradas sombras, destinadas ao silêncio, à submissão.

Com o investimento no trabalho de resgate e interpretação da vida e da obra cronística de Carmen Dolores que fizemos nesta tese, objetivamos, concomitantemente:

- Dar visibilidade à obra de uma escritora feminista do século XIX, esquecida politicamente pelos estudos canônicos.

- Contribuir com a releitura do cânone literário e com a construção da historiografia literária de autoria feminina brasileira.

Esperamos, enfim, que nossa pesquisa possa “percorrer um espaço de liberdade”, apontado por Campello (2010, p. 62), na edição comemorativa dos 25 anos do GT Mulher e Literatura:

À medida que o texto literário abre-se para realizações artísticas do passado e motiva criações futuras, formando uma cadeia discursiva, a categoria de gênero, ao abranger sexo, classes sociais e etnias, nos instrumentaliza para invenções e intervenções efetivas na realidade social. Nessa perspectiva, o domínio da linguagem científica associado à sensibilidade da pesquisadora e do pesquisador torna-se um caminho de acesso aos mecanismos de poder, enquanto nossas inquições e resultados são postos a serviço do beneficiamento da comunidade em que vivemos.

QUANTO AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E O APORTE TEÓRICO

Os procedimentos metodológicos, bem como o aporte teórico de que fizemos uso, são diferenciados, mas complementares de um capítulo a outro, por isso optamos por descrevê-los na mesma ordem em que são apresentados nesta tese – e que, de alguma forma, atendem aos objetivos específicos estabelecidos para alcançar os objetivos gerais referidos anteriormente. Noções de Crítica Feminista e de Estudos Culturais⁶

⁶ Os Estudos Culturais, além de possibilitar a análise de aspectos intrínsecos da literatura, também acentua seus aspectos sociais, humanos, psicológicos e culturais, observados no momento da leitura, que é o momento em que o texto encontra a vida. É nesse sentido que eles vão além da crítica marxista ortodoxa. Além disso, é preciso lembrar o que diz Eagleton (2010, p. 126-138) no seu livro *Depois da Teoria: um olhar sobre os estudos culturais e pós-modernismo*:

perpassam todo o texto como um aporte teórico, ou seja, sem a intenção de produzir teoria. O avanço dos Estudos Culturais, as contribuições advindas da Nova História, da Crítica Feminista, entre outros campos de conhecimento, assim como as relações entre as disciplinas crítica literária, teoria da literatura e história da literatura proporcionaram uma revitalização desta última na contemporaneidade, no sentido de incorporar novas maneiras de ver a literatura, questionar estabelecimentos do cânone literário e a linearidade dos relatos baseados nas noções de progressão e evolucionismo.

Para a construção do capítulo 2, foi necessário, inicialmente, um levantamento bibliográfico que abarcou historiadores e críticos literários desde Silvio Romero (1888) à Luciana Stegagno-Picchio (1997), selecionando, entre eles, os mais renomados pela academia, para averiguar o grau de exclusão ou o descaso atribuído a Carmen Dolores. Também foi necessário um levantamento bibliográfico para levantar a fortuna crítica de Carmen Dolores construída pelos estudos feministas brasileiros contemporâneos

A forma de construção da História da Literatura e da Crítica Literária canônicas, no Brasil, bem como as razões da exclusão de escritoras desse cânone, já vem sendo reiteradamente discutida por diversos(as) pesquisadores(as), sobretudo a partir das discussões acerca da nova historiografia literária e do surgimento da crítica literária

“Nem um único ramo da teoria cultural - feminismo, estruturalismo, psicanálise, marxismo, semiótica e similares - está, em princípio, confinado à discussão da arte, ou realmente começou a vida aí”. No entanto, os conceitos, a linguagem crítica e os métodos elaborados nessas correntes de pensamento são essenciais para sabermos o que e como investigar nas/as obras literárias. O objeto de pesquisa, nos Estudos Culturais, pode ser investigado a partir de diferentes perspectivas e o investigador não tem a pretensão de encontrar explicações causais definitivas e, sim, deve levar em conta a complexidade e as limitações dessa forma de abordagem. Nesse caso, ele pode alcançar resultados provisórios, transitórios e correspondentes à perspectiva espacial e temporal do investigador; aspecto que pode ser esclarecido se considerarmos algumas das conquistas da teoria cultural apresentadas por Eagleton (2010, p. 126-138): a) já não precisamos crer em uma “única maneira correta de interpretar uma obra de arte”; b) Há outros aspectos implicados na “feitura da obra de arte além do autor”, podemos conceber o leitor - receptor da obra de arte - como coprodutor; c) podemos perceber o quanto “as obras culturais pertencem aos seus tempos e lugares” e são enriquecidas por isso; d) a cultura pode ser reconhecida como uma “arena em que excluídos e despossuídos podem explorar significados compartilhados e afirmar uma identidade comum”; entre outras questões.

feminista nas universidades brasileiras desde a segunda metade do século XX.

Entre os muitos estudos já realizados, contemporaneamente, sobre o surgimento da nova historiografia literária, vários autores retomam a história do nascimento da Crítica e da História da Literatura Brasileira do século XIX (VENTURA, 1995; LAJOLO, 1995; MALARD, 1995; COUTINHO, 2003; CAIRO, 2003; SOUZA, 2003; MOREIRA, 2004) normalmente como uma forma de compreender as transformações ocorridas nessas disciplinas durante o século XX e início do XXI. Na mesma medida, alguns discutem as frágeis fronteiras entre a crítica, a teoria e a história da literatura. Durante o romantismo, os intelectuais que estabeleceram a literatura como objeto de estudo crítico,⁷ na ânsia de visualizar uma literatura nacional, procuraram construir antologias, “florilégios”, panoramas dos produtos culturais que pudessem refletir o contexto brasileiro. Para Cairo (2003, p. 72), como essas obras foram organizadas segundo um critério cronológico e acrescidas de alguns “dados biográficos explicativos”, é difícil estabelecer os limites entre a crítica e a história da literatura.

Por outro lado, é comum a prática de retomar as obras historiográficas clássicas de seus antecessores, por parte dos próprios historiadores e críticos, desde os primeiros que surgiram no Brasil, como modo de demarcar seu *locus* de enunciação, ou para reconhecer fontes e influências.⁸ Se observarmos a perspectiva conceitual de

⁷ Ver VARNHAGEM, Francisco Adolfo. *Florilégio da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946.

⁸ Para exemplificar, voltamos a alguns historiadores que, além da distância temporal em que escrevem, assumem posturas diferentes diante do objeto literatura: Silvio Romero, em sua *História da Literatura Brasileira* (1888), sob a influência do positivismo, remonta a Joaquim Norberto; já Nelson Werneck Sodré, na sua *História da Literatura Brasileira* (1938), escrevendo da perspectiva marxista, remonta a Veríssimo e Romero. Antônio Candido, por sua vez, é um dos primeiros historiadores a propor um novo formato da escrita historiográfica da literatura brasileira, no seu *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (1957), em que reconhece fontes que lhe inspiraram: Silvio Romero, Ronald de Carvalho, José Veríssimo. Já na década de 1970, José Guilherme Merquior reconhece, em *De Anchieta a Euclides - Breve História da Literatura Brasileira* (1977), que a maioria dos críticos-historiadores tem o “costume” de “iniciar a história da literatura nacional pelo exame das obras escritas, [...] nos dois primeiros séculos do Brasil” (MERQUIOR, 1996, p. 12). Além desses, ainda podemos pensar em um olhar estrangeiro que procura se inteirar da nossa trajetória cultural para construir a

literatura dos autores de obras canônicas e, conseqüentemente, o método científico escolhido por eles, verificaremos que nem sempre eles assumiram novas posturas e, simplesmente, citam seus antecessores como forma de reafirmar o que aqueles disseram.

Disso depreendemos que nem só de fontes primárias se valiam nossos historiadores clássicos, por isso a possibilidade de reiterar exclusões, esquecimentos políticos de autoras que, além da classe e etnia, também foram marcadas pelo gênero; ou, mesmo, repetir informações equivocadas, registradas em algum livro anterior, passa a ser um fato. Porém, não podemos esquecer que, quando há uma intencionalidade, marcada no discurso de pesquisadores críticos/historiadores, de resgate e (re)valorização dessas autoras e obras que ficaram à margem do cânone estabelecido, e ele/ela volta às fontes primárias para confirmação de dados equivocados que encontra nos livros, começamos, de fato, a escrever novas historiografias literárias.

É assim que vemos, neste estudo, outro grupo de pesquisadoras, entre as quais hoje nos incluímos, que ressaltam a importância dessas revisões para que se possa alcançar a revitalização da História da Literatura, principalmente no sentido de dar visibilidade e reconhecimento a produções literárias e suas respectivas autorias que ficaram à margem da História Literária canônica do país. Essas críticas feministas brasileiras⁹ vêm atuando desde os primeiros programas de pós-graduação brasileiros em literatura, surgidos no Brasil a partir de

sua *História da literatura brasileira* (1997), como o da italiana Luciana Stegagno-Picchio.

⁹ Confirmam os trabalhos de Ana Helena Cizotto Belline, Constância Lima Duarte, Eliane Vasconcellos, Eliane Campello, Ivia Duarte Alves, Lizir Archanjo Alves, Luzilá Gonçalves Ferreira, Maria Tereza Caiubi Crescenti Bernardes, Nancy Rita Vieira Fontes, Norma Telles, Rita Terezinha Schmidt, Sylvia Perlingeiro Paixão, Valéria Andrade Souto-Maior, Valéria Cardoso da Silva, Yasmin Jamil Nadaf, Zahidê Lupinacci Muzart, entre tantas outras que colaboraram no resgate de escritoras do século XIX. De acordo com Muzart (2003, p. 227), “[...] o esquecimento de escritoras do século XIX é um esquecimento político. Pois não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas, sobretudo, as mais atuantes, as feministas, em uma palavra”. Esse “esquecimento político” foi amplamente usado pelos críticos e historiadores da literatura brasileiros, desde o século XIX até o trabalho de resgate de escritoras e obras de autoria feminina ser implantado nas últimas décadas do século XX pela crítica feminista. Talvez o uso se justifique pelos pressupostos culturais preconceituosos vigentes: o lugar da mulher circunscrito ao privado e sua suposta incompetência na produção literária.

meados do século XX. Dentro dessa área de pesquisa, em franca ampliação na segunda metade do século XX, a linha de resgate de autoras e obras literárias toma como ponto de partida a busca de dados primários, concomitantemente à revisão do cânone literário, estabelecido a partir da História da Literatura construída pela “geração de 1870”. Nesse sentido, várias pesquisas feministas vão além desse cânone, ao se voltarem para fontes primárias efetivamente produzidas por escritoras como Bárbara Heliodora e Nísia Floresta, assim como o que foi produzido a partir das últimas décadas do século XIX, mas foi politicamente excluído – e é a partir desta última perspectiva que nos situamos aqui, com o resgate e interpretação da obra de Carmen Dolores, com foco nas crônicas de *O Paiz*.

Contudo, contemporaneamente, como o trabalho de levantamento das obras já foi exaustivamente realizado,¹⁰ as pesquisas dentro da linha de resgate da literatura de autoria feminina tendem a uma mudança de rumo, ou melhor, preocupam-se menos em resgatar a presença das mulheres no campo literário e mais em (des)cobrir (no sentido de tirar a cobertura, a poeira por cima dos escombros sob os quais as obras literárias e/ou jornalísticas ficaram esquecidas) seu acervo, para analisá-lo, e, assim, interpretar o processo de inserção dessas mulheres naquele contexto histórico-social-cultural, verificar quais suas condições de produção e recepção, identificar os preconceitos enfrentados, ou seja, avaliar suas formas de acesso e a posição que ocuparam no campo literário de seu momento.

Para a elaboração do capítulo 3, partimos do pressuposto de que a relação entre os sexos é uma construção social – como assevera a emblemática frase de Simone de Beauvoir (1949): “não se nasce mulher, torna-se mulher...”. E, para desenvolver esse estudo sobre a obra literária/jornalística de Carmen Dolores, foi necessário (re)conhecer

¹⁰ Schmidt (2009, p. 13) fala da densidade do trabalho desenvolvido pelas pesquisadoras que atuam no resgate de escritoras do século XIX. O grupo de pesquisadoras de “reconhecida competência”, convocado pela organizadora dos três volumes da antologia *Escritoras brasileiras do século XIX* (1999, 2004, 2009), Zahidé Lupinacci Muzart, atenderam ao propósito maior desse grande empreendimento de pesquisa: “O objetivo maior da presente pesquisa foi o de resgatar parte da obra dessas esquecidas e, principalmente, mostrar que, apesar da ausência desses nomes nas histórias literárias do século XX, elas existiram e foram atuantes, a seu modo, em sua época. O nosso propósito é exatamente este: o de mostrar que elas existiram, que se rebelaram contra o papel “natural” que lhes foi sempre assinalado - o de confinamento à vida doméstica - e desejaram ter suas vozes ouvidas. (MUZART, 2000, p. 19)

tanto a mulher, quanto a autora de quem estávamos falando, além de fazer uma contextualização histórica-social-cultural de sua atuação. Para tanto, valendo-nos dos pressupostos da crítica biográfica, procuramos construir um perfil biográfico da autora a partir do contexto social e do campo literário¹¹ em que ela ficou conhecida.

Narrar vidas alheias na tentativa de compreender a intrincada relação entre autor(a) e obra, contexto e leitor(a) crítico(a) não é uma tarefa fácil, quando a distância entre o olhar da pesquisadora e o vivido pela autora é de mais de um século. Mormente, quando não existe um acervo construído, bem guardado por mãos afetuosas que impediram a poeira de encobrir aquela existência. Às vezes, é preciso seguir pistas, rastros, passar dias remexendo terra árida, recolher cacos entre as ruínas... Contudo, nada se compara à satisfação da (des)coberta de um rosto, de um olhar flagrado pela moderna máquina fotográfica (uma novidade na época) e, afinal, conhecer a dona daquela voz ficcional já lida em algum livro raro. Ou, ainda, desvendar os mistérios sobre fatos vividos pela autora, marcados no tempo e no espaço, mesmo que parcialmente, e poder compreender aquele pensamento intelectual.

Como nos ensina Souza (2011, p. 21), não se trata de

[...] reduzir a obra à experiência do[a] autor[a], nem demonstrar ser a ficção produto de sua vivência pessoal e intransferível. As relações teórico-ficcionais entre obra e vida resultam no desejo de melhor entender e demonstrar o nível de leitura do crítico, ao ampliar o polo literário para o biográfico e daí para o alegórico.

¹¹ A noção de “campo” é utilizada nesta tese a partir da metodologia proposta por Pierre Bourdieu (1983). “Campo” é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Os mais variados tipos de campo (religião, política, literatura, artes, ciência, etc.) são dotados de mecanismos próprios e propriedades que lhes são particulares. Essas particularidades podem ser valiosas na análise de outros campos. Dentro da estrutura de cada campo os agentes sociais, cientes das regras estabelecidas, disputam posições, como se estivessem em um jogo. Os campos são resultados de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo. Cf. BOURDIEU, P. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu: sociologia*, n. 39. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

Partimos desse ponto de vista sobre a tendência atual das práticas analíticas fundadas na complexa relação entre vida e obra, considerando o que Arfuch (2010, p. 16) expõe sobre a “expansão do biográfico e seus desdobramentos para o âmbito da intimidade”, bem como sua proposta da categoria “espaço biográfico”.¹² Todas as mudanças de perspectivas teóricas e críticas das últimas décadas do século XX¹³ não apenas deram voz às margens, aos marcados pelo gênero, pela raça ou pela classe, mas possibilitaram o deslocamento do olhar crítico para os aspectos extraliterários, desvalorizados durante as décadas em que os estudos sobre o que é imanente à obra imperaram. Nesse sentido, as histórias de vida das escritoras tornaram-se interessantes na interpretação das obras de autoria feminina, pois a história das mulheres,¹⁴ enquanto fato, atravessa a ficção por elas produzida.

¹² Para Arfuch (2010), esse é um fenômeno que parece confirmar, que se coaduna, como inscrição discursiva, com as teorias que afloraram no cenário cultural da pós-modernidade. Biografias e autobiografias, não só dos grandes homens ou heróis, mas de homens e de mulheres, pessoas comuns, ou não, adquirem valor com os debates sobre “[...] os fracassos dos ideais da ilustração, das utopias do universalismo, da razão, do saber e da igualdade [...]”, além disso, inclui “[...] a crise dos grandes relatos legitimadores, a perda das certezas e fundamentos (da ciência, da filosofia, da arte, da política), o decisivo descentramento do sujeito e, coextensivamente, a valorização dos ‘microrrelatos’, o deslocamento do ponto de mira onisciente e ordenador em benefício da pluralidade de vozes, da hibridização, da mistura irreverente de cânones, retóricas, paradigmas e estilos” (ARFUCH, 2010, p. 17).

¹³ Também para Souza (2002, p. 43), a crítica biográfica brasileira vem demarcando seu espaço a partir da “[...] abertura teórica instaurada pelas abordagens contemporâneas”, na qual “os limites entre os territórios disciplinares são enfraquecidos, provocando o questionamento dos lugares produtores de saber, assim como dos conceitos operatórios responsáveis pela produção de paradigmas e de metodologias críticas”.

¹⁴ Entendemos o estudo da “história das mulheres” como o coloca Mary Del Priore (2007, p. 235): “Acreditamos que não interessa ao historiador fazer a história das mulheres em termos de erros e acertos sobre o seu passado, contar a saga de heroínas ou mártires [...]. Sua função maior deve ser a de enfocá-las através da submissão, da negociação, das tensões e das contradições que se estabeleceram, em diferentes épocas, entre elas e seu tempo; entre elas e a sociedade nas quais estavam inseridas. Trata-se de desvendar as intrincadas relações entre a mulher, a sociedade e o fato, mostrando como o ser social que ela é articula-se com o fato social que ela mesma fabrica e do qual faz parte integrante”. Quanto ao fato da vida privada atravessar a produção intelectual das mulheres, duas obras de Michelle Perrot lançam luzes nesse sentido: Perrot

Em face da impossibilidade de reproduzir a vida, em alguns momentos nos valem de documentos de registro civil de Emilia e, em outros, nos valem da verdade poética presente nos trechos autobiográficos de Carmen Dolores na montagem desse mosaico de onde emerge a imagem dessa intelectual do século XIX. Voltando a atenção para a interpretação das crônicas assinadas por Carmen Dolores em *O Paiz*— portanto, um *outro eu* ficcional, criado por Emilia Moncorvo Bandeira de Mello — percebemos que, esporadicamente, Carmen Dolores fazia autorreferências, narrava pequenos episódios vivenciados, resgatados pela sua memória, expunha parcialmente sua subjetividade de mulher escritora, principalmente quando tentava enriquecer o tema da crônica com a experiência do vivido.

Cabe ressaltar, aqui, fundamentados em Arfuch (2010, p. 73), que as formas adquiridas pelos gêneros biográficos e autobiográficos nessa “inscrição narrativa de uma vida ‘real’, remete a outro regime de verdade, a outro horizonte de expectativa”. Assim, nesta narrativa, aqui construída, sobre a vida da escritora, procuramos seguir o que propõe essa crítica:

[...] não é tanto o ‘conteúdo’ do relato por si mesmo, a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes, mais precisamente *as estratégias—ficcionalis—de autorrepresentação* o que importa. Não tanto a ‘verdade’ do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de se nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém

(1988, p. 179), em *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*, ao discutir a questão do poder possível para as mulheres na esfera do privado (organizando o cotidiano da família e as experiências domésticas), diz que elas estavam investidas de um grande poder social, realizando as funções de mãe e esposa. Em *As mulheres ou os silêncios da história*, Perrot (2005, p. 274) completa que elas buscaram se apoderar de suas casas, que muitas vezes eram seus locais de trabalho, de desenvolvimento de sentimentos e prazeres. Também no âmbito público as mulheres populares, na busca pelo trabalho que lhes garantisse a subsistência, exerciam poder comprando e vendendo mercadorias. Já as mulheres da elite exerciam seu poder público fazendo caridade. Mesmo tendo sido excluídas da gestão dos bens e da política, algumas poucas conseguiram se fazer ouvir/ler. A partir das correspondências das filhas de Karl Marx, dos escritos e outros documentos de Georg Sand e Flora Tristan, Michelle Perrot evidencia a vivência cotidiana dessas mulheres e suas ideias, suas visões com relação ao mundo e a elas mesmas.

conta de si mesmo ou de *outro eu*. É essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante*. No caso das formas testemunhais, tratar-se-á, além disso, da verdade, da capacidade narrativa de ‘fazer crer’, das *provas* que o discurso consiga oferecer, nunca fora de suas estratégias de verificação, de suas marcas enunciativas e retóricas (ARFUCH, 2010, p. 73).

A autorreflexão de Carmen Dolores remete a fatos, acontecimentos, pessoas “reais” com quem ela conviveu, cuja história de vida pode ser “atestada” por documentos ou pelos registros de outras vozes presentes nos discursos jornalísticos que “provam” sua existência naquele espaço-tempo social: Brasil do século XIX e início do século XX. Nesse sentido, o conjunto de crônicas assinadas por Carmen Dolores, coletadas nesta pesquisa, compõe, assim, outra fonte de levantamento de dados biográficos, além dos registros paroquiais, dos documentos institucionais, dos obituários e notas sociais publicadas em periódicos brasileiros durante o tempo de vida de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello. Como afirmou Del Priore (2007, p. 227): “A partir de restos do discurso, de fragmentos de vidas é que o historiador consegue, então, perceber as formas de racionalidade que modelavam as práticas e as atividades, as relações sociais, as relações entre mulheres e homens”.

Uma ação necessária, no percurso dessa pesquisa, foi buscar e organizar um *corpus* de análise dessa história de vida e produção literária, de modo que não ficassemos na mera repetição do já dito em outras pesquisas acadêmicas, nas antologias e dicionários que contemplam sua vida e obra. Foram justamente os equívocos encontrados nessas obras, dotadas de uma “segunda vida editorial”, como considera Arfuch (2010, p. 26), que nos fizeram perceber a necessidade de um capítulo sobre o perfil biográfico da escritora.

Partimos das indagações que surgiram sobre as controvérsias encontradas para buscar “documentos” que pudessem comprovar a realidade, ou a “verdade” sempre provisória sobre a identidade da escritora. Vilas Boas (2002, p. 55), falando sobre a matéria-prima para biógrafos, assevera que:

Os documentos (oficiais e não oficiais são a nata das fontes *primárias*. Constituem-se documentos importantes, por exemplo, as certidões de nascimento, casamento e óbito; os certificados escolares e de propriedade; discursos em

congressos e assembleias; [...] os textos de jornais e revistas; [...] as autobiografias; os diários; os livros que retratam a época do biografado e outros.

Logo, no primeiro momento, a ideia de encontrar registros oficiais de nascimento, de escolaridade, de casamento, de óbito, etc., tornou-se fixa, porém havia a dificuldade de encontrá-los num distante século XIX sem datas certas. Experimentando o sentimento do “mal de arquivo” (expressão cunhada por Derrida), tão bem descrito por Duarte (2011, p. 239), dedicamo-nos “apaixonadamente a restaurar o arquivo justo onde ele escapa, justo onde ele se anarquiza, ou seja, intuir o que não se inclui na listagem, a ausência da memória”. A partir do conjunto de informações desconstruídas sobre esses rastros de sua existência no contexto social brasileiro do período do Império e Primeira República, percorremos arquivos de várias instituições oficiais: no arquivo do Cemitério São João Batista, encontramos o registro do seu sepultamento e o seu túmulo (figuras 1 e 2).

Dessa indicação chegamos ao Arquivo da



Figura 1: Inscrição do túmulo de Emilia M. Bandeira de Mello

Fonte: Risolete Hellmann. Rio de Janeiro, 05 jan. 2013



Figura 2: Túmulo de Emilia M. Bandeira de Mello

Fonte: Risolete Hellmann. Rio de Janeiro, 05 jan. 2013

Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde está o seu atestado de óbito, mas o acesso ao documento só se deu seis meses após a primeira solicitação de cópia que fizemos àquela instituição. Na sequência, fomos à busca dos registros paroquiais de seu nascimento e casamento no Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, mas a falta de datas aproximadas desses eventos dificultou a localização dos documentos. Somente no decorrer da pesquisa, algumas pistas foram permitindo a sugestão de possíveis datas e, retornando aos mesmos registros paroquiais, localizamos os livros que documentam seu batismo e seu casamento. Seguindo um caminho inverso do que normalmente se faz em uma pesquisa acadêmica, delimitamos, assim, depois de encontradas as informações que queríamos, o conjunto de documentos institucionais. Esses foram concebidos, neste estudo, como fontes primárias de informação, como parte do *corpus* de análise para construção do seu perfil biográfico.

Quanto aos obituários da escritora, notas nas colunas sociais e matérias jornalísticas coletadas de periódicos brasileiros diversos, os quais constituem fragmentos da vida “real” de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello e/ou da vida “real” de um sujeito inventado, Carmen Dolores, lembramos que eles chegam até nós pela voz de diversos outros jornalistas daquela época. São rastros da sua existência que, pela sua fragmentação, pelas brechas entre as informações, nos permitem construir apenas uma imagem especular estilizada de seu rosto, de seu corpo e de sua voz nesta narrativa biográfica.

A inclusão dessas informações jornalísticas se justifica pela pretensão de deixar este perfil biográfico o mais ajustado possível a uma referencialidade. Isto é, narramos a sua vida, tendo a voz jornalística como informante, como testemunha desses eventos, apesar de saber da estreita relação – e da impossibilidade de estabelecer limites – entre a narrativa da vida de um sujeito “real” e da vida de uma personagem ficcional, resultante no perfil biográfico.

Como todo arquivo pressupõe inscrições, marcas, impressões, assim como a decodificação das inscrições e das marcas e o armazenamento e a preservação das impressões, talvez o foco deste capítulo seja muito mais o desejo da preservação da memória do que propriamente a análise crítica da obra, pois, em nossa busca de dados biográficos, não encontramos um acervo montado de Carmen Dolores. Não há correspondências – por mais que suas crônicas denunciem que ela se correspondia com vários intelectuais; não há mais sua ampla biblioteca – referida por críticos de sua época; não há mais objetos pessoais, nem encontramos seus descendentes como testemunhas – por

mais que os tenhamos procurado; até mesmo as raras fotos encontradas foram aquelas publicadas em periódicos diversos dos primeiros anos de 1900. Não há, também, os textos das conferências, nem o texto da única peça teatral que foi encenada várias vezes, nem manuscritos ou algum rascunho de obra de Carmen Dolores. Do seu acervo, somente as obras literárias em primeira edição foram localizadas, algumas com bastante dificuldade, bem como suas muitas crônicas publicadas em jornais diversos, objeto central de nosso estudo.

Como nos ensina Derrida (1997), parece que um mal radical nos aflige nesse trabalho de recuperação e interpretação dos arquivos, assim como no modo como nos relacionamos com eles, ou seja, na maneira de lembrar, de memorizar, na necessidade de registrar tudo, sem resto, sem perda e com o desejo de transformá-los em monumento. Mas grande parte do arquivo já foi destruída e, da memória, só nos restam fragmentos, vazios, falhas, restos. É com eles que estamos, nesta tese, montando uma espécie de mosaico, encaixando peça a peça, na busca da imagem da mulher, da escritora Emilia, da cronista Carmen Dolores.

Por outro lado, como afirma Cury (1995, p. 58), “a ida aos arquivos pode deslocar visões, fazendo com que sejam revistas ou realocadas concepções sobre escritores e períodos da história literária” e, enquanto “intervenção política”, o papel do leitor crítico “pode transformar a memória ciosamente guardada como um arquivo morto por e para alguns”. É esse intento que nos moveu.

No terceiro capítulo, o *corpus* de análise foi constituído especificamente das crônicas publicadas por Carmen Dolores na coluna “A Semana” do jornal *O Paiz* entre 08 de janeiro de 1905 a 14 de agosto de 1910. Como os Estudos Culturais apontam novos caminhos para interpretar a produção jornalística, as crônicas produzidas por uma escritora passam a ser um espaço crítico que possibilita recuperar faces e contribuir na (re)escritura da história da cidade; da história da literatura de autoria feminina; bem como na história da existência da autora como um sujeito marcado pelo gênero. Mas, para isso, é imprescindível escavar fontes primárias, muitas vezes raras, quando não em processo de deterioração, sob as ruínas do tempo. Os jornais da década de 1900 constituem, na nossa pesquisa, essas fontes primárias de onde extraímos crônicas narrativas e crônicas ensaísticas para uma análise temática.

É oportuno ressaltar que a coluna “A Semana” ocupava lugar de destaque naquele importante periódico da grande imprensa. Localizada no lado esquerdo da primeira página, chamava a atenção de todos os leitores do jornal naquela época, fato ambivalente que, por um lado, nos permite pensar que isso pode ter contribuído na formação do seu público

leitor e, por outro, que isso comprova a importância atribuída ao labor dessa cronista – mesmo sendo uma mulher atuando na grande imprensa.

Iniciamos a coleta dessas crônicas, numa espécie de voo cego, sem saber o que e onde iríamos encontrar. Durante meses, percorremos *links* da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e, aos poucos, fomos descobrindo a regularidade da publicação da referida coluna assinada por Carmen Dolores. Elaboramos, inicialmente, um quadro com a localização de todas essas crônicas, na medida em que fomos baixando os arquivos em pdf., disponibilizados pela Fundação. A partir desse levantamento, verificamos alguns períodos (vários meses) em que o jornal digital não estava disponível e, portanto, não tínhamos como saber, a partir dessa fonte, se ela havia publicado, ou não, mais alguma crônica. Impossibilitados pelo trabalho docente de nos deslocarmos para o Rio de Janeiro naquele momento, iniciamos a leitura das crônicas já coletadas em formato digital – o que nos permitiu ampliar o quadro inicial dotado do levantamento das crônicas com anotações sobre os principais temas presentes nos textos.

Dessas leituras, duas dificuldades ficaram bem evidentes: 1) Um grande número de exemplares de jornal estava ilegível, ora pela deterioração do papel, ora, talvez, pela localização da coluna (lateral da primeira página) onde os resíduos das mãos que seguram o jornal hoje dificultavam a digitalização legível; 2) Se visávamos a que um público leitor contemporâneo se interessasse pela obra de Carmen Dolores, para além dos fins de pesquisa, era necessário transcrever essas crônicas, atualizando a linguagem para as normas hoje vigentes. A partir das constatações, criamos critérios de transcrição (APÊNDICE A) respeitando o fato de serem textos, além de jornalísticos, também literários, e iniciamos a tarefa.

Os textos incompletos, no entanto, exigiram a continuidade desse levantamento dentro da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, ou melhor, no Setor de Periódicos com a consulta aos microfilmes. Uma vez constatado que os microfilmes também apresentavam os mesmos problemas dos exemplares digitalizados, solicitamos a consulta aos exemplares impressos, inclusive àqueles que faltavam na Hemeroteca Digital. Tarefa que não foi fácil: dificuldades de acesso aos impressos, transcrição manual, o papel dos jornais literalmente se fragmentando a cada página virada, o tempo disponível para coleta de dados escasso, a dificuldade de conseguir autorização para fotografar as colunas... Apesar disso, localizamos um total de 292 crônicas na coluna “*A Semana*” assinadas por Carmen Dolores, 29 cartas assinadas por Celia Marcia, além das outras crônicas e contos assinados pelos outros pseudônimos.

Diante de um acervo tão rico, pela multiplicidade de temas e gêneros textuais e a impossibilidade de abarcar tudo isso no tempo que nos restava, sentimos a necessidade do recorte, da delimitação no nosso *corpus* de análise. Os periódicos, enquanto documentos afastados mais de cem anos de nossa realidade, suscitam certa atração lúdica no leitor, uma curiosidade sobre os acontecimentos e peculiaridades da época que aguça nosso desejo de “redescobrir” o passado que, de algum modo, nos pertence. Mas o caráter acadêmico nos lembra que não basta satisfazer a imaginação.

Optamos, então, por analisar quatro aspectos que foram ressaltados nas nossas leituras de todas as crônicas de Carmen Dolores publicadas em *O Paiz*, sobre os quais discorreremos no capítulo 4 desta tese. Foram esses temas que nos permitiram selecionar o conjunto de crônicas que apresentamos transcritas como Volume II neste estudo. Sobre os textos dos outros pseudônimos, discorreremos rapidamente no capítulo 3.

Resta, ainda, dizer por que as crônicas de *O Paiz*. Esse periódico teve grande circulação em toda a América Latina, como consta em um artigo publicado pela BNdigital (2015. p. 1), *O Paiz* (RJ):¹⁵ “Tido como o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos principais formadores de opinião da sociedade brasileira, entre o fim do século XIX e o começo do século XX”. O fato de uma mulher, naquela época, conseguir um espaço de destaque, e manter-se na grande imprensa, com tal importância, por mais de cinco anos, tem a sua significação se a compararmos com outras escritoras de sua época que lutaram arduamente para publicarem seus textos em jornais femininos, fundados por elas. Sem desvalorizar o imenso trabalho feito por essas, o trabalho de Carmen Dolores teve, possivelmente, um alcance de público leitor maior. Outra motivação para a escolha das crônicas publicadas em

¹⁵ *O Paiz* (RJ): “o mais importante dentre os muitos que tiveram este nome” foi lançado em outubro de 1884 pelo empresário João José dos Reis Junior, o conde de São Salvador de Matosinhos, tendo Rui Barbosa como seu redator-chefe, o qual foi logo substituído por Quintino Bocaiúva, grande personalidade da história do jornal e da implantação da República. Houve um período em que a tiragem era de mais de 60 mil exemplares e por anos o jornal ostentou na primeira página de cada edição: “O Paiz é a folha de maior tiragem e de maior circulação na América Latina. O jornal durou até novembro de 1934 quando foi fechado pela Revolução de 1930. Confira: *BNdigital*. O Paiz, 02 abr. 2015. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/artigos/o-paiz/>. Acesso em: 15 abr. 2015.

O Paiz foi o fato de esse suporte conter o maior número de publicações dessa autora em uma só coluna.

QUANTO À CONSTRUÇÃO DOS CAPÍTULOS

Este estudo está estruturado em cinco capítulos. Além desta introdução, os capítulos 2, 3, 4 e suas subdivisões, bem como as conclusões do capítulo 5, são peças de um grande mosaico (sempre incompleto) que tentamos montar durante este estudo, de onde emerge a imagem (fragmentada, cheia de fissuras, incompleta) da escritora e da jornalista no seu campo intelectual.

No capítulo 2 há duas subdivisões. Na primeira parte, a partir de uma revisão da História da Literatura e Crítica Literária brasileiras canônicas, verificamos o grau de inclusão/exclusão de Carmen Dolores nesse campo. Na segunda parte, constatamos como Carmen Dolores vem sendo resgatada e lida pela crítica literária feminista nas últimas décadas a partir de pesquisas que resultaram em antologias, dicionários, capítulos de livros, teses, dissertações e artigos científicos.

O capítulo 3, também dividido em duas partes centrais, contém, na primeira, um perfil biográfico da escritora, desconstruindo informações equivocadas reiteradamente descritas ao longo do século XX por historiadores e críticos literários. Na segunda parte, traçamos um perfil autoral, descrevendo sua produção literária e jornalística.

No capítulo 4, dividido em quatro partes, nos debruçamos sobre as crônicas publicadas em *O Paiz*, e discutimos quatro faces relevantes desse trabalho autoral: a jornalista, as reminiscências poéticas, a crítica literária e a feminista.

Procuramos, no último capítulo, arrematar as arestas da imagem da vida e obra dessa escritora e cronista do século XIX, na certeza de que muito ainda há por se estudar sobre toda a produção literária e cronística de Carmen Dolores.

2 O LUGAR (OU NÃO LUGAR) DA ESCRITORA NA CRÍTICA LITERÁRIA E NAS HISTÓRIAS DA LITERATURA BRASILEIRA

No intuito de verificar qual a fortuna crítica dessa autora, em um primeiro momento, recorreremos a obras canônicas de História da Literatura, de crítica literária e a dicionários de escritores brasileiros para verificar em quais estudos foi excluída e naqueles em que, eventualmente, foi incluída, que relevância tiveram essas informações. Para tanto, selecionamos alguns historiadores e críticos situados em diversas perspectivas teóricas, contudo, não pretendemos compará-los nesse sentido. Nosso critério de escolha seguiu o fato de contemplarem a vida literária da *Belle Époque*¹⁶ brasileira, ou melhor, as décadas em que Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, usando seus diversos pseudônimos, trouxe à luz seus textos literários, ou seja, a década de 1890 e a de 1900. A comparação se dá apenas na verificação da inclusão ou da exclusão da autora na obra historiográfica e/ou crítica analisada.

Em um segundo momento, valemo-nos do trabalho de pesquisa científica já realizada pela crítica feminista e publicada em periódicos, congressos, seminários, além dos livros críticos, antologias, dicionários, bem como dissertações e teses que contemplam a autora, para levantar sua fortuna crítica produzida

¹⁶ No Brasil, a *Belle Époque* costuma ser situada entre 1889, data da proclamação da República, e 1922, ano da realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo, sendo precedida por um curto prelúdio, a década de 1880, e prorrogada por uma fase de progressivo esvaziamento, que perdurou até 1925. A República provocou mudanças no cenário político, a economia crescia com o advento do café e da borracha e as elites brasileiras mais e mais viam na cultura europeia os modelos de modernidade que desejavam aplicar no Brasil. Grandes exposições realizadas em Paris na segunda metade do século XIX atraíram os olhares também dos brasileiros e esses não tardaram a importar o estilo de vida da *Belle Époque*, ou seja, o estado de espírito que predominava em Paris. Ela era o retrato da alegria de viver, do gosto pelo conforto, da busca do prazer na beleza e de exaltação dos sentidos, com influência direta nas artes plásticas, na literatura e na arquitetura, assim como na moda, nos hábitos e nos costumes, denominados *smart*. A moda masculina e hábito do chá *Five O' Clock*, por sua vez, foram importados da Inglaterra. (Hábitos culturais na República velha. *Brasil 500 anos: 1911-1932*, v. 11, São Paulo, abr. 1999, p. 662. (Coleção Especial da Abril))

já dentro da linha de resgate de obras de autoria feminina do século XIX.

2.1 APESAR DAS REFERÊNCIAS, A EXCLUSÃO DE CARMEN DOLORES DO CANÔNE

A reação da maioria dos/as historiadores/as não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e, em seguida, seu confinamento ou relegação a um domínio separado (as mulheres tiveram uma história separada da dos homens, em consequência deixemos as feministas fazer a história das mulheres que não nos diz respeito [...]). (Joan Scott)

Nos rastros deixados por Carmen Dolores há mais de um século, informações valiosas nesta pesquisa, já recuperadas por nossas críticas feministas e cuidadosamente organizadas em antologias, como a *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, organizada por Zahidé Muzart (1999), indicaram-nos o início do percurso empreendido no campo historiográfico e crítico brasileiro dos muitos autores que relegaram as mulheres a um domínio separado: o *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*¹⁷ de Sacramento Blake (1827-1903).

Não podemos deixar de reconhecer o valor dessa obra, tanto para a história cultural do país, quanto, mais especificamente, para a história das mulheres no Brasil, pois ele arrolou, conforme levantamento realizado por De Luca (2004, p. 42), 120 mulheres – entre literatas, tradutoras, educadoras e algumas personagens consideradas ilustres pelo

¹⁷ Essa obra, do autor baiano, foi publicada em sete volumes liberados tomo a tomo entre 1883 a 1902, inicialmente pela Tipografia Nacional, durante o Império e, posteriormente à proclamação da República, em 1889, pela Imprensa Nacional. No *Dicionário*, Blake executa uma espécie de inventário da produção literária dos brasileiros, até o final do século XIX, arrolando, em ordem alfabética dos prenomes, os verbetes onde constam os nomes dos escritores encontrados, às vezes, com parcos dados biográficos e suas obras. A partir do volume II, publicado já em 1893, o autor comenta, no prefácio, sua intencionalidade de ir além do papel de “mero relator biográfico” e ser “um pouco biógrafo e crítico” (BLAKE, 1893, p. VII). No entanto, ele não parece ter a preocupação do crítico, no sentido de estabelecer método de seleção a partir de critérios do que é ou não literatura, pois inclui intelectuais e/ou “personalidades ilustres” que se destacaram no campo intelectual, mas não necessariamente na literatura.

autor. Nesse sentido, é um trabalho pioneiro no país. Dessas, 81 foram consideradas como escritoras, nascidas entre os séculos XVII e XIX, e, apesar de ser um número considerável, De Luca (2004) ainda levantou mais de 30 escritoras que foram “esquecidas por Blake”. Um desses esquecimentos foi o nome de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello [Carmen Dolores e Júlio de Castro], já que seu primeiro livro referido acima e as crônicas, assinadas pelo pseudônimo Júlio de Castro, começam a ser publicadas em *O Paiz* ainda nos últimos anos da década de 1890. Talvez uma razão para não estar arrolada entre essas intelectuais é o fato de seus trabalhos só terem maior visibilidade a partir do momento em que inicia sua atuação nos periódicos como Carmen Dolores.

Apesar do pioneirismo de Blake no recenseamento, a primeira obra que sistematiza uma história da literatura brasileira, a partir da formação positivista de seu autor, Silvio Romero, foi publicada, em sua primeira edição, em 1888. Essa *História da Literatura Brasileira* foi publicada antes de Carmen Dolores iniciar sua vida literária como escritora, mas a incluímos aqui pelo que a obra representa enquanto esforço para historiar o *corpus* literário nacional seguindo um método científico. É interessante observar que ele reconhece, em seu estudo, a presença das margens na constituição do que chama de “ser brasileiro”, mas a seleção e valoração dos autores é, praticamente, restrita aos homens, brancos e pertencentes a classes dominantes. Miguel-Pereira (1954, p. 18) comenta que na *História da Literatura Brasileira* de Silvio Romero as sete mulheres intelectuais citadas são “gente miúda, gente mais-ou-menos”. Entre elas, estão: Ângela do Amaral Rangel, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina da Cunha, Nísia Floresta, Narcisa Amália, Maria Firmina dos Reis e Jesuína Serra.

Em 1912, surge a *História da Literatura Brasileira* de José Veríssimo, porém, o critério de ordenação e valoração do corpus literário, diferentemente de Silvio Romero, para afirmar a existência de uma literatura nacional no período nacional, é ideológico. Posteriormente, a partir das obras do romantismo – prevalece, na obra de Veríssimo, o critério estético.¹⁸ Sobre o naturalismo desenvolvido no

¹⁸ A primeira edição é de 1912; usamos aqui, porém, o volume editado em 1969. O autor faz referência a elementos extraliterários, como os elementos biográficos ou outros dados cronológicos que, para ele, são “necessários à melhor compreensão do autor e da sua época literária”. O escritor deve saber exprimir suas ideias de modo a “aumentar o interesse”, de proporcionar “o prazer intelectual que a obra literária deve produzir” (VERÍSSIMO, 1969, p.10-

Brasil, Veríssimo (1969, p. 154) afirma que os nomes que merecem ser historiados são: Aluísio de Azevedo, Júlio Ribeiro e Raul Pompéia. Apenas três. Contemporâneos e homens de sua classe social.

Veríssimo faz parte do grupo de intelectuais que conseguem por valores e princípios para analisar a literatura e, assim, estabelecer hierarquia de textos e autores, formando o cânone literário. Entretanto, para ele, esse cânone não é fixo, pois alerta o leitor para a necessidade de uma constante revisão a ser realizada por parte de historiadores futuros:

A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver além do seu tempo também não cabem nomes que por mais ilustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias das suas províncias, fazerem-se nacionais. Este conceito presidiu à redação desta história, embora com a largueza que as condições peculiares à nossa evolução literária impunham. Ainda nela entram muitos nomes que podiam sem inconveniente ser omitidos, pois de fato bem pouco ou quase nada representam. Porém uma seleção mais rigorosa é trabalho para o futuro (VERÍSSIMO, 1969, p.10).

Nem é preciso comentar os preconceitos implícitos e explícitos nesse critério de seleção e, apesar de ele se referir a exclusões de alguns nomes, pelo menos nos deixou a tarefa de uma “seleção mais rigorosa”. Trabalho que a crítica feminista vem fazendo nas últimas décadas, entretanto, com o intuito oposto: o da inclusão e do reconhecimento de quem ficou à margem por ser mulher, por pertencer a outras etnias ou por não ter tido oportunidade e condições financeiras de ultrapassar as raias da sua região.

Outra obra repleta de preconceitos, mas desta vez manifestada de uma perspectiva clerical, é o livro *Através dos romances. Nota sobre 11863 livros e 5150 autores, guia para as consciências*, publicada, em

11). Apesar de parecer intransigente no critério, inclui autores e obras do período colonial que considera medíocres do ponto de vista estético, mas reconhece seu valor do ponto de vista histórico, pois são precursores de literatura nacional.

1914, por Frei Pedro Sinzig.¹⁹ Com um discurso metafórico, Sinzig (1917) opina sobre livros como “frutos envenenados”, ou “frutos podres”, “maçãs de faces vermelhas” que podem nascer de “árvores que dão frutos em pencas”, ou seja, as editoras não católicas. E é com esse discurso que ele é o primeiro “crítico” encontrado que elenca, em livro, entre os seus 5150 autores de livros, uma lista considerável de autoras e suas obras. Isso nos permite inferir que, independentemente de sua postura, ele reconhece que tivemos escritoras, que elas não só escreveram, como publicaram e que seus livros estavam à venda para consumo. Entre essas mulheres consta um verbete dedicado à Carmen Dolores, como pseudônimo de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, com datas de nascimento e de falecimento. (SINZIG, 1917, p. 167-168)

Quanto aos livros, Sinzig (1917, p. 168) escreve: “*Ao esvoaçar da ideia* – Defende o divórcio. Contém passagens imorais. Ataca a religião em alguns pontos”. Sobre *Les Larmes de Tante Zezé*,²⁰ ele afirma que “[...] é enumerado pela ‘Bibliothèque Choise’ entre os livros perigosos”. E até no inofensivo *Lendas Brasileiras*, seu preconceito se manifesta: “Em sua maioria são lendas graciosas e atrativas, que recomendaríamos a todos indistintamente, se não fossem uns senões, felizmente não muito graves”. Quanto ao romance *A luta*, é categórico e chega a se superar no julgamento preconceituoso: “Imoral. A autora parece que estava sob a influência de uma impressão estranha quando escreveu o livro. Não se compreende que uma senhora possa escrever semelhantes imoralidades”. Uma senhora escrever já deve ter sido difícil de aceitar naquele contexto e, além disso, o conteúdo não era apropriado

¹⁹ O livro teve uma 2ª edição, em 1917, e uma 3ª edição, em 1923. Não sabemos se as reedições se devem à procura que o livro causou, ou ao fato de o autor ter sido, entre 1908 e 1913, diretor da Editora Vozes, de Petrópolis. Nesse período todas as publicações deveriam estar “enquadradas nos preceitos da religiosidade católica” (SANTOS, 2004, p. 1). Para a autora, o livro *Através dos romances - guia para as consciências*, publicado em 1914 (1ª edição), “possuía como pretensão a recomendação de leituras sadias para o leitor católico. Se, por um lado, havia as leituras permitidas, de outro, havia a censura – obras ‘com ressalvas e proibidas’”. Ele se contrapõe às editoras não católicas, como a Garnier e a Francisco Alves, que se firmavam nesse mercado editorial brasileiro. E, mesmo que seu discurso não fosse o da Igreja Católica, era, provavelmente, “a expressão de uma de suas vertentes” (SANTOS, 2004, p. 4).

²⁰ Zahidé Muzart e Marisa Lajolo são pesquisadoras que já investiram na pesquisa desta obra em português. Nesta nossa pesquisa também a procuramos, porém, também não a encontramos.

para uma mulher. Afinal, a “imoralidade” até poderia ser compreendida se cometida por homens, mas não por mulheres.

Outro escritor que escreve sobre Carmen Dolores em livro, nesse período, porém de uma perspectiva completamente oposta a de Frei Pedro Sinzig, foi o intelectual Armando Erse, no seu *Elogios* (1916). Além de contista e poeta, o português Armando Erse de Figueiredo foi cronista,²¹ contemporâneo de Carmen Dolores.

No seu livro, Erse coloca lado a lado personalidades que já tinham biografias, artigos, livros, bem como já tinham seu lugar assentado no cânone, como Euclides da Cunha, Machado de Assis e o Barão de Rio Branco, aqueles que ainda estavam na memória dos viventes daquela época, mas ainda esperavam seu reconhecimento, como Carmen Dolores, José do Patrocínio, Arthur Azevedo e Raymundo Correia, e aqueles que, talvez, nem saberíamos hoje que existiram – como Camerino Rocha,²² entre outros –, se não fosse o livro *Elogios*.

Sobre Carmen Dolores destaca elogiosamente a cronista incansável que, mesmo doente, não perdeu a vitalidade do espírito: “[...] eis que, ao domingo, a obra da semana aparecia como nos melhores tempos de saúde de força produtiva, demonstrando a plena vitalidade daquele espírito de fulgurantes e inquebrantáveis energias” (ERSE, 1916, p.63). O crítico escreveu seus necrológios como quem fez crítica com a alma, como só um artista consegue fazer.

De perspectiva diversa de Erse, quem também escreveu história literária, falou sobre crítica literária com leveza e elegância foi Ronald de Carvalho. No entanto, o autor de *Pequena História da Literatura Brasileira* (1ª edição de 1919) reproduz o modelo de história da cultura brasileira de Silvio Romero e, praticamente, resume artisticamente o que

²¹ Atuou com os pseudônimos João Luso, Leopoldo Maia, entre outros, em jornais do Rio de Janeiro, como *A Noite*. É como cronista que ele compõe as páginas do livro com impressões sentimentais à beira do túmulo de intelectuais que ele, em sua maioria, conheceu, com quem conviveu, daí os traços de intimidade em alguns casos. Enquanto jornalista, anotou as emoções diante da vida e, como literato, conseguiu igualar a vida de pessoas de diferentes hierarquias pelo seu modo de sentir. No livro, o autor escreve com pureza, simplicidade e elevação moral sobre intelectuais já falecidos(as) e, ao retratá-los(as), descreve também um pouco da história social de uma época, como é o caso de Fidelino de Figueiredo.

²² Jovem paraense que integrava o grupo da “boemia dourada” no Rio de Janeiro dos 1900.

esse já havia escrito.²³ No capítulo X, comenta as últimas correntes do pensamento do século XIX e a tríade parnasiana – Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia –, além de Machado de Assis. Como seu “mestre”, não inclui obras de autoria feminina no seu livro.

Às vésperas da década de 1930, Maria Ritta Soares de Andrade (1929) apresenta a sua tese ao Atheneu Pedro II, intitulada *A mulher na literatura (das línguas novi-latinas)*.²⁴ No estudo, esclarece que pretende dar sua “[...] contribuição para a divulgação da mentalidade feminina” e trabalha em defesa dos direitos da mulher. Desde a introdução, ressalta seu ponto de vista sobre o que é literatura, ou seja, arte, espírito, alma, emoção; diferente da filologia que é ciência, indagação, dedução, raciocínio. E, partindo do princípio de que “o sentimento [...] é a alma da literatura; e a sensibilidade, a alma da mulher” (ANDRADE, 1929, p. 19), considera que o problema da capacidade intelectual da mulher nos seus dias está plenamente resolvido, apesar de ainda encontrar opiniões diversas e divergentes entre estudiosos de áreas diversas. Ressalta, ainda que, mesmo com as dificuldades de instrução, a vida esconsa do interior dos lares, o preconceito retrógrado de torná-las ignorantes da razão de ser do mundo, dos seres e das coisas, há um número considerável de mulheres que conseguiram ter suas penas coroadas. (ANDRADE, 1929, p. 26) Para provar a afirmação, dedica um capítulo às escritoras francesas (desde o século XVI às suas contemporâneas); um capítulo às escritoras italianas (desde o século XVI ao início do XX); um às escritoras portuguesas (desde a renascença até 1911); outro às hispano-americanas e, por fim, um às brasileiras. Elenca vários nomes de autoras, fundamentada em Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, “que tirou do ostracismo em que jaziam vários nomes femininos que ilustravam as letras nacionais [...]” (ANDRADE, 1929, p. 161). A professora resgata nomes, obras e transcreve trechos de poemas de escritoras desde o século XVIII, como Barbara Eliodora, até o seu momento literário, dando destaque à Julia Lopes de Almeida e Dona Francisca Bastos Cordeiro, a quem erroneamente atribui o pseudônimo de Mme. de Chrysanthème. Infelizmente, encerra sua tese sem mencionar Carmen Dolores, o que evidencia o quanto seu “esquecimento” já se impunha nessa época.

²³ O historiador organiza sua obra em capítulos, nos quais se sucedem os estilos de época dispostos cronologicamente. Usamos aqui a edição de 1984.

²⁴ A tese foi escrita com o duplo fim de elevar o sexo e concorrer à cadeira de literatura na livre-docência. (ANDRADE, 1929, p. 164)

2.1.1 As décadas de 1930 e 1940

Na década de 1930, um dos críticos a fazer uma referência concisa a Carmen Dolores foi Agripino Grieco, na sua *Evolução da Prosa Brasileira* (1ª edição de 1933). Ao afirmar que “Carmen Dolores era uma argumentadora máscula” (GRIECO, 1933, p. 198), deixa ler muito mais que um suposto elogio, pois, na entrelinha, e por trás da linha, podemos ler que só é bom, só tem valor o que é produzido pelo homem. Apesar da evidência ao preconceito, talvez, o que tenha levado o severo crítico a tal afirmação sejam os argumentos irreverentes que ela apresenta quando o tema é o anticlericalismo, ou melhor, a intensidade do seu sentimento expresso – sem perder a elegância – diante da hipocrisia de representantes do clero, principalmente nas várias discussões sobre o direito da mulher ao divórcio.

Da mesma década, um livro menos conhecido é o de Francisca de Basto Cordeiro, *Poetas e Prosadores do Brasil* (1936), o qual foi organizado por ela para ser adotado no ensino ginásial dos principais estabelecimentos de ensino da capital federal. Nele, a autora faz uma seleta de alguns poucos poemas e vários contos de 74 autores(as) brasileiros(as),²⁵ que publicaram seus textos entre o século XIX até a década de 1930. Dos selecionados por Cordeiro (1936), vinte são mulheres: além de seus próprios textos, aparecem contos de Júlia Lopes de Almeida, Gilka Machado, Auta de Sousa Bandeira, Lucia Miguel-Pereira, entre outras contistas, mas não faz referência à Carmen Dolores, nem aos outros pseudônimos usados pela escritora.

Outra mulher a se preocupar com a divulgação da literatura de autoria feminina foi Cândida de Brito, ao escrever uma *Antologia feminina* (1937). Ao contrário de Francisca de Bastos, inclui, entre as escritoras selecionadas na sua obra, Emilia Moncorvo Bandeira de Melo (Carmen Dolores) com a correta referência ao seu nascimento e falecimento. Quanto à sua colaboração em periódicos, diz que ela “[...] escreveu em vários jornais desta capital, entre os quais o *Correio da*

²⁵ Sem nenhuma avaliação crítica evidente, procede a seleção e os dispõe sequencialmente, sem uma aparente classificação. Além dos canonizados Machado de Assis, Olavo Bilac, Fagundes Varela, Raymundo Correia, Coelho Neto, Osório Duque, entre outros, Cordeiro (1936) também recolhe textos em prosa de autores menos conhecidos, ou mesmo desconhecidos: José Magarinos, Jenny Pimentel de Borba, Guilherme de Abreu, Plácido Barbosa, Maria Sabina de Albuquerque, etc. Esses dados, não os encontramos em qualquer outra obra historiográfica e/ou crítica.

Manhã, O Paiz, Polícia, Imprensa, etc.” (BRITO, 1937, p. 22-23). Infelizmente, os dois últimos periódicos citados já não são mais encontrados hoje. Dos seus livros, cita apenas *Ao esvoaçar da ideia, A luta* e *Almas complexas* e não deixa de mencionar sua filha, Chrysanthème, a qual, naquele momento, era “[...] bastante conhecida nas letras nacionais”. E conclui que, na impossibilidade de transcrever alguma obra inteira, seleciona trechos de seu trabalho publicado na imprensa.

Em 1938, Nelson Werneck Sodré publica a sua *História da Literatura Brasileira*, de uma perspectiva inusitada, se considerarmos que o Brasil acabara de entrar no Estado Novo, ou seja, um período de ditadura instaurado por Getúlio Vargas. Sodré (2002)²⁶ situa seu *locus* de enunciação a partir da perspectiva marxista e define seu método de interpretação analítico fundado no materialismo histórico e materialismo dialético.

Para além do método interpretativo escolhido pelo historiador na construção da sua história, o que nos interessa, neste estudo, é ressaltar a presença quantitativa de um maior número de escritores em todas as escolas. Destacamos, aqui, o naturalismo que, nas palavras de Sodré (2002, 447), “[...] prolongou os seus defeitos ainda em mais uma dúzia de autores, todos de reduzida importância, em cujas obras o teor regionalista assume a preponderância quase sempre [...]”. Nesse ponto, insere uma nota de rodapé onde apresenta longa lista de autores e obras e, entre eles:

Carmen Dolores, pseudônimo de Emilia Moncorvo Bandeira de Melo, figurou em um romance de 1911, *A Luta*, a instabilidade social da mulher [...] são outros tantos exemplos do naturalismo inespecífico, em alguns casos, demasiado apertado na receita externa, em outros, que não chegam a integrar-se no patrimônio literário, permanecendo desconhecido ou esquecido (SODRÉ, 2002, p. 446).

Também no capítulo seguinte, ao abordar a “transição do fim do século”, entre outros aspectos, comenta o importante papel da imprensa dentro de um quadro de transformações políticas, sociais, culturais, estruturais da vida urbana, enfim, no sentido dos jornais suprirem as deficiências do mercado editorial brasileiro, ainda atendido pelos editores estrangeiros (portugueses e franceses). A imprensa se renova

²⁶ Consultamos, nesta pesquisa, a reedição do livro de 2002.

nesse período e “as atividades do escritor e do jornalista se confundiam na mesma pessoa” (SODRÉ, 2002, p. 483). Vários escritores ocupam um lugar nas colunas dos maiores jornais da época para expressar suas opiniões sobre um leque de questões, enquanto jornalistas, e disso tiram proveito como escritores. Entre Carlos de Laet, Medeiros de Albuquerque, Luís Edmundo, Osório Duque Estrada, Olavo Bilac, Artur Azevedo, Oliveira Viana e outros homens, encontramos duas escritoras: Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores como colunistas de *O Paiz*.

2.1.2 As décadas de 1950 e 1960

Apesar da publicação de algumas obras de história da literatura na primeira metade do século XX, a disciplina perdeu seu *status* nesse período, até que, na década de 1950, iniciou-se sua reavaliação. Ou seja, houve uma retomada da discussão da história da literatura, que se estendeu pela década de 1960, por meio de um surto de novas obras historiográficas, como a de Antônio Soares Amora, Alceu Amoroso Lima, Afrânio Coutinho, Antonio Candido, Alfredo Bosi, entre outros, construídas de perspectivas diversas. Assim como surgem novos dicionários e antologias, várias obras críticas avaliando narrativas, crônicas e descrevendo a vida literária de períodos diversos. De acordo com Moreira (2004, p. 119-120):

[...] na segunda metade do século XX, quando a História e a Literatura já tinham definido com maior precisão seus objetos de estudo e novas teorias apareceram, provocando mudanças significativas nos pressupostos dessas áreas do conhecimento, a História da Literatura conhece tempos diferenciados. A renovação da perspectiva epistemológica, tanto no círculo histórico quanto no literário, provoca alterações nas concepções historiográficas e a História da Literatura volta a ocupar posição singular entre os estudos literários, principalmente após a divulgação das teorias sobre a repercussão e os efeitos da obra através dos tempos.

Em vários livros desse período, a configuração da história da literatura resulta dos recortes de práticas discursivas feitas pelos seus autores.²⁷ Entre os que estudam a literatura da perspectiva biográfica nos

²⁷ Estruturalistas tentaram isolar o componente fundamental da obra literária, a literariedade, considerando apenas aquilo que era imanente ao texto literário;

anos de 1950 e 1960, algumas obras de mérito superaram a pura biografia e seguem os moldes da crítica biográfica-psicológica, como é o caso de Lúcia Miguel-Pereira. A autora publicou *História da Literatura Brasileira. Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*, em 1950.²⁸ Nesse volume, ela aponta a diversidade de estilos do período que se propõe a estudar, avaliou escritores reconhecidos pelo cânone, mas, também, sem ser exaustiva, incluiu nomes geralmente deixados à margem dos compêndios oficiais. Mesmo quando fez rápidas referências aos anteriormente excluídos do cânone, para aprofundar a análise dos mais reconhecidos, deixa seu leitor perceber que essa atitude é uma de suas preocupações. Com relação à literatura de autoria feminina, por exemplo, Miguel-Pereira (1950, p. 256-267) comenta a ausência das mulheres entre os clássicos autores sempre reconhecidos e procura incluir algumas. Cita Margarida Orta e Silva como “precursora” na ficção do século XVIII. Faz uma busca cuidadosa em dicionários bibliográficos, obras críticas, velhos catálogos e livrarias, jornais e revistas. Incluiu apenas doze mulheres a cujas obras raras teve acesso, pois, quanto as demais escritoras, diz que as edições estão esgotadas e os livros não estão disponíveis na Biblioteca Nacional. Desse fato, conclui: “temos que aceitar como definitivo o juízo dos contemporâneos, tácito no silêncio que se fez em torno da maioria

também foram imanentistas os seguidores do formalismo que afastaram os estudos da história da literatura das referências genéticas, sociológicas ou culturais, mas reconheceram as modificações que o produto literário sofria ao longo do tempo; outros, ainda, seguem o método estético-literário da “nova crítica”, que também rejeita fatores extraliterários e matiza a ideia de sucessão de estilos de época. Também surgem os seguidores dos preceitos da estética da recepção, que deslocam o foco da discussão para a figura do leitor, como instância de comunicação entre autor e obra. Na mesma medida, retornam com vigor os estudos da história da literatura que relacionam literatura com outras disciplinas como a sociologia, a antropologia, a psicanálise, a biografia, entre outras – em outras palavras, que consideram os aspectos extraliterários como elementos importantes para compreensão do literário. Cabe ressaltar que esse “retorno” não é uma simples repetição do método sociológico do século XIX, mas, com novos conceitos, historiadores como Antonio Candido, por exemplo, furtam-se ao positivismo determinista dos naturalistas.

²⁸ Este é o volume XII da coleção sobre história da literatura brasileira, projetada e coordenada por Álvaro Lins. Ela escreveu a sua história da literatura valendo-se de um discurso ensaístico crítico, permitindo-nos entender que o papel do escritor é promover a reflexão, pois a literatura vale pelo conteúdo expresso. (MIGUEL-PEREIRA, 1950)

dessas escritoras, registradas tão somente por Sacramento Blake” (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 256). Não cita seus nomes, nem suas obras, com exceção de Adelina Lopes Vieira ou Georgeta de Araújo, “lembradas pelos críticos do momento”, e diz que “não se pode dar lugar na história literária” para elas – a não ser para Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores – que devem ser estudadas. Porém, na lista de livros elencados por Pereira (1950, p. 315-333), estão avaliadas quatro autoras e suas obras: Julia Lopes de Almeida (15 obras), Carmen Dolores (*A luta* e *Um drama na roça*), Delia (*Celeste*) e Adelina Lopes Vieira (*Destinos*). Considerando o silenciamento político de outros historiadores e críticos acerca da literatura de autoria feminina, Miguel-Pereira (1950) dá um passo importante ao avaliar criticamente essas obras iniciais, no entanto, ainda nos causa uma inquietação o fato de afirmar que somente Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores merecem estar na História da Literatura, tendo lido somente essas obras mencionadas.

Carmen Dolores é a única escritora inserida por Miguel-Pereira (1950, p. 134-135) no grupo de naturalistas tardios, isto é, aqueles que publicaram romances naturalistas no Brasil depois que, em 1891, já se anunciava a morte do movimento na França, com o seu romance *A luta*, em 1911. A historiadora e crítica não menciona a publicação do romance em folhetim, dois anos antes, como fez, por exemplo, com *Aves de arribação* (1913), de Antônio Sales. Para ela, “*A luta* focaliza a instabilidade social e moral das mulheres que nem sempre se resignam à sujeição da existência familiar, nem lhe querem perder os benefícios” (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 135).

Sobre Carmen Dolores, Miguel-Pereira (1950, p. 135) afirma que ela é “mais romancista [...] sem dúvida [...]” e acrescenta, ao lado de seu nome civil, em nota de rodapé, que ela é “[...] sobretudo jornalista de valor”. Quanto ao que produziu a jornalista²⁹ e conferencista, não faz referência.

Um dos livros que se refere aos contos de Carmen Dolores é *Variações sobre o Conto* (1952),³⁰ de Herman Lima. O autor dá destaque a contistas clássicos, como Machado de Assis, para ele o

²⁹ No jornalismo, destaca apenas João do Rio. Atenta, também, para as conferências literárias realizadas em 1905 que, na época, tiveram grande êxito, mas que, para ela, são um claro exemplo de frivolidade.

³⁰ Nessa obra, o autor analisa as definições do gênero conto, apontadas por outros autores, determina tipologias, elucida diferenças entre romance e conto e trata da evolução do gênero conto, principalmente no Brasil.

iniciador do gênero no século XIX. Ao comentar criticamente obras de autores diversos do início do século XX, menciona rapidamente: “Outra figura feminina também de relevo no setor do conto foi Carmen Dolores, autora de excelentes narrativas de intensa dramaticidade, como sejam *Um drama na roça*, *Nos bastidores*, *A mãe* e *O Derivativo*” (LIMA, 1952, p. 97).

Assim como Herman Lima, em 1952, Raimundo Magalhães Junior,³¹ em 1959, também se dedica ao estudo do conto, entretanto, seu foco é, especificamente, a produção de autoria feminina. No prefácio do livro *O Conto feminino* (1959), lembra que o primeiro romance brasileiro é obra de mulher: as *Aventuras de Diófonos* (1752), de Teresa Margarida da Silva e Orta, sob o nome anagramático de Dorotea Engrassia Tavadeda Dalmira. Acrescenta que, depois, há um hiato entre essa primeira e as obras de autoria feminina do século XIX. Mas é no fim desse século, “[...] quando a monarquia se aproximava do fim, [que] começaram a surgir outros nomes, na imprensa e na literatura de ficção: Inês Sabino, Julia Lopes de Almeida, Corina Coaracy, Adelina Lopes Vieira, Carmen Dolores, Maria Clara da Cunha Santos, etc... [...]” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1959, p. 2). Sobre Carmen Dolores, o crítico afirma que ela consta entre o grupo de contistas “mais significativo de nossas letras femininas” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1959, p. 3).

Além da menção no prefácio, dedica um capítulo a essa autora, no qual inclui dados biográficos, a lista de suas obras e um conto do livro *Um drama na roça*. É Magalhães Junior (1959, p. 33) quem primeiro opina sobre a composição do pseudônimo usado pela escritora: “Usou sempre o pseudônimo de Carmen Dolores de composição quase anagramática, pois todas as letras, menos o “s” final, foram retiradas de seus próprios nomes”. Inicia o capítulo referindo-se ao nascimento de Emilia e que ela “[...] foi uma das expressões da intelectualidade feminina brasileira que floresceram em fins do século passado e no início deste”. O autor não só reconhece a existência de uma intelectualidade feminina atuante nesse período, como também inclui a escritora entre aquelas que emergem no espaço público e alcançam colunas de jornais de prestígio. Ela está entre as poucas que, além de ousar ocupar esse lugar entre uma maioria masculina, atreve-se a comentar os acontecimentos sociais, culturais e históricos nas crônicas, além dos contos, por meio da sua atuação em periódicos:

³¹ O cearense R. Magalhães Júnior (1907-1981) mudou-se, ainda jovem, para o Rio de Janeiro, onde se dedicou ao jornalismo, mas também foi poeta, biógrafo, contista e crítico.

Durante longo tempo, colaborou em “O País”, um dos maiores jornais do período da propaganda e dos primeiros tempos da República, escrevendo ora contos, ora crônicas. Nos últimos anos de sua vida, tinha uma coluna de grande prestígio. “A Semana”, onde comentava acontecimentos da atualidade, em época em que Julia Lopes de Almeida era também colaboradora assídua de “O País” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1959, p. 33).

O autor também dá destaque à manifestação positiva da crítica literária impressionista da *Belle Époque*, a qual, “no ano de 1907, [...] saudou com grandes elogios o seu livro de contos, intitulado ‘Um drama na roça’ – constituído, na maioria, de episódios da vida urbana carioca”. Avaliação com a qual ele concorda: “São histórias ora dramáticas [...] ora alegres [...] e que realmente revelam qualidades de escritora” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1959, p. 33). Para comprovar o reconhecimento do seu talento, menciona a tradução do conto “As lágrimas de Tia Zezé” para o inglês e sua inclusão na antologia *Brazilian Tales*, de Isaac Goldberg, publicada em 1921 pela *Four Seas Go*, de Boston, Estados Unidos. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1959, p. 34)

Ele comete apenas um pequeno equívoco ao informar que ela ainda “usou os pseudônimos de Julia de Castro e Leonel Sampaio”, pois o primeiro não era feminino, mas masculino: Júlio. E, ao datar seu falecimento, não se esquece de mencionar que ela “escreveu até quase a morte” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1959, p. 34).

Raimundo Magalhães Junior escreve, ainda, *Arthur Azevedo e sua época* (1966), no qual descreve toda a trajetória do escritor e teatrólogo, bem como suas relações com outros intelectuais da época. Nessas relações intelectuais, a única mulher que aparece é Julia Lopes de Almeida, quando esta comenta uma de suas peças teatrais em crônica. Causa-nos estranheza que não tenha incluído Carmen Dolores nessas relações intelectuais do teatrólogo e cronista, pois ela não só foi contemporânea de Arthur Azevedo, mas dialogava com ele nas colunas de crônicas, por correspondências e pessoalmente,³² assim como, foi na

³² Quando Arthur Azevedo faleceu, em 1908, Carmen Dolores lhe dedicou uma crônica, na qual conta: “Pessoalmente, só de longe conheci durante muitos anos esse que se finou - através da fecunda obra, ou em rápidos encontros na sociedade. Mas nestes últimos tempos, [...] deu-se entre nós uma aproximação que m'o tornou acessível, conhecido, todo o seu adorável coração impresso nas palavras e cartas que trocamos, nos juízos que lhe mereci, na simpatia que me demonstrou [...] E foi graças à excelente vontade que me provou Arthur

sua companhia teatral – e com seu apoio – que sua peça, *O Desencontro*, estreou.

Voltando a 1954, o dicionarista Luiz Correia de Melo, integrante da Comissão de IV Centenário da Cidade de São Paulo, que participou dos Serviços de Comemoração Culturais com a obra *Dicionário de Autores Paulistas* (1ª edição de 1954), dedica um verbete à Emilia Moncorvo Bandeira de Melo e, na descrição, começa citando seu pseudônimo mais conhecido – Carmen Dolores –, além de também mencionar sua filha, a escritora Chrysanthème. No entanto, registra erroneamente o local de nascimento como São Paulo. Informa, ainda, que sua colaboração em *O Paiz* e no *Correio da Manhã* foi mais tarde reunida no livro *Ao esvoaçar da ideia* – o que também não condiz totalmente com a verdade. Além disso, diz que ela colaborou no *Correio Paulistano* e que suas crônicas foram inicialmente atribuídas a Alcindo Guanabara. Lembra que ela escreveu contos, romances, crônicas, crítica literária, poesias, conferências. De todos esses gêneros, nesta pesquisa, só não encontramos textos da autora em versos e, nas crônicas, menciona várias vezes sua preferência pela prosa, o que nos permite duvidar da informação. Quanto às suas conferências, apesar de não conhecermos os textos publicados oralmente, foi possível conhecer os comentários críticos sobre elas, como veremos no último item deste capítulo. Cita seus livros corretamente, mas não menciona a data da primeira edição de alguns deles. (MELO, 1954, p. 366)

Já o ano de 1956 foi especialmente fértil para a fortuna crítica de Carmen Dolores, com as publicações de duas obras memorialísticas e uma historiográfica: *Diário Íntimo*, de Lima Barreto; *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*, de Gilberto Amado, e *A vida literária no Brasil, 1900*, de Brito Broca.

Mesmo que não tenha sido um trabalho de pesquisa com intenção de incluir os autores não canônicos, *Diário Íntimo*,³³ de Lima Barreto, obra memorialística póstuma, organizada pelo jornalista, historiador e biógrafo do autor, Francisco Assis Barbosa, em 1956, dá sua contribuição nesta tarefa de iluminar nomes de escritoras e intelectuais

Azevedo, que minha pobre peça de ensaio: *O desencontro* furou a barreira e lá está em preparos no Teatro João Caetano [...]” (DOLORES, 25 out. 1908).

³³ Nesse volume constam esboços de obras ficcionais inacabadas de Lima Barreto, bem como notas sobre romances que não chegaram a público; além de anotações de fatos do cotidiano vivido, marcadas por datas não sequenciais, como se o autor só escrevesse seu “diário” quando tivesse disponibilidade ou vontade, ou, ainda, se escolhesse apenas o que considerava relevante.

que ficaram obscurecidas na história da literatura. Nesse diário, alguns desses trechos são dedicados aos intelectuais de seu tempo, como este a Carmen Dolores:

O outro jovem autor, que se fez representar pela primeira vez, foi Dona Carmen Dolores. O público conhece sobejamente o autor pela leitura de suas crônicas e contos, cheios sempre de altos conselhos morais e animados superiormente pelos sentimentos da família e da pureza do lar; mas a pessoa é totalmente desconhecida da nossa população (BARRETO, 1961, p. 138).³⁴

O fragmento permite inferir que Lima Barreto, mesmo sendo contemporâneo da autora, não conhecia Emilia pessoalmente e, assim como o público a que ele se refere, também só conhecia seus textos. Prova disso é que, no período em que é colaboradora de *O Paiz*, tinha mais de cinquenta anos e já não era tão jovem como ele a descreve:

É uma moça esbelta, de menos de vinte e cinco anos, reservada, vestida sempre com discretas toilettes, que quase nunca é vista nos lugares em que nos pomos à mostra. Os seus grandes olhos redondos são povoados de sonhos íntimos e toda ela, com seu corpo esguio e seu perfil espiritualizado, parece viver absorvida na arte, ouvindo música das esferas e as harmonias dos arcanjos. Muito moça, as triviais cousas [sic] da elegância não a fascinam, nem lhe são a cogitação constante. Despreza os vestidos, os tecidos caros, as rendas, as modas, os chapéus. Pouco frequenta as salas e salões; não acha neles atrativo algum, de qualquer ordem ou natureza; julga-os fúteis, desprovidos de atmosfera intelectual propícia à vida de seu espírito e da sua alma (BARRETO, 1961, p. 138).

Julgá-la pela vestimenta discreta, como uma jovem mulher que despreza a moda e o luxo é não conhecer suas reais condições financeiras nesse período, ou seja, a condição de uma viúva que pertenceu à burguesia em ascensão durante o século XIX, mas perdeu parte da fortuna no final do século e sustenta a família com seu trabalho de literata. No entanto, acerta quando se refere ao seu interesse pelas coisas da arte e seu gosto pela leitura, sua rica biblioteca e seu conhecimento intelectual:

³⁴ Utilizamos, nesta pesquisa, a reedição do livro póstumo, de 1961.

É ela, entre nós, uma das poucas pessoas que possuem um perfeito conhecimento de toda a evolução da língua francesa. A sua biblioteca é rica dos antigos documentos dessa língua, e quem a visita poderá ver além do Froissart, Villehardouin, todas as gestas do ciclo carolíngio, Renaud de Montauban, Chanson de Roland, etc., nas edições mais autorizadas. Além desse conhecimento, que é valioso, Dona Carmen Dolores possui uma ciência perfeita do inglês, traduz Chaucer, como se fosse um autor dos nossos dias; e há anos que se dedica ao estudo da metafísica alemã e dos teólogos da Idade Média (BARRETO, 1961, p. 138-139).

No entanto, indagamos como poderia conhecer tão bem sua biblioteca particular, seu conhecimento de línguas e outros estudos, como se fosse um visitante de sua casa, e equivocar-se tanto quanto à sua idade. Opinião mais acertada talvez seja essa em que tenta descrevê-la com suas características peculiares: “É um raro tipo de autora, entre nós: bela, não é coquete; ilustrada, não é pedante; gloriosa, não se exhibe” (BARRETO, 1961, p. 139). Segue, assim, uma prática que aponta para as diferenças de gênero: a mulher é, enquanto o homem faz. Ou seja, na mulher são as características (principalmente físicas) que são ressaltadas e, no homem, são as ações executadas.

Outra obra memorialística, também publicada em 1956, é *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*,³⁵ de Gilberto Amado. Ao descrever o ambiente de *O Paiz* quando ele lá chegou, em 1910, comenta como conheceu os colaboradores daquele periódico de então e, entre eles, refere-se à Carmen Dolores como a responsável pela “crônica dominical ‘A Semana’, no alto da primeira coluna, na primeira página” e como “escritora de fama naquele período” (AMADO, 1956, p. 42).

O autor também foi contemporâneo de Carmen Dolores e seu substituto como cronista nessa mesma coluna em *O Paiz*. Fato que ele relembra com um tom de orgulho, por ter sido ele, um jovem cronista pernambucano, o escolhido para ocupar o lugar deixado vago pela escritora, em função do seu falecimento, quando a posição era disputada por outros nomes já afamados e atuantes em outros periódicos: “Tendo morrido Carmen Dolores, a famosa cronista de O País, a coluna mais

³⁵ No volume, o autor conta sua própria trajetória de 1910 a 1914 – período da sua juventude: sua vinda para o Rio de Janeiro e início da sua atuação na imprensa, além de suas experiências vividas na Europa.

bem paga então (ela recebia mais do que Carlos de Laet), os maiores nomes da literatura brasileira eram candidatos ao posto vago. Jamais me passou pela mente disputar tão alta posição” (AMADO, 1956, p. 46).

Faz questão de recontar detalhes dos fatos ocorridos para resultar nessa escolha, pois já o havia escrito no livro *Sabor do Brasil*, em 1953. João Lage, redator de *O Paiz*, deu-lhe a incumbência de escrever sobre o Centenário de Alexandre Herculano de um dia para o outro. Cumpriu-a com afinco e o redator, que se dizia exilado político de Portugal, depois de ler seu texto, disse-lhe: “Você vai substituir a Carmen Dolores” (AMADO, 1956, p. 45-46). Assume a função de cronista e, no domingo seguinte ao sepultamento da antecessora, dedica-lhe um necrológio, como um “literato” que se “tornara herdeiro da coluna [...] em jornal de tanto prestígio, em tão conspícuo destaque”. Segundo ele, foi essa substituição que o inseriu na vida literária da época: “[...] encontrei-me rodeado de amigos dentro da vida literária. [...] O número de companheiros aumentou, tanto de moços literatos como dos velhos, dos célebres, em cujas casas fui recebido com alvoroço” (AMADO, 1956, p. 48). Admirável é a humildade do herdeiro da coluna dominical de destaque em um jornal prestigiado, disputada pelos célebres intelectuais da época com o falecimento de Carmen Dolores, reconhecendo que a fama da autora, o reconhecimento financeiro que seu trabalho tinha na época, contribuíram para sua própria ascensão literária e social.

Entre os historiadores tradicionais que situam sua pesquisa na relação entre literatura e sociedade, talvez, o que mais tenha reconhecido o valor de Carmen Dolores foi Brito Broca, na sua obra *A vida literária no Brasil, 1900*,³⁶ em 1956. As informações que ele divulga, nessa obra, sobre a autora, são as que mais são reproduzidas por outros críticos e historiadores posteriores – mesmo os seus equívocos, como mostraremos mais à frente – até porque o livro já se tornou referência sobre os anos de 1900 na nossa historiografia literária.

No capítulo XX, dedicado aos críticos militantes e cronistas, ressalta “a colaboração feminina nos jornais” e, entre as cronistas

³⁶ A 1ª edição é de 1956 e utilizamos, aqui, a de 1975. No prefácio, Alexandre Eulálio descreve Brito Broca como “historiador das ideias, da cultura e da mentalidade literárias no Brasil”. E, sobre o livro, diz que é uma crônica da vida literária da *Belle Époque* no Brasil. De fato, a obra abarca a vida cultural, social e literária do período de 1900 até as primeiras manifestações do modernismo no Brasil, ou seja, a “fase de remodelação do Rio de Janeiro”, até o fim da primeira guerra mundial. (BROCA, 1975, p. 38)

contempladas, estão: Julia Lopes de Almeida (rapidamente referida como cronista); Corina Coaracy (que tem seu nome apenas citado) e Carmen Dolores – a quem dedica um longo parágrafo:

Chamava-se na vida civil Emilia Moncorvo Bandeira de Melo e iniciara a carreira literária numa enquete feita pelos redatores do Almanaque do País. Escrevera a princípio por diletantismo, depois, forçada pelas necessidades econômicas, pôs-se a desdobrar-se em colaboração permanente em jornais e revistas. Com o pseudônimo de Julia de Castro publicara, primeiramente uma série, uma série de contos n'O País. Na Tribuna aparece como Leonel Sampaio, assinando artigos literários; adotara finalmente o pseudônimo de Carmen Dolores, com que se tornou conhecida na coluna "A semana", d'O País. Espírito combativo, defendera o divórcio e várias reivindicações femininas. As contingências econômicas levaram-na a intensificar a produção literária e jornalística, num labor incessante, com que procurou resistir estoicamente à doença. Pouco antes do seu falecimento a 13 de agosto de 1911, compareceu ainda com a crônica semanal n'O País (BROCA, 1975, p. 327).

Faz ainda menção à sua substituição "no mesmo ano" – 1911 – por Gilberto Amado, ressaltando os elogios que este fez a ela. Essas informações foram tantas vezes retomadas e reproduzidas por historiadores posteriores à publicação dessa obra – inclusive com seus equívocos, que agora procuramos desfazer:

- O pseudônimo que consta nos periódicos é Julio de Castro (masculino), com o qual, de fato, publicou contos, dos quais só localizamos cinco nesta pesquisa; como Leonel Sampaio também encontramos contos em *O Paiz* – mas nenhum texto publicado na *Tribuna* até o momento, pela inexistência dos exemplares desse último jornal, porém a própria cronista faz referência à sua colaboração nesse periódico nas crônicas publicadas em *O Paiz*;

- O pseudônimo Carmen Dolores é concomitante ao uso dos outros, já que publica seus livros de contos com ele e as crônicas da coluna "A Semana" chegam a aparecer no mesmo exemplar em que figuram nas páginas internas os contos de Leonel Sampaio e Mario Villar (omitido por Brito Broca);

▪ O autor tem razão quando fala da intensificação da sua produção jornalística, literária e crítica, porém não explica “as contingências econômicas”;

▪ Por último, Broca define equivocadamente a data de falecimento como 13 de agosto de 1911, quando a autora faleceu em 16 de agosto de 1910.

Em 1991, Brito Broca publica *Naturalistas, Parnasianos e decadentistas. A vida literária do realismo ao pré-modernismo* e, no capítulo em que discorre sobre “a vida literária do realismo ao Pré-modernismo”, raras são as referências às mulheres. E, quanto à Carmen Dolores, há uma única referência a ela como mãe de Chrysanthème, mas ainda com informação equivocada, atribuindo o nome de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello à filha, e não à mãe.

Retornando à década de 1960, outra obra que dedica um curto verbete à Carmen Dolores é o *Dicionário Bibliográfico de Escritores Cariocas* (1565-1965),³⁷ publicado por J. S. Ribeiro Filho, em 1965. Na obra, alguns verbetes são extremamente resumidos, como este dedicado à escritora, no qual informa ser pseudônimo de Emilia, bem como as corretas datas de nascimento e falecimento. Profissionalmente, a destaca como “jornalista, romancista e contista”, citando os livros publicados em vida, mas sem as datas, assim como menciona sua colaboração em “O País” e “A Semana”. (RIBEIRO FILHO, 1965, p. 93)

Antônio Simões dos Reis, bibliógrafo atuante na Casa Rui Barbosa, publicou, em 1968, o resultado de minuciosa pesquisa sobre trabalhos de crítica literária divulgados em diversos periódicos durante o ano de 1907, denominada por ele como “literatura bibliográfica”. No livro, intitulado *Bibliografia Crítica Literária em 1907 através dos jornais cariocas*, acrescenta a ressalva de que, em bibliografia, “não existe trabalho completo”. No entanto, resgata um número elevado de artigos, principalmente crônicas, onde são comentadas, avaliadas e julgadas obras de autores diversos do período. (REIS, 1968, p. 211)

Entre os autores que escreveram sobre a obra de Carmen Dolores, Reis (1968) elenca as crônicas de Paulo Barreto [Joe], da coluna “Cinematógrafo”, publicada na *Gazeta de Notícias* em 11 de agosto de 1907; Olavo Bilac [B], da Coluna Registro, publicada em *A Notícia* em 13 de julho de 1907; e Arthur Azevedo [A. A.], da coluna O Teatro, em

³⁷ Ele escreve o dicionário para contribuir com os festejos comemorativos do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro, pois não havia nenhum dicionário sobre autores cariocas até então. Para não cometer injustiças e omitir nomes, fez apelos aos colaboradores através da imprensa local no ano de 1961.

A Notícia, na data de 02 de maio de 1907 – o que demonstra um relativo reconhecimento de sua obra literária naquele ano. Contudo, desses três artigos de jornal, não encontramos, no último, referência à Carmen Dolores. Talvez o crítico tenha se equivocado com a data.

Já a atuação de Carmen Dolores como crítica literária é bem mais evidente nesse trabalho de pesquisa de Reis (1968), pois suas crônicas, publicadas nos jornais *O Paiz* e *Correio da Manhã*, em 1907, figuram nas listas de obras e autores (e raras autoras) avaliados. Segundo Reis (1968), ela escreveu sobre obras de: Dunshee de Abranches, *Actas e Actos do Governo Provisório*; Medeiros de Albuquerque, sobre o projeto da simplificação ortográfica; Julia Lopes de Almeida, *Histórias da nossa Terra*; Goulart de Andrade, *Poesias 1900-1905*; Arthur Azevedo, *O Oráculo*; Tito de Barros, *Vibrações*; Coelho Netto, *As sete dores de N. Senhora*; Chrysanthème; Paul Doumer, *O livro de meus filhos*; Gugliermo Ferrero; Armando Erse (João Luso), *O amor, tragédia e farsa*; *Êsquilo – Prometeu Acorrentado*, translação poética do texto pelo Barão de Paranapiacaba numa versão em português; Luiz Pistarini, *Sombrinhas e Postaes*; Garcia Redondo, *Saladas de fructas*; Luis da Câmara Reys, *O melhor caminho*; Ernesto Sena, *Jornal do Comércio*; Luiz Edmundo, *Poesias* e Victruvio Marcondes, *Musa selvagem*.

Em contrapartida a essas obras, resultantes de pesquisas em fontes primárias e algumas secundárias, realizadas em meados do século XX, que reconhecem valor nas produções literárias de Carmen Dolores, outros críticos e historiadores mal reconhecem a literatura de autoria feminina, quanto mais a romancista, contista, cronista e crítica que ela efetivamente foi. Entre eles, estão: Wilson Martins, em *A Crítica Literária no Brasil* (1ª edição em 1952);³⁸ Antônio Soares Amora, em *História da Literatura Brasileira* (1ª edição em 1955);³⁹ Alceu Amoroso

³⁸ Wilson Martins (1952) historia, em seu livro, a prática da crítica literária brasileira³⁸ desde o nascimento até os seus dias, destacando o valor da crítica literária publicada em jornal. Interessa-nos destacar esse pensamento de Martins (1952), apesar de ele não reconhecer Carmen Dolores como crítica literária pertencente à linhagem impressionista, porque a crítica efetivamente realizada por ela foi publicada nos periódicos em que atuava e, por outro lado, a crítica sobre as suas obras, como vimos até aqui, quando apareceu em livros, não ultrapassou dois parágrafos, ou, até mesmo, ficou ao rés do chão em minúsculas notas de rodapé. Entretanto, foi veiculada em jornais, principalmente do Rio de Janeiro do seu tempo, como examinaremos no próximo capítulo.

³⁹ Antônio Soares Amora (1967), seguindo o modelo dos historiadores que dividem a literatura em períodos e estilos de época, explicados a partir da relação dos homens com espírito revolucionário e suas obras com o contexto

Lima, na *Introdução à Literatura Brasileira* (1ª edição em 1956);⁴⁰ Antonio Candido e José Aderaldo Castello, em *Presença da literatura brasileira: história e antologia. Romantismo, Realismo, Parnasianismo, Simbolismo* (1964);⁴¹ Alfredo Bosi, na *História Concisa da Literatura Brasileira* (1ª edição 1966), bem como Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil* (1ª edição 1969). Esses historiadores e críticos, sem dúvida, realizaram, nessas duas décadas, um trabalho valioso para a crítica e a história da literatura em nosso país; alguns inovam em suas posturas críticas, se comparados aos clássicos finesseculares, pois se valem das teorias e métodos críticos que, a essa altura, já se disseminaram nas academias universitárias às quais eles pertencem. Consultamos esse conjunto de obras com a finalidade específica de constatar seu silenciamento sobre a produção literária e crítica de autoria feminina do século XIX.

Mesmo concordando com a noção de sistema criado pelo sociólogo e crítico Antonio Candido,⁴² cabe-nos fazer a ressalva: na

histórico imediato, elabora um panorama da produção dos grandes homens ilustres. Apesar de abarcar autores e obras além dos poetas e romancistas canônicos, a única mulher citada é Francisca Julia.

⁴⁰ Alceu Amoroso Lima, além de não reconhecer a produção literária de autoria feminina, na única menção a uma “possível primeira escritora” (LIMA, 1956, p. 156) brasileira, ainda coloca em dúvida se o romance produzido por Teresa Margarida Orta, descrita como irmã de Matias Aires (filósofo), não seria de Alexandre de Gusmão, grande humanista e inventor. (LIMA, 1956, p. 32) Assim como na vida social, a mulher só podia aparecer acompanhada do pai, do irmão, do marido, enfim, também na vida literária, quando não podiam se escusar de lhe fazer referência, encontravam sempre um modo de relacioná-la ao seu protetor, colocando, assim, em dúvida a sua autoria.

⁴¹ É a partir da perspectiva sistêmica, criada por Antonio Candido, que ele e José Aderaldo Castello, no livro *Presença da literatura brasileira: história e antologia romantismo, realismo, parnasianismo e simbolismo* (1964), analisam as obras literárias selecionadas por eles pela sua função integradora da coerência nos processos culturais. Isto é, a expressão literária, sendo uma entidade autônoma naquilo que lhe é peculiar, incorpora os dados da civilização, da literatura e da sociedade, com sua história, e formam “um todo orgânico, integrado, coerente”: o sistema.

⁴² Antonio Candido, na sua *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1ª edição, volume 1, 1956 e volume 2, 1957), não contempla o período cronológico que nos propomos a estudar aqui, pois sua proposta de entender os “momentos decisivos” em que a literatura brasileira se forma encerra com o romantismo. O historiador no prefácio da 2ª edição, lamenta que esta sua obra parece haver interessado à crítica da época, muito mais pelo

seleção de obras literárias do fim do século XIX, as de autoria feminina continuam excluídas, mesmo as de Carmen Dolores, já referidas por dicionaristas, críticos e historiadores que precederam os estudos de Antonio Candido e José Aderaldo Barbosa.

Em outras palavras, a História da Literatura Brasileira canônica, até meados do século, ainda fechava os olhos para produções literárias marcadas pelo gênero, pois o mesmo se pode dizer da *História Concisa da Literatura Brasileira* (1ª edição de 1966),⁴³ de Alfredo Bosi. Em todo o período da *Belle Époque* brasileira, a única escritora a quem faz uma rápida referência é Francisca Julia e, assim como Lima (1956), ainda faz referência ao seu irmão, Júlio César da Silva, como “[...] co-autor dos poemas didático-religiosos desta [...]” (BOSI, 1994, p. 321). Coelho Neto, por sua vez, é considerado por Bosi (1994, p. 223) como expoente na cultura pré-modernista, ao lado de Rui Barbosa e Euclides da Cunha. O primeiro, segundo ele, usava a “palavra plástica e sonora” como ruídos, sombras, calor, tempestade, nuvens e, nesse sentido, tornou-se um genuíno talento expressivo. Ora, essa mesma “palavra plástica e sonora” é usada por Carmen Dolores no seu romance naturalista *A luta*, mas essa obra não mereceu sua atenção.

Ainda nas décadas de 1950 e 1960, Afrânio Coutinho (2001a)⁴⁴ propõe a autonomia do fenômeno literário e, no planejamento dos vários

método, do que pelo estudo das obras que ele empreendeu. (CANDIDO, 1975, p. 15) Se a lembramos aqui, é pelo fato de a obra trazer, na sua introdução, a explanação da categoria “sistema literário”, a qual fundamenta o método de análise da literatura proposto e usado por ele em todas as suas obras, como em *Presença da literatura brasileira: história e antologia romantismo, realismo, parnasianismo e simbolismo* (1964), publicada em coautoria com José Aderaldo Castello.

⁴³ Utilizamos, nesta pesquisa, a reedição de 1994. O autor, na sua *História Concisa*, segue um método histórico-estético e, nesse sentido, não difere das configurações das historiografias tradicionais, pois os capítulos seguem, cronologicamente, os estilos de época (períodos literários). Nessa obra, o discorrer sobre o naturalismo estilizado *art nouveau*, diz: “alcançadas as metas políticas da abolição e do novo regime, a maioria dos intelectuais cedo perdeu a garra crítica de um passado recente e imergiu na água morna de um estilo ornamental, arremedo da *Belle Époque* europeia [...]” (BOSI, 1994, p. 219). Contudo, a seleção desses autores segue o cânone já estabelecido por seus tradicionais antecessores.

⁴⁴ Afrânio Coutinho, tendo recebido a tarefa de planejar e dirigir a publicação de uma história da literatura do diretor do Instituto Larragoiti, Leonídio Ribeiro, coordenou uma equipe de especialistas que trabalhou na obra *A Literatura no*

volumes de *A Literatura no Brasil*, aplicou o critério estético⁴⁵ à análise das obras e à periodização estilística. Para justificar a sua opção pela estrutura dessa obra, baseada na sucessão de estilos de época, sendo que cada período é visto como um “sistema de normas literárias”, o crítico propõe uma

[...] historiografia literária que seja a descrição do processo evolutivo como integração dos estilos artísticos. [...] Suas divisões correspondem aos grandes estilos artísticos que tiveram representação no Brasil, desde os primeiros instantes em que os homens aqui pensaram e sentiram, e deram forma estética a seus pensamentos e sentimentos (COUTINHO, 2001a, p. 33).

De fato, o cânone apresentado no livro está ampliado, em comparação aos anteriores, pois resgata a literatura de várias regiões brasileiras, mas mantém um caráter elitista, priorizando os eruditos. No volume em que aborda o naturalismo no Brasil, inclui timidamente Carmen Dolores entre os participantes da escola naturalista brasileira, mas ressalta que “[...] de muitos deles ficaram mais os nomes do que as obras [...]” (COUTINHO, 2001b, p. 81). Porém, das razões para a ausência das obras dessa escritora nada explica.

Brasil. Dos seis volumes no total, foram publicados quatro, entre 1955 a 1959, e outros dois volumes saíram entre 1968 e 1971. Desde seu lançamento, a coleção vem tendo sucessivas reedições e atualização permanente. A 7ª edição que usamos, nesta pesquisa, para consulta (Global Editora, 2001) – sob a direção de Eduardo de Faria Coutinho – analisa a produção literária brasileira até a década de 1990. Desde os fins de 1940 e, principalmente, nos anos de 1950, a crítica universitária desencadeou uma campanha para a renovação metodológica dos estudos da literatura. Historiadores e críticos buscam superar o amadorismo crítico e substituí-lo por uma prática profissional, mais cuidada, dessa atividade. Afrânio Coutinho foi um dos intelectuais a buscar essa renovação dos métodos e processos, instituídos desde Silvio Romero, em que a literatura não passava de um fenômeno secundário dentro da vida social, política e a história da literatura era apenas uma parte da História Cultural do país.

⁴⁵ Dessa forma, se contrapõe à interpretação do fenômeno literário a partir de seus elementos extraliterários e propõe a análise da obra em si mesma e de seus elementos intrínsecos. O autor inova pelo abandono da periodização histórica e pressupõe que o estético só pode ser avaliado dentro do texto e não na relação da obra com o autor e/ou meio, por isso os fatores históricos, sociológicos, biográficos teriam validade apenas quando e se esclarecem algo sobre a obra em estudo.

2.1.3 Dos anos de 1970 até nossos dias

Já na década de 1990, Afrânio Coutinho e José Galante de Sousa organizam a *Enciclopédia de Literatura Brasileira*,⁴⁶ na qual o verbete sobre Carmen Dolores já é bem significativo se considerarmos o silêncio dos outros críticos universitários. No verbete, percebemos um esforço para apresentar informações mais completas sobre dados biográficos, quais foram suas obras, datadas corretamente, informando, inclusive, o prefácio de Coelho Netto no livro *Um drama na roça*. Informa, também, sua colaboração no *Correio da Manhã* e em *O Paiz*, bem como o uso de vários pseudônimos (COUTINHO et. al., 1995, p. 526). No entanto, alguns equívocos são cometidos, pois ela não foi poetisa; *Almas complexas* é de 1933 (póstumo), e não de 1907; *Um drama na roça* é um livro de contos, e não um romance; e *Lendas Brasileiras* é de 1908, e não de 1914, como consta, também, erroneamente, na reedição do livro, em 2006, pela Sá Editora.

O que nos chama a atenção, nesse ponto, é outro aspecto que ressalta da comparação: os autores dessa Enciclopédia, assim como o fizeram outros críticos e historiadores que se referiram a ela durante o século XX, atribuíram os dados autorais ao pseudônimo Carmen Dolores, enquanto que, em relação à Celuta Moreira Gomes, organizadora dos dois volumes da obra *O conto brasileiro e sua crítica. Bibliografia (1841-1974)*, publicado em 1977, procede de forma inversa, quer dizer, no volume I, inclui o verbete “Carmen Dolores, pseudônimo” e remete o leitor ao verbete “Melo, Emilia Moncorvo Bandeira de”, presente no volume II (GOMES, 1977, p. 121).⁴⁷ Essa predileção pelo nome civil da escritora, aparentemente neutra, parece-nos intencional, no sentido de reconhecer que foi Emilia a grande criadora das figuras autorais ficcionais nomeadas por pseudônimos.

Contudo, Gomes e Aguiar (1969, p. 37), no verbete dedicado à Emilia, apresentam dados recorrentes em outras obras: “Almas complexas. Rio de Janeiro: Calvino Filho, ed.1934. [...] Publicado sob o pseudônimo de Carmen Dolores. Contista naturalista”. E, mais adiante, sobre *Um drama na roça*, as autoras dizem: “contém 26 trabalhos.

⁴⁶ Utilizamos, nesta pesquisa, a reedição de 1995. No volume 2, consta o verbete dedicado à Emilia, que remete a Carmen Dolores constantemente no volume 1.

⁴⁷ Esse segundo foi organizado por Celuta Moreira Gomes e Thereza da Silva Aguiar, publicado nos Anais da Biblioteca Nacional, em 1969, intitulado *Bibliografia do conto brasileiro (1841-1967)*.

Publicado sob o pseudônimo de Carmen Dolores”. Além disso, elas apresentam citação do prefácio de Coelho Neto como forma de elogiar a obra da autora. Sobre *Gradações*, informam apenas: “[...] publicado sob o pseudônimo de Carmen Dolores, *apud* Roberto Simões – Faria Neves Sobrinho e o conto naturalista. Leitura. Abr. 1961, p. 30”. O que percebemos nos apontamentos sucintos é que as fontes de consulta são secundárias e não há, de fato, um juízo de valor sobre as obras, só o reconhecimento da existência da escritora, o uso de um pseudônimo e algumas de suas obras. Nesse sentido, Coutinho et. al. (1995), apesar dos equívocos, foi mais abrangente no reconhecimento.

Quem também se vale de fontes secundárias e repete as principais informações biográficas e literárias sobre Carmen Dolores, inclusive o desencontro de informações sobre seu local de nascimento (São Paulo e Rio de Janeiro) e mantém o equívoco da data do falecimento em 13 de agosto de 1911, foi o dicionarista Raimundo de Menezes, no seu *Dicionário Literário Brasileiro* (1ª edição de 1969), com prefácio de Antonio Candido. Na segunda edição (1978),⁴⁸ acrescenta uma apresentação de José Aderaldo Castello. Como fonte de consulta, Menezes (1978) usa os livros de Lucia Miguel-Pereira; Brito Broca; Luiz Correia de Melo; Raimundo Magalhães Junior; Gilberto Amado; Victor Orban e J. S. Ribeiro Filho; a maioria já apresentados anteriormente. O dicionarista, integrante da Academia Paulista de Letras, também reproduz os traços críticos já apontados por Lucia Miguel-Pereira, Brito Broca e Gilberto Amado. Além disso, diz que ela “deixou numerosos contos, em jornais e revistas, não reunidos em livro” (MENESES, 1978, p. 428), todavia, não diz onde, nem comenta nada sobre esses possíveis textos.

Procedimento muito semelhante, no sentido de repetir as mesmas informações equivocadas sobre a autora e sua obra, é a de Ruth Rocha, organizadora da *Grande Enciclopédia Larousse Cultural* (1988).⁴⁹ A enciclopedista apresenta o confuso verbete: “DOLORES (Emilia Moncorvo Bandeira de Melo, dita Carmen), escritora brasileira (São Paulo SP, 1852. Rio de Janeiro RJ, 1910)” (ROCHA, 1988, p. 1987). Além de citar as obras sem data e sem especificação do gênero textual, reforça o equívoco do local de nascimento como sendo São Paulo.

⁴⁸ Utilizamos, nesta pesquisa, para consulta, a 2ª edição, de 1978.

⁴⁹ Essa é uma obra abrangente, construída coletivamente, com colaboração de editoriais de todas as áreas do saber, sendo que, sobre literatura, teatro e dança tem a colaboração de Maria Adelaide Amaral.

Ao chegarmos, nesta pesquisa, quase no final do século XX, quando essa Enciclopédia é publicada, e temos tantas obras anteriores fazendo referência aos parcos dados biográficos e à sua produção literária, apesar do silêncio de outra parcela, como interpretar tais atitudes de “pouco interesse” pelas fontes primárias que poderiam resolver esses equívocos? Só nos resta compreender o fato como uma questão cultural de exclusão ou de falta de valorização da produção de autoria feminina. Não basta trazer seus nomes à tona e citar “mais ou menos” suas obras; é preciso dar um contorno mais definido aos seus rostos, entender de onde vieram, quais foram as suas condições de produção e recepção e, além disso, estudar suas obras a partir de critérios metodológicos que estejam em consonância com essas condições biográficas e culturais.

Nessa perspectiva, Temístocles Linhares, no seu estudo *História Crítica do Romance Brasileiro – 1728-1981* (1987), foi um pouco mais investigativo do que Rocha (1988) e sua equipe, apesar de seus poucos dados biográficos só aparecerem em nota de rodapé. Ao discorrer sobre a produção brasileira em prosa, Linhares (1987, p. 347-349) diz que “não podemos esquecer o nome de Carmen Dolores (pseudônimo de Emilia Moncorvo Bandeira de Melo)” como “autora de dois romances: Um drama na roça, com prefácio de Coelho Neto, publicado em 1908, e A luta, publicado em 1911”. Apesar de ainda se equivocar, apresentando o primeiro como romance; sobre o último, no entanto, o autor diz: “Este, porém, era um livro bem feminino, representando a sua experiência vivida e as reivindicações que se impunham às mulheres, entre as quais figurava o divórcio, pelo qual se bateu sempre sem esmorecimentos”. Não vemos o foco da narrativa dessa perspectiva, pois o romance em si não aborda a questão do divórcio, somente a separação temporária da protagonista. Além disso, sobre o divórcio, ela escreveu crônicas no jornal. O jornalismo de Carmen Dolores também é destacado por Linhares (1987), mas a ênfase recai sobre sua necessidade financeira: “fazendo jornalismo, colaborou assiduamente em O País e a necessidade do pão de cada dia a obrigou a intensificar essa atividade”. Refere-se ainda à primeira crônica que Gilberto Amado dedicou a Carmen Dolores, na qual ele teria destacado traços de sua personalidade, mas a fonte de consulta é de Brito Broca (1960, p. 252-253): “a paixão pela vida, a bravura dos entusiasmos, a violência das sensações; exaltação deslumbrada, essa robusta ventura de viver, mercê da qual se reconhece que este mundo mau é um excelente mundo”. Até esse ponto, parece-nos que o crítico se valeu de fontes secundárias, cometendo as mesmas falhas dos anteriores, que sequer leram os romances e contos para poder

interpretá-los. Um único ponto de inovação talvez seja a comparação entre a urdidura do romance *A luta* e a urdidura do romance *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo, que “fixava a vida, no alto do Santa Teresa, no Rio de Janeiro, numa dessas casas, mais pensão do que hotel [...]” (LINHARES, 1987, p. 349) e comenta a trajetória das personagens, do ambiente, das questões morais naquela sociedade.

No livro *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira* (1ª edição de 1977),⁵⁰ José Guilherme Merchior, ao se referir ao período literário em que Carmen Dolores atuou, ressalta a “pluralidade de estilos” e observa que “por ‘segundo oitocentos’ entendemos [...] o período cultural que se estende até o âmbito histórico da grande guerra de 1914-1918, pois só então se pode falar, do ponto de vista espiritual, de fim do século XIX” (MERQUIOR, 1979, p. 102). Para o historiador, “o prestígio das letras [na virada do século] engendrou em reforço da consciência do escritor” MERQUIOR (1979, p. 108), porém, entre os escritores contemplados por ele, só estão os canônicos. Não incluindo Carmen Dolores entre eles, o historiador persiste no silenciamento político sobre a literatura de autoria feminina, numa época em que a crítica feminista já trazia à tona obras e autoras jogadas no limbo da história da literatura.

Atitude semelhante, até por ser companheira de “discussões metodológicas” de José Guilherme Merquior, tem a historiadora italiana Luciana Stegagno-Picchio,⁵¹ com sua *História da Literatura Brasileira*.⁵² Para Ramos (2003, p. 461), essa obra “é um guia histórico

⁵⁰ O modelo de historiografia adotado por José Guilherme Merchior, em seu livro *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira* (a 1ª edição é de 1977 e usamos, aqui, a de 1979), parece com o de Alfredo Bosi, no sentido de fazer a análise individual de autores e obras de modo restrito, indicando, na maior parte das vezes, apenas seus aspectos gerais. Merquior dá destaque aos autores e aos conjuntos de suas obras e segue o mesmo “costume” de iniciar sua obra com um capítulo sobre “O espírito da Colonização”. (MERQUIOR, 1979, p. 12)

⁵¹ Em nota, os editores apresentam a autora como “uma estrangeira, absolutamente inteirada de nossa trajetória cultural e literária” e ressaltam que suas fontes não eram “exclusivamente livrescas”, pois tinha um “contato pessoal e direto com todos os grandes nomes que ilustram a cultura nacional” da segunda metade do século XX. (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 9-10)

⁵² A primeira edição italiana é de 1972, sendo que a edição em português, reformulada, usada aqui para consulta, saiu em 1997. Essa é uma obra ensaística que, como esclarece a nota editorial do livro, permite ler a história da divulgação da literatura brasileira na Europa. Seguindo um critério estilístico,

para a inteligência dos fatos históricos isolados e, do outro lado, uma tentativa de balanço, sob o ângulo sincrônico da atual visão estética e de gosto”, pois a autora, ao abordar o modernismo, “procura mostrar materiais ‘incomuns’, como aqueles relativos não só aos gêneros literários geralmente recusados pelas histórias literárias: a ficção, a pintura, a música popular, as ciências sociais” – elementos que comporiam esse “estilo brasileiro”. Dessa perspectiva, concordamos com Ramos (2003), quando afirma que há na obra da autora “o desejo de reescrever as histórias da literatura e ir além delas” (RAMOS, 2003, p. 465).

No entanto, esse desejo de renovação, essa percepção da existência de várias histórias da literatura já não observamos no capítulo em que a autora contempla a produção literária da Primeira República, intitulado “A Prosa do Parnaso ao Crepúsculo: instinto de nacionalidade e literatura regionalista”. Nele, Stegagno-Picchio (1997, p. 379-380) reconhece a “pluralidade cultural” e “disparidade social”, assim como a intensidade dos “laços” entre o Brasil e Europa e a complexidade dos “fatos culturais brasileiros compreendidos entre o início do século e a Semana de Arte Moderna”, assim como o fazem outros historiadores brasileiros, já citados neste capítulo. Nos trechos “dedicados à prosa brasileira do Naturalismo ao Modernismo, do fim do século XIX a 1922”, a estudiosa reagrupou autores e obras pelo “critério temático”, alocando em um grupo os “narradores regionalistas” e, em outro, os “investigadores do eu”. Apesar de incluir alguns nomes que, normalmente, não constam no cânone, entre eles não estão as mulheres que, efetivamente, produziram literatura nesse período, principalmente, aquelas que desenvolveram a investigação do eu.

Também entre os cronistas do período do “sorriso da sociedade” cita apenas – fundamentada em Lucia Miguel-Pereira – Carlos de Laet

procura “reconhecer autonomia e individualidade estética tanto às personalidades literárias isoladas como à estrutura onde elas operam e à qual, com sua presença, dão vida” (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 17). A historiadora procura encontrar um “estilo local” (brasileiro), “[...] sempre em relação com os acontecimentos sociopolíticos externos, mais descrito, porém em suas constantes expressivas [...]” (STEGAGNO-PICCHIO, 1997, p. 17-24), como forma de superar a dicotomia entre literatura colonial e literatura autônoma. A estrutura segue o critério de apresentar os nomes de autores, os títulos das obras e trechos escolhidos, buscando informações em “todas as fontes possíveis”, distribuídos em dezessete capítulos que contemplam os diversos “momentos” da literatura nacional.

(1847-1927); Olavo Bilac; João do Rio (Paulo Barreto); Lima Barreto; Antonio Torres; Gilberto Amado e Coelho Neto (STEGAGNO-PICCHIO, 1997), excluindo Carmen Dolores, Julia Lopes de Almeida e Délia, por exemplo.

Vendo uma mulher historiadora, no final do século XX, perpetuar a exclusão das escritoras, só nos resta recorrer à crítica feminista para contemplar o resgate já efetuado da obra de Carmen Dolores. É o que faremos a seguir.

2.2 CARMEN DOLORES E O RESGATE DA CRÍTICA FEMINISTA BRASILEIRA

É importante, para reverter o cânone, mostrar o que aconteceu, quando o objeto começou a falar. Para isso, além do resgate, da publicação de textos, é preciso reviver essas mulheres, trazendo seus textos de volta aos leitores, criticando-os, contextualizando-os, comparando-os, entre si ou com escritores homens, contribuindo para recolocá-las no seu lugar na História.

(Zahidé Lupinacci Muzart)

Depois de aproximadamente quarenta anos de pesquisas acadêmicas arqueológicas visando à recuperação da história silenciada da produção literária de autoria feminina, desenvolvida pela crítica literária feminista brasileira,⁵³ já temos luzes que permitem a

⁵³ Em diversas publicações, algumas de nossas críticas feministas já esclareceram como se deu, no Brasil, esse esforço coletivo de pesquisadoras atuantes no Grupo de Trabalho “A Mulher na Literatura”, no âmbito da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, desde a década de 1980. Pertencentes a várias instituições brasileiras, trabalharam em projetos coletivos e individuais seguindo três linhas mestras de estudos na área: Literatura e Feminismo, Literatura e Feminino e Literatura e Mulher. (Cf. HOLLANDA, 1994, p. 454-455) Na primeira, estão os projetos de resgate da história silenciada da produção de autoria feminina, a análise dos paradigmas patriarcais e logocêntricos da literatura canônica e a reescritura de nossa história literária. Como afirma Duarte (2013, p. 64), “desde os primeiros estudos, tornou-se evidente a intenção de promover o resgate da história das mulheres, de recuperar obras, divulgar escritoras, rever, criticamente, o que havia sido escrito sobre elas, e, ainda, reavaliar conceitos estéticos e questionar os critérios da crítica instituída, responsáveis pela chamada ‘boa literatura’”. Os diversos núcleos universitários de estudos da mulher na literatura, que surgiram

visibilidade sobre o que as mulheres do século XIX produziram. Assim como o número surpreendente de resultados de pesquisas, publicadas em livros, antologias, dicionários e periódicos já nos possibilita pensar em (re)construção de histórias da literatura que emergem dos escombros vasculhados. Hoje, não pensamos, aqui, na possibilidade de inclusão dessas escritoras na História da Literatura canônica, mas, sim, na construção de múltiplas histórias da literatura, configuradas pelo lugar que, de fato, a produção de autoria feminina ocupou na cultura e na sociedade brasileira, ou seja, o espaço da exclusão.

a partir de uma demanda política de caráter feminista, vêm divulgando os resultados de suas pesquisas, ao longo das três últimas décadas, em livros, periódicos especializados, anais e boletins dos encontros, dissertações e teses, bem como estão fazendo dos Seminários, Simpósios, Colóquios, Congressos e outros eventos científicos nacionais e internacionais um espaço de diálogo e de participação acadêmica e política na construção de novos paradigmas para a historiografia literária brasileira. Dessa forma, a linha de pesquisa, que vem reivindicando “a visibilidade da mulher como produtora e sujeito de discursos e saberes culturais” (DUARTE, 2013, p. 66), já se tornou respeitada, produtiva e legítima no meio acadêmico. Pois, de acordo com Schmidt (1995, p. 183), “[...] estão surgindo outros nomes, silenciados na historiografia oficial e cuja emergência tem desencadeado uma verdadeira desarticulação da visão canônica de nosso passado literário, especialmente no que se refere aos pressupostos holísticos de verdade, significado e valor que a tradição dominante elevou à categoria de universais atemporais e que sustentaram, até hoje, a sua configuração”. Além disso, a participação de Zahidé Lupinacci Muzart no livro *Histórias da literatura*, organizado pela Prof.^a Maria Eunice Moreira (2003), como a própria autora diz: “é um passo à frente na aceitação das teorias feministas pela academia, pois elas se constroem na prática e são resultados de ação política, de engajamento”. Cabe, ainda, lembrar outra importante ação feminista, dentro dessa linha de pesquisa arqueológica, que é o resgate e reedição de obras raras de autoria feminina e edição de livros de ensaios críticos feministas, como bem explica Muzart (2011, p. 627) no seu texto sobre a criação da Editora Mulheres, em 1995, no qual discorre sobre a recuperação da produção da mulher brasileira do século XIX e as várias séries publicadas regularmente. Muzart (2011) ainda descreve a caminhada das editoras, marcada por trabalho árduo, esforço coletivo e prazer com os resultados. Contudo, Zahidé Muzart (2004) complementa que não basta apenas recuperar a memória feminina do esquecimento, mas, principalmente, colocar seus textos em circulação para que eles possam ser lidos, avaliados e inseridos na historiografia literária. (Confira também: ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Lilithes, do século XX, abrem a caixa de Pandora das Sherazades, do século XIX*. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/637/466>>. Acesso em: 21 mai. 2014).

Como afirmou Schmidt (1995, p. 182), “esse quadro de recuperação instaura, sem dúvida, um recorte diferencial na maneira como lemos a nossa cultura, a nossa tradição e a nós mesmos”. O que não significa, por outro lado, que o trabalho de recuperação já esteja concluído. Se os nomes, apontamentos biográficos e títulos de obras já constam em antologias e dicionários, ainda há muito o que estudar e avaliar nas obras, a partir de referenciais teóricos adequados às condições de produção das intelectuais do século XIX, início do século XX e de recepção na contemporaneidade.

Nessa busca pela fortuna crítica de Carmen Dolores, constatamos que algumas feministas brasileiras, que se ocuparam com sua obra, levadas pela preocupação com a lógica da exclusão da mulher, presente na construção da História da Literatura oficial, aprenderam bem a lição de Zahidé Muzart descrita na epígrafe, para recolocá-la no lugar que lhe pertence.

Entre as inúmeras escritoras do século XIX recuperadas do esquecimento, Carmen Dolores, além de constar em antologias e dicionários de escritoras do século XIX, já teve suas obras avaliadas em textos críticos publicados em livros, em artigos publicados em periódicos científicos, assim como em dissertações e teses de pós-graduação.

2.2.1 Os textos críticos em livros

Referências e abordagens críticas sobre Carmen Dolores, elaboradas a partir de um pensamento feminista, em livros, aparecem desde 1933, mesmo que timidamente neste princípio. Mariana Coelho, no seu livro *A evolução do feminismo* – capítulo sobre “A mulher nas ciências, nas artes e nas letras” –, na busca da resposta da pergunta retórica “Há literatura feminina no Brasil?” elenca, com assombro, conforme suas palavras, nomes e obras de autoria feminina desde o século XVIII. Quando chega ao final do século XIX, inclui Carmen Dolores, prosadora, entre Auta de Sousa e Francisca Julia, como “primorosas intelectuais” (COELHO, 1933, p. 332).

Maria de Lourdes Teixeira publica, em 1966, o livro de ensaios críticos *Esfinges de papel*,⁵⁴ no qual inclui Carmen Dolores no ensaio “Planisfério da ficção paulista”. A ensaísta lembra que o “[...] primeiro romance publicado por um brasileiro foi de um paulista e, ainda mais,

⁵⁴ Esse texto resulta de pesquisa historiográfica e sociológica sobre a produção literária de escritores paulistas e, nele, ela inventaria “autores ignorados, mas que foram pioneiros na nossa ficção” (TEIXEIRA, 1966, p. 193).

uma mulher”, ao se referir a *Aventuras de Diófonos*, de Teresa Margarida da Silva Orta. (TEIXEIRA, 1966, p. 189) O destaque dado ao fato de ser “uma mulher” deixa entrever o preconceito ainda existente no pensamento crítico da década de 1960. Ainda era preciso reforçar a ideia de uma mulher ser capaz de produzir literatura. No entanto, “algumas mulheres ficcionistas” encontradas por ela, no início do século XX, são apresentadas em um único parágrafo com poucas informações, enquanto discorre longamente, em parágrafos independentes com um número maior de dados biográficos e comentários críticos sobre os autores e suas obras, repetindo a prática de ver a literatura de autoria feminina com um olhar diferenciado, além de repetir equívocos sobre as obras da autora: data de publicação de *Gradações*; *Um drama na roça* classificado como romance; além do fato de incluí-la entre escritores paulistas (TEIXEIRA, 1966, p. 201), quando um ano antes já tinha sido incluída corretamente entre autores cariocas por Ribeiro Filho (1965).

A forma de abordagem da literatura de autoria feminina começa a mudar, no Brasil, a partir da década de 1980. Conforme Rita Terezinha Schmidt (1995, p. 182), entre nós, os estudos sobre as relações mulher e literatura surgiram de forma escassa na década de 1970, mas, na década seguinte, houve

[...] uma verdadeira explosão de pesquisas de vanguarda que conquistaram expressiva legitimidade acadêmica no âmbito das instituições, desencadeando discussões que vão da construção cultural do sujeito de gênero (masculino/feminino) nos sistemas de representação simbólica ao questionamento dos aspectos logo e etnocêntrico da episteme ocidental moderna (SCHMIDT, 1995, p. 182).

Como o interesse pela produção de autoria feminina acompanhou várias linhas, seguimos os passos das pesquisadoras que, desde esse período, se ocuparam do resgate do legado literário que ficou no limbo do esquecimento. Mais especificamente, procuramos aquelas que privilegiaram a obra de Carmen Dolores.

No caso dessa autora, encontramos várias referências à sua obra, em estudos críticos publicados em livros, a partir da década de 1990. Darlene Sadlier, em 1992, escreve um capítulo sobre Carmen Dolores e, além de dados biográficos e das obras da autora, inclui o conto “Um drama na roça” no seu livro *Brazilian Women's Fiction in the 20th Century*, deixando a interpretação crítica para seu leitor.

Clarisse Fukelmann escreve o capítulo “Palavra de mulher”,⁵⁵ publicado no livro *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura* (1994), organizado por Susana Bornéo Funck, e, nele, discute a produção literária da mulher no século XIX, questionando as razões pelas quais essa produção não consta na historiografia. E, de uma perspectiva comparativista, discute as obras *Gradações* (1897), de Carmen Dolores; *Celeste* (1893), de Délia e *Correio da Roça* (1913), de Julia Lopes de Almeida. Justifica as escolhas pela semelhança do foco das narrativas: “a construção da imagem da mulher” (FUKELMANN, 1994, p. 249). Salienta que a maioria das escritoras desse período provinha de “meios economicamente favorecidos”, que já eram alfabetizadas, bem como, enfatiza que:

Na construção imaginária o olhar é permeado por um conjunto complexo de fatores, envolvendo a história, a moral, os mitos e também dados autobiográficos, efeitos do cosmopolitismo em escritoras urbanas da fase da *Belle Époque* e a própria influência da leitura de obras literárias dificuldades na época (FUKELMANN, 1994, p. 249-251).

Nesse sentido, *Gradações* está repleto de mulheres burguesas, como a autora, mas, diferentemente de sua personalidade, as personagens são frágeis nas relações amorosas diante do domínio masculino, vivendo dramas pessoais.

Fukelmann (1994, p.250) ainda ressalta alguns aspectos estéticos do livro de Carmen Dolores, como a “[...] linguagem muitas vezes fluida, impressionista, que conduz com esta busca da própria identidade feminina, o registro de sensações íntimas [...]”; o entrelaçamento de duas tradições culturais e filosóficas, como “[...] o romantismo e o iluminismo filtrado pelo cientificismo”, marcados na dedicatória a Alberto de Oliveira seguida da citação de Lamartine; e o reconhecimento de que a autora estava “[...] imbuída da literatura naturalista” e absorveu o cientificismo que, “[...] diante da incógnita feminina, produz o discurso que legitima a sua inferioridade, somada à tradição romântica que também *resolve* miticamente a complexidade do feminino no estereótipo anjo x demônio, acaba representando a mulher mediante um conjunto de clichês”.

⁵⁵ Nele, sugere alargar o instrumental teórico, valorizar a interdisciplinaridade e criar novas categorias que deem conta da literatura produzida pela mulher do século XIX. Reafirma o número expressivo de obras produzidas na época, bem como a participação das escritoras na imprensa.

Rita Terezinha Schmidt, no capítulo intitulado “Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina”, publicado no livro *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*, organizado por Márcia Navarro (1995), ressalta a importância do trabalho de reedição de obras literárias raras, como resultado das pesquisas de “[...] tendência arqueológica que busca dar visibilidade à herança cultural no registro do feminino” (SCHMIDT, 1995, p. 183). Segundo a autora, entre 1987 e 1989, o Projeto Pró-Memória e Pró-Leitura, do MEC, em conjunto com o Instituto Nacional do Livro, editou várias obras de escritoras do século XIX, entre essas, *Gradações*, de Carmen Dolores.

Em 1997, Maria de Lourdes Eleutério defende a tese *Vidas de Romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entre séculos - 1890-1930*, na Universidade de São Paulo, a qual foi publicada em livro no ano de 2005.⁵⁶ Na obra, a autora contempla dezoito escritoras do período e, também, de uma perspectiva comparativista, coloca lado a lado Carmen Dolores e Andradina Andrade de Oliveira, usando como critério a semelhança de suas condições: viúvas que escreveram por necessidade financeira e foram mães de escritoras. Para ambas, a opção pelo trabalho com a literatura se dá pela “ausência de um marido que sustentasse a família” (ELEUTÉRIO, 2005, p. 226).

A pesquisadora também comenta os muitos equívocos sobre os dados biográficos registrados na literatura e acrescenta nomes ao círculo familiar de Carmen Dolores. Além disso, busca, na fortuna crítica, os elogios atribuídos à capacidade literária da autora, como o real talento, o desassombro varonil, a argumentação máscula, o espírito reivindicatório, o empenho no trabalho até seus últimos momentos, bem como a originalidade e a força de sua obra. Ressalta, ainda, o espaço privilegiado que ela tinha na primeira página de *O Paiz*. (ELEUTÉRIO, 2005, p. 228-229)

⁵⁶ Na apresentação do livro, Sergio Miceli (2005, p. 11) esclarece que a autora “buscou reconstruir os padrões variáveis das trajetórias das ‘mulheres letradas’, entre fins do século XIX e começo do XX, em função das oportunidades profissionais e expressivas que então se lhes apresentavam”. Comenta, também, as “intempéries de uma tumultuada vida familiar e afetiva, como que sublinhadas, em surdina, as variadas formas de sujeição e dependência a que estavam expostas essas escritoras, num quadro implacável de assimetria nas relações entre os sexos, no interior de círculos mais ou menos privilegiados da elite brasileira”.

Norma Telles, em 1999,⁵⁷ contribui, na obra *MULHER: Cinco séculos de desenvolvimento na América. Capítulo Brasil*, organizado por Sylvia Auad, com o capítulo “Escritoras brasileiras do século XIX”.⁵⁸ Ao enfatizar a luta dessas mulheres para escrever, naquele contexto, a crítica explica como elas encontraram estratégias para representar sua própria condição social. Entre as várias escritoras que comentam, ou criam personagens literárias representativas dessa realidade feminina no contexto social, Telles (1999, p. 326-328) comenta textos de Julia Lopes de Almeida, Narcisa Amália, Maria Benedita Bormann e Carmen Dolores. Sobre esta última, afirma: “Celina, personagem de Carmen Dolores, tentando se libertar da ‘escravidão’ que é seu casamento, inclina-se para um ex-namorado, para outro homem, mas não se decide, muda, e enquanto isto, está observando as suas próprias possibilidades” (TELLES, 1999, p. 329).

Outro texto crítico relevante sobre a obra de Carmen Dolores está no livro *A coreografia do desejo: cem anos de ficção brasileira*, de Maria Angélica Guimarães Lopes (2001). Na obra, composta por ensaios publicados anteriormente, ao longo de 15 anos de estudos críticos da literatura brasileira, Lopes (2001) contempla Carmen Dolores em dois capítulos: em *O crime da Galeria Crystal, em 1909: a*

⁵⁷ O mesmo texto já havia sido publicado em: TELLES, Norma. Escritoras brasileiras no século XIX. In: GOTLIB, Nádia Battella (org). *A mulher na literatura*. v. III., Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990. GT A Mulher na Literatura. IV Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em São Paulo, em julho de 1989.

⁵⁸ O texto trata das incursões femininas na literatura do século XIX, num contexto onde a criação artística era “um dom essencialmente masculino” e a mulher é vista como “força do bem, anjo do lar” quando é maternal e delicada, mas é vista como “monstro, bruxa, malvada ou decaída” quando “sai da esfera privada ou usurpa atividades que não lhe são culturalmente atribuídas”. Mesmo excluídas da participação na sociedade, de modos de assegurar sua própria sobrevivência, de uma educação superior, muitas mulheres escreveram, desobedecendo ao recato imposto e transgredindo o padrão cultural. Por meio da escrita, essas mulheres nos legaram uma “tradição de cultura feminina”, a qual “[...] se desenvolveu dentro da masculina dominante, com tensões que ameaçavam os equilíbrios simbólicos, com contrastes e compromissos” (TELLES, 1999, p. 326). E complementa: “através da educação, ou da literatura, a mulher no século” XIX aprendeu a “ser tola ou dissimulada, a se adequar a um retrato de si do qual não era autora. Excluída do processo de criação, encerrada na reprodução, era musa ou criatura, nunca criadora” (TELLES, 1999, p. 228).

jornalista como árbitro,⁵⁹ ela compara a atitude de Carmen Dolores a de Julia Lopes de Almeida quanto ao “rumoroso assassinio na São Paulo de 1909, através das crônicas para *O País* e outros jornais”; e, no capítulo intitulado “Carmen Dolores: Jornalismo, Literatura e feminismo na Bela Época Brasileira”,⁶⁰ ela tem como objetivo determinar a importância da autora no panorama da *Belle Époque*. Para tanto, em um estudo crítico mais aprofundado sobre as obras que as anteriores, Lopes (2001, p. 91) elenca características da sua ficção e do seu jornalismo, ressaltando que, com seus contos, conseguiu merecido prestígio entre seus contemporâneos, tanto leitores como críticos. Ressalta a inteligência e o vigor da autora polêmica que “não hesitou em atacar personagens e instituições em busca de um programa de vida condizente com a capacidade feminina” (LOPES, 2001, p. 16).

No capítulo em que insere Carmen Dolores no panorama da *Belle Époque*, Lopes (2001, p. 89-90) apresenta dados biográficos da autora, resgatados de Brito Broca e Raimundo de Menezes, assim como cita sua bibliografia em nota de rodapé. Lembra que Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida contribuíram para os grandes jornais brasileiros. Destaca, nas autoras, a inteligência, a inovação, a capacidade de trabalho e de reivindicação por mudanças, bem como o fato de terem conseguido equiparar seus salários aos dos cronistas homens. Lopes (2001, p. 90) considera Julia Lopes de Almeida mais contista, enquanto Carmen Dolores se destacou como jornalista, apesar do interesse literário, histórico e feminista que seus livros de contos despertaram.

Dos contos de *Gradações* e *Um drama na roça* diz que as histórias despertam “interesse dramático e análise psicológica”, e ressalta a “fina percepção quanto à condição feminina burguesa” (LOPES, 2001, p. 91).

A crítica reafirma, nesses capítulos, que Carmen Dolores construiu personagens femininas, colocando-se como autora implícita ao lado delas, atribuindo-lhe características que despertam o interesse feminista, como a angústia da perda da beleza juvenil em função do envelhecimento, o frescor da mocidade, a educação, o trabalho e o divórcio. Esses temas também estão presentes no livro de crônicas *Ao*

⁵⁹ Texto publicado anteriormente em revista. LOPES, Maria Angélica. O crime na galeria de crystal, em 1909: a jornalista como árbitro, p. 167-177. In: MUZART, Z. L. (org). *Revista Travessia*. Mulheres Século XIX. Florianópolis: UFSC, 1992.

⁶⁰ Texto publicado anteriormente em revista. LOPES, Maria Angélica. Carmen Dolores: jornalismo, literatura e feminismo na Bela Época brasileira. *Luso-Brazilian Review*, v. 26, n. 2, 1989, p. 75-85.

esvoaçar da ideia. Mas, apesar da semelhança temática, a autora soube trabalhar muito bem as formas individualmente.

Para Lopes (2001, p. 92), *Gradações* “é uma reunião de estudos psicológicos tão ao gosto finessecular”, nos quais a autora “cria um mundo sublunar em sua escuridão e imprecisão de contornos”, sem crianças nem jardins, onde mulheres são dominadas por paixões. *Um drama na roça*, por sua vez, “menos intimista, oferece maior escopo e variação de temas, personagens e cenários”. Nesses contos, ela “maneja multidões e estuda ‘temperamentos ao tentar recriar seu meio e sua época’”. Quanto às personagens, lembra que são, predominantemente, mulheres pertencentes à alta sociedade, fixadas em situações em que seguem as regras do jogo impostas pela convenção, movidas pela paixão e fortemente dependentes de personagens masculinas.

Sobre *Ao esvoaçar da ideia*, (LOPES, 2001, p. 96) escreve: “Essas crônicas não são as histórias ligeiras tão apreciadas no Brasil atual, mas ensaios de fôlego [...] nos quais a autora constrói e desenvolve argumento impressionante” sobre todos os assuntos polêmicos que levanta. Aliás, a crítica encontra, na atuação da jornalista, uma função social: o “dever [de] alertar leitores quanto a falhas sociais a serem corrigidas” (LOPES, 2001, p. 96).

Lopes (2001, p. 100) comenta ainda semelhanças e diferenças entre as cronistas Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida: escreveram para o mesmo jornal, *O Paiz*, pertenciam ao mesmo núcleo socioeconômico, ambas demonstravam seu patriotismo, defendiam as mesmas bandeiras feministas, com exceção do sufrágio feminino. Porém, nem sempre concordavam na interpretação de fatos ocorridos no contexto em que viviam e Lopes (2001, p. 106) justifica essa divergência de ponto de vista comentando as diferenças pessoais das duas escritoras jornalistas. Julia, casada e mãe feliz, recebia artistas e intelectuais em sua casa, e apenas precisava suplementar “o modesto ordenado do marido”; já Carmen Dolores era viúva com filhos, estava doente, já havia vivido vários desgostos familiares e precisava sustentar a família. No entanto, as duas trabalhavam seriamente, eram boas ficcionistas e jornalistas, além de formadoras de opinião.

Em 2007, Hilda A. Hübner Flores organiza a reedição do livro *Divórcio?*,⁶¹ publicado pela gaúcha Andradina de Oliveira⁶² em 1912. A

⁶¹ O livro leva o leitor a olhar para a realidade contextual com seus casamentos arranjados por interesses familiares e a usurpação dos direitos femininos; mulheres estigmatizadas fora do casamento, seu despreparo profissional e consequente falta de condições para sobreviver, o assédio sofrido pelas

autora do livro, contemporânea de Carmen Dolores, também esteve inserida na campanha em prol do divórcio que tramitava pelo Congresso Nacional nos primeiros anos de 1900. Talvez, o falecimento de Carmen Dolores, dois anos antes, atrelado à luta da cronista a favor do divórcio, tenha sido o motivo para a homenagem que recebeu de Andradina de Oliveira. Transcrevemos a elogiosa e poética dedicatória:

À Grande Evangelizadora:

À santa memória de Carmen Dolores

àquele grande coração de mulher que compreendeu todas as dores e avaliou todas as lágrimas;

àquele espírito superior que teve revoltas santas para todas as injustiças;

àquela mentalidade soberba que glorificou o nosso sexo;

àquela figura denodada que, na literatura brasileira, assinalou a sua passagem com um jorro de luz;

- eu, fraca batalhadora da mesma causa que houve as fulgurações da mais bela inteligência feminina contemporânea, que foi a sua...

eu, sofredora campeã do Feminismo, aqui, neste pedaço pujante do Brasil, que é o Rio Grande do Sul, a minha terra!

Consagro este livro que, se não tem o valor das obras dos mestres, nem a pujança e bizarria de um estilo literário, como o seu, tem ao menos o mérito da sinceridade de uma alma bem irmã da sua.

Andradina

(OLIVEIRA, 2007, p. 25)

No discurso autodescritivo de Andradina, assim como o foi no discurso da cronista carioca, podemos ler um tom de humildade ao se colocar como feminista na luta pela bandeira do divórcio. A diferença

operárias e o desemprego quando engravidavam, a infidelidade dos maridos e as doenças transmitidas sexualmente para as esposas, o abandono das mulheres velhas mendigando pelas ruas e todos os espaços depositários da miséria humana onde lágrimas eram derramadas silenciosamente.

⁶² Andradina de Oliveira, no livro *Divórcio?*, chama mulheres e homens brasileiros a refletir sobre o divórcio como uma “sã solução para casos de depravação moral, de casamentos mal construídos ou desestruturados, vivendo sem harmonia e em condições prejudiciais para a prole” (Cf. FLORES, Hilda. *Introdução*, p. 16).

entre as duas, a nosso ver, está na permanente ironia de Carmen Dolores ao fazer tais autodescrições, que não percebemos na escritora rio-grandense.

Sentindo-se irmanada pela luta, em capítulos construídos sob a forma de cartas, Andradina ainda cita Carmen Dolores em epígrafes e, no texto de uma carta, a escritora é lembrada ao lado de Myrtes Campos como defensoras da questão do divórcio pelos jornais (OLIVEIRA, 2007, p. 37). Assim como, na carta destinada à Ignez, Carmen Dolores volta a ser lembrada como uma pena que patrocina, com entusiasmo, a causa do divórcio.

Flores (2007, p. 25), organizadora da reedição do livro, acrescenta dados biográficos e bibliográficos de Carmen Dolores em nota de rodapé. O que causa estranhamento nesses dados é ela ter apresentado a autora também como biógrafa e não citar nenhuma obra biográfica produzida pela escritora.

Como em um dos capítulos do livro de Lopes (2001), Regina Félix (2007), na obra *Sedução e Heroísmo: imaginação de mulher. Entre a República das letras e a Belle Époque (1884-1911)*, também contempla Carmen Dolores, no seu estudo sobre a atuação pública de mulheres escritoras brasileiras no período da *Belle Époque* brasileira.

Félix (2007) transita, de forma interdisciplinar, entre dados da história, da sociologia, da filosofia e, principalmente, da crítica literária feminista. Para tanto, também se vale dos pressupostos do comparativismo⁶³ e analisa o estilo, as imagens da cultura literária emitidas nas narrativas ficcionais de Maria Benedita Bormann (Délia) e Emilia Moncorvo Bandeira de Melo (Carmen Dolores), respectivamente, nos livros *Duas Irmãs* e *Celeste; Gradações* e *A luta*.

Para Félix (2007, p.37-38), Bormann e Melo penetram no imaginário da *Belle Époque* brasileira, com seus abismos de miséria,

⁶³ Como critérios comparativos entre as quatro narrativas, a crítica aponta quatro aspectos dos melodramas, como ela os considera: 1) as personagens vivem os seus infortúnios corriqueiros, protestam contra o cerceamento de suas liberdades; 2) as protagonistas não apenas cumprem sua trajetória na trama, mas encenam performaticamente; como no teatro, “aparecem em público como o centro das atenções; na intimidade posam como num estúdio, sendo retratadas; movimentam-se, imprimindo à tensão do texto uma inquietação espacial errante”; 3) impelidas a defender um posicionamento diante dos debates, as protagonistas criam um debate no qual a personagem se faz visível e se pronuncia; 4) o tom melodramático folhetinesco, abordando o tema da condição feminina numa narrativa sentimental tinha boa aceitação pelo público leitor. (FÉLIX, 2007, p. 39)

formado por “uma ilha de letrados num mar de analfabetos”, que tinha a França como modelo, mas ocultava realidades, imagens de “outras mulheres”: viúvas, solteiras, separadas que precisavam trabalhar para sobreviver, companheiras de bigamos, mancebas de padres, concubinas de um primo casado, enfim, mulheres indisciplinadas que viviam uma sexualidade diversa do imposto pelo sistema patriarcal. Elas penetraram nesse imaginário do “bovarismo nacional” e

[...] tomaram para si a missão de iniciar a discussão do papel da mulher e do homem para além do molde familiar, discussão crucial na economia do primado masculino. Por isso, as escritoras apresentam preocupação com a atividade intelectual de suas protagonistas e com as leituras através das quais se formam. Em última instância, as narrativas exibem uma **reformulação bovárica** da ‘realidade’ das personagens – confronto que põe lado a lado o *script* patriarcal do romance e a situação que preferem remodelar a partir de um imaginário próprio (FÉLIX, 2007, p. 38 [grifo da autora]).

No capítulo 3, dedicado à Emilia, a crítica começa apresentando a autora e sua bibliografia, fundamentada no obituário publicado em *O Paiz*, no *Diário íntimo* de Lima Barreto, em Gilberto Amado (1958) e na dissertação de Paola Bustamante (1993).⁶⁴ Talvez, por isso, repita alguns equívocos biográficos como o pseudônimo Julia de Castro e o fato de só ter uma filha (FÉLIX, 2007, p.79), também cometidos pelos historiadores e críticos canônicos que ela toma como fonte secundária.

O que nos chama a atenção nessa obra é que Félix (2007), diferentemente da maioria dos críticos, prefere se referir à autora pelo seu nome civil, e não pelo pseudônimo, Carmen Dolores, como a maioria dos críticos literários. Essa escolha evidencia sua preocupação com a mulher que de fato criou não só as obras literárias e jornalísticas, mas também os próprios pseudônimos, como o fez Celuta Gomes (1977).

Félix (2007, p.80-96) faz, ainda, uma análise das obras *Gradações* e *A luta* da perspectiva feminista, bem como ressalta o prestígio e a reputação conquistados por Carmen Dolores com sua coluna semanal de crônicas em *O Paiz*. Além disso, procura mostrar, com este estudo, como Bormann e Melo “usaram a imaginação narrativa para figurar a saída da mulher da casa patriarcal e sua entrada na arena

⁶⁴ A dissertação será comentada mais a frente, neste capítulo.

discursiva” (FÉLIX, 2007, p.117). Além disso, as duas autoras estudadas “problematizaram questões relativas à inserção da mulher na família” e “revelaram sua condição de objeto e ao mesmo tempo de receptoras da cultura letrada patriarcal” (FÉLIX, 2007, p.120).

A crítica conclui a comparação entre as autoras com uma semelhança entre elas que denota sua coragem e seu pioneirismo nessa forma de escrita ficcional em que a mulher reflete a sua própria condição feminina de existir: “Maria Benedita Bormann e Emilia Bandeira de Melo são pioneiras em se desnudar como sujeito de um discurso cujo objeto central é imediatamente reconhecido por sua condição de mulheres – com mágoas e aflições de certíssimo futuro” (FÉLIX, 2007, p.123).

Em 2008, Raquel Soihet e Flávia Esteves escrevem um dos capítulos do livro *Vozes Femininas do Império e da República*,⁶⁵ intitulado “Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século”.⁶⁶ Soihet e Esteves (2008) trazem para a obra o pensamento de Carmen Dolores, intelectual e literata brasileira da virada no século XIX para o XX que, pela sua trajetória de vida e atuação no espaço público, foi uma das pioneiras a demarcar um espaço para mulheres.

Diferentemente das pesquisas anteriores que privilegiaram a análise das narrativas ficcionais de Carmen Dolores, Soihet e Esteves (2008) analisam crônicas da autora publicadas em jornais. Ao comentar a crônica em que a autora se refere à famosa conferência de Enrico Ferri,⁶⁷ as pesquisadoras entendem que ela se contrapõe ao conferencista, usa de ironia quando fala do silêncio da assistência predominantemente feminino e mostra-se indignada com suas afirmações sobre a maternidade como única e especial função da mulher. Assim, ela teria antecipado, nos seus argumentos, o pensamento

⁶⁵ O livro organizado por Yolanda Lobo e Lia Faria (2008) discute o papel desempenhado por mulheres na formulação e implementação de políticas educacionais no Brasil e em Portugal, bem como esclarece os leitores sobre formas de aprendizagem das meninas e moças, tanto no espaço doméstico como preceptoras, quanto em escolas construídas para elas. Resultante de pesquisas acadêmicas desenvolvidas por várias autoras, as quais, no conjunto, desvelam o espaço feminino na área da educação e da cultura durante o período do Império e do início da República.

⁶⁶ Também publicado em revista: SOIHET, Raquel. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. *La manzana de la discordia*, diciembre, ano 2, n. 8, 2009, p. 33-42.

⁶⁷ A conferência gerou muitas polêmicas na época, pois reafirma uma posição patriarcal sobre a condição feminina, sendo comentada por vários cronistas.

de Simone de Beauvoir, a qual afirmou, em 1949, a inexistência do instinto maternal. Além dessas contraposições ao conferencista, Carmen Dolores aponta como razão principal para a frivolidade feminina, afirmada pelo sociólogo, as diferenças entre a educação dos meninos e meninas, já que a educação que elas recebiam é que as transformava em “bonecas inúteis”. Dessa forma, a cronista estaria alinhavada com outras escritoras que, desde o século XIX, lutavam pela educação para a mulher equiparada a dos homens. (SOIHET e ESTEVES, 2008, p.148-149)

Por outro lado, Soihet e Esteves (2008, p.150) encontram em outras crônicas da autora um conservadorismo e até certo moralismo quando se refere ao comportamento de moças em espaços públicos, ou envolvidas em fatos ilícitos – o que não se percebe quando comenta comportamentos masculinos em situações semelhantes.

Entre os muitos aspectos positivos do trabalho desenvolvido por essas pesquisadoras, questionamos apenas a afirmação de que ela seguiu uma prática comum entre mulheres no século XIX – de usar o pseudônimo masculino, Leonel Sampaio, para esconder sua identidade ao escrever crítica literária. (SOIHET e ESTEVES, 2008, p. 145) Em primeiro lugar porque as pesquisadoras não nos apresentam a crítica efetivamente escrita pela autora, usando o pseudônimo Leonel Sampaio. A ideia de que ela tivesse escrito crítica literária no jornal *A Tribuna* com esse pseudônimo masculino foi difundida por alguns historiadores, porém os textos de crítica não foram analisados por nenhum deles. Em nossa pesquisa, nos empenhamos na busca pelos exemplares do referido jornal em várias bibliotecas e arquivos brasileiros, mas não os encontramos em nenhum deles. O que encontramos publicado com o pseudônimo Leonel Sampaio são contos e não textos de crítica, os quais serão analisados no próximo capítulo. Contudo, identificamos vários textos de crítica publicados com o pseudônimo de Carmen Dolores.

Também Maria do Rosário Alves Pereira se ocupa do estudo da crônica de algumas escritoras, no capítulo “Breve incursão sobre a crônica brasileira de autoria feminina”, incluído no livro *Falas do Outro: literatura, gênero, etnicidade*, organizado por Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte e Marcos Antônio Alexandre (2010).

Pereira (2010) resgata, entre as cronistas do século XIX, além de várias fundadoras de jornais femininos, Nísia Floresta e Júlia Lopes de Almeida, mas inclui Carmen Dolores entre as cronistas do século XX e a considera uma “escritora fundamental para compreendermos a dimensão que a crônica feminina assume a partir [...]” daquele período. (PEREIRA, 2010, p.248) A pesquisadora lembra as diversas atuações da

escritora, porém continua repetindo o equívoco de que tenha escrito poesia, assim como é um engano que ela tenha sido “pioneira na luta pela educação feminina”. Ela foi mais uma grande contribuição nessa luta, mas outras a antecederam desde o início do século XIX, como, por exemplo, Nísia Floresta. Lembrando ainda os muitos temas que a cronista abordou, Pereira (2010, p.248) afirma: “Nota-se que em Carmen Dolores já se encontra um pensamento crítico acerca da condição da mulher”.

Zahidé Muzart (2011), por sua vez, ao falar sobre o modo como as escritoras do século XIX buscavam sair do obscurantismo, no capítulo “A ascensão das mulheres no romance”, do livro *A escritura no feminino: aproximações*, organizado por Aline Arruda e outros, inclui Carmen Dolores entre as escritoras do século XIX que deixaram obra consistente. Acrescenta que as escritoras desse período “preocuparam-se com a divulgação de suas obras e muito lutaram igualmente para serem percebidas pelos críticos literários da época” (MUZART, 2011, p. 24).

2.2.2 Carmen Dolores em antologias e dicionários de autoria feminina

Vários foram os empreendimentos em pesquisa, elaborados por mulheres, que visaram resgatar obras de autoras brasileiras no intuito de construir antologias e dicionários que contemplam a produção de autoria feminina. Porém, as primeiras resgataram dados biográficos de mulheres que se destacaram em diversas funções, algumas delas escritoras, como *Mulheres Ilustres do Brasil* (1899), de Inez Sabino, no qual a autora se empenha para trazer à luz mulheres relegadas ao esquecimento. Ou, ainda, *A mulher na Literatura* (1929), de Maria Rita Soares de Andrade e o *Dicionário Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil* (1969), de Adalzira Bittencourt⁶⁸, entre outros já referidos por nós no início deste capítulo. Carmen Dolores, contudo, não foi contemplada entre as escritoras do século XIX pelas duas primeiras obras anteriores. No entanto, várias outras antologias e dicionários, resultantes de pesquisas acadêmicas mais recentes, não só a resgatam do esquecimento, como também analisam seus textos literários e jornalísticos. Embora as grandes dificuldades de encontrar dados sobre autoras já falecidas e suas obras hoje raras, provavelmente, levaram

⁶⁸ Desta obra, constituída de vários volumes, encontramos apenas o volume onde Adalzira Bittencourt menciona Emilia Moncorvo Bandeira de Mello e remete o leitor ao volume onde consta Carmen Dolores. Mas este volume n

muitas pesquisadoras a também usar fontes secundárias e, consequentemente, repetir equívocos sobre biografias e obras.

Heloísa Buarque de Hollanda e Lucia Nascimento Araújo publicaram, em 1993, *Ensaístas Brasileiras. Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*.⁶⁹ Na parte em que as autoras fazem o mapeamento do conjunto de práticas críticas, no qual as mulheres se envolveram desde o século XIX até a primeira metade do XX, quando a pesquisa acadêmica começa a profissionalizar-se no país, há um verbete dedicado à Emilia Moncorvo Bandeira de Melo, no qual continuam repetindo equívocos sobre dados biográficos e obras, tendo como referência o Dicionário de E. L. B. Menezes, ou seja, a indefinição do local e a data equivocada do nascimento. Quanto às obras, deixam entender que *A Semana* era uma coluna só de crítica e que foi toda reunida no livro *Ao esvoaçar da ideia*. Entre os gêneros literários publicados pela autora inclui a poesia, coloca *Um drama na Roça* como romance – dados que não condizem com a verdade, como já esclarecemos anteriormente. Além disso, as obras *Almas complexas* e *Lendas brasileiras* estão sem data de publicação e, quanto aos pseudônimos, não cita Mario Villar e Celia Marcia, assim como repete o equívoco: “Julia de Castro”. (HOLLANDA e ARAÚJO, 1993, p. 105)

Tendo por base os textos de Maria Angélica Lopes; Lucia Miguel-Pereira; Elódia Xavier e Raimundo de Meneses, Valéria Andrade Souto-Maior, no seu *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*,⁷⁰ inclui Emilia Moncorvo Bandeira de Melo entre as dramaturgas brasileiras do século XIX informando a representação da peça *O desencontro* no Teatro João Caetano, do Rio de Janeiro, em 1908. Não informa as outras representações, e continua repetindo os equívocos sobre local de nascimento, data de falecimento, uso do

⁶⁹ Na introdução, as autoras esclarecem que buscaram fazer um registro bibliográfico da “trajetória da crítica realizada por mulheres” desde o século XIX até o seu momento presente. Para tanto, se valeram das várias “práticas onde o pensamento feminino sobre a literatura e as artes tenham se desenvolvido e circulado”, definindo como campo de pesquisa – realizada, muitas vezes, em espaços marginais e diversificados – as “letras e das artes, englobando a reflexão sobre a literatura, a música, o teatro, a dança, o cinema e as artes plásticas”(HOLLANDA; ARAÚJO, 1993).

⁷⁰ A obra reúne dados sobre 54 dramaturgas brasileiras e foi construída para servir como “instrumento auxiliar no trabalho de resgate da dramaturgia brasileira de autoria feminina [...] e reintegração dessas escritoras à história literária/teatral brasileira” (SOUTO-MAIOR, 1996, p. 15).

pseudônimo Julia de Castro e que foi poetisa. (SOUTO-MAIOR, 1996, p. 31)

Hilda Flores, em 1999, publica o *Dicionário de Mulheres* e, entre os 3330 verbetes, “na maioria de autoras de produção literária ou científica, que escreveram desde o Brasil Império e se multiplicaram fartamente na segunda metade do século XX”, a pesquisadora também inclui Emilia Moncorvo Bandeira de Melo e informa apenas três pseudônimos, entre eles, o equivocado Júlia de Castro. Assim como permanece a indefinição do local de nascimento e a atuação como poetisa, *Um drama na roça* como romance, *Lendas Brasileiras* sem data, *Almas complexas* como sendo de 1939. Ela ainda lembra sua relação com a escritora Cecília Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos. (FLORES, 1999, p. 333-334)

Por sua vez, Eliane Vasconcellos, em 1999, realizou extensa pesquisa sobre biografia e obra de Carmen Dolores como colaboração no projeto coletivo de produção da antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*,⁷¹ organizado por Zahidé Muzart (1999). No texto ensaístico faz referência aos equívocos sobre sua biografia e obra e tenta corrigi-los, com notas de rodapé explicativas que apontam para as divergências de registros entre autores anteriores. Justifica a atitude de Carmen Dolores em escrever até seus últimos dias: “Certamente tal atitude se explicasse pela sua consciência de que, para os homens, as mulheres são frágeis e, assim, obrigara-se a tornar-se um exemplo contrário” (VASCONCELLOS, 2000, p. 501). Estranhamente, também diz que ela se dedicou à poesia, sem citar qualquer obra escrita em versos.

A pesquisadora comenta o processo de criação da autora, entre outras questões reveladas no “Almanaque”, de *O Paiz*, o que diferencia sua pesquisa das anteriores. Analisa suas obras ressaltando a boa receptividade da crítica da época e com a propriedade de quem foi ao

⁷¹ Nara Araújo, que escreve a apresentação do volume I dessa antologia, diz que a obra “se inscreve no trabalho de arqueologia literária, tão própria da crítica feminista” e resulta do empenho de um grupo de pesquisadoras feministas, ligadas a diversas instituições acadêmicas brasileiras e ao GT Mulher e Literatura, da ANPOLL, que trabalhou em um projeto integrado e coordenado por Zahidé Muzart. “O eixo do livro é a produção feminina no Brasil do século XIX”, e o *corpus* é lido “de uma perspectiva múltipla: do gênero, da história das mentalidades e da história cultural” (Cf. ARAÚJO, *apud* MUZART (org). 1999, p. 13-16). Só no volume I são 52 escritoras. A antologia completa é composta por três volumes e apresenta autoras de norte a sul do país, introduzidas por biografia, ensaio crítico, bibliografia e representativa amostragem da prosa literária e jornalística, do ensaio, das memórias e da poesia das mesmas.

texto literário, apesar de também se valer da fortuna crítica da autora. Na análise dos contos, remete perspectiva inovadora da visão feminina, passível de “modificar até em algum caso a concepção cultural divulgada e tida como verdadeira para a época” (VASCONCELLOS, 2000, p. 501-502).

O aspecto mais interessante de nossa perspectiva, levantado por Vasconcellos (2000, p. 506) na análise dos contos, é o que diz sobre ‘Jornal de uma feminista’, de *Almas complexas*, na qual

[...] tem-se uma narrativa que se situa entre o conto e a crônica, em que a fabulação não chega sequer a se levantar do terreno descritivo da crônica, como se a narradora estivesse registrando um fato cotidiano, não verossímil, mas real, que poderia ter acontecido por ela mesma. Entretanto, o interesse da narrativa parece real, para o que concorre o uso da 1ª pessoa, a intromissão de dados que caracterizam a própria Carmen Dolores, como o feminismo, o jornalismo, enfim elementos quase biográficos que se entremesclam com os do possível imaginário. Isto salva o seu conto, vazado numa linguagem de cronista, tratando de temas pessoais, embora com ironia, como é o caso da referência ao feminismo (VASCONCELLOS, 2000, p. 506).

Carmen Dolores trabalhou nesse entre-lugar da escritura, entre o conto e a crônica, entre o literário e o jornalístico, entre o real e o ficcional, que se hibridizam, como se fossem duas faces de uma mesma moeda. Como continua a ensaísta:

Numa linguagem que se opõe à das narrativas de ficção, a crônica se situa a meio caminho entre a ficção e a realidade, permitindo que assuntos ‘menos nobres’ e sem tradição literária se tornem dignos de registro. Carmen Dolores se tornou, sem dúvida, uma das iniciadoras na literatura brasileira, continuando, sob a ótica feminina, a grande contribuição de Machado de Assis. Com suas crônicas abria para os leitores, no fluxo de uma linguagem também dividida entre o fazer literário e o registro jornalístico, toda uma vertente de conhecimento dos vários níveis sociais; em qualquer deles a mulher tinha sempre um tratamento que a situava no âmbito mesmo das possíveis discussões sobre o feminismo (VASCONCELLOS, 2000, p.507).

Quanto à data de publicação de suas obras, continua datando a 1ª edição de *Lendas brasileiras* como 1914, e já esclarecemos que é de 1908, talvez por isso o seu saci-sererê divirja do personagem publicado por Monteiro Lobato, em 1921, ou mesmo, da pesquisa sobre versões do saci em 1915. O dela tinha duas pernas e parecia um bruxo, o que “mostra que sua temática vinha do imaginário popular” (VASCONCELLOS, 2000, p. 533).

Em nota de rodapé diz que Carmen Dolores faz referência a *Almas complexas* na crônica de 07 de fevereiro de 1909. Além de obras da autora, lista uma bibliografia de sua fortuna crítica. E, na continuidade, apresenta excertos de “Duelo”, em *Gradações*, “Um drama na roça”, do homônimo *Um drama na roça*, “Um protesto”, de *Ao esvoaçar da ideia* e “O saci-sererê”, de *Lendas Brasileiras*. (VASCONCELLOS, 2000, p. 500-533)

Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil trouxeram seu *Dicionário Mulheres do Brasil – de 1500 até a atualidade com 270 ilustrações* a público no ano 2000. Nele, incluem um verbete sobre Carmen Dolores, organizado a partir de dados biográficos, informações sobre as obras e colaboração em jornais presentes no capítulo introdutório do livro *Carmen Dolores – crônicas de 1905-1910*, organizado por Eliane Vasconcellos, e publicado dois anos antes. Sobre sua obra em crônicas afirma:

As crônicas de Carmen Dolores são preciosos documentos de uma época em que as mulheres estavam circunscritas ao espaço privado, tornando-se assim uma pioneira, ao expor na grande imprensa temas como a educação da mulher, a defesa de seu ingresso no mercado de trabalho, a defesa do divórcio (SCHUMACHER, BRAZIL, 2000, p.132-133).

De fato, são temas abordados por Carmen Dolores, mas é preciso lembrar novamente que, antes dela, ainda no século XIX, outras escritoras defenderam a questão do direito à educação e ao trabalho remunerado. Contudo, concordamos com os pesquisadores quando afirmam que o

[...] pensamento expressado em suas crônicas revela a limitação de sua concepção de libertação feminina. Marca, porém, para as mulheres uma conquista importante de espaço na imprensa, o que certamente, contribuiu para formar opiniões favoráveis às numerosas teses defendidas pela escritora (SCHUMACHER, BRAZIL, 2000 p. 133).

No entanto, mais à frente os dicionaristas se contradizem: “Escritora e jornalista que, a partir da virada do século XX, atuou na grande imprensa, onde defendia a educação feminina, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e o direito ao voto e ao divórcio” (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000 p.140). Carmen Dolores não aderiu à luta pelo sufrágio feminino, como eles já haviam afirmado antes.

Nelly Novaes Coelho, por sua vez, no seu *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, publicado em 2002, contempla Carmen Dolores em um verbete produzido a partir das informações contidas em *A vida literária no Brasil 1900*, de Brito Broca, e *Prosa de ficção*, de Lucia Miguel-Pereira. Reafirma sua personalidade forte, corajosa, sua intenção feminista, seu início de carreira por diletantismo e, depois, por necessidade, seu dinamismo como jornalista e a apresenta pela sua multifacetada atuação: romancista, contista, cronista, crítica literária e conferencista. O ponto negativo é ainda a repetição equivocada de dados biográficos e referentes à publicação de suas obras: nascimento em São Paulo e falecimento em 13 de agosto de 1911; atribui a coluna A Semana ao *Correio da Manhã*; refere-se a *Um drama na roça* como romance (COELHO, 2002, p.104). Tudo isso comprova que, em pleno século XXI, a escritora continua não sendo lida pela maioria e que a busca de fontes primárias ainda é válida.

Quando o volume II da antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*,⁷² organizado por Zahidé Muzart, foi publicado, em 2004, Eliane Vasconcellos (2004) explana sua pesquisa sobre Chrysanthème e, percebendo a presença forte de Carmen Dolores na vida da filha, a pesquisadora escolhe uma das várias crônicas de Chrysanthème em que ela fala sobre o valor da obra da mãe e o rápido esquecimento dos brasileiros “ingratos para com os que lhe engrandecem a pátria” (CHRYSANTHÈME, 18 ago.1919, p.4).

Em 2006, Luiza Lobo também publicou um *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Nele, inclui Carmen Dolores (como pseudônimo de Emilia M. B. de Mello) entre as escritoras brasileiras e

⁷² Nessa obra, elaborada por um grupo de pesquisadoras de universidades brasileiras de diversas regiões, que empreendeu uma verdadeira “escavação do passado” durante quase duas décadas, podemos constatar, além do quanto as mulheres produziram literatura, que o trabalho de resgate dessas autoras e obras é uma questão de gênero, de política, e é também social, pois resulta de uma atitude feminista crítica e reflexiva. O que as pesquisadoras promovem é a reescrita das histórias da literatura brasileira do século XIX e da historiografia produzida no século XX.

reúne informações sobre sua biografia e obras a partir do dicionário de Nelly Novaes Coelho, da Enciclopédia de A. Coutinho e J. G. de Sousa, assim como do artigo e do prefácio em *Gradações*, de Maria Angélica Lopes. Apesar do esforço em reunir mais dados biográficos e sobre sua obra do que em outros dicionários anteriores, a partir dessas fontes é natural que repita equívocos sobre sua biografia e obras. Por exemplo: o nascimento em 11 ou 13 de março de 1852; ter sido poetisa; além de dar a entender que só teve Chrysanthème como filha.

Lobo (2006) compara os contos de *Gradações* à moda das novelas italianas pela semelhança das personagens e os temas interligados. Afirma que Coelho Neto a coloca na escola naturalista e explica sua filiação ao naturalismo das situações e ao estilo decadentista – simbolista ou impressionista do início do século XX e a compara a Raul Pompéia e João do Rio. Comete novo equívoco ao afirmar sua colaboração na coluna A Semana, de *O Paiz*, entre 1908 e 1910. Nas crônicas sobre o Rio, compara seu estilo “leve da bela época” ao de João do Rio e Benjamin Costallat. (LOBO, 2006, p.70).

Lobo (2006) ainda tece rápidos comentários críticos sobre suas obras, mas fica evidente que a análise crítica apresentada não está fundamentada na sua leitura das obras da autora, mas das leituras que fez de outros textos críticos. Por exemplo, ao falar do livro de contos *Lendas brasileiras*, afirma: “Único livro de autoria feminina que o Frei Pedro Sinzig inclui em seu livro *Através dos romances* (1915), por considerar imoral” (LOBO, 2006, p.70). Esse é o risco de reproduzir leituras equivocadas. Como já comentamos anteriormente, Sinzig (1915) comenta tanto *A luta* – o qual é considerado imoral, quanto *Lendas brasileiras*, considerado por ele aceitável apesar de pequenos senões.

Ainda como bibliografia de Carmen Dolores, ela apresenta como antologia o livro *Brazilian Tales*, organizado por Isaac Goldenberg, no qual está inserido o conto *Aunt Zeze's tear*, segundo Lobo (2006, p.70), retirado de *Um drama na roça* e a tradução seria de M. Afonso Bandeira de Melo. Também essa informação de que o conto *Aunt Zeze's tears* estaria na coletânea de *Um drama na roça* é equivocada, pelo menos na versão publicada no Brasil. O mesmo ocorre na afirmação de que “seus últimos três romances são póstumos” (LOBO, 2006, p. 69), o que deixa o leitor pensar que ela escreve mais de um romance. Como aspecto positivo, a historiadora apresenta, em seguida, uma lista considerável de bibliografia sobre Carmen Dolores, por ser muito útil para pesquisadores acadêmicos.

2.2.3 Os textos críticos em revistas, congressos e seminários

Retomando a ideia, já discutida aqui, de que a crítica literária se instituiu inicialmente em periódicos e só mais tarde ganha o respaldo científico com os estudos acadêmicos, curiosamente, esse saber produzido nas universidades, nos cursos de pós-graduação em Literatura e Teoria Literária, a partir da segunda metade do século XX, voltam a se valer de periódicos, agora especializados, como meio de divulgação e diálogo entre os pesquisadores da área.

Até o início da década de 2000, Carmen Dolores raramente foi o foco de um artigo científico publicado em algum periódico acadêmico. Além do artigo de Maria Angélica Guimarães, “Desafio materno: A luta, de Carmen Dolores”, publicado na revista *Letras de Hoje* em 1998, o qual foi republicado no capítulo introdutório da reedição do romance *A luta*, somente em 2009 outro artigo se ocupa exclusivamente de sua obra: “Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século”, de Raquel Soihet e Flávia Esteves, o qual já comentamos, anteriormente, ao falar do livro *Vozes Femininas do Império e da República*.

No entanto, Carmen Dolores aparece em vários outros estudos publicados em revistas, normalmente sendo comparada a outras escritoras também excluídas do cânone, ou quando as pesquisadoras abordam alguma temática comum do período da *Belle Époque*, em que a escritora também se fez ouvir.

Margarete Rago (2013) tem publicado na página da internet “História Cultural” da UNICAMP, um artigo intitulado “Cultura feminina e tradição literária no Brasil”,⁷³ no qual discorre sobre o silenciamento da produção de autoria feminina. No artigo, ela analisa “discursos de algumas escritoras pouco conhecidas até o presente momento, que, na escrita literária, encontraram maior espaço para expressão de seu modo de pensar e um meio de participar das discussões que animavam a vida social e cultural de seu tempo” (RAGO, 2013, p.1), no período entre 1900 e 1932. A partir do critério de semelhança temática,⁷⁴ compara romances de Elisa Teixeira de Abreu, Carmen

⁷³ A autora esclarece que outra versão desse artigo foi publicada como “A subjetividade feminina entre o desejo e a norma”, na *Revista Brasileira de História*, ANPUH, n. 28, Marco Zero, 1995.

⁷⁴ Para a autora, esses romances permitem ver as transformações urbanas do início de 1900 e as experiências da nova mulher vivendo relações afetivas e sexuais, participando ativamente do espaço público, insubordinando-se contra o

Dolores e Lola de Oliveira, como “[...] três momentos distintos na constituição da subjetividade feminina moderna” (RAGO, 2013, p. 2).

A pesquisadora confirma a dificuldade de encontrar dados biográficos, bem como as próprias obras dessas escritoras e acaba repetindo equívocos publicados por Luiz Correia Melo (1954), apesar de explicar que pesquisas recentes afirmam que Carmen Dolores era bastante conhecida no seu tempo em várias regiões brasileiras.

Sobre o romance *A luta*, comenta os conflitos vividos pela protagonista Celina, dividida entre o amor e as volúpias do desejo; o casamento como um lugar de infelicidade (contrariando o discurso médico da época) com sua rotina morna e opressiva e as fantasias da liberdade sexual, da independência econômica, em meio às pressões sociais e familiares, os deveres da maternidade, a segurança desse casamento desinteressante e a sua tentativa de adultério.

Rosa Maria de Carvalho Gens (2013) também publicou um artigo em página da internet com o título “Escritoras no Rio de Janeiro: Carmen Dolores e Cecília Vasconcelos”, da perspectiva do comparativismo, estabelecendo como marco de observação o tempo e o território da cidade, ou melhor, “a ligação que as mulheres tinham com a cidade do Rio de Janeiro, a maneira como palmilhavam – ou não – o espaço geográfico da cidade [que] deixa entrever a compreensão do tecido social e assegura a compreensão de práticas de relacionamento” (GENS, 2013, p.1).

Gens (2013, p.1) apresenta as autoras e suas obras (ainda repetindo os mesmos equívocos de quem consulta fontes secundárias); reafirma o espaço intelectual conquistado por Carmen Dolores nas colunas de jornal, em livros e em conferências; além disso, comenta que “deixou a sua voz eternizada, apontando para uma determinada imagem de mulher”. Uma de suas afirmações, no entanto, nos parece vaga: “Sua obra, que pode parecer aos nossos olhos fim-de-século XX suave, foi

antigo ideal de feminilidade vigente, a crítica da figura tradicional da mulher passiva, submissa, valorização da sua independência, autonomia e determinação e a influência da moda europeia e norte-americana. As escritoras deixaram suas marcas sobre esse crescimento urbano, a expansão industrial, a modernização dos costumes e, com seu modo de dramatização específico, interferiram nos rumos de construção cultural do país, especialmente no que se refere à moral sexual, ao casamento, ao adultério e ao desejo sexual.

duramente atacada, ao exibir uma representação do feminino distante do retrato existente no circuito tradicional” (GENS, 2013, p.1). Como não explica quem a atacou, acreditamos que se refira ao ataque de Frei Pedro Sinzig, pois o silenciamento sobre sua obra foi muito mais marcante do que esse ataque.

Na análise do romance *A luta*, essa pesquisadora aborda questões⁷⁵ como: “o tema do casamento como núcleo e, periféricamente, o da educação da mulher vinculada à hipocrisia da sociedade”; estruturas familiares centradas em figuras femininas colocadas em oposição: D. Adozinha, permissiva, com sua casa caracterizada como espaço aberto, cercada pela natureza exuberante; por outro lado, a casa virtuosa na área urbana com suas portas fechadas, estruturada por regras e D. Margarida, severa e rígida. A cidade do Rio de Janeiro, que começa a ser frequentada pelo elemento feminino quando autorizado pelo homem, “um local de lazer, por onde se faziam excursões e passeios” (GENS, 2013, p.2).

A ensaísta ressalta o esmero de Carmen Dolores na descrição impressionista da natureza e a cidade enquanto paisagem. Identifica o comportamento de personagens, demarcadas através das referências geográficas, como, por exemplo, a cidade que se fecha em fronteiras, em organização moral. “A ideia de saneamento e a higiene deve imperar no traçado urbano e também nas relações de constituição familiar” (GENS, 2013, p.3).

Outro artigo escrito do ponto de vista da comparação entre autoras da *Belle Époque*, de reconhecida importância na sua época e esquecidas nos nossos dias, é o de Raquel Soihet (2001), intitulado “Comparando escritos: Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores”. Para a historiadora, elas são

[...] duas escritoras mulheres, dois estilos distintos. Julia mais moderada, Carmen Dolores mais tempestuosa. O que não significa que ambas não manifestassem contradições, ambiguidades, ao mesmo tempo em que, em outros momentos, expusessem ideias questionadas do estado de coisas vigentes (SOIHET, 2001, p.106).

Enquanto de Julia Lopes de Almeida analisa seus romances e livros de contos, prefere analisar as crônicas de Carmen Dolores,

⁷⁵ Os mesmos aspectos foram analisados, comparativamente, em *Flores modernas*, de Chrysanthème, o qual foca a figura feminina no Rio de Janeiro da década de XX. (GENS, 2013, p. 3)

principalmente as publicadas no *Correio da manhã*, afirmando que, na sua obra, ressaltam “a veemência e o forte espírito crítico”. A cronista alcançou sua popularidade penetrando nas camadas inteligentes, não só pelas temáticas abordadas, mas também “com o feitio novo, enérgico, algumas vezes másculo demais, mas sempre verdadeiro e justo nos seus comentários”. Comenta, ainda, que o adjetivo másculo lhe é atribuído com reservas, apesar de ser a opinião majoritária, já que não se esperava tais opiniões de uma mulher e “delas esperava-se formas literárias mais ‘adequadas’ à sensibilidade feminina, ou seja, leveza, delicadeza, fragilidade” (SOIHET, 2001, p.86).

Olívia Candeia Lima Rocha (2005), por sua vez, no artigo “Cartografias literárias em devir: mulheres, escrita e subversão”,⁷⁶ ao discorrer sobre a apropriação feminina da prática escriturística, comenta a questão do uso dos pseudônimos como estratégia de ocultamento, em função da força de interdição e censura moral que muitas mulheres sofriam entre o século XIX e início do século XX, tanto na Europa, quanto na América Latina. Entre outras escritoras brasileiras, toma como exemplo o caso de Emilia Moncorvo Bandeira de Melo. (ROCHA, 2006, p. 228) A partir do que já comentamos ao longo deste capítulo sobre essa escritora, questionamos os argumentos apresentados por Rocha (2005, p.235), ao afirmar o uso dos pseudônimos como “mecanismos capazes de burlar essa interdição sobre sentidos, que a sociedade considerava inadequados às mulheres, pois elas estavam questionando os fundamentos de modelos historicamente construídos como naturais”.

A repetição do texto sobre onde, que gêneros textuais e com que pseudônimos a autora teria publicado seus escritos torna evidente que sua fonte de consulta sobre isso foi secundária e, portanto, permite entender que o uso dos pseudônimos masculinos e femininos não foi simultâneo, que só teria escrito crítica literária como Leonel Sampaio e que Carmen Dolores não teria sido seu primeiro pseudônimo. Quando já esclarecemos aqui a simultaneidade do uso, os gêneros encontrados com

⁷⁶ O artigo discute o fato de o fazer literário constituir-se em uma prática interdita às mulheres, da mesma maneira em que elas eram excluídas de obterem reconhecimento social pela “prática escriturística” no final do século XIX. Por meio dessa prática, as mulheres interagiam para a apropriação e afirmação de novos lugares sociais: “elas jogavam com a interdição de maneira a deslocar as fronteiras que delimitavam os territórios prescritos para sua atuação” e posicionavam-se “como agentes discursivos” (ROCHA, 2005, p. 228).

cada um dos nomes e a inexistência dos exemplares do jornal *A tribuna* que poderiam comprovar o fato.

A pesquisadora afirma ainda que “[...] as escritoras brasileiras de forma mais recorrente adotaram pseudônimos femininos” e que, em alguns jornais femininos, os nomes das redatoras constavam na primeira página, mas os artigos eram assinados por pseudônimos, ocultando a autoria discursiva (ROCHA, 2006, p. 229). Quanto a isso, lembramos que o uso dos pseudônimos constituiu uma espécie de moda na época e que a maioria dos cronistas—homens e mulheres—usou mais de um pseudônimo. Inclusive é possível encontrar escritores homens usando pseudônimos femininos.

Assim como a prática dos elogios mútuos, via colunas de jornal, para fomentarem sua presença nos veículos de comunicação, como uma tática feminina (ROCHA, 2006, p.233), também era exercida pelos cronistas homens, ou mesmo entre Carmen Dolores e seus pares masculinos. Apesar de concordarmos com outros aspectos apontados pela pesquisadora sobre a prática escritural de mulheres, esses fatos nos parecem suficientes para discordar da ideia de que o uso de pseudônimos por Emilia tenha sido para ocultar sua identidade em função da censura social e/ou familiar.

Outra pesquisadora que se vale de uma crônica de Carmen Dolores para exemplificar o pensamento vigente sobre o trabalho doméstico no início do século XX foi Leriche de Castro Garzoni (2012), no seu artigo “História Social e gênero: investigando os sentidos do trabalho doméstico no início do século XX”.⁷⁷ O assunto estava sendo debatido, via jornais, em 1907, quando, “a escritora Emilia Moncorvo Bandeira de Melo” também usou “seu espaço semanal na seção de honra de O Paiz para discutir a regulamentação do serviço doméstico”, sob o pseudônimo de Carmen Dolores. (GARZONI, 2012, p. 3) Ao atribuir a discussão à Emilia, parece-nos que a pesquisadora quer lembrar a senhora da sociedade imperial, dona de escravos, que ela foi antes da abolição da escravatura, para justificar sua resistência à regulamentação do serviço doméstico. De fato, a cronista relativiza a imagem dos

⁷⁷ A partir dos pressupostos da História Social, e adotando uma perspectiva de gênero, a autora discute o modo como cronistas da grande imprensa se posicionavam diante das mudanças relacionadas ao serviço doméstico no início do século XX, assim como discorre sobre os preconceitos de raça e classe presentes nos discursos jornalísticos. “Ainda que o serviço doméstico não fosse um trabalho exclusivamente feminino, o debate mobilizava questões importantes sobre papéis femininos” (GARZONI, 2012, p. 2).

escravos como “inocentes” e “infelizes”, enfatizando, ao longo de seu artigo, a fragilidade dos patrões diante de criados infieis, desrespeitosos e associados à degeneração racial e à criminalidade. “Na sua concepção, a inexistência de qualquer punição aos trabalhadores domésticos ameaçava o poder dos patrões, que passavam a ser joguetes nas mãos de seus subordinados” (GARZONI, 2012, p.3). Estão evidentes os preconceitos de classe e de raça nas proposições e posicionamentos da escritora. Concordamos com a afirmação de GARZONI (2012, p.4): “A escritora não estava emancipada de uma percepção senhorial do mundo à sua volta, algo particularmente patente na adoção da palavra ‘amos’ como referência aos patrões. Isso também ficava evidente na sua crítica à ‘liberdade da criadagem’”. Por outro lado, Carmen Dolores escreve a favor da regulamentação, lembrando que a adoção de cadernetas na Europa já constitui um recurso legítimo. (GARZONI, 2012, p. 6)

Também Marisa Lajolo (2010) faz referência a Carmen Dolores no seu artigo “Monteiro Lobato & Isaac Goldberg: a América Latina na América do norte”, ao comentar algumas imagens literárias da América Latina que foram delineadas pelo crítico norte-americano, na sua obra *Brazilian Tales* (1921). De acordo com Lajolo (2010, p. 299), nessa antologia, em que o autor contemplou contos dos escritores brasileiros: Machado de Assis, Medeiros de Albuquerque, Coelho Neto e Carmen Dolores, a única autora aparece como “[...] marca de originalidade” do livro, “em época em que era rara, na tradição brasileira dos estudos literários, a menção à escrita feminina”. E, em nota de rodapé, depois de acrescentar o nome civil da escritora, Lajolo (2010) diz que Isaac Goldberg informa que o conto deste volume foi retirado da coletânea de *Almas complexas*, o que não condiz com a versão do livro publicado no Brasil.

Kátia de Carvalho (1995), ao discorrer sobre “A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural”, remonta ao trabalho jornalístico de mulheres do período da *Belle Époque* brasileira e cita Carmen Dolores entre Júlia Lopes de Almeida, Corina Coaracy e Gilka Machado como algumas mulheres que se destacaram.

Zahidé Muzart (2003), ao escrever o artigo “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX”, também inclui Carmen Dolores entre as pioneiras que escreveram em periódicos, além de publicar livros de ficção. Nas palavras de Muzart (2003, p. 225-226),

[...] a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e

mantidos por elas próprias. Aliás, é quase impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época. Além da produção em jornais, elas publicaram muitos livros, uma produção, ainda que desaparecida, nada desprezível. Estranhamente, tudo isso foi sendo colocado de escanteio a partir do século XX, e somente com algumas pioneiras – como Josefina Álvares de Azevedo, Corina Coaracy, Carmen Dolores e, principalmente, já no século XX, com a precursora obra de Gilka Machado, ou a de feministas como Maria Lacerda de Moura – é que a mulher foi conseguindo firmar pé na literatura e na cultura brasileiras.

Outra rápida referência a Carmen Dolores está no artigo “A literatura de autoria feminina na América Latina”, de Luiza Lobo (2013, p.17), como uma das escritoras que apontam para o comportamento erótico da mulher, mesmo que de modo velado e ligado a casa, no livro de contos *Gradações*, ainda no século XIX.

No conjunto, todas essas referências à obra de Carmen Dolores em periódicos acadêmicos, mesmo quando são menções *en passant*, nos permitem confirmar seu pioneirismo como escritora de periódicos da grande imprensa e livros de ficção, seu destaque na imprensa brasileira e, sob um olhar crítico norte-americano, a única mulher entre escritores brasileiros.

De modo geral, a produção crítica acadêmica sobre as obras de Carmen Dolores, tanto no formato de artigos publicados em periódicos específicos, quanto as dissertações e teses resultantes de pesquisas de pós-graduação, que veremos a seguir, foi despertada e pode ser concebida como ampliação da pesquisa inicial que resultou do levantamento biográfico e bibliográfico publicado em dicionários e antologias, assim como das reedições de suas obras.

2.2.4 As teses e dissertações sobre Carmen Dolores

Entre as dissertações e teses encontradas que se propõem a estudar a obra de Carmen Dolores, isoladamente ou em comparação a de outras escritoras, todas trabalham da perspectiva da crítica feminista e a maioria tem como objeto de estudo a produção literária e jornalística em periódicos.

Paola Bustamante, em 1993, defende uma dissertação de mestrado em que propõe uma análise das crônicas publicadas em *O Paiz* entre 1905 e 1910, no entanto, levanta apenas um número reduzido de crônicas e sequer apresenta a fonte. Comenta que algumas são de *O Paiz* e outras do livro *Ao esvoaçar da ideia*. Especificamente, sua proposta é rastrear a relação entre o texto da crônica e o contexto histórico, ou melhor, a relação entre a representação literária da imagem da mulher e a situação da mulher na sociedade.

Apesar da validade de muitos aspectos da sua dissertação, ao longo do texto encontramos alguns que são, hoje, questionáveis, como o fato de apresentar a cronista “como mulher urbana, pertencente às ‘nascentes camadas médias’, Carmen Dolores esboçou em seus escritos uma luta pelo pensamento de defesa dos setores médios e, conseqüentemente, da mulher burguesa profissional urbana” (BUSTAMANTE, 1993, p. 12 [grifo da autora]). Como comprovam vários outros estudos, já apontados aqui, ela pertenceu à aristocracia, apesar de constatarmos sua decadência econômica a partir da viuvez e da mudança de regime político – o que explicaremos no capítulo 3.

Bustamante (1993, p.19) lembra que Carmen Dolores, como outras escritoras, “sem território na tradição dominante, foram postas à margem das instituições literárias”. É fato que ela, como outras autoras da época, foi excluída da História da Literatura oficial, mas também é preciso lembrar que, como cronista, conquistou seu espaço na grande imprensa enquanto viveu.

Outra interpretação questionável da ensaísta sobre o que diz a cronista é o fato de afirmar que ela teve dificuldades “em adaptar-se ao jornalismo”, pois ela “se contemplou em fragmentos que a espelharam”. Discute longamente sobre o antagonismo definido como “a divisão senhora x escritora/jornalista, fazendo referência à sua inadequação às molduras sociais”, ou às referências contraditórias “[...] a si mesma como diletante e não profissional. Carmen Dolores apresentava-se como uma mulher de letras sem consciência do seu trabalho profissional” (BUSTAMANTE, 1993, p. 35 [grifos da autora]).

Como argumento, Bustamante (1993, p.35) acrescenta que:

As inquietações – não só advindas da interiorização dos discursos de desclassificação ao sexo feminino, como desvalorização intelectual, social, biológica, política e jurídica da mulher – enformam o seu pensamento, e conseqüentemente a sua obra. Nota-se em sua auto-avaliação, a marca da desqualificação, a busca acirrada da

autoridade como intelectual, e o dilaceramento de Carmen Dolores pelo choque de opiniões diferentes.

O que a ensaísta, nesta dissertação, não alcança na interpretação dos fragmentos de crônicas que cita é a marca mais característica de seu discurso: a ironia. Além de não perceber que os aspectos identificados como contradições no texto da autora não passam de estratégias discursivas, como muito bem discutiu Mendonça (2002) em sua tese. Não só os estudos posteriores em artigos científicos e teses, aqui comentadas, contradizem grande parte das afirmações, sem grande fundamentação, feitas pela autora dessa dissertação, como a própria atitude da cronista já valeria para uma contraposição.

Quando, por exemplo, Bustamante (1993, p. 36) afirma a “inadequação da cronista ao gênero crônica, cuja aparente composição solta ajusta-se à sensibilidade cotidiana” e mais, que “a pintura dos costumes não interessava profundamente à cronista”, alguns fatos podem servir como argumentos para derrubar suas interpretações: ela foi reconhecida na crítica periodística de seu tempo; conquistou fama como cronista do jornal de maior circulação na América Latina; alcançou uma remuneração maior que a de Carlos de Laet; publicou sua última crônica dois dias antes de seu falecimento; e produziu intensamente tanto narrativas ficcionais, teatro, quanto crônicas para periódicos de diversos lugares.

Algumas afirmações da pesquisadora chegam a ser absurdas, como, por exemplo, esta: “Se por um lado Carmen Dolores não queria ser cronista da vida mundana, por outro, aparentemente não reconhecia o valor da ‘crônica feminina’ para abordar temas mais sérios, como a vida social fragmentada da cidade, e o sistema político coersivo [...]” e, mais adiante, diz que a cronista “sentia-se limitada ao lidar com assuntos mais gerais” (BUSTAMANTE, 1993, p.37-38).

Quanto ao tema feminismo, não considerou Carmen Dolores como feminista, mas como uma mulher que “aceitou os limites da participação na vida pública” (BUSTAMANTE, 1993, p.40). Aponta em Carmen Dolores uma “consciência fragmentária” e uma “aparente desordem febril” elencando uma lista de contradições – interpretadas por ela – que teriam resultado “num sentimento de angústia e de alienação” (BUSTAMANTE, 1993, p.40). Por mais que, a partir da divulgação da Teoria da Recepção em nosso meio, a multiplicidade de leituras de um texto seja discutida e admitida, e o interpretador criativo possa agir sobre o texto, ele não pode desconsiderar o gênero textual, neste caso, a crônica, como um texto híbrido que se situa no entre-lugar,

ou seja, entre o jornalismo e a literatura. Em outras palavras, se também é concebido como texto literário, há de se pensar no uso de ferramentas linguísticas e poéticas como, por exemplo, a linguagem figurada entre outras estratégias discursivas.

Contraditoriamente, no capítulo em que fala da crônica como um “gênero compulsório da modernidade carioca”, Bustamante (1993, p.55) reconhece “seu estilo literário próprio”. Nesse sentido, discordamos de pesquisadora, por interpretar as afirmações, retiradas das crônicas de Carmen Dolores, somente no seu sentido literal, como se a autora estivesse escrevendo um diário íntimo, e por desconsiderar o uso da linguagem figurada amplamente usada pela cronista.

Acertadamente, ao rastrear o princípio de sua vida profissional, ou seja, os anos iniciais de sua carreira como escritora, quando seu primeiro conto publicado em jornais chegou às mãos de Alcindo Guanabara, por intermédio de Almeida Cavalcanti, Bustamante (1993, p. 24) entende que sua luta foi difícil:

Contemporânea do momento de integração do escritor à vida social, e tendo como herança uma tradição que excluía a mulher da criação da cultura, assim como uma tradição literária igualmente dominada por homens, Carmen Dolores hesitou em aceitar a manifestação da própria criatividade, abafando a sua inspiração.

Na sequência, acrescenta que a autora foi buscar o incentivo de Arthur Azevedo e Machado de Assis e este último lhe recusou o apoio intelectual, mas isso não a impediu de transformar-se de escritora dileitante em profissional. Além disso, rebateu “uma carta do Dr. Carlos de Laet, onde o autor expõe seu ponto de vista contra o divórcio e o feminismo, Carmen Dolores, defendendo a posição da mulher, justificou os motivos que a levaram à profissão literária” (BUSTAMANTE, 1993, p. 25-26).

Na abordagem temática que faz das crônicas selecionadas, ela alcança os principais assuntos abordados pela cronista e, nesse ponto, talvez resida o valor da dissertação, como um trabalho acadêmico pioneiro em se tratando das crônicas de Carmen Dolores. As imagens de luta descritas pela ensaísta condizem com a obra literária da escritora: a pena como arma no trabalho de criação literária; a luta relacionada à carreira literária para a mulher; a luta das camadas médias da sociedade subjugadas pelas camadas abastadas; sua luta contra o carnaval, contra a desordem, contra o mundanismo, contra o “progresso artificial”, entre outras. (BUSTAMANTE, 1993, p. 49-84) A cronista abordou ainda

temas como: a modernização da cidade e a emancipação feminina; o divórcio e o feminismo presentes nas suas crônicas. (BUSTAMANTE, 1993, p.85-111).

Maria Helena Mendonça (2002), na sua tese de doutoramento em Literatura Brasileira, desenvolvida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, analisa crônicas brasileiras de autoria feminina, avaliando recursos estilísticos e o tom poético na linguagem de várias escritoras, dedicando a cada uma um capítulo. Entre as selecionadas, estão Nísia Floresta, Carmen Dolores, Cecília Meireles, Raquel de Queiroz, Clarice Lispector e Marina Colasanti.

Sobre Carmen Dolores, Mendonça (2002, p.46) aponta seu “gosto pela controvérsia”; sua linguagem persuasiva, “sua plena realização comunicacional servindo a uma temática complexa, constituída por questões polêmicas, relativas aos vários segmentos da sociedade [...]”, principalmente à causa feminina. Esses são, para a ensaísta, os elementos fundadores do seu discurso. No entanto, não percebemos, neste trabalho, uma preocupação maior com quem foi Carmen Dolores, pois a tese ainda reproduz dados biográficos equivocados.

Cabe lembrar, também, que ela delimita a sua análise das crônicas apenas às que estão presentes nos livros *Ao esvoaçar da ideia* (1910) e *Carmen Dolores – crônicas 1905-1910*, estudo organizado por Eliane Vasconcellos em 1998, deixando entender que toda a obra cronística da autora pesquisada estivesse compilada nesses dois livros. Avaliando a forma e o conteúdo desses textos, ela atenta para “[...] uma arte retórica, peculiar [...]” que remete aos fundamentos de Aristóteles, porém seu “discurso apresenta uma perspectiva mais moderna da mensagem persuasiva”. Ou seja, ela o adapta ao seu tempo e espaço. Diferencia-se do discurso aristotélico, pois não tem por base a “autoridade de uma Razão Absoluta”, mas Carmen Dolores se vale de apelos emocionais, “preocupações de ordem prática” resultando em “redimensionamento histórico de certos conceitos” (MENDONÇA, 2002, p.49). Por outro lado, ela parece seguir as principais proposições aristotélicas usando literalmente os gêneros discursivos: “deliberativo, demonstrativo e judiciário, tendo em vista, sempre, a pessoa que fala/escreve, o assunto de que se fala/escreve e a pessoa a quem se fala/escreve” (MENDONÇA, 2002, p.50).

A partir da análise de algumas crônicas, Mendonça (2002, p. 50-57) aponta várias estratégias, usadas pela cronista, para convencer e interagir com seus leitores, como: desconstrução do discurso do opositor, uso de um discurso didático combinado com uma profusão de interrogações retóricas, um tom imperativo nas exortações, analogias

com casos ficcionais dramáticos, inserção de casos exemplares que ilustram o tema, ou a busca do aval de personagens da história da humanidade que fundamentem sua perspectiva sobre o tema e, ainda, menciona as marcas sintático-morfológicas que assinalam a inclusão dos leitores no espaço e tempo das crônicas. Da análise, conclui sobre o modo como a cronista consegue verbalizar e divulgar suas ideias particulares em um veículo público como o jornal:

[...] a partir dos fatos da vida cotidiana, expostos nas crônicas, quer **delibere** sobre uma escolha entre questões opostas, quer **demonstre** exemplos do ‘belo’ e do ‘feio’ nas criações dos homens e das mulheres, ou quer exerça um **juízo** sobre as dissidências humanas, o que mais se destaca em Carmen Dolores, é a manifestação concreta, persistente e transgressora de seu discurso, podendo, mesmo, conferir a sua palavra aquela ‘instância de extrema sabedoria’ defendida na Antiguidade (MENDONÇA, 2002, p. 57 [grifo da autora]).

Quanto aos temas recorrentes em suas crônicas, a ensaísta afirma que a escritora mostrou-se “[...] disposta a desestruturar uma série de convenções firmemente estabelecidas na sociedade da época”. Nesse sentido, “encontra-se nas crônicas de Carmen Dolores aquilo que para a autora representava, essencialmente, a ‘vida real’ observada no cotidiano dos leitores e da sociedade” (MENDONÇA, 2002, p. 66-67). Para a ensaísta, Carmen Dolores ressalta as incoerências da vida, os aspectos negativos do cotidiano, despertando nos leitores o espírito crítico para a vida real, contrapondo-se ao modelo romântico do século XIX. Entre os temas analisados, estão: a “ética jornalística” e a “autoridade canônica” no mundo das letras, ressaltando “a coragem desta mulher para se confrontar com o cânone através da palavra pública e, por conseguinte, com os próprios intelectuais, aos quais a cronista não hesita em propor uma renovação de paradigmas acadêmicos [...]” (MENDONÇA, 2002, p.68-72).

Outro aspecto interessante, apontado por Mendonça (2002, p.73-75), é o fato de Carmen Dolores registrar “peculiaridades da crônica moderna”, quando comparada ao estilo de João do Rio, seu contemporâneo. Os traços que ela lhe atribui são “a essência desse gênero polimórfico e fronteiriço, que vemos transitar livremente pela literatura, pelo jornalismo e até pela história”. E o modo de observar “a realidade social e culturalmente constituída”, assim como o modo de “repassar os fatos mais importantes o cronista dá um novo olhar

histórico”, o que estaria refletindo “as acepções contemporâneas da Nova História” propostas por Peter Burke (1992).

Durante toda a análise, percebe-se que Mendonça (2002) teve a preocupação de discutir o quanto a cronista estava adiantada no tempo, o seu espírito revolucionário, a sua competência intelectual e a sua habilidade com as palavras, o que fica evidente em sua conclusão:

Associando, portanto, seus dotes literários, sua sensibilidade, sua inteligência e, principalmente, sua independência, a uma firme convicção de que o talento deve ser colocado a serviço de causas justas, Carmen Dolores, essa escritora originalmente talentosa, justifica, por si mesma, a importância não somente de resgatar e divulgar sua escritura, como também a necessidade de inseri-la, definitivamente, nos estudos da Literatura Brasileira (MENDONÇA, 2002, p. 90-91).

Seguindo a mesma linha de pesquisa que a ensaísta, concordamos plenamente com as qualidades que lhe foram atribuídas nessa discussão sobre sua obra cronística, bem como com sua inserção nos estudos da Literatura Brasileira. Por isso, nos propomos, aqui, a ampliar o estudo da obra cronística efetivamente realizado pela autora, resgatando o que ainda resta nos periódicos.

Leonora De Luca (2004), na sua tese intitulada “Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil”, apesar de não se dedicar à análise da obra de Carmen Dolores como uma das integrantes dessa “gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil”, lembra rapidamente seu nome como uma figura que “paira, solitária, à margem da existência da maioria dessas escritoras do Oitocentos” (De LUCA, 2004, p.54). Ela se refere, aqui, ao extenso grupo de escritoras selecionadas por ela a partir do *Dicionário Bibliográfico*, de Sacramento Blake, publicado entre 1883 e 1902.

Sobre Carmen Dolores, enquanto jornalista, De Luca (2004, p.54) afirma que teve “importante participação no processo de consolidação do publicismo feminismo na primeira década do século XX[...]”. Mesmo tendo iniciado suas publicações, em 1897, prefere situá-la “entre as primeiras escritoras nacionais dos Novecentos do que entre as derradeiras representantes brasileiras do século XIX[...]”, pois, além de sua atuação se tornar mais perceptível, “seus incisivos posicionamentos em questões como o direito ao divórcio reivindicado por uma legião de infelizes compatriotas já fazem parte dos pleitos feministas típicos das primeiras décadas do século XX”. Cita o rápido esquecimento de seu

nome, que se seguiu à sua morte precoce, mesmo tendo conquistado uma “posição de natural relevo” com seus livros e com a coluna semanal de crônicas no prestigioso jornal *O Paiz* nos seus últimos anos de vida.

Mesmo não tendo analisado sua obra, nos seus rápidos comentários, De Luca (2004) deixa entrever sua intencionalidade em incluí-la entre as intelectuais femininas brasileiras que forjaram o seu espaço de expressão pública.

Maria de Lourdes de Melo Pinto (2006) também acaba percorrendo sobre Carmen Dolores na tese intitulada “Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème”. Apesar de ser uma tese sobre as crônicas de Chrysanthème, Pinto (2006, p. 18) informa ao leitor, já na introdução, que foi a partir da leitura de *Ao esvoaçar da ideia*, de Carmen Dolores, encontrado na Biblioteca Nacional, que ela chegou ao nome de Chrysanthème e foram as crônicas da mãe que despertaram a curiosidade sobre a possibilidade da filha também ter escrito crônicas.

Na escrita da biografia de Cecilia Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos, seguindo rastros, Pinto (2006, p.100) aponta sua relação de parentesco com a escritora Emilia Moncorvo Bandeira de Mello e, antes mesmo de apresentar o rosto da filha ao leitor, é o rosto da mãe que aparece na primeira ilustração que apresenta. O mesmo ocorre na discussão sobre a data de nascimento de Chrysanthème: Pinto (2006, p. 106) recorre aos dados biográficos encontrados sobre a mãe, Emilia.

Em contrapartida, foi a partir da tese de Pinto (2006, p. 108) sobre Chrysanthème que encontramos a primeira pista sobre quantos filhos Carmen Dolores teria tido, bem como conhecemos seus nomes, fato que comprovamos depois em outras fontes primárias. Somente um dos nomes citados, Alfredo Moncorvo Bandeira de Mello, não aparece em outras fontes, o que nos faz duvidar da informação apresentada na tese.

Para além do elo familiar, interessante, no texto, é a insistência da ensaísta em estabelecer a confluência de ideias e de posturas entre mãe e filha enquanto escritoras, fazendo com que Cecília acabe “aproximando-se muito mais de sua ascendência materna” (PINTO, 2006, p. 101). Para a ensaísta, nada as aproximava mais que a força das letras, a paixão com que escreviam suas crônicas. Nas palavras de Pinto (2006, p. 160): “[...] nos textos de Carmen Dolores, perceberemos os ecos dos futuros combates que a filha travaria ao longo da carreira”. Essa influência materna é largamente comentada pela ensaísta, a qual acaba por concluir

que os escritos de Chrysanthème estão aquém da produção materna, mas valem pela “clara alusão a uma construção de memórias familiares [...]” (PINTO, 2006, p. 181).

Adriana Kivanski de Senna (2006) defende a tese intitulada *As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889 – 1916)*, no curso de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Valendo-se do jornal como fonte histórica e documental, como uma das representações possíveis do real, percorre matérias jornalísticas dos periódicos *Echo do Sul*, *Diário do Rio Grande* e *Artista*, que abordem o tema do divórcio. Ao analisar o artigo de Carmen Dolores sobre a questão do divórcio, publicado inicialmente no *Correio da Manhã* (RJ) e transcrito para o *Diário do Rio Grande*, Senna (2006, p.135-136) explana que a cronista

foi sem dúvida uma das escritoras mais importantes de seu tempo. Foi uma das escritoras pioneiras na luta pela educação da mulher e por sua colocação dentro da força de trabalho; não teve medo de ser a favor do divórcio; curiosamente, no entanto, não lutou pelo sufrágio feminino, como se lê em algumas de suas crônicas. Entre seus temas prediletos, destacamos a defesa do feminismo e da lei do divórcio, tão bem apresentada em seu livro *Ao esvoaçar das ideias*— defesa feita em sete crônicas, apoiando a luta da advogada Myrtes Campos. Espírito combativo, tinha independência de opinião e de ideias, e as colocava sem receio ou hesitação.

A ensaísta comenta o embate entre as opiniões de Carmen Dolores e Carlos de Laet sobre a questão do divórcio nos periódicos cariocas, textos transcritos pelo *Diário do Rio Grande* e comentados por ela. Esse fato, uma vez apontado, comprova o alcance das opiniões de Carmen Dolores no território nacional, o que poucas mulheres, em sua época, conseguiam.

Maria da Conceição Pinheiro Araújo (2008) também defende sua tese na linha de resgate de escritoras esquecidas pela História da Literatura, avaliando a obra jornalística de Ignez Sabino Pinho Maia, (Bahia, 1853-1911), e Maria Benedita Câmara Bormann (Délia), (RS, 1853-1896). No resgate da fortuna crítica dessas autoras, retoma o estudo comparativo desenvolvido por Clarice Fukelmannn (1994) sobre as obras *Celeste* (1893), de Maria Benedita Câmara Bormann; *Gradações* (1897), de Carmen Dolores e *Correio da Roça* (1913), de Júlia Lopes de Almeida. Mesmo não sendo o foco da sua análise, lembra

a colaboração de Carmen Dolores no jornal *O Paiz* entre outros nomes de relevo da intelectualidade fluminense. (ARAÚJO, 2008, p.201)

Outra rápida referência à Carmen Dolores está na dissertação de Miriam Steffen Vieira: “Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico *Corimbo*, 1885-1925”. Vieira (1997), ao fazer considerações sobre o desenvolvimento da literatura no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX, identifica a imprensa como meio de divulgação da produção literária, onde os(as) escritores(as) colaboravam com crônicas ou outros textos literários. Dos jornais cariocas destaca o nome de Emilia Moncorvo Bandeira de Melo (Carmen Dolores), entre os de Julia Lopes de Almeida e Maria Benedita Câmara de Bormann (Délia), como escritoras atuantes.

2.2.5 Os prefácios de suas obras em novas edições

O resgate dos livros publicados pela autora, hoje raros, e a sua reedição foi outra forma encontrada pela crítica feminista brasileira para reconhecer todo o empreendimento laboral desta feminista do entresséculos XIX e XX e, concomitantemente, para dar a possibilidade, ao público leitor contemporâneo, de conhecer a sua obra literária. Da nossa perspectiva, essa é uma tarefa essencial para, de fato, podermos incluí-la na historiografia literária. Pois, para não ficar apenas no que já se tornou senso comum, de que só há literatura se essa for lida, recorremos ao que afirma Compagnon (2009, p. 56), ao discorrer sobre os poderes da literatura no período clássico, romântico, moderno e pós-moderno: “É tempo de se fazer novamente o elogio da literatura, de protegê-la da depreciação na escola e no mundo”. Obviamente, o trabalho de crítica é necessário, mas, paralelamente, é preciso disponibilizar esse texto literário ao público leitor contemporâneo.

Quatro das obras de Carmen Dolores já foram contempladas em reedições: *Gradações - páginas soltas*, em 1989; *A luta*, em 2001; *Lendas Brasileiras*, em 2006 e *Almas complexas*, em 2014. Essas iniciativas também são resultado do empreendimento em pesquisas arqueológicas executado, principalmente, por Maria Angélica Lopes e Eliane Vasconcellos, pois as primeiras edições raramente eram encontradas. Além disso, o livro *Carmen Dolores – Crônicas de 1905 – 1910*, de 1998, organizado por Eliane Vasconcellos, também resultou de um trabalho de resgate e seleção de algumas crônicas escritas pela autora e publicadas em *O Paiz*.

O primeiro livro de contos de Carmen Dolores foi reeditado, em 1989, por meio do projeto “Coleção Resgate”, do Instituto Nacional do

Livro, com introdução, atualização e notas de Maria Angélica Guimarães Lopes, como uma forma de homenagear a “escritora de valor”, que foi “famosa em sua época, traduzida para o inglês [...] hoje [...] desapareceu da história da literatura brasileira” (LOPES, 1989, p.9).

Fundamentada em Raimundo de Magalhães Junior, a pesquisadora resgata dados biográficos e opiniões sobre a intelectual que se destacou no meio literário e conseguiu equiparação de renda com seus colegas do sexo masculino. Comenta, ainda, os três pontos de vista em que Carmen Dolores pode ser vista: “jornalismo, literatura de ficção e feminismo” (LOPES, 1989, p.9). Quanto ao seu modo de ser jornalista, lembra sua participação nos principais jornais da capital federal, mas registra erroneamente o período de atuação na coluna “A Semana” como sendo a partir de 1908, e não entre 1905 e 1910.

Situando a perspectiva e forma de abordagem da escritora dentro da estética naturalista e o estilo ao parnasianismo/simbolismo, avalia os contos de *Gradações* como “estudos de personagens femininas, muito ao gosto da época, unidos pelo fio da análise psicológica e tom e estilo intimistas” (LOPES, 1989, p.13), construídos com sutileza, plasticidade, ironia, firmeza, finura e compaixão, de modo que, só isso, “deveria garantir-lhe um lugar obrigatório na literatura brasileira” (LOPES, 1998, p.14). Lopes reconhece, assim, o valor dessa obra ficcional e, ao mesmo tempo, sua exclusão da historiografia literária, mesmo sabendo que, na época da publicação dessa primeira obra, a escritora “ainda não adquirira fama de jornalista ou contista”.

Para Lopes (1989, p.15-16), em todos os contos as protagonistas são “superiores: finas, inteligentes e instruídas”; três são viúvas; todas estão “dominadas” pelo excesso de paixão, fascinadas por um “homem inteligente, brilhante e festejado” socialmente, mas contraditório e que provoca seu sofrimento “entrecortado por momentos de indescritível felicidade”. E conclui sua avaliação crítica do livro, afirmando:

Por recriar com minúcia as evoluções da paixão amorosa, sentimento popularizado na ficção há mais de dois séculos e conhecido da maioria de leitores tanto da época como da nossa, *Gradações* impõe-se como livro de interesse indiscutível. Bem escrito e incisivo, oferece-nos, além do mais, valor documental, ‘impressões’ de uma sociedade cujo ar nos faz respirar (LOPES, 1989, p.16).

No mesmo ano em que trabalha na reedição desse livro de contos, Maria Angélica Lopes publica um artigo na *Revista Letras de Hoje*, intitulado “Desafio materno: a luta de Carmen Dolores”. O texto, que

avalia criticamente o romance *A luta*, transformou-se, posteriormente, no prefácio da reedição deste livro, publicado pela Editora Mulheres, em 2001. Nesse texto introdutório, Maria Angélica Lopes (2001, p. 6) inclui Carmen Dolores entre as “escritoras famosas da virada do século passado” e diz que a própria autora considerou esse romance a obra de maior importância, mas que não chegou a ver seu livro publicado em vida. Retomando a fortuna crítica da autora, Lopes (2001) concorda com Lúcia Miguel-Pereira quanto à filiação da obra a um realismo/naturalismo tardio e o fato de Carmen Dolores seguir os modelos literários de Zola, Balzac, Eça de Queiroz e Aluísio Azevedo. Acrescenta que ela escolheu focar a classe média e baixa, criou personagens tipo, estabeleceu uma correspondência entre o cenário e a alma das personagens. Lopes (2001, p.6) justifica sua interpretação pela referência que a própria Carmen Dolores faz aos autores em suas crônicas de *O Paiz*, mas diz que a autora não se refere a Flaubert, mesmo com a alusão direta à “Bovary da rua das Marrecas”.

Já quanto ao físico das personagens atuarem como significante de sua ténpera moral, encontra em todos os integrantes do grupo familiar formado pelo casamento de Celina e Alfredo Galvão, incluindo os hóspedes de D. Adozinda, a caracterização entre a aparência facial repelente e a hipocrisia e lubricidade de Cel. Juvenato; entre as carnes fartas, a beleza e os impulsos sexuais e leviandade de D. Adozinda e Olga; o olhar sonso e ambíguo de Celina e sua semelhança com Capitu sob os olhos de Bentinho; a fraqueza e a timidez associadas ao domínio pela paixão de Alfredo; e, em contraste, a figura sóbria e triste de D. Margarida associada à dignidade.

Para Lopes (2001, p.12), “é obra de valor, a ultrapassar de muito a literatura frívola e elegante do “sorriso da sociedade”, a caracterizar a nossa *Belle Époque*. E a pesquisadora complementa: “o romance é um estudo de caracteres a estruturar a intriga. Inscreve-se aí a questão vital de Taine [...] o caráter é hereditário ou fruto do meio?”. E, é essa questão que marca a intriga e faz o leitor seguir o narrador por todo o livro. Na interpretação da pesquisadora, a luta entre o bem e o mal “segue o catecismo católico vigente em sua compreensão popular, no qual a inocência da jovem representa o bem e a curiosidade o mal” (LOPES, 2001, p. 12).

Apesar da extensa e minuciosa análise da obra, ressaltando a ambivalência e flexibilidade da autora, oscilando entre a “modernidade feminina” e o “passadismo patriarcal”, principalmente no que diz respeito às questões da mulher na sociedade, ao casamento e ao divórcio, Lopes (2001, p.14-18) continua repetindo equívocos

biográficos, como a data de falecimento, em “17 de agosto de 1910” e, em nota de rodapé, “(1852-1911)”. É preciso ressaltar que essa publicação é posterior ao livro de crônicas reunidas por Eliane Vasconcellos, no qual esses equívocos já haviam sido esclarecidos.

Mais à frente explica o erro de R. de Meneses e cita, para tal, o obituário de 17 de agosto de 1910 de *O Paiz*. Ainda sobre a biografia, afirma que ela “pertenceu à alta burguesia e aristocracia, ingressou no jornalismo primeiro por gosto, mas, depois, viúva, por necessidade”. Repete as mesmas lutas, empreendidas por Carmen Dolores, já referidas por tantos outros críticos anteriores, e ressalta a “inteligência, paixão e arcabouço retórico”, assim como a fina observação e a coragem da escritora. (LOPES, 2001, p. 15)

Em 1998, Eliane Vasconcellos deu a sua contribuição no trabalho de resgate e publicação póstuma da obra de Carmen Dolores com a edição do livro *Carmen Dolores: crônicas 1905-1910*. Vasconcellos (1998) selecionou 37, entre as mais de 270 crônicas publicadas pela escritora na coluna “A Semana”, do jornal *O Paiz*, entre os anos de 1905 e 1910.

Interessa-nos, aqui, o texto crítico relevante que ela escreve como introdução, não só pelo número de informações, mas pelo esclarecimento de equívocos sobre os dados biográficos repetidos inúmeras vezes ao longo dos anos, como já mostramos anteriormente. No entanto, como vários outros autores, também reafirma sua atuação na poesia.

A organizadora começa contextualizando o período em que a cronista colaborou em jornais cariocas e explica o trabalho incansável da autora nos seus últimos tempos de produção, dizendo que ela “tinha consciência de que para os homens as mulheres eram frágeis e, assim, tinha de dar o exemplo contrário” (VASCONCELLOS, 1998, p.12).

Como indicações de caminhos para os futuros pesquisadores, Vasconcellos (1998) comenta as publicações de *Gradações*; *Um drama na roça* e a crítica elogiosa de Coelho Neto; as publicações póstumas de *Almas complexas*, *Ao esvoaçar da ideia* e *A luta*. Resgata, da fortuna crítica, a opinião preconceituosa do Frei Pedro Sinzig, já comentada neste capítulo. Informa, ainda, sobre as diversas encenações da peça *Desencontro* e as conferências *A sociedade* e *A cidade e o Campo*, lidas no Instituto Nacional de Música. Informa sobre as obras traduzidas para o inglês e o francês como o conto “As lágrimas de Tia Zezé”, que figurou no livro *Mille nouvelles*, publicado em 1911, além de na antologia *Brazilian Tales*, de Isaac Goldberg.

Consciente de seu papel na edição desse livro, Vasconcellos (1998, p.18) é ainda mais direta na sugestão de uma futura pesquisa:

Uma visão crítica do trabalho intelectual de Carmen Dolores deveria examinar toda a sua produção: contos, romance, o livro de lendas e principalmente o livro de crônicas e a sua colaboração de cronista que ficou inédita nos jornais, uma parte da qual constitui a coletânea que acabamos de organizar.

Ressalta que seria importante pesquisar mais sobre a obra de ficção, “uma vez que a história e a crítica literária [...] deixaram de lado a sua produção” (VASCONCELLOS, 1998, p. 18). Além disso, como argumento para defender essa importância, lembra ainda que Carmen Dolores inicia sua produção de contos impetrando neles uma perspectiva feminina, em um período em que esse gênero começou a se expandir pelo Brasil, “[...] refletindo o positivismo realista que dominou vários setores da nossa cultura no início do século” (VASCONCELLOS, 1998, p.19).

Mais especificamente sobre as crônicas que ela arrolou no livro, afirma que os textos oscilam “entre um estilo elevado, cheio às vezes de citações estrangeiras, e um coloquialismo facilmente assimilável pelo leitor comum”, como frutos de sua “boa formação cultural, os seus conhecimentos das literaturas brasileira e estrangeira (notadamente a francesa, a espanhola, a italiana e a anglo-americana) e, também, um sólido conhecimento gramatical [...]” (VASCONCELLOS, 1998, p.19).

Cabe enfatizar que Vasconcellos (1998) reconhece Carmen Dolores como iniciadora do gênero crônica de uma ótica feminina na literatura brasileira, continuando a grande contribuição de Machado de Assis. Conforme a pesquisadora, a cronista

abria assim para os leitores, no fluxo de sua linguagem também dividida entre o literário e o mero registro jornalístico, toda uma vertente de conhecimento dos vários níveis sociais, em que a mulher tinha sempre um tratamento que a situava no âmbito mesmo das possíveis discussões sobre o feminismo. É por aí que se chega à linguagem, aos temas e às técnicas de que Carmen Dolores se valia na escrita de suas crônicas (VASCONCELLOS, 1998, p.19).

A organizadora do livro conclui a análise reafirmando o reconhecimento que Carmen Dolores teve como cronista a partir do seu

trabalho intelectual sério e a serviço das causas sociais e, principalmente, as femininas na sociedade de seu tempo.

Já na reedição de *Lendas Brasileiras*, em 2006, Eliane Vasconcellos apresenta uma “Cronologia” de Carmen Dolores, na qual ainda não desfaz a dúvida sobre local de nascimento da escritora, apresentando os dois locais, bem como permanece o equívoco da data de falecimento. Considerando que, em textos anteriores da pesquisadora, esses equívocos já haviam sido esclarecidos, é difícil entender as razões da não importância à biografia.

Nessa reedição consta um ensaio de Rosa Maria de Carvalho Gens: “Mulheres escrevem para crianças (1890-1930)”, no qual resgata a marca da autoria feminina na produção de literatura para crianças, explicando o fato pela construção social da criança e da mulher dentro daquele contexto. Já que a tarefa de educar crianças era da mulher, narrar histórias era algo natural para as mulheres, independentemente de sua função: mãe, criada, ama de leite, etc. Ela ressalta também que essas narrativas, com a função de educar, desempenhavam a “tarefa de produzir indivíduos autorregulados que se adaptem à estrutura social dominante”, portanto, “tratam de erigir modos de agir, pensar e sentir” (GENS, 2006, p.155).

Carmen Dolores, assim como Julia Lopes de Almeida e Chrysanthème, desempenhou essa tarefa com histórias de fundo moral, mas não sem ressaltar a figura da mulher como “portadora da sabedoria”, da “falta de harmonia entre beleza e pobreza” feminina, a figura da mulher como “portadora de emoção e sentimento” (GENS, 2006, p.158).

Em 2014, concomitante a esta pesquisa de tese, organizamos a reedição do livro de contos *Almas complexas*, o qual também foi editado pela Editora Mulheres, como forma de possibilitar ao público leitor contemporâneo o acesso a essa obra rara de Carmen Dolores. Nessa edição, acrescentamos um ensaio introdutório, apontamentos biográficos resumidos, listas de obras e bibliografia sobre a obra de Carmen Dolores.⁷⁸

Diante de tantas informações equivocadas sobre sua biografia, repetidas ao longo de um século, ou mesmo diante do descaso em relação ao trabalho intelectual e literário desenvolvido por ela, que o levantamento fortuna crítica de Carmen Dolores nos permitiu alcançar, entendemos que é tempo de esclarecer os equívocos que ainda

⁷⁸ Confira HELLMANN, Risolete. Introdução. In: DOLORES, Carmen. *Almas complexas*. Florianópolis: Mulheres, 2014.

permanecem, conhecer melhor essa mulher do século XIX que, ousadamente, mergulhou no mundo das letras e deixou traços pessoais e autorais marcados no cenário do seu tempo.

Para isso, é imprescindível escavar fontes primárias, muitas vezes raras, quando não em processo de deterioração, sob os escombros do tempo. São esses resultados que o leitor pode encontrar no próximo capítulo.

3 EMILIA E CARMEN DOLORES: UMA HISTÓRIA DE VIDA E A HISTÓRIA DE UMA AUTORA

Há, porém, uma outra homenagem a prestar a essa escritora: a de lhe enfeixarem as crônicas melhores em um volume bem editado, bem cuidado e em que figurem o seu retrato e a sua biografia. Será a única maneira de não deixar morrer com ela a maior e a melhor parte de sua obra.
(Julia Lopes de Almeida)

*Não creias nos meus retratos,
nenhum deles me revela,
ai, não me julgues assim!
Minha cara verdadeira
fugiu às penas do corpo,
ficou isenta da vida.*
(Gilka Machado)

O desejo de Julia Lopes de Almeida, na epígrafe acima, expresso em uma crônica dedicada à Carmen Dolores, logo após seu falecimento, já foi lembrado por Eliane Vasconcellos (1998) na introdução do livro *Carmen Dolores: crônicas - 1905 a 1910*. Contudo, o retomamos aqui, não apenas para lhe render uma homenagem, mas, também, para conhecer melhor a escritora que nos deixou uma obra muito mais intensa do que extensa, considerando o curto tempo que teve para tornar sua voz pública e, a partir desse reconhecimento do perfil dessa escritora, poder estabelecer uma articulação entre vida e obra.

Neste capítulo, portanto, procuramos traçar esse perfil, filtrando os fatos sobre a vida e a obra através do nosso olhar feminista e usando de liberdade criativa, que nos concede certa flexibilidade ficcional sobre nosso objeto de análise. Afinal, nesse trabalho de recuperação da história pessoal, tivemos que seguir as pegadas da escritora inscritas na memória cultural brasileira da segunda metade do século XIX e primeira década do século XX. “E quem segue pegadas, também deixa as suas”, já nos disse Cury (1995, p.54).

Dessa forma, na primeira parte, relatamos fatos e traços biográficos de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello desde seu nascimento até o falecimento. Contudo, ao traçar o perfil de uma mulher do século XIX, como Emilia, foi preciso recorrer às inscrições arquivadas na memória de nossa cultura e resgatar pequenos detalhes de sua vida, de sua subjetividade, e colocá-los em diálogo com o sujeito da

enunciação de suas obras, Carmen Dolores, observando de que forma esses dados se hibridizam, de que forma a vida atravessa a ficção.

Para Souza (2011, p.21),

[...] os laços biográficos são criados a partir da relação metafórica existente entre obra e vida. O importante nessa relação é considerar os acontecimentos como moeda de troca da ficção, uma vez que não se trata de converter o ficcional em real, mas em considerá-los como cara e coroa dessa moeda ficcional. Consiste ainda na liberdade de montar perfis literários que envolvem relações entre escritores [...] afinidades eletivas resultantes das associações inventadas pelo crítico ou escritor. Esses perfis exercem, em geral, papel importante na elucidação de propostas literárias, questões teóricas e contextuais.

É nesse sentido que a vida, a experiência de Emilia, como uma mulher da elite carioca durante o período do Império, branca, culta, uma senhora da sociedade respeitada pela posição social que o pai e o marido ocupavam e que, depois de viúva, ousou expressar publicamente suas ideias, pode resultar no que Arfuch (2010, p.15) denominou de uma “cartografia da [sua] trajetória individual sempre em busca de seus acentos coletivos”.

Assim, na segunda parte deste capítulo, nossa narração da trajetória individual da mulher, da senhora da sociedade aristocrática do Rio de Janeiro do século XIX, se encaminha para a trajetória da escritora de narrativas ficcionais, da intelectual conferencista, da cronista que assinava sua produção literária e jornalística com pseudônimos – fato que, metonimicamente, busca inseri-la não só na história intelectual da mulher brasileira, mas, também, como uma voz feminina representativa na literatura brasileira que ficou à margem da história literária oficial.

Além disso, como forma de contribuição no trabalho já realizado pela crítica feminista, buscamos em periódicos e outros documentos culturais brasileiros a crítica impressionista veiculada nesses meios desde o final do século XIX, também denominada por Lima (1999, p.99) de “crítica de rodapé, veiculada pelos jornais e caracterizada pelo autodidatismo e amadorismo dos intelectuais que a assinavam”.⁷⁹

⁷⁹ Usamos, aqui, a reedição de Alceu Amoroso Lima (1999, p. 99). Como na França, a crítica impressionista brasileira (1900 -1920) também nasceu na imprensa, como reação ao naturalismo crítico de Silvio Romero, José Veríssimo

Corroborando esse ponto de vista, Samuel (1988, p.94) afirma ser essa prática

[...] uma tendência crítica centrada na subjetividade do leitor, a quem cabia transmitir as impressões que mais profundamente marcaram a sua sensibilidade, em contato com obras-primas de todas as épocas. Sem limitações de ordem metodológica, o crítico devia agir livremente, seguindo os impulsos de suas descobertas pessoais e, muitas vezes, fixava-se em si próprio, num processo de auto-projeção, que mantinha a obra em segundo plano, servindo apenas como cenário para que nele atuassem seu espírito e suas reações (SAMUEL, 1988, p. 94).

Mesmo não seguindo padrões estéticos, normas sobre o que é ou não literatura, essa forma crítica, exercida pelos cronistas dos 1900, tem assegurado o seu valor numa pesquisa arqueológica como a nossa, pois comprova o reconhecimento da autora em sua época e coloca em evidência os traços de uma mulher de letras do século XIX.

3.1 TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE UMA MULHER DO SÉCULO XIX

Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas.
(Paul Ricoeur, *Temps et récit*)

Sim, Paul Ricoeur, vidas humanas merecem ser contadas, principalmente quando essa vida pertenceu a uma mulher que ousou rasgar as máscaras que a mantinham na ignorância de si mesma, na ignorância do seu talento para a criação literária e capacidade de trabalho intelectual. Uma mulher que encontrou coragem suficiente para, sozinha, em uma época nada favorável para o desenvolvimento feminino, enfrentar as dificuldades que a vida lhe impunha e assumir a profissão de *literatta* e jornalista, predominantemente exercida por homens naquele contexto. Contudo, começemos do início de tudo.

e Araripe Júnior. São representantes dessa crítica literária no Brasil: Olavo Bilac, Humberto de Campos, Coelho Neto, Medeiros de Albuquerque, Osório Duque Estrada, João do Rio (Paulo Barreto), Carmen Dolores, Isabella Nelson, Chrysanthème, entre outros.

3.1.1 Emilia e a sua origem

Se parece ser cada vez mais inacessível a restituição textual da integralidade de uma existência individual, escrever biografias continua sendo um dos sinais de nossa insuperável necessidade de narrar e compreender. (Alexandre de Sá Avelar)

Emilia Moncorvo de Figueiredo nasceu em 11 de março de 1852, na capital brasileira, Rio de Janeiro,⁸⁰ conforme os registros paroquiais de seu batismo, encontrados na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro – Igreja de Santana – Livro 6: 1849-1855 AP642 Folha 162 (figuras 3 e 4):

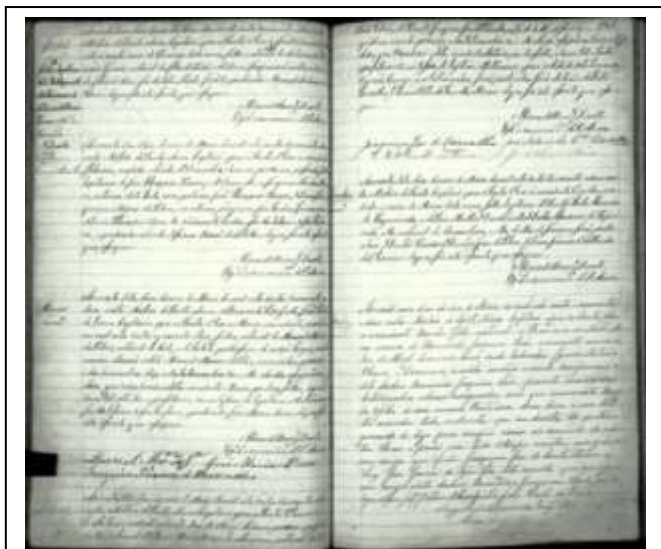


Figura 3: Livro 6: 1849-1855 AP642 Folha 162.

Registro de batismo de Emilia Moncorvo de Figueiredo

Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, janeiro de 2013

⁸⁰ Já esclarecido o equívoco do nascimento em São Paulo, registrado por Luís Correa de Melo (1954) e repetido por vários outros historiados e críticos fundados em sua obra. (Cf. MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmãos Andriolis, 1954)

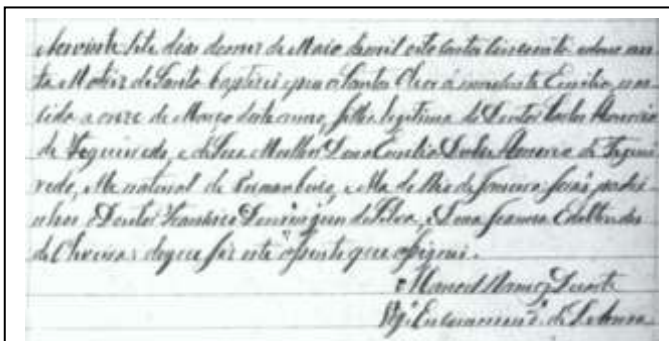


Figura 4: Detalhe da página do Registro de Batismo de Emilia Moncorvo de Figueiredo

Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro, janeiro de 2013

O uso de registros paroquiais como fonte de dados primários em uma pesquisa nem sempre foi valorizado, por isso cabe, aqui, uma explicação. Como expõe Le Goff (2003, p.525-529), talvez a crítica não conhecesse ainda, até meados do século XX, o sentido que atribuímos hoje ao vocábulo monumento, e nem sua diferença em relação a documento. A validade dos registros paroquiais foi cancelada a partir da “revolução documental”, instaurada a partir da década de 1960, na qual não queremos apenas “evocar o passado, perpetuar a recordação”, pois tanto a memória coletiva quanto a história não se interessam apenas pelos “grandes homens, os acontecimentos, a história que avança depressa, a história política, diplomática, militar”, mas recai sobre “todos os homens” e, por isso, “suscita uma nova hierarquia mais ou menos implícita dos documentos [...]”. Nesse sentido, “o registro paroquial, em que são assinalados, por paróquia, os nascimentos, os matrimônios e as mortes, marca a entrada na história das ‘massas dormentes’ e inaugura a era da documentação da massa” (LE GOFF, 2003, p.531). É dessa perspectiva que contamos a sua história de vida.

Quanto à sua família de origem, era filha de Carlos Honório de Figueiredo e Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo. Ele figura na *Gazeta de Notícias*, nos anos de 1877 até 1881, como 2º Secretário do Instituto Histórico e Geográfico e como membro correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Em 10 de julho de 1879, na primeira página da *Gazeta de Notícias*, há uma nota de falecimento de Joaquim Bernardo de Figueiredo (15 anos), descrito como filho de Carlos Honório de

Figueiredo, neto do “Marquês de Sapucahi”. Fato que nos permite deduzir que Emilia também foi neta desse Marquês, pertencendo, durante o Império, à aristocracia brasileira. Carmen Dolores também se referiu a esse ilustre avô na crônica em que comentava as inovações e os requintes dos novos tempos:

[...] e se os meus pobres avós ressuscitassem, que tremendo espanto, o deles! Um dos mais brilhantes no seu tempo – segundo me contam – porque residia num casarão (hoje se denominaria palácio) à rua do fogo e foi um dos primeiros que aqui arvorou sege com cocheiro e laçao de libré, pasmaria para os ventiladores dos teatros e das confeitarias, muito murcho e contrariado. Porque foi ele também o primeiro que aqui introduziu um panká da Índia, que refrescava a sala de jantar, agitado pela paciente mão de um escravo, sentado no chão, de pernas encruzadas; e à vista de todos os atuais pankazinhos, coitado do meu ilustre avô! (DOLORES, 24 de fevereiro de 1907, p.1).⁸¹

No mesmo ano de 1907, ao agradecer elogios recebidos pela conferência realizada sobre *A cidade e o Campo*, declara-se “brasileira pura, com antepassados todos brasileiros, à exceção de um avô [...]” (DOLORES, 13 de outubro de 1907, p.1). Não podemos afirmar se esse avô era o referido Marquês.

Segundo a *Gazeta de Notícias* (23 de março de 1880, p.1),⁸² em ata de secção da Sociedade de Geografia de Lisboa, Carlos Honório é chamado de “Comendador”.

No obituário de Carmen Dolores, publicado na *Gazeta de Notícias* (17 de agosto de 1910, p.1), encontramos que ela tinha três irmãos: Dr. Carlos Arthur Moncorvo, fundador da Policlínica Dr. Moncorvo, o qual, em 1910 já era falecido; Dr. Cândido de Araujo Vianna de Figueiredo e D. Thereza Christina de Araujo Vianna, figuras que aparecem com certa frequência nas colunas sociais dos periódicos

⁸¹ Optamos por apresentar todas as referências aos periódicos em que Carmen Dolores publicou no formato AUTORA/dia/mês/ano/página, infringindo às normas da ABNT, porque há um número extremamente elevado de coincidências de mesma AUTORA, ano, página.

⁸² Todas as chamadas para referências de periódicos ao longo da tese estarão com data completa (dia/mês/ano) em função do grande número de chamadas semelhantes, ou seja, mesmo autor, mesmo periódico, mesmo ano e mesma página. No entanto, são citações de exemplares publicados em dias e meses diferentes.

do Rio de Janeiro, durante o período do Império. Em 08 de julho de 1881, por exemplo, encontramos, na *Gazeta de Notícias*, nota de homenagem ao pai, Carlos H. de Figueiredo, feita por Cândido J. de Araujo Viana Figueiredo – aluno de engenharia da escola Politécnica. Em 30 de julho de 1881, no mesmo jornal, nota de falecimento de Carlos Honório de Figueiredo, com 57 anos, por lesão no coração. No entanto, sobre a mãe, nada encontramos.

3.1.2 A formação escolar

Se reconstruir seu círculo familiar foi relativamente fácil, conhecer sua formação escolar e intelectual factual continua sendo difícil pela falta de “documentos escritos”. Seguindo a lição de Le Goff (2003, p. 530), que sugere, a partir do que nos deixaram os fundadores da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929), “ampliar a noção de documento” e considerar toda e qualquer marca de vida e de inteligência deixada por uma pessoa, quando os documentos escritos nos faltam, explorando as fábulas, os mitos, os signos encontrados pelo historiador. Valemo-nos da voz de Carmen Dolores (09 de agosto de 1908, p.1), quando ela descreve autobiograficamente, no jornal *O Paiz*, sua “educação” não convencional para meninas do seu tempo:

Que culpa tenho, afinal, se me não educaram pela cartilha dos conventos ou das instituições religiosas, aprendendo a preparar doces e biscoitos, nos primeiros e nas outras a fazer bem a reverência nos *parloirs* amáveis, a recitar fábulas em francês e a conhecer o exato valor da hipocrisia social e da reza nas capelas floridas, como governa da vida? (DOLORES, 09 de agosto de 1908, p.1).

Emília usa a voz da cronista Carmen Dolores e decide fazer um relato de si mesma, consciente de seu caráter ficcional, sem a obrigação de fidelidade referencial ou justificação existencial. A escritora, dissolvendo a própria ideia de autobiografia, promove uma confusão identitária do sujeito feminino que dá seu testemunho sobre seu processo educativo e cria um relato fictício com dados verossímeis à sua realidade. Poderíamos, aqui, pensar no conceito de “autoficção” traçado por Régine Robin (1994, p.74): “A autoficção é ficção, ser de linguagem, o que faz com que o sujeito narrado seja um sujeito fictício enquanto narrado”.

Apesar da dificuldade de estabelecer os limites entre o relato factual e o ficcional, lembramos que a educação das mulheres, no século XIX, se restringia às atividades que fossem úteis na vida doméstica, já que esse era o espaço determinado para elas. A instrução para atuar no mercado de trabalho só era dada aos homens, pois, por um lado, havia a crença da incapacidade intelectual e produtiva das mulheres no espaço público e, por outro, inseridas numa sociedade patriarcal, elas eram excluídas desse espaço, da política, da participação ativa na vida pública. Mulheres da elite, como Emilia, podiam receber certo grau de instrução por meio de professoras particulares, contratadas pelo pai para dar aulas em suas próprias casas, ou, mesmo, eram instruídas em uma das poucas escolas para meninas que existiam. Porém, no caso dela, não encontramos nenhum documento que esclareça se frequentou escolas. Somente pela voz de Carmen Dolores sabemos que teve um “mestre”, pelo menos no aprendizado do latim:

Quando eu aprendi em pequena um bocadinho de latim – por sinal que muito contra a vontade e com imenso vexame – sucedia-me às vezes não encontrar absolutamente o significado desejado para a tradução de alguma terrível página de Cornelius Nepotis, Tito Lívio ou o quer que seja, que já não recordo mais, e cujas orações invertidas pareciam rir-se à minha custa.

Dizia-me então o mestre:

- Feche os olhos, concentre-se e espere...

E eu obedecia docilmente, mesmo porque tinha um sono invencível, e concentrava-me, e esperava... Ao reabrir, porém, as pálpebras, o espírito não me visitara e eu continuava a não descobrir o maldito significado, perdido, emboscado lá nas brenhas do *Magnum Lexicon*. O mistério da página latina permanecia inviolável para mim, embora eu me enervasse em fitá-la, primeiro com curiosidade, depois com ansiosa imploração, e finalmente com uma raiva tão profunda, que ela conserva até hoje o vestígio da furiosa crispção dos meus dedos de criança... (DOLORES, 02 de setembro de 1906, p.1).

Algumas escolas eram mantidas por leigos (com classes para meninas e outras para meninos), mas outras foram fundadas por congregações e ordens religiosas masculinas e femininas, e, nesse sentido, a educação seguia a “cartilha” da doutrina cristã. Além disso, aquelas que atendiam às meninas (em número bem menor) as instruíam

para o que se esperava dessa mulher na sociedade fundamentada no patriarcalismo, ou seja, “como governa a vida” corrente naquela época: que soubesse cozinhar, costurar, bordar, cuidar dos filhos e, no caso das mulheres da elite, administrar a vida doméstica, manter a higiene da casa com suas habilidades de mando das criadas e serviçais, mas que também soubesse se comportar nos salões, falando francês, fazendo bem a reverência, tocando algum instrumento musical (geralmente o piano), declamando um poema ou desenvolvendo alguma outra habilidade artística. Carmen Dolores, para além da habilidade artística de lidar com as palavras, era fluente em francês e inglês, tendo em vista as inúmeras citações nessas duas línguas presentes na sua obra cronística e a sua atuação como cronista no jornal *Le Etoile du Sud*, a ser comentada mais à frente, neste capítulo. Quanto à fluência em inglês, Carmen Dolores comenta, na sua crônica de *O Paiz*: “E vejam o que é o progresso: até eu já estou falando inglês – eu, a latina por excelência, a latina *'for ever'*” (DOLORES, 16 de setembro de 1906, p.1).

Porém, retomando a indagação autorreferente de Carmen Dolores, ela permite inferir que sua educação não foi efetivada totalmente por este “modelo” destinado às mulheres de sua época e, por esta razão, seu modo de atuar no contexto social e, principalmente, o modo de tornar as suas ideias públicas, através das crônicas e conferências, não se enquadra no que os homens esperam de uma mulher na primeira década do século XX.

Mais adiante, na mesma crônica, Carmen Dolores justifica sua forma de expressar suas ideias, usando a pena a partir da forma e do tipo de instrução recebida:

Criada em uma escola prática, recebendo ensino forte dos conscienciosos homens do passado, quando Deus era ainda adorado sem os fanatismos piegas, excessivos, convencionais e ambiciosos do presente, é natural que me pareça perfeitamente justo usar da pena como uso (DOLORES, 09 de agosto de 1908, p.1).

A cronista justifica, assim, pelo viés da educação diferenciada recebida, a expressão de suas ideias e atitudes que não constituem a norma, o comportamento usual das mulheres que lhe são contemporâneas.

A partir de meados do século XIX, com a fundação de escolas normais para suprir a demanda de professores e professoras, pode-se ampliar o acesso à educação. Mesmo ainda atendendo a um número maior de meninos do que de meninas, algumas mulheres brasileiras

tiveram a oportunidade de começar a participar mais da vida pública, atuar profissionalmente, expressar seu pensamento pelos jornais, revistas (principalmente as femininas) e até escrever livros, como é o caso de Carmen Dolores, entre outras escritoras do período.

Dois anos antes, em crônica publicada em *O Paiz*, Carmen Dolores deixou entrever a forma com que recebeu instrução intelectual:

Aprendi o português nos *Lusíadas*, analisando gramaticalmente estes versos grandiosos, mas complicados em matéria de sujeito e paciente, digamos a verdade, do imortal Camões. E logo me embebi, fascinada, nas obras do velho Alexandre Herculano.

Foi assim que me acostumei a amá-lo, e mais tarde, à proporção que se desenvolvia o espírito, foi ainda nos escritores de lá e na língua de lá, mais clássica e mais enérgica do que a nossa, como irmã mais velha que melhor apurasse a sua forma, que eu busquei os mais vivos gozos de minha inteligência ou do meu instinto literário.

Outro amor, entretanto, surgiu em mim, rivalizando com o primeiro – o da luz intelectual, tão poderosa e criadora, da França.

Conheci, finalmente, Ramalho Ortigão em pessoa... Tive a satisfação de ser para ele uma amiga, nesta terra que o escritor honrou com a sua visita inolvidável (DOLORES, 01 de julho de 1906, p.1).

Se o método de ensino da língua está evidente nas suas palavras, assim como o seu fascínio pela literatura, nascido por meio da leitura dos clássicos, e, conseqüentemente, o apanhado cultural apreendido dessas leituras, falta-nos, no entanto, a informação sobre onde e quem foram seus professores ou preceptores.

A cronista da *Gazeta de Notícias*, que assinava suas colunas como V. Campos, em crônica intitulada “Carmen Dolores”, enunciando seu discurso enquanto “mãe de família”, assim descreve a autora postumamente:

Filha de distinta família, estreitamente ligada à sociedade do Império, D. Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, em literatura ‘Carmen Dolores’, passou a sua infância, mocidade e mesmo alguns anos da idade mais avançada, estudando a primeira sociedade, no que ela tem de

bom e de mau, de perfeito e de ridículo, de salutar e de astucioso, de sincero e de falso.

E eram tão perfeitos os seus estudos, instantâneos, flagrantemente das cenas da vida social!

Os seus heróis são vivos, palpáveis, vêm sempre a propósito e com a maior precisão e atualidade.

A ela se poderia aplicar o que disse pena francesa sobre não menos ilustre escritor francês:

-'Les personnages sont des gens qu'on a vus ou rencontrés ou qu'on rencontrera. On les voit aller, venir, agir, ou les entend parler dans leur milieu, si fidèlement décrit qu'on se croit avec eux, a leurs cotés (CAMPOS, 06 de junho de 1915, p.1).

Julia Lopes de Almeida, por sua vez, em crônica dedicada à Carmen Dolores, alguns dias após seu falecimento, também comenta a sua grande ilustração, que lhe teria proporcionado um lugar certo em qualquer curso superior se ela o tivesse pleiteado:

Com a sua ilustração, mais de uma vez Carmen Dolores nos afirmou nas suas crônicas ter estudado como um homem e com os melhores mestres do seu tempo, tendo concluído cedo os preparatórios que lhe dariam ingresso em qualquer das nossas escolas superiores, se a isso ela se tivesse proposto, aliás provada à saciedade nos seus escritos; com a sua observação da vida, o seu talento excepcional, o seu temperamento vibrátil, a sua coragem de lutadora e a sua capacidade de trabalho, Carmen Dolores ter-nos-ia legado, a par do nome de jornalista brilhante que deixou, uma obra prodigiosa, se acaso tivesse começado a trabalhar aos vinte anos. Houve ao menos, na sua demora em entrar para a carreira literária que tão ardentemente a solicitava, a glória de ter começado como bem poucas vezes acabam, mesmo os que nela mais lidam e mais se esforçam: - magnificamente (ALMEIDA, 23 de agosto de 1910, p.1).

A demora em entrar para a carreira literária, o seu talento excepcional, a sua coragem de lutadora e sua capacidade de trabalho, diferentemente de Júlia Lopes de Almeida, que começou a escrever por aptidão natural ainda solteira, quase ainda menina e continuou sua

carreira depois de casada com Filinto de Almeida,⁸³se deu apenas quando Emilia já estava viúva há alguns anos.

Em 1907, durante uma discussão sobre a legalização do divórcio com Carlos de Laet, ela mesma conta como foi seu início de carreira:

Eu não devia referir-me a mim própria, Dr. Carlos de Laet: mas enfim o meu caso pode também vir à cena como um exemplo impessoal, citado apenas para confirmar a contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista.

Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como **diletante** muito oculta e que até com vexame cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias.

Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha casa, discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet; e de chofre, espavorida, eu me vi sozinha em face da realidade atroz... Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-sacra... Mas há muito que a minha coragem venceu e tenho hoje o orgulho permitam a confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher.

E sabem-no bem os diretores dos jornais para os quais eu escrevo. Não tenho gozos, é fato, mas enfim vivo e faço viver.

Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos pedantismos, aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar... (DOLORES, 30 de junho de 1907, p.1).

Somente quando se encontrou sozinha com filhos ainda jovens por sustentar é que começou a buscar um meio de subsistência, usando, para isso, seu talento de literata.

⁸³ Filinto de Almeida também foi escritor, mas demonstrou menos talento do que Julia Lopes de Almeida. Daí, podermos afirmar que ela não escreveu sob influxo dele.

3.1.3 O casamento e os filhos

Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo casou jovem, aos 15 anos, no dia 23 de dezembro de 1867, na igreja matriz de Santo Antonio – Rio de Janeiro, com Jeronymo Bandeira de Mello, conforme os registros paroquiais encontrados na Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro (figuras 5 e 6).

Conforme a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro de 26 de dezembro de 1886, ele nasceu em Pernambuco, em 16 de março de 1838, e seria, portanto, 14 anos mais velho do que ela. Era filho de João Capistrano Bandeira de Mello – que figurou nos periódicos, do tempo do Império, como Conselheiro e Juiz de Direito de distrito criminal – e de Umbelina Julia Bandeira de Mello – que figura na Imprensa do Império como “dirigente paroquial de organizações



Figura 5: Livro de Registro do Casamento de Jeronymo Bandeira de Mello e Emilia Moncorvo de Figueiredo

Fonte: Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro.

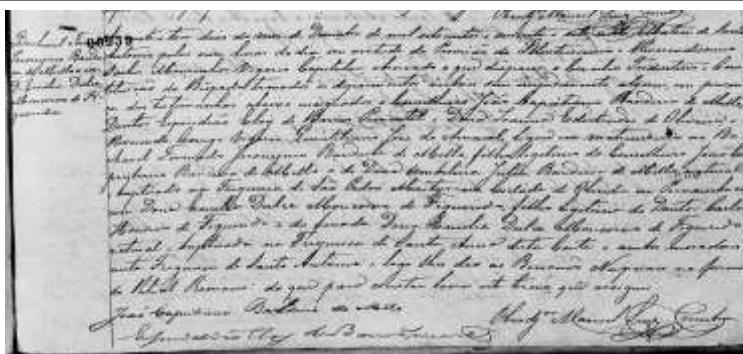


Figura 6: Detalhe da folha: Registro do Casamento de Jeronymo e Emilia

Fonte: Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro

católicas”, ao lado de outras “senhoras da sociedade”. Jeronymo cursou a Faculdade de Direito, em Recife, onde se bacharelou em “Ciências Sociais e Jurídicas”, em 1861. Foi promotor público em Muriaé e Ubá (MG), em 1861. No final daquele ano, o *Correio Mercantil* (19 de dezembro de 1861, p.3) registra sua entrada no porto do Rio de Janeiro, no dia 18 de dezembro de 1861, em navio vindo de Bordéus e escalas. Abandonou a magistratura e, entre 22 de outubro de 1863 a 16 de novembro de 1863, o jornal *Actualidade* publica uma nota de divulgação de seus serviços no escritório de advocacia na Vila do Piranga –Minas Gerais. Não se sabe ao certo quando veio a estabelecer residência no Rio de Janeiro, mas, possivelmente, foi no ano de seu casamento com Emilia, 1867, pois, em 25 de fevereiro de 1868 aparece uma nota, no *Diário do Rio*, de “não identificação de seu endereço” para entrega de correspondência enviada para aquele jornal – endereçada a ele. Sabemos, ainda, que exerceu advocacia até 1873, quando, em 11 de outubro, foi nomeado para elevado cargo na Repartição de Estatística do Ministério do Império. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 de outubro de 1873, p.3). A partir desse período, acumulou outros cargos: foi membro da Sociedade de Higiene de Paris e Secretário do Conselho Superior de Saúde Pública.

Sua condição financeira torna-se pública por meio do *Suplemento 194 – Diário do Rio de Janeiro* de 20 de julho de 1876, o qual o apresenta como qualificado para ser votante de Município Neutro – Décimo Sexto Quarteirão – assim como elegível: “Dr. Jeronymo Bandeira de Mello, 38 anos, casado, sabe ler, funcionário público, filho do Conselheiro João Capistrano Bandeira de Mello, rua Bella da Princeza, 50,6.00\$ de rendimento, elegível”.

Ainda na década de 1870, ele figura no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre os 100 maiores acionistas do Banco do Brasil, assim como consta nota de prisão de um escravo pertencente a Jeronymo Bandeira de Mello que estava na rua às 10 horas da noite. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 22 de agosto de 1877). É importante ressaltar que se trata do Banco do Brasil do período do Império e que, em 1890, houve a fusão do Banco Nacional do Brasil com o Banco dos Estados Unidos do Brasil, dando origem ao Banco da República do Brasil. Dessa fusão, investidores que guardavam suas fortunas naqueles bancos tiveram seu dinheiro retido por um longo tempo e muitos tiveram perdas financeiras. Em 1890, Jeronymo já havia falecido e Emilia, viúva e com seis filhos, é quem vivencia as perdas financeiras, como ela mesma relata, pela voz de Carmen Dolores, em crônica de 1908, sua indignação

diante do modo como os banqueiros roubam o dinheiro de trabalhadores abrindo falência de um dia para o outro:

Em esfera superior, não se tratando do depósito de pequenas quantias, mas sim de grandes capitais, o Banco da República do Brasil fez perfeitamente o mesmo – posso dizê-lo de cadeira, eu, que lá deixei parte de minha fortuna – e ei-lo, contudo, sob um nome levemente alterado, representando agora um banco forte e servindo de esteio aos banquinhos, sem que, aliás, me tenha pago o que me tirou.

Fez um rateio amável, após seis longos anos de silêncio sem um dividendo, entregou uma migalha a cada acionista e pronto! Abriu novo voo para as esferas atuais de grande importância e grande capital... Ora! Aí temos como se fazem os bancos fortes. O do Brasil tem hoje em fundo próspero de fazer medo: eu, eu... estou aqui escrevendo estas verdades inúteis e um tanto ridículas... (DOLORES, 08 de março de 1908, p.1).

Esse relato talvez possa explicar a tão difundida ideia, mencionada por Brito Broca (2004) e repetida por vários outros críticos e historiadores, de que ela começou a escrever por diletantismo e, depois, por necessidade financeira. Por outro lado, essa necessidade financeira era relativa, pois, em crônica de 1907, comentando a polêmica instaurada em torno da regularização do serviço doméstico, Carmen Dolores expõe sua situação:

Sou de todo o ponto insuspeita nesta questão, eu, porque tenho a privilegiada ventura de não conhecer as agruras de uma busca e de uma mudança contínuas de criados, mantendo desde longos anos as mesmas criaturas sob o meu governo (DOLORES, 24 de março de 1907, p.1).

Contudo, enquanto ela esteve casada com Jeronymo, e vivendo dentro dessas condições econômicas e sociais abastadas, Emilia gestou e teve seis filhos, além de acompanhar o marido em viagens ao exterior, quando ele já estava bem mais velho e enfermo. É possível que a jovem Emilia nem pretendesse, um dia, tornar-se uma voz pública de reconhecido talento, apesar de seu olhar crítico sobre a sociedade em que estava inserida, sua erudição e seu conhecimento sobre os clássicos. Como veremos mais adiante, quando seus primeiros textos chegaram ao público leitor, já no final da década de 1890, ela ainda receava não ser bem recebida pelos leitores daquela sociedade.

No mesmo jornal, *Diário de Notícias*, em 25 de abril de 1878, uma nota informa que o Ministério do Império concede, ao então chefe de divisão do Ministério da Estatística, seis meses de licença remunerada para tratamento de saúde e a *Gazeta de Notícias* – do Rio de Janeiro – de 30 de abril de 1878, publica uma nota de partida de Jeronymo e sua mulher para Bordéus (França) no pacote inglês *Patagonia*. Viagem da qual ambos retornaram em 22 de outubro de 1878, conforme o mesmo jornal noticia em 24 de outubro de 1878. Se o motivo da viagem era, de fato, para tratamento de saúde, ou se era para fazer turismo, é que não há como saber. O fato é que ele falece oito anos depois dessa viagem.

Quando Jeronymo Bandeira de Mello falece, no Rio de Janeiro, em 25 de dezembro de 1886, conforme nota de falecimento publicado na *Gazeta de Notícias* de 26 de dezembro de 1886, Emilia e sua filha Cecília⁸⁴ estão viajando novamente para a Europa. Na coluna “Hóspedes e viajantes”, do *Diário de Notícias* de 07 de setembro de 1886, consta que: “Seguiram ontem no vapor francês Senegal, para Lisboa e Bordéus, os seguintes passageiros [...] Para Bordéus: [...] D. Emilia Moncorvo Bandeira de Mello e sua filha Cecília Bandeira de Mello [...]”. Desta viagem para o sudoeste da França, realizada com a finalidade de tratamento de saúde, mãe e filha só retornam ao Brasil em fevereiro do ano seguinte, conforme a *Gazeta de Notícias* de 08 de fevereiro de 1887: “No pacote Senegal regressaram ontem da Europa, a Exma. Sra. D. Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, viúva do Dr. Jeronymo Bandeira de Mello, e sua filha”.

As informações sobre quem e quantos seriam seus filhos são, em parte, desconstruídas. Mas, na dinâmica da construção de sua história de vida, usamos as fontes primárias e secundárias (quando necessário) não como reatualização da verdade, todavia, apenas como auxílio à compreensão de seu perfil biográfico,⁸⁵ ou seja, “[...] como uma

⁸⁴ Cecília Moncorvo Bandeira de Mello, posteriormente, casa-se com Horácio Rebello de Vasconcelos, conforme a publicação dos proclamas da união, no jornal *Gazeta da Tarde* – Rio de Janeiro em 21/03/1888, p. 2, e, seguindo os passos da mãe, torna-se escritora e cronista de diversos periódicos cariocas, assinando suas obras com o pseudônimo Chrysanthème.

⁸⁵ A invenção de biografias literárias em estudos acadêmicos contemporâneos, diferentemente da abordagem biográfica tradicional do final do século XIX e início do século XX, tornou-se um campo privilegiado para reflexões sobre a literatura e sobre a crítica. Naquela época, as biografias se efetivavam como uma “[...] prática hermenêutica de análise textual, que visava ao deciframento do sentido oculto e da origem do texto a partir da relação naturalista e causal

rememoração que se dá no nível da linguagem e representa a busca de uma existência, através do caráter simbólico da palavra que se constrói a partir do diálogo presente/passado” (REMÉDIOS, 2004, p.280).

Na nota de falecimento de Jeronymo Bandeira de Mello, consta que ele deixa a viúva e seis filhos, sendo que Cecília seria sua “primogênita”, e, em outros obituários, de Emilia, constam apenas alguns dos nomes apontados por Pinto (2006, p.108) na sua tese sobre vida e obra de Chrysanthème (Cecília). A autora cita os seguintes sete nomes como “filhos de Carmen Dolores” na “sequência cronológica dos nascimentos”: Gastão Moncorvo Bandeira de Mello (1886), Cecília Moncorvo Bandeira de Mello (1870-1948), Alice Moncorvo Bandeira de Mello, Oscar Moncorvo Bandeira de Mello, Alfredo Moncorvo Bandeira de Mello, Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello (1879), Dulce Moncorvo Bandeira de Mello.

De todos eles, somente Alfredo não seria citado em nenhuma outra fonte de nossa pesquisa, o que, por um lado, nos faz duvidar de sua existência. A não ser que seja ele o filho que Carmen Dolores diz ter falecido precocemente, na sua crônica de *O Paiz*:

Eu tinha um filho, novo, forte, distinto, inteligente, já brilhando na carreira que abraçara... mas ele me escrevia sempre: “Que calor, onde estou! Este sol mata-me...”

Esgotou-o, de fato, o atroz clima, e ainda hoje, a terra maldita que lhe cobre os restos, longe de mim, arde e queima como as minhas lágrimas. As estridulas cigarras que lhe rodeiam o túmulo, embriagadas de luz, cantam a morte e não a vida. E eu, durante o verão, nesse canto vibrante, no ar rarefeito, no sol que escalda, no azul que resplandece – eu só leio duas únicas palavras, flamejantes como feitas de viva brasa: desgraça e dor (DOLORES, 01 de julho de 1906, p.1).

Cecília, por sua vez, é a mais conhecida hoje, em função dos estudos acadêmicos já realizados sobre a obra literária e jornalística que

entre vida e obra” (SOUZA, 2002, p. 49). Hoje, a prática biográfica segue a tendência de proliferação das práticas discursivas que valorizam os elementos extrínsecos à literatura, os quais “representam uma das marcas da pós-modernidade, que traz para o interior da discussão atual a democratização dos discursos e a quebra dos limites entre a ‘alta’ literatura e a cultura de massa” (SOUZA, 2002, p. 44).

deixou, tal como a mãe. Gastão e Oscar aparecem em notas jornalísticas onde constam suas aprovações no Internato Pedro II. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 11 de dezembro de 1886, p. 2) Gustavo também aparece aprovado em exames do Internato Pedro II. (DIÁRIO DE NOTÍCIA, 09 de dezembro de 1886, p.3). O que significa que os filhos homens tiveram sua formação escolar em uma instituição de ensino renomada, como os filhos das famílias mais abastadas do Império. Sobre as outras filhas, aparecem apenas as publicações dos proclamas de casamentos e, esporadicamente, seu aparecimento em eventos sociais da elite carioca.

No obituário de Carmen Dolores, publicado na *Gazeta de Notícias* (17 de agosto de 1910), consta que ela “deixa os seguintes descendentes: Gastão Moncorvo Bandeira de Mello, Cecília Rebelo de Vasconcellos, Dulce Baptista Lauro, casada com o Sr. João Baptista Lauro, e Alice Bandeira de Mello”. E o obituário do jornal *A Notícia*, na mesma data, confirma os mesmos descendentes citados.

Alice casou-se, depois do falecimento do pai, com Dr. Francisco Baptista do Nascimento, conforme a publicação de proclamas da união na *Gazeta da Tarde* (25 de setembro de 1891). Em dezembro do mesmo ano, 1891, o nome de Oscar aparece como aprovado nos exames da faculdade livre de ciências jurídicas. (GAZETA DA TARDE, 17 de dezembro de 1891, p. 1) Os nomes de Dulce e Gastão reaparecem, já com seus cônjuges, nas inscrições de coroas no enterro da mãe—conforme obituário publicado em *O Paiz*: “Saudades de seus filhos Dulce, Lauro, Gastão e Hermance”. Hermance aparece em outra nota na coluna social como “nora de Carmen Dolores”, casada com Gastão. O jornal *O Paiz* (17 de agosto de 1910, p. 9), em nota de seu falecimento, é quem melhor descreve os descendentes que ela deixa:

D. Cecília Rebello de Vasconcellos, D. Alice Bandeira de Mello e Nascimento e sua filha, tenente da força policial Gustavo Moncorvo Bandeira de Mello, sua senhora e filhos, D. Dulce Baptista Lauro e seu marido, o primeiro tenente da armada João Baptista Lauro e filho, Gastão Moncorvo Bandeira de Mello, sua senhora e filho [...].

Cogitando sobre possíveis intenções de Carmen Dolores contrair um novo casamento, já que ainda era bem jovem quando ficou viúva — apenas 34 anos, encontramos somente uma rápida opinião de outro cronista, quando escreve sobre seu falecimento: “Carmen tinha cinquenta e nove anos, era viúva, e não pretendia casar...” (REGO, 21 de agosto de 1911, p.2).

3.1.4 Emilia Moncorvo e Carmen Dolores em uma só vida

Antes de ficar viúva, o nome de Carmen Dolores não aparece em periódicos cariocas, mas Emilia figura nas colunas sociais em raras ocasiões, principalmente, nas viagens e nas ações sociais. Em 1885, ela e outras senhoras da sociedade recebem um pedido de munificência para poderem fundar um “Asilo para a Infância Desvalida”, por parte da administração da Irmandade da Candelária. (O PAIZ, 28 de junho de 1885, p.1). No mesmo ano, consta no *Diário de Notícias* (20 de outubro de 1885, p.1) uma nota onde ela se escusou de aceitar o cargo no Conselho Diretor da Sociedade Protetora dos Animais.

Depois que seus primeiros textos vêm a público, com seus pseudônimos diversos, parece que se instaura um silêncio na mídia impressa carioca sobre o nome de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, inclusive nas colunas sociais. Na medida em que o pseudônimo mais usado por ela, Carmen Dolores, torna-se conhecido, a curiosidade despertada por aqueles textos vibrantes, “ másculos”, como costumavam considerá-los os intelectuais críticos da época, aumenta. E o silêncio sobre Emilia é quebrado, momentaneamente, somente pelo tempo em que duraram o espanto, a incredulidade e a “decepção” por serem aquelas crônicas textos de mulher.

Jie, cronista do *Correio da Manhã*, conta detalhadamente os antecedentes do episódio da revelação da identidade civil da escritora, que usava o pseudônimo Carmen Dolores, inserindo no seu texto, pela primeira vez nos periódicos nacionais, a sua foto relacionada à autora das crônicas:

Carmen Dolores! Este nome atraente e sugestivo, como uma linda evocação à pátria do Cid, trouxe por muito tempo o Rio de Janeiro intrigado. Numa terra em que tudo se sabe, não saber alguma coisa, é um desaforo considerável. Não diremos que o Rio de Janeiro deixasse de comer e de dormir por esse motivo – mesmo porque as questões de espírito não lhe tiram nem o sono, nem o apetite – contudo, nas rodas literárias, comentava-se o fato com pasmo e azedume.

Carmen Dolores? Quem será? É nome? É pseudônimo?

E o falatório, insaciável e insaciado, esmiuçava o caso extraordinário com interrogações formidáveis e reticências que se prolongavam em

pontos numerosos como as contas numerosas de um rosário beneditino.

Também era demais! Manter assim o mistério, era uma provocação.

Falava-se, pois, perdidamente. Bem e mal.

O que ninguém lhe negava – o que ninguém podia negar-lhe – era o talento. Carmen Dolores, fosse ela quem fosse, tinha talento, um talento original e vibrante, uma observação aguda e pachorrenta, um estilo claro, incisivo, e – muito especialmente – uma *coragem* desmedida, para dizer à face dos contemporâneos boquiabertos, as verdades mais duras e menos discutíveis.

Essa circunstância, se lhe não aumentou sensivelmente o número de admiradores, centuplicou o número de curiosos, que lhe queriam desvendar o incógnito do nome de guerra. E nunca, notem bem, “nome de guerra” foi mais adequado, denominação mais bem aplicada do que no caso dessa valente escritora que assim se revelava, desde o princípio da sua vida de letras, uma lutadora tão franca e tão audaz, adversária tão temível e persistente da pequenez burguesa, da rotina, dos preconceitos, da falsidade, das baixeiras, da intriga, do mexerico, da bisbilhotice maldosa, das mentiras convencionais, da falsa piedade, da falsa fé, e, em suma, de toda a infinita e multiforme covardia humana. [...]

A curiosidade tornou-se cada vez mais intensa em torno do seu nome e atingiu aos paroxismos da fúria.

Nestas condições era difícil manter um segredo. Um belo dia, por encanto (como nos contos de fadas) soube-se que Carmen Dolores era a Sra. D. Emilia Bandeira de Mello (JIE, 18 de janeiro de 1908, p.1).

Outros cronistas também comentam as controvérsias, as discussões nas rodas literárias que o mistério provocou por vários anos. Considerando que seus primeiros textos literários em livro são de 1897, ou mesmo seus textos jornalísticos são de 1898, que assinou a coluna “A Semana” em *O Paiz*, com mais assiduidade, desde janeiro de 1905 e a luz sobre o que estava velado só alcança o público mais de dois anos depois, podemos imaginar o quanto a autora se divertia furtivamente

com a querela instaurada. Sua fabulação de uma vida autoral lhe permitia expressar seus sentimentos e ideias, opinar sobre a “pequenez burguesa”, os “preconceitos”, a “falsidade” e todo o lado deteriorado da vida em sociedade, sem revelar sua face de “senhora da sociedade” que Emilia sempre foi. Na mesma medida, lhe permitiu definir “sua identidade e o valor artístico do texto criado a partir da relação eu-outro que atesta a ficcionalidade das expressões do eu”, como normalmente acontece nas histórias de vida construídas por um “sujeito-autor mergulhado na linguagem” e “em constante diálogo” (REMÉDIOS, 2004, p. 280). É nesse sentido que acreditamos no uso de pseudônimos como uma estratégia de escrita – como discutiremos mais adiante, neste capítulo.

Depois de “acostumados” com aquela voz de mulher nas colunas de *O Paiz* semanalmente, até as notícias dos eventos sociais que ela promovia, ou participava, eram atribuídas à Carmen Dolores. Por exemplo, Figueiredo Pimentel, da coluna “Binóculo”, da *Gazeta de Notícias* de 20 de agosto de 1909, descreve a festa realizada em “casa de Carmen Dolores” há dois dias, pelo aniversário de seu genro, Tenente da Armada Baptista Lauro. No evento, houve um concerto com extensa programação descrita no jornal (canto, violino, piano, dueto...) e, no meio da programação, encenações dramáticas de “Provérbios de salão em 1 ato: O bocado não é para quem o faz”, texto escrito por Carmen Dolores. Atuaram como personagens: D. Laura de Alvarenga; Mme. Baptista Lauro; Olga, sua filha; Hermance Bandeira de Mello; Claudio Fragoso e o Sr. Gastão Bandeira de Mello. (PIMENTEL, 20 de agosto de 1909, p. 3). Ou seja, seus filhos, nora, neta herdaram algo da sua veia artística: atuavam, cantavam, tocavam piano, alegrando os eventos promovidos por ela. Nesse ambiente assume o nome de Carmen Dolores.

A revista *Fon-Fon* publicava frequentemente seus “instantâneos” (figura 7), uma novidade da vida moderna carioca, de personalidades nas ruas “em flagrantes”. Nessa foto em que mãe e filha passeiam no “curso”⁸⁶, são os nomes literários Carmen Dolores e Chrysanthème que são citados.

⁸⁶ **Corso** é o nome que os passeios das sociedades carnavalescas do século XIX adquiriram no início do século XX, no Rio de Janeiro, após uma tentativa de se reproduzir no país as batalhas de flores, características dos carnavais mais sofisticados da virada do século. A brincadeira consistia no desfile de carruagens enfeitadas – e, posteriormente, de automóveis sem capota.



Figura 7: Carmen Dolores e Chrysanthème nas ruas do Rio

Fonte: *Revista Fon-Fon*, v. II, n. 49, 14 mar. 1908.

Em outras circunstâncias públicas, ela também assume o nome Carmen Dolores, como nesta reclamação dirigida aos Correios, em que ela pede ao diretor do *Correio da Manhã*, como colaboradora e leitora diária daquele jornal, que publique a seguinte correspondência:

Na rua dos Voluntários da Pátria, em Botafogo, os jornais chegam às 2 e 3 horas da tarde, o que parece incrível e a correspondência da manhã chega sem eles.

À queixa dirigida aos carteiros, respondem eles que são apenas dois para essa zona de Botafogo e não podem atender os protestos.

Ora, é estupendo que, neste bairro civilizado, cheguem os jornais à tarde, como na roça mais atrasada. E, além disso, como as casas têm quase todas jardins à frente, os estafetas não se dão ao trabalho de entrarem e atiram jornais e cartas pelas grades do portão, sem um aviso, de modo que, em dias de chuva, como agora, fica a

correspondência abandonada no chão ou sobre as gramas molhadas, recebendo em cima todo aquele aguaceiro.

Tudo isso é inatural e acredito bem que o Sr. diretor geral dos Correios o ignora: a verdade porém é que o serviço não pode continuar a ser feito deste modo e venho aqui, eu, moradora à rua Voluntários, por mim e pelos outros moradores, reclamar providências enérgicas em tal sentido. [...]

Eis por que requeiro um melhoramento qualquer, no meu nome e no dos outros prejudicados da mesma rua – *Carmen Dolores* (CORREIO DA MANHÃ, 31 de julho de 1907, p. 3 [grifo da autora]).

O que importa observar nesse fragmento não é o conteúdo da missiva em si, a “verdade” dos fatos, mas “as estratégias ficcionais de autorrepresentação” (termo de ARFUCH, 2010, p. 73) usadas pela autora do texto publicado no jornal: a referência explícita ao próprio endereço da escritora, o discurso enunciado em primeira pessoa do singular, o requerimento do melhoramento de um serviço prestado aos moradores do bairro em seu nome próprio, a carta assinada por “*Carmen Dolores*” são artifícios significativos para entender a performance da escritora. Ela atua no cenário social e cultural carioca com este outro eu, criado por ela, assume sua voz e promove este jogo entre a “outridade de si mesma” (ARFUCH, 2010, p.71) e a identidade civil da escritora. Subvertendo um modelo autobiográfico, a autora desnorteia o leitor com essa estratégia discursiva que, por um lado, estabelece a relação entre a existência de uma “vida real” e o referente espaço-temporal e, por outro, caminha pela fabulação da própria vida onde verdade e invenção se fundem.

3.1.5 O falecimento: um corpo e duas faces

Somente com o seu falecimento, o nome de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello reaparece, concorrendo, literalmente, com o seu outro eu, Carmen Dolores, em importância social. A grande maioria das notas de falecimento, dos obituários, das homenagens póstumas oscila entre a referência ao nome civil da escritora, senhora da sociedade e mãe de autoridades civis, e o nome adotado pela cronista, romancista, contista, dramaturga e conferencista no meio intelectual carioca do início do século XX. Como podemos observar no título deste convite de

participação da missa de sétimo dia, enviado pelos próprios familiares, que anunciam o falecimento de “D. Emilia Moncorvo Bandeira de Mello” e, logo a seguir, em destaque “(CARMEN DOLORES)” – literalmente entre parênteses e negrito (figura 8).

Ricardo Piglia (1994, p. 68), falando sobre a especificidade da ficção, afirma que “a realidade é tecida de ficções” e que “tudo pode ser ficcionalizado”, pois “a ficção trabalha com a crença e neste sentido leva [...] aos modelos convencionais de realidade e, naturalmente também às convenções que tornam verdadeiro (ou fictício) um texto”. No processo gestacional de sua obra literária e jornalística, Carmen Dolores assumiu de tal modo a identidade fictícia desse sujeito-autora, que sua existência “real” ficou convencionada a ela. Ainda de acordo com Piglia (1994, p.68), o



Figura 8: Convite de missa de 7º dia

Fonte: Correio da Manhã, 20/08/1910, p. 8

pesquisador, ao trabalhar com essas fontes primárias, publicadas em periódicos, precisa aprender a trabalhar nessa “zona indeterminada em que se cruzam a ficção e a verdade”.

No caso da escritora que aqui estudamos, verdade e ficção estão marcadas na dupla identidade de um só corpo, ou seja, o mesmo texto nomeia um só corpo, com dois nomes, como o obituário, que descreve

longamente o evento do seu velório e sepultamento na coluna “Vida Social” (O PAIZ, 18 de outubro de 1910, p.5). Entre as coroas e palmas de flores naturais, as inscrições que homenageiam ora Emilia, ora Carmen Dolores exemplificam o quanto o caráter histórico da verdade é relativo e, conseqüentemente, o quanto é cambiante esse percurso da história de vida desta autora. Excluídas aqui as inscrições familiares e aqueles que, como Alcindo Guanabara, preferiram não escrever nenhum dos dois nomes, rendem homenagens à D. Emilia M. Bandeira de Mello: a guarda civil (coroas de vários distritos e seções), Fanny Guimarães, fiscais da guarda civil da primeira seção, auxiliares e guardas da estação central, a Casa Trotte, entre vários outros. Para o mesmo corpo, diversas outras homenagens são prestadas para Carmen Dolores, como a de Julia Lopes de Almeida, a de Raul Cintra, do *Correio da Manhã*, a do Jornal *O Paiz*, a da Casa Heim, a do Jornal *A Imprensa*, entre outros. No mesmo texto jornalístico, estão transcritos os discursos proferidos, à beira do túmulo, por Coelho Netto e Collatino Barroso. “Ambos produziram sentidas orações relembrando o valor da sua personalidade literária” (O PAIZ, 18 de agosto de 1910, p. 5) e, portanto, direcionaram seus discursos para Carmen Dolores. No entanto, a presença de autoridades, como o representante do Presidente da República, Dr. Magalhães Castro, representantes da Guarda Civil do Rio de Janeiro, outras autoridades políticas, além de vários nomes da elite carioca, dos jornalistas, dos intelectuais, dos homens de letras e um grande número de admiradores e amigos da falecida no seu velório e sepultamento não nos remete apenas ao sujeito-autora Carmen Dolores, mas, também, para a senhora da elite carioca, Emilia, que ela continuou a ser, principalmente, em face de seu papel de mãe e sogra de tenentes que ocupam chefias na guarda civil, como tia do Dr. Moncorvo Filho, reconhecido diretor proprietário da Policlínica fundada por seu pai, bem como pela tradição do nome familiar Moncorvo Bandeira de Mello a que efetivamente pertencia.

Seu falecimento, em 16 de agosto de 1910, enquanto fato, pode ser comprovado pelo documento de registro civil do seu óbito (figura 9). Nele atestam que ela tinha 58 anos; era viúva; sua última residência foi à rua Voluntários da Pátria, 435; exercia a profissão de “litterata”; sua causa *mortis* foi peritonite aguda e foi sepultada no Cemitério São João Batista, em Botafogo, no túmulo de propriedade da sogra, junto com os sogros e o marido.

De seu chalé naquele endereço não há mais vestígios nos dias de hoje. Encontramos, no referido endereço, um altíssimo prédio residencial, mas em frente ainda há um chalé de 1903, que, provavelmente, ela avistava de sua antiga casa. Sua causa *mortis* explica as várias referências ao seu grande sofrimento no último ano de vida e sua persistência em continuar a escrever cada vez mais em meio a dores lancinantes, como no trecho do discurso proferido por Coelho Netto à beira do seu túmulo:



Figura 9: Registro de óbito de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello

Fonte: Arquivo da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro

[...] muito a estimei, medindo a amizade pela admiração que me inspirava o seu talento viril, a serviço de uma vontade que se bate com a morte galvanizando um cadáver durante meses à mesa do trabalho.

Era uma cena verdadeiramente macabra, como as que ideou Holbein, a que nos dava a escritora no seu leito escrevendo, lancinada de dores, corroída nas entranhas, a estorcer-se e a gemer – e os seus gemidos transmutavam-se em crônicas jocundas.

Carmen Dolores era uma força admirável; fantasista, alava-se em surtos; cronista, era a ironia, o comentário sutil, a descrição colorida, a verve cintilante; polemista, ainda que, no mais aceso da refrega, conservasse sempre, como Penthesiléa, a graça airosa do seu sexo, terçava

golpes formidáveis; em prol das ideias generosas, dos fracos e da beleza. [...]

Fica em nós a saudade da criatura suave, e, mais duradoura que a saudade, há de sempre brilhar na história literária de nossa Pátria o rastro fulgurante da grande artista que sucumbiu.

Os exemplos não perecem, e para glória da mulher brasileira; o corpo que aqui jaz inerte, foi a sede de um espírito superior e ativa energia, que muito pelejou pela independência da alma feminina, batendo-se contra preconceitos e impondo-se pelo talento, sempre em atividade, à admiração dos seus contemporâneos (O PAIZ, 18 de agosto de 1910, p.4).

Julia Lopes de Almeida também nos lembra do seu sofrimento físico com a doença que a atormentava, mas ressalta, acima de tudo, a sua força de vontade de viver e de ainda produzir mais e melhor:

Para que Carmen Dolores consentisse em deixar-se morrer foi preciso aturdi-la, subjugar-la, torná-la inerte pelo efeito de uma forte injeção de morfina. Foi o que, na hora do saimento, me disseram as próprias filhas, que dia e noite vinham de há muito assistindo com verdadeiro assombro à luta heroica, tremenda, sem par, daquele organismo devastado, a desfazer-se fisicamente de minuto em minuto, de segundo em segundo, e aquela inteligência que na própria dor parecia encontrar elementos novos de robustez e de clarividência.

Não se pode conceber um duelo mais terrível do que esse entre a vontade humana e a natureza implacável. E, por ironia da sorte, desde que a tremenda condenação pesou sobre ela, a escritora sentira rebentar-se-lhe na alma, com toda a seiva primaveril, uma floresta de sonhos e de ideias formosas a realizar (ALMEIDA, 23 de agosto de 1910, p.1).

Contudo, o que mais nos chama a atenção tanto no documento de Emilia, reconhecendo-a como “literatta”, quanto no discurso de Coelho Netto e de Julia Lopes de Almeida, assim como de tantos outros cronistas que lhe dedicaram crônicas póstumas, é o reconhecimento da excelência de sua atuação profissional, ato nada comum para as mulheres de seu tempo, como bem lembrou Julia Lopes de Almeida na mesma crônica citada acima que, carinhosamente, lhe dedicou dias depois de seu passamento:

As homenagens prestadas a Carmen Dolores no seu enterro, em que se fez representar o presidente da república, se à pobre morta nenhuma espécie de consolação ofereceram, deram-nas a nós outros a impressão de que ao menos o tempo das ingratidões e da indiferença pelas letras passou... [...] E é do que se deve tratar agora, que tudo o mais são palavras que o vento leva para o destino ignorado a que leva todas as coisas atrás das quais ninguém pode correr... E a figura desta escritora original, ardente e vigorosa, merece ficar em destaque permanente na galeria dos nossos escritores, de todos os tempos (ALMEIDA, 23 de agosto de 1910, p.1).

Apesar do desejo explícito de sua colega, na mesma condição de gênero, de permanência na posteridade, de reconhecimento de seu talento, é necessário conhecer um pouco do cenário cultural, literário, político e social em que ambas atuaram, perceber os preconceitos enraizados, apesar da coragem e ousadia de ambas para compreender o seu “esquecimento político” por parte de historiadores e críticos da literatura brasileira.

Ao traçar o perfil biográfico dessa senhora do século XIX, que se tornou uma escritora, podemos deslocar concepções que já pareciam cristalizadas na crítica e na história literária canônica, revisando e realocando sua história de vida e a história de suas obras em um determinado tempo e de determinado lugar: a *Belle Époque* brasileira. Com essa prática, não só comprovamos sua existência e atuação intelectual em determinado período da história literária, como também queremos estabelecer um diálogo entre a vida cultural e intelectual dessa escritora, os processos de criação e as etapas da escritura literária, assim como estamos buscando focalizar esse momento muitas vezes desprezado pela historiografia literária canônica, comumente interessada em “grandes homens” que, politicamente, conseguiram se destacar naquele contexto.

No entanto, empreendemos um trabalho de reconstrução detetivesca dos avessos, dos antecedentes das obras usando notas de jornais e, às vezes, dos silêncios dos textos. Estamos conscientes da provisoriedade suplementar da análise, própria dos discursos críticos da pós-modernidade, já que os resultados serão sempre parciais e o que a nossa interpretação pretende é fazer circular o discurso sobre a literatura de autoria feminina de forma contextualizada.

3.2 TRAÇOS DA AUTORA: UMA MULHER DE LETRAS

La producción imaginativa de las mujeres escritoras no se puede considerar independientemente de las vidas de las mujeres y del contexto de sus vidas.

(Sigrid Weigel, 1986)

Um dos grandes aprendizados deste trabalho é que o jornal é objeto e fonte privilegiada no trabalho de pesquisadores, sendo bastante utilizado por aqueles que se dedicam ao estudo sobre os séculos XIX e XX brasileiros. Ele propicia aos estudiosos uma fecunda aproximação com o pensamento de uma época. Mesmo tendo sido escrito para registrar o fato do dia, o cotidiano, o que parece fugaz, o que o tempo corrói num “piscar de olhos”, quando a folha efêmera é preservada como documento de um tempo, nos permite, séculos depois, uma proximidade com aquela época. Além de podermos descobrir fatos, conhecer pessoas ilustres, nos permite experimentar, no presente, o vivido no passado. Como afirmou Benjamim (1985, p.119) no seu texto *Experiência e Pobreza*, de 1933: “Podemos agora tomar distância para avaliar o conjunto. [...] Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do ‘atual’”. Conscientes do distanciamento, é dessa perspectiva que voltamos ao patrimônio cultural documentado nos periódicos das décadas de 1890 e de 1900, com o objetivo de resgatar e avaliar, num exercício metacrítico, o que os críticos e escritores⁸⁷ deixaram nas páginas dos periódicos sobre a obra de Carmen Dolores, e nos

⁸⁷ Muitos foram os escritores brasileiros que, primeiro, se fizeram conhecer na imprensa, publicando tanto seus textos literários, quanto seus textos críticos, seus textos ensaísticos e jornalísticos na forma de crônica, o gênero textual próprio da folha de jornal. Foi da prática do folhetim que a crônica jornalística se originou e, com o passar das décadas, tomou novas feições. Como os cronistas que atuavam na imprensa eram escritores, consequentemente, a linguagem usada nas matérias jornalísticas não tinha a objetividade, a clareza e a concisão exigidas nos textos jornalísticos dos nossos dias. Naturalmente, a linguagem nos jornais estava muito próxima da linguagem usada nos textos literários, ou seja, mesmo nos textos críticos, no espaço reservado para os comentários sobre a literatura, sobre o teatro, ou sobre as artes em geral, era comum o autor usar frases poéticas, trocadilhos, um excesso verbal e os textos eram carregados de digressões.

propormos a resgatar e avaliar parte dos textos ficcionais e jornalísticos publicados esparsamente pela própria autora, usando seus diversos pseudônimos. Não pretendemos, nesta parte do trabalho, fazer um levantamento de toda a obra publicada por ela em periódicos brasileiros (até porque esta seria uma tarefa para uma outra tese), mas apenas fazer um reconhecimento do uso de seus pseudônimos na sua carreira profissional literária e jornalística.

3.2.1 Os pseudônimos: eus desdobráveis

Em los siglos XVIII y XIX, muchos textos publicados escritos por mujeres aparecieron anónimamente o bajo um pseudónimo (generalmente masculino). Esa vía de publicación representa la posibilidad formal de superar la contradicción entre la autoprotección e la auto-expresión.

(Sigrid Weigel, 1986)

Da vida de Emilia é que nasceram seus “eus desdobráveis”, construções autorais com marcas estéticas semelhantes, entre as quais se destacou Carmen Dolores, não só pela quantidade de textos literários e jornalísticos publicados, como pela sua exposição pública assumidamente feminista, para os moldes do século XIX e início do século XX, quando ainda se buscava um feminismo da igualdade.

O uso de pseudônimos, como um recurso de escritores, vem de longas datas. Apenas para exemplificar, já no século XVII, o dramaturgo Jean-Baptiste Poquelin assinava seus textos como Molière e, por esse nome, ficou conhecido. Muitos outros casos poderiam ser citados ao longo da história da literatura e as razões para o uso de um “nome falso” são diversas: alguns usavam para evitar perseguições políticas; outros, simplesmente, para esconder sua verdadeira identidade e proteger a vida pessoal ou familiar; outros queriam apenas experimentar novas possibilidades estilísticas.

Pseudônimos também foram artifícios correntes entre muitas mulheres numa época em que não se admitia que a criação literária pudesse ser uma atividade de damas, ou seja, alguns não acreditavam que elas teriam inteligência suficiente para tal façanha; outros não admitiam que elas saíssem do espaço privado – confinado – a que as tinham, convenientemente para eles, e, muito menos, que ganhassem algum dinheiro com essa prática. A saída que muitas encontraram para

publicar seus textos nestas situações foi esconder sua identidade por trás de um pseudônimo masculino. Daí isso ter-se tornado uma prática recorrente. Entre as mulheres brasileiras também algumas usaram pseudônimos para defender a causa feminista, como é o caso da potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta – que tinha por nome civil Dionísia Gonçalves Pinto; Indígena do Ypiranga – pseudônimo da primeira escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro; Uma Maranhense – pseudônimo de Maria Firmina dos Reis quando assina seu famoso romance Úrsula; Délia – nome com que assina suas obras literárias a gaúcha Maria Benedita Bormann.

Na literatura europeia, exemplos femininos famosos são: George Eliot – pseudônimo da inglesa Mary Ann Evans; George Sand – pseudônimo da francesa Amandine Dupin; Acton Bell, Currer Bell e Ellis Bell – pseudônimos das irmãs Anne Brontë, Charlotte Brontë e Emily Brontë.

Podemos entender, dessa forma, que escrever literatura sob um pseudônimo é uma prática comum, mas nem todos o fazem com o intuito de esconder sua identidade. Para Weigel (1986, p.80), como já transcrevemos na epígrafe, é a possibilidade de superar a contradição entre a autoproteção e a autoexpressão. Para outros, é apenas uma estratégia para escrever um gênero diverso daquele que o autor costuma escrever. Entre os escritores brasileiros do século XIX e dos anos de 1900, por exemplo, o uso de pseudônimos era uma prática comum. Broca (1993) assim explica essa opção:

Para aumentar o interesse do público, os autores de romances-folhetins lançavam mão, muitas vezes, de engenhosas mistificações, assinando-os com pseudônimos e atribuindo-os a escritores dos quais publicavam o retrato, relacionando dados biográficos imaginários, ou então, declarando terem recebido o manuscrito de um indivíduo, que nele narrava a própria história e fazia questão de permanecer incógnito. Aluísio Azevedo recorreu igualmente a esses processos. Arranjou um pseudônimo, Vitor Leal, do qual participaram também Coelho Neto, Pardal Mallet e Olavo Bilac, colaborando todos da autoria do romance *Paula Matos ou o Monte de Socorro*, que ficou esquecido nas colunas da *Gazeta de Notícias*.

Aluísio Azevedo usou ainda os pseudônimos Acropolio, Aliz-Alaz, Azmodeu para colaborar em jornais e tecer obras consideradas “menores”. Olavo Bilac, por sua vez, usou O. B., Arlequin, Belial, Brás

Patife, O diabo Coxo, Pierró para participar de polêmicas em jornais e criar gêneros “secundários” como o folhetim e as crônicas jornalísticas. Machado de Assis assinou crônicas publicadas em jornais como Boas Noites, Dr. Semana, Lélío, Malvólio, Platão, Sousa Barradas para expressar opiniões políticas que considerava ousadas.

Cronistas da *Belle Époque* brasileira costumeiramente usavam pseudônimos diversos, conforme o jornal em que atuavam, ou segundo o teor da crônica. João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, mais conhecido como Paulo Barreto, é um exemplo clássico, usando os pseudônimos: João do Rio, Claude, Caran d’Ache, Joe, José Antônio José. A filha de Carmen Dolores, Cecília, também usou o pseudônimo Chrysanthème.

Norma Telles (2013, p.60), escrevendo sobre o uso que Maria Benedita Bormann fez dos pseudônimos, diz que

[...] o pseudônimo adotado pela escritora ressoa a polissemia de uma imagem e a polivalência do ser do devaneio. Além disso, assinala o nascimento da escritora, marca um poder derivado de um batismo privado, um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem, como assinalam Gilbert e Gubar. O pseudônimo é um ícone do domínio da sensibilidade, da habilidade, registrando fronteiras de erudição e talento, assim como uma genealogia imaginária.

Nesse sentido, o nome falso funciona como metáfora da própria escritora, ou um outro eu, desdobrável na trama da vida e da obra.

Parece que Adélia Prado,⁸⁸ muitas décadas depois, conseguiu resumir em versos o que algumas escritoras do século XIX, como Emilia, fizeram. A escritora e jornalista carregou bandeira, mesmo que no início da carreira ainda estivesse envergonhada, casou, achava o Rio de Janeiro uma beleza, principalmente no inverno, e cumpriu a sua sina: como mulher escritora desdobrou-se em diversos eus, masculinos e femininos, escrevendo o que sentia e o que via, denunciando causas de tristezas e elogiando causas de alegrias. Algumas vezes, pela voz autobiográfica de Carmen Dolores, a autora constituiu-se, discursivamente, como sujeito no campo no jornalismo, narrando fatos e justificando suas escolhas:

De resto não me envergonho de ser jornalista – se
o sou, escrevendo o que escrevo sem a mínima

⁸⁸ PRADO, Adélia. Com licença poética. In: _____. *Bagagem*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 11.

pretensão e jamais analisando o meu papel; e não me envergonho porque, quando a adversidade bateu à minha porta, não me perguntou se eu era mulher ou homem, confeiteira ou confrade do Sr. Laet: aconselhou-me apenas que eu usasse da faculdade que mais viva se encontrava no meu cérebro, para ganhar o meu pão e o da minha família (DOLORES, 09 de agosto de 1908, p.1).

Como afirma Arfuch (2010, p. 33 [grifo da autora]), “a narração de uma vida, longe de vir ‘representar’ algo já existente, *impõe sua forma (e seu sentido) à vida mesma*”. Apesar de negar a análise do seu “papel”, da sua função de jornalista, afirma a si mesma com a narração do vivido. Ou seja, afirma a existência de um sujeito que, simbolicamente, representa a mulher viúva de Jeronymo que se viu em dificuldades financeiras e precisou trabalhar para sustentar a família, mas, concomitantemente, desvia desse “eu” civil, pois é a voz da jornalista Carmen Dolores que se confessa. Essa estratégia de retornar continuamente a fragmentos de sua própria vida civil e, em seguida, desviar para a enunciação de si como a cronista, a escritora que assina o texto como Carmen Dolores, nos remete a Barthes (1984, p.288) quando discorre sobre os elementos da vida pessoal de Marcel Proust, de forma desviada, mas identificáveis, na obra *Em busca do tempo perdido*: “quem é posto em cena por esse ‘eu’ é um ‘eu’ de escritura, cujas ligações com o ‘eu’ civil são incertas, deslocadas”.

Assim, a escritora e jornalista preencheu colunas de jornal desde setembro de 1898 até agosto de 1910 e, ao longo dessa trajetória produtiva, usou nomes fictícios diversos: Júlio de Castro, Leonel Sampaio, Mário Villar, Celia Marcia e Carmen Dolores para escrever crônicas, contos, textos de crítica literária, peças teatrais e um romance. Além de publicar nas colunas de jornais brasileiros de diversas capitais brasileiras, também publicou obras em livros, conforme podemos ver no quadro a seguir:

CRONOLOGIA DAS OBRAS PUBLICADAS E SEUS PSEUDÔNIMOS

DATA	PSEUDÔNIMO	OBRA	VEÍCULO ⁸⁹
1897	Carmen Dolores	Gradações: páginas soltas (Livro de contos)	Livraria Typografia Leuzinger
12/09 /1898	Júlio de Castro	Sua Majestade o Dinheiro (crônica/conto)	O Paiz (recuperado em UDR como Carmen Dolores)
24/10 /1898	Júlio de Castro	Abdicação (conto)	O Paiz (recuperado em UDR como Carmen Dolores)
31/10 /1898	Júlio de Castro	Cinco perfis femininos (crônica/ensaio)	O Paiz
19/04 /1902	Júlio de Castro	“Poesias escolhidas” (texto de crítica ao livro de Afonso Celso)	Gazeta de Petrópolis
28/06 /1902	Mario Villar	Impressões (conto)	Gazeta de Petrópolis (recuperado em AEI como Carmen Dolores)
28/06 /1902	Júlio de Castro	“Bucólica” (texto de crítica ao livro de Major Fernando Pinto de Almeida Junior)	Gazeta de Petrópolis
14/04 /1903	Júlio de Castro	As primeiras calcinhas (conto)	Gazeta de Petrópolis
31/01 /1904	Leonel Sampaio	O travesseiro (conto)	A Província (PE)
16/02 /1904	Leonel Sampaio	O travesseiro (conto)	Pacotilha Jornal da Tarde (São Luís - MA)
13/05 /1904	Leonel Sampaio	O par de meias (conto)	A Notícia (RJ)
02/06	Leonel Sampaio	O imprevisto	A Notícia

⁸⁹ As obras em livros serão abreviadas neste quadro da seguinte maneira: *Um drama na roça* (UDR); *Ao esvoaçar da ideia* (AEI); *A luta* (AL); *Almas complexas* (AC).

/1904		(conto)	(RJ)
14/07 /1904	Leonel Sampaio	A família Guedes (conto)	A Notícia (RJ)
08/09 /1904	Leonel Sampaio	D. Theresa Diabo (conto)	Tagarela (RJ)
25/12 /1904	Leonel Sampaio	Natal (conto)	O Paiz (recuperado em AEI como Carmen Dolores)
19/06 /1905	Leonel Sampaio	Fantasia do Crepúsculo (conto)	Correio do Brasil (BA)
28/08 /1904 a 02/04 /1905	Celia Marcia	Coluna: Lettres d'une brésilienne (29 crônicas escritas em francês)	L'Etoile du Sud (RJ)
08/01 /1905 a 14/08 /1910	Carmen Dolores	Coluna: A semana (287 crônicas)	O Paiz (RJ)
08/02 /1906	Leonel Sampaio	Liquidações (conto)	Pacotilha Jornal da Tarde (São Luís - MA)
18/02 /1906	Leonel Sampaio	Os párias (conto/folhetim)	O Paiz
16/03 /1906	Leonel Sampaio	Os párias (conto/folhetim- parte 1)	Pacotilha Jornal da Tarde (São Luís - MA)
17/03 /1906	Leonel Sampaio	Os párias (conto/folhetim- parte 2)	Pacotilha Jornal da Tarde (São Luís - MA)
22/03 /1906	Leonel Sampaio	A intermediária (conto/folhetim)	O Paiz (RJ)
29/03 /1906	Leonel Sampaio	“Uma experiência em Petrópolis” (conto)	O Paiz (RJ)
17/04 /1906	Leonel Sampaio	A intermediária (conto)	Pacotilha Jornal da Tarde (São Luís - MA)
22/04 /1906	Leonel Sampaio	Uma página triste (conto/folhetim)	O Paiz (RJ)
06/05 /1906	Leonel Sampaio	“Um concurso” (conto)	O Paiz (RJ)
19/05	Leonel Sampaio	Roceira”	O Paiz

/1906		(conto)	(RJ)
27/05 /1906	Mario Villar	“Notas de um errante” (conto)	O Paiz (RJ)
29/09 /1906	Leonel Sampaio	Traição (conto)	Tagarela (RJ)
06/05 /1907	Carmen Dolores	“Fructos Sociais” (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
04/03 /1907	Carmen Dolores	Impressões de Viagem (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
13/07 /1907	Carmen Dolores	“A sociedade” (nota sobre a Conferência realizada) De repente (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
13/07 /1907	Carmen Dolores	“A cidade e o Campo” (comentário sobre a conferência realizada em São Paulo na crônica de Carmen Dolores)	O Paiz (RJ em 13 out. 1907)
19/08 /1907	Carmen Dolores	“Oh meu amor” (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
26/08 /1907	Carmen Dolores	“O ator Coquelin” (crônica)	Correio da Manhã (RJ) (recuperado no AEI)
18/09 /1907	Carmen Dolores	“De repente” (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
30/09 /1907	Carmen Dolores	Miscelânea (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
1907	Carmen Dolores	“Um drama na roça” – 1. ed. (Há uma nota no Correio da Manhã – RJ em 27/03/1907 confirmando essa edição)	Ed. Laemmer & Cia. (Recupera os contos “Calvário” e “Duelo” do livro Gradações)
13/03 /1908	Carmen Dolores	O dia moderno (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
16/03 /1908	Carmen Dolores	Os humildes (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
30/08	Carmen Dolores	O Baile	Correio da Manhã (RJ)

/1908		(crônica)	(presente no AEI)
10/10 /1908	Carmen Dolores	“Que é melhor?” (conferência)	Teatro João Caetano
1908	Carmen Dolores	“Desencontro” (encenações da peça teatral)	Várias vezes encenada em teatros diferentes: Carlos Gomes (1908), Teatro da Exposição (1908) e em Petrópolis (1909)
1908	Carmen Dolores	Lendas Brasileiras: coleção de 27 contos para crianças – 1. ed.	Editora Gomes Pereira
08/01 /1908	Carmen Dolores	Comparemos (crônica)	Correio da Manhã (RJ) (recuperado no AEI)
23/01 /1908	Carmen Dolores	Conversando (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
20/08 /1908	Carmen Dolores	Conversando (crônica)	O século (RJ) (recuperado no AEI)
10/02 /1908	Carmen Dolores	O único triunfo (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
27/02 /1908	Carmen Dolores	Coisas que sucedem (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
05/03 /1908	Carmen Dolores	Pôr do sol (crônica)	Correio da Manhã (RJ) (Recuperado no AEI)
20/08 /1908	Carmen Dolores	Os três encontros (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
1909	Carmen Dolores	Folhetim “A luta” (romance)	Jornal do Comércio (RJ) (ainda não foi localizado, não há digital, nem em microfilme)
11/03 /1909	Carmen Dolores	O domingo de verão (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
25/03 /1909	Carmen Dolores	Chroniqueta	Vida Elegante Jornal das Senhoras (RJ)
16/09 /1909	Carmen Dolores	Por empréstimo (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
28/11 /1909	Carmen Dolores	A tragédia das horas (crônica)	Correio da Manhã (RJ) (recuperado no livro AC)
26/12 /1909	Carmen Dolores	“Ideias Leves” (crônica)	Correio da Manhã (RJ)
23/01 /1910	Carmen Dolores	“Santidades” (crônica)	Correio da Manhã (RJ) (recuperado no livro AC)

1910	Carmen Dolores	“Ao esvoaçar da ideia” (crônicas – 1. ed.)	Livraria Chadron (Porto - Portugal)
19/05 /1910	Carmen Dolores	O maior bem (crônica/conto)	Diário do Maranhão (São Luís - MA)
06/06 /1910	Carmen Dolores	A vida é isto (crônica/conto)	Diário do Maranhão (São Luís - MA)
26/06 /1910	Carmen Dolores	O maior bem (crônica/ conto) Fins de ano (crônica – no mesmo exemplar)	Diário da Manhã (Vitória – ES) (o 2º foi recuperado no livro AC)
1911	Carmen Dolores	“A luta” (romance – 1. ed. póstuma)	Editora Garnier Rio de Janeiro
14/07 /1918	Carmen Dolores	“A tragédia das horas”(póstumo) (Já publicado em 1909, foi resgatado para compor a Página Literária)	Correio da Manhã (RJ)
1933	Carmen Dolores	“Almas complexas” (1. ed. póstuma, organizada e prefaciada por Chrysanthème)	Editora Calvino: Rio de Janeiro
1998	Carmen Dolores	“Carmen Dolores – crônicas de 1905 - 1910” (1. ed. póstuma – prefácio e organização de Eliane Vasconcellos)	Editora do Arquivo Público do estado do Rio de Janeiro (RJ)
2014	Carmen Dolores	“Almas complexas” (2. ed. póstuma – organização, ensaio crítico, apontamentos biográficos, obras da e sobre a autora de Risoleta Maria Hellmann)	Editora Mulheres (Florianópolis - SC)

O quadro anterior, possivelmente incompleto,⁹⁰ nos permite ver que a sua primeira publicação foi em 1897: os contos *Gradações: páginas soltas*— e nos dez anos seguintes. Até que fosse publicado seu segundo livro de contos, *Um drama na roça* (1907) escreveu contos e crônicas como colaboradora de jornais como quem ensaiava sua escritura literária e jornalística e buscava um “reconhecimento” da crítica.

A autora, porém, narra, em crônica de 1909, o início de sua carreira literária e jornalística, como quem lembra um conto de fadas, “[...] em que o esplendor fabuloso das aventuras aparece sempre no recuo de épocas distantes, favoráveis ao prestígio da evocação maravilhosa...”. Foi num verão em Petrópolis, sensibilizada pela beleza da natureza, pelos aromas, pelas impressões vivas, a pena lhe “ia correndo em segredo”, como ela conta:

Ai de mim! Quanta tira enegreci, no terror de que o soubessem! Mundana, então, eu já tinha a intuição do que poderia afigurar-se o tipo da mulher que escreve aos olhos prevenidos do mundanismo... E escondia as minhas penas e o meu tinteiro como elementos de confusão, quando na verdade, eles só me representavam o supremo objetivo, picante como a tentação, estonteante como um vinho forte, capitoso como o ardor funesto da mancenilha, que embriaga e sugere sonhos e ilusões, antes de matar.

Mas foi assim que, certo dia, uma crônica manuscrita da minha pobre lavra, descrevendo uma recepção diplomática na *villa* mais risonha e mais intelectual da Petrópolis de então, caiu sob as vistas de um amigo caro, esse Dr. Almeida Cavalcanti [...] e, iludido, talvez, sobre o meu valor, Cavalcanti arrebatou o meu trabalhinho e trouxe-o para o Rio, dizendo: “É preciso que o Alcindo veja isto!...”

⁹⁰ Carmen Dolores, em crônica publicada em *O Paiz*, afirma ter escrito por “[...] longos anos e em vários jornais, sob o anonimato, sem nunca disputar a primazia a ninguém. Fazendo crítica literária na Tribuna, durante largo período como Leonel Sampaio, passaram-me pelas mãos livros e mais livros, de Olavo Bilac, de Graça Aranha, de Affonso Celso, de D. Julia Lopes de Almeida, de Thomaz Lopes, de muitos, muitos outros...” (DOLORES, 08 set. 1907). Nesta pesquisa, por mais que tenhamos procurado esses textos referidos por ela, não os encontramos.

E o Alcindo, que não é outro senão o Alcindo Guanabara, o mestre, o herói desta semana, leu de fato os meus rabiscos de amadora, publicou-os imediatamente – já se sabe, debaixo do anônimo rigoroso que eu exigia – e fez mais, o ilustre jornalista! Escreveu-me a carta mais calorosa, mais lisonjeira, e abriu-me generosamente as colunas do jornal que então dirigia.

Oh! Contos de fada, rendilhados de imprevistos fulgurantes! Sem dúvida, já me não era novo o prazer de prelibar a minha insossa letra de forma, velada pelo pseudônimo variado. No *Jornal do Commercio* eu tinha sustentado uma polêmica inteira com Tobias Barreto e José do Patrocínio, a propósito de Meyerbeer, rindo-me no Cassino, entre duas valsas, dos comentários que atribuíam a nomes conhecidos a autoria de tais artigos.⁹¹

Mas, não sei, o talento de Alcindo Guanabara já lhe aureolava a individualidade de tão radioso prestígio, que essa carta escrita pelo seu punho, fez-me o efeito mágico de uma consagração. Sem o conhecer, fiquei positivamente doida alguns dias, sonhando glórias, até que, na estação, uma doce manhã, alguém me indicou um homem alto, magro e frio, que ia passando, com uma barba muito negra em destaque no oval muito pálido e grave da face, e me disse, a sorrir da minha curiosidade, que aquele era o Alcindo, astro que se levantara no horizonte político e literário do país...

Quantos, quantos anos correram depois disso! (DOLORES, 25 de julho de 1909, p.1).

Com sentimento de gratidão profunda, a cronista rende homenagens ao seu benfeitor recordando o momento passado em que:

[...] já ferida pela adversidade, indecisa e tímida, ouvi do generoso mestre a palavra acorçoadora e forte que me deu a coragem de lançar-me na carreira do jornalismo. Se a ela devo alguns espinhos amargos, devo-lhe também a dignidade

⁹¹ Provavelmente Meyerbeer a quem ela se refere era **Giacomo Meyerbeer**, um compositor e maestro alemão, nascido *Jakob Liebmann Meyer Beer* (Tasdorf, Rüdersdorf bei Berlin) em 5 de setembro de 1791 e que faleceu em Paris, 2 de maio de 1864) foi um compositor e maestro alemão.

da minha vida e, afinal, a realização dos meus timoratos sonhos do passado feliz. Já não escondo, em suma, a minha pena e o meu tinteiro... (DOLORES, 25 de julho de 1909, p.1).

Não esconde mais, igualmente, seu rosto, em 1909, assumindo publicamente o pseudônimo Carmen Dolores como um nome próprio. Por outro lado, a alternância no uso de vários pseudônimos ao longo dos anos, identifica “eus desdobráveis”, com os quais ela ensaiava papéis autorais, escrevendo gêneros textuais diferentes, ou seja, ora escrevia crônicas ensaísticas, ora escrevia contos curtos, ora escrevia textos críticos.

Algumas vezes chegou a publicar uma crônica de Carmen Dolores na primeira página e um conto de Leonel Sampaio no interior do mesmo exemplar de *O Paiz*. E contos publicados em jornal, assinados por Júlio de Castro, anos depois aparecem no livro *Um drama na roça*, assinado por Carmen Dolores. Do mesmo modo, crônicas ensaísticas de Carmen Dolores publicadas em jornal, anos depois, reaparecem em livros dela. Procuramos conhecer um pouco de cada um desses “eus desdobráveis”.

3.2.1.1 *Júlio de Castro*

Ela começou timidamente como Júlio de Castro no jornal *O Paiz*, em 1898, escrevendo crônicas que oscilavam entre narrativas ficcionais curtas e ensaios críticos, mas as opiniões sobre o contexto social e cultural ficavam apenas implícitas na voz das personagens.

Na sua crônica “Sua Majestade o Dinheiro”, escrita em forma de narrativa curta, já retrata uma viúva com filhas por sustentar, pertencente à classe “nobre” durante o Império, que perdeu sua fortuna em bancos da República e, na luta pela subsistência, recorre a agiotas e se vê excluída do meio *chic* a que antes pertencia. A grande lição, todavia, apresentada no título: a protagonista só aprende em sonho. (CASTRO, 12 de setembro de 1898, p.1)

No conto “Abdicação”, aborda o tema da “decadência do corpo e a paixão da alma”, ou seja, o envelhecimento precoce, a perda da jovialidade feminina aos 43 anos e, conseqüentemente, do amor do marido. Por um lado, o interesse masculino por uma jovem desperta a inveja e os ciúmes femininos; por outro, a abdicação de sua posição de esposa e aceitação da imposição egoísta do marido reforça a condição feminina naquele contexto. (CASTRO, 24 de outubro de 1898, p. 1) Já no conto “As primeiras calcinhas”, o menino de três anos protagoniza a

atitude esperada pelo homem, mesmo cercado somente por mulheres e sem o exemplo masculino, pois essa era a condição masculina ensinada por elas. (CASTRO, 14 de abril de 1903, p. 1)

Na crônica publicada ainda em 1898, a escritora experimenta um formato inusitado para a época. Se a tivesse escrito nos nossos dias, facilmente a caracterizaríamos como uma crônica pós-moderna, pela sua forma fragmentada e pela (re)composição, assim como pela escolha do tema: a busca pela identidade feminina e pelo seu lugar no espaço social e cultural do seu tempo. A crônica em si parece apontar para o sujeito mulher da modernidade que, pelo olhar crítico da escritora, já se apresentava como composto por “identidades fragmentadas” (STUART HALL, 2006). Aliás, o próprio texto é fragmentado, contudo, as partes estão interligadas pelo título “Cinco Perfis Femininos” e pelos subtítulos, nomes próprios duplos de mulheres: Lea Marcia, Malia Dea, Lia Celia, Delia Lola, Nila Nina. Tal qual um estudo psicológico, descreve-as detalhadamente tanto nos seus aspectos físicos, quanto psicológicos e comportamentais. Elas são totalmente diferentes entre si, mas, em cada uma, as características físicas coadunam com as comportamentais⁹². (CASTRO, 31 de outubro de 1898, p. 1) De acordo com Marshall Berman (1986, p. 15), no seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, o homem moderno passou a conviver com um “redemoinho de permanente mudança e renovação, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” e, nessa crônica, a escritora volta-se para as figuras femininas da modernidade vivendo o seu “redemoinho”.

⁹² Lea Marcia tem traços de beleza, mas é “enigmática, histérica, feita de contrastes [...]”, vaidosa, mesquinha, egoísta, capaz de qualquer ato em função do seu “desejo de ser sempre aquela que triunfa”. Malia Dea não tem atributos de beleza, e, sim, um aspecto doentio, mas é modesta, frágil, doce, resignada, despretenhosa e dona de uma força moral. Lia Celia é “mulher nas formas e criança no rosto” com pretensões artísticas, dotada de ingenuidade malcriada, brusca, rebelde – “uma bela amostra da raça brasileira”. Delia Lola é “um tipo complexo”: fisicamente chama a atenção, mas tem um “olhar esquisito, profundo, inquisitorial”, é ambiciosa, inteligente e instruída, mas falta confiança no próprio valor. Nila Nina já está na fase da decadência, apesar dos traços de beleza que marcam seu corpo como rastros do que se foi. Embora tivesse sido bela, nunca foi elegante. Instruída e inteligente, é avarenta e “enquanto moça, fez da impenetrabilidade para gozar todos os prazeres da vida”. Com sua “vigorosa musculatura”, tem uma “energia de ferro” (CASTRO, 31 de outubro de 1898, p. 1).

A escritora continuou a usar Júlio de Castro até o início de 1903 na *Gazeta de Petrópolis*, mais especificamente em textos crítico-analíticos de obras recém-lançadas por outros autores. Na análise de *Poesias Escolhidas*, de Affonso Celso, ressalta a sensibilidade do autor ao tratar de temas da vida moral e da alma humana.⁹³ (CASTRO, 19 de abril de 1902, p. 1-2) Analisa, também, *Bucólica – Idílio Pastoril*, de Almeida Junior. Classifica a obra como um “gênero difícil” que “não admite atavios de frases” e limita “o campo aos arroubos da imaginação e eloquência”⁹⁴ (CASTRO, 28 de junho de 1902, p.1-2).

É possível que tenha deixado de usar esse pseudônimo por ser um nome comum naquela época, identificando pessoas que apareciam em notas sociais e matérias de jornais diversos. A partir de 1904, dois novos pseudônimos aparecem concomitantemente: Celia Marcia e Leonel Sampaio.

3.2.1.2 *Celia Marcia*

Uma voz assumidamente feminina, Celia Marcia escreve em francês, preenchendo uma coluna intitulada *Lettres d'une brésilienne* no jornal *L'Etoile du Sud*, dirigido por Charles Morol. Entre 1904 e 1905 publica 29 “cartas” enumeradas sequencialmente pela autora. Valendo-se do gênero textual carta, a autora publica essa correspondência enviada a uma amiga em Paris, Jeanne. Logo na primeira carta, essa voz feminina diz que retornou ao Brasil, ou melhor, ao Rio de Janeiro, após cinco anos de ausência. Ao buscar dentro de si as impressões sobre o Brasil para enviar à sua amiga, depara-se com seu próprio espanto diante das demolições e transformações da cidade. Ao longo desse ano vai enviando informações sobre o modo de existir do brasileiro, mais especificamente da burguesia carioca – a qual ela pertence. O tumulto e a sujeira provocada pelas transformações estruturais da cidade do Rio de

⁹³ Na longa análise de seus versos, compara-o a Antero de Quental pelas suas ideias e tendências que segue, avalia os temas e a linguagem com conhecimento literário. Conclui a crônica/crítica pedindo desculpas pela “audácia da análise”, mas ousa sugerir ao poeta que exclua a “nota triste” em nome de seu talento, que lhe deve ser “motivo de orgulho e satisfação” (CASTRO, 19 de abril de 1902, p. 1-2).

⁹⁴ Demonstra conhecer a forma pastoril, idílica em moda no século XVIII, mas que já passou de moda. Sobre o autor, reconhece que “seu talento de envergadura a produzir trabalho de mais largo voo”. E que seus outros trabalhos o fazem ser conhecido como “autor laborioso, que presta culto às letras de seu país” (CASTRO, 28 de junho de 1902, p. 1-2).

Janeiro são descritas com espanto e negatividade. A mistura de classes e raças em eventos sociais ressalta seu olhar preconceituoso sobre as pessoas que estão à margem do poder. Mulheres são descritas normalmente pela sua futilidade, pelo vestuário da moda – a não ser que se refira a alguma artista de teatro ou musical. Eventualmente faz menção a questões da República, mas sem grande aprofundamento. Também descreve os costumes da alta burguesia, sua participação em festas ou outros eventos culturais como sinal de progresso e civilização, no entanto, descreve os burgueses assim: “nós somos tristes, minha amiga; pesa sobre nossas cabeças a terrível herança da dependência colonial, da escravidão, do silêncio contemplativo de nossos antepassados indígenas; e, o calor ajudando, nós caímos todos, desde que nos encontramos reunidos para nos divertir, na mais desolante taciturnidade” (CELIA MARCIA, 03 de setembro de 1904, p.2). Petrópolis sempre é descrita como um lugar ideal, por manter costumes aristocráticos e por seu clima agradável. Também discorre sobre as muitas diferenças linguísticas nas diversas regiões do Brasil – que a incomodam, preferindo o modo como se fala no Rio de Janeiro, principalmente como as mulheres falam o português com doçura. (CELIA MARCIA, 10 de setembro de 1904, p.2). Ao longo de um ano, ela registra todas as transformações arquitetônicas, sociais e culturais da capital brasileira sem deixar de mencionar que ela, na condição de viúva, pode “circular livremente” em qualquer lugar e que tudo conhece. (CELIA MARCIA, 28 de agosto de 1904, p.2).

No jornal *O Paiz*, em 13 de janeiro de 1907, parabeniza o jornal *L'Etoile du Sud* pelo seu aniversário e conta sua atuação anterior nele. A partir de algumas digressões, chega a declarar a França como sua pátria intelectual. Depois desse período, só o silêncio dessa voz feminina.

3.2.1.3 Leonel Sampaio

O outro pseudônimo, Leonel Sampaio, tem uma vida um pouco mais longa, concorrendo com os que ainda se fariam ouvir. Mesmo quando, em 1906, o nome de Carmen Dolores já faz sucesso, desperta a curiosidade e cria polêmicas pela sua identidade misteriosa, a escritora continua a publicar os contos com o pseudônimo de Leonel Sampaio, alcançando jornais do Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. São 19 textos assinados com esse pseudônimo masculino, predominantemente contos curtos. As narrativas abordam, na sua maioria, a condição feminina desigual na sociedade e na estrutura familiar. São mulheres que fogem ao padrão estabelecido como moral,

degradadas, adúlteras, vítimas de preconceitos e expostas ao machismo. Os triângulos amorosos são constantes nessas narrativas.

“O imprevisto” é um caso de traição conjugal. No trio amoroso, o marido enganado é mais velho, a esposa adúltera tem um filho do amante, seu médico. Num clima de suspense, depois de descobertos, a mulher é repudiada pelo marido e entregue, junto com seu filho, ao amante, o qual, no seu egoísmo, não a recebe, lamentando a sua carreira perdida. (SAMPAIO, 02 de junho de 1904, p.3)

O conto “Uma experiência em Petrópolis” é outro caso de adultério feminino em que os amantes sobem a serra para um encontro amoroso furtivo esperado há anos. Mas a chuva, as enchentes, os desabamentos e os desmoronamentos frustram os planos. (SAMPAIO, 29 de março de 1906, p.3)

Em “Liquidações”, a ironia tão trabalhada por Carmen Dolores também aflora na voz de Leonel Sampaio, que narra um triângulo amoroso. Conforme a tradição, a passagem da noite de um novo ano marca o momento em que a protagonista busca se livrar do sofrimento causado por um relacionamento amoroso liquidado. É, porém, surpreendida pela amiga, que busca sua ajuda para recuperar um amor que a abandona. A ironia está no elemento masculino que une as duas histórias. “Mas uma superioridade lhe restava: era ela quem o liquidava, ao passo que a rival era a liquidada” (SAMPAIO, 08 de fevereiro de 1906, p.2).

Em “A intermediária” há outro triângulo amoroso, como em “Liquidações”, no qual uma das mulheres é a preterida, além de ser traída pela amiga, a quem recorre quando abandonada. (SAMPAIO, 17 de abril de 1906, p. 2)

Com o título de “Traição”, Leonel Sampaio cria outra narrativa de triângulo amoroso, desta vez com mãe e filha, ambas viúvas e apaixonadas pelo mesmo homem sedutor. A mãe, traída, só descobre o amor da filha por ele quando recebe uma carta de Paris informando o seu falecimento e a filha cai em prantos. (SAMPAIO, 29 de setembro de 1906, p. 17)

No conto “O travesseiro”, um narrador em 3ª pessoa conta a história de Thomé Martins, estudante nortista no Rio de Janeiro, boêmio, frequentador dos *maxixes* da periferia. Na narrativa naturalista, mulatas sensuais protagonizam tragédias marcadas por usurpação, abandono, diferenças de classe, raça e gênero, submissão e degradação feminina, além do ciúme e morte. (SAMPAIO, 16 de fevereiro de 1904, p.2)

Em “O par de meias”, outro narrador em 3ª pessoa conta a tentativa de conquista feminina de um quarentão, celibatário, guarda-livros, feio, bochechudo e pesado. A narrativa evidencia a esperteza masculina diante da atitude interesseira de moças casadoiras, além dos costumes burgueses nas ruas do Rio de Janeiro. (SAMPAIO, 13 de maio de 1904, p.3)

“A família Guedes” tem como tema a mesquinha, a frieza e o menosprezo no seio familiar. A condição econômica superior, e consequentemente social, é determinante na interpretação preconceituosa da atitude tomada pela parente pobre que, além de ser humilhada, ainda é acusada de ingratidão. (SAMPAIO, 14 de julho de 1904, p.3)

“D. Thereza Diabo” trata também da mesquinhez, da calúnia e da intriga nas relações sociais. A protagonista moribunda revela, enfim, a dor das muitas perdas sofridas em vida, causa da sua frieza, do modo casmurro e desagradável, que lhe rendeu o apelido de D. Thereza Diabo. (SAMPAIO, 08 de setembro de 1904, p.14)

Em “Os párias”, Leonel Sampaio aborda o tema das desigualdades sociais e a maldade dos que detêm o poder econômico, cometendo injustiças com os menos privilegiados. Além disso, a vingança gerada pela revolta de um jovem rapaz que vê o sofrimento da mãe viúva, sem recursos, e da irmã solteira, abandonada pelo noivo em nome de um casamento por interesse financeiro. A condenação do jovem, apesar de nenhum dano causado às supostas vítimas de sua vingança, satisfaz à classe aristocrática sedenta de “justiça”. (SAMPAIO, 18 de fevereiro de 1906, p. 6)

Em 25 de dezembro de 1904, um domingo antes da estreia de Carmen Dolores na primeira página de *O Paiz*, Leonel Sampaio ocupa o espaço daquela coluna com a crônica “Natal”. É o primeiro texto ensaístico desse pseudônimo, no qual o tema do Natal é abordado tanto na sua tradição cristã com o nascimento do menino Jesus, quanto, num tom de crítica à tradição, pelo aspecto comercial da sociedade de consumo: as guloseimas, os olhos desejosos de brinquedos, as festas em todos os espaços, os enfeites, as mesas fartas e o vestuário adequado para todos. (SAMPAIO, 25 de dezembro de 1904, p.1)

Em “Fantasia de um crepúsculo”, duas amigas discutem o fato de a mulher “ter de acompanhar forçosamente a evolução do século”. Uma delas argumenta que: “O lirismo no amor já acabou. Hoje os homens nos querem desabusadas, livres, alegres, desprendidas [...] fornecendo a sensação, nunca o sentimento” (SAMPAIO, 19 de junho de 1905, p.2).

A narrativa de “Um concurso” envolve vários personagens que representam um hábito comum na classe burguesa: a moda dos concursos, nos quais os participantes expõem e discutem seus “pareceres sobre uma ideia qualquer”. Respondendo à pergunta, “qual foi a hora mais feliz de sua vida?”, na aparente questão ingênua, o que sobressai são as diferenças entre as respostas femininas e as masculinas. Enquanto a maioria das mulheres se refere a algo relacionado ao casamento, ou à promoção profissional do marido e uma mocinha diz que ainda não teve nenhum momento feliz; os homens se referem à vitória política, ou quando morreu a sogra, ou, ainda, ao momento presente. (SAMPAIO, 06 de maio de 1906, p. 5)

Em “Roceira”, Leonel Sampaio trabalha a transformação gradual de uma menina pobre, nascida na roça, órfã, que também perde o irmão e acaba por ser explorada como mão de obra doméstica, sem remuneração, e menosprezada na casa da madrinha rica. A ingênua e bela menina roceira vai se transformando na exuberante, fina e cobiçada mulher. Vítima da inveja, do assédio sexual, a protagonista perde a ingenuidade e sua determinação a leva a uma escolha coerente que surpreende os leitores e desperta o rancor dos padrinhos. (SAMPAIO, 10 de maio de 1906, p. 5)

De um modo geral, em todas essas narrativas a natureza corresponde ao estado de alma das personagens: o sol e o calor relacionados à aridez das vidas humanas; a chuva ao momento de busca interior, de um momento para lavar a alma, para um recomeçar de nova vida; as enxurradas relacionadas aos planos não concretizados e a beleza da paisagem ao enamoramento.

3.2.1.4 *Mario Villar*

Mario Villar, também um nome comum naquela época, que identifica pessoas de diversas classes sociais na sociedade carioca, desde um jovem acusado de assassinato a um músico famoso, parece ser, para a autora, a voz que “não deu certo”, pois encontramos apenas dois contos curtos de sua autoria: um, em 1902, “Impressões”, resgatado pela autora mais tarde, no livro *Ao esvoaçar da ideia*, assinado por Carmen Dolores; e outro em 1906, “Notas de um Errante”.

No primeiro, a escritora usa a forma epistolar fictícia na narrativa, para contar a história de Christiana Saules, assim como o fez em contos publicados em livros como Carmen Dolores. Na carta fictícia, escrita em setembro de 1889, na cidade de Petrópolis, endereçada à personagem Elisa, Christiana descreve as suas impressões sobre a cidade quando lá

retornou depois de muito tempo ausente, bem como sua decepção com as mudanças. (VILLAR, 28 de junho de 1902, p. 5)

A segunda narrativa está publicada na página quatro da mesma edição de *O Paiz* em que Carmen Dolores figura na primeira página. Em “Notas de um Errante” a voz narrativa, desta vez masculina, também caminha, errante, pela cidade, como *flâneur* de Baudelaire, mas agora está no calor do Rio de Janeiro. Logo no início, se apresenta: “Eu, como errante que sou, ando a errar pelas vias públicas à cata de impressões – ou talvez por não saber como passe o tempo... Arrasto-me por aqui, por ali, vagaroso e aborrecido [...] sempre a caminhar, a caminhar desgostoso e cheio de tédio, farejando os aspectos da cidade, a fisionomia das habitações e seus donos”. É domingo à tarde e a descrição das vielas, das ruas, dos chalés, do “bairro mais aristocrático” do Rio, com sua nota naturalista, é tão detalhada, que o leitor pode acompanhar seus passos, sentir o calor do verão em Botafogo, sentir o mau cheiro dos lugares lúgubres, o mormaço que vem dos túmulos do cemitério, admirar a beleza do corcovado distante, reviver os costumes domingueiros, caminhar por entre as classes sociais que se distinguem pelo vestuário, pelos hábitos comportamentais e/ou pela linguagem. O narrador protagonista deixa entrever sua posição social diferenciada, assim como sua raça, em relação aos “moleques esfarrapados”, às portuguesas de saias rodadas acompanhadas por seus maridos e filhos, às mulatas, às negras e ao crioulo encontrado num circo decadente, cujo espetáculo desengonçado é narrado nos seus pormenores, até que diz:

Confesso que não pude mais... fugi vergonhosamente! E num pasmo, já na rua, vi que estava ainda em Botafogo. Em Botafogo, meu Deus?... Pois era possível?...

Tanto era que, sempre a errar, desemboquei logo depois na praia luminosa, no bar, entre moças bonitas...

Não havia mais dúvida... Subi então para o meu automóvel e gritei ao *chauffeur*:

Vá por ali sempre vagando, homem... (VILLAR, 27 de maio de 1906, p.4).

O uso peculiar de muitas reticências e o uso de interrogações acrescidas de reticências são aspectos que estão presentes na maioria dos textos literários e jornalísticos assinados com os diversos pseudônimos usados por ela.

3.2.1.5 Carmen Dolores em periódicos diversos

Em compensação aos escassos textos publicados com o pseudônimo Mario Villar, Carmen Dolores, que já tinha feito seu “batismo privado” em livro, ressurgiu nas colunas de *O Paiz*, em 1905, e nas colunas do *Correio da Manhã*, em 1907, com toda sua força, de forma ousada, corajosa, irreverente, audaciosa, perspicaz, e lá permanece, até seu último suspiro, causando polêmicas, reivindicando direitos, expressando sua opinião independente.

Não faremos, neste capítulo uma análise das crônicas publicadas em *O Paiz*, uma vez que dedicaremos o capítulo 4 desta tese a essa coletânea. No entanto, cabe, aqui, um rápido comentário sobre seus textos publicados no *Correio da Manhã*⁹⁵ e outros periódicos com o nome de Carmen Dolores.

De um modo geral, o estilo usado no *Correio da manhã* é semelhante ao que ela imprime nas crônicas escritas em *O Paiz*: uma pontuação recheada de reticências, exclamações e interrogações; o diálogo constante com o leitor; a ironia, o paradoxo, as metáforas e outras figuras de linguagem; o tom irreverente de seu discurso; a coragem e ousadia de expor seu pensamento, ciente dos preconceitos de gênero presentes naquele contexto social; os argumentos amarrados logicamente, entre outros aspectos quando, eventualmente, publica crônicas ensaísticas.

Os temas também são semelhantes, mas o gênero que predomina no *Correio da Manhã* é a crônica em forma de narrativas envolventes, que prendem o leitor pelo suspense, pela representação naturalista da cidade e do subúrbio, dos hábitos e costumes, da sociedade *snob* e das classes menos favorecidas. A plasticidade presente nas histórias contadas é constante e as descrições contextuais – paisagens, clima, espaços e tempos – coadunam com o estado de espírito das personagens, sobretudo quando são as narradoras. Os perfis femininos representados são semelhantes aos das protagonistas dos contos publicados com os outros pseudônimos. São, predominantemente, mulheres transgressoras dos padrões femininos esperados que, de alguma forma, são “castigadas” com o abandono, o sofrimento, a submissão e a degradação.

⁹⁵ Das vinte e duas crônicas encontradas no *Correio da Manhã*, de forma esparsa, a escritora selecionou cinco para incluir no seu livro de crônicas *Ao esvoaçar da ideia* (1910).

De todas as crônicas que não aparecem em outra forma de publicação, além do periódico *Correio da Manhã*, é relevante comentar uma delas por descrever a forma estética adotada por cronistas em periódicos, bem como sua escolha nesse sentido. Ela comenta que esse é um problema discutido nas rodas intelectuais (meios literários e jornalísticos): “se a prosa dos artigos do jornal moderno deve ter o labor trabalhado de uma produção artística, ou antes, a singeleza elegante e concisa do que se escreve de um jato, despretensiosa e rapidamente”. A cronista descreve, em “Ideias leves”, cada um dos processos com domínio técnico, como quem sabe escrever de ambas as formas. Inicialmente não sabe dizer qual dos dois é melhor que o outro, mas, depois, opina, sem a querer como valiosa:

[...] em se tratando de artigos de jornal, mesmo de colaboração apenas literária, a prosa de arte não tem muito cabimento nesta época de febrilidade e rapidez [...] que move o jornalismo, americanizado, simplificado, exigindo estilos nervosos e prontos, que se não percam em arabescos trabalhados com apuro (DOLORES, 26 de dezembro de 1909, p.1).

Como crítica, fala do estilo dos jornais estrangeiros, da forma dos romances, do romantismo fora de moda, do estilo de Zola, de Maupassant, de Eça de Queiroz e Fialho de Almeida, de Luiz da Camara Reys e, inclusive, da indecisão do público leitor. Conclui que ela prefere, apesar de muitos não gostarem, do “estilo moderno de escrever, com uma simplicidade aparente, fluida e clara, que é todavia muito difícil, porque não se abriga a fosforescência dos termos de efeito [...]” – é o que convém ao jornalismo moderno pois garante ser lido. (DOLORES, 26 de dezembro de 1909, p.1)

Na 2ª edição do *Jornal das Senhoras: A vida elegante*, Carmen Dolores publica “Chroniqueta”. É uma das raras aparições de seu nome – e de sua foto – que encontramos em um jornal escrito para o público feminino.⁹⁶Na “Chroniqueta”, inicia elogiando o lançamento do jornal com seus presságios de sucesso. O diminutivo em “chroniqueta” contradiz, no entanto, a crônica longa e bem construída. Usa o mesmo estilo irônico com que ela costuma descrever, nas crônicas dos outros jornais já citados, a sociedade *smart*, os tipos femininos da elite carioca, que foge do calor do Rio na “estação canicular” e vai curtir a “vida

⁹⁶ A possível atuação de Carmen Dolores na imprensa feminina ainda é um empreendimento de pesquisa que precisa ser desenvolvido.

elegante” em Petrópolis. Cita o filósofo Rochebrune para apontar a importância da mulher nesse contexto social: “A sociedade é um teatro em que os homens fazem o papel de títeres ou marionetas [sic]. E é sempre uma mulher que, escondida atrás do pano, dirige os seus passos com um fio de linha, dita as suas respostas, fá-los andar, bater-se, dançar, beijar...”. Complementa que, se “a dominadora figura feminina deixa de puxar pelo fio de linha atrás do pano social, tombam inertes as marionetas, não há mais movimento em cena, nem bailes, danças, lutas, rivalidades, agitações e amores”. Passa a falar da vida mundana em Petrópolis, desejando que volte de lá o mundo *smart*, para o sucesso do jornal. (DOLORES, 25 de março de 1909, p. 3-4) Disso se depreende que o público leitor, portanto, a população alfabetizada, era composto pela elite *smart*.

Carmen Dolores publica ainda algumas crônicas narrativas em outros jornais brasileiros, como apontamos no quadro anteriormente, construídas nos mesmos moldes destes que comentamos rapidamente acima. Apesar de alguns desses textos se diferenciarem ligeiramente dos contos publicados em livros, não só pela sua menor extensão, ajustada à coluna do jornal, mas também pela composição que adquirem no veículo livro, alguns foram selecionados pela própria autora para compor seus livros.

Se as crônicas que escreveu, ao longo de vários anos, discutindo assuntos polêmicos, denunciando injustiças sociais, comentando concepções intelectuais, defendendo os seres à margem da sociedade, fazendo crítica literária e de arte, conversando com o leitor, contribuíram para que Carmen Dolores se tornasse uma intelectual de destaque, seus livros publicados, a peça teatral encenada e as conferências realizadas também tiveram o valor reconhecido pela crítica impressionista de seu tempo. É sobre essa crítica impressionista que vamos discutir no próximo item deste capítulo, ao mesmo tempo em que comentaremos, sucintamente, sua obra publicada em livros e apresentada oralmente em forma de conferências literárias.

3.2.2 Carmen Dolores, seus livros, conferências e dramaturgia: o reconhecimento da crítica periodística

No gênero crônica, os interesses literários e jornalísticos se hibridizavam causando, às vezes, polêmicas e debates que se estendiam

por semanas nas colunas de jornal.⁹⁷ Alguns cronistas, a exemplo de Medeiros de Albuquerque, como coloca Broca (2004, p.320), podiam ser classificados como *book-reviewer*, pois “passava em revista todos os livros do dia, não somente de literatura como de outros gêneros, numa crítica ligeira, informativa e impressionista ao mesmo tempo”.

Cabe questionar se essa crítica teria menos valor do que a crítica militante e judicativa de Silvio Romero, José Veríssimo e Araripe Jr.,⁹⁸ ou, então, do que a crítica acadêmica posterior, a qual impôs ao exercício crítico a incorporação da investigação da literatura próxima à ciência, com a exigência de métodos científicos de análise? Afinal, os *críticos-scholars*, como foram chamados os seguidores das ideias de Afrânio Coutinho – alunos das primeiras turmas formadas em letras no início dos anos 1940, não aceitavam o “amadorismo dos autores de rodapé” e foram se especializando, tomando espaço e os editores de suplementos passaram a privilegiar “textos mais curtos, menos digressivos e mais objetivos”.⁹⁹

Por outro lado, Broca (2004, p.320), recorrendo sobre o “vasto material” deixado por Medeiros de Albuquerque “nos rodapés d’A *Notícia*”, afirma que se podia “retirar uns dois ou três livros, algumas centenas de páginas de boa crítica, dignas de ser conservadas”.

⁹⁷ A proximidade entre a área de literatura e a de jornalismo, no Brasil, já foi discutida por Antonio Dimas (1983), Dulcília Buitoni (1985), Davi Arrigucci Jr. (1985); Marlyse Mayer (1985), Antonio Candido (1992), Flora Süssekind (1992), Claudia Nina (2007) e tantos outros intelectuais, principalmente os que já se ocuparam do estudo da crônica. Alguns afirmam o nascimento de muitos romances clássicos, como os de José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis nos rodapés dos jornais – assim como o de escritoras menos conhecidas que aqueles, como Júlia Lopes de Almeida, entre outras. No século XIX, o espaço para a literatura nos periódicos era bem maior, até porque não havia jornalistas profissionais entre nós, uma vez que essa formação acadêmica só surgiu a partir da década de 1960, segundo Vicchiatti. (2005, p. 15)

⁹⁸ Tristão de Alencar Araripe Júnior não chegou a publicar em livro seus ensaios críticos, dispersos em periódicos de seu tempo e postumamente reunidos por Afrânio Coutinho. Sua seleção de autores estudados não rompe, contudo, com o cânone da história da literatura brasileira, proposto por Silvio Romero, apesar de divergir em alguns aspectos metodológicos deste. Cabe ressaltar, no entanto, que o também escritor Araripe Jr. enviou um exemplar de seu romance *Miss Kate* (1909) para a avaliação crítica da cronista Carmen Dolores. (Cf. DOLORES, Carmen. A semana. *O Paiz*. n. 9144, 17 out. 1909).

⁹⁹ Na mesma época, “[...] o jornalismo organizou-se como profissão [...] literatura e jornalismo afastam-se à medida que as técnicas jornalísticas foram criadas” (NINA, 2007, p. 26).

Corroborando as palavras de Broca, Nina (2007, p.24) afirma que a crítica impressionista “[...] não pode ser considerada desprezível ou inválida por não ser acadêmica”, pois tivemos ótimos críticos que não levaram em conta normas de ordem intelectual.

Apesar de muitos trechos da crítica em periódicos encontrada fixar-se na autoprojção do próprio crítico e pouco acrescentarem à obra, concordamos com os dois autores quanto à validade dessa crítica, pois, na sua maioria, os cronistas estavam informados sobre o que se publicava na Europa e nos Estados Unidos, sabiam das tendências da literatura e da crítica, eram leitores assíduos das obras clássicas e, principalmente, eram observadores atentos do contexto social, político e cultural nacional e internacional, bem como alguns sabiam expor suas ideias com leveza, tom fluente e poético, porque eram também literatos.

Como a produção literária e cronística de Carmen Dolores (e dos outros pseudônimos da autora) compreende o período da crítica naturalista e do impressionismo crítico é natural que ela e seus contemporâneos tenham seguido as “correntes da moda”, as quais ainda não cogitavam a necessidade de métodos de análise nem aportes teóricos que os fundamentassem. É dessa perspectiva da valorização da crítica publicada ao rés do chão dos jornais de 1900 que vamos nos ater aqui à produção crítica de outros cronistas sobre a atuação intelectual de Carmen Dolores no período da *Belle Époque*, enquanto conferencista, bem como sobre sua obra literária e jornalística, tanto enquanto estava viva, quanto depois de seu falecimento.

3.2.2.1 Com a face exposta, as conferências literárias

Brito Broca (2004, p.193-194) dedica um capítulo do seu livro *A vida literária dos 1900* à moda das conferências literárias que se implantou aqui, como mais uma das muitas imitações que os brasileiros fizeram da França. Em Paris, o costume de pronunciar conferências surge durante o século XIX, mas o gênero se multiplica nas últimas três décadas. Ainda de acordo com Broca (2004, p. 195), o fato de a moda das conferências ter se tornado “uma epidemia”, deve-se ao grande sucesso das conferências pagas, que contribuíam na possibilidade de os literatos viverem das letras. Já, entre nós, a época das conferências virou moda na primeira década do século XX, apesar de já termos notícias nos jornais sobre conferências desde a década de 1810. Olavo Bilac, Medeiros de Albuquerque, Coelho Neto são os conferencistas de maior sucesso no período, mas, além deles, Broca (2004, p. 195) menciona

Alberto de Faria, Manuel Bonfim, Oscar Lopes, Garcia Redondo, Bastos Tigre.

Para Carmen Dolores, apenas uma notinha de rodapé sobre a conferência “O que é melhor”, na qual a autora fez “um paralelo entre a vida do campo e da cidade para concluir a vantagem da primeira [...]” (BROCA, 2004, p. 197).

No levantamento da fortuna crítica de Carmen Dolores conferencista, percebemos que os próprios conferencistas, os quais também eram escritores e cronistas, usavam o próprio jornal como forma de divulgar as conferências que o grupo realizava. Teciam, além disso, suas críticas avaliativas das conferências a que assistiam. A *Gazeta de Notícias* mantinha uma coluna chamada “conferências literárias” (figura 10), na qual apareciam tanto os anúncios das próximas, quanto os comentários críticos sobre os conferencistas que obtinham sucesso.

O *Correio da Manhã* dedicava um espaço para notas de divulgação da próxima conferência, ou mesmo algum cronista que comenta a atuação da última ocorrida na agitada capital brasileira (figura 11).



Figura 10: Notas sobre conferências literárias

Fonte: Gazeta de Notícias, 1907

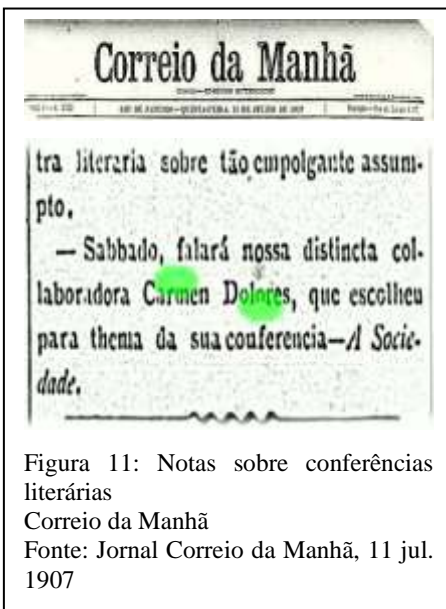


Figura 11: Notas sobre conferências literárias

Correio da Manhã

Fonte: Jornal Correio da Manhã, 11 jul. 1907

Na mesma semana mais de uma nota de divulgação era publicada no mesmo periódico e algumas ressaltavam a imagem intelectual que a conferencista já havia construído nas páginas dos jornais:

Carmen Dolores, cujo talento vibrante e original tem despertado a curiosidade e a admiração do público e dos intelectuais, realiza hoje, às 4 horas da tarde, a sua conferência sobre *A sociedade*.

O tema escolhido presta-se admiravelmente a ser tratado com sutil ironia e mesmo uma pontinha de mordacidade.

Carmen Dolores saberá tirar do assunto toda a psicologia que ele encerra e que interessará indubitavelmente o auditório inteligente que frequenta as conferências do Instituto (CORREIO DA MANHÃ, 1907, p.1).

Nos auditórios, um “público extremamente heterogêneo”, formado por senhoras, mocinhas muito gentis (nem sempre com instrução regular ou preocupação literária), às quais se juntavam médicos, advogados, engenheiros ilustres, estudantes e homens de letras. Nas conferências de Carmen Dolores, parece que o público feminino era predominante, pelo menos é o que a nota da *Gazeta de Notícias*, de 1907, nos permite entender:

E como a continuidade do êxito é o labor constante, e Mme. Carmen Dolores trabalha sempre, nervosa e febrilmente, espalhando pelos jornais a vibração elegante da sua arte – a moda, que vem de dois anos atrás, conserva-se, aumenta e aumentará sempre. Por isso, a enchente de ontem no Instituto Nacional de Música tomou proporções colossais. Casa cheia; casa repleta. Senhoras no salão, senhoras no estrado, senhoras no coro – sala florida e encantadora (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1907, p.5).

No Instituto Nacional de Música foi realizado grande número de conferências de literatos e a mania das conferências continuou mesmo quando surgiu o cinematógrafo. Esse “entrou com mais afoitamento, aparece por todos os cantos, há todas as horas, nos amplos salões da Avenida Central e nas saletas acanhadas dos subúrbios”, com um preço mais acessível, mais divertido e os adultos ainda podiam levar as crianças. Mesmo com todas as novidades, a elite intelectual carioca continuou a preferir as conferências do Instituto Nacional de Música.

Era moda ir a uma conferência e, para tanto, chegavam a pagar 2\$000 (dois mil réis).

Na estreia da escritora como conferencista, Olavo Bilac, que assinava a coluna “Registro” do jornal *A Notícia*, com o pseudônimo “B”, também dedica uma crônica inteira para Carmen Dolores, repleta de elogios, dizendo que: “A estreia da conferente na tribuna do Instituto é justamente esperada com uma ansiedade que ainda se não manifestou a respeito de qualquer outro dos estreantes” (BILAC, 1907, p. 2). Não era a primeira mulher a realizar uma conferência literária, mas talvez fosse a primeira a ser tão ousada, tão irônica nos pontos de vista sobre os temas escolhidos. E o público expectador da conferência, provavelmente, também faria parte do seu público leitor, o qual já não era pequeno em 1907. Bilac (1907, p.2) ressalta suas qualidades intelectuais para anunciar a conferência que ainda será realizada: “A excelente escritora, tão apercebida de ideias quanto de estilo, que usa o pseudônimo de Carmen Dolores, falará hoje, no Instituto, sobre a *Sociedade*”. O cronista ainda instiga a curiosidade do leitor sobre o tema, como a colaborar para que o auditório esteja cheio:

Tema sedutor e perigoso. Sedutor, porque dizer da sociedade é dizer de tudo: da alma humana, da civilização, da vida. Perigoso, porque a Sociedade estará ali presente, no salão do Instituto, das quatro as cinco, e receberá em pessoa, face a face, tudo quanto a conferente lhe disser (BILAC, 1907, p.2).

A personificação da “Sociedade”, por meio da inicial maiúscula usada por ele, quer talvez mostrar que o evento será uma grande batalha entre uma conferente do sexo feminino que enfrenta “face a face” uma adversária poderosa, formada por uma multidão. De modo algum nos parece que Bilac (1907, p.2) duvidasse da capacidade da conferencista, ao contrário, justifica a escolha do tema pelas qualidades da escritora, nada comuns às mulheres de sua época (pelo menos não a grande massa de mulheres analfabetas):

No assunto, foi talvez justamente o perigo que mais seduziu a Sra. Carmen Dolores. O talento da apreciada cronista é principalmente feito de audácia brilhante, de impetuosa franqueza, de energia de pensamento e de expressão, qualidades que raramente se verificam em escritores, e espantam, quando são encontradas numa escritora. A um espírito como o da Sra. Carmen Dolores

qualquer tema inócuo parecerá fútil e indigno. É uma virtude.

A distinção que lhe faz por ser dotada de qualidades raras entre escritores é acrescida pela marca de seu gênero, o que evidencia o preconceito, não só existente, mas verbalizado com a naturalidade de quem se espanta diante do fato.

Mais adiante volta a indagar e instigar seu leitor de a *Notícia*: “Que dirá ela da Sociedade? Dirá muito bem? Dirá muito mal? Dirá que ela é a condição única e o único meio capazes de tornar suportável a vida? Ou dirá que ela é apenas uma tortura [...]” (BILAC, 1907, p. 2). Conhecedor de sua característica mais marcante e que mais desperta seu público leitor, a ironia, Bilac deduz que essa também será a marca do texto da conferência daquela tarde:

Provavelmente, nem uma coisa nem outra... Não haverá, decerto, na conferência de hoje, nem otimismo, nem pessimismo: haverá, sim, aquela fina ironia, que os leitores das crônicas de Carmen Dolores tanto apreciam: ironia de quem conhece bem a vida, ironia de quem já sofreu bastante, e, por isso mesmo, encara tudo sem entusiasmo e sem ódio, – apenas com resignação e indulgência... (BILAC, 1907, p. 2).

Olavo Bilac parece conhecer mais que seus livros e suas crônicas quando fala da experiência de vida gerada pelo sofrimento da escritora e da jornalista. Pelo menos, conhece sua trajetória na vida pública anterior à atuação no meio jornalístico, como “romancista notável”. Mas foi como cronista de periódicos que ela alcançou um lugar de destaque entre seus colegas escritores da grande imprensa, a quem chama de soldados militantes:

A Sra. Carmen Dolores, que, antes de entrar para a vida ativa e para a literatura militante do jornalismo, já era uma romancista notável, só conquistou verdadeiramente o ‘grande público’, quando veio participar desta nossa rude e ingrata existência de escritores de jornal, – a existência cruel, que nos obriga a pensar depressa e a escrever mais depressa ainda, expondo-nos ao risco terrível das injustiças, das contradições e das perversidades inconscientes. Mas a escritora, entre os soldados desta dura milícia, conquistou logo um dos primeiros postos. E, esta tarde, os aplausos do público hão de dar-lhe certamente a

consagração definitiva e merecidíssima (BILAC, 1907, p. 2).

O sucesso de público da conferencista também foi anunciado nos jornais, quando realizou sua outra conferência, em 1908:

O que é melhor – é o título da conferência que a sra. Carmen Dolores realizará amanhã no salão do Club Internacional em S. Domingos de Niterói. É um belo assunto, que necessariamente será tratado com brilho pela ilustre escritora. A concorrência deve ser extraordinária. Os bilhetes têm sido avidamente procurados no nosso escritório (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1908c, p.9).

O mesmo tema chega a ser apresentado em mais de uma conferência, normalmente em salões diferentes, por exemplo, a conferência “Que é melhor” foi reapresentada, em outubro do mesmo ano, no Teatro João Caetano, conforme nota da *Gazeta de Notícias* (1908d, p.3): “Conferência 'Que é melhor' a ser realizada no dia 11/10 no Teatro João Caetano”. O *Correio da Manhã* também traz a nota da redação, anunciando “a conferência no próximo domingo 'Que é melhor?' no Teatro João Caetano” (CORREIO DA MANHÃ, 1908d, p. 3). Além disso, ainda houve a apresentação no Teatro da Exposição, segundo a nota do *Correio da Manhã* (1908e, p.1):

No teatro da Exposição realiza-se amanhã, às 4 da tarde, a conferência-concerto da festejada escritora Carmen Dolores.

A admirável cronista escolheu para tema de sua palestra literária esta interrogação:- *Que é melhor?*

Aos leitores curiosos responderemos que, certamente, o “que é melhor” é ir ouvir a prosa cintilante e espirituosa da autora de tantas páginas empolgantes e sugestivas que abrilhantam as nossas colunas.

A Conferência de Carmen Dolores terá uma parte musical, em que tomarão parte mme. Batista Lauro e a senhorita Paulina Raineri.

Em algumas ocasiões, os valores arrecadados chegam a ser publicados na semana seguinte, como nesta nota, em outubro de 1908, na qual o redator justifica o pouco valor nesta edição: “Nota do rendimento da conferência realizada: Rendeu 124\$ e há uma justificativa da pouca concorrência: o mau tempo” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1908e, p.3).

A fidelidade do público espectador de Carmen Dolores pode ser observada, também, nessa nota na coluna “O Binóculo”, da *Gazeta de Notícias*, alguns dias antes:

Domingo vindouro, 10 do corrente, Carmen Dolores irá a Niterói fazer uma conferência, no Salão do Club Internacional. As senhoras chics, os cavalheiros distintos, a população intelectual da capital fluminense, não deixarão, estamos certos, de ouvir a palavra encantadora e brilhante da cronista Carmen Dolores. Até desta cidade irão pessoas inteligentes que não perdem o ensejo de ouvir a ilustre escritora. Nesse dia o binóculo funcionará no Club Internacional (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1908f, p.7).

O que levava seu público espectador a acompanhá-la à cidade vizinha apenas para ouvi-la? É como cronista que ela construiu a imagem da “palavra encantadora e brilhante”. E encantava, mormente, as mulheres, segundo o colunista das “Conferências literárias” da *Gazeta de Notícias*:

As senhoras principalmente amam a ousadia da sua opinião, a acuidade com que analisa as coisas sutis do coração, a coragem com que encara os graves problemas sociais. Pode-se dizer que Mme. Carmen Dolores, a nossa Severine, às vezes é a nossa Gyp também, é a escritora da moda, lida e amada em todas as rodas (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1907, p.5).

Encantar pelas palavras exige da oradora não só um bom texto, boas ideias, um tema interessante – isso pode ser suficiente quando a face não está exposta, ou seja, quando a cronista escreve seu texto para a fria folha do jornal. O encantamento exige, principalmente, a expressão da sua subjetividade com autenticidade, daí a comparação de Carmen Dolores com Severine¹⁰⁰ e Gyp,¹⁰¹ as intelectuais francesas da *Belle*

¹⁰⁰ Séverine, nascida Caroline Rémy (27 abril de 1855, em Paris - 24 de abril de 1929, em Pierrefonds), foi uma escritora e jornalista libertária e feminista francesa. Em 1897, também escreveu crônicas, sob o pseudônimo Arthur Vingtras, no jornal feminista de sua amiga Marguerite Durand. Ela foi a primeira mulher a dirigir um jornal de grande circulação. Mas, em 1888, por causa de um conflito ideológico com o fundo marxista *Guesde*, ela teve que deixar o *Cridu Peuple*. Continuou a escrever de forma independente e viveu, confortavelmente, das publicações de aproximadamente 4000 textos em jornais diversos, sempre manifestando seu pensamento independente. A jornalista

Époque que hesitam cada vez menos em assinar seus livros, quer com o próprio nome, quer com um pseudônimo feminino – deixando pouco a pouco de lado o recurso cômodo, porém constrangedor, do pseudônimo masculino.

Na conferência realizada em Niterói, com o título “A Sociedade”, em uma sala florida, especialmente preparada para recebê-la no Club Internacional, Carmen Dolores reafirma seu sucesso, marcado nos aplausos, nos tantos cumprimentos e abraços ao final. A aguda observação crítica do redator de “Conferências Literárias” do jornal *Gazeta de Notícias* nos dá as pistas da expressão da subjetividade da conferencista – o que explicaria o seu sucesso:

Às 4 horas e 5 minutos entra Carmen Dolores. Veste de preto. Os seus olhos cintilam por trás das lentes. Saúda-a uma longa salva de palmas. E a conferência começa.

A conferência foi uma longa crônica, ou antes uma série de crônicas de Carmen Dolores ligadas pelo mesmo fio de assunto, e teve, com o seu requinte, com a sua elegância, a graça de ser absolutamente nossa, bem nacional, bem carioca.

Nós temos uma sociedade tão interessante (aliás ainda não estudada pelos nossos artistas) que não é preciso, como fazem certos conferentes, ir bater

esteve envolvida na luta pelo direito das mulheres ao voto. Em 1910, ela comentou a exigência da lei eleitoral que proíbe as mulheres de entrar no Parlamento. Em julho de 1914, ela organizou uma manifestação que reuniu 2.400 pessoas em favor do sufrágio feminino.(Cf. <<http://fr.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9verine>>)

¹⁰¹ Gyp é pseudônimo de Sibylle Aimée Marie-Antoinette Gabrielle Riquetti de Mirabeau, após o casamento Condessa de Martel. Nascida em Coëtval, em 16 de agosto de 1849 e falecida em 28 de junho de 1932, em Neuilly-sur-Seine, a romancista francesa produziu em torno de 120 obras, desde 1880 até seu falecimento, fazendo muito sucesso em sua época. Sua obra é marcada pelo senso de diálogo, sagacidade, humor e grande capacidade de observação. Gyp zomba da felicidade da sociedade a que ela pertence, e cria personagens arquetípicas interessantes, porém, muitos dos seus romances estão imbuídos de um certo antissemitismo e demasiado patriotismo. Sua casa foi um lugar popular da vida parisiense, onde ela recebia frequentemente personalidades como Robert de Montesquiou, Marcel Proust, Edgar Degas, Maurice Barrès, Anatole France, Paul Valéry, Alphonse Daudet, Jean-Louis Forain, Auguste Vimar, Lucien Corpechot e Edgar Demange. Suas dificuldades financeiras foram amenizadas pela intensa produção literária. (Cf. <http://fr.wikipedia.org/wiki/Sibylle_Gabrielle_Riquetti_de_Mirabeau>)

à porta do verso alheio e da citação *a fortiori* para servir ao auditório uma *roupa-velha* conferencial.

Carmen Dolores pintou a nossa sociedade desde a época da colônia até hoje: foi de uma observação aguda e de uma ironia deliciosa. Todos os pequenos nada, todas as futilidades graves que fazem a Sociedade e a nossa Sociedade ela os expôs na cintilação do seu estilo.

Ao terminar, Carmen Dolores foi muito aplaudida e ficou cerca de um quarto de hora à espera de poder descer do estrado, tantos eram os cumprimentos e os abraços.

A última conferência foi um sucesso (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1907, p.5).

Sua subjetividade está inscrita na elegância, no requinte do seu vestuário clássico e dos seus gestos; sua subjetividade está inscrita na emoção dos olhos cintilantes; sua subjetividade está no conjunto de ideias sobre a “nossa sociedade”, na escolha da descrição da nossa realidade social, aquilo que somos; sua subjetividade está inscrita no seu ponto de vista sobre “os pequenos nada” e “as futilidades graves”, assim como na cintilação do seu estilo de expressão. Afirmar essa subjetividade da autora em um texto, pelo olho alheio, nos parece bem arriscado. Porém, assim como o texto impresso das peças teatrais, os textos das conferências também não foram localizados ainda, por isso, valemo-nos de um pequeno trecho da conferência transcrita pelo cronista de “O Binóculo”, da *Gazeta de Notícias* em 09 de maio de 1908:

Mais um trecho da conferência – A sociedade – da ilustre escritora Carmen Dolores: ‘O flirt é primo irmão do amor; um primo, porém, como a gente conhece muitos, um pouco degenerado, descuidoso, gaiato, meio pândego, que diz tudo a rir, a fazer espírito, e furta um beijo como quem arrebatava um docinho à porta das confeitarias, sem pretender absolutamente entrar para uma compra séria, que desculpe a engraçada gatunice. A bolinagem, essa é a mais brutal invenção do modernismo, que pôs em moda a bolina, tipo curioso de que se ocupará em breve nessa tribuna um espirituoso conferencista, que já anda a colher observações *surle vif* nos bondes, nas ruas e nas salas.

O *flirt* tem feição mais delicada e sedutora, não é assim?... Mas não impede isto que ele desvirtue

com o riso fácil da galanteria dos salões e sentimentalismo entre os dois sexos. O americanismo introduziu liberdades que inutilizam a poesia. O rapaz, sem mais cerimônias, diz coisas um pouquinho arriscadas, que a moça escuta como uma camarada, rindo-se com a mais amável desenvoltura. Os gestos são livres. A educação moderna preparou realmente os sexos para essa troca alegre de caprichos e sensações, e não para o sentimento (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1908c, p.9).

No olhar aguçado sobre o modo como o *flirt*, um modismo americano, transformou as relações amorosas entre jovens está o seu ponto de vista subjetivo. Carmen Dolores denuncia a hipocrisia presente nas relações de parentesco, onde o primo é, ao mesmo tempo, um integrante da família e, portanto, tem liberdade para entrar na intimidade de um lar. Por outro lado, sendo homem, o primo se aproveita dessa oportunidade para roubar da moça ingênua a sua honra, já que, aos irmãos e ao pai, a igreja impõe o pecado do incesto. Ao perceber os rumos que a educação moderna tomou, já em 1908, ou seja, o quanto a modernidade valoriza o corpo, a liberdade dos gestos, as sensações em detrimentos dos sentimentos, do amor e das relações onde o respeito se mantém, Carmen Dolores parece vislumbrar o que as gerações futuras puderam comprovar.

O mais interessante é que, apesar do seu público ser predominantemente de mulheres, como vimos anteriormente, seu discurso não é marcado pelo direcionamento para elas. Pelo contrário, sua interação com o público, marcada no questionamento, é voltado para todos, sem distinção.

Carmen Dolores não se limitava a fazer conferências no Rio de Janeiro e cidades próximas, uma vez que era convidada para ir a São Paulo e a Belo Horizonte. Em um dos seus encontros casuais com o cronista Paulo Barreto, que assinava a coluna “Cinematógrafo”, da *Gazeta de Notícias*, com o pseudônimo Joe, em 1907, ela o questiona sobre um convite recebido. Ele, além de responder gentilmente, publica a conversa entre os dois:

Quinta feira: Encontro Carmen Dolores. A nossa distinta escritora conversa cinco minutos, dando-nos o gozo da sua palestra fascinadora. Minas encantou-a. É provável que vá a S. Paulo. E Carmen Dolores pergunta:

-Devo ir a São Paulo?

Respondo:

-Deve. Se há Estado que lhe dê impressões de civilização é São Paulo [e acrescenta outras razões...] (JOE, 1907, p.1).

Sobre a conferência realizada por ela em Minas Gerais, o *Correio da Manhã* também registra os resultados favoráveis:

Lemos nos jornais de Belo Horizonte e, mesmo, sabemos por pessoa diretamente de lá chegada, a série de manifestações que lá recebeu Carmen Dolores por ocasião da sua visita àquela simpática cidade de Minas.

A consagrada escritora, que daqui partira para ali realizar uma conferência literária, foi recebida com as maiores demonstrações de simpatia e apreço, demonstrações essas que se sucederam até o dia do seu embarque para esta capital.

A conferência realizada no salão do Congresso Estadual foi uma verdadeira apoteose ao seu belo talento; fez-se a iluminação completa do edifício onde ela deveria falar, a tribuna foi juncada de flores e a concorrência foi extraordinária.

Outras festas se organizaram, sendo notáveis as realizadas pela Escola Normal e pelo Grêmio Literário Olavo Bilac.

Carmen Dolores deve estar radiante e orgulhosa por mais esta consagração ao seu incomparável talento (CORREIO DA MANHÃ, 1907, p.1).

As recepções calorosas, as festas, a decoração preparada especialmente para ela, a iluminação do ambiente, o sucesso de público parecem ser uma constante por onde passa, ou melhor, onde ela expõe a sua face, as suas ideias polêmicas, críticas e turbulentas, com seu estilo peculiar; porém, sem perder a classe aristocrática e a elegância feminina.

Alguns escritores contemporâneos de Carmen Dolores chegaram a publicar, em livro, coletâneas de suas conferências realizadas: Olavo Bilac publicou *Conferências litterarias*, editado pela Francisco Alves, em 1912; Medeiros e Albuquerque publicou *Em voz alta: conferências literárias*, editado pela Typ. De Kósmos, em 1909. De Carmen Dolores encontramos apenas uma nota referente à publicação em volume da conferência “A sociedade”, pela Livraria Garnier, mas, até o momento, nenhum exemplar foi localizado em nossa pesquisa:

A livraria Garnier editou e já expôs à venda, em elegantes volumes a conferência que sobre a “sociedade” fez, no Instituto Nacional de Música,

a distinta escritora Carmen Dolores. Os que não gozaram o fino prazer dessa deliciosa palestra poderão agora ressarcir a perda, adquirindo um exemplar da conferência impressa. As letras lucraram igualmente, porque o ‘verba volant’ deixa de ter aplicação, quanto à fina joia de imaginação e estilo, que foi essa conferência (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1908g, p.1).

Carmen Dolores deixou sua marca na vida literária e jornalística de um modo que poucas outras mulheres conseguiram no período da *Belle Époque*. Cronistas, literatos, intelectuais da “boemia” que se dedicavam à crítica literária, e a publicavam em jornais mais diversos, fizeram referência à sua obra literária, à sua atuação como cronista, como colaboradora de jornais, como escritora, como conferencista, enfim, como mulher intelectual que se destacou em meio ao grupo de intelectuais, majoritariamente masculino.

Ao falar sobre a participação de mulheres nas conferências literárias, eventos instituídos em 1905, no Rio de Janeiro, De Luca (2004, p.95) comenta que Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores “foram as únicas mulheres a figurarem nesse seleto círculo de palestrantes formado, entre outros, por Coelho Neto, Olavo Bilac, Medeiros de Albuquerque, João do Rio, Afonso Celso, Alcindo Guanabara [...]”. O estilo peculiar de Carmen Dolores expor a sua subjetividade, caracterizado por muitos como másculo, lhe assegurou esse espaço público na vida literária da *Belle Époque*, maiormente na grande imprensa, nada favorável à inclusão de uma mulher.

3.2.2.2 Na literatura de autoria feminina, o talento de Carmen Dolores

Carmen é ao mesmo tempo a cronista ácida e ousada, com períodos que chispam e navalham, o ‘conteur’ feito de concisão e de paixão, a educadora que se faz de veludo e de inocência para as crianças, a romancista moderna e febril. E essas vantagens de admirar um brilhante ao mesmo tempo por todas as suas facetas devemos-las nós exclusivamente à vida de agora, nervosa e voraz.

(Joe)

Joe [Paulo Barreto], cronista da *Gazeta de Notícias*, talvez tenha escrito a expressão que melhor descreve a atuação intelectual de Carmen

Dolores: “admirar um brilhante ao mesmo tempo por todas as suas facetas”. Sua multifacetada obra, apesar de não ter sido tão extensa – se pensarmos na quantidade de livros publicados, no número de conferências realizadas, na única peça teatral que chegou a ser encenada, nos relativamente poucos anos de atuação – sua produção foi muito intensa nesses seus últimos anos de vida. E mais, sua obra adquire muitas faces que os críticos dos periódicos, que lhe foram contemporâneos, às vezes, alcançaram.

Como contrapartida ao silêncio imposto pelos críticos canônicos de sua época, assim como os acadêmicos posteriores, houve um “reconhecimento” dos seus colegas de profissão contemporâneos, mesmo que, muitas vezes, marcado pelo preconceito, ressaltando seu “talento másculo”, uma das características mais citadas em diversos textos críticos. Como outras mulheres do século XIX, que ousavam ultrapassar a soleira da porta/prisão para tornar pública a sua voz, ou a sua escritura, Carmen Dolores também conviveu com outros preconceitos comentados por textos críticos posteriores ao seu falecimento, mas raramente fez desse fato da vida pessoal um tema de suas crônicas ou livros, pois o discurso vitimista não a agradava. Quando o fez, foi com o tom de denúncia do preconceito e/ou de reivindicação de direitos. Nesses textos, a ousadia e a coragem descrevem melhor seu tom de voz. Apesar das dificuldades, além das conferências já comentadas, ela produziu livros com narrativas ficcionais, crônicas e teve uma peça teatral encenada, chegando a ocupar um lugar de destaque no campo da intelectualidade da *Belle Époque*. Deparemo-nos um pouco sobre seus livros.

Sobre *Gradações/Páginas soltas*

Quase toda a sua obra recebeu a atenção da crítica de rodapé. Somente seu primeiro livro de contos – *Gradações/Páginas soltas*, publicado em 1897,¹⁰² assim como os contos esparsos nos jornais publicados com os outros pseudônimos da escritora, não foram comentados pelos críticos que lhe eram contemporâneos.

No necrológio de Carmen Dolores, escrito por Julia Lopes de Almeida (1910), há uma pista que pode ser a razão para o silêncio sobre essa obra:

¹⁰² O livro foi reeditado pela editora Presença, do Rio de Janeiro, em 1989, com apoio técnico e financeiro do Ministério da Cultura e Instituto Nacional do Livro, integrando a Coleção Resgate (v. 17).

Além de teatro, a escritora deixou firmada a sua competência no romance e no conto. Sobretudo no conto. E quando eu disse, que infelizmente a sua carreira nas letras fora começada tarde, disse-o com a ideia de que muito maior seria sua bagagem literária se ela tivesse sido começada mais cedo (ALMEIDA, 1910, p.1).

De fato, ela começou a publicar relativamente tarde, já com seus quarenta e cinco anos. Além disso, sua produção literária e jornalística foi acanhada no início de sua carreira. Contudo, isso não significa que seu primeiro livro não tenha sido trabalhado artisticamente pela autora. Se nos determos um pouco sobre o conjunto de contos, podemos perceber os fios usados pela autora para “costurar” as narrativas entre si.

O subtítulo “Páginas soltas”, neste livro, já anuncia o que consideramos uma das grandes características de sua obra literária e jornalística: a subversão. Ao afirmar a desconexão das narrativas entre si, desperta o olhar do leitor para o que há em comum entre elas, instiga-o a encontrar o fio que liga “[...] algumas impressões, que se prendem umas às outras como bagos de um só colar” (DOLORES, 1989, p. 21), que ela mesma aponta, como pista, no oferecimento do livro que faz a Alberto de Oliveira. Na opinião de Lopes (1989, p.13), que escreve o prefácio da 2ª edição, os contos estão “unidos pelo fio da análise psicológica e tom e estilo intimistas”. Além disso, a imagem do colar é apropriada, pois “os contos não só são burilados como joias, ao estilo da poesia parnasiana de Alberto de Oliveira, como também se assemelham uns aos outros como pérolas num colar [...] o termo ‘impressões’ situa o livro dentro de uma das estéticas dominantes na época, o impressionismo”.

Félix (2007, p.80), na análise que faz da obra, também começa discutindo a sua estrutura, aparentemente formada por um conjunto de contos que a crítica vê como “engenhosa construção” formada por atos, ou seja, cenas em que mulheres atuam, vivenciando seus sacrifícios. Ela justifica a ligação entre esses atos por meio da identificação de metáforas reiteradas que dialogam na montagem do quebra-cabeça, como, por exemplo, “personagens que aparecem em mais de um ato; lugares, objetos e situações que se repetem; o registro de datas; o limite contido no primeiro e no último de seus títulos – ‘Início’ e ‘Epílogo’”. Analisando aspectos dessa intrincada combinação figurativa, a autora faz sua análise dos atos de modo a ver a imagem do todo, concebido como um grande “quebra-cabeças” cujas peças o leitor pode “encaixar” na ordem que preferir.

Mais do que essa classificação estética da obra, aqui nos interessam as temáticas e a perspectiva da voz narrativa. Os sete contos que compõem a obra estão dispostos em uma ordem que nos lembra os diversos estágios de uma longa vida sentimental, na qual a figura feminina protagoniza sua transformação gradual: “Início”, “Duelo”, “Calvário”, “Paixão”, “Uma página de psicologia”, “Ilusão Morta” e “Epílogo”. Com exceção apenas do segundo, as protagonistas são mulheres maduras, de meia idade, instruídas, damas da sociedade moderna, envolvidas em relacionamentos amorosos complicados e não convencionais. Na sequência em que elas aparecem, o perfil de cada uma parece representar uma fase diferente das relações estabelecidas, por interesse ou por paixão, entre homens e mulheres da elite.

Em “Início”, Lavínia, uma viúva soberba, vive uma luta interna entre os preceitos morais e a entrega à paixão avassaladora. Por um lado, ressalta, no conto, o sentimentalismo feminino de Lavínia, sua fraqueza diante da sedução do escritor Roberto Vilar e, por outro, as estratégias de conquista deste, os impulsos masculinos que determinam a vontade do mais forte, o homem que sempre vence nestes casos.

Durante toda a narrativa, o estado de espírito da protagonista integra a plasticidade do ambiente: sua languidez preguiçosa associada à lentidão do trem que sobe a serra; o espírito aborrecido e triste associado às lufadas de vento, a chuva e os densos flocos de neblina do início se transformam em “nuvens de púrpura” quando ela se sente arrastar por “uma corrente impetuosa para regiões desconhecidas” da alma em chamas que a atrai vertiginosamente. A intensa e delirante paixão, no entanto, só dura o tempo da conquista e gradualmente esfria.

Em “Duelo”, Luiza e Armando enfrentam não um ao outro, mas a si mesmos, cada um no seu egoístico mundo interior, no seu desejo de possuir o outro. Mesmo assim, ainda mantém o “desejo de afogarem num simulacro de felicidade e ternura toda essa maldita lucidez, que envenenava as suas melhores ilusões” (DOLORES, 1989, p. 49). Nesse conto, a figura feminina de Luiza já não é tão frágil quanto Lavínia, e Armando aceita a “penosa imposição do duelo talvez necessário à conservação do seu amor”. O leitor encontra aí uma mulher moderna, dotada de um espírito analítico que aprende as regras do jogo nas relações amorosas.

Já em “Calvário”, a paixão é, para Olga, sinônimo de sofrimento, de maldição, de um misto de sujeição às micalhas de atenção que aquele homem, denominado na narrativa, “contraditório, frio, egoísta” (DOLORES, 1989, p.57) lhe dava. A autora parece buscar, nessa narrativa, a causa da angústia, da insatisfação, do orgulho ferido

confrontado com seu autoconhecimento sobre sua beleza, sua inteligência e seu poder de sedução. O cenário onde a personagem se debate é o interior de sua casa, totalmente desarrumado, denunciando a presença e a ação dos amantes minutos antes. O que coaduna com o estado de espírito da protagonista que vive seu calvário amoroso na solidão do abandono.

No conto “Paixão”, a autora trabalha a transformação da protagonista, Helena. Ela foi outrora a “grande dama, pela distinção e pelo cultivo intelectual”, com “seu espírito independente, despótico”. Bela, fazia o marido curvar-se a ela, além de despertar diversas paixões, como a do primo Renato. No presente da narrativa, ela está viúva e assume o isolamento, a simplicidade do subúrbio e a paixão pelo primo outrora apaixonado que retorna depois de muito tempo. A desilusão dos protagonistas, no entanto, se dá pela constatação dos desencontros temporais entre corações apaixonados.

Em “Uma página de psicologia”, Carmen Dolores experimenta uma nova forma textual, escrevendo um conto em forma de uma epístola ficcional: uma “carta feminina” de Lavínia Olival, a mesma personagem do primeiro conto, à amiga Dora Pinheiro, anos depois de ter vivido a intensa paixão por Roberto Vilar. Desta vez, a associação entre o cenário e o estado de espírito da narradora protagonista está na voz narrativa que os compara; a casa enorme tão vazia quanto sua vida, os fios d’água que escorrem pelos flancos das montanhas, como o pranto do seu rosto, os “horizontes mornos e desolados, comprimidos numa cinta de áridas montanhas” como esteve sua vida desde aquele relacionamento com Roberto. Lavínia escolhe esse isolamento, o refúgio, por temer sua própria fraqueza, quer reunir forças e reagir, analisar seu estado moral diante do ciúme e do naufrágio de sua dignidade, bem como todas as contradições que cercam sua vida. Na certeza de encontrar a libertação das suas agonias, ou pela morte ou pela cura desse sentimento, Lavínia sabe-se numa cena prosaica e fora de moda com aquele mesmo espírito analítico da juventude, mas já não se vê naquela relação que a prendeu e fez sofrer tanto. (DOLORES, 1989, p.84-99)

Enquanto Lavínia, nesta fase, procura a libertação pela autoanálise e escolhe o recolhimento, Flávia, em “Ilusão Morta”, está na fase em que a mulher compreende o “verdadeiro sentido das palavras cruéis que ele [o amado] proferia lentamente” e “uma dor aguda e transbordante intumesciu-lhe o peito”. Na fase da desilusão, o amante, outrora sedutor, fazendo promessas, apaixonado, já não é nomeado, ou seja, sua identidade já não importa, uma vez que ele se desprendeu

gradualmente, enquanto ela mergulhava na paixão. Ela vive uma angustiante luta interna. Seus sentimentos também coadunam com o cenário chuvoso numa noite cerrada, “afogando tudo em tintas negras e sinistras. Flavia ia pensando que tempo igual também marcara o início dos seus amores com aquele homem, naquela mesma casa [...] Hoje, não! tudo nela também chorava, em perfeito acordo com a desolada natureza” (DOLORES, 1989, p.103-119).

Em “Epílogo”, a protagonista, Carmen, viúva, chega à fase madura em que a ausência física do seu grande amor vivido outrora já se transformou em algo “quase sobrenatural” e a escolha de renunciar às investidas de um novo homem – o jornalista Penaforte –, de ficar sozinha, já não é sofrimento, mas aceitação, resignação e lembrança “de todas as horas felizes do seu amor – horas de êxtase, horas febrilmente gozadas, horas radiosas, inebriantes, curtas, fugitivas, raras, abstratas, que constituíam afinal a sua única razão de ainda existir e de ainda esperar” (DOLORES, 1989, p.136).

Félix (2007, p.90), a partir da análise de cada um dos contos, na sequência em que aparecem, também constata que:

Melo redefine a amante gradativamente a partir de seu confinamento romântico e a cada adicional transfiguração seu comprometimento e envolvimento são sugeridos como a base de sua atuação no mundo, também desafiante como Tântalo, Mazepa e Prometeu, contra as autoridades tirânicas. [...] Em *Gradações* o processo que se efetiva pela escritura simboliza a perspectiva de uma escritora. Carmen, de “Epílogo”, revela o conjunto ‘caleidoscópico’ ao final, o que levanta questões sobre voz e visão narrativas. [...] aquela que determina a ordem dos atos, data-as, reproduz as metáforas e os sinais que apontam para o artefato literário é uma focalizadora interna (FÉLIX, 2007, p.90).

A partir dessa afirmação final, a crítica cogita, sem afirmar, a possibilidade de se pensar a obra como autobiografia de Emilia sob o pseudônimo Carmen Dolores, cuja persona seria Carmen.

Tudo se passa como se a escritora-personagem Carmen Dolores se pronunciasse através do ponto de vista de Carmen [a narradora em primeira pessoa de “Epílogo”] e esta através da voz de Lavínia que [atua como voz no texto e] cria as adicionais facetas de Olga, Luíza e Flávia em outros atos. [...] Carmen que aparece no final dos

atos, seria a representante homônima da escritora personagem Carmen Dolores, pois tem a perspectiva do conjunto, em “Epílogo”, como quem criou Lavínia para exemplificar seu próprio processo: eis a performance textual multifária de escritoras (FÉLIX, 2007, p.91).

O entrelaçamento dessas múltiplas vozes presentes no texto e a visão narrativa do conjunto de atos são os argumentos que nos permitem concordar com a possibilidade de essa obra apresentar rastros biográficos, hibridizados à ficção.

Para Lopes (1989, p.16), *Gradações* é um livro “bem escrito e incisivo, oferece-nos, além do mais, valor documental, ‘impressões’ de uma sociedade cujo ar nos faz respirar”. De fato, a composição de personagens femininas envolvidas em relações amorosas complexas, marcadas por sedução, paixão, ciúme, abandono, indiferença, desilusão, sofrimento e resignação, que se desprendem gradualmente do homem amado, além da sutileza da plasticidade associada a esse estado de espírito, permite que o leitor experimente os efeitos de sentido dessas fases vividas pelo sujeito feminino no final do século XIX.

O segundo livro publicado por Carmen Dolores já despertou o olhar da crítica periodística de seu tempo, provavelmente, porque, a partir de 1905, Carmen Dolores assume sua função de cronista, principalmente no jornal *O Paiz*, e começa a escrever sobre temas polêmicos, o que leva à formação de seu público leitor.

Sobre *Um drama na roça*

Quando *Um drama na roça* foi publicado, em 1907, já era de conhecimento público que Carmen Dolores era a senhora da sociedade, pertencente à família Moncorvo Bandeira de Mello, mas toda a crítica só se referia à famosa cronista de jornais. O livro é também uma coletânea de 26 contos, entre os quais “Sua majestade o dinheiro” e “Abdicação” já haviam sido publicados no jornal *O Paiz*, em 1898, assinados por Júlio de Castro; assim como “Calvário” e “Duelo” foram retirados de *Gradações*, já comentado. A autora parece que quer deixar rastros para que leitores observadores pudessem, posteriormente, interligar sua obra publicada de forma fragmentada em periódicos e em livros com pseudônimos diversos.

Enfatizando o quanto foi raro, naquele tempo, uma mulher vencer na literatura, Coelho Netto, no prefácio, comenta o aparecimento de

Carmen Dolores em *O Paiz* com “uma crônica magistral”, segundo suas palavras. Além disso, discorre sobre como

[...] começaram as conjecturas: citavam-se nomes atribuindo-se a este, àquele escritor o trecho admirável.

Veio depois um conto de igual requinte, em seguida, outra crônica do mesmo capricho e, durante um ano, discreto e de ardente curiosidade, o apelido da escritora impondo-se dia a dia, foi afixado em várias personalidades de nosso mundo literário até que, improvisamente, desfez-se o mistério como desabrocha uma flor e soube-se o verdadeiro nome da artista [...]

Foi grande a surpresa (porque não direi despotamento?) – gumes afiados de ironias embotaram-se, línguas bífidas encolheram-se... Os elogios anteriores haviam firmado tão indestrutivelmente a glória da narradora e da cronista que não era possível desfazê-la (COELHO NETTO, p.IV).

Coelho Netto confirma, nesse prefácio, o que Jie também ressaltou em crônica, dedicada à autora, sobre o desapontamento de alguns intelectuais ao saberem que aqueles textos assinados por Carmen Dolores eram de uma mulher. Depois de um ano, críticos diversos já não podiam retirar o que disseram sobre os textos publicados por ela e, desta forma, a escritora conquistou o direito ao espaço público para suas ideias.

No entanto, nas várias notas e crônicas críticas publicadas por seus colegas de profissão, o que predomina é o desapontamento com a edição mal feita de *Um drama na roça*. Em 15 de janeiro de 1908, na coluna “Figuras & Figurinos”, do *Correio da Manhã*, há uma nota que dá essa ênfase:

Carmen Dolores mandou-nos o seu *Drama na Roça*, um lindo livro estragado pelo mau gosto dos editores.

São duzentas e tantas páginas impressas num papel ralo e antipático, metidas numa capa que lembra a dos relatórios das companhias de seguros.

Mas, assim mesmo, o livro há de se impor; Carmen Dolores é um nome de sobejo querido e admirado para que o leitor compre a sua brochura menos pelo que ela representa na sua feição

material pelo que ela realmente contém (CORREIO DA MANHÃ, 15 de janeiro de 1908, p.2).

O contraste apontado entre a má qualidade da edição do material e a boa qualidade que o redator atribui ao conteúdo do livro, presumida pelo nome intelectual da autora, ainda renderia comentários nas rodas dos cafés boêmios e seria assunto de crônicas por vários meses.

No mesmo dia, a *Gazeta de Notícias* preferiu dar destaque ao sucesso de venda desse livro de contos:

A livraria Laemmert expôs a venda *Um drama na roça*, o delicioso livro de Carmen Dolores, são vinte e seis contos, qual mais bem escrito, qual mais empolgante. *Um drama na roça* está destinado a um grande sucesso. Já ontem mesmo foi extraordinária a venda. Vimos inúmeras senhoras, entrando chez Lammert, para adquirir o formoso volume de Carmen Dolores (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1908, p.2).

Seu sucesso é maior entre as leitoras, que também parecem adquiri-lo muito mais pelo nome da autora – já famoso pelas crônicas publicadas em *O Paiz*, há mais de dois anos nessa época.

Depois das rápidas notas de divulgação para venda, aparecem as primeiras críticas. Na mesma semana, Jie, escreve a crônica intitulada “Carmen Dolores”, no *Correio da Manhã*, na qual, inicialmente, comenta o modo como se desvendou o mistério da identificação de Emilia como criadora da persona Carmen Dolores. Além disso, nessa crônica contempla a edição do *Um Drama a Roça*:

Um Drama a Roça acaba de ser editado... ignominiosamente, pela livraria Laemmert & C. Carmen Dolores reunindo, para dar à publicidade, vinte e seis dos seus admiráveis contos e crônicas, pôs-lhes um título de *Um Drama a Roça*, tirado do primeiro trabalho, e mandou o seu precioso manuscrito aos srs. Laemmert & C. Estes fizeram disso tudo um livreco horripilante, de 906 [sic] páginas atochadas, em tipo miúdo e econômico, e, ainda por cúmulo, poupando margens e brancuras de folhas!...

E o que poderia ter dado – inteligentemente – para um magnífico livro de 400 páginas, impressas a primor, ficou reduzido a um folheto exprimido, seco e de mau aspecto de pendengas de Foro!

Daí, quem sabe se este livreiro é algum perigoso psicólogo da última hora?

- *Um Drama na Roça?* Já percebi, terá ele filosofado. E fez então uma edição, profundamente, fatalmente, impenitentemente roceira!

Mas não se mortifique Carmen Dolores com essa pequenina miséria *du métier*. O seu livro valerá, não pelo aspecto material, e sim pela beleza, pela arte e pelo primor do texto (JIE, 1908, p.1).

A falta de qualidade da edição, marcada até ironicamente com um trocadilho, também toma todo o espaço da crítica ao livro, pois a qualidade do texto é apenas caracterizada por três vocábulos vazios de sentido: beleza, arte e primor. Vazios em função da ausência de análise, ou mesmo do comentário sobre as impressões captadas pela sua sensibilidade.

Em contrapartida, Joe, na coluna “Cinematógrafo” da *Gazeta de Notícias* (1908, p.1), consegue, finalmente, deslocar seu olhar para a produção literária nessa obra, mas não sem antes também comentar a feia edição:

O livro foi economicamente editado por uma casa outrora amável para com os escritores. O papel é mau, o efeito é desagradável. O conjunto dá a impressão de uma dessas brochuras de 1854 em que alguns poetas cabeludos reuniam as elucubrações. Mas nessa edição feia irradiam o talento vigoroso, a ardência passional, o modernismo alanhante da notável escritora.

Percorreram os anais da nossa literatura tão abundante em versos e salvo a publicação de três ou quatro volumes de Coelho Netto, não se encontra livro de ficção tão forte, tão agudo, tão atraente.

Comparada apenas à ficção de Coelho Netto, até os clássicos de Machado de Assis são esquecidos, os contos da “notável escritora” ocupam a preferência do cronista crítico. O “talento vigoroso”, a “ardência passional” e o “modernismo alanhante”, de fato, podem ser lidos nas narrativas, como comentaremos mais adiante. O crítico ainda ressalta que Carmen Dolores tem “a plena posse dos recursos de um escritor” e sabe usá-los:

No *Drama na roça* não há um conto que não revele a ‘maitrise’, a plena posse dos recursos de um escritor. A observação escorcha as almas, a

descrição é rápida e é incisiva, o enredo sangra e palpita. Há qualquer coisa de Maupassant e da ironia do Hirsch em Carmen Dolores, e há principalmente Carmen Dolores fazendo um livro forte, másculo, onde rojam e se convulsionam as paixões, as misérias e o horror das misérias desta vida agitada. [...] (JOE, 1908, p.1).

Apesar de sentir a influência da escritura de Maupassant¹⁰³ e de Hirsch,¹⁰⁴ assegura a competência da contista na observação minuciosa da psicologia humana e das misérias sociais, assim como sua habilidade de transformar esse real em ficção naturalista. Tornou-se, assim, como afirmou Coelho Netto, “[...] um dos escritores de mais brilho, eximia analista d’almas, lavrante caprichosa de casos comuns da vida que ela, com a arte sutil de Ariadne, transforma em teia rutila, tão fina, tão delicada, tão graciosa [...]” (COELHO NETTO, p. IV).

¹⁰³ Guy de Maupassant (1850-1893) passou a infância e a juventude no campo francês, em companhia da mãe, uma mulher culta, depressiva, que fora abandonada por um marido infiel. Na década de 1870, já em Paris, travou relações com os grandes escritores realistas e naturalistas da época: Zola, Flaubert e o russo Turgeniev; e conquistou o público leitor como contista, publicando, aproximadamente, 300 estórias curtas. “O primeiro aspecto que chama atenção na obra de Maupassant é a sua variedade temática. Poucos escritores conseguem dar esta impressão de registro de totalidade da existência, de criação de um universo fecundo, múltiplo e quase inesgotável. Como um pintor impressionista, Maupassant pinta as luzes de Paris: as que reverberam no Sena, as que cintilam nos parques e as que brilham à noite nos *boulevards*. Luzes que envolvem as personagens nos dramas essenciais da condição humana: a paixão, o prazer, a solidão, o tédio, a morte. É o cronista da vida europeia do fim dos Oitocentos, mas também um escritor de dimensão universal”. Disponível em: <<http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Temp>

late=../livros/layout_autor.asp&AutorID=707728>. Acesso em: 18 jun. 2014.

¹⁰⁴ Acreditamos que, aqui, Joe se refira a Samson Raphael Hirsch, que foi uma das principais figuras do judaísmo ortodoxo do século XIX. Nascido em Hamburgo, ele foi um escritor particularmente incisivo e comprometido. Foi, também, primeiro autor a “escrever em língua alemã moderna em favor do judaísmo ortodoxo, defendeu em seus muitos escritos no projeto incorporando elementos da cultura moderna na estrutura do judaísmo, chamado Escola Im Derech Eretz Torah, ou, às vezes, neo-ortodoxia”. Disponível em: <<http://elmaxilab.com/definicao-abc/letra-s/samson-raphael-hirsch.php>>.

Acesso em: 14 abr. 2014.

E é como “analista de almas”, principalmente as femininas, que a contista constrói as protagonistas de diversos contos. Para nós, são mulheres de sua época, cidadinas ou da roça, jovens ou maduras, burguesas, atrizes, mulatas, solteiras, casadas e viúvas, dependentes ou independentes, todo um painel de perfis femininos da *Belle Époque* tropical, expondo a sua subjetividade e vivendo as experiências positivas e negativas possíveis dentro de um contexto ainda patriarcal.

A título de exemplo, vejamos alguns perfis de almas femininas, construídas nos moldes do realismo/naturalismo de sua época, descrevendo rápida e incisivamente sua aparência física, sua índole, seu caráter e seus aspectos psicológicos. Os preconceitos e as diferenças raciais e sociais também são trabalhadas nessas narrativas curtas. Os ambientes onde enredos “sangram e palpitam” estão descritos detalhadamente. As forças da natureza parecem exercer sua influência sobre o estado de espírito das personagens ou, vice-versa, pois as protagonistas narradoras só conseguem ver esse ambiente ora deslumbrante, ora tenebroso, conforme seu estado de alma.

A crítica à instituição do casamento por conveniência aparece nos contos em que as esposas deixam-se enredar por estratégias de jovens sedutores e se transformam em suas amantes nos encontros furtivos, ao mesmo tempo em que continuam atuando como donas de casa esmeradas e submissas ao marido, os quais só têm olhos para o seu enriquecimento e trabalho.

Por um lado, alguns personagens masculinos são caracterizados ora como perversos, capazes de abandonar mães e sogras viúvas e idosas, irmãs órfãs e solteiras, ora como infiéis ou amantes sedutores de mulheres casadas; por outro lado, a sensualidade feminina, o poder de sedução são características negativas de algumas personagens. Parece que a autora quer evidenciar as influências maléficas da vida cidadina no comportamento feminino, na deturpação da moralidade da mulher. Aparece, por exemplo, uma face feminina, bem bovaryana, da hipócrita sociedade carioca: Leonor em “Histórias de cada dia”.

Ao mesmo tempo, aparecem personagens femininas que experimentam a dor marcada pela perda de figuras masculinas ou pela morte ou pelo abandono: um irmão, um filho, o marido ou o homem amado. A dor do abandono, a mágoa, o desamparo e o ciúme movem essas mulheres em direções diversas: ao crime passionnal (“Nos bastidores”); ao ímpeto de vingança e à falta de coragem de praticá-la (“O Guarda Roupa”); ou o desamparo a leva à busca da independência e/ou sobrevivência por meio do trabalho como “*Institutrice*”. Mas se essa profissão era “permitida” para a mulher naquele contexto, a autora

faz questão de ressaltar a posição subalterna que essa personagem passa a ocupar no enredo. Ela é torturada e aniquilada, em “uma posição subalterna, sem direitos ao respeito, a estima, ao apreço, apenas paga, e muitas vezes mal paga...” (DOLORES, 1907, p.88-89). A contista trabalha com precisão as dificuldades de uma mulher sem o amparo masculino naquela realidade: deprimida, ferida e insultada nas suas tentativas de atuação profissional, a protagonista encontra, como alternativa, o refúgio e a solidão.

Assim como aparecem as mulheres destituídas de recursos, há as ricas viúvas – rica, independente e sedutora, como Gasparina, de “Cousas Modernas”. No entanto, a narradora a descreve a um romancista convidado como “vampiro da felicidade alheia” (DOLORES, 1907, p.100), tal qual a heroína *Bijou*, de Gyp. Na voz narrativa está implícita a condenação da mulher que exerce sua independência financeira e usa seu corpo para realizar seus desejos.

Vários outros contos têm como protagonista uma viúva, rica, ainda jovem ou de meia idade, mas ainda com seus atrativos de beleza e sabendo usar suas estratégias de sedução. Como se vê em “O caso do Louzada”, contado por um narrador masculino, no qual ser viúva é sinônimo de liberdade para a mulher, pois ela tem autonomia nas suas decisões e independência financeira, quando o marido não lhe deixou dívidas e não tem filhas. O mesmo se lê nas *Lettres d'une brésilienne*, assinados por Celia Marcia, seu outro pseudônimo. A condição de viúva, naquele contexto, era uma das raras formas de independência da mulher, quando essa conseguia manter sua fortuna, ou um espaço no mercado de trabalho – como era o caso da própria autora.

A ingenuidade feminina quanto aos perigos da sedução, o poder das mães sobre as filhas (em “A mentira”), o (não) lugar dos velhos no círculo familiar (Tia Filomena, de “Sob as cinzas”) são outros temas vivenciados pelas personagens desses contos. Já Arabela, de “Vinte e quatro horas”, representa a face da mulher que, tendo vivido um “passado demasiado tenebroso”, procura sua purificação e regeneração, mas se defronta com a impossibilidade da inversão da situação moral e social, pela falta de alicerces, de apoio e dos preconceitos. (DOLORES, 1907, p. 68) É preciso considerar que essa é a conclusão de uma voz narrativa masculina, alguém que conheceu Arabela, quando jovem, na intimidade de sua vida mundana e suas relações com outros homens e a reencontra no papel de senhora ao lado do filho doutor, sendo desrespeitada publicamente.

Mulheres de espírito, cultas e que conquistam seu direito à voz em meio a grupos de intelectuais predominantemente masculinos,

também aparecem em outros contos, mas não são nominadas como eles. Por outro lado, em alguns contos, a ênfase já não recai somente sobre a alma feminina, mas sobre a masculina, que a autora parece querer compreender, fazendo deles os protagonistas de suas narrativas.

Neste livro, cujo título cria uma expectativa de narrativas que se desenrolem na vida rural, talvez com personagens simples, pobres, ou seja, que revelem a face humana da classe menos favorecida, suas misérias, seus hábitos e costumes, poucos são os contos em que essa realidade é representada. Dos vinte e seis contos, somente quatro estão ambientados na vida rural. O conto “Mãe” talvez seja o único que represente uma mulher protagonista realmente pobre, submissa ao marido, religiosa, morando “na velha e tosca marquiza de pau”. Como o título já aponta, a ênfase recai sobre o tema da maternidade e da submissão da mulher ao marido – mesmo quando tem que entregar um dos seus filhos gêmeos, recém-nascidos, para adoção por imposição masculina. Nesse conto, o instinto de maternidade se confirma, mesmo quando a protagonista opta por entregar o filho sadio para a avó materna e ficar com o filho deficiente fisicamente.

O espaço é uma casa modesta no conto “Razão e instinto”, “em que roseiras cresciam entre couves e alfaces” (DOLORES, 1907, p.155), mas os protagonistas, Eliana e seu velho amigo Lourenço Taylor, são intelectuais em diálogo sobre a realidade contextual em que ambos estão inseridos, apontando detalhadamente todas as misérias humanas e sociais. Na voz e nas histórias de vida dessas duas personagens de muito espírito, conhecedores da literatura, analistas sociais em diálogo, a autora parece resumir todos os temas abordados isoladamente nos outros contos.

No conjunto dos contos de *Um drama na roça*, muitas das protagonistas femininas são construídas como caricaturas pelos seus traços físicos e psicológicos acentuados. A maioria envolvida em laços familiares e sociais burgueses e urbanos configura “tipos” modelados conforme a prática da ficção realista/naturalista, que age como significantes morais naquele contexto social. Representação da realidade, que a autora parece conhecer bem e, com sua pena afiada, acentua a função subversiva da literatura, rompendo com a ordem estabelecida e esclarecendo os leitores sobre saberes e práticas humanas e sociais.

Talvez, o público leitor, fidelizado pelos seus textos, enredado pelas suas tramas, não buscasse apenas esclarecimento, mas buscasse pedaços de sua própria face nos cenários que (re)conhecia. Nesse sentido, Joe, crítico contemporâneo de Carmen Dolores, não

economizou elogios ao comentar o dom de atrair, de seduzir, de enrodilhar, de conquistar, enfim, o público leitor, uma vez que, segundo ele, não basta a opinião crítica para alcançar o sucesso:

Para ser o escritor querido do público, não basta escrever lindamente, não basta ter assuntos excelentes, não são suficientes os elogios de uma roda inteira com o propósito de fazer a venda. É preciso ter antes de tudo o dom de agradar e de atrair, a arte de seduzir, de enrodilhar o leitor na curiosidade do fim. A característica do escritor está toda nesse dom sutil. Carmen Dolores possui a virtude rara, imediata, febril, rápida, incisiva, atacando o assunto com a certeza intuitiva do seu gênio, ora dura, ora impessoal, às vezes arriscando a ânsia da verdade até ao excesso do escândalo, de outras tecendo os períodos da olência das rosas (JOE, 1908, p.1).

Se na arte de conquistar o leitor ela usa a sutileza, na expressão do ‘eu’ criador é direta, deixa a marca do seu gênio no discurso claro e conciso. O tempo e o espaço de suas narrativas são a representação viva do momento presente, agitado e vibrante:

Não há um trecho de prosa sua que não vos diga: -Aqui estou eu, que sou de tua época, do teu momento, dos teus nervos, que quero discutir as tuas ideias e vibrar contigo.

O interesse palpita em cada frase sua e não há no seu claro estilo, claro e conciso, uma palavra, um termo, uma expressão que não vos dê a impressão da vida de agora, da vida de amanhã, afiados e estranhamente modernos (JOE, 1908, p.1).

O público leitor que, no seu cotidiano, vivencia todas as inovações e o movimento da modernidade, a vida mundana, a transformação da cidade, quer se ver no espelho da ficção. E é esse o dom da contista:

Esse dom, esse interesse, modernismo agudo da pena que vê e trata e se apaixona por todas as questões palpitantes – é que a faz tão lida, tão amada, e que a faz trabalhar tanto. Carmen Dolores escreve em três jornais e ainda tem tempo de compor conferências, romances, contos e novelas. [...]

O escritor, depois de certo tempo de início e de êxito, não é mais uma vontade, é a máquina da opinião movida por uma vontade superior. As

peessoas incapazes de escrever três linhas indagam:
 - Quando temos novos volumes? Você só escreveu esta semana quatro artigos... E o fato é que na França a produção de um Abel Hermant, de um Gip, de um Marcel Prevost chegam a assustar; conservando, porém, todas as qualidades de estilo, de ideias e de graça dos primeiros trabalhos.

Assim acontece a Carmen Dolores. Ela é sempre a escritora cujos períodos encerram o imprevisto, a graça e a curiosidade... (JOE, 1908, p.1).

Joe, depois de ressaltar as múltiplas habilidades da intelectual e sua intensa produção em 1908, compara-a aos escritores estrangeiros e famosos do seu tempo. Entre eles o cronista de *Le Temps* e de *Le Figaro*, Abel Hertman, o qual alcançou o sucesso com suas análises irônicas da *Belle Époque*; Gip, pseudônimo Francisco João da Costa, autor do Romance *Jacó e Dulce – cenas da vida indiana*, no qual fez duras críticas à sociedade burguesa indo-portuguesa do final do século XIX, apontando nela o que havia de ridículo; e ainda o romancista e dramaturgo francês, Marcel Prevost, que escreveu narrativas a partir dos seus estudos sobre a educação e a independência das mulheres nos primeiros anos de 1900. Apesar da comparação, reafirma a peculiaridade da escritora brasileira, o seu estilo que surpreende e prende o leitor, pela graça e curiosidade, com o final “imprevisto”.

Em 1908, quando Joe dedica essa crônica à Carmen Dolores, ela já era essa “máquina da opinião movida por uma vontade superior”, que a fazia trabalhar intensamente, que a fazia “tão lida”, uma escritora querida pelo público leitor. Foi seu modo autêntico de opinar sobre questões sociais, foram suas análises irônicas da sociedade brasileira que lhe proporcionaram o sucesso como cronista e escritora, não os elogios “de uma roda inteira com o propósito a venda”, apesar de vários intelectuais da época, “numa roda de homens de Letras”, terem se ocupado do seu nome, tanto nas crônicas críticas, quanto nas rodas dos cafés, como consta nessa nota publicada na coluna “Figuras & Figurinos” do *Correio da Manhã*:

Discutia-se ontem, na Castelões, numa roda de homens de Letras, certos editores nossos, isso a propósito de um incidente ocorrido há dias na casa Laemmert com a escritora Carmen Dolores.

E chegou-se a esta conclusão: que além da sua proverbial ganância, esses senhores fazem da grosseria a sua nova arma de combate.

É por isso, talvez, que a maior parte dos livros brasileiros, hoje, estão sendo editados no estrangeiro, em Portugal principalmente, onde os editores de consciência sobre saberem pagar as obras que daqui lhes enviamos, sabem ter para com os autores cortesia e cordura (CORREIO DA MANHÃ, 1908b, p.2).

Na referida roda, eles se referiam ainda à edição de *Um Drama a Roça*, da Livraria Laemmert, isto é, três meses depois, o lançamento do livro ainda merecia a atenção desses senhores, mesmo sendo produção de uma mulher. Mas ela era uma escritora que já tinha conquistado seu espaço de opinião pública nas colunas dos jornais e seu público leitor não era pequeno, o que favorecia também os donos do jornal e despertava a inveja de outros cronistas menos lidos – razões para que falassem dela em “rodas de homens”.

Sobre Lendas brasileiras: coleção de 27 contos para crianças

Um mês depois desse fato relatado anteriormente, ainda em 1908, outro livro de Carmen Dolores é lançado, desta vez pela Livraria e Papelaria Pereira: *Lendas brasileiras: coleção de 27 contos para crianças*. Com ele, a autora surpreende seu público leitor com a pesquisa de histórias infantis coletadas da oralidade e transcritas numa linguagem simples e acessível aos pequenos leitores da época. Esse também recebe uma crítica de Joe, na coluna “Cinematógrafo”, da *Gazeta de Notícias*, na qual ele costuma expressar as suas impressões sobre vários livros lidos:

De prosa há o livro da ilustre Carmen Dolores: “Lendas Brasileiras”, um apanhado muito leve e muito interessante do nosso “folclore” para crianças, em que a vigorosa escritora pôs o melhor da sua alma de mulher: a doçura, a simplicidade, o encanto. É curioso acompanhar o trabalho multiforme dessa senhora, que talvez só tenha um defeito grande: o não ser de todo indiferente aos ataques dos grosseiros e dos invejosos da sua fama justa e do seu talento (JOE, 1908b, p.1).

Joe atribui o adjetivo “multiforme” à obra da autora, não só pela diversidade de gêneros textuais que ela produz (conferências, contos, romance, crônicas, crítica) ou pela diversidade de públicos leitores que ela alcança, mas também pela diversidade de características do estilo de Carmen Dolores: doçura e simplicidade para as crianças; e para o

público adulto a ironia, a coragem, a clareza, a concisão, o seu modo incisivo e febril de abordar as misérias humanas presentes nas crônicas, nos contos e no romance. *Lendas Brasileiras*, ilustrado por Julião Machado, foi dirigido às crianças numa época em que a rígida moral e as austeras regras educacionais não incentivavam o desenvolvimento da imaginação. Isso ainda foi lembrado por Chrysanthème, em 1929, numa crônica sobre a vida das crianças, a imaginação, a educação e sobre o que a sociedade lhes apresentava naquela época:

Carmen Dolores, traçando as *Lendas brasileiras*, compreendeu bem o espírito dos pequenos. Ela escreveu para eles e embora afirmem alguns “educadores” ser um erro desenvolver o maravilhoso na imaginação infantil, creio que sempre este será muito mais moral do que aquilo que a sociedade pervertida lhes apresenta (CHRYSANTHÈME, 1929, p. 1)

Mais de duas décadas depois do lançamento da primeira edição, percebemos, nas palavras de Chrysanthème, que pouco mudou em relação à rígida educação infantil que concebe, de uma perspectiva positivista, a criança como um objeto a ser moldado pelo adulto. Para além do simples registro de mitos e lendas, ilustradas por Julião Machado (figura 12), a obra teve uma segunda edição, em 1914, pela Livraria e Papelaria Gomes Pereira. Essa edição reafirma uma das bandeiras levantadas pela autora: a educação para todas as crianças, fundada na leitura de bons textos ficcionais, que despertam a capacidade de imaginar, de criar, de narrar a vida, como a ilustração da capa evidencia: três meninas e um menino, vestidos em seus trajes escolares, juntos, em círculo de leitura. Numa



Figura 12: Capa do livro *Lendas Brasileiras* (2ª edição, 1914)
Rio de Janeiro, out. 2013.

época em que havia salas de aula específicas para meninas e outras para meninos, Carmen Dolores já vislumbrava as mudanças na educação, assim como outras escritoras do século XIX.¹⁰⁵

A reedição do livro de 2006,¹⁰⁶ no entanto, não faz jus às ilustrações da 2ª edição, que nos remetem à superação da deficiente educação escolar que era oferecida às meninas. Além disso, os organizadores ainda informam, erroneamente, que a primeira versão é de 1914. As narrativas resgatam do imaginário folclórico histórias moralizantes como, por exemplo, “O casamento da moça” e “O preguiçoso” (figuras 13 e 14).



Figura 13: O casamento da moça.

Ilustração de Julião Machado

Fonte: Risolete Maria Hellmann, 2014

¹⁰⁵ A gaúcha, nascida em Viamão, em 1775, Maria Josefa Barreto, criou uma escola mista para meninos e meninas em Porto Alegre, que funcionava na sua própria casa, conforme expõe Muzart (2003, p. 228). Assim como a escritora e educadora maranhense, Maria Firmina dos Reis também fundou, na distante cidade de Guimarães, no Maranhão, uma escola mista ainda no século XIX.

¹⁰⁶ O livro, resgatado do esquecimento político por pesquisadores em 2006, recebeu nova versão pela Sá Editora, com uma cronologia de Carmen Dolores escrita por Eliane Vasconcellos, textos críticos intitulados “Mulheres escrevem para crianças (1890-1930)”, por Rosa Maria de Carvalho Gens, e “Traços críticos: a caricatura brasileira de Agostini a Julião Machado”, por Isabel Lustosa, textos já comentados anteriormente.

Enquanto algumas são marcadas por princípios da religiosidade cristã, outras resgatam personagens míticos de outras crenças, como: “A Mãe d’água”, “A cobra grande”, “O Saci Sererê”, “A Mula sem Cabeça”, entre outras. Algumas apontam para o sincretismo religioso presente na sociedade brasileira a partir da mestiçagem de raças. A ambientação, contudo, é predominantemente rural, onde pessoas e seres imaginários protagonizam as histórias escritas com uma linguagem simples, apropriada para crianças.



Figura 14: O preguiçoso, ilustração de Julião Machado

Fonte: Risolette Maria Hellmann, 2014

Sobre *Ao esvoaçar da ideia*

Esses livros de contos, comentados até aqui, foram os únicos que Carmen Dolores viu publicados em vida. Contudo, nos seus últimos dias, recebeu a correspondência da editora portuguesa Chardron com a notícia por que tanto esperava: seu livro de crônicas *Ao esvoaçar da ideia* estava pronto. Porém, o livro só chegou às livrarias brasileiras seis meses depois de seu falecimento, já em 1911.

Esta obra é a única coletânea de crônicas, organizada pela própria autora, para compor um livro. Também nessa seleção de trinta e nove crônicas a autora usa a estratégia de deixar vestígios para que o leitor possa recuperar a sua obra dispersa em veículos diversos, como o fez em *Um drama na roça*. Ela escolhe algumas crônicas que já haviam sido publicadas anteriormente em diferentes jornais, algumas inclusive com pseudônimo diferente. Por exemplo, a crônica intitulada “Natal”, já publicada em 25 de dezembro de 1904 no jornal *O Paiz* e assinada por Leonel Sampaio, reaparece, agora, ampliada no livro de Carmen

Dolores. Com o pseudônimo Mario Villar ela havia publicado “Impressões”, na *Gazeta de Petrópolis*, em 28 de junho de 1902, o qual também é recuperado por Carmen Dolores no livro de crônicas. Várias outras crônicas foram selecionadas entre as suas colaborações nas colunas do *Correio da Manhã* em 1907 e 1908. Entre elas: “O ator Coquelin”, “Conversando”, “Pôr do sol” e “O Baile”. Outras foram selecionadas entre suas crônicas publicadas na coluna “A Semana”, em *O Paiz*: “José do Patrocínio e outras coisas...”, “Refletindo” e “Uma defesa”. No entanto, as restantes nos parecem inéditas no livro, já que não foram encontradas em periódicos anteriores à publicação desta obra.

São todas, porém, esteticamente construídas nos moldes das crônicas de *O Paiz*, como ensaios poéticos pelo seu discurso argumentativo, permeado de citações literárias de obras clássicas, ou trechos narrativos que ilustram a temática debatida. A escrita é marcada ora pelo espírito irônico, ora por um sentimentalismo saudosista, ora pela indignação. A cronista deixa evidente, contudo, sua perspectiva crítica da realidade cultural e ideológica, lendo a sociedade como intelectual do seu tempo.

Nos periódicos, a crítica lhe foi predominantemente elogiosa, desta vez, inclusive ao se referir à edição. Gilberto Amado não só anuncia a chegada desse livro que ela tanto esperou em vida e que inaugura um ano “fecundo em produção literária” brasileira, como faz um texto crítico que vai além do próprio livro.

[...] A casa Chardron fez uma brochura rubra que diz bem com a sensibilidade e o pensamento da escritora, que durante mais de dois anos deu a esta coluna a palpitação das ideias e o calor da combatividade. O livro é quase todo composto por crônicas do *Paiz*, fogosas, movimentadas, marcando numa cintilação sem intercadência, a trajetória de um espírito curioso e



Figura 15: Capa do livro *Ao esvoaçar da ideia*

Fonte: Risoleta Maria Hellmann

permanentemente aceso, através de assuntos mais variados, mais complexos, mais chocantes. De tal maneira elas traduzem um temperamento, que são por assim dizer a representação de palestras em que se tem a impressão de ouvir a escritora conversar, gesticular, vibrar com entusiasmo febril que nela parecia a normalidade nervosa (AMADO, 1911, p. 1).

A atenção que deu ao livro demonstra o leitor atento que lhe fez a crítica. Desde o sentido da “brochura rubra” (figura 15) ao temperamento da autora. De fato, coragem e confiança em si mesma – significados da cor vermelha – não faltavam à autora, assim como o “calor da combatividade”, pois os debates sobre assuntos mais diversos foram frequentes na sua atuação de cronista. A referência às características plásticas e à emoção que ressalta do que o sentido da visão do crítico alcança é o que nos permite afirmar sua crítica como impressionista. Contudo, não nos parece que conhecesse tão bem a trajetória da própria autora quando afirma que “durante mais de dois anos” ela foi colaboradora de *O Paiz* e “o livro é quase todo composto por crônicas de *OPaiz*”. A imprecisão do período, que foi de cinco anos e meio, e o fato de a grande maioria das crônicas do livro não ser desse jornal comprovam a nossa afirmação.

De acordo com Amado (1911, p.1), a personalidade da autora, com seu “espírito curioso” e seu “entusiasmo febril”, aparecem nas crônicas e ele parece estar contagiado por essas sensações a ponto de ser ele próprio o curioso que percorre a obra descrevendo-lhe os detalhes observados ou intuídos e realiza, na sua crítica, o que Martins (2003, p.37) comenta: “[...] no que se refere à descrição impressionista, caracteriza-a o aspecto eminentemente visual, plástico, sensorial, que escapa à romântica, à realista e mesmo à naturalista [...]”. É por meio dos sentidos que ele registra suas impressões, emoções e sentimentos em relação à obra: ele “parece ouvir a escritora”, sentir a sua vibração e, da mesma forma, nós, leitores de sua crítica, podemos sentir sua empolgação ao falar dela.

Na opinião de Amado (1911, p.1), a autora se diferencia de outros escritores da época, principalmente nas crônicas, chegando a afirmar que “Carmen Dolores iniciou entre nós um gênero novo de crônica no sentido de ter comunicado, ao comentário dos acontecimentos, todo o cunho pessoal”. Para evidenciar o diferencial do processo criativo de Carmen Dolores, Amado (1911, p.1) se vale da comparação do seu

estilo com o de outros cronistas como Olavo Bilac, Marcelo e Julia Lopes de Almeida:

Ela não tinha, nem aspirava a graça luminosa, o encanto, a filosofia fácil de Bilac e, por igual, nunca lhe teria sido possível dar ao assunto a leveza sábia, a ironia lúcida, a agilidade de espírito desse Marcelo que foi outrora um mestre no gênero no *Paiz* e na *Tribuna*, ao mesmo tempo em que vibrava invencível o gládio da polêmica nas discussões onde fora preciso com a cultura, a vivacidade, a dialética que convence, o lance da emoção, a chama que ateia o entusiasmo.

Ela, ao contrário, entrava nos assuntos barulhentemente, discutindo, atirando sem ordem e sem medida os epítetos menos convencionais, elevando à importância de grave questão uma ligeira divergência de gosto artístico e dando à sua indignação mais ingênua o estrépito de um clamor sensacional. É de ver neste livro, por exemplo, o barulho, o fervor do artigo em que Carmen Dolores discutiu se os bilhetes postais eram ou não coisa suportável.

É tal a exaltação da polêmica que ela empenha com uma leitora a quem desagradou a sua violência contra os ditos bilhetes – que se diria uma questão em que se resolvessem assuntos emocionantes. [...]

Julia Lopes de Almeida, em cujo espírito a beleza e a paixão se equilibram tão harmoniosamente, guardou sempre uma reserva mais ciosa da sua personalidade, certo para a desdobrar e a multiplicar nas figuras de seus romances, fugindo dispersá-la nas páginas efêmeras do jornal. Talvez por isso a maioria das suas crônicas não pudesse, como as de Carmen Dolores, reunir-se sem prejuízo do interesse em volume.

É o que Carmen Dolores, escrevendo crônicas, fazia à sua obra, realizava, por assim dizer, a sua finalidade de escritora.

Para a romancista que dá ainda neste jornal, um dia na semana, a nota feminina, a crônica é um leve desfastio, uma palestra conscienciosa, mas nunca o esforço de um espírito que se afirma com todas as suas energias. Talvez porque lhe seduzisse na escritora morta a facilidade da vibração e do

entusiasmo, é que tanto a admirava a romancista da *Intrusa*".

Para além da análise do livro, o crítico parece dizer que a escritura de Carmen Dolores é profundamente marcada por sua personalidade vibrante, forte, marcada pelo "esforço de um espírito que se afirma com todas as suas energias" e é isso que torna a reunião de crônicas, já publicadas em periódicos, interessante, agora que estão publicadas em livro.

Nesse sentido, Julia Lopes de Almeida concorda com ele ao fazer sua crítica ao mesmo livro, intitulado *Ao esvoaçar da ideia*: "Nem por serem conhecidas, essas páginas são lidas com menor prazer; infunde, entretanto, uma [sic] certa melancolia o pensamento de que a mão que lançou à ventania do jornal essas linhas para uma vida efêmera, não possa agora folhear o livro em que elas se fixaram para sempre..." (ALMEIDA, 1911, p.1).

No discurso crítico, tanto de Gilberto Amado, quanto de Julia Lopes de Almeida fica evidente a valorização da vida de Carmen Dolores, de modo que, às vezes, a figura da autora se sobrepõe a da obra no texto crítico. Explicar a obra a partir do ponto de vista de quem a produziu, ou buscar argumentos na biografia do autor para interpretar temáticas, ou mesmo o seu estilo, são atitudes típicas da crítica moderna, que descobriu a figura do autor e valorizou, no indivíduo, o seu valor pessoal.

Acreditamos, porém, que não foi só o modo "barulhento" com que a cronista entrava nos assuntos e o modo exaltado como discutia até pequenas questões de gosto artístico que a fizeram ser tão lida, ser tão aplaudida e tão famosa no seu tempo. Com certeza, o curto espaço que a crítica detinha nas colunas semanais dos jornais não era suficiente para comentar a multiplicidade de temáticas relevantes abordadas por ela em suas crônicas. Para ilustrar, recortamos do *Ao esvoaçar da ideia* alguns desses temas.

A questão polêmica mais conhecida é a do divórcio, abordada por ela numa sequência de sete crônicas: Em "Conversando", ressalta que a mulher é a principal vítima do atraso das nossas leis. Já prevê a onda que se levantará contra o projeto de lei que ora se discute, em nome da religião e da moral, argumentos que chama de "caducos". Na sua defesa da questão, volta aos casos bíblicos, percorre toda a história da humanidade, baseia-se em documentos históricos de várias nações e, no final da argumentação fundamentada, conclui que é o desamparo feminino que exige a decretação da Lei do divórcio.

Em “O divórcio”, o tom de conversa se eleva à discussão travada, assume um caráter apaixonado diante dos ataques diretos dos antagonistas. Descreve a sua missão de mulher com a pena à mão. Busca fundamentos nos clássicos Montesquieu, Ethendal, Champfort, Erasmo e os contrapõe ao discurso burlesco de um adversário na tribuna, que se vale de argumentos religiosos. Ela conclui que o divórcio é terreno civil e não da religião. Imoral e desumano é o desamparo em que fica a mulher sem dinheiro, sem direito a refazer sua vida, excluída do meio social a que pertencia. O que ressalta na crônica é o poder da palavra usada em prol do movimento a favor do divórcio; o poder de argumentação da talentosa autora na defesa da ideia.

“Um absurdo” caracteriza-se pelo tom de indignação ao assistir a uma discussão sobre o divórcio, no Instituto dos Advogados, e perceber o quanto a linguagem tortuosa do direito dá margens às contradições e conclusões ilógicas. Para ela, calar, nessas horas, não é ceder, é esperar o momento certo para usar a coluna jornalística como sua forma de expressão. Para tal, busca os argumentos em vivências de mulheres aprisionadas em casamentos anulados, com separação de corpos, em que elas estão em desvantagem.

O título da crônica seguinte sobre o divórcio já deixa claro o tom discursivo: “É irritante!”. A irritação da cronista diante da questão que se alonga demasiadamente sem solução, a faz recobrar seu tom irônico ao comentar o discurso do advogado clerical que desvirtuou a discussão, apresentando-lhe contra-argumentos fundamentados em Eça de Queiroz, entre outros. Reafirma as diferentes consequências para a mulher, conforme as diferenças sociais se instalam nos casos de separações.

Em “Coisas da atualidade”, ela supera a irritação ao receber a palavra de seu ilustre confrade, Osório Duque Estrada, para responder: “Qual a situação moral dos filhos originários dos divorciados, e desses outros provenientes de novos enlaces?” (DOLORES, 1910, p.97-102). Ela afirma que falar é expor-se de peito aberto ao jogo do inimigo e coloca-se como “simples representante do abominado feminismo e cujo único meio de luta consiste na firmeza das convicções e da energia dos protestos”. E não hesita em dar seu juízo, muito bem argumentado, sobre a questão.

Em “O triunfo” já há certo entusiasmo no seu tom de voz, em face dos resultados positivos alcançados por Dra. Myrtes Campos¹⁰⁷ na

¹⁰⁷ Primeira advogada brasileira, contemporânea e amiga de Carmen Dolores, que trabalhou exaustivamente nos tribunais em favor da legalização do divórcio no Brasil.

questão do divórcio. Acrescido a isso, comenta, por um lado, as muitas cartas de apoio que recebe, como se sua pena pudesse decretar o divórcio. Se autodescreve e sabe sua posição: “sou uma obscura escrevinhadora, cujo único mérito é o de dizer com uma sinceridade e muita independência as suas opiniões. [...] Exponho-as e... sustento-as unicamente” (DOLORES, 1910, p.104). Por outro lado, comenta, sem demonstrar que isso lhe afetou, as agressões que se ocultam em cartas anônimas, assim como as do clero numa linguagem nada cristã.

Na sétima crônica sobre o divórcio, o título “Ainda!” já anuncia quanto tem escrito sobre isso e que agora o faz a pedido dos muitos correspondentes. Esclarece suas finalidades nessa luta e descreve detalhadamente a situação social e econômica monstruosa a que uma mulher separada está exposta na sociedade hipócrita do seu tempo.

Muitos outros assuntos relevantes podem ser lidos nessas páginas. Quanto à representação da sociedade moderna, de forma mais evidente, encontramos os hábitos e costumes da elite carioca e petropolitana, a moda vigente e as marcas da influência europeia em: “Conversando”, “Natal”, “Refletindo”, “O baile”, “Ao correr da ideia”, “Uma estreia” e “Despir ou vestir”. Nessas e noutras crônicas percebemos as marcas da modernidade como o cinematógrafo, os carros, o movimento da multidão nas ruas urbanas e, paradoxalmente, a vida nessas cidades assume duas faces que nos parecem opostas: por um lado, a cidade é um espaço da civilização, da cultura e das manifestações artísticas em comparação à selvageria e mediocridade do subúrbio; por outro lado, a cidade é o reduto do vício e da degradação humana. Em “Ao esvoaçar da ideia”, crônica homônima do livro, compara os hábitos e costumes das famílias cariocas às europeias e sua crítica à realidade local reforça o sistema patriarcal, dando ao pai de família um lugar de “chefe” que deve ter sua voz respeitada. E em “Evocação” uma voz saudosista relembra e elogia os hábitos e costumes do tempo do Império.

Ela, porém, não se ocupou apenas da representação da realidade da elite, pois em “Impressões”, “Cada um como pode” e “Dia de Tédio” é fiel à descrição dos hábitos e costumes de famílias do subúrbio em seus passeios dominicais, assim como à descrição do aspecto tenebroso, sujo do subúrbio e os maus modos das pessoas mais simples do interior. Obviamente a sua perspectiva é a da cronista, jornalista da elite, observadora e curiosa que, durante suas viagens, levanta informações para suas crônicas. Além de sua capacidade de observação e habilidade em transformar as informações recolhidas em textos verossímeis à realidade, ela também foi extremamente crítica ao usar da pena com

extrema ironia para denunciar os males da sociedade moderna, como o faz em “Os Santarrões”, no qual a hipocrisia é o vilão das relações humanas, bem como em “O Engrossococcus” – neologismo criado por ela para nomear um micróbio que destrói a dignidade e o caráter das pessoas. Ainda, em “Ao correr da ideia”, aborda a sociedade movida por interesses econômicos e políticos.

Outras atitudes humanas menos dignas são geradas por sentimentos como o ciúme, o ódio em “O ciúme é cego” e “Tese passional”, bem como outros sentimentos negativos que geram o preconceito e a vingança, como em “Preto ou Branco”; ou, ainda, a luta pelo poder, onde tudo vale, até o assassinato, como em “Tragédia horrível”.

Mas a cronista também falou de sentimentos como a saudade despertada pela memória afetiva, que aparece em “Sugestões de uma viola”. Como Proust tem sua memória despertada pelo sabor das *madeleines*, a cronista sente uma saudade profunda, despertada pela música produzida à porta de um simples comércio de frutas e verduras, pelos dedos rudes de um português tocando uma viola latina. Volta ao vivido no passado, não na infância, mas nos transporta para certo momento desse passado que foi muito bom: o tempo em que ela viveu em Portugal durante uma de suas viagens à Europa. Também a saudade do vivido quando o tempo fugaz deixa suas marcas no corpo envelhecido, como em “Evocação”, porém, neste caso, não são objetos que despertam sua memória do vivido e uma melancolia, mas, nas suas palavras:

[...] há três coisas que eu não posso ver sem um sentimento de grande melancolia, de pena, de mágoa, como se olhasse relíquias dolorosas, e são: um antigo e aristocrático palácio transformado em venal casa de pensão, uma bonita mulher que se tornou uma velha resignada, com genros e netos que a criticam, e um político apeado do poder, que volta a ser advogado sem causa, ri amarelo e sofre do fígado... (DOLORES, 1910, p.237).

A decadência da própria aristocracia e a perda de prestígio de quem um dia teve nas mãos o poder são aspectos da realidade contextual do seu momento presente que a chocam mais justamente por ter vivido no tempo do Império as benesses da sociedade aristocrática, assim como experimentou as perdas financeiras no momento da transição para a República. A voz autobiográfica emerge no discurso, dificultando a visualização da linha tênue entre a ficção e a narrativa de sua própria

melancolia. Já a constatação da perda da sua beleza juvenil e consequente prestígio de uma mulher, quando ela envelhece, diz respeito à cultura ocidental onde o ideal de beleza feminina está relacionado à juventude.

Em “Por do sol”, a cronista trabalha o tema do envelhecimento gradual, lento, que é pior do que a velhice consolidada:

Se a mulher é soberba e autoritária, cerra fortemente os lábios e afirma: lutarei! Prolongarei! E requinta na arte, mostra-se feroz, terrível, talvez mais bela um instante nessa defesa violenta do seu prestígio.

Mas quanta punhalada recebe, quanta humilhação dissimula, sob a rija couraça de combatente! As rivais mais novas não lhe perdoam as vitórias e descarnam-lhe as derrotas: são inexoráveis.

Quanto aos homens seria bem duro que elas ouvissem os termos com que são flageladas numa roda exclusivamente masculina. E então aqui!... Restos da tradição colonial. O próprio velho, de pernas bambas e mãos franzinas a babar-se reumático ou sofrendo de um catarro crônico – esse mesmo quer namorar a menina de quinze anos e tem frases deprimentes para essa criatura que luta, mais moça às vezes do que ele vinte anos... (DOLORES, 1910, p.130).

O trecho já aponta as diferenças no tratamento dado aos homens e às mulheres quando envelhecem. Enquanto elas perdem totalmente o prestígio, eles o mantêm, principalmente em famílias da elite, pois continuam detendo o poder econômico em suas mãos. Na crônica “O aniversário de vovô”, a autora aponta para o lugar de destaque de um patriarca na família, mesmo já velho, orgulhoso e melancólico na reunião familiar para comemorar seu aniversário de setenta anos. Ao contar todos os preparativos, o envolvimento de todos os familiares, a agitação completa para o dia festivo, mostra a importância daquele homem na estrutura familiar. Ao descrever detalhadamente a imagem do velho avô, a cronista toma uma posição carregada dos “restos da tradição colonial” que ela critica na anterior: “eu acho lindo assim um velho polvilhado de neve, chefe de numerosa família, nimbado pelo respeito geral [...]” (DOLORES, 1910, p.157).

Outro tema bastante trabalhado pela cronista é a atuação de intelectuais, críticos e artistas, estrangeiros e brasileiros, no período da *Belle Époque* no Rio de Janeiro. Na crônica “Conversando” diz que a

sociedade atual está sedenta de intelectualidade, pois virou moda fazer conferências literárias, como a de Ferrero, bem como lançar novas revistas literárias, como *Caravana*, de Coelho Netto – a quem deseja sucesso. A aristocracia agora procura conversações mais intelectuais e a companhia de literatos e artistas; apesar de ainda se encontrarem pessoas da elite fora desta moda.

“Uma evocação” encerra o livro correlacionado à conferência ouvida sobre “A alma das coisas” e a alma do teatro lírico. Descreve as grandes celebridades que já passaram pelo Lírico e lá deixaram, impregnadas no teatro, um pouco das suas almas de artistas. Todas elas juntas, acumuladas por longos anos, modernizando-se, “compuseram uma alma formidável que ali vibra, palpita, acode a evocações como uma sessão espírita, e se revolta, quando a concorrência não é a costumeira [...]”, como a dela está agora diante do cinematógrafo quase vazio. (DOLORES, 1910, p. 307).

Em “Preto ou Branco?”, além de discutir a questão do preconceito racial, ela se empenha no tema da vingança na ponta da pena, praticada por muitos intelectuais e artistas de seu tempo.

Quanto à crítica teatral, defende atrizes e atores franceses que já não alcançam grande prestígio junto à crítica brasileira, alegando a grandiosidade do seu trabalho já realizado anteriormente, como Sarah Bernhard e Coquelin. Mas, na defesa da atriz em “Uma defesa”, é mais enfática, pois sua proposta é defender uma mulher artista do julgamento imparcial, ferino e implacável de um homem. Nos argumentos aflora sua indignação feminista, denunciando o modo colonial e “primitivo” de nossa raça de se referir à mulher e de reforçar o seu lugar doméstico na estrutura social:

E vem-me a memória esta cena, que caracteriza o brasileiro em matéria de feminismo.

Um escritor, um médico e um barbeiro viajavam aqui para o interior, no mesmo trem. O primeiro relia um antigo romance de George Sand, e como o médico observasse com ironia Ainda! O leitor se espalhou em largos protestos de admiração pelo talento sempre novo da grande romancista.

- Essa mulher é lá das Europas?

O escritor respondeu que sim, que era francesa.

- Logo vi! Considerou o barbeiro, com uma careta de desprezo; se ela fosse cá da nossa terra, não havia de ter perdido seu tempo a fazer livros: tinha criado seus filhos e netos...

Eis o traço da raça (DOLORES, 1910, p.42).

Novamente o “traço da raça” presente no enunciado, assim como ao longo de outras crônicas nos faz perceber o quanto estava atenta às tendências positivistas de sua época. Por outro lado, Carmen Dolores antecipa o que somente hoje as feministas percebem: é preciso analisar as questões de gênero a partir da cultura, ou seja, considerar que somos colonizados, como bem explanou Suzana Funck na sua conferência “Desafios dos feminismos contemporâneos”, realizada no II Colóquio de Estudos Feministas e de Gênero, entre 28 a 30 de maio de 2014, na Universidade de Brasília.¹⁰⁸

Em “O ator Coquelin”, a cronista escreve sobre as sucessivas *tournées* das companhias de teatro francesas e italianas no Rio. Comenta as diferenças que a crítica faz quanto à atuação da italiana Tina de Lorenzo e de atrizes francesas, como Sarah Bernhardt, Suzanne Després, Gabrielle Réjane e, por fim, Coquelin – a quem chama de velho amigo. Sua preferência pelos franceses, sempre mais criticados pelos outros intelectuais, é nítida e sua argumentação bem fundamentada. A belíssima atuação de Tina de Lorenzo é retomada em “Uma estréia”, quando a cronista jornalista também descreve não só a companhia italiana em nova *tournee* pelo Brasil, mas a noite de estreia de um teatro no Rio de Janeiro, com todo o murmurinho, os desfiles de moda, a presença de personalidades no evento.

Quanto à crítica dedicada aos artistas plásticos, seleciona “Impressão de Luz”, na qual compara “Um dia luminoso e lindo” – com a descrição do movimento da cidade – a luz triunfal da natureza à luz que brilha dos quadros de José Malhõa. Faz uma crítica impressionista aos quadros do pintor português, observados na exposição que ela visita, no Rio, em 1906.

Em “O elogio”, lembra que Oswaldo de Faria, um importante inventor da escola Politécnica em outros tempos, hoje tem seu invento vendido a preços módicos em praça pública. Sobre os elogios aos artistas de teatro que os críticos devem fazer todos os dias, encontrando novos termos para não se repetirem, ela diz: “civilizados somos e civilizados temos de mostrar-nos” (DOLORES, 1910, p.57). E discorre sobre a sua própria dificuldade de encontrar “expressões fora do convencionalismo para falar do último livro de Coelho Netto” (DOLORES, 1910, p.60). Outra crítica literária dedicada a um poeta está em “Menos um”. A cronista descreve toda a carreira de François Coppée, desde jovem até a sua morte, naquela data, analisando longos trechos de vários de seus livros de poemas.

¹⁰⁸ Informação oral ouvida no referido Colóquio.

Num tom autobiográfico, Carmen Dolores também discorre sobre sua própria atuação de cronista. “Dia de Tédio” inicia com “Escrevo num domingo mormacento...” e a cronista se despe da máscara, deixando que o leitor conheça o lado obscuro do seu ser moral. Levada pelo seu tédio, ela está dividida entre o bom senso e a vontade irresistível de falar mal da vida alheia. Comenta que, para passar o tempo, já leu, além de todos os jornais, um conto de Viriato Correia e os livros recentes de Coelho Netto. Na análise crítica sobre os textos deste último, retoma suas obras anteriores que ela diz preferir.

Também em “Terrível Segredo!” a cronista reflete sobre a correlação entre o público leitor e os autores. A cronista, em diálogo com uma leitora que lhe pede, por uma missiva, explicações para o suicídio de uma personagem, usa a crônica para dar continuidade à narrativa, cogitando possíveis razões para o suicídio daquela que ela “teve a crueldade de assassinar” no seu conto, deixando “inconfessáveis” as razões para tal. Retoma o início da carreira de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, que viveram cena semelhante antes dela, e que “denotam o fio secreto que se estabelece entre o escritor e essa massa anônima do público que o lê”, do qual surge “um esquisito sentimento de responsabilidade” no seu íntimo e um “peso” na sua consciência. Mesmo se dizendo “pequenina e obscura”, confessa receber frequentemente “interpelações interessadas sobre os heróis ou as peripécias” dos seus contos e declara que o segredo da causa inconfessável daquele suicídio morrerá com ela, “mesmo por que... nada sei a respeito” (DOLORES, 1910, p.253-259).

Outra crônica autobiográfica que aponta para a sua atuação no meio jornalístico é “José do Patrocínio e outras coisas”. No trecho em que fala sobre José do Patrocínio, narra seu primeiro encontro com ele, na redação da *Cidade do Rio*, quando ele estava no auge dos debates políticos. Conversaram longamente, mesmo tendo sido o primeiro encontro, enquanto ela o analisava. O texto apresenta dados autobiográficos de Carmen Dolores; é nele que ela afirma trabalhar na *Tribuna*, ocupando-se “de artigos de simples e modesta fantasia”, ao que ele entrou a descrever suas lutas políticas, a necessidade de jornalistas se posicionarem politicamente e que o antagonismo entre as posições políticas da *Tribuna*, com seu redator-chefe, Alcindo Guanabara, e suas posições na *Cidade do Rio*. Mesmo assim, prometeu fazer o que ela pedia, mas nunca cumpriu o que disse. Entre as outras coisas comenta a carta feminina anônima que recebeu reclamando sobre suas opiniões acerca dos frívolos cartões postais. Ela apenas reafirma a crítica ao

modo indiscriminado como eles são usados. (DOLORES, 1910, p. 21-27)

Apesar da voz da cronista também revelar seus traços característicos, já comentados acima, alguns aspectos autobiográficos de Carmen Dolores estão mais evidentes em algumas, onde sua voz assume o “eu desdobrável” da escritora, da moradora de Botafogo, da senhora intelectual da elite carioca. Em “Natal” é a jornalista que tem a passagem do carro impedida pela romaria no meio da rua Senador Pompeu. O fato vivido lhe dá margem para expor sua posição ideológica sobre a participação em rituais religiosos somente nessas datas, bem como a sua opinião sobre a verdadeira religião que é cega, é humilde, é feliz, assim o Natal deve ser aquele que representa a verdadeira fraternidade e cumpre as leis ditadas por Jesus e seus discípulos.

Em “O baile”, podemos conhecer um pouco das preferências de lazer de Carmen Dolores, que se diz saudosa da “idade de ouro da elegância e do bom gosto”, dos bailes fidalgos e deslumbrantes: como artista e mulher “[...] mesmo já não dançando” aprez-lhe ficar “entre duas jardineiras floridas e sob a excitação das músicas, olhando valsar as lindas mulheres de porte elegante, cujas caldas volteiam numa cintilação multicolor [...] recobrando numa rajada que passa o meu próprio vestido mais calmo e mais sombrio” (DOLORES, 1910, p.149-155). Ao mesmo tempo, tece críticas ao *smartismo* – o processo da moda ligado ao crescimento das cidades –, ao culto da aparência, próprio do período de modernização do Rio de Janeiro no início do século XX. Discorre, ainda, sobre as modificações no urbanismo e na arquitetura, assim como nos hábitos da população da cidade, moldando-os a partir da estética e do estilo de vida da burguesia europeia.

Como jornalista que vai às ruas, aos eventos e visita instituições na busca da informação para compor sua crônica, “Passeio no Cárcere” é o mais exemplar. Nela descreve o conflito vivido à entrada da Casa de detenção: por um lado a curiosidade, o espírito ousado, a sede de observação e, por outro, o pavor irracional e incitação inteligente, vítima de tradições ingênuas e de preconceitos burgueses, de repugnâncias instintivas e tolices sugeridas. O que via, surpresa, durante a visita, contrastava com o que já ouvira falar sobre aquele lugar. Conversando com os detentos ela questiona se “a justiça existe para todos, igualmente [...]” (DOLORES, 1910, p.15).

Jornalista e literata, nesse livro, Carmen Dolores conseguiu abarcar, talentosamente, uma multiplicidade de temas relevantes que foram capazes de transformá-la em uma cronista de grande prestígio. Gilberto Amado termina a sua crítica reconhecendo que a audiência da

coluna “A Semana”, em que ele atua agora, ainda se mantém pelo prestígio da cronista falecida:

Lendo estas crônicas de Carmen Dolores, eu relembro a afirmação em que com tanto calor e com tanta justiça, no elogio que lhe fez, D. Julia Lopes garantiu que para sempre este lugar estaria vago. Viesse quem viesse, ninguém a substituiria. Verdade absolutamente verdadeira! Hoje, após alguns meses de cronicar insulso, eu sinto que o brilho que porventura ainda chame leitores a esta coluna, não é mais do que o prestígio remanescente do nome dela, que não se extingue (AMADO, 1911, p.1).

Julia Lopes de Almeida, mesmo tendo se justificado como tendo opinado num momento de grande comoção, não foi a única a escrever em *O Paiz* que o lugar deixado vazio por Carmen Dolores assim continua. Quase dois anos depois de seu falecimento, os redatores do jornal escrevem na coluna *Livros Novos*: “A malograda cronista desta folha, que nos últimos anos de sua vida escrevia debaixo de dores lancinantes, havendo publicado a sua última *Semana* na véspera de morrer, deixou um lugar até hoje não preenchido, o que dizemos reproduzindo diariamente” (O PAIZ, 1912, p.5).

Os trechos críticos encontrados sobre a obra e atuação de Carmen Dolores, semelhantes a esses últimos, já comentados anteriormente, confirmam as palavras de Nina (2007, p. 20-21) sobre o período inicial da crítica periodística: “as primeiras críticas literárias publicadas na imprensa distanciavam-se dos textos jornalísticos produzidos a partir do momento em que o jornalismo criou as próprias regras, os códigos e se estabeleceu como profissão”. Quando ainda não havia faculdades, nem intelectuais acadêmicos da área, o tom da crítica literária publicada nos periódicos, por não ter o respaldo das teorias, acabava sendo uma “ação entre amigos – e inimigos”, como continua a pesquisadora citada. Na continuidade de seu texto, ela diz que “elogiar livros de colegas ou, por outra, destruir a obra de desafetos mostrava o quão parciais e inexperientes eram os críticos de então, que viam os jornais como uma arena em que expunham suas rixas pessoais por meio da palavra, usando-a como arma”.

Não podemos discordar do fato de alguns usarem o espaço da crônica de jornal como arena para resolver suas rixas com seus opositores, mas isso não era a regra geral. E é nesse sentido que não concordamos na íntegra com Nina (2007), porquanto a parcialidade dos críticos de fato existia, mas não a inexperiência, pois a maior parte deles

tinha experiência com a literatura, tanto na produção quanto na recepção. No início dos 1900, os cronistas cariocas mais conhecidos exerciam esta multifacetada profissão: eram literatos – escreviam prosa e/ou versos em livros; eram jornalistas – buscavam os fatos cotidianos no contexto social, político e cultural, na vida mundana; eram críticos e ensaístas – expressavam suas impressões sobre os livros recém-lançados lidos e comentavam a atuação dos colegas literatos/cronistas (opositores ou não); eram cronistas, enfim.

Mesmo depois de partir, Carmen Dolores continuou a causar polêmicas nos primeiros tempos, mas isso não impediu que a crítica canônica silenciasse sobre sua obra nesse período. Já a crítica periodística registrou e avaliou longamente todas as suas obras póstumas. Além do *Ao esvoaçar da ideia*, também comentou o romance *A luta* (1911), publicado pela editora H. Garnier, assim como o livro de contos *Almas complexas* (1933).¹⁰⁹

Sobre *A luta*

Em julho de 1910, antes de a autora falecer, o romance *A luta* já constava no *Memorial bibliográfico* da Livraria Garnier, um catálogo mensal de publicações da editora, como um dos livros que estavam no prelo, conforme uma nota publicada no jornal *O Paiz* (1910, p.5). O livro já havia sido publicado em formato de folhetim no *Jornal do Comércio*, em 1909, e também só chegou ao Brasil, em 1911, editado com uma capa rubra, assim como o *Ao esvoaçar da ideia*, depois do falecimento da autora.

Também ele mereceu a atenção dos redatores de *O Paiz*, que lhe fizeram longa crítica elogiosa na coluna “Livros Novos”. Eles começam lembrando ao leitor que o romance foi anteriormente publicado “nas colunas do *Jornal do Comércio*, quando era viva a autora” e que a edição atual do romance da “cintilante cronista do *Paiz* durante alguns anos” é bela. Mas não se atêm, além disso, à qualidade da edição, pelo contrário, ressaltam a forma inovadora de construir literatura nacional encontrada por Carmen Dolores: “*A Luta* é positivamente um romance brasileiro, o que não sucede frequentemente com outros trabalhos do gênero, aliás, subscritos por laureados nomes das nossas letras, com a

¹⁰⁹ Apesar de encontrarmos vários registros atuais como 1ª edição do ano 1934, como em <http://www.releituras.com/cdolores_menu.asp>, as crônicas de Chrysanthème (03/12/1933) e de Sylvia Moncorvo (31/12/1933) nos permitem afirmar que a 1ª edição é de 1933.

pretensão de reproduzir na arte costumes nacionais” (O PAIZ, 1912, p.5). Desde o romantismo, nossos escritores buscaram afirmar uma literatura nacional e, durante o século XIX, essa tentativa assumiu os exageros de uma refração falsa do contexto brasileiro, a começar pela figura do indígena como o herói da narrativa, entre outras questões. Os realistas e naturalistas, que lhes são contemporâneos, da perspectiva dos redatores críticos, não conseguiram ainda alcançar a competência de Carmen Dolores na representação dos costumes, do cenário, a atmosfera brasileira:

Ora, não poderíamos dizer a mesma coisa, elogiar a mesma naturalidade, vocação e sentimento verdadeiro das nossas coisas e dos nossos costumes, a propósito da generalidade de nossos escritores.

Sob esse ponto de vista, *A luta* é um romance que está acima de todos os trabalhos congêneres que se tem publicado nos últimos tempos em nosso país, alguns gabados como obras-primas, dando direito à entrada no arcopago de nossas culminâncias acadêmico-literárias (O PAIZ, 1912, p.5).

O lugar de destaque – o arcópagio¹¹⁰ das culminâncias acadêmico literárias – em que os redatores a colocam em relação a todos os escritores é espantoso, diante do silêncio da crítica canônica. Como “a impressão pessoal é o alicerce do trabalho crítico” (MARTINS, 1983, p.99), ela era normalmente elucidada nos argumentos. E o estar “acima de todos os trabalhos congêneres” não é uma afirmação sem fundamento, pelo contrário, eles estabelecem uma comparação entre *A luta* e as obras de escritores consagrados por uma “crítica tendenciosa e acaciana”, produzida a partir de várias “cartas de recomendação”, uma crítica capaz de abrir-lhes as portas da Academia Brasileira de Letras:

Em regra, os melhores deles têm apenas de brasileiro o rótulo e a fácil consagração da crítica tendenciosa e acaciana. Umas leves tintas apagadas de um ou outro mal definido cenário brasileiro... onde se fazem mover, tristemente contrafeitos, personagens e episódios de romances franceses... A gente tem horrível dificuldade em devorar as páginas massudas e arrebicadas, formando volumes de peso, como convém a acadêmicos e diplomadas. Mas, depois, depois...

¹¹⁰ Nome de um tribunal de Atenas.

que se há de dizer? O peso de tais volumes é acrescido com várias cartas de recomendação, afim de que a crítica seja boa e, às vezes, acompanhada de retrato...

Quando numa atmosfera desta ordem, nacionalmente literária, surge um pequeno trabalho desgarrado, modesto, sem bulha e sem recomendação de espécie alguma, como o romance de Carmen Dolores; e, quando, ainda mais que isso, a gente pega do livro e o devora num fôlego, preso, interessado e atraído pela espontaneidade do escrever e do descrever, pelo acerto das observações, pela pintura real, vivíssima, de um quadro que está aos olhos de todos, é impossível negar a verdade, deixar de dizer aqui o gesto de entusiasmo que se teve, derramando uma palavra de saudade em homenagem à memória da pobre escritora que a morte nos roubou no vigor de sua inteligência (O PAIZ, 1912, p.5).

No discurso dos redatores, não só as marcas de gênero que impedem o sucesso de uma escritora são denunciadas, bem como o prestígio alcançado a partir da “recomendação” de intelectuais ou de pessoas que detêm o poder naquela sociedade. Mesmo com tantos elogios, naquela época, nem se cogitava que uma mulher pudesse entrar para a glamorosa Academia Brasileira de Letras, independentemente da qualidade da sua obra. O assunto foi tratado inclusive por Carmen Dolores em uma de suas crônicas publicadas em *O Paiz*. Julia Lopes de Almeida bem o tentou, mas teve a candidatura recusada; já seu marido, Filinto de Almeida, com uma obra bem menor, foi agraciado com uma das cadeiras. Contudo, o texto crítico também ressalta o diferencial da obra de Carmen Dolores entre as outras de autoria feminina:

É também o primeiro e sincero elogio que fazemos ao excelente trabalho de nossa antiga colaboradora, verdadeira vocação literária, que o sexo feminino tem produzido em nosso apanhado meio. Não sabemos mesmo se, antes e depois de Carmen Dolores, havemos tido a ventura de ler produções do sexo amável com tanta espontaneidade, tão empolgante naturalidade [...] (O PAIZ, 1912, p.5).

Os redatores não negam que estão movidos pela saudade ao fazer a crítica, mas a descrição detalhada das sensações do leitor, a abordagem

da temática e a comparação desta com a realidade contextual justificam os elogios e o destaque dado ao romance analisado:

A luta se desenrola em Santa Tereza, um cenário admirável, que se anima às tintas singela e despresticiosamente empregadas pela autora.

Descreve-se um lar, como muitos outros lares, onde vicejam moças casadouras, tendo uma delas captado a paixão de um moço que sonha com a felicidade conjugal, disposto a todos os sacrifícios que a vida honesta impõe a um homem de bem, mas sem fortuna.

Surge então a luta, luta de todas as horas, de muitos casais nas mesmas condições, entre o meio original da consorte e o meio conjugal povoado de filhos, com todos os incômodos, as obrigações, as pequeninas dificuldades, num país como o nosso, de vida cara e penosa, rebelde à educação, para a qual não se oferecem boas instituições.

Carmen Dolores pinta admiravelmente essa luta travada em torno desse novo lar que se formou, que se quer manter e que se quer destruir, acionando de um lado e de outro sobre a pobre mãe de família, ligada ainda ao meio original, às irmãs e à mãe, folgazonas, *coquetes* e mais ou menos emancipadas de todos os deveres morais.

Toda a vez que a *casada* aparece, notam-lhe o desganhado do vestuário, a palidez das faces, a *miserável* vida que leva, tendo filhos, sem distrações, sem *flirts*, entre as quatro paredes guardadas pela sogra...

A narrativa detalhada de todos os mil incidentes que essa situação origina, tem todos os sinais da realidade.

A pobre vítima oscila entre o dever e o assalto de um antigo primeiro amor. Os filhos, a sogra e o marido rodam-na de uma atmosfera de bondade, onde só falta o *muito dinheiro* para os gozos mundanos. A mãe, as irmãs e o antigo amor fazem de satanás monstruoso a roda desse lar pleno de virtudes, as virtudes pelas quais subsistem as sociedades (O PAIZ, 1912, p.5).

Os redatores dessa crítica colocam a terminologia ‘a luta’ ainda no singular, como sendo só a da protagonista, mas uma leitura, da perspectiva contemporânea, nos permite ler várias lutas nessa trama.

Assim como nos seus contos, no romance desfilam diversos “perfis femininos” da classe média carioca dos 1900, distribuídas em duas famílias antagonicas, dirigidas por duas viúvas que se ligam pelo casamento de Celina e Alfredo. Outros perfis masculinos envolvem-se nas relações dessas famílias por conviverem na intimidade de uma dessas casas. É dessas relações intrincadas que surgem várias lutas, para alguns, internas e, para outros, a luta se dá no confronto com outra personagem que representa valores, princípios, expectativas e/ou desejos opostos. Além da conflitante luta interna da protagonista, já descrita pelo *O Paiz*, Celina ainda se confronta com a irmã, Olga, na disputa pelo amor de Gilberto. A maior batalha de Alfredo também é interna, pois, racionalmente, luta pela imposição de sua dignidade de homem e sua autoridade de marido e, emocionalmente, deseja sua mulher ao seu lado pelo amor que lhe tem. Por outro lado, a luta prática para recuperar Celina, que lhe escapara entre os dedos e se escondia na casa da sogra dele, era mais urgente. Coronel Juvêncio e Gilberto também disputam a conquista de Celina. Nessa luta por Celina, as mães tornam-se as grandes adversárias da trama: D. Adozinda e D. Margarida estão em franca oposição na batalha, assim como na vida. São mães defendendo suas crias, como leões, viúvas autoritárias que tentam impor seus princípios e valores aos seus descendentes comuns, assim como ambas conhecem as estratégias do convencimento, sabem a hora de avançar e de recuar, de usar a voz conciliatória e de ameaçar.

Cabe ressaltar que, para os impressionistas, a crítica tem “dois elementos subjetivos, em seu seio, dois inevitáveis fatores de contingência: a impressão, ponto de partida; e o juízo, ponto de chegada” (MARTINS, 1983, p.100). Neste texto crítico de *O Paiz*, entre a impressão inicial e o juízo valorativo, os argumentos, ou os fundamentos da crítica são: a narração do enredo, as comparações com a realidade contextual e a sugestão indireta ao leitor, por meio de um questionamento, de que se trata de “uma tese social”:

Não é interessante o tema? E, sem a pretensão de o declarar, não é o desenvolvimento de uma tese social, à moda dos romances modernos?

Carmen Dolores, entretanto, escolheu esse assunto e o tratou sem que se sintam reminiscências de leituras e de costumes estrangeiros. Pode dizer-se sem exagero que, fazendo obra literária, fez também obra útil, revelando a importância do problema conjugal entre nós, os perigos que cercam a vida da família brasileira, acabando muitas vezes por destruir a honra e a vida de dois

entes talhados para a felicidade, sem falar no que sofre o destino da prole (O PAIZ, 1912, p.5).

A demonstração clara de uma preocupação com a realidade social, presente nesse texto, é típica da crítica impressionista dividida basicamente “entre a preocupação especificamente literária e a aspiração em dar uma função social à sua atividade, firmando-se antes como crítico de ideias” (BARBOSA, 1974, p.211). Os redatores de *O Paiz* salientam, ainda, uma preocupação literária, ao declarar que a autenticidade da criação Carmen Dolores que, diferentemente de outras obras, demarca “as reminiscências de leituras e costumes estrangeiros”.

De modo claro e contundente os autores da resenha do livro reafirmam sua impressão inicial com um juízo de valor positivo:

A luta acaba pela vitória do lar contra os seus miseráveis assaltantes; mas essa vitória é conquistada pelo esforço tão dedicado, finíssimo e hábil de outra mulher, a sogra, que apenas essa parte do livro bastaria para torná-lo digno dos maiores encômios.

Não sabemos o que mais admirar em todo ele, se o sentimento delicado da autora, que não se supõe em algumas das primeiras páginas de rude franqueza sobre o lar da pseudo-família, de onde veio a heroína do romance; se a finura da observação, se a naturalidade e despreensão do estilo... (O PAIZ, 1912, p.5).

No ano seguinte, outra crítica impressionista, permeada pelo naturalismo crítico¹¹¹ que menciona o romance *A luta*, é publicada em *O Paiz*, desta vez assinada por Isabella Nelson,¹¹² abordando a produção literária brasileira de autoria masculina comparada a de autoria feminina. Inicia o texto fazendo uma crítica à última conferência realizada por Gilberto Amado. Nela, ele “lançou as bases de uma estética completamente nova para o mundo americano e ofereceu aos homens apressados do seu tempo, a maravilhosa *chave de Salomão*[...]” e ele observa ainda uma “verdade profunda”, ou seja, “[...] que ainda

¹¹¹ Seguidores da crítica naturalista absorveram concepções do positivismo de Auguste Comte, cuja característica principal era o naturalismo, bem como do determinismo de Hippolyte Taine, e procuraram aplicar os métodos das ciências naturais ao estudo da literatura. Taine, precursor da sociologia da literatura, relacionou a produção literária às condições sociais e à política. “Seu exercício crítico consiste na procura das causas e leis da criação literária, havendo três fatores determinantes: a raça, o meio, o momento” (SAMUEL, 1988, p. 94).

¹¹² Isabella Nelson é pseudônimo de Abner Mourão, segundo Sodré (1999, p. 293), daí a concordância com o sujeito no masculino.

não tivemos um grande homem. Só temos tido pedaços de grandes homens” (NELSON, 1913, p.1). Enquanto peça na engrenagem do mundo, o comportamento dos escritores, não necessariamente sua biografia, passa aí a ser analisado cientificamente pelo cronista.

Corroborando o exposto por Gilberto Amado, Isabella Nelson afirma que os artistas brasileiros não podem ser responsabilizados por jamais terem atingido “as culminâncias supremas, jamais são integrais e completos”, pois as razões disso estão “nas asperezas insuperáveis do meio”. Em outras palavras, ele afirma que: “Mesmo quando são grandes, os nossos artistas não deixam de ser selvagens” (NELSON, 1913, p.1). Na sua crítica social, o cronista denuncia esse quadro negativo da realidade social e cultural brasileira e coloca em evidência que essa impossibilidade de alcançar a competência intelectual de forma “integral e completa” deve-se às forças externas, ou seja, ao meio áspero que, naquele momento, ainda é “insuperável”. A noção de evolucionismo (Charles Darwin) também é clara ao considerar nossos artistas ainda selvagens, isto é, eles ainda não evoluíram a ponto de se tornarem civilizados. E a intelectualidade da *Belle Époque* brasileira, além de sofrer as influências do positivismo, do determinismo e do evolucionismo, tinha a Europa, principalmente Paris, como parâmetro para considerar o que era civilizado.

Consciente de que escreve para um grande público, começa a ilustrar suas asserções iniciais com alguns exemplos de escritores brasileiros:

[...] os nossos poetas, pondo de parte os da última geração, que ainda não tiveram materialmente tempo de mostrar de quanto são capazes. [...] Dos nossos poetas que já morreram, os maiores e de fato dignos de admiração, e de serem patronos de cadeiras da Academia, foram frequentemente imperfeitos como Varella, estapafúrdios como Castro Alves, chorões como Casimiro, desigualíssimos como Gonçalves Dias.

Dos vivos, porque muito cedo foi à Europa e viveu sempre tanto lá quanto aqui, Olavo Bilac conseguiu ser equilibrado, harmonioso, perfeito; Alberto de Oliveira, admirável pelo esplendor da sua forma, pelo seu pantheísmo, que o faz o grande cantor da nossa natureza [...] mas a sua obra em conjunto não deixa a menor dúvida a respeito: - é um prodigioso artista selvagem.

Poderosos artistas selvagens nunca nos faltaram: foram-no Gonçalves Dias e Euclides da Cunha; são-no Alberto de Oliveira e Coelho Neto. Que é Sylvio Romero senão um grande pensador selvagem? Apesar de toda sua cultura e de toda a pujança do seu cérebro luminoso, o seu estilo é horrendo e todo o seu feitio é truculento como o de um ogre...

Os nossos grandes homens realizam-se por vezes em frações colossais, como Ruy Barbosa, mas nunca se realizam integralmente (NELSON, 1913, p.1).

Depois das curtas críticas ácidas à maior parte dos poetas e ao crítico historiador Silvio Romero – excluindo apenas Olavo Bilac por ter tido uma vivência europeia – lembra também o que os escritores têm realizado em forma de romance: “[...]o gênero literário mais agradável ao espírito humano [...] só tínhamos duas obras quase perfeitas: *O Atheneu*, de Raul Pompeia, e as *Memórias de um sargento de milícias*, de Manoel Antonio de Almeida” (NELSON, 1913, p.1). Mesmo os que mais estão de acordo com o seu gosto pessoal, não atingem a “culminância suprema” que, para Nelson (1913), todo artista completo, integral deve atingir. E, seguindo a prática da distinção que se fazia entre autoria masculina e feminina naquele contexto, esclarece:

Referia-me exclusivamente à obra masculina. Entre tantos autores, apenas dois romancistas! Eu não considerava como romances os longos, agudos e encantadores folhetins de Machado de Assis; achava imperfeitas, apesar de belas, as tentativas naturalistas de Aluizio Azevedo [...]; lamentava que Coelho Neto não tivesse mais equilíbrio e não estragasse as melhores páginas com as suas orgias lexicais[...] (NELSON, 1913, p.1).

No naturalismo crítico, então, a ideia da influência do meio vivenciado pelo artista sobre a produção artística era determinante no valor dessa arte e o meio que se tinha como parâmetro de civilidade era essencialmente europeu. O que podemos depreender do texto crítico de Nelson (1913) é a dificuldade de enquadrá-la dentro de uma única fase – tomando por base o esquema de Lima (1958). Isto é, ao mesmo tempo em que se vale dos preceitos do naturalismo crítico de base sociológica – tendo o meio como determinante – também se vale da crítica naturalista de base estética – quando se refere às formas das obras – assim como permite entrever o impressionismo crítico da fase moderna,

através da sua preferência pessoal pelos textos em prosa e das suas breves considerações (e até “achismos”), pois caracteriza obras de autores divervos lidos por ele sem nenhuma argumentação mais profunda, apenas fundada no modo como sua sensibilidade foi afetada no ato da leitura da obra.

Na continuidade, com um questionamento irônico – uma estratégia comum entre críticos impressionistas – inicia a comparação da condição de produção desses autores à condição da mulheres escritoras:

E, sem nenhuma pruderie, irresistivelmente, a essa eu comparava a obra feminina. Num país que impõe ainda aos seus principais homens a condição de serem selvagens, que não seria das mulheres, sobre as quais os conceitos de Schopenhauer não parecem dos mais exagerados? Entretanto, nas duas nossas maiores e, por assim dizer, únicas escritoras, havia duas romancistas valorosas. Livros como *Familia Medeiros e Viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida, e *A luta*, de Carmen Dolores são livros belos, são romances traçados com um grande equilíbrio, uma fina intuição psicológica, uma urdidura hábil – com excelentes condições técnicas, enfim. O que isso dá de superioridade às nossas autoras é inegável (NELSON, 1913, p.1).

É interessante notar que, assim como os redatores de *O Paiz*, no ano anterior, Nelson(1913) também registra, na sua conclusão favorável à autoria feminina, a superioridade dos romances de Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores. Os seus argumentos pautam-se no “equilíbrio”, na “fina intuição psicológica”, na “urdidura hábil” e “excelentes condições técnicas”. Como típico impressionista, Isabella Nelson “tem opiniões esclarecidas sobre as razões dos seus juízos” (MARTINS, 1983, p.48), usando ora expressões de fácil entendimento do leitor como “livros belos”, ora termos mais técnicos, próprios de quem atua no campo literário, como “urdidura hábil”.

Podemos acrescentar dois aspectos que ressaltam essa “urdidura hábil” e a “fina intuição psicológica” da autora. Primeiro, ela deixa o final em aberto e ressalta, assim, que o lado explorado é sempre o feminino e que a luta pelos seus direitos deve ser contínua, pois, mesmo quando se perde uma batalha, há uma guerra travada para as mulheres que ainda não findou. Segundo, ao atribuir a vitória à dona Margarida, não foi só à moral e aos bons costumes que a autora deu a vitória, mas à mulher que melhor soube usar da palavra, que melhor soube argumentar

e manteve o controle das suas emoções, mesmo nas horas mais difíceis. Ou seja, deixa-nos, com este romance, o recado: são muitas as lutas entre campos adversários a serem continuamente travadas, é preciso dominar as estratégias, respeitar a sabedoria das mais experientes, mas cuidar para não ser a explorada. É nesse sentido que a voz autoral dialoga com suas leitoras.

Sobre *Almas complexas*

Chrysanthème, responsável pela publicação póstuma do livro de contos, informa no prefácio que desconhecia, até aquela data, em 1933, o “embrulho” esquecido em um “vetusto armário”, contendo um conjunto de contos originais reunidos pela escritora antes de falecer para compor um livro, “encimando-os com curioso título de ‘Almas complexas’”. (CHRYSANTHÈME, 1933, p. VI)

Quando esse livro vem a público, Sylvia Moncorvo escreve uma crítica, lembrando que a publicação só foi possível pelo empenho de Chrysanthème:

Ao desvelo filial de Chrysanthème, herdeira do talento de panfletária de Carmen Dolores, devemos a publicação desse livro póstumo, cujo título – *Almas complexas* – revela o fundo psicológico das suas páginas. Escrito às últimas horas de vida da sua autora, *Almas complexas* encerra páginas verdadeiramente admiráveis. *O homem propõe... Santidades, Jornal de uma feminista*, ... Aos estudos perfeitos que vivem refletidos na consciência humana de todos os tempos (MONCORVO, 1933, p. 4).

Contudo, a intencionalidade da publicação deste livro já havia sido anunciada por Carmen Dolores, na coluna de *O Paiz*:

Dir-lhes-ei, pois, que a última vez em que falei a Paulo Barreto, à véspera da sua partida para a Europa, foi à porta da *Imprensa*, onde eu encontrara o Jacintho Silva, conhecem? O popular Jacintho ex Gasmer, hoje Chardron, o Jacintho que não é príncipe da Grã-Ventura, mas tem a ventura de ser precioso, indispensável, e que me prestava contas ali da entrada para o prelo da casa Lello & Irmãos, do Porto, do meu livro *Ao esvoaçar da ideia*, bem como o da partida para o mesmo destino do outro: *Alma complexa* (novelas

e contos) (DOLORES, 07 de fevereiro de 1909, p.1).

Observemos que a nota é de fevereiro de 1909 e encontramos no livro um traço comum das outras obras publicadas por ela: dos quinze contos, três foram resgatados de publicações posteriores a esta data, mas anterior ao seu falecimento.¹¹³ O fato nos permite inferir que a seleção pretendeu demarcar essa fase final de sua produção literária, quando ela já sofria com a doença que a levou precocemente.

No prefácio poético e elogioso, o talento da também escritora Chrysanthème se hibridiza ao amor filiar e à saudade da mãe, da cronista e da escritora, resgatando um pouco do vivido por ela nos seus últimos anos de vida:

Folheando-o, e molhando-o com o pranto da saudade, encontrei, nessas páginas, respeitadas, aliás, pelo tempo, muito da alma ardente e sensível daquela que as escrevera e que tanto padeceu, mau grado triunfos e glórias, da incompreensiva mentalidade de vários de seus leitores. Porque Carmen Dolores foi sempre uma entusiasta e uma devota da arte literária, a que se dedicara, pondo, no que dizia, toda a sua sensibilidade e toda a sua consciência de mulher, culta na sua inteligência e firme nas suas convicções [...]

Os empurrões, as calúnias, as torpezas, enlameiam sempre os que se metem a aprimorar a mentalidade dos seus semelhantes e Carmen Dolores não podia deixar de ser vítima dessa turba, que, não a compreendendo, a atacou. [...]

Pensem, entretanto, os que leem este livro, na ansiosa tristeza da escritora, quando, com as suas mãos emagrecidas e tornadas trêmulas pela agonia próxima reunia esses seus contos e os rotulava com o título escolhido (CHRYSANTHÈME, 1934, p. VI e VII).

Nesse sentido, ela ainda segue os mesmos moldes da crítica impressionista de seus antecessores e é a contuidade dessa atividade crítica que nos permite falar em um “sistema articulado”(CANDIDO, 1977). As imagens comuns, a caracterização da linguagem irônica e os temas relacionados aos sentimentos humanos apontados por vários críticos como elementos internos e a função social do cronista, que

¹¹³ A lista de obras na ordem de sua publicação constará no capítulo 3.

mostra a utilidade da obra resenhada, também ressaltam na crônica que ela escreve sobre o lançamento o livro de contos *Almas complexas*:

Ela considera a ironia com a arma dos que nada esperam do mundo, nada apetece da humanidade, no esgotamento de uma sensibilidade, que não se renova, se se acidula com o contínuo esbarro dado a bondade, ao auxílio, à solidariedade. Falando do amor, no “último bacio” a saudosa escritora mostra bem a indiferença do homem diante da fraqueza da mulher que ele não mais ama. E, o desespero desta, medindo esse desdém que, somente, se ocultou quando seu amparo era útil ao seu amigo, aparece tão bem descrito no livro dessa morta, que o calafrio do mal da vida nos passa pela espinha (CHRYSANTHÈME, 1933, p.1).

A cronista também busca os argumentos na personalidade da autora falecida: “[...] nesta sua obra, sente-se a vibração de um espírito conhecedor da inutilidade de todas as revoltas, de todas as dores, de todos os entusiasmos” (CHRYSANTHÈME, 1933, p.1). Décadas depois, Barthes (2004) nos ensina que a ideia do autor como parte da análise da obra é uma concepção da sociedade moderna, própria do positivismo, que privilegiava a importância do autor, em função do enaltecimento da “pessoa humana” depois da Idade Média. E é pela memória da autora morta que o espírito filial de Chrysanthème pede a complacência da crítica:

Do alto da esfera, onde, hoje, se encontra o espírito dessa mulher que morreu com uma crônica inacabada para este mesmo PAIZ, sobre a mesa, ela deve acompanhar a impressão da sua obra sobre os espíritos da terra.

Que esta seja boa e ela se alegrará, porquanto a morte não corta a comunicação entre os dois mundos e, pelo contrário, a intensifica, se a atmosfera, que une os mortos aos vivos, não se enche de tóxicos ou de raios, aliás inúteis para os que passaram a linha de demarcação forçada pelo sono, que não mais os aterra, nem os apavora.

Todavia, Carmen Dolores merece ser lida. Há nos seus contos, sarcasmo, experiência e, sobretudo, tristeza, infinita tristeza... E, talvez, a profunda melancolia inerente, neles, apazigue os rebeldes e atraia o carinho dos bons (CHRYSANTHÈME, 1933, p.1).

A crítica de Sylvia Moncorvo também se faz moderna, quando estabelece a forte conexão entre a escritora e texto, explicando a obra pela sua ideologia, pelas suas concepções, pelas suas atitudes positivas e de combatividade diante da realidade social. Como nos coloca Barthes (2004) sobre a crítica moderna, parece que a cronista busca o sentido para o texto na experiência do vivido por Carmen Dolores, como se a ficção, na verdade, fosse a voz confessa da autora.

Tudo, no espírito de Carmen Dolores, se prende à concepção de solidariedade, de elevação moral, de expressão do direito social. Batalhadora avançada, afastando-se do ilogismo, da hipocrisia, da mentira e do erro, o seu espírito radicou-se na exaltação do combate às misérias sociais que decorrem do farisaísmo das tradições.

A certeza da sua vitória purificava-lhe a paixão dos seus combates.

E, o que a sua energia criou em coordenação moral e intelectual, aí está, rebentando em frutos, para servir de argumento à consagração da sua memória (MONCORVO, 1933, p.4).

A importância dada à pessoa da autora, valorizando seu trabalho, seus gostos, sua história pessoal geram essa imagem corrente da literatura produzida por ela, centrada na figura da autora. Isso nos permite pensar ainda nessa crítica híbrida, que mescla a influência da crítica biográfica de Sainte-Beuve às teses sociais defendidas na crítica naturalista e, concomitantemente, às impressões do cronista com sua autoprojeção. Seguindo essa prática da crítica moderna, Sylvia Moncorvo também não consegue separar a personalidade da escritora da ficção produzida por ela.

Carmen Dolores fora uma singularidade psicológica no Brasil feminino de há vinte e cinco anos passados. Os sintomas, dessa luta feminista, que se desencadeou depois, com a pujança de uma verificação lógica, nasceram, inquietos. Ardentes, brilhantes, no corpo de doutrinas que a grande Carmen Dolores semeara com intransigência.

Espírito profundamente crítico, ferindo os vícios sociais com rara independência, aquela escritora tivera a visão do mundo sob o ângulo agudo das injustiças e das crueldades. O aprendizado da vida, ela o fizera sob uma ideologia revolucionária de emancipada, um sentimentalismo exagerado de

equatorial, e o guante de uma sociedade hipócrita, iletrada e já pervertida. [...]

Almas complexas – seu livro póstumo, é o livro da mulher brasileira. Pertence-nos como um breviário de sugestões, de análises e de ensinamentos (MONCORVO, 1933, p.4).

A abordagem temática, relacionada à imagem da autora, prevaleceu entre os argumentos que defendem a qualidade da obra no texto crítico de Sylvia Moncorvo, que termina por assumir, literalmente, seu ponto de vista crítico-feminista, o qual não só direcionou seu olhar durante a análise, mas também fez com que ela se autoprojetasse na obra como “mulher brasileira”. O feminismo da autora, ressaltado na crítica impressionista, será discutido no capítulo 4 deste estudo. No entanto, antecipamos aqui o que a crítica de Sylvia Moncorvo chama de “intuição do feminismo” da autora, assim como a abordagem de temas que são universais e sempre atuais:

O homem propõe... É uma página de verdade inelutável. A história comum do egoísmo que se repete milenariamente, de geração em geração, aí está, contada em poucas linhas, com a elegância de pensamento e de frase dignos de um reverencioso elogio.

Jornal de uma feminista resume um capítulo de vibração, autêntico, doloroso, Carmen Dolores nascera com a intuição do feminismo, e os amargos quartos de hora da fase duvidosa da campanha libertadora, ela os sofreu com uma energia incrível. Por isso mesmo, a sua articulação literária sobre as dores da vida feminina é um documento verdadeiro, que sangra e palpita aos nossos olhos de mulheres batalhadoras e combatidas, combatentes e invencíveis (MONCORVO, 1933, p.4).

O livro de contos póstumo ainda recebe a atenção dos redatores de *O Paiz* numa breve nota direcionada a “uma das mais ilustres escritoras brasileiras e que durante muitos anos fulgurou nas colunas d’O PAIZ” (O PAIZ, 1933, p.3). Além da rápida referência à edição e à complexidade do gênero conto, eles pouco acrescentam:

Nessa obra, agora aparecida, Carmen Dolores explora um dos mais complexos gêneros da literatura, o conto.

‘*Almas complexas*’, edição de Calvino Filho é uma obra leve, escrita com vigor e brilho. Não

apresenta senões tão comuns aos trabalhos que surgem depois da morte do autor, e aproveitados. Aliás, Carmen Dolores deixou esse livro pronto para publicação. Certamente alcançará o êxito que sempre obtiveram os demais livros dessa figura de alta expressão nas letras nacionais (O PAIZ, 1933, p.3).

A nota de divulgação termina reafirmando a imagem “de alta expressão nas letras nacionais”, deixada pela autora, como simples argumento de venda. Também a produção dramática recebeu a atenção da crítica, quando Carmen Dolores estava no auge do seu sucesso com uma produção intelectual intensa e multifacetada, em 1908, apesar dos percalços entre uma encenação e outra.

Assumindo o risco de seguir o apelo da filha dedicada à memória da mãe, e não atentar para o que vai além dos temas abordados ou dos aspectos puramente estéticos das narrativas, olhamos mais vagorosamente para os seres ficcionais por ela criados neste livro de contos.

Como a proposta ensaística da escritora, em 1898, assinando como Júlio de Castro, parece que a literata passou os anos de produção literária construindo, preferencialmente, “perfis femininos” no intuito de estudar o lugar da mulher na sociedade brasileira de sua época, as suas dificuldades de sobrevivência quando não amparadas por um homem com posses, sua condição de existência na estrutura familiar, sua moral, bem como as diferenças entre os diversos “tipos de mulheres”, marcadas pela classe, pela raça, pelo acesso ou não à educação, pela (falta de) moral, pela submissão ao sistema patriarcal ou pela transgressão das normas estabelecidas. Na composição de suas personagens devassa suas vidas, expõe suas intimidades, analisa suas relações sociais, seu comportamento e procura entender a complexidade de suas almas.¹¹⁴ Talvez daí tenha chegado ao título do livro: *Almas complexas*.

Encontramos algumas mulheres maduras, marcadas pelo envelhecimento; outras sozinhas e, sem o amparo masculino, trabalhando pela sua sobrevivência; esposas dedicadas e submissas; mulheres casadas e adúlteras, seduzidas e traídas, além de castigadas pela transgressão com o abandono e o desprezo; coquetes por um lado e

¹¹⁴ Na introdução da reedição do livro *Almas complexas*, publicado pela Editora Mulheres, em 2014, analisamos os diversos perfis femininos criados por Carmen Dolores que protagonizam esses contos. Além disso, discorreremos sobre os perfis masculinos, envolvidos ou não em relações amorosas, que vivem situações dramáticas.

intelectuais por outro; mulheres transformadas ou consumidas pela dor. De alguma forma, todas elas estão irmanadas pela sua condição feminina, pela raça branca e pela classe média ou alta. Na única narrativa onde a personagem feminina é mestiça, tem um filho atuando na narrativa e vive em concubinato com um caboclo rude, a autora trabalha na perspectiva preconceituosa¹¹⁵ que relaciona a cor da mulata à sensualidade do corpo e à sua displicência como mãe que abandona o filho, vítima da crueldade e da ignorância do padrasto.

Os contos deste livro são uma espécie de estudos psicológicos de seres humanos, pois, em algumas narrativas, também os homens têm sua existência representada na ficção de Carmen Dolores. Porém, esses, com raras exceções, aparecem atuando na relação direta com alguma outra personagem protagonista. Os que estão sozinhos sofrem com doenças físicas como o câncer e a depressão. Falar das doenças de seus personagens talvez seja a forma encontrada pela autora para tratar das condições sanitárias do Rio de Janeiro do início do século que atingia indiscriminadamente homens e mulheres. A varíola sem vacina, a tuberculose que matava, a cegueira temporária, a loucura feminina (comum na época, dado as vidas sem objetivos) e outras doenças psíquicas acometem vários personagens e representam fatos reais que levaram tantas vidas no Brasil daquele tempo.

Retomando o risco de querer encontrar a autora nos seres ficcionais que ela criou, chamou-nos a atenção o título do conto que fecha o último livro organizado pela autora, às vésperas de seu falecimento, quando ela já estava acometida pela peritonite aguda que a matou: “A ironia”. Carmen Dolores coloca, na voz da personagem Mme. Amaral, a definição de ironia, as razões para alguém se transformar em um ser irônico e a revelação do que há debaixo da ironia de alguém. Temos a impressão de ver Carmen Dolores na imagem de Mme. Amaral: uma senhora madura, silenciosa e ouvinte atenta dos debates do salão,

[...] sorrindo aos gestos nervosos de André Vital.
Figura apagada. Uns quarenta anos sem
pretensões de brilho, mas ainda elegante, cuja
superioridade residia na luz viva dos olhos

¹¹⁵ Na época, o preconceito racial era comum, ou seja, pode ser lido como resquício da escravidão apenas extinta. Todos os adultos naquela virada do século vivenciaram a cultura da suposta inferioridade dos negros – alguns dos intelectuais foram proprietários de escravos e as mudanças culturais são muito mais lentas do que as mudanças jurídicas.

penetrantes, de um verde claro fosforescente, que exprimiam uma grande experiência de vida. Olhos falantes, contrariando a mudez voluntária e prudente dos lábios: olhos felinos, emboscados no leve e fino engelhado das pálpebras tingidas de bistre. E foi essa senhora que de repente se apossou da palavra e usou dela com uma lógica incisiva e cortante que nos traspassou a todos de surpresa (DOLORES, 1934, p.154).

Como a ironia é a característica mais marcante de toda a sua obra, é significativo que o tema esteja fechando, literalmente, seu último livro organizado em vida e que a voz ficcional que discute o tema em uma roda da “melhor sociedade”, “com lógica incisiva e cortante”, tenha tantas semelhanças com a autora Carmen Dolores. Assim como, em contos de outros livros, a autora conta-se, autobiograficamente, na ficção.

Sobre as peças teatrais

O Desencontro estreou no Teatro da Exposição em novembro de 2008 e, na véspera, a *Gazeta de Notícias* (1908b, p.3) publicou uma nota convidando o público para assistir à “empolgante peça”, usando como estratégia a fama de escritora talentosa que ela já criara: “Quem deixará de ir ouvir essa peça, dado o talento da escritora?”.

Como depois da estreia a peça não foi imediatamente reencenada, o cronista da coluna “Os teatros”, do *Correio da Manhã*, questiona Álvaro Peres, empresário do teatro *Carlos Gomes*, sobre as razões para essa ausência da obra de Carmen Dolores nos palcos:

Responde-nos o empresário do “Carlos Gomes” à pergunta feita no folhetim passado a propósito de Carmen Dolores:

‘A peça não tornou ainda à cena, diz ele, pela dificuldade que temos na escolha de artistas na interpretação de certos personagens.

A não serem bem vividos os papéis de uma peça tão vibrante, melhor será tê-la na gaveta.’ Até certo ponto esta resposta procede.

Carmen Dolores, agora que se comprometa com os seus admiradores dar em volume *O Desencontro*. Felizmente, se nos faltam atores, não nos faltam tipografias... (LEANDRO, 1908, p.2).

Assim como o trabalho de cronistas era capaz de aniquilar obras criticadas, mesmo a partir de suas impressões, o trabalho do jornalista também era capaz de promover mudanças positivas ao tornar um fato de conhecimento público através do veículo midiático. A parte envolvida que recebia uma publicidade negativa, ou se sentia prejudicada, reagia para preservar sua imagem positiva. Ou seja, a mídia cumpria assim seu papel social. No caso da justificativa falseada do empresário, Carmen Dolores entra na questão com sua costumeira objetividade e ironia, escrevendo uma carta aos redatores do *Correio da Manhã* que a publicam na íntegra:

Sr. Redator – lendo hoje o folhetim das segundas-feiras: *Os teatros*, que brilhantemente subscreve *Leandro*, uma resposta do distinto empresário do *Carlos Gomes*, explicando porque nunca levou à cena da rua do Espírito Santo a minha peça *O desencontro*, representada no teatro da Exposição, peço licença para um protesto.

A razão para que a minha peça ficou na gaveta desde o dia 30 de outubro até hoje, não pode ser a alegada, da dificuldade na escolha de artistas para a interpretação de certas personagens, visto que a exceção da sra. Cinira Polonio, continuam na companhia Arthur Azevedo todos os artistas que tão inteligentemente interpretaram o meu trabalho e são: em 1º lugar, Lucilia Peres, para quem escrevi o principal papel; Marzulo, Luiza de Oliveira e Mario Aroso.

Ora, sendo muito pequeno o papel que tinha a sra. Cinira Polonio, bem se compreende que fácil era a substituição. E tanto continuam os mesmos artistas a desempenhar os mesmos papeis do teatro J. Caetano que temos visto repetidas no *Carlos Gomes* as peças dadas no primeiro como: *O quebranto*, *A herança*, *A carta anônima*, *O dote*, *Vida e morte* e várias outras anunciadas nos cartazes da rua do Espírito Santo.

Bem vê, pois, *Leandro* que a resposta do sr. Álvaro Peres é apenas uma desculpa amável (DOLORES, 1908, p.2).¹¹⁶

¹¹⁶ Cinira Polônio, referida por Carmen Dolores nesse fragmento, foi atriz, cantora, dramaturga, compositora. Nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1861 (ou 1862 ?) e faleceu em 4 de abril de 1938 (ou 1948 ?). Ela compôs as operetas *O relógio do Cardeal* e *Traço de união*. Como atriz, fez muito sucesso no papel

Por três meses seguidos foram levados à cena, para os visitantes da Exposição, no Rio de Janeiro, as peças *O quebranto*, de Coelho Neto; *A herança*, de Julia Lopes de Almeida; *A carta anônima*, de Figueiredo Coimbra; *O dote e Vida e morte*, de Artur Azevedo. (MITOSDOTEATRO, 2013) No entanto, *O Desencontro*, de Carmen Dolores, apesar de seu sucesso na Exposição, foi esquecido “na gaveta” por um mês, até a sua reapresentação anunciada para 02 de dezembro de 1908 no teatro Carlos Gomes, conforme nota na coluna “Correio dos teatros”: “No Carlos Gomes, subirão à cena a peça em um ato da nossa ilustre colaboradora Carmen Dolores, *O desencontro* e *O genro de muitas sogras*, original dos pranteados comediógrafos Arthur Azevedo e Moreira Sampaio” (CORREIO DA MANHÃ, 1908c, p. 2). A própria autora, em sua carta ao *Correio da Manhã*, confirma o anúncio e ainda grateja com o fato: “Está de resto anunciado *O desencontro* para o dia 02 de dezembro, em benefício do ator Serra: e antes tarde do que nunca” (DOLORES, 1908, p. 2).

Na mesma carta ela aproveita para responder ao colunista Leandro porque não pretende deixar impressa e publicada em volume o texto da peça teatral *O desencontro*:

Consinta-me, porém, o autor da secção *Os teatros* não aceitar o seu conselho de dar em volume a minha peça, porque eu a fiz para ser representada e não para dormir em onerosas pilhas no fundo de alguma dessas tipografias que, no dizer do distinto escritor, não faltam no Rio.

Bem que o sei, mas não foi com esse aconselhado objetivo, sem dúvida, que tracei o trabalho dramático que tanto agradou no Teatro da Exposição. Carmen Dolores” (DOLORES, 1908, p. 2).

Desse depoimento da escritora podemos depreender que ela almejava o sucesso, queria o reconhecimento no seu momento e nem imaginava a importância de o tê-lo deixado impresso em volume, como o fez com seus contos e romance, para os pesquisadores do futuro, como nós, que, um século depois, escavamos pedras, ruínas e seguimos rastros que nem sempre tem continuidade, pois as pegadas se apagam com a

de Madame Petit pois, em 1912, na burleta *Forrobodó*, musicada por Chiquinha Gonzaga (v.). BIBL.: *Nas Zonas*, revista em 3 atos e 6 quadros (repres. Rio de Janeiro, RJ, 1913, Teatro Rio Branco). REF.: Sousa *Teatro*, 429; Silva *História*, 58, 241, 300; Baroncelli *Compositoras*, 218; *DMN*, 1078; Bastos *Artista*, 68 e 814.

poeira do tempo, não fossem rápidas referências de alguns contemporâneos seus, como o fez Lima Barreto no seu *Diário Intimo*, já comentado anteriormente. Nessa obra, publicada postumamente, o autor deixa registrado o sucesso de crítica da sua única peça teatral, a qual chegou à encenação pública, em várias representações, nos seus últimos anos de vida:

A sua peça – Desencontro – espantou a crítica nacional, pelo rigor da concepção, arrojo das ideias e louçania do diálogo, quente e nervoso. Foi mais uma vitória para o Grêmio Dramático Artur Azevedo, que tanto tem concorrido para o brilho de certâmen da Praia Vermelha [...] (BARRETO, 1961, p. 139).

Contudo, a inexistência do texto dramático impresso impede que grupos teatrais posteriores ao seu tempo pudessem dar-lhe vida até os nossos dias.

Encontramos, além disso, no livro *A revolução portuguesa*, de Armando Ribeiro, publicado em 1912, uma pista sobre uma possível segunda peça teatral em dois atos deixada por ela: “No Theatro da Exposição fez representar a peça n’um acto “O desencontro” e deixou dois actos de nova produção theatral “A hora perdida” (RIBEIRO, 1912, p. 495).

O fato da existência de outra peça teatral inacabada também foi lembrado pelos redatores de *O Paiz*, na coluna “Comemorações”, em texto dedicado à memória de sua antiga colaboradora: “os que trabalham nesta casa não podem deixar passar despercebida uma data dolorosa: hoje é o aniversário do falecimento de Carmen Dolores. [...] A morte veio colhê-la quando o seu espírito estava em plena maturação” (O PAIZ, 1913, p. 5). E, depois de comentar seu talento com vários gêneros literários, lembram do “3º ato por terminar”:

Carmen Dolores escrevia para o teatro uma peça de alta psicologia e de penetrante observação, peça que ficou com o seu 3º ato por terminar.

Quem terminará a bela criação?...

É ainda com a mesma e intensa mágoa do dia da sua morte, que recordamos o nome de Carmen Dolores nestas linhas breves e simples, que outro merecimento não possuem senão o da cândida sinceridade com que são escritas (O PAIZ, 1913, p.5).

Julia Lopes de Almeida, no necrológio que lhe dedicou, além de elogiar seu talento em *O desencontro*, também deixou uma pista dessa

possível segunda peça teatral ao afirmar que, nos seus últimos tempos de vida, Carmen Dolores produzia vertiginosamente em meio à dor lancinante que a corroía e

não lhe bastava a crônica transitória, que nasce para morrer no mesmo dia; queria deixar páginas mais consistentes e traçava com mão febril e pressa delirante o arcabouço de um drama, de que parece ter deixado feitos um ou dois atos. Os últimos foram com ela para a sepultura, e foi pena, porque já na sua primeira peça – *O desencontro* – Carmen Dolores provara as suas belas aptidões para esse gênero difícil da literatura (ALMEIDA, 1910, p.1).

É uma pena que os rastros estejam rasurados, apagados pelo tempo e os textos que a crítica da época tanto elogia não estejam, hoje, acessíveis.¹¹⁷

O “triunfo” da dramaturgia ainda foi registrado por dois periódicos, em 1910, quando a comédia *O desencontro* foi levada à cena na cidade de Campos. A coluna “Correio dos Teatros” noticia nova apresentação e comenta a “calorosa aceitação” do público espectador em “sucessivas reapresentações”:

Vai ser levada à cena, em Campos, pela *troupe* organizada pela distinta atriz Cinira Polônio, a primorosa peça em um ato, o *Desencontro*, da nossa colaboradora Carmen Dolores.

A calorosa aceitação que teve em sucessivas representações desta capital, o palpitante trabalho teatral da vibrante escritora, e a garantia mais segura do êxito que alcançará a interessante peça na próspera cidade de Campos.

E, assim, vai o *Desencontro* completando no Brasil um verdadeiro ciclo de triunfo (CORREIO DA MANHÃ, 1910, p.2).

Já o jornal *O Paiz* noticia, na coluna “Vida Social”, os resultados dessa reapresentação em Campos:

Foi um verdadeiro triunfo a represenção da linda e delicada comédia *Desencontro*, da brilhante

¹¹⁷ Procuramos pelo texto da peça teatral, assim como pelas conferências literárias realizadas por ela, nos arquivos da Biblioteca Nacional, na Biblioteca do Instituto de Música do Rio de Janeiro, nas bibliotecas da Academia Brasileira de Letras, na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro, entre outras bibliotecas locais.

escritora Carmen Dolores, no Moulin Rouge, de Campos, pela companhia Cinira Polônio.

Essa deliciosa peça, cujo sucesso no teatro da exposição foi dos mais notáveis, causou, como era de esperar, forte impressão naquela cidade, provocando delirantes aplausos, bem como a sua interpretação pela talentosa artista Cinira Polonio e seus inteligentes colegas.

É, pois, com o máximo prazer que registramos mais esse triunfo alcançado pela nossa talentosa colaboradora, cujo nome, sobejamente conhecido no Brasil, dispensa quaisquer elogios (O PAIZ, 1910b, p.5).

Um “nome, sobejamente conhecido no Brasil” é o que Carmen Dolores havia alcançado em 1910, num período nada favorável para a atuação pública e intelectual de mulheres. Na revista Kosmos, G.D. (1909, p.6) lembra, logo após o falecimento da intelectual, em agosto daquele ano, que “[...] esse desaparecimento compunge a arte do teatro” e que Carmen Dolores era “[...] a cronista patricia que faz irradiar a sùmula dos acontecimentos semanais nas colunas d’O Paiz [...]”.

3.2.2.3 Outras publicações de Carmen Dolores

Carmen Dolores ainda escreveu outros textos que complementam sua produção intelectual, além dos livros, da peça teatral e conferências literárias já mencionadas acima, como prefácios de livros. Apesar de ainda não termos



Figura 16: Carmen Dolores e Vianna de Carvalho
Fonte: Revista *Fon-Fon*, ano IV, edição 29, 16 jul. 1910, p.36

localizado o livro, uma nota na revista *Fon-Fon*, de 16 de julho de 1910 (figura 16), com sua foto ao lado do escritor Vianna de Carvalho, nos informa que ela prefaciou o seu livro intitulado *Facetas*. O fato é confirmado pela revista *Careta*. (julho 1910, p.41.)

Como outros críticos já mencionaram, lembramos o conto “*Aunt Zeze's Tears*”, traduzido para o inglês, que integra o livro *Four Brazilian Tales*, organizado e traduzido por Isaac Goldenberg, em 1921, apenas para compor o quadro da sua produção crítica. O livro está direcionado para o público leitor de língua inglesa a quem o autor intenta apresentar alguns casos de escritores da literatura brasileira que alcançaram popularidade no Brasil, mas ainda eram desconhecidos nos países de língua inglesa. O conto de Carmen Dolores aparece por último, depois dos contos de Machado de Assis, Medeiros de Albuquerque e Coelho Netto. No prefácio, Goldenberg (1921), fundamentado em José Veríssimo, discorre sobre os autores e períodos literários reconhecidos pela crítica até aquela época. Entre os escritores selecionados por ele neste volume pioneiro em língua inglesa, descreve criticamente vida e obra de Machado de Assis, de Medeiros de Albuquerque e Coelho Netto – fundamentado em José Veríssimo.

E, para justificar a escolha de Carmen Dolores, inicia dizendo que a literatura produzida por mulheres nas Repúblicas da América do Sul ainda é pouco conhecida. Complementa que, considerando os índices de analfabetismo que ainda prevalecem nos países da América do Sul, bem como a posição intelectual inferior que por anos tem sido a sorte da mulher, é surpreendente que a proeminência da mulher no mundo literário tenha chegado aonde chegou. (GOLDENBERG, 1921, p. 14) Sobre a literatura produzida pelas brasileiras, diz ainda não ter aparecido um nome que possa constar ao lado da mexicana Juana Inês de La Cruz, mais conhecida como Sor Juana, e da cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, porém o Brasil tem contribuído com alguns nomes significativos entre as escritoras da América Latina. Sobre a escritora brasileira selecionada para esse volume, diz:

Not least among these is Carmen Dolores (Emilia Moncorvo Bandeira de Mello) who was born in 1852 at Rio de Janeiro and died in 1910, after achieving a wide reputation in the field of the short story, novel and feuilleton. In addition to these activities she made herself favorably known in the press of Rio, Sao Paulo and Pernambuco. Her career started with the novel “Confession”. Other works are “The Struggle”, “A Country Drama”, and “Brazilian Legends”. The story in

this volume is taken from a collection entitled “The Complex Soul” (GOLDENBERG, 1921, p. 15).

Dessas informações só nos causa estranhamento o fato do conto “*Les larmes de tante Zézé*” ter sido retirado do livro *Almas complexas*. Pesquisadoras como Peggy Sharpe e Marisa Lajolo já investigaram sobre a possibilidade de o conto “As lágrimas de Tia Zezé” ter sido publicado no Brasil¹¹⁸ e depois ter sido traduzido para o inglês, mas, como elas, nada encontramos em livro ou em periódicos brasileiros sobre esse conto.

No entanto, a informação é confirmada no site da *Librairie Compagnie*, no qual há um catálogo de escritores de literatura geral e, nele, consta um verbete dedicado à Carmen Dolores. Entre outras informações biográficas e lista de suas obras, aparece que: ““*Les larmes de tante Zézé*”, conte tiré du recueil *Almas complexas* (1907), traduit par Bandeira de Mello, dans *Les Mille nouvelles nouvelles n°18, Paris, La Renaissance du livre*”¹¹⁹. No livro organizado por Chrysanthème, e publicado em 1933, no Rio de Janeiro, não consta, todavia, esse conto.

Na trama da narrativa em inglês, um narrador em terceira pessoa conta a vida monótona da protagonista Maria José, apelidada simplesmente como Zezé. Órfã de pai, ela vivia com a família da irmã mais nova – casada e com cinco filhos, sobrinhos que ela ajudou a cuidar. Carmen Dolores novamente retoma a questão das condições vividas por mulheres sem o amparo da figura masculina (pai ou marido): solteiras e sem pretendentes para casar, sem beleza exuberante, desajeitadas, exploradas em serviços domésticos por familiares egoístas, invisíveis na estrutura familiar, destituídas de sonhos e de aspirações ao casamento e sem direito à “felicidade de um grande amor realizado no casamento”. Zezé, nesse conto, havia se apaixonado por um amigo do seu cunhado, um poeta mais velho do que ela, que lhe prometeu uns versos no seu aniversário. Para sua decepção, os versos elogiavam a virtude inefável, composta de abnegação e castidade desta criatura santa e angelical que vigiava a felicidade do ninho de amor do seu caro amigo em nome do dever para com a família da irmã. O egoísmo e a falta de sensibilidade ainda confundiram suas lágrimas de tristeza com emoção.

¹¹⁸ Informação recebida por e-mail. **De:** Peggy Sharpe [mailto:psharpe51@yahoo.com]. **Enviada em:** terça-feira, 29 de maio de 2012 20:18. **Para:** Zahidé Muzart. **Assunto:** tradução do Projeto Gutenberg.

¹¹⁹ Disponível em: <<http://www.librairie-compagnie.fr/catalogues/3/82/4242>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

absorvente e suplantadora dos deveres a alta missão da mulher (seguindo a escolha de Julia Lopes e Carmen Dolores), longe de prejudicar, serve de guia e auxiliar eficaz à sublime ditadura do sexo fraco” (CORREIO DA MANHÃ, 24 de maio de 1909, p. 2). Na interpretação do(a) missivista, as obras das autoras evidenciam que a profissão essencial para a mulher é ser boa mãe e esposa, em primeiro lugar, mas a literatura pode auxiliar nessa função.

Ela cita os principais jornais brasileiros, bem como seus cronistas e entre eles: “Mme Carmen Dolores (escreve a viúva Toch ) *est un beau mod le de femme de lettres, consciencieuse,  rudite, poétique, on ses tournures le, trait particulier, maniant avec la même dext rit  le portugais et le français*” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 28 de setembro de 1907, p. 3). Outra indicação de seu reconhecimento intelectual entre as escritoras estrangeiras de relevo aparece em jornal brasileiro de 1913. O *Correio da manhã*, nessa época, costumava publicar, às segundas feiras, uma “página literária” na qual eram publicados textos de grandes intelectuais do período, um em cada coluna, com suas respectivas fotos. Na “página literária” de 14 de julho de 1913, foram selecionadas somente intelectuais mulheres, entre elas: Carolina Michaelis, Georg Sand, Carmen Sylva, Mme. de St el, Julia Lopes de Almeida, Mme. Roland.¹²⁰ E, ao lado dessas mulheres célebres, Carmen Dolores com o conto “A tragédia das horas”,¹²¹ o qual já havia sido publicado pelo mesmo jornal em 28 de novembro de 1909, quando ela já sabia de sua doença – “incurável” na época. (CORREIO DA MANHÃ, 14 de julho de 1913, p.1)

No seu sepultamento, além de Coelho Netto, Sr. Collatino Barroso também discursou e, em meio a muitos elogios ao seu talento, a chamou de St el brasileira:

¹²⁰ De Carolina Michaelis há um texto sobre o vocábulo “lusíadas”; de Georg Sand, um texto sobre o que os viajantes encontram na região entre Paris e Clermont, os camponeses e suas lavouras de Berry; de Carmen Sylva, um texto sobre “Mosh e Baba (O velho e a velha)”; de Mme de St el, uma tradução intitulada “O entusiasmo e a felicidade”; de Julia Lopes de Almeida há um conto com o título “T ia Angélica”. Mme Roland   uma “célebre memorialista francesa, mulher de político Roland, que nasceu em Paris, em 1754, e morreu na guilhotina, em 1794”. Ela recebeu “primorosa educação e sólida instrução” e   sobre sua “educação”, sobre como aprendeu a ler e o que aprendeu com a mãe que seu texto traduzido versa.

¹²¹ A narrativa já foi comentada no capítulo anterior, quando discorreremos sobre os livros da autora.

Com a escritora Carmen Dolores desapareceu uma das mais nobres figuras do Brasil intelectual. Uma das mais nobres pelo arranque do esforço e pela pujança do talento, que a história desse espírito é toda uma epopeia de luz, de sangue e de lágrimas. [...] Trabalhadora indefesa, ela afirma, por um trabalho exaustivo, a grandeza do seu espírito. Há na sua palavra, que não é um organismo morto, como a de muitos escritores, um sopro potente de vida, de que irradia todo um fulgor de imortalidade. Ela é a afirmação da grandeza da nossa inteligência, a Stäel brasileira (O PAIZ, 18 de agosto de 1910, p.5).

Também no *Jornal das Moças*, um artigo sobre “Intelectualidade feminina” faz referência ao nome de Carmen Dolores: “É extraordinariamente progressivo o aumento das tendências literárias na mulher brasileira. [...] Não queremos citar as estrelas de primeira grandeza como foi Carmen Dolores e como hoje é o espírito fulgurante de Julia Lopes de Almeida. [...]” (JORNAL DAS MOÇAS, 14 de dezembro de 1916, p.3).

Contudo, quando o assunto das matérias jornalísticas aborda questões relativas às bandeiras levantadas pela autora, como, por exemplo, os direitos da mulher, seu nome sempre estava em evidência.

Jie, na sua crônica “Carmen Dolores”, em que discorre sobre a revelação da identidade da autora, como sendo a Sra. D. Emilia Bandeira de Mello, incluindo sua foto no alto da coluna para não deixar dúvidas, afirma que:

Esta revelação sensacional e perturbadora não modificou em coisa alguma a sua bela linha de conduta. Carmen Dolores continuou a manter a sua nobre e arrogante atitude, combateu da mesma forma o que merecia ser combatido, verberou tudo o que merecia censuras, e evangelizou quase, a seu modo, a turba de heróis modernos que se fossilizavam no carrancismo feroz e atávico de todas as rotinas (JIE, 18 de janeiro de 1908, p.1).

Se, em vida, em plena produção cronística, ela tinha alcançado o reconhecimento crítico, pelo menos o impressionista, publicado em periódicos, depois de seu falecimento houve um primeiro momento, principalmente com os muitos necrológios publicados em periódicos diversos, de textos eloquentes, elogiosos, que destacavam muito mais sua ousadia, sua coragem enquanto mulher, sua combatividade, seu estilo irônico e seu feminismo, entre outros aspectos.

Alguns textos esparsos ainda lembravam saudosos da grande escritora e intelectual que o Brasil perdeu em 1910. O jornal *O Paiz*, por exemplo, publicou uma matéria cinco anos após seu falecimento, lembrando duas grandes colaboradoras:

O Paiz se tem honrado com a colaboração das mais altas figuras da intelectualidade feminina brasileira. Basta lembrar os nomes de Carmen Dolores e de D. Julia Lopes de Almeida.

Quantos triunfos não alcançaram por estas colunas as penas de uma e outra?

Continuando tão brilhantes tradições, as senhoras que neste momento nos dão a sua valiosa colaboração vão, com galhardia, impondo as ideias de que se fazem paladinas, vão fazendo em torno delas movimento de opinião. [...]

Se duas senhoras, com alguns traços de pena, conseguiram tanto, que não se poderia esperar se todas as senhoras brasileiras se unissem nesse sentido?

Que de misérias não seriam minoradas se empreendessem a bela cruzada em prol dos que não encontram trabalho nesse momento? (O PAIZ, 23 de janeiro de 1915, p.3).

No entanto, eles foram, aos poucos, ficando mais raros, publicados em épocas de aniversário de falecimento, principalmente, as crônicas da filha, Chrysanthème. Na luta dessa escritora, que Emilia trouxe ao mundo e Carmen Dolores inspirou, em prol do não esquecimento de tudo o que essa última representou para as letras brasileiras e para a intelectualidade feminina, ela teve algumas raras adesões, como a de Sylvia Moncorvo, V. Campos e Isabella Nelson, além dos redatores do próprio jornal *O Paiz*, como veremos a seguir.

3.2.4 As tentativas de preservação do nome Carmen Dolores

Ao longo dos quase vinte anos seguintes ao seu falecimento, esporadicamente alguém lembrava de Carmen Dolores nos textos publicados em periódicos cariocas. Os próprios redatores do jornal *O Paiz*, onde a cronista construiu muito de sua fama, lembravam dos aniversários de falecimento, já denunciando nas entrelinhas a limitação do meio literário nacional que não valoriza a mulher:

Se Carmen Dolores escrevesse em outra língua o seu nome não estaria, como está, limitado a um

círculo de recordações tão estreito, como infeliz e irremediavelmente é o meio literário nacional.

A autora da *A luta* era, antes de tudo, sobretudo, amplamente uma artista.

Poucas organizações literárias têm tido o Brasil que se possam comparar em força, em vigor, em pujança, em brilho, em precisão, em cintilação, com a de Carmen Dolores.

Os leitores do *Paiz* ainda se lembram – e com quantas saudades! – das brilhantíssimas crônicas semanais com que a ilustre escritora honrava a nossa primeira coluna (O PAIZ, 16 de agosto de 1913, p.3).

No mesmo ano, Isabella Nelson faz um apelo à escultora paulista, D. Nicolina Vaz de Assis, para que faça um busto de Carmen Dolores. Como disse Le Goff (2003, p.526), ele queria construir “um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte”. Nas palavras de Nelson (19 de setembro de 1913, p.3):

A obra de Carmen Dolores não nos basta, pois, para lembrá-la como ela merece, precisamos de qualquer coisa que esteja sempre e rapidamente sob os nossos olhos. Temos transformado a sombra das árvores do Passeio Público num pantheon. Por que não colocar lá o busto de Carmen Dolores? Por que não fazer dele um monumento à inteligência da mulher brasileira, confiando a sua execução a essa escultora ilustre que é D. Nicolina Vaz de Assis? Penso que ela o executaria calorosamente.

Chega, inclusive, a provocar o prefeito do Rio, questionando-o por quanto tempo ele consentirá que uma capital do interior “tenha essa superioridade artística e patriótica sobre o Rio?”, depois de se referir ao monumento à Anita Garibaldi, inaugurado em Belo Horizonte, e ao projeto de mais dois monumentos em homenagem à mulher mineira: Marília de Dirceu e Bárbara Alvarenga.¹²²

Um mês depois, redatores de *O Paiz* publicam seu apoio à ideia de se erguer, num dos jardins cariocas, um monumento a Carmen Dolores:

¹²² Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira (São João del-Rei, c. 1758*), que se casou com Alvarenga Peixoto.

Seria essa homenagem à fulgurante escritora uma homenagem à inteligência da mulher brasileira. Para que ela tivesse bem esse cunho, Isabella Nelson externava o desejo de ver esse monumento modelado também por uma mulher ilustre, a escultora brasileira D. Nicolina (O PAIZ, 18 de outubro de 1913, p. 5).

Na mesma matéria, os redatores publicam uma carta assinada pela escultora em resposta à solicitação de Isabella Nelson:

‘D. Isabella Nelson – Atenciosas saudações – Por ter estado ausente, não li imediatamente o seu artigo que se refere à nossa grande e saudosa escritora Carmen Dolores.

De toda a alma me associo à homenagem devida a seu brilhante talento, levando a efeito o levantamento de um pequeno monumento à memória daquela ilustre artista da palavra escrita. Levo, pois, ao seu conhecimento a minha melhor boa vontade e carinho para a execução do busto ou monumento em que o nome sempre admirado daquela que soube manter sua família com o fruto de seu talento, seja lembrado aos vindouros.

Sincera admiradora – *Nicolina Vaz P. Couto*’ (O PAIZ, 18 de outubro de 1913, p. 5).

Nicolina Vaz P. Couto nos deixa entender que o fato de Carmen Dolores trabalhar para “manter sua família” era de domínio público. Acrescido do fato de ser viúva, talvez, justifique a grande aceitação e admiração do público leitor.

Apesar do comprometimento público da escultora, em 1913, para fazer o busto que lhe solicitavam, em 1919, Chrysanthème volta a falar do comprometimento de D. Nicolina Pinto de Couto se referindo a uma herma dedicada à Carmen Dolores:

Entretanto, grandes e nobres almas existem ainda, para as quais a intelectualidade feminina deslumbra sem o menor resquício de inveja e de amesquinamento. A grande escultora, D. Nicolina Pinto do Couto, acaba de se comprometer fidalgamente a esculpir uma linda herma para imortalizar a memória de Carmen Dolores.

A fim de impedir que os vindouros olvidem completamente uma mulher do cérebro da grande jornalista finda, só uma artista do talento de D. Nicolina Pinto de Couto! E tem qualquer coisa de

simbólico e de suave essa ideia de uma mulher boa e forte da sua arte, desejando com o seu trabalho recordar ao mundo uma outra mulher que, como ela, viveu da arte, vibrou e morreu. Que a morte não nos faça esquecer completamente aqueles que em vida tanto lutaram e caíram em plena luta! Demos-lhe, pelo menos, um piedoso pensamento!... (CHRYSANTHÈME, 18 de agosto de 1919, p.4).

Seguindo essas pistas, procuramos a gerência de Monumentos e Chafarizes da Secretaria de Conservação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. No site encontramos que: “A cidade do Rio de Janeiro tem 217 monumentos em homenagem a diversos homens que fazem parte da história do Brasil, mas somente estas 13 mulheres receberam semelhante distinção”. Entre as escritoras, consta, nesta lista, somente Julia Lopes de Almeida. Para confirmar a informação, procuramos a arquiteta Vera Dias, Gerente de Monumentos e Chafarizes da Secretaria de Conservação da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, a qual nos informou¹²³ que não há nenhum monumento dedicado à Carmen Dolores e nem referência a essa escultura na obra de Nicolina Vaz.

Chrysanthème, filha dedicada, ao longo de muitos anos, escrevia anualmente uma crônica lembrando a obra de Carmen Dolores, seu talento, seu esforço, sua luta, seus sofrimentos e até aspectos da intimidade de seu lar:

A moléstia que levou três anos a matá-la nunca impediu que ela desse ao jornalismo o melhor da sua alma, o ímpeto mais forte do seu vigor. Tudo já lhe era quase indiferente na vida, mas seu espírito vibrava rijo e lutador quando algum assunto a interessava.

Ah! A sua última crônica!... Como guardo na memória a sua dolorosa atitude ao escrevê-la! Magríssima, lívida, a sua mão trêmula mal sustentando a perna, ela escrevia, escrevia com um clarão nos olhos que no dia seguinte se apagariam para sempre.

Ó vós, mulheres que trabalhais e que lutais pela vida com desassombro, com energia, com coragem, daí hoje um pensamento à memória de

¹²³ Informação recebida por E-mail de Vera Dias, Gerente de Monumentos e Chafarizes da Secretaria de Conservação da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em 29 de julho de 2013.

Carmen Dolores, porque, asseguro-vos, ela o merece! (CHRYSANTHÈME, 16 de agosto de 1915, p.3).

O apelo final às mulheres trabalhadoras para que não a esqueçam também está nas palavras de V. Campos, naquele mesmo período em que seu falecimento completava cinco anos. Mas este inicia poeticamente com versos e termina com a denúncia dos males da terra brasileira:

‘Vida punhado de areia!!

Morte, rajada de vento!’

Eis as palavras que me vêm à mente, no momento em que me recordo desta brilhante escritora brasileira, honra e glória da mentalidade feminina no Brasil e sobre cujo nome já se vão espalhando as trevas do esquecimento, do esquecimento indolente e imperdoável, que é a ‘grande virtude’ desta terra! (CAMPOS, 06 de junho de 1915, p.1).

A mesma ingratidão brasileira por aquelas mulheres, que muito trabalharam, é retomada por Chrysanthème, em 1919, quando ela constata que são poucos os que ainda se lembram de Carmen Dolores:

Pouca gente se recorda já de Carmen Dolores, a intrépida e audaz lutadora, que tanto sofreu, vibrou e se devotou ao jornalismo brasileiro! Algumas pessoas, no entanto, guardam ainda como lembrança daquele espírito que já se foi, contos, romances e críticas de coisas passadas e dessas relíquias, encerradas com respeito e admiração, a flor da saudade ergue-se melancólica, mas forte como toda flor que brota da alma. Os brasileiros são um tanto ingratos para os que lhe engrandecem a Pátria, o meio, o povo. A morte, para eles, é a terminação de tudo e uma vez desaparecido aquele que sacrificou à glória, à arte, à ciência, ao país energias, interesses e vida, nem mais o seu nome é lembrado, nem pronunciado, caindo célere no negro silêncio do esquecimento. Para que a mulher brasileira tome alento e se apronte para a nova vida, que a espera agora nesse círculo de ideias adiantadas, é preciso que louvemos e rendamos um culto àquelas que a precederam nesse caminho árduo e afanoso para a fragilidade e a delicadeza femininas. Porque, não nos enganemos, a marcha de uma mulher que trabalha entre batalhões de homens, que se julgam

insubstituíveis no desenvolvimento do globo terráqueo, é penosa e tremenda. Resta ainda no espírito estragado pela memória do valor robusto do homem pré-histórico, um pequeno desdém pela mulher, desdém este, que se manifesta por um sorriso sarcástico cada vez que ela tenta um esforço para se erguer fora da barricada, com que ele lhe limitou a mentalidade e a independência (CHRYSANTHÈME, 18 de agosto de 1919, p.4).

Quando, por fim, Chrysanthème publica o livro *Almas complexas*, em 1933, algumas poucas manifestações ainda aparecem, como a crônica elogiosa de Sylvia Moncorvo, que reconhece mais valor ao trabalho jornalístico do que à obra literária propriamente dita e nos deixa as pistas para uma obra de valor que ficou fragmentada nos jornais:

Nenhuma outra mulher, entre nós, alcançou, até hoje, o prestígio notório de Carmen Dolores como escritora e jornalista. Infelizmente, não foi abundante a sua obra reunida em livros. Mais jornalista e cronista do que mesmo escritora e romancista, a grande mulher de que me ocupo, deixou fragmentada a produção notável do seu espírito. Sua energia intelectual fora dissipada em crônicas brilhantíssimas, quais as características do seu próprio revestimento interior (MONCORVO, 31 de dezembro de 1933, p.5).

Foi como cronista que Carmen Dolores se fez conhecer, ou melhor, fez com que seu talento, adjetivado de tantas formas diferentes, mas quase sempre com sentido positivo, fizesse fama. Como bem descreve Julia Lopes de Almeida, logo após o falecimento da cronista: nada a impedia, em vida, de escrever suas costumeiras crônicas com assiduidade, com pressa, com força de vontade para escrever mais e mais, nem as dores lancinantes da doença que a levou à morte prematura:

Mais do que nunca ela queria viver, viver muito tempo ainda para se dedicar completamente à sua obra literária, começada tarde infelizmente, e que pensava em enriquecer de novas concepções, que lhe acudiam em tropel, para a factura, sempre lenta, de romances e peças de teatro. E tanto essa ideia a absorvia agora, que, mesmo varada por dores lancinantes, com a fronte coberta de suores frios, os dedos entorpecidos, a carne a sumir-se-

lhe entre a pele e os ossos, o corpo vergado, torcido como um trapo pela brutalidade das crises do mal que a matava, escrevia ainda as suas crônicas costumeiras, com o mesmo, ou ainda mais brilho de conceitos, com a mesma, ou ainda maior ironia nos comentários, e a mesma maleabilidade no estilo moderno e fácil, que sempre a distinguiu dentre todas as cronistas do nosso jornalismo. Receando talvez acabar antes de poder transmitir ao papel tudo o que tinha na ideia, Carmen Dolores queria escrever agora depressa e muito, desdobrando, freneticamente a vida que lhe fugia e que ficaria assim cristalizada nos seus pensamentos e ideais. A sua obra literária era o seu testamento (ALMEIDA, 1910, p.1).

Se, no seu “testamento”, como Julia Lopes chamou o conjunto da sua obra, a produção de romance, contos e peças de teatro foi lenta, sua produção de crônicas foi extensa e forte. Escrevendo para vários jornais ao mesmo tempo – *O Paiz*, *Correio da Manhã*, *A Tribuna*, *L'Etoile de Sud*, *A província* (Recife), *Correio Paulistano*, *Diário do Maranhão*, *Diário da Manhã e do Comércio do Espírito Santo* e *Gazeta de Petrópolis* (são os que conhecemos) – na sua última década de vida, produziu tão intensamente, que foi suficiente para alcançar a fama, a distinção “dentre todas as cronistas do nosso jornalismo”. Enquanto Julia usava um tom ameno nas crônicas e, de certa forma, evitava entrar em assuntos polêmicos do momento, Carmen Dolores era vibrante, barulhenta, incisiva, irônica nos comentários, alternando a objetividade jornalística com a subjetividade da literata. Foi com essa ousadia e coragem que ela conseguiu o reconhecimento do seu talento.

Isabella Nelson (1913), nas mesmas colunas de *O Paiz*, parece dialogar com Julia Lopes de Almeida sobre a obra de Carmen Dolores. Em ambas, o sentimento de que a morte a fulminou no momento em que seu talento estava lapidado e “atingia a florescência perfeita”. Em ambas, o destaque para o valor “das admiráveis crônicas” que ela escrevia mesmo “varada por dores lancinantes”. Para uma, a obra é seu testamento – o que lhe pertencia de mais valioso e deixou de herança para seu público leitor – e, para outra, a obra deixada é monumento:

A morte eliminou o segundo desses vultos da nossa literatura feminina. A implacável fulminou Carmen Dolores quando seu talento atingia a florescência perfeita, e ela, mais do que nunca, estava apta, ágil, vibrante, para as criações artísticas. E além do seu primeiro e último e

magnífico romance, deixou ela as admiráveis crônicas feitas para o *Paiz*, os seus contos em que atirava todos os seus nervos de mulher extraordinária, nervos poderosos, capazes de sensações mais intensas. E a obra que nos deixou é monumento, principalmente porque, com toda a sua exuberância e o seu requinte, ela punha essa alta vibração nervosa no seu estilo (NELSON, 1913, p.1).

Naquele momento, o cronista estava preocupado com o fato de que Carmen Dolores, a escritora, a intelectual, a mulher corajosa e ousada não fosse esquecida nesses tempos cada vez mais vertiginosos, queria dar visibilidade, dar destaque à sua imagem, colocando um escultura em uma praça pública, “como um legado à memória coletiva”, “um sinal do passado” (LE GOFF, 2003, p.526). Mas é a sua obra que ela considera um momumento pela “sua exuberância e seu requinte”.

Também no *Correio da Manhã* ela foi considerada uma intelectual de referência pela qualidade da sua arte e pela regularidade do envio de seus textos que eram publicados na “página de honra”:

Entretanto, Carmen Dolores não esquecia as letras, a divina arte de contar com sutileza e brilho tudo que via e observava. E, regularmente, enviava, para a página de honra do *Correio da Manhã*, os seus contos deliciosos ou de uma psicologia amarga, os seus desprezensiosos *Conversando...* trabalhos estes que sempre fazem o encanto daqueles que o lêem (JIE, 1908, p. 1 [grifo do autor]).

Se, por um lado, ela encantava os leitores, por outro, criou muitas polêmicas discutindo assuntos nada comuns para uma senhora do século XIX. Embora, algumas vezes nem se envolvesse nas rixas criadas, ou no duelo resolvido na ponta da pena, cuja tinta escorria nas colunas dos jornais, às vezes elas resultavam das suas ásperas, contundentes e vibrantes opiniões independentes. Opiniões – expressas principalmente no jornal *O Paiz* – que demarcaram toda a ousadia e irreverência de uma mulher de letras do século XIX, como veremos no próximo capítulo.

4 OUSADIA E IRREVERÊNCIA NA PONTA DA PENA

Entre 08 de janeiro de 1905 e 14 de agosto de 1910, Carmen Dolores fidelizou um público leitor considerável na sua coluna dominical “A Semana”, do jornal *O Paiz*, com sua ousadia e irreverência. De nosso ponto de vista, essas são as duas marcas da sua enunciação que mais a caracterizam como cronista, partindo do pressuposto de que ela era uma mulher e o contexto da grande imprensa era, predominantemente, ocupado por homens até aquele momento. Mas não só por isso, também pela abrangência e independência das ideias intelectuais expressas e, principalmente, pelo modo como construiu seus textos.

As 282 crônicas coletadas nesta pesquisa constituem um *corpus* riquíssimo para análise. Primeiro, porque o gênero textual crônica já se efetiva no entre-lugar discursivo, mantém “um pé” na literatura e outro no jornalismo, por um lado é ficção, por outro, documento. Como afirma Arrigucci Jr. (1987, p. 55), há uma tensão “característica da crônica, entre o caráter puramente circunstancial e o propriamente literário [...]”. Ou, como afirma Neves (1992, p. 77), “[...] a riqueza do comentário imediato sobre a vida da cidade, aliado à qualidade literária inquestionável de alguns cronistas, dilui as fronteiras entre o prazer e o ofício para o historiador que se aventure a explorar essa particular documentação”. Em Carmen Dolores, além disso, a abordagem temática é múltipla, enquanto os aspectos estéticos são peculiares, os recursos de linguagem permitem pensar um estilo característico.¹²⁴

E em função dessa abrangência de possibilidades para entrar nesses textos – bem como os limites desta tese – temos que fazer escolhas. Por isso, optamos por alguns aspectos marcantes que, de algum modo, permitem: a) conhecer, por meio das lentes da jornalista, o momento de modernização da capital brasileira e, consequentemente, a transformação da vida dos cidadãos brasileiros em face do progresso que se instalava; b) (re)conhecer a bi(blio)grafia da mulher que colaborou com *O Paiz* por cinco anos e meio, quase ininterruptamente, pelo modo como ela emprega as citações de textos alheios e estabelece o diálogo

¹²⁴ Compreendemos estilo, aqui, através de dois aspectos que, segundo Compagnon (2003, p. 194), no livro *O demônio da teoria*, resistiram aos ataques teóricos perpetrados a ele durante o século XX: “o estilo é um conjunto de traços característicos de uma obra que permite que se identifique e se reconheça (mais intuitivamente do que analiticamente) o autor”; e “o estilo é uma escolha entre várias ‘escrituras’”.

entre escrita e vida; c) conhecer a forma de crítica literária desenvolvida pela escritora na primeira década do século XX; d) por último, ainda, (re)conhecer bandeiras feministas levantadas – e defendidas com muita coragem – pela cronista, as quais nos permitem afirmar o feminismo possível (DE LUCA, 1999) de Carmen Dolores em seu tempo histórico-social-cultural.

4.1 A JORNALISTA: OLHAR DE ARTISTA E PORTA-VOZ DE CIDADÃOS

A Arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingênuos, uma aspiração e um trabalho à parte, sem ligação com as outras preocupações da existência. Todas as preocupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparável. As torres de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, ruíram desmoronadas. A Arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influências do meio e do tempo: para ser a mais bela representação da vida, ela tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações do rebanho humano. Somente um louco, — ou um egoísta monstruoso —, poderá viver e trabalhar consigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho, indiferente a quanto se passa, cá fora, no campo vasto em que as paixões lutam e morrem, em que anseiam as ambições e choram os desesperos, em que se decidem os destinos dos povos e das raças...

(Olavo Bilac em entrevista a João do Rio em junho de 1907)¹²⁵

O Jornal é o encanto do homem moderno, que por ele grita ansiosamente cada manhã, apenas abre os olhos aos primeiros raios de sol.

(Carmen Dolores, 17/11/1907)

¹²⁵ Publicado pela Revista BULA, na seção Entrevistas, em 05/12/2008. Disponível em: <<http://acervo.revistabula.com/posts/entrevistas/joao-do-rio-entrevista-bilac>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

Assim como Olavo Bilac e João do Rio, Carmen Dolores fez jornalismo com esse olhar do artista do seu tempo, sujeita “a todas as influências do meio e do tempo”. Preocupada com as questões existenciais, importava-se com os gritos, as queixas, as lamentações das pessoas, principalmente daqueles que estavam à margem do poder patriarcal. Além disso, soube reconhecer, no seu tempo, o poder da mídia mais eficaz naquele contexto: o jornal impresso.

O seu olhar sobre a realidade circundante, consequentemente, é crítico e perspicaz, por isso, talvez, a sua expressão irônica em vários momentos, como nesta crônica inaugural de 1907: “Somos simplórios noticiaristas e comentamos nossos flagelos, as chuvas [...] desvendar todas as mazelas – tanta franqueza prejudica [...] Em Petrópolis são mais espertos – anunciam o que não é [...]” (DOLORES, 06 de janeiro de 1907, p. 1). Enquanto jornalista que preza pela verdade dos fatos, sabe que, muitas vezes, sua franqueza não favorece seu sucesso de público. Assim como a dita “esperteza” dos petropolitanos é, na verdade, uma denúncia da falta de ética daqueles jornalistas sensacionalistas. Ainda sobre o poder da imprensa naquele período, afirma:

Quando Sulgeloch, depois Gutenberg, nome de sua cidade natal, na Bohemia, inventou a imprensa e mereceu estátuas em Mogúncia, Strasburgo, Paris, por toda a parte do mundo civilizado, enfim, onde o seu nome é sempre aclamado e quase endeusado em festas e centenários, mal sabia o grande homem que atirava entre as criaturas uma arma de dois gumes, servindo para fins tão variados, tão contraditórios! (DOLORES, 20 de maio de 1906, p. 1).

O jornal foi, para ela, o modo eficiente e eficaz de denúncia. Eficiente pela rapidez da circulação das informações que chegavam aos seus leitores a cada manhã; eficaz porque conseguia provocar seus opositores que – atingidos pela sua pena – reagem, e a polêmica entre cronistas renomados dava audiência. Os cronistas detinham a palavra, tomavam partidos de um ou outro grupo social e, como sabemos, deter a palavra é ter poder. Isso não significa que suas crônicas percam o que Arrigucci (1987, p. 53-55) chamou de “mérito literário intrínseco”, mesmo quando tratava de eventos miúdos do cotidiano. Carmen Dolores prezou – como Arrigucci (1987, p. 53) bem caracteriza os bons cronistas – “[...] pela elaboração da linguagem, pela complexidade interna, pela penetração psicológica e social, pela força poética ou pelo humor”, às vezes beirando à sátira, e encontrou, assim, uma saída literária para tecer

seu quadro vivo do caos vivido na capital brasileira na primeira década dos 1900 em face da modernização e do progresso.

Dessa forma, os jornais influenciaram, assim como outros periódicos e os livros, a opinião pública sobre questões sociais e culturais e, nesse sentido, a função autoral se constitui como função política. Na medida em que a cronista conseguiu fidelizar seu público leitor, talvez por meio das críticas que fazia às questões sociais normalmente inter-relacionadas às reflexões morais, culturais ou mesmo religiosas, ela formou uma espécie de pacto com seus leitores: como jornalista ela é porta-voz e vigilante das relações sociais, das (não)condições de vida na capital brasileira de seu tempo. Daí sua preocupação com a correta publicação de suas ideias no veículo midiático. Provavelmente, por ter essa consciência, Carmen Dolores tinha uma preocupação com a correta publicação de suas ideias e, frequentemente, reclamava da revisão ortográfica de sua crônica realizada no jornal:

A revisão da minha crônica passada cochilou demais em dois períodos, alterando por tal modo o meu pensamento, que sou obrigada a uma retificação para não parecer impertinente aos olhos da distinta escritora D. Julia Lopes de Almeida. [...] Cheia de protetora magnanimidade, declarou, ela, à digna autora da *Falência*, que a sua pessoa era motivo de muito orgulho, para deixarmos *abandonada assim numa pátria*, etc. Ora, nunca eu poderia ter tido a petulância de imaginar a ilustre romancista *abandonada* com ou sem a minha aquiescência, e muito ao contrário lhe rogava que não nos privasse, por um engano meu, da sua valiosa coadjuvação nas letras pátrias. O protesto, portanto, se impõe a bem da verdade, e aqui o lanço. [...]

Não possuo a sutileza de uma essência, declaro humilhada e confusa, à *trop aimable* revisão desta folha... E nem gosto das coisas vagas, imprecisas, e sobretudo... Incoerentes, pedindo apenas a graça de comporem o que escrevo exatamente como foi escrito, em toda a sua clareza rude, prosaica, mas ao menos compreensível (DOLORES, 08 de julho de 1906, p. 1).

Um mês depois, indignada, faz uma nova reclamação de outra crônica publicada com erros, enfatizando seu lugar de escrita, enquanto mulher de letras que ainda não alcançou a consagração e precisa provar

sua competência: “O que não deve sentir uma ignorada rabiscadora de frases? [...] meu triste trabalho parecia um *dédalo*... [...] mixórdia que seria humorística se não fosse pungente para quem escreve sem a impunidade das consagrações estipuladas” (DOLORES, 1983, 12 de agosto de 06). Mantendo a irônica “humildade” discursiva, ela requer à revisão do jornal que assuma a responsabilidade dos seus atos, para que não perca seus créditos na luta para sair da obscuridade: “[...] fique eu com a minha obscura crônica como a escrevi, diante dos meus juízes, e fique a revisão com o que suprimiu, ligou, cortou, alterou, acentuou, para sua exclusiva recreação, para o seu malsão prazer” (DOLORES, 12 de agosto de 1906, p. 1).

Seus protestos, porém, parece que não foram atendidos, pois ao longo dos cinco anos de atuação várias outras reclamações podem ser encontradas, como esta, de 1909, em que aproveita para reafirmar a frequência em que isso acontece:

Não tenho por hábito protestar contra os erros da revisão, que estropiam cada domingo as minhas crônicas, coitadinhas! Mas pois que o dono da casa protestou esta semana publicamente contra um atentado às suas brilhantes três estrelinhas, há de ele permitir que eu siga nas suas águas, tanto mais que... Os descuidos da última vez excederam um pouco os limites da minha serena paciência.

Estrelas em vez de *estetas*, *chistã* por *cristã*, Alfredo Pollz em lugar de Alfredo Polli... Não, tudo isso e muito mais, já é um bocadinho duro para a autora.

Se começarmos melhor o novo ano? Eu agradeceria (DOLORES, 03 de janeiro de 1909, p. 1).

Mesmo que muitas vezes a crônica seja escrita às pressas, pois a edição do jornal não espera e a notícia deve ser atual para prender o leitor, a cronista preza pela qualidade de seu texto, pois sabe que o seu trabalho na imprensa, mais do que seus livros, é que está firmando seu nome intelectual no campo literário e jornalístico, além de lhe garantir o sustento, uma vez que ainda não se falava em direitos autorais nesse período e os jornais costumavam remunerar muito bem a atuação dos cronistas.

Trabalhando nessa fronteira entre o circunstancial e o literário ela se vale da ambiguidade para descrever os meandros sutis de nossa realidade e de nossa história, ora tendendo para a expressão subjetiva de

uma poeta do instantâneo, ora tendendo para a narração objetiva de eventos cotidianos, numa prosa irônica muito próxima do conto.

Entre os muitos assuntos abordados pela jornalista, destacamos questões diretamente relacionadas – no ponto de vista da autora – à modernidade, ao progresso que se instala e suas consequências: a reforma urbana, a devastação da natureza, a falta de moradia e a formação das favelas, transporte público ineficaz e a chegada dos veículos motorizados, o snobismo e o custo de vida, a violência urbana e a falta de segurança pública. Predominantemente, seu tom de voz é de denúncia das consequências negativas do progresso que se instala vertiginosamente no Rio de Janeiro de seu tempo.

Contudo, como uma crítica não se produz no vazio, antes de abordarmos esses assuntos, é interessante relembrar o contexto social, literário e crítico do período de atuação da escritora: a *Belle Époque* brasileira e verificar como ela estava inserida ali para que pudesse atuar coerentemente na profissão jornalística.

4.1.1 A inserção de Carmen Dolores na vida intelectual da *Belle Époque*

A vida literária dos intelectuais dos primeiros anos de 1900 até as primeiras vozes do modernismo é resultado de uma intensa movimentação social e intelectual, acrescida ao projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro, implementada pelo prefeito Pereira Passos e pelo projeto de extermínio dos males tropicais de Oswaldo Cruz. Naquele contexto, a possibilidade de uma mulher transpor as portas de um espaço profissional intelectual, historicamente ocupado por homens, ainda era cercada por grandes dificuldades.

“A vida literária no Brasil de 1900”, título



Figura 18: O Chá Five O’Clock
Fonte: *Revista Nosso Século*

de um livro de Brito Broca (1ª edição de 1957), foi extensamente contemplada nessa obra. O período foi marcado pelo mundanismo, pela boemia dourada com seus chás *Five O'Clock* (figura 18), pela participação dos intelectuais nas agremiações, salões e conferências literárias, nos concertos musicais, em peças teatrais e na sua presença constante nas rodas dos cafés e confeitarias (figura 19), assim como em eventos culturais de modo geral e, mormente, pela sua atuação na imprensa como cronistas.

Os escritores e cronistas boêmios, nesse contexto em polvorosa, constituem um grupo de intelectuais burgueses que buscava o assunto para suas crônicas na observação da mundanidade.

Nos cafés e nos salões sofisticados frequentemente

estavam os intelectuais, e lá despontava a “boemia dourada”, formada, principalmente, por João do Rio, Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, José do Patrocínio, Luiz Edmundo, entre outros. (BROCA, 2004)

Fácil era, para eles, vivendo dentro dessas condições, terem assunto para escrever nas crônicas semanais. Alguns deles escreviam crônicas semanais para mais de um jornal e não repetiam os assuntos, assim como Carmen Dolores também o fazia. As escritoras, por sua vez, buscavam outras formas de encontrar temáticas que fidelizassem seus leitores. Também tinham seus chás *Five O'Clock* em seus círculos femininos, normalmente em ambientes privados, mas, nos quais homens também entravam. Porém, como poderia uma mulher escrever sobre a mundanidade se não era “natural” frequentar esses agitados ambientes públicos e menos ainda participar das rodas de conversa entre os homens? Claro que ela não vivia confinada beneditinamente no seu



Figura 19: A confeitaria Colombo e seus intelectuais

Fonte: Revista *Nosso Século*

gabinete de trabalho, como equivocadamente o colocou Lima Barreto no seu *Diário Íntimo* quando se refere à Carmen Dolores:

Moça, e moça circunspecta, não podendo, em obediência aos costumes, viver a vida agitada e desigual de um rapaz do seu temperamento, ela se abroquela no estudo e na leitura. Vive que nem um beneditino ou um solitário do Port-Royal, toda entregue às obras e às concepções (BARRETO, 1961, p. 138-139).¹²⁶

Não foi difícil deduzir, pelos costumes da época, segundo os quais lugar de mulher é no espaço privado, que ela não frequentasse lugares boêmios como os outros cronistas homens e que vivesse beneditinamente voltada para ler e estudar, pois suas crônicas estão repletas de citações desses clássicos, muito bem empregadas, aliás. Certamente tinha o hábito de ler, atualizava-se por meio de leituras de todos os jornais e revistas locais e os internacionais que recebia, além dos livros clássicos e os novos que chegavam às livrarias. Nas crônicas, ela se valia, com bastante frequência, das notícias diárias nos jornais brasileiros e estrangeiros.

Os assassinatos, os casos passionais, os crimes, os acidentes de trânsito, normalmente, eram extraídas dos periódicos diários que lia. Carmen Dolores, no entanto, não se restringiu a essa fonte de informação.

Certamente, como podemos observar no registro fotográfico (figura 20), havia a predominância dos homens nesses ambientes públicos e, obviamente, mulheres não faziam parte desta “boemia dourada”. Estranhamente, contudo, Carmen Dolores discutia com seus pares nas colunas



Figura 20: A vida sofisticada
Fonte: *Revista Nosso Século*

¹²⁶ Usamos, aqui, a reedição póstuma do livro, de 1961.

de jornal com a mesma fluência sobre os acontecimentos sociais, modas, fofocas e as intrigas. Em suas crônicas, com certa frequência, discorre sobre seus passeios pela cidade, caminhando pelas ruas centrais ou de Botafogo, de bonde ou em “carro de aluguel”, ou de trem pelo subúrbio, ou em direção a Petrópolis, normalmente ressaltando a vida agitada, vibrante, congestionada das ruas do Rio de Janeiro. Além dos passeios pelas ruas da capital, das viagens a outras cidades brasileiras, ou resgatando pela memória alguma viagem realizada ao exterior nos tempos em que foi casada com Jerônimo Bandeira de Mello, ainda relatava sua participação em vibrantes e modernos eventos sociais:

[...] uma noite destas, já perto das duas horas da madrugada, esperando pacientemente um elétrico à esquina da Rua Paissandu e Marquês de Abrantes.

O cenário era de luxo material, ao mesmo tempo que de magnificiência natural – a rua toda aristocrática, prédios bonitos dentro e jardins bem tratados, um silêncio nobre e essa admirável e dupla fila de formosas palmeiras, erguendo soberbamente até as nuvens o seu vigilante perfil de sentinelas de casas ricas. [...]

O nosso ar de civilização encantava-nos. Acresce que, na minha pupila, a visão persistia de uma linda sala iluminada e hospitaleira, vibrante, moderna, em que se conversara, rira e se fizera música, numa fina fusão mundana e intelectual. Um conto ou apólogo, espirituosamente dito por voz conhecida, sonoros versos juvenis, o sussuro alegre das conversações, dos risos, os sons do grande piano dedilhado com arte ou de uma voz feminina interpretando músicas brasileiras – tudo cantava ainda ao meu ouvido, como encantadora nota do *chic*, do modernismo. Eu saíra de um salão parisiense aperfeiçoado pela cordialidade da nossa raça mais sincera. E exultávamos, gabando nosso progresso em todos, *todos* os terrenos (DOLORES, 22 de setembro de 1907, p. 1).

Registros como esses, de algum modo, contradizem a opinião de Lima Barreto quanto ao confinamento de Carmen Dolores no espaço privado da sua biblioteca particular. Além disso, a crítica periodística também não esqueceu de comentar sua vida social, para além da frequência aos salões. Carmen Dolores se fazia presente em situações sociais onde estavam aristocratas, políticos e autoridades. O *Correio da*

Manhã publicou uma nota em 08 de agosto de 1909, sobre um grupo de visitantes ilustres do Presidente da República que “estiveram no palácio do governo”. Na nota constam quatro senadores, cinco deputados, generais, entre eles o comandante da Força Policial; diversos doutores e, no final: “e as sras. Carmen Dolores e Cecília Vasconcelos” (CORREIO DA MANHÃ, 08 de agosto de 1909, p. 6). Ela e a filha eram as únicas mulheres numa comitiva de homens. Cabe ressaltar que elas não eram acompanhantes de nenhum dos homens desse grupo. Essa atitude pode ser interpretada como a sua diferença no contexto da intelectualidade feminina, ou seja, é nessa inserção nos grupos predominantemente masculinos, como participante, que ela construiu a sua imagem de feminista.

Mais do que ser, normalmente, uma das raras mulheres “desacompanhadas de figura masculina”, presente em eventos sociais, ela ainda fazia pronunciamentos públicos, como na inauguração de um novo pavilhão da Casa de Saúde São Sebastião:

A inauguração de ontem iniciou-se solenemente, com a benção do edifício, efetuada, às 2 horas da tarde, pelo padre Ribeiro de Avelar.

Em seguida usaram da palavra vários oradores saudando o dr. Simões Correa e augurando o mais risonho porvir ao novo pavilhão. Entre outros, falaram a nossa colaboradora Carmen Dolores, o coronel Dr. Ismael da Rocha e o deputado Coelho Neto e o dr. Fonseca Hermes que, em nome do diretor, agradeceu (CORREIO DA MANHÃ, 05 de julho de 1909, p. 3).

Ressaltamos, novamente, que, entre os “oradores”, somente ela, como representante do campo feminino, expôs, publicamente, sua face e sua opinião ao lado de um grupo de homens públicos. Esses intelectuais brasileiros manipulavam a comunicação de ideias, conduzindo o pensamento das massas, ou melhor, de uma parcela da população alfabetizada, já que grande parte da população ainda estava excluída desse processo em função do analfabetismo. Dessa forma, o que conseguiram foi construir uma “cultura de elite”, na qual “a modernidade é vista então como uma máscara. Um simulacro urdido pelas elites e pelos aparelhos estatais [...]” (CANCLINI, 2011, p. 25) para a elite alfabetizada e beneficiária.

Voltando à questão do reconhecimento de Carmen Dolores, além das circunstâncias citadas anteriormente, ela era reconhecida e tinha sua presença registrada em notas jornalísticas tanto em eventos culturais, como “na platéia do Teatro Municipal, assistindo a peça *Le Roi* – em

meio a nobres ilustres apenas duas mulheres: uma viscondessa e ‘madame’ Carmen Dolores” (CORREIO DA MANHÃ, 26 de julho de 1909, p. 3); quando, também, aparecia nas listas de pessoas ilustres presentes em velórios de intelectuais, como na nota sobre o falecimento de Arthur Azevedo, publicada no *Correio da Manhã* (23 de outubro de 1908, p. 10).

A partir de todos esses registros de sua presença e atuação na vida pública fica evidente a sua ousadia, enquanto mulher, naquele contexto social e é fácil compreender como conseguiu escrever tão bem sobre a “mundanidade”, tal qual os cronistas homens, mesmo que alguns ambientes ainda fossem restritos aos homens.

A elite da capital brasileira, incluindo os literatos e jornalistas, assumiu esse modo de vida baseado na “mundanidade”, que pode ser entendido como um panorama repleto de acontecimentos sociais, fofocas, intrigas, “disse-me-disses”, modas, etc. Nesse comportamento citadino prevaleciam os estilos parisienses nas rodas, nas artes, nas decorações e nos costumes. Carmen Dolores bem conhecia os detalhes dessa moda tantas vezes detalhadamente referida em suas crônicas:

As donas da casa, entretanto, vestiam apenas chitas – francesas, era o *chic* da época – e traziam um lenquinho ao pescoço.

Os homens... Os homens usavam calças de ganga amarela, de alçapão, e ao pescoço enrolava-se-lhes uma interminável gravata, dando tantas voltas quantas as do labirinto de Creta (DOLORES, 03 de dezembro de 1905, p. 1).

Além disso, Carmen Dolores tece comentários sobre as conferências literárias, concertos de músicos famosos, atuação de artistas em peças teatrais, exposições de pintores e escultores estrangeiros e nacionais, como veremos mais à frente. Apesar de só algumas vezes fazer referência direta à sua presença nesses eventos, as avaliações críticas que faz são de tal modo detalhadas, que só seriam possíveis para quem tivesse participado de fato, assim como tivesse estudado essas artes.

E, apesar desse predomínio dos homens nas rodas intelectuais da vida mundana, a presença de Carmen Dolores nesse meio que queria ver o Rio de Janeiro como a extensão da vida em Paris foi registrada por Costa Rego (1911) na crônica em que compara as notícias tristes e respeitadas sobre o falecimento de Gonzaga Duque aos sucessos de publicidade dos necrológicos de Carmen Dolores alguns meses antes.

Quando morreu Carmen Dolores (eu cito este exemplo porque é recente), houve uma espécie de

abalo. Os necrológios da brilhante escritora foram sucessos de publicidade, porque trouxeram à baila os episódios da sua ruidosa vida literária, as suas campanhas em livros e artigos de jornal e, ainda, meio encoberto pela discrição dos noticiários, o começo da sua carreira mundana, *os tempos em que ilustrava os salões com a sua pose meio aristocrática e meio burguesa*. Era a escritora do público, cuja pena vibrava com o público, favorecendo às suas paixões, pugnando pelas suas ideias, batendo-se em polêmicas e assustando o mundo literário com a maestria, a galharda maestria, da sua argumentação e da sua prosa. Daí podemos tirar o paralelo para Gonzaga Duque. Os necrológios foram-lhe respeitosos e graves, compungidos, tímidos, por suspeitarem que estragavam, imprudentemente, o misterioso abandono a que lhe se entregava, com a sua família, os seus amigos muito íntimos, os seus livros... Numa época de reputações literárias feitas a tambor e fanfarras, a de Gonzaga Duque era uma reputação fidalga (REGO, 1911, p. 1 [grifo nosso]).

Em outras palavras, para os intelectuais da *Belle Époque* fazerem sucesso, era essencial que estivessem inseridos no mundanismo, mesmo com “sua pose meio aristocrática e meio burguesa”, como Carmen Dolores aparecia nos salões. A vida social e a vida literária estavam entrelaçadas de tal maneira com todas as outras mudanças urbanas que era preciso acompanhar o ritmo turbulento da nova cidade, marcado pelo progresso e a modernização.

E a cronista, apesar de afirmar que festas populares não a seduziam, normalmente estava inserida no turbilhão da cidade em festas, uma vez que a função de jornalista assim o exigia:

Confesso, entretanto que a festa popular não me seduz, seja qual for o motivo que a promova e por maior que seja o brilhantismo que a reveste. Não me atrai. Apavora-me, ao contrário.

E ainda no domingo último, ao atravessar a multidão aglomerada no largo do Paço, à roda da estátua florida do legendário guerreiro, como visse de perto todos esses vultos agitados, todas essas faces inflamadas pela expectativa e pela soalheira, toda essa mó de gente que se premia fervilhava, num desassossego de avidez curiosa,

devorante, febril e egoísta, um terror me empolgou, tão forte, que só tive uma ideia: fugir, fugir...

Não dispondo, todavia do mágico poder da ninfa Arethusa, que, segundo a fábula, conseguiu vencer, invisível, as ondas amargas que tentavam submergi-la ou arrastá-la, tive de estacionar em pleno torvelinho: e que terror nervoso! Um amável convite para as janelas da Repartição Geral dos Telégrafos, punha sob meus dedos a luminosa brancura de um cartão que simbolizava, na verdade, o refúgio certo nas alturas privilegiadas e representativas. E alcei as vistas, talvez tentada. Mas lá em cima, igualmente negrejava uma massa compacta de gente aos raios do sol causticante desse dia. Era povo em baixo e povo no alto.

E o meu grupo, então, cerrando os dentes e a um sinal de ataque, marchou de cabeça baixa e cotovelos ativos, ferozes, contra o esquadrão inimigo, que lhe impossibilitava a deslocação do centro de movimento. Foi na realidade um belo feito de guerra, acreditem (DOLORES, 17 de maio de 1908, p. 1).

A referência clara ao “refúgio certo nas alturas privilegiadas e representativas” do seu “grupo” nos dá a dimensão da ideia de sua perspectiva de classe social em que, compreensivelmente, ela se posicionava – uma vez que já conhecemos sua origem aristocrática no capítulo anterior. Porém, o que a fazia vencer o “terror” do tumulto e a vontade de “fugir” certamente não era seu desejo de ostentação, mas, sim, seu compromisso profissional de discorrer sobre os fatos mundanos a partir do vivenciado. Não raro descreve seus passeios pela cidade, realizados com o objetivo de observar os acontecimentos sociais e ter, assim, assunto para suas crônicas semanais:

Pois que está na moda Botafogo, Botafogo me atraiu os passos. Lá estava o *bar* iluminado, como todas as noites, refletindo n’água as suas luzes e a animação de algumas das suas mesas ocupadas. O maior movimento, porém, era de *serenos* às entradas, gozando-lhe a música sem pagar, olhando de fora os grupos que apareciam bebericando os seus refrescos – e não eram muitos.

Nas aleias e nos passeios asfaltados do jardim, com os seus mássicos de plantas recém-nascidas, dividia-se a massa de errantes em pessoas que viam e pessoas que se faziam ver. Avultavam as *morenas*, isto é – as morenas dos versos de Mello Moraes Filho, e mesmo algumas outras mais sombrias, cuja raça nunca recalcitra contra o calor; o que não impedia que a essas bandas se misturassem as dos alvos lírios snóbicos da nossa roda mais elegante, indo e vindo com patricia indolência.

Automóveis fugiam, voltavam, atirando as nuvens de pó deslocadas o seu abominável cheiro a petróleo; muita gente bocejava, entorpecida nos bancos, deixando correr as horas, e do céu constelado baixava um hálito quente, que envolvia toda a praia aristocrática numa temperatura de estufa (DOLORES, 20 de maio de 1906, p. 1).

Mesmo quando era uma mera observadora do fato, ela descreve poeticamente os detalhes dos fatos. Contudo, no seu discurso fica a marca da distinção de classe e raça a que pertence, ou seja, a “dos alvos lírios snóbicos da nossa roda mais elegante”, contrastando com aqueles de pele morena. Além de ressaltar a diferença racial, em outros momentos, ao comentar eventos sociais, a “mistura de classes” também chama a sua atenção:

O baile desta semana teve o caráter que mais deve convir à época atual: o da democracia e da igualdade. A par de todo o brilhantismo que presidia à festa, dando-lhe extraordinário realce, havia a mais absoluta mistura de classes, realizando-se assim essa fraternidade que faz o doce sonho dos utopistas.

Carros de praça transportavam convidados, lado a lado com luxuosas carruagens particulares ou de cocheira. Dos próprios bondes desciam famílias inteiras em *toilettes* de gala, que se misturavam, no luminoso vestíbulo do Cassino, a outras chegadas mais aristocraticamente. E lá em cima, nos salões, como tinham transbordado os convites, funcionavam alegremente vários gêneros de convidados, vestidos de rica seda roçando vestidos de *pongenelle* ou cassa, velhas casacas, na sua honesta lealdade dos tempos imperiais, que já lá vão! Niveladas às modernas casacas, último

grito, marca Club dos Diários, de Petrópolis, e luvas de imaculada alvura estreitando em fraternais *shake-hands* outras mais baças, purificadas com o engenhoso auxílio do miolo de pão... (DOLORES, 27 de agosto de 1905, p. 1).

Carmen Dolores, contudo, mesmo reconhecendo que a época atual estivesse adquirindo o caráter da democracia e da igualdade, enfatiza que essa “fraternidade” é utópica, pois as diferenças continuam marcadas pelo acesso ao poder econômico capaz de proporcionar a moda “último grito”, as luxuosas carruagens, em contraste com vestuários fora de moda, carros de praça e usuários de bondes – contrastes que acabam por determinar a classe social a que pertencem: Por um lado, as marcas da aristocracia dos tempos do Império já sem o poder econômico e, por outro, a burguesia com seus *toilettes* de gala demarcando a chegada dos tempos modernos na República brasileira.

Concordamos, nesse sentido, com a opinião de Mendonça (2002, p. 76):

[...] a cronista estabelece um compromisso com as transformações sociais, o que resvala para a possibilidade de permanência de seus escritos, vencendo a tão propalada efemeridade atribuída ao gênero crônica.

E esta preocupação com uma escrita duradoura vem diretamente associada às inquietações de Carmen Dolores em relação ao tempo, consistindo, também, num tema importante para a escritora, que já nos antecipa a atmosfera da vanguarda futurista.

A jornalista exerce, assim, a sua função educadora por meio da crônica, pois oferece ao leitor a sua acepção dos fatos que o noticiário difundiu sem emoção, ou seja, no discurso da crônica Carmen Dolores mescla a objetividade do jornalismo e a subjetividade da criação literária, permitindo que o leitor alcance a sua ideologia. Nesse sentido, podemos pensar na crônica de Carmen Dolores pelos mesmos parâmetros usados por Lopez (1992, p. 168) para discorrer sobre as crônicas de Mario de Andrade:

Não é um artigo de fundo, seara da argumentação e das provas, mas, na medida em que o cronista esposa uma ideia, uma posição, seu compromisso torna-se tácito, vivido nas opiniões que vai emitindo despreocupadamente no decorrer do texto. Conceitua os fatos da realidade que lhe serviram de ponto de partida, fatos que o leitor

conhece e que são o elo de aproximação entre o cronista e o leitor (LOPEZ, 1992, p. 168).

Assumindo, discursivamente, sua perspectiva crítica sobre o progresso e a modernização da cidade, Carmen Dolores emite opiniões “independentes”, como ela mesma as caracteriza, sobre a realidade circundante a cada coluna semanal que assina. O que resulta em um quadro vivo do Rio de Janeiro, pintado com mãos hábeis.

4.1.2 O progresso e a modernização da cidade

A *Belle Époque* foi um tempo de ostentação das grandes invenções: eletricidade, telégrafo, telefone, automóveis, aviões, cinema, estradas de ferro, entre outros símbolos da modernidade que provocaram grandes mudanças de hábitos da vida urbana. Para incorporá-los, os governantes das cidades tiveram que transformar radicalmente as ruas, a arquitetura, os espaços, os hábitos e os costumes citadinos. E a capital brasileira abriu o novo século com esse processo de modernização por meio da reforma (figura 21). Resultante do rápido crescimento urbano do Rio de Janeiro, nas últimas décadas do século XIX, ela recebeu o apoio do governo Rodrigues Alves (1902-1906) e culminou nessa



Figura 21: A reforma urbana do Rio de Janeiro

Fonte: MALTA, Augusto. Museu da Imagem e do Som do Rio de

radical transformação na fisionomia de algumas regiões urbanas.

No “Bota-Abaixo” (figura 22), como ficou conhecida a reestruturação urbana, demoliram-se cortiços e tudo o que estivesse no caminho do novo traçado.

No lugar dos becos e ruelas imundas começaram a ser rasgadas



Figura 22: O Bota-Abaixo: demolições prévias

Fonte: MALTA, Augusto. Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro

grandes e largas avenidas, símbolos da civilização e progresso. Ao longo dessas avenidas rapidamente foram instaladas grandes empresas, imponentes jornais, lojas comerciais mais amplas, sedes sociais de clubes, o Cinematógrafo Pathé, Correios e Telégrafos, confeitarias, restaurantes e cafés *chics* com mesas ao ar livre.



Figura 23: Edifícios da Avenida Central

Fonte: MALTA, Augusto. Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro

Em pouco tempo, no novo traçado das avenidas do Rio, agora calçadas com macadame, eram construídos imponentes edifícios à moda dos *Boulevards* de Paris.¹²⁷

¹²⁷ A França exerceu influência marcante sobre a cultura brasileira, principalmente na primeira década do 1900, tanto na arquitetura, no urbanismo, quanto no campo das artes (especialmente na literatura). Conforme Sérgio Augusto, em entrevista concedida a Fabrício Marques (2012, p. 4), “na Belle Époque, a cultura francesa ditava as modas, impunha gostos, com mais intensidade em países periféricos como o Brasil. O colonialismo cultural então falava francês. O Rio de Janeiro modernizou-se seguindo paradigmas parisienses. O prefeito Pereira Passos foi o barão Haussmann carioca. Ele não apenas limpou e saneou a cidade como fez dela uma Paris-sur-Mer, uma miragem de progresso e civilidade. Nossas elites imitavam os franceses – e também os ingleses – em quase tudo: nas escolas, nos clubes fechados, no interesse por corridas de cavalo, as crianças aprendiam francês, às vezes, mesmo antes do português, liam livros impressos em Paris, tinham lições de boas maneiras ministradas por governantas inglesas, nossos escritores devoravam a literatura francesa e as publicações culturais e mundanas eram impressas em Paris” (MARQUES, Fabrício (org). *Precisamos democratizar o elitismo*. Entrevista com Sergio Augusto. In: Secretaria de estado e Cultura. *Suplemento Nave Errante*. Reflexões dobre o jornalismo cultural. Belo Horizonte: Edição Especial, 2012.



Figura 24: Avenida Central - Rio de Janeiro

Fonte: MALTA, Augusto. Museu da Imagem e do Som do Janeiro

Entre os novos hábitos da cidade, nas novas calçadas, senhoras e jovens passeavam a pé desfilando suas *toilettes*, enquanto rapazes e homens elegantes bebericavam e conversam. A antiga Rua do Ouvidor, o “beco do luxo, estreito e sinuoso” (EDMUNDO, 1957, p. 68), havia sido desbancada pela clara, larga e arborizada Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco (figura 24).

O *slogan* lançado por Figueiredo Pimentel na sua coluna mundana, “O Rio Civiliza-se”, sintetiza o sentimento de realização da utopia então prevalecente.

Atenta a tudo isso, Carmen Dolores descreve brilhantemente, em 1905, uma cena mundana exemplar dessa perspectiva utópica de civilização vivida pela elite carioca:

Será terremoto? ... Será fenômeno nervoso da terra carioca que está vibrando ao contato das elétricas mãos do prefeito?

Ah! Não!... É a estação *qui bat son plein* e imprime a toda a cidade um vivo frêmito de prazer. [...] E quem passa à noite pelas imediações

do Lyrico, que atualmente é dramático, é clássico, é foco de intenso gozo intelectual, aprecia o espetáculo pitoresco das chegadas ao teatro, das cintilantes luzes, do agitado burburinho dos grupos, da parada dos bondes de luxo, despejando gente encapotada e grave, com ares de felicidade concentrada, e dos carros luzidios, cuja portinhola se abre e fecha com um estalido seco, impertinente e crispante para a galeria, deixando fugir lindas capas alvadias, pés frementes e bem calçados, estonteantes aromas, leves mantilhas de renda, que, um segundo, brilham à claridade forte do peristilo e logo desaparecem, somem-se no interior do festivo recinto [...] (DOLORES, 09 de setembro de 1905, p. 1).¹²⁸

De certa forma, essa utopia era alimentada pelos governantes que promoviam não só melhorias de saneamento e pavimentação, mas se preocupavam em embelezar a cidade para impressionar os estrangeiros que aqui chegavam: “A grande avenida continua a preparar-se para embasbacar o estrangeiro” (DOLORES, 05 de março de 1905, p. 1). Várias festas populares foram promovidas pelo prefeito Pereira Passos, concomitantemente às demolições que deixavam a cidade submersa “desse horrível pó que forma a sua atual atmosfera, que o asfixia, e que o tortura, e que o mata...”, como define a cronista. Em setembro de 1905, ela assim anuncia a próxima festa a ser promovida pelo prefeito, depois de descrever a grandiosidade de uma festividade anterior:

Depois da chuva, o sol; depois da morte, a festa. Ainda se escancara aos olhos terrificados dos transeuntes o bojo do prédio desmoronado da rua Primeiro de Março, e já o corpo de Sant’Anna se enfeita garridamente para receber toda uma multidão ávida de alegria, sedenta de espetáculos felizes, de movimento, de luz, de música, de flores, que o encherá rumorosamente domingo. [...]

É a segunda festa dessa natureza que oferece o prefeito aos moradores do Rio (DOLORES, 17 de setembro de 1905, p. 1).

Em novembro do mesmo ano a inauguração da grande avenida realizada no dia 15 também foi tema de sua crônica no domingo

¹²⁸ Crônica selecionada pela autora para compor seu livro *Ao esvoaçar da ideia* (1910).

seguinte. Festa que ela descreve como “O triunfo da civilização e do progresso em meio a uma enxurrada” (DOLORES, 19 de novembro de 1905, p. 1).

Além das celebrações festivas e das novas atividades culturais, também outros símbolos da modernidade marcam a transformação do Rio de Janeiro. Barbosa (2007, p. 23) afirma que, “no caos da cidade, a iluminação elétrica, a adoção da tração elétrica dos bondes e a circulação dos primeiros automóveis nas ruas causam sensação e dão o tom da modernização, símbolo do novo século”. Carmen Dolores registra a chegada desses poucos automóveis ricos que chegaram ao Rio em 1905 com suas buzinas ruidosas, como uma “nota de novidade”. Naquele ambiente em polvorosa, esses símbolos da modernidade criam a ilusão de “alto requinte de civilização”, tanto que são capazes de, além de provocar a curiosidade, se tornar o assunto de muitas rodas:

Na rua, negrejam as carruagens vazias, que se vão postar em paciente fila num determinado ponto. O que, porém, diverte o povo, atrai e prende a atenção dos passageiros dos bondes circulantes é a manobra de alguns automóveis ricos, que fizeram este ano a sua estreia, à porta do teatro reluzentes, negros, habilmente dirigidos pelo respectivo *chauffeur*, e cujo *tenf-tenf* ruidoso espalha no local uma nota de novidade, de *chic*, de alto requinte de civilização, de vida farta e elegante. [...]

Tão banais, enfim, no estrangeiro, ainda consegue impor-se aqui a curiosidade popular; e são dignos de observação os comentários cruzados em torno dos novos veículos (DOLORES, 09 de julho de 1905, p. 1).

Três anos depois da chegada do primeiro automóvel, um produto importado para satisfazer a demanda do mercado brasileiro, a cronista já anuncia a chegada do Conde de Lesdain, um francês que promete a implantação de uma empresa de automóveis no Brasil. Para divulgar o produto nacional a ser vendido pelo preço de tabela, o Conde sobe o Corcovado com o seu automóvel chamando a atenção de todos, como uma bela jogada de marketing. Para Carmen Dolores, se a compra do produto nacional se tornar mais acessível, “abre um grande horizonte aos nossos meios de locomoção...”. Pois, entre os meios atuais, pelas ruas os “fiacres são poucos, velhos carros uns calhambeques imundos e lentos e os autos reservados unicamente ao mundo dinheirinho”. Ela mesma, despossuída de tal meio, conclui: “Resta-nos o bonde... Que é

muito pouco em dia de aguaceiro” (DOLORES, 23 de fevereiro de 1908, p. 1).

Concomitante às mudanças, a permanência da tradição mais de uma vez chamou sua atenção nas ruas pelo contraste estabelecido. Já em 1907, quando estava voltando de uma recepção moderna e estava “a espera de um elétrico supercivilizado” [sic], avistou na “aristocrática Praia de Botafogo, em uma esquina de vias seletas, *ultrachics*”, uma junta de bois arrastando carroções de ferro. Diante da visão – que mais lhe parece uma visão bíblica – indaga-se: “Onde estaria a realidade? No modernismo do elétrico ou no atraso desses carroções... Puxados por juntas de bois?” (DOLORES, 22 de setembro de 1907, p. 1).

Os contrastes não estavam apenas nos símbolos da modernidade, mas ressaltavam nas desigualdades sociais que a cronista lia como sofrimento dos desfavorecidos da sorte e do poder econômico:

Logo adiante, duas mocinhas assistiam à chegada de outro *tenf-tenf*, vestidas de cassa um chalezito de lã cor de rosa ao pescoço, uma face emaciada e triste. Uma velha mãe pasmava para o espetáculo, com o passivo desprendimento pessoal da idade; mas as duas filhas trocavam impressões, e o olhar com que ambas seguiram os vultos envolvidos em agasalhos de preço, que se apearam do automóvel, era lento, lento, profundo, escuro, carregado de uma dor e de uma melancolia intraduzíveis.

Tanto para uns e tão pouco para outros, hein, Maria? Resumiu uma delas, suspirando. [...]

No entanto, o teatro todo resplandecia; sons de orquestra fulgiam, triunfantes, misturando-se aos gritos dos cocheiros e dos cambistas, aos *tenf-tenf* dos automóveis, ao murmúrio dos populares; uma rumorosa alegria, enfim pairava no ar aquecido pelas luzes. [...]

Eu, contudo, ao passar, o que lia nessa deslumbrante zona de claridade, eram estas duras palavras dissonantes: *desigualdade, sofrimento...*

Elas destacavam-se satanicamente em grandes letras fosforescentes sobre a massa negrejante dos curiosos gozando o seu bilhete de sereno – pão seco mastigado à porta rutilante do festim reservado aos privilegiados da sorte; e o rude socialismo dos desamparados parecia-me explicável, a revolta dos vencidos da vida parecia-

me lógica... (DOLORES, 09 de julho de 1905, p. 1).

E como os escritores jornalistas, já naquela época, exerciam grande poder sobre a opinião pública, praticamente todos escreviam favoravelmente nas suas crônicas sobre as vantagens dessa transformação da cidade. O que chama a atenção nas várias crônicas em que a cronista aponta os contrastes, as desigualdades, além do seu compadecimento com os desamparados – a quem o progresso só agride e não beneficia – é o seu tom de denúncia da falta de competência dos governantes que executam as obras em nome dessa modernização e progresso. Carmen Dolores, sempre atenta a tudo que acontecia na cidade, apesar de apoiar a iniciativa do prefeito Pereira Passos, não deixava de reclamar dos transbordamentos, da lama, da poeira, das obras intermináveis, usando a sua função autoral politicamente:

Embelezam a nossa heróica cidade de S. Sebastião, e o resultado é tornar-se a dita cidade quase inabitável, dos subúrbios a Botafogo.

Embelezam o Manguê e o Manguê transborda à menor chuva, afoga o gás, impede o trânsito dos bondes e carrega com os cacaréus da população mais necessitada, além de ameaçar a vida de não pouca gente.

Embelezam a avenida Beira Mar, e os escoamentos pluviais não somente deixam de fazer-se, mas até a maré agora penetra por eles a dentro e vem inundar ruas e casas. A cada momento é um dilúvio aterrador... E por todas as vias públicas *embelezadas*, ao mínimo aguaceiro de verão, é isso que vemos agora: correntes caudalosas, vidas em perigo, desabamentos, desgraças, a interrupção completa, em suma, de todos os hábitos e privilégios da existência civilizada (DOLORES, 25 de março de 1906, p. 1).

Meses depois ela continua com as mesmas denúncias na ponta da pena:

Como eu desejo fugir!... Assalta-me este agudo e talvez pueril anseio cada vez que me vejo agora a gramar as ruas da nossa cidade, entre tanto melhoramento e progresso, esperando debalde, ao sol ou à chuva, os bondes cujo ponto foi bruscamente mudado ou a linha desviada para

bem longe, senão extinta pela força maior dos mesmos embelezamentos.

Ah! Que triste período para quem não possui automóvel.

Patina-se na lama em enormes distâncias, faz-se acrobacia sobre montes de vigas, aprende-se a pular valorosamente fossos profundos à entrada das próprias casas, esbarra-se em barricadas de pedras e tijolos, respira-se pó, ensurdece-se ao estrondo das mil picaretas rasgando a um só tempo as camadas resistentes do solo – e nem ao menos a gente pode transportar-se mais com rapidez de uma extremidade a outra da metrópole, como nas épocas de atraso! (DOLORES, 08 de julho de 1906, p. 1).

Se, em alguns momentos, parece que a cronista está contra a forma como o projeto de modernização da capital brasileira vem sendo executado, pelas tantas reclamações que faz,¹²⁹ em outros, fica evidente o seu apoio, como no caso da reforma sanitária do Rio de Janeiro.

A cidade, antes infectada por doenças provenientes da falta de salubridade, no geral, infectocontagiosas, ou transmitidas por insetos que se proliferavam na imundície da cidade (como a malária, febre amarela e varíola), agora estava sendo saneada e modernizada. Limpar a cidade para eliminar as doenças foi uma das alegações para convencer a todos da necessidade da grande reforma.

Em uma crônica de 1910, quando o prefeito municipal convocou um grupo de renomados médicos para implantar um projeto de inspeção sanitária escolar, ela ainda lembra a importância dos trabalhos já realizados em anos anteriores nesse sentido:

Há serviços que primam os aformoseamentos materiais de qualquer capital com foros de adiantada: e entre esses, cumpre enumerar o importantíssimo programa da inspeção sanitária escolar, agitado por um grupo distinto de médicos convocados pelo prefeito municipal, Dr.

¹²⁹ É preciso lembrar que o Jornal *O Paiz* era um jornal da situação e que, bem ou mal, seus colaboradores precisam seguir esse posicionamento se quiserem se manter “empregados”. Como diz o ditado popular, “se o sapo pula não é por beleza, mas sim por precisão, para que a cobra não o devore”. Ou, como bem coloca Ivan Ângelo (apud WERNECK, 2012, p. 16), “uma reportagem é limitada pela linguagem que o dono do jornal quer; a linguagem de um romance [literária] não tem limites”.

Serzedello Correia, que os incumbiu do magno assunto, e o já realizado trabalho do socorro médico de urgência na via pública e em domicílio particular da Assistência do Rio de Janeiro.

Os dois serviços, de um enorme valor, podem ser classificados da seguinte forma: a inspeção sanitária escolar prepara vidas, corrigindo a propagação da tuberculose e outras moléstias pelo contágio nas escolas ou nos estabelecimentos onde trabalha a infância; e a Assistência Pública repara desastres e conserta existências que pareciam já votadas ao aniquilamento supremo.

A propósito da primeira, vi que, em 1907, o Dr. Moncorvo Filho tomou a iniciativa de, estudando as condições das conectividades infantis, averiguar a proporção das crianças tuberculosas, para o que, com o auxílio dos seus colegas Drs. Dom e que de Barros e Almeida Pires, examinou demoradamente todos os menores da Imprensa Nacional e Casa da Moeda, encontrando a terrificante média de 70% de meninos tuberculizados... (DOLORES, 20 de fevereiro de 1910, p. 1).

Não só por não mencionar seu grau de parentesco com Dr. Moncorvo Filho, seu sobrinho, acreditamos que ela não reconheceu a obra sanitária realizada por ele por essa razão. De fato, em várias outras crônicas, ela elogia, valoriza e apoia iniciativas que contribuam para a saúde da população, principalmente a mais carente.

4.1.3 As linhas da crônica como espaço de lutas sociais e políticas

Definir a posição ideológica de Carmen Dolores nesse discurso jornalístico – construído nos moldes da época – não é tarefa fácil, pois ela assume lugares discursivos paradoxais. Ora assume uma postura de uma senhora aristocrática saudosa dos tempos imperiais, ora parece viver e defender os interesses de uma mulher burguesa, branca, a frequentar os espaços privilegiados dos eventos sociais e culturais, não aberta a qualquer processo de mestiçagem (racial ou étnica), ou, mesmo, ao processo de mescla intercultural tanto com os imigrantes europeus pobres que vieram substituir a mão de obra escrava, libertada recentemente, muito menos com os miseráveis afro-descendentes que sobrevivem sem nenhum apoio governamental. Quando escreve dessa

perspectiva, ela se faz uma voz representante dos que são os beneficiários da ditadura do “Bota-Abaixo” implementada pelo prefeito Pereira Passos.

Na opinião de Benchimol (1990, p. 311):

Intelectuais, acadêmicos, jornalistas e historiadores contribuíram, na época, para a difusão de uma retórica elitista e triunfal, celebrando a milagrosa transformação da cidade: o Rio de Janeiro de ares coloniais, sujo, doente e feio cederá lugar à cidade maravilhosa, saudável, moderna, de braços abertos aos imigrantes, capitais, mercadorias e turistas estrangeiros. Jornais e revistas estampavam, orgulhosamente, fotografias das suntuosas mansões, exemplo de uma arquitetura inspirada fielmente no *art nouveau* e no ecletismo europeu.

Ao longo de cinco anos e meio, inúmeras vezes Carmen Dolores tomou essa posição típica da imprensa conservadora, e foi, como descreve Sevcenko (1993, p. 59), “a voz dos beneficiários do replanejamento, aqueles que herdariam, para o seu impávido desfrute, um espaço amplo, controlado e elegante, onde antes não poderiam circular, senão com desconforto e timidez”. Em várias crônicas ela assume esse discurso legitimador do novo padrão identitário do Brasil da *Belle Époque*. Às vezes tomava essa posição de espectadora privilegiada, capaz de traduzir em suas crônicas as amplas mudanças urbanas e sociais da Capital Federal como a maioria dos intelectuais cariocas pertencentes à elite o fez.

No entanto, contraditoriamente, em outros vários momentos, Carmen Dolores também se define com uma mulher profissional de classe média que mora em casa alugada e trabalha para o sustento da família, ou, ainda, é simplesmente a jornalista que conhece de perto as agruras dos miseráveis que padecem pela falta de moradia e de assistência à saúde; que reclama pela ineficiência do transporte público; que denuncia a violência urbana e a falta de segurança pública; que se preocupa com a preservação do meio ambiente; e que reclama do alto custo de vida em tempos modernos, satirizando o snobismo da elite, ou dos “fidalgos” falidos depois da instauração da República. Ou seja, Carmen Dolores reconhece facilmente as vítimas do processo “regenerador” como certos grupos sociais cultos da nação denominaram a reforma urbana e sanitária, bem como o modo brutal como o governo ditou as normas disciplinadoras e discriminadoras para a desapropriação dos alojamentos de milhares de famílias nos becos e ruas onde antigos

casarões se transformaram em cortiços. Sevcenko (1993, p. 59) identifica essas vítimas como “[...] toda a multidão de humildes, dos mais variados matizes étnicos, que constituíam a massa trabalhadora, os desempregados, os subempregados e os aflitos de toda a espécie que povoavam a cidade”. Para o historiador,

a ação do governo não se fez somente contra os seus alojamentos: suas roupas, seus pertences pessoais, sua família, suas relações vicinais, seu cotidiano, seus hábitos, seus animais, suas formas de subsistência e de sobrevivência, sua cultura enfim, tudo é atingido pela nova disciplina espacial [...]. Gesto brutal, disciplinador e discriminador, que separava claramente o espaço do privilégio do espaço da opressão (SEVCENKO, 1993, p. 59).

Carmen Dolores, sem dúvida, fez parte do elenco da “cidade das letras” da modernização carioca, pois soube conceber a “cidade simbólica idealizada”, interpretar as suas significações. Ela pertenceu a esse grupo social especializado que incorporou a missão de civilizar, por meio de sua produção cronística, a “cidade real, múltipla e fragmentada”, percorrida por todos e por qualquer um, com seu tráfego de desconhecidos, suas sucessivas construções e demolições, seu ritmo acelerado, suas mutações que os novos costumes introduziriam. De acordo com os pressupostos de Rama (1984, p. 113):

Os escritores que se incorporaram [...] às cidades das letras da modernização, que foram a grande maioria, dedicaram-se a dois gêneros literários-políticos principais, que exerceram mais nos jornais que nos livros, ambos testemunhos da importância de grau que havia adquirido a letra nas sociedades que começavam a alfabetizar-se. Um deles, que foi o mais antigo, teria mais ampla descendência e abarcaria maior número, e já era possível defini-lo então, em termos modernos, como propagandístico em qualquer de seus ramos simétricos: defesa do regime ou agressão a seus inimigos.

Contudo, Carmen Dolores é também essa jornalista que, percebendo as consequências negativas de todo o progresso e modernização da capital brasileira de seu tempo, se faz, conscientemente, porta-voz dos humildes segregados em espaços periféricos sem condições sanitárias de uma vida digna. Ela aderiu às lutas pela justiça, que são sociais e políticas:

[...] há injustiças que compungem e se se ergue então uma voz autorizada em nome do direito sempre preterido, uma alegria imensa brota da alma ressequida e amargurada, que sofre em frente às desigualdades sociais, e não se contém o aplauso ao forte que ousou falar, ao sincero que não recuou ir de encontro à arbitrariedade aceita e dominante. (DOLORES, 09 de junho de 1907, p. 1).

Entendemos essa última postura com seu “diferencial” enquanto jornalista da *Belle Époque*, por isso vamos ver algumas das consequências negativas do progresso e do processo de modernização da capital federal que ela denunciou:

4.1.3.1 O destino dos despejados no “Bota-Abaixo” e a vida na favela

O projeto republicano de concepções elitistas visava transformar o Brasil em uma nação forte, capitalista aos moldes da Inglaterra, França e EUA, porém, a Capital Federal apresentava vários problemas que impactariam o crescimento da cidade, sobretudo os problemas sanitários e de habitação popular que tomaram maior atenção da elite republicana. Segundo Benchimol (1992, p. 46),

uma comissão nomeada pelo Ministro da Justiça e do Interior em 1905, quando estavam em curso as obras de Pereira Passos, constatou que, até aquela data, a administração municipal e da Saúde Pública haviam demolido cerca de seiscentas habitações coletivas e setecentas casas, privando de teto pelo menos 14 mil pessoas. Centenas de outras famílias foram desalojadas, desde então, e não só pelas demolições ostensivas da prefeitura ou do governo federal: a especulação com o solo, feita pelas companhias de bondes, de serviços públicos e de loteamentos, com o patrocínio dos poderes públicos; os novos impostos que acompanhavam o fornecimento de serviços como iluminação elétrica, calçamento, esgotos; as posturas municipais estabelecendo normas arquitetônicas para as construções, proibindo o exercício de determinadas profissões, ou a criação de animais domésticos, indispensáveis para a subsistência alimentar das classes trabalhadoras – tudo isso atuava como poderosa força segregadora.

Essa truculenta e desumana desocupação dos cortiços na região central do Rio de Janeiro foi tema de uma das crônicas de Carmen Dolores, em 1907, na qual questiona os governantes sobre o destino dessa “pobre gente”:

Francamente, a mim mesma pergunto o que pretende o governo com esse despejo contínuo das classes desgraçadas, quando habitações mais salubres não são criadas e essa pobre gente enxotada não tem onde viver? Pretende a exterminação da pobreza pelo desabrigo e pela perseguição? Onde, porém, se irá depois buscar o braço operário para o trabalho da vasta cidade? Será a greve pelo extermínio e pela expulsão da zona habitável (DOLORES, 09 de junho de 1907, p. 1).

Seus questionamentos retóricos são críticas contundentes ao descaso do governo elitista, que só enxerga seus interesses próprios. Ela bem sabe que a nenhum governo de seu tempo interessa exterminar a pobreza, e nos termos da política social remediadora estabelecida então, “pobreza não se evita, não se resolve, nem se combate: pobreza se negocia, se administra, se patrocina” (SEVCENKO, 1993, p. 75). Mesmo assim, reivindica “habitações mais salubres”, lembra da necessária mão de obra que eles podem oferecer em troca e, ainda, denuncia, ironicamente, as novas formas de habitação encontradas pelos miseráveis:

E abaixo os misérrimos refúgios de morros da Favela e da Babilônia, onde a necessidade se esconde dos palácios, encolhida, selvagem e intimidada: abaixo a choupana, choças, palhoças, ranchos, a lareira onde ferve um pouco de sopa, o teto de folhas que protege contra os aguaceiros, o cercado das galinhas, cuja venda fornece o pão e o café... Abaixo tudo! E marcha, novo pai Adão, para fora do teu lastimoso paraíso, que nem este, nem outro, pior ou melhor, tu encontrarás mais para teu abrigo. A cidade enfeitou-se, pôs-se bela e só tem casas para os ricos (DOLORES, 09 de junho de 1907, p. 1).

A articulação entre ironia e irreverência fazia dos textos de Carmen Dolores um instrumento de crítica desdenhosa. Com o aval dos médicos sanitaristas, os governantes criaram a “teoria higienista”, o que reforçou o terror relacionado a tudo o que se passava nesses becos, ruas imundas e antigos casarões transformados em cortiços; e esse foi o

argumento crucial para o “Bota-Abaixo” dessas habitações dos humildes que, sem outra assistência, foram obrigadas a ocupar os morros formando as primeiras favelas. Carmen Dolores usa o mesmo signo criado para definir a ação dos governantes, “abaixo”, mas no sentido metafórico, para denunciar a precariedade dos “misérrimos refúgios” encontrados por toda essa massa populacional desamparada. Tal qual a figura bíblica de Adão, toda essa gente perdeu o direito de usufruir da beleza e das benesses do paraíso em que estão transformando a cidade.

Sevcenko (1993, p. 46) explica que, na prática,

a enorme pressão por imóveis, devida tanto às demolições das zonas central e portuária quanto à especulação, empurrou as populações humildes para a periferia da cidade, ou para os bairros mais distantes e degradados, onde se alojavam em condições subumanas a preços exorbitantes. [...] Regiões desvalorizadas, por serem impróprias para construções, como os morros e os mangues, começam a forrar-se de casebres construídos de tábuas de caixas de bacalhau, cobertas com latas de querosene desdobradas, igualmente sem nenhuma forma de higiene e sem água corrente. Alguns desses casebres iriam abrigar várias famílias. Para essa espécie de periferia insalubre é que iriam se transferir as doenças e endemias expulsas, junto com os humildes, do Centro da cidade destinado a tornar-se sadio, ordeiro, aseado e exclusivamente burguês.

Já em 1906, Carmen Dolores atendeu a um correspondente, operário “bem inteligente”, que apela para o seu “amor aos simples e aos obscuros”, a fim de que ela “diga alguma coisa em favor da construção de casas baratas e higiênicas para os que lutam heroicamente pela vida com o seu trabalho”. Afirmando, ironicamente, que seu apoio à causa é “fraco [...] e sobretudo inútil”, ela o atende “de bom coração” e sua “pena audaz” ataca de frente, defendendo essa causa “com simpatia” – favorecida pela oposição que o periódico em que ela trabalha faz aos desmandos dos governantes:

A verdade é que, nesta quadra em que só a fortuna logra obter o conforto e a higiene indispensável à conservação da existência, o mísero trabalhador luta a cada dia mais com as horríveis condições em que tem de arrastar a vida e sustentar as forças necessárias ao seu labor diário. Exposto a todo instante à morte que o dizima, o pessoal operário

tem ainda de sujeitar-se a residir em verdadeiros buracos sem ar nem luz, únicos que o seu salário pode pagar, e onde ele se estiola e vê estiolar-se todos os seus.

Muito já tem dito a este respeito *O Paiz*; mas a questão não merece dos poderes competentes o apreço que a humanidade requer pronto e resolutivo (DOLORES, 04 de março de 1906, p. 1).

Em face da insalubridade a que os pobres trabalhadores – e suas famílias – têm que se sujeitar, utopicamente, a cronista sugere “o bairro do Jardim Botânico [...] pela sua vastidão e pelo ar puro” para que sejam construídas “casinhas baratas e higiênicas para operários”. Por meio de perguntas retóricas, apresenta argumentos para persuadir os leitores a concordar com ela:

E agora, que tanto dinheiro se gasta com o embelezamento da cidade, por que não fazer entrar na verba desses gastos, sob uma forma urgente, a quantia precisa para semelhante construção?

Embelezar a raça, dar ao trabalho homens robustos e de peito largo, respirando com pulmões perfeitos e manejando a picareta com um braço musculoso e forte, não seria também contribuir para essa estética que está na ordem do dia? (DOLORES, 04 de março de 1906, p. 1).

Não podemos afirmar que Carmen Dolores fosse contrária aos propósitos da modernização e da civilização, mas o processo de “Regeneração” urbana, para ela, não se sobrepunha às mazelas dos menos favorecidos.

Em final de 1906, também fez um apelo ao Sr. Afonso Pena,¹³⁰ mas agora em nome da classe média da cidade, classe à qual diz pertencer à cronista. Denunciando o valor exorbitante dos aluguéis, ela questiona os poderes competentes e dirigentes sobre onde a classe média pode se alojar, ou seja, encontrar moradia, habitação descente nesta “bela cidade reconstruída e próspera”. Ao se dirigir ironicamente¹³¹ aos

¹³⁰ Presidente da República Federativa do Brasil entre 1906 e 1910.

¹³¹ De acordo com Hutcheon (1989, p. 73), “a função pragmática da ironia é, pois, a de sinalizar uma avaliação, muito frequentemente de natureza pejorativa. O seu escárnio pode, embora não necessariamente, tomar a forma de expressões laudatórias empregues para implicar um julgamento negativo; ao nível semântico, isto implica a multiplicação de elogios manifestos para esconder a censura escarnecedora latente.”

“magnos dirigentes”, afirma que essa é uma “questão capital, urgente e injusta” (DOLORES, 16 de dezembro de 1906, p. 1).

O elogio implícito na expressão “magnos dirigentes” deixa entrever a censura latente à sua atuação. Como porta-voz de sua classe social, que vivencia essas mesmas dificuldades na busca de moradia para alugar, a cronista lançou mão de sarcasmo ao avaliar a importância que o governo dá ao sofrimento do povo: “a menos que o sofrimento do povo não importe ao governo desse povo...” (DOLORES, 16 de dezembro de 1906, p. 1).

Na realidade, o destino dos despejados no “Bota-Abaixo” estava traçado e a vida degradada na favela também foi tema das crônicas de Carmen Dolores, quando noticia, em 1909, que o novo prefeito do distrito Federal, Dr. Serzedello Correia, começa a sua gestão “visitando os casebres do morro da Favela e não os palácios das avenidas e ruas nobres [...] E parece que o Sr. prefeito pretende também percorrer o morro de Santo Antonio...” (DOLORES, 08 de agosto de 1909, p. 1). Desta vez não há sarcasmo e nem desdém, mas uma espécie de esperança de que, finalmente, um governante atenda aos apelos feitos na sua coluna por tantos anos.

Com compaixão e tristeza, a cronista descreve, detalhadamente, as condições degradantes em que vivem os párias da sociedade nas favelas da Capital Federal:

[...] no próprio seio da cidade civilizada, [...] a dois passos do maravilhoso Municipal, dos novos edifícios das Bellas-Artes e da Biblioteca Nacional [...] se alastra morro acima a triste urbe da miséria, com o seu formigueiro de choças de latas e tábuas de caixões, onde pulula a colônia dos párias da sociedade. Entre eles há artistas: constroem *chalets*, com seu jardinete à frente – uns palmos de terra em que vicejam rosas entre chuchus e pés de alface e de couve, dois verdes que se casam bem e dão apetite. São os mais felizes, por conseguirem que a fantasia disfarce um pouco o desamparo dessas habitações *hors la loi*.

Mas os outros, os outros, Senhor Deus! Que negra penúria! Que enxame de casebres aleijados, remendados, no meio do lixo, entre detritos de toda a espécie, de onde é tirado o material da construção desses disformes abrigos!

E, dia e noite, mulheres e crianças esqueléticas descem e sobem o morro com latas e barris para

se proverem d'água no Largo da Carioca. Nunca cessa a estafada procissão – e assim vivem essas criaturas desprotegidas, mas apesar de tudo, engenhosas, porque, no tumulto alegre dessa civilização febril que as arrojou para fora de todos os direitos, sem casas na proporção dos seus minguados recursos, sem uma voz que fale em seu favor, exiladas da vida normal, souberam ainda elas talhar a sua parte ínfima de existência, explorando recantos ainda vazios da cidade modernizada e aí acampando como uma tribo nômade e faminta em zona selvagem, onde acendem o seu lume. É justo (DOLORES, 08 de agosto de 1909, p. 1).

O emparelhamento de imagens da degradação dos casebres “no meio do lixo, entre detritos de toda a espécie” por um lado e, por outro, as imagens de artistas que constroem “jardinetes” verdes e floridos, de pessoas “engenhosas” que, mesmo segregadas, desprotegidas, sedentas e famintas ainda “acendem o seu lume”, deixam perceber como a cronista vê “essa gente dos morros” de forma humanizada:

Essa gente dos morros da Favela e Santo Antônio tem afinal de viver. E se a urbe da miséria enxovalha o progresso, é contudo o natural remédio que encontrou a horda errante dos penuriosos, banida da normalidade pelo próprio adiantamento, banida da proteção das leis pelas próprias leis, que excluem o necessitado das suas garantias – banida, em suma, de todos os hábitos civilizados pela própria civilização que os rejeitou do seu seio, trancando-lhe as portas de uma existência ao alcance da pobreza. A horda, portanto, subiu aos morros e acampou como pode. Tem um teto de folhas de zinco, um fogão primitivo, feito de três tijolos roubados, mas ali dorme e come a família, entre galinhas domésticas que cacarejam (DOLORES, 08 de agosto de 1909, p. 1).

Empregando o mecanismo do “raciocínio tautológico”,¹³² a cronista repete as imagens dessas “habitações *hors la loi*”, usando signos mais diversificados: “formigueiro de choças de latas e tábuas de

¹³² Segundo o Dicionário Aurélio, tautologia é um “vício de linguagem que consiste em dizer, por formas diversas, sempre a mesma coisa” (Novo Dicionário Aurélio (Versão 3.0). Editora Nova Fronteira, s/d.).

caixões”, “enxame de casebres aleijados, remendados, no meio do lixo”, “acampando como uma tribo nômade e faminta em zona selvagem”, a “horda” que “tem um teto de folhas de zinco, um fogão primitivo, feito de três tijolos roubados”. Carmen Dolores não apenas denunciava constantemente e repetidas vezes a penúria e o abandono em que sobrevivem esses brasileiros, como o fazia lançando mão de diversificadas figuras de linguagem – provavelmente no intuito de persuadir o leitor a lhe dar o apoio na bandeira levantada em nome da justiça e da igualdade de direitos dos cidadãos. O jornalista e ficcionista Ivan Ângelo (apud WERNECK, 2012, p. 16) sobre as diferenças entre “[...] as linguagens jornalística e literária [...], bem clara nos nossos dias, afirmou que, na época de Carmen Dolores, já se buscava a descrição realista dos fatos nas folhas do jornal, porém era ainda um realismo contaminado pela subjetividade própria da literatura.

Ainda, segundo Ivan Ângelo (apud WERNECK, 2012, p. 16), “a virtude principal do jornalista é a objetividade, a do ficcionista é a subjetividade. O jornalista tem um compromisso com o discurso corrente, claro e coerente; o romancista tem compromisso com a invenção, a transformação e renovação do discurso”. Os textos jornalísticos de Carmen Dolores, como outros produzidos na *Belle Époque* brasileira, ainda são fortemente contaminados pela literatura.

A forma de modelar seu texto com perguntas retóricas é outra ferramenta usada com bastante frequência pela jornalista, normalmente apenas para enfatizar seu ponto de vista sobre aquela questão em discussão: o labor e a tristeza das desigualdades sociais.

De que serve, finalmente, trabalhar neste tempo?
O que advém do esforço exaustivo chega para o sustento da vida cara – e tudo é devorado sem proveito pelos alugueis enormes de uma moradia ridícula, pelo preço exagerado dos gêneros, pelo abismo desta existência moderna, ingrata e dura, em que só se tem a pena, o labor e a tristeza das desigualdades sociais, sem jamais o apaziguamento do resultado próspero (DOLORES, 08 de agosto de 1909, p. 1).

A comparação também foi usada nesta mesma crônica para ratificar a sua opinião sobre os privilégios dos ricos que sufocam o esforço da classe remediada:

Como em França, nas proximidades da revolução de 1792, as classes privilegiadas sufocam as médias, que não possuem capitais. Lá, era a nobreza que esmagava o povo; aqui, é o mundo

argentário, hoje nossa única aristocracia, roda especial, favorecida por altos empregos, comissões rendosas, arranjos, serviços inventados, que esmaga o forçado do trabalho infrene, inglório e ineficaz. Só se edificam prédios para ricos; os divertimentos são para ricos; os próprios artigos de primeira necessidade foram elevados pela ganância dos fornecedores, que exploram a época, a um preço inacessível à bolsa dos simples remediados.

E, sem dúvida, uma hora muito próxima há de chegar, já está chegando, em que esses remediados, sem habitações ao alcance dos seus ordenados, não podendo sustentar a família com a decência precisa, serão forçados a transplantar as suas tendas para lugares ínvios, onde arriem a tremenda carga da aparência convencional sem os meios de mantê-la (DOLORES, 08 de agosto de 1909, p. 1).

A esperança inicial caminha gradativamente para a desesperança, na medida em que descreve, de forma realista, a realidade da Capital Federal, as desigualdades sociais e os mecanismos de segregação e discriminação resultantes das medidas de saneamento e reurbanização do Rio de Janeiro, apesar de terem suscitado maior conforto e beleza para a cidade.

Como as medidas de saneamento e cuidados com a saúde, implementadas pelo presidencialismo fechado e oligárquico da Primeira República, também estavam voltadas somente para a elite carioca, a população humilde viu sua condição precária de saúde agravar-se mais ainda nos espaços periféricos em que se instalou. E, para a saúde pública da periferia, não havia assistência:

Há pouco tempo viu um marido a sua jovem esposa quase expirar em abandono, num acidente de parto prematuro, fugindo-lhe a vida em jorro de púrpura, enquanto ele, desvairado, corria a todos os médicos do lugar, voltada a casa, tornava a correr, a pedir, a suplicar, nas trevas da noite, sem que um único desses doutores consentisse em sair do seu aconchego e acudir a doente.

Esse marido quase enlouqueceu e, não fora um amigo que conhecia certo médico e serviu de empenho para uma visita, teria passado pelo desespero de assistir à morte da mulher sem um socorro profissional.

Ora, isso é verdadeiramente desumano e inadmissível numa cidade civilizada (DOLORES, 24 de janeiro de 1909, p. 1).

Sua indignação e inconformismo com a situação alheia também funcionam como veículos difusores de persuasão, assim como a escolha dos signos “desumano e inadmissível” em contraste com “cidade civilizada” é um instrumento hábil para expressar seus valores e sua ideologia.

4.1.3.2 A ineficiência do transporte público

Enquanto usuária do transporte público no Rio de Janeiro, os bondes elétricos, Carmen Dolores vivencia todas as dificuldades que a população carioca passa, principalmente em dias de festividades:

Correu esta semana em festas, festas e mais festas – a do Passeio Público, a do Jardim Botânico, excursões de congressistas, discursos, *lunchs*, *champagne* a faltar e *foie-grass* a enfartar [...] em suma, toda a escala dos regozijos e das diversões mais variadas.

Como nota dissonante – os bondes da linha Jardim Botânico, insuficientes e morosos, que nunca satisfizeram o público nesses dias de movimento.

Transportavam-se caravanas de gente pelas ruas do Largo da Carioca ao Catete, suando, resfolegando, cobertos todos da suave poeira que forma hoje o nosso habitual ambiente, mas aquilo que toda essa exausta gente buscava, assim errante e com os pés em brasa – aquilo, que era um elétrico vazio, nunca aparecia. Tomados de assalto, os comboios que transitavam em pequeno número, jamais chegavam para dar lugar a esse aumento de passageiros.

Os extraordinários foram servidos em dose homeopática, demorado o serviço, inconveniente o horário, que nunca foi modificado ou apressado em favor do transporte excepcional desses dias. Em resumo, um serviço péssimo e cuja única vantagem foi apresentar num estupendo relevo a coragem do nosso povo quando se quer divertir (DOLORES, 20 de agosto de 1905, p. 1).

O número de bondes insuficiente, a superlotação, a demora do serviço, os horários inconvenientes resultam em “um serviço péssimo”, como ela o define. Como boa observadora e proveniente de uma realidade onde manter a higiene pessoal e os bons modos é indispensável para a boa convivência social, faz uma crítica sarcástica à sujidade das roupas, chapéu, unhas, cabelos, pés e ao odor exalado pelos condutores dos bondes, principalmente no calor do verão:

A propósito de bondes, não seria mal que a companhia S. Christovão lançasse as suas vistas para a sujidade especial dos seus condutores, que deixam bastante a desejar quanto à cor das camisas e das unhas e também, ou talvez, principalmente, quanto ao aroma que desprendem, ao receberem as passagens, e que não é positivamente o aroma dos deuses... Por estas tardes caniculares, esbraseadas, quando a linha das palmeiras do mangue se destaca num duro recorte de bronze sob um horizonte cor de laranja, árido e chamejante, esse aroma dos condutores dos bondes faz sentir vivamente aos passageiros o resultado de um longo, quente e penoso dia de trabalho... Adejam então os lenços perfumados docemente a *aglaie* como um lenitivo, mas mesmo assim há contrações de mimosos narizitos femininos e de rudes bigodes masculinos.

As mais ativas essências de *ideal* ou [*ilegível*] *de geannette* são ainda insuficientes contra o outro cheiro dominador – o outro, misto de tanta coisa pouco limpa – roupa, cabelo, chapéu, mãos e pés dos condutores, exalações dos muares e natural fétido do canal do mangue, que se torna inútil querer combatê-lo (DOLORES, 20 de agosto de 1905, p. 1).

Um ano depois, durante outro período de festas e grande movimento da cidade em função da Inauguração do Congresso Pan-americano, renova suas críticas à ineficiência do transporte público e à prestação desses serviços. Comenta que “a vida é febril e todos têm pressa”, por isso há um grande fluxo de pessoas pelos bondes, sendo, na sua maioria, “passageiros exasperados contribuindo com seu rico dinheiro para a prosperidade das companhias de bondes”, os quais se deparam com “a indiferença e lentidão dos cocheiros e motorneiros”. Carmen Dolores explica que essa falta de eficiência dos profissionais faz parte da “indolência provinciana” dos trabalhadores brasileiros. Além

disso, critica, também, a falta de paradas estabelecidas na linha de Botafogo e a conseqüente atitude individualista de passageiros que pedem parada a cada dois passos. Para a jornalista, como o movimento aumentou em uma proporção estúpida, é preciso tomar providências urgentes, principalmente porque à noite a situação piora com o cansaço do motorneiro (DOLORES, 29 de julho de 1906, p. 1).

Ao longo dos anos outras reivindicações para a melhoria do transporte público apareceram, como esta, publicada no domingo seguinte ao carnaval de 1907:

Os bondes é que fizeram da volta de cada qual para suas casas o mais angustioso martírio. Caminhavam caravanas em busca do apetecido veículo – e nunca havia lugar! Os carros eram insuficientes e os assaltos assumiam caráter verdadeiramente bélico, ocupando seis e sete pessoas o mesmo banco, moças ficando em pé nos estribos, um aperto e uma confusão indescritíveis, agravados ainda em cima pela pilherias de certos máscaras já *good esprit*, por motivo de repetidas libações, de modo que essas viagens de regresso nos bondes representavam uma legítima tortura (DOLORES, 17 de fevereiro de 1907, p. 1).

O fragmento nos permite inferir que suas denúncias, nesse sentido, apenas despertavam a atenção dos leitores comuns e não a dos governantes atingidos com suas críticas, pois quase nada era feito para sanar os problemas.

4.1.3.3 A violência urbana e a falta de segurança pública

Com o crescimento das cidades, o aumento da população e a falta de sinalização (ou mesmo de treinamento para os condutores de veículos no trânsito do Rio de Janeiro), o número de atropelamentos aumentou consideravelmente. Carmen Dolores, às vezes, transformava a notícia objetiva trágica da folha do jornal em um comentário poético construído com a linguagem figurada que tão bem conhecia. Em 1906, tece o episódio do atropelamento de Andrada e Silva, o qual resultou em morte:

“De onde vens? Para onde vais? Em que antro moras?...”

Isto escrevia Juvenal, nascido sob Calígnta, em Aquim, na Itália. E hoje, entre nós, tais palavras não destoariam, diante da mal fadada sorte desse

Andrada e Silva, que, de acidente em acidente, rolou pela vida até acabar sob um bonde. Esse veículo fez as vezes do ébrio ou do furioso encontrado na via pública pelo pobre: a despeito da humildade do desclassificado, cujo corpo magro se estendia sobre as pedras na postura da suprema desesperança, o bonde pisou-o, quebrou-lhe os ossos, esmagou-o todo. Escolheu para vítima esse que fora enxotado da nobre fileira social dos cavaleiros e andava errante pela cidade, em busca do níquel para comer ou da compaixão para se salvar... Dizem que esta não lhe faltou. Que sei eu?!... A compaixão humana tem formas tão singulares, que raramente salva os que dela precisam. [...]

Não creio que tenha tido um passado tão brilhante esse Andrada e Silva, que o bonde matou quando ele já era um cadáver moral.

Não, não teve. Era aliás um moço – tinha só 30 anos – e jamais conheceu os deslumbramentos das alturas, onde a sorte parece fixar-se e eternizar-se como um sol radioso sem possível ocaso. Mas era inteligente, lícido, e pode, no seu meio, sentir o lento horror, da sua degradação, da qual, entretanto, nunca pode levantar-se, até que a morte o colheu (DOLORES, 04 de fevereiro de 1906, p. 1).

A personificação do bonde capaz de pisar, quebrar os ossos e esmagar o atropelado parece reforçar a ideia da humildade, da miséria moral e econômica em que vivia a vítima de apenas 33 anos, a qual mendigava o pão de cada dia para sobreviver. O símbolo da modernidade vale mais do que a própria vida dos humildes e miseráveis, apesar de inteligentes e lícidos, que vagueiam pela cidade enquanto assistem à sua própria degradação.

Outros casos de violência nas ruas efervescentes do Rio de Janeiro também são denunciados por ela, principalmente as atrocidades que resultam em mortes violentas, como este caso de assassinato colhido por ela nas folhas do jornal:

Foi de certo um poema de horror. E no ambiente azul desta capital, ao rumor dos seus elétricos e carros de luxo, entre o esfuziar dos risos e ditos de espírito nas confeitarias da moda, senhoras passando garridamente em *toilettes* claras pela rua do Ouvidor, toda a vida moderna vibrando,

polvilhada de luz, numa sucessão de quadros variados e jubilosos que lembram um colossal cinematógrafo da civilização, como parece extraordinário e incompreensível que se possa morrer desse modo atroz, a dois passos unicamente da nova, da grande Avenida!

A outra vítima sucumbiu ao primeiro tiro, ainda calmo, sem sofrer; mas esse mísero Torres morreu trinta, cem vezes; levou uma eternidade resumida em horas a agonizar e expirar, enquanto a brilhante cidade folgava, na sua inconsciência feliz (DOLORES, 12 de novembro de 1905, p. 1).

O que chama a atenção é a relação que ela estabelece entre a violência urbana e a modernização da cidade. O processo civilizatório parece atingir somente a burguesia, como ela coloca em outra crônica, um ano depois: “Enquanto a burguesia discute arte... Um salteador assassina um roceirinho que vinha trazendo seus animais... Na Tijuca” (DOLORES, 15 de julho de 1906, p. 1). Em 1909, narra, poeticamente, muito emocionada, o assassinato de dois jovens adolescentes. Fato real que ela presenciou na esquina da rua Uruguaiana com a rua do Ouvidor em pleno movimento festivo da cidade. A vivência do fato triste flagrado por seus olhos atentos despertou a subjetividade da escritora, da mãe e os sentimentos de compaixão feminina afloraram de tal modo, que a objetividade da jornalista perdeu espaço para a subjetividade da escritora:

Quarta-feira, deixando para trás o formigueiro alegre da Avenida Central, seguia pela rua da Uruguaiana o *fiacre* descoberto em que eu ia, quando estacou à esquina da rua do Ouvidor, detido pela rumorosa passagem do préstito de estudantes que caminhava entre descuidosas troças e gargalhadas para o largo da... Morte. Ficou o *fiacre* encravado mesmo na fila do galhofeiro cordão: e eu, debruçada, via bem ao alcance dos meus olhos e dos meus risos toda essa mocidade exuberante de seiva que ali marchava – algumas carinhas tão novas e lisas, que ainda eram quase infantis; outras faces apenas penugentas em que o buço apontava; e rostos morenos do norte, rostos claros do sul. vultos franzinos, vultos compridos, desproporcionados pelo crescimento, com os punhos magrinhos saindo fora das mangas já curtas dos casacos; toda uma menina, em suma, simpática,

despreocupada, cheia do alvoroço próprio da idade e correndo, ao gracejo como um bando álcere das esperanças juvenis da pátria e da família.

Em todas as bocas despontavam sorrisos complacentes, bondosos, entre o povo. Sentia-se que cada um daqueles rapazes representava a parte de um coração de mãe, talvez inquieto a essa hora, à ideia do seu pequeno metido nessas histórias de farsas acadêmicas, sempre um pouco imprudentes e tumultuosas. [...]

E os acadêmicos passavam, passavam... Das fileiras partiam gritinhos finos, simulando ataques de nervos, ou choros comicamente exagerados, ou badaladas da sineta, marcando o movimento do préstito, ou risadas comunicativas de gente nova... O carro venceu um pouco a onda final e, soerguendo-me, eu avistei à entrada da rua do Ouvidor a massa compacta dos moços que chegava ao largo de S. Francisco, ao drama, ao punhal de emboscada perto da igreja para mergulhar em gargantas de dezessete e dezoito anos, ainda intumescidas de risos inofensivos.

Meu Deus! Que horror!...

O meu *fiacre* fez a sua corrida rápida, logo voltou e, no entanto, ao cruzar de novo a rua do Ouvidor teve ainda de estacar, mas já diante de grupos desordenados de rapazes lívidos, chorosos, fora de si, dirigindo-se ao palácio presidencial – porque os crimes nefandos já haviam sido perpetrados!

Quanto custa a criar e educar, um filho, e com que rapidez, contudo, a faca de um boçal sicário elimina assim da existência um ente tão precioso e querido! Um golpe certo de mão adestrada, instrumento vil, e cai por terra o corpinho sangrento, exânime; outro cai mais adiante; e lá vão os dois cadáveres em cima de uma maca para a mesa das autópsias, para o embalsamento e para a solidão do túmulo, esperanças cortadas, futuro aluído, bocas enegrecidas pelas violetas da morte imprevista, quando as enrubesciam há pouco as rosas da adolescência e da vida, em todo o seu lindo viço!... (DOLORES, 26 de setembro de 1909, p. 1).

Contudo, a emoção e a subjetividade abrem espaço para a crítica direta, objetiva e irônica quando quer denunciar a ineficiência e a corrupção da polícia:

De fato, logo que há crime, roubo, sarilho, apitos, clamores, os repórteres dos jornais chegam correndo, aos bandos, mas os delegados, os inspetores e as praças de polícia aparecem marchando a passo lento, isolados, como que atacados desse estranho mal de fundo nervoso que paralisa os músculos da locomoção (DOLORES, 13 de maio de 1906, p. 1).

Se, por um lado, denuncia a desorganização da corporação policial, a falta de empenho para uma atuação eficiente, de outro lado, ironicamente, acrescenta: “[...] não me parece que nos devamos queixar muito do vagar tradicional que retarda sempre a chegada dos denominados defensores da ordem pública”. Em seguida, explica que, desde a infância, guarda “um doentio terror de tudo quanto tem o título oficial de autoridade”. Receia “[...] mil abusos cruéis, mil incoerências, injustiças, arbitrariedades, coisas inconfessáveis e acobertadas pelo bruto poder da força que jamais discute nem explica os seus atos”. Porém, nos dias em que escreve esta crônica, ela acredita que: “o que nos deve terrorificar é antes que ela chegue cedo demais, exercendo às avessas e sob a proteção do mistério as funções que lhe cabem, isto é, assaltando ela própria e roubando, em vez de impedir os assaltos pelos que tem por obrigação combater”. Esses comentários servem para introdução de um fato lido em uma folha do Rio Grande do Sul que ela reconta minuciosa e poeticamente:

Dois indivíduos que imagino romanticamente embuçados, altos e sinistros, pedem hospitalidade numa casa de família e às dez horas atacam duas senhoras, exigindo dinheiro. Uma delas entrega quinhentos reis, mas finge ir buscar outra quantia e desperta um moço que acidentalmente ali pousava e cujo socorro solicita contra os bandidos. Esse moço, espécie de herói antigo, saindo fêrvido do leito de repouso, como um d’Artagnan sem medo, acode rápido e detona o seu revólver num e noutro dos ladrões, prostrando-os mortos. E, no dia seguinte, sai em busca da autoridade policial do distrito para participar o ocorrido, mas não a encontra em parte alguma do lugar.

Oh! Senhores! Mas onde está o subdelegado? Onde está o inspetor do quartirão?

Indaga, procura; ninguém responde... [...] Até que, por último, alguém informa, graças a Deus! Que as duas autoridades tinham saído à noite para uma diligência e, diante disto o d'Artagnam decide-se a levar alguns vizinhos como testemunhas do acontecimento fatal.

Ora, quem reconheceram esses vizinhos como sendo os bandidos estirados sem vida a casa das senhoras assaltadas? O subdelegado e o inspetor, tendo ainda o primeiro apertada nos dedos, que a morte enrijara, a nota de quinhentos mil réis, objetivo da *diligência policial* efetuada essa noite...

Num tom de galhofa, justifica sua afirmação inicial de que a lentidão e os atrasos dos representantes da segurança pública poderiam proteger cidadãos de bem, vítimas da corrupção dessas mesmas “autoridades”. Se em casos como o narrado acima reconhece que, dentro dessa categoria, há policiais corruptos, em outras ocasiões reafirma seu apoio aos policiais trabalhadores, corretos, que desempenham suas funções sob ordens de seus superiores, enquanto os que detêm o poder continuam por trás de suas escrivatinhas em seus escritórios luxuosos apenas mandando em ambos os lados dos que se embatem na luta nas ruas. Ela questiona se esses policiais também não são “nossos irmãos” trabalhando, cidadãos brasileiros, patricios, assim como o povo que faz manifestos reivindicando direitos. Ao discutir a questão da repressão policial contra esses manifestantes sugere prudência antes de “destruir todo o princípio da autoridade em uma capital quase cosmopolita, onde o elemento popular arruaceiro é composto de tudo quanto de pior nos vem do estrangeiro, vasa das velhas civilizações, de envolta com nosso próprio pessoal de vadios e desordeiros, já numerosos?”. Incrível é a atualidade dos fatos narrados por Carmen Dolores em 1909, a ponto de se repetirem expressões que foram ouvidas na mídia sobre os episódios ocorridos, em 2014, nas ruas brasileiras:

Levamos a falar em *nossos irmãos, nossos irmãos* ameaçados pelos brutais soldados – e porventura não são também esses pobres soldados outros irmãos nossos, desafiados pela fúria popular, insultados, escarnecidos, apupados, e devendo entretanto conservar uma impassibilidade sobre-humana?

É simplesmente atroz! Então um policial não é um homem, um cidadão brasileiro, um patrício? Comandava por exemplo uma força, por ordem superior [...]

Pois, leitores, em verdade lhes digo que este imprudente processo traz sérios perigos para a nossa segurança – e hão de vê-lo muito breve, uma vez que o povo aboliu todas as passadas submissões e hoje faz aquilo que entende por justiça com as suas próprias mãos alucinadas (DOLORES, 24 de janeiro de 1909, p. 1).

Sua análise das situações vivenciadas no seu tempo sobre os perigos da nossa segurança, seguindo um raciocínio tautológico, bem podem ser aplicada à realidade dos nossos dias. Lembremos do trágico embate entre docentes e policiais ocorrido, em maio de 2015, na capital do Paraná, onde dezenas de cidadãos, professores, reivindicavam seus direitos e foram reprimidos, atacados e feridos por policiais, esses também trabalhadores, mas sob as ordens de autoridades superiores, como o governador Beto Richa. Ao longo dos cinco anos e meio em que atuou em *O Paiz*, Carmen Dolores não apenas defendia constantemente e repetidas vezes a atuação dos policiais, como o fazia lançando mão de variadas ferramentas, ora de linguagem conservadora identificada com o sistema vigente, ora contestadora, mas sempre convicta de que a violência aumenta na medida em que a cidade cresce e a segurança pública deve receber mais atenção dos governantes.

4.1.3.4 A preservação do meio ambiente

Outro aspecto que a faz ser visionária é a sua preocupação com meio ambiente, ou seja, com a crescente devastação da natureza provocando enxurradas, desmoronamentos nas encostas e enchentes, interferindo no clima, na poluição das águas, enfim, no bem-estar dos cidadãos. Os temas são tão atuais, que, por vezes, o leitor dos nossos dias precisa voltar à data do jornal para certificar-se de que a matéria não é sobre acontecimentos do século XXI: Por exemplo, em janeiro de 1906, em meio às intensas chuvas de verão, ela escreve:

Começou este pobre ano perseguido pela voz clamorosa das enxurradas e das enchentes. Juiz de Fora, transformado em Veneza, Campos, mirando-se num mar revolto, Petrópolis, a diluir-se em água e tédio, o próprio Rio, afogado em lodo, dão-me o espetáculo de uma natureza

desorientada, que não sabe mais a quantas anda.
(DOLORES, 21 de janeiro de 1906, p. 1).

Durante o período de abertura de grandes avenidas na área urbana do Rio de Janeiro, tece críticas ferrenhas que fazem ao governo incompetente. Frequentemente, ao falar da transformação da cidade, denuncia a falta de coerência dos governantes com a derrubada das árvores nas ruas para ceder espaço para avenida e prédios. O lamento da cronista se faz ouvir na personificação das árvores. (DOLORES, 22 de julho de 1906, p. 1). No mês seguinte, continua com sua defesa das árvores abafa tudo, todas as manifestações em jornais, ela de se autodefine:

Eu, coitadinha de mim, que cai em lastimar a sorte das soberbas árvores desse jardim, abatidas criminosamente... [...] E assim desprotegida, desabrigada, pura brasileira, devendo por força contar algum tamoio entre os meus antepassados guerreiros, eu tenho de curvar-me irremediavelmente à qualificação lançada aos que em nossa terra amam os jardins, que são verdadeiros jardins de sombra e doçura
(DOLORES, 12 de agosto de 1906, p. 1).

Na luta para impedir a mutilação das árvores nas áreas centrais do Rio de Janeiro, Carmen Dolores assume um posicionamento ecofeminista. Ou seja, entende os crimes contra o meio ambiente como uma forma de opressão da natureza, assim como relaciona essa dominação exercida pelos governantes com a opressão de gênero e de raça, ao se colocar como “coitadinha [...] desprotegida, desabrigada, pura brasileira”, descendente de tamoios.

E ainda na defesa da não mutilação das árvores do passeio público conclui: “[...] Eu prefiro que não me achem civilizada, a ser vândala profanadora e sacrílega [...]” (DOLORES, 12 de agosto de 1906, p. 1). A ironia, enquanto ferramenta de linguagem usada para defender seu ponto de vista, pode ser tão devastadora quanto o ataque direto, pois pode constituir uma forma sutil de denunciar um crime, neste caso, ambiental, e imputar a culpa àqueles que detêm o poder político.

Em 1907, a ferramenta de linguagem passa a ser o sarcasmo:

Não faltarei agora ao dever de felicitar aos dirigentes desta cidade e a confraria do “Amém” pelo triste mal que atacou o arvoredo da Avenida Beira Mar, ainda tão novo e belo, coitadinho! [...]

O mesmo mal acometeu as palmeiras do mangue [...].

Denuncia o desmatamento em nome do progresso em todos os lados da cidade, cita vários lugares, sempre “felicitando” o governo pela sua incompetência. E conclui: “Diante de tanta devastação, a mãe natureza deliberou acabar ela própria com o que parece incomodar por este modo as classes dirigentes de nossa cidade” (DOLORES, 17 de fevereiro de 1907, p. 1).

Em 1908, mesmo que não fosse ouvida pelos governantes, insistiu na defesa do meio ambiente quando viu que “[...] empregados dos serviços de reparação das linhas telegráficas derrubam as árvores das avenidas [...]”. Argumenta que as árvores que estão derrubando são “proteção dos transeuntes contra o sol, proteção do canal, cujas águas precisam de sombra para não secarem tão rápido no verão [...]” (DOLORES, 02 de fevereiro de 1908, p. 1).

Assim, antecipou uma discussão sobre a crise ambiental que só muitas décadas depois tornou-se uma preocupação de toda a população, a partir dos inúmeros problemas de caráter alarmante gerados pelo descaso com a conservação. Não nos parece que ela já tivesse consciência dos riscos de vida no planeta para as gerações futuras, mas sabia que o descuido, a devastação e a poluição poderiam danificar o meio ambiente de forma irreversível e comprometer a qualidade de vida dos cidadãos.

4.2 REMINISCÊNCIAS POÉTICAS: ESCRITA E VIDA

Quando no interior da obra se encontra a figura refletida de um autor que se coloca também como leitor, um autor que comenta o que leu, que escreve porque lê ou por ter lido, feito à nossa imagem e semelhança enquanto leitores, se aclara em nós a consciência do papel da leitura com relação à própria escrita e à motivação profunda do ato de escrever.

(Davi Arrigucci Jr. *Enigma e Comentário*, 1987, p. 227)

Novamente batemos nas mesmas teclas, relacionando a vida e grafia, ou melhor, falando de uma das faces dos apontamentos biográficos da escritora, foco do capítulo 3. Podemos chamar de

bi(blio)grafia¹³³ de Carmen Dolores a longa lista¹³⁴ de autores e algumas poucas autoras citados(as) por ela no *corpus* de análise deste capítulo. Cabe ressaltar que essa coletânea de reminiscências é limitada e incompleta. Contudo, a prática da escrita da cronista acaba por contribuir na sua autobiografia literária, no sentido de nos deixar conhecer a leitora que ela efetivamente foi, deixar saber a quem escolheu ler e como interpretou o que leu.

Por meio do trabalho de citação ela nos revela um mapa de leituras que ficaram na sua memória, mostra-nos um panorama das contribuições da sua formação intelectual e, ao comentar o que leu, podemos, às vezes, perceber sua perspectiva crítica e estética.

Concordando com a superação da noção de fontes e influências,¹³⁵ não vemos a presença dos autores clássicos, ou mesmo a

¹³³ Usamos aqui um termo de Compagnon (2007, p. 112), significando uma espécie de “modelo de autobiografia”, sobre o qual ele discorre em um capítulo do livro *O trabalho da citação*.

¹³⁴ A título de ilustração, apresentamos apenas os nomes dos autores citados, literalmente, por ela no *corpus* de análise definido neste capítulo: **Autores citados várias vezes:** Alberto de Oliveira, Cervantes, Dante, Eça de Queiroz, Flaubert, Guerra Junqueiro, Molière, Musset, Ramalho Ortigão, Shakespeare, Victor Hugo, Zola. **Lista de autores citados algumas poucas vezes:** Alexandre Dumas, Alexandre Herculano, Alphonse Kar, Andersen, André Theuriot, Arthur Goulart, Augusto de Lima, Balzac, Bossuet, Byron, Lamariti; Camões, Casimiro de Abreu, Charles Perrault, Chateaubriand, Coelho Netto, Commerson, Daudet, Destouche, Dickens, Duclós, Dumas Filho, Erasmo, Euclides da Cunha, Fenelon, Gorki, Goulart de Andrade, Hamilton, Hoffmann, Homero, Virgílio, João do Rio, Jonathas Swift, Julio Diniz, Julio Gama, La Fontaine, Lamartine, Leon Tolstoi, Filemão e Baucis, Lutero, Goethe, Ovídio, Paul de Kock, Paul Ginisty, Paul Hervieu, Perrault, Petrarcha, Pierre Loti, *Pierrô e Colombina (personagens)*; Raymundo Correia, Rochebrune, Rousseau, Schopenhauer, Sthendal, Swinburne, Voltaire. Além desses, fez alusões a outros autores que não nomeia, inserindo citações sem a referência.

¹³⁵ O estudo das influências dos autores – que se tornavam fontes para novos escritores – foram os estudos iniciais desenvolvidos na literatura comparada, superado posteriormente, quando a atenção se voltou para os processos de leitura – individual e coletiva do texto literário – na linha da estética da recepção. Além disso, noções relacionadas à dialogia – da perspectiva de Bakhtin – como: relação de um enunciado com outro enunciado; diálogo entre textos como condição própria do discurso, portanto, uma abertura maior na noção de “texto”; “conjunto social considerado como um conjunto textual”; acabaram com constituir uma teoria fechada sobre o texto – sobre a literariedade essencial, em detrimento da função referencial. Daí a tendência de apenas

grande quantidade de autores(as) citados(as) nas crônicas de Carmen Dolores como fontes e influências ou heranças literárias. A frequência com que Carmen Dolores insere suas leituras literárias na escritura cronística, no máximo, nos leva a pensar na literatura como uma “fonte de inspiração” para sua reflexão crítica sobre o cotidiano. Mais do isso, acreditamos que a presença das reminiscências poéticas na escritura da cronista é uma estratégia de escrita que ela efetiva por meio do trabalho de citação.

Olavo Bilac, em entrevista a João do Rio, em junho de 1907, expõe o pensamento dos intelectuais da época sobre a construção da literatura brasileira: “Nós nunca tivemos propriamente uma literatura. Temos imitações, cópias, reflexos. Onde o escritor que não recorde outro escritor estrangeiro, onde a escola que seja nossa?”.¹³⁶ O que, em parte, também pode explicar a frequência com que as leituras literárias de Carmen Dolores aparecem em suas crônicas.

A cronista estabelece diálogos intelectuais através da sua escrita por um processo intertextual. E, na análise se seus textos, é possível mapear traços biográficos da mulher leitora que permeia o conjunto de citações.

Arrigucci Jr. (1987, p. 228), leitor de Borges, discorrendo sobre o ato de “decifrar o enigma da origem da literatura”, aborda a problemática da identidade do autor, quando esse se revela leitor entremeado na “tessitura de seus textos feitos quase sempre a partir de

substituir as velhas noções de “fonte”, de “influência” e “fontes literárias” para designar as relações entre os textos literários. Ainda sobre a relação entre textos, também Barthes (1988, p. 75) alertou, no ensaio “Da obra ao texto”, que o intertextual “não pode confundir-se com alguma origem do texto: buscar as ‘fontes’ e ‘influências’ de uma obra é satisfazer ao mito da filiação [...]” (Cf. COMPAGNON. *Demônio da Teoria*. 2003, p.111-112). Cabe lembrar também o que afirmou Foucault (2008, p. 162), no livro *A arqueologia do saber*: “mas buscar no grande amontoado do já dito o texto que se assemelha ‘antecipadamente’ a um texto ulterior, procurar por toda parte para encontrar, através da história, o jogo das antecipações ou dos ecos, remontar até os germens primeiros ou descer até os últimos vestígios, ressaltar alternadamente, a propósito de uma obra, sua fidelidade às tradições ou sua parte de irredutível singularidade, aumentar ou diminuir sua cota de originalidade, [...] são passatempos simpáticos, mas tardios, de historiadores de calças curtas”.

¹³⁶ Olavo Bilac em entrevista a João do Rio, em junho de 1907, publicada pela revista BULA na seção entrevistas em 05/12/2008. Disponível em: <<http://acervo.revistabula.com/posts/entrevistas/joao-do-rio-entrevista-bilac>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

outros textos”. Apesar de Carmen Dolores não se colocar como personagem autora e/ou leitora nas suas obras ficcionais, como o faz Borges, por meio de disfarces, ela é uma cronista-leitora que se insere na configuração das crônicas por meio de um extenso trabalho de citação também assinado por um sujeito da enunciação que se expõe na vitrine com um pseudônimo. Ainda de acordo com Arrigucci Jr. (1987, p. 118-119):

Toda citação [...] é também uma imagem: um instantâneo, um ponto de vista sobre o sujeito da enunciação, uma cópia ao natural. É uma visão do autor e um detalhe de sua biografia. A constelação das citações compõe um quadro que equivale ao frontispício.

Nesse sentido, a autora cria, nesse conjunto de crônicas, uma autobiografia desviante,¹³⁷ grafa a subjetividade, escreve o conhecimento intelectual e literário de um sujeito feminino que parece querer deixar as marcas da sua existência, como quem abre um caminho. Carmen Dolores parece saber que: “escrever-se é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando sua diferença na atualidade” (RAGO, 2013, p. 56). Mesmo que, naquele momento, as lutas feministas fossem pela igualdade.

Sua erudição comprova, por exemplo, a igualdade de capacidade intelectual entre homens e mulheres em uma época em que a pretensa

¹³⁷ Apesar de ser uma discussão interessante, ela não cabe nos limites desta tese. No entanto, acrescentamo-la apenas a título de comparação com o que pensamos sobre a questão de ser uma autobiografia ficcional de Carmen Dolores. Barthes (2004, p. 207-208), no ensaio sobre “Pierri Loti” (Pierre), afirma que o uso de pseudônimos em literatura é banal e que o interessante é o “outro”, “aquele que é e não é o seu personagem, aquele que é e não é seu autor do livro”. Considerando que o próprio signatário do livro é “falso”, então: “De quem é a história? É a história de quem? De qual sujeito? Na própria assinatura do livro, pela adjunção desse segundo Loti, desse terceiro ‘*scriptor*’, faz-se um buraco, uma perda da pessoa, muito mais complicada do que a simples pseudonímia”. Várias vezes, ao longo desta pesquisa, ficamos tentados a entrar na questão: de quem é a biografia? De quem são os dados autobiográficos que encontramos nas crônicas? Carmen Dolores é a autora que assina os textos. Mas essa é, em si, uma “invenção” de Emília – que nada assina. A questão é muito mais complexa do que parece ser, como afirma Barthes, no livro *O grau zero da escrita*, sobre a criação de Julien Viaud (*scriptor*), ou como a discute Foucault (2008, p. 104-105) no livro *A arqueologia do saber*.

inferioridade dos conhecimentos e das competências femininas ainda era uma realidade – se a elas fosse dada a mesma oportunidade e as mesmas condições de estudo. Como podemos observar na abrangência das informações literárias e críticas, apresentadas comparativamente, em poucas linhas; assim como no diálogo que ela estabelece entre um fato passado e outro semelhante no presente da enunciação:

Bastou entretanto que o Dr. Azurém Furtado falasse, como Mahomet, e o terror dos sulfitos espalmou a sua garra adunca e negra sobre a nossa população, que enfiou, tremeu e olha hoje para a bebida favorita nos anseios da vacilação, parodiando a meio fatal monólogo de Hamlet: “Beber ou não beber?... Oh! Que fazer?!... [...]”

Escreveu um dia Ramalho Ortigão que Guerra Junqueiro era na poesia portuguesa, como fora Victor Hugo, antes do exílio, em França, e Swinburne em Inglaterra, o porta-estandarte do espírito novo. Efetivamente árduo e belicoso, vibrante, audaz, dominador, sem temer encolerizar curas e cônegos com seus versos irônicos e cáusticos, onde contudo, se encontra esta ideia tão finamente espiritualista e elevada:

Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

.....

Sim, creio que depois do derradeiro sono

Há de haver uma treva e há de haver uma luz

Para o vício que morre ovante sobre um trono,

Para o santo que expira inerte numa cruz...

O grande poeta encantou com um poder sugestivo ainda mais vivo o coração da mocidade, quando compôs a *Morte de D. João* e a *Musa em Férias*. Nos seus poemas cantou a irrequiescência atrevida da alma moderna, cheia de dúvidas e cheia de paixão.

E é todavia a um homem destes que movem agora no Porto um processo ridículo, com todas as suas ferrenhas e obsoletas alicantinas, e o irritam, e o condenam a 30 dias de prisão!

Estranha sorte, a de alguns homens de letras, justamente os mais célebres, os que conseguem fundar uma escola com seu talento, como, por exemplo, Flaubert, que teve de responder a juízo pelo crime de ofensa à religião e à moral, ouvindo

discutir o seu admirável romance *Madame Bovary*, hoje, proclamado no mundo inteiro uma obra prima.

Estigmatizando a literatura realista, berrava o promotor público, inflamado e convencido, a citar com indignação prudonesca as mais belas cenas do livro de Flaubert:

Tendes, senhores, três grandes culpados diante deste tribunal: M. Flaubert, autor do romance; M. Pichat, gerente da *Revista* que o publicou, e M. Pillet que o imprimiu.

Mas estes últimos vêm em segunda linha: o principal acusado é Gustav Flaubert, que escreveu um livro mau, que ultrajou a moral pública e a religião – e para ele deveis reservar todo o rigor da vossa severidade...

Pobre e excelente colosso, esse adorável Flaubert, consciencioso até a tortura do seu próprio eu, e honesto, puro, de uma sensibilidade quase feminina voltado todo para o culto do real e do vivido, que a sua extraordinária observação estudava nas suas mais sutis nuances! Nem há livro mais moral, do que esse que mereceu num tribunal de Paris tão violenta discussão.

E passou-se isso em 1857. Outros processos semelhantes têm havido, mas nenhum mais ruidoso. Agora finalmente, 50 anos mais tarde, Guerra Junqueiro aparece condenado por crime de liberdade de imprensa...

Homens de letras, jornalistas, poetas! Acautelai-vos... (DOLORES, 14 de julho de 1907, p. 1).

Discutindo questões, tantas vezes mais retomadas ao longo do século XX na crítica literária, no longo fragmento que aqui transcrevemos, a cronista não deixa de mostrar a sua indignação com os eventos “injustos” do seu ponto de vista, nos quais homens de letras célebres tem que responder em juízo por “crimes” cometidos em literatura.

Com sua costumeira ironia, encerra a crônica com seu “conselho” aos profissionais da área, além de uma “alfinetada sutil”, pois mulheres, como ela, sequer são reconhecidas, por isso também é aos “Homens” que ela recomenda cautela. Mesmo os sentidos implícitos do enunciado emergem a partir do referencial, pois, como bem explica Foucault (2008, p. 103), no livro *A arqueologia do saber*:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.

Por outro lado, o longo fragmento também nos permite perceber a importância da leitura para quem escreve. Arrigucci Jr. (1987, p. 228) assevera que “a leitura está na raiz da invenção”.

4.2.1 Funções da citação na crônica

Flora Süssekind (1992, p. 357), ao discorrer sobre a crônica teatral na virada do século XIX para o XX, afirma que os cronistas, de modo geral, expressavam sua capacidade retórica com “tiradas que parecessem inteligentes”, com “a proliferação de citações literárias ornamentais”, tanto para aumentar sua confiabilidade de crítico, quanto para impressionar os leitores, para “realçar os contornos do próprio perfil intelectual”, em suma, para promover o seu “nome” profissional. Para nós, o trabalho de citação efetivado por Carmen Dolores ultrapassa a simples ornamentação, ou a sua exibição retórica – apesar de isso ser uma prática comum entre os cronistas que lhe eram contemporâneos. O modo como a citação é feita pela cronista nos permite pensar nesse trabalho como uma estratégia de escrita. Esse, contudo, pode ter várias funções, as quais aparecerão ao longo deste item.

Uma citação pode ser apenas um operador de intertextualidade, pois, como afirmou Kristeva (1969, p. 146): “Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”. Compagnon (2007, p. 158), posteriormente, a partir dos estudos sobre Borges, joga com a ideia de que “tudo já foi dito”, e nos propõe a escrita como “reescrita, no sentido de citação, imitação, alusão, intertextualidade”, metáfora, movimento, trabalho, investimento do autor que antes foi um leitor. (COMPAGNON, 2007, p. 15-34). Situada no cotidiano da cidade, Carmen Dolores trata das pequenas coisas, casos corriqueiros observados na rua, às vezes lidos no jornal, que passariam despercebidos, ou seriam facilmente esquecidos se ela não descobrisse a poesia no trágico, na dor, na lágrima, na juventude expressa em metáforas, em hipérboles e, principalmente, nas comparações entre a literatura e a realidade. Como podemos observar no fragmento da

crônica a seguir, o fato foi lido nas páginas policiais de um jornal carioca daquela semana e a cronista busca uma “saída literária” (no duplo sentido) para atrair a atenção do leitor: cita outros escritores que abordam o mesmo tema e constrói seu próprio texto poeticamente:

Um nosso poeta pintou com vibrante sentimento o efeito milagroso de uma lágrima, de uma simples lágrima sob o seu coração cheio de cólera, onde a indignação dos zelos ou da ruptura havia apagado toda a chama do amor:

Para me desarmar a alma irritada
foi bastante uma lágrima
ou o pingo d’água
que em teus olhos vi...

E voltou-lhe a doce lembrança dos passados sonhos, dos sorrisos, dos olhares lentos e afogados em ternura, exprimindo mais eloquentemente o desejo e a paixão que todas as palavras e juras mais ardentes e solenes.

Na verdade, o pranto feminino foi sempre meu poderoso auxiliar do amor, com a condição, bem entendido, de nunca se tornar repetido, excessivo, monótono, piegas, rezingueiro e vulgar, pois desta maneira serve apenas para enfasiar aquele que deve entender ao mesmo tempo que avermelhada e umedece pouco sugestivamente o nariz da galante cheirosa.

Neste caso, em vez do beijo comovido e reconciliador, surge a oferta de um lenço:

- Assoe-se, minha doce amada, e depois faça o favor de deixar-me em paz, sim?...

Mas umas lágrimas silenciosas, verdadeiras, magoadas, rolando vagarosamente por uma face pálida de dor ou de ansiedade, e que imploram perdão de alguma culpa ou solicitam piedade e consolo para a angústia que revelam na sua muda linguagem – que grande meio de ação sobre a alma mais empedernida! E como são comunicativas! O experiente Rousseau escrevia: *Rien ne lie tant les cœurs que la douceur de pleurer ensemble.*

Pois bem: tudo isto a respeito do pranto feminino aparece desmentido pelo fato da semana em que a crueldade do homem no amor ainda uma vez tomou duro relevo.

Eram, contudo, uns olhos de dezoito anos, olhos de primavera e de esperança, que choravam nesse quarto, onde se refugiara a paixão, a princípio triunfante, por ter vencido todos os obstáculos e princípios de moral, mas logo cedo cansada e enfurecida contra as responsabilidades assumidas. E ela ficava sozinha com as suas lágrimas, enquanto ele voltava à devassidão passada. Até que num dia Lovelace surpreendeu o choro e a dor... Comoveu-se, como o poeta da lágrima? Sentiu que as suas próprias pupilas se empanavam e umedeciam, na terna comunicabilidade do pranto, conforme sentenciou Rousseau?

Qual! O conquistador moderno não chora, faz somente chorar, e goza as lágrimas que provoca, em requintes satânicos.

Puxando a amante pelas mãos trêmulas, o Lovelace regalou-se inefavelmente de contemplar esse pobre rosto contraído e alagado de pranto; em seguida, escarrou-lhe em cima, esbofeteou-o, bateu-lhe, bateu-lhe com impaciência, com raiva – martirizou, enfim, com a máxima brutalidade a vítima do seu amor passado e do seu ódio presente...

Felizmente que o modernismo tem suas vantagens ao lado de muitas desvantagens. Uma heroína antiga de semelhante cena tombaria vencida pela horrível perversidade; mas a heroína moderna, mais prática, sabe correr ao delegado de polícia e oferecer para corpo de delito o seu próprio corpo de maltratada, moído de pancadas, e as suas infindáveis lágrimas, que dantes escorriam de tristeza e hoje escorreu de vingança.

Será bem justo que castiguem o Lovelace; mas há mesmo penas para tais delitos?...

Dúbito. A justiça é feita pelos homens e raramente favorece a mulher (DOLORES, 07 de maio de 1905, p. 1).

Nessa prática, o apelo do texto alheio é inseparável da própria escrita, sobretudo se entendermos por esta a produção de um diálogo de natureza literária – que não exige a conversação face a face – mas que se constrói no interior do novo texto. Nesse fragmento, ela dialoga com Rousseau e demonstra, na prática, como a afirmação do grande filósofo não se aplica mais à realidade carioca dos seus dias. Seus argumentos

evidenciam que a cronista escreve da perspectiva feminista, ressaltando as possibilidades de defesa que a mulher moderna tem diante da violência do homem, denunciando a violência doméstica contra a mulher, denunciando o fato de as mulheres ainda não terem conseguido exercer as profissões relacionadas à lei, à justiça e os homens fazem as leis de modo a manterem o seu poder patriarcal.

Outra função da citação como estratégia de escrita de Carmen Dolores, também dialógica, joga com a competência literária e cultural do leitor de Carmen Dolores. No fragmento acima, em versos, a cronista faz alusão a “um nosso poeta”, cita seus versos, mas não o nomeia. Ela rasura a noção de origem ao não citar a autoria. Deixa, assim, para o leitor o trabalho de completar a referência citacional. Como afirma Compagnon (2007, p. 19): “lendo, eu acrescento ainda. Pode-se imaginar que a cadeia não se interromperá [...]”.

Além disso, ainda nesse fragmento, a cronista transgride as fronteiras do gênero – que já é, por natureza, híbrido – mesclando prosa, versos e discurso ensaístico. Os versos despertados na memória pelo “fato da semana” ressurgem como tema romântico sobre o qual discorre até chegar à citação de Rousseau. Passa, então, a narrar, da forma mais clássica possível como “eram, contudo, uns olhos [...]”. Na finalização da “história”, no entanto, a cronista volta a opinar sobre o fato, deixando implícita a marca da sua voz de mulher que denuncia uma questão de injustiça de gênero.

A transgressão das fronteiras do gênero crônica – como a colocamos acima – não é uma norma no conjunto de crônicas com que estamos trabalhando, mas, predominantemente, Carmen Dolores desenvolve cada crônica dividida em três partes distintas. Nas duas primeiras, ela trata de questões da atualidade, debates sobre temas polêmicos nos meios intelectuais, fatos da semana, casos policiais lidos nos jornais, vivências próprias na vida social da elite ou resultantes de suas viagens, etc. Na última parte, trata, na maioria das vezes, de crítica de arte em geral. O que interessa ressaltar é que todas essas matérias, embora jornalísticas, nos são apresentadas pela via de suas reminiscências poéticas. Isto é, a cronista toma o leitor pela mão e o conduz à reflexão, vai entrando no assunto (por mais trágico ou doloroso que seja) a partir de uma referência literária e, quando já o sente preparado, lembra-lhe o fato real que, muitas vezes, ele já sabe, já leu dias antes no mesmo jornal. Por que então ele relê o fato com interesse? Pelo modo **como** ela o reconta, ou o comenta.

Carmen Dolores basicamente desenvolve suas crônicas em forma de narrativa ou em forma de comentário. As narrativas, mesmo quando

recontam um fato real, acabam poéticas em face do uso de figuras de linguagem, da expressão da subjetividade desses “personagens”, proporcionada pela analogia com os contos, com trechos de romances, com os mitos, e, até, com versos que ela cita. Os comentários, por sua vez, se configuram como um discurso ensaístico marcado ideologicamente (às vezes implicitamente) pela perspectiva feminista,¹³⁸ mas, por outro lado, pela classe branca e burguesa.

A reflexão sobre sua biblioteca autoral, que retorna como reminiscência, parece ser constante, pois ela busca na literatura aquilo que é útil para avaliar e compreender a vida circundante,¹³⁹ assim como para refutar ideias que, de algum modo, os homens usaram para denegrir a imagem da mulher e manter a suposta “superioridade” masculina. Vejamos, neste trecho, como retornam as afirmações Schopenhauer:

Dizia Schopenhauer que os homens são entre si indiferentes, mas que as mulheres, por natureza, são inimigas. Basta que se encontrem na rua, para trocarem olhares de goelas e gibelinos... Entre nós, Schopenhauer está destronado e suas doutrinas perderam, felizmente, a importância que a maldade masculina tantos anos celebrou. Ele falava tais horrores do sexo fraco! (DOLORES, 09 de setembro de 1906, p. 1).

Temos aí outra função da citação no texto crônístico de Carmen Dolores, a de arrancar a citação do livro lido, ou seja, do seu contexto passado, e trazê-la para o novo texto, ampliando essa ideia contida no fragmento para o contexto presente e, concomitantemente, denunciando o preconceito de gênero explícito no discurso do autor lido. Como Souza (2011, p. 11) esclarece sobre Walter Benjamin, enquanto colecionador de citações, ele “lê e coleciona, desloca a tradição, por um processo simultâneo de conservação e destruição”.

¹³⁸ Mais à frente desenvolveremos a questão do posicionamento feminista de Carmen Dolores.

¹³⁹ Cabe lembrar que, na virada do século XIX para o XX, duas explicações sobre o poder da literatura, de sua utilidade e de sua pertinência predominavam no pensamento cultural: a definição clássica de que a literatura deleita e instrui; e a definição surgida no Século das Luzes e aprofundada pelo romantismo de que a literatura é “um instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia” e que ambas “contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo” (COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Tradução de Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p. 37-45.

Por outro lado, as afinidades literárias¹⁴⁰ de Carmen Dolores não nos parecem como ecos ou influências de estilo nas suas crônicas; elas estão explícitas no texto da crônica em forma de citações literais. E o modo como ela atualiza e (re)significa os textos poéticos que colhe nos livros mais nos parecem “declarações de afeto” aos autores lidos e à própria literatura. Vejamos o modo elogioso como traz para o seu texto o “esplêndido conto de Zola” e o narra, a seu modo, estabelecendo a relação entre o texto literário resgatado com afeto e outro fato do cotidiano:

Surgiu esta semana, entre nós, com foros de realidade, o assunto do esplêndido conto de Zola, intitulado *Jacques d’amour*. E bom seria que, no caso, improvável, creio eu, de tornar-se verídica essa ressurreição de um marido desaparecido, pudesse a embaraçada e aflita esposa encontrar no redivivo a mesma generosidade cheia de abnegação que resolveu tão felizmente a perplexidade angustiosa da heroína do conto a que me refiro.

Jacques d’amour, com efeito, reaparecendo faminto, maltrapilho, misérrimo, encontra a mulher no gozo do mais farto bem estar com o segundo marido – um pletórico e jovial velhote, do qual já teve ela duas filhinhas. E é o bom humor do velhote que salva a situação. Mostrando alegremente ao redivivo a abastança da sua casa comercial, a prosperidade da esposa e a ternura das crianças, o velho parece perguntar ao inesperável se ele é capaz de substituir todos esses elementos de uma existência tão agradável... O primeiro marido sente tristemente que não, acobarda-se e retira-se...

No caso presente, agitado estes dias pela imprensa, que mais poderá pretender esse ressuscitado – se de fato ele existe?

A felicidade primitiva – essa absolutamente acabou não voltará. E já que tantos anos permaneceu ele pelos sertões perdido ali, errante acolá, só lhe vejo remédio e um consolo: torne para lá e imite a esposa na reorganização de um

¹⁴⁰ Entendemos por afinidades literárias o conjunto de autores que ela citou com bastante frequência ao longo dos cinco anos de colaboração em *O Paiz*, já identificados anteriormente.

lar. Escolha algum casamento pelas múltiplas formas modernas, que tudo conciliou. É, *en attendant*, como a história não parece real, o que permite a galhofa, o redivivo que vá cantarolando o mormaço do sertão nortista:

*J'ai perdu mon Eurydice,
Rien n'égale ma douleur...*

(DOLORES, 19 de fevereiro de 1905, p. 1)

Carmen Dolores, nessa crônica, parece entender que “a leitura aparece como forma de mediação entre o narrador e seu mundo” (ARRIGUCCI, 1987, p. 230). Há, aí, um duplo processo de citação: o conto de Zola e o fato jornalístico lido na imprensa. O processo de criação de suas crônicas, por um lado, traz as marcas das leituras literárias preferidas que descortinam as janelas para as paisagens do mundo e, por outro lado, deixa transparecer a proximidade entre escrever e viver naquele contexto da capital brasileira em processo de modernização.

Apesar de, na década de 1930, Walter Benjamin¹⁴¹ ter explicado os vários sintomas do declínio da narração com o advento do mundo moderno, na década de 1980, Davi Arrigucci Jr., refletindo sobre essa questão na literatura brasileira, reconhece nessa a persistência da forma narrativa próxima à tradição da narrativa oral:

[...] o narrador continua nos contando histórias, apesar de tanta desconfiança moderna com relação à narrativa e seus modos de ilusão. Isto, decerto, só confirma a necessidade de pensarmos nossos textos em seu contexto concreto, em toda a sua complexa particularidade, o que implica, na maioria dos casos, a necessidade de se compreender a natureza literária da *forma mesclada* e suas intrincadas relações com o processo histórico-social do desenvolvimento desigual (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 49).

¹⁴¹ Walter Benjamin(1985), no ensaio “O narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, discorre sobre o desaparecimento do narrador oral em face tempos modernos – marcados pelo: avanço do capitalismo; ascensão da burguesia; industrialização e consequente abandono do trabalho artesanal; invenção e desenvolvimento da imprensa; valorização da informação de rápida assimilação e afirmação do gênero romance. Nas metrópoles modernas, em contínua transformação, a existência individual já não deixa espaço para a constituição da experiência (*Erfahrung*).

Em algumas crônicas de Carmen Dolores, a sua competência na arte de narrar é evidente. Semelhante à Sherazade, a cronista enlaçava o leitor já nos primeiros parágrafos com o fio de uma história bem contada, de outros tempos, normalmente lidas em alguma obra clássica, cuja autoria nem sempre citava:

A propósito, porém, de deuses, lembro-me da conhecida lenda mitológica de Filemão e Baucis, os dois esposos que envelheceram juntinhos na paz e no amor, sempre tão unidos que o derradeiro apelo de ambos a Jupiter, ao sentirem aproximar-se o termo da longa existência, foi para que nem mesmo a própria morte os pudesse jamais separar. Transformou-os o poderoso deus em duas belas árvores alterosas – e ficaram assim os dois, lado a lado, o tronco rugoso e duro, a cabeleira de neve mudada em verde cúpula de folhagem, ninho de pássaros amorosos e fecundos, mas em suma juntos, juntos sempre... (DOLORES, 23 de julho de 1905, p. 1).

Quando já sentia o leitor bem atento à sua história, valia-se do recurso da analogia comparando os “causos”, aqueles trazidos da sua experiência de leitora, lado a lado com aqueles vividos na realidade da vida carioca dos seus dias. “Ora, pensando nesta fábula, entrei a considerar como seria possível realizar o caso de um bígamo, como esse, por exemplo, cuja história referem os jornais dos últimos dias” (DOLORES, 23 de julho de 1905, p. 1). E, pela memória do lido, a cronista fixa por um instante a ficção resgatada do passado e atualiza a moral da história com um caso do presente, relatando-o com muita ironia, dado a prática machista da bigamia ser aceita socialmente, até pelas duas mulheres no papel de esposas do mesmo homem:

Sensível era o homem, tanto que, não bastando as exigências da sua alma uma só esposa, ele amarrou-se quase que simultaneamente as duas... Carinhoso também devia ser, pois que a ambas contentava com os arroubos da dupla afeição, mantendo-as com iguais regalias em domicílios diferentes.

Alternativamente terno, apeteçiam-lhe igualmente *la brune et la blonde*, mostrando-se na altura dos dois temperamentos diversos, hoje ardente, olhos de brasa e gestos de impetuosa paixão, amanhã sentimental e doce, citando La Martine entre

suspiros e desfolhando languidamente rosas brancas...

Satisfeitas assim as duas índoles de esposa, esse bígamo era sem dúvida muito amado e na terra desfrutava a rara felicidade sultanesca do amor sem monotonia nem fastio. Corressem os anos nesse harmonioso equilíbrio de duas forças paralelas, o Filemão chegaria à velhice com duas Baucis idênticas no desvelo e na ternura, velhinhas como ele e ansiosas para nunca o deixarem – exatamente quais a Baucis da mitologia. Que sucederia, então, se um Júpiter aparecesse, onipotente e bom, pronto a contentar-lhes os derradeiros votos, à hora solene da morte? Transformá-los-ia num *trio* de copa das árvores? (DOLORES, 23 de julho de 1905, p. 1).

Carmen Dolores resgata as imagens de lendas mitológicas, que servem de fascínio para o leitor por uma série de elementos do imaginário, e vai construindo uma espécie de quadro paródico bem realista, instigando o leitor – um interlocutor imaginário – a participar da construção desse quadro quando o questiona, ou fazendo-o imaginar as consequências se os rumos da lenda se aplicassem ao caso presente:

Ai do Filemão, se tal acontecesse! Aí é que ele descobriria os inconvenientes da bigamia. A princípio atônitas, as duas árvores que o flangueassem não tardariam a manifestar os sintomas de uma furiosa rivalidade, cuja exasperação atingiria às camadas inferiores da terra. [...]

Nos cimos das árvores bígamas, uma segunda tormenta estaria vergastando violentamente as largas ramagens, que rugiriam de indômito ciúme, de excitada raiva procurando alcançar-se, enroscar-se, confundir-se, arranhar-se, por cima do vasto cabeço de Filemão humilhado e triste... (DOLORES, 23 de julho de 1905, p. 1).

As histórias contadas, citações indiretas, às vezes, lembram o narrador das crônicas medievais – que contava a história a partir da sua sabedoria prática, das histórias coletadas na tradição oral, da sua experiência do trágico, das perdas e da dor. No entanto, como afirma Arrigucci (1987, p. 53-54): “O cronista moderno, é claro, está mais perto dos fatos do dia do que da tradição oral ou histórica, como comentarista que é dos acontecimentos do cotidiano; mas de vez em

quando retoma, por assim dizer, a *persona* de seus ancestrais”. Já no ensaio “Durante muito tempo fui dormir cedo” (1978), publicado posteriormente no *Rumor da Língua*, Roland Barthes (1988, p. 285) comenta a indecisão de Proust entre comentar ou fabular diante dos incidentes da vida cotidiana. Ao interpretar, seguiria o caminho da crítica; e, ao narrar “um antes” e “um depois”, ligaria os incidentes, desenvolveria as impressões, teceria a narrativa. Mesmo sendo um gênero literário completamente diferente – e sem comparar os textos dos dois autores – é interessante notar como Carmen Dolores consegue mesclar em uma mesma crônica a narração e o comentário sem perder “o fio da meada”, assim como o faz na finalização do caso do bigamo comparado à lenda de Filemão e Baucis:

Mas todo esse drama foi poupado felizmente ao bigamo da semana, cujo caso se manteve nas raíais triviais da vida moderna e muito chata.

Nem ele envelheceu, nem tanto tempo permaneceram as duas metades sem descobrir que formavam um todo, resultando da descoberta o costumeiro sarilho da delação, da política e do xadrez.

Assim é que os apreciadores da mitologia não terão ainda desta vez o regalo de analisarem num fato real e palpitante o estranho caso de um Filemão entre duas Baucis...

Um pouco de paciência e acabarão por gozar esse requintado prazer (DOLORES, 23 de julho de 1905, p. 1).

Completa, assim, com um comentário a sua paródia de uma lenda mitológica, usada como estratégia para discorrer sobre um fato da semana. Em outros momentos, sua estratégia narrativa era invertida. Começava contando o fato ocorrido no cenário real – o qual funciona como instrumento para despertar sua biblioteca mental:

Assim, há apenas oito ou nove dias, ainda no subúrbio, um chefe de família que palestrava entre os seus foi acometido repentinamente de uma síncope.

Calculam todos o terror, o alarido, a busca angustiada de um médico, na esperança da volta à vida desse ente tão caro e necessário no lar. Pois debalde bateram à porta de quatro esculápios, porque nenhum deles assentiu em socorrer a vítima do ataque, acontecendo mais que nem para passar a certidão de óbito, no dia seguinte,

qualquer dos quatro ainda se moveu, dando-a de longe, sobre a base das informações levadas por um parente – o que é um cúmulo de indignar. O terrível foi para a família, ao lado desse ente querido, cuja morte não havia sido finalmente verificada *de visu* por um facultativo – a família não ousava fazer inumar o falecido, no susto de um fim aparente; e só quando apareceram os primeiros sinais de decomposição, é que deixou sair o enterro. Entre parêntesis, essa dolorosa cena me lembrou a daquele admirável conto de Coelho Netto, *Os velhos*, onde a companheira do defunto velou o corpo apodrecido, na esperança de uma morte aparente, até chegar a negra revoada de urubus. Oh! Que estupenda página! (DOLORES, 24 de janeiro de 1909, p. 1).

Implícita nessa narrativa, que só aparentemente é simples, está uma cronista que denuncia as péssimas condições de assistências à saúde dos suburbanos. Mesmo que, às vezes, procurasse ser solidária com os mais pobres, com a sua luta pela sobrevivência, com suas penúrias, o ponto de vista de Carmen Dolores é da classe dominante – àquela a que pertence – e, outras vezes, os preconceitos enraizados conduzem seu olhar para a sujeira do ambiente, para a vestimenta em trapos, para os cabelos desgrehados, para a libidinagem nas atitudes, para a descompostura, para o clima e a falta de saneamento que desfavorece a higiene. É nesse sentido que a vivência da realidade no subúrbio do Rio de Janeiro a remete ao *Inferno* de Dante e às telas de Rembrandt, por exemplo:

Tenho visto ruas feias, ruas mal calçadas, pobres, sinistras, antipáticas, mas em tempo algum encontrei uma mais feia, nem mais pobre, mais sinistra e antipática, do que essa de Itapirú, que percorri toda, de uma a outra extremidade, e sob um sol mormacento e implacável, calcinante, atroz [...] a luz infernal, violenta [...] conheci essa tal rua de Itapirú, começando ao lado do Rio Comprido, entre a empestada ruela de um esgoto nauseante e certa venda familiar aos cocheiros dos bondes locais, e seguindo interminável, torta, subindo e descendo, pelo meio de barrancos a pique, pardacentos e tristes, de paredes decrépitos, de muros esburacados e de casas velhas, até Catumby.

Mas que viagem! Era uma visão dantesca, sob um hálito de fornalha; visão de melancolia, de desesperança e de depressão vital. Num sentido oposto ao do conhecido ditado de Nápoles a formosa, eu repito baixinho persignando-me com terror:

Veder Itapirú e puoi morir... Para nunca mais tornar a vê-la!...

Aqui, um miserável antro em cima de uma oscilante varanda em plena ruína, escancarando para a via pública o seu interior asqueroso, de um realismo a Rembrandt, onde homens sórdidos e incléricos coziavam as pernas encruzadas ao lado de mulheres descabeladas, suadas, de braços, nus, torcendo roupas em tinas de barrela.

Ali, num parapeito de grades desconjuntadas, colchões rotos secavam ao sol, fraternizando com umas cobertas esfarrapadas, enquanto, na calçada, crianças macilentas e marcadas pelo impaludismo crônico, brincavam molemente, entre galinhas fastientas.

Os próprios cães arrastavam-se entorpecidos naquele ambiente malsão. E das casas mais abastadas, de janelinhas estreitas, à moda antiga, abrindo para jardins mirrados, [...] uma cabeça feminina surgia à porta, pálida, murcha e desgrenhada (para que apuros de *toilette* em semelhante estagnação?) mas interrogativa. O condutor, porém, só um teve um gesto evasivo e cabeceou mais forte, sentado à porta de um banco, congestionado e sonolento.

Para que cerimônias e etiquetas naquela rua, que abre um parêntese na cidade alegre? [...] sempre entre a mesma triste perspectiva de pardieiros, de casas vesgas, de terrenos áridos, de jardins requeimados de sol.

Um estranho aqueduto, nunca visto, surgiu todo negro, em antigas arcadas leprosas, ligando a rua a não sei que caminho em plano distante. E uma confusa angústia, uma opressão, um mal-estar cresciam no espírito... [...] (DOLORES, 05 de novembro de 1905, p. 1).

Além dos preconceitos de classe, implícitos no modo como se refere às pessoas que habitam o subúrbio e no seu “mal-estar” naquele ambiente, também lhe chama a atenção, a raça das pessoas, as quais

surgem como uma “visão africana” súbita – habitantes de uma “terra gretada de calor” em contraste com o lugar com “outras paisagens suaves e refrigerantes” para onde ela deseja ir. A simples referência já é marca de preconceito, pois marca a diferença do que ainda é inferiorizado naquela sociedade. Já no seu destino privilegiado vai poder viver, respirar, pensar inteligentemente e deliciar-se com a existência:

Subitamente, uma visão africana, Argelia, Congo, S. Philippe de Benguélla, Dakar, S. Luiz de Senegal, que sei eu?... Muros brancos, zimbórios brancos, escadarias e capelas brancas, rebrilhando entre cactos e palmeiras cor de bronze, numa refulgência de luz ardente, sobre o fundo pardacento da terra gretada de calor e do céu de chumbo, pesado e imóvel como um céu de condenados da Divina Comédia, de Dante. [...]

E, com inexplicável alívio, fui deixando-o para trás, para longe, [...] fui pensando em outras paisagens suaves e refrigerantes, onde as casas riem para um sol caricoso, entre verduras tenras e molhadas [...] e as águas límpidas cantam poemas e baladas [...] e a gente vive, a gente respira, pensa inteligentemente, goza em suma a inefável delícia de sentir-se existir... [...]

E agora um conselho, para acabar: quem quiser fazer uma excursão ao inferno por duzentos réis, tome o bonde de Itaperú, e *Lasciate ogni speranza o voi ch'entrate*... (DOLORES, 05 de novembro de 1905, p. 1).

Para além da perspectiva de uma mulher burguesa e branca, Carmen Dolores descreve minuciosamente todos os detalhes do percurso, às vezes, supérfluos, como quem traça com cores uma tela realista. Barthes (1970, p. 173), em *S/Z*, explica que “o artista realista não coloca em absoluto a 'realidade' na origem de seu discurso, mas, unicamente e sempre, por mais longe que se remonte, um real já escrito, um código prospectivo, ao longo do qual não aprendemos nunca, a perder de vista, senão uma cadeia de cópias”. Carmen Dolores, por um lado, reconta uma narrativa ficcional lida em Dante, que já é “efeito de real” (Barthes);¹⁴² por outro lado, ela reconta a sua viagem infernal –

¹⁴² No ensaio “Efeito de Real”, do livro *O Rumor da Língua*, Roland Barthes (1988, p. 158-164) aponta em Flaubert o “efeito de real”, ao destacar a descrição minuciosa que o autor faz de “detalhes supérfluos” como “substâncias simbólicas”. Para ele, “[...] toda a descrição é construída com vistas a aparentar

análoga à ficcional – vivida alguns dias antes, “um código prospectivo” que ela (re)significa, criando uma cadeia – não de cópias miméticas – mas de citações. Podemos entender que o que Carmen Dolores cria nas suas crônicas é, valendo-nos da explicação de Compagnon (2003, p. 110), “[...] uma ilusão do discurso verdadeiro sobre o mundo real. O realismo é, pois, a ilusão produzida pela intertextualidade”. E essa se efetiva pelo trabalho da citação.

4.2.2 A crônica como espaço de trabalho e de luta quixotesca

Contrariando vários intelectuais entrevistados por João do Rio em *O Momento Literário* que defendiam a ideia de que a prática do jornalismo “mata a sua arte literária”, conforme explana COSTA (2005, p. 19-21), o texto da crônica, para Carmen Dolores, é o espaço da escrita onde as referências estão em movimento, “um lugar de trabalho” (COMPAGNON, p. 161), uma situação em que a cronista investe na composição a partir da analogia da sua biblioteca mental e da sua realidade circundante. Citar não significa aceitar um estatuto menor para o trabalho de compilação, mas, ao contrário, tentativa de valorizar determinado aspecto para contribuir na formação cultural dos leitores e, concomitantemente, a analogia entre literatura e realidade contribui para que a escrita de Carmen Dolores seja poética. É dessa forma, por exemplo, que ela expõe a sua identificação com Dom Quixote:

E agora à vida, que a vida não para, agora à máscara, à luta, à discussão, ao riso que não é riso, ao torneio que não é combate, e no qual nem ao menos se ganha na ponta da lança em riste a clássica argolinha das triunfantes cavalcadas da roça. Mas não há remédio senão galopar febrilmente em torno do poste árido da existência, de onde não pendem fitas, nem anéis, nem recompensas...

Pois galopemos... Chega-te, minha obscura pena de tosca madeira, sem brilhantismos nem cintilações, e sê tu a minha pobre lança quixotesca, para combatermos juntas alguns moinhos de vento (DOLORES, 15 de abril de 1906, p. 1).

[...] a uma pintura [...]”, assim “produz-se um *efeito de real*, fundamento desse verossímil inconfesso que forma a estética de todas as obras correntes da modernidade”.

Como mulher cronista está em permanente combate, debate com quem for preciso para defender suas ideias independentes, sua arma é a sua pena, com ela lança as palavras na coluna semanal, exerce o seu poder de atingir o adversário. A existência árida exige a luta diária, mesmo que não haja recompensas, nem “brilhantismos, nem cintilações”.

Ao longo dos cinco anos de colaboração em *O Paiz* essa “identificação” com o protagonista da obra de Cervantes é constante, normalmente por uma alusão. Ora, nos remete ao encanto e à sedução da sua biblioteca, ora nos remete às suas lutas solitárias, ou ainda à sua inadequação ao sistema, autodefinida como “uma espécie de tola intrépida como D. Quixote”:

E eu até, a este propósito, entro a comparar com uma ponta de ironia fina, fina como um estilete, a generalidade ardente dos cumprimentos, agora que a reputação de João do Rio está firmada, e o silêncio prudente de muitos desses que hoje o exaltam, na ocasião em que se deu o insucesso da sua revista *Chic-Chic*, que só eu talvez, como cronista, eu excepcionalmente, tive a coragem de defender nestas mesmas colunas, indignada contra a fúria exagerada e injusta da crítica.

Mas, *psiu!* Essas coisas são mesmo próprias de uma espécie de tola intrépida como D. Quixote, nome que me devem dar, e que, por mal dos meus pecados, jaz, há trinta encarcerada na Torre das Sete Dores, escrevendo estas sensaborias sobre um livro de músicas apoiado no braço e contemplando o risonho esvoaçar das alegrias e agitações alheias para além do pano em que se debatem o seu tormento e a sua impaciência (DOLORES, 07 de fevereiro de 1909, p. 1).

A “Torre das Sete Dores” em que está encarcerada há trinta dias é uma referência poética à Casa de Saúde onde está convalescendo da doença que a levou no ano seguinte. Mesmo no hospital, com o livro apoiado nos braços, sua luta não cessava.

4.2.3 Diálogos entre mulheres

Entre os muitos autores homens que citou, muitos foram usados como argumentos para levar o leitor a refletir sobre questões de gênero, para denunciar injustiças, preconceitos e defender direitos das mulheres,

apesar de não ser uma regra geral. Entre as autoras mencionadas, na maioria das vezes, há uma preocupação de análise de sua obra, ou ao menos de um fragmento da obra, de um comentário crítico sobre sua atuação no campo literário. Raras vezes aparecem apenas citações, como estas que fez de Mlle. de Lespinasse, Mathilde Serao, Madame de Staël, Maria Amália Vaz de Carvalho e Julia Lopes de Almeida.

Por exemplo, apenas para enfatizar seu prazer de estar lendo Mathilde Serao, recolhida no aconchego do seu lar, em dias de chuva, quando tantos outros cronistas preferem os dias de sol, relembra o que diz Mlle. de Lespinasse sobre atos de egoísmo, como o seu nesse instante:

Disseste embora Mlle. de Lespinasse, com as suas preciosas afetações de uma bondade requintada e anti-humana, que a criatura egoísta é um monstro, não se devendo viver senão para outrem, a verdade é que a lei do instinto faz todo o mundo ocupar-se mais consigo do que com os outros. E aí de quem assim não procede, porque esses outros passam por cima do seu direito com a serenidade de quem pisa sobre insensíveis calhaus. Tanto pior se és tolo, pensam os espertos, porque te esmagarei.

Eis porque, a despeito da predileção geral pelo sol e pelo calor, eu, que sou às vezes egoísta, fico a sorrir de prazer quando chove, enterrando-me na minha cadeira de balanço com algum livro novo à mão, como agora o último de Mathilde Serao: *Histoires d'amour*, e penetrada toda de uma beatitude em que não deixa de entrar uma pontinha de vingança contra o turbilhão que aturde... (DOLORES, 15 de novembro de 1908, p. 1).

Madame de Staël,¹⁴³ por sua vez, é lembrada por suas ideias sobre a glória feminina, que Carmen Dolores correlaciona a um caso passional esdrúxulo, resultante de um triângulo amoroso:

¹⁴³ Anne-Louise-Germaine Necker (1766-1817) nasceu em Paris, casou-se com o embaixador sueco Barão de Stael-Holstein e ficou conhecida como Madame de Staël. Filha de político, Germaine foi acostumada a ver e participar de debates políticos que aconteciam em sua residência desde que era uma menina. Seus pais eram protestantes calvinistas e seus amigos, os que participavam dos debates, eram todos de tendência liberal. A escritora francesa sofreu perseguição de Napoleão por ser favorável à monarquia constitucional e por

Se contudo é verdade, conforme dizia Mme. de Staël, que a eterna glória feminina reside na paixão despertada em muitas almas, essa Ninon popular conheceu tal glória no seu ocaso e até, após a morte, conseguiu o que raras conseguem: o beijo simultâneo de duas bocas geralmente inimigas, irreconciliáveis, que deveriam morder-se sobre a sua face fria, caso não as dominasse ainda ali o incompreensível poder dessa morta pelo amor de um terceiro (DOLORES, 07 de abril de 1907, p. 1).

A Ninon popular era uma mulher já idosa, avó, que despertou a paixão do amante também idoso e careca. Enciumado, ele a mata brutalmente.

Essa pobre mulher do povo era sem dúvida uma privilegiada. Adorava-a o marido – e com que submissão de tolerante cão; estremecia-a o número um do trágico episódio; e morria, enfim, por ela o número dois, o Antonio Careca, mais intransigente que o legítimo dono, e que por zelos se fez assassino. Era, pois, um trio amoroso a incensar de continuo os passos dessa lavadeira rude que tinha os atributos de uma deusa, que se via desejada, disputada, quando netos já lhe beijavam a mão.

Certamente, muita compaixão merece a triste sorte dessa desventurada mulher. Melhor fora para ela não ter inspirado tanto, tanto amor... (DOLORES, 07 de abril de 1907, p. 1).

Entre outras questões, não há como não se referir neste trecho à denúncia implícita de violência contra a mulher por parte daquele que se sente seu proprietário. Violência extrema que resulta em óbito. A ironia maior não está no fato de a protagonista, mesmo depois de morta, ter alcançado a glória, como o disse Mme. de Staël, e, sim, na submissão do marido traído que se faz assassino do amante para vingar a mulher morta.

defender a liberdade. Dentre suas obras, se destacam: “De la litterature consideree dans ses rapports avec les institutions sociales”, de 1800; “Delphine”, de 1802; “Corinne”, de 1807 e “De l'Allemagne”, de 1810. Escreveu, além dessas obras, várias críticas literárias, romances e ensaios. Seus escritos tiveram forte influência na eclosão do Romantismo na França e também marcaram o início da crítica literária sociológica.

A escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho¹⁴⁴ (1847-1921), conhecida pelas suas obras dedicadas em defesa às crianças, também foi lembrada por Carmen Dolores, mas como um contraponto à sua opinião:

A ilustre escritora portuguesa Maria Amália, num dos seus últimos e brilhantes artigos, recriminou a literatura meridional por não se ocupar bastante com a psicologia infantil.

A alma da criança, nebulosa e inocente parece-lhe digna de maior interesse, de um mais vivo e mais profundo estudo.

Parece-me, a mim, ao contrário, que a psicologia da velhice é mil vezes mais curiosa para o espírito moderno, que busca hoje com paixão o fundo amargo dos problemas humanos.

Quem é capaz de adivinhar o que se passa numa alma de velho? Para todos, ele deve ser um resignado aos piores males, porque já foi moço, já gozou, e não tem o direito de aspirar a mais nada neste mundo. E assim, ninguém cogita de indagar se essa máscara feia da idade oculta um coração satisfeito ou insatisfeito.

Ele, por seu lado, sentindo-se incompreendido, afivela ainda mais essa mesma máscara de serenidade ou resignação mentirosa, porque teme o ridículo, teme o indiferentismo, teme o egoísmo dos novos, que o fere, que o atira, como objeto já inútil, para a outra banda da vida.

Em resumo, nada do que o contrista e o mal fere pode mais interessar os outros: e então, para que lhe serve a queixa? O velho cala-se, pois, por dignidade instintiva: o velho é sereno, é calmo...

¹⁴⁴ Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) foi uma escritora polígrafa e poetisa, autora de contos e poesia, mas também de ensaios e biografias. Colaborou em diversos jornais e revistas, publicando crônicas de crítica literária e opiniões sobre ética e educação, para além de ter analisado, com notável clarividência, a condição e o papel da mulher na sociedade do seu tempo. A sua residência foi o primeiro salão literário de Lisboa, por onde passaram grandes nomes da literatura, e da cultura, portuguesa, como Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão ou Guerra Junqueiro. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia das Ciências de Lisboa, eleita a 13 de junho de 1912. (Disponível em: <<http://www.luso-livros.net/autor/maria-amalia-vaz-de-carvalho>>)

Mas quem será capaz de decifrar o enigma moral que vive sob essa falsa serenidade? (DOLORES, 27 de agosto de 1905, p. 1).

A defesa dos velhos sempre foi uma preocupação de Carmen Dolores. Várias crônicas mais parecem estudos psicológicos da velhice. Por isso, talvez, a sugestão de Maria Amália tenha lhe despertado para a importância do tema da velhice na literatura.

Com Júlia Lopes de Almeida, Carmen Dolores dialogou em várias crônicas, desde assuntos mais restritos às suas vidas privadas, passando pela sua convivência fraternal e mútua colaboração na atuação profissional, até a intertextualidade – seja pela via da citação de uma obra, seja pela crítica¹⁴⁵ de uma obra lançada que Julia lhe oferecia. Em 1907, Carmen Dolores cita o artigo *Os abandonados*, no qual Julia descreve as péssimas condições do solo sobre o qual são construídas as casinhas das favelas que se formam nos morros do Rio de Janeiro, como mais um argumento no diálogo aberto com seus interlocutores imaginários – o seu público leitor potencial – a quem tenta convencer sobre sua denúncia social:

Admiram-se os leitores? Pensam que é mentira? Pois comprem o *Diabo* e verão pelo óculo desse terrível denunciante as gravuras que representam ao vivo as construções a dois passos do largo da Carioca, onde vivem aqueles que não se podem meter dentro do queijo da fartura. E não os desalojem, míseros deles! Senão em que casas e em que pontos há de essa pobre gente morar? Morros, cujo solo é aterrado com lixo e cacos de vidro como ainda há dias o descreveu a pena da brilhante escritora Dona Júlia Lopes de Almeida, no seu artigo *Os abandonados*, e casinhas feitas de tábuas e retalhos e de zinco, eis tudo quanto resta às classes necessitadas neste rico centro de tão cantada civilização.

Mas, ninguém vê isso dos palanques superiores. Só o diabo vê... Vi eu também com os meus olhos apesar de míopes, indo procurar uma casa para morar, *avis rara!* No aristocrático bairro das Laranjeiras, em certa rua que alia ao nome de Cabral um outro que já esqueci, e em cuja extremidade cai em cheio, espavorida e assombrada, n'uma positiva *Place des Truands* de

¹⁴⁵ Comentaremos as críticas efetuadas mais adiante.

Paris, no romance *Notre Dame*, de Vitor Hugo, onde se agitava entre pardieiros imundos erguidos ao acaso sobre montículos de areia, a mais sórdida e sinistra população de infelizes que se possa imaginar... (DOLORES, 03 de fevereiro de 1907, p. 1).

Reconhece sua miopia, mas não cala a sua voz que denuncia o descaso das autoridades políticas, assim como o contraste entre a decantada modernização da cidade com o projeto do prefeito Pereira Passos e “as casinhas feitas de tábuas e retalhos e de zinco”, em “morros, cujo solo é aterrado com lixo e cacos de vidro”. Mesmo não pertencendo a essa classe, a cronista conhece bem as agruras de procurar uma casa para alugar e não encontrar alguma que tenha condições de pagar. Por isso, talvez, reivindique, em nome deles que não os desaloje, provavelmente lembrando, alguns anos antes, a desastrosa desocupação dos cortiços no centro da cidade.

De modo geral, ao citar as escritoras, estrangeiras e brasileiras, enaltece suas obras, elogia seu talento e, sempre que possível, focaliza questões relacionadas à mulher, seja no aspecto psicológico, seja no aspecto social.

Entre as brasileiras,¹⁴⁶ causa-nos estranhamento que não tenha citado (pelo menos não nesse conjunto de 282 crônicas analisadas) Nísia Floresta, Josefina Álvarez de Azevedo, Délia, Prisciliana Duarte de Almeida, entre outras que a antecederam ou foram suas contemporâneas, uma vez que suas obras já se faziam conhecidas, principalmente em periódicos e Carmen Dolores era leitora assídua de todos os jornais, revistas e novos livros lançados.

4.2.4 Ler como uma mulher

Nos nossos dias, a expressão “ler como uma mulher” pode gerar polêmicas pela própria ambiguidade, mas não é à mulher do século XXI que me refiro, nem sequer à mulher do século XX. No seu livro *Literature after feminism*, Rita Felsky (2003,) discute a questão: O que exatamente significa “ler como mulher?”, com foco nas mulheres do século XIX. Segundo a crítica, elas liam por diferentes razões: para instrução, por escapismo, por prazer, por senso moral e pela busca da

¹⁴⁶ Outras escritoras brasileiras enviaram-lhe os livros que estavam lançando para que ela fizesse sua apreciação crítica. Estas serão comentadas no próximo item deste capítulo.

identidade social. Criou-se, então, um arquétipo de mulher leitora como uma dona de casa sonhando sobre seus dias nas páginas de novelas românticas. Contudo, Emma Bovary passou a ser, na literatura, a imagem mais popular de leitora feminina. E a literatura, predominantemente criada por homens, consolidou esse ponto de vista sobre a mulher como sentimental e leitora indiscriminada. (FELSKY, 2003, p. 31). Nesse sentido, parece que ser leitor crítico é ser masculino e ser leitor suscetível à emoção é ser feminino e, portanto, uma mulher não seria capaz de ler os implícitos, não teria competência para a reflexão crítica sobre o enunciado lido. A partir do que já comentamos sobre o modo como Carmen Dolores lia – e escrevia sua leitura – fica evidente que a cronista quebrou o paradigma de mulher leitora sentimental do século XIX e tornou-se uma leitora literária profissional.

Para além de todas essas questões relacionadas ao trabalho de citação efetuado por Carmen Dolores, lembramos Arrigucci Jr. (1987, p. 51):

Em princípio, as crônicas não pretendem ficar; são circunstanciais e sem importância literária. Por isso, são fugazes como a matéria de que tratam – os fatos do dia; como os dias, passam, confundindo-se com a matéria propriamente dita onde são impressas – descartáveis como as folhas do jornal.

Carmen Dolores, mesmo tendo consciência da falta de tempo para produzir um texto mais “trabalhado” para seu leitor – pois o disse literalmente em várias crônicas de *O Paiz* – parece saber que aprimorou sua competência poética na escrita de textos rápidos, aguçando sua sensibilidade de captar a poesia nos fatos do cotidiano. E esse aprimoramento está intimamente relacionado com o desenvolvimento da competência leitora da escritora. Sua bi(blio)grafia comentada aqui foi gerada nesse espaço, ao mesmo tempo gabinete de trabalho e biblioteca, e é a partir desse lugar que a cronista conseguiu associar reflexão sobre a literatura e observação do mundo.¹⁴⁷ Por outro lado, foi essa formação intelectual/cultural, adquirida por meio desse empreendimento de leitura, que lhe possibilitou contribuir na abertura dos caminhos para a crítica literária de autoria feminina no Brasil – o que veremos a seguir.

¹⁴⁷ Sobre sua atuação como jornalista e observadora da realidade circundante, falaremos mais adiante.

4.3 A CRÍTICA DE ARTE COMO CRÔNICA

A transmissão do texto não vem após sua produção, a maneira como ele se institui materialmente é parte integrante de seu sentido.

(Dominique Maingueneau. *O contexto da obra literária*, 2001, p. 84)

A prática da crítica literária, nos primeiros anos do século XX, tomou formas diversificadas, não só em função de suas autorias, mas também em função de sua forma de veiculação. A crítica literária daquela época não se configurava da forma como a entendemos hoje. Já falamos, no capítulo 1, que o esforço historiográfico da crítica literária ficou por conta do trabalho desenvolvido por Silvio Romero, José Veríssimo, entre outros, publicado em livros. Sússekind (1992, p. 359) esclarece que, na virada do século, a escrita da crítica ainda assumiu a forma da crônica periódica, além da polêmica entre escritores/cronistas em colunas de jornal e nós o comprovamos durante esta pesquisa acadêmica.

A grande maioria dos escritores desempenhava essa sobreposição de funções: crítico, cronista, dramaturgo, escritor e, às vezes, até, promotor de espetáculos. E isso não era visto como um problema, aliás, era comum, conforme a longa lista que Sússekind (1992, p. 360) nos apresenta. Muitas vezes eles se limitavam a escrever breves notas sobre novos livros que chegaram às livrarias e expressavam as suas opiniões conforme seu gosto pessoal ou, ainda, segundo sua simpatia pelo autor do livro. Às vezes, também comentavam a atuação daquele autor(a) na vida literária, principalmente se ele atuava como conferencista, ou dramaturgo. Por um lado, a brevidade das notas, ou mesmo a falta de profundidade da análise crítica, pode ser relacionada ao veículo fugaz a que se destinava a publicação, o jornal. Por outro lado, podemos pensar numa dessacralização da figura do crítico profissional, concomitante ao surgimento da resenha crítica com fim mercadológico, tão comum nos nossos dias.

Além da crítica literária, da crítica teatral e da crítica à atuação como conferencistas, alguns cronistas, como Carmen Dolores, também teciam comentários críticos sobre outras formas de arte: a pintura e a música. De certa forma, o(a) cronista crítico(a) era uma espécie de instrutor(a) do gosto do público leitor. Nessa perspectiva, seus textos visavam orientar o pensamento dos leitores tanto no campo ideológico, quanto artístico.

4.3.1 A Crítica de arte: “Subserviência aos juízos correntes, nunca, nunca!”

Ao tecer suas críticas sobre as mais diversas artes que conhecia a partir da sua formação intelectual, Carmen Dolores, acima de tudo, defendia seu direito à liberdade de expressão do seu pensamento, o qual ela caracterizava como independente:

Eu penso assim; quem quiser pense de outro modo, mas exigirem que vá na pegada dos mais, muito direitinha, passo miúdo para não sair da linha – essa subserviência aos juízos correntes, nunca, nunca! Nem com uma mordança, porque o meu gesto substituiria a palavra, dizendo sim ou não, ao sabor da minha ideia sincera; e se me algemassem as mãos, o sacudir da cabeça exprimiria a mesma liberdade de pensar; e só ao efeito da cocaína, morfina, clorofórmio ou o que quer que seja do mesmo gênero, eu acabaria enfim calada, inerte, e portanto, de acordo com os adversários da minha opinião. Asseguro-lhes, aliás, que isto não é teimosia ou peronismo. É simplesmente o direito da minha independência das minhas impressões, que zelosamente eu defendo contra as tiranias do convencionalismo aceito, tanto em letras como em música, pintura, tudo (DOLORES, 08 de dezembro de 1907, p. 1).

Essa característica, mais do que justa, atribuída à cronista – a sua independência de opinião – tantas vezes reafirmada por ela em *O Paiz*, foi reconhecida por toda a imprensa que lhe prestou homenagens quando ela faleceu:

Todos os jornais, ao lamentar a morte da brilhante escritora, se referiam, elogiosamente, à sua independência. Foi esse um louvor saliente, predominante, nos necrológios da imprensa; e era um título unânime que se lhe conferia, da mais preciosa das virtudes no mister do jornalismo. Não houve senão justiça; Carmen Dolores colocava acima de tudo a independência da sua opinião, a independência das suas ideias literárias [...] (ERSE, 1916, p. 46).

As polêmicas entre cronistas (muitas vezes teatralizadas, funcionando apenas como um meio de exibir cultura e angariar

prestígio) eram comuns, mas Carmen Dolores, quando se via em meio a alguma querela, assumia exatamente esse tom de discurso radical – até porque não foram poucas as vezes em que os adversários deixavam de discutir o pensamento expresso por ela e partiam para as ofensas pessoais.

Se não tivesse uma formação intelectual sólida das grandes artes e, além disso, muita coragem, ousadia e irreverência, possivelmente ela não teria escrito com tanta convicção:

No dia em que eu tivesse a certeza de não poder externar com franqueza a minha preferência acerca de qualquer das músicas executadas [...] eu me absteria de frequentar os mesmos [...] eu perderia mais [...] tenho de dar sempre a minha opinião pessoal, e da-la-ei, a despeito de tudo, de todos, da grande arte e dos delírios convencionais. Afinal, isso de convenções não é comigo, e ainda está por nascer quem me haja visto enveredar por uma trilha aberta, só porque vão seguindo por ela os legendários carneiros de Panúrgio. Não, isso não! (DOLORES, 08 de dezembro de 1907, p. 1).

De certa forma, a referência à passagem de *Pantagruel*, de Rabelais, pode ser lida em duplo sentido. Na obra do escritor francês, Panúrgio atira um dos muitos carneiros que vão com ele no navio à água e esse, balindo, chama a atenção dos demais, que começam em fila a saltar a amurada, atirando-se na água e seguindo o companheiro, porque essa é a natureza dos carneiros, sendo impossível detê-los. Seguem o primeiro, nem que caiam no abismo. Carmen Dolores não só se recusa a seguir os convencionalismos da crítica periodística, repetindo o que dizem os intelectuais homens já famosos – até por ter suas preferências e competência para criar suas opiniões pessoais – assim como ela não segue a prática de escrever somente para um público leitor feminino, prática de outras mulheres de sua época.

Quanto às suas preferências, Erse (1916) ressalta que a literatura, a música, o teatro, a arte, enfim, eram o assunto preferido da crítica de arte que ela era, mas nem por isso a cronista deixava de lado sua veia jornalística com a qual registrava e comentava os acontecimentos mais intrincados do cotidiano social, sem tomar partidos de um ou de outro:

[...] para ela a crônica deve constituir o registro do comentário de todos os acontecimentos e manifestações da vida local, julga-se obrigada a estudar as questões mais melindrosas, a opinar sobre a solução dos casos mais intrincados,

chegava-se, às vezes, a adivinhar, que tal ou qual problema lhe provocava mais repugnância que curiosidade, mais vontade de o deixar no fundo do tinteiro, que de o trazer para as colunas, onde os assuntos de arte ocupavam, naturalmente, o espaço de melhor grau concedido (ERSE, 1916, p. 46).

Vejamos a sua preferência pela música.

4.3.2 A preferência pela música

Apesar de ser profissionalmente escritora e jornalista, ela afirma que a música está entre as suas preferências de forma artística: “Tudo deixo pela música [...] Aprendi o desenho, a pintura, mas ambas essas manifestações da arte não conseguem sacudir os meus nervos mórbidos”. Sua predileção pela música a levava a assistir constantemente aos concertos, das óperas e até de ensaios do Instituto de Música. “Admiro com tranquilidade, analiso, guardo o poder da reflexão. Ao passo que a música me empolga toda, me põe a tremer, como uma vibração do infinito” (DOLORES, 20 de outubro de 1907, p. 1).

Ela não nos informa como desenvolveu seus estudos sobre todas essas formas de arte, mas os detalhes dos seus comentários críticos denotam o grau de seu conhecimento na área, identificando a “pureza do timbre”, a “emissão nos agudos”:

Quando há dias deu Nícia Silva o seu concerto no salão do Instituto Nacional de Música, o sentimento que o seu canto provocou em todo esse numeroso auditório de entendidos, de críticos, de professores e outras pessoas, foi o de uma admiração intensa, que aumentava a cada novo trecho interpretado impecavelmente pela nossa patricinha, com uma pureza de timbre, uma beleza de som, uma facilidade de emissão nos agudos mais audazes, uma maneira de dizer e uma escola, enfim, que colocam hoje Nícia no primeiro plano, como cantora. Ela é perfeita (DOLORES, 11 de outubro de 1908, p. 1).

Quando, eventualmente, queria provar ao leitor que estava certa em sua avaliação crítica, talvez para dar credibilidade à sua opinião, pedia a colaboração de um professor de música:

E não confiando só na minha opinião, colhi a de um abalizado professor, que, não obstante a sua

conhecida circunspecção, se achou de pleno acordo comigo. Mais ainda: como Nícia Silva, correspondendo gentilmente à chuva de aplausos, atacasse o trecho de *Cherubin* imediatamente após a difícil e admirável interpretação da ária *Les clochettes*, de Délibes, que exige a arte de vocalizar mais pura e afinada – esse professor, encantado, fez notar a perfeição respiratória da cantora, que trazia sem um sinal de cansaço, um ofegar mais leve do peito a dizer essas frases lindas do *Cherubin* ao sair apenas do trabalho vocal de uma caprichosa peça de concerto.

Não havia negação possível: ali estava uma artista feita e consumada; uma soprano ligeiro de raro mérito, porque a sua voz tem um volume insólito nesse gênero de vozes, às quais falta na pluralidade dos casos o vigor, que em Nícia se alia à doçura dos pianíssimos – timbre de cristal, delicioso ao ouvido como uma carícia. Ora, essa artista eximia é uma patrócia nossa, que saiu do nosso conservatório para ir apurar o seu talento com os grandes mestres de Paris, de onde nos volta a apresentar ao público brasileiro todos os aperfeiçoamentos que ganhou, certa de uma simpatia fraternal.

Brasileira, os seus triunfos são uma glória nacional (DOLORES, 11 de outubro de 1908, p. 1).

Seu incentivo às musicistas brasileiras, especificamente às mulheres como Nícia Silva (cantora), Zilda Chiabotto (cantora), Maria de Verney Campello (cantora), Olivia da Cunha (violinista), Fanny Guimarães (pianista), Paulina d'Ambrosio (violinista) é explícito. A cada *tournee* que cada uma delas realiza no Brasil, Carmen Dolores normalmente resgata sua trajetória desde os tempos de aluna, citando seus professores, seu percurso pela Europa, seu retorno e quanto os brasileiros devem aplaudi-las nesse regresso, por serem “a glória brasileira”.

E quando, eventualmente, a crítica local não era favorável às cantoras brasileiras, Carmen Dolores assumia, prontamente, a sua defesa com toda a sua ironia:

A propósito de desigualdades odiosas, não posso deixar de sorrir, trazendo a pelo uma, talvez, das mais ridículas deste tempo. [...]

Insistindo porém ainda um pouco na minha referência às desigualdades da crítica não posso deixar de aludir a um certo moço bonito que a arte aqui distingue, nefelibata em música, pobre de talento verdadeiro, mas rico de arrogância, já apanhou um título de mestre e com ele se enfeita, como um pavão.

Quanto mais o belo moço compõe nefelibatismos insossos e enigmáticos, mais crescem à sua roda as admirações e mais se lhe desenvolve o pedantismo oco. Olhava-o outro dia encostado ao vão de uma porta... *Quelle suffisance, Maitre!* Ah! Se um legítimo mestre que aqui temos quisesse falar, ele nos diria o que vale esse anjinho – compositor. Mas... Silêncio! O menino é trunfo.

Ora, diante de tudo isto, compreende-se a revolta do meu amor à justiça, que me impele a sair em defesa daqueles, cujo elevado mérito alcança entretanto menos do que o artificialismo de outros. Está claro que nenhum interesse me liga a Nícia Silva, que apenas admiro pelo seu belo talento e estimo pela sua tenacidade e pela sua coragem. Ela em breve partirá daqui – nem deve deixar de fazê-lo, tudo lho esta mostrando. E eu a perderei de vista nesses horizontes artísticos onde o aplauso não é convencional, como entre nós. Mas, desinteressadamente, como escritora sincera, direi que o silêncio de alguns diante do triunfo dessa patricinha nossa foi uma ofensa à verdade, não a ela. E acrescentarei, finalizando, que todas as ovações escritas que se seguissem a esse concerto de 2 do corrente, vitoriando Nícia e a sua auxiliar Paulina d'Ambrosio, que desencadeou um furacão de aplausos no *Trillo Del Diavolo* e no trecho para uma só corda de violino, de Bach – tudo ainda seria pouco, contraposto ao real valor de quanto ouvimos nessa noite. [...]

Mas, entre nós, como deve a minha razão parecer estranha, não é? Quer aquilo que não existe e se intitula ideal quixotesco, ou justiça e insuspeição...

Pois sim... Vá a minha razão esperando... (DOLORES, 11 de outubro de 1908, p. 1).

Que Carmen Dolores queria “fixar o próprio nome e a 'posição' enquanto crítica”, como coloca Süsskind (1992, p. 357) sobre os

cronistas que promoviam polêmicas, não discordamos, mas não apenas para impressionar o leitor, ou angariar prestígio. Há no seu discurso a marca que ela mesma denomina de “ideal quixotesco”, um senso de justiça que a impele a sair em defesa de quem tem mérito e alcança menos reconhecimento do que outros mais artificiais. O curioso é que, predominantemente, as injustiçadas que ela defende são mulheres, em todas as áreas. Assim também o fez na crítica teatral, por exemplo.

4.3.3 Representações teatrais femininas

O teatro também estava entre as manifestações artísticas que Carmen Dolores admirava e só perdia a estreia de uma nova temporada por algum motivo de força maior. Sabemos disso pela assiduidade com que noticia as chegadas das novas companhias no Rio de Janeiro e com que faz suas críticas ora como “comentários reduzidos a um ou outro adjetivo ou a volteios humorísticos”, ora como “textos que são simples registro de *toilettes* e adereços ou recados pessoais” (de modo que a crítica se dilui e vira crônica mundana), como bem descreveu Sússekind (1992, p. 365) a aproximação entre crítica e crônica. Dolores, eventualmente, fazia comentários avaliativos sobre o desempenho dos atores e atrizes. Nesse sentido, Sússekind (1992, p. 376) nos lembra que a ideia de talento, como “um dom genial”, era um parâmetro estético fundamental para a crítica de teatro da época.

O jovem colaborador desta folha, que assina com um V. não só os seus profundos artigos sobre a polícia exterior, como umas crônicas diárias, leves e brilhantes, a propósito dos nossos progressos sociais e outros, é de opinião que a polêmica travada em torno do nome da Sra. Tina di Lorenzo serviu de magnífica *reclame* à artista. Tanto melhor para o talento dela; quanto à sua formosura de mulher, não se tornava absolutamente necessário qualquer instigação, porquanto, até certo tempo, só essa beleza era a nota que servia de maior base aos entusiasmos – o que não somente devia pouco lisonjear a atriz, como também apresentava aos seus olhos os brasileiros como homens que nunca, em toda a sua vida, tivessem visto uma bela figura feminina antes da sua vinda ao Brasil. E, justos céus! Pode isto ser exato? Não protestam com despeito as

lindas cariocas? (DOLORES, 24 de junho de 1906, p. 1).

Apesar de o assunto estar relacionado ao teatro, a cronista demora a entrar na avaliação dos elementos que dão apoio ao comentário crítico, ou seja, seu objetivo primeiro é travar o debate com outro cronista que escreve para o mesmo jornal. E o que provavelmente a instiga a provocar o diálogo é o fato da crítica sobre as atrizes, normalmente, notar apenas a beleza física, a “formosura da mulher”, em detrimento da avaliação de sua atuação, de seu desempenho no papel. Além disso, para elogiar a atriz italiana, seu adversário ataca e fere as atrizes francesas.

Para Carmen Dolores, nenhuma atriz deve ser julgada pelos aspectos pessoais, mas sim pelos dotes artísticos. E o fato da maior concorrência no final da temporada estar ligado ao julgamento da boa atuação de Tina de Lorenzo seria o suficiente para o sucesso da companhia, ou seja,

Continuando, porém, direi que – se a polêmica à qual alinde V. está contribuindo para a Sra. Tina de Lorenzo ser julgada e discutida sob um ponto de vista menos pessoal e mais artístico, acontecendo assim que o seu teatro se veja mais concorrido ao fim da temporada, é o caso de se congratularem os seus inúmeros admiradores.

Mas eu, pela minha parte, confesso sinceramente que nunca visei semelhante resultado, achando que o talento deve impor-se sozinho, dispensando campanhas e defesas. (DOLORES, 24 de junho de 1906, p. 1).

É na sequência que a cronista novamente manifesta a sua voz em nome da justiça, na defesa das atrizes francesas que acabam com sua imagem profissional denegrida, na crítica elaborada por seu adversário, para que o talento da italiana ressalte, como o “ídolo do dia”, aclamado por “todo o regimento masculino aos seus pés”:

Apenas, quando atacado e mal ferido em umas pessoas, para servir de pedestal só a outras, então, sim, venha a campo quem amar a generosidade e a justiça.

A Sra. Tina de Lorenzo não precisa de campeões; chegou, olhou e venceu, vendo todo o regimento masculino aos seus pés. E a minha intenção no assunto nunca foi de negar os seus méritos, mas sim de defender as eminentes artistas francesas,

cruelmente ofendidas pelo que V. intitula com benevolência um *paradoxo* de ilustre jornalista.

Pretendi, enfim, restabelecer a verdade esquecida e sacrificada no altar do ídolo do dia, fazendo ouvir esta frase, como dirigida pelas aclamadas atrizes parisienses à sua colega italiana:

- *Vous avez du talent, Madame? D'accord. Mais nous en avons aussi...*

Foi só isto que eu quis lembrar. Mais nada (DOLORES, 24 de junho de 1906, p. 1).

Carmen Dolores não nega o talento da atriz italiana, mas sua indignação com a forma de crítica preconceituosa dos seus adversários masculinos acaba por desviar sua atenção da realização da peça, da eficiência do cenário, da adequação dos papéis às atrizes e/ou atores – como elementos de interpretação crítica de teatro.

A referência às atrizes estrangeiras que ela admira, elogia – e nem sempre tem o reconhecimento dos outros críticos brasileiros – é constante. Em 1906, durante um evento em que vários atores e atrizes aparecem numa placa comemorativa pelo teatro brasileiro, ela faz um novo protesto em sua crônica, denunciando que o sucesso é sempre o resultado da consagração de uns e o esquecimento de outros. Refere-se, especificamente, à Tina de Lorenzo como única presença feminina nessa placa, quando “tantas outras artistas célebres e ilustres deixaram a irradiação do seu talento, sem a recompensa de igual favor, de igual marca de apreço”. Começa então a lembrar de várias atrizes que passaram pelo Rio de Janeiro com seus espetáculos:

Ristori, a Maria Antonietta sem rival, a Pia de Tolmei inexcelável: Eleonora Duse, divinamente grande, apesar de seu miúdo tipo de Tanagreta – grande como a imortal verdade humana dos sentimentos que interpreta; Sarah Bernhard, a eterna triunfante! Que transporta que um ponto ao outro do mundo a gloria intelectual da França. Clara della Guardia, aqui já tão aclamada e seduzindo com o encanto pensativo dos seus olhos; Réjane, admirável encarnação da arte moderna, fina, sutil e vibrante – todas essas ilustraram o nosso palco brasileiro, deram a maravilhosa acentelha de ouro do seu gênio, mas, ai! Delas, não alcançaram a misteriosa, a excepcional graça de que só Tina de Lorenzo foi julgada digna (DOLORES, 19 de agosto de 1906, p. 1).

Ironicamente vai questionado a causa da artista italiana ter sido a única atriz escolhida para constar na placa comemorativa, sugerindo que as razões foram seus dotes físicos que “agradam às vistas” e aos espíritos masculinos, além do seu talento. Disso conclui que o sucesso não depende da afirmação do merecimento, mas de “causas invisíveis, inexplicáveis, que agem fora do claro domínio da lógica, da justiça e da razão”. É, enfim, uma charada até fácil de ser decifrada, mas para alguns, é conveniente não revelar os segredos que envolvem o sucesso – o que não é a sua opinião: “Ah! Mas tenham paciência que minha obscura voz discordará sempre do coro [...] assumo sem medo a impopularidade de minha rebeldia às aquiescências que não assentam na aprovação da minha consciência [...]”. Declara com todas as letras que se as outras atrizes não tiverem também seu nome gravado nessa placa, estarão dando margem à interpretação de que o merecimento de Tina de Lorenzo não foi pelo seu talento. (DOLORES, 19 de agosto de 1906, p. 1).

Apesar de seu jogo de palavras, Carmen Dolores parece saber que não o vencerá e termina a crônica com um prêmio de consolação às atrizes injustiçadas:

Consolai-vos, ilustres desconhecidas, porque a história vos há de vingar. Se a parcialidade mesquinha se emboscou nessa cidade contra vós, que importa isso à vossa trajetória gloriosa através [de] tantos outros países cultos, que vos rendem preito e justiça? Vivas ou mortas, o vosso grande nome não ficará gravado numa lápide do teatro brasileiro, mas, sim, na memória dos povos e na mais luminosa página da história da arte dramática nos séculos XIX e XX (DOLORES, 19 de agosto de 1906, p. 1).

Outra face feminista, além da defesa das atrizes injustiçadas e da questão da beleza do corpo feminino não ser critério de julgamento do valor profissional da mulher, aparece na análise que Carmen Dolores faz da representação da protagonista da peça teatral de Bernstein, uma mulher vítima da falsa moral burguesa. Bernstein era, para ela, um dramaturgo de “superior talento, o mais vibrante e sincero analista desta época” e, por isso, produzia sobre seu espírito “a mais funda impressão”. Nas suas palavras:

Ele é, decididamente, o másculo paladino da liberdade de consciência, da justiça e da verdade humana, contra o ferrenho preconceito, tantas vezes odioso, quando não perverso, e que hostiliza

toda a beleza moral, todo o impulso generoso ou independente, qualquer espontaneidade, que se evadem nas apertadas malhas da convenção. E só por isso, eu a adoro; e pela intensidade do seu talento, eu o admiro (DOLORES, 10 de junho de 1906, p. 1).

Comentando o enredo da sua peça *Le détour*, em cartaz, enfatiza o preconceito social e o modo como, paradoxalmente, citando Adriano Dupuy, “*A virtude é muitas vezes mais perniciosa que o vício*”.

Uma cortesã cria sua filha na mais absoluta ignorância das atmosferas impuras, tão divinamente casta e virginal como qualquer outra donzela nascida entre arminhos – e casada com um burguês. Na realidade, confia toda essa pureza que ela, cortesã, soube salvar com as suas mãos envilecidas, à guarda de uma classe onde só reinam princípios de virtude – e é contudo essa virtude que exatamente anula a obra redentora da corrupção, levando a inocente vítima do seu meio intransigente e cruel, pelos processos de uma ferocidade requintada, ao grão de desespero em que a alma mais honesta se rebela.

Marido, sogros, cunhadas, toda a família honrada e estúpida, apoiando-se em convenções burguesas, faz barbaramente pagar à doce intrusa o pecado involuntário da sua origem, condenando essa mulher casta e ingênua, em nome da intolerância moral, às indignações que revoltam e perdem.

No eloquente dizer, finalmente, da crítica, vê-se neste belíssimo drama, sem violências nem grandes recursos cênicos, *a moral corrompendo um anjo...* [...]

A sua heroína, essa pobre mártir virtuosa, vê-se exposta dia a dia, sem possível defesa, ao encarniçamento de toda a classe, decidida a maltratá-la e humilhá-la por fatos de que ela não tem culpa. E dessa longa e injusta agonia, que entenece de piedade o expectador, surge a lucidez no espírito da vítima, e da lucidez surge naturalmente a revolta.

A infeliz sonda toda a miséria moral dessa gente honrada que a espezinha em nome de preconceitos vãos; percebe a aridez e a insensibilidade egoísticas dessa tolerância burguesa, não somente má, como hipócrita; e, desesperando de salvar-se

pela inútil pureza e pelo amor ao bem, liberta-se, arrojando-se ao mal.

Em resumo, acabaram os convencionais moralistas por fazer de uma santa e ingênua criaturinha uma adúltera!... (DOLORES, 10 de junho de 1906, p. 1).

Do mesmo modo como estabelece analogia entre a literatura e a vida cotidiana, também o faz com a interpretação da peça teatral, ressaltando a representação da mulher martirizada, injustiçada pelo preconceito social.

4.3.4 Crítica às conferências literárias

A moda das conferências não lhe escapou entre os assuntos da coluna “A Semana”. Ela era frequentadora assídua desses eventos e tecia comentários críticos tanto sobre os assuntos desenvolvidos, quanto pela atuação dos(as) conferencistas.

Quando, em 1905, as primeiras escritoras e jornalistas brasileiras se aventuram nessa onda, ela fez questão de noticiar a conferência “O império da moda”, de Julia Lopes de Almeida, e comentar seu triunfo de estar numa tribuna até aquele momento “só ocupada por homens” (DOLORES, 19 de novembro de 1905, p. 1).

Um mês depois, é possível ler certo orgulho implícito no discurso da cronista ao afirmar a continuidade da “intervenção feminina em matéria de letras e artes”, com uma nova conferencista brasileira subindo ao púlpito:

Vi também que, a exemplo da Sra. dona Julia Lopes, pretende fazer uma conferência a Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos, levando assim por diante a intervenção feminina em matéria de letras e artes.

A curiosidade, entretanto, será agora menor, porque, se a distinta escritora D. Julia de Almeida fez a sua estreia em público com aquela linda preleção, D. Maria Clara já não conta mais as vezes em que tem falado e discursado perante variado auditório. Isto não impedirá que seja aplaudida, mas o momento não é também sabiamente escolhido, pelo mesmo motivo do rigor estival (DOLORES, 10 de dezembro de 1905, p. 1).

Contudo é quando chegam as conferencistas estrangeiras, como Mme. Raoul Toché, que ela amplia a crítica, caracterizando tanto a

própria conferencista como “intrépida visitante”, “espirituosa e trêfega, de uma tão linda coragem, afrontando o estrangeiro sozinha, sem desfalecimento d’alma – que o seu exemplo consola e alenta”; quanto sua experiência nada feliz em terras brasileiras. Pois aqui foi desdenhada e até escarnecida pelos atritos de uma tentativa, que seria legítima se feita por um homem, mas não o foi por ela ser mulher. E nas suas deduções sobre a possível decepção da conferencista estrangeira com a receptividade brasileira, abre uma fresta por onde sai a sua própria decepção diária com seu país, que ainda não reconhece o trabalho desenvolvido pelas mulheres, mesmo quando instruídas, inteligentes e trabalhadoras. É, provavelmente, por ser essa também a sua condição, a de mulher laboriosa e instruída, que fez com que apreciasse tanto a conferência ouvida e a elogiasse nessa crítica escrita de uma perspectiva feminista.

Não me parece que ela deva levar boas impressões da nossa terra, embora nada me tenha dito nesse sentido, com a sua fina delicadeza de parisiense. Mas eu adivinho, e sinto não havê-la conhecido antes da sua vinda, porque lhe teria dito:

- Minha cara amiga, veja bem que o meu país não está ainda preparado para compreender o papel da mulher nas lutas pela vida. Ele, por ora, só encara a mulher por dois prismas: como a velha criadeira de netos, nos fundos das casas, muito respeitada em aparência, mas na realidade apoucada como um trapo inútil, ou então como bonita rapariga, que regala as vistas. E a minha amiga não representa nem um, nem outro desses tipos. É apenas uma mulher laboriosa e instruída, que quer ganhar o seu pão. E assim mesmo tenciona ir ao Brasil? Mas que vai fazer... Nessa galera?...

Assim eu lhe teria falado, mas a verdade é que Mme. Toché não me consultou, nem eu a conhecia, senão de nome, e aqui a tivemos, e agora a perdemos. Levem-lhe estas linhas o adeus de uma brasileira que a apreciou com a maior sinceridade, como espírito vivo e finamente cultivado (DOLORES, 21 de julho de 1907, p. 1).

Na cultura brasileira, só há dois lugares para a mulher, conforme sua idade. Se jovem, só é valorizada pela aparência do seu corpo e, se idosa, já não tem valor, a não ser para tomar conta de netos, e as outras sequer existem.

Refletindo sobre esse modo como a cultura brasileira pensava o lugar da mulher no contexto social, na primeira década do século XX, Carmen Dolores também manifestou o seu feminismo possível nas críticas elaboradas sobre algumas conferências de autoria masculina, como a de Coelho Netto sobre “A mulher”, com foco na defesa do feminismo e do divórcio, em 1907; a de Enrico Ferri, que nega o gênio da mulher, em 1908; e a de Xavier de Carvalho sobre “a mulher portuguesa”, em 1909.

Segundo a cronista, na conferência de Coelho Netto, que ela julga brilhante, sobre a mulher, “[...] depois de a descrever menina, moça, casada e mãe, rematou com a mais bela e vibrante peroração a propósito do feminismo e do divórcio”. O conferencista colocou-se a favor da lei do divórcio que tramitava Senado e, para Carmen Dolores, a sua eloquência proclamava “a necessidade dessa lei libertadora, que nada tem de imoral e representa apenas um remédio para os casais infelizes” (DOLORES, 15 de setembro de 1907, p. 1). Mas é na metacrítica que Carmen Dolores manifesta o seu feminismo possível enquanto cronista:

Pois bem, nenhum jornal deu a peroração dessa esplêndida conferência literária: pararam todos, num **sublime** acordo, pararam todos... Na maternidade. Oh! Pode ser tocante, *ma non è vero*. E o que ninguém quis dizer, grito eu: Coelho Netto, o eminente homem de letras, acabou a sua última conferência lançando à sala inteira que o ouvia, a sua larga e generosa defesa do feminismo e do divórcio (DOLORES, 15 de setembro de 1907, p. 1).

“Parar na maternidade” é também enfatizar esse lugar da mulher limitado ao privado, é privá-la da liberdade de trabalhar para se sustentar, é privá-la do direito do reconhecimento de suas competências profissionais e intelectuais, é, enfim, um modo de abafar as manifestações de feminismo de pequenos grupos de mulheres ou mesmo em casos individuais. O que Carmen Dolores denuncia nessa crônica é a covardia de grupos de artistas repressores: “Esse gênero de artistas é muito menos corajoso e agressivo diante de uma cadeira senatorial do que em frente a um leve vestido feminino” (DOLORES, 15 de setembro de 1907, p. 1).

Se de Coelho Netto ela tinha apoio nas lutas feministas, com a atitude do sociólogo, criminalista e pensador, Enrico Ferri, a cronista se decepçiona malgrado as palavras acerca da mulher. Para ela, o conferencista é de grande talento, mas

ele foi injusto: tratou da sua tese sob um ponto de vista demasiado científico, talvez com uma superioridade excessiva de biologista, esquecido das evoluções modernas do espírito feminino, apurado de século em século até deixar para trás perdido em brumas, o tipo da mulher inferior, primitiva, escrava do homem e só dele vivendo, como a vinha enroscada na árvore.

Pobre criatura! Se ela continuasse, como humilde vinha, a nunca esperar arrimo senão do másculo tronco em que se enrolasse!

Os troncos são muitas vezes ociosos, estão a tombar de podres e mal podem consigo, quanto mais com os frágeis pés de vinha!

E o eminente cientista, fugindo do sentimentalismo, caiu exatamente numa comparação toda sentimental, que a observação da vida moderna e real contraria, descarnando essa ilusão de sábio.

Ele devia ter visto que, na mesma proporção há homens imprestáveis e mulheres heroicas, não lançando portanto essa asserção generalizada a respeito de uma inferioridade que não tem fundamento (DOLORES, 29 de novembro de 1908, p. 1).

Depois de vários parágrafos iniciais apontando todas as qualidades do eminente conferencista estrangeiro, a cronista sugere que ele está desatualizado, aponta a fragilidade do seu raciocínio lógico e a falta de fundamento de sua afirmação de inferioridade feminina. Dessa forma, Carmen Dolores mostra ao leitor, pelo seu próprio talento de escritora, o “gênio” de uma mulher, que o professor havia negado:

Nega o professor Ferri o gênio na mulher... Meu Deus! O gênio é coisa tão rara e tão relativa, que mesmo nos homens é difícil encontrá-lo com um caráter definido, visto como é feito de lampejos.

Quer, porém, o notável conferencista que o gênio seja a criação, a inovação de obras imortais. Mas então Ninon de l'Enclos¹⁴⁸ foi um gênio

¹⁴⁸ Anne, conhecida como Ninon de Lenclos, era uma mulher de letras, influenciada pelas ideias epicuristas, que conhecia o italiano e o espanhol e era versada em ciências. Criança prodígio no alaué, que citava Montaigne e os grandes autores clássicos, percorreu, levada por sua mãe, os salões, onde fazia sensação. (1784-c.a. 1852) (Cf. <<http://pt.wikipedia.org/>>)

transcendente, por que criou a legenda de uma eterna mocidade.

Gracejo a parte, Delphina Gaz,¹⁴⁹ depois Mme. de Girardin,¹⁵⁰ a célebre Staël, Mme. de Sevigné,¹⁵¹ que criou a arte epistolar, Judith, que cortou a cabeça de Holopherne, Joanna d'Arc, que venceu os ingleses, Sarah Bernhardt,¹⁵² na vida contemporânea, e Rose Bonheur,¹⁵³ a incomparável artista, e essa Clemence Isaure,¹⁵⁴ de um valor tão ao alcance da apreciação dos sábios – todas essas mulheres, e outras, muitas outras, dos mais vários e longínquos países, foram e são geniais. A própria Dalila da Bíblia, foi genial na criação do precioso tipo contra os Sansões... Mas o professor Ferri deve sem dúvida abominar tal forma de gênio, que dominou a força do tradicional senhor da mulher, não é assim? (DOLORES, 29 de novembro de 1908, p. 1).

¹⁴⁹ Atriz que atuou na comédia francesa “A última descoberta de um químico”, encenada no Rio de Janeiro em 1908. (Cf. <<http://pt.wikipedia.org/>>)

¹⁵⁰ Delphine de Girardin (1768-1822) exerceu uma influência pessoal considerável na sociedade literária contemporânea e no seu salão regularmente frequentado, entre outros, por Théophile Gautier, Honoré de Balzac, Alfred de Musset, Victor Hugo, Laure Junot d'Abrantès, Marceline Desbordes-Valmore, Alphonse de Lamartine, Jules Janin, Jules Sandeau, Franz Liszt, Alexandre Dumas père, George Sand e Fortunée Hamelin. Ela escreveu sob diversos pseudônimos: Vicomte Charles Delaunay, Charles de Launay, Vicomte de Launay, Léo Lespès, Léa Sepse. (Cf. <<http://pt.wikipedia.org/>>)

¹⁵¹ Maria de Rabutin-Chantal, marquesa de Sévigné, foi uma nobre e escritora francesa cujas cartas, muitas delas escritas para a sua filha a partir do Château des Rochers-Sévigné, são modelo do gênero epistolar. (Cf. <<http://pt.wikipedia.org/>>)

¹⁵² Henriette Rosine Bernhardt (Paris, 22 de outubro de 1844 - Paris, 26 de março de 1923), conhecida mundialmente por Sarah Bernhardt, foi uma atriz e cortesã francesa, já chamada por alguns durante “a mais famosa atriz da história do mundo”. (Cf. <<http://pt.wikipedia.org/>>)

¹⁵³ Rosa Bonheur, pseudônimo de Marie-Rosalie Bonheur (16 de março de 1822 - 25 de maio de 1899), foi uma pintora realista francesa. (Cf. <<http://pt.wikipedia.org/>>)

¹⁵⁴ Clémence Isaure é uma personagem medieval semilendária; a ela é creditado o estabelecimento ou a restauração dos Jogos Florais de Toulouse. Ela teria feito um legado pelo qual a cidade de Toulouse concederia anualmente flores de ouro e prata para os melhores poetas. (Cf. <<http://pt.wikipedia.org/>>)

O seu gênio de mulher está comprovado com o argumento da relatividade da genialidade humana e da proporcionalidade de homens imprestáveis e mulheres heróicas. Com a lista de várias mulheres geniais ao longo da história da humanidade, ela desvia o olhar do leitor do foco que tinha colocado sobre si mesma e ironiza o posicionamento machista do conferencista, que, com certeza, não aceita como genial a atitude criativa de uma mulher capaz de dominar a força física do macho. Sua ironia continua quando diz que ele estudou a mulher por “um falso prisma”, daí as suas injustiças contra o sexo feminino. E que suas palavras exprimem até “um grande respeito e mesmo uma viva ternura pela mulher, embora encarada como nula, fraca e dependente do homem” (DOLORES, 29 de novembro de 1908, p. 1). Ora, onde estaria o respeito se a considera nula e fraca? E conclui:

Talvez, quem sabe? Que aos seus olhos de gigante, nós, de fato apareçamos pequeninas, mais infantis do que realmente somos: mas que importa assim nos julgue um espírito superior? O desaforo é quando algum imbecil se mete nesse papel – mas ele, Ferri, não! (DOLORES, 29 de novembro de 1908, p. 1).

Xavier de Carvalho, correspondente de *O Paiz* em Paris, conta em crônica como foi sua própria conferência no salão do Centro de Progresso Feminino sobre a mulher portuguesa, como literata, burguesa, operária da cidade e dos campos, onde falaram também delegados das associações feministas da Suécia, da Holanda, da Rússia, da Austrália, da Polônia e do Canadá. Como ele fala da questão do feminismo na Europa e como a “causa internacional do feminismo vai-se desenvolvendo imenso na França, mas ainda há muito que trabalhar para se atingir aos maravilhosos resultados dos povos do norte da Europa” (DOLORES, 06 de junho e 1909, p. 1).

Diante dessa afirmação, a cronista confessa não conter o sorriso, pois, para ela, a França “ilumina o mundo”, é o “centro da intelectualidade mais ativa e onde são acatados todos os direitos de pensar e de sentir de cada indivíduo”. E vai citando exemplos de conquistas femininas em Paris, como o caso da “linda e talentosa advogada Helena Miropolski pode defender uma acusada sem medo algum das farpas do ridículo, sem a ameaça dos insultos vis, soltando a torrente da sua eloquência, usando do verbo e do gesto num tribunal de homens com plena segurança da sua profissão”; ou o caso de “Mme. Dieulafoy, a velha exploradora e arqueóloga”, que frequenta “todos os salões com os seus esquisitos e audazes trajas masculinos, sem que lhe

“passe pelo cérebro o receio de um debique ou de uma injúria”; ou, ainda, outras mulheres profissionais que atuam livremente sem serem injuriadas pelos machistas:

Escritoras, enfim, médicas, pintoras, escultoras, jornalistas, a *Sévérine* e outras, por exemplo, conferencistas, mulheres *reporters*, fazem a sua vida como querem e entendem no meio desse movimento intenso, pensante e social, que alarga horizontes e ideias, estimula a inteligência até do povo ignorante, não dando tempo a preconceitos ferrenhos, filhos das horas vazias, às críticas vulgares e ferinas, ao latido estúpido daqueles que nem compreendem coisa alguma, mas acham que devem meter o bedelho em todas as questões elevadas da época, interpretadas não raro erradamente e logo combatidas com o malho da injúria torpe e anônima, em baixo calão (DOLORES, 06 de junho de 1906, p. 1).

Diante da afirmação de Xavier de Carvalho e de toda essa realidade francesa que ela bem conhece, Carmen Dolores não perde a oportunidade para traçar o paralelo com a realidade brasileira, obviamente apontando as discrepâncias da condição feminina nos dois contextos:

Pois bem, se, vivendo num meio assim adiantado, foco favorável ao triunfo das liberdades que dignificam a criatura, Xavier de Carvalho pode achar, não obstante, que muito falta ainda à gloriosa França para conseguir os maravilhosos resultados do norte da Europa, que pensaria, que diria ele, santo Deus! Se lhe fosse dado verificar *de visu* o atraso em que nos rebolamos aqui, contentes e até arrogantes, julgando que a mulher inteligente é uma desqualificada, que a mulher que trabalha é um ente de que se devem rir até os obeliscos, que a independência do pensar é um desaforo, uma pouca vergonha e que isto assim é que é bom, está muito bem, não deve, não pode ser de maneira alguma alterado pela evolução do progresso, ou bordoadada em quem tenta essa asneira formidável?!... (DOLORES, 06 de junho de 1906, p. 1).

A forma declarada como denuncia o preconceito brasileiro, o machismo que aqui impera – lido por ela como uma forma de atraso no processo civilizatório – nos permite pensar no seu feminismo possível

nesse contexto. Se o fato de manifestar sua inteligência, ou trabalhar honestamente para se sustentar, é motivo para sua degradação moral, que a expressão do seu pensamento independente é razão suficiente para ser agredida é compreensível que não se interessasse em participar de movimentos de grupos feministas. Apesar de atuar de forma independente na causa feminista, seus exemplos são baseados na realidade circundante, de pessoas públicas do seu tempo:

Uma hábil advogada, como Myrthes de Campos, tem de engolir os contínuos ultrajes que lhe são assacados, em estilo de gajo, por homens que se dizem sérios e são apenas desaforados, cobardes no fundo da sua insolência, porque só a usam com mulheres; e Myrthes de Campos tem ainda de calar, não responder, por dignidade feminina e profissional.

O seu diploma, aliás, conquistado pelo seu trabalho e pelo seu talento, só lhe vale isso: dissabores – mais nada! (DOLORES, 06 de junho de 1906, p. 1).

Outro exemplo, que a faz sorrir ironicamente, é uma matéria da nova revista *Ilustração Brasileira*, que copiou da *Ilustração Francesa* para a sua primeira página a interessante gravura representando a advogada parisiense “Helena Miropolski, no momento em que ela defende a causa de uma criminosa, entrevista ao fundo, junto de um soldado”, falando aos jurados e todos os presentes no tribunal atentos à “palavra enérgica da jovem defensora”. Mas, junto à imagem, na revista brasileira,

[...] o vago terror do preconceito e o desejo de agradar a certas camadas intransigentes motivaram um aditamento muito engraçado e que transcrevo aqui: “Entre nós, embora já tenhamos algumas senhoras diplomadas em direito, a profissão não parece que, ao menos por agora, lhes possa convir. A única ocupação intelectual para o sexo feminino no Brasil é o magistério primário, que lhe esta quase exclusivamente entregue”. Oh! Govarinhos e Acácios! Ainda bem que vós mesmos proclamais o inefável adiantamento das vossas ideias. Mas para que, nesse caso, facultar-lhe o curso jurídico às moças, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, aceitar-lhes o duro sacrifício das matrículas, do estudo, dos exames e conceder-lhes por lei um

diploma que a autoridade acadiana anula depois com um largo gesto reprovador? A frase solene: “Não convém aqui ser advogada!” inutiliza esforços e ambições em nome... Em nome... Palavra que não sei de que... É melhor, então, de uma vez, que se não facultem cursos jurídicos ou médicos às mulheres (DOLORES, 06 de junho de 1906, p. 1).

Na sequência, descreve suas próprias dificuldades profissionais como literata em terras brasileiras e a arrogância de alguns que distorcem o que mulheres escrevem, assim como outros são incapazes de interpretar a ironia tão comum em escritoras europeias:

Em nossa terra, quando se escreve para o público, é preciso muito cuidadinho com qualquer boutade, modo irônico de tratar do assunto, evitando a grave dissertação, porque aproveitam o sarcasmo, transformando-o em cinismo, para dar pancada. Coitados! Tenho pena, mas pena, entendam-me dos que assim dão tão má prova da sua compreensão. Como interpretariam por cá as cartas de Fradique Mendes, caso o Eça fosse mulher? Sem dúvida, como imoralidades.

Se a espirituosa Mme. Emile de Girardin lançasse aqui os seus deliciosos folhetins, assinados com o pseudônimo de visconde de Launay, e em cujas linhas faiscava em *zig-zags* de ouro a mais adorável, a mais irreverente e acerba ironia, flagelando homens, costumes e fatos com um riso aparente, que escondia o látigo, representado pela sua fina pena feminina; se, na atualidade, Gyp,¹⁵⁵ a petulante Gyp, sem o talento da primeira, mas com toda a vivacidade zombeteira da pura parisiense, um pouco garota, comentasse certos hábitos e sentimentos nossos, como comenta as do seu país, com uma mordacidade tão disfarçada e gaiata, que até parece aplaudi-los, que diriam aqui alguns leitores, minha Nossa Senhora dos Aflitos? A célebre autora da *Joie fait peur* seria

¹⁵⁵ Sibylle Aimée Marie-Antoinette Gabrielle Riquetti de Mirabeau, após o casamento Condessa de Martel, que usou em literatura o pseudônimo Gyp, foi uma romancista francesa nascida em Coétsal, perto de Plumergat (Bretanha) em 16 de agosto de 1849 e falecida em 28 de junho de 1932, em Neuilly-sur-Seine. Escreveu cerca de 120 obras.

proclamada cínica; e a pobre Gyp, tão contra os judeus, seria apedrejada como judia, sem que a maioria lhe entendesse as intenções irônicas (DOLORES, 06 de junho de 1906, p. 1).

Segundo Campello (1995, p. 103), “no processo de (auto)[r]reflexão e de questionamento do seu fazer literário, é que a mulher se escreve, inscrevendo-se, e cria, recriando-se como agenciadora capaz de intervir na construção de um devir mais humanizado”. Ao comparar-se às estrangeiras quanto as suas qualidades, há sempre uma espécie de “falsa modéstia” na expressão de Carmen Dolores, mas, desta vez assume que usa do recurso da ironia nos seus artigos como forma de zombar, de denunciar conceitos alheios que lhe causam revolta. Se ela, que não tem a fama das estrangeiras, foi tão injuriada, como seriam interpretadas as estrangeiras?

Pois eu que de longe, tão longe, ínfimo verme! Contemplo o humorismo perturbador do Eça, os arabescos irônicos de Mme. de Girardin, e não me comparo à leve e ambígua escritora que é Gyp, eu, por causa de uma pesada, clara e flagrante ironia de certo artigo meu último, publicado noutro local, fui atrozmente injuriada pelo anônimo, como havendo preconizado aquilo que, justamente, meu espírito estigmatizara em frase mordente de revolta e amarga zombaria contra determinados conceitos alheios. (DOLORES, 06 de junho de 1906, p. 1).

Encerra a crônica com um convite a Xavier de Carvalho, para que visite não só o Rio de Janeiro, mas também os outros estados brasileiros, e verifique as ideias retrógradas sobre a causa do feminismo ou o direito das mulheres às garantias do trabalho e poderá verificar que, apesar das diferenças com o norte da Europa, não há o que reclamar da França.

Do exposto, fica evidente que a crítica de Carmen Dolores às Conferências literárias realizadas por mulheres e também por homens se fez feminista, enaltecendo iniciativas de conferencistas mulheres, discutindo direitos das mulheres, denunciando preconceitos impregnados na cultura brasileira, ou mesmo denunciando atitudes machistas com relação ao trabalho feminino.

4.3.5 Crítica literária de mulher, sim senhor!

Carmen Dolores recebia, com bastante frequência, tanto obras literárias de escritores famosos na época, quanto de escritores iniciantes

para que expressassem sua opinião crítica e fazia questão de agradecer o “oferecimento”. O número de autores que lhe enviaram suas obras recém-lançadas e mereceram suas impressões é relativamente grande, mas nem todas foram analisadas em profundidade. A grande maioria mereceu curtos parágrafos, às vezes, somente uma frase, normalmente sinceras. Isso significa que nem sempre eram elogiosas.

O autor cujas obras ela avaliou em maior número (e normalmente também em grau de profundidade) foi Coelho Netto. Ou seja, praticamente tudo o que ele publicou em literatura, teatro, conferências nesses cinco anos em que ela escreveu para *O Paiz*.¹⁵⁶

Como outros cronistas, ela costumeiramente não se dizia crítica, apenas expressava suas impressões, suas ideias independentes. No entanto, em vários momentos fez crítica literária de qualidade: “Como não sou crítica, dou a minha opinião despretensiosamente, sem achar que ela vale alguma coisa: mas a minha gratidão a essas ofertas é muito sincera e profunda” (DOLORES, 04 de abril de 1909, p. 1). Afirmar que sua opinião nada vale é outra forma de manifestar a sua “falsa modéstia” e, por outro lado, dizer que não é crítica, marca um clima de intimidade com o leitor; cria uma proximidade, um tom de conversa, no entanto, ela faz avaliações, juízos de valor das obras de modo a influenciar o gosto literário do seu público leitor. Sússekkind (1992, p. 361), identificando esse mesmo aspecto na crítica teatral de Artur Azevedo, diz que essa declaração está próxima de um truque retórico que marca, por um lado, “o tom de conversa ao pé do ouvido”, próprio das crônicas da época. Para Vasconcellos (1998, p. 16), escrever pequenos ensaios sobre os livros recebidos e afirmar que não era crítica, apenas deixava-se levar pela beleza, sonoridade, harmonia, encanto, correção de forma, na poesia que lia, é assumir um discurso contraditório. Porém, era exatamente essa a atitude da crítica impressionista produzida pelos cronistas da época.

Reis (1968), ao fazer o levantamento dos críticos que atuaram em 1907, elenca, além de Carmen Dolores, Julia Lopes de Almeida e Maria Amália Vaz de Carvalho (e talvez alguma outra cujos pseudônimos não têm a identidade civil da autoria identificada) como “mulheres que escrevem crítica literária”. Porém, a quantidade de crônicas citadas da primeira é bem maior que as outras duas. Na breve biografia de Carmen Dolores, destaca que ela é cronista e romancista, mas o fato de incluir tantos textos críticos da autora na sua *Bibliografia da crítica literária*

¹⁵⁶ Deixamos, nesse sentido, uma sugestão de fonte de pesquisa para quem quiser levantar a fortuna crítica do autor.

em 1907 através dos jornais significa que ele a considerava como crítica – fato que não verificamos em vários outros críticos e historiadores que a descrevem como romancista, contista e cronista.

Quanto à sua atuação crítica, Carmen Dolores declarou sua preferência pela prosa em várias crônicas, mas isso não significa que não entendesse de versos, pelo contrário, conhecia tão bem as características de cada escola que as usava para justificar por que não são do seu interesse e, concomitantemente, atender à solicitação de seu parecer por parte do autor:

[...] revelarei uma heresia – não sou muito apaixonada de versos e nem sempre eles me seduzem, preferindo-lhes uma boa página de prosa, clara, singela, e espontânea, com estilo, certamente, mas traduzindo fielmente o sentimento humano, sem artifícios de linguagem. O lirismo poético, a meu ver, encerra muito exagero, muita mentira imaginativa, muita falsa sensibilidade; ele encobre em geral, exceções a parte, naturalmente, uma absoluta aridez sentimental sob vocábulos calculados, armazenados durante longos dias, ou até longos meses, e cujo efeito certamente premeditado para exprimir emoção ausente, a intensidade pessoal que não existe, ou para servir as necessidades da rima, da forma, da ideia. [...] (DOLORES, 22 de outubro de 1905, p. 1).

Carmen Dolores referia-se à análise dos versos do parnasiano Alberto de Oliveira, dos quais destaca o “maravilhoso rendilhado da forma essa tão perfeita harmonia do ritmo”, mas, para ela, “não pode ensinar-lhe a sinceridade da emoção, o ímpeto dos sentimentos reais, vibrantes, que transbordam e se comunicam ao leitor pela corrente magnética da verdade [...]” (DOLORES, 22 de outubro de 1905, p. 1). Depois de longa avaliação judicativa de seu livro, o tom fica mais informal, uma conversa com o leitor em que dá a impressão de se desculpar por de feito sua apreciação à *vol-d’oiseau*. Afinal, o autor é membro da Academia Brasileira de Letras, onde mulheres como ela sequer são cogitadas como imortais:

[...] Longe de mim a ideia de levar a minha suspeição em matéria de versos ao ponto de negar o valor das atuais poesias do Sr. Alberto de Oliveira, poeta já consagrado pelo tempo, de reputação feita, membro da Academia de Letras, etc. Nem me cabe

autoridade para emitir a mínima crítica literária a respeito.

Isto aqui é uma simples apreciação à *vol-d'oiseau*, para conversar (DOLORES, 22 de outubro de 1905, p. 1).

4.3.6 Possibilidades de crítica literária feminista nos 1900

A crítica literária brasileira feminista, do modo como a entendemos a partir da década de 1970, resultante de pesquisas acadêmicas, obviamente, é impensável nos 1900 – quando as mulheres ainda lutavam pelo próprio direito de atuar profissionalmente ou manifestar a sua opinião intelectual em público, como falamos anteriormente.

No entanto, encontramos, nas crônicas de críticas literária escritas por Carmen Dolores, os primeiros traços de uma crítica feminista, a qual se manifesta por duas vias muito utilizadas pelas feministas do final do século XX: a) análise da representação da mulher em obras de autoria masculina; b) valorização de obras de autoria feminina.

4.3.6.1 A representação da mulher em obra de autoria masculina

Ao analisar um conto¹⁵⁷ de Camille Mauclair,¹⁵⁸ para a crítica “O incisivo dissecador da alma humana”, considera a historieta uma “página de forte observação”, “linda e bem feita”, de onde a ironia emana “como uma fina ponta de fogo”. No enredo, a protagonista, ainda menina ingênua, assistindo às misérias pungentes da vida, toma a resolução de nunca mentir, sem saber a que perigo se estava expondo na sociedade hipócrita em que vivia. Na ânsia da franqueza absoluta, sua vida desenrolou-se em uma série de desacertos, uma escala ininterrompida de inconveniências e de desgostos: construiu um casamento infeliz, foi abandonada pelo amante porque ela o revelou ao marido; já viúva numa pequena cidade do interior, “essa alma feminina, ardente, cega”, sequiosa de verdade, não esconde seus atos e “foi despedida insolentemente das casas que a recebiam”; homens declarados apaixonados lhe fugiam quando francamente declarava que seu passado

¹⁵⁷ Carmen Dolores não identifica o nome do conto, mas conta todo o enredo.

¹⁵⁸ Camille Mauclair, pseudônimo de Camille Laurent Séverin (1872 -1945) foi poeta, romancista, historiador de arte e crítico literário francês.

estava cheio de erros; amizades eram interrompidas quando expressava sua opinião com sinceridade; em política, em assuntos sociais, ela continuava a manter a mesma sinceridade e lhe retribuía com rancores e maldições “porque não quisera enganar, mentir à sua própria opinião e à confiança alheia, roubar o apreço, iludir a estima”. Com o passar dos anos, a beleza dessa mulher se revestiu de uma “expressão de um desespero trágico”, pois era o artifício que lhe pediam. (DOLORES, 06 de setembro de 1908, p. 1).

O desenrolar do enredo remete o leitor, por um lado, à hipocrisia da sociedade burguesa que aplaude a imagem do que ela quer ver e não da realidade como ela é. Por outro, remete à ingenuidade feminina que se transforma em desilusão e depois em revolta, que se manifesta na sequência do enredo, poeticamente recontado pela cronista:

Foi então que ela penetrou numa sala de conferências, onde um homem de casaca perorava brilhantemente diante de numeroso auditório. E ouviu que esse conferente dizia, num arroubo de eloquência que levantava tempestades de admiração e aplausos:

“Sim, a humanidade inteira sofre por causa da mentira! Venha a sinceridade sem rebuços, abra-se a alma humana à luz da franqueza, sem a mínima ressalva ofensiva do sentimento da verdade, e os homens não hão mais de sofrer no mundo...”.

Nesse instante, uma onda de furor submergiu a razão da mulher que nunca mentira; e de pé, revoltada e soluçante, gritou numa gargalhada sinistra: é falso! É falso! Houve um escândalo. Rompeu uma vaia. O conferencista, no estrado, erguia as mãos para o céu, invocando o deus da verdade. Enxotaram da sala a infeliz, batida, injuriada, aos gritos de *velha doida! feminista!*

E pela rua, onde chovia, regelada, impelida por uma fria lufada de vento, a coitada fugiu, mas soluçando sempre: “é falso, é falso!” (DOLORES, 06 de setembro de 1908, p. 1).

Interessante, nesse fragmento, é a conotação da palavra “feminista” naquele contexto ficcional criado por Camille Mauclair e enfatizado pela cronista: feminista é uma mulher que não se submete aos convencionalismos, por mais falsos, hipócritas, antiéticos que sejam e, por essa insubmissão é injuriada, agredida e expulsa dos meios sociais reconhecidos e valorizados.

A perspectiva crítica de Carmen Dolores quase sempre é a do comparativismo, ora comparando obras de diferentes autores, ora comparando a literatura analisada aos fatos do contexto social:

Eis o conto de Camille Mauclair. Mas como aplicar a moralidade dele, sem cair nos mesmos desazos da heroína dessas tristes linhas? Resta apenas aproveitar a lição e mentir, mentir sempre e bem, enrolar o verdadeiro pensamento, acender uma vela à esquerda e outra à direita, se ambos os lados são fortes, ou só a direita se a esquerda pouco vale e vice-versa, sorrir como o Steinbroken dos Maias se a opinião compromete, demolir por trás, mas fingir apreço pela frente, parecer bom, parecer inofensivo – e arranhar, entretanto, solapar, matar, com uma expressão gentilíssima.

A varíola assola, por exemplo, mas a gente diz, sorrindo graciosamente: qual! Não há varíola! A vida é penosa para os desfavorecidos de privilégios; mas a gente garante: qual! Histórias! São exageros.

Um livro é medíocre; a opinião declara: extraordinário! Outro é bom, mas não convém dizê-lo, porque o autor não é querido... Silêncio! E assim é que vale e, por não seguir o processo, o tipo feminino de Mauclair acabou apupado. Cumpre mentir, mentir, nunca falar a verdade (DOLORES, 13 de setembro de 1908, p. 1).

“Aplicar a moralidade” do conto, aprender para a vida com a literatura é o que dá sentido à leitura.”

4.3.6.2 Análise de obras de autoria feminina

Mesmo nos trechos das crônicas em que Carmen Dolores apenas cita as escritoras que podemos incluir no seu repertório de leituras – sem uma explícita análise crítica da obra –, o modo como a intertextualidade se estabelece nos permite pensar na cronista como uma leitora profissional feminista, pois, como assevera Felsky (2003, p. 39, tradução nossa): “leitoras feministas de textos femininos criam um ponto de vista positivo sobre a mulher e não o reconhecimento da dor da condição feminina”. É isso o que predomina na leitura que faz da literatura de autoria feminina, tanto quando se refere à atuação das

escritoras, quanto quando analisa a representação das personagens femininas.

Ao comentar, por exemplo, nas heroínas românticas de George Sand,¹⁵⁹ o exagerado lirismo, as lamúrias do seu incontestável amor, a sua eterna morbidez, essa existência votada exclusivamente às agitações da paixão como simples fantasma de um lirismo irreal, não o faz como quem lê a “dor da condição feminina”. A cronista conhece a trajetória da escritora, sua luta pela emancipação, o fato de ela abandonar o casamento e escrever seus romances como meio de subsistência. Mas, comenta seus romances pela via do “Fim da Arte”, como o definiram Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, ao se referirem à literatura romântica comparada à literatura de seus dias:

E compreende-se a revolução profunda que fizeram na literatura Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, quando declaram e provocam, originalmente, superiormente, que o fim da Arte é a reprodução exata da natureza, da realidade, do tipo, do sentimento, por uma forma audaciosa e impessoal. É por isto que as heroínas de Georg

¹⁵⁹ George Sand é pseudônimo de Aurore Dupin (1804-1876), hoje concebida como fenômeno literário do romantismo francês. Educada em convento, casou-se, deixou o casamento três anos depois e foi viver em Paris, escrevendo “para ganhar a vida”. Inicia com *Indiana* (1832) um romance de caráter autobiográfico, onde a mulher abandona o casamento, retratado como uma prisão, para procurar o amor livre das convenções que a oprimem. Esse a transforma rapidamente em um sucesso literário. Nos anos seguintes faz da literatura um instrumento de defesa da ideia de emancipação da mulher, particularmente da liberdade de estabelecer relacionamentos baseados apenas nos sentimentos, livre das cadeias legais e dos costumes que tolhem a vida afetiva e sexual da mulher. Este é o tema de um de seus primeiros livros, *Lélia* (1832). Relaciona-se intimamente com vários intelectuais e artistas e procurou sacudir a canga da opressão feminina, por isso foi motivo de muitos escândalos, inclusive por seus modos “masculinos” de ser e agir. Em outros romances as heroínas são também integrantes das classes trabalhadoras, operárias e camponesas, onde se verifica a combinação do problema social com o problema feminino. “Muito admirada por seus contemporâneos, inclusive por Marx, depois da sua morte, em 1876, caiu paulatinamente no desinteresse das instituições literárias apesar da sua enorme obra literária, tendo sido resgatada neste século como uma das precursoras dos modernos movimentos de luta pela emancipação das mulheres” (Cf. Disponível em: <<http://www.pco.org.br/publicacoes/mulheres/personalidades/sand.htm>>).

Sand já aparecem hoje, com as lamúrias do seu incontestável amor, a sua eterna morbidez, essa existência votada exclusivamente às agitações da paixão como simples fantasma de um lirismo irreal (DOLORES, 16 de fevereiro de 1908, p. 1).

É provável que, em 1908, já não houvesse interesse por parte das instituições literárias pela extensa obra literária de George Sand, tanto por pertencer ao romantismo, mas, principalmente, por ser mulher a autora do acervo, mas Carmen Dolores a resgata e relembra o grande talento da autora romântica. Descobre, nas suas criações femininas, algo que vai além do exagerado sentimentalismo. A cronista compara essas figuras femininas às “aventuras da pobre criada que é *Germinie Lacerteux* (1865)”, uma mulher do povo, com seus instintos, com seus defeitos e com seus vícios trabalhados artisticamente por Jules de Goncourt e Edmond de Goncourt.

Todo o talento grande e forte da fecunda escritora não arranca mais as suas criações femininas da bruma pálida em que se dissolvem, cada vez mais distantes e monótonas pelo exagerado sentimentalismo em que passam exclusivamente os seus dias e as suas noites, gemendo em *hamaes* de seda, ao rumorejar da floresta, como *Indiana*, ou revolvendo os bandós do cabelo negro e frouxo com dedos trêmulos de febre, como *Lélia*. As aventuras da pobre criada que é *Germinie Lacerteux*, interessam mais no romance de Goncourt, pela sua psicologia intensa e vivida, do que todo o artificialismo lírico, descabeladamente lírico, da velha escola de Mme. Sand e a sua geração. Essa criada é em suma uma mulher, estudada em sua verdadeira natureza de mulher do povo, nos seus instintos, nos seus defeitos, nos seus vícios. Ao passo que as chorosas figuras da escola antiga são apenas ornamentais, não emocionam (DOLORES, 16 de fevereiro de 1908, p. 1).

Carmen Dolores tem como objetivo nessa crônica posicionar-se na discussão, aberta por Câmara Reis em outro artigo da semana, sobre os processos da velha e da nova literatura, principalmente no que diz respeito à representação da imagem da mulher nessa literatura. Como nas obras românticas de autoria masculina dificilmente encontraria uma fissura – como encontrou em George Sand – para comentar algum aspecto positivo dessa representação do feminino em romances

românticos, talvez isso só tenha sido possível porque a perspectiva crítica da cronista é feminista.

Para ela, apesar da evolução evidente, muitos são os leitores e os críticos que ainda se mantêm presos aos

[...] moldes do artificialismo piegas – esse que só desenha a mulher irreal, perfeita, alva como um lírio, ingênua, enlouquecendo facilmente por um amor contrariado, sempre sonhando e sem um único traço prático das dualidades e complicações da alma humana, que determinam cada natureza individual.

Essa mulher ama aos suspiros, fita eternamente a lua, não come, não precisa de dinheiro nem de saúde, nunca cessa de clamar **Ah! Deus! Ou Oh! Céus!...** E, finalmente, essa mulher não existe. Digo mais: nunca existiu.

É, porém, essa figura de ficção que agrada ao vulgo, e logo que o escritor segue o processo da dissecação moderna e apresenta, não um fantoche de melenas chorosas e alma de arcanjo, mas uma criatura verdadeira, com as paixões e os vícios da sua época aliando não raro uma heroica nobreza a falhas que se não explicam, ente complexo, porque é humano e imperfeito – logo a grita se levanta entre o burguês sentimental? Que audácia e que indecência! Mas a indecência está para mim em inventar falsos tipos e apresentados como reais, sacrificando a Arte (DOLORES, 16 de fevereiro de 1908, p. 1).

Nas entrelinhas, ela nos deixa pistas. Como escritora, quer a Arte representando a vida sem “falsos tipos apresentados como reais”, como feminista da primeira onda quer a representação de uma mulher que exista, que come, que precisa de dinheiro para sobreviver na sociedade capitalista, que não seja ingênua, que seja lúcida e, em vez de clamar a Deus por um milagre, que lute por seus direitos.

Seu olhar de leitora crítica buscava, até nas obras mais remotas, a análise das questões humanas, principalmente as que envolvem as relações afetivas entre mulheres e homens, da perspectiva psicológica. É o que faz, por exemplo, com as sentimentais *Cartas ao conde de Guibert* (1750), escritas por Mlle de Lespinasse,¹⁶⁰ para discorrer sobre

¹⁶⁰ Julie-Jeanne-Éléonore de Lespinasse (1732-1776) era filha ilegítima de Claude Lespinasse de Lyon, irmã de Marie Deffand e condessa de Albon, foi

um tema recorrente na literatura em todos os tempos: a relação entre amor e dinheiro:

No seu lirismo de 1750, Mlle de Lespinasse, célebre pelo seu espírito e pelas suas ardentes *Cartas ao conde de Guibert*, escreveu o seguinte trecho a propósito da famosa questão: amor e dinheiro, que é de todos os tempos, valendo, porém, a pena apreciar o modo sentimental como uma preciosa daquele século encarava o assunto espinhoso, delicado e sempre interessante, sob o ponto de vista do estudo psicológico.

Diz a amiga de D'Alembert, com o mais elegante pieguismo:

Tudo neste mundo é apreciado e pago com dinheiro: a consideração, a aventura, a amizade, mesmo a virtude, tudo, tudo é calculado e comprado, equiparado ao peso de ouro. Só existe uma coisa que fica acima da opinião, sem manchas, como o sol (já agora elas existem), e tendo desse belo astro o calor, que vivifica a alma, ilumina-a, torna-a mais forte, mais comunicativa. Esse presente da natureza – único que dispensa o dinheiro, é... O amor!...

educada em um convento, depois foi preceptora dos meio irmãos até ser levada pela tia, Madame du Deffand, para ser leitora em seu Salão em Paris, frequentado por intelectuais como: Fontenelle, Montesquieu, Marmontel e Marivaux-Jean-Antoine Roucher. O relacionamento entre as duas foi rompido pelo ciúme da tia, pois a jovem, espirituosa, fina e bela, Julie, seduzia a todos. Em 1764 Julie abre seu próprio salão, onde também recebeu Condillac, Condorcet e Turgot, além daqueles que já frequentavam o Salão de sua tia. Inicia uma amizade com d'Alembert, também filho ilegítimo. Quando ele adoece, leva-o para sua casa e cuida dele. Mas nutriu duas outras grandes paixões não realizadas: uma correspondida pelo Marquês de Mora, filho do embaixador espanhol em 1766. Eles queriam se casar, mas a família dele era contra. Motivo de seu sofrimento por amor. A outra paixão irresistível foi pelo coronel de Guibert, em 1772, que ela vai experimentar até a sua morte, apesar da indiferença aparente que ele lhe mostra. Todas as suas dores de amor ela registra em correspondências, que são reunidas e publicadas depois de sua morte (1809) e vão compor belas páginas da literatura romântica francesa.

(Cf. <http://fr.wikipedia.org/wiki/Julie_de_Lespinasse>)

O amor! Sim, que linda e mágica palavra, evocativa das mais fortes, mais deliciosas ou torturantes, mais profundas e inolvidáveis impressões de todas as existências desde as camadas superiores até a região da miséria! (DOLORES, 10 de fevereiro de 1907, p. 1).

Carmen Dolores tem o cuidado de contextualizar a percepção lírica, o modo sentimental próprio da expressão literária na França de 1750. Naquele contexto, o amor romântico era o que predominava. Até para dizer que a escritora está sendo piegas, o faz de forma elogiosa, criando um ponto de vista positivo sobre uma autora “preciosa daquele século”.

Como o objetivo da cronista é levar o leitor a refletir – e se posicionar – sobre o eterno tema amor e dinheiro, habilidosamente ela busca outro autor, Paul Ginisty,¹⁶¹ situado em outro campo literário quase um século depois, que aborda o mesmo tema em um conto, para comparar seus posicionamentos, antecipando o que muito mais tarde chamaríamos de literatura comparada:

Há um conto encantador de Paul Ginisty, que tem por título *O albergue dos amantes* e transporta o leitor a uma certa pensão, em Veneza, onde se costumam hospedar exilados da família, velhas desqualificadas, párias sociais – todo um grupo heterogêneo de errantes que removem juntos, numa solidariedade passageira, as saudades do seu passado.

E todas essas ruínas da vida maldizem a uma só voz o amor que as arrastou a tanta decadência. [...] Eis, porém, que se apeia à porta do hotel um casal de amantes novos e ardentes, que passeavam a sua paixão pela Itália. E imediatamente, olhando esses dois entes moços, tão belos, tão absorvidos no desejo do outro, todos aqueles que acabavam de maldizer o amor, sentiram-se sacudidos por um grande arrepio de inveja.

- Ah! Se se pudesse recomeçar a vida! Bradavam num só impulso. E a cantora ajunta:

- Eu abandonaria ainda o teatro e a glória pelo meu aventureiro!

¹⁶¹ Paul Ginisty (1835-1932) foi escritor, crítico, cronista, jornalista e autor teatral francês do final século XIX e início do século XX.

Diz o homenzinho calvo:

- Eu amaria ainda todas as mulheres...

A mulher dos fios brancos no cabelo exclama com fogo:

-Por um único mês de febre e de loucura como aqueles que já conheci eu arriscaria ainda o meu destino...

Entre dois **tiés** nervosos, devido às suas cicatrizes, o homem de feições másculas declara que para possuir uma vez a adorada, ele cometeria um novo crime; e enfim a princesa real suspira:

- Cai muito... A verdade, porém, é que só o amor vale tudo – e por uma hora de paixão, pode-se desafiar todas as expiações... (DOLORES, 10 de fevereiro de 1907, p. 1).

Com esse exemplo do contista ela amplia a noção de supervalorização do sentimento do amor, tanto por mulheres, quanto por homens, de tal modo que os personagens, indiscriminadamente, se contradizem com a simples hipótese de poderem recomeçar a vida. A partir daí a cronista amplia a comparação entre Mlle de Lespinasse e Paul Ginisty para um caso real de uma senhora do Engenho Novo, que vivencia o tema na prática.

Assim, pois, com séculos de intervalo, Mlle de'1 Espinasse e Paul Ginisty, se acham de acordo para engrandecer o sentimento amoroso, o que explica e atenua o erro de tanta gente, as claudicações que desesperam a moral e, finalmente, este recente idílio de uma senhora viúva e proprietária no Engenho Velho, que se desfez em queixas em uma delegacia. (DOLORES, 10 de fevereiro de 1907)

Carmen Dolores parece sugerir que a literatura exerce grande influência sobre seus leitores nem sempre com resultados positivos. E, em seguida, aponta a grande diferença entre as épocas em que ela pontuou e o seu momento presente no que diz respeito a algumas práticas antiéticas e amorais de jovens cavalheiros bem apessoados que transformam mulheres ricas e ingênuas em suas vítimas:

Mas, é aqui, neste ponto, que surge a diferença entre os ingênuos lirismos da amiga e depois rival de Mme. Du Deffant,¹⁶² e os realismos da sua

¹⁶² Marie de Vichy-Chamrond (ou Champrond), Marquesa de Deffant, nasceu em 25 de setembro de 1697 no Château de Chamrond, Borgonha, e morreu em

época. No dizer da *Bas-bleu*¹⁶³ de 1750, o amor é a única coisa que dispensa o dinheiro e paira acima dele; nestes nossos tempos, mais práticos, o amor é, ao contrário, o meio de cavalheiros novos e bem apessoados de se fornecerem de dinheiro e joias. Fazem-se noivos ou tecem simplesmente um poema de fingida paixão aos pés da incauta vítima – em seguida ao que, os gentis cavalheiros entram a simular a mais negra melancolia. Tomam atitudes abatidas. Erguem a sobrancelhas em forma de acento circunflexo, como à dolorosa procura de uma solução impossível para as angústias que intimamente o devoram. E o resultado não tarda sob o feitiço de meigas e insistentes perguntas: Que tem o adorado Affonso? Ou o querido Arthur? Ou o mimoso Armandinho? Chiquinho ou Manfredinho? Ele, contudo, abanando languidamente a bonita cabeça, vai respondendo que não tem nada... Segura por fim a mão estrelada de anéis da sua amada e suspira que... Se ao menos possuísse um desses ricos anéis, talvez... Sim, talvez pudesse vencer a horrível crise em que se debate a sua alma.

Rompe então um grito de felicidade... Oh! Pois, era isso, amor?!...

E o mais belo anel passa incontinentemente para a falange propositalmente trêmula de Affonso. Outros mais vão passando, passando, como os patinhos do conto infantil da *Mãe Gansa*,¹⁶⁴ até

23 de agosto de 1780, em Paris. Ela se casou, em 1718, com o Marquês du Deffand. Levou uma vida libertina nos salões da Regência, mas também se reuniu com personalidades do mundo das artes e das letras. A partir de 1742, começou sua correspondência com as celebridades de sua época: Voltaire, Horace Walpole, d'Alembert, Julie de Lespinasse, Duquesa de Luynes e muitos outros.

¹⁶³ A expressão **bas-bleu** aparece no século XIX para designar uma mulher de letras. O termo rapidamente tomou uma conotação pejorativa, como na peça de Molière, *Femmes savantes*.

¹⁶⁴ No Brasil e em outros países, a Mamãe Gansa (ou Mãe Gansa) é uma figura bem conhecida na literatura de contos de fadas. Embora o nome tenha sido popularizado a partir do século XVII pelo livro *Contes de ma mère l'Oye*, de Charles Perrault, a existência de mulheres que contavam histórias (como está registrado na capa da primeira edição do livro), certamente é muito mais antiga

que se vão todos os anéis e só ficam os dedos nus da crédula namorada, indício certo para Manfredinho que chegou também a hora dele abalar... E abala. E Ariadne, desesperada, põe a boca então no mundo e chama pela polícia, que manda notícia para os jornais. O terror do escândalo à vista disso, abafa a fúria bem justificável da vítima, que arrolha os seus gemidos; e Arthur, que contava mesmo com isto, manda fazer roupas no Raunier, enfia na falange agora firme, os faiscantes anéis da ex-amada, e parte intrepidamente, digno e correto, à conquista de novas tolas. Diria ainda que Mlle de Lespinasse, diante deste caso e tantos outros iguais, que o amor é o único presente da natureza que dispensa ouro? Mas talvez repetisse ela, como os hóspedes da pensão, em Veneza, como talvez repita neste instante a abastada protagonista do fato desta semana, no Engenho Velho – que uma hora sincera paixão vale bem todos os enganos e todas as expiações...

Será assim? Abre-se concurso à resposta (DOLORES, 10 de fevereiro de 1907, p. 1).

Provocativamente, a cronista convoca o leitor a entrar no diálogo que ela já abriu entre a escritora do século XVIII, o escritor do século XIX e os jornalistas que noticiaram o caso da protagonista abastada do Engenho Velho. Atravessando séculos, a intertextualidade parece lhe servir de estratégia para uma denúncia séria: mulheres de sua época, mesmo sendo abastadas, precisam aprender a ler de forma crítica a literatura, contextualizando as obras, percebendo que os tempos são outros, precisam deixar de ser as ingênuas românticas que a literatura de outras épocas as ensinou a ser.

Mme. Emile de Girardin também foi rememorada por Carmen Dolores a partir de um caso real lido nos jornais da semana:

Mme. Emile de Girardin, a cintilante e espirituosa cronista, Delphina, Corina, Visconde de Launaz, e tantos outros pseudônimos que se resumem na individualidade da mais encantadora mulher que fez as delícias do Paris literário de 1834 a 1855 – escreveu uma deliciosa comédia para o Theatro Francez, que se chamou *La joie fait peur*..

e não representa uma pessoa real. (PERRAULT, Charles. *Contos da mamãe gansa*. Publicado no Brasil pela Editora Paraula em 1994)

Pude ver essa peça nesse mesmo teatro, em Paris, e por esse conjunto de incomparáveis artistas da *Comédie Française*, cujo jogo constitui o mais fino, o mais puro regalo do espírito, dos olhos e dos ouvidos, do espectador. E o seu enredo me voltou agora à memória, lendo sexta-feira, sob o título de *Alegria que mata*, a notícia desse marido que tinha a esposa no hospício e, ao receber a comunicação que ela estava em via de restabelecimento, perdeu a cabeça, entrou numa grande exaltação de felicidade, caiu de uma pedreira e afinal... Morreu (DOLORES, 31 de março de 1907, p. 1).

Se, por um lado, foi um fato tragicômico que despertou a memória do vivido em Paris e a fez referir-se a Mme. Emile de Girardin como “encantadora mulher”, foi a tragédia real vivida por Zola, quando este escreveu *J'accuse!*... Em defesa de Dreyfus, e foi condenado à prisão, a pagar alta multa e, posteriormente, ao exílio, que a fez referir-se a Gyp,¹⁶⁵ a Condessa de Martel. Lembra de Zola e reconta sua gloriosa trajetória, em 1908, quando, finalmente, seus restos mortais são levados para o Pantheon, em Paris:

Já tardava algum trágico fato como o que ocorreu agora em Paris, à trasladação dos gloriosos restos de Zola, para repor em evidência essa infame campanha entre dois partidos que, desde tempos, semeiam na França o ódio e a separação. [...]

¹⁶⁵ Sibylle Aimée Marie-Antoinette Gabrielle Riquetti de Mirabeau (1849-1932), após o casamento Condessa de Martel, que usou em literatura o pseudônimo Gyp. Descendente de família nobre, escreveu um total de 120 obras e, com elas, alcançou grande sucesso na literatura francesa. “Toda essa grande produção atualmente está completamente esquecida, apesar de mostrar senso de diálogo, sagacidade, humor e grande capacidade de observação. Gyp zomba da felicidade da sociedade a que ela pertence, e cria personagens típicas interessantes, porém, muitos dos seus romances estão imbuídos de um certo antisemitismo e demasiado patriotismo, o que pode ter causado o seu ostracismo atual”. Apesar de ser amiga de Anatole France, defensor de Dreyfus, Gyp foi antidreyfus. Como outras mulheres transgressoras de sua época, divorciou-se, recebia em sua casa vários intelectuais e artistas famosos. Tentou viver dos frutos de seu trabalho literário, mas, no caso dela, acabou arruinada financeiramente no final da vida, vendendo o Castelo de Mirabeau a Maurice Barres, um dos intelectuais que denunciou o comprometimento de Zola em favor de Dreyfus.

Sempre então a impunidade? Não! Zola não a admitia: e pois, nobremente, generosamente, num arremesso quixotesco da maior beleza, o autor desse estupendo *Germinal*, outro livro de realidade intensa e dolorosa, escreveu *J'accuse!*... Deus do céu! Que clamor entre os antisemitas franceses! Um rugido de ódio ecoou de um ponto ao outro da França legitimista, convencional, carola e partidária.

E enquanto um homem inocente morria degredado sob uma condenação injusta e atroz, defendido só pela única voz de um outro homem, verdade é que valendo mil, todo um bando se levantava e encarniçava contra uma desgraça imerecida e contra uma defesa sublime, em nome dessa pequenina coisa, tão mesquinha em face de um martírio iníquo, como uma questão de raças e de religiões, nos modernos tempos. Que estreita covardia! (DOLORES, 02 de junho de 1908, p. 1).

Da escritora, no entanto, não tece elogios, pois ela ocupou na literatura o campo oposto a Zola, na grande batalha resultante de um erro judiciário – e que envolvia a religião e o Estado – que dividiu a França.

Gyp, a condessa du Martel, martelava em infindáveis volumes de romances dialogados em *argot* boulevardista a nota do anti-dreyfusismo, ridicularizando tudo quanto era judeu admitindo até o adultério, logo que o marido enganado tivesse nas veias algumas gotas de sangue judaico. Era a bárbara campanha contra um supliciado injustamente, contra um soldado brioso desonrado, prisioneiro nessa ilha do Diabo, sofrendo misérias, horrores, o martírio do isolamento e do silêncio dos párias sociais, sem família, sem galões, sem notícias do mundo – e contra o qual, todavia, se insurgia ainda a sociedade francesa dos velhos castelos do *faubourg* St. Germain, em nome da honra, do sangue e do catolicismo, porque essa vítima corajosa era um judeu! (DOLORES, 02 de junho de 1908, p. 1).

A acusação que faz a *Gyp* é extensiva à grande quantidade de obras que publicou (cerca de 120). Acreditamos que a cronista defende as ações de Zola, não só por tê-lo como um escritor de maior valor

literário, mas pela sua coragem de lutar pelo restabelecimento da verdade, pela justiça e, também, por promover na França a “política que acabou com as congregações religiosas”:

[...] foi o único a enfrentar a malta e defender o acusado com a energia exclusiva da verdade.

Honra a esse Zola que agora entrou no Pantheon, enfim! E teve a glória, quando vivo, de arrancar um inocente ao estigma injusto e trazê-lo à pátria, limpo e reabilitado, podendo usar novamente da sua espada de militar. [...]

Foi o que não perdoaram ao sublime romancista [...]. E por isso o mataram, pensando que com ele morreria também a verdade [...] Engano, engano! E de Zola ficou a influência *post mortem*, promovendo na França a política que acabou com as congregações religiosas que nós aqui herdamos. (DOLORES, 02 de junho de 1908)

De Matilde Serão,¹⁶⁶ escritora italiana, resgata dois romances bem interessantes para ressaltar questões relacionadas à mulher na sociedade moderna. Em 1906, discorre longamente sobre o enredo de *A conquista de Roma*. Segundo Carmen Dolores, a escritora “[...] pinta ao vivo o estado da alma de um deputado eleito pela primeira vez, que chega ao fundo da sua longínqua província besuntado de ideais, ardendo de ambição, disposto a cavalgar e vencer com as forças da sua inteligência a cidade dos Césares e dos papas [...]”. Cheio de ambição, força de vontade, planos, convicção, vigor nos discursos, assiduidade, voz sonora, concentração de ideias, combate com veemência o elevam a um sucesso nunca alcançado por colegas mais antigos. Mas,

ai dele! Não... Bastou que roçasse por tanta energia acumulada a graça fina e tranquila da esposa de um ministro, para que Sansão abdicasse a sua força de rude provinciano aos pés da frágil Dalila.

Esqueceu ideais, programas, sede de poder, tudo; abandonou as sessões parlamentares; deixou a poeira amontoar-se lentamente sobre relatórios e papéis importantes, abandonados na mesa de trabalho, solitário agora a um canto do quarto de pensão. Nem para as votações compareceu mais

¹⁶⁶ Matilde Serao nasceu em 07 de março de 1856 e faleceu em 25 de julho 1927. Foi uma romancista e jornalista italiana de origem grega. Ela foi a fundadora e editora do “Il Mattino”.

ao recinto da Câmara, deixando sem resposta os protestos começando a chover-lhe do fundo da sua distante província (DOLORES, 22 de abril de 1906, p. 1).

Dominado pela paixão por uma mulher que o seduzia, mas não se entregava, o ex-conquistador de Roma passava os dias angustiado, esperando “a rara e caprichosa aparição da divindade que merecera tão ardentes sacrifícios”, que mal aparecia, deixava-se admirar e já lhe fugia, nessa casa alugada num bairro afastado. Ali investia todas as suas pequenas economias de provinciano para agradá-la:

O deputado sentia submergir-se, até que o ministro foi quem um dia lhe apareceu, como cabeça de Gorgona, no misterioso templo onde a esposa era adorada!... Supremo golpe! Sansão, decididamente por terra, renunciou ao seu mandato, tomou o trem e voltou para a província, cabisbaixo e murcho... Nem cadeira de deputado, nem amante e nem dinheiro!... Em que dera a conquista de Roma!... (DOLORES, 22 de abril de 1906, p. 1).

Apesar de a espirituosa escritora representar a protagonista como a mulher que domina e tira-lhe as forças gradativamente, o golpe fatal é dado pelo marido, o provável mentor da armadilha, que usou os dotes da esposa, sua propriedade, para alcançar seus objetivos. É Carmen Dolores que estabelece a intertextualidade com a história de Sansão seduzido e vencido pela astúcia de Dalila.

No ano seguinte, em 1907, Matilde Serao ocupa novamente o espaço de uma longa e elogiosa crônica de Carmen Dolores. Os elogios são tanto para o talento da escritora, quanto para o atual livro moderno e vibrante sobre o perdão: *Apres le pardon*.

Sobre a autora, uma psicóloga profunda, ressalta sua sensibilidade feminina, dolorosa, intensa, o “fecundo talento em um sem número de romances luminosos, admiráveis de força, de sentimento e observação [...] onde o seu estudo humano vai das mais baixas camadas populares às mais altas e maneiradas regiões aristocratas”. Mas ao se referir às personagens, acha curioso o contraste que estabelece com a figura sem elegância da própria escritora:

Seus quadros da vida elegante são deliciosos; e, coisa curiosa! Essa mulher de letras que se veste tão mal, enfia nas suas heroínas umas *toilettes* de um gosto tão artístico, tão fino, tão aprimorado, que parecem ideados pela imaginação da

parisiense mais *chic* e engenhosa. Não lhe esquece o detalhe de um cinto, de uma joia indo bem com a cor do vestido, de um véu completando a harmonia do conjunto – nada, nada! (DOLORES, 20 de janeiro de 1907, p. 1).

Sobre o livro *Après Le pardon*, Carmen Dolores comenta a tese central que “consiste em provar que o perdão no amor e no casamento, após a falta da mulher, é sempre inútil, uma vez extinto o rápido movimento de exaltação que o provocou”.

A questão do livro é também uma questão social, vigente na cultura italiana, assim como na brasileira e é isso que Carmen Dolores comenta a partir da leitura: “O homem perdoa, mas não esquece, e entra a torturar, a suspeitar de tudo e de todos, a torna enfim a vida um legítimo inferno para essa que ele julgou redimir com seu fugitivo rasgo de grandeza moral, logo sufocado sob os instintos violentos do ciúme retrospectivo”. Para Matilde Serao, o perdão é sublime, mas deve vir da alma, do contrário é humilhação e insulto “para a penitente perdoada! E tal sublimidade masculina não existe” (DOLORES, 20 de janeiro de 1907, p. 1).

As duas escritoras concordam nas diferenças entre homens e mulheres naturalizadas nas culturas de ambas:

O homem é sempre o homem, apenas reatado o viver normal entre ele, que perdoou, e ela que delinuiu... Vendo-a novamente de perto, malgrado tudo ainda sedutora, nova, com o encanto físico do seu sexo, o furor do marido se reacende, à lembrança dos beijos de amor que umedeceram esses lábios culpados e estremece de seu ódio, julga-se um imbecil, de que o mundo inteiro escarnece e maldiz a cobarde fraqueza que o levou a abrir os braços indulgentes e aceitar a desonra. Ela, por seu lado, após meiga imolação do seu orgulho, embora arrependida dos íntimos d'alma, e contrita, resignada, conciliadora, doce e triste – ela acaba desanimada ou revoltada. E a solução de atroz problema se resume nesta frase desesperada do esposo: que é sempre cobarde perdoar esse gênero de ofensas; que mesmo a uma amante não se deve relevar uma traição; mas, que à mulher legítima que claudicou, é impossível jamais, jamais perdoar... (DOLORES, 20 de janeiro de 1907, p. 1).

No livro *América e Europa*, da também brasileira, Maria Clara da Cunha Santos,¹⁶⁷ publicado em 1909, Carmen Dolores encontrou alguns aspectos interessantes sobre o modo de viver do norte-americano para comparar com a sua realidade local.

No seu interessante livro *América e Europa*, a minha ilustre e querida amiga D. Maria Clara da Cunha Santos apresenta em um belo relevo esse viver do americano livre, que se esforça cada dia na conquista do seu conforto, sem se incomodar com a vida alheia, com o vizinho, com as ações dos outros, verdadeiro filho dessa pátria de igualdade e liberdade, de força e de coragem, onde se não cultiva o inútil floreio da retórica fofa, como aqui (DOLORES, 18 de junho de 1909, p. 1).

O que se percebe na interpretação que Carmen Dolores faz da obra de Maria Clara Cunha é uma superposição de aspectos sociológicos e psicológicos:

E sente-se que no *struggle for life* da grande nação existe o elemento primordial da confiança de cada qual no próprio trabalho, no próprio valor, porque nessas bandas não reina o empenho, o favorzinho, o privilégio injusto, como entre nós, bafejando o medíocre e o vadio, e deixando na sombra o laborioso, o que tem merecimento real. Cada um sabe que depende de si vencer, e conta com o seu ardimento, estimulado pela ideia de uma luta que não é travada sem êxito, sem fruto (DOLORES, 18 de junho de 1909, p. 1).

O “favorzinho”, o “privilégio injusto” que bafeja “o medíocre e o vadio” já era, na primeira década do século XX, o que mais tarde passamos a conhecer como “jeitinho brasileiro”, um modo de corrupção que se incorporou na cultura brasileira em todos os níveis, todas as

¹⁶⁷ Maria Clara da Cunha Santos nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 18 de novembro de 1866, e faleceu no Rio de Janeiro em 23 de outubro de 1911. Foi poetisa, contista, cronista, jornalista, artista plástica e se dedicou também à música. Publicou *Pirilampos e Rumorejos*. Rio de Janeiro: Tip. Lit. de Carlos Gaspar da Silva, 1890 (poesia) e *Painéis*. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1902. (contos); *América e Europa*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional Masculino, 1908. (crônicas de viagem); *A Alegria e o Bom Humor*. (conferência). Escreveu, ainda, a coluna, quinzenal, em *A Mensageira*, “Carta do Rio”.

instâncias, todas as classes. Como ela acredita na luta pela vida através da força do trabalho honesto e remunerado justamente para todos, vê esse modo de viver do americano livre como positivo e, em contrapartida, ressalta o que de negativo há no “temperamento” do brasileiro:

Pois bem, o contágio dessa coragem extraordinária é tão poderoso, que o brasileiro domiciliado, mesmo passageiramente, nos Estados Unidos aparece outro homem, com novas aspirações, novas energias, ambicioso, viril, esquecido por completo das inércias desanimadas do nosso temperamento. Em todo o seu ser há uma renovação de fluidos e atividades.

Ele crê no resultado do seu trabalho e assume logo um ar diferente, empreendedor e másculo (DOLORES, 18 de junho de 1909, p. 1).

Da sua perspectiva positivista, que vê o homem como produto do meio, acredita na regeneração de sua índole por influência positiva se ele tiver a oportunidade de viver nos Estados Unidos. Mas, como mulher leitora, não se exime de escrever sua leitura sobre a brasileira que, se tiver a mesma oportunidade, alimenta a esperança de se ver livre de certos preconceitos machistas: “A brasileira aspira também com um narizinho já audacioso a aura libertadora de um país onde os homens não inferiorizam a mulher”. Como intelectual que reivindica educação igualitária para todos, alimenta a esperança de crianças se tornarem cidadãos independentes e não subalternas - se acompanharem suas famílias:

E até as crianças mudam, aprendendo o sentimento da responsabilidade... É outra atmosfera, mais rude, talvez, menos adocicada do que a da nossa terra, mas que por isso mesmo enrija pulmões e músculos, robustece o caráter, faz cidadãos independentes e não subalternos (DOLORES, 18 de junho de 1909, p. 1).

Apesar de totalmente utópico, há, na sua leitura, um misto de tristeza por não ver mudanças no Brasil, mesmo em face do todo o seu “labutar feminino”, um tom de denúncia da má índole, da preguiça, da falta de educação das crianças, do preconceito contra a mulher, no Brasil e uma “pontinha de inveja” de um cenário norte-americano descrito no livro que ela imagina verdadeiro.

Como crítica de arte, é provável que Carmen Dolores tenha lido algo sobre a heterogeneidade das categorias de textos que formam a

literatura artística na Europa do século XIX, a saber: artigos de imprensa, crônicas de arte, resenhas de exposição, textos polêmicos, coletâneas de aforismos, romances sobre a arte, entre outros. Modelos textuais que, eventualmente, seguiu na escrita da crônica em que expressa suas ideias críticas sobre formas artísticas.

Especificamente como crítica literária, apesar de reiterar que só escrevia suas impressões, suas ideias independentes, ela antecipou no Brasil o que em nosso meio só se discutiu teórica e criticamente bem mais tarde, quando os chamados “textos fundadores de literatura comparada”, traduzidos e reunidos em livro, foram publicados por Coutinho e Carvalhal (1994). Ou seja, na lição aprendida, provavelmente como autodidata, a partir da prática da citação e da correlação entre literatura e vida, literatura e teatro, teatro e observação de mundo, desenvolveu crítica nas suas crônicas a partir de uma perspectiva que, contemporaneamente, denominamos literatura comparada.

Seu posicionamento ideológico acabou por induzi-la a ler criticamente as obras literárias, o teatro e a ouvir as conferências observando questões relacionadas ao seu gênero, à sua condição feminina na sociedade de seu tempo – o que resultou numa prática muito próxima de algumas linhas de pesquisa acadêmica feminista a partir da década de 1970 no Brasil. Além disso, por um lado, seu senso de justiça social (ressalvada a questão de seu preconceito de raça e classe já comentados) acaba por direcionar a análise das obras que lê de uma perspectiva sociológica, no entanto, marcada pelo positivismo em voga no Brasil da 1ª República. Por outro lado, sua atenção voltada para o ser humano a levava para a análise segundo o viés da perspectiva psicológica. Para uma mulher que não tinha formação superior, Carmen Dolores rompeu as portas e entrou barulhentemente no espaço da crítica literária e, cabe salientar, com muita habilidade para os moldes da época.

4.4 A CRONISTA E A LUTA PELOS DIREITOS DA MULHER: FEMINISMO OU NÃO?¹⁶⁸

Quando confrontamos, pela primeira vez, o teor de um número considerável de crônicas de Carmen Dolores, publicadas no Jornal *O Paiz*, entre 1905 e 1910, assim como algumas outras publicadas em periódicos como *Correio da Manhã* e *A Tribuna*, com a opinião crítica contemporânea de pesquisadoras de sua obra, entre elas, Maria Angélica Guimarães Lopes, Raquel Soihet e Flavia Cóprio Esteves, algumas indagações emergiram na mesma hora das nossas reflexões: por que ela não é considerada “feminista inclusiva ou militante” (LOPES, 2001)? Em que conceito de feminismo a pesquisadora se fundamentou? O que é ser militante? O que é ser inclusiva? Em que consistem os paradoxos apontados na postura de Carmen Dolores pelas pesquisadoras? E, por último, como, então, definir sua luta em prol dos direitos da mulher – tão evidentes ao longo da sua produção cronística, só interrompida pela sua morte?

O seu talento intelectual, como jornalista, dramaturga, conferencista e escritora foi reconhecido pelos seus contemporâneos como “ másculo”, apesar dos preconceitos vigentes contra uma mulher que ousava publicar suas “opiniões independentes” na grande imprensa. Contudo, de fato, Carmen Dolores assume, ao longo de sua atuação como cronista, posicionamentos paradoxais em diversos momentos que merecem uma reflexão para podermos compreender a configuração do seu feminismo.

4.4.1 Seu talento “ másculo” e o preconceito contra a mulher

Em 1907, uma nota crítica dos redatores da *Gazeta de Notícias* sobre a conferência realizada por Carmen Dolores na semana anterior, intitulada *A Sociedade*, enaltece o acontecimento e o “estilo másculo e nervoso” da escritora capaz de conquistar o público leitor: “A conferência de Mme. Carmen Dolores tomou as proporções de um grande acontecimento artístico e mundano. A ilustre escritora, cujo

¹⁶⁸ Discutimos esta questão em artigo publicado nos Anais do evento realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, em 2014. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386694677_ARQUIVO_RisoletteMariaHellmann.pdf>.

estilo másculo e nervoso serve com uma visão tão clara a atualidade, conta em cada leitor um admirador” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 14 de julho de 1907, p. 5).

Também em 1908, quando saiu a publicação de seu livro *Um drama na roça*, Joe (Paulo Barreto), na coluna “Cinematógrafo”, faz uma crítica ao seu livro de contos e, nela, a mesma característica é ressaltada no discurso ficcional que se apresenta “ másculo” no livro, em contraponto ao reconhecimento da autoria como sendo a produção de uma “senhora tímida, de palestra delicada”, capaz de ser “enganada pelos editores” – como quem diz: é mulher, é fácil de ser enganada, pois não tem a perspicácia de um homem no mundo dos negócios:

E ao ler o livro não pude deixar de pensar que quem o escreveu assim másculo, é uma senhora tímida, de palestra delicada, enganada pelos editores, atordoada, quase incomodada, com o êxito que a envolve e de uma susceptibilidade só possível nas almas de escol... [...] (JOE, 02 de fevereiro de 1908, p. 1).

Ao longo dos anos, mesmo depois de seu falecimento, quando Carmen Dolores era lembrada por algum cronista crítico, um dos adjetivos qualificativos do seu talento mais usado continuou a ser “ másculo”. Por exemplo, na crônica de V. Campos na *Gazeta de Notícias*, em junho de 1915, intitulada “Carmen Dolores”, lemos:

Efetivamente, os seus folhetins são um grande armazém de documentos sobre o coração humano! Pena foi que o seu *m másculo* talento tivesse sido um tanto desperdiçado a escrever em jornais que (infelizmente!) facilmente se extraviavam ou o público esquece.

Os cruéis padecimentos físicos que a acabrunharam nos últimos anos de vida, não a deixaram trabalhar em obras mais duradouras; muitas das suas crônicas, porém, dariam ótimos livros de costumes (CAMPOS, 06 de junho de 1915, p. 1 [grifo nosso]).

V. Campos (1915), cinco anos depois do falecimento de Carmen Dolores, já entende o risco do esquecimento dessa autora que, predominantemente, escreveu crônicas para periódicos. Textos de valor literário que o senhor do tempo consome, corrói e transforma em poeira, como constatamos durante nossa pesquisa de campo, realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 2013.

A cronista, que em 1915 já intuía o esquecimento do público, não é a única a lembrar de que a doença que a levou à morte prematura foi o maior impedimento para que ela produzisse mais narrativas ficcionais e as publicasse em livros – meios mais duradouros – pois talento para isso ela tinha. Chrysanthème, a filha que seguiu seus passos no campo da autoria feminina, escrevendo narrativas e crônicas para jornais, inclusive na mesma coluna “A Semana”, do jornal *O Paiz*, nove anos depois de seu falecimento, dá o seu depoimento e também ressalta esse mesmo “talento másculo”:

Quantas vezes não a vi escrever para esse mesmo jornal, em que escrevo agora, a sua *Semana*, por ela iniciada, cintilante de imagens coloridas, pujante de talento másculo, admirável de sentimento e de vida! E que contraste doloroso, para os que a viam dobrada sobre a sua mesa de trabalho, entre o seu devotamento jornalístico, a sua energia de combatente, e a sua figura lívida, alquebrada, sofredora de condenada! (CHRYSANTHÈME, 18 de agosto de 1919, p. 4).

Somente a intimidade familiar lhe permitia descrever as cenas de sofrimento da escritora nos seus últimos anos de vida com tanta riqueza de detalhes, assim como lhe possibilitavam comentar o contraste entre a personagem pública, Carmen Dolores, e a figura da mãe escritora,



Emília, na intimidade do seu gabinete, “dobrada sobre sua mesa de trabalho” (figura 25). É a “energia de combatente” e o “devotamento jornalístico” que também caracterizam o seu talento “ másculo”, por não serem atitudes esperadas para uma mulher do seu tempo. Esses qualificativos que remetem o leitor a imagem do homem, figuram como índices de valorização de sua produção literária, ou seja, o seu passaporte para o reconhecimento da sua obra. Quando uma escritora conseguia constituir uma carreira de sucesso, normalmente era rotulada como excepcional, como Carmen Dolores o foi.

A cronista V. Campos (1915, p. 1), em crônica póstuma dedicada a Carmen Dolores, esclarece que este estilo adotado pela escritora não era essencialmente feminino nos moldes estabelecidos para o “sexo frágil”, que ela considerava “detestáveis”. No discurso, assume a voz da mulher que é consciente do seu papel de mãe – uma mãe leitora – que precisa ter os seus “pés no chão”, e não viver no mundo da ilusão.

‘Carmen Dolores’ não era uma escritora essencialmente feminina, não possuía as pieguices tão comuns (e tão detestáveis!) no nosso sexo mas, era sincera, real e correta.

O seu estilo não era de fazer olheiras à tuberculose, estiolando-se a pensar em amores impossíveis e a sonhar com futuros exageradamente doces...

Pelo que me diz respeito e como mãe de família, o que exijo dos livros que busco, é que a leitura seja honesta, sem lirismos, prática, calma e bela, abominando os vícios sociais, e não a literatura doentia de ‘chorar, sofrer e amar’, que as mulheres tanto apreciam e que tantos inconvenientes traz.

A mulher, principalmente a mãe de família, precisa viver fora dos mundos vaporosos ‘do sonho, do êxtase, do mistério’...

Por isso mesmo, o estilo de ‘Carmen Dolores’ me agradava, como me agrada o de D. Julia L. de Almeida, que se lhe assemelha, ‘Carmen Dolores’ era, porém, um pouco mais violento, tinha a impetuosidade de uma alma revoltada.

Nunca, porém, os seus trabalhos ultrapassaram as regras da decência e da honestidade; tentando um estilo forte, franco, não deixava de ser uma senhora educada e sóbria.

Dizia, sem preâmbulos, o que via e o que observava de mau, na sociedade. Ela não contribuiu, com a sua literatura, para aumentar o número de desvarios, suicídios e aventuras que George Sand, belo anjo desnordeado, infelizmente provocou.

Foi um belo talento feminino, uma glória, sem contestação, um pulso de jornalista, um espírito mordaz e eminentemente observador. Glória ao seu nome e paz a sua bela alma! V. Campos. (CAMPOS, 06 de junho de 1915, p. 1).

A crítica, que agrada a subjetividade da leitora, repleta de elogios ao estilo forte, franco, impetuoso, sem lirismos, ou seja, o estilo realista das obras de Carmen Dolores – que se opõe ao que era próprio do romantismo – se estende à figura da escritora sincera, real, concreta, direta e objetiva nas denúncias sociais. E, apesar de não a considerar uma escritora “essencialmente feminina”¹⁶⁹ nos moldes das exigências de uma sociedade patriarcal, conclui que ela era “um belo talento feminino” – como quem vive um momento de transição e espera mudanças conceituais e culturais.

De fato, não podemos afirmar que seus textos sejam “femininos” nos moldes que se construíam outros textos de autoria feminina, ou seja: nas suas crônicas não ressalta o sentimentalismo “cor-de-rosa” do romantismo; se ela centrava atenções em frivolidades femininas, era para demonstrar às leitoras o quanto isso era negativo para seu crescimento; pontuando uma nota de realismo no texto; não dava conselhos médicos e de beleza, muito menos direcionava a atenção das leitoras para o mundo doméstico com “receitas” para gerenciar sua casa, porém sob o comando do marido. Pelo contrário, seus textos denotavam ser “másculos” nos sentidos que se atribuíam aos vocábulos “feminino” e “masculino” dentro do contexto histórico-social-cultural dos 1900.

Gilberto Amado, o substituto de Carmen Dolores na coluna “A Semana”, alguns meses depois de seu falecimento, quando chegou de Portugal o livro *Ao esvoaçar da ideia*, editado pela Livraria Chardron, escreve a sua crítica sobre a obra, mas, como era um hábito entre os críticos impressionistas da época, não se limita à obra e passa a discorrer sobre a autora, sobre sua atuação corajosa, ousada, ponderada e lúcida.

¹⁶⁹ É provável que essa expressão, usada por V. Campos, caracterize a literatura produzida por mulheres que ainda se prendam ao lirismo romântico em pleno realismo.

Afinal, essas características da autora não eram o esperado, pois, como ele literalmente frisou com as reticências:

Ela era mulher... Mas foi um tipo novo de escritora.

Deu um exemplo; teve a coragem de iniciar entre nós o movimento de reivindicação feminina e atirar à luta, sem recato, a sua opinião, por mais livre e ousada, num meio em que a timidez intelectual se confunde com a distinção e a fraseologia inócua de Acácio é o ideal da ponderação raciocinada e da lucidez experiente (AMADO, 29 de /janeiro de 1911, p. 1).

Obviamente Carmen Dolores não iniciou o movimento feminista entre a intelectualidade carioca dos 1900; porém, esse fragmento do discurso de Amado (1911) permite-nos ressaltar sua opinião sobre o fato de ela ser a iniciadora, no seu tempo, de um “movimento de reivindicação feminina”, de luta pelos direitos da mulher. Em outras palavras, naquele tempo ainda não se esperava que uma mulher tivesse a ousadia de expressar sua opinião “sem recato” e chegasse ao “ideal da ponderação raciocinada e da lucidez experiente” como ele afirma que ela chegou e, por isso, a considerou “um novo tipo de escritora”. Naquele período, o que se esperava de uma mulher ainda era que fosse, antes de tudo, bela para encantar os olhos de seu homem; fosse também uma boa mãe de família e soubesse educar seus filhos para serem grandes homens públicos; além disso, deveria saber



Figura 26: O culto ao corpo

Fonte: *Revista Nosso Século*

administrar e fazer os serviços domésticos, mas que restringisse sua voz ao espaço privado e permanecesse submissa ao poder patriarcal.

Já do homem se esperava audácia, coragem, atitude no espaço público, além de cultivar seus músculos – símbolo de sua força física superior (figura 26) e, por outro lado, que desenvolvesse seu intelecto na busca de uma profissionalização, afinal ele era o responsável por cuidar e prover o sustento da família.

Com exceção do culto ao corpo, Carmen Dolores assumiu sua voz pública com audácia, ousadia, coragem; desenvolveu seu intelecto e se profissionalizou como literata, conseguindo suprir sua necessidade financeira, na condição de viúva, com os rendimentos pecuniários de seu trabalho. Somente dessa perspectiva, podemos concordar com seu “talento másculo”, repetidamente pronunciado na voz crítica de vários cronistas das primeiras décadas do século XX.

Carmen Dolores (02 de junho de 1906, p.1) reconhece a necessidade da virilidade da pena “como arma de defesa, à mulher que se atira às letras sozinha, sem padrinhos?”. Ao comentar uma correspondência recebida de Gaston Calmette, redator-chefe do *Fígaro* parisiense, na qual ele fazia uma análise da vida literária daquele momento, Carmen Dolores expressa o desejo de vê-lo no Brasil, observando imparcialmente o “ao monótono e inglório debate nesta arena apertadíssima das letras e do jornalismo, onde só um punhado de privilegiados, sempre os mesmos, conseguiu cavalgar a opinião simpática e hoje segue, faça o que fizer, por uma trilha desbravada e segura, conduzindo ao sucesso”. Para ela, obter sucesso no Brasil de 1906 como escritor(a) ou jornalista é uma questão de sorte, de moda, de simpatia, até de futilidade – basta ter um padrinho, um amigo nessa luta intelectual na concorrência moderna: “Pode se ter muito talento e não ter sucesso, assim como também se pode alcançar o sucesso sem ter talento. É o capricho da sorte...”. Explica ainda que muitos daqueles que escrevem não buscam a glória, o renome, mas “obedece muitas vezes a circunstâncias particulares, à necessidade de viver ou então ao impulso incoercível de um temperamento artístico, que o atira invencivelmente às expansões da ideia”, como é o seu caso:

Eis porque eu, no modesto e estreitíssimo limite das minhas atribuições obscuras, mas que em todo o caso me fornecem a regalia de externar as minhas opiniões – eu nunca regatearei o aplauso e a animação aos que me parecem realmente, francamente dignos, embora ainda desconhecidos, desse benéfico acoroçoamento.

Abaixo a moda e a convenção nas letras! Campo aberto a todo e qualquer concorrente de valor!

Saliente-se, reconheça-se e aplauda-se o talento, seja quem for aquele que o assinala em trabalhos de merecimento (DOLORES, 03 de junho de 1906, p. 1).

Ela tem consciência que sua forma de expressão das ideias é considerada máscula e explica que sua fonte de inspiração são as intelectuais europeias geniais, gloriosas e célebres que com suas penas másculas dominaram o mundo:

E, se porventura me acharem demasiado masculinizada nesta declaração de guerra ao *partis* que restringe o círculo dos eleitos, nesta aspiração enérgica de verdade e de justiça, que não tem talvez os laivos açucarados de um tom dolentemente feminino, oh! Meu Deus! Eu facilmente me consolarei, voltando o olhar para grandes sombras do passado.

Pudesse eu imitar-vos, geniais criaturas, cuja pena máscula dominou o mundo; pudesse eu roubar-vos uma faísca de intelectualidade, gloriosa Stäel, gloriosa George Sand, Delfina Gay, depois Madame de Girardin, a célebre! Que até assinava as suas crônicas lampejantes, que fizeram época pelo espírito mordente, pela incisiva ironia do ataque a coisas e pessoas, com um pseudônimo de homem: *Visconde de Launay* (DOLORES, 03 de junho de 1906, p. 1).

Apesar de saber o que pensam e dizem sobre a virilidade de seus textos, ela afirma a igualdade de gênero no que diz respeito ao talento artístico: “Em França, a palavra *autor* não tem feminino, e diz-se: a *mulher-autor*, o que prova que o talento não tem sexo, mas tem asas, que o elevam muito acima de mesquinhas e piegas preocupações de feminismo”.¹⁷⁰ (DOLORES, 03 de junho de 1906, p. 1).

Para a cronista, não é só a mulher que precisa de um espaço próprio, ou “um teto todo seu”, como o disse Virgínia Wolf, para produzir arte, mas todos aqueles que são “forçados à pena” para poderem subsistir “tentando conquistar a simpatia do público nesse concurso brutal da imprensa contemporânea”. E a cronista continua:

¹⁷⁰ A afirmação de Carmen Dolores está de acordo com as normas da língua francesa de sua época, pois, nos dias de hoje, autora grafa-se *auteure*, no feminino, como *doctoresse*.

A Arte, porém, sob qualquer forma, não é uma entidade que se sufoque em subterrâneos escuros. Requer um ambiente simpático, ar, luz, sugestões amáveis, o divino zumbido das animações que a estimulam ou dos aplausos que a festejam; e, privada de tudo isso, debalde inspirando e aquecendo ao seu influxo, obrigada a assistir de longe a caprichos parcialidade da sorte restrita, a Arte acaba por encolher as asas inúteis, relegada e melancólica. Para que lutar, se a abelha de olho no sucesso vai sempre pousar na fronte previamente marcada pelo doce mel da voga lisonjeira? Nada há mais lúgubre, no fundo, do que a situação de quem escreve livros ou jornais, tentando conquistar a simpatia do público nesse concurso brutal da imprensa contemporânea – e a cujo espírito se impõe, contudo, cada dia mais e mais, a dolorosa e congelante convicção que esforços não valem e méritos não servem, logo que falta esse *quit* indefinível que não é nada, mas é tudo, e que em suma se chama o *azar* na loteria dos forçados da pena. (DOLORES, 03 de junho de 1906, p. 1).

Quando Gilberto Amado, em 1911, fala em “um novo tipo de escritora”, admite indiretamente a existência de outras obras de autoria feminina, ou melhor, a existência de outras mulheres produzindo livros e textos em periódicos, apesar de não compará-las entre si, ou sequer fazer referência direta ao grupo de mulheres participantes dos periódicos femininos fundados por elas. Contudo, as características que ressalta em Carmen Dolores, na sequência, demarcam o diferencial entre ela e as outras. Como afirma Schmidt (1995, p. 185),

Falar sobre a instituição ‘literatura’ e a presença da mulher no espaço dos discursos e saberes é, pois, um ato político, pois remete às relações de poder inscritos nas práticas sociais e discursivas de uma cultura que se imaginou e se construiu a partir do ponto de vista normativo masculino, projetando o seu outro na imagem negativa do feminino. Se o masculino está para norma, o transcendente, o universal, o feminino está para o desvio, o imanente, o particular, ou então, o inessencial, como bem o assinalou Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*.

As reticências depois da afirmação do seu gênero, no discurso de Gilberto Amado, permitem ler preconceitos¹⁷¹ muito maiores do que considerar os escritos da autora “ másculos”. Implícito está o valor negativo atribuído ao que é sentimental, frívolo, ao que “educa” a mulher para permanecer no seu lugar doméstico; implícito está o estranhamento que o fato de ser uma senhora da sociedade carioca capaz de tornar pública a sua voz, as suas ideias independentes alcançando a equidade em termos salariais na profissão de cronista. No entanto, Carmen Dolores, nessa questão, esteve à frente do seu tempo, pois conseguiu ser uma das cronistas mais bem pagas da época, segundo Brito Broca (1975), o que já comentamos no capítulo II.

Além disso, diferente do que foi naturalizado para os homens, a mulher tinha que dar “uma prova da sua inteligência” e uma das formas de consegui-lo era publicando suas produções literárias e jornalísticas, mesmo que com essa atuação fosse considerada “produto estranho, um objeto raro, um *specimen* exótico”, como ponderou Chrysanthème. (14 de março de 1926, p. 1)

¹⁷¹ Os preconceitos contra a atuação de mulheres como jornalistas, escritoras e poetisas vão muito além dos anos em que viveu Carmen Dolores. Chrysanthème, em 1926, ainda na coluna “A Semana”, discorre sobre o que resulta para as mulheres – escritoras e cronistas como ela – com a “sua intromissão na imprensa carioca e na literatura nacional”.

Dezesseis anos depois de Carmen Dolores ter lutado até seu último suspiro pelo espaço público para sua voz e tê-lo conseguido sustentar por mais de cinco anos em um dos jornais de maior circulação na América Latina, a atuação profissional de mulheres na área ainda era vista como uma “intromissão”, ou seja, esse lugar era naturalmente reservado para homens. Nas palavras de Chrysanthème, em 1926, “[...] existe já um grande número de senhoras exercendo a profissão de jornalistas, de escritoras e de poetisas”. Reconhece o real talento, a boa vontade de outras, a sinceridade de suas produções em prova ou verso, o sentimentalismo de algumas e o realismo de outras conforme seu temperamento. E continua: “Entretanto, o jornalismo ou a literatura [...] até hoje ainda não constituíram para a mulher um ofício rendoso ou, simplesmente, equitativo. O escrever é para nós, outras que o fazemos um cargo honorífico, um lugar de honra, uma prova de inteligência, talvez, mas, presentemente não representa uma profissão que nos ajude a viver, a trajar ou mesmo a evoluir”. E acrescenta que “[...] nesta cidade de progresso real, mas terrivelmente ainda província, a senhora que trabalha nas horas em que as suas semelhantes se divertem é tida como um produto estranho, um objeto raro, um *specimen* exótico (CHRYSANTHÈME, 14/03/1926, p. 1). Nesse seu depoimento, Chrysanthème vislumbra o que só muito mais tarde as mulheres de um modo geral conseguiram no Brasil, a equidade, pelo menos em algumas profissões.

Nas palavras de Schmidt (1995, p. 187):

A experiência feminina sempre foi vista como menos importante no espaço da cultura e da literatura e, de modo geral, foi excluída do discurso do conhecimento onde a esfera do pessoal, tradicionalmente codificada como relativo ao feminino, foi sistematicamente desvalorizada por essa mesma razão. Na impossibilidade de reconhecer-se numa tradição literária, em que as limitações impostas pelas imagens literárias lhe apontavam o papel de musa ou criatura, o que as excluía automaticamente do processo de criação, as escritoras, especialmente as do século 19, tiveram que lutar contra as incertezas, ansiedades e inseguranças quanto ao seu papel de *autora*, quanto a sua *autoridade* discursiva para afirmar e representar determinadas realidades, ausentes ou falseadas no espelho que a cultura lhe apresentava.

De uma mulher, não se esperava que ela tivesse competência para escrever literatura de valor, e Chrysanthème nos presenteia com a narrativa de um fato exemplar ocorrido na intimidade do lar de Carmen Dolores:

Quanto à situação da mulher que escreve, perante o homem que a lê, não sei bem como me explicar a esse respeito, sem narrar um episódio sucedido com Carmen Dolores, a invencível labutadora, que escreveu até a véspera de sua morte, sobre o travesseiro em que deitava, depois, a sua pobre cabeça de moribunda. Curvada em cima de uma mesa, onde se amontoavam jornais, revistas e livros, Carmen Dolores traçava a sua *Semana*, para esta mesma coluna que, atualmente, me pertence aos domingos. Já enferma ela gastava-se, e esmerava-se no anseio natural de interessar o seu público. [...]

Que será uma escritora senão uma atriz que tem por objetivo supremo servir bem àqueles que lhes leem os escritos? O palco de um jornal, por não conter luzes inúmeras em torno é, às vezes, tão penoso e terrível como o outro! [...]

Carmen Dolores escrevia, pois, o seu artigo semanal, quando lhe chegou uma visita masculina que, depois de contemplar com ar indiferente as

inúmeras folhas cobertas pela letra vigorosa da falecida escritora, murmurou num tom de mofa e de ironia, que a feriu profundamente:

- Está a escrever os seus continhos, hein?

Esta cena repete-se sempre que uma mulher apresenta ao *clan* dos seus inimigos outrora barbados, um livro seu.

A qualidade do sorriso daquele que o recebe é idêntico em expressão ao brotado nos lábios do indivíduo que, há anos, desmereceu desse modo o árduo trabalho de Carmen Dolores. ‘Seria melhor, disse-lhe o sorriso ambíguo, soubesse cozinhar ou engomar!’ (CHRYSANTHÈME, 14 de março de 1926, p. 1).

Claro está, no discurso e na expressão do visitante masculino, o seu preconceito: o diminutivo “continhos” e o “tom de mofa e de ironia” evidenciam o pouco valor atribuído à literatura de autoria feminina naquele contexto. Além disso, a não aceitação dessa ousadia feminina faz com que enunciados determinantes do lugar privado destinado às mulheres sejam repetidos à exaustão – por mais que essa ideia já estivesse naturalizada: tarefas domésticas são “serviços de mulher”. Chrysanthème estende o preconceito sofrido por Carmen Dolores à situação vivenciada por todas as mulheres escritoras de seu tempo, diante de críticos “barbados” que as leem.

Vários anos antes, em 1912, Isabella Nelson já havia escrito uma crônica na qual o título “Vitórias Femininas” já esclarecia o objetivo do seu texto, qual seja, defender as escritoras brasileiras do preconceito dos críticos e, para isso, também se vale de fatos ocorridos como estratégia de denúncia. Inicia elogiando críticos de teatro e música brasileiros, como Oscar Guanabará e Rodrigues Barbosa, nesse momento em que o teatro nacional ressurgiu e afirma que “[...] o Rio pode orgulhar-se de possuir o que não possui nenhuma outra capital da América do Sul”. Logo depois de enaltecer nossos críticos, aponta, sem subterfúgios, o preconceito deles para com as dramaturgas: “[...] os nossos críticos devem continuar a ser sinceros, severos e justos, mas devem ter menos *parti-pris* com as mulheres que escrevem para teatro” (NELSON, 15 de outubro de 1912, p. 3). Acusa os críticos de serem vaidosos e complementa: “Os Srs. Críticos entraram no Municipal com a opinião preconcebida de que uma senhora não seria capaz de produzir obra que prestasse. Se nos nossos jornais a crítica fosse exercida por mulheres, as coisas se passariam de outro modo” (NELSON, 15 de outubro de 1912, p. 3).

Anos depois, Chrysanthème (1919), na coluna “Palestra Feminina”, ainda aborda a questão dos preconceitos sofridos pelas mulheres que procuram seguir a carreira de cronista, na época entendida como carreira jornalística:

[...] é a mais ingrata das carreiras. O sucesso é às vezes rápido, mas quase sempre fugaz. Os esforços, o dispêndio de forças morais e físicas, o trabalho insano passam despercebidos do público, que nos lê, que nos censura, que nos inectiva. E entretanto, nenhum ofício carece de maior sangue frio, de maior dedicação de maior sacrifício (CHRYSANTHÈME, 18 de agosto de 1919, p. 4).

A imagem da incapacidade intelectual da mulher estava tão naturalizada que em muitos discursos de autoria masculina eram declarados, principalmente quando as primeiras manifestações do feminismo da primeira fase começaram a emergir. A título de exemplo de discursos masculinos preconceituosos, Homem Christo, redator-chefe da revista internacional *Cosmopolia* de Paris, em conferência realizada no salão nobre da Associação dos Empregados do Comércio em 1910, abordou o tema da ambição “[...] que perde as mulheres, cobre os velhos de ridículo, consome os artistas, arruína os moços, faz os pobres roubar [...]”, ou seja, inclui aí todas as pessoas que estão à margem do poder, pois estão marcadas pelo gênero, pela idade, pela classe econômica e profissional. (O PAIZ, 02 de setembro de 1910, p. 4)

Segundo a nota do redator da coluna “Vida Social” do jornal *O Paiz*, pondo em ridículo as *campeãs do feminismo*, o ilustre redator-chefe de *Cosmopolia* provoca grande hilaridade na assembleia, que era desusadamente numerosa, vendo-se “grande número de senhoras” quando afirma que:

A mulher está menos inválida pelos males da terra, menos cheia de ruins sentimentos que o homem, embora muito mais vencida pelos preconceitos. O feminismo, que de começo era um movimento simpático, desnaturalizou-se devido a lamentáveis exageros e erros de orientação, tornando-se urgente combatê-lo, dirigindo-o em outro sentido, aproveitando o que de justo e útil para o progresso da humanidade nele existe. (O PAIZ, 02 de setembro de 1910, p. 4).

E o literato português teria continuado sua elucubração afirmando ser necessário atacar o feminismo “em nome da justiça, em nome da verdade”, pois “a orientação que tem tomado o feminismo é detestável”. Em seguida, segundo o redator de *O Paiz*, o conferencista:

Historia largamente o passado da mulher e continua dizendo que os seus direitos são legítimos dentro de certos limites. Que é valiosíssimo o concurso por ela prestado à literatura, à ciência, à indústria, a todos os ramos da atividade humana. Mas o seu primeiro dever, a sua principal função, é dar o amor e dar a vida, ser esposa e ser mãe. Fazer dos seus filhos os homens livres de amanhã, os homens do futuro.

O orador dirige às senhoras uma primorosa alocução, fazendo votos para que a canção com que hoje embalam os berços das crianças seja o hino dos séculos futuros (O PAIZ, 02 de setembro de 1910, p. 4).

De fato, para o senhor patriarcal, deveria ser extremamente difícil aceitar que aquela que esteve sob seu jugo, por tanto tempo, ousasse fazer dessas árduas conquistas alcançadas por algumas poucas a sua atuação principal e se desviasse da função de esposa e de mãe por ele determinada e, assim, naturalizada, como dever primordial.

O que pode parecer um paradoxo, nesse discurso, é o fato de ele discorrer elogiosamente sobre mulheres brasileiras e portuguesas que escreveram literatura e demorar-se “na análise das nossas maiores individualidades literárias do passado e do presente, tendo palavras de especial louvor para Carmen Dolores e Julia Lopes de Almeida, de quem faz um elogio vibrante [...]” (O PAIZ, 02 de setembro de 1910, p. 4). Talvez ele soubesse que ambas não deixaram de exercer a função de “boa mãe” enquanto escreviam suas narrativas ficcionais – e se assim foi, não seria um paradoxo.

Outros tipos de conceitos pré-concebidos sobre uma mulher eram comuns na voz masculina, como, por exemplo, na afirmação de Paulo Barreto em que ele dizia se sentir “completamente esmagado” quando estava doente e bancava “o Nosso senhor Morto” e que “só as mulheres, acrescenta ele, representam bem o papel de enfermas”. Chrysanthème (1922, p. 1) contesta a afirmação dele, citando como contraponto a atitude e o pedido de Carmen Dolores nos seus últimos tempos. Segundo Chrysanthème (1922, p. 1), “Carmen Dolores, a ilustre escritora morta, pedia que não a procurassem quando doente e

dispensava, pouco antes de expirar, os passeios ao jazigo onde dormiria seu último sono”.

Para entender melhor os preconceitos sociais com relação à profissionalização e atuação da mulher no mercado de trabalho da primeira década do século XX, a crônica de Theotônio Filho (1908, p. 4), publicada na coluna “De relance”, do jornal *Correio de Manhã*, é um belo exemplar de discurso machista:

Qual a melhor carreira da mulher? A resposta é difícil.

Há mulheres que dão para tudo e mulheres que não dão para nada. Prefiro as segundas.

As mulheres que dão para tudo tornam-se terríveis, impertinentes, com ares superiores, às vezes mesmo tratando o homem com certo desdém. As mulheres que não dão para nada conservam sempre aquela encantadora serenidade do sexo, aqueles olhos sempre *femininos*, aqueles gestos arrebatados que perdem os homens.

Naquele contexto, feminino era sinônimo de subserviência ao homem, de sedução através dos gestos ou do olhar e, principalmente, de inferioridade marcada na sua falta de inteligência:

Proudhon dizia que a mulher nem ao menos inventou a sua roca.

Tal afirmativa alegra-nos. E não seria na verdade uma grande desgraça se acaso amanhã nos víssemos totalmente inúteis, dentro de casa, enquanto a nossa mulher *fazia pela vida*, tratados como *bebês*, bonequinhos sem valor, uma coisa secundária? Um bom remédio, aliás, para os preguiçosos, que traria graves consequências. Uma mulher, por exemplo, que governasse o Brasil, cercada de ministros do mesmo sexo, o que não faria? Declararia guerra à Argentina, guerra ao Peru e guerra à Bolívia; procuraria tornar o Uruguai uma possessão nossa; venderia a última camisa do país para comprar vasos de guerra; triplicaria o Exército, cujos oficiais seriam jovens gaúchas; faria tanta asneira grossa, que, dentro de cinco anos, o país estaria no mais deplorável dos estados: as finanças arrebatadas, o povo exausto, o exército esmigalhado e a esquadra submergida.

Seriam *coisas do belo sexo...*
(THEOTÔNIO FILHO, 21 de maio de 1908, p. 4 [grifo do autor]).

Mal sabia Theotonio Filho que 104 anos depois uma mulher assumiria, de fato, a presidência do Brasil. O “*belo sexo*”, grifado por ele, seria totalmente incapaz de qualquer atividade pública a partir da lista de “tanta asneira grossa”. É esse tipo de mulher que mais agrada ao machista, justamente porque se for dotada de inteligência, se for capaz de administrar um país, ele perderá de fato seu poder – o poder concedido ao homem foi naturalizado e não conquistado pela sua competência. Aos homens, a educação era dada naturalmente, como forma de mantê-lo no poder dentro da sociedade patriarcal, porém as mulheres tiveram que lutar pelo direito ao acesso à instrução. Por essa razão, também não poderiam ser professoras, pois permitir-lhe essa profissão seria correr um risco: naquela posição, elas seriam instruídas e poderiam conscientizar outras mentes. Mas não é essa a razão que ele assume publicamente e, sim, a de que elas perderiam sua beleza, essencial para seu deleite, pois quando elas a perdem são postas de lado:

Uma mulher deve ser professora? Não. Entregue diariamente a mortificar a paciência com meninos irritantes e malcriados acabará por perder a beleza, tornar-se magra, envelhecer. Nós não a queremos assim. Uma mulher feia é uma flor murcha. Pomo-la de lado para não desfolhar.

Da mesma maneira que não deve ser professora, não deve ser cigarreira, nem caixeira, nem nada.

A instrução? Tê-la-á, mas não muito adiantada. É muito bonito uma mulher literata, mas quando não se deixa levar pelos sentimentalismos líricos de seu sexo. Por isso adoramos George Santhies, de Stael, de Stern, Carmen Sylvia e Carmen Dolores. Estas são mulheres-homens.

Diariamente citamos fatos de mulheres que têm instrução superior e até *filosófica*. Lembro-me de uma, muito pernóstica, falando de escritores e de filósofos, que uma vez acendeu forte discussão comigo, a respeito do que era o amor. (Entre parêntesis, peço para não tomarem isso na malícia). Dando conceitos sobre conceitos, ela procurava embarçar-me. Como mulher que era ia-me embarçando deveras. Mas (THEOTONIO FILHO, 21 de maio de 1908, p. 4 [grifo do autor]).

Da perspectiva do autor, se alguma alcança um nível de instrução mais adiantado, se domina “até filosófica”, se é literata, então, torna-se mulher-homem, ou seja, perde a sua feminilidade, o seu

sentimentalismo naturalizado, e torna-se capaz de “embaraçar” o homem. Para provar que esse risco ele não corre, publica a sua opinião machista sem nenhum receio de ser confrontado.

Como um contraponto, no *Correio da Manhã*, em 1908, Diana de Piracicaba escreve uma carta ao redator do jornal - endereçada aos diretores da Exposição – para fazer “uma reclamação muito justa”. Mas, antes de chegar ao objetivo da sua carta – a queixa e a reivindicação para senhoras – faz uma longa explicação em que sobressai a condição de submissão aos convencionalismos a que as mulheres brasileiras estão submetidas; o que lhes é ensinado e o rigor com que são educadas; e para tornar a sua imagem ou sua opinião pública – mesmo que escrita – precisam reunir muita coragem para vencer a timidez.

Repare, Sr. redator, que é com timidez absoluta que eu estou escrevendo esta carta. Nós outras, mulheres brasileiras, não temos geralmente a bossa da literatura, e por isso a simples intenção de dirigir aos jornais uma carta é motivo para um certo terror íntimo como se fossemos prática: um crime. Ah! que se todas nós tivéssemos o talento e o desassombro da minha amiga Carmen Dolores, talvez que o feminismo no Brasil tivesse progredido tanto ou mais do que na Inglaterra. Mas que quer? Educam-nos assim, encaixilhadas no rigor dos convencionalismos caseiros como se fôramos plantas de estufa, incapazes de receber o influxo das brisas...

Aprendemos a rezar, a fazermos bordados, a tocar Chopin ou Schopenhauer, e só por suprema galanteria dos pais, ou por pequena e inofensiva pirraça dos maridos, nos deixamos cair nas objetivas dos amadores da fotografia, que sem mais aquelas nos estampam nas revistas, no *Fonfon* ou na *Careta*.

E pouco mais do que isto.

D'est'arte escrever uma carta a um senhor jornalista e pedir-lhe alguma coisa, mesmo que seja apenas justiça como eu faço agora, é caso para sérias meditações e gravíssimos escrúpulos! (CORREIO DA MANHÃ, 02 de agosto de 1908, p. 2).

Carmen Dolores é citada como uma exceção, uma feminista comparada às europeias, uma mulher brasileira intelectualizada, abrindo um caminho que serve de exemplo para suas leitoras. A maioria das

mulheres desta época ainda se submete ao rigor da educação doméstica, é tomada por escrúpulos, por um terror íntimo que leva a longas reflexões antes da ousadia. Na continuidade de sua carta, entendemos que esses sentimentos e atitudes são gerados pelo medo da censura e da vingança masculinas:

Ora, ouça, meu caro sr. redator: Os senhores homens não vacilam em dirigir-nos censuras, picantes por vezes, embora revestidas de cortesias e de palavras bonitas, por causa dos nossos chapéus nos teatros: igualmente se desesperam porque as senhoras é dado o melhor lugar nos salões, nas conferências, em todas as festas, enfim, e se não nos increpam asperamente por sermos alvos obrigados daquilo que a minha avó chamava-a consideração de vida às pessoas no nosso sexo – é apenas porque lhes falta coragem para uma agressão tão revoltante. Todavia, quando podem – ih! Meu Deus! Vingam-se de nós, com umas traiçoezinhas eles nos deixam mesmo aniquiladas, vencidas, intimamente raivosas.

Ah! Mas isso não se faz a senhoras! Veja só!”
(CORREIO DA MANHÃ, 02 de agosto de 1908, p. 2).

O discurso vitimista da autora da missiva – que objetivava uma simples reivindicação de *toilettes* no espaço da Exposição para mulher – era o discurso predominante entre as mulheres que não tinham a coragem e a ousadia de escritoras e intelectuais feministas como Carmen Dolores e suas colegas de profissão que optaram – ou só conseguiram espaço – pelas mídias fundadas por elas. Como afirma Schmidt (1995, p. 187), quase noventa anos depois:

Desafiando o processo de socialização e transgredindo os padrões culturais, tais escritoras nos legaram uma tradição de cultura feminina que, muito embora desenvolvida dentro da cultura dominante, força a abertura de um espaço dialógico de tensões e contrates que desequilibra as representações simbólicas congeladas pelo ponto de vista masculino.

A coragem de Carmen Dolores de expressar nas colunas de jornal da “grande imprensa” sua subjetividade, com “talento e desassombro”, gerou, diversas vezes, querelas em torno de seu nome. No final de 1908, ela assim responde à carta anônima que indagava a razão de uma

“guerra injusta” que lhe faziam “em algumas rodas estabelecidas” na capital:

O meu espírito é inteiramente independente, oh! Se o é!... E juro que o será sempre. Como senhora, pareço tímida e sorrio com gentileza a tudo, mas como escritora o caso é outro, tenho a minha consciência e só digo o que penso, o que quero e o que entendo. Mais depressa quebrarei a pena que me fornece o pão, do que a molharei jamais em água com açúcar para angariar simpatias e adesões, festinhas e elogios, mesmo proveitos materiais, das *coteries* convencionalistas, como arauto dos poderosos – que aliás não fazem mais do que pisar os desprotegidos, em cuja conta me tenho (DOLORES, 13 de dezembro de 1908, p. 1).

No entanto, mulheres determinadas que transgrediam os padrões culturais estabelecidos, desequilibrando representações simbólicas, como o fez Carmen Dolores, eram rotuladas, naquele contexto, como “másculas”. Hoje, porém, devemos agradecer à sua coragem e ousadia, ou mesmo a sua eventual irreverência, características indispensáveis às mulheres que exerciam o feminismo possível na virada do século XIX para o século XX.

4.4.2 Uma postura paradoxal

Soihet e Esteves (2008, p. 152-154), no estudo das crônicas de Carmen Dolores, apontam paradoxos, incoerências e incompatibilidades internas de Carmen Dolores. Para elas, por um lado, a cronista critica os “casamentos arrançados, os conflitos familiares” e faz sua consequente defesa do divórcio “em nome da integridade da família”. Além disso, “a preservação de casamentos infelizes resultaria, inclusive, no adultério, excessivamente maléfico para os membros daquela instituição”. Por outro lado, defende a família em outros momentos, chegando, “paradoxalmente, a propor um reforço da autoridade masculina”. Outra contradição, apontada por Soihet e Esteves (2008, p. 158), é o fato de Carmen Dolores, em alguns casos, denunciar as diferenças de classes como prejudiciais aos menos favorecidos e, em outros casos, deixar transparecer seu próprio preconceito envolvendo relações de classe, gênero e raça.

Lopes (2001), por sua vez, comenta a ambivalência de Carmen Dolores quanto à sua postura feminista. Ressalta o sentimento de dever

da cronista em “consertar o que puder ser consertado na sociedade brasileira”, como “o direito ao trabalho bem remunerado para a mulher”, “educação das crianças e [...] instrução das meninas”, bem como a “legalização do divórcio no Brasil”. Além disso, foi “solidária [...] com as principais reivindicações da mulher, as quais, para ela, compõem o feminismo” (LOPES, 2001, p. 94). É nesse sentido que a crítica justifica o feminismo de Carmen Dolores, usando como meio de luta a sua produção literária e jornalística.

Concordamos com as três pesquisadoras citadas quanto à sua postura paradoxal e/ou ambivalente em diversas situações, quando confrontamos o conjunto das crônicas publicadas ao longo dos cinco anos e meio. Contudo, considerando os elementos de compreensão do sistema literário, apresentados por Cândido (1975, p. 34-35), ou seja, os fatores individuais da autora inter-relacionados com os fatores sociais externos, essa postura é compreensível. Isto é, aos fatores individuais da autora, seus dados biográficos, sua origem e toda a sua experiência de senhora da sociedade imperial impregnada na sua filosofia de vida, nos levam a respeitar o seu direito de mudar de opinião ao longo de sua atuação. Em outras palavras, aquilo que ela intentou e realizou em termos jornalísticos e literários, comprovado nos resultados do que produziu profissionalmente em livros e/ou em periódicos, nesse relativamente longo tempo, por vezes se apresenta de forma contraditória em função do processo de amadurecimento da escritora, ou em função dos seus embates com seus companheiros de profissão e com os próprios leitores. Por outro lado, levando em conta os fatores sociais externos que caracterizam o vínculo da obra com o tempo, temos que considerar que não foi fácil, para as mulheres daquela época, transgredir as amarras estabelecidas, não se deixar abater diante dos preconceitos que lhe atingiam e, mais, não cair nas armadilhas discursivas armadas no diálogo com outros cronistas homens – por mais que Carmen Dolores tivesse habilidade discursiva e consciência disso. Hahner (2003, p. 197) nos informa que “mulheres profissionais, mesmo que oriundas da elite brasileira, continuavam a sofrer discriminação, o que indubitavelmente estimulava sua consciência sobre a questão dos direitos femininos”.

Carmen Dolores, na crônica em que protesta contra “algumas inverdades proferidas pelo Sr. Laet” a seu respeito, é incisiva: “[...] tentativas de chacotas esbarram na firme impassibilidade das minhas opiniões. Nem por isso me considero feminista, livre pensadora, ou coisa que o valha” (DOLORES, 1908, p. 1).

Apesar de, em 1881, Maria Estrela e Josefa de Oliveira (apud HAHNER, 2003, p. 144) escreverem no periódico *A Mulher* (Recife), que

Qualquer ‘mulher que entender que, por ser mulher, não tem necessidade de estudar, de instruir-se e de trabalhar, comete um erro irreparável’. Pela via do ‘trabalho, fonte perene do bem-estar da criatura humana’, as mulheres poderiam sustentar-se e viver livres e independentes.

Essa conscientização feminina, pretendida por duas das primeiras defensoras dos direitos da emancipação feminina no Brasil, ainda demorou várias décadas. Até as primeiras décadas do século XX, só o fato de uma mulher escrever e publicar seus textos em periódicos ou livros ainda era uma transgressão do limite espacial doméstico, historicamente delimitado para ela, ou seja, ela já assumia publicamente um posicionamento interpretado por muitos como feminista se ousasse fazê-lo. Quando Carmen Dolores, nos seus textos, abarca questões relativas à mulher, ou assume um trabalho na luta pela sua subsistência, era passível de críticas ou zombarias, como ela mesma o coloca na crônica publicada em *O Paiz*, no início de sua atuação nesse periódico, não só por homens, mas até por outras mulheres:

E se alguma rompe a rotina, trabalha, escreve, dá lições, as outras, e também os homens, todos esticam um desdenhoso beijo e murmuram, abanando gravemente com a cabeça: ‘Anda por aí ganhando a vida, ensinando, fazendo uns livros... É quase uma desqualificada...’ (DOLORES, 1905, p. 1).

Três anos depois de estar colaborando semanalmente com suas crônicas no jornal *O Paiz*, outro episódio comprova que nada mudou quando o assunto é a transgressão da mulher que expõe livremente suas ideias sobre assuntos discutidos na imprensa da capital federal:

É muito curioso que, no meio de artigos longos e bem elaborados contra a lei do sorteio militar; é curioso que só uma crônica minha, ou antes um trecho de crônica, ande a merecer tantas acusações de anti-patriotismo. Mas por que sou anti-patriota? Pelo fato de ter exprimido a minha opinião pessoal sobre uma coisa que não me agrada, com a qual antipatizo e sem a qual fãmos bem passando? Não me parece, contudo, que eu seja finalmente obrigada a dizer *amém!* a tudo

quanto se inventa em nossa terra, uma vez que há a liberdade de imprensa, isto é, do pensamento, e nenhuma lei do arrocho foi promulgada, que eu saiba, acompanhando a do serviço militar. Eu me julgava livre, pois, livre sobretudo de dar o meu juízo sobre o assunto obrigatório da semana, sem aliás pedantismos, antes com o sorriso próprio de umas linhas femininas, que jamais perdem o seu direito à amabilidade indulgente dos que a leem. [...] Quem diverge é injuriada... E se minha pena de mulher é uma acha ou pelo menos uma brasa – atiro-me sem medo à fogueira. É o meu protesto (DOLORES, 1908a, p. 1).

Se por um lado afirmou em 1908 não ser feminista, por outro escreveu inúmeras crônicas reivindicando seus direitos de mulher intelectual e profissional. Dentre os aspectos paradoxais apontados pelas pesquisadoras que colocam em xeque o seu feminismo, sua posição quanto à política vigente merece ser repensada. Além disso, podemos acrescentar outra questão que, ao nosso ver, também nos parece paradoxal no primeiro momento: seu posicionamento anticlerical versus sua participação nos rituais católicos. Em outras palavras, se era contra o clero – e até chegou a ser acusada de ateísmo – como explicar sua frequência às missas dominicais na igreja católica e suas citações bíblicas como fundamento de sua filosofia de vida?

4.4.2.1 Sua postura anticlerical, a pecha do ateísmo e sua participação em rituais católicos

Uma suposta contradição está implícita no seu discurso cronístico: sua postura anticlerical, a pecha do ateísmo e sua participação em rituais católicos. Seu anticlericalismo já havia sido apontado por (SINZIG, 1917, p. 167-168) na avaliação que ele fez de suas obras ficcionais: “De grande talento que, infelizmente, pôs em parte ao serviço do anticlericalismo”. (SINZIG, 1917, p. 167-168). É relevante lembrar que Frei Pedro Sinzig faz parte do clero da época, e que o poder institucional da igreja, naquela época, estava a serviço do sistema patriarcal vigente na sociedade. Apesar de Sinzig (1917), enquanto representante da Igreja, usar seu poder tentando intervir na dinâmica interna do trabalho artístico de Carmen Dolores, censurando seu conteúdo anticlerical nas crônicas publicadas em *Ao esvoaçar da ideia*, os confrontos travados entre eles vão além da sua defesa de liberdade de expressão artística e da luta pela autonomia do campo

literário, próprio da modernidade. Ela defende, nessa discussão, principalmente, os direitos da mulher ao divórcio, bem como defende-se contra a injusta pecha do ateísmo. Para tanto, por um lado, declara-se livre pensadora e, por outro lado, denuncia as mazelas “escondidas...” atrás das portas das sacristias e encobertas pela cúpula da igreja, como o fez no caso do jovem irmão Marcelo, do colégio diocesano de S. José em 1905:

[...] esse bom irmãozinho que é bastante conhecido nos bondes locais por umas certas maneirinhas profanas batizadas pelo vulgo com um qualificativo extraído do verbo *bolinar*, *ir a bolina*, expressão náutica, mas que decerto o caráter sagrado de Joseph de Gallifet, que não é nenhum José da bíblia, explica e absolve...

Ora, meu Deus! O que é que esse caráter sagrado não explica e absolve? Logo que a santa igreja cobre o delinquente com a sua forte égide, isolando-o no círculo inviolável das intenções que não podem ser suspeitadas, sob pena de heresia por parte dos suspeitantes, o caminho da impunidade está largamente aberto, livre, rasgando ostensivamente ao claro sol. Não se constanjam, santinhos e santinhas, irmãozinhos e irmãzinhas, confraria das mãos postas e dos olhos baixos – o que não impede as vezes que, num bonde, o joelho trabalhe cautelosa mas fogosamente... (DOLORES, 20 de agosto de 1905, p. 1).

Mais adiante, denuncia também a lealdade, o corporativismo da legião de sacerdotes hipócritas, que cometem seus delitos, certos da impunidade e da defesa dos seus pares, bem como de seus superiores, caso seu vício secreto seja descoberto:¹⁷²

Pecar, não é nada, porque a *intenção do padre* é sempre pura e inocente qualquer ato seu, por mais feio que seja; mas se descoberto, aí é que o carro pega...

E a defesa toma então feroz caráter, como se vê atualmente. Acuado, o santo vira animal, com o sangue todo na face inchada de exasperação, e arregaça a batina, urra pela legião salvadora dos companheiros, que acodem em furiosa defesa da

¹⁷² Corporativismo que ainda vimos recentemente, quando denúncias de pedofilia dentro da igreja católica chegaram a público.

classe ameaçada no tranquilo gozo dos seus viciozinhos secretos e impunes, rompendo aí o coro das palavras sacramentais – Deus, religião, virtude, que nada significam no caso discutido mas servem para encapar a maroteira, dando uma feição sacrílega a descoberta da verdade. (DOLORES, 20 de agosto de 1908, p. 1).

Usando a ferramenta de linguagem que lhe é mais característica, a ironia, acrescida da comparação, a cronista descreve poeticamente as estratégias comuns usadas pelo clero católico para se defenderem das acusações e manterem sua autoridade diante dos fiéis. Desviar a atenção do público sobre “o escândalo assombroso” e dividir suas opiniões são outras estratégias de luta para conseguirem manter as suas imagens de “santos”, bem como retomar seus vícios secretos:

Durante tal berreiro, entretanto, a atenção pública vai sendo distraída e dividida, o fato trazido a cena perde pouco a pouco o seu interesse de novidade do dia esbate-se, funde-se em outros, ao passo que a superstição e a carolice retomam pé nas suas crenças, um instante abaladas pelo escândalo assombroso; e lentamente, enfim, mas com a sensação do triunfo sempre certo, os santinhos respiram, limpam o suor da luta, deixam cair castamente a batina e aprontam-se... Para recommençar os doces delitos.

Senhor S. José! Eles são homens, como os outros... Perdoai-lhes as hipocrisias do ofício... que será deles, se for inteiramente rasgado o impermeável manto da santidade do tabuísmo? (DOLORES, 20 de agosto de 1905, p. 1).

Denunciar a “hipocrisia do ofício” – hipocrisia tão facilmente aceita pela mídia e pelos fiéis como natural, afinal, “são homens, como os outros” – é o modo que a cronista encontra para manifestar seu anticlericalismo. Aliás, sua postura anticlerical é consciente e ela não se deixa influenciar pelas estratégias maquiavélicas do clero. Usando o modo subjuntivo dos verbos, Carmen Dolores aponta para a hipótese de uma ação que ela já está efetivando nessa crônica, como se ela soubesse da dificuldade – ou mesmo da impossibilidade – de derrubar o corporativismo do clero católico:

Eu, porém, se fosse jornalista... Ai! Cala-te, boca... Para que falaste?... Mas eu não me deixava aturdir pela vozeria dos protestos, nem perdia o fio da acusação: eu continuava, continuava,

dominando a onda em linha reta (DOLORES, 20 de agosto de 1905, p. 1).

Mesmo assim, não se calou. Nas crônicas publicadas em 1907, encontramos nova denúncia da hipocrisia do clero, lembrando que as infrações dos seus representantes às normas da própria igreja católica apostólica romana vêm de longas datas:

Mas, se fugiu a erudição monástica dos séculos passados, o pecado do amor ficou, sempre escondido atrás da hipocrisia clerical, acobertada por solenes frases, cheias de mentiroso rigor. [...] Mas que dizemos desse padre Benjamin, da Piedade, com setenta anos e disputando a sua presa amorosa aos pés do próprio altar em que dizia a missa? Foi uma luta entre dois padres rivais, o moço esmurrando o velho, que ciciava justamente: *Dominus vobiscum!* Aos fiéis ajoelhados, (assim contam os jornais). E se não pode chamar positivamente a essa troca de socos uma luta romana, a verdade é que os mal intencionados ficam no direito de denominá-la uma luta católica, apostólica e romana, pois que teve lugar entre dois sacerdotes católicos e junto ao altar de um templo católico e romano (DOLORES, 26 de agosto de 1907, p. 1).

Diante do inoportuno e incoerente embate, cometido por representantes da igreja, durante um ritual católico, testemunhado pelos fieis, só resta à cronista ser sarcástica. Um ano antes, porém, seu tom de voz se fez circunspecto ao questionar as razões – desconhecidas por todos – que levaram outros dois sacerdotes a um duelo trágico, condenado pelos dogmas da igreja:

Em Murcia a monotonia da falada submissão clerical aos dogmas da igreja, pareceu por demais pesada a dois sacerdotes – um presbítero e um jesuíta.

Que silenciosas paixões agitavam esses dois entes?

Ninguém o sabe, mas eles sentiram-se homens sob o férreo jugo da batina que anula toda espontaneidade dos fortes sentimentos humanos – e atiraram-se furiosamente um contra o outro na sacristia do templo de S. Domingos.

O presbítero sacou do bolso um revólver e disparou-o sobre o jesuíta, matando-o instantaneamente; saiu em seguida para o adro,

voltou contra si próprio a arma e fez-se imediata justiça. E agora, quem desvendará o sombrio segredo desses mortos, filhos da igreja e vítimas de ódios por ela condenados?

Onde fica, diante deste negro fato, que sacode tragicamente as convenções humildes da estamemha monástica – onde fica o progresso ora introduzido entre nós do duelo na Copacabana? (DOLORES, 27 de maio de 1906, p. 1).

O progresso em implementação trazia implícita a ideia de adiantamento, de aperfeiçoamento não só da cidade, mas também das pessoas que a habitam. Por isso, seu questionamento em 1906, ou o seu desabafo, em 1909:

Sim, incontestavelmente, nestes tempos de progresso, em que padres namoram na rua, nos bondes, até nas igrejas, padres amam, padres despem a batina, padres casam, deixam crescer o bigode profano e aceitam todas as responsabilidades viris dos seus atos e da vida prática, esse bispo e esse vigário geral regressando de Roma, ungidos da graça, cobertos de medalhas e resistindo assim ao pecado fácil e sem consequência, erguem-se tão alto nos anais da virtude eclesiástica, desde o papa Alexandre VI – esse Borgia apaixonado pela própria filha – que merecem ambos um lugar de honra entre os ministros da religião católica. (DOLORES, 14 de fevereiro de 1909, p.1)

Ela se referia aqui a um bispo e um vigário que foram assediados por mulheres dentro de um trem vindo de Roma, os quais, resistindo à tentação, se mantiveram íntegros na sua posição celibatária. Mesmo que a intenção inicial da cronista fosse apresentar um olhar positivo sobre os ministros católicos, ela é que não resiste à tentação de levantar a dúvida sobre a sinceridade dos representantes da igreja nesse “belo e nobre incidente”. O autor da dúvida é, no entanto, um sujeito indeterminado, assim como o ceticismo nos novos tempos é geral:

Somente... Ó irreverência dos tempos! O ceticismo risonho é agora tão geral, que alguém, ao comentar o belo e nobre incidente discutido nesta crônica, terminou dizendo:

“Eles, se resistiram no trem, é que eram dois...”

O bispo teve medo das indiscrições do seu inferior, e o vigário temeu a memória, depois severa, do seu superior...

Mas, se estivesse cada um deles sozinho, ninguém teria ouvido retinir o sinal de alarme... (DOLORES, 14 de fevereiro de 1909, p. 1).

O anticlericalismo não foi uma postura assumida somente por Carmen Dolores entre as escritoras do século XIX. O pensamento anticlerical já aparece em *Opúsculo* de Nísia Floresta; na crônica “Conventos” de Júlia Lopes de Almeida; na participação de Revocata Heloisa de Melo em *A Mensageira*, em 30 de maio de 1898, com “Elogio fúnebre a um feminista italiano”. Carmen Dolores, contudo, escreveu um número razoável de crônicas sobre essa questão, mesmo porque outras razões, outras lutas bem mais longas estavam relacionadas à sua postura anticlerical, principalmente, o direito da mulher ao divórcio. Para tanto, travou verdadeiros duelos verbais tanto com padres, quanto com outros cronistas que faziam oposição a essa luta. Nessas discussões que, às vezes, levavam várias semanas, ela acabou por ser acusada de ateísmo.

O rótulo do ateísmo que lhe foi atribuído pode estar relacionado também à coragem e à ousadia de discutir com o clero sobre a situação das mulheres na virada do século, defender seu direito ao divórcio, ou mesmo à sua postura anticlerical de denúncia das mazelas dessa instituição que são acobertadas, independentemente da gravidade dos delitos cometidos pelos seus representantes.

Ao se defender da injusta pecha do ateísmo, declara-se novamente como livre pensadora, ou seja, defende não só sua liberdade de expressão enquanto jornalista, como também o direito à independência de pensamento das mulheres naquele contexto ainda patriarcal. De um modo indireto, afirma, assim, uma das faces do seu feminismo. Além disso, frequentemente, faz referência às suas participações nos rituais católicos – o que é também um modo indireto de demonstrar sua fé cristã. Obviamente, essas participações não eram passivas, como a da maioria dos fiéis que enchiam as igrejas, principalmente as beatas na sua fé cega:

Era o sacerdote que se adiantava para falar de pé, como sempre, comentando algum trecho da vida de Maria.

E, de ordinário, ninguém presta muita atenção a essas práticas. Estrangeiro, ou velho, ou pouco ilustrado, o sacerdote, em qualquer destes casos, limita-se a ler alguma coisa em meia voz, que poucos entendem – indeciso murmúrio ou lento escorrer de frases curtas, em que entra o nome repetido por extenso de Nosso Senhor Jesus Cristo

e Santíssima Virgem Maria, Nossa mãe, como meio de substituir a ideia ausente, de falar e nada dizer. São lugares comuns, muito usados pelo clero ignorante, e que deliciam as pretas velhas, sempre a se benzerem, tanto mais estáticas quanto menos elevada é a prática... (DOLORES, 27 de maio de 1906, p. 1).

Seu olhar crítico nunca descansava, estava sempre atenta às atitudes humanas, independente dos postos públicos ocupados pelos homens que observava e questionava. A crítica sem rodeios aos discursos vazios de sentido dos sacerdotes, configurado pelo “falar e nada dizer”, que se valem da ignorância e da fé cega dos fiéis, aqueles para quem basta o louvor vazio ao “Nosso Senhor Jesus Cristo e Santíssima Virgem Maria”, era frequente. Não só a falta de coerência das homilias era criticada, mas também a falta de coesão entre palavras pronunciadas lentamente entre pausas intermináveis. Formas de expressão que causam distração e cansaço dos ouvintes:

Mas, sobretudo, há o seguinte: entre nós, geralmente, o pregador fala mal, encontra com dificuldade a concentração do pensamento, de modo que estabelece, a cortar as palavras, pausas imensas, a servirem de ponte à ideia embaraçada, que não atina mais com o fio projetado da oração; e isso cansa, cansa horivelmente o auditório, o de qual acaba distraído, aborrecido, pensando em outra coisa (DOLORES, 23 de maio de 1909, p. 1).

Suas opiniões normalmente eram fundadas nas suas experiências cristãs, mesmo que se sentisse isolada e solitária em meio à multidão de fiéis que preenchiam as igrejas. A sua experiência (no sentido em que Benjamin o define em “O narrador”) se faz poética nessa narrativa jornalística que ainda não era fragmentada nem desconexa – motivo do aniquilamento da experiência (*erfahrung*), segundo Benjamin (1985) – mas, pelo contrário, sua narrativa traz no seu bojo a sabedoria, recuperada pela memória, de outras épocas em que as homilias cristãs eram eloquentes e capazes de “revolucionar sentimentos”, “converter ímpios” e “bater do púlpito sobre erros e defeitos sociais”. Três anos antes, ela já havia revelado seu espanto diante de um sacerdote que foge aos moldes existentes:

Esperava eu, portanto, naquele dia, a repetição da leitura ou do frouxo improvisado do costume, quando, no silêncio abafado do templo, uma voz ecoou, rolou, encheu o espaço – e essa voz, que

era a de um padre, era também, o prodígio! Ó surpresa! A de um homem e a de um intelectual... É verdade: a de um intelectual, ouviram bem? (DOLORES, 27 de maio de 1906, p. 1).

A memória de fatos como esses foi despertada em 1909 quando ela se vê novamente no ambiente cristão, ouvindo “uma pregação penosa”:

Nós não estamos na Quaresma, nem se abriu, que eu saiba, série alguma de sermões importantes, eloquentes, desses que se propõem a revolucionar sentimentos, a converter ímpios, a bater do púlpito sobre erros e defeitos sociais. [...]

Há dias, nessa igreja de S. João Batista, regorgitante de gente, a disposição dos fieis era visivelmente de um enlevo religioso muito profundo e muito doce.

Vibravam os cânticos. Todos, genuflexos, oravam com unção e fervor. Uma atmosfera de recolhimento e serenidade pairava sobre e nave inteira, ao aroma das flores oferecidas a Maria, ao reflexo dos círios acesos em seu louvor e à harmonia das vozes celestes do órgão. Eis quando a fala possante de homem retumba do altar-mor – e começam as pausas, quero dizer: as pontes, ligando palavras desconexas de uma pregação penosa, que nada tinha a ver com a doce e piedosa Mãe de Jesus.

Estava rompido o encanto...

Que maçada! (DOLORES, 23 de maio de 1909, p. 1).

Nas entrelinhas de sua narrativa, aos fiéis ali presentes, pobres de experiência, resta apenas reagir aos estímulos do discurso fragmentado, desconexo e incoerente do pregador. Para a cronista, a maior parte dos que ali estão presentes estão saturados de eventos e sensações próprias da modernidade, só armazenando suas vivências (*erlebnis*) na camada mais superficial da consciência, sendo impossível para eles alcançarem os recursos para a experiência estética ou poética.

Sua experiência negativa nos rituais católicos ao longo dos anos a transformou em um “espírito observador” que “analisa friamente, lucidamente, os processos da parcialidade clerical” onde quer que ela vá:

A propósito de coisas religiosas, fui conhecer nas ingênuas regiões caxambuenses o sacerdote que

mais fundo feriu a minha alma e lavou-a ao seu aspecto simplesmente de todos os meus velhos ressentimentos, de muitas das minhas hostilidades, e amarguras, brotadas em um meio fatal onde o culto à igreja foi transformado no exercício das mais odiosas intrigas, no incentivo à vaidade, à maledicência e ao ódio. Nestas condições – é bem fácil compreender – um espírito observador, que recebe a influência da opressão exercida e analisa friamente, lucidamente, os processos da parcialidade clerical, de braço dado com as injustiças, e as incoerências do esnobismo mundano, não pode deixar de rebelar-se, ulcerado e descrente. Deus anda tão longe de tudo isso! (DOLORES, 23 de maio de 1909, p. 1).

A cronista justifica sua decepção, seus ressentimentos e suas hostilidades para com a igreja católica a partir da contradição entre o que observa na prática do clero católico e o seu conhecimento sobre a religião cristã. Além das intrigas, do incentivo à vaidade, à maledicência e ao ódio já referidas, a cronista denuncia o poder dessa instituição secular sobre as famílias católicas apostólicas romanas. Ela identifica a confissão como uma estratégia usada pelo clero para dirigir moralmente as crianças – para ela uma “invasão terrificante do eclesiástico nos recessos sagrados e invioláveis da família”, onde o “pátrio poder” perde para o “domínio sacerdotal”:

O pregador forte clamava: “Bossuet... (ponte de silêncio) foi... (outra ponte) um santo... (ainda nova pausa) é um sábio! A sua... envergadura...”

Os humildes, que ignoram quem fosse Bossuet, entraram a cochilar na igreja, mas depressa acordaram, porque a voz dura do orador, agora trovejava contra os pais que não mandam os filhos e filhas para o confessionário, onde o sacerdote vê *as almas regeneradas pelo sangue de Jesus*.

Aqui, baixinho, palavra que não entendi... Mas o que ficou muito claro, claro até demais, foi a diatribe violenta contra os pais, que esse pregador declara abaixo dos sacerdotes na direção moral dos seus filhos. O menino ou a menina, que não tem intimidade com os seus progenitores, abrem toda a sua alma, contam todos os seus pecadinhos durante a confissão ao padre: logo, o padre é que deve dirigir moralmente a criança e o pai não tem o direito de afastá-la do confessionário. [...]

Da igreja fugira todo o sentimento religioso, acordadas as criaturas do êxtase de fé ali as prostrava pelas retumbâncias dessa voz, que ia furiosamente, inconvenientemente, pregando aos filhos a desobediência contra os pais, em nome de Deus. Era a substituição do pátrio poder pelo domínio sacerdotal, exigida por um padre imprudente, em proveito da confissão, em triunfo da invasão terrificante do eclesiástico nos recessos sagrados e invioláveis da família... E que pavor! (DOLORES, 23 de maio de 1909 p. 1).

A validade de suas críticas ferrenhas ao clero católico está no fundamento que ela resgata do seu conhecimento sobre a religião. Em outras palavras, para se defender da acusação de ateísmo, apresenta argumentos fundamentados no discurso bíblico que ela bem conhece e no qual crê, além de registrar sua presença (mesmo que silenciosa) nos eventos cristãos:

Então, enquanto muitos tipos de Steinbrocken iam naturalmente balbuciando ali: *C'est grave! c'est excessivement grave!* Eu, calada, repetia apenas, mentalmente, os mandamentos da lei de Deus, que a religião nos ensina, e não encontrava neles nada do que o padre gritava com tão autoritário ardor. Dizem os mandamentos:

“Amarás a Deus (e não ao padre) sobre todas as coisas.”

E mais adiante:

“Honrarás teu pai e tua mãe.”

Isto é que a religião católica manda, e não aceitar jugos clericais, vitória da batina cobrindo um homem pecador, com todas as taras humanas, como qualquer outro, em detrimento do direito mais belo, mais indiscutível, mais completo, mais amplo que exista sobre a terra, qual o dos pais sobre os seus filhos, nascidos da sua carne, amados pelo seu coração, como um pedaço dele, e criados e educados com carinho, com dedicação e não raro com sacrifício de todos os instantes da vida até o supremo suspiro.

Deveras, se chegarmos a admitir que o sacerdote tem o poder de abalar esse edifício de amor e respeito, orientando o filho contar determinações que porventura julgue o pai de acordo com os seus princípios de educação, é que merecemos ser

tratados nesta capital como a gente da roça pelos missionários em *tourné* de sermões berrados ou choradinhos (DOLORES, 23 de maio de 1909, p. 1 [grifo da autora]).

A sua crítica é ao comportamento de alguns sacerdotes e não à religião, daí a acusação de ateísmo não ter fundamento, apesar do desânimo, da desilusão, do “ressentimento mórbido e azedo” que combate a sua fé:

A palavra de tais ministros de Jesus Cristo perde inteiramente o prestígio da verdade, uma vez que aconselha do púlpito os sentimentos que justamente faltam àqueles que todos esses sacerdotes cobrem com a sua mais larga, mais ampla e mais afetuosa benevolência. Torna-se claro que a virtude que eles reclamam é dispensável para merecer o apoio da igreja, sendo apenas necessário ter dinheiro e importância para granjear o benefício superior.

Ora, repito, diante desta desanimadora evidência, o espírito que estuda, observa e sofre encolhe-se, desiludido, e sente a sua fé combatida pelo ressentimento mórbido e azedo, que acampa no coração magoado. A luta é inútil. Ninguém conquista a confiança machucando com desigualdade e desvendando mesquinhez, cálculos e hipocrisias (DOLORES, 23 de maio de 1909, p. 1).

Contudo, não é a todos os padres que ela critica. Ela admira os humildes que, normalmente, estão nos interiores brasileiros – outra prova de seu respeito aos representantes da igreja que, de fato, seguem o caminho pregado por Jesus Cristo:

Pois bem, fui conhecer em Caxambú um verdadeiro, santo padre, monsenhor Marcos, vigário de Baependy, onde há trinta anos ele ensina aos seus paroquianos os preceitos da genuína religião de Cristo: e confesso que esse velho sacerdote me conquistou inteiramente. [...]

É de mais um lindo velho, esse monsenhor Marcos, todo branco e rosado, macio, amável. Com todos, desde tropeiro até o potentado da terra, e instruído, analisando com finura um livro ou um caráter, um artigo de jornal ou uma frase de palestra – e bem sincero apresentando a religião

sob uma face tão atraente e elevada, que é uma delícia ouvi-lo.

Ceguei a dizer-lhe, conquistada e humilde, beijando-lhe a bonita mão sacerdotal, untuosa e branca: “Ah! monsenhor, se todos os ministros de Deus fossem feitos à sua imagem, quanta gente convertida!...”

Ele sorriu-se finalmente, e respondeu: “A religião deve sempre ser amena, para atrair os corações...”
(DOLORES, 23 de maio de 1909, p. 1).

Do exposto, o que parece paradoxal se esclarece: a pecha do ateísmo lhe foi atribuída em função da sua postura anticlerical. No entanto, seu anticlericalismo só pode ser lido como sua atitude de denúncia da hipocrisia, das injustiças, das incoerências, do corporativismo próprios de alguns representantes da igreja católica. Já a acusação de ateísmo não se sustenta a partir do registro de sua participação em rituais religiosos e de sua manifestação de fé nos ensinamentos bíblicos.

4.4.2.2 O posicionamento político de Carmen Dolores

Uma das “bandeiras” que Carmen Dolores levantou, atualíssima nos nossos dias, é a indignação diante da politicagem vil e covarde de adversários na luta pelo poder político – e que parece ter se incorporado à nossa índole – de modo a afastar milhares de brasileiros, intelectuais ou não, da atuação em partidos políticos. Acaso não ouvimos nos nossos dias a expressão “eu não gosto de política”, ou “eu não me envolvo em questões de política, prefiro falar sobre outros assuntos”? Nem por isso essas pessoas deixam de cuidar da sua cidade, das pessoas e vão às ruas em protestos e reivindicações pacifistas, sem aceitar as bandeiras de partidos políticos, como as que vimos em todo o país no mês de junho de 2013.

A cronista nunca escondeu uma certa aversão, não à política, mas à politicagem vil exercida pelos homens republicanos. Tanto que se refere a isso com certo desdém:

O que o sexo forte queria durante os dias passados, eram só políticas, cabalar, pleitear eleições, votar, eleger ou ser eleito... E, num cruel exclusivismo, atiravam-se os cavalheiros às urnas ou mantinham conciliábulos cheios de mistério com os amigos, sem *coquetterie* de espécie alguma, o bigode desfrisado e nervosamente roído

nas pontas, a cabeleira revolta, o olhar inquieto ou agudo, esquecidos completamente do lindo *eterno feminino*, soprando as veleidades galantes com o fumo de um charuto, às baforadas desdenhosas (DOLORES, 04 de fevereiro de 1906, p. 1).

Esse posicionamento avesso de Carmen Dolores ainda inclui uma denúncia, por mais discreta que seja, da exclusão das mulheres desse processo: “Mas, senhor Deus! Que sete arrastados dias para quem não é votante nem votado!” (DOLORES, 04 de fevereiro de 1906, p. 1). Crítica que não lemos, considerando o contexto da crônica, como um apoio à luta pelo sufrágismo feminino, pois mais adiante define: “A política, temerosa rival das senhoras...” (DOLORES, 04 de fevereiro de 1906, p. 1). A rivalidade consiste apenas no fato de os homens envolvidos na política esquecerem “completamente do lindo *eterno feminino*”.

De acordo com Muzart (2003b, p. 143), “o sufrágismo foi a primeira estratégia formal e ampla para a política das mulheres e nele se engajaram, em geral, todas as mulheres que se destacaram nas ciências, nas letras e nas artes”. Curiosamente, esse não é o caso de Carmen Dolores. Ela declarava em suas crônicas nada saber sobre questões de política, porém, suas comparações irônicas da situação política vigente com “o homem dos brinquedos e seus soldados de chumbo” deixam perceber o quanto conhecia a politicagem brasileira – e por essa razão queria distância:

A questão é de militarismo, de candidatura militar, defendida violentamente por uns, repelida não menos violentamente por outros, chocando-se os partidos adversos, acometendo-se, injuriando-se, numa peleja infernal – soldadinhos da campanha política a correr para aqui, para ali, fazendo tinir esporas ou brandindo penas ensopadas de tinta como sabres molhados de sangue, em um inenarrável furor... E o melhor, creio, será então meter todos esses esquadrões alvoroçados dentro da caixa de onde saíram para perturbar a ordem... [...]

Quanto a mim, não sei, nada sei, não entendo de política, nem de guerra – e os soldados de chumbo e suas manobras me enfastiam (DOLORES, 1909, p. 1).

A metáfora dos “soldadinhos de chumbo” dá a dimensão da sua consciência política. O que as entrelinhas nos permitem ler é que ela sabia que, tanto os candidatos a cargos políticos, quanto os eleitores são

“massa de manobra” de governos que simulam a democracia e exercem seu autoritarismo. Daí o seu desinteresse pela forma como as questões político-partidárias eram conduzidas.

Em 1910, já em outra campanha eleitoral, reafirma sua indignação quanto à baixaria entre adversários nas brigas políticas, o modo vil com que se tratam:

Se há alguma coisa que me exaspera, que me revolta, me faz subir à face à chama das indignações que se não podem expandir, é a forma com que os partidos políticos contrários se exprimem nos jornais acerca dos personagens representando uns e outros, ocupando cargos em vista ou, muita vez, nada sendo senão as mais inocentes, as mais inofensivas cabeças de turco, batidas para ferir a terceiros.

Mas não é só isso. Em toda a parte do mundo, efetivamente, as oposições combatem com rude punho os adversários na luta e eu gosto até da oposição, acho-a vibrante, destemida, forte. [...] Ao passo que nada sou, como vão as coisas, e só de palanque assisto às batalhas, julgando-as assim com uma imparcialidade completa, repassada de ironia.

Mas é por isso mesmo que me sinto insuspeita, lúcida, fico enfurecida contra certos meios pouco generosos com que hoje se combate um adversário, que na maioria dos casos se não pode defender contra uns tantos feitos de agressão.

Esses feitos são vis, não hesito em dizê-lo, são sobretudo covardes, porque em lugar de atacar um homem em seus atos públicos, de que ele deve satisfações ao mesmo público, vão atacá-lo cruelmente na sua saúde, invadindo a parte delicada, íntima, em suma, inviolável da sua personalidade. [...]

E não pode meu espírito admitir que a paixão partidária consinta o uso e o abuso impunes de tais recursos para demolir um adversário [...] (DOLORES, 1910, p. 1).

Outra crônica, de cinco anos antes, também permite ver nas entrelinhas a sua opinião sobre a instabilidade de posição das pessoas que se envolvem em questões politigueiras, visando unicamente a seus interesses pessoais. Usando o telefone como meio para obter informações, a cronista – acometida pelo mal por que passam todos os

cronistas que tem o compromisso de entregar seu texto num curto espaço de tempo e o tempo urge – se vê sem assunto; ela descreve três diferentes posicionamentos de senhoras – a quem chama de amigas – quanto ao apoio do governo republicano em vigência e sua saudade dos tempos do regime imperial:

Debalde telefono, pedindo novidades, a uma amiga que foi outr’ora monarquista convicta e é hoje republicana *enragée*...

Sim, senhores, cada semana ela envergava o seu belo vestido de seda, atirava uma mantilha de renda sobre o cabelo e batia num carro de cocheira para S. Cristovão, bradando em voz de papo aos conhecidos:

- *Vou ao Paço!*

E o seu tom grave comovia, acordando a ideia de um nobre dever, solene e glorioso.

Pois, hoje, é com essa mesma enfática voz de papo que ela declara, ao meter-se no elétrico:

- *Vou ao palácio do Cattete*...

E que faz a minha amiga no cerimonioso salão presidencial, senão o mesmo exatamente que fazia na singela galeria das recepções imperiais?

Adora o poder que está de cima e ergue-lhe as mãos, pedindo graças.

Esta senhora, porém, acaba de responder-me que tudo vai tão admiravelmente bem, que nada há de novo (DOLORES, 26 de novembro de 1905, p. 1).

Neste caso, ressalta a hipocrisia daqueles que mudam seu posicionamento político conforme o poder muda de mãos e nada vai apontar de negativo sobre aqueles que lhe proporcionam o *status quo* desejado. A segunda amiga a quem consulta tomou posicionamentos políticos inversos à primeira, apoiando o movimento de proclamação da República e agora sente as perdas financeiras como consequência da implantação do novo regime:

Telefone então a outra amiga que, no passado *regimen*, vibrou ostensivamente de entusiasmo ao lado de um dos primeiros republicanos em evidência, cujas opiniões adotou, e que agora, no entanto, leva a gemer como uma rola ferida com saudades da monarquia. Ah! O império! O imperador! A santa imperatriz! A princesa!... E suspiros longos... Longos...

Mas explica-se isto: a minha amiga sente a falta cruel de uma pensão que lhe dava a bolsa imperial

e a República aboliu... Geme então, mas só os ecos lhe respondem.

Aplicando o ouvido ao telefone, escuto-a dizer-me que as novidades são muitas e terríveis. Vinte homens fuzilados na ilha das cobras, em segredo...

O país vai rolando pela avenida fora para o fundo negro de um abismo. Que lástima! (DOLORES, 26 de novembro de 1905, p.1)

Tão hipócrita quanto a primeira, mas no sentido inverso, essa aponta os “defeitos” dos políticos que apoiou na luta pelo poder político. A cronista procura, então, uma terceira opinião e descobre que a vida moderna promoveu os mais diversos “tinos políticos”, inclusive às mulheres:

Para desempate destas opiniões desencontradas, como nos tribunais arbitrários, procurei então uma terceira senhora, cuja fisionomia esperta me prometia os melhores resultados. Ela, porém, em matéria de assunto palpitante, está no meu caso: nada sabe.

Contou-me, entretanto, passando a outro terreno, que é ruidosamente política, mas política segundo o ar do tempo. Isso afinal de partidos fiéis, que grande asneira, não é? Assim, por exemplo, se na sua presença enaltecem o fogo as qualidades de um ministro, ela, arregalando vorazmente os olhos e a boca, corre depressa a esse ministro, com o nome escrito do seu afilhado, do seu parente ou protegido, e grita-lhe:

- Oh! Excelentíssimo, abra as suas ricas mãos e deixe cair o favor de uma colocaçãozinha para o meu pretendente, sim?

Se o ministro deixa, de fato, cair o favorzinho, ela sai pelas ruas tão entusiasmada, que agarra logo um transeunte pelo botão do paletó e berra-lhe na cara espavorida:

- Sabe quem é o primeiro ministro da República? É fulano... Grande homem, ouviu?...

Larga este e corre a outro. Mesma frase e mesma estupefação.

Mas o seu calor convencido vai lavrando, vai ateando uma chama geral – e em breve, de um ponto a outro da rua do Ouvidor, que é e será sempre o canal dos segredos do rei midas, só se escuta esta afirmação ardente e comunicativa:

- O primeiro ministro da República é fulano!...
 Mas se o ministro não concede a colocãozinha?... Perguntei com timidez a essa senhora de assombroso tino político.
 Ah! Isso agora era muito diferente. Ela saía a berrar pelas ruas, mas era que esse tal ministro representava a mais indecente cavalgada do seu tempo e de toda a República.
 - Grito que ele come os dinheiros do tesouro, acumulo provas da sua venalidade, esperneio, escabujo – e o homem fica mais raso do que o chão.
 E gravemente, a senhora conclui:
 - Este é o único meio da gente obter alguma coisa. Eu, então, mais gravemente ainda, concordei:
 - Sim, parece... O processo moderno é este. A política atual é essa...
 E, levando com solenidade o dedo à testa, eu declamei:
 - Comer ou não comer, *that is the question!*...
 Aplausos das galerias...

(DOLORES, 26 de novembro de 1905, p. 1).

A atualidade do tema abordado nessa crônica é evidente, em 2015, ou seja, a politicagem brasileira pós-moderna parece ainda imitar os mesmos modelos de se configurar a política do tempo de Carmen Dolores. Em nome dos ganhos pessoais, os cidadãos da elite usam a sua influência e os meios de comunicação de massa para promover políticos que lhes atendem os favores, ou, se não se veem atendidos, para difamá-los, a ponto de conseguirem destituí-los do poder. Contraditoriamente, neste último trecho, Carmen Dolores reforça o estereótipo de que a mulher fala demais e faz fofoca. Por outro lado, mostra o envolvimento de mulheres em questões políticas. Ela, no entanto, continua se abstendo de posicionamentos diante de questões políticas partidárias.

Talvez tenham sido essas afirmações que levaram Maria Angélica Guimarães Lopes (2001) à interpretação de que Carmen Dolores não foi feminista inclusiva e militante, quando reconheceu no prefácio de *A Luta* que “sua posição se baseava na tentativa inteligente e corajosa de solidificar os parcos direitos da mulher brasileira” e que ela atuava em “[...] defesa dos direitos alheios, principalmente aqueles da mulher quanto à educação, ao trabalho sério e bem remunerado [...]” (LOPES, 2001, p. 9). E, mais adiante, afirmou que “apesar de reconhecer e afirmar a importância da educação e oportunidade de trabalho digno e

rendoso para as moças de sua era, Carmen Dolores não foi feminista inclusiva ou militante” (LOPES, 2001, p. 20).

Contudo, não podemos dizer que Carmen Dolores não tenha atuado politicamente, pois restringir a militância à luta pelo direito ao voto para eleger governantes de um regime político republicano nascente é não considerar adequadamente o conceito de política. Apesar de não se engajar na luta das sufragistas, fez referência positiva a ela, enaltecendo a conquista de uma maestrina brasileira e o lançamento de um romance de Marcelle Tinazre como ações importantes para o feminismo:

Nessa época de ardente luta em prol do feminismo, em que uma fidalga como Lady Warnick não trepida em pleitear o direito das mulheres ao voto, e jornais e revistas estampam os retratos das apóstolas célebres nesse terreno pelo seu proselitismo, como sejam as Sras. Maxence Fergusson, Soril de Sainte Croix e hera Mirtel, é de bastante importância que aqui já uma aluna do nosso conservatório empunhe a batuta de maestrina como o desembaraço de um chefe de orquestra e dirija vozes e instrumentos confiados ao seu governo. [...]

A propósito do feminismo, há um livro de Marcelle Tinazre [...] um romance de sabor moderno, cuja psicologia desce aos recessos mais sinceros de uma alma de mulher (DOLORES, 23 de setembro de 1906, p. 1).

Voltando à questão de seu posicionamento político, ela combatia a forma como atuavam, ou melhor, a forma como se digladiavam ferozmente, sem nenhuma ética, os homens representantes de partidos adversários. A razão para se manter afastada dessa questão, preferindo outros assuntos, como a arte e a literatura, é esse reconhecimento da realidade vivida nesse meio. Quanto a ser “inclusiva” e “militante”, ela militou na prática, e a seu modo, com a defesa de suas ideias de “mulher que escreve” em debates públicos com outros cronistas homens, assumindo a posição de igualdade de direitos de expressão do pensamento, posição nem sempre reconhecida pelos seus opositores a que ela respondia com ironia e/ou irreverência, de modo enfático, seguro e contundente.

Lopes (2001, p. 100) analisa a posição apolítica assumida pela cronista que se afasta do que reputa como desonestidade e deselegância,

como sua ilustre colega, Julia Lopes de Almeida, Carmen Dolores não via relação entre a política e a literatura. Apesar de manifestar atitude bem menos amena que a de Almeida, Carmen Dolores não chegou a atacar violentamente o sufrágio feminino como alguns de seus contemporâneos nas letras e na tribuna (LOPES, 2001, p. 101).

Se não aderiu à luta pelo sufrágio feminino, também não o atacou como outros homens o fizeram. Manteve-se neutra nesse sentido, por razões que apenas podemos deduzir, ou suspeitar a partir de outras ponderações da cronista, sem o direito de as afirmar afirmá-las categoricamente.

Da afirmação de Lopes (1989, p. 9), a seguir, reproduzida posteriormente por outras pesquisadoras, uma questão nos causa inquietação – o fato de considerá-la monarquista:

A única reivindicação feminina que a deixou indiferente foi o sufrágio universal. Nisto aliás, parece-se com outras intelectuais da época, como Júlia Lopes de Almeida [...] Carmen Dolores era monarquista, ainda em 1908, quando escreveu: ‘Não tenho política. O meu credo único é o da saudade do Sr. D. Pedro II, esse vulto sublime’.

Lobo (2006, p. 69) também afirma que “como Julia Lopes de Almeida e outras intelectuais de seu tempo, mostrou-se indiferente ao sufrágismo; curiosamente Carmen Dolores era monarquista”. Considerar Carmen Dolores monarquista é correr o risco de tomar ao “pé da letra” um fragmento de um texto mais amplo. Ao longo dos anos em que escreveu para *O Paiz*, não encontramos evidências de que tenha se contraposto à República e tenha defendido o regime monárquico. Demonstrou, sim, seu apreço a Dom Pedro II e toda a sua família, pois criticou o modo (injusto no seu ponto de vista) como foram levados ao exílio, mas sem se referir ao regime de governo. Sendo uma senhora da sociedade, nascida e criada com todas as regalias dos nobres no período do Império, com acesso à família real em visitas ao palácio, é natural que sentisse saudades daquele tempo. Na verdade, ela reconheceu a força do regime republicano quando houve a mudança da bandeira brasileira, em 1905, apesar de ter se posicionado contra as alterações. Para ela, a bandeira “estabelecida, respeitada e sagrada” não deveria sofrer mudanças tão radicais, pois

o que um povo reclama na sua bandeira, é a estabilidade, antes de tudo, para que, em qualquer parte do mundo onde ela se desfralde aos ventos,

suja como um pedaço da pátria, amado e familiar às vistas; mas, também, o que um povo exige encontrar no seu pavilhão nacional é a tradição, a reminiscência dos longos passados, das longas gerações, o cunho patriótico e não político, que faz bater os corações, e não raro chama uma lágrima de emoção a pupilas mesmo ressequidas (DOLORES, 09 de julho de 1905, p. 1).

Na sua opinião, quem muda uma vez, muda obras recentes inúmeras vezes, ao sabor da moda, sem que estejam enraizadas no espírito público. Na defesa do direito ao patriotismo, a mudança de regime não justificava a mudança de cores e de desenhos, pois a Nação brasileira continua a mesma:

É o caso da bandeira atual.

Quem jamais esqueceu a outra, a velha, que presidiu aos nossos triunfos do Paraguai? E que importava a mudança de instituição.

Tirassem-lhe a coroa simbólica, mas lhe deixassem exatamente a mesma cor, o mesmo padrão querido, com o seu ramo de café tão nosso, tão vivamente alegórico, tão profundamente familiar às nossas vistas e caro à nossa alma.

A República é tão forte, que não precisaria dessa eliminação radical do antigo pavilhão, para varrer reminiscências. Extirpada simplesmente a coroa imperial do pano auriverde, seria sempre a bandeira brasileira de todos os tempos, companheira dos nossos velhos guerreiros, desfraldada nos campos de glória, emblema da nossa independência, alegria do nosso coração patriótico.

Mas não! Alteraram tudo, veio o lema antipático ao povo, obedeceram mais aos processos estéticos, e sobretudo de ocasião, favorecendo arrastamentos momentâneos, do que à aspiração nacional; e daí, agora, essa questão de mudança de bandeira, tão extravagante, que fará em breve do nosso pavilhão simbólico um pano desconhecido, sem significação, nada mais dizendo aos nossos sentimentos de patriotismo e exaltação (DOLORES, 09 de julho de 1905, p. 1).

O que ela defende é a preservação da memória, a estabilidade dos símbolos patrióticos de todos os tempos, é o reconhecimento de fatos históricos significativos e, concomitantemente, denuncia os modismos, a

“fantasia caprichosa dos inovadores, hoje lemas positivistas, estrelas [...] Amanhã outra coisa, e depois ainda outra [...]” (DOLORES, 09 de julho de 1905, p. 1).

Daí a afirmar que Carmen Dolores continuava monarquista em 1908 há uma distância, principalmente se considerarmos sua característica mais evidente: a ironia. Nesse sentido, Lopes (1998) e outras pesquisadoras parecem não ter considerado a primeira lição que a narradora de Christine de Pizan recebeu de uma das damas de sua cidade, que foi consolá-la e tirá-la da sua alienação: “Quanto aos poetas aos quais te referes, não sabes que utilizam frequentemente a linguagem figurada, e que, muitas vezes, deve-se compreender justamente o contrário do sentido literal? [...] foi a tua ingenuidade que te levou a esta presente opinião” (PIZAN, 2012, p. 62-63).

O mesmo posicionamento foi assumido por Schumacher e Brazil (2000, p. 132), os quais ressaltaram seu conservadorismo quando tratava de temas polêmicos:

Carmen concordava com as teses gerais do feminismo de sua época, que defendia a melhoria das condições de vida da mulher, porém, sobre temas polêmicos, posicionava-se conservadoramente. Era contra o direito de voto feminino, por exemplo. De fato seu feminismo era ambíguo.

E justifica seu ponto de vista com citações das crônicas da autora, em que ela diz não se considerar feminista e que começou sua carreira por diletantismo. Provavelmente, esses dicionaristas também não tenham interpretado a ironia presente nessa afirmação da autora e, conseqüentemente, a afirmação do feminismo possível para a maioria das mulheres daquele período. Só podemos pensar na ambigüidade desse feminismo se considerarmos que ela não aceitava tudo e discutia a validade de muita coisa que era imposta às mulheres.

Soihet e Esteves (2008, p. 161) corroboram o ponto de vista das pesquisas citadas anteriormente, afirmando que, entre os outros temas trabalhados por Carmen Dolores, estão a sua saudade do Império, sua posição contrária à República, “sua aversão à especulação financeira, ao arrivismo e à extrema ostentação [...]”, bem como a sua declaração de “horror à política” – o que permite compreender “sua postura contrária à luta das mulheres pela participação política”. Afirmação que também questionamos, pois Carmen Dolores, se não apoiou abertamente, também não se opôs à luta pelo sufrágio feminino em *O Paiz*.

Entendemos que Lopes (1989), Schumacher e Brazil (2000), Lobo (2006), Soihet e Esteves (2008) acertam quando afirmam o desinteresse de Carmen Dolores pela ação política somente no que diz respeito à reivindicação do direito da mulher ao voto e à forma vil como os políticos (homens) brasileiros conduziam suas ações na luta pelo poder, pois a “atuação política” da cronista se dá em outros moldes, principalmente, na defesa das pessoas situadas à margem: velhos, crianças, doentes, pessoas da classe média necessitando de assistência à saúde e, mormente, as mulheres vivenciando situações de discriminação ou injustiças por razões machistas ou sexistas.

De nossa perspectiva, o paradoxo se efetiva, sim, mas de outra forma, pois, apesar de afirmar que não é feminista e que não entende de política, seu modo de estar “politicamente” situada, com “sua pena de mulher”, é, na maioria das vezes, uma forma de protesto, uma reivindicação dos direitos de quem está à margem da sociedade – e temos que considerar que isso constitui uma forma de luta feminista e, portanto, política. A participação no ambiente político institucional – dentro dos partidos e dos cargos públicos ou mesmo como votante – é uma das muitas lutas das feministas. Claro que, naquele momento, essa era a bandeira que conseguiu unir outras feministas, fato que fortaleceu a luta. Mas a ausência de Carmen Dolores nesse grupo não nos permite dizer que ela não tenha atuado em prol do feminismo brasileiro, pois, de forma independente, fez muito pelos direitos das mulheres.

Além de sua participação em conferências feministas – já comentado anteriormente – recebe cartas de senhoras apoiando sua campanha em prol dos direitos da mulher, outras moças ou senhoras solicitam seu apoio ou opinião em lutas empreendidas, ou ainda recebe convite para participar da *Société des Femmes Laboureuses*. Isso demonstra a recepção de seus textos pelo público leitor, mesmo que não se declarasse abertamente como feminista, era assim concebida por homens e até por outras mulheres, quando esses discordavam de suas ideias transgressoras das fronteiras estabelecidas para o feminino.

Como, então, definir sua luta em prol dos direitos da mulher? É uma questão que tentaremos responder comentando as principais bandeiras – no nosso ponto de vista – que a cronista levantou em prol dos direitos das mulheres.

4.4.3 Bandeiras em prol dos direitos da mulher: o feminismo possível¹⁷³

Se em várias crônicas ela repete sua predileção pelo campo da arte, isso não é argumento para não a considerar feminista militante e inclusiva, aliás, o feminismo foi tema de um grande número de suas crônicas. Como, por exemplo, nesta, de 1905, em que ela comenta sua participação em “[...] reunião de algumas senhoras inteligentes, em que se discutiu a sorte da mulher no Brasil” comparada a das mulheres europeias e na qual elas concluem que “[...] o velho mundo aperfeiçoa a sua civilização, cresce com ela o culto do feminismo cujo desenvolvimento marcha a par do progresso geral, conquistando cada dia maior esfera de ação, mais fortes e assinalados triunfos [...] A mulher europeia, de fato, vive, trabalha, reina...” (DOLORES, 04 de junho e 1905, p. 1), enquanto, aqui, no Brasil, não há como separar as categorias gênero, raça e classe, quando se discute essa questão:

¹⁷³ O termo “feminismo possível” foi usado por De Luca (1999) na pesquisa desenvolvida sobre Julia Lopes de Almeida, na qual ela constata que a autora realizou o “feminismo possível dentro do quadro histórico-social específico de sua época: embora suas preocupações com a redefinição do lugar da mulher na sociedade possam parecer-nos hoje ultrapassadas e conformistas, efetivamente não era assim para o seu tempo” (DE LUCA, 1999, p. 298). Julia Lopes de Almeida fez intervenções feministas pouco agressivas, brandas e, por essa razão, “a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais”. Na opinião de De Luca (1999, p. 299), “propostas de cunho mais revolucionário iriam bani-la da grande imprensa, principal meio de comunicação de massa da época – condenando-a a permanecer confinada às páginas dos periódicos de circulação restrita e minúscula tiragem, como já ocorrera com sua antecessora Josefina Álvares de Azevedo”. Julia Lopes de Almeida teria adotado, na vida prática ou na sua produção, posturas que ultrapassavam “os limites dos padrões de conduta esperados para uma mulher da virada do século”. Em face da perspectiva contextual adotada, a pesquisadora conclui que “somente a partir de uma confrontação cuidadosa entre as propostas da autora e as ideias correntes no contexto histórico-social em que se inseria poderemos efetuar uma avaliação justa de seu “vanguardismo” ou “reacionarismo”. A partir dessa perspectiva, a leitura de sua obra permite ver que as mesmas questões levantadas pela autora na sua época ainda persistem, o que dá a sua obra uma feição de modernidade. Confira: DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos pagu* (12), 1999, p. 275-299. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51304>. Acesso em: 03 abr. 2015.

E o defeito vem de muito longe, dos nossos princípios, da nossa triste origem, da nossa primitiva subserviência colonial, da nossa tara escravocrata – o que me fez pensar uma coisa. [...] O prefeito embeleza e engrandece a nossa capital, destruindo o passado e enterrando as tradições caras do povo, para abrir novas e largas avenidas sobre as antigas ruas estreitas e levantar palácios no lugar dos escuros pardieiros. Ora, porque não encontraríamos um educador de espíritos que imitasse moralmente o prefeito nessa obra de radicais alterações, dando um supremo golpe nos preconceitos da ignorância e parvoíce acerca da mulher, e construindo ideias adiantadas, que nos fornecessem uma criatura de belo sexo segundo o molde exigido pelas evoluções de tempo? (DOLORES, 04 de junho de 1905, p. 1).

Ao discutir questões do feminismo brasileiro, ressalta sua relação com a necessidade de educação para todos, de mudança cultural, do direito ao trabalho, do direito à vida digna, sem o olhar preconceituoso sobre as que ousam transgredir o espaço doméstico e não se conformam em fazer parte do grupo de “mulheres e brasileiras [que] fazem *crochet e tricôt*. Nada mais podem.” Carmen Dolores conclui sua crônica dizendo: [...] nós fechamos quinta feira a nossa conferência feminista, endeusando convencidamente a mulher intelectual, fina e estética, que conhece o valor de um livro, de um quadro, de um trecho musical, de uma obra de arte, que sabe conversar e sorrir, sem falsas *pruderies* e sem falar da vida alheia, que ao próprio lar traz a graça, o espírito e a comunhão elevada de pensamentos, em vez da estreita passividade e dos mesquinhos ideais do passado colonial da nossa terra, que se resumem numa casa sem conforto, que regula, mesmo rica, ausente a flor e o perfume, numa infinidade de filhos a berrarem, numas costuras e numas beatices!... Quando muito, a civilização nos trouxe a frivolidade e a maledicência... E é tão pouco! (DOLORES, 04 de junho de 1905, p. 1).

Reconhecer direitos apenas das mulheres intelectuais e da classe mais favorecida também é muito pouco para a cronista. Talvez por isso

tenha reivindicado outros direitos para todas as mulheres, independente da classe social, da raça ou da etnia.

Entre os seus contemporâneos, Jie (1908) é um dos cronistas que a elogia e destaca como intelectual de referência para o feminismo brasileiro e, além disso, como uma mulher sem concorrente, até na Europa, que a derrube do pedestal em que a coloca como feminista:

Por sua vez, o *Feminismo* havia encontrado no Brasil, uma pena coruscante e terrível, e o mais arrojado, o mais fiel, o mais sincero dos defensores.

Cada artigo de Carmen Dolores valia por uma batalha e um triunfo retumbantes.

Mesmo na Europa, nos centros mais adiantados e liberais, seria difícil encontrar quem melhor sustentasse, com mais sólidos argumentos e segura erudição, os direitos da mulher.

A sua campanha, no *Correio da Manhã*, em favor do sexo fraco (???!!) foi a mais exuberante prova da inteligência, da força, da tenacidade e da valentia da mulher.

Os adversários do feminismo, vergonhosamente corridos, não ousavam arriscar, senão de longe em longe, uma piada medrosa e contrafeita, que não despertava sorrisos, antes provocava piedade.

Era isso desolador para o animal orgulhoso e fátuo que se intitula Homem, com H forte, grosso e excessivamente maiúsculo! (JIE, 18 de janeiro de 1908, p. 1).

Nas entrelinhas dos textos produzidos por essa mulher, provinda da alta sociedade imperial em plena decadência econômica nos primeiros anos da república, que assume a identidade fictícia de escritora e jornalista, podemos ler seu posicionamento ideológico. Na defesa pelos direitos da mulher, a cronista discute temas relevantes no contexto sócio-cultural brasileiro da década de 1900 relacionados ao feminismo vigente naquela época.

Alguns desses temas, relacionados às questões das mulheres, já foram identificados por outras pesquisadoras dos nossos dias, como Mendonça (2002, p. 80-84), Vasconcellos (2000, p. 501), Lobo (2006, p. 69-70),¹⁷⁴ Lopes (1989, p. 12) e Soihet (2001, p. 107). Todas essas

¹⁷⁴ Lobo (2006, p. 69-70) aponta a luta pela educação da mulher e sua colocação no mercado de trabalho, a defesa do divórcio e o seu apoio à luta a favor do aborto. Cabe ressaltar que, em nosso estudo, até o momento, nada encontramos

críticas admitem o feminismo de Carmen Dolores, mas com ressalvas, principalmente por ela não ter apoiado a luta sufragista, por ter afirmado algumas vezes que não era feminista e pelas diferenças entre a sua atuação e a configuração do feminismo do final do século XX.

Muzart (1995, p. 140),¹⁷⁵ discorrendo sobre a presença de mulheres na poesia parnasiana, nos diz que

as mulheres no século XIX não conseguiram libertar-se a ponto de criar, de ousar novas formas, novas linguagens. O que fizeram foi repetir o recebido. Porém, é preciso lê-las pensando nas suas reais condições de vida, não salientar demais seu moralismo e sua obediência. Lê-las nas entrelinhas talvez possa revelá-las diferentemente aos nossos olhos.

No caso da atuação de Carmen Dolores como cronista, o que se repete não é, necessariamente, a linguagem, as formas do(as) autore(a)s que ela lê, mas, sim, seu posicionamento ideológico e algumas reivindicações em torno da emancipação feminina. Porém, não a lemos como uma mera repetição e, sim, como uma continuidade da luta pelos direitos da mulher.

De nossa perspectiva, dentre as várias bandeiras levantadas por ela, as que mais se evidenciam nas suas crônicas publicadas em *O Paiz* são: o direito ao respeito no espaço público, a denúncia da violência física contra a mulher, o direito da mulher ao divórcio e a denúncia da falta de isonomia entre a mulher e o marido quando o assunto é financeiro; além do direito da mulher à educação e ao trabalho – essas últimas, reivindicações iniciadas há várias décadas por outras mulheres que defenderam a emancipação feminina, mas ainda válidas na primeira década do século XX.

4.4.3.1 A denúncia da violência contra a mulher

O assédio moral e sexual, uma forma de violência, sobre mulheres em espaços públicos na virada do século XIX e início do

em *O Paiz* sobre a questão do aborto. Como Lobo (2006, p. 69) não faz referência a essa fonte de informação, acreditamos que ela possa ter se referido a essa questão em outro periódico e, identificada a fonte, o tema daria uma pesquisa relevante, dada a atualidade da questão nos nossos dias.

¹⁷⁵ MUZART, Z. L. Parnasianas, sim senhor! A poesia das mulheres no final do século XIX. Do Mulher e literatura. V *Seminário Nacional*. Natal: UFRN, 1995, p. 134-141.

século XX provavelmente era bem mais incisivo do que nos nossos dias, dadas às circunstâncias culturais, jurídicas e sociais vividas pelas mulheres naquela época. Legalmente, no Brasil, até 1916, o Código Civil considerava as mulheres como “menores perpétuos sob Lei” (apud Pinto, 1990, p. 34).¹⁷⁶ Subjugadas ao poder patriarcal por tantos séculos, é compreensível que a maioria das mulheres ainda se sentisse, nesses primeiros anos dos 1900, frágil, indefesa e vítima dos homens. Com o crescimento, o progresso e a modernização da capital brasileira a presença das mulheres na vida pública começou a aumentar gradativamente. Isso, no entanto, não se deu sem as óbvias consequências, entre elas, o assédio moral e sexual.

Carmen Dolores, com bastante frequência, se referiu aos desocupados, ébrios, mal trajados, “vagabundos” com indignação, raiva até – principalmente quando assediavam (com agressões verbais ou físicas) alguma mulher:

A senhora que aguarda o seu bonde, ou que vai a compras, ou trata da sua vida, ou espera à porta de uma loja o seu marido ou o seu irmão, é logo sitiada por uma porção de vadios e de idiotas, que lhe atiram cumprimentos impertinentes e por vezes injuriosos, que a seguem, que a mortificam, que a insultam. Não se trata de uma admiração lisonjeira. É o convite bestial e insolente, a graça pesada, a caça pelas ruas e o serviço da insolência, ferindo as senhoras nos seus mais suscetíveis e nobres melindres. Assim, pois, não bastam as ruas descalçadas, os buracos, as demolições, as nuvens de pó, asfixiante, os estrepitosos caminhões, o calor, a soalheira e os cocheiros de bondes: temos ainda de aturar a praga dos audaciosos!... Deveras, é muito flagelo junto. (DOLORES, 02 de julho de 1905, p. 1).

A cronista levanta, em 1905, uma bandeira feminista muito atual. Movimentos feministas questionam hoje a cultura do assédio sexual ou moral nos espaços públicos. Pesquisas, como da jornalista Karin Hueck (2013, p. 1),¹⁷⁷ revelam que “99,6% das 7.762 mulheres que

¹⁷⁶ PINTO, C. F. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

¹⁷⁷ ‘Cantadas’ na rua ampliam debate sobre assédio sexual e direitos da mulher é um artigo publicado por Júlia Rabahie, da Rádio Brasil Atual (RBA), em 21/09/2013, às 12:16, no qual ela comenta a pesquisa de Karin Hueck. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2013/09/cantadas-nas-ruas->

participaram do questionário já sofreram algum tipo de assédio sexual ou verbal enquanto estavam na rua, no transporte público, no trabalho e na balada”. Destas, 83% se sentem constrangidas ao sofrer tal violência; e 90% declararam sentir medo de ter seu direito de circular livremente por espaços públicos tolhido por situações como essas.

A jornalista de 1905 não fez pesquisas, mas era ótima observadora da realidade e usava seu espaço para denunciar casos de assédio de mulheres, normalmente feitos por machistas desocupados que aproveitavam a “ousadia” das mulheres em andarem desacompanhadas em espaços públicos. Por exemplo, transcrevemos um episódio narrado por ela em 1905:

Aconteceu agora que uma senhora estrangeira, aqui recém-chegada, passou de bonde pelo campo Sant’Ana, viu aquele e grande e formoso jardim ali verdejando, apeou-se logo, encantada, e entrou. Ela ia só, habituada às longas estações, em Paris [...]

Não tardou, porém, que estranhasse um insistente pigarro atrás de si... Voltou-se e viu um homem de chapéu de palha que a seguia na luminosa solidão do parque e que se pôs a tossir e a pigarrear mais forte, sob o seu olhar surpreso [...]

Mas a bronquite não produziu o desejado efeito, nem a senhora queria cultivar os jardins da aventura brutal, tanto que apressou o andar. O indivíduo apressou também o seu. Ela, então, agora assustada, dobrou a rua, outra, mais outra, e foi sair diante do lago, límpido e fresco, palhetado de sol; mas nem teve o tempo de admirá-lo, porque dois outros indivíduos levantaram-se de um banco e a cercaram de exclamações e propostas:

- Oh! *madama*, está sozinha? Quer tomar alguma coisa?...

Um momento, a senhora, que é distintíssima e não entende o português, julgou que se tratasse de alguma reclamação; talvez estivesse ela infringindo qualquer regulamento, quem sabe?

Mas logo a grosseria dos olhares, dos sorrisos e da mímica, fez-lhe compreender perfeitamente o insulto, e sem esperar mais nada, retrocedeu a

estrangeira correndo, até dar num dos portões, onde expôs, ainda, arquejante, a sua queixa indignada a um dos guardas ali postado.

- *Mais voyez donc ces hommes lá, monsieur...*

O *monsieur*, porém, desatou de seu lado a rir, e a senhora teve de ir reclamar justiça em Varsóvia...

Ora, este fato, que sucedeu quinta feira, que é verídico, autêntico e não favorece certamente a reputação de delicadeza dos nossos costumes, é coisa muito trivial que se repete sob muitas formas, cada dia, em nossa cidade, a qualquer hora e em qualquer parte (DOLORES, 02 de julho de 1905, p. 1).

Apesar da clara preocupação com a imagem negativa que a estrangeira levaria dos costumes brasileiros, a ênfase à frequência com que isso acontece aqui reforça sua denúncia quanto ao constrangimento sofrido por mulheres que andam pelas ruas.

Carmen Dolores faz parte desse grupo de mulheres que protestam contra atitudes machistas. Em vários outros momentos a cronista denuncia o assédio que sofriam as mulheres, como esta em 1907:

Não é só com a palavra, o dito grosseiro, o cumprimento ultrajante, que o homem chicoteia hoje a fina suscetibilidade da senhora nova e bonita que passa sozinha: é como olhar lento e cínico com que a fita e a despe, parecendo avaliá-la, é com o sorriso parvo, mas ofensivo, que troca depois na roda dos seus iguais, exprimindo o resultado dessa análise afrontosa. E isto se repete vinte, trinta, cem vezes na rua do Ouvidor e na Avenida, paralisada a pobre vítima desse agravo público pelo terror do escândalo, que a torna tímida, com o sangue todo a inflamar-lhe a face, que lhe retém na mão crispada o leque e a sombrinha e entretém assim a impunidade do audacioso (DOLORES, 21 de abril de 1907, p. 1).

A insolência na audácia e na injúria contra elas pode ser lida como um índice da supremacia do homem na sociedade. Comportando-se como “*Dom Juan*” – uma herança do patriarcalismo da família colonial –, os homens constroem seu autorrespeito, enquanto a maioria das mulheres sequer luta pelo direito à diminuição das restrições sociais a que estava sujeito seu comportamento de moça, o que é detalhadamente exemplificado por ela:

Mas não é tudo. O digno autor da *Palestra* ainda ignora talvez de certos requintes do gênero, que entendem, esses, com os processos mais sutis e mais covardes da calúnia masculina, desonrando a mulher e pondo-a assim ao alcance da sedução.

Uma senhora sozinha entra, por exemplo, no Garnier, para comprar o seu livro.

E a moça, interessante, mas honesta, e vai ali numa despreocupação inocente, não percebendo sequer que um imbecil a saudou de certo canto da livraria.

Esse imbecil, entretanto, que não a conhece senão de olhá-la na a passar nas ruas, cochichou já qualquer coisa com o amigo – e esse cochicho significou que ele, pateta, tem as relações mais íntimas com essa moça, que nunca o viu. Ela sai e ele segue-a, toma o mesmo bonde e fica a passear uma hora em frente à casa onde essa senhora penetrou. À noite, volta; e, se o prédio é assobradado, introduz pelas tabuinhas da veneziana versalhadas cartas idiotas, que a criada encontra e entrega sem mistério à família.

De quem serão estas inépcias? perguntam todos. E ninguém sabe responder. Mas, quando essa pobre moça volta à rua do Ouvidor, um sorriso malevolente e insultuoso propaga-se à sua aproximação como um rastilho de pólvora, no círculo em que está o imbecil, devorando-a com olhares apaixonados. E saltam as graçaças, os insultos, porque não está ali um pai, um irmão ou um marido, para erguer uma bengala justiceira contra os autores de semelhantes crimes de ordem moral, mais graves sem dúvida do que um ataque à mão armada num canto sombrio de viela, porque escapam aos tribunais e destroem impunemente uma coisa tão preciosa como a vida – que é a frágil reputação de uma mulher indefesa, cujo nome atassalham sem dó e sem razão, maculando-a por vaidade e rindo como brutos (DOLORES, 21 de abril de 1907, p. 1).

Culturalmente, mulheres que frequentassem as ruas desacompanhadas de seus supostos protetores (pai, marido, irmão), por séculos foram consideradas “desqualificadas”, “desonestas”, ou seja, imorais. Daí a gravidade das atitudes machistas nesse caso – que geram

consequências nefastas para a “moça de família”. A degradação moral e sexual da mulher “indefesa” e de “frágil reputação”, nesse caso, é fruto de um pensamento discriminatório ainda vigente nessa sociedade em transformação. Como nos explica Rago (1997, p. 63),

a invasão do cenário urbano pelas mulheres [...] não traduz um abrandamento das exigências morais [...]. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado [...].

Carmen Dolores, reconhecida pela sua ousadia e coragem, frequentemente era a porta-voz de outras mulheres que lhe enviavam cartas solicitando “palavras enérgicas” contra a “descortesia” masculina:

Roga a minha anônima correspondente que eu verbere nesta coluna a descortesia que lavra nos homens, entre nós, e os leva a ostentar princípios grosseiros acerca da mulher, do amor e da fragilidade feminina... Pede-me *palavras enérgicas* a propósito desses, principalmente, que, quanto mais são parvos, [ilegível] ou pedantes, mais zurzem qualquer mulher que se distingue com a arma da brutalidade ou da torpeza... (DOLORES, 02 de abril de 1905, p. 1).

Consciente de que as mudanças definitivas ainda estão longe de se efetivarem naquele contexto social em que se encontram, em 1905, a cronista responde à solicitação da correspondente com uma estratégia discursiva de subversão:

E eu, na verdade, bem desejaria encarregar-me dessa missão, que aos menos nervos se afigura tão simpática... Mas... Mas, minha senhora, para quê? A nossa sociedade atual, composta de elementos heteróclitos, está constituída de tal forma, que as minhas *palavras enérgicas* teriam efeito apenas sobre meia dúzia de indivíduos isolados, que pensam como nós. Os outros, os nécios e os descorteses, apoiados na solidariedade do número continuariam o que são e até piores, redobrando de toleima e de mal criação.

E então eu lhe aconselho, minha senhora: ria-se antes de tudo isso, que o riso é também uma força. [...] (DOLORES, 02 de abril de 1905, p. 1).

Ao afirmar a inutilidade de seu protesto – já o fazendo –, acrescenta à solicitação transcrita da missiva a informação de que

apenas uma minoria apoia o direito das mulheres ao respeito no espaço público e a maioria, certa da impunidade, poderia usar sua denúncia com incentivo à continuidade e reforço de suas ações machistas.

O conselho do riso significativo como resposta tem o peso de muitas “palavras enérgicas”, apesar das múltiplas interpretações que resultam do não dito em diálogos conflitantes. Para reforçar sua denúncia – e incluir-se no grupo marginalizado, vítima de tais agressões machistas e descortesias –, conta um episódio de sua própria experiência:

Eu, há dias, tanto me ri! Almoçando na barca de Petrópolis, tive por vis-a-vis um homem que nunca me olhou, nunca viu meus esforços para alcançar o sal, o pão ou a manteiga, e comeu sempre como um alarve, e nunca imaginou que há um código de delicadeza outro, na ponte, empurrou-me tão desabridamente, para me tomar a dianteira, que quase me arroja ao mar...
(DOLORES, 02 de abril de 1905, p. 1).

Essa “bandeira” hasteada em prol do direito da mulher ao respeito em lugares públicos e privados, e da qual a cronista muito falou com sua “pena de mulher”, ainda é válida em nossos dias. E, nesse sentido, perguntamos: por um acaso se algum motorista comete uma falha na nossa frente não ouvimos mais “só podia ser mulher”? Mulheres não continuam sendo violentadas física e moralmente dentro e fora de suas casas a ponto de termos necessidade da “Lei Maria da Penha”?¹⁷⁸ Quantas mulheres ainda ouvem na rua alguma chacota só pelo fato de ser mulher? Se a reivindicação do direito ao respeito, hoje, é uma atitude feminista, então, nos permitimos dizer, que, nesse sentido, Carmen Dolores foi uma “feminista” visionária com a sua luta pelos direitos das mulheres.

Outras formas de violência contra a mulher, normalmente com final trágico, também são denunciadas pela cronista. Fougeyrollas-Schwebel (2007, p. 19), afirma que

o reconhecimento das violências domésticas e sua denúncia nos planos social e judicial, a possibilidade das mulheres denunciarem as violências sexuais, inclusive as conjugais, são um

¹⁷⁸ O Estado brasileiro, em face de uma realidade de violência doméstica sem limites, fez sua intervenção ao criar a Lei 11.340, de 2006, que tenta “criar mecanismo para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (BRASIL, 2006). O nome “Lei Maria da Penha teve origem na luta da farmacêutica Maria da Penha Maia, que processou seu agressor.

dos fatos marcantes de nossa modernidade, de uma modernidade, nesse caso, trazida pelo feminismo. Embora a tirania doméstica seja um dos primeiros aspectos amplamente denunciados e reveladores das desigualdades e do tratamento iníquo infligido às mulheres – ‘a sujeição das mulheres’ – e constitua um dos principais slogans desde a emergência das reivindicações feministas [...] (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2007, p. 19).

Desde o século XIX, podemos encontrar registros tanto das sutilezas, quanto do horror da violência física e simbólica que sustenta a dominação masculina em textos literários e/ou jornalísticos. Carmen Dolores narrou e comentou inúmeros crimes passionais ao longo dos anos em que atuou como cronista em *O Paiz*, normalmente fatos recentes, lidos nas folhas dos periódicos publicados naquela mesma semana. Entre eles, na maioria das vezes, as vítimas eram as mulheres, ou seja, as esposas, as amantes, as concubinas, ou, mesmo, as namoradas e as irmãs, ou seja, o criminoso é um parceiro com o qual a mulher mantém, ou manteve, algum relacionamento afetivo ou laço parental.

Concordamos com Duarte (2007, p. 131), quando afirma que a luta da mulher contra a violência física e simbólica sempre esteve na pauta da luta feminista brasileira desde a “primeira onda” do feminismo até os nossos dias. Carmen Dolores, além das críticas ao assédio moral e sexual comentadas anteriormente, muito contribuiu com denúncias de feminicídios ocorridos na capital brasileira de seus dias.

Os casos de assassinatos de mulheres por seus parceiros ocorriam em todas as classes sociais, quase sempre dentro da esfera da vida privada. Em 1907, por exemplo, ela comenta o caso de um crime passionais cometido por um fidalgo:

Toda a vida, o amor foi cruel e extravagante, quando invade o cérebro de um desequilibrado e impele a criatura a desvarios, que, deveras, uma testemunha calma não pode absolutamente compreender.

Quem esqueceu aquele atroz processo do duque de Praslin, um fidalgo fino e ilustrado, que assassinou a esposa para casar com a professora dos filhos.

A tragédia veio de longe, de longe, e nada pode acordar esse homem até então honesto do delírio que o fez criminoso. [...]

Casos e mais casos semelhantes enchem a história dos crimes, aqui e na Europa [...]

Buscamos a origem num encadear lógico de sentimentos, na paixão, no ódio, na ânsia vingativa, no arrependimento, no remorso, na traição, no vício, na corrupção e, todavia, essa origem não está em nada disso. Aquele que julgamos um responsável, baseando as suas ações num impulso lógico da alma, é apenas um doente, um desorganizado, que obedece a misteriosas influências dos seus nervos mórbidos, levando-o, por paus e por pedras, sem que a sua vontade intervenha no turbilhão.

Esses são os desvarios com aparência de juízo – os piores doidos, os impulsivos, que atravessam a existência desgraçando os outros [...] (DOLORES, 29 de dezembro de 1907, p. 1).

Diante das alegações de insanidade do marido criminoso por parte dos que advogam na sua defesa, a cronista se faz sarcástica, pois sabe que a denúncia direta e objetiva de uma mulher em nada afetará o poder sobre a vida da mulher, centrado em mãos masculinas. Desse modo, a responsabilidade do ato fica atenuada e os direitos de justiça feminina caem no esquecimento.

Assim como a violência permeia todas as classes, também se instala entre seres de todas as raças. Em 1906, comentou o caso de uma mulata “fadista”, assassinada, durante o baile de carnaval, por um “obscuro empregado nas obras da Avenida Central”:

Um mulato romântico acaba de consagrar entre nós a frase:

- Feri-a porque a amava!...

Ouvindo essas curtas palavras, pronunciadas num tom de cava e de solene, o guarda-civil esqueceu a ferida, essa pobre Mindoca, vítima do amor e do carnaval, esqueceu as suas responsabilidades, esqueceu tudo, e pasmou para o assassino transformado em herói, devorando-o todo com um olhar em que a admiração sucedia ao horror do primeiro instante.

Ele a ferira porque a amava!... E do próprio peito golfavam sete jatos expiatórios de um sangue rubro e apaixonado, que lavava inteiramente o crime!... Então que mais podiam querer a assassinada, a sociedade, todos? A autoridade superior pasmou, como o guarda-civil, diante de

tanta grandeza de alma; pasmaram os jornais, recolhendo avidamente a bela frase purificadora, e pasmou, enfim, a infeliz vítima das facadas, mas pasmou de uma vez, porque morreu...

Quem nos diz que na enfermaria da Santa Casa, onde se acha em tratamento o assassino, não pasmam os internos que rodeiam aquele interessante leito, cada vez que o ferido, provocado a falar, repete enfaticamente a célebre frase que vai torná-lo imortal? Era ele um obscuro empregado nas obras da Avenida Central...

Pois, logo que o júri fatalmente absolva com unanimidade, inclinando-se submisso à justiça desse amor que não recuou diante da morte, o criminoso passará a contramestre vantajosamente galardoado (DOLORES, 04 de março de 1906, p. 1).

O assassino, um “mulato romântico”, ironicamente, acaba transformado em herói só porque responde a todos que o indagam: “Feri-a porque a amava”. Pelo desfecho desse caso, percebemos como a abolição da escravatura apresentou significados diversos para o homem e para a mulher – o que perdura até os nossos dias. Neste fato narrado, enquanto ele, mesmo sendo o assassino, acaba sendo homenageado pela sua “grandeza de alma”, ela mantém a imagem da degradação moral a que foi reduzida à mulher negra nos primeiros tempos após a abolição, conforme nos orienta Saffioti (2013, p. 252). Nesse caso, a honra masculina dá sustentação à barbárie e à vítima resta um “heroísmo” degradado, apodrecendo na vala comum, um heroísmo falso que de nada lhe serve:

E a pobre vítima, leitores? Sem a frase que lhe consagrou o último suspiro, ela nunca passaria de uma negra fadista, metida todos os anos em dominós esfarrapados, pelo carnaval, e saracoteando imbecilmente pelas ruas e nos bailes, como tantas outras que nós vemos. Entre a luva e a manga da fantasia, negreja um pedaço de braço retinto; de sob o capuz de paninho, fogem umas mechas de carapinha polvilhadas de gesso pela rapaziada trocista, os quadris bamboileiam com uma exageração africana, e todo esse conjunto de natureza e artifício, sobreexcitado pelo ardor carnavalesco, tresanda um aroma de raça e de essência barata, que não é positivamente o perfume do Olimpo.

A frase, porém, levantou da vulgaridade essa vítima dos zelos de um romântico. Enobreceu-a. Fez da pobre negra, voltando da sua pândega, uma heroína. [...]

O assassino da Mindoca está com seu futuro feito; e enquanto ela apodrece na vala comum, ainda coberta de *confetti*, brilhantes, a carapinha *poudrée*, a pupila guardando ainda a sua paulatina visão de um requebrado do maxixe, o seu amante sobe à posteridade nas asas de uma frase que lhe sugeriu a recordação de algum romance-folhetim (DOLORES, 04 de março de 1906, p. 1).

Além da certeza da impunidade dos crimes passionais cometidos pelos homens, nesse caso, acrescido da compensação masculina, se contrapõe à imagem da violência brutal que ultrapassa os limites do espaço doméstico e se estende pelas ruas urbanas em plena festividade carnavalesca. Normalmente, nesses eventos tumultuados, os conflitos de toda espécie são comuns, porém a aceitação de um caso covarde e bárbaro como um assassinato a facadas não poderia ser aceito com tanta naturalidade e é esse o alerta que a cronista faz aos seus leitores. Como afirma Fougeyrollas-Schwebel (2007, p. 25):

Se o conflito é de alguma maneira inerente à vida social, a violência distingue-se pela vontade de dominação sobre o outro e pelo desejo de destruição. Violência e agressividade não podem ser igualadas: manter a confusão entre os dois faz parte das tentativas de ‘naturalizar’ a violência dos homens para torná-la socialmente legítima.

Um dos casos trágicos mais comovente, narrado e comentado por Carmen Dolores, também traz para a cena um marido que perde o controle e elimina sua companheira por motivos torpes, evadindo-se do local e ficando impune – como se fosse natural o homem tirar a vida da mulher. Só que, neste caso, uma mulher estava grávida e com outro filho de um ano e meio:

Entre os fatos da semana, um sobrepuja em horror todos quantos se estampam diariamente nas colunas sensacionais das folhas diárias.

Um marido rasga o ventre da mulher, que se acha grávida, desfecha-lhe ainda dois tiros, depois dela agonizante, e finalmente se evade, deixando trancado em casa esse cadáver, com um filhinho vivo de ano e meio. Que sucede então?

Como não se abrisse a casa, no dia seguinte, arrombaram os vizinhos a porta e encontraram o corpo da mãe estendido sobre o leito e ao lado um filho que chupa inocentemente os seios gelados.

Há nessa cena, mesmo assim narrada, sem nenhuma flor de retórica, qualquer coisa de trágico e de shakespeariano, que aterra o espírito mais desassombrado. Em primeiro lugar, o rasgão à faca desse pobre ventre materno, dentro do qual já palpitava outra vida. [...] que vemos nós depois de consumado o assassinato? Vemos uma criancinha encerrada numa casa ensanguentada com o cadáver de sua mãe.

A criança tem fome, chora e chama por essa que a acalentava sempre nos seus braços. Quem pode saber o que se passou de pungente e horripilante nesse *tête à tête* sinistro do filhinho com essa morta, gelada e impossível? O fato é que o menino, cansado de chorar, subiu para junto de sua mãe e, indiferente ao frio cadavérico, à insensibilidade desses braços inertes que já o aconchegaram no peito, indiferente ao silêncio implacável dessa boca tão pródiga de diminutivos familiares e carinhosos, e que agora se cerra numa contração de supremo horror – o menino se aninha contra esse corpo rijo, assim mesmo menos duro que o coração do pai, e mama, mama inocentemente (quanto tempo, Deus meu?!) o leite congelado desses seios mortos! (DOLORES, 11 de fevereiro de 1906, p. 1).

Apesar das diferenças entre as motivações de um e de outros casos, a violência física praticada contra as mulheres tem características comuns independentemente da classe ou da raça a que pertencem os envolvidos. A postura do agressor é representada como parte de uma cultura dominante; em outras palavras, a mulher é vítima de uma prática cultural, e não apenas de seu agressor, que provém dos tempos coloniais e se naturalizou no Brasil.

Dessa perspectiva, a autoridade paterna é inquestionável e as diversas formas de violência contra a mulher podem ser associadas aos comportamentos próprios de uma sociedade patriarcal tradicional.

Outro relato de agressão física contra uma mulher, como também de violência simbólica, em via pública já havia sido publicado em 1905 pela cronista.

Eis porque vimos, num dia desta semana, ser insultada por um pequenote e logo em seguida pelo seu próprio genro, uma senhora quase septuagenária que, ao voltar da triste visita ao túmulo de sua filha, procurava abraçar os netinhos, dos quais fora separada pela autoridade paterna.

Ora, a velha!... Rua com ela (DOLORES, 17 de dezembro de 1905, p. 1).

Neste caso, Carmen Dolores, retoma formas simbólicas de violência que ainda fazem parte do modo com a dominação masculina atravessa as relações de poder na sociedade. Como afirma Saffioti (1999, p. 88), “o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque macho deve dominar a qualquer custo; e mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu ‘destino’ assim determina”. A pobre avó, marcada duplamente pelo gênero e pela idade/geração, tenta se defender instintivamente da agressão verbal e física, mas sua ação é inútil:

E, depois dos insultos, a agressão física, na via pública. E, como a infeliz avó erguesse a sombrinha numa instintiva defesa contra o revólver que apareceu em cena, o genro agarrou a sogra de 70 anos, que cometera o nefando crime de tentar ver os netos contra sua vontade, e conduziu-a presa para a delegacia. Sim, senhores, presa!... E só depositando a fiança de 300\$ conseguiu a mísera senhora ser solta; mas o escândalo já se apoderara do seu velho nome e todos puderam saboreá-lo como rubrica de notícias à *sensation* nos jornais, que foram uns a seu favor, mas outros contra, pois o genro é poderoso e não lhe faltaram apoios contrários à avozinha. (DOLORES, 17 de dezembro de 1905, p.1)

A indignação da cronista não se dá apenas por ser mais um caso de violência que envolve questões de gênero, mas também pela discriminação baseada na idade/geração da vítima, por um lado, e no poder econômico (e consequentemente social) ainda centrado em mãos masculinas por outro. Como nos orienta Motta (2007, p. 137):

[...] a sociedade, a par de ter-se desenvolvido tendo a idade (e o sexo/gênero) como critério fundamental de organização e integração social

[...], foi construindo, ao mesmo tempo, formas outras de organização que redundaram em discriminação, marginalização ou exclusão igualmente baseados na idade (assim como em critérios relativos ao gênero).

Inicialmente, a cronista encontra, na desorganização familiar, fruto da modernização e do progresso, ou melhor, na destruição da instituição família, a explicação para a violência do genro contra a sogra idosa:

Mas sem a desorganização da família entre nós, qual é o homem que ousaria proceder desse modo contra uma indefesa senhora, mesmo que houvesse de sua parte impertinências ou culpas próprias da idade e do gênio?... Ah! Nenhum.

Se a mulher é sagrada para todo o homem que se presa, uma avó de cabelos de neve deve ser duplamente sagrada; e tocar nela até com uma flor é derrubar todas as barreiras morais que ainda resguardam a religião de certos sentimentos nobres e elevados.

Mas, se todas as coisas velhas vão acabando entre nós!... A família?... Pois sim! A família é o dinheiro, é o interesse de cada um isoladamente (DOLORES, 17 de dezembro de 1905, p. 1).

Entretanto, é o critério da idade da vítima – que pesa tanto quanto seu sexo – o que justifica a discriminação e a consequente violência. Ainda conforme Motta (2007, p. 137),

[...] na modernidade a vida social apresenta-se impregnada de ‘idadismo’ (tanto quanto de sexismo). Apenas o preconceito/discriminação contra a idade se apresenta de forma menos perceptível, mais sutil que o sexismo porque mais naturalizado pela evidência dos registros da passagem do tempo nos corpos.

Carmen Dolores também denunciou diferentes tipos de violências simbólicas e físicas que fazem parte da intimidade do casal. Estão entre elas: depreciação do outro, empurrões, surras que causam lesões corporais graves. No entanto, quando os crimes passionais não se concretizavam, narrava os fatos ressaltando seu posicionamento feminista e antipatriarcal, por meio de seu apoio às reações positivas das vítimas diante da violência. Normalmente, a maioria das mulheres não denunciava os companheiros por medo ou por dependência financeira, física ou afetiva. Mesmo nos raros casos em que alguma mulher

agredida denunciava seu agressor à polícia, Carmen Dolores levantava a dúvida sobre os resultados dessa justiça, pois para ela: “A justiça é feita pelos homens e raramente favorece a mulher” (DOLORES, 07 de maio de 1905, p. 1).

No entanto, afirmou categoricamente, em outra ocasião, que “[...] até uma desqualificada tem o direito de só conceder seu amor a quem ela bem quiser, não sendo forçada a praticar generosamente a caridade em favor de quantos mendigos solicitarem uma esmolinha do seu coração. Ora aí está uma boa verdade” (DOLORES, 24 de dezembro de 1905, p. 1). Usando como mote o caso de uma suburbana que, em legítima defesa, assassina seu agressor, ela reforça sua denúncia de assédio sexual e moral que as mulheres brasileiras sofrem nas ruas do Rio de Janeiro: “Que vemos, porém, na atualidade? A audácia e a petulância atacando, não só desqualificadas, mas até senhoras, moças solteiras, e seguindo-as, importunando-as, escrevendo-lhes, insultando-as” (DOLORES, 24 de dezembro de 1905, p. 1)

Mesmo não sendo a favor da violência, no caso de legítima defesa da mulher agredida, ela apoia o seu “temperamento másculo e violento”, ou seja, a atitude da mulher que se defende da violência sofrida e a aponta como heroína. Outro caso de violência que envolve questões de gênero e de classe, significativo para reconhecer o posicionamento feminista de Carmen Dolores na luta pelos direitos da mulher, foi comentado por ela em 1908. A cronista sai em defesa de uma prostituta que assassina um soldado, seu amante, em legítima defesa, para evitar sua própria morte:

Destacou-se durante a semana o tipo dessa mulher de 22 anos apenas, mas já degradada, abjeta, que matou um soldado, seu amante, para que ele não a matasse.

Foi pois de legítima e natural defesa o ato de semelhante desprazada, que a sorte aciuu em uma situação sem saída senão pela porta do assassinato; mas quem lha dará razão? A classe que ela simboliza basta para despir o seu caso de todas as circunstâncias atenuantes, simpáticas e tocantes. É a criatura de viela, sórdida e lamentável, com um repertório de vício, escrava da polícia, batida pelos frequentadores de uma hora, maltratada e explorada pelos que se demoram mais tempo – de qualquer modo, um rebotinho da vida, sem direitos à piedade e ao amor.

Como, pois, essa condenada à abjeção e à pancada, quando não à faca e ao tiro dos que a procuram, como há de ela despertar o interesse dos que a vão julgar?

Estou aqui a ver a expressão de asco de todas as fisionomias, nesse tribunal do júri que tem de lavar a sua sentença de homicida apanhada em flagrante. (DOLORES, 19 de julho de 1908)

Para além da denúncia grave de todo tipo de violência física e simbólica sofrida por essa mulher homicida, a cronista reforça a imagem dos homens responsáveis por fazer justiça no Brasil como machistas, preconceituosos, insensíveis à condição feminina, quanto mais a uma condição de degradação feminina:

E, todavia, eu, se a julgasse, não a condenaria. Não, absolutamente. Porque essa infeliz, primeiramente, estaria a esta hora já enterrada, se não houvesse desfechado o revólver pela fresta da porta que o soldado tentava forçar – o que explica o assassinato por terror, por desespero, pela ânsia de defender a própria vida. E depois, se da individualidade baixa da criminosa vem um sopro de miséria moral que entibia o interesse, poderemos nós responsabilizá-la por essa miséria que parte da humanidade vencida, exalando por toda a parte pó seu grito de dor ou escondendo a sua podridão sob inúmeros aspectos? Para que fôssemos implacáveis, seria preciso sermos coerentes. E acaso o somos? Não me parece. [...]

Os homens dão joias de alto preço às mulheres vestidas já de seda e veludos caros, mas negam o pão àquela que, faminta e andrajosa, lhes estende a mão suplicante, para não resvalar na viela frequentada por soldados e ébrios que esfaqueiam. Então diante dessa lógica, julgue-se a criminosa de tais meios infames com uma tolerância mais larga e compassiva, porque ela é um produto social (DOLORES, 19 de julho de 1908, p. 1).

Como resultado da lógica positivista que a cronista segue, considerando a acusada de homicídio como um produto da própria sociedade patriarcal, capitalista, machista e preconceituosa, ela clama pela tolerância e coerência dos juristas. Mesmo conhecendo a parcialidade das leis brasileiras, bem como do corpo de jurados formado por homens, a cronista apresenta vários argumentos que só um olhar

feminino é capaz de enxergar na realidade nua e crua da criminosa, como, por exemplo, o fato de ela ser mãe de uma menina:

E acresce, no caso a que aludo, que a assassina tem uma filhinha e por ela chora como qualquer outra mãe, vendo nela o resgate da sua imensa miséria, única luz da escuridão da sua alma, toda a sua razão de ainda gemer e sentir no lodo que afunda, empurrada pela corrente da estrumeira que é a sua vida.

Não é verdade que semelhante deserdada deve ser absolvida por ter obedecido ao instinto animal da sua conservação?

Penso que sim (DOLORES, 19 de julho de 1908, p. 1).

Carmen Dolores, ao levantar a bandeira da denúncia da violência contra a mulher, é abrangente e inclusiva. É abrangente no sentido de ressaltar a diversidade de formas de violência simbólica, as agressões físicas, assim como os assassinatos, além de questionar o padrão cultural machista e patriarcal, denunciando suas atrocidades tanto no espaço privado quanto no público. É inclusiva ao defender mulheres da elite, da classe média, prostitutas, jovens de 22 anos e idosas de 70 anos, casadas e amantes, brancas ou negras. Em suma, com essa bandeira feminista, ela se despe de preconceitos discriminatórios em prol do bem feminino.

Contudo, permanece conservadora ao defender a família bem estruturada, mas quando falta essa estabilidade, essa estrutura, esse equilíbrio, ela apoia o divórcio como direito de a mulher refazer sua vida com uma situação financeira equilibrada.

4.4.3.2 A questão do divórcio

A luta pela legalização do divórcio foi a sua bandeira mais comentada, tanto pelos críticos da sua época, quanto as críticas feministas dos últimos tempos. Talvez porque a cronista teve o cuidado de selecionar sete crônicas sobre esse tema, dispostas numa sequência cronológica dentro do seu livro *Ao esvoaçar da ideia* (1910) –, o que denota seu empenho nessa causa. As pesquisadoras feministas dos nossos dias muito já disseram sobre esse tema tão debatido por Carmen Dolores. O que nos resta dizer, então, sobre essa causa, sem cair na repetição do já dito? Por um lado, precisamos pontuar que Carmen Dolores escreveu muitas outras crônicas sobre o assunto ao longo de cinco anos e meio em *O Paiz*, além das selecionadas por ela para compor seu livro de crônicas e são aquelas que vamos analisar aqui.

Além disso, é relevante verificar o que a imprensa dizia sobre essa sua luta.

No *Correio da Manhã* (1907), por exemplo, Carmen Dolores é citada no lançamento do certame sobre o Divórcio, como referência intelectual sobre o assunto na imprensa carioca.

O êxito colossal alcançado pelo nosso “Concurso original” leva-nos a abrir um novo *certamen*, de não menor interesse e de grande atualidade, para o qual convidamos as nossas gentis leitoras a dar a sua valiosa opinião.

Trata-se do *Divórcio*, questão palpitante e de extraordinário alcance moral e sociológico.

A questão já tem sido discutida brilhantemente no Congresso Federal pelo dr. Erico Coelho, em tese de doutoramento pelo dr. James Darcy e, na imprensa, por vários espíritos de eleição, entre outros o de *Carmen Dolores*, nossa ilustre colaboradora (CORREIO DA MANHÃ, 12 de maio de 1907, p. 1).

Osório Duque Estrada (29 de setembro de 1907, p. 1) também escreve uma crônica sobre o tema do Divórcio, a partir de cartas de leitores que o questionam sobre “a situação moral dos filhos originários dos divorciados, e desses outros provenientes de novos enlaces? Como se conduzirão esses irmãos, e em que posição moral hão de ficar os pais?” O missivista, na mesma carta, declara “que teria grande prazer em ouvir [...] também a [opinião] da ilustre escritora Carmen Dolores”. Dá a sua opinião e complementa: “Não sei o que pensará – por sua conta – a minha talentosa e festejada confrade...”. E termina por ceder espaço para a voz à sua confrade: “Para mais satisfazer a sua curiosidade e convertê-lo de todo ao credo dos divorcistas, dou a palavra a minha ilustre confrade, d. Carmen Dolores”.

As defesas de Carmen Dolores nas causas que elegia não eram construídas no vazio, ou apenas a partir da sua subjetividade. Ela buscava os fundamentos na fonte, participando de reuniões como a ocorrida no Instituto dos Advogados, em que se discutia a questão do divórcio: “A sessão foi concorridíssima, sendo honrada com a presença de algumas senhoras, entre as quais, a apreciada escritora Mme. Carmen Dolores” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 02 de julho de 1907, p. 3).

Seus argumentos para defender seu ponto de vista sobre a legalização do divórcio eram pautados, normalmente, ainda nas diversas formas de violência que as mulheres sofriam, silenciosamente, debaixo dos tetos domésticos, entre as paredes. Tanto a violência simbólica,

quanto a violência física é cometida por seu algoz hipócrita, o qual assim age certo de sua impunidade e dos privilégios que o gênero lhe proporciona:

É fato que, ao abrigo de tetos domésticos, muita dor, muita infâmia e muita miséria se escondem, cuja continuação levaria aquele dos entes que está no ignorado papel de vítima aos supremos desesperos. Cá fora o algoz sorri mansamente, amável, cheio de aparentemente, amável, cheio de aparente bonomia; lá dentro tortura, certo do segredo e da impunidade.

Outras vezes os sentimentos que desunem não se manifestam sob forma tão aguda; mas são contínuas picadas de agulha, desde manhã até a noite, que acabam por ulcerar a pele da alma, fazendo dela toda inteira uma chaga viva e sangrenta.

Outras vezes, ainda, o cônjuge que tinha o dever de sustentar a família, nada faz para isto e falta o pão, a roupa, tudo, abundando apenas contas e injúrias de credores, que o verdadeiro responsável atira sobre a outra parte impotente, esquivando-se ele covardemente a todos os atritos.

Ora, estes casos, em torno dos quais muitos outros gravitam, representados por taras físicas, vícios hereditários, lacunas orgânicas, mil coisas tristes e secretas – estes casos constituem evidentemente o inferno, que justifica o divórcio [...] (DOLORES, 18 de março de 1906, p. 1).

Nos moldes em que as dissoluções dos casamentos se davam naquele momento de discussões sobre a nova proposta de legalização do divórcio, a desigualdade de condições entre os cônjuges feminino e masculino justifica as mudanças.

Mas, em nossa época, dada a moral viciosa da sociedade, tal dissolução significará um remédio? O marido divorciado, embora seja o pior dos canalhas, guarda o direito de conduzir a sua vida como quer. E se tem algum dinheiro, mesmo que a fonte não seja conhecida, e se coloca uma máscara de amabilidade no rosto falso, e se cala cuidadosamente os seus verdadeiros sentimentos, pode estar certo que alcança a adesão de muita gente. Há até imbecis que o aplaudem.

Ao passo que a divorciada, ah! Pobrezinha dela!... Toda a ferocidade humana, apurada pelos requintes progressivos da civilização, toda a malquerência e toda a estupidez das massas vulgares lhe cai em cima como o peso de uma cruz. Se tem fortuna, vai vencendo a corrente; se não tem, braceja, luta, vítima dos maus, depois vítima do casamento. Ela, afinal, não pode gritar, como o Misanthropo de Molière, que a sua vontade

Est de rompre en visiere à tout le genre humain.

Assiste apenas, com amarga surpresa, às complacências dispensadas do seu algoz, que ela conhece a fundo em toda a sua perversidade, e constata a dureza que é o seu lote, após o infortúnio. Nem ao menos a liberdade lhe resta. Todos os seus atos são comentados, alterados.

E o próprio marido, que, muitas vezes, quando é realmente infame, a deixa com os filhos e sem recurso algum para a subsistência, depois de lhe ter não raramente absorvido o pequeno ou grande dote – o marido é o primeiro que atassalha a sua reputação entre os amigos.

É isto o divórcio, sobretudo entre nós, pequena aldeia, onde a mesquinhez humana fica mais em evidência (DOLORES, 18 de março de 1906, p. 1).

Como, no entanto, as mudanças irão favorecer o lado feminino, as dificuldades são imensas, principalmente, pela influência do clero católico, que insiste na impossibilidade de dissolução do casamento. Alguns representantes do clero, como, no caso, o Arcebispo Moeller, chegam a declarar publicamente que a poligamia é preferível ao divórcio. Fato que deixa a cronista indignada:

Não é, pois, de admirar que, numa conferência realizada no Congresso das Unidades Católicas, de Cincinnati (sempre conferências!...), nos Estados Unidos, o Sr. arcebispo Moeller haja declarado, no meio da mais viva sensação que a poligamia é em todo caso preferível ao divórcio... Calcule-se o efeito de tais palavras numa grande reunião católica!

O solo tremeu, as senhoras desmaiaram, enquanto muitos maridos volveram em torno um olhar satisfeito, procurando já o lenço que mais tarde

atirariam, e torcendo os longos bigodes conquistadores...

A poligamia!...

- Sim, meus irmãos! Prosseguia, no entanto, o arcebispo, porque ela constitui o *crime menor*. Agrupa sob o mesmo teto muitas mulheres que se detestam, mas sustenta e abriga essas mulheres, não as atirando à miséria e à sanha do mundo, enquanto que o divórcio, no comum dos casos, abandona a esposa sem recursos... (DOLORES, 18 de março de 1906, p. 1).

Uma das diferenças entre algumas crônicas sobre o divórcio, publicadas no livro¹⁷⁹ da autora, e as outras, publicadas sobre o tema em *O Paiz*, é o foco de abordagem do tema. Enquanto, em algumas crônicas do livro, a autora busca, na história da civilização, argumentos para justificar seu ponto de vista, no periódico, ela publica suas muitas discussões com seus adversários, sempre usando como argumentos as relações entre o significado do divórcio para a classe de mulheres, o trabalho feminino e o próprio feminismo. Em ambos os meios de publicação a autora mantém o tom discursivo que vai, gradativamente, da revolta para a angústia e, depois, ao cansaço, abordando as dificuldades encontradas nessa luta e, em outras horas, ela relata, com certa felicidade, os ganhos obtidos à custa de muito esforço, bem como descreve a atuação daqueles que contribuíram para esses resultados positivos.

Em 1907, por exemplo, felicita alguns advogados do Instituto dos Advogados por uma vitória:

Cumprimento em primeiro lugar, que eu felicite o Instituto dos Advogados pelo seu triunfo de quinta-feira, quando 16 votos contra oito promulgaram, que enfim o espírito inteligente vai compreendendo a necessidade indeclinável do divórcio como lei vencedora da rotina; e depois, especialmente, cumprimento que eu cumprimento o Dr. Marcilio de Lacerda, antes da tese que foi discutida, e o Dr. Avelar Brandão, e sobretudo D. Myrthes de Campos, a jovem advogada, cuja mentalidade serena e altiva jamais se deixou

¹⁷⁹ Da série de sete crônicas selecionadas pela autora para constar no seu livro *Ao esvoaçar da ideia* (1910), duas foram também publicadas em *O Paiz*: a crônica de 09/06/1907 foi publicada com o título “É irritante” e a de 23/10/1908 está publicada com o título “Conversando”.

assoberbar pela covarde onda de insultos com que tentaram refrear-lhe a ação feminina. [...] torno a felicitá-lo pela sua vitória – triunfo grato a todo Brasil, que necessita da lei do divórcio como os pulmões necessitam de ar (DOLORES, 11 de agosto de 1907, p. 1).

Sua admiração pela jovem advogada, D. Myrthes de Campos, é tamanha, que a enalteceu por sua atuação na questão do divórcio em várias crônicas.¹⁸⁰ Rende homenagens “a um simpático, a um elevado e excepcional vulto de brasileira atual”, que optou pela formação em nível superior quando a tendência da época para as moças era a futilidade própria do mundanismo:

Refiro-me à doutora Myrthes de Campos que, nestes tempos de frequente mundanismo, só conhece da vida os lados sérios, o estudo, o esforço e enfim o trabalho.

É moça e é franzina. Tudo lhe aconselharia o voo para a região fácil da futilidade, que só tem o riso como objetivo constante e exclusivo. Mas ele, sentindo a pulsação forte da sua inteligência, decidiu não desperdiçá-la nesses certames ociosos da frioleira e lançou-se, ainda quase menina, na aplicação das aulas de direito, dos exames custosos – todo esse curso jurídico de que saiu brilhantemente com um título raro entre mulheres. A sua ilustração, o seu espírito nativo, agudo e fino, a sua argumentação clara de advogada, a forma conscienciosa dos seus trabalhos – tudo isso faz de Myrthes de Campos uma individualidade feminina em destaque sobre as tendências da época (DOLORES, 18 de outubro de 1908, p. 1).

Tendo recebido da advogada e amiga um exemplar de um trabalho jurídico solicitando ao Congresso Jurídico Brasileiro a abolição da incapacidade civil da mulher casada, a cronista o avalia e atesta o seu mérito intelectual:

E agora, o que ela escreveu e apresentou ao Congresso Jurídico Brasileiro, no sentido de ser abolida a incapacidade civil da mulher casada, pedindo que haja perfeita igualdade nos direitos civil e da família entre os cônjuges, é mais um

¹⁸⁰ No AEI, a crônica o Triunfo também é em homenagem a Myrtes campos... mas não está em O Paiz.

atestado do seu mérito intelectual e da sua dedicação à causa feminina, em direito tão sacrificada. [...]

E, ao decorrer dessas 15 páginas concisas e vigorosas, a doutora Myrthes de Campos mostra a injustiça da subordinação da esposa e a conveniência de ser elevada a sua condição jurídica em questões de regime de bens (DOLORES, 18 de outubro de 1908, p. 1).

Em outras ocasiões, defende a advogada de críticas por parte dos adversários que a acusam de não ter a experiência da vida conjugal para poder defender a causa:

Um dos principais argumentos contra a simpática defensora do divórcio, é que ela é solteira e não pode entender do riscado. É boa! Como se fosse preciso passar pelas situações, em pessoa, para estudá-las profissionalmente ou para analisar *de visu* os tristes efeitos da separação judicial que se impõem em nossa terra, exigindo urgentemente um corretivo, um remédio, uma solução.

Tanto mais razão sobra à corajosa advogada de se imiscuir na questão palpitante, quando podem verificar as dores caladas das suas irmãs, que no homem só encontraram a ironia ou então a condenação dura e sistemática, baseada no preconceito, de toda a ideia reformadora de costumes tirânicos, abrindo nergas em portas ainda cerradas às vítimas de um destino injusto (DOLORES, 11 de agosto de 1907, p. 1).

Carmen Dolores ressalta a questão do ponto de vista feminino da laboriosa advogada, ou seja, só o fato de ser mulher é suficiente para identificar-se com a sujeição ao preconceito, com as dificuldades vividas pelas mulheres naquele contexto social. O casamento é, para a mulher, sinônimo de prisão, de submissão ao poder patriarcal, de destituição de qualquer forma de poder, mesmo dentro de sua família. Por outro lado, os adversários da legalização do divórcio, apoiados na ideia da manutenção da família, mantêm seu discurso repetitivo no argumento da imoralidade e na degradação da mulher divorciada. A cronista acusa-os de incapacidade de debate, pois não respondem aos argumentos lógicos apresentados pelos defensores da causa:

É curioso observar como adversário dessa libertação do divórcio torneia as faces do assunto, de modo a nunca entender certos modos claros e

lógicos de apresentarem os defensores da ideia os seus argumentos. O que o adversário quer, é ferir a imaginação do povo com grandes palavras acarianas, a fim de aliciar adeptos à controvérsia. E vem logo à cena as célebres frases rotineiras já muito estafadas de encherem o papel: “A desorganização da família! O divórcio é uma imoralidade clamorosa, que destrói a segurança do lar...” E por aí além, toda gama moralista costumeira!

Protesta então com muita calma o propagador da evolução, perguntando:

- Mas qual é a organização de uma família já desorganizada pela separação de corpo e bens do casal? E quando, por exemplo, foi o marido que abandonou o lar, deixou a esposa desamparada, sem meios de subsistência esmagada pelo abandono e pela ferocidade social contra a sua posição anômala – por que não há de essa esposa encontrar para o seu caso perdido o único remédio que é a libertação completa, o divórcio com a dissolubilidade do vínculo matrimonial, representando a viuvez, e que lhe permitirá reconstituir honestamente o seu destino de mulher, que precisa de amparo e de afeto? Onde está nisso a imoralidade, com a dissolução radical de um lar que já não existia, por que a própria lei o tinha destruído?

Mas aí se faz imediatamente o silêncio por parte do antagonista do divórcio. Ele não entende. E voltam as frases solenes, como um dobro de finados: “Degradação! Degradação! O divórcio significa uma propaganda de que a moral se ausenta...”

Insiste o generoso pugnador, que não tem absolutamente interesse pessoal na questão, mas apenas, analisa, observa e estuda, com imparcialidade de um desapaixonado – e só assim é que se deve realmente discutir a tese:

“E quando um homem bom, laborioso e simples, cheio de filhos, assiste à deserção da esposa, que resvala na vida, e fica sozinho no lar desonrado, chorando sobre a sua desdita? A lei cortou o laço conjugal como pode. Esse homem só tem diante

de si o isolamento, entre crianças sem mãe, como um viúvo”.

“E que mal existe contra a moral que a lei do divórcio o torne verdadeiramente viúvo, livre do contrato anterior, já inutilizado de fato, podendo refazer a sua vida com outra companhia legítima, que o console e lhe crie os filhos? Será então preferível que ele coabite com a criada, para que se salve o preconceito social?...”

Mas aí silencia o adversário do divórcio. Ele não ouve, nem entende esses argumentos singelos, mas tão eloquentes e poderosos na sua singeleza, porque se apoiam na pura verdade.

Passa por cima e vai debater coisas da jurisprudência, coisas teológicas, coisas vagas, absurdas, que abrem margem a uma série de investidas sem fundamentos (DOLORES, 11 de agosto de 1907, p. 1).

Alguns meses antes, a cronista já havia escrito longamente sobre um discurso que ela ouviu no Instituto dos Advogados de um opositor do divórcio. Essa mesma crônica ela também publicou no seu livro *Ao esvoaçar da ideia* (1910), com o título “É irritante!” – título que nos permite inferir sua falta de paciência com a argumentação vazia, incoerente e sem aplicação prática. Usando como estratégia um tom violento, o advogado monopolizou a palavra durante horas e à cronista restou a estratégia do sarcasmo para descrevê-lo:

Ando com muita pena, oh! Muita! Do Instituto dos Advogados... Parece que a douda corporação esqueceu de estabelecer nos seus estatutos o direito da...rolha, não contra os casos graves, que para eles há o recurso do levantamento da sessão, mas contra os absurdos, os abusos da paciência alheia, de modo que se viu agora esta coisa memorável: durante duas e meia, quase três sessões inteiras, a propósito do divórcio, um conhecido advogado dominou toda uma sala exasperada com a força única da sua voz enraivecida e tonitruante, monopolizando a palavra e substituindo qualquer lógica da argumentação pela torrente impávida das suas frases violentas e – digamos a verdade – sem muito sentido, nem aplicação em semelhante meio.

Se a intenção maligna do ilustre advogado era desvirtuar a discussão, ainda se pode compreender; mas de outro modo, é impossível.

Assim foi que, numa reunião jurídica em que se tratava de assunto jurídico-social, S. S. lançou-se em sermões mais próprios do púlpito de alguma igreja; S. S. bateu nos peitos, com fervor de um Rapozinho das *Relíquias*, de Eça de Queiroz; destruiu o casamento civil, só com um sopro dos seus pulmões valentes; pulverizou o bezerro de ouro, que não adora, como todo o mundo sabe; descreveu, enfim, o deus Buda, sentado, em êxtases, contemplando o próprio corpo, e o deus Siva, da trindade indiana, que conseguiu montar um touro, malgrado as suas cinco cabeças, quatro mãos, não sei quantas pernas – riqueza física, aliás, que lhe deu o poder de carregar ao mesmo tempo um tridente, uma linda flor de lótus, uma *tchakra* (roda simbólica), muitas serpentes e um colar de crânios humanos... Uff! Quanta coisa carregou o pobre deus! Mais suportou, porém, o animal que ele montava, simples bicho normal a vergar sob o peso da superabundância desses membros divinos...

Prosseguindo, contudo, nessa forma tão original e pitoresca de argumentar contra o divórcio, o orador chegou a bradar explosivamente que o casamento não representa um contrato, é simples sacramento; e enfim, para contrariar o calmo aparte de um colega, que lembrava o Crescei e multiplicai da Bíblia, S. S. teve uma ideia que pareceu a todos espantosa: é que essa frase tradicional dos livros santos se referia a Madalena, a pecadora, e acoroçoava o vício... Oh! Sem comentários. [...] (DOLORES, 09 de junho de 1907, p. 1).

Acusando-o de manipulador maquiavélico, ilógico e cruel, “apesar de citar Deus, em todas as suas orações” ela o ridiculariza e conclui:

A verdade resumida é esta, em suma: pode o conhecido advogado clerical continuar como vai, na questão do divórcio, que a recompensa já lhe está garantida: será conde, senão marquês... É só falar, tropejar, abafar e esperar (DOLORES, 09 de junho de 1907, p. 1).

De certo modo, toda a discussão de Carmen Dolores sobre a questão da legalização do divórcio está sempre permeada pela questão do trabalho feminino, assim como pela questão do feminismo. Apesar da declaração: “Já declarei também – e com sinceridade – que nunca discutirei a palpitante questão da atualidade sob o ponto de vista religioso” (DOLORES, 30 de junho de 1907), a cronista, em outros momentos, responde a alguns argumentos usados por padres ou defensores do posicionamento da igreja católica quanto ao divórcio.

Entre os argumentos usados por ela na defesa do seu ponto de vista, o divórcio precisa ser legalizado para garantir direitos iguais ao homem e à mulher, tanto no plano econômico, quanto no direito de refazer sua vida em um novo casamento. As leis¹⁸¹ em vigor no Brasil daquele momento histérico oprimiam a capacidade civil da mulher. Ou seja, a mulher, ao casar, perdia sua plena capacidade, tornando-se relativamente capaz, como os índios, os pródigos e os menores. Para trabalhar precisava da autorização do marido e cabia a ele a administração dos bens do casal. Mesmo com a instituição do desquite, havia a separação de corpos, mas o casamento era indissolúvel.

Chega a responder a uma carta de Dr. Carlos de Laet, endereçada a D. Myrthes de Campos, mas na qual ela enxerga algumas alusões que podem atingir a sua “humilde personalidade”, como ela se descreve. Ele afirma sobre “mulheres viciadas e perigosas a sociedade” que “não as acha no pedantismo feminista, que desamparado deixa o lar doméstico, dando ao homem, não uma doce companheira, mas uma rival nas rudes competições da vida?” Carmen Dolores então o questiona:

E quando não existe esse homem, pergunto eu agora ao Dr. Laet, e a mulher, em vez de ser a doce companheira de alguém que trabalha para ela, é, pelo contrário, aquela que labuta para todos? O feminismo não vai de certo arrancar meigas esposas ao lar bem amparado pelo competente chefe, assim como a lei do divórcio não obrigará jamais alguém que se considere feliz a divorciar.

O feminismo faculta apenas à mulher isolada e em luta pela vida, como o homem, os mesmos direitos

¹⁸¹ “O Código Civil de 1916 era uma codificação do século XIX, pois foi no ano de 1899 que Clóvis Beviláqua recebeu o encargo de elaborá-lo. Retratava a sociedade da época, marcadamente conservadora e patriarcal. Assim, só podia consagrar a superioridade masculina. Transformou a força física do homem em poder pessoal, em autoridade, outorgando-lhe o comando exclusivo da família”. DIAS, Maria Berenice. *A mulher no código civil*. Disponível em: <http://www.mariaberenice.com.br/uploads/18_-_a_mulher_no_c%F3digo_civil.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2015.

de ganhar essa vida, tão dura e tão penosa quando falta o pão.

E por que se há de dizer que isso significa o desamparo do lar, quando justamente, assim, é que a mulher sustenta honestamente esse lar? [...]

Se as numerosas professoras que cruzamos nas ruas, abatidas pelo cansaço, não saíssem das suas casas para ensinar as crianças – então é que desamparado lhes ficaria mesmo o lar doméstico, o pobre lar! Porque dessas perambulações e dessas fadigas é que provém o lume e o pão para os filhos e até para as mães enfermas.

Permanecessem essas heroínas, sim, heroínas inglórias, no aconchego das alcovas fechadas, para evitarem a pecha de pedantes rivais do homem na concorrência ao trabalho, e eu queria ver como é que, no estado da vida atual, tudo a preços esmagadores, elas haviam de equilibrar a existência (DOLORES, 30 de junho de 1907).

A acusação feita por Carlos de Laet de que as mulheres que trabalham fora são feministas e, portanto, desqualificadas, deixa a cronista extremamente irritada. Ela então convoca profissionais de todas as áreas que na época ainda conquistavam seu espaço no mercado de trabalho, enfrentando a oposição masculina com medo da concorrência:

Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! Vós todas que fostes criadas fora do rude labor manual, que o ignoreis ou careceis da força física indispensável a tais meios de vida, que exigem, à falta de cérebro, o músculo possante e um conhecimento exato da conta de somar, para os róis da roupa dos fregueses – considerai que esse afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à desqualificação do feminismo... Obedecei à singular imposição de uma carta ignóbil, com que certo desavisado julgou dever responder anonimamente a alguns dos meus artigos:

Solteiras, divorciadas ou viúvas, se são pobres, sejam pedintes (é estupendo, não?), mas fiquem dentro das suas casas, abandonem essas asneiras de trabalhar como os homens. Vocês foram feitas pra outra coisa... [...]

Depois, a menos de se ter um *atelier* de costuras em grande pé ou lavanderias a vapor com

numeroso pessoal, o que exige um capital para a montagem, que rende o pequenino trabalho da mulher que lava para um número limitado de fregueses, levando calotes, ou cose para as famílias modestas da vizinhança, pois que a gente rica vai às costureiras de fama? E trabalho por trabalho, não é todo ele digno de animação e não de menos preço?

Ah! Dr. Laet, em nome dos seus princípios católicos e se não quer ser injusto, deixe em paz a concorrência da mulher à luta pela vida, como a temos hoje, porque atrás dessa competição há muita dor e muita lágrima! (DOLORES, 30 de junho de 1907).

É nesse sentido da luta pela subsistência que Carmen Dolores também se sente feminista, reivindicando direitos iguais no trabalho, na remuneração, no direito de refazer a vida se o casamento já não há razão para existir. O preconceito vigente quanto às mulheres que ousam estudar e exercer sua profissão, sejam elas separadas, viúvas, solteiras sem amparo do pai ou irmão, sempre resvala na acusação de feminismo. A ideia de que as feministas perdiam a feminilidade era corrente:

E o mesmo faz em relação ao feminismo, que o seu sarcasmo sistemático ridiculariza, apresentando-o logo de roupas masculinizadas e grotescas – sempre a velha e batida chapa, já sem curso – aliás de não enxergar outra feição elevada, corajosa e nobilitante da questão. [...]

Entre nós, a feminista há de também ser evocada sempre pelos espíritos estreitos como uma individualidade picaresca e híbrida, de jaqueta viril e chapéu de palha, representante de um terceiro sexo, sem as graças da mulher nem a capacidade do homem.

Oh! a chapa das ideias! Que flagelo, e que barreira a tudo o que é inteligente! (DOLORES, 30 de junho de 1907)

Para Carmen Dolores, em seu tempo, a mulher que não tem a proteção financeira do pai ou do marido acaba forçada a buscar seu sustento por meio de um trabalho honesto. Apesar de muito ter denunciado a violência contra a mulher, dentro e fora do seu lar, quando se refere às razões para ser feminista, ainda não inclui as mulheres vivendo um casamento estável. Como afirma Lopes (2001, p. 99), inclinada à convenção patriarcal e apoiada por pseudossabedoria popular

e religiosa, Carmen Dolores deixa entender que o “feminismo se restringe a reivindicações femininas”, mas está restrito para a mulher desamparada que tem que se sustentar e não se estende à mulher feliz, ou seja, bem casada, rica e pertencente a alta burguesia.

Carmen Dolores, sempre que envolvida em alguma questão polêmica, não se intimida, pelo contrário, usa de toda a sua irreverência para contra-atacar. Mendonça (2002, p. 48) atribui o gosto de pela controvérsia à impetuosidade e à ousadia própria do temperamento de Carmen Dolores, ao seu “espírito combativo”, às “inquietações próprias de sua idade” e, também, às “implicações sociais (e morais) decorrentes de sua ‘condição feminina’”. O fragmento acima, porém, comprova que ela não lutava apenas por seus direitos individuais, mas, também, pelos direitos de todas as mulheres, a quem só resta o trabalho como meio de subsistência.

4.4.3.3 O trabalho feminino remunerado

O direito ao trabalho remunerado também já foi defendido por outras feministas do século XIX, tanto no Brasil quanto no exterior. Carmen Dolores segue na esteira de suas antecessoras, como a francesa Marie Olympe Gouges (1748-1793), a inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), as americanas Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Lucy Stone, entre outras, mesmo sem citá-las.

Entre seus argumentos nessa luta brasileira de seus dias, diz que é com um trabalho honesto que as mulheres podem conseguir manter a sua honra. Como afirma Lopes (2001, p. 102), “se por um lado insiste em revelar-lhe o valor moral, por outro o exclui da vida da mulher privilegiada”. Como ela nasceu em meados do século XIX e viveu por muitos anos de acordo com os parâmetros patriarcais, é natural que pense assim, pois, por outro lado, depois de viúva e da perda do filho, ela teve que ocupar, socialmente e financeiramente, o lugar de provedora da família. Daí a ambivalência quanto ao trabalho feminino, apontado por Lopes (2001, p. 102).

Justamente por conhecer a realidade de uma mulher sem apoio do pai, do marido e de filho adulto, a cronista discorre habilmente sobre as dificuldades diante de armas covardes usadas por aqueles que estão protegidos pela lei e pela solidariedade masculina:

E quanto não existe de nobre e valente na mulher isolada, que por causa desse isolamento entre as forças egoístas da sociedade, se tornou feminista – isto é, se atirou corajosamente ao trabalho, como

um homem, para se manter, e naturalmente reclama os direitos que lhe dá esse trabalho honesto – tudo é obscurecido, confundido, por um mesquinho temor da concorrência. A arma é o ridículo – triste arma da covardia! E à legião das heroicas que a luta cruel pela vida empurra para a arena do esforço; a todas essas mulheres, muitas vezes sublimes, dignas, caladas, despretensiosas, valendo cada uma, não raro, pela soma de inteligência e energia, muito mais do que dez homens protegidos abertamente pela solidariedade masculina, e pelas leis, e pela rotina; a todas essas lutadoras, os anti-feministas só acham para arremessar, com um risinho que supõem muito fino, mas é apenas tolo, frases como esta: *Allons, soyes sages, pas de bruit: on vous donnera de belles robes...*

Bonitos vestidos? Mas é justamente o que a feminista não quer que lhe deem, porque vestidos dados custam muito caro: Custam a desonra, a humilhação e depois o desprezo, sob a forma de um dedo que aponta na rua – o dedo do próprio que deu o vestido.

E por isso a feminista trabalha e compra aquilo que lhe é necessário com seu dinheiro, fruto do seu nobilitante labor. Estão ouvindo? E começa a parecer um tanto impertinente, além de parvo e atrasado, que nesta época de egoísmo e combate, em que o sexo feminino tem de entrar por força em cena, quando lhe falta a fortuna, dos pais ou dos maridos, a menos que não queria morrer à míngua ou entrar para a fileira da galanteria rendosa, que fornece belas *toilettes* – ainda que haja alguém que, fingindo espírito, queira tratar a mulher laboriosa, a mulher valente, como uma espécie de Sinhá pateta, alguém se promete balas e cocadas se ficar quietinha na cozinha, brincando com as suas teteias...

Ora, façam o favor... Isto é que é ridículo, e o tempo não está mais para semelhantes frioleiras (DOLORES, 11 de agosto de 1907, p. 1).

Em outra crônica, Carmen Dolores tematiza a crise mundial estabelecida em face dos ganhos do feminismo, no entanto, não deixa de ressaltar que, quando o assunto é o trabalho feminino, à mulher são

atribuídas múltiplas tarefas concomitantemente – uma vez que ela já começa afazer concorrência ao homem no mundo do trabalho, sem deixar as tarefas domésticas que já lhe eram “naturais”.

O mundo está em crise!... E por quê? Porque a mulher por toda a parte se lembrou de afirmar a sua individualidade, os seus direitos; porque a mulher, sem abandonar o aventalzinho garrido de seda preta, com quem espaneja os *bibelots* da sala, lembrou-se de também ler, pensar, dar a sua opinião, e, se se encontra de súbito ao desamparo, de trabalhar, fazer concorrência ao homem (DOLORES, 18 de agosto de 1907, p. 1).

Ao discorrer sobre o assunto, aponta diferenças entre a realidade das mulheres inglesas, francesas e brasileiras, o que – a partir de sua visão positivista – tem consequências diversas, conforme a cultura de cada país:

Oh! Mas é excessivamente grave... e o mundo entrou em crise. Como na Inglaterra as mulheres não desprezam o seu *wisky* ou a sua *genebra*, o desejo dessa independência degenerou depressa em exaltação, em berreiro – e a polícia pôs-lhes o guante ao ombro. Feministas ao posto – isto é, ao xadrez.

Em França mais delicadas e finas, as mulheres vão vencendo a sorrir, sem abdicarem a graça do sexo: e por uma virgem vermelha, por uma Luiza Michel, outras mil guardam o encanto na força e na inteligência. Assim também o francês se curva mais dócil ao domínio feminino, porque o sente gracioso apesar da sua independência.

Ora, nós aqui, temos ainda mais que a francesa a graça da debilidade aparente, que desarma.

A brasileira mais inteligente e preparada, trabalhando como um homem muitas vezes não trabalha, ou suprimindo até o trabalho ausente desse homem, que vive do esforço dela; essa mulher que sustenta a casa, é o apoio dos seus, gira todo o dia, moureja, e podia portanto, ser uma revoltada, uma independente – essa mulher, ao contrário, embora conheça os direitos que lhe dá essa atividade masculina, é contudo uma criatura sempre amena, sempre meiga, não raramente até tímida, por que esta é a nossa índole. Como que pedimos perdão da nossa superioridade, quando

ela se manifesta em qualquer terreno disputado pelo homem.

Pois, senhores, nem assim. E levam a pintar-nos como entes anômalos, ridículos, estranhos, de cabelos cortados como as estudantes russas – e por um pouco nos mandariam a forca, como elas, já que não nos podem mais encerrar na cozinha ou então limitar ao estreito e fútil espaço de uma sala à hora *five ó clock*, discorrendo exclusivamente sobre a cor do vestido de Mme. X ou o mau procedimento de Mme. H. (DOLORES, 18 de agosto de 1907, p. 1).

A referência à índole da mulher brasileira como débil, amena, meiga ou até tímida – é a explicação positivista que a cronista encontra para a sua submissão, ou, mesmo, para a sua exploração por parte de maridos, pais, irmãos e filhos que vivem à custa de seu trabalho e, mesmo assim, não a respeitam, nem a valorizam. Ao identificar, em 1907, casos em que a mulher é a provedora da casa – mesmo com a presença do elemento masculino nesse lar –, faz da cronista uma mulher observadora e ousada. Expor essa opinião, com “sua pena de mulher” nas colunas da grande imprensa, faz dela um alvo para ataques de machistas.

Ela, no entanto, não se intimida, prova sua coragem de expressar a sua opinião independente nas mais diversas formas. Metaforicamente, sugere, inclusive, colocar limites para os machistas que se fingem de superiores e rebaixam as mulheres que fazem concorrência aos homens no mercado de trabalho:

E agora que o feminismo caminha em nosso meio a passos de gigante, pela força da necessidade que impele a mulher a aproveitar suas aptidões em socorro da vida material, cada vez mais árdua – não seria conveniente aparmos as penas de galo de alguns desses pobres de espírito que se fingem de brilhantes pavões e cujos tacanhos pareceres vão sempre dando para baixo nas mulheres que lutam pelo pão ou pela glória, trabalham, escrevem, ensinam, fazem arte, são pintoras, escultoras, médicas, advogadas, jornalistas? Penso que sim (DOLORES, 21 de abril de 1907, p. 1).

Em 1907, Carmen Dolores já apresenta e disserta sobre as diversas profissões que começam a ser ocupadas pelas mulheres de seu tempo que conseguiram uma formação escolar para tal exercício, mesmo

com a resistência masculina. Hahner (2003, p. 80), discorrendo sobre as condições de educação e trabalho para as mulheres brasileiras na segunda metade do século XIX, afirma que

as mulheres com alguma formação escolar, pertencentes a famílias menos poderosas e sem grandes fortunas, tinham no ensino um dos poucos meios dignos de ganhar a vida. A escola normal não atraía as mulheres dos estratos mais privilegiados da sociedade [...] Mas para as mulheres da classe média, obrigadas a se sustentarem, existiam poucas alternativas aceitáveis [...] Com a educação, podiam evitar aqueles pesados trabalhos, inexoravelmente exercidos pelas mulheres livres da classe pobre, sobretudo o serviço doméstico, a ocupação mais comum na cidade.

Na mesma medida, a cronista não perde uma oportunidade para elogiar mulheres intelectuais que conseguiram evoluir e alcançar o destaque nas profissões que escolheram:

Neste recente período que abrange o fim do ano último e o tenro princípio deste, uma coincidência se encarregou de unir na mesma glorificação à intelectualidade feminina três destinos de mulher, que evoluíam nas esferas mais separadas de países distantes.

Em França, Mme. Curie deu sua primeira lição na Sorbonne parisiense, mantida pelo admirável governo francês, nessa cadeira que seu marido ocupara com tamanho renome. Foi uma solenidade brilhante, à qual concorreu toda Paris notável, sôfrego por prestar homenagem à ilustre sábia, que tão dignamente ia substituir o esposo nas suas funções de professor.

E no Brasil, duas senhoras foram nomeadas para o cargo de 2ª oficial do Museu Paraense, dirigido pelo sábio naturalista Dr. Goeldi.

Assim, pois, em Paris e num dos mais adiantados Estados do norte brasileiro, mulheres são distinguidas por uma escolha de seleção que a rotina, outrora, não consentiria que recaísse senão sobre homens. É um passo à frente na senda do progresso feminista. [...] Ondas glaucas ou sonoras! Levai pelo menos as minhas saudações a

esse trio de laboriosas... (DOLORES, 06 de janeiro de 1907, p. 1).

Por esse trecho de crônica em que ela saúda três mulheres, separadas pelo Oceano Atlântico, por terem alcançado uma posição de destaque em suas áreas de trabalho, fica evidente como a cronista interpreta o “progresso feminista” no seu momento sócio-cultural: é pela via da atuação laboral que ela identifica o feminismo.

Muzart (2003, p. 226) na sua pesquisa sobre as escritoras brasileiras do século XIX, diz ter se deparado com vários textos nitidamente feministas e “[...] em praticamente todos os escritos das mulheres da metade do século ao seu final, encontra-se a luta pelo direito à educação e à profissão. Algumas, poucas, escritoras lutaram igualmente pelo direito ao divórcio [...]”. Para Carmen Dolores, essa é uma de suas bandeiras mais importantes entre as questões feministas que ela levanta, pois é o fruto do trabalho que garante a subsistência e a independência femininas e um trabalho de valor só conseguem as mulheres com boa formação escolar.

4.4.3.4 O direito à educação

A reivindicação do direito à educação já não era uma luta nova na época em que Carmen Dolores atuou em *O Paiz*. Hahner (2003, p. 135) nos lembra que

desde o início do século XV, e já nas obras de Christine de Pizan, a primeira demanda das opositoras da subordinação feminina tinha sido que às mulheres fosse permitido obter uma educação séria. Nos fins do segundo quartel, do século XIX, as brasileiras defensoras da emancipação da mulher levantaram um grito similar, protestando contra a sua exclusão das instituições nacionais de ensino superior. Não apenas na capital, mas também em cidades menores, algumas mulheres pediam iguais oportunidades de educação que os homens.

A dessemelhança entre “a instrução que a sociedade oferece a seus membros masculinos e femininos” desde o período colonial no Brasil, passando pelo reconhecimento da necessidade de se instruir a mulher no início do século XIX, até o acesso das meninas ao ensino secundário e as primeiras matrículas femininas em cursos superiores, no final do século XIX, está muito bem explanada por Saffioti (2013, p. 266-303). Na tentativa de preservar a estrutura patriarcal da família, com

o apoio da Igreja católica conservadora, determinou-se uma desigualdade de instrução entre homens e mulheres, conforme seus papéis sociais. Hahner (2003, p. 73-74), por sua vez, afirma que “as diferenças entre a educação reservada para homens e a destinada às mulheres reforçavam a ideia de mundos masculino e feminino distintos”. Para ela, havia um consenso social sobre o papel da mulher, por isso “ensinava-se a ela só o que era considerado necessário para viver em sociedade”, daí a ênfase em “atividades complementares aos papéis femininos de esposa e mãe” (HAHNER, 2003, p. 73-74).

Assim como as mais antigas defensoras da emancipação feminina, até as suas contemporâneas brasileiras, Carmen Dolores também compartilhou da crença de que, por meio da educação de qualidade, as mulheres poderiam garantir sua independência econômica a partir das oportunidades de trabalho, inclusive com remuneração similar ao dos homens. Essa foi, provavelmente, a razão para também levantar sua bandeira em prol do direito da mulher à educação em grau de igualdade com o que era oferecido aos homens. Porém, a cronista também defendia que, aliada à sua função profissional, à sua instrução no campo das artes, poderia estar a formação de boas donas de casa e de mães. A crítica periodística ressaltou isso. O jornal *O Dia* publicou, em 20 de agosto de 1910, uma matéria sobre a cozinha nacional (arte culinária) a ser ensinada no Instituto Profissional Feminino. O redator comenta uma carta recebida, a qual lembra as reivindicações de educação para a mulher que Carmen Dolores fez nas colunas de *O Paiz*:

Li hoje, contristado, o passamento de Carmen Dolores, que por tanto tempo ilustrou as colunas do *Paiz*, com as fulgurações do seu talento privilegiado.

Lamentável esse luto para as letras pátrias, difícil de preencher a lacuna que fica em aberto, nas fileiras do nosso jornadejar de imprensa.

Apreciando a intransigência com que Carmen Dolores respondeu aos quesitos da *enquete* que o *Paiz* lhe dirigiu [...]” no qual ela reforçou a necessidade de escolas de ensino doméstico (*O DIA*, 20 de agosto de 1910, p. 3).

Antes de enfatizar a necessidade de escolas de ensino doméstico na *enquete*, realizada no *Almanach do Paiz*, em 1910, Carmen Dolores já havia noticiado, em 1909, com entusiasmo, os cursos agora disponíveis para moças no Instituto Secundário Feminino, no qual atuariam como docentes “só de professoras municipais, diplomadas, e escolhidas, com todas as aptidões”:

[...] mais uma boa notícia. O Instituto Secundário Feminino, fundado pela Sociedade de Estudos Pedagógicos de Professoras do Distrito Federal, vai manter três cursos: um modelado pela Escola Normal, outro livre, de ciências, letras e artes, e outro primário complementar, correspondendo mais ou menos às escolas complementares francesas.

O corpo docente compõe-se só de professoras municipais, diplomadas, e escolhidas, com todas as aptidões, havendo o prefeito e o diretor da instrução acolhido com entusiasmo esse belo empreendimento, pondo à disposição das mesmas professoras o *Pedagogium*. E sem proveito pecuniário, a nobre ideia desses cursos deve ser altamente elogiada (DOLORES, 02 de maio de 1909, p. 1).

Em várias crônicas, Carmen Dolores explica a necessidade de se estudar para bem exercer atividades profissionais como, por exemplo, a das atrizes na arte dramática:

Dá-se um engano entre as candidatas à arte dramática, qual o se suporem que podem aspirar a um destaque no palco sem a educação e instrução iniciais que lhes consintam compreender bem a psicologia dos seus papéis que lhe são confiados, a intenção dos autores, a sutileza dos sentimentos exprimidos nos diálogos das peças que representam. E assim ignorantes, não sabendo muitas vezes o sentido das palavras que pronunciam, mas julgando que com uns esgares, umas contorções do corpo, uns dengues sensuais, terão preenchido perfeitamente os seus papelejos, ei-las interpretando pretensiosamente peças importantes e estragando-as, assassinando-as, sem consciência da barbaridade que praticam (DOLORES, 07 de fevereiro de 1909, p. 1).

No entanto, reconhece que, muitas vezes, é oneroso educar uma filha e ainda prevalece a cultura de que uma mulher da classe média ou baixa só precisa saber dominar as prendas domésticas. Em 1907, louva a inauguração do Orfanato Osório, “destinado a ministrar educação às filhas dos militares mortos em combate”.

Quantas moças não vemos nós às vezes abandonadas, sem educação, descendo a um nível inferior, quando os pais foram militares briosos,

homens de prestígio? Mas o soldo do defunto foi insuficiente para educar os filhos – e eles vão resvalando, resvalando, com prejuízo da dignidade do nome paterno (DOLORES, 26 de agosto de 1907, p. 1).

Um ano antes já havia dedicado longa crônica à denúncia da falta de isonomia entre homens e mulheres com relação ao direito à educação superior, ou melhor, ao exercício da profissão galgada em igualdade de condições e dificuldades – inclusive financeiras – com os homens nas salas de aula. Explica, objetivamente, como as leis brasileiras em vigor favorecem, naquele momento, os homens e não protegem as mulheres:

A lei é engraçada, não há dúvida. Não protege absolutamente a mulher, não lhe faculta na vida uma só garantia, um só privilégio, e ainda por cima quer vedar-lhe os meios de ganhar alta e honestamente a sua independência! (DOLORES, 01 de julho de 1906, p.1)

De fato, como nos explica Hahner (2013, p. 191), “[...] o Código Civil Republicano de 1916 reconhecia e legitimava os privilégios e a supremacia masculina, limitando ao acesso das mulheres ao emprego e à propriedade. A mulher casada ainda era, por lei, uma incapacitada”. Carmen Dolores estende essa crítica à questão das restrições que as mulheres de sua época sofriam no mundo do trabalho, mesmo quando conseguiam o acesso à formação de nível superior:

Assim também, além de engraçada, a lei é absurda e sustenta incoerências que até fazem rir. Admite por exemplo que a mulher curse a faculdade jurídica e queime as suas pestanas no estudo do direito, até obter, como qualquer homem, o grau de bacharel – porta aberta para a livre carreira da advocacia. E até aí, a lei obriga essa mulher, como qualquer estudante de outro sexo, a pagar matrículas, a prestar exames, a habituar-se enfim para o resultado final, que é um objetivo claramente conhecido e tacitamente aprovado pelos poderes competentes.

Chegada, porém, a esse derradeiro março, o que sucede a mulher? Vê-se esbarrada num grande muro irônico, por cima do qual lhe fazem caretas muitos homens sapientes, brandindo livros de direito romano, pesadas leis e doutrinas de jurisprudência, que todas se resumem nisto:

‘Alto lá, frágil criatura! Nós brincamos contigo. Nunca fruirás o legítimo fruto do teu esforço, das

tuas despesas, das tuas vigílias, do teu trabalho, porque nós, que te aceitamos na faculdade de direito, como capaz de lhe seguires o curso, nós te reconhecemos incapaz de receberes o prêmio desse curso e te negamos as qualidades legais para a profissão de advogado' (DOLORES, 01 de julho de 1906, p. 1).

Para reforçar a veracidade de suas afirmações, pede a adesão de quem vivenciou tal situação na prática, a Sra. Myrtes de Campos, a advogada que, depois de conquistar seu espaço, mais se empenhou na luta pela lei do divórcio:

Não é verdade, Sra. Myrtes de Campos, que as coisas se passam assim? E quanto latinório para sustentar essa asneira! Que dilúvio de textos obsoletos de Justianismo e Theodosio, de outras eras, para unicamente excluir a mulher moderna, laboriosa, inteligente e superior a muitos homens, do direito de ganhar honestamente a sua vida com uma profissão ao seu alcance! (DOLORES, 01 de julho de 1906, p. 1).

A luta empreendida no direito à formação superior está diretamente relacionada à luta pela sua autonomia, à sua independência financeira – alcançada pelo trabalho honesto. E, nessa luta, muitos adversários já defenderam publicamente a exclusão da mulher do mundo do trabalho. Como a causa da “a arbitrariedade a propósito do *título acadêmico alcançado em igualdade de condições por um homem e por uma mulher*” tinha como defensor, desde 1899, um jurista que, naquele momento, alcançou a aprovação de uma sentença judicial, ela afirma que esse ganho “mitiga um tanto a nossa mágoa ante a ingloria discussão” e aplaude o jurista, Dr. Enéas Galvão (DOLORES, 01 de julho de 1906).

Ainda sobre as desigualdades de condições entre homens e mulheres, lembramos Soihet (2001), quando ela comenta a crônica em que Carmen Dolores se contrapõe ao sociólogo Enri Ferri, o qual afirmou a inferioridade biológica da mulher em relação ao homem, na sua conferência. Segundo Soihet (2001, p. 96), a cronista destacou o silêncio da plateia, predominantemente composta por mulheres e sua indignação diante do que ouviu. Sem deixar de reconhecer e elogiar o talento do conferencista, a cronista se contrapôs de forma lúcida e consciente diante de questões como a maternidade ser o destino da mulher; à frivolidade feminina, que ela justifica a partir do “egoísmo dos homens” e da “educação errônea das mulheres”. Para a autora,

“bastaria uma transformação na educação feminina para que as mulheres se tornassem sujeitos mais ativos na construção de sua autonomia”.

Em outras crônicas, Carmen Dolores também criticou a forma como as meninas adolescentes são educadas no Brasil, afirmando que, pela educação recebida, elas se tornam pobres seres inúteis, egoístas e superficiais, vítimas da ociosidade em que vivem. Para fundamentar suas afirmações, compara as moças da classe média brasileira às europeias:

Tivesse ela que ajudar os pais, num país sem fortunas, como é este nosso; tivesse ela de contribuir desde os 18 anos para o bem estar da casa, como as *misses* das classes medias de Inglaterra, ou como as *institutrices* da Alemanha, ou como as caixeiras, telefonistas, caixas, livreiras e pintoras de leques, da França, e cairia menos no romantismo piegas de brasileira sentimental ou histérica, aquém a mãe, as vezes já cansada e idosa poupa todo o trabalho, toda a responsabilidade. Fica só o exercício a imaginação vadia [...] (DOLORES, 12 de abril de 1908, p. 1).

A crítica da cronista ao “ao romantismo piegas de brasileira sentimental ou histérica” ou à “imaginação vadia” nos remete à bifurcação da cultura literária brasileira do século XIX, mencionada por Hahner (2003, p. 126), na qual aos homens eram recomendadas as obras de política e filosofia e às mulheres, seres de intelecto mais fraco, uma “literatura menos exigente de caráter devocional e moralizador”, por isso, elas “liam livros de ditames morais ou histórias de mulheres modelares, para se tornarem melhores mães”.

Para a cronista, o monopólio de padres e freiras na questão da educação infantil muito contribuiu nessa educação errônea das mulheres brasileiras. Meninos e meninas vêm recebendo instruções divergentes e são educados para ocupar espaços sociais diferentes, ou seja, os homens para ocupar o mercado de trabalho e, as mulheres, os espaços da vida doméstica. Além disso, ela denuncia o poder dos sacerdotes sobre as famílias no sentido de influenciá-las a não matricular seus filhos em escolas laicas, principalmente se fossem dirigidas por ex-padres que divergiram desses procedimentos do clero católico:

Compreende-se: a corrente beata que estabeleceu um cerco em regra na linda cidade de *villegiatura*, entregando exclusivamente a educação infantil na mão dos padres e irmãs da

caridade, com o fim de preparar todos os elementos adesivos para o futuro, fortalecendo mais e sempre mais as hostes jesuíticas, fechando fileiras, banindo de todo o ponto do seio de Petrópolis qualquer elemento em desarmonia com a catequização empreendida – essa corrente só podia ver com olhos desconfiados e prevenidos a instalação de um colégio laico no seu próprio centro.

[...] houve sem dúvida, confabulações em tom de murmúrio, e avisos, crescendo de cólera, uma geral conspiração tramada em todos os pontos da cidade contra o intruso que vinha perturbar a marcha tão próspera do monopólio clerical. Sacerdotes, no confessionário, aconselharam às mães que nunca pusessem seus filhos nesse colégio regido por um... imoral, que despira a batina sagrada para viver em sossego com a sua consciência (DOLORES, 07 de março de 1909, p. 1).

Em 1906, havia escrito outra longa crônica sobre o poder da “educação mística de um desses colégios dirigidos por congregações religiosas”. Nesse caso, um colégio de freiras que, hipocritamente, influenciou quatro meninas de uma mesma família a abandoná-la definitivamente, deixando os pais, que confiaram suas filhas às freiras, numa árida solidão:

Quatro filhas na flor da mocidade, gárrulas e travessas, enchiam a casa de risos, de calor e de esperança... Por que fatalidade as entregaram seus velhos pais à educação mística de um desses colégios dirigidos por congregações religiosas? A sombria estamenha freirática se sentiu zelo dos claros vestidos dessas quatro meninas; invejou-lhes o luminoso riso, a inocente garridice mundana, e sobretudo o amor ardente e desvelado desse pai e dessa mãe, claridade incomparável deixando em mais negro destaque a dolorosa aridez das solidões do claustro.

Atrair ao negrume essas filhas amadas, cuidadas, envoltas num eterno bafejo protetor e carinhoso, de todo o ponto irritante para os que só respiram o gélido sopro monástico; estancar nesses peitos de rolinhas amimadas a divina fonte de ternura e de gratidão filiais, o sentimento do dever e até da

piedade – foi a sinistra obra desse colégio de São José, ao qual um homem venerável confiara os entes mais preciosos ao seu coração... [...] E dizer que tudo isso se faz em nome de Deus! (DOLORES, 11 de março de 1906, p. 1).

A crítica ferrenha feita às freiras que, em nome de Deus, influenciam as quatro meninas a professar – duas na ordem das carmelitas, duas na ordem franciscana – que as desviam da afeição familiar, infiltrando “gota a gota o desamor à casa” e a resistir aos “rogos dos pais desolados”, nos remete à hipocrisia do clero católico, tantas vezes denunciada pela cronista – o que já foi comentado anteriormente.

Não há como não pensar em Carmen Dolores como feminista inclusiva pois, apesar de preservar sua individualidade e a reafirmar frequentemente a independência de suas ideias, ela não defendeu apenas os seus direitos individuais. Falou em nome de todas aquelas mulheres que são desrespeitadas no espaço público, que sofrem a violência de seus opressores, que são prisioneiras de sua condição subalterna nos casamentos e são injustiçadas quando se separam judicialmente, que buscam no trabalho um meio honrado de se manterem e, muitas vezes, sustentar suas famílias, que lutam pelo direito à educação nos mesmos moldes em que é oferecido aos homens. Enfim, que militou ao seu modo, com sua pena e sua habilidade com as palavras, nas colunas de um periódico da grande imprensa durante quase seis anos. Para tanto, não economizou ironia, sarcasmo, irreverência para expressar seu ponto de vista, sempre pautada na moral, na ética e fundamentada no seu amplo conhecimento intelectual. E, se ainda defendeu as mesmas bandeiras levantadas por suas antecessoras no século XVIII e XIX, é porque, na realidade brasileira dos seus dias, elas ainda eram pertinentes.

Carmen Dolores, mais agressiva e barulhenta nas suas propostas e debates do que Julia Lopes de Almeida, além das reivindicações dos direitos das mulheres, discutiu questões feministas e, dessa forma, também realizou seu “feminismo possível” dentro do contexto histórico-social-cultural de sua época. Muito provavelmente, se não tivesse mantido uma postura paradoxal em diversas situações e se tivesse assumido literalmente que era feminista, se tivesse escrito nas colunas de *O Paiz* a favor do sufrágio feminino, não teria mantido esse espaço na grande imprensa – principal meio de comunicação da época – por tantos anos até a véspera de seu falecimento.

5 ARREMATANDO AS ARESTAS DA MONTAGEM DO MOSAICO

Com mão paciente vamos compondo o puzzle de uma paisagem que é impossível completar porque as peças que faltam deixam buracos nos céus, hiatos nas águas, rombos nos sorrisos, furos nas silhuetas interrompidas e nos peitos que se abrem no vácuo - como vitrais fraturados [...]

(Pedro Nava. *Baú de Ossos*, 2. ed., p.41)

Enfim, é preciso finalizar, por mais que reste a sensação de que ainda há muito por dizer. Essa sensação se deve, possivelmente, à opulência poética e cultural do *corpus* de análise que delimitamos neste estudo, ou, mesmo, às peças que não encontramos nesse empreendimento de montar o mosaico (o puzzle de Pedro Nava).

Mesmo tendo começado sua produção literária e jornalística tarde, a autora trabalhou intensamente, principalmente na década de 1900. A inserção de Carmen Dolores na vida intelectual da *Belle Époque* começou timidamente, na virada do século XIX para o século XX, porém se efetivou quando ela acabou optando, entre os vários pseudônimos, por Carmen Dolores, para publicar sua obra de maior valor para a crítica da época: suas crônicas e seus livros em prosa. Foi com essa identidade outra, uma das várias faces dessa mulher do século XIX, que ela fez conferências e tornou-se conhecida no cenário intelectual, literário e social brasileiro da *Belle Époque*.

A grande quantidade de dados manipulados ao longo desta pesquisa, encontrados tanto em fontes primárias, quanto secundárias, foram alcançados de forma fragmentada. Por isso, a metáfora do mosaico como forma de construção dessa tese se justifica. Da “montagem” do mosaico, emerge uma imagem: o rosto de uma escritora, ou melhor, as diversas faces de uma autora, a atuação da romancista, da contista, da dramaturga, da crítica literária, da conferencista e, principalmente, da cronista Carmen Dolores com o seu pensamento intelectual, com seu olhar crítico sobre o contexto social, com o seu posicionamento feminista, com a sua postura paradoxal em diversos aspectos.

Em um jogo instigante, em que a fortuna crítica, o referente biográfico, a construção artística e jornalística foram os elementos resgatados e organizados numa sequência lógica possível, a imagem da escritora pode emergir das ruínas onde ficou enterrada por tantas

décadas para que leitores contemporâneos conheçam a sua obra. Obviamente, na reconfiguração dessa imagem autoral, que ficou relegada ao descaso politicamente por décadas, ficam as fissuras, as marcas das emendas e, quando não, os vazios de “peças” que não encontramos, ou mesmo não podem mais ser encontradas porque o tempo e o descaso as corroeram.

A montagem desse mosaico/tese foi um processo gradativo, só possível a partir da busca detetivesca, cujo principal combustível foi nossa curiosidade. Apesar dos vazios que permanecem na imagem de Carmen Dolores, temos a consciência de ter realizado a tarefa possível, no prazo que tivemos desde a gênese do trabalho até a defesa da tese: dois anos e meio.

A principal conclusão a que o levantamento da fortuna crítica, bem como o traçado do perfil biográfico e o perfil autoral nos permite chegar é que, para Carmen Dolores, também não foi fácil insurgir-se como escritora e jornalista.

“Na virada do século XIX para o século XX, escrever ainda era sinônimo de luta para uma mulher e sua arma era, muitas vezes, a virilidade da pena. No Brasil daquela época, a dificuldade de um nome desconhecido ter reconhecimento ainda era muito grande. Como já confirmou Kamita (2004, p. 1) na sua análise da *Revista A Mensageira*:

Não era fácil às escritoras insurgirem-se aos padrões impostos para o comportamento feminino, e mesmo após a publicação de suas obras, ainda haveria a opinião do público leitor e dos críticos literários da época: condescendência com censura embutida ou mesmo desestímulo preconceituoso em relação à iniciativa de algumas escritoras. Se a tentativa literária demonstrasse senso crítico ou se posicionasse em relação a temas que se distanciassem do espaço doméstico ou do sentimentalismo vazio, a crítica se tornava mais severa.

Carmen Dolores nunca escondeu que começou a escrever com assiduidade nos jornais por uma questão de subsistência,¹⁸² mas a arte requer talento. Para a autora, em sua época, nas “letras brasileiras”

¹⁸² Confira nosso artigo intitulado “Escrever e viver: a crônica de Carmem Dolores como meio de subsistência”, publicado na *Revista Garrafa*, n.32, out./dez 2103. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa32/Risolet_Hellmann_Escrever_e_viver_Garrafa_32.pdf>.

podiam ser encontrados muitos talentos sem sucesso, por outro lado, alguns sucessos sem talento. (DOLORES, 03 de junho de 1906, p.1)

Contudo, é necessário reconhecer as possibilidades de acesso à educação concedido às mulheres, ou ainda a que preconceitos elas estavam expostas naquele cenário, quando ousavam tornar a sua voz pública. Carmen Dolores foi uma intelectual reconhecida por críticos impressionistas de sua época, apesar dos preconceitos enfrentados. Mas, cabe lembrar que ela foi uma mulher privilegiada se comparada às suas patrícias, pois pertenceu a uma família economicamente bem estabelecida durante o império, no século XIX, viajou várias vezes para a Europa, teve acesso à educação intelectual em bibliotecas recheadas de obras clássicas e primava pelo cultivo do conhecimento artístico, filosófico e científico. Por isso, tinha formação intelectual, além do talento, para se destacar como escritora.

Depois de seu falecimento, no primeiro momento, ainda houve um esforço por parte de três cronistas, Chrysanthème, Sylvia Moncorvo e Isabella Nelson, no sentido de preservar o nome e a obra de Carmen Dolores, com crônicas elogiosas publicadas na grande imprensa. Contudo, apesar do empenho dessas duas mulheres e um homem (Isabella Nelson/Abner Mourão), o silenciamento político se impôs ao longo do século XX. Para nós, por uma questão de gênero, ou seja, estabeleceu um descaso com sua existência e obra, simplesmente porque ela era mulher.

Ao longo do capítulo 2, pudemos constatar que a obra de Carmen Dolores foi relegada ao descaso, tanto na história da literatura, quanto na crítica literária canônica, mesmo que um bom número de autores tenha feito referências a ela em seus livros. Apesar de não abarcarmos, neste estudo, a verificação de 100% dos autores que se dedicaram a escrever a sua história da literatura brasileira nos moldes do cânone – e nem foi essa a nossa intenção –, acreditamos que as trinta e cinco obras, comentadas no início do capítulo 2, formam uma amostra significativa para perceber como a obra de Carmen Dolores foi interpretada, ou não, ao longo do século XX. Dos historiadores e críticos canônicos consultados, vinte e dois (62,8%) incluem-na no período que abrange as décadas de 1890 e 1900, denominado de diversas formas, conforme o autor e sua perspectiva metodológica, e treze (37,2%) excluem-na de sua obra.

Se pudéssemos nos valer de um critério apenas quantitativo, não teríamos razão para dizer que Carmen Dolores foi excluída da história da literatura canônica, pois, efetivamente, é citada pela maioria. A questão, no entanto, é bem mais complexa, uma vez que,

qualitativamente, não podemos dizer que breves referências ao seu nome em notas de rodapé, ou curtos parágrafos com informações equivocadas sobre sua biografia e obra, repetidas por autores que se sucedem cronologicamente, possa ser considerado, de fato, sua inclusão no cânone, ou o reconhecimento do valor de sua obra. Até porque são raros os comentários avaliativos de sua obra literária em livros e a crítica judicativa sobre suas crônicas publicadas em jornal inexistem dessa perspectiva. No máximo, essas menções comprovam que ela existiu, que publicou narrativas ficcionais em livros, lidos por apenas alguns desses autores, e atuou como jornalista e literata na *Belle Époque* brasileira. Em outras palavras, a forma como essa parcela de autores (62,8%) se lhe refere comprova o descaso para com sua obra e atuação no campo literário.

Entretanto, como afirma Coutinho (2003, p. 17), hoje “a investigação histórica está menos interessada em registrar a ocorrência de certos fatos ou eventos do que em determinar o significado que eles tiveram para um determinado grupo ou sociedade”. E esta pesquisa se propôs a estudar o significado da obra de Carmen Dolores para a literatura brasileira de autoria feminina. Por essa razão, voltamos às fontes primárias como *O Dia*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz* e constatamos que a crítica desenvolvida na época não se restringia à crítica judicativa de Silvio Romero, Araripe Júnior e José Veríssimo.¹⁸³ Diferentemente da maioria dos historiadores canônicos, a crítica periodística¹⁸⁴ de seu tempo foi-lhe, predominantemente,

¹⁸³Cabe lembrar que José Veríssimo, além de publicar em livros, também escreveu para periódicos.

¹⁸⁴Não obstante o sucesso do determinismo das análises e elaborações dos críticos naturalistas, bem como a intensidade da prática crítica impressionista e da crítica humanista – mesmo estes últimos fazendo oposição aos primeiros – o trabalho de todos esses intelectuais passa a ser referência básica para os estudos literários brasileiros até meados do século XX, convivendo com as novas correntes teóricas, sem grandes debates entre eles. Na década de 1940 chegariam até nós as correntes teóricas que se amparam sob as escolas: “estilística” (Karl Vossler, Leo Spitzer, e Dámaso Alonso); “formalista” (formalistas russos); “estruturalista” (Círculo Linguístico de Praga) e, principalmente, o “New Criticism” norte-americano (T.E. Hulme, I.A. Richards e T.S. Eliot), na qual Afrânio Coutinho, recém-chegado ao Brasil, se formou. É a partir desse momento que a crítica acadêmica, com as faculdades de Letras em pleno funcionamento em diversas regiões brasileiras, se instaura no Brasil e surge o debate em torno da nova crítica de cunho estético, principalmente as correntes

elogiosa, reconhecendo seu talento, sua competência intelectual e sua coragem e ousadia. Qualidades com as quais nós concordamos, no capítulo 3, reforçando-as com a nossa leitura dessas mesmas obras publicadas em livros.

O que diferencia essas duas formas críticas é que os cronistas expressam suas impressões sobre as narrativas em prosa literária e não apenas as citam, como a maioria dos historiadores e críticos canônicos. Além disso, comentaram criticamente nas folhas dos jornais sua participação no ciclo de conferências literárias, o sucesso dos auditórios cheios de ouvintes pagantes, as (re)apresentações de sua peça teatral, todas as obras publicadas a partir do momento em que ela alcança a fama como cronista em periódicos (mesmo as póstumas). Porém, nessa forma crítica, a relação entre vida e obra é referida constantemente, ainda de uma perspectiva positivista.¹⁸⁵

Nas últimas duas décadas do século XX, uma nova discussão sobre a construção do cânone literário e, consequentemente, da construção da história da literatura brasileira apontam para a reestruturação dessa disciplina. Nas palavras de Cairo (2003, p.84),

[...] não é possível mais pensar numa história da literatura única calcada num único cânone [...] Nas prateleiras da história diacrônica da literatura o usuário crítico deverá, livremente, proceder sua leitura sincrônica, buscando resgatar uma série de

que propõem a análise imanentista do texto literário, bem como a superação da crítica impressionista.

¹⁸⁵Na historiografia tradicional brasileira, até a década de 1970, o modelo positivista prevaleceu, com seus critérios de seleção e julgamento de valor questionáveis, subordinando autores e obras a modelos estéticos europeus que limitavam a sua interpretação. Somente a partir daí, algumas mudanças de pensamento ganham força, pois, como explica Coutinho (2003, p.15-17), “com a contribuição de correntes do pensamento como o Desconstrutivismo, a Nova História e os chamados Estudos Culturais e Pós-Coloniais, a historiografia literária vem sofrendo, nas últimas décadas, considerável transformação [...]”. Segundo Coutinho (2003, p.15-17), a partir daí, as “[...] noções de progressão e evolucionismo cedem lugar para o diálogo entre passado e presente”; questiona-se a “linearidade tradicional”; a história literária passa a ser vista como “construção discursiva”, por isso é preciso considerar o olhar do historiador localizado no presente, instância temporal e espacial de onde ele “atribui significados aos eventos passados”; os textos lidos “[...] constituem ao mesmo tempo documentos do passado e experiências do presente”. Além disso, o conceito de literariedade passa a ser questionado e a questão estética é apenas mais um entre os outros elementos.

outros cânones capazes de gerar muitas histórias da literatura, já que não é possível pensar, no contexto do multiculturalismo em que se está inserido hoje em dia, num cânone que não seja o da exclusão.

Essa crise instaurada na crítica e na história da literatura muda o modo de investigar a literatura e, conseqüentemente, de escrever a(s) sua(s) história(s), o que nos permite não só demonstrar a insatisfação com a exclusão da literatura de autoria feminina, mas ir além, ou seja, contribuir para a sua releitura e também a sua reescrita, seguindo a perspectiva da crítica feminista.

Nesse sentido, a crítica feminista brasileira, desde a década de 1980, vem cumprindo seu papel político e científico ao resgatar a obra de Carmen Dolores do limbo a que foi relegada desde a década de 1930, quando aparecem as últimas crônicas sobre ela.

A diferença na leitura crítica realizada pelas pesquisadoras feministas é que elas mergulham na análise das obras de Carmen Dolores, tanto ficcionais quanto jornalísticas, seguindo pressupostos teóricos interdisciplinares, valendo-se da história das mentalidades, da história cultural, da sociologia, da antropologia, das novas histórias da literatura e, principalmente, da teoria crítica feminista e dos estudos de gênero.¹⁸⁶ No seu conjunto, esses textos críticos comprovam a contribuição significativa de Carmen Dolores no legado cultural que as intelectuais do século XIX nos deixaram, capaz de desarticular a visão canônica do nosso passado literário. Na luta pela sua autoridade discursiva, a autora desafiou a cultura dominante, transgrediu os limites impostos para a mulher, destinada a ser musa ou criatura, e tornou-se criadora.

Tanto sua produção ficcional, quanto a jornalística, é avaliada criticamente como detentora de valor literário em função do seu espírito revolucionário, da sua competência intelectual e da sua habilidade com as palavras. Diante disso, sua inclusão no espaço da cultura e da literatura brasileira começa a se efetivar. Como já presumiu Rita Schmidt (1995, p. 185), “hoje, não há mais como sustentar os

¹⁸⁶Considerando que “todo critério de avaliação e interpretação é historicamente limitado, mutável em função de condições sociais e históricas e em função de referenciais teóricos, esses também variáveis no contexto daquelas condições”, como afirma Schmidt (1995, p.185), nesse empenho pela valorização da obra de Carmen Dolores, essas ensaístas buscaram categorias de análise apropriadas ao objeto de análise.

pressupostos pretensamente neutros e a-históricos dos métodos da crítica literária”. Ao usar esses novos critérios avaliativos, criados a partir da teoria crítica feminista, estamos reescrevendo, ou escrevendo múltiplas histórias da literatura brasileira. No entanto, discutir o valor literário dessa obra, trazê-la para o leitor dos nossos dias e permitir que a mulher que a produziu, num contexto literário árido para ela, continue com uma imagem truncada ainda é uma injustiça. É essa a razão que nos moveu na busca de traços identitários mais condizentes com os fatos vividos, mesmo sabendo da provisoriedade das verdades. Suárez Fernandes (2002, p. 13-17), ao definir os estudos biográficos como base da análise historiográfica, afirma, por um lado, que não se deve reduzir um personagem histórico ao “seu retrato”, mas inseri-lo no tempo e no espaço social, com os valores culturais em que cresceu e viveu. Ele acrescenta que não se deve julgar a pessoa biografada, não se trata de defender ou condenar, mas, simplesmente, de explicar.

Saber que Carmen Dolores pertenceu à classe social burguesa e que a menina-moça Emília cresceu numa sociedade patriarcal, em um meio aristocrático, com todos os benefícios econômicos e sociais que a inserção de sua família no ambiente da corte Imperial pôde lhe proporcionar, explicam, de certa forma, sua postura paradoxal diante de questões como seu posicionamento diante da politicagem brasileira. Que mulher com a sua origem não sentiria “saudades dos tempos do Império”, se, quando a República se instaurou, estava viúva, sem mais o amparo do pai, com filhos por sustentar e tendo perdido parte de sua fortuna com a falência do banco em que tinha aplicado seu dinheiro? Além disso, saber que sua formação escolar/intelectual, baseada nos grandes clássicos da literatura e longe das “grades” dos colégios religiosos pode ser, por um lado, indício do desenvolvimento de seu talento para as letras e, por outro lado, indício da sua postura anticlerical, bem como de sua competência leitora crítica.

Tomando como base o que apresentamos no capítulo 4, existe um valor cultural na obra jornalística e literária de Carmen Dolores. Sua fortuna crítica, desenvolvida por pesquisadoras que nos precederam, comprova que ela já vem sendo revalorizada como escritora, mas podemos ainda estudá-la como cronista ousada e irreverente que atuou politicamente a seu modo e exerceu o feminismo como lhe foi possível.

As crônicas que ela nos deixou são uma extraordinária fonte de possibilidades interpretativas, que constituem um testemunho da vida intelectual, literária, social e pessoal de seu tempo. Enquanto jornalista, leitora, crítica e cidadã, Carmen Dolores fala/escreve suas crônicas

tendo como *locus* de enunciação a perspectiva da mulher nascida no século XIX e que acompanhou o processo de modernização do seu país.

Na sua atuação como jornalista, a cronista tinha consciência do poder da mídia sobre a formação de opiniões e usou esse espaço para comentar as consequências negativas dos processos de modernização da capital brasileira, do mau uso do dinheiro público, bem como para denunciar as injustiças sociais, sobretudo às que envolvem as mulheres.

Seu conhecimento sobre literatura perpassa sua escrita de crônicas, não só na forma poética de sua expressão, mas também no sentido de nos deixar conhecer sua bi(blio)grafia, a qual nos revela, por meio do trabalho de citação que ela empreende, um panorama das contribuições da sua formação intelectual. Nesse âmbito, seus comentários críticos sobre as obras lidas deixam perceber sua perspectiva crítica e estética. Sabendo que ela não chegou a cursar o nível superior, deduzimos que aprendeu a exercer a função de crítica literária a partir do desenvolvimento intelectual que a leitura de obras clássicas lhe proporcionou.

Quanto à sua atuação como crítica literária, qual o significado de Carmen Dolores ter atuado nessa área, na primeira década de 1900, para a História das Mulheres, ou para a crítica feminista brasileira? Comumente, Lúcia Miguel-Pereira é referida como primeira mulher a escrever crítica literária no Brasil. Ela pode ser a que foi aceita entre os canônicos, aquela que desenvolveu crítica literária a partir de estudos acadêmicos, mas, com este estudo, constatamos que Carmen Dolores a antecedeu, obviamente com as diferenças de perspectiva de tempo e lugar que cada uma ocupa. Mesmo que o tenha feito intuitivamente, Carmen Dolores precedeu o trabalho que ainda hoje empreendemos na crítica feminista, ao escrever suas “impressões de leitura”. Ou seja, ao fazer as suas críticas sobre as obras literárias escritas por homens, ela procurava analisar predominantemente a representação das figuras femininas nessa obra, na mesma medida em que procurou analisar obras literárias escritas por mulheres, tanto europeias (Matilde Serão, Condessa de Martel (Gyp), Mme. Emile de Girardin, Mlle de Lespinasse), quanto a brasileira Julia Lopes de Almeida – mulheres que ela admirava. Se não analisou mais obras de autoria feminina, visto a quantidade de obras de autoria masculina analisadas por ela, provavelmente não o fez porque, em sua época, poucas eram as mulheres (se comparadas ao número de homens) que já haviam conseguido espaço no mercado editorial, mesmo na Europa. E mais: as escritoras europeias que ela selecionou para análise eram, cada uma a seu modo, feministas no sentido de reivindicarem os direitos das

mulheres. Carmen Dolores foi, mais de uma vez, descrita como a “Séverine brasileira”, ou a “nossa Gyp” pela crítica impressionista da *Belle Époque*. Fato que nos remete ao modo como seus contemporâneos a viam como feminista.

Cabe ainda dizer que, desconstruir a ideologia patriarcal, ou seja, o sistema de dominação do homem e subordinação da mulher, era uma tarefa extremamente difícil na virada do século XIX ao século XX. Também Carmen Dolores, como todas as mulheres de seu tempo, esteve condicionada às predisposições culturais onde os membros da família são, desde que nascem, compelidos a terem um comportamento diferenciado, ou seja, a agirem como homens ou como mulheres. Esse processo preconceituoso dificultou a sua realização plena como seres humanos. No caso da autora, por mais que ela tenha insistido na sua “independência de ideias”, essa ideologia patriarcal estava enraizada no seu modo de ser mulher.

Não podemos, no entanto, desmerecer suas tentativas de transgressão desse padrão pré-concebido de subordinação da mulher ao poder patriarcal. Ela o fez dentro do “feminismo possível” (De LUCA, 1999) para ela, considerando sua origem aristocrática, sua formação intelectual nem tão convencional para as meninas moças do século XIX, sua personalidade ousada, corajosa e irreverente, e, acima de tudo, seu modo de expressão irônico, sobretudo quando constata as injustiças sociais ou a hipocrisia de pessoas influentes. Indignava-se, principalmente, com a realidade injusta para com as mulheres, daí ter levantado e defendido bandeiras feministas.

Com este estudo sobre **“CARMEN DOLORES, ESCRITORA E CRONISTA: uma intelectual feminista da *Belle Époque*”**, propusemos contribuir nessa visibilidade da participação de Carmen Dolores no campo intelectual e literário brasileiro da *Belle Époque*, no intuito de incluir a sua obra literária e jornalística na historiografia literária brasileira de autoria feminina. Assim, esperamos que ocupe o lugar que lhe é de direito na história da literatura brasileira e que, finalmente, seus livros passem a ser lidos também nas salas de aula desse imenso país.

REFERÊNCIAS

1 FONTES PRIMÁRIAS

CRÔNICAS DE CARMEN DOLORES EM *O PAIZ*

DOLORES, Carmen.¹⁸⁷ [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7439, Rio de Janeiro, 19 de fevereiro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7453, Rio de Janeiro, 05 de março de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7481, Rio de Janeiro, 02 de abril de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7516, Rio de Janeiro, 07 de maio de 1905, p. 1.

DOLORES, Carmen [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 7544, Rio de Janeiro, 04 de junho de 1905, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7579, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7593, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7621, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7628, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7649, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7684, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7698, Rio de Janeiro, 05 de novembro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7705, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7712, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7719, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7726, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1905.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7733, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1905.

¹⁸⁷ Pseudônimo de Emilia Moncorvo Bandeira de Mello.

- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7740, Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1905.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7747, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1905.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7775, Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7794, Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7801, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7822, Rio de Janeiro, 04 de março de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7829, Rio de Janeiro, 11 de março de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7836, Rio de Janeiro, 18 de março de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7843, Rio de Janeiro, 25 de março de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7864, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7871, Rio de Janeiro, 22 de abril de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7892, Rio de Janeiro, 13 de maio de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7899, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7906, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7913, Rio de Janeiro, 03 de junho de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7920, Rio de Janeiro, 10 de junho de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7934, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7941, Rio de Janeiro, 01 de julho de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7948, Rio de Janeiro, 08 de julho de 1906.
- DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7955, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7962, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7969, Rio de Janeiro, 29 de julho de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7983, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 7990, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8004, Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1906, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8011, Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8018, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8025, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1906.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8109, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1906, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8131, Rio de Janeiro, 06 de janeiro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8144, Rio de Janeiro, 20 de janeiro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8158, Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8165, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8172, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8179, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 82072, Rio de Janeiro, 4 de março de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8214, Rio de Janeiro, 31 de março de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8221, Rio de Janeiro, 07 de abril de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8228, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8235, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8284, Rio de Janeiro, 09 de junho de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8305, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8326, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8347, Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8354, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8361, Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8375, Rio de Janeiro, 08 de setembro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8382, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8389, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8410, Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8417, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8466, Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1907.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8522, Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8536, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8543, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8557, Rio de Janeiro, 08 de março de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8592, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8627, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8648, Rio de Janeiro, 02 de junho de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 8690, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1908.

DOLORES, Carmen [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8704, Rio de Janeiro. 02 de agosto de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8711, Rio de Janeiro, 09 de agosto de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8739, Rio de Janeiro, 06 de setembro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8774, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8781, Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8788, Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8802, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8823, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8837, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1908.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8858, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8879, Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8893, Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8900, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8920, Rio de Janeiro, 07 de março de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8948, Rio de Janeiro, 04 de abril de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8976, Rio de Janeiro, 02 de maio de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 8997, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 9011, Rio de Janeiro, 06 de junho de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 9018, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 9060, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 9074, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 9123, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1909.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 9214, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Melo]. A semana. *O Paiz*. n. 9235, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1910, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A semana. *O Paiz*. n. 9269, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1910.

CONTOS E CRÔNICAS DE CARMEN DOLORES EM OUTROS PERIÓDICOS

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1908, p. 2.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello] Frutos sociais. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3023, 06 de maio de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello] Impressões de viagem. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2060, 04 de março de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. De repente. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 4053, 13 de setembro de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Oh meu amor! *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 4028, 19 de janeiro de 1907, p. 2.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Os Humildes. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2436, 16 de março de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O Único Triunfo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2402, 10 de fevereiro de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Os três encontros. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2593, 20 de agosto de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Domingo de verão. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2795, 11 de março de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Por empréstimo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2983, 16 de setembro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A tragédia das horas. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3056, 28 de novembro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Página Literária. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 de julho de 1918, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Santidades. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3112, 23 de janeiro de 1910, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O dia moderno. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2433, 13 de março de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Miscelânea. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 4070, 30 de setembro de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Ideias leves. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3984, 26 de dezembro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Chroniqueta. *Jornal das Senhoras: A vida elegante*. Rio de Janeiro, n. 2, 25 de março de 1909, p. 3-4.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Frutos sociais. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3023, 06 de maio de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O Único Triunfo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2402, 10 de fevereiro de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Os três encontros. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2593, 20 de agosto de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Domingo de verão. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2795, 11 de março de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Por empréstimo. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2983, 16 de setembro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A tragédia das horas. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3056, 28 de novembro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Página Literária. *Correio da Manhã*. 14 de julho de 1918, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Santidades. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3112, 23 de janeiro de 1910, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O dia moderno. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 2433, 13 de março de 1908, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Miscelânea. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 4070, 30 de setembro de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Ideias leves. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 3984, 26 de dezembro de 1909, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. De repente. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, n. 4053, 13 de setembro de 1907, p. 1.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Chroniqueta. *Jornal das Senhoras: A vida elegante*. n. 2, 25 de março de 1909, p. 3-4.

OUTROS PSEUDÔNIMOS DA AUTORA EM PERIÓDICOS CONSULTADOS: CONTOS E CRÔNICAS

CELIA MARCIA. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. Lettres d'une brésilienne (2), *L'Etoile Du Sud*. n. 8545, 03 de setembro de 1904, p. 2

CELIA MARCIA. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. Lettres d'une brésilienne (3), *L'Etoile Du Sud*. n. 8546, 10 de setembro de 1904, p. 2.

CELIA MARCIA. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. Lettres d'une brésilienne (1), *L'Etoile Du Sud*. n. 8544, 28 de agosto de 1904, p. 2

CASTRO, Julio. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *O Paiz*. n. 5091, 12 de setembro de 1898, p. 1.

CASTRO, Julio. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *O Paiz*. n. 5133, 24 de outubro de 1898, p. 1.

CASTRO, Julio. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *O Paiz*. n. 5140, 31 de outubro de 1898, p. 1.

CASTRO, Julio. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Gazeta de Petrópolis*. n. 46, 19 de abril de 1902, p. 1-2.

CASTRO, Julio. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Gazeta de Petrópolis*. n. 76, 28 de junho de 1902, p. 1-2.

CASTRO, Julio. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Gazeta de Petrópolis*. n. 44, 14 de abril de 1903, p. 1.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O travesseiro. *Pacotilha Jornal da Tarde*. São Luís, n. 39, 16 de fevereiro de 1906, p. 2.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O par de meias. *A Notícia*. Rio de Janeiro, n. 113, 13 de maio de 1904, p. 3.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O imprevisto. *A Notícia*. Rio de Janeiro, n. 130, 02 de junho de 1904, p. 3.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A família Guedes. *A Notícia*. Rio de Janeiro, n. 165, 14 de julho de 1904, p. 3.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. D. Thereza Diabo. *Tagarela*. Rio de Janeiro, n. 133, 08 de setembro de 1904, p. 14.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Natal. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 7383, 25 de dezembro de 1904, p. 1.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Fantasia. *Correio do Brasil*. Bahia, n. 30, 19 de junho de 1905, p. 2.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Liquidações. *Pacotilha Jornal da Tarde*. São Luís, n. 33, 08 de fevereiro de 1906, p. 2.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Os párias. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 7808, 18 de fevereiro de 1906, p. 6.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. A intermediária. *Pacotilha Jornal da Tarde*. São Luís, v. 1, n. 90, 17 de abril de 1906, p. 2.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Uma experiência em Petrópolis. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 7847, 29 de março de 1906, p. 3.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Um Concurso. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 7885, 06 de maio de 1906, p. 5.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Roceira. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 7889, 10 de maio de 1906, p. 5.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Traição. *Tagarela*. Rio de Janeiro, n. 136, 29 de setembro de 1904, p. 17.

SAMPAIO, Leonel. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. O travesseiro. *Pacotilha Jornal da Tarde*. São Luís, n. 39, 16 de fevereiro de 1906, p. 2.

VILLAR, Mario. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Impressões. *Gazeta de Petrópolis*. v. 2, n. 142, 19 de novembro de 1889, p. 2.

VILLAR, Mario. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. Notas de um errante. *O Paiz*. n. 7906, 27 de maio de 1906, p. 4.

CRÔNICAS E NOTAS SOBRE CARMEN DOLORES EM PERIÓDICOS CONSULTADOS

A NOTÍCIA. Carmen Dolores. Rio de Janeiro. 17 de agosto de 1910, p. 1

ACTUALIDADE. Nota de divulgação de serviços de advocacia. 22 de outubro de 1863, p. 5

ALMEIDA, Júlia Lopes de. A Semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 9453, 23 de agosto de 1910, p. 1.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Dois dedos de prosa. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1911, p. 1.

AMADO, Gilberto. A semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 9612, 29 de janeiro de 1911, p. 1.

BILAC, Olavo [pseudônimo B.]. Registro. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 13 de julho de 1907, p. 2.

CAMPOS, V. Carmen Dolores. *Gazeta de Notícias*. n. 0158, Rio de Janeiro, 06 de junho de 1915, p. 1.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Vasconcellos]. Carmen Dolores. Coluna Palestra Feminina. *O Paiz*. 18 de agosto de 1919, p. 4.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello]. A Semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1929, p. 1.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello]. A Semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1933, p. 1.

CHRYSANTHÈME [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Vasconcellos]. Palestra Feminina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1915, p. 3.

CHRYSANTHÈME. [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Vasconcellos]. A semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 14 de março de 1926, p. 1.

CHRYSANTHÈME. [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Vasconcellos]. A semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, n. 13895, 05 de novembro de 1922, p. 1.

CHRYSANTHÈME. [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Vasconcellos]. A semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1921, p. 1.

CHRYSANTHÈME. [pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Vasconcellos]. A semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1924, p. 1.

CORREIO DA MANHÃ. Conferência “A Sociedade”. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1907, p. 1.

CORREIO DA MANHÃ. Carmen Dolores. Rio de Janeiro, 31 de julho de 1907, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. Carta de leitora. Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1908, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. Concurso Feminino: Que deve ser a mulher? Rio de Janeiro, 07 de junho de 1909, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. Concurso Feminino: Que deve ser a mulher? Rio de Janeiro, 30 de maio de 1909, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. Concurso Feminino: Que deve ser a mulher? Rio de Janeiro, 24 de maio de 1909.

CORREIO DA MANHÃ. Correio dos Teatros. Rio de Janeiro, 02 de dezembro de 1908c, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. Correio dos Teatros. Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1910, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. Emília Moncorvo Bandeira de Mello (Carmen Dolores). Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1910, p. 8.

CORREIO DA MANHÃ. Figuras & Figurinos. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1908a, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. Figuras & Figurinos. Rio de Janeiro, 27 de março de 1908b, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 05 de julho de 1909, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1909, p. 6.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1908, p. 10.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1909, p. 3.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 30 de maio de 1910, p. 4.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, n. 3029, 12 de maio 1907, p. 1.

CORREIO DA MANHÃ. n. 2644, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1908e, p. 1.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1908d, p. 3.

CORREIO MERCANTIL. Entrada no porto do Rio de Janeiro. 19 de dezembro de 1861, p. 3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Emília Moncorvo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1886, p. 3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Emília Moncorvo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1885, p. 1.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Identificação de endereço. Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1868, p. 5.

- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Jeronymo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 25 de abril de 1878, p. 3.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Repartição de Estatística do Ministério do Império. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1873, p. 3.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1886, p. 3.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1886, p. 2.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1877, p. 4.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Suplemento 194. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1876.
- ESTRADA, Osório Duque. Coluna Objeções. Correio da Manhã. n. 4007, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1907.
- G. D. [pseudônimo de...]. Crônica. KOSMOS. *Revista artística, científica e litterária*. ano VI, n. 1, Rio de Janeiro, janeiro, 1909, p. 5-6.
- GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1891, p. 1.
- GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1891, p. 3.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Ata de secção da Sociedade de Geografia de Lisboa. Rio de Janeiro, 23 de março de 1880, p. 5.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Carmen Dolores. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1910, p. 4.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Conferências Literárias. n. 0195, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1907, p. 5.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Emília Moncorvo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 08 de fevereiro de 1887, p. 3.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Falecimento de Carlos Honório de Figueiredo. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1881, p. 3.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Homenagem a Carlos H. Figueiredo. Rio de Janeiro, 08 de julho de 1881, p. 5.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Instituto Histórico e Geográfico. n. 0338, Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1877, p. 4.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Jeronymo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1878, p. 4.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Jeronymo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1886, p. 3.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Jeronymo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1878, p. 4.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Nota de falecimento de Joaquim Bernardo de Figueiredo. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1879, p. 5.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Notas Brasileiras – D. T. de Paris. 28 de setembro de 1907, p. 3.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. O Binóculo. Rio de Janeiro, 09 de maio de 1908c, p. 9.

GAZETA DE NOTÍCIAS. O Binóculo. Rio de Janeiro, 03 maio de 1908f, p. 7.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Obituário de Carmen Dolores. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1910.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1886, p. 3.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 16 de abril de 1908g, p. 1.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1908, p. 2.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 06 de outubro de 1908d, p. 3.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1908e, p. 3.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1908b, p. 3.

GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, n. 232, 20 de agosto de 1909, p. 3.

GAZETA DE NOTÍCIAS. n. 0153, Rio de Janeiro, 02 de junho de 1907, p. 3.

JIE. Carmen Dolores. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1908, p. 1.

JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1907, p. 1.

JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1908a, p. 2.

JOE [Paulo Barreto]. Cinematógrafo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05 de abril de 1908b, p. 2.

JORNAL DAS MOÇAS. Intelectualidade feminina. n. 078, Rio de Janeiro, 14 de dezembro de 1916, p. 3.

LEANDRO. Os teatros. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1908, p. 2.

MACHADO, Julião. O monstrengo dos bastidores. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1910, p. 1.

MACHADO, Julião. O municipal. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 24 de abril de 1910b, p. 4.

MONCORVO, Sylvia. Almas Complexas: um livro póstumo de Carmen Dolores. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1933, p. 4 ou 5.

NELSON, Isabella. [Abner Mourão] Façamos este monumento. *O Paiz*. n. 10574, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1913, p. 3.

NELSON, Isabella. [Abner Mourão]. Coluna Vitórias Femininas. *O Paiz*. n. 10236, Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1912.

O DIA. Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1910, p. 3.

O PAIZ. Carmen Dolores. Rio de Janeiro, 18 de agosto de 1910, p. 4-5.

O PAIZ. Comemorações. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1913, p. 5.

O PAIZ. Comemorações. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1913, p. 3.

- O PAIZ. Emília Moncorvo Bandeira de Mello. Rio de Janeiro, 28 de junho de 1885, p. 1.
- O PAIZ. Figuras da intelectualidade feminina. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1915, p. 3.
- O PAIZ. Livros Novos. Rio de Janeiro, 07 de abril de 1912, p. 5.
- O PAIZ. Movimento Livresco. Rio de Janeiro, 09 de dezembro de 1933, p. 3.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1910, p. 5.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1910, p. 9.
- O PAIZ. Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1913, p. 5.
- O PAIZ. Vida Social. Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1910, p. 4.
- O PAIZ. Vida Social. Rio de Janeiro, 12 de março de 1910b, p. 5.
- O PAIZ. Vida Social. Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1910, p. 5.
- PIMENTEL, Figueiredo. Binóculo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1909, p. 1.
- REGO, Costa. Traços da Semana. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 de março de 1911, p. 1.
- REGO, Costa. Carmen Dolores. Traços da Semana. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1910, p. 2.
- REVISTA CARETA. Rio de Janeiro, julho de 1908, p. 41.
- REVISTA FON-FON. v. IV, n. 29. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1910, p. 36.
- REVISTA FON-FON. v. II, n. 49. Rio de Janeiro, 14 de março de 1908.
- RUBIN, Thomas. Pela literatura. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1913, p. 2.
- PIMENTEL, Figueiredo. Binóculo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1909, p. 1.
- THEOTONIO FILHO. Coluna De Relance. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 de maio 1908, p. 4.

2 OBRAS LITERÁRIAS CONSULTADAS DE AUTORIA DE CARMEN DOLORES

- DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. *Gradações - páginas soltas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989.
- DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1907.
- DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. *Lendas brasileiras: coleção de 27 contos para crianças*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria e Papelaria Gomes Pereira, 1914.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Lendas brasileiras*: coleção de 27 contos para crianças. 3. ed. Rio de Janeiro: Sá, 2006.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Ao esvoaçar da ideia* (Chronicas). Porto: Livraria Chardron, 1910.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *A luta*. Rio de Janeiro / Paris: Livraria Garnier Irmãos, 1911.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *A luta*. Introdução e notas de Maria Angélica Guimarães Lopes. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Almas complexas*. (Contos). Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

3 OUTRAS REFERÊNCIAS

AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira (os séculos XVI-XX)*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

ANDRADE, Maria Ritta Soares de. *A mulher na literatura (das línguas novi-latinas)*. These apresentada ao Atheneu Pedro II para concorrer à livre-docência da cadeira de literatura. Aracaju: Oficinas Gráficas da 'Casa Ávila', 1929.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Lilithes, do século XX, abrem a caixa de Pandora das Sherazades do século XIX*. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/637/466>>. Acesso em: 21 mai. 2014.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas Femininas na Imprensa do Século XIX*: tessituras de Ignez Sabino e Délia. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Traduzido por Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Enigma e comentário*. Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

_____. Fragmentos sobre a crônica. In: *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46, n. 1/4, janeiro a dezembro de 1985, p. 43-53.

- ARRUDA, A. A et. al. (orgs.). *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Mulheres, 2011.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário. *Introdução ao estudo da nova crítica no Brasil: ensaio de história e crítica literária*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Traduzido por Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo: Ática, 1974.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Traduzido por Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *S/Z*. Paris: Seuil, 1970, p. 173. (Reedição Col. Points)
- _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *O rumor da língua*. Traduzido por Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo. Fatos e mitos*. Traduzido por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- BELLINE, Ana Helena Cizotto. Escritoras, sim senhor! Regionalismo e resgate: a escrita feminina em Campinas. In: KAMITA, Rosana Cássia; FONTES, Luísa Cristina dos Santos (orgs.). *Mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres, 2015.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro*: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- _____. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes. Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1990, p. 311.
- BENDER, Flora C.; LAURITO, Ilka B. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BENJAMIM, Walter. *Obras Escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.

BITTENCOURT, Adalzira. *Dicionário Bibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1969.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. v. 7. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1883-1902.

BNdigital. *O Paiz*. 02 abr. 2015. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/artigos/o-paiz/>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

BORDINI, Maria da Glória. Estudos culturais e estudos literários. *Revista Letras de Hoje*, v. 41, n. 3. Porto Alegre. setembro, 2006, p. 11-22.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*, n. 39, São Paulo: Ática, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (orgs.). *Refazendo nós. Ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

BRASIL, Lei nº 11.340, de 07.08.2006, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Lex – Coletânea de Legislação e Jurisprudência. Edição Federal.

BRITO, Cândida de. *Antologia feminina*. 3. ed. Rio de Janeiro: A dona de casa, 1937.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. *A vida literária no Brasil, 1900*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

_____. *Naturalistas, Parnasianos e decadentistas. A vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: UNICAMP, 1991.

_____. *O teatro das letras*. Campinas: UNICAMP, 1993.

[Coordenação de Alexandre Eulálio]

BITTONI, Dulcília H. S. Crônica/mulher, mulher/crônica. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46, n. 1/4, jan/dez., 1985.

_____. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Mulher de papel*. A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Loyola, 1981.

BUSTAMANTE, Paola de Menezes. *Carmen Dolores: configurações da luta através das crônicas*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1993.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

_____. Variações sobre sexo e gênero. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (orgs.). *Feminismo como crítica da modernidade*. Traduzido por Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

CADERNOS AEL. Literatura e imprensa no século XIX. Campinas: UNICAMP, AEL, IFCH, v.9, n.16/17, 2002.

CAIRO, Luiz Roberto Velloso. História da literatura, literatura comparada e crítica literária: frágeis fronteiras disciplinares. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *História da literatura: teoria, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

CAMPELLO, Eliane. Literatura e Gênero em foco nos Grupos de pesquisa do GT Mulher na Literatura. In: STEVENS, Cristina (org). *Mulher e Literatura: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

CAMPELLO, Eliane. A escrita-mulher em: *Novela negra com argentinos*, de Luisa Valenzuela. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1995. p.97-114.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. Traduzido por Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed., v. 1. e v. 2. Belo Horizonte: Itatiaia / São Paulo: USP, 1975.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia romantismo, realismo, parnasianismo e simbolismo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1964. 356p.

CARVALHO, Kátia de. A imprensa feminina no Rio de Janeiro, anos 20: um sistema de informação cultural. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1947>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

CARVALHO, Ronald. *Pequena História da Literatura Brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTELLO, José Aderaldo. A crítica literária no Brasil. In: _____. *Método e Interpretação*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1965.

CHRYSANTHÈME. [Cecília Moncorvo Bandeira de Vasconcellos]. Prefácio. In: DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. *Almas complexas*. (Contos). Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

COELHO NETO. Prefácio. In: DOLORES, Carmen. *Um drama na roça*. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1907.

COELHO, Mariana. *A evolução do feminismo*: subsídios para a sua história. Organização de Zahidé Lupinacci Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Traduzido por Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. *Literatura para quê?* Traduzido por Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. 2. reimpressão. Traduzido por Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero e como antijornalismo. *Folha de São Paulo*. (Ilustrada). 16 out. 1998.

CORDEIRO, Francisca de Basto. *Poetas e prosadores do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1936.

COSTA, Cristina. *Pena de aluguel*. Escritores e jornalistas no Brasil (1904-2004). São Paulo: Cia das letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*: introdução geral. v. I., 7. ed. São Paulo: Global, 2001a.

_____. *A literatura no Brasil*: Realismo/Era de Transição. v. IV., 7. ed. São Paulo: Global, 2001b.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante de (dir). *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Brasília: FAE, 1995. (Oficina Literária Afrânio Coutinho)

COUTINHO, Eduardo. Comparativismo e Historiografia Literária. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *História da literatura*: teoria, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania F. *Literatura Comparada*: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Melo (org). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: UFMG, 1995, p. 53-63.

De LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento*: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, UNICAMP, 2004. 334p.

_____. O “feminismo possível” de Julia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*. v. 12., 1999, p. 275-299. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/n12a18.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo*: condição feminina, materialidades e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília: EDUNB, 1993.

_____. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto / UNESP, 1997.

_____. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Uma impressão freudiana. Traduzido por Claudia e Moraes Rego. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

DIMAS, Antonio. Bilac, o jornalista. *Ensaio*. v. 1. São Paulo: Imprensa, 2006.

_____. *Tempos eufóricos* (análise da Revista Kosmos: 1904-1909). São Paulo: Ática, 1983.

DUARTE, Constância Lima. “Pequena história do feminismo no Brasil”. In: CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno. *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: UFS, 2007.

_____. Arquivos de mulheres e mulheres anarquadas. Histórias de uma história mal contada. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (orgs.). *Crítica e Coleção*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. *Literatura feminina e crítica literária*. Comunicação apresentada na ANPOLL - II Encontro Nacional, Rio de Janeiro, 26 a 29 mai. 1987. p.15

_____. Literatura, imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX. ENCONTRO DA ANPOLL, UFMG, 1 a 3 de julho de 2010, p. 2.

_____. O cânone e a autoria feminina. In: SCHIMIDT, Rita Terezinha (org). *Mulheres e literatura*: (trans)formando identidades. Porto Alegre: Palloti, 1997.

EAGLETON, Terry *Depois da Teoria: um olhar sobre os estudos culturais e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. v. 1 a 5. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance*. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930). Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

ERSE, Armando. Carmem Dolores. In:_____. *Elogios*. Porto: Renascença Portuguesa, 1916, p. 63-70.

FÉLIX, Regina R. *Sedução e heroísmo: imaginação de mulher*. Entre a República das letras e a Belle Époque (1884-1911). Florianópolis: Mulheres, 2007.

FELSKI, Rita. *Literature after Feminism*. Chicago: Chicago University Press, 2003.

FERREIRA, Ceila. Resgate de escritoras e revisão da história da literatura. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé. *Refazendo Nós*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Dicionário de Mulheres*. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999.

_____. Introdução. In: OLIVEIRA, Andradina América de Andrade. *Divórcio?*. Organização e texto biográfico de Hilda A. Hübner Flores, Porto Alegre: Ediplat / Florianópolis: Mulheres, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. 7. ed. Traduzido por Luiz Felipe de Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Contabilizar as violências cometidas contra as mulheres: contexto institucional e teórico da pesquisa ENVEFF. In: WOLF, CRISTINA S.; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia R. de O. (orgs.). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

FUKELMANN, Clarisse. Palavra de mulher. In: FUNCK, Susana Bornéo (org). *Trocando ideias sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

FUNK, Susana Bornéo (org). *Trocando ideias sobre Mulher e Literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.

GARZONI, Lericce de Castro. História Social e gênero: investigando os sentidos do trabalho doméstico no início do século XX. *Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP / Campinas, setembro, 2012*.

GENS, Rosa Maria de Carvalho. *Escritoras no Rio de Janeiro*: Carmen Dolores e Cecília VASCONCELLOS. Disponível em: <http://www.geocities.ws/ail_br/escritorasnoriodejaneiro.html>.

_____. Mulheres escrevem para crianças. In: DOLORES, Carmen. [Emília Moncorvo Bandeira de Mello]. *Lendas brasileiras*: coleção de 27 contos para crianças. 3. ed. Rio de Janeiro: Sá, 2006.

GOLDENBERG, Isaac. *Brazilian Tales*. Translated from the portuguese with an introduction by Isaac Goldberg. Boston: The Four Seas Company, 1921. Disponível em:

<<http://www.gutenberg.org/files/21040/21040-h/21040-h.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

GOMES, Celuta Moreira; AGUIAR, Thereza da Silva. Bibliografia do conto brasileiro (1841-1967), v. 87. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969. Tomo II M-Z.

GOMES, Celuta Moreira. *O conto brasileiro e sua crítica bibliográfica* (1841-1974), v. 2. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977. (Coleção Rodolfo Garcia)

GRIECO, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1933.

HÁBITOS Culturais na República Velha. Brasil 500 anos: 1911-1932. *Abril*, v. 11. São Paulo, 1999, p. 662. (Coleção Especial da Abril)

HELLMANN, R. M. *O ensino de literatura*: algumas reflexões críticas. Disponível em:

<<http://www.fama.br/revista/letras/images/stories/artigos/artigo%20risol ete%20-20reflexes%20crticas.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2013.

_____. Carmen Dolores e a luta pelos direitos da mulher: feminismo ou não. *Fazendo Gênero 10*. Desafios atuais do feminismo, set. 2013. Disponível em:

<http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386694677_ARQUIVO_RisoletaMariaHellmann.pdf>.

_____. Introdução. In: DOLORES, Carmen. *Almas complexas*. Florianópolis: Mulheres, 2014.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. A historiografia feminista: algumas questões de fundo. In: FUNK, Susana Bornéo (org). *Trocando ideias sobre mulher e literatura*. Florianópolis: UFSC, 1994.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas Brasileiras*. Mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia* [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Traduzido por Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed. 70, 1989, p. 73.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

KAMITA, Rosana Cássia. “O refúgio da arte”. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (orgs.). *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNICS, 2003, p. 105-114.

_____. Filoarqueologia literária. *Revista Estudos Feministas*, v. 13, n. 2. Florianópolis, 2005, p. 452-454.

_____. Mulher e Literatura: o Sublime Feminista. In: KAMITA, Rosana Cássia; FONTES, Luísa Cristina dos Santos (orgs.). *Mulher e literatura*. Florianópolis: Mulheres, 2015.

_____. Revista “A Mensageira”: alvorecer de uma nova era? *Revista de Estudos Feministas*, v. 12. Florianópolis: set./dez., 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300018>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

KRISTEVA, Julia. *Sèmiôtikè. Recherches pour une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969, p. 146. (Reedição Col. Points)

LAJOLO, Marisa. Literatura e história da literatura: senhoras muito intrigantes. In: MALLARD, Letícia et. al. *História da literatura: ensaios*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. Monteiro Lobato & Isaac Goldberg: a América Latina na América do Norte. *Revista Remate de Males*, v. 30, n. 2. Campinas, jul./dez. 2010, p. 293-310. Disponível em: <http://www.releituras.com/cdolores_menu.asp>.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Traduzido por Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 2003.

LEAL, Maria Ivone. *Um século de periódicos femininos*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

LEITE, Míriam Moreira (org). *A condição feminina no Rio de Janeiro - Século XIX*. São Paulo: Hucitec / Brasília: INL: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

LIBRAIRIE COMPAGNIE. Catálogo de autores. Les Mille nouvelles nouvelles, n. 18, Paris: La Renaissance du livre. Disponível em: <<http://www.librairie-compagnie.fr/catalogues/3/82/4242>>. Acesso em: 15 out. 2013.

LIMA, Alceu Amoroso. *Introdução à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Agir, 1956.

- LIMA, Alceu Amoroso. *A Crítica Literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Decimália, publicação da Biblioteca Nacional, 1958.
- LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. Rio de Janeiro: MEC, 1952.
- LIMA, Rachel Esteves. A produção acadêmica da crítica literária. In: MARQUES, Reinaldo; BITTENCOURT, Gilda Neves (orgs.). *Limiares críticos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro – 1728-1981*. v. 3. São Paulo: Itatiaia / USP, 1987, p. 347-349.
- LOBO, Luiza. *A literatura de autoria feminina na América Latina*. Disponível em: <<http://lfilipe.tripod.com/LLobo.html>>. Acesso em: 14 nov. 2013.
- _____. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ/FAPERJ, 2006.
- LOPES, Maria Angélica Guimarães. Desafio materno: *A luta*, de Carmen Dolores. In: DOLORES, Carmen. *A luta*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.
- _____. *A coreografia do desejo: cem anos de ficção brasileira*. São Paulo: Ateliê, 2001.
- _____. Desafio materno: *A Luta*, de Carmen Dolores. *Letras de Hoje*. v. 33, n. 3. Porto Alegre: Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras da PUCRS, 1998, p. 5.
- _____. Introdução. In: DOLORES, Carmen. [Emilia Moncorvo Bandeira de Mello]. *Gradações - páginas soltas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989. Instituto Nacional do Livro. (Coleção Resgate, v. 17)
- _____. Carmen Dolores: jornalismo, literatura e feminismo na Bela Época brasileira. *Luso-Brazilian Review*, v. 26, n. 2, 1989, p. 75-85.
- _____. O crime na galeria de crystal, em 1909: a jornalista como árbitro. In: MUZART, Z. L. (org). *Revista Travessia*. Mulheres século XIX. Florianópolis: UFSC, 1992, p. 167-177.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. A Crônica de Mario de Andrade: impressões que historiam. In: CANDIDO, A. et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 168.
- LORETTI, Jorge Fernando. Apresentação. In: DOLORES, Carmen. Carmen Dolores: crônicas de 1905 a 1910. Organização de Eliane Vasconcellos. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998. (Coleção Fluminense, v. 3)
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Arthur Azevedo e sua época*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- _____. Carmem Dolores. In: *O conto feminino*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / São Paulo: São Paulo, 1959, p. 33-48.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Traduzido por Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALARD, Letícia. Nelson Werneck Sodré: a ruptura e o reflexo. In: MALLARD, Letícia et. al. *História da literatura: ensaios*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

MARQUES, Fabrício (org). Precisamos democratizar o elitismo. Entrevista com Sergio Augusto. Secretaria de Cultura. *Suplemento Nave Errante*. Reflexões sobre o jornalismo cultural. Belo Horizonte: Edição Especial, 2012.

MARTINS, V. H. F. *O impressionismo literário em Crônica da casa assassinada*. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP. São José do Rio Preto, 2003. 321f.

MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Cultrix, 1983. 2v.

_____. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1952.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmãos Andriolis, 1954.

MENDONÇA, Maria Helena M. F. *A crônica e as cronistas brasileiras: questão de gênero(s)*. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

MEYER, Marlyse. Voláteis e Versáteis, de variedades e folhetins se fez a crônica. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46, n. 1/4, janeiro a dezembro de 1985, p. 17-41.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MICELI, Sergio. Apresentação. In: ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de Romance. As mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

MIGUEL-PEREIRA, Lucia. As mulheres na literatura brasileira. *Revista Anhembi*, v. V, n. 49, dez/1954, p. 17-25.

_____. *História da Literatura Brasileira*. Prosa de Ficção (de 1870 a 1920). v. XII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

- MITOSDOTEATRO. Disponível em: <<http://mitosdoteatrobrasileiro.blogspot.com>>. Acesso em: 27 ago. 2013.
- MOREIRA, Eunice (org). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- _____. Na rede do tempo: história da literatura e fontes primárias – a contribuição de Joaquim Norberto. In: ZILBERMAN, Regina et. al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- MOTTA, Alda Britto da. Idade e preconceito. In: WOLF, Cristina Stevens; FÁVERI, Marlene de; RAMOS, Tânia Regina de O. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- MUZART, Z. L. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Eunice (org). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003c.
- _____. (org). *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. 2. ed. rev. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.
- _____. (org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1999.
- _____. (org). *Escritoras Brasileiras do Século XIX: antologia*. v. 2. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- _____. A ascensão das mulheres no romance. In: ARRUDA, Aline Alves et. al. (orgs.). *A escritura no feminino: aproximações*. Florianópolis: Mulheres, 2011.
- _____. Feminismo e Literatura ou quando a mulher começou a falar. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. *Refazendo Nós*. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003b.
- _____. Na aprendizagem da palavra: a mulher na ficção brasileira – século XIX. *Fazendo Gênero*. Seminário de Estudos sobre a mulher. UFSC, 1994 / Ponta Grossa: UEPG, 1996.
- _____. Resgates e ressonâncias: uma Beauvoir tupiniquim. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003a.
- _____. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, Florianópolis, jan.-jun., 2003, p. 225-233.
- _____. História da Editora Mulheres. *Estudos Feministas*, v. 19, n. 2. Florianópolis, mai.-ago. 2011, p. 625-627.
- NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, A. et. al. *A crônica: o*

gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NINA, Cláudia. *Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas*. São Paulo: Summus, 2007.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO (Versão 3.0). Nova Fronteira, [s.d.].

OLIVEIRA, Andradina América de Andrade. *Divórcio?*. Organização e texto biográfico de Hilda A. Hübner Flores, Porto Alegre: Ediplat / Florianópolis: Mulheres, 2007.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Breve incursão sobre a crônica brasileira de autoria feminina. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antonio (orgs.). *Falas do Outro: literatura, gênero, etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala, NEIA, 2010, p. 244-253.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Traduzido por Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. 4. ed. Traduzido por Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Traduzido por Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1994.

PINTO, Maria de Lourdes de Melo. *Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. UFRJ. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

PINTO, C. F. *O bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PIZAN, Christine de. *A cidade das damas*. Tradução e apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne. Prefácio de Ildeney Cavalcanti. Florianópolis: Mulheres, 2012.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. São Paulo: Siciliano, 1993, p. 11.

RAGO, Margareth. "A subjetividade feminina entre o desejo e a norma". *Revista Brasileira de História- ANPUH*, n. 28. São Paulo: Marco Zero, 1995.

_____. *Cultura feminina e tradição literária no Brasil*. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-cultura_feminina_e_tradicao_literaria.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2013.

_____. *A aventura de contar-se*. Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: UNICAMP, 2013.

- _____. *Do Cabaré ao Lar. A Utopia da cidade Disciplinar: Brasil - 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 113.
- RAMALHO, Christina (org). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.
- RAMOS, Tânia R. O. Narrativas de si: lugares da memória. *Desenredo (PPGL/UPF)*, v. 4. Passo Fundo, 2008, p. 4-9.
- _____. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Mulheres, 2007.
- _____. Os discursos de quem viu são profecias. In: MOREIRA, Maria Eunice; CAIRO, Luiz Roberto Velloso (orgs.). *Questões de crítica e historiografia literária*, v. 1., 1. ed. Porto Alegre: Nova Prova, 2006, p. 201-210.
- _____. À moda italiana: história da literatura brasileira. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 452-467.
- _____. *Por uma poética das memórias literárias*, 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/11.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2015.
- REIS, Antônio Simões dos. *Bibliografia da crítica literária em 1907 através dos jornais cariocas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1968.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico: Josué Guimarães e Erico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et. al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 277-342.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA, A mulher e o espaço público. n. 18. ago./ set. São Paulo: ANPUH / Marco Zero, 1989.
- REZENDE, Beatriz. *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- RIBEIRO FILHO, J. S. *Dicionário bibliográfico de escritores cariocas (1565-1965)*. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1965.
- RIBEIRO, Armando. *A revolução portuguesa*. Lisboa: J. Romano Torres & Cia., 1912. Disponível em: <<http://archive.org/details/revoluportu02ribe>>. Acesso em: 28 ago. 2013
- ROBIN, Régine. *L'autofiction*. Le sujet toujours en défaut. Min. Paris: Universidade de Paris X, Nanterre, 1994, p. 73-86.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. Cartografias literárias em devir: mulheres, escrita e subversão. *Caderno Espaço Feminino*, v. 13, n. 16, jan./jun. 2005, p. 223.

ROCHA, Ruth (org). *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Círculo do livro / Universo, 1988.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. Organização Luiz Antonio Barreto. Rio de Janeiro: Imago / Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2001. (Edição Comemorativa do Sesquicentenário de Nascimento de Silvio Romero)

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico Biblioteca Mário de Andrade*, v. 46, n. 1/4, jan.-dez., 1985, p. 9-16.

SADLER, Darlene J. (ed. & trad.). A drama in the countryside. One Hundred Years After Tomorrow. *Brazilian Women's Fiction in the 20th Century*. Bloomington: Indiana University Press, 1992, p. 13-26.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, p. 252.

SAMUEL, Rogel (org). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SANTIAGO, Silviano. A indústria cultural nunca será inteligente. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Edição Especial “Reflexões sobre o jornalismo cultural”, via Observatório da Imprensa, 28 jun. 2012. Entrevista concedida a João Pombo Barile. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed700_a_industria_cultural_nunca_sera_inteligente>. Acesso em: 30 ago. 2013.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

SANTOS, Maria Margareth. Frei Pedro Sinzig – o apóstolo da boa imprensa. *I Seminário Brasileiro sobre o livro e história editorial*. 8 a 15 nov. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org). *Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1995, p. 182-189.

_____. Recortes de uma história: a construção de uma fazer/saber. In: RAMALHO, Christina (org). *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SCHMIDT, Simone Pereira. Longa vida ao trabalho contra a morte e o esquecimento. In: MUZART, Zahidé L. *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. v. III. Florianópolis: Mulheres, 2009.

- SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (orgs.). *Dicionário Mulheres do Brasil – de 1500 até a atualidade com 270 ilustrações*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SCOTT, Joan. Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista. *Debate Feminista*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1999, p. 203-222. (Edição especial Cidadania e Feminismo)
- SENNA, Adriana Kivanski. *As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889-1916)*. Tese (Doutorado). Curso de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC-RS, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993. (Coleção História em aberto) Disponível em: <http://issuu.com/odt2013/docs/nicolau_sevcenko_-_a_revolta_da_vac>. Acesso em: 26 mar. 2015.
- SINZIG, Frei Pedro. *Através dos romances*. Nota sobre 11863 livros e 5150 autores, guia para as consciências. Petrópolis: Vozes, 1915.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- SOIHET, Raquel. Comparando escritos: Julia Lopes de Almeida e Carmen Dolores. *Caderno Espaço Feminino*. v. 9, n. 10/11, 2001/2002.
- SOIHET, Raquel; ESTEVES, Flavia Cópio. Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século. In: LOBO, Yolanda e FARIA, Lia. *Vozes Femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet / FAPERJ, 2008.
- SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. *Índice de dramaturgas brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 1996.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas*. Ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: UFMG, 2011.
- SOUZA, Eneida. “Notas sobre a crítica biográfica”. In: _____. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 43-51. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/e-ivros/Literatura%20e%20Estudos%20Culturais.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2013.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. A ideia de história da literatura: constituição e crises. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1997.
- SUÁREZ FERNANDES, Luís. El retorno de las biografías. In: *Edad Media. Revista de História*. n. 5. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2002, p. 11-17. Disponível em:

<<http://www.istitutodatini.it/biblio/riviste/d-f/edad1.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

SÜSSEKIND, Flora. Crítica a vapor. Notas sobre a crônica teatral brasileira na virada do século. In: CANDIDO, Antonio et. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: UNICAMP / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito. *Vozes femininas*. Gênero, mediações e prática de escrita. Rio de Janeiro: 7 letras / Fundação Casa de Rui Barbosa, 2003.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *Esfinges de papel: ensaios*. São Paulo: EdArt, 1966.

TELLES, Norma. Escritoras brasileiras do século XIX. In: AUAD, Sylvia (org). *MULHER: Cinco séculos de desenvolvimento na América*. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da carreira jurídica - CREZ Minas Gerais. Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999, p. 325-331.

_____. Paisagens de Letras e Palavras. *Anuário de Literatura*, v. 18, n. esp. 1. Florianópolis, 2013, p. 49-70. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2013v18nesp1p49/25237>>. Acesso em: 24 fev. 2014.

VARNHAGEM, Francisco Adolfo. *Florilégio da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1987.

VASCONCELLOS, Eliane. Notas para esta edição. In: DOLORES, Carmen. *Carmen Dolores: crônicas (1905-1910)*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, 1998. (Coleção Fluminense, v. 3)

_____. Carmen Dolores. In: MUZART, Zahidé L. (org). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. v. I., 2. ed.rev. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 500-533.

_____. Chrysanthème. In: MUZART, Zahidé L. (org). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. v. II., 2. ed.rev. Florianópolis: Mulheres / Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004, p. 530-565.

VENTURA, Roberto. História e Crítica em Silvio Romero. In: MALLARD, Letícia et. al. *História da literatura: ensaios*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social*. São Paulo: Paullus, 2005.

VIEIRA, Miriam Steffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corimbo (1885-1925)*. Dissertação

(Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, UFRGS, 1997. 188p.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografias & Biógrafos*. Jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

WEBER, João Hernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: EDUFSC, 1997.

WEIGEL, Sigrid. La mirada Bizca: sobre la historia de la escritura de las mujeres. In: ECKER, Gisela (editora). *Estética Feminista*. 1. ed. Barcelona: Icaria Editorial, 1986, p. 69-98.

XAVIER, Elódia. Para além do cânone. In: RAMALHO, Christina (org). *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

4 ARQUIVOS CONSULTADOS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE MÚSICA DO RIO DE JANEIRO

BIBLIOTECA DA FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

CÚRIA METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO

ARQUIVO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO

ARQUIVO DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA

APÊNDICES

APÊNDICE A

CRITÉRIOS PARA ATUALIZAÇÃO ORTOGRÁFICA NA TRANSCRIÇÃO DAS CRÔNICAS DE CARMEN DOLORES PUBLICADAS EM *O Paiz*

1.	Respeitou-se a pontuação do original, ainda que em contradição às normas usuais. Excetuam-se, porém, os casos em que se percebeu erro de impressão tipográfica.
2.	Alterou-se o uso dos acentos gráficos em todos os vocábulos, respeitando as normas vigentes no <i>Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa</i> .
3.	Empregou-se corretamente o hífen nas palavras compostas, atentando-se para a lição do <i>Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa</i> .
4.	Adotou-se a grafia atual nas formas verbais seguidas de pronome, uma vez que não representam alterações fonéticas. Ex.: <i>achal-o</i> → <i>achá-lo</i> ; <i>rolal-o</i> → <i>rolá-lo</i> ; <i>sacrifical-o</i> → <i>sacrificá-lo</i> ; <i>tel-o</i> → <i>tê-lo</i> .
5.	Adotou-se a grafia unida, segundo a norma vigente, em casos como: <i>antemão</i> → <i>antemão</i> ; <i>com sigo</i> → <i>consigo</i> ; <i>comquanto</i> → <i>conquanto</i> ; <i>comtudo</i> → <i>contudo</i> ; <i>emfim</i> → <i>enfim</i> ; <i>emquanto</i> → <i>enquanto</i> (= ao passo que, no tempo em que, no tempo que); <i>entretanto</i> → <i>entretanto</i> ; <i>malgrado</i> → <i>malgrado</i> ; <i>se quer</i> → <i>sequer</i> ; <i>sobretudo</i> → <i>sobretudo</i> .
6.	Adotou-se a grafia separada, conforme a norma vigente, em casos como: <i>porfim</i> → <i>por fim</i> .
7.	Atualizou-se a grafia do ditongo <i>-io</i> , no final de vocábulos: <i>abrio</i> , <i>advertio</i> , alterando-a para <i>-iu</i> : <i>abriu</i> , <i>advertiu</i> .
8.	Mantiveram-se as formas alternativas <i>a sua/à sua</i> (usadas indiferentemente pela autora), cujo acento indicador de crase é opcional.
9.	Grafaram-se, numa só palavra, os encontros da preposição <i>a</i> + pronome demonstrativo <i>aquele</i> , <i>aquela</i> , etc., marcando-se, com acento grave, a indicação da crase: <i>a aquela</i> , <i>a aquele</i> → <i>àquela</i> , <i>àquele</i> .
10.	Corrigiram-se os erros óbvios de imprensa: <i>prisioneto</i> por <i>prisioneiro</i> ; <i>insacrável</i> por <i>insaciável</i> ; <i>fragante</i> por <i>fragrante</i> ; <i>trigue</i> por <i>tigre</i> ; <i>desgradassem</i> por <i>degradassem</i> ; <i>caudososo</i> por <i>caudaloso</i> ; <i>solidade</i> por <i>soledade</i> ; <i>entertemento</i> por <i>entretenimento</i> ; <i>prescrutador</i> por <i>perscrutador</i> , entre outros.
11.	Grafaram-se, sem o apóstrofo indicador de elisão: <i>n'aquele</i> → <i>naquele</i> ; <i>d'esse</i> → <i>desse</i> ; <i>d'entre</i> → <i>dentre</i> ; <i>d'aquela</i> → <i>daquela</i> ; <i>outr'ora</i> → <i>outrora</i> ; <i>m'o</i> → <i>mo</i> ; etc., procedimento que não acarreta alteração fonética. Por outro lado, conservou-se em: <i>d'água</i> , <i>d'América</i> , <i>d'alma</i> , <i>d'arte</i> , <i>d'Ave-Marias</i> e <i>n'água</i> .

- Alterou-se a grafia de vocábulos adequando-os à norma vigente no *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* em casos como:
12. *abrazado*→ *abrasado*; *aclamações*→ *aclamações*; *destrinçar*→*destrinchar*; *physica*→ *física*; *escriptora*→ *escritora*; *esthetica*→ *estética*; etc.
 13. Padronizou-se o uso das iniciais minúsculas em vocábulos (geralmente substantivos comuns) que nomeiam acidentes geográficos; os substantivos que se referem à flora e à fauna; os adjetivos pátrios; os dias da semana, meses e estações do ano, uma vez que a oscilação da autora revela que não houve preferência quanto ao seu uso.
 14. Padronizou-se o uso das de iniciais minúsculas em certas palavras ou expressões que nomeiam funções. Foram grafadas, assim, com iniciais minúsculas: *juiz de paz*, *governador*, *general*, *prefeito*, *ilustre*, etc.
 15. Alterou-se o uso de maiúsculas/minúsculas em vocábulos que seguem o uso de reticências, interrogações ou exclamações, quando é evidente o início de nova frase, com exceção de casos em que a autora usa (!...) ou (?...) com interjeições ou expressões no meio de uma estrutura frasal.
 16. Utilizaram-se iniciais maiúsculas, sem outro destaque, nos nomes de logradouros, de estabelecimentos comerciais e de instituições. Ex: rua do Lavradio.
 17. Manteve-se a grafia conforme o original de nomes de Instituições, estabelecimentos comerciais, logradouros, cidades. Ex: O Paiz – para designar o nome do periódico –; e país quando se referir à nação.
 18. Manteve-se a grafia dos antropônimos estrangeiros e da língua portuguesa tal como estão no original. Ex: Coelho Netto.
 19. Padronizou-se o uso das iniciais maiúsculas nos pronomes e expressões de tratamento, tais como: D., Dom, Dona, Sr., Sr.^a, S. Ex.^a, Vm.^{cê}.
 20. Padronizou-se a grafia em redondo e negrito para os vocábulos que ora apareciam em itálico, ora em redondo e entre aspas, quando se percebeu intenção simbólica, ou seja, de destaque da expressão, por parte da autora, para o uso de tal recurso.
 21. Padronizou-se o recurso gráfico do itálico: nas palavras ou expressões em língua estrangeira; nos títulos de obras – livros, peças de teatro, concertos musicais, etc.; nos nomes de embarcações [...?].
 22. Padronizou-se o uso de aspas para citações com menos de três linhas no corpo do texto e fonte menor com recuo de 3 cm da margem esquerda para citações acima de três linhas, uma vez

que a autora não estabeleceu um padrão ao longo de sua produção no periódico.

APÊNDICE B
Lista dos jornais onde estão as colunas: A SEMANA, assinada por
Carmen Dolores

1905

Quant.	N.	P.	Data	Observações
1	7397	1	08/01	INCOMPLETA
2	7404	1	13/01	INCOMPLETA
3	7411	1	22/01	INCOMPLETA
4	7418	1	29/01	INCOMPLETA
5	7425	1	05/02	INCOMPLETA
6	7432	1	12/02	INCOMPLETA
7	7439	1	19/02	INCOMPLETA
8	7446	1	26/02	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 25-27.
9	7453	1	05/03	INCOMPLETA
10	7460	1	12/03	INCOMPLETA
11	7467	1	19/03	INCOMPLETA
12	7474	1	26/03	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 28-30
13	7481	1	02/04	INCOMPLETA
14	7488	1	09/04	INCOMPLETA
15	7495	1	16/04	INCOMPLETA
16	7502	1	25/04	INCOMPLETA
17	7509	1	01/05	INCOMPLETA
18	7516	1	07/05	INCOMPLETA
19	7523	1	14/05	INCOMPLETA
	7530	1	21/05	Jornal digital não disponível. Não houve publicação.
20	7537	1	28/05	Grandes trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
21	7544	1	04/06	Grandes trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
22	7551	1	11/06	Grandes trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
23	7559 2ª feira	1	19/06	Grandes trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
24	7565	1	25/06	Grandes trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
25	7572	1	02/07	COMPLETA
26	7579	1	09/07	COMPLETA DOLORES, C.

				Ao esvoaçar da ideia.
27	7586	1	02/10 16/07 19/07	Não há coluna de Carmen Dolores no domingo, somente na 2ª feira.
28	7593	1	23/07	COMPLETA
29	7600	1	30/07	INCOMPLETA
30	7607	1	06/08	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 31-33.
31	7614 7615	1 1	15/08 16/08	Não há coluna de Carmen Dolores no domingo, somente na 2ª feira.
32	7621	1	20/08	INCOMPLETA
33	7628	1	27/08	INCOMPLETA
34	7635	1	03/09	COMPLETAVASCONCELLOS, 1998, p. 34-37.
35	7642	1	10/09	INCOMPLETA
36	7649	1	17/09	INCOMPLETA
37	7656	1	24/09	INCOMPLETA
38	7664	1	02/10	Jornal digital não disponível. COLETADA manualmente do impresso da 2ª feira.
39	7670	1	08/10	COMPLETA DOLORES, C. Ao esvoaçar da ideia. p. 37-43 CD
40	7677	1	15/10	INCOMPLETA
41	7684	1	22/10	INCOMPLETA
42	7691	1	29/10	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 38-40.
43	7698	1	05/11	INCOMPLETA
44	7705	1	12/11	COMPLETA
45	7712	1	19/11	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998.
46	7719	1	26/11	INCOMPLETA
47	7726	1	03/12	COMPLETA
48	7733	1	10/12	INCOMPLETA
49	7740	1	17/12	COMPLETA
50	7747	1	24/12	COMPLETA
51	7754	1	31/12	INCOMPLETA

1906

Quant.	N.	P.	Data	Observações
52	7761	1	07/01	Longo trecho ilegível.
	7768		14/01	Não há crônica de Carmen Dolores nesta semana.

53	7775	1	21/01	Longo trecho ilegível.
54	7782	1	28/01	Longo trecho ilegível.
55	7794	1	04/02	Longo trecho ilegível.
56	7801	1	11/02	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 44-46.
57	7808	1	18/02	Longo trecho ilegível.
58	7815	1	25/02	Longos trechos ilegíveis.
59	7822	1	04/03	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 47-49.
60	7829	1	11/03	Longo trecho ilegível.
61	7836	1	18/03	COMPLETA
62	7843	1	25/03	Incompleta. Poucas palavras ilegíveis.
63	7850	3	01/04	Não há jornal digital, nem microfilme disponível. COLETADA manualmente do impresso.
64	7857	1	08/04	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 50-53.
65	7864	1	15/04	COMPLETA
66	7871	1	22/04	COMPLETA
67	7878	1	29/04	COMPLETA
68	7885	1	06/05	COMPLETA
69	7892	1	13/05	INCOMPLETA. Poucas palavras.
70	7899	1	20/05	COMPLETA
71	7906	1	27/05	INCOMPLETA. Poucas palavras.
72	7913	1	03/06	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 54-57.
73	7920	1	10/06	COMPLETA
74	7927	1	17/06	VASCONCELLOS, 1998, p. 58-61.
75	7934	1	24/06	COMPLETA
76	7941	1	01/07	Jornal digital não disponível. Não há microfilme. COLETADA do impresso.
77	7948	1	08/07	COMPLETA
78	7955	1	15/07	COMPLETA
79	7962	1	22/07	COMPLETA
80	7969	1	29/07	COMPLETA
81	7976	1	05/08	COMPLETA
82	7983	1	12/08	COMPLETA
83	7990	1	19/08	COMPLETA
84	7997	1	26/08	COMPLETA
85	8004	1	02/09	COMPLETA
86	8011	1	09/09	COMPLETA

87	8018	1	16/09	COMPLETA
88	8025	1	23/09	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p.62-65.
89	8032	1	30/09	INCOMPLETA Folha do jornal rasgada. Impresso fotografado.
90	8039	1	07/10	INCOMPLETA Algumas palavras ilegíveis.
91	8046	1	14/10	COMPLETA
92	8053	1	21/10	Trechos apagados. Impresso fotografado.
93	8060	1	28/10	COMPLETA
94	8067	1	04/11	Trecho ilegível. Impresso fotografado.
95	8074	1	11/11	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
96	8081	1	18/11	Trechos apagados. Impresso fotografado.
97	8088	1	25/11	Trechos apagados. Impresso fotografado.
98	8095	1	02/12	COMPLETA. DOLORES, C. <i>Ao esvoaçar da ideia.</i>
99	8102	1	09/12	COMPLETA
100	8109	1	16/12	COMPLETA
101	8116	1	23/12	Trechos apagados. Impresso fotografado.
102	8123	1	30/12	COMPLETA

1907

Quant.	N.	P.	Data	Observações
103	8130	1	06/01	COMPLETA
104	8137	1	13/01	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 66-69.
105	8144	1	20/01	COMPLETA
106	8151	1	27/01	COMPLETA
107	8158	1	03/02	COMPLETA
108	8165	1	10/02	COMPLETA
109	8172	1	17/02	COMPLETA
110	8179	1	24/02	COMPLETA
111	8186	1	03/03	COMPLETA
112	8193	1	10/03	COMPLETA
113	8200	1	17/03	COMPLETA
114	8207	1	24/03	COMPLETA
115	8214	1	31/03	COMPLETA
116	8221	1	07/04	COMPLETA
117	8228	1	14/04	COMPLETA
118	8235	1	21/04	COMPLETA
119	8242	1	28/04	COMPLETA
120	8249	1	05/05	COMPLETA
121	8256	1	12/05	COMPLETA

				VASCONCELLOS, 1998, p. 70-73.
122	8263	1	19/05	COMPLETA
123	8270	1	26/05	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 74-77.
124	8277	1	02/06	COMPLETA
125	8284	1	09/06	COMPLETA
126	8291	1	16/06	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 78-81.
127	8298	1	23/06	COMPLETA
128	8305	1	30/06	COMPLETA
129	8312	1	07/07	COMPLETA
130	8319	1	14/07	COMPLETA
131	8326	1	21/07	COMPLETA
132	8333	1	28/07	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 82- 85.
133	8340	1	04/08	COMPLETA
134	8347	1	11/08	COMPLETA
135	8354	1	18/08	COMPLETA
136	8361	1	25/08	Trechos ilegíveis. COLETADA manualmente do impresso.
137	8368	1	01/09	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
138	8375	1	08/09	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
139	8382	1	15/09	COMPLETA. VASCONCELLOS, 1998, p. 86-89.
140	8389	1	22/09	COMPLETA. VASCONCELLOS, 1998, p. 90-93.
141	8396	1	29/09	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
142	8403	1	06/10	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
143	8410	1	13/10	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
144	8417	1	20/10	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
145	8424	1	27/10	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis.

				Impresso fotografado.
146	8431	1	03/11	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
147	8438	1	10/11	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
148	8445	1	17/11	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
149	8452	1	24/11	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
150	8459	1	01/12	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
151	8466	1	08/12	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
152	8473	1	15/12	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
153	8480	1	22/12	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.
154	8487	1	29/12	Não há versão digital. Disponível em Microfilme. Frases ilegíveis. Impresso fotografado.

1908

Quant.	N.	P.	Data	Observações
	8494		05/01	Jornal digital e microfilme não disponíveis. Exemplar impresso não disponível.
155	8501	1	12/01	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
156	8508	1	19/01	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
157	8515	1	26/01	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
158	8522	1	02/02	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.

159	8529	1	09/02	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
160	8536	1	16/02	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
161	8543	1	23/02	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
162	8550	1	01/03	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
163	8557	1	08/03	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
164	8564	1	15/03	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
165	8571	1	22/03	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
	8578		29/03	Jornal digital e microfilme não disponíveis. Não há exemplar impresso disponível.
	8585		05/04	Jornal digital e microfilme não disponíveis. Não há exemplar impresso disponível.
166	8592	1	12/04	COMPLETA
167	8599	1	19/04	COMPLETA
168	8606	1	26/04	COMPLETA
169	8613	1	03/05	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 94-96.
170	8620	4	10/05	COMPLETA
171	8627	1	17/05	COMPLETA
172	8634	2	24/05	COMPLETA
173	8641	1	31/05	COMPLETA
174	8648	1	02/06	COMPLETA
175	8655	1	14/06	COMPLETA
176	8662	1	21/06	COMPLETA
177	8669	1	28/06	COMPLETA
178	8676	1	05/07	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 100.
179	8683	1	12/07	COMPLETA
180	8690	1	19/07	COMPLETA
181	8697	1	26/07	COMPLETA
182	8704	1	02/08	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 101-103.
183	8711	1	09/08	COMPLETA
184	8718	1	16/08	COMPLETA VASCONCELLOS, 1998, p. 104-106.

185	8725	1	23/08	COMPLETA
186	8732	1	30/08	COMPLETA
187	8739	1	06/09	COMPLETA
188	8746	1	13/09	COMPLETA
189	8753	1	20/09	COMPLETA
190	8760	1	27/09	COMPLETA
191	8767	1	04/10	COMPLETA
192	8774	1	11/10	COMPLETA
193	8781	1	18/10	COMPLETA
194	8788	1	25/10	COMPLETA
195	8795	1	01/11	COMPLETA
196	8802	1	08/11	COMPLETA
197	8809	2	15/11	COMPLETA
198	8816	1	22/11	COMPLETA
199	8823	1	29/11	COMPLETA
200	8830	1	06/12	COMPLETA
201	8837	1	13/12	COMPLETA
202	8844	1	20/12	COMPLETA
203	8851	1	27/12	COMPLETA

1909

Quant.	N.	P.	Data	Observações
204	8858	1	03/01	COMPLETA
	8865		10/01	Não há coluna de Carmen Dolores. Substituída por Luis da CamaraReys.
	8872		17/01	Não há coluna de CD.
205	8879	1	24/01	COMPLETA
206	8886	3	31/01	COMPLETA
207	8893	1	07/02	COMPLETA
208	8900	1	14/02	COMPLETA
209	8907	1	21/02	COMPLETA
210	8913	1	28/02	COMPLETA
211	8920	1	07/03	COMPLETA
212	8927	1	14/03	COMPLETA
213	8934	1	21/03	COMPLETA
214	8941	1	28/03	COMPLETA
215	8948	1	04/04	COMPLETA
216	8955	1	11/04	COMPLETA
217	8962	1	18/04	COMPLETA
217	8969	1	25/04	COMPLETA
219	8976	1	02/05	COMPLETA
220	8983	1	09/05	COMPLETA
221	8990	1	16/05	COMPLETA

222	8997	1	23/05	COMPLETA
223	9004	1	30/05	COMPLETA
224	9011	1	06/06	COMPLETA
225	9018	2	18/06	COMPLETA
226	9025	1	20/06	COMPLETA
227	9032	1	27/06	COMPLETA
228	9039	1	04/07	COMPLETA
229	9046	1	11/07	COMPLETA
230	9053	1	18/07	COMPLETA
231	9060	1	25/07	COMPLETA
232	9067	1	01/08	COMPLETA
233	9074	1	08/08	COMPLETA
234	9081	1	15/08	COMPLETA
235	9088	1	22/08	COMPLETA
236	9095	1	29/08	COMPLETA
237	9102	1	05/09	COMPLETA
238	9109	1	12/09	COMPLETA
239	9116	1	19/09	COMPLETA
240	9123	1	26/09	INCOMPLETA (Duas frases no final da página). Impresso fotografado
241	9130	1	03/10	COMPLETA
242	9137	1	10/10	COMPLETA
243	9144	1	17/10	COMPLETA
244	9151	1	24/10	COMPLETA
245	9158	1	31/10	COMPLETA
246	9165	1	07/11	COMPLETA
	9172		14/11	Não há coluna de Carmen Dolores na semana.
	9179		21/11	Coluna A SEMANA assinada por Sylvia Seffala.
247	9186	1	28/11	COMPLETA
248	9193	1	05/12	COMPLETA
249	9200	1	12/12	COMPLETA
250	9207	1	19/12	COMPLETA
251	9214	1	26/12	COMPLETA

1910

Quant.	N.	P.	Data	Observações
252	9221	1	02/01	COMPLETA
253	9228	1	09/01	COMPLETA
254	9235	1	16/01	INCOMPLETA Trechos ilegíveis

255	9242	1	23/01	COMPLETA
256	9249	1	30/01	COMPLETA
257	9256	1	06/02	COMPLETA
258	9262	1	13/02	COMPLETA
259	9269	1	20/02	COMPLETA
260	9276	1	27/02	COMPLETA
261	9283	1	06/03	COMPLETA
262	9290	1	13/03	Trechos ilegíveis. Impresso fotografado.
263	9297	1	20/03	COMPLETA
264	9304	1	27/03	COMPLETA
	9311		03/04	Não há coluna de CD no jornal dominical nem na semana.
265	9318	1	10/04	COMPLETA
266	9325	2	17/04	COMPLETA
267	9332	1	24/04	COMPLETA
268	9339	1	01/05	INCOMPLETA Trechos ilegíveis.
269	9346	2	08/05	COMPLETA
270	9353	1	13/05	COMPLETA
271	9360	1	22/05	COMPLETA
272	9367	1	29/05	COMPLETA
273	9374	1	05/06	COMPLETA
274	9381	1	12/06	COMPLETA
275	9388	1	19/06	COMPLETA
276	9395	1	26/06	COMPLETA
	9402		03/07	Não há coluna de Carmen Dolores nesta semana.
277	9409	1	10/07	INCOMPLETA Trechos ilegíveis.
278	9416	1	17/07	COMPLETA
279	9423	1	24/07	COMPLETA
280	9430	1	31/07	COMPLETA
281	9437	1	07/08	COMPLETA
282	9444	1	14/08	INCOMPLETA Poucas palavras ilegíveis.
	9448	4	18/08	COMPLETA Obituário de Carmen Dolores.

Fonte do levantamento: Biblioteca Nacional.¹⁸⁸

¹⁸⁸ Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/paiz/178691>;
<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>; microfilmes e acervo impresso>.

VOLUME II
CRÔNICAS: A Semana
1905 - 1910

CARMEN DOLORES, ESCRITORA E CRONISTA
Uma intelectual feminista da *Belle Époque*



RISOLETE MARIA HELLMANN

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

RISOLETE MARIA HELLMANN

CARMEN DOLORES, ESCRITORA E CRONISTA
Uma intelectual feminista da *Belle Époque*

VOLUME II

Seleção de crônicas publicadas na coluna “A
Semana” do jornal *O Paiz* por Carmen Dolores
no período entre 08 de janeiro de 1905 e 14 de
agosto de 1910.

Orientadora: Prof^ª Dr^a Zahidé Lupinacci Muzart

Florianópolis

2015

CARMEN DOLORES
(1852-1910)

O PAIZ: “A SEMANA”

CRÔNICAS 1905

A SEMANA 19/02/1905 [7439]

Ao lermos outro dia nos jornais a notícia redigida em breves linhas banais do suicídio de uns e de outros, a impressão é já tão gasta pelo hábito de tantos desfechos voluntários, que mal comentamos.

O fato se nos apresenta esbatido, árido, vulgar, despidido geralmente dos detalhes psicológicos, cujo conhecimento nos faria sem dúvida vibrar de emoção e piedade.

E a vida corrente, a vida civilizada é por tal modo preenchida, é tão febril e absorvida, que não deixa margem aos longos entretenimentos. Mais um! Murmura-se. E passa-se depressa a notícia seguinte de caráter inteiramente diverso, na sede de coisas rápidas e variadas e sob o impulso desse estranho nervosismo do ente moderno, que parece gritar-nos ao ouvido, numa doentia aceleração do vivo sangue arterial: “Anda! Caminha! Agita-te! Nunca pares! Se não para morrer...”

Ainda assim, quando a vítima do suicídio é uma criatura na flor dos anos e romantizada por um amor infeliz, o pensamento popular demora-se um instante sobre ela, evocando com tristeza as causas que poderiam ter levado ao desespero supremo essa alma juvenil, feita de aurora e de esperança.

O enigma parece cruel. Como teve forças esse pobre ser tão novo de renunciar para sempre a um longo

futuro cheio de recursos, de consolações, de possíveis felicidades?

Se, porém, o desesperado foi um velho, o sentimento comum é de reprovação e de desdém, resumido na mesma frase um pouco irônica que atira sobre o desgraçado a poeira da irrisão.

Ora, não podia o velho esperar um bocadinho mais? Estava com certeza já caduco... que pateta!...

Não é esta a impressão que ressalta da notícia dada ainda quarta feira acerca de um desses dramas silenciosos – o suicídio de um ancião, do professor septuagenário, que vivia da caridade de seus discípulos após uma vida inteira de labor, e cujas últimas linhas encerraram um poema de dor atroz, dor irremediável, sem um alento, um respiro, um consolo?

Ah! Sim, essas curtas linhas tremidas, tortas, quando a mão profissional que as traçou bem conhecia a arte da regularidade e digráfica, ensinada a tantos pequenos entes – essas pobres linhas derradeiras aparecem terrivelmente eloquentes, na sua concisão discreta e desinteressada de tudo!

Obrigado nesse dia fatal a abandonar o seu último abrigo para se acolher no do genro, o mal-aventurado velho preferiu o necrotério...

Que responderá ao sinistro sentido de tais palavras o aludido genro, que mesmo após o desastre, não surgiu francamente a reclamar o triste e cansado corpo arrebatado nas lajes de uma calçada?

Mal dizem só das sogras.... Que diremos, entretanto, também dos genros, e os há tantos, que parecem encarar os pais da esposa como malfeitores, devendo-lhes, contudo, e a educação por eles fornecida, a felicidade conjugal que bestamente desfrutam?

Mas, ainda neste ponto, como em muitos outros, ninguém dirá coisa alguma, pela razão muito simples que o genro, por ser moço, terá sempre a simpatias gerais, e o sogro, por ser velho, só inspirará indiferença.

Triste, triste velhice! Julgam-na insensível: ela é apenas desconfiada e retrai-se, regelada pelo desprendimento que forma o vácuo em torno das suas necessidades afetivas desprezadas. Todos os acham o velho maçante, feio...

Ainda rico, ele é cercado de uma atmosfera artificial de calor e engrossamento, que lhe permite a ilusão de ser querido e lhe consente mesmo o triunfo viril de dominar, de ralhar, de ser rabugento à vontade. O dinheiro equilibra-lhe nas mãos débeis o cetro do governo. Mas pobre, roído de necessidades, humilde, com a roupa sovada, sem mais préstimo na vida que representa um velho – e então um velho intelectual, em condições de analisar cruelmente o seu isolamento moral e a sua degradação social?

Representa o caso humano mais lastimável que possa sujeitar-se a lente de um psicólogo. E o suicídio de um desses infelizes de cabeça de neve resume quanto existe de mais pungente na estrada do martírio lento e silencioso.

O moço, finalmente, busca a morte num assomo de exaltação e pensando

no abalo de dor que vai causar aos que o amam. Move-o quase sempre algum dos sentimentos que imprimem febre e coragem ao organismo do alucinado.

O velho, ao contrário, mata-se desanimadamente, por desesperança absoluta, por cansaço, sem nenhuma instigação de bravura; mata-se para... acaba de uma vez e bem certo de não deixar na terra o vazio, nem a saudade...

Se até os jornais pouco falam dele!

Surgiu esta semana, entre nós, com foros de realidade, o assunto do esplêndido conto de Zola, intitulado *Jacques d'amour*. E bom seria que, no caso, improvável, creio eu, de tornar-se verídica essa ressurreição de um marido desaparecido, pudesse a embaraçada e aflita esposa encontrar no redivivo a mesma generosidade cheia de abnegação que resolveu tão felizmente a perplexidade angustiosa da heroína do conto a que me refiro.

Jacques d'amour, com efeito, reaparecendo faminto, maltrapilho, misérímo, encontra a mulher no gozo do mais farto bem-estar com o segundo marido – um pletórico e jovial velhote, do qual já teve ela duas filhinhas. E é o bom humor do velhote que salva a situação. Mostrando alegremente ao redivivo a abastança da sua casa comercial, a prosperidade da esposa e a ternura das crianças, o velho parece perguntar ao inesperável se ele é capaz de substituir todos esses elementos de uma existência tão agradável... O primeiro marido sente tristemente que não, acobarda-se e retira-se...

No caso presente, agitado estes dias pela imprensa, que mais poderá

pretender esse ressuscitado – se de fato ele existe?

A felicidade primitiva – essa absolutamente acabou, não voltará. E já que tantos anos permaneceu ele pelos sertões perdido ali, errante acolá, só lhe vejo remédio e um consolo: torne para lá e imite a esposa na reorganização de um lar. Escolha algum casamento pelas múltiplas formas modernas, que tudo conciliou. É, *en attendant*, como a história não parece real, o que permite a galhofa, o redivivo que vá cantarolando o mormaço do sertão nortista:

*J'ai perdu mon Eurydice,
Rien n'égale ma douleur...*

Saltou-me aos olhos quinta feira, nesta folha, uma correspondência de Paris, que singularmente me emocionou. E só no espírito brasileiro ainda perdura a vibração dos últimos acontecimentos russos, estou certa que essa carta de Xavier de Carvalho a que aludo, terá acordado um geral sentimento de entusiasmo, pelo que ele nos conta do admirável acordo de tantas grandes nações civilizadas no protesto contra a barbaria do Czar Nicolau II.

Essa soberba cena da câmara francesa, então, é de fazer pular um parálítico gritar – bravo! A um mudo de nascença. Tanta solidariedade na manifestação generosa e ardente, contra os horrores praticados num país estranho e tão longínquo, só mesmo existe num povo como o francês, que não se subordina às chatas convenções e de repente explode juvenilmente e imprudentemente, num espontâneo arrojo de humanidade efervescente, merecedor dos mais francos aplausos

por parte daqueles que ainda vibram ao espetáculo de um belo rasgo de bravura.

É preciso, diz Xavier de Carvalho, que a mocidade acadêmica do Rio de Janeiro e de todas as cidades da livre República Brasileira se reúna à mocidade da Europa e da América do Norte, para condenar o crime da autocracia russa, formando **comitês** para angariar donativos destinados às famílias das vítimas da metralha e das patas dos cavalos...

Muito bem: mas o distinto correspondente do *Paiz* parece haver esquecido os efeitos do calor senegalesco destas paragens, e também a apatia nativa da nossa raça.... Nós por cá bisbilhotamos, mas não nos entusiasmos. Falta-nos a convicção, falta-nos a mocidade. A canícula nos amadureceu demais.

Qué viejos somos!...

Carmen Dolores.

A SEMANA 05/03/1905 [7453]

Ao aparecerem estas linhas o carnaval terá ensaiado os seus primeiros esgares de folia e os Zés Pereiras populares começaram aqui e ali, para gaudío da criançada, que ardentemente esquadrinha o mínimo vulto de mascarado, seja o mais sórdido dos diabinhos, a manejar uma longa e maltrapilha cauda vermelha.

A cidade inteira já haverá assumido a especial fisionomia desses três dias anormais, de sobre excitação e folguedo, com as suas lojas flamejantes de máscaras e roupas multicores os seus cartuchos de **confete policromos**, pessoas pela rua e as janelas com um ar de alvoroçada

espera, e a triste crônica desta coluna parecerá bem sensaborona e inoportuna, se é que alguém aceitar a estopada de a ler.

Embora de índole adversa a essa espetaculosa festa do deus Momo, não posso deixar de recordar, com restos de uma impressão que foi viva, o carnaval de dantes, quando o entrudo não tinha ainda reaparecido para afugentar os grandes e triunfais cortejos carnavalescos percorrendo horas e horas a rua do Ouvidor, numa inaudita pompa de suggestionar a retina, e as *toilettes* femininas ricas, exibidas nessas datas, e a liberdade de todos se moverem na tração do prazer e da curiosidade, sem o risco do banho forçado e tão desagradável.

Os carros de ideia circulavam livremente, engraçados, picantes, irônicos, dando vida às críticas do momento; e o alto dos complicados tronos dourados, balançados ao trote das parelhas luxuosamente ajaezadas, em conchas decorativas, surgindo dentre enormes ramalhetes, de flores violentas de forma e colorido, deitadas, reclinadas, em pé, nas mais várias atitudes – mulheres se exibiam, de uma beleza teatral e perturbadora, o braço nu em relevo sobre estofos de púrpura e cujos olhares passavam sobre as janelas cuja altura atingiam, cruzando as chispas das suas pupilas incendidas pela febre da folia com as centelhas desferidas por milhares de vistas fascinadas e cobiçosas.

Mas depois veio o entrudo, os cordões das brilhantes sociedades encolheram-se diante da água – e só ficou do carnaval a berraria, a seringa brutal, a luta braço a braço, ou balde a balde, o rosto desfigurado com os

cabelos ridiculamente pingando, empastados, e a sujeira, enfim, a troça...

Em Petrópolis, o espetáculo era pavoroso. Homens do povo, em mangas de camisa assaltavam na rua senhoras de posição e despejavam-lhes por cima das cabeça bacias cheias d'água, inutilizando chapéus de preço, vestidos de seda, toda a roupa. O ano passado, os atos de selvageria subiam a tal grau, que nem crianças de peito escaparam às agressões.

E, detalhe curioso, o rio que atravessa as avenidas foi esvaziado, tanta água lhe tiraram, de modo que o leito apareceu a seco e bem pouco agradável à vista e ao olfato. De quando em quando, combatentes recorriam às farmácias, de cara esborrachada por enormes limões de cheiro, ou com um olho vazado, ferido, em petição de misérias. E, finalmente, a cidade parecia atacada de loucura, sem exceção de nenhum bairro nem de nenhuma classe...

Esperemos a esta hora que as proibições repetidas das autoridades policiais, na capital e em outros lugares, sejam enfim atendidas e consigam acabar de vez com o desastrado e grosseiro entrudo. Ressurja o velho carnaval em sua feição primitiva, ruidoso, arrebicado, coberto de ouropéis, exibitivo, doido, cabriolando ao som dos guizos e pandeiros, batucando ao sonoro ritmo dos Zé Pereiras, enchendo as ruas de uma efêmera vida de insensatez alegre – mais ressurja deveras, esmagando para todo o sempre qualquer tentativa de molhadela, e a própria saúde pública lhe será reconhecida.

Esta semana foi de perfeita insipidez, e quase nada existe a registrar, como fato digno de nota ocorrido na grande cidade ardente, entregue aos tédios do verão. Um ou outro desastre de bondes; algum suicídio para que não e perca o hábito, insignificantes assassinatos para quem não foi a vítima, despidos da nota passional que os põe em evidência.

O convento da Ajuda reabilitou-se da pecha de arruinado e voltou a normalidade da sua inviolável quietação.

A grande avenida continua a preparar-se para embasbacar o estrangeiro.

Dois conhecidos médicos – um deles até atingindo já a celebridade – brigaram, puxaram de um tinteiro e de um revólver, ameaçaram-se, foram a imprensa, a polícia, a toda a parte, e em seguida berraram: - **Abaixa o pano!** E ninguém mais soube do fim da peça – drama ou entremez.

Enfim, a falta de assunto é tal que não há positivamente nada a dizer nem a comentar.

A vida toda refugiou-se em Petrópolis, sem o chefe do estado deixando a capital deserta, insossa, cabeceando de enfado e de calor.

Nessas lamentáveis condições, não tem o cronista remédio senão subir também a serra e invadir a seara do competente correspondente desta folha nas aristocráticas paragens, metendo o seu bedelho onde não foi chamado, para repisar um assunto já bem discutido, mas que ainda assim interessa por certos atos não explorados. Refiro-me ao assunto que se prende a jovem pianista Magdalena Tagliaferro, cujo nome tem ocupado

toda a imprensa num uníssono de elogios.

Eu com franqueza, quando comecei a ter as primeiras notícias, embora tendo conhecido Magdalena pequenina, tratei de reservar o meu juízo desconfiando das propagandas de uma certa *coterie* musical em que ela por ventura tivesse caído em graça.

Concentrei-me, observei e esperei, mas mais hostil que favorável – confesso aqui, a bater no peito com humildade e com contrição.

E foi nessa disposição pessimista que entrando para um ensaio, no barracão do Club dos Diários avistei sobre o estrado dos concertos ao fundo da sala uma deliciosa criaturinha de cabelos claros, pernita ainda à mostra sob o vestido curto, muito infantil, muito simples – que estudava ao piano peças difficílimas com a naturalidade de quem executa coisas da maior facilidade.

Pus-me a ouvir – e fiquei pasmada de admiração.

Toda a barreira prevenção desmoronou-se com estrépito e, leal como sou, confessei logo a mim mesma que os elogios da imprensa ficavam ainda aquém da verdade artística e que a menina Magdalena é estupenda! Pouco depois ela vinha a mim e conversávamos. A minha impressão feliz cresceu.... Imaginem que essa criança não recebeu ainda o contágio da *morgane* petropolitana!

É singela, é amável, é graciosa, é encantadora... sua boca fresca sorri sem nenhuma pretensão. E que linda cabeça!

Uma testa abaulada, enérgica, emergindo de duas ondas de cabelos alourados, caindo ao longo das faces

até os ombros. Pequena para os seus 12 anos, vestida sempre de branco, a perna de fora, e lá denota em todos os seus movimentos e em todos os seus atos o mais saudável equilíbrio, uma calma gentil, que a levará longe no caminho do gênio – se continuar a estudar. Tal qual é, já constitui o mais assombroso caso de talento precoce. Seu jogo é de artista acostumada, cuja alma vibre na interpretação variada de cada trecho. A elegância da pequenina mão no dedilhar das teclas é um gozo para a vista do espectador. E a memória parece extraordinária, como testemunharam todos quantos a ouviram nesse belíssimo concerto, onde ela se moveu, tocou e agradeceu, em frente a um auditório de talvez seiscentas pessoas, com a graça ingênua e instintiva de um passarinho.

Em resumo, Magdalena Tagliaferro foi o assunto sensacional da semana e tinha, portanto, o seu lugar nestas linhas. Que Deus lhe conserve sempre, ao lado do talento, essa rara e incomparável despretensão, que as lisonjas ainda não destruíram. Sirva-lhe de conselho esta frase de Mme. Necker: *La simplicité est la coquetterie du bon goût*.¹

Carmen Dolores.

A SEMANA 02/04/1905 [7481]

O grande interesse destes oito dias o pivô das nossas esperanças mais calorosas, foi o sol, o sol, o sol, que enfim se deixou tocar pelo ardor das nossas súplicas, e surgiu, e raiou, e aqueceu... Bendito sol!

Aqui, nestas minhas montanhas, sempre tão encarapuçadas de branco, mesmo sem chuva a ânsia da luz e do calor havia tomado proporções assustadoras. Olhos ávidos, olhos frenéticos, ameaçadores, investigavam cada manhã os horizontes afogados em bruma ou riscados já pelas grossas cordas do aguaceiro diário; e imprecações partiam dos animais dos carros de praça – que todos entisicaram. Os próprios sapos caíram atacados de gripe, notando-se o excesso de rouquidão no coaxar das longas noites soturnas... Mas, ao raiar de quarta-feira, alguém notou que certa claridade amarela transparecia levemente por entre os rolos do nevoeiro... Foi um clamor! Será o sol? E, não é... fizeram-se apostas febris, e todos ficaram de vista cravada nas ondas de neblina, que pareciam de fato adelgaçar-se, desfazer-se, rasgar-se... Uma luz mais viva e mais clara ia rompendo as camadas.

E, de repente, uma larga abertura produziu-se, o azul resplandeceu e o sol pôs-se à janela, sacudindo a juba de raios, enquanto farrapos de bruma voavam por todos os lados, rotos, brancos, dispersos, caindo aqui, rolando acolá...

Então, no meio da vozeria triunfante que se ergueu, uma voz cantou:

C'est monseigneur le Soleil

¹ A simplicidade é a coquetterie do bom gosto.

*Qui défait ses papillotes...*²

E cada um correu depressa a gozar a boa luz, o bom calor, o sorriso da natureza, todas essas boas coisas que a modinha brasileira assim:

**Não há nada como o sol
Prá aquecer os corações...**

No Rio, sentia-se a jubilação geral no polvilhamento luminoso, enchendo cidade toda de um sussurro de vida. A rua do Ouvidor pôs-se de gala, exibindo risos e *toilettes* femininas, frescas e alegres. E o azul lindíssimo do firmamento casava-se com o azul das almas, penetradas do prazer de existir, de palpar, de estremecer ao frêmito das paixões humanas, desabrochando novas e vivazes à irradiação do belo astro criador, tanto tempo escondido, a se fazer de rogado...

Tudo isso, porém, passou como um sonho: e eis-nos de novo a suplicar ao Sr. Sol o prazer de um sorriso...

Quem decerto não tomou parte nesse *renouveau* produzido pela ressurreição do sol, foi aquela pobre mulher de uma tal companhia francesa, a quem fugiu o marido com a filha adotiva, desde pequenina criada em seus braços.

Há casos em que o negrume das borrascas parece menos cruel que a maravilhosa claridade de um límpido horizonte. Sofrer ao sol é duro; antes sofrer à chuva, sentindo entre a natureza arrepiada e o nosso coração confrangido certa similitude, senão consoladora, ao menos apaziguadora e refrigerante. E logo esse miserável

Amadeu, que amou demais, e não a Deus, mas a uma filha – não achou outra ocasião para sua covarde traição senão estes raros dias incomparáveis, cujo anil radioso está positivamente a insultar a treva desolada que invadiu o espírito da sucumbida criatura ferida em dois sentimentos de um só golpe!

Casada outrora em Barcelona, ela deve ter tido *salero* nos gestos, frescura nos lábios, vermelhos como os cravos que mordiam, e fulgor, enfim, nos olhos, esses mesmo olhos empanados hoje pela dor e pelas lágrimas. Teve, em suma, mocidade, amor, tudo; mas faltou-lhe uma coisa: o egoísmo, que conserva e que protege contra os choques da existência. Cedeu à sensibilidade doentia de mulher e caiu em amparar ao seu calor afetivo uma criança enrolada sem mãe, no Brasil. Uma imprudente obediência – entre nós – à clássica frase do Cristo, mandando vir a nós os meninos, sobretudo alheios.

Como quer que seja, ela criou a pequena, que se fez grande, elegante, bonita, que se tornou a estrela da companhia e aprendeu a conquistar todos os aplausos com a sorte do tiro ao alvo, em cujo exercício foi adquirindo essa firmeza de pontaria que acertou em cheio no coração da mãe.

O pai, esse babava-se pelos triunfantes dezoito anos da filha – e tanto se babou, tanto se enterneceu e entusiasmou, tantos castelos em Espanha construiu na fogosa imaginação de espanhol, que esqueceu respeitos humanos, deveres, tudo, e lá balou no vapor *Spagne* com a rapariga, que naturalmente se foi a cantar, como Carmen:

² É monsenhor o Sol,
Que desfaz seus papelotes...

L'amour est un enfant de bohème

*Qui n'a jamais connu de loi...*³

Bem deve ter suspirado o mundo [ilegível] *chic* de Petrópolis, evocando a desempenada figura dessa jovem atirado, que se exibiu na aristocrática cidade, em uma *troupe* do Cassino Fluminense!... Era linda, mas era menor e tinha papai, tinha mamãe... os suspiros hesitaram, mas agora não hesitam mais, tão arrependidos da primitiva vacilação!

É tarde, porém... singra os mares a incestuosa Amparo, que deixou ao desamparo a outra, a mãe adotiva, a atiradora envelhecida e desprezada, sem mais alvo na vida, e cujo único remédio foi recorrer às autoridades policiais, reclamando os fugitivos, que para o seu próprio bem talvez nunca mais devam voltar...

Já uma vez mereceu esta obscura crônica um protesto feminino, em favor do cartão postal, que eu criticara. Esta semana, por entre o arrastar dos dias lentos e despidos de interesse, outra carta me chegou, mas esta de pedido e não de queixa, e tão finalmente redigida numa letra de mulher, elegante e bem lançada, que logo eu me curvei, seduzida, ao espírito superior que ditou as graciosas linhas.

Demais, as ideias dessa pessoa, que eu bem quisera conhecer, concordaram tão harmoniosamente com as minhas, que o cumprimento dos desejos exprimidos nessa carta só

pode ser para mim um prazer, nunca um sacrifício.

Roga a minha anônima correspondente que eu verbere nesta coluna a descortesia que lavra nos homens, entre nós, e os leva a ostentar princípios grosseiros acerca da mulher, do amor e da fragilidade feminina... Pede-me **palavras enérgicas** a propósito desses, principalmente, que, quanto mais são parvos, [ilegível] ou pedantes, mais zurzem qualquer mulher que se distingue com a arma da brutalidade ou da torpeza...

E eu, na verdade, bem desejaria encarregar-me dessa missão, que aos menos nervos se afigura tão simpática... mas... mas, minha senhora, para quê? A nossa sociedade atual, composta de elementos heteróclitos, está constituída de tal forma, que as minhas **palavras enérgicas** teriam efeito apenas sobre meia dúzia de indivíduos isolados, que pensam como nós. Os outros, os néscios e os descortesies, apoiados na solidariedade do número continuariam o que são e até piores, redobrando de toleima e de malcriação.

E então eu lhe aconselho, minha senhora: ria-se antes de tudo isso, que o riso é também uma força.

Queixa-se V.Exa. que um cavaleiro, recebido pela sua família com a maior gentileza, deixou de repente de voltar a sua casa, sem uma desculpa, uma atenção... outro, em um bonde elétrico, esmagou-lhe os pés com o grosso tacão da bota... Terceiro, encontrando-a na rua, gritou-lhe: “como está madame?” Apelido que o uso qualificou de grosseiro e só empregam os imbecis, referindo-se a costureiras ou parteiras estrangeiras.

³ O amor é um filho da boemia,
Que jamais conheceu a lei...

Ora, minha senhora, trate de rir-se. Eu, há dias, tanto me ri! Almoçando na barca de Petrópolis, tive por vis-à-vis um homem que nunca me olhou, nunca viu meus esforços para alcançar o sal, o pão ou a manteiga, e comeu sempre como um alarve, e nunca imaginou que há um código de delicadeza outro, na ponte, empurrou-me tão desabridamente, para me tomar a dianteira, que quase me arroja ao mar...

E que fazer a isto? Só mandando a todos eles um manual do bom tom, o que seria inútil, além de dispendioso, porque essas pessoas nunca leem livros, apenas os jornais do dia, ou então encarando a descortesia pelo lado cômico e tomando um regalo de riso, como uma aconselhava Demócrito.

Eis o que unicamente posso responder à sua encantadora missiva, minha senhora.

Quanto ao amor, já La Rochefoucauld dizia que todos falam dele, mal ou bem; mas raros são os que o conhecem. Não ama quem quer... E concluirei repetindo a bela e altiva frase de Mme. Lambert:

*Il n'y a rien de borné dans l'amour [ilegível] que pour les âmes bornés.*⁴

Carmen Dolores.

A SEMANA 07/05/1905 [7516]

Um nosso poeta pintou com vibrante sentimento o efeito milagroso de uma lágrima, de uma simples lágrima sob o seu coração cheio de cólera, onde a indignação dos zelos ou da ruptura havia apagado toda a chama do amor:

Para me desarmar a alma irritada

foi bastante uma lágrima
ou o pingo d'água
que em teus olhos vi...

E voltou-lhe a doce lembrança dos passados sonhos, dos sorrisos, dos olhares lentos e afogados em ternura, exprimindo mais eloquentemente o desejo e a paixão que todas as palavras e juras mais ardentes e solenes.

Na verdade, o pranto feminino foi sempre meu poderoso auxiliar do amor, com a condição, bem entendido, de nunca se tornar repetido, excessivo, monótono, piegas, rezingueiro e vulgar, pois desta maneira serve apenas para enfastiar aquele que deve entender ao mesmo tempo que avermelhada e umedece pouco sugestivamente o nariz da galante cheirosa.

Neste caso, em vez do beijo comovido e reconciliador, surge a oferta de um lenço:

- Assoe-se, minha doce amada, e depois faça o favor de deixar-me em paz, sim?...

Mas umas lágrimas silenciosas, verdadeiras, magoadas, rolando vagarosamente por uma face pálida de dor ou de ansiedade, e que imploram perdão de alguma culpa ou solicitam piedade e consolo para a angústia que revelam na sua muda linguagem – que

⁴ Não há nada limitado no amor [ilegível] senão para as almas limitadas.

grande meio de ação sobre a alma mais empedernida! E como são comunicativas! O experiente Rousseau escrevia: *Rien ne lie tant les cœurs que la douceur de pleurer ensemble.*⁵

Pois bem: tudo isto a respeito do pranto feminino aparece desmentido pelo fato da semana em que a crueldade do homem no amor ainda uma vez tomou duro relevo.

Eram, contudo, uns olhos de dezoito anos, olhos de primavera e de esperança, que choravam nesse quarto, onde se refugiara a paixão, a princípio triunfante, por ter vencido todos os obstáculos e princípios de moral, mas logo cedo cansada e enfurecida contra as responsabilidades assumidas. E ela ficava sozinha com as suas lágrimas, enquanto ele voltava à devassidão passada. Até que num dia Lovelace surpreendeu o choro e a dor... comoveu-se, como o poeta da lágrima? Sentiu que as suas próprias pupilas se empanavam e umedeciam, na terna comunicabilidade do pranto, conforme sentenciou Rousseau?

Qual! O conquistador moderno não chora, faz somente chorar, e goza as lágrimas que provoca, em requintes satânicos.

Puxando a amante pelas mãos trêmulas, o Lovelace regalou-se inefavelmente de contemplar esse pobre rosto contraído e alagado de pranto; em seguida, esgarçou-lhe em cima, esbofeteou-o, bateu-lhe, bateu-lhe com impaciência, com raiva – martirizou, enfim, com a máxima

brutalidade a vítima do seu amor passado e do seu ódio presente...

Felizmente que o modernismo tem suas vantagens ao lado de muitas desvantagens. Uma heroína antiga de semelhante cena tombaria vencida pela horrível perversidade; mas a heroína moderna, mais prática, sabe correr ao delegado de polícia e oferecer para corpo de delito o seu próprio corpo de maltratada, moído de pancadas, e as suas infundáveis lágrimas, que dantes escorriam de tristeza e hoje escorreu de vingança.

Será bem justo que castiguem o Lovelace; mas há mesmo penas para tais delitos?...

Dúbito. A justiça é feita pelos homens e raramente favorece a mulher.

O assunto de todos estes dias ainda foi e continua a ser o referente ao morro do Castelo, cujas velhas entranhas a picareta dos trabalhadores revolve sem dó, sob as vistas ansiosas dos populares febris e a instigação dos engenheiros, agora também já menos calmos e incrédulos. Parece, com efeito, que o idoso morro tem os intestinos cheios de mistérios, de alcapões, de escaninhos, abrindo caminho a todas as suposições; e diante de tantas surpresas combinadas com tanto documento vindo novamente à luz, a incredulidade hesita, vacila... Meu Deus, quem sabe?!... E se for verdade?... O resultado dessa hesitação é um empenho de energias, imprimindo maior ardor às escavações que devem descobrir esses tesouros a Monte Cristo.

⁵ Nada liga tanto os corações como a doçura de chorarem juntos.

Enquanto se espera, a polícia vai enchendo o tempo e os claros. Todo o mundo faz política, entre nós, até o sapateiro do canto.

É chegado, jantares, recepções, boatos, elogios, descomposturas, - tudo serve para ser comentado pró ou contra e para manter a temperatura do tédio no meio termo decente, que não deixe acampar de todo a cidade o marasmo e o *spleen*.

Se, por entre esses fatos e acontecimentos que só ocupam deveras os interessados, algum pobre diabo agoniza com a família à míngua do pão e a espera de uma rabisca salvadora, que sancione o meio d'ele ganhar a vida; se os dias se passam para esse mártir a esperar angustiosamente esse traço de pena, essa assinatura lançada com egoística indiferença no papel que o nomeia qualquer coisa de muito insignificante, mas que, em suma, será o recurso contra a penúria suprema e contra as lágrimas de crianças nuas e abandonadas - que importa isso a indiferença dos superiores, cujo repasto copioso é garantido pela posição e pela abundância dos ordenados? Que importa isso também a humanidade? Um homem que sofre é de tão pequeno peso na balança da vida corrente! Ele que agoniza, que verta lágrimas de sangue, e afinal mesmo que morra e seja arrastado como inútil destroço pelos turbilhões da onda. A rabisca que o poderia salvar, só viria quando o capricho entender que ela deve vir. Se o encontrar ainda vivo, embora gasto, roído pelo desespero, sem mais alento para o trabalho, tanto melhor; se o encontrar morto, tanto pior. *À d'autres*.

Necessitados não faltam. É maior valor do que eles e do que todas essas fomes e todas essas atrozidades expectativas, tem a descoberta dos mistérios do Castelo, cuja discussão impressiona a fantasia e entretém alegremente a palestra, à sobremesa, entre a boa fatia de queijo e o cálice de velho vinho do Porto.

A rainha Maria Antonieta, quando o povo francês, faminto e miserável, pedia pão aos brados, perguntava porque não lhe davam brioche. E o caso do Castelo parece agora um pouco a brioche da altiva e desditosa rainha. Tanta fome entre nós, e só nos preocupamos com esse ouro, que o vetusto morro guarda ou não dentro dos seus mistérios flancos.

O engenheiro Dutra, se algum dos simplórios populares, apertado pelo forçado jejum, lhe estender a mão, apontará gloriosamente para a abertura dos subterrâneos e responderá com sua voz autoritária de chefe e de mineiro:

- Entre ali e coma brioche...

A propósito destas questões, que o *pope* Gapon talvez não desaprovasse, mereceu esta semana que um núcleo religioso, notável no mundo do *chic*, se sublevasse contra uma destas humilíssimas crônicas do mês findo.

Queul honneur!...

O assunto desse infeliz artigo foi o retiro espiritual da quaresma. E podia eu com fundamento protestar contra a acusação que me foi feita, de uma referência especial à corporação católica na moda em certo e determinado lugar.

Efetivamente, não citei nomes nem indiquei localidade. Fiz uma leve crítica geral, mesmo um tantinho

acentuada pela ponta da fantasia – e mais nada.

Se, entretanto, a consciência de algumas veneráveis (no sentido de virtuosas) senhoras as obrigou a encaixar nos belos cabelos a carapuça das minhas palavras, nenhuma responsabilidade me cabe nisso.

Neste caso não devem também elas ler as *Farpas de Ramalho Ortigão*, e muitos romances de Dickens, além de um sem número de páginas de autores diversos, censurando humoristicamente certos excessos de religião e virtude, cujos resultados são diametralmente opostos a esses preceitos da santa igreja que tanto dizem acatar.

Deus manda, por exemplo, que a mulher trate dos deveres domésticos e fie o claro linho no interior da sua casa. Contam, entretanto, esses autores – abalizados, diria o Conselheiro Acássio – que mães cristãs iam reunir-se no salão de um asilo religioso abandonando lar, marido, filhos, criados, para coserem juntas, gárrulas e numerosas, roupas destinadas a criancinhas indigentes de países longínquos.

Cosiam, porém, essas senhoras *de luvás*, o que é penoso, confessemos, de modo que cada ponto de costura era interrompido por uma ponta de maledicência, por algum comentário, fincando melhor que a agulha, por ditos, risos, e, como conclusão, as crianças estrangeiras ainda por lá andam maltrapilhas, exatamente como as nossas, que não tem por si mães cristãs, mas apenas as próprias mães necessitadas...

Isto contam os livros...

Eu, porém, digo, como *Molière*:

Le ciel défend de vrai, certains contentements;

*mais on trouve avec lui des accommodements.*⁶

Carmen Dolores.

A SEMANA 04/06/1905 [7544]

Grande sucesso, quinta feira, a reunião de algumas senhoras inteligentes, em que se discutiu a sorte da mulher no Brasil. E, deplorando-a, uma dessas senhoras, mais lida e mais viajada, estabelecia um confronto e fazia notar que, à proporção que o velho mundo aperfeiçoa a sua civilização, cresce com ela o culto do feminismo cujo desenvolvimento marcha a par do progresso geral, conquistando cada dia maior esfera de ação, mais fortes e assinalados triunfos.

A mulher europeia, de fato, vive, trabalha, reina... É a verdadeira companheira do homem, de quem não aceita passivamente o esforço e o labor, como ente inferior e condenado a um acanhado papel de expectativa e submissão ininteligentes, mas ao qual auxilia, se é preciso, numa igualdade de forças combativas, partilhando lutas, penas, alegrias, tudo.

Não é, todavia, o posto que sucede entre nós?

Ai! Sim, sim, por mal dos nossos pecados, respondemos todas...

E o defeito vem de muito longe, dos nossos princípios, da nossa triste

⁶ O céu proíbe verdadeiramente certas alegrias

Mas encontra-se nele acomodações.

origem, da nossa primitiva subserviência colonial, da nossa tara escravocrata – o que me fez pensar uma coisa.

O prefeito embeleza e engrandece a nossa capital, destruindo o passado e enterrando as tradições caras do povo, para abrir novas e largas avenidas sobre as antigas ruas estreitas e levantar palácios no lugar dos escuros pardieiros. Ora, porque não encontraríamos um educador de espíritos que imitasse moralmente o prefeito nessa obra de radicais alterações, dando um supremo golpe nos preconceitos da ignorância e parvoíce acerca da mulher, e construindo ideias adiantadas, que nos fornecessem uma criatura de belo sexo segundo o molde exigido pelas evoluções de tempo?

Sim, por quê? É então impossível acabar com essa falsa e estúpida prevenção contra a superioridade feminina, que faz supor unicamente virtuosa, boa e capaz de ganhar o lote de felicidade doméstica, a senhora destituída de centelha intelectual, que, em solteira, só cultiva a frivolidade das *toilettes* e das artes superficiais de *agrément* - uma valsinha ao piano, um bordado em relevo – para apanhar o marido, e que mais tarde si sabe cuidar da cozinha e ralhar com os criados, quando não cai no beatismo das sacristias?...

Aconteça, porém, o marido empobrecer... Aí temos um forçado a esgrimir-se pelo pão até cair prostrado, vencido, enquanto a esposa e as filhas esperam apaticamente em casa, lamuriasas e inertes. São mulheres e brasileiras: fazem *crochet* e *tricôt*. Nada mais podem.

E se alguma rompe a rotina, trabalha, escreve, dá lições, as outras, e também os homens, todos esticam um desdenhoso beijo e murmuram, abanando gravemente com a cabeça:

Anda por aí ganhando a vida, ensinando, fazendo uns livros...

É quase uma desqualificada...

À propósito, li ultimamente no *Fígaro* um esplêndido artigo feminino, intitulado – “*De la tapisserie à l'encrier*”, onde a sua autora discute brilhantemente o erro de se preferir para o sexo fraco o trabalho de agulha ao trabalho intelectual. Este, diz ela, ativa todas as nobres faculdades do cérebro; o outro anula-as, forçando a mulher aos longos e concentrados silêncios, que escapam as ressalvas mentais, as dissimulações do pensamento.

Curvada sobre a costura, a mulher é uma esfinge.

A impassibilidade exterior pôde ocultar a mais ardente febre passional, todas as possíveis desordens da imaginação. Ao passo que a intelectual, quando deixa correr a sua pena, vasa lentamente sobre o papel tudo quanto lhe vai na alma – as suas preferências, os seus ideais, as suas aspirações...

De mais, que resta, após algum tempo, dos *crochets* e bordados? Uns panos cobertos de poeira e sem maior utilidade. Da escritora, porém, da artista, ficam os livros, as obras, senão granjeando a glória, o que é por vezes questão de chance, perpetuando ao menos a sua lembrança.

Um bravo! Pois, à fina articulista francesa, que bem prova viver nesse dourado foco espiritual, que é Paris,

onde a mulher tem os seus privilégios garantidos.

Mas também, que febre de atividade de produção!

Mme. Alphonse Daudet não se deixa vencer porque se extinguiu o marido: vive, escreve, acaba agora mesmo de publicar um volume de novelas: [ilegível] *Miragem*.

Da viúva de Hector Malot aparece o romance: *Cours d'Amours*. A formosa Condessa de Noailles, cujos olhos de gazela fascinarium um rochedo, se os fosse dar à luz da publicidade livros sobre livros.

Estão na moda Luisa Gruppi, esposa do deputado republicano, que tanto se impõe atualmente em Paris, como oração eloquente, e *Gardeline-Gardeline* [ilegível], como os seus tratados literários, e de um salto se acha em plena celebridade, discutida e aclamada.

E que apreço merecem, novas, veleadas, plebéias, nobres! Adelina Patti recebe a cruz da Legião de Honra, Rejane é descrita jogando o *tennis* em Menilly, de sapatos brancos e vestido claro. Mme. Edmond Rostand vê o seu retrato feito por Caro-Delvaile e figurando no salão de 1905 numa extraordinária *loi belle art nouveau*, alambicada, pretenciosa, que aqui logo seria assunto de muita crítica, mas que lá todos acatam, respeitando a mulher de talento, poetisa notável que vestiu para se retratar!

Jeanne Hugo, a eterna e linda divorciada, lê o seu nome nos jornais sem um comentário injurioso...

Oh! Leve paraíso feminino! ...

E como nós fechamos quinta feira a nossa conferência feminista,

endeusando convencidamente a mulher intelectual, fina e estética, que conhece o valor de um livro, de um quadro, de um trecho musical, de uma obra de arte, que sabe conversar e sorrir, sem falsas *pruderies* e sem falar da vida alheia, que ao próprio lar traz a graça, o espírito e a comunhão elevada de pensamentos, em vez da estreita passividade e dos mesquinhos ideais do passado colonial da nossa terra, que se resumem numa casa sem conforto, que regela, mesmo rica, ausente a flor e o perfume, numa infinidade de filhos a berrarem, numas costuras e numas beatices!...

Quando muito, a civilização nos trouxe a frivolidade e a maledicência... E é tão pouco!

Encerrou-se no dia 31 o poético mês de Maria, durante o qual resplandeceram as igrejas, com os seus altares estrelados de círios acesos e cobertos das alvas e efêmeras flores de maio, enquanto os cânticos sagrados enchiam o recinto das suas sonoridades mais ou menos afinadas, em louvor à Virgem Mãe.

É a mais linda, mais doce e mais risonha festa religiosa, que eu conheço.

E por falar nisto, sou forçada a defender-me aqui contra a injustiça pecha de ateísmo, que andam a jogar-me em cima, por causa de certas verdades escritas nestas crônicas e baseadas numa fiel observação, na lógica e na razão imparciais.

Não, não sou livre pensadora.

Eu creio, e creio firmemente, exaltadamente até, em Deus, mas num Deus que é grande, justo, bom, misericordioso, como no-lo pinta a

velha Escritura Santa, e nunca no deus que forjam os interesses e as convenções do mundo atual!

A primeira base da religião, afinal, é a igualdade. O admirável Cristo sempre o pregou, e os humildes encontraram ao calor das suas sublimes doutrinas o mesmo conforto espiritual que os poderosos. Que fizeram, porém, os homens dessas palavras divinas? Deturparam-nas, torceram-nas em seu proveito, servindo-se apenas da Divindade, que as ditou, como um manto prestigioso que, não só encapa as suas paixões humanas, como as protege contra qualquer ataque ou censura. Ao menor protesto: “Aqui d’el-rei! Que agimos em nome de Deus e santos somos...”

Mas é o que resta averiguar.

Haverá nada menos conforme a religião que o favoritismo cultivado pelo clero – um sacerdote que escolhe as suas ovelhas com prejuízo de outras do mesmo aprisco, porque aquelas são consideradas, ricas, têm relações e favorecem rendosamente o culto das igrejas?

Um sacerdote que faz boa ou má cara a alguma dessas ovelhas, só pela informação de outras, obedecendo ao espírito das *côteries* e sem estudar a veracidade desses avisos, nem destringar a vingança pessoal que tantas vezes se oculta sob tais murmúrios, filhos da inveja, da intriga ou da calúnia?

Ah! não, de certo, Deus não sanciona semelhantes atos: e é a esse Deus que eu arremesso a minha alma crente, segura da clarividência e da justiça com que ela é julgada.

Unicamente, há uma coisa.

Acho que a familiaridade deve ter limites. Sou discreta, afinal de contas, e não me dar ares de privar com o céu ainda mais do que os próprios santos. Penso, em resumo, como Guizot, que dizia:

na religião, a liberdade consiste no direito que tem a consciência humana de não ser governada nas suas relações com Deus por decretos ou castigos dos homens.

Em que pese à carolice corrente, se esta opinião fosse geral, este mundo andaria muito melhor do que anda.

E *amém!*

Carmen

Dolores.

A SEMANA 09/07/1905 [7579]

Será terremoto?... Será fenômeno nervoso da terra carioca que está vibrando ao contato das elétricas mãos do prefeito?

Ah! Não!... É a estação *qui bat son plein* e imprime a toda a cidade um vivo frêmito de prazer. É o inverno aristocrático que arremeda Petrópolis, que finge até as suas brumas, as suas chuvas, o seu arzinho picante e fino, e dá febre, e dá apetite de coisas alegres, vontade de valsar, de cantar, de bater palmas, de ir aos teatros, de aplaudir o Coquelin ou de discutir-lhe os méritos. É tudo isto misturado que comunica neste momento à nossa capital não sei que trepidação generalizada, sacudindo até as camadas inferiores do solo. (Confessemos que estas andam agora mais à mostra que as superiores.) E quem passa à noite pelas imediações do Lyrico, que

atualmente é dramático, é clássico, é foco de intenso gozo intelectual, aprecia o espetáculo pitoresco das chegadas ao teatro, das cintilantes luzes, do agitado burburinho dos grupos, da parada dos bondes de luxo, despejando gente encapotada e grave, com ares de felicidade concentrada, e dos carros luzidios, cuja portinhola se abre e fecha com um estalido seco, impertinente e crispante para a galeria, deixando fugir lindas capas alvadias, pés frementes e bem calçados, estonteantes aromas, leves mantilhas de renda, que, um segundo, brilham à claridade forte do peristilo e logo desaparecem, somem-se no interior do festivo recinto.

Mas arreda, povo! Abre fileiras, que aí chegam outras capas cetinosas, mais claros chapéus emplumados, novas mantilhas de clara renda, enquadrando em doce e misteriosa penumbra claros rostos e negros olhos avivados pela ardente expectativa das glórias mundanas e dos triunfos vaidosos.

Na rua, negrejam as carruagens vazias, que se vão postar em paciente fila num determinado ponto. O que, porém, diverte o povo, atrai e prende a atenção dos passageiros dos bondes circulantes é a manobra de alguns automóveis ricos, que fizeram este ano a sua estreia, à porta do teatro reluzentes, negros, habilmente dirigidos pelo respectivo *chauffeur*, e cujo *tenf-tenf* ruidoso espalha no local uma nota de novidade, de *chic*, de alto requinte de civilização, de vida farta e elegante.

Tão banais, enfim, no estrangeiro, ainda consegue impor-se aqui a curiosidade popular; e são dignos de

observação os comentários cruzados em torno dos novos veículos.

- Que tem ele dentro, que o faz andar com esse barulho? Indagava uma mulher considerando o automóvel.

- É petróleo, responderam-lhe.

- Valha-me Deus, tornou ela, que eu com isso alumiava meu paizinho doente, que lá ficou em casa, às escuras e cozinhava dois meses a nossa comida...

Logo adiante, duas mocinhas assistiam à chegada de outro *tenf-tenf*, vestidas de cassa um chalecito de lã cor de rosa ao pescoço, uma face emaciada e triste. Uma velha mãe pasmava para o espetáculo, com o passivo desprendimento pessoal da idade; mas as duas filhas trocavam impressões, e o olhar com que ambas seguiram os vultos envolvidos em agasalhos de preço, que se apearam do automóvel, era lento, lento, profundo, escuro, carregado de uma dor e de uma melancolia intraduzíveis.

Tanto para uns e tão pouco para outros, hein, Maria? Resumiu uma delas, suspirando.

A outra contentou-se em curvar a cabeça: mas os seus dedos picados de agulha tremeram e puseram-se a torcer nervosamente a ponta do xalinho.

No entanto, o teatro todo resplandecia; sons de orquestra fulgiam, triunfantes, misturando-se aos gritos dos cocheiros e dos cambistas, aos *tem-tens* dos automóveis, ao murmúrio dos populares; uma rumorosa alegria, enfim pairava no ar aquecido pelas luzes.

Eu, contudo, ao passar, o que lia nessa deslumbrante zona de claridade,

eram estas duras palavras dissonantes:
desigualdade, sofrimento...

Elas destacavam-se satanicamente em grandes letras fosforescentes sobre a massa negrejante dos curiosos gozando o seu bilhete de sereno – pão seco mastigado à porta rutilante do festim reservado aos privilegiados da sorte; e o rude socialismo dos desamparados parecia-me explicável, a revolta dos vencidos da vida parecia-me lógica...

Eis como, do cintilante Coquelin e da formosa Darchy, o meu espírito veio resvalando até a tétrica compreensão de certas coisas à moda russa; e, num vago de sonho, ao repique metálico do meu elétrico, pus-me a ver o pope Gapoen, patas de cavalos, mulheres esmagadas...

Oh! que mal gosto, não é?!...

Discute-se atualmente a questão da nossa bandeira, e vem-me a lembrança este ditado francês:

Qui a changé, changera...

Ele explica a nenhuma estabilidade da escolha feita e assentada; explica a mobilidade e a hesitação das opiniões correntes e sobre o assunto; explica... Explica tudo, porque não há razão para que quem muda uma vez uma coisa estabelecida, respeitada e sagrada, não mude, com maior razão, duas, três ou vinte vezes, obra recente, ainda não enraizada no espírito público.

É o caso da bandeira atual.

Quem jamais esqueceu a outra, a velha, que presidiu aos nossos triunfos do Paraguai? E que importava a mudança de instituição.

Tirassem-lhe a coroa simbólica, mas deixassem-lhe exatamente a mesma cor, o mesmo padrão querido,

com o seu ramo de café tão nosso, tão vivamente alegórico, tão profundamente familiar às nossas vistas e caro à nossa alma.

A República é tão forte, que não precisaria dessa eliminação radical do antigo pavilhão, para varrer reminiscências. Extirpada simplesmente a coroa imperial do pano auriverde, seria sempre a bandeira brasileira de todos os tempos, companheira dos nossos velhos guerreiros, desfraldada nos campos de glória, emblema da nossa independência, alegria do nosso coração patriótico.

Mas não! Alteraram tudo, veio o lema antipático ao povo, obedeceram mais aos processos estéticos, e sobretudo de ocasião, favorecendo arrastamentos momentâneos, do que à aspiração nacional; e daí, agora, essa questão de mudança de bandeira, tão extravagante, que fará em breve do nosso pavilhão simbólico um pano desconhecido, sem significação, nada mais dizendo aos nossos sentimentos de patriotismo e exaltação.

Brilantemente discutiu a questão, esta semana, o ilustre chefe desta folha. E, com maior verdade, ele escreveu que um Estado qualquer no dia em que subordinasse a sua bandeira à análise artística, como uma fachada de edifício, ou lhe alterasse as cores e o desenho ao sabor da zombaria movediça das opiniões que se sucedem, esse Estado, esse país teria o seu mais alto símbolo modificado de seis em seis meses, como o talho de um casaco que o gosto dos casquilhos e dos alfaiaes altera...

Muito bem. É exatamente isto. O que um povo reclama na sua bandeira, é a estabilidade, antes de tudo, para que, em qualquer parte do mundo onde ela se desfralde aos ventos, seja como um pedaço da pátria, amado e familiar às vistas; mas, também, o que um povo exige encontrar no seu pavilhão nacional é a tradição, a reminiscência dos longos passados, das longas gerações, o cunho patriótico e não político, que faz bater os corações, e não raro chama uma lágrima de emoção a pupila mesmo ressequida.

É isto, sim, e nunca uma contínua mutação de panos, de cores, de desenhos, seguindo a fantasia caprichosa dos inovadores, hoje lemas positivistas, estrelas, que sei eu? Amanhã outra coisa, e depois ainda outra – um infundável desfilar de bandeiras nacionais, entre as quais o brasileiro desnordeado, incerto, perdido, perguntará ansiosamente:

- Qual é mesmo a bandeira deste ano, não me dirão?...

Mas é o caso: quem muda, mudará...

Que fazer?

Perguntava Propércio: -Que há de mais volúvel que uma pena? E respondia: é a poeira. E de mais volúvel que a poeira? O vento. E de mais volúvel que o vento? A mulher. E de mais volúvel que a mulher? Nada.

Isto constituía uma opinião latinista, obsoleta, arcaica, porquanto a evolução dos tempos foi provando a evidência que do homem é, ao contrário, muito mais variável que a mulher. Assim, o bom e sincero La Fontaine já pregava em ótimo verso que:

*Même beauté, Tant soit exquise
Rassasie et soûle à la fin.*

*Il me faut d'un et d'autre pain!
diversité, c'est ma devise...⁷*

Outro autor declarou que a inconstância pela agitação que provoca, é o suplemento da felicidade. E inconstância em amor, mobilidade, gosto de variar, divisa de La Fontaine... E fica deste modo explicada a fantasia que anda presidindo os destinos da nossa bandeira, não nos devendo mais admirar se ainda um dia ela tremular furta-cores, único meio de contentar toda a gente.

Diversité, c'est la devise.

Carmen Dolores.

A SEMANA 23/07/1905 [7593]

Enquanto Nova York ferve e trepida de calor, fulminando em plena rua os vigorosos filhos da livre América como tenras avezinhas crestadas pelo sol, temos por aqui os dias úmidos, encarapuçados e sombrios, cuja melancolia paira sobre o vivo e ruidoso burburinho da cidade como um crepe cinzento e desdobrado e garrido vestido de festa.

Não é, porém, inverno: é tristeza, é desolação...

Inverno não existe aqui; só existe em Petrópolis, onde, através da leve bruma, o olhar entrevê maravilhado e luminoso azul de um delicioso céu, tão

⁷ Mesma beleza, enquanto estranha
Satisfeita e bêbada ao mesmo tempo.
Necessito de um e de outro pão!
Diversidade é o meu lema...

puro e lindo, que a sua doçura parece até sorrir, acariciar, penetrando-nos da mais consolada impressão de conforto e alegria.

O ar fino de lá invade a um tempo os brônquios e a alma. A fragrância espalhada pelo espaço enche o peito de um furioso apetite de ideal...

Mas o falso inverno do Rio, ah! Que desbotada imitação daquelas brancas névoas de sonho! Que velha gaze suja e encardida, lançada em trapos aí por cima dos morros, sem o foro de cetim azul que brilha incomparavelmente sobre as serras lá de cima! Inverno de cidade, inverno lodoso e escuro, sem o picante aroma das flores regadas pelas chuvas e exalando seiva, ar saturado de umidade espessa que arrepia e cheira a podridão!

É sob a sua influência que tomo da pena, *esplênica* e maldisposta, para comentar os fatos da semana. Mas onde estão esses fatos? Procuo-os e não os encontro. Haverá alguém que me informe se alguma coisa sucedeu de nota? Se há, esse alguém que apareça como um precioso mensageiro dos deuses e transmita-me novidades, casos, histórias que sirvam de assunto em apuros...

A propósito, porém, de deuses, lembro-me da conhecida lenda mitológica de Philemon e Baucis, os dois esposos que envelheceram juntinhos na paz e no amor, sempre tão unidos que o derradeiro apelo de ambos a Júpiter, ao sentirem aproximar-se o termo da longa existência, foi para que nem mesmo a própria morte os pudesse jamais separar.

Transformou-os o poderoso deus em duas belas árvores alterosas – e ficaram assim os dois, lado a lado, o tronco rugoso e duro, a cabeleira de neve mudada em verde cúpula de folhagem, ninho de pássaros amorosos e fecundos, mas em suma juntos, juntos sempre...

Ora, pensando nesta fábula, entrei a considerar como seria possível realizar o caso de um bígamo, como esse, por exemplo, cuja história referem os jornais dos últimos dias.

Sensível era o homem, tanto que, não bastando as exigências da sua alma uma só esposa, ele amarrou-se quase que simultaneamente as duas... carinhoso também devia ser, pois que a ambas contentava com os arroubos da dupla afeição, mantendo-as com iguais regalias em domicílios diferentes.

Alternativamente terno, apeteciam-lhe igualmente *la brune et la blonde*, mostrando-se na altura dos dois temperamentos diversos, hoje ardente, olhos de brasa e gestos de impetuosa paixão, amanhã sentimental e doce, citando La Martine entre suspiros e desfolhando languidamente rosas brancas...

Satisfeitas assim as duas índoles de esposa, esse bígamo era sem dúvida muito amado e na terra desfrutava a rara felicidade sultanescas do amor sem monotonia nem fastio. Corressem os anos nesse harmonioso equilíbrio de duas forças paralelas, o Philemon chegaria à velhice com duas Baucis idênticas no desvelo e na ternura, velhinhas como ele e ansiosas para nunca o deixarem - exatamente quais a Baucis da mitologia. Que sucederia, então, se um Júpiter aparecesse,

onipotente e bom, pronto a contentar-lhes os derradeiros votos, à hora solene da morte?

Transformá-los-ia num **trio** de copa das árvores?

Ai do Philemon, se tal acontecesse! Aí é que ele descobriria os inconvenientes da bigamia. A princípio atônitas, as duas árvores que o flanqueassem não tardariam a manifestar os sintomas de uma furiosa rivalidade, cuja exasperação atingiria às camadas inferiores da terra. Em vez da imobilidade da paz, as contorções da guerra... Raízes convulsas buscando encontrar-se por entre as suas próprias raízes como venenosas serpentes negras, e rastejando, coleando, furando obstáculos, num empenho único de se atacarem e destruírem. Pobre Philemon! Enlaçado, empurrado e maltratado ao mesmo tempo pelas duas zelosas bases das suas duas Baucis, compreenderia ele a essa hora suprema os horrores da bigamia – e o seu grosso tronco estalaria de dor e arrependimento.

Uma Baucis, ainda vá! Gemia ele aos ventos, mas duas juntas, não, não, é demais! Raios olímpicos, fulminai uma delas, eu vos conjuro!...

Nos cimos das árvores bígamas, uma segunda tormenta estaria vergastando violentamente as largas ramagens, que rugiriam de indômito ciúme, de excitada raiva procurando alcançar-se, enroscar-se, confundir-se, arranhar-se, por cima do vasto cabeço de Philemon humilhado e triste...

Mas todo esse drama foi poupado felizmente ao bígamo da semana, cujo

caso se manteve nas raias triviais da vida moderna e muito chata.

Nem ele envelheceu, nem tanto tempo permaneceram as duas metades sem descobrir que formavam um todo, resultando da descoberta o costumeiro sarilho da delação, da política e do xadrez.

Assim é que os apreciadores da mitologia não terão ainda desta vez o regalo de analisarem num fato real e palpitante o estranho caso de um Philemon entre duas Baucis...

Um pouco de paciência e acabarão por gozar esse requintado prazer.

Não é verdade que há coisas mais extraordinárias?

O nome mais citado todos estes dias, entre os dos nossos mais conhecidos personagens da roda política e social, foi o de Seixas cobrador, do Seixas boêmio, vagabundo, sínico e cruel.

Popular era ele, mas também era outra coisa: era um animal feroz, lobo faminto que devorava os infelizes por conta dos felizes. Emprestava os dentes agudos e mordía, mordía, ferrava os caninos, lacerava, não largava a presa sem lhe levar retalhos de carne tremente e gotejando sangue vivo.

De uma feita, apresentou-se o Seixas em certa casa modesta, onde agonizava a velha chefe de família aos arrancos de uma lesão cardíaca.

Ia cobrar uma conta de aluguéis atrasados, em nome do senhorio.

Uma filha da moribunda, esquelética e lacrimosa, veio referir-lhe a situação e rogar-lhe uma pequena espera. A mãe estava a morrer... não tinham dinheiro algum... e outras pessoas da

casa apareceram, suplicando, confirmando o fato...

Mas o Seixas a nada atendeu e abriu a berrar.

Ou pagavam, ou saiam dali em 24 horas!

Dinheiro ou rua! E subiu as escadas batendo com os pés, perseguindo as mulheres atemorizadas, que corriam a refugiar-se nos quartos. Deste modo achou-se ele de súbito em frente à agonizante, que arquejava sobre um leito. Ela tentou balbuciar uma imploração, mas estremeceu e calou-se a voz irritada do cobrador, que renovava, aos brados a sua ordem de pagamento, ou rua; estremeceu a mísera velha! Escancarou a boca e... morreu.

Este era o Seixas que mereceu a *réclame* de todas as folhas, ao aliviar a cidade da sua empestada pessoa.

Mas parece tão natural cobrar-se dinheiros devidos, não é?

A perseguição até virtude, energia, força de caráter. E resta somente aos observadores considerarem filosoficamente que este mundo é muito engraçado, mas mesmo muito! Teatro de lucro e gozo, onde os comparsas obscuros devem sumir-se atrás dos grupos espetaculosos dos protagonistas da grande farsa da vida, vestidos de veludos remendados e faiscantes de ouropéis, mas de mão altivamente pousadas sobre os copos da espada e simbolizando a força, ou a arrogância, ou mesmo... a impudência.

Que outra coisa é senão esse garboso gesto o pedido contínuo de licenças por indeterminado tempo, dirigido cada ano ao congresso por certos representantes do mesmo, que

empolgam os subsídios divertindo-se a [ilegível] fora em Paris?

Fazem lá o seu centro, dirigem usinas, têm interesses, família, entretém *la grande noce*, com automóveis, casas de campo, assinaturas da ópera, e as ceias os *petits théâtres à nivelles*, todo o tra-lá-lá – e no entanto são deputados nossos, desfrutam o nosso tesouro e aqui não pisam senão para se fazerem eleger pelos beócios que lhes dão ainda o seu voto... De quando em quando, enfim, um ar da sua graça sob a forma de um pedido de licença...

Um passo à frente, a mão arrogante nos copos da espada, um fingimento de *panache à Cyrano de Bergerac* – e venha de lá essa licença, amigos e patrícios, que o *boulevard* é muito bom e os teatrinhos de *montmartre* são uma delícia!...

En attendant, os Seixas ladram às portas dos necessitados e tornam-se populares...

Oh! Grande farsa que é esta vida!

Carmen Dolores.

A SEMANA 20/08/1905 [7621]

A questão palpitante, prato do dia que cada jornal serve adubado a seu modo, pró ou contra a verdade, tem sido a referente ao colégio diocesano de S. José, cuja cúpula de estilo oriental, lembrando minaretes, Constantinopla o *Bosphorus* mistérios de serralho, perfumados a essência de rosas benjoim, alveja lindamente ao sol no vetusto, mas bem poético bairro do Rio Comprido.

Essa questão de pura atualidade, tão eriçada e escabrosa, e que talvez promova a mais terrível e a mais necessária das campanhas, faz-me lembrar o seguinte verso de Molière, que podia perfeitamente servir de base ao processo de defesa dos irmãos maristas:

*Selon divers besoins il est une
Science
D'étendre les liens de notre
conscience,
Et de rectifier le mal de
l'action
Avec la pureté de notre
intention*⁸

Sim, é o caso, penso eu do jovem irmão Marcelo recitar este trecho de poesia durante os inquéritos policiais – esse bom irmãozinho que é bastante conhecido nos bondes locais por umas certas maneirinhas profanas batizadas pelo vulgo com um qualificativo

extraído do verbo *bolinar*, *ir a bolina*, expressão náutica, mas que decerto o caráter sagrado de Joseph de Gallifet, que não é nenhum José da bíblia, explica e absolve...

Ora, meu Deus! O que é que esse caráter sagrado não explica e absolve? Logo que a santa igreja cobre o delinquente com a sua forte égide, isolando-o no círculo inviolável das intenções que não podem ser suspeitadas, sob pena de heresia por parte dos suspeitantes, o caminho da impunidade está largamente aberto, livre, rasgando ostensivamente ao claro sol. Não se constanjam, santinhos e santinhas, irmãozinhos e irmãzinhas, confraria das mãos postas e dos olhos baixos – o que não impede as vezes que, num bonde, o joelho trabalhe cautelosa mas fogosamente...

Final, não é verdade? O tão fino e malicioso espírito do extraordinário Eça de Queiroz já fazia dizer a uma irmã de padre, personagem de certo admirável romance seu: o que vem de um santo santifica...

E, na realidade, o santo a que a boa criatura se referia, também um padre, só fazia obra santa, visto como era feita dentro mesmo da santa igreja... Infelizmente, essa obra complicou-se muito, muito, e apenas o crime e a morte conseguiriam inutilizar os seus lógicos e ameaçadores efeitos; mas nem por isto ficou o padre menos santo, menos inviolável e menos prestigioso sob as suas vestes sacerdotais...

Uma única cautela tomou ele daí em diante, reconhecendo humildemente a sua fraqueza ante a tentação: foi de as não confessar mais,

⁸ Segundo várias necessidades existe uma Ciência
De expandir os elos de nossa consciência
E de retificar o mal da ação
Com a pureza de nossa intenção

às raparigas bonitas e perigosas, senão... casadas.

Compreendam a *lealdade* desta precaução esperta, porque nela se encerra toda a moral da história.

Pecar, não é nada, porque a *intenção do padre* é sempre pura e inocente qualquer ato seu, por mais feio que seja; mas se descoberto, aí é que o carro pega...

E a defesa toma então feroz caráter, como se vê atualmente. Acuado, o santo vira animal, com o sangue todo na face inchada de exasperação, e arregaça a batina, urra pela legião salvadora dos companheiros, que acodem em furiosa defesa da classe ameaçada no tranqüilo gozo dos seus viciozinhos secretos e impunes, rompendo aí o coro das palavras sacramentais – Deus, religião, virtude, que nada significam no caso discutido mas servem para encapar a maroteira, dando uma feição sacrílega a descoberta da verdade.

Durante tal berreiro, entretanto, a atenção pública vai sendo distraída e dividida, o fato trazido a cena perde pouco a pouco o seu interesse de novidade do dia esbate-se, funde-se em outros, ao passo que a superstição e a carolice retomam pé nas suas crenças, um instante abaladas pelo escândalo assombroso; e lentamente, enfim, mas com a sensação do triunfo sempre certo, os santinhos respiram, limpam o suor da luta, deixam cair castamente a batina e aprontam-se... para recommear os doces delitos.

Senhor S. José! Eles são homens, como os outros... perdoai-lhes a hipocrisias do officio... que será deles, se for inteiramente rasgado o

impermeável manto da santidade e do telurismo?

Eu, porém, se fosse jornalista... Ai! Cala-te, boca... para que falaste?... Mas eu não me deixava aturdir pela vozeria dos protestos, nem perdia o fio da acusação: eu continuava, continuava, dominando a onda em linha reta.

E depois e dos irmãozinhos maristas, iam também dar um passeiozito a Petrópolis.

Aquilo é tão lindo, tão verde, tão luminoso, e tornou-se um centro tão amado pelas congregações religiosas e estrangeiras!...

Correu esta semana em festas, festas e mais festas – a do Passeio Público, a do Jardim Botânico, excursões de congressistas, discursos, *lunchs*, *champagne* a fartar e *foie-grass* a enfartar, *toilettes* claros de senhoras rebrilhando em toda a parte com alegres tons de gala, a meninada alvoroçada e grulhante ganhando prêmios e bonecas, montando o mais lindo dos pequirás, ajaezados e gloriosos, circulando em carros liliputianos por entre a dourada grama – em suma, toda a escala dos regozijos e das diversões mais variadas.

Como nota dissonante – os bondes da linha Jardim Botânico, insuficientes e morosos, que nunca satisfizeram o público nesses dias de movimento.

Transportavam-se caravanas de gente pelas ruas do Largo da Carioca ao Catete, suando, resfolegando, cobertos todos da suave poeira que forma hoje o nosso habitual ambiente, mas aquilo que toda essa exausta gente buscava, assim errante e com os pés em brasa – aquilo, que era um elétrico

vazio, nunca aparecia. Tomados de assalto, os comboios que transitavam em pequeno número, jamais chegavam para dar lugar a esse aumento de passageiros.

Os extraordinários foram servidos em dose homeopática, demorado o serviço, inconveniente o horário, que nunca foi modificado ou apressado em favor do transporte excepcional desses dias. Em resumo, um serviço péssimo e cuja única vantagem foi apresentar num estupendo relevo a coragem do nosso povo quando se quer divertir.

A propósito de bondes, não seria mal que a companhia S. Christovão lançasse as suas vistas para a sujidade especial dos seus condutores, que deixam bastante a desejar quanto à cor das camisas e das unhas e também, ou talvez, principalmente, quanto ao aroma que desprendem, ao receberem as passagens, e que não é positivamente o aroma dos deuses... Por estas tardes caniculares, esbraseadas, quando a linha das palmeiras do mangue se destaca num duro recorte de bronze sob um horizonte cor de laranja, árido e chamejante, esse aroma dos condutores dos bondes faz sentir vivamente aos passageiros o resultado de um longo, quente e penoso dia de trabalho... adejam então os lenços perfumados docemente a *aglaie* como um lenitivo, mas mesmo assim há contrações de mimosos narizitos femininos e de rudes bigodes masculinos.

As mais ativas essências de *ideal* ou *coeur de geannette* são ainda insuficientes contra o outro cheiro dominador – o outro, misto de tanta coisa pouco limpa – roupa, cabelo,

chapéu, mãos e pés dos condutores, exalações dos muares e natural fétido do canal do mangue, que se torna inútil querer combatê-lo.

E o verão aí vem, S. Lourenço! Para apurar ainda mais o terrível aroma a que estão condenados os passageiros dos bondes da linha de S. Christovão!... Não seria conveniente viajar sempre com um vaporizador nos bolsos?

Não há quem não conheça o velho ditado que o amor é uma montanha que se sobe rindo e se desce chorando. Há até desenhos alegóricos nesse sentido: um morro muito alto, com uma mulher muito pequena trepando pela encosta ao braço de um Adonis e toda desfeita em risos. Mais adiante, aparecesse o mesmo morro, mas a mulherzinha já vem descendo do outro lado, sozinha, com a face enterrada nas mãos, aos soluços. Que foi feito do Adonis? Chegado ao cume, evaporou-se, fugiu...

E parece que assim é, na realidade... Amanhece o dia radioso, estonteante, e Romeu ou Fausto, numa exuberância de seiva, murmura a Julieta ou Margarida, que enrubesce: “se quisesse...”

Nous irions au grand soleil d’or

*Ravir sa flamme*⁹

E Margarida acaba por dizer que sim, e partem os dois juntos, dedos enlaçados, olhares confundidos, à conquista da perfeita ventura. Delicioso caminho o da simbólica

⁹ Irámos ao grande sol de ouro
Roubar sua chama

montanha, subindo entre cheirosos renques de cravos brancos de neve que logo mais adiante já são tocados de laivos róseos e depois inteiramente róseos, rubros lilases, em seguida roxos, rajados de preto, e por fim todos negros, negros de trevas, sem brilho nem aroma... O chão, também, alcatifado a princípio de relva, se fez árido, pedregoso, sinistro... do cimo do monte, a descida aparece hiante e vertiginosa...

Ela, então, Margarida, quer agarrar-se a Fausto; mas ele a repele, receando pelo seu próprio equilíbrio. Sozinho, descera bem: o peso de outro corpo, porém, pode arrastá-lo.

E abandona a triste amante, enquanto o céu se tolda e os passarinhos somem-se atrás das nuvens.

Que resta agora a Margarida?

Precipitar-se da altura, caindo despedaçada lá em baixo, na lama, de onde escutará ainda a canção alegre de Fausto, perdendo-se no espaço, ao longe:

La Donna é mobile...

Que calúnia, não acham?...

Ou então imitar a heroína da semana, tão discreta, tão digna na sua saída do mundo. Vinte sete anos e nada mais esperar, isolada na prestigiosa mantinha? Não!... preferiu morrer e morreu calada.

Fez bem, por que palavras não curam mágoas...

Carmen Dolores.

A SEMANA 27/08/1905 [7628]

À *tout seigneur, tout honneur* – com a devida vênica desse amável leitor e correspondente de outro estado, que me distinguiu com a sua censura acerca do meu abuso de citações em francês...

Tem talvez razão... mas que quer? São sestros enraizados, que me estão no sangue, nos nervos, na pena, e já não curo deles.

Como alguém atacado de um leve prurido, que não mede os seus gestos e *mui* naturalmente vai satisfazendo as exigências da epiderme, eu também, naturalmente, vou contentando esse prurido crônico do meu espírito...

Assim, repetindo a frase inicial destas obscuras linhas – tão obscuras, que até estranham merecer crítica – abro o lugar de honra aos sucessos da semana com o baile oferecido ao ministro do interior, cujo esplendor, parece, deixou um sulco de luz em muitas almas, ainda hoje frementes à recordação de tanta coisa magnífica radiosa e estonteante.

Um baile! Que mundo de emoções nesta única e velha palavra!... Um baile!...

E qual a mulher, mesmo adiantada em anos, a cabeça já profanada pelos hostis cabelos brancos, que a destronaram e a reduziram a ente sem sexo, passivamente resignada a cruel abdicação – qual delas não estremece, vibra e palpita ainda evocando um certo e determinado desses bailes, um único breve perpassar de curtas horas numa vida inteira, mas cujo clarão, entretanto, jamais se extinguiu, jamais de extinguirá, até a morte, num recesso da sua pobre alma? Quem o digam

aquelas que me leem. Foi o baile do triunfo – igual para todos – noite de sonho, em que as luzes da festa e o perfume das rosas se confundiram na mesma nuvem morna e embriagante da realza pessoal.

Porque toda a mulher que se torna um alvo de admirações, que brilha e que ofusca, é uma rainha...

E o baile, então, é uma apoteose cujas mágicas fulgurações põem em relevo a sua beleza.

Como esquecer, pois, a apoteose? Ninguém esquece.

Eis porque, ouvindo agora os comentários deste último baile em honra do Dr. Seabra, uma velhinha ao meu lado suspirou, com uma súbita cor nas faces, com um fulgor nos olhos e todos a ouviram murmuram de um fôlego:

- Eu fui ao baile dado aqui outrora ao duque *Penthièvre*... Ninguém se lembra mais... Que bonito! Meu vestido era de escomilha cor de rosa... E, no meio de uma valsa, meu colar de pérolas rebentou, as pérolas saltaram pelo chão... então o príncipe e todos aqueles belos oficiais se atiraram de joelhos aos meus pés, para apanhar as contas...

E a voz da velhinha tremeu, calou-se... No seu olhar subitamente parado, [ilegível] a radiosa visão desse inolvidável momento, que na sua memória ficara para todo o sempre gravado – ela de vestido de escomilha, nova e formosa, o colo nu, o orgulho incensado, e príncipe aos seus pés, apanhando-lhe as pérolas... tudo passou na sua longa existência, ceifado pelos anos; mas essa reminiscência fulgurante permaneceu no seu triste

espírito, como uma placa de luz inapagável...

Quem se lembra mais do baile oferecido aqui ao Duque de *Penthièvre*, em tempos idos... de fugaz sonhar? Mas lembra-se ela, a pobre velhinha!... E quem se lembrará daqui a muitos anos do baile dado agora em homenagem ao ministro do interior? Lembrar-se-ão todas estas que, neste instante ainda sentem nos nervos a misteriosa vibração de algum ardente triunfo de vaidade ou de coração, enlace mais estreito consagrando o sentimento no voluptuoso torneio da valsa, palavras de fogo dissimuladas sob a galante e cavalheiresca cortesia de salão, olhares expressivos, que tudo dizem mudamente, cumprimentos, requestos, atmosfera quente de admiração e desejo – que sei eu?...

Se tais emoções, de resto, o baile fica reduzido ao que há de mais chato, de mais banal e de mais prosaico. (Quase me escapou: mais *terre-à-terre*...mas contive-me a tempo, crítico leitor de Ouro Preto... glória a ti, nas alturas dessas ladeiras!...)

O baile desta semana teve o caráter que mais deve convir a época atual: o da democracia e da igualdade. A par de todo o brilhantismo que presidia à festa, dando-lhe extraordinário realce, havia a mais absoluta mistura de classes, realizando-se assim essa fraternidade que faz o doce sonho dos utopistas.

Carros de praça transportavam convidados, lado a lado com luxuosas carruagens particulares ou de cocheira. Dos próprios bondes desciam famílias inteiras em *toilettes* de gala, que se misturavam, no luminoso vestibulo do Cassino, a outras chegadas mais

aristocraticamente. E lá em cima, nos salões, como tinham transbordado os convites, funcionavam alegremente vários gêneros de convidados, vestidos de rica seda roçando vestidos de *pongenelle* ou cassa, velhas casacas, na sua honesta lealdade dos tempos imperiais, que já lá vão! Niveladas às modernas casacas, último grito, marca Club dos Diários, de Petrópolis, e luvas de imaculada alvura estreitando em fraternais *shake-hands* outras mais baças, purificadas com o engenhoso auxílio do miolo de pão...

Abundavam também os estudantes, sobressaindo pela mocidade e pelo apetite; e mais de um, na glória da sua gravata branca, fazia lembrar a célebre ária da boemia: *vecchia zumarra...*

Quanto sacrifício não foi feito, evidentemente, em segredo e com mágoa, para acudir as necessidades da festiva noite!

Mas tudo isso contribuiu para dar ao baile essa nota de fusão e alegria, que se casa com a feição moderna. Todos divertiram-se e gozaram... Que mais se quer? Em muitas memórias, em suma, ainda sob a evocação de momentos ainda esvaídos, daqui a vinte ou trinta anos a impressão ressurgirá com igual intensidade; e, a propósito de algum baile oferecido em 1925, a quem?... Só Deus o sabe! Esse baile de 21 de agosto, dado ao Dr. Seabra, será logo trazido à cena pela geração de hoje. Alguma velhinha, então, largará depressa o seu *tricôt*, para dizer às netas, com um súbito rubor nas faces murchas:

- Foi em 1905... Ainda me lembro... Que linda festa! Meu vestido era de gaze azul e o cabeleireiro

Schmidt me penteou com um bandó ondulado sobre a testa...

Por onde estará neste tempo o Schmidt, Petrônio da arte capilar e contemporâneo de avozinha?...

Por falar em velhinhas, volta-me ao espírito, de repente contristado, a morte voluntariosa desse velho, conhecido e respeitado, aparentemente feliz, rico, centro de apreços e afetos, cujo nome ocupou tão dolorosamente importante lugar nas notícias da semana.

A ilustre escritora portuguesa Maria Amália, num dos seus últimos e brilhantes artigos, recriminou a literatura meridional por não se ocupar bastante com a psicologia infantil.

A alma da criança, nebulosa e inocente parece-lhe digna de maior interesse, de um mais vivo e mais profundo estudo.

Parece-me, a mim, ao contrário, que a psicologia da velhice é mil vezes mais curiosa para o espírito moderno, que busca hoje com paixão o fundo amargo dos problemas humanos.

Quem é capaz de adivinhar o que se passa numa alma de velho? Para todos, ele deve ser um resignado aos piores males, porque já foi moço, já gozou, e não tem o direito de aspirar a mais nada neste mundo. E assim, ninguém cogita de indagar se essa máscara feia da idade oculta um coração satisfeito ou insatisfeito.

Ele, por seu lado, sentindo-se incompreendido, afivela ainda mais essa mesma máscara de serenidade ou resignação mentirosa, porque teme o ridículo, teme o indiferentismo, teme o egoísmo dos novos, que o fere, que o

atira, como objeto já inútil, para a outra banda da vida.

Em resumo, nada do que o contrista e o mal fere pode mais interessar os outros: e então, para que lhe serve a queixa? O velho cala-se, pois, por dignidade instintiva: o velho é sereno, é calmo... Mas quem será capaz de decifrar o enigma moral que vive sob essa falsa serenidade?

Vede esse olhar parado e inexpressivo de um homem idoso: parece refletir a resignação de um organismo gasto, acabado. Não, não; o que esse olhar baço reflete é o desespero irremediável, incurável, supremo, dos entes cujo sentir já não interessa mais ninguém.

É essa psicologia que devia ser aplicada ao horrível caso dos últimos dias – um velho aparentemente feliz, abastado, considerado, que se enforca como um miserável.

Contam que o fez por ter o genro enlouquecido...

Ora, qual! A loucura de um genro nunca levou ninguém ao suicídio. Se a louca fosse a própria filha, admito que o desespero produzido por tal golpe pudesse ainda impelir um pai a semelhante extremo; mas, dado o infeliz fato com o marido da filha, nunca! Justamente ele se votaria todo a consolar essa filha.

Não; é que a causa foi outra, e essa, ninguém a advinha, porque, para todos, o velho é e deve ser um ente que já dobrou o cabo dos sentimentos, e não sofre mais, não tem direitos à dor, à queixa, à lágrima, ao desânimo, à angústia – constituindo a sua alma um antigo e desdenhado cofre, que ninguém mais abriu, julgando-o vazio,

e cujo conteúdo fica ignorado por todos.

Agora, enfim, o cofre foi para baixo da terra dentro do cansado peito do dono, e quem jamais saberá o que ele continha?...

Carmen Dolores.

A SEMANA 17/09/1905 [7649]

Depois da chuva, o sol; depois da morte, a festa.

Ainda se escancara aos olhos terrificados dos transeuntes o bojo do prédio desmoronado da rua Primeiro de Março, e já o corpo de Sant'Anna se enfeita garridamente para receber toda uma multidão ávida de alegria, sedenta de espetáculos felizes, de movimento, de luz, de música, de flores, que o encherá rumorosamente domingo.

E assim corre a vida, entre contrastes mordentes, que deixam cair esses frutos ácidos – a melancolia e o egoísmo. E assim há de ela sempre correr, odisseia de tão vários sentimentos – aqui, noites dolorosas de lágrimas, ali, fulgurações de prazer e gozo, acolá silenciosa desesperança que já nem geme em lábios lívidos, por inútil o protesto – que o espírito se habitua e não mais se detém, espavorido, ante esse extraordinário caleidoscópio que é a existência humana.

*Guarda e passa...*¹⁰

Eis o que fazem todos; eis o único meio de evitarmos a incurável, a infinita tristeza que nos traria uma

¹⁰ Olha e passa (it.)

demorada contemplação dos múltiplos e desconstruídos aspectos a que me refiro. E eis porque, após o medonho desastre daquela casa esmagando uma mãe e seu filho, todas as vistas se voltam sofregamente para uma batalha de flores, cujo perfume embriagante e consolador dominará com seus efúvios festivos os últimos vestígios desse cheiro de tragédia que ficou no ar da cidade...

É a segunda festa dessa natureza que oferece o prefeito aos moradores do Rio. A primeira, embora magnífica no seu conjunto, mesmo porque aquele parque tem demasia de beleza para regatear moldura e realce a qualquer divertimento efetuado entre as suas gramas de luxo e os seus lagos de cristal - a primeira foi triste. Reinava não sei que opressão de tédio, sob um sol inclemente, entre a gente ali aglomerada entre trajes claros e alegres. As arquibancadas queimavam. O mundo oficial bocejava. E os carros floridos, peçados de crisântemos, de lírios, de parasitas e de rosas, que circulavam sob a mais ardente pulverização de luz, ao triunfal trinado dos passarinhos excitados pelo calor entre os musgos dourados das áleas, calcados pelos lindos pés das expectadoras elegantes e curiosas, os carros obedeciam ao seu programa com um lento, invisível fastio, sem o mínimo entusiasmo. Faltava-lhes a faísca do [ilegível] É o que nos falta sempre, a tal faísca, Deus do céu... Prepara-se a lenha, a fogueira, tenta-se ascender o fogo, mas a faísca não salta, nunca salta... Foi, pelo menos, o caso da primeira batalha de flores, em que houvesse flores, mas não houve batalha, em que houve calor do sol,

mas não houve calor de alegria, houve gente, mas essa gente se olhava, não ria, não falava, não trocava impressões – suava apenas e enxugava o suor.

Esperemos agora que o termômetro da jovialidade suba com a repetição dessa festa encantadora, cheia de claridade e aromas... Esperemos.

E, no momento em que este meu desejo se tornar público em letra redonda, breves horas faltarão para que o prefeito conheça o resultado da sua nova tentativa afim de dividir o Rio de Janeiro, submerso tristemente sob a demolidoras vagas desse horrível pó que forma a sua atual atmosfera, que o asfixia, e que o tortura, e que o mata...

Mas *on ne fait pas des omelettes sans casser des oeufs*,¹¹ não é verdade?

Com a aproximação dos bárbaros meses de dezembro, janeiro, e por aí além, até tornar a efêmera estação de frescura relativa que agora já nos vai aos poucos dando as costas, volvem-se os olhos em certos dias, quando deixa de chover, para a direção da Serra dos Órgãos, onde ao longe, nos espaços azuis, Petrópolis dorme o seu poético sono invernal, esquecido pelos ingratos, cujo amor só desperta cada ano ao primeiro fustigar da canícula.

Está indicada rigorosamente nas folhinhas a data em que o pensamento dos *snoobs* deve voltar-se para essas doces serras, onde pelas proximidades do céu, se vive mais perto das visões divinas que consolam, entre aromas de

¹¹ Não se faz omeletes sem quebrar os ovos

magnólia que embalam a alma como bafejos de um paraíso superior, cheio de beleza e esplendor, cuja única serpente é a má língua...

Ah! Mas esse vale em força e veneno a do velho paraíso de Adão...

A data, porém, em que o convencional *snob* pode e deve entregar-se ao projeto de voltar aos rumores cantantes de Petrópolis, é lá pelo natal.

Até ali, serena, branca e adormecida, a cidade serrana fica abandonada e solitária no seu alto e vaporoso berço de nuvens, que douram às vezes pálidos raios de sol e que velam pombos, aragens, perfumes, estrelas...

E que lhe importa esse abandono, se o seu anjo da guarda a protege sempre contra perigos e ciladas? Ela dorme envolta nas suas neblinas, mas ele vela, o anjo protetor, que, pelas aparências, é artista e ama a estética... Se não, como explicaremos esse desenlace, que talvez não seja explicável, de uma combinação quase posta em prática e que ameaçava para todo o sempre arruiná-la e quebrar-lhe o tão alto prestígio?

Os bondes elétricos, enfim, iam transformar-lhes a linda fisionomia, destruir o encanto das suas aristocráticas avenidas, decepar braços e pernas da sua pequena população branca e loura. E já o privilégio havia sido concedido. A picareta começa até a rasgar a superfície das ruas, onde assentariam brutalmente os trilhos; e, misturando-se ao hosana das notícias dessa triste inauguração, palpitava na sombra um coro de gemidos inúteis, de saudades impotentes e mesmo de imprecações desdenhadas. Parecia

tudo consumado. De súbito, entretanto, uma *nouvelle à sensation*¹² explode no ar!... O projeto foi suspenso!... Brigaram os compadres!... Salvou-se Petrópolis!... Ah! Que alívio e que prazer!... E a quem se pode atribuir tão maravilhoso milagre? Certamente ao anjo da guarda da formosa cidade de *Villegiatura*, que sobre ela paira incessantemente, com as suas grandes asas luminosas estendidas, protetoras, brilhando entre as névoas alvacentas.

Creio mesmo que cheguei a vê-las adejando inquietamente naqueles célebres dias, em que os homens da faca e do queijo tramavam a renovação do prazo do tal privilégio de má hora.

E como deve agora folgar, desafojado, o ilustre presidente da Câmara Municipal daquela cidade, a cujo espírito largo, enérgico e consciencioso, pesava um ato de seus antecessores que tinha, entretanto, de sustentar, com mágoa e sofrimento! A ele me referi com sincera justiça numa destas crônicas, pois ninguém reconhece melhor do que eu seu vivo mérito. E imagino daqui o contentamento que deve encher-lhe o peito. Congratulemo-nos com ele. E, se Petrópolis recusar adquirir e tão moderno e elegante sistema de transporte que é o de *automóveis-ônibus*, os quais brevemente virão figurar no Rio, introduzidos pela Light Power como mais um elemento de civilização – fique então Petrópolis como é... antes atrasada que arrasada... antes o nada, finalmente, que o pior...

¹² Romance de sensação. Romances populares à época.

A conferência literária de Alcindo Guanabara, que foi um sucesso, cujas vibrações ainda não se extinguíram, abriu a porta a uma febre de curiosidade que se renova agora, quando surge o nome de algum orador ainda não ouvido, cujos processos de eloquência são desconhecidos.

Cedo a esse acesso de curiosidade, eu própria, indo assistir à preleção do padre Severiano de Rezende, que subirá daqui a pouco ao estrado das conferências, no Instituto, para discorrer sobre a Arte e religião.

A arte já é uma religião e a religião é muitas vezes uma arte – de modo que as duas coisas juntas devem fornecer tema substancioso para ricas variações, em que o *leit-motiv* seja o rondó da verdade instrutiva...

Em seguida, nessa segunda série de preleções, dois outros assuntos estão a aguçar-me violentamente o apetite: são *O riso e As más línguas*, de que se ocuparão Bilac e Affonso Celso. Este já eu conheço como orador; os seus processos não são mais novos para o meu espírito. Ele tem a nota simples, delicada, elegante, de quem num salão fidalgo entrevem despresticiosa palestra. Mas se a voz é doce e amável, a frase nunca deixa de ser perfeita, traindo uma erudição, uma ciência de falar e uma memória, realmente dignas de nota. O seu sorriso também empolga, suave e claro, de expressão comunicativa...

Mas não é por tudo isto que a próxima conferência de Affonso Celso me está apetecendo tanto... Aí, não!... É porque vai ele tratar de um assunto que pode conhecer a fundo, residindo em Petrópolis: vai tratar das... más

línguas. Senhor! Que inefável, que oportuna ideia! E quanta gente lhe será reconhecida, ouvindo-o morder em cheio, com arte e com vigor, naquilo que tanto morde a pobre humanidade!

Não esqueça o distinto conferente este ditado normando – *Pour une mauvaise langue, trois ciseaux... Un seul ne suffit pas...*¹³

Quanto ao Riso de Bilac, se esse riso já tanto esfuziou e seduziu na 1ª conferência, a propósito da tristeza dos poetas brasileiros, que será agora, quando faiscar com a luz do próprio tema, em que passarão finos sorrisos de deusas (excetuando Minerva, está visto), graças de amorezinhos papudos e nus, travessuras de ondinas, casquinadas de elfos, e sobretudo as deliciosas chispas do humorismo do orador? Será, em resumo, um sorriso que chamará outros risos...

E daí, quem sabe? Bilac foi alegre falando da tristeza – pode ser triste falando do riso.

Carmen Dolores.

¹³ Para um maldizente, três tesouras... Uma só não chega...

A SEMANA 22/10/1905 [7684]

Ora, partiu o *Chili!*... Foi-se nele Sarah, a triunfante, Sarah, a assombrosa, Sarah, a graça, a doçura, a poesia!

E que mais poderemos nós ver agora, depois dela, depois daqueles sucessos estrondosos, daquelas enchentes delirantes do teatro Lyrico, cujo enorme bojo não chegava, contudo, para conter quantos ali queriam estar, depois, enfim, da perfeita visão de arte que ela nos deixou na retina deslumbrada?

Não; não erremos, afirmando que a *season* terminou com a retirada da grande atriz francesa.

E o calor vem entrando com uma celeridade demoníaca vem ocupando com risos luzentes de sarcasmo e desafio seu campo devorante e de extermínio, na vasta cidade de céu em brasa, onde o tédio lhe dará o braço, entre turbilhões de pó, para a revista habitual de cada verão.

Essa revista é de ruas calcinadas, é de lugares de recreio vazios de espectadores, mas cheios de torpor, de cansaço e sonolência – por onde está o cérebro que resista a semelhantes temperaturas congestionantes?

Já na noite de terça-feira, durante a festa de adeus de Sarah Bernhard, notava-se no público malgrado o sincero entusiasmo geral, um sentimento de fadiga e enervação que alterava todos os rostos, imprimindo-lhe um cunho de irrequieta angústia psíquica. Debalde adejavam doidamente leques em todo o recinto, quais frementes asas de mil cores, lantejoulam palpitando, chispando sobre a elegância clara das *toilettes*

femininas, ou branquejando, em vulgar papel, sobre o negrume dos trajes dos homens: não podia atenuar a quentura quase irrespirável do ar daquela vastíssima sala, transformada em forno de cozinhar pastéis e biscoitos.

E afigurasse-me que por isso, foi de má escolha a peça shakespeariana, que é preciso ouvir, detalhar e prelibar como toda a calma observadora que requer obra de tão funda filosofia. Naquele ansioso abanar e ofegar, faltava a paciência para seguir os demorados processos da obra antiga, bela de verdade, mas lenta no seu desenvolvimento severo e calculado. A repetida espera dos quadros pesava no ambiente escaldante. E é o que desculpa até certo ponto o intolerável abuso dos expectadores voltarem aos seus lugares depois de aberto o *cenarium*, de modo que a primeira cena nunca era ouvida entre o tropel de retardatários chegando apressados, buscando os seus números e fazendo levantar os já sentados para passar, tapando a cena com os vultos importunos e impedindo, enfim, os outros, os sossegados, de gozar o seu ato inteiro.

Não! Isso representa realmente uma selvageria, e só mesmo o excesso de calor pode servir de atenuante.

Que dizer, porém, de Sarah no papel de Hamleto, não como atriz, que me agradou menos, mas como mulher?

Direi que Sarah, naquela estreita roupa de veludo negro que se lhe colava como uma luva ao corpo efêbico, Sarah, com a sua grácil esbelteza de vinte anos, a sua linda cabeleira loura, o seu andar nobre e desempenado, os gestos senhoriais da sua mão branca e dominadora, tirou a

mais completa, a mais vitoriosa desforra dos epítetos que jungiram ao seu nome no papel de *Aiglon*. Foi a mais deliciosa figura de adolescente, e teve ali, senão o seu maior sucesso de artista, a sua mais bela, a sua mais esplêndida e gostosa vingança feminina.

E agora, acabou-se! Adeus, Sarah, Zoraya, Adriana, Margarida, Tisbé e Hamleto!

Quem me dera poder ir aplaudir-te em Paris – essa cidade-luz, onde a luz, contudo, não torra como em nosso Rio!

Sou suspeita para falar do novo livro de versos do Sr. Alberto de Oliveira, série de 1898 a 1903, que tenho sobre a mesa, com uma dedicatória do seu punho a **Carmen Dolores** – pseudônimo que já foi de alegre fantasia e hoje é apenas de simples dever profissional.

E sou suspeita porque – revelarei uma heresia – não sou muito apaixonada de versos e nem sempre eles me seduzem, preferindo-lhes uma boa página de prosa, clara, singela, e espontânea, com estilo, certamente, mas traduzindo fielmente o sentimento humano, sem artifícios de linguagem.

O lirismo poético, a meu ver, encerra muito exagero, muita mentira imaginativa, muita falsa sensibilidade; ele encobre em geral, exceções à parte, naturalmente, uma absoluta aridez sentimental sob vocábulos calculados, armazenados durante longos dias... até longos meses, e cujo efeito certamente premeditado para exprimir emoção ausente, a intensidade pessoal que não existe, ou para servir as necessidades da rima, da forma, da ideia.

O poeta alinha magoadas estrofes sobre a dor, berrando pelo jantar ou discutindo juro de apólices. Descreve com arroubos de exaltação a natureza e nunca olha para uma árvore ou para um formoso aspecto do céu. Canta graça e a inocência infantis, em hinos de adoração, e abomina, contudo as crianças. Refere-se à piedade, à ternura, ao amor, à saudade, ao reconhecimento, em admiráveis versos cheios de luz e calor, vibrantes de enternecimento - e é muitas vezes a alma mais seca, mais fria, mais dura, mais egoística e perversa que o firmamento cobre.

Contou Olavo Bilac na sua primeira e tão linda conferência sobre *Tristeza dos poetas brasileiros*, que um poeta exausto de recursos, faminto, exasperado, atirou-se ao papel entrou a compor estrofes repassadas de pranto e amargura. Mas batem-lhe à porta: é o carteiro com um gordo vale postal, é a mesada, o alívio, o jantar seguro.

E o poeta salta de alegria, veste-se impetuoso, vai sair... Um último olhar, porém, cai sobre a dorida poesia tão bem começada, e ele volta à mesa, retoma da pena e conclui o seu trabalho no primitivo tom, com lágrimas, gemidos e imprecações dilacerantes. Entre duas rimas, talvez, ele acendia o cigarro e trauteava um pedaço de cançoneta picante...

“Sinto que me foge a vida...”

E logo atrás uma fumaça e a valsa de *Mimi Bilontra*:

“Eu vivo feliz e contente...”

Ouvi também que outro poeta de tal modo torturou uma amante ou noiva – não me lembro mais – que a infeliz não resistiu à longa série de calculadas ferocidades a que foi sujeita

com requintada frieza de ânimo. A doce vítima não era talvez rica. O fato é que um pele vermelha nunca inventaria as crueldades que teve esse cultor da musa para essa mulher que o amava. Ela infelizmente entisicou, morreu, descansou.

Pois bem; desde então o poeta não cessou mais, nunca mais, de dedicar à pobre finada, em vários livros seus, as poesias mais tocantes e magoadas, mais saudosas, mais soluçantes, mais arrebitadas de dor. Ele chora, ele relembra a agonia da suave mártir, evoca a sua adorada sombra, e enfim lhe exprobra, sim, ele exprobra, a ela - o que é um impudente e desaforado cúmulo - essa barbaridade de haver o abandonado sozinho, neste triste mundo...

Oh! Ficção poética!...

Longe de mim a ideia de levar a minha suspeição em matéria de versos ao ponto de negar o valor das atuais poesias do Sr. Alberto de Oliveira, poeta já consagrado pelo tempo, de reputação feita, membro da Academia de Letras, etc. Nem me cabe autoridade para emitir a mínima crítica literária a respeito.

Isto aqui é uma simples apreciação à *vol-d'oiseau*, para conversar.

A minha psicologia, porém, que é talvez mais aguda do que eu desejara, segreda-me que, sob a impecável cadência dos belos versos do Sr. Alberto de Oliveira, oculta-me também a sensibilidade de uma alma demasiado compassada.

A escola parnasiana do distinto poeta dá-lhe esse maravilhoso rendilhado da forma essa tão perfeita harmonia ritmo: não pode, entretanto, inculir-lhe aquilo que é espontâneo e

só brota da fonte viva e borbulhante que é o coração; não pode ensinar-lhe a sinceridade da emoção, o ímpeto dos sentimentos reais, vibrantes, que transbordam e se comunicam ao leitor pela corrente magnética da verdade.

Os entusiasmos ou os desgostos do Sr. A. de Oliveira são escritos com tanta e não com sangue. São entusiasmos e desgostos muito burilados, formosos, musicais, mas feitos a bico de pena, sem os estremecimentos da fibra humana sob o acicate da dor ou do prazer.

E todavia, para sermos justos, todos nós, que o admiramos, devemos confessar que uma nota sincera parece presidir agora alguns dos atuais versos do laureado poeta - versos como que mais cálidos, versos agradecidos, dedicados à senhora que ele desposou em Petrópolis.

As poesias *M.G.R.O.*, [ilegível] e *Depois da morte*, têm a chamada inspiração, além da forma correta de sempre, e denunciam uma evolução no modo de sentir do Sr. Alberto de Oliveira, transformado pela conquista do objetivo das suas grandes e mais caras ambições na vida.

Debalde ele pede:

Lavra como um beijo teu na
minha boca

O epitáfio da minha mocidade!

É o contrário que sucede: a sua alma adormecida, qual nova Galatea, encontrou, enfim, num prisma de ouro, o Pigmaleão que a despertou; e agora sente, grita e ama, com *Alma livre*, que se intitula. Esse sentimento da sua independência o arrebatava cada vez ainda mais, ele balbucia, num dourado clarão de apoteose:

Transluz-me a irradiação clara do paraíso...

Um belo triunfo, em suma, sobre a correção marmórea da escola parnasiana.

Abstraindo de alguns descuidos da revisão, a nova série das poesias do Sr. Alberto de Oliveira aparece bem editada pela casa Garnier e é uma das novidades do momento.

Saberei corresponder à delicadeza da oferta do poeta.

Outro livro atrai sobre a mesa a minha atenção. É *Pastoral*, do ilustre escritor Coelho Netto, o inimitável colorista, cuja tão lisonjeira homenagem veio surpreender a humilde colunista desta folha. E a tão gentil lembrança ela responde, agradecendo vivamente.

Do evangelho que constitui essa *Pastoral*, em que passam rebanhos, pastores e bandos de anjos, anunciando o nascimento de Jesus, evolva-se um suavíssimo perfume de incenso e lírios, evocando os santos e ingênuos mistérios do natal cristão, que Coelho Netto resume em curtas páginas, com a sonora magia da sua rica linguagem. Produzirá esse lindo poema o mais tocante efeito, quando levado à cena com o realce da música, já escrita por três compositores brasileiros.

E terminou a semana sem conferência literária, com um causticante calor, ainda mais suicídios e uma nota de tédio no azul do céu. E o próprio sol arvorou manchas de melancolia! Será por ter partido a Sarah Bernhardt?...

Carmen Dolores.

A SEMANA 05/11/05 [7698]

Com verdade disse *João do Rio*, na sua interessante conferência de sábado passado, que cada bairro da cidade tem a sua fisionomia especial, bem viva, o seu ar próprio, um tom que é exclusivamente seu e nunca de nenhum outro.

E foi pensando em tão sagaz análise, cuja confirmação saltava aos meus olhos terrificados, que passei há dias, pela primeira vez na minha vida, pela rua de Itapirú e adquiri a certeza que nunca, nunca mais a minha retina nem minha alma impressionista a esqueceriam.

Tenho visto ruas feias, ruas mal calçadas, pobres, sinistras, antipáticas, mas em tempo algum encontrei uma mais feia, nem mais pobre, mais sinistra e antipática, do que essa de Itapirú, que percorri toda, de uma a outra extremidade, e sob um sol mormacento e implacável, calcinante, atroz, que não deixava dissimular-se num pouco de sombra, servindo de véu à crua realidade, uma única degradação da medonha paisagem, e expunha-as bem a nu, no mais cruel realce, como chagas à luz. E a luz infernal, violenta, amarela, desabrida!

Foi a esse clarão de um tórrido meio dia, que eu conheci essa tal rua de Itapirú, começando ao lado do Rio Comprido, entre a empestada ruela de um esgoto nauseante e certa venda familiar aos cocheiros dos bondes locais, e seguindo interminável, torta, subindo e descendo, pelo meio de barrancos e pique, pardacentos e tristes, de paredões decrepitos, de muros esburacados e de casas velhas, até Catumby.

Mas que viagem! Era uma visão dantesca, sob um hálito de fofalha; visão de melancolia, de desesperança e de depressão vital. Num sentido oposto ao do conhecido ditado de Nápoles a formosa, eu repito baixinho persignando-me com terror:

*Vedere Itapirú e puoi morir...*¹⁴
para nunca mais tornar a vê-la!...

Aqui, um miserável antro em cima de uma oscilante varanda em plena ruína, escancarando para a via pública o seu interior asqueroso, de um realismo a Rembrandt, onde homens sórdidos e [ilegível] coziavam as pernas encruzadas ao lado de mulheres descabeladas, suadas, de braços, nus, torcendo roupas em tinas de barreira.

Ali, num parapeito de grades desconjuntados, colchões rotos secavam ao sol, fraternizando com umas cobertas esfarrapadas, enquanto, na calçada, crianças macilentas e marcadas pelo impudismo crônico, brincavam molemente, entre galinhas fastientas.

Os próprios cães arrastavam-se entorpecidos naquele ambiente malsão. E das casas mais abastadas, de janelinhas estreitas, à moda antiga, abrindo para jardins mirrados, vozes partiam, preguiçosas, lentas, interpellando o condutor do bonde, que respondia igualmente preguiçoso, bocejando. Se entregara a carta? Sim... A quem?

E nesse ponto uma cabeça feminina surgia à porta, pálida, murcha e desgredhada (para que apuros de *toilette* em semelhante estagnação?) mas interrogativa. O

condutor, porém, só um teve um gesto evasivo e cabeceou mais forte, sentado à porta de um banco, congestionado e sonolento.

Para que cerimônias e etiquetas naquela rua, que abre um parêntese na cidade alegre? A familiaridade, de resto, é completa entre os bondes e os moradores. De quando em quando soava um: “Psiu! Ó seu João!”

E vinha um recado, uma encomenda... O cocheiro ou o condutor abria um olho, parava o carro e esperava pacatamente.

E lá seguíamos depois, ao monótono campainhar dos esqueléticos muros, sempre entre a mesma triste perspectiva de pardieiros, de casas vesgas, de terrenos áridos, de jardins requemados de sol.

Um estranho aqueduto, nunca visto, surgiu todo negro, em antigas arcadas leprosas, ligando a rua a não sei que caminho em plano distante. E uma confusa angústia, uma opressão, um mal-estar cresciam no espírito...que lugar era esse, afinal? Para onde corria semelhante bonde?...

Aberturas, no entanto, rasgavam de vez em quando os paredões e aparecia lá embaixo, num fundo lodoso, um fio de água preta e oleosa escorrendo devagar. Outras vezes, esses rasgos permitiam lobrigar estreito caminho coberto de uma vegetação crestada pelo calor, mas que de repente se alargava entre inopinada e selvagem mataria, à sombra de enormes mangueiras, estendendo morro acima a espessa ramagem das suas cúpulas verde negras.

Era um realce. E continuava a rua, a soalheira, a monotonia, a infinita tristeza...

¹⁴ Ver Itapiru e depois morrer... (it.)

Subitamente, uma visão africana, Argélia, Congo, S. Philippe de Benguela Dakar, S. Luiz de Senegal, que sei eu?... Muros brancos, zimbórios brancos, escadarias e capelas brancas, rebrilhando entre cactos e palmeiras cor de bronze, numa refulgência de luz ardente, sobre o fundo pardacento da terra gretada de calor e do céu de chumbo, pesado e imóvel como um céu de condenados da Divina Comédia, de Dante.

Era o cemitério de S. Francisco de Paula, cujos altivos mausoléus recortam duramente os seus mármore de ofuscante alvura nesse horizonte morno e plúmbeo, de mortal tristeza...

Em frente, contudo, ao portão, lado de Itapirú, um manhoso circo de tábuas exibía às vistas uma casinhola pintada de azul, onde se lia:

Bilheteria... Estreia...

Misericórdia! Um divertimento em tão sinistro local?!...

E, com inexplicável alívio, fui deixando-o para trás, para longe, e, sob a luz formidável, a luz escaldante, mordente, a luz que cega, a luz que mata, eu, opressa e arquejante, fui pensando em outras paisagens suaves e refrigerantes, onde as casa riem para um sol caricioso, entre verduras tenras e molhadas, e o céu tem os tons pálidos de um cetim azul muito doce e as flores trescalam perfumes de sonho, e as águas límpidas cantam poemas e baladas sobre nenúfares aljofrados de diamantes, e a gente vive, a gente respira, pensa inteligentemente, goza em suma a inefável delícia de sentir-se existir... Oh! paraíso das serras, eu te saúdo Petrópolis bendita!

E agora um conselho, para acabar: quem quiser fazer uma excursão ao

inferno por duzentos réis, tome o bonde de Itaperú, e

*Lasciate ogni speranza o voi ch'entrate...*¹⁵

Passou esta semana de finados, e foi chuvoso como todo dia dos mortos honesto e consciencioso, que sabe assumir a conveniente fisionomia para essa data tradicional.

E os cemitérios encheram-se, e as braçadas piedosas de flores depuseram sobre as lousas dos túmulos um duplo orvalho: o da chuva e o das lágrimas, pérolas líquidas escorreram inutilmente sobre a dura gelidez de mármore implacável.

Por que não hão de sentir os mortos a vibração dessa homenagem comovida, que cada ano lhes rodeia a última morada de rosas, de círios, de coroas, de preces? Lá em baixo da terra, tão sós, tão frios, não lhes seria por ventura consolador acordar na eterna noite que os cerca ao misterioso bafejo de uma saudade em pranto, garantindo-lhes a lembrança fiel que nunca olvida?

Sim, talvez... A alma triste das flores levar-lhes-ia num aroma mais vivo a segurança do amor que é mais forte que a morte.

Mas ai! E se essa alma dos goivos e das sempre-vivas, falando-lhes da ternura que persiste, acendesse demasiado nos pobres mortos o horror dessa imobilidade e a ânsia de tornar à vida, à ação, ao afeto, à felicidade? Ou então, à clarividência do além-túmulo varasse o artifício de certas

¹⁵ Deixai toda esperança oh! vós que entraís...

manifestações convencionais e hipócritas, e o esquecimento lhes aparecesse nítido sob as fingidas lágrimas – que tortura para o infeliz desaparecido! Não poder levantar aquela pesada lápide que lhe oprime os ossos, para surgir à sombra dos ciprestes qual sombra vingativa, e expulsar pelo terror os que o pranteiam mentirosamente para conquistar o apreço do mundo!...

Não! Fiquem os finados insensíveis, como são, à dor sincera e à dor fingida, adormecidos nessa paz serena que nada abala e é verdadeiramente o eterno e absoluto repouso.

Sejam as flores, os círios e as homenagens um desabafo dos vivos; sejam, quem sabe? Uma inconsciente satisfação ao remorso que secretamente punge cada indivíduo que sobrevive a um ente querido e continua a existir, a gozar a existência e a esquecer um bocadinho mais cada dia aquele que se extinguiu.

O sepulcro, porém, é surdo, é cego – e rosas como prantos não lhe traspassam a crosta regelada. Na realidade, nada contém, senão matéria inerte, em decomposição; e o verdadeiro asilo, dos mortos estremecidos é outro, como diz Campoamor, nestes versos que se intitulam:

-Todo está en el corazon.

Era a rainha que adorava o esposo, arrebatado pela morte.

La tumba al vez de su esposo

- Todo está allí!! – se decia...

Um dia fez abrir a tumba e nada encontrou senão pó...

Desde tan triste occasion,

Senálando al corazon,

Decia: - Todo está aqui!

Mas às vezes o coração varia, e então, pobres mortos! Nem todos têm a sorte de certo português rico, cujo sucessor na posse da mulher e do arame venera a sua memória como a de um santo protetor. O defunto tem o retrato na sala do novo casal, tem flores, tem luzes...

E se um convite de festa coincide com a data do seu desaparecimento, o sucessor cerca solenemente as pálpebras, enfuna o peito e murmura em voz cava: “Hoje não pode ser / é o aniversário da morte do primeiro marido de minha mulher!”

Aqui, Artemísia esboça um soluço e leva aos olhos uma ponta de lenço rendado, em que se evidencia um belo monograma.

O retrato do morto, porém, mostra-se singularmente indiferente a tanta veneração; e o olhar que ele crava do alto da parede no seu demasiado grato sucessor, é o olhar brejeiro e irônico, olhar mesmo de português que suou de trabalho para o outro e parece dizer-lhe:

“Hodie mihi, cras tibi...”

Não resume, aliás, esta frase toda a verdade das penas ou alegrias deste mundo?...

Carmen Dolores.

A SEMANA 12/11/05 [7705]

Colombina, quando abandonada um dia pelo seu Pierrot, refugiou-se toda, inconsolável de saudade, no amor a uma branca rolinha, cujo olhar de uma doçura fiel parecia ter não sei que estranhas afinidades com o antigo olhar do inconstante bem e consentia-lhe a ilusão do passado esvaído e das suas extintas alegrias.

Era sobretudo a plumagem da linda avezinha que fazia o seu maior encanto, ao mesmo tempo que a sua maior tortura.

Ameigando e arrepiando ternamente essas penas tão alvas, sentindo-lhe a macia quentura, Colombina evocava a tepidez de outras carícias e as suas lágrimas rolavam sobre a doce cabecita da rola, aninhada entre as suas mãos qual um grosso e níveo *pompom* de arminho, para pó de arroz.

Quanto tempo durou essa saudade e essa ilusão? Ninguém sabe...

Certa vez, porém, como Colombina repetisse essa leve blandícia dos seus dedos cor de rosa, verificou, espantada, que a rolinha branca se fizera gradualmente rola velha e encardida, que as suas formosas penas tinham em grande parte caído e só a espessa venda das prestigiosas recordações do passado a havia impedido de observar essa mudança tão palpável.

Nem sequer tinha Colombina reparado que, além da progressiva queda das penas, o olhar da pomba se cobrira de um abelide, empanado, triste, não podendo mais desta sorte exprimir o sentimento de terna fidelidade que tanto servira para

enganar e embalar as suas saudades de outro olhar...

Em resumo, ela acarinhara longamente, por engano, uma velha rola depenada; mas esse engano partia-se, fazia *palatrás!* e rolava em cacos por terra.

No mesmo instante, os seus dedos, que animavam a ilusão, repetiram com aspereza a realidade, sob a forma daquela feia avezinha, e Colombina ergue-se curada, desafoçada, livre de toda essa maçada sentimental...

Enfoncé, Pierrot!

Não foi isto que sucedeu mais ou menos agora em um lugarejo do interior? Louco de amor, um indivíduo agarrou-se freneticamente à posse de uma mulher, que era entretanto insuportável de mal gênio, contam os vizinhos. Mas ele nada via senão através do prisma absurdo de sua paixão, e a tudo se dobrava, tudo aceitava, submisso e dedicado como um cão fiel.

E anos correram. O indivíduo amava sempre, com igual intensidade; a mulher continuava também sempre a ser inaturável – ele cego, ela desabrida.

Em dia, contudo – e esse dia da verdade parece que sempre chega – como a bem-amada se achasse em plena luz, respondendo a palavras ternas com o seu costumeiro ar de desdém, o homem apurou de repente a vista, como pasmado, chegou-se para mais perto e descobriu, no meio de uma viva consternação, que a sua Julieta havia perdido a mocidade e os cabelos: estava murcha, acabada, estava pelada, era na realidade uma ruína... Oh!... E o fiel amante rugiu... Ele tinha então perdido o seu tempo

humilhando-se àquilo?... Não o perdeu mais um só minuto: agarrou no cacete e vibrou-o com valentia no corpo da criatura, que ali só lhe representava uma ilusão morta e todo um cortejo de sacrifícios tolos...

Fora, amor!... Rua, amor!

-Basta!... em nome da tua paixão!... Chamava a infeliz, sem compreender o lado psicológico da sova.

-Qual paixão! arquejava o ex-Romeu; **era cegueira; era besteira...**

E o cacete girava, os golpes roncavam, até que a adorada caiu desfalecida no chão e o homem fugiu.

Preso e interrogado pela autoridade, sem aliás grande rispidez, porque Julieta resistira às pancadas e andava já pelas ruas, o amante tantos anos dedicado respondeu com um largo gesto e filosofia, que aquilo tinha sido indispensável...

-Foi como lição, *seu* delegado, para o estupor não iludir a minha amizade. Deus é que sabe há quanto tempo ela está assim feia e calva! E meus olhos não viam! E eu sempre de cabeça baixa como um cão amarrado!... Mas acabou-se. Eu vou-me embora...

Faltando testemunhas de vista da sova, a justiça roceira soltou o homem, que partiu realmente, sem atender de consideração de espécie alguma.

O poeta diria:

Elle m'a trop battue, tant qu'à la fin, d'un coup,

J'ai redressé la Tête, en cassant mon ticon...

O desiludido Romeu, naturalmente menos letrado, contentou-se em reiniciar no violão o equivalente de certa canção de Beranger:

Eh! Gai, gai, gai, de profundis!

Ma flamme

A rendu l'âme.

Eh! Gai, gai, gai, de profundis!

Qu'elle aille au paradis...

Assim terminaram as mais belas coisas da terra, quando bate asas de celeste ilusão, que a tudo empresta os fictícios prismas do sol nas suas múltiplas fases. Quando ele nasce, tudo é róseo; quando ele descamba, tudo é negro.

Moralidade: quem tem a ventura de ser muitos anos amado, deve requerer prudentemente uma vistória a olho nu das pupilas vendadas do Cupido, antes que elas sozinhas se desvendem.

Foi na semana passada de ansiedade, agitação e susto, fervendo os boatos. Parece que lá pesava a relativa tranquilidade pública, consentindo a despreocupação alegre, uma frivolidade repousante, projetos risonhos e festivos.

E enquanto a vasta cidade rumorejava, luminosa e fremente, na sua febrilidade ativa de grande centro, um punhado de soldados ébrios se revoltava dentro de uma fortaleza e matava, trucidava e incendiava, sem objetivo certo, sem um fim determinado, só mesmo para matar, trucidar e incendiar, numa fúria de dementes.

Devem ter-se dado muitas cenas selvagens, verdadeiramente trágicas de ferocidade e horror, durante essa rebelião insensata; mas nenhuma terá igualado em medonha intensidade dramática a do assassinato desse triste e desditoso tenente Torres, cuja sorte é de comover uma pedra.

Contam que ele se excedia em severidade. Era talvez exagerado e rude na repressão disciplinar desses brutos, que se vingaram.

Mas só tinha vinte e seis anos!... E que agonia até morrer, dentro dessa caixa em que as suas artérias palpitarão doidamente de terror, e o seu pobre rosto convulsionando se alagou de um aflitivo suor gelado, e os seus pensamentos giraram numa incoerência espavorida, entre mil projetos impossíveis de fuga, até ressoarem os primeiros passos dos que o procuravam para o assassinar!

Foi de certo um poema de horror. E no ambiente azul desta capital, ao rumor dos seus elétricos e carros de luxo, entre o esfuziar dos risos e ditos de espírito nas confeitarias da moda, senhoras passando garridamente em *toilettes* claras pela rua do Ouvidor, toda a vida moderna vibrando, polvilhada de luz, numa sucessão de quadros variados e jubilosos que lembram um colossal cinematógrafo da civilização, como parece extraordinário e incompreensível que se possa morrer desse modo atrás, a dois passos unicamente da nova, da grande Avenida!

A outra vítima sucumbiu ao primeiro tiro, ainda calmo, sem sofrer; mas esse mísero Torres morreu trinta, cem vezes; levou uma eternidade resumida em horas a agonizar e expirar, enquanto a brilhante cidade folgava, na sua inconsciência feliz.

Quem disse que o ódio já não existe no mundo? É mentira, apareçam embora as raças modernas abastardadas pela degenerescência da sua fibra de energia e reação. E nunca

serei eu que o condene. Acho o ódio fecundo, vigoroso, inspirador. Como pregou o talento de Zola, o ódio é santo; é a indignação dos fortes contra os tolos medíocres. O ódio alivia e engrandece. E odiar é amar, é sentir a alma quente e generosa, e viver largamente do desprezo das coisas parvas e vergonhosas. Não ama, enfim, como não odeia, qualquer ente vulgar; para estes sentimentos é preciso envergadura de condor.

O delicioso amor de Julieta e Romeu, que tão irreverentemente parodiei nestas primeiras linhas, a propósito de um caso da semana, nasceu do ódio secular dos Capuletti e Montecchi. E foi o ódio dos deuses imortais, ainda hoje li, que na *Iliada* emprestou aos heróis troianos a força encanecida de lutarem contra monstros, elementos, destinos, insuflando-lhes intrepidez indomável.

Mas há ódio e há ódio, como há *fagot* et *fagot*.

O ódio do povo russo contra a autocracia imperial, é um ódio nobilitante e justo; mas esse mesmo ódio que se encadeia contra toda a raça judaica, conforme os atuais telegramas, e trucida inocentes, mulheres e crianças – que grande horror! E o ódio desses soldados de Santa Cruz, arrancando o infeliz tenente do esconderijo em que ele suava de angústia, só contra tantos, desarmado e fraco – esse ódio é infame, é covarde, é um abuso da força brutal, que merece rigoroso castigo.

A tal ódio é preferível então a religião do *santichismo*, hoje muito aceita que tudo e todos toleram indiferentemente – imbecis,

intrigantes, criminosos, desprezíveis –
dizendo apenas: **ora adeus!...**

E tem a palavra neste momento o ilustre Coelho Netto, que discorre na tribuna das conferências literárias sobre A água.

Que o constele as diamantinas gotas dos mais brilhantes aplausos, é o voto de quem não pode ter hoje a ventura de ouvi-lo, mas prevê de longe o seu sucesso e mistura as suas palmas a todas as outras.

Domingo, no passeio público, a eloquente palavra de Alcindo Guanabara coadjuvará generosamente os esforços beneficentes da irmã Paula, à qual já foi oferecido o produto d'A dor para mitigar outras dores. E assim, conferências, festival, corridas infantis, quermesses, cançonetas, monólogos, e até um *Garden-party* de bonecas, farão esquecer a agitada primeira parte da semana, transformando os seus dois últimos dias em 48 horas de satisfação e prazer.

All right!

Carmen Dolores.

A SEMANA 19/11/05 [7712]

Enquanto se inaugurava a grande Avenida, no dia 15, as ruas enchiam, e quando começou a afluir gente de toma-viagem, cansada de tanto esplendor e levemente embrutecida por tanta novidade e tanta água a um só tempo, os bondes já nadavam sobre ondas revoltas cor de barro e os animais afundavam meia perna e afinal a perna inteira.

Rodavam os passageiros num balanço de escaler, passa, não passa o veículo, aqui um temeroso *maelstrom* de espumantes remoinhos, ali o fragor de uma queda de água na boca hiante de um bueiro, acolá um marulhante lago onde alvas cristas freíam sobre uma espessa massa tom de sépia com muito nanquim, e depois a infundável fita pardacenta de rios caudalosos, dividindo-se em braços mais largos ou mais estreitos e desaguando uns nos outros, furiosos, chocando-se, misturando as suas cachoeiras rumorosas, correndo, fugindo, inchando — tudo isto ao som da chuva, da enxurrada, das pragas dos cocheiros e dos condutores, lembrando a fúria das águas do Apocalipse.

No meu bonde havia grande ansiedade. O Mangue apresentava altivamente uma superfície de oceano.

Onde a linha do canal?

Impossível descobrir. Só as palmeiras emergiam, olhando de cima, com as cabeleiras gotejantes, toda essa onda lodosa espadanando aos seus pés. Em seguida, a entrada da Rua Machado Coelho, um pânico se estabeleceu. A água era muita, remoinhava com furor, e o carro afundou, vacilou, lavado de ponta a

ponta pela corrente empolada, enquanto senhoras gritavam, no susto que ele virasse completamente. Mas não virou, passou, e em breve a Rua Malvino Reis ofereceu a sua pavorosa perspectiva de um rio acachoadado a vencer, em cujo leito rolavam arcos de barricas, palhas, cestos e mais coisas. Garotos metidos na água até a coxa viaavam os bondes.

Desde alguns momentos, notava eu que certo passageiro ao meu lado apresentava indícios de viva inquietação. Vinha da festa, encartolado, soberbo, mas já molhado como um pinto: e a cada segundo, seus olhos ansiosos varavam a extensão da enchente, seus dedos crispavam-se no encosto do banco... Curvou-se, enfim, levantou as calças sobre os tornozelos, empunhou o guarda-chuva e deu, com ar desesperado, o sinal da parada. Era a esquina de nina rua transversal, de onde galopava para nós uma violenta e volumosa corrente, vindo fundir-se em nosso rio principal. E o bonde jogava como um pacote na baía de Biscaia.

O passageiro ainda hesitou no estribo mergulhando a vista nas vagas, possuído de terror, mas o cocheiro pôs-se a berrar de impaciência e ele saltou e afundou, abrindo os braços como um naufrago, entre uma chuva de espuma.

Vimos a sua sobrecasaca bem feita boiar como uma bandeira de funeral, toda negra, sobre as águas; das suas belas calças claras, só a parte superior junto ao tronco ficou descoberta; e a cartola nova luzia de alagada, amolecida de uma banda e as mãos enluvadas laiam o gesto dos nadadores, afastando as ondas diante de si...

Foi assim que, no dia 15 de novembro de 1905, assinalado por um triunfo da civilização e do progresso, vimos desaparecer numa esquina da cidade embandeirada e jubilosa um distinto cavaleiro, voltando em festivos trajes da inauguração da grande Avenida...

A propósito, lembro-me de um conto delicioso de Hamilton, o inglês dos tempos de Luiz XIV que escrevia francês como Boileau e Molière. Era um príncipe enamorado de uma fera, de quem recebia só unhadas e maus tratos.

E poderemos, para aplicar *el cuento*, transformar esse príncipe num prefeito de barba branca, mas de olhar negro e juvenil, filtrando energia sob supercílios de mando.

Uma vez que o príncipe protestava, cansado e aborrecido de tanta resistência à sua ação, o monstro lhe disse enternecido:

— *Si vous m'aimez, brûlez ma peau...*

O fidalgo agarrou-o e, após medonha luta, atirou-o numa fogueira, de onde saiu uma mulher da mais peregrina formosura, que curtia por encantamento naquela forma vil e repulsiva uns erros de família...

A nossa cidade curte os erros do seu nascimento e não corresponde aos esforços vigorosos de um excepcional prefeito, senão com unhadas e maus tratos, absolutamente como a fera do conto. Enamorado dela, buscando apurar-lhe a beleza natural, o príncipe esbarra no meio das mais brilhantes vitórias com a grossa casca do feito antigo, com os feios processos, os feios erros da primitiva feição - e a luta é formidável. Justamente, no dia

de uma alegre inauguração, a peste da cidade reage, enche, ruge, transborda, alaga tudo. Se curva hoje o espinhaço à mão forte que a doma, amanhã esperneia, arranha, morde e destrói... E como que ouvimos a sua voz dizer ao Passos: - *Si vous m'aimez, brûlez ma peau...*

Em bom português, esta invocação: “Se você me ama, arrase-me ainda mais; queime toda a minha pele colonial, estripe e substitua os meus velhos encanamentos que não dão escoamento às águas pluviais; torça-me, force-me, que eu surgirei, enfim, qual princesa encantada pelos gênios malfazejos, de uma formosura transcendente”.

Diga-se a bem da verdade que o prefeito obedece rigorosamente a essa voz. Ele arrasa sem dó nem piedade, ele queima, demole, abate, faz coisas prodigiosas, mas o monstro ainda está reagindo.

Confiemos nele, que o lindo conto de Hamilton terá, com o correr dos meses, a sua franca aplicação entre nós, não é assim?...

Não existe tempo mais enervante do que este que reinou quase toda a semana, quebrando energias, deprimindo nervos, abatendo por completo a própria fantasia, cujas asas se dissolvem inteirinhas sob a baixa pressão de temperatura tão extenuante.

Umidade e calor, chuvas intermitentes, caprichosas, mornas, que nunca aliviam, mormaço tristonho e amarelento, um céu positivamente de chumbo, pesado e baço, céu das temporadas epidêmicas—eis o que temos tido durante estes intermináveis e insípidos dias de novembro, que

evocam as épocas das queimadas na roça, quando os próprios aguaceiros já caem aquecidos pelos vapores fumegantes da terra.

Nada, enfim, refresca, nada mitiga a surda angústia dos organismos, e não é de admirar que se mostrem os ânimos irritadiços e propensos à cólera explosiva, que descarrega o punho e maneja a faca.

Um pobre homem, por exemplo, que talvez houvesse lido as suas páginas da história de Napoleão, tinha a mania galhofeira de imitar o legendário imperador, beliscando a orelha dos seus mais caros amigos. Ao menor pretexto, uma carinhosa tapona em plena face e os dedos a torcerem e retorcerem um lóbulo de orelha, que se fazia carmesim, tudo acompanhado de grossas e bonacheironas gargalhadas. O paciente às vezes ria também, mas ria amarelo; outras vezes reagia em ar de graça e os socos voavam, cruzavam-se, para áudio da galeria.

Com a temperatura atual, porém, uma dessas vítimas, cujas orelhas parece que ardiam, não resistiu à sanha brutal de uma vingança; e o mísero trocista foi varado pelas costas pela mais certa das facadas, de que veio a falecer em poucas horas.

Ora, fizesse um dia frio e azul bafejado por uma dessas brisas cheirosas e calmantes que dilatam largamente o pulmão e deixam circular o sangue, e nada disso sucederia. O culpado foi o calor abafado, que congestionou a orelha beliscada e passou a congestionar subsequentemente o cérebro, a alma e a consciência.

Por tudo isto, aliás, como simples atenuante, venha a revolução a que se

referiu Pangloss contra as roupas pesadas dos homens, cuja vista é suficiente para agravar os efeitos deste clima.

Un costume en coutil et un panamá, éviteront bien de maux, Seigneur!

E já que temos a avenida, tenhamos também os frequentadores dessa avenida vestidos de cisnes brancos, tão cândidos que uma doçura repousante emane de todas essas roupas cianas, frescas e leves. Serão cisnes de monóculo, de *pince-nez*, de óculos, mas cisnes em todo o caso pela imaculada alvura, e que esquecerão rixas e questões no refrigério de seu bem-estar. Ah! como Ricardo Wagner aplaudiria esta inovação, se a visse, supondo-a uma homenagem às suas criações líricas, em que o cisne representa sempre papel tão preponderante entre deuses, heróis, princesas e cavaleiros de gládios de ouro!

É hoje, sábado, que a Sra. D. Júlia Lopes de Almeida realiza a sua conferência sobre o *império da moda*, que pretendo ouvir e aplaudir conscienciosamente por dois fortes motivos: porque a preleção há de ser realmente bela e digna do talento de quem a faz; 2º, porque essa distinta senhora quebra a rotina e apresenta-se valentemente numa tribuna até aqui só ocupada por homens. E um triunfo sobre o preconceito que merece calorosas palmas.

A moda oferece o mais vasto campo, na verdade, para uma conferência. Tão variável e tão pitoresca nessa variedade, vinda dos séculos passados em *travesti* de

anquinhas e moscas, com enormes penteados encanudados e polvilhados à *la maréchale*, para arvorar depois a pavorosa saia-balão da Imperatriz Eugênia e resvalar —coerentemente, mais tarde, nos escorridos *costumes à la Benoilon* - a moda vai sempre impondo as coisas mais contraditórias como sendo as que, enfim, resumem o supremo apogeu do *chic*.

Cumprе todavia não estudar essa travessa e inconstante fada, através de velhos daguerreotipos e antigas fotografias, porque então ela aparece ridícula, ridícula... Uma *crinoline* enorme, bandós chatos e luzidios sobre a testa, um corpinho de bico que emerge do formidável tonel das saias, e a mão que segura um pretensioso lenço de crivo sobre toda essa estupenda circunferência - que horror!

Só mesmo um rosto amado, saudoso e empalidecido pela ação dos anos, faz amar esses horrores. Faz até às vezes chorar de emoção e de tristeza...

Oh! a moda!

Carmen Dolores

A SEMANA 26/11/05 [7719]

Para mim, a mais interessante nota da semana foi uma linda carta que me dirigiu uma senhora, perguntando-me espirituosamente qual é o pior vilão – se o vilão pobre ou o vilão rico...

Francamente, minha senhora, a resposta é difícil, pela simples razão que, devido à ordem estabelecida das coisas, sobre o vilão pobre caem sempre as pedradas da justiça, ao passo que o vilão rico é que as atira, ele, impunemente, e todos as recebem reverentes, jamais o acusam e até o admiram.

Logo, o mal que não tem posses deve sempre ser pior do que o mal que as tem – isto pela cartilha social, que faz de código.

Eu, porém, que leio pessimamente esta cartilha e desejo, além disso, corresponder à confiança que encerra uma interrogação tão direta dos meus próprios sentimentos, eu responderei por outra forma e de acordo apenas com a minha maneira de pensar.

Acho, minha senhora, que o vilão pobre ainda pode invocar como atenuante a sua pobreza, que não somente lhe dificulta os meios de ser bom, elevado e generoso, como também lhe azeda a alma, sob as contínuas e irritantes ofensas ao seu amor próprio humilhado.

Num ente que se debate sob os atrozes problemas e as intrigadas transigências da necessidade, acuado sempre pelo egoísmo brutal dos fortes, a vilania é muitas vezes um efeito e não um defeito. O indivíduo nasceu bom, nobre, reto, mas a vida lhe foi tão dura, que a pouco e pouco ele se tornou um canalha. Nenhuma piedade

mais no seu coração para os outros. *A la guerre comme à la guerre...*

O vilão opulento, porém, que possui palacetes, alfaias, mármore de Carrara, bronzes de Barbedienne, telas de [ilegível], de Ingres e de Delacroix, cães de luxo e pássaros raros – todos os requintes do luxo, todas as satisfações do orgulho – e que mesmo assim, nessa plenitude do bem-estar, é mau, é cruel, abusa dos francos, joga com o sofrimento alheio, comete os atos mais vis e mais inconfessáveis, abrigado pela sua riqueza, Ah! esse tipo de vilão é o do mais desprezível e abjeto dos entes. Antes cem vezes, minha senhora, o vilão de estrada ou de rua, maltrapilho e baixo, mas a descoberto, que não ilude sobre o seu valor aqueles que lhe passam à ilhargia.

Para este, há ainda o Código Penal, que limita a sua ação. É simplesmente vilão – não passa a monstro. Mas o outro, que se repimpa no *huis clos* do seu luxo e daí delinea as torpezas que lhe sorriem, recobrando com uma aparência de civilização afinada o fundo baixo dos seus instintos; o outro, para o qual não há dor que emocione nem escrúpulo que inspire respeito, e cujo prazer sádico é de gozar os efeitos do mal que semeia, das covardias que comete – oh! esse vilão é de todos o pior.

Joga com as suas vítimas, abusa da força que lhe dá o dinheiro, cospe na desgraça, dilacera com ares de boa sociedade, é, em suma, o mais torpe produto desta época argentária, em que a riqueza faz lei.

Não é verdade, minha senhora, que um grosseiro vilão do povo, desses para os quais foi propriamente criado o adjetivo, que significa rústico, vale

mais do que esses outros pertencendo às classes culminantes e gozando de todos os privilégios, que reforçam as suas vilanias com o incontestável poder fornecido pela rodela de ouro e pela posição?

Eis, portanto, dada a minha resposta, minha senhora; e se, decididamente, for preciso que eu escolha entre dois vilões, um da rua e outro da sala, um vestido de brim pardo, outro de sobrecasaca e luvas, deixem-me, pelo amor de Deus, com o vilão de roupa de chita, que ele será menos feroz do que o outro. Pelo menos, a vilania nele destoa menos, não lhe parece?

Que se há de dizer hoje de novo, se a Avenida Central já passou a assunto velho, discutido por meio mundo, reprovado ou endossado, e o Chaby Pinheiro partiu para Lisboa, deixando em toda esta cidade o vácuo da sua corpulência, e o céu azul anda de uma monotonia que até produz tédio, e só polémicas escandalosas ou questões políticas encham os jornais?

Debalde telefone, pedindo novidades, a uma amiga que foi outrora monarquista convicta e é hoje republicana *enragée*...

Sim, senhores, cada semana ela envergava o seu belo vestido de seda, atirava uma mantilha de renda sobre o cabelo e batia num carro de cocheira para S. Cristovão, bradando em voz de papo aos conhecidos:

- Vou ao Paço!

E o seu tom grave comovia, acordando a ideia de um nobre dever, solene e glorioso.

Pois, hoje, é com essa mesma enfática voz de papo que ela declara, ao meter-se no elétrico:

- Vou ao palácio do Catete...

E que faz a minha amiga no cerimonioso salão presidencial, senão o mesmo exatamente que fazia na singela galeria das recepções imperiais?

Adora o poder que está de cima e ergue-lhe as mãos, pedindo graças.

Esta senhora, porém, acaba de responder-me que tudo vai tão admiravelmente bem, que nada há de novo.

Telefone então a outra amiga que, no passado *régimen*, vibrou ostensivamente de entusiasmo ao lado de um dos primeiros republicanos em evidência, cujas opiniões adotou, e que agora, no entanto, leva a gemer como uma rola ferida com saudades da monarquia. Ah! o império! O imperador! A santa imperatriz! A princesa!... E suspiros longos... longos...

Mas explica-se isto: a minha amiga sente a falta cruel de uma pensão que lhe dava a bolsa imperial e a República aboliu... Geme então, mas só os ecos lhe respondem.

Aplicando o ouvido ao telefone, escutou-a dizer-me que as novidades são muitas e terríveis. Vinte homens fuzilados na ilha das cobras, em segredo... O país vai rolando pela avenida fora para o fundo negro de um abismo. Que lástima!

Para desempate destas opiniões desencontradas, como nos tribunais arbitrários, procurei então uma terceira senhora, cuja fisionomia esperta me prometia os melhores resultados. Ela, porém, em matéria de assunto

palpitante, está no meu caso: nada sabe.

Contou-me, entretanto, passando a outro terreno, que é ruidosamente política, mas política segundo o ar do tempo. Isso afinal de partidos fiéis, que grande asneira, não é? Assim, por exemplo, se na sua presença enaltecem o fogo as qualidades de um ministro, ela, arregalando vorazmente os olhos e a boca, corre depressa a esse ministro, com o nome escrito do seu afilhado, do seu parente ou protegido, e grita-lhe:

- Oh! Excelentíssimo, abra as suas ricas mãos e deixe cair o favor de uma colocaçãozinha para o meu pretendente, sim?

Se o ministro deixa, de fato, cair o favorzinho, ela sai pelas ruas tão entusiasmada, que agarra logo um transeunte pelo botão do paletó e berra-lhe na cara espavorida:

- Sabe quem é o primeiro ministro da República? É fulano... Grande homem, ouviu?...

Larga este e corre a outro. Mesma frase e mesma estupefação.

Mas o seu calor convencido vai lavrando, vai ateando uma chama geral – e em breve, de um ponto a outro da rua do Ouvidor, que é e será sempre o canal dos segredos do reimidás, só se escuta esta afirmação ardente e comunicativa:

- O primeiro ministro da República é fulano!...

Mas se o ministro não concede a colocaçãozinha?... Perguntei com timidez a essa senhora de assombroso tino político.

Ah! isso agora era muito diferente. Ela saía a berrar pelas ruas, mas era que esse tal ministro

representava a mais indecente cavalgada do seu tempo e de toda a República.

- Grito que ele come os dinheiros do tesouro, acumulo provas da sua venalidade, esperneio, escabujo – e o homem fica mais raso do que o chão.

E gravemente, a senhora conclui:

- Este é o único meio da gente obter alguma coisa.

Eu, então, mais gravemente ainda, concordei:

- Sim, parece... O processo moderno é este. A política atual é essa...

E, levando com solenidade o dedo à testa, eu declamei:

- Comer ou não comer, *that is the question!*...

Aplausos das galerias...

Se Olavo Bilac nos permitir ver logo mais o diabo no salão do Instituto de Música, através da sua palavra quente e incisiva, será um grande passo para todos nós, curiosos de nascença no terreno dos conhecimentos úteis. Porque, afinal, todo o mundo alguma violenta contrariedade, mas, em suma, ninguém o vê, salvo em dois casos. Quando ele, todo vestido de azul, surge sarcasticamente dentro das nossas ideias, espicaçando-as até que elas se encolham tristes e nervosas como uma sensitiva; ou então, se ele, num contraste a *Pompadour*, róseo dos pés à cabeça, dança alegremente a pavana das esperanças diante dos nossos olhos felizes.

Diabinhos azuis ou cor de rosa, quem não os conhece? Mas o outro, o verdadeiro, de olhos de brasa e pés de cabra, todo negro e vestido de

escarlate - Satanás, Mefistoles, Belzebu, Iblis, que sei eu?... Onde está ele, que ninguém o vê? Surgirá evocado pela brilhante preleção de hoje? Ficarà escondido nos recessos da alma de muita gente ou preferirá a sua efêmera, mas sucessiva residência, feita de pétalas de flor nas belezas de 16 anos?

A beleza do diabo!...

- *Ne vous y trompez pas, madame*, assegurou o venerável abade de Choisy a certa dama que a discutia; *c'est celle là qui nous tente le plus...*

Parece que o velho abade era um entendido...

Carmen Dolores.

A SEMANA 03/12/05 [7726]

Choveu, fez calor, tornou a vir o sol, e que sol! Cantam as cigarras, e que furor estridulo! Danam os cachorros pelas ruas dos subúrbios, danam os donos por os verem danados, aprontam-se as malas para Petrópolis – e creio que é tudo nestes oito dias. Lá na aristocrática cidade serrana, contudo, a animação não é também ainda para entusiasmar, nem brota o assunto como a fácil flor desses campos de brocado verde.

Penso mesmo que, atrás de cada caramanchão pontudo, de cada persiana cerrada sobre os lindos jardins estrelados de hortênsias e rosas, atrás das bambinelas fantasistas, adejando bucolicamente à brisa perfumada das montanhas, muita gente se embosca à espreita do choque dourado e fugitivo em que passa a novidade, tão velozmente como

expresso paulista na estação de S. Cristóvão.

- Vem cá, ingrata! Gritam-lhe de todos os cantos das avenidas petropolitanas; para!... bafeja-nos com um ar da tua graça, que muito precisamos de ti!...

O coche flamejante, porém, só se detém um rápido minuto, enquanto a novidade retesando as rédeas, atira de cima alguns papeluchos de cor, que se dispersam ao ar, disputados por centenas de mãos.

A novidade!... Correm todos, numa avidez de conhecê-la; mas os papeluchos repetem apenas aquilo que todos os jornais já disseram e depressa os narizes dos leitores se alongam, deprimidos pelo desapontamento. Nada, então, nada existe de novo? Nada, responde o eco, agravando a desesperança.

E como o homem não pode só viver da contemplação das margens do piabanha – por sinal que bem peludas e reclamando urgentemente as carícias de uma foice – o homem, o petropolitano, o veranista, tem de inventar aquilo lhe falta...

Nesta ausência total da novidade que alimenta o espírito, ele cria um irmãozinho dela que, em virtude da sua gentileza nunca é denominado senão em francês, assim como *Bebé*, *Toló*, *Popol*, etc.

Esse irmãozinho chama-se *Cancan Polin*; e supre com as suas travessuras variadas o vácuo deixado pela irmã mais velha, quando ela atravessa Petrópolis sem parar o seu coche de reflexos luminosos, que todos contemplam, mas de longe, sem conseguir jamais detê-lo.

Ora, aí temos porque, lá em cima, nessas aristocráticas e balsâmicas serras o *Cancon* representa um papel quase tão preponderante como a chuva e como a *toilette*... Vestir bem e falar melhor... da vida alheia – *tout est là*...

A propósito ou sem ele, contam-me que outrora, quando a rua do Lavradio era ainda o mais severo refúgio das famílias, costumavam pelas sete horas da noite aparecer bandos de honestos parentes que se dirigiam à casa de outros parentes igualmente honestos, afim de passarem juntos a noite, em torno de um singelo chá com pão torrado, delicioso, cor de ouro, resplandecente de manteiga inglesa da casa Costa e Carvalho.

Ao lado desse divino pão, brilhavam biscoitos feitos em casa, fatias de pão de ló também torrado, outras coisas cheirosas salpicadas de canela com açúcar – e lá para o fundo da mesa refulgia a prata sólida da casa, bules, um enorme paliteiro, o açucareiro, a manteigueira, colheres, tudo do bom e do melhor.

As donas da casa, entretanto, vestiam apenas chitas – francesas, era o *chic* da época – e traziam um lenquinho ao pescoço.

Os homens... os homens usavam calças de ganga amarela, de alçapão, e ao pescoço enrolava-se-lhes uma interminável gravata, dando tantas voltas quantas as do labirinto de Creta.

Esses representantes do passado, porém, eram muitas vezes homens superiores, estadistas notáveis, cujo nome se gravou para sempre na nossa história pátria; eram ricos, tinham seges, lacaios de libré, fartura,

posição, prestígio. Abalavam-se, não obstante, das suas casas, para **passar a noite** em família, com parentes, muitas vezes pobres, num lar modesto, situado em ruas afastadas de sua própria residência.

Nesses remotos tempos, as primas ainda eram cultivadas. Ia-se visitar uma prima Josepha ou Cunegundes, moradora num beco da Lapa, como se vai hoje às recepções de um ministro – espontaneamente e gostosamente...

E os tios ainda apreciavam os progressos ao piano da sobrinha que tinham visto nascer.

- Menina! Vai tocar aquelas variações da *Gazza Ladra*...¹⁶

A menina obedecia e o tio apoiando o queixo barbeado e cor de rosa no enorme castão de ouro da bengala, engolia sem tugar nem mugir, silencioso e interessado, treze variações sobre o mesmo motivo – um tema de dez compassos...

Num solene dia de enterro de algum parente, a família inteira congregava-se e carpia junta, sem gradações de fortuna. O velho vestido de sarja preto, remendado, fraternizava com a *toilette* de *moire antique*, negra e rica, feita na costureira Gudin, uma das primeiras de então.

E ninguém, para julgar do merecimento de outrem, ia examinar-lhe primeiro o estofo e o corte da roupa.

Pois bem: hoje, em que não há solda prata nas mesas de chá, nem pão torrado com canela e açúcar, nem interesses de família, nem prestigiosos nomes na história, nem primas

¹⁶ A pega ladra...(pássaro)

estimadas nos becos da Lapa, nem tios que ouçam as sobrinhas tocar piano ao serão; hoje, em que a nota simples, sincera e afetuosa, desapareceu dos nossos costumes, vitimada pela febre amarela da civilização – hoje é justamente o oposto que sucede e só a *toilette* indica qual o grau de consideração que merece fulano ou beltrano na sociedade.

Evidentemente, numa cidade cosmopolita ou diplomática, onde se formam grupos que se costeiam, mas não se fundem, e de onde desapareceu por completo a boemia do encantador laço familiar – só mesmo a senha do vestuário pode indicar alguma coisa, quando todos se desconhecem, pelo menos sob o ponto de vista mundano e argentário.

Um vestido assim, assim, de tal linha e preço indicando sair do *atelier* de Mme. Z., a primeira da época? Muito bem. Esse vestido, quero dizer – essa senhora está cotada e aceita pelo Club do Snobismo. O jovem X tem um colete encardido último grito e traz calças de certa flanela que parece suja, com o sinete respeitado de um célebre alfaiate – então, perfeitamente, ali há cobre, venha para o grupo.

A própria ama seca dos *babies* orienta... avental e touca – é das nossas. Sem isto, leve para longe o *bebê*...

Apenas, com tais e tantos elementos heterogêneos, de que se há de falar?

Da família? Isto não se usa mais. De resto, quem é que conhece a família uns dos outros? Conhece-se a roupa – e já não é pouco.

De literatura? *Oh! Oh! Mais c'est rasant, vieux jeu...*¹⁷ de música? Não, basta a que se ouve nos concertos do Club dos Diários, consagrada, essa, pelo maestro Alberto Nepomuceno, que é *snob*, além de artista.

Nesses concertos, meus amigos, que remédio? A gente vai até citando Chopin, Mozart, Beethoven, Mendelssohn...

Olhos voltam-se para o teto, em êxtase, enquanto o *quarteto* clássico desenrola e detalha escrupulosamente as suas belezas...

Mas, porém, do que essas horas de arte não, jamais, divino Pietá de Verdi – o autor das grandes e clangorosas marchas que ensurdecem, mas divertem.

De que se há então de falar, se ninguém se conhece senão superficialmente?

Meu Deus! Está claro que há de ser da vida alheia.

E aqui temos porque, em Petrópolis, de onde foi banida a sinceridade ao mesmo tempo em que a variedade dos assuntos, só ficou de pé o *Cancan* como *Mot d'ordre* social.

Em bom português – o mexerico, a má língua, de que já se ocupou em brilhante conferência Affonso Celso, o qual soube, aliás, falar dos maldizentes sem se tornar ele próprio má língua... Foi mesmo um requinte de magnanimidade, que eu sem dúvida admirei, mas que, franqueza franca, jamais imitarei... *Vindicta nemo magis gaudet quam foemina*. Morreu o Caetano, coitado! E esta

¹⁷ Oh! Oh! Mas é chato, antiquado...

notícia salpica as últimas linhas da minha crônica de lágrimas de saudade.

Por que, afinal, não choraremos o Caetano digam-me lá? Ele era um macaco do Jardim Zoológico, é verdade, mas era um macaco nobre, cheio de tradições, representando ainda uma ordem de coisas abolidas, mas que já resumiram o apogeu do brilho e do poder.

Macaco da *ménagerie* imperial da quinta da Boa Vista! – que belo e sonoro título para um cartão de visitas.

Esse ilustre Caetano, também, cômico dos seus braços, tinha risos e os gestos mais sardônicos e talvez mais... inconvenientes para todos esses ranchos populares que lhe rodeavam a gaiola, aos domingos, nesse seu exílio do Jardim Zoológico. Mostrava os dentes agudos, em esgares satânicos – e os singelos plebeus torciam-se de gosto, uma incompreensão absoluta do fundo filosófico dessas caretas de macaco, riso que não é riso... Quanta gente não ri como o Caetano!

O governo atual, em sua sabedoria, compreendeu bem que não era um macaco vulgar esse pobre *cynocephalus porcarius*, que divertira infantes imperiais antes de vir divertir infantes do Zé Povinho; e, devidamente embalsamado, quero dizer empalhado, foi o seu corpo transladado da mal cheirosa gaiola para o Museu Nacional, onde a sua alma exultou... ao menos acabara ali, imobilizado numa careta.

*Faute de rire et de courroux.*¹⁸

Adeus, velho histrião!

Carmen Dolores.

A SEMANA 10/12/05 [7733]

Um poeta escreveu certo dia este verso:

*Il'amour n'est plus qu'un jeu,
qu'un simple amusement*

*Où l'on est convenu de
tromper finement,*

*N'être dupe ou fripon, le tout
sans conséquence,*

*Mais d'être le dernier pourtant
avec décence...*¹⁹

Com decência... O poeta resumiu nesta restrição de arte de enganar e de fazer o seu ninho fofo e macio no ninho alheio, sem ofender demasiado as conveniências nem a condescendência do enganado e da enganada. A finura e a delicadeza devem tecer uma leve trama de seda que recobrirá o para vento convencional: e atrás dele, esse amor que não é mais do que um jogo, uma brincadeira, qualquer coisa como o casamento oculto das sortes de prendas dos serões familiares – esse amor poderá folgar livremente, gracioso e divertido, pois as aparências estão salvas.

Defendido o para vento, fica o *fripon*; respeitado pelo mesmo biombo de gaze, fica à vista da parte iludida e portanto a decência exigida. Deste modo, mesmo que a fina trama do para vento deixe transparecer o que se o

¹⁹ O amor não é senão um jogo, uma simples diversão,
Onde se convencionava de enganar
finamente,
Não ser enganado ou idiota, o todo
sem consequência
Mas ser o último com decência...

¹⁸ Culpado de rir e de raiva.

que se passa atrás, como no teatro das sombrinhas, para, para crianças, ninguém tem nada a dizer. *Honni soit qui mal y pense...*²⁰

O amor, porém, do verbo do poeta, esse que é jogo, farça, brincadeira ou vício, de um lado, e cegueira voluntária ou condescendência, do outro – esse amor nunca foi amor, e dar-lhe tal nome é rebaixar, negar e insultar o mais belo e poderoso sentimento do mundo. Porque o elemento primordial da paixão é o exclusivismo, é o ciúme, é a gravidade da posse absoluta do objeto amado; e um amor gaiato, que ri e cabriola atrás de biombos emprestados, enquanto o outro amor traído põe óculos escuros para não ver a traição, pode ser o *p'tit malin* da cançoneta dos cafés da moda, mas nunca será o grande, o verdadeiro amor, que é feito de luz, que isola dois entes sob a mesma aureola de fogo e os eleva acima da própria falta que os uniu.

Amor sem ciúmes? Quem jamais o viu? Os vultos da história aí estão para atestar essa aliança.

Maria Tudor, rainha de Inglaterra, autoritária e imperiosa, arrulhava queixumes, beijando os lindos cabelos louros do seu amante Fabiano, o qual, de guitarra em punho e olhos extáticos, cantava amorosamente a conhecida barcarola:

*Quand tu ris, sur ta bouche
L'amour s'épanouit...*²¹

E a rainha dizia-lhe:

-Oh! como tenho ciúmes de ti! Há nos contos de fadas um anel que torna invisível quem o põe ao dedo! Eu daria a minha coroa de soberana por esse anel, Fabiano!... Oh! não me enganes, vês tu?... senão...

Ele enganou-a com Jane Talbot e ela mandou decapitar essa cabeça loura, em que tanto pousara os seus lábios apaixonados e frementes.

Com a mesma incoerência quis perdoar-lhe à última hora, mas era tarde, e o ódio do povo ao favorito zombou dos arrependimentos desse amor real, que já rugira de zelos e agora chorava de saudades.

Quem desconhece as cartas que o glorioso Bonaparte escreveu do Egito à leviana Josephina, sob o acicate das primeiras desconfianças? Louros, aclamações, vitórias, poder – nada conseguia abafar aquela angústia que lhe causava o ciúme. Que cartas! E que volta precipitada, louca! Quanta cena de explicações e até lágrimas entre ele, um herói, um triunfador e ela – uma simples mulher frívola e namoradeira! Aquilo era o amor sincero que defendia brutalmente a posse do que lhe pertencia. Mais tarde, foi ela que sofreu, envelhecida e abandonada. A paixão dele já não tinha mais ciúmes, porque morrera.

E por toda a parte, no mundo real como no mundo da ficção, na história como na fábula, no romance, na poesia, no drama, nos fatos de cada dia, o ciúme aparece companheiro efetivo da paixão.

E quando ele enfraquece, é porque surgiu a indiferença, que se intitula confiança, inércia da alma que já não vibra sob o temor de perder o seu mais caro tesouro.

²⁰ Execrado seja quem pensar mal...

²¹ Quando ris, sobre a tua boca
O amor se expande...

Pois bem; na atualidade, a nota moderna, *nouveau jeu*, de que tão espirituosamente tratou Lavedan – intenta despir cinicamente o amor do seu caráter sério e exclusivista. Tudo quanto é nobre merece o dístico – 1830, como um vinho velho, sem aliás as qualidades apreciadas do vinho antigo. Ser 1830 é ser fora da moda, ridículo, sentimental, tolo, guardado em conserva, desde tempos imemoriais – um pateta, em suma.

E ser *nouveau jeu* é cultivar o *p'tit malin* no lugar do amor verdadeiro, o não ter ciúmes, para guardar a linha do *chic*, é rir de tudo quanto é sério, é a eterna frioleira, é em suma o verso que encima estas linhas, onde o poeta resumiu a única restrição exigida, que é ser *fripón* com decência...

Oh! mas a natureza prega cada peça aos princípios da época! É um regalo para o observador. Surge às vezes o ciúme, quando menos se espera, e com ele surgem os Smith Wesson que alvejam um rival e detonam furiosamente. Onde então o *nouveau jeu*? É a tragédia de Othelo que ruge. Somente, um desencontro se dá não raro entre os rivais, como sexta-feira, nesta cidade, quando dois cavalheiros namorados, respondendo ao heroico nome de Álvares e Rodrigues, numa reminiscência de Corneille, mas tão jovens ambos, que não somariam juntos quarenta anos, resolveram disputar violentamente a preferência da donzela querida.

Dom Rodrigues, cheio de valor, foi logo disparando três tiros do seu Smith Wesson, mas dom Álvares tremeu e atirou-se depressa ao chão, com a face sobre as pedras, que o feriram. E desse combate, de que Chimenes era o

prêmio, Álvares saiu ensanguentado – mas da queda e não dos tiros.

Triunfou assim o ciúme da pasmaceira a que o condena o tom do amor moderno – e isto numa cena a Lavedan, que pôs frente a frente o velho e o novo jogo, um que agride e outro que se esconde.

E se, finalmente, nunca se pode dizer mais a propósito de um incidente que foi **tiro e queda**, manda a verdade confessarmos que o ciúme, esse belo monstro de olhos verdes, tirou ali certa desforra da incessante *blague* que o destrona. Pelo menos correu sangue em honra sua, embora de uma cara esborrachada e não de um amoroso peito varado pela adaga rival; mas correu sangue, meu Deus! E já é muito neste tempo do amor – cançoneta, sem zelos.

Digam-me agora os leitores, e sobretudo as leitoras: não pensam que devemos defender o ciúme, o rubro e poderoso ciúme, que tonifica a paixão? Mas, sem ele, que será feito da tão doce reconciliação após os tormentos da dúvida, em que os beijos conservam o sabor voluptuoso das lágrimas passadas?...

Anuncia-se esta semana uma nova série de conferências literárias, e eu, por uma presciência de mau agouro, estou a imaginar que estas não terão o sucesso das outras.

Em primeiro lugar, nunca se deve repetir a dose de alguma coisa que agradou vivamente, porque a segunda impressão é sempre de mais ou menos desapontamento. A imaginação foi exagerando tão naturalmente, por insensíveis gradações, o prazer usufruído, que a sua repetição num

tom justo de realidade parece já não corresponder àquilo que se esperava.

Em segundo lugar, este calor escaldante e bárbaro não convida certamente à prelibação demorada e quieta de dissertações literárias, por mais interessantes que sejam.

Como pode um cidadão pregado numa cruel grelha de S. Lourenço, tostado, frito, a carne fumegante, escutar atentamente o que está a dizer numa tribuna sobre assuntos finos e elevados, um outro cidadão igualmente tostado, frito, fumegante, congestionado, cujo olhar parecerá pedir misericórdia e uma cajuada gelada?

Vi também que, a exemplo da Sra. dona Julia Lopes, pretende fazer uma conferência a Sra. D. Maria Clara da Cunha Santos, levando assim por diante a intervenção feminina em matéria de letras e artes.

A curiosidade, entretanto, será agora menor, porque, se a distinta escritora D. Julia de Almeida fez a sua estreia em público com aquela linda preleção, D. Maria Clara já não conta mais as vezes em que tem falado e discursado perante variado auditório. Isto não impedirá que seja aplaudida, mas o momento não é também sabiamente escolhido, pelo mesmo motivo do rigor estival.

Por que não admitirmos que seja encerrada a estação elegante este ano? No Rio, como em todas as cidades de clima canicular, chegada uma certa data que anuncia o pleno verão, tudo deve ser suspenso, como medida higiênica, cômoda e até... estética... Oh! uma reunião neste tempo!... Que figuras! Que colarinhos! Que sede? Não! Decrete-se a *morte-saison*, ao

menos, santo Deus, por decência! Por elegância!...

Como viva contradição à sensata ideia que deixo aqui *sur le lápis*, realizar-se-á ainda sábado à noite, no Parque, o grande festival promovido por senhoras em benefício de Nossa Senhora Auxiliadora.

O petit chaperon rouge, coitadinho! Positivamente escarlate sem o artificioso auxílio dos reflexos do tradicional chapelinho, interpretará o trabalho da conhecida poetisa Rose Meryss, enquanto o malvado lobo, sem também precisar fingir muito, arregar-se-á *de verdade* os dentes, coberto de suor e brotoejas, exasperado de calor, capaz mesmo de devorar quanta avozinha o for pegando ao colo; mas ali estará o Sr. Luiz Gilland, com a sua bela figura encanecida no trabalho incessante, e a sua autoridade profissional, e a sua majestosa *prestance*, para conter o justificado mau humor dos chapelinhos vermelhos, dos lobos, dos cançonetistas, de todo esse rancho grulhante, enfim, de rastozinhos corados e aljofrados de suor, cujo olhar vivo não perderá de vista a sua batuta de chefe da minúscula companhia de amadores.

Ai! As crianças!... barulhentas, sim, e desapiedadas causadoras de bem fortes enxaquecas – mas que mimo e que delícia para as bondosas mães! Não esqueçam estas, contudo, por medida de prudência, o seguinte provérbio doloroso, mas justo:

*-Petits enfants, douleurs de Tetê;
grands enfants, chagrins de coeur...*²²

Carmen Dolores.

A SEMANA 17/12/05 [7740]

Não há muito tempo ainda que aqui, nestas colunas, eu aludi com pesar à gradual dissolução dos laços de família entre nós, cujo efeito foi modificar inteiramente hábitos e tradições que se me afiguram respeitáveis e dignos, ao menos, de uma tentativa de defesa.

E aludi a semelhante dissolução, que nenhum observador poderá contestar, por um sentimento de revolta puramente quixotesco; por um protesto de alma talvez retrógrada contra processos novos que excluem a solidariedade do sangue em proveito de relações apenas de interesses ou vaidade; mas, sabendo bem que as minhas palavras representam a investida de um mosquito contra muros de bronze... São palavras ao vento, palavras inúteis, palavras ridículas...

Que me importa, porém, isto, se unicamente colimo o inocente lenitivo de uma expansão, que certo fato desta semana com maior fundamento autoriza?

Não! Impossível negá-lo – todas as coisas sagradas do passado vão sendo desapidadamente destruídas, enterradas, sem que uma vez se levante em seu favor, lembrando a

grandeza e a doçura que elas resumiam.

O outrora, em certas datas tradicionais, como S. João, Natal, Ano Bom, ou em dias de anos de pessoas caras, quem se reunia em torno da vasta mesa, da casa onde tinha lugar o festejo? A família, sem exclusões dos menos favorecidos da posição ou da fortuna.

O irmão rico, senador ou conselheiro de Estado, saudava enternecidamente, com a taça do vinho generoso e fraternal, o irmão pobre, porteiro de uma secretaria, escrevente de cartório ou muitas vezes coisa nenhuma...

Era o *irmão* – e isso bastava. Seguiam-se, por ordem de grão, além dos filhos e netos, os tios, sobrinhos, primos, primas – e a mesa assumia uma feição tocante e patriarcal, onde todos aqueles galhos e rebentos provinham de um só tronco fecundo.

Penetre-se, porém, hoje, num lar festivo, em que se solenize qualquer das datas a que me referi: que se vê ali, onde se pensava encontrar como outrora, a família? Vê-se a nota absolutamente estranha predominando, a relação feita de acaso, sem outra base que não seja a do interesse ou a da família imbecil, para se apresentar um convidado importante como um prato de luxo; vê-se um ou outro parente desgarrado, mas escolhido cuidadosamente como uma fruta seleta num samburá de outras mais interiores; e sente-se naquele agrupamento a falta de coesão e de sinceridade, o indiferentismo egoístico de entes reunidos casualmente e sem que o mínimo laço afetivo ou pelo menos de recordações comuns os

²² Pequeninhas, dores de amamentar, quando grandes, dores do coração...

prendam ali uns aos outros. Tem-se em suma a impressão da *lubts d'hôle* de uma casa de pensão, e nunca a da força que representa a bela solidariedade de muitos seres feitos do mesmo sangue e reunidos à roda da mesma mesa familiar, numa tocante comunhão.

Em certas casas, já bem raras, onde ainda sobrevive alguma venerável representante do passado a essa ruína das tradições domésticas, observo eu que os descendentes velam com certo pudor tal descabro do respeito à família.

Ela é a embira que ainda liga os ramos desprendidos da árvore mãe e prontos a se dispersarem ao furacão do modernismo egoísta.

Ela é a bondosa avozinha, cujo doce olhar iludido vai pregando a sua geração aquilo que esta geração já não entende mais: o amor aos seus, a união, a tolerância mútua e a igualdade. E em torno da sua poltrona, que só irradia e ternura e meiguice, outras cadeiras ainda de agrupam, embora transpirando algumas a impaciência que nasce, a febrilidade de projetos futuros que renegam aquele centro sagrado, já pensando como um velho dever aborrecido.

Um dia, enfim, a poltrona aparece vazia... Foi-se para todo o sempre a bondade, esvaiu-se como leve fumaça o espírito da tradição, calou-se a voz do passado que pregava o forte amor à sua raça, ao seu sangue. E imediatamente, num tropel, as outras cadeiras dispersaram-se... Uff!... Abalemos!... Cada um por si!... Que história é essa de avozinhas?...

Eis porque vimos, num dia desta semana, ser insultada por um

pequenote e longo em seguida pelo seu próprio genro, uma senhora quase septuagenária que, ao voltar da triste visita ao túmulo de sua filha, procurava abraçar os netinhos, dos quais fora separada pela autoridade paterna.

Ora, a velha!... rua com ela.

E, depois dos insultos, a agressão física, na via pública. E, como a infeliz avó erguesse a sombrinha numa instintiva defesa contra o revólver apareceu em cena, o genro agarrou a sogra de 70 anos, que cometera o nefando crime de tentar ver os netos contra sua vontade, e conduziu-a presa para a delegacia. Sim, senhores, presa!... E só depositando a fiança de 300\$ conseguiu a mísera senhora ser solta; mas o escândalo já se apoderara do seu velho nome e todos puderam saboreá-lo como rubrica de notícias à *sensation* nos jornais, que foram uns a seu favor, mas outros contra, pois o genro é poderoso e não lhe faltaram apoios contrários à avozinha.

Mas sem a desorganização da família entre nós, qual é o homem que ousaria proceder desse modo contra uma indefesa senhora, mesmo que houvesse de sua parte impertinências ou culpas próprias da idade e do gênio?... Ah! Nenhum.

Se a mulher é sagrada para todo o homem que se presa, uma avó de cabelos de neve deve ser duplamente sagrada; e tocar nela até com uma flor é derrubar todas as barreiras morais que ainda resguardam a religião de certos sentimentos nobre e elevados.

Mas, se todas as coisas velhas vão acabando entre nós!... A família?... pois sim! A família é o dinheiro, é o interesse de cada um isoladamente.

Não nos admiremos, em vista do que acabo de expor com carradas de razão, que as casas de pensão pululem e substituam impudentemente o lar esborado, de que todos imigram, na ânsia de uma egoística liberdade sem peias.

Na casa de pensão não há perigo que a família se reúna em volta da mesma mesa antiga, coberta de louças e cristais de outras épocas, lembrando velhas festas, velhos casamentos e batizados de gente comendo ali outra vez, com um olhar comovido para todos esses objetos familiares de tantos, tantos, tantos anos já passados. Não! Na casa de pensão a mesa só reúne gente nova, desconhecida e variada.

Hoje se travam relações com D. Dedé que veio ninguém sabe de onde e por oito ou quinze dias se torna uma amiga do peito; amanhã é uma D. Cocota ou Maricota, e uma D. Nenê, uma D. Bellinha (nas pensões há sempre desses nomezinhos encantadores), a favorita com quem se anda de braço entrelaçado pelas salas banais e incaracterísticas, horrorosas, dessas abomináveis casas-hotéis.

E a madama da pensão, criatura obesa e venal, quando não é sirigaíta intrigante e mexeriqueira, faz as vezes de chefe de família.

Não há muitos dias que uma, de certa casa nas imediações do Flamengo, dizia a uma senhora, que lá fora:

“Isto aqui é melhor que uma casa de família... Eu sou a mãe das minhas hóspedes, na ausência do marido, e zelo por elas, acompanhando-as sempre que chega uma visita, partilho

a sua vida (como o seu rico dinheiro) e nunca as deixo sós. No meu quarto é que elas se reúnem todo o dia... Sou em suma mãe de todas estas senhoras...”

Horror! E é por tais mães a tanto por mês, serviço e luz à parte, cada extraordinário de moléstia explorado com a ganância mais feroz, que o verdadeiro lar doméstico, o centro das intimidades mais doces e seguras, se vê pouco a pouco abandonado...

O pretexto é a dificuldade de criados, o comodismo; o motivo real é a nota egoística, a ânsia de dispersão, o desamor, a febrilidade neurótica que detesta a fixidez dos hábitos e até dos sentimentos.

A isto, no entanto, por uma incoerência hipócrita, chamam a sábia firmeza que evita os sentimentalismos tolos... É boa!

Madame de Staël é que escreveu uma grande verdade: “*Il est aisé d’être ferme lorsqu’on est insensible...*”²³

Basta, porém, que o sermão foi longo... E que inútil sermão, com este calor!

Os jornais de sexta feira, cumpre assinalá-lo, arrepiavam os cabelos de toda a população desta cidade e deixaram no ar abrasado um cheiro terrificante sangue e de morte.

Em cada coluna, pode se ler títulos de sucessos pavorosos – **suicídios, assassinatos, amores fatais, morrer malando, conquistas funestas**, como se a fúria humana, fervendo e cachões ao sol escaldante da semana, instigasse

²³ É fácil ser firme quando se é insensível...

cada criatura, movendo-se nesta área de fogo e atos trágicos e decisivos.

Nem sequer faltou a série homicida essa nota rara de uma Lucrécia suburbana, cujo belo perfil de máscula e valente amazona está revolucionando espíritos e corações. Quanto deve andar lisonjeado o velho que tanto mereceu da fidelidade da fogosa mineira! É caso até de manifestações com música e discursos, além de muitos foguetes. Uma Lucrécia nestes tempos, ó céus!...

A insolação também tem feito de fúria assassina e vai matando à larga por estas ruas fora. O necrotério anda atulhado de gente, e, de quando em quando, do alto de um andaime, tomba um pobre corpo fulminado pela soalheira como um fruto apodrecido que se desprende de uma árvore. *Patatraz!* Está pronto para terra.

Durante isto o céu implacável desdobra sobre tais cenas senegalesas o seu manto azul, de uma serenidade feroz. É o céu dos trópicos, resplandecente e mau, sem um sorriso úmido, sem um pálido matiz que atenua a luz e acaricie a vista. De modo que a sua beleza anilada revolta, como um formoso rosto indiferente em horas de angústia; e se ainda o olhamos, é de revés e para espreitar se lá das orlas do horizonte afogueado não vem caminhando o bando de nuvens pesadas de água, consoladoras e refrigerantes, porque anela ansiosamente o nosso calcinado organismo.

Senhor Deus das alturas, mandai nuvens, muitas nuvens! E a cronista dirá *uff!* Obrigada.

Carmen Dolores.

A SEMANA 24/12/05 [7747]

Foi seguramente um dia igual a alguns que tivemos agora, orvalhado de chuva e com um céu grisalho peneirando saudades de coisas idas, longínquas, esbatidas como um delicado traço de fumo, que D'Amicis delineou no pensamento o seu drama atual em um ato, cuja denominação é – *Fiore Del Passato*.

É um lindo título, acho eu, e que logo evoca a ideia de uma pálida flor roxeada, de finas e trêmulos pistilos recortados como pequeninos corações de ouro desmaiado, brotando entre salgueiros, à beira de uma fonte que escorre em fios chorosos, com um queixume doce...

Flor do passado! Nasce do intangível da névoa que flutua em nossa memória, tocada de prestigiosa luz para os nossos olhos alheios; nasce das cinzas, é a flor do mistério e da dor, símbolo da felicidade esvaída, que desesperadamente recordamos, sem conseguir nunca mais arrancá-la ao vago impalpável em que se dissolve.

Eterno suplício: lembrar e não possuir! Aspirar nessa melancólica flor do passado o exasperante eflúvio do que foi trincar num apaixonado anelo de ressurreição as pétalas roxas que representam a saudade – e não alcançar prender nos lábios, contudo, senão o amargo sabor da própria saudade, estéril, desconsoladora e impotente!

Saudade! Gosto amargo dos infelizes,

Delicioso pungir de acerbo espinho...

Será isto que serviu de assunto ao novo trabalho de D'Amicis? Ou

buscou ele a face diversa do tema, fazendo desabrochar sobre os gelos do passado à flor da esperança e do renascimento feliz?

O seu talento é grande, é fecundo, e pode bem dar-nos uma flor brilhante, cuja seiva forte seja feita das lágrimas que a vivificaram, protegendo-a contra as dissoluções fatais e irremediáveis.

E, como quer que seja, temos atualmente uma *Fiore Del Passato* que pertence ao presente...

Mas quando é que a nós, brasileiros, será permitido respirar, como um gozo intelectual, o suave perfume dessa nova obra de arte que nos foi anunciada?

Não é decerto a saudade o sentimento que a esta hora anda a encher a alma do viúvo dessa desditosa senhora, exumada quarta-feira, cujo corpo apresentava o mais triste atestado de crueldade e da covardia de um homem contra a sua legítima companheira.

Alguém que assistiu à cena da exumação, descrever-me-á em termos que me provocaram arrepios de horror e compaixão.

Era no cemitério de Inhaúma, por uma tarde chuvosa e escura, em que as coisas assumem o aspecto mais constrangedor.

E ao abrir-se o esquife sob essa luz tão lúgubre, cujos reflexos faziam parecer ainda mais lívida a natural palidez dos circunstantes impressionados, a defunta surgiu na sua *toilette* negra da morte, emprestada aliás por uma irmã, cingida pelas flores e folhagens encerradas com ela na tumba, e cujo primitivo aroma já se transformara ao seu contato ao fétido

de podridão. Míseras rosas! Condenadas vivas e frescas à decomposição dos túmulos!

A defunta surgiu à luz, dizia eu, mas vinha medonha em sete dias de inumação. Trazia chatos o nariz, os olhos, os dedos, encruzados sobre o peito, o próprio peito, tudo quanto em vida tinha a linha graciosa de relevo...

A espessa cabeleira se desprendera do crânio, luzidio e nu, e jazia a um canto do caixão, como áspera relíquia de uma faceirice inútil nas escuridões da terra. E de todo esse atroz mistério profanado, rápido processo de destruição no segredo e no silêncio das covas profundas, que jamais deviam ser devassadas pelo assustado olhar de um vivo, só uma realidade se levanta: era a do inútil lutar a que condena o homem a ilusão humana, perseguida desde o berço como uma abelha de ouro inatingível.

Esse próprio marido, causa da violação da triste sepultura, que feriu, contundiu e l um frágil corpo feminino, porque amava e desejava outro corpo arrancado ao seu possuidor legal pelo assassinato; esse duplo criminoso, que nunca hesitou diante da morte e do remorso – que veria ele, caso assistisse à horrível exumação da última vítima? Veria nesse mofino cadáver achatado e poder, já sem sexo, o seu próprio retrato do futuro, e, contemplando nele o fim de todas as lutas humanas, a inanidade de tantos tormentos pela conquista de objetivos sempre cortados pela hora suprema, esse mau marido deploraria os seus crimes e deixaria correr talvez lágrimas de um arrependimento sincero...

Isto, pelo menos, é o que imagina o meu sentimentalismo, mais digno do reino da Parvonia do que das épocas e dos costumes em que vivemos hoje.

Em todo caso, eu o dou pelo que ele vale; e se este pensar tiver o improvável efeito de persuadir algum futuro criminoso que o aniquilamento certo de todas as criaturas torna estúpida a destruição violenta e antecipada de alguma delas, em proveito do passageiro gozo de outra, cujo fim se acha igualmente determinado pela natureza – feliz me considerarei, exigindo apenas como recompensa o cordial *shake-hands* de M. de Calinaux.

Continua esta semana a ser motivo de discussões variadas, entusiásticas ou desfavoráveis, a heroína do Rio das Pedras, cujo exemplo vai acordando um eco de imitação, positivamente ameaçados para certos gloriosos cretinos das nossas ruas.

Que se há de fazer? A culpa é mais deles do que das senhoras. E Pangloss, no seu *Candide*, observou com o maior fundamento que até uma desqualificada tem o direito de só conceder seu amor a quem ela bem quiser, não sendo forçada a praticar generosamente a caridade em favor de quantos mendigos solicitarem uma esmolinha do seu coração.

Ora aí está uma boa verdade. Que vemos, porém, na atualidade?

A audácia e a petulância atacando, não só desqualificadas, mas até senhoras, moças solteiras, e seguindo-as, importunando-as, escrevendo-lhes, insultando-as. Não há muito tempo que certa senhora atravessava o largo do Rocio para mais depressa alcançar

a casa de um dentista, onde tinha hora marcada. Um indivíduo, que lhe ia ao encalço, arremessou-se à sua frente, atirando-lhe graças pesadas, que a fizeram retroceder com um involuntário gesto de ameaça para o grosseirão.

E foi quanto bastou para que o homem, despeitado e furioso, saltasse do cumprimento brutal para o insulto baixo, em calão das ruas, que logo agrupou às portas cabeças interrogativas e frementes de curiosidade.

Calcule-se o estado dessa pobre senhora, alvo de semelhante cena imprevista e obrigada a correr por ali, pálida de terror, até encontrar abrigo numa loja conhecida, onde caiu com um ataque de nervos.

Não tinha esta o temperamento másculo e violento da Lucrecia suburbana: era delicada, tímida, escrava das convenções sociais, que prescrevem o escândalo como contrário à dignidade feminina. Mas fosse ela de índole parecida com a da heroína do momento, e dispusesse na ocasião de uma arma qualquer, e o seu admirador e agressor não teria recebido da sua mão revoltada senão aquilo que merecia.

Não é de hoje que a mulher ferida nos seus pudores tira vingança do seu ofensor. A mitologia conta o lindo caso de Diana castigando Acteão, que a surpreendera, cheio de sôfrega paixão, dentro do lago em que ela se banhava com risos claros de prazer, no meio da sua corte de ninfas formosas.

Soerguendo da onda transparente o seu divino corpo de puro mármore, desnudado aos indiscretos raios de sol, Diana avistou entre o bambual que lhe

servia de cortina, o rosto ávido e febril do seu adorador, imobilizado num regalo de fauno diante da sua beleza.

-Oh!... rugiu a deusa, indignada. E tomando entre os dedos umas gotas d'água, atirou-as à cabeça curiosa de Acteão, logo metamorfoseado ali num cervo, que se enranhou, cheio de raiva e vergonha, pelo seio da floresta sombrosa.

É desde então que choram verdadeiras lágrimas humanas todos os cervos perseguidos nas matas... São Filhos e netos de Acteão, que expiam a indiscrição do seu antepassado da lenda mitológica, do mesmo modo que expiam os nossos D. Juans, feridos pelos revólveres ou pelas facas das Lucrecias vingativas, o feio pecado do velho pai Adão, da nossa Bíblia.

Cumpre, afim de evitarem a sorte desse Novellini do Rio das Pedras, que os gloriosos cretinos, dados a conquistas à força, se compenetrem desta antiga máxima de Sêneca: *Amor extorqueri non protest...* Isto é: **ninguém pode fazer-se amar por meio da violência...** E, caso não atendam a esta incontestável verdade, no pé em que a bela heroína do subúrbio acaba de pôr a questão – só lhes vejo um remédio: é aceitar muito caladinhos o tiro ou a punhalada, que estão ficando em moda. Será sempre, em suma, a morte por amor...melhor que a vida...

Consta que o foro desta cidade está resolvido a invocar numa grande sessão espírita a alma de Salomão, afim de poder julgar o interessante caso atual de uma filha com dois pais, que está sendo objeto do mais

intricado e curioso litígio, por motivo de uma herança.

O fato é que Salomão, do alto da sua sabedoria e das pompas orientais, só teve a decidir a questão das duas mães que disputavam a mesma criança, como filha. Aqui, porém, é o contrário que sucede: a filha quer um pai e dão-lhe outro – ambos, aliás, já emudecidos pela morte e impossibilitados de falar **pró** ou **contra** as responsabilidades que lhe atribuem os interessados. Só um mês (*frailly, thy name is woman!*...) mediou entre o falecimento do primeiro marido e o casamento da viúva com o segundo, vindo a filha num prazo que deixou margem à ação de ambos os esposos. Logo, qual é o pai? O próprio Salomão hesitaria, coçando a formosa barba solene e hierática, rescedente à mirra. Mas quem, senão ele mesmo, deve destrinchar tão difícil questão? Eis porque terá lugar a invocação do seu grande e sábio espírito, ouvindo-se nas empoeiradas salas do foro este apelo às mesas ainda mais empoeiradas:

-Toc, toc, toc... oh! Salomão, esclarecei-nos!...

Carmen Dolores.

CRÔNICAS 1906

A SEMANA 21/01/06 [7775]

Voltando a esta coluna, Sr. Diretor do *Paiz*, é com acanhamento que retomo a pena das espirituosas e finas mãos de Scapin que tão brilhantemente me substituiu domingo último, trocando a minha insossa crônica semanal por um dos seus faiscantes artigos, *enleve*, numa fácil rajada do seu costumeiro talento.

Há substituições que matam. Eu estou nesta, Sr. Diretor. E o meu tom feminino vai agora parecer pálido como um tom de anemia em faces de uma foliona capaz de dez bailes seguidos.

A evaporação do meu humorismo se congelará numa atmosfera de tédio. Faltará sempre, de ora em diante, aos arabescos destas linhas, o sopro másculo e vigoroso que na outra semana bafejou, como grata novidade, a atenção surpresa e encantada dos leitores desta folha.

Ai de mim, que fazer?

Assim mesmo sucumbida, acovardada, procurarei erguer-me sobre um joelho para cumprir o meu dever, refugiando-me na fantasia leve para suprir a energia varonil e apelando para o inesperado, o triste ou o mordente da minha fibra de mulher, para preencher as lacunas do meu vigor de artista. E que dá o que tem não pode ser condenada, não é verdade, Sr. redator? Ao luminoso *Scapin*, um agradecimento...agradoce. Doce, pelo favor mesclado de agrura, por uma imperceptível pontinha de inveja pelo seu talento... Oh!... a inveja... M. de La Palisse já escreveu a

este respeito coisas bem bonitas, que outro dia eu transcreverei aqui, para instruir os meus leitores.

Por hoje, a nota sensacional da semana que está embrulhando o meu espírito – nota gaiata e ao mesmo tempo dolorosa – é a referente a esse jovem Rocambole de óculos de ouro, que iludiu a respeitável redação do *Paiz*, a respeitável corporação do Club Naval, altas rodas, meio mundo, e cujo caso faz rir e faz chorar. Sim. Faz rir – perdoem a irreverência – porque apresenta numa luz engraçada a amabilidade dispensada pelos iludidos ao falso oficial argentino.

O próprio Carlos Miranda ou Adolpho Soria deve haver casquinado bem bons risinhos no segredo do xadrez, rememorando oferecimentos, palestras elevadas, políticas e literárias, banquetes, atenções, delicadezas – tudo isso que lhe proporcionou um fofinho de bem-estar em nossa capital. Que tem graça, muita graça, lá isso tem. E faz chorar – perdoem agora a pieguice – porque é pungente observar tanto requinte na ignomínia e no embuste, no cinismo, na impudência, em um homem de tão pouca idade.

Essa troca de um distinto oficial argentino, cercado de consideração, num reles e audaz gatuno, com ficha correcional, deve ter constituído um dos espetáculos mais penosos e repugnantes para as pessoas presentes na ocasião. Um eclipse! Engoliu o alcapão social de um minuto para outro um cavalheiro de fino trato, interessante, digno, e surgiu em seu lugar um indivíduo disfarçado,

dizendo **Pois sim!...** com um gesto de desdém... É positivamente atroz!

Isto, porém, me leva a considerar quanto a nossa sociedade é benévola e complacente para com os estrangeiros, abrindo-lhes a bolsa e portas difíceis, como as de um Clube Naval, e facilitando-lhes comodidades, regalias, satisfações, quando, no entanto, é tão dura para com nossos compatriotas na necessidade, que recorrem ao sentimento de fraternidade do seu próprio país.

Fora o **Argentino** um legítimo oficial de marinha brasileiro, mas caído na desgraça por qualquer fatalidade das circunstâncias – e nenhuma porta da casa ou de clube se lhe abriria; ao contrário! Todas se fechariam a um só tempo diante dos seus passos.

É sem ser gatuno, mas com o ar de sê-lo, pelo desalinho pobre, escorraçado e triste, nós o veríamos errar pela rua do Ouvidor, à caça de uns cinco mil réis para comer, as mais das vezes negados pelos amigos de outrora, de acordo todos evitarem de longe o infeliz, numa franco-maçonaria de defesa.

Ao passo que o tenente Carlos Miranda foi só indicar, sem pedir, aquilo de que precisava, para remover as suas malas do hotel... Pois não! Como assim?... Mas tome lá dinheiro, fiança, e venha conosco, e jante aqui, e jante lá, saboreie aspargos, túberos, com vinho velho, para lhe conservar as cores fortes, um excelente charuto à sobremesa, para lhe aguçar as já bem aguçadas ideias – e dê-nos agora o seu braço, vamos ver as lindas patrícias nossas à avenida Beira Mar... Quer um carro? Um automóvel? Ou aceita

mesmo o vulgar elétrico do Jardim Botânico, *Caballero?*...

E ele a responder a tudo, fidalgo e condescendente:

-Como no, senhor? Muchas gracias...

E já andou, contudo, a correr sinistramente alta noite pelas nossas ruas, com um saco de latas de manteiga furtadas às costas, como vil ratoneiro...

E hoje pertence a justiça, sob a mesma roupa elegante com que privava audaciosamente no Club Naval com oficiais da nossa armada, de patente superior! Mas é enorme! É incrível!

E se subisse a Petrópolis, estrangeiro, bem-apegoado, altaneiro e digno, seria logo acolhido de braços abertos pelo intransigente grupo *collet monté* dos clubes de lá... Ora, sempre eu queria ver o **Argentino** a colear nos meneios da valsa, com o *salero* da sua raça, nesses aristocráticos salões, ao som da bela orquestra do Levrero...

Que sucesso!

Já eu vi, aliás, um mexicano em tal papel mais ou menos, não valsando, que era obeso, mas jogando familiarmente com fidalgos e capitalistas autênticos da nossa terra. Era a esposa quem dançava... cantava também nos concertos *chics*, essa senhora de bonitos olhos que depois se soube não ser a esposa, nem nada... E o mexicano... *Mais glissons n'appuyons pas*. Desta vez, porém, Petrópolis salvou-se do **Argentino**.

E a grande capital enlameada e ruidosa, com as suas avenidas, com seus mil projetos, as suas praças, as suas lojas brilhantes, os seus espalhafatos, as suas especulações – a

grande capital cora nesse momento, como uma imaculada e pura virgem, do seu ingênuo erro de haver tomado um gatuno profissional pelo mais distinto oficial da marinha argentina...

O sentimento da honra é muito curioso e de todo o ponto complexo, estranho, variável. Para uns, a honra reside na consciência limpa; para alguns mais, honra é a consideração alheia, mesmo imerecida... sou Considerado?... logo, sou honrado. Tartufo era desta opinião. Para outros, ainda, ter honra é saber exigir dos que os rodeiam toas as virtudes e todos os sacrifícios de que são eles próprios incapazes.

A honra exige, meu amigo, que você coma pão seco com dignidade, enquanto eu me farto de fiambre por meio de expedientes secretos e muito suspeitos, mas que ninguém conhece...

A doutrina de Falstaff, aliás, a mais cantada e mais seguida no recesso dos cérebros humanos.

Può l'onore riempirvi la pancia?

No.

Può l'onore rimettervi uno stinco?

Nou può.

Nè um piede? No.. Nè um dito? No. Nè um Capello?

No...

L'onor non è chirurgo, dunque?...

Una parola.

Che c'è in questa parola?

C'è dell'aria Che vola...

Uma palavra, a honra! O ar que voa e perpassa, sutil e intangível... Esta é a concepção dos John Falstaff, gordos pândegos, que materializam tudo e fazem do ventre de deus

supremo, que resplandece acima dos mais nobres ideais da vida.

Outras figuras, porém, reais, sombrias, trágicas, poderosas, antigas e modernas, fulguram gloriosamente junto a esse pavilhão desfraldado da honra, ao qual sacrificam todas as resistências naturais do egoísmo. Vivem pela honra, por ela combatem, lutam, morrem... E há mesmo nesse terreno obscuros heroísmos, praticados na trivialidade da vida corrente, ignorados, silenciosos, e cujo valor é tanto mais elevado, quanto não almejam o aplauso das galerias...

No entanto, confessemos, estranhas singularidades se dão a propósito de honra, que desnorteiam um observador. Já nem são singularidades: são deslocações de pontos de vista.

Assim, esse Rocambole do momento, desempenado e inteligente, aceitou disfarçadamente, sem um rubor, a queda mortal da posição usurpada no seu verdadeiro papel de baixo larápio.

Aceitou tudo, até a degradação sob os olhos marejados de pranto da imprudente mulher que o amara considerado e não o desprezou bandido, entre as grades de uma prisão. Esse Ruy Blas do vício, despida a falsa farda de oficial, não corou de receber essa atroz visita e até uma esmola em dinheiro das mãos femininas que o tinham afagado como homem de sociedade. Entre nós, que tristes mãos!... Para ele, em suma, a honra consistia em representar bem a sua farsa e roubar a coberto do nome suposto.

Outro homem, contudo, não tendo os dotes desse **Argentino**, que não é

fino nem insinuante, mas que, em compensação, não é ladrão, revoltou-se a tal ponto contra uma injusta acusação de furto, que por causa dela se fez assassino.

No seu espírito de catraeiro bronco penetrou uma vergonha tão forte, ao ver o seu humilde lar invadido pela polícia, os seus baús revolidos pela busca inquisitorial, o seu pobre nome repetido como o de um gatuno, que o sangue lhe afogou a razão. Veio-lhe um ódio brutal contra miserável mulher que o acusara. Buscou o álcool no álcool e o álcool mais lhe exasperou o vexame e o desejo da vingança. Então, para não ser larápio, ele se tornou homicida, esfaqueando a sua acusadora e depois fugindo...

Ora, eis aí um ente cujo ponto de honra diverge bastante do de Adolpho Soria...

E agora, Srs. jurados, se tivésseis de julgar simultaneamente o catraeiro e o falso tenente da marinha argentina, qual seria o vosso voto?

Começou este pobre ano perseguido pela voz clamorosa das enxurradas e das enchentes.

Juiz de Fora, transformado em Veneza, Campos, mirando-se num mar revolto, Petrópolis, a diluir-se em água e tédio, o próprio Rio, afogado em lodo, dão-me o espetáculo de uma natureza desorientada, que não sabe mais a quantas anda.

Exala-se de todas as coisas um bafo de mofo e de fastio. Os pobres, sempre molhados de chuva, encostam-se às esquinas de olhos pregados no céu, já não pedindo esmolinha de um tostão, mas sim a esmolinha de um

quente raio de sol... Existe, entretanto, por aí, um provérbio que diz:

Sol lucet omnibus...

Que mentir, em todos os sentidos!...

Carmen Dolores..

A SEMANA 04/02/06 [7794]

A política, temerosa rival das senhoras, preencheu toda esta semana, deixando atulhados os mais poéticos recantos do *Pays du Tendre*, inventado por Mlle. de Scudery, de laçarotes de seda azul e cor de rosa, postos a banda com desdém pelos cavaleiros namorados, transformados todos, do primeiro ao último, em candidatos ou eleitores.

Debalde lindos olhos se fizeram súplices ou queixosos, debalde correram mundo os postais significativos, portadores de emblemas e recados; debalde os convites perfumados, impressos ou não, estampados em duro cartão lustroso ou escritos com mimo num papel da moda, pergaminho esverdeado com o monograma encimando a primeira página, foram relembrares a data ansiosamente esperada de alguma festa, de um baile, de um jantar, de um chá das 5 horas, onde palavras doces se trocassem num imperceptível murmúrio ao som do *Lettre valsée* executada por um sonoro piano ou por uma vibrante orquestra.

Qual! A resposta era só uma, igual, monótona, e sobretudo feroz... Não! não podiam aceitar o convite... Ninguém pensava em olhares, nem em postais, nem em cartas rescendendo a *Royal Cyclamen*.

O que o sexo forte queria durante os dias passados, eram só políticas, cabalar, pleitear eleições, votar, eleger ou ser eleito... E, num cruel exclusivismo, atiravam-se os cavalheiros às urnas ou mantinham conciliábulos cheios de mistério com os amigos, sem *coquetterie* de espécie alguma, o bigode desfrisado e nervosamente roído nas pontas, a cabeleira revolta, o olhar inquieto ou agudo, esquecidos completamente do lindo **eterno feminino**, soprando as veleidades galantes com o fumo de um charuto, às baforadas desdenhosas.

Ora, aí está como, até o dia 30, ninguém pode cogitar em coisas românticas e sentimentais. Cupido abriu as pequeninas asas de luz e fugiu espavorido para a beira de um telhado, onde aguarda o resultado final das eleições, porque, mesmo depois do fatal dia 30, o espírito masculino ainda não voltou a normalidade das suas delicadas dissimuladas. Pertence todo a política, somente à política, inteiramente à política... Mas, senhor Deus! Que sete arrastados dias para quem não é votante nem votado!

Na sua sátira terceira, diz Juvenal a um homem que decaiu: “Sai das fileiras dos cavaleiros, tu que empobreceste! Estás ridículo com a tua face lívida e triste... Já se viu alguma vez um necessitado, um faminto, um infeliz, ser contemplado em algum testamento? Nunca. E se um ébrio de cólera ou de vinho te encontrar na rua, tem a certeza que será a ti e não a um rico que há de escolher para vítima do seu furor. Aos pontapés, ele te perguntará:

–“De onde vens? Para onde vais? Em que antro moras?...”

Isto escrevia Juvenal, nascido sob Calígula, em Aquin, na Itália. E hoje, entre nós, tais palavras não destoariam, diante da malfadada sorte desse Andrada e Silva, que, de acidente em acidente, rolou pela vida até acabar sob um bonde. Esse veículo fez as vezes do ébrio ou do furioso encontrado na via pública pelo pobre: a despeito da humildade do desclassificado, cujo corpo magro se estendia sobre as pedras na postura da suprema desesperança, o bonde pisou-o, quebrou-lhe os ossos, esmagou-o todo. Escolheu para vítima esse que fora enxotado da nobre fileira social dos cavaleiros e andava errante pela cidade, em busca do níquel para comer ou da compaixão para se salvar... Dizem que esta não lhe faltou. Que sei eu?!... a compaixão humana tem formas tão singulares, que raramente salva os que dela precisam.

E tão horrível destino apavora, não sendo aliás o primeiro, como não será o último. Quem não conheceu alguns anos atrás o Pinheiro, denominado Chicote, cuja figura já popular vagava diariamente pela rua do Ouvidor? Com uma barba e os cabelos de *mujick* russo, longos, emaranhados e grisalhos, olhos enormes, brilhando com certo desvairamento numa face muito branca e emagrecida, o andar curto e rápido, um esquisito sorriso encrespando-lhe o lábio inferior, esse Pinheiro era visto sempre a pedir algum dinheiro aos conhecidos, que o evitavam, ou então parado diante de uma vitrine de objetos de arte, embebido na contemplação de cada jarra ou de cada estatueta de bronze. E

como se dilatavam então seus grandes olhos pretos!

Do mesmo modo, a passagem de uma bonita mulher, ele voltava-se rápido e cravava nela casas mesmas pupilas ainda mais largas e fulgurantes. Chegava a segui-la de longe, a passos miúdos e medrosos, escondendo-se as esquinas, se o descobriam neste farejar doloroso do perfume feminino.

Pobre Pinheiro!

Na brilhante corte de Napoleão III ele tivera outrora o seu lugar de juvenil *attaché d'ambassade*, tomando parte ativa, entre o coruscar de tantas figuras célebres, em todas festas, em todos os *raouts e garden party* desse fim luminoso do império francês. Frequentara as recepções das Tolherias e de Compiègne. Tivera a honra de dirigir a palavra, com um perfeito sotaque parisiense, à formosa imperatriz Eugênia. E no *Bois* do seu belo cavalo de raça atraía os olhares. Vestia-se como um *Brummel*, era novo, rico, instruído, feliz e audacioso...

Foi de resto sob essa feição que Pinheiro regressou ao Brasil, quando ruiu o trono de Napoleão, em 1870; e aqui manteve o mesmo luxuoso modo de viver. Todas as tardes era visto a conduzir o seu lindo *faeton* pelo Botafogo e pelas Laranjeiras. Casou-se afinal, mas um forte escândalo separou o casal, provido desse fato a alcinha de Chicote, que, desde então, acompanhou sempre o Pinheiro, por ter ele pesado vigorosamente o seu chicotinho de cavalo para castigar um certo poderoso da época, seu ofensor.

E começou o declínio. Jogador, foi perdendo tudo e endividou-se,

encalacrrou-se. Em breve chegou à ruína completa e vieram os expedientes. Desapareceram o *faeton*, os animais de preço, a *performance*, as roupas e o *chic* de Paris. Entrou o Pinheiro a pedir dinheiro, primeiro em grosso, depois aos mil réis e aos tostões. E assim afundando gradualmente na miséria, franco vagabundo, enfim, já dobrado a todas as humilhações, aviltado, fraco e envelhecido, só guardou esse homem uma única nota cavalheiresca do seu passado: uma profunda adoração pelas mulheres belas.

Com as longas melenas crespas, a Daudet, era ele ver passar uma linda moça e cair logo num êxtase baboso, que o imobilizava nas calçadas, em frente à casa onde residia o objeto da sua admiração. Foi mesmo por isso que o prenderam certa ocasião no cais do Flamengo, onde parecera estranha a sua atitude durante horas seguidas, sem tugir nem mugir. Ao passar, todavia, sob as janelas da sua dama, entre dois policiais, o extraordinário mendigo teve a petulância de erguer para ela os olhos fulgurantes e de saudá-la como um D. Quixote, com seu mais cortês e mais fidalgo sorriso, que dizia:

-Vede o que o amor fez do vesso obscuro cavalheiro da Triste Figura...

Era também como se revivesse o defunto *attaché d'embassade*, a cumprimentar nobremente a condessa Waleska, da corte da imperatriz Eugênia.

Mísero! Foi isto que o perdeu. Deram-no como doido e levaram-no para o hospício, onde aliás só ficou horas. Dentro daquele sinistro meio, num pungente retrospecto, a sua

miséria lhe apareceu tão negra, recortada nitidamente no fundo luminoso das suas recordações do passado, que ele preferiu morrer a suportar uma agonia mais prolongada. Acordou-lhe um lampejo de orgulho. Enforcou-se rapidamente ali mesmo. E lá foi ele, o Pinheirinho das festas imperiais de Compiègne, o elegante adido de legação, o janota que tão garbosamente dirigia o seu *faeton* pela praia do Botafogo, o febril entusiasta do sexo fraco, eterno enamorado das estrelas. D. Quixote ou D. Cesar de Bazan – lá foi ele para a vala comum, no rabecão dos mendigos, envolto no sudário da sua longa e anelada cabeleira grisalha, sob a qual tantos sonhos haviam adejado...

Não creio que tenha tido um passado tão brilhante esse Andrada e Silva, que o bonde matou quando ele já era um cadáver moral.

Não, não teve. Era aliás um moço – tinha só 30 anos – e jamais conheceu os deslumbramentos das alturas, onde a sorte parece fixar-se e eternizar-se como um sol radioso sem possível ocaso. Mas era inteligente, lúcido, e pode, no seu meio, sentir o lento horror, da sua degradação, da qual, entretanto, nunca pode levantar-se, até que a morte o colheu.

Como é viscoso e agarradiço o lodo! E como, no caso do pobre Andrada, o lodo se fez leito de agonia, depois de ter sido leito de aviltamento!

Parte breve para o Peru o novo secretário do Brasil nesse país, o Sr. Jarbas Loretti, cujo nome é bastante conhecido entre nós.

Ainda não há dois anos que o Sr. Jarbas seguia como promotor público para Mariana – em nas vésperas dessa partida, em casas amigas que lhe acolhiam hospitaleiramente, então, a tristeza e os desânimos bonitas estrofes inéditas, repassadas dessa amargura poética que a inspiração lírica eleva a altura da pura dor, da pura lágrima.

E felizmente! Porque, volvido à realidade, pode o poeta trancar em suas gavetas esse lamento, que não passou de uma feliz imagem rimada. Assim como também pode trancar a benévola simpatia com que foi ouvida a mesma expansão dolorosa nos maus tempos.

E hoje que, triunfante enfim, vai o Sr. Jarbas Loretti trilhar uma nova carreira, onde os seus dotes brilharão com maior realce, é natural que a sua Lyra vibre alegremente, entoando fanfarras a ouvidos só abertos à voz do sucesso. Possa o *salero* peruano instigar Musett a rir em vez de chorar.

E que um risonho coro saúde a fuga do outono que melancolizava o poeta cantando: Adeus, versos tristes! Adeus, amigos velhos!

Adieu, paniers!

*Vendange est faite.*²⁴

Carmen Dolores.

²⁴ Adeus, cestas!/ Colheita está pronta.

A SEMANA - 11/02/1906 [7801]

Surgiu o sol e surgiu a alegria, com a esperança da terminação dessa medonha enchente que flagela implacavelmente as cidades banhadas pelo Paraíba. Mas durará a estiada benévola? Pretende mesmo o astro-rei conceder a sua presença fixa em nossos horizontes, tão acostumados a ouro sobre azul, e agora tanto tempo recobertos do pesado chumbo de nuvens carregadas de água — ou esta visita significa apenas o que as crianças chamam uma negaça, meio de melhor atigar a nossa gana atual de luz e de prazer?

Quando em cena aberta, ao pálido clarão da eletricidade, uma soprano vestida de Gaza, com os longos cabelos flutuantes e o peito arfando de paixão, vem interpretar a grande ária do *Schiavo*, de Carlos Gomes, e canta:

Ó ciei di Paraíba

Ove sognai d'amor...

Onde está quem imagina os horrores que se podem passar debaixo de um céu tão idealizado pela poesia e pela música, um céu que o estrangeiro sonha sempre anilado e belo, que nós próprios evocamos resplandecente como um legítimo firmamento meridional, de dia cheio de sol, de noite constelado de estrelas?

E, contudo, chegam a cada instante as notícias pavorosas, os telegramas alarmantes e extraordinários — tão extraordinários, que a gente se queda, horrorizada — que sob o céu que cobre o Paraíba ninguém sonha mais de amor, mas sim de morte...

A inundação cresce, avassala e submerge tudo... E do centro de uma risonha cidade, cortada de linhas de

bondes, de carros, de telégrafo, pedem ansiosamente aquilo que nunca pensou ninguém que fosse pedido: pedem navios, navios ou arcas — muitas arcas de No , que salvem a população do dilúvio a que sucumbe.

Tanto se festejou a entrada de novo ano, e ele, todavia, trágico e feroz, trazendo l  dos limbos, de onde veio, não se sabe que surdo ressentimento, que em cima de nós é que se desencadeia—ele vai atirando, aos punhados, com um gesto raivoso de semeador, males sem fim sobre os nossos mares e sobre as nossas terras. Ontem, uma explosão de pai is num couraçado brasileiro, hoje, a enchente ameaçando submergir cidades inteiras, e desmoronamentos contínuos, desastres, mortes cruéis... Só nos falta a peste ou a febre amarela; mas destas ficaremos livres, não é assim? Ainda bem. E que Deus nos guarde!

Parece-me que, ao menos por um dever de solidariedade, quando mesmo a centelha intelectual não desfira uma chama espontânea de admiração, todas as senhoras têm obrigação moral de congregar-se num sentimento único de incondicional apoio às ideias exp ndidas pela distinta escritora D. Júlia Lopes de Almeida, no belíssimo artigo que ela publicou domingo último nestas colunas, sob a epígrafe “*Women-Club*”.

Eu, por mim,  m da simpatia, bem profunda e natural, que tenho por essas ideias, que são também minhas filhas dolorosas, criadas, nutridas e sempre acariciadas no seio do meu  sp rito, eu confesso que tenho mais uma preferência assinalada e viva por tudo quanto cai do bico da graciosa

pena, tão docemente feminina, da ilustre senhora a que me refiro.

Não sei como, no conchego macio da sua existência passada entre entes amados e que a amam, lutando apenas com as lagartas que destroem as lindas flores do seu tão cuidado jardim, pôde essa escritora adivinhar, definir e lastimar com tão justa nota as dores e as humilhações de tantas outras mulheres, cuja sorte é bem diversa da sua, feita de combate e não de mimo.

É preciso que a sua observação tenha estudado com especial carinho de artista ou de criatura altamente sensível, todos esses casos em que a mulher desprotegida e maltratada pela sorte caminha pela vida sem pão, sem amor, sem relações, sem lar, alvo dos desdêns ou da brutalidade dos seus semelhantes mais felizes. É preciso que ela haja compreendido toda a vergonha que resume para uma solteirona ou uma viúva a falta absoluta de dinheiro para as suas mais indispensáveis despesas, para o calçado, para o bonde, para um vestidinho decente, e a dependência horripelantemente triste em que essa penúria a coloca diante daqueles que se constituem seus protetores; é, enfim, preciso ter analisado com fina penetração todos esses destinos, que lhe deviam ser estranhos, para falar assim com tão pungente fundo de verdade dos sofrimentos na maioria disseminados por orgulho. Não são chagas abertas, que o olhar devassa à primeira vista, como úlceras roendo o braço ou a perna de um mendigo acorçado em praça pública e servindo-se do seu mal para explorar a caridade. São feridas secretas, são feridas morais, tanto mais sangrentas e

dolorosas que sobre elas pesa continuamente o férreo egoísmo social. E apesar disso, a autora de “*Women- Club*” soube encontrá-las e soube analisá-las compassivamente, estendendo sobre a superfície ulcerada o doce bálsamo do seu cuidado e da sua piedade. Professoras estrangeiras, arrastando a vida entre quatro paredes de um quarto de pensão, modistas, massagistas, solteironas isoladas, viúvas, agregadas — todas essas que ela citou e atravessam solitariamente a vida, sem precisar aprender como se governa uma casa, porque não a têm, assim como não têm o amor que ilumina a pena e o trabalho, todas essas que se congreguem e lhe agradeçam a ideia feliz desse *club*, que talvez lhes trouxesse um pouco de alegria, tônico do corpo e da alma.

E as outras senhoras, as venturosas e as ricas, que se associem à risonha e ao mesmo tempo filantrópica inspiração, em nome dessa caridade tão invocada na alta roda, mas que até agora se tem mantido no estreito limite de um bazar ou de uma quermesse, cujos intuitos nunca excedem o parco e efêmero alívio material de algumas criaturas.

E, contudo, a tristeza menos sagrada que a fome? Se esta mata, a outra também mina e acaba... A solidão e a desesperança atrofiam a coragem. As lágrimas contínuas empanam a vista. E através do duplo véu da pobreza e do isolamento, só uma ideia flutua no espírito combalido, vaga ainda como tela cor de sudário que a envolve: é a ideia do desaparecimento eterno e do descanso, que no mínimo pretexto rompe o tenso invólucro e assume a nítida forma da

mais resoluta vontade de morrer.

Contra isto, leitores amigos, só um pouco de alegria. Só o esquecimento ilusório da realidade, voando num riso em comum, numa palestra leve, ao sentimento cálido da convivência e da igualdade.

Trará tantas boas coisas o *Women-Club*?... Assim parece.

Entre os fatos da semana, um sobrepuja em horror todos quantos se estampam diariamente nas colunas sensacionais das folhas diárias.

Um marido rasga o ventre da mulher, que se acha grávida, desfechallhe ainda dois tiros, depois dela agonizante, e finalmente se evade, deixando trancado em casa esse cadáver, com um filhinho vivo de ano e meio. Que sucede, então?

Como não se abrisse a casa, no dia seguinte, arrombam os vizinhos a porta e encontram o corpo de mãe estendido sobre o leito e ao lado um filho que chupa inocentemente os seios para sempre gelados.

Há nessa cena, mesmo assim narrada, sem nenhuma flor de retórica, qualquer coisa de trágico e de shakespeariano, que aterra o espírito mais desassombrado. Em primeiro lugar, o rasgão à faca desse pobre ventre materno, dentro do qual já palpitava outra vida. Se na antiguidade, afeita a todas as barbaridades, quando cristãos eram jogados às feras, que os esfacelavam entre aplausos, o crime de Nero abrindo as entranhas de Agripina provocou, malgrado tudo, um frêmito de pavor e repulsão, que diremos agora em que os sentimentos humanos se apuraram e afinaram em matéria de

sensibilidade?

A nota do matricídio que ainda mais agravou a negra ação de Nero, foi no atual caso substituída pela outra nota, igualmente horrível, dessa execução de um feto, irresponsável pelas possíveis faltas daquela em cujo seio crescia. E aludo a tais possíveis faltas, não como atenuante do crime, que o não há, não pode haver, mas para salientar que a causa da tragédia parece ter sido o eterno ciúme.

Ah! ciúme! quanta infâmia se comete em teu nome! A este propósito, recordo uma frase de *Duelos* bem verdadeira; *La vengeance d' un jaloux ne prouve souvent qu' un mauvais coeur*.²⁵

E esse coração feroz é que provoca a carnificina atribuída ao sentimento da honra ultrajada.

Deixando, porém, de lado tão discutida questão e insistindo nessa notícia publicada sob o justo título: Uma fera! que vemos nós depois de consumado o assassinato? Vemos uma criancinha encerrada numa casa ensanguentada com o cadáver de sua mãe.

A criança tem fome, chora e chama por essa que a acalentava sempre nos seus braços. Quem pode saber o que se passou de pungente e horripilante nesse *tête a tête* sinistro do filhinho com essa morta, gelada e impossível? O fato é que o menino, cansado de chorar, subiu para junto de sua mãe e, indiferente ao frio cadavérico, à insensibilidade desses braços inertes que já não o conchegam

²⁵ A vingança de um ciumento só prova, muitas vezes, um mau coração.

ao peito, indiferente ao silêncio implacável dessa boca tão pródiga de diminutivos familiares e carinhosos, e que agora se cerra numa contração de supremo horror — o menino se aninha contra esse corpo rijo, assim mesmo menos duro que o coração do pai, e mama, mama inocentemente (quanto tempo, Deus meu?!) o leite congelado desses seios mortos!

É a indescritível cena, aliás já esboçada num conto nacional intitulado, se não me engano, “A tapuia”, mas que, assim real, verdadeira, com a viva cor da atualidade, deixa no espírito um rastro de assombro e de tristeza.

E, depois disto, *il faut tirer l'échelle*²⁶ e pensar um pouco no claro sol, nas alegrias da vida, que as há, na doçura de um perfume de flor ou no encanto de um belo trecho de música, desses que ficam a cantar eternamente na alma como a própria voz maravilhosa da arte e do amor.

Sim, é preciso viver — e não se vive sem claridade e sem risos.

Carmen Dolores.

A SEMANA 04/03/1906 [7822]

Um personagem de Paris, deputado, creio eu, pôs em moda o gesto.

Um mulato romântico acaba de consagrar entre nós a frase:

— *Feri-a porque a amava!*...

Ouvindo estas curtas palavras, pronunciadas num tom cavo e solene, o guarda-civil esqueceu a ferida, essa pobre Mindoca, vítima do amor e do carnaval, esqueceu as suas responsabilidades, esqueceu tudo, e pasmou para o assassino transformado em herói, devorando-o todo com um olhar que a admiração sucedia ao horror do primeiro instante.

Ele a ferira porque a amava!... E do próprio peito golfavam sete jatos expiatórios de um sangue rubro e apaixonado, que lavava inteiramente o crime!... Então que mais podiam querer a assassinada, a sociedade, todos? A autoridade superior pasmou, como o guarda-civil, diante de tanta grandeza de alma; pasmaram os jornais, recolhendo avidamente a bela frase purificadora, e pasmou, enfim, a infeliz vítima das facadas, mas pasmou de uma vez, porque morreu...

Quem nos diz que na enfermaria da Santa Casa, onde se acha em tratamento o assassino, não pasmam os internos que rodeiam aquele interessante leito, cada vez que o ferido, provocado a falar, repete enfaticamente a célebre frase que vai tomá-lo imortal? Era ele um obscuro empregado nas obras da Avenida Central...

Pois, logo que o júri fatalmente o absolva com unanimidade, inclinándose submisso à justiça desse amor que

²⁶ É preciso puxar (tirar) a escada.

não recuou diante da morte, o criminoso passará a contramestre vantajosamente galardoado.

E a própria vítima, leitores? Sem a frase que lhe consagrou o último suspiro, ela nunca passaria de uma negra fadista, metida todos os anos em dominós esfarrapados, pelo carnaval, e saracoteando imbecilmente pelas ruas ou nos bailes, como tantas outras que nós vemos. Entre a luva e a manga da fantasia, negreja um pedaço de braço retinto; de sob o capuz de paninho, fogem umas mechas de carapinha polvilhadas de gesso pela rapaziada trocista; os quadris bambolem com uma exageração africana, e todo esse conjunto de natureza e artifício, sobrexcitado pelo ardor carnavalesco, tresanda um aroma de raça e de essência barata que não é positivamente o perfume do Olimpo.

A frase, porém, levantou da vulgaridade essa vítima dos zelos de um romântico. Enobreceu-a. Fez da pobre negra, voltando da sua pândega, uma heroína. Ele a ferira, ele, o Otelo porque muito a amava! E quem não desejaria esse destino cavalheiresco de ser apunhalado em pleno seio por paixão e por ciúme? Quem, sobretudo, não desejaria ter como epitáfio, a vibrar solenemente sobre o seu corpo ainda quente, uma dessas frases que os jornais recolhem, que aureolam de poesia um assassino, que celebrizam como um gesto feito a tempo e com nobreza, que salvam e que até recomendam, favorecem e protegem?

Gesto ou frase — a questão é de oportunidade. O mulato romântico foi bem inspirado, e agora é contar como certa a sua absolvição e depois a sua promoção a mestre nas obras da

Avenida.

O assassino da Mindoca está com seu futuro feito; e enquanto ela apodrece na vala comum, ainda coberta de *confetti*, brilhantes, a carapinha *poudrée*, a pupila guardando ainda a sua última visão de vim requebrado maxixe, o seu amante sobe à posteridade nas asas de uma frase que lhe sugeriu a recordação de algum romance-folhetim. E assim, fica provada uma coisa: é que só na cabotinagem está o sucesso.

Atenção, leitores: ou a frase ou o gesto!...

Chuva... cinzas... tristeza... encham-se agora as igrejas, esvaziam-se as ruas de movimento e tumulto. A reação estendeu-se ao céu, que, de tão azul e festivo, passou a negro e carrancudo. Escasseiam notícias, sucessos, alvoroços, fatos picantes ou fatos passionais; e nesta pasmeira que desceu sobre a cidade cansada, o romancezito de amor do jovem rei de Espanha tece sobre a aridez dos jornais um risonho arabesco de ouro, que logo se destaca como régia flor de luxo numa estufa sombria.

Quanto deve ser delicioso um idílio de reis! O amor aparece vestido de claridades, de pompas e de requintes, num cenário de onde é banida a preocupação deprimente do dinheiro e do futuro.

Mesmo que baqueie o trono culminante, mesmo que role por terra a coroa recamada de brilhantes e safiras, fica ainda a fortuna, fica o prestígio. Serão príncipes, se deixam de ser cabeças coroadas?

E, de qualquer forma, em palácios onde colunas de puro mármore

sustentem altos e nobres tetos, ilustrados pelos artistas de maior renome, entre espelhos magníficos e telas suntuosas, retratos de reais antepassados ou painéis de mestres valendo milhões, ao aroma quente das ricas tapeçarias, dos pesados reposteiros e das sanefas de veludo franjadas de ouro, em cujas pregas clássicas morrem suavemente os reflexos da luz — o amor floresce e desenvolve-se melhor, como planta rasa num jardim de luxo, rico de elementos fecundantes.

Não é propriamente o Cupido cego e nu da fábula; é o deus artístico do amor, adolescente incomparavelmente belo que envolve a meio as suas divinas formas em brocados reais, tecidos com fios de prata e ouro. Seus olhos sem venda dardejaram raios, que iluminam a loura cabeleira das noivas.

Sua atitude decorativa impõe sempre uma altivez à ternura dos noivos-reis, quando eles descambam num excesso de derriço contrário à majestade.

No caso de Afonso XIII de Espanha, o poema amoroso tem uma nota primaveril que encanta.

O reizito, brunido como um bronze ao sol de Madri, está na graça dos vinte anos que riem, que amam, que esperam, que se atiram ao movimento e à agitação. Em falta de beleza, tem a elegância grácil, a agilidade de *sportman*, os claros dentes que resplandecem na sua face longa, imberbe e prognata.

Ele tem, em suma, a mocidade, a esbelteza e a alegria.

A princesinha Ema de Battemberg baixa ainda a cabeça, intimidada, ante os inúmeros e audazes *kodaks*

assestados, nas aleias do Parque de Biarritz, sobre a sua linda face ruborizada...

Mas é nova, é galante, é amada, vai ser rainha e terá um dote principesco, presente de núpcias de outra majestade — esta velha e decaída, mas que nunca houvera podido fazer este dom real de uma fortuna à noiva de Afonso XIII, se chamasse ainda Mlle. de Montijo e não Imperatriz Eugênia.

Já se vê que, mesmo desmoronado, um trono deixa um sólido pedestal a quem o ocupou.

E, deste modo, os noivos-reis desfrutam uma felicidade que não é de todo o mundo.

O idílio desliza sobre nuvens de púrpura, ao som de harmonias sugestivas. Nenhum tormento para as mães a respeito do enxoval, que surge deslumbrante, entre ondas de velhas rendas tradicionais de Bruxelas e Chantilly. A prataria reluz, oferecida por cada soberano vizinho ou parente. As joias amontoam-se, numa faíscação de sonho de mil e uma noites... É o futuro esposo pode ser vadio à sua vontade, que ninguém lhe falará de trabalho nem de carreira...

Oh! delícia! supremo encanto da despreocupação financeira! Colorem-se os lábios reais sem que a dura interrogação surja a um canto sombrio da alcova amorosa — se haverá dinheiro mais tarde para criar um pequerrucho nascido daquele enlace!

Não, não há nada como ser rei ou rainha, muito embora quebrem-se um dia os tronos e os cetros, ruindo com o fragor de um desmoronamento.

Esse desmoronamento constituiria ainda a suprema ventura para muitos...

E depois, meu Deus! como deve ser bom, como deve ser delicioso, inefável, divino, um idílio de reis!

Escreve-me um operário, por sinal que bem inteligente, apelando para o meu amor aos simples e aos obscuros, a fim de que, nesta coluna, eu diga alguma coisa em favor da construção de casas baratas e higiênicas para os que lutam heroicamente pela vida com o seu trabalho.

Mas, palavra de honra, que me sinto embaraçada!

Acabo de falar em reis, em palácios, tenho ainda a boca cheia de vocábulos grandiosos, e terei de saltar assim de repente para um terreno de tristeza, onde só vejo sacrifícios inglórios de cada momento, privações constantes e um labutar duro e sem fim?

Pobres operários! O contraste é pungente, mas por isto mesmo sorri a minha pena audaz atacá-lo de frente e defender com simpatia a causa que me pede um bocadinho de apoio. Fraco embora, e sobretudo inútil, ele é dado de bom coração.

A verdade é que, nesta quadra em que só a fortuna logra obter o conforto e a higiene indispensável à conservação da existência, o mísero trabalhador luta a cada dia mais com as horríveis condições em que tem de arrastar a vida e sustentar as forças necessárias ao seu labor diário. Exposto a todo instante à morte que o dizima, o pessoal operário tem ainda de sujeitar-se a residir em verdadeiros buracos sem ar nem luz, únicos que o seu salário pode pagar, e onde ele se estiola e vê estiolar-se todos os seus.

Muito já tem dito a este respeito *O*

Paiz mas a questão não merece dos poderes competentes o apreço que a humanidade requer pronto e resolutivo.

Parece, entretanto, que o bairro do Jardim Botânico prestava-se mais do que nenhum outro, pela sua vastidão e pelo ar puro, à construção de casinhas baratas e higiênicas para operários. E agora, que tanto dinheiro se gasta com o embelezamento da cidade, por que não fazer entrar na verba desses gastos, sob uma forma urgente, a quantia precisa para semelhante construção?

Embelezar a raça, dar ao trabalho homens robustos e de peito largo, respirando com pulmões perfeitos e manejando a picareta com um braço musculoso e forte, não seria também contribuir para essa estética que está na ordem do dia?

Pobres operários! Quando as barreiras desabam, as velhas e até novas casas ruem sinistramente, os trens de ferro descarrilam, são já corpos sem seiva que semeiam a terra, esmagados. Matou-os em vida o cubículo insalubre e negro...

Carmen Dolores

A SEMANA 11/03/06 [7829]

É impossível, diante de certo fato impressionante referido estes dias, deixar de evocar alguns trechos da bela peça de Arthur Bernede representada o ano passado em Paris, e que se intitula – *A Sotaina*.

Uma cena, sobretudo, se destaca na memória, e daquela em que os dois sacerdotes, um bispo e um vigário, discutem violentamente a interpretação dos dogmas religiosos – um invocando a consciência, que não aceita cegamente as leis eclesiásticas, quando estas se acham em desacordo com as verdadeiras doutrinas de Deus, e o outro exigindo o cumprimento frio e implacável de todos os preceitos ensinados no seminário, mesmo que tão passiva obediência tenha os mais bárbaros resultados e acarrete os piores males.

- Não posso! Grita angustiosamente o vigário... esta doutrina é horrível. Há casos, há exceções, em que há intransigência dos dogmas tem de dobrar-se à nota de piedade, pregada por Cristo aos seus discípulos...

-O padre não julga, nem discute casos: obedece apenas à igreja! Diz severamente o bispo.

- Não! Não! Protesta sempre o outro; a religião não pode ser isto... Ainda há pouco, decidido a proceder de acordo com o dogma e contra a minha consciência, olhei para o altar e pareceu-me que Deus se desviava de mim...

E o diálogo prossegue assim, apaixonado e forte, até que, naturalmente, o humilde vigário é vencido pelo rigor e pelo

maquiavelismo do seu superior, que o esmaga e atira à ferocidade das turbas ignorantes, como indigno blasfemador e excomungado pela igreja.

As pedradas chovem sobre o infeliz padre, que ainda clama, entretanto, banhado em sangue:

-Vós todos, que adorais o divino Ser de infinita misericórdia que diz salvar os homens, que perdoou aos pecadores e nunca detestou senão a mentira e a falsidade, sabeis que sou oprimido porque, em meu coração de padre, crescia cada dia mais a ânsia da verdade, do amor e da justiça...

Redobre a fúria linchadora do povo, porque o bispo encolerizado brada que a vítima já não é mais sacerdote, visto haver arremessado à lama a sua sotaina.

E, chamando por Deus, seu único senhor, o padre lapidado só tem tempo de correr para o altar, junto ao qual tomba desamparado, ferido na fronte, exausto de forças, mas murmurando ainda:

“Bem-aventurados os que sofrem pela justiça, pois o reino dos céus será para eles...”

Morre o humilde vigário.

E triunfa a igreja nos seus dogmas formidáveis, que esmagam o escrúpulo, a verdade da consciência e até o direito sagrado do amor e da piedade.

Lida, porém, esta peça agora, quando ainda vibra em todos a comovedora lembrança do drama religioso que enlutou para sempre o lar de um cidadão respeitável na cidade de S. Leopoldo, no Rio Grande do Sul, um vago terror se levanta em nosso espírito, e como que o olhar espavorido se volve com sofreguidão

para o infinito azul num mudo e supremo apelo ao Criador, para que ele desmanche a obra de algum dos seus ministros na terra.

Era tão alegre o ninho do major Theophilo! Quatro filhas na flor da mocidade, gárrulas e travessas, enchiam a casa de risos, de calor e de esperança... Por que fatalidade as entregaram seus velhos pais à educação mística de um desses colégios dirigidos por congregações religiosas? A sombria estamemha freirática se sentiu zelo dos claros vestidos dessas quatro meninas; invejou-lhes o luminoso riso, a inocente garridice mundana, e sobretudo o amor ardente e desvelado desse pai e dessa mãe, claridade incomparável deixando em mais negro destaque a dolorosa aridez das solidões do claustro.

Atrair ao negrume essas filhas amadas, cuidadas, envoltas num eterno bafejo protetor e carinhoso, de todo o ponto irritante para os que só respiram o gélido sopro monástico; estancar nesses peitos de rolinhas amimadas a divina fonte de ternura e de gratidão filiais, o sentimento do dever e até da piedade – foi a sinistra obra desse colégio de São José, ao qual um homem venerável confiara os entes mais preciosos ao seu coração...

Quem não leu o terrível livro de Daudet que tem por título *L'évangéliste*? Eu, por mim, nunca pude percorrer estas páginas sem um doloroso arrepio de horror!... E era contudo uma filha só, uma única que a sombria ideia religiosa arrancava dos braços implorativos de uma triste mãe, desvairada e atônita.

Ao passo que, no caso atual, passado entre nós, sob os nossos céus benignos, são quatro seres desviados lentamente da afeição da família; são quatro espíritos novos e inexperientes em que as freiras infiltraram gota a gota o desamor à casa, a egoística resistência aos rogos de pais desolados, a obsessão mística e perturbadora, a mania conventual, enfim, levantada ao paroxismo da fixidez histórica, que a nada mais atende, nada enxerga, e em cuja implacabilidade férrea esbarraram todos os prantos e todas as ternuras.

E dizer que tudo isso se faz em nome de Deus!

As quatro filhas do major Theófilo resolveram professar – duas na ordem das carmelitas, duas na ordem franciscana. E quando seus pais compreenderam a inutilidade de todos os obstáculos no sentido de as demover desse plano cruel, cobriram-se ambos de luto, como se a morte houvesse penetrado no lar deserto e silencioso.

Depois, à hora fatal das despedidas, o horror desse abandono voluntário apoderou-se por tal modo da pobre mãe soluçante, afogada em pranto, clamando ainda uma derradeira prece alucinada e trágica, como à saída de um esquite, que a razão tremeu e fugiu do mísero cérebro torturado. A mãe das *santas* noviças enlouqueceu de dor...

E ainda há monstros morais que classificam esse amor imenso sossobrando na demência, apunhalado friamente por quatro filhas ingratas, cujo dever rigoroso consistia na retribuição aos afetos que inspiravam e na respeitosa obediência à vontade de

seus pais — ainda há monstros que classificam de egoísmo o amor, a agonia e a loucura dessa velha mãe, Niobe da atualidade, privada em vida de toda a sua razão de existir!

Mas então como classificar o sentimento dessas filhas desnaturadas? Deus antes de tudo, não é? Deve-se cobrir com esse sublime nome todos os atentados e todas as iniquidades deste mundo, logo que as revista certa forma hipócrita de acordo aparente com as fórmulas religiosas...

Ah! Mentira, mentira!... E como aparece verdadeira a tese da peça de Bernède, onde vemos que os princípios sagrados da humanidade, defendidos pela legítima doutrina de Cristo, têm em muitos casos de sobrepujar os frios e implacáveis dogmas da igreja, feitos pelos homens!

Pode lá Deus exigir, Deus tão bom, tão justo, que umas miseráveis filhas passem por cima dos peitos que a criaram, dilacerando-os, ensanguentando-os, para irem rezar tranquilamente a ladainha no fundo ocioso de um claustro?

Mas qual! Fora desconhecer a grandeza da entidade que nos governa.

E podem as filhas do major Theophilo cicizar quantas orações quizerem, de mãos postas e olhos em alvo, enquanto sua mãe se debate numa casa de saúde e seu pai chora, solitário, no velho ninho deserto, onde a morte o colherá sem que um carinho lhe acalente a agonia; podem essas *santas freiras* elevar a voz em quanto cântico religioso o convento lhes ensine, que Deus nunca, nunca mais as ouvirá!

É o caso de gritarmos, como o vigário apedrejado da peça *A Sotaina*:

- Bem-aventurados os que têm o coração puro e cheio de amor, porque só a estes o Senhor há de atender.

Conta uma velha lenda que certa mãe foi sacrificada à santa feroz da nora, que exigiu de seu marido o coração da sogra, para triturá-lo. O filho matou a mãe, arrancou-lhe o coração, exigido pela esposa, e foi levando-o pelas mãos trêmulas, que escoriam sangue. Como, porém, tropeçasse numa pedra, ele caiu, e o coração materno perguntou-lhe depressa, ansiosamente:

- Tu te machucaste, meu filho?

Assim essa senhora que, na quinta-feira, foi varada pelos tiros de revólver que o filho julgou desfechar no ladrão.

Dizem que ela vagava àquela hora da noite, em estado de sonambulismo pela casa... Eu creio antes que ela fora pé ante pé, na insônia de sua velhice, espreitar carinhosamente o sono do seu rapaz. Parecera-lhe talvez ouvir um gemido de pesadelo partindo do quarto dele. E lá seguiu de manso através da escuridão, abafando os passos, até ficar à escuta junto àquela porta.

Eis que de repente o filho acorda sobressaltado, imagina ladrões, dispara um tiro, grita por socorro, e a velhinha se vê estirada no chão, ferida por aquela mão querida. Que faz ela então? Sufoca as dores e, reconhecido o erro fatal, trata de animar e consolar o filho desesperado, que lhe chora angustiosamente nos braços.

- Não é nada! Protesta com a voz débil e cariciosa, enquanto seu velho sangue jorra do orifício aberto pela bala. Le pede alucinadamente perdão do seu terrível engano, e ela, entre as

mãos dos médicos que a torturam, ela só repete, comprimindo com heroísmo os seus gemidos:

- Estou bem... Isso passa já...

É lisonjeiro, felizmente, o estado dessa senhora. Deus não quis que a existência de um bom filho fosse estragada pelo eterno remorso de um crime involuntário. Mas, na pior hipótese mesma de uma solução terrível, essa mãe acharia a força de ainda balbuciar. Morrendo, palavras de animação e conforto para aquele que a matara... Sempre o coração da Lena, não é assim?

Foi a semana cruel de calor. Ruas escaldantes, transeuntes escaldados, mormaço ardente – um horror!

Durante isto, a duas horas apenas de distância, Petrópolis manteve-se sempre envolvida no seu manto branco de chuva ou neblina, toda arrepiada, com um falso ar silencioso e grave de uma *Bruges la Morte* dormindo entre nuvens.

Não se ficou, porém, nesse silêncio e nessa calma, os que a visitam... Sob o alvamento véu que a reveste, muita vida se esconde e tumultua. Com a mesma abundância pluvial, própria das serras, chovem conferências, salões, concertos, exposições, bailes, e também intriguinhas, maldades, vinganças, desforras, paixões – todo o conteúdo da caixinha de Pandora, que é a humanidade.

Imagine-se um formigueiro a viver intensamente, agitando o irrequieto, sob a paz aparente de uma superfície congelada...

Nem sei até onde mais se vive, só na turbulenta capital, ao rumor febril da civilização, ou se em Petrópolis,

onde só se escuta o cair das chuvas e o coaxar dos sapos...

Carmen Dolores.

A SEMANA 18/03/06 [7836]

O ilustre sabichão Erasmo, que exerceu tamanha influência sobre as letras no século XVI e escreveu o *Tratado do livre arbítrio*, refutando as doutrinas fatalistas de Lutero, teve esta frase significativa a propósito do divórcio:

*Il faut respecter le mariage tant qu'il n'est qu'un purgatoire, et le dissoudre s'il devient un enfer...*²⁷

E não se pode suspeitar da sinceridade dessa opinião, porquanto Erasmo, nascido em Rotterdam, pacífico por natureza, sem as violências de temperamento que arrastam por vezes a ideia numa tromba de paixão, julgava fatos, pessoas e sentimentos com a retidão de um espírito muito fino e muito conciliador.

Assim, o seu juízo acerca do divórcio representa uma convicção, e essa convicção assentou certamente num consciencioso estudo dessa coisa terrível que se chama o casamento – medalha de duas faces que se tira a sorte e dá ingresso: de um lado, no paraíso até a morte do outro, no inferno diário, cujo fogo ulcera as almas e pede-as sem remissão.

²⁷ É preciso respeitar o casamento enquanto for somente um purgatório, e dissolvê-lo se ele se tornou um inferno.

Erasmus, porém, escreveu no século XIV. Era de mais holandês, viveu muito na Suíça, entre costumes calmos e puros, entre homens talvez feitos de uma essência antiga, menos requintada que a de nossos dias, destituída dos elementos aperfeiçoados que emprestam hoje aos frascos de perfume uma aparência tão lindamente sugestiva; mas essa essência antiga não era falsificada, nem se evolara, mal era aberto o vidro – isto é, posta em prova o coração desses homens. Mantinha-se firme, verdadeira, e permitia assim o respeito a certas infelicidades, como o divórcio, por exemplo, em que dois destinos, sobretudo o da mulher, ficam para sempre quebrados.

E compreendem-se que Erasmo aconselhasse essa decisiva separação, logo que a vida íntima entre dois cônjuges se tornasse em inferno. Hoje, porém, entre os nossos costumes modernos, aconselharia ele semelhante solução?...

Não sei... Vem-me uma dúvida.

É fato que, ao abrigo de tetos domésticos, muita dor, muita infâmia e muita miséria se escondem, cuja continuação levaria aquele dos entes que está no ignorado papel de vítima aos supremos desesperos. Cá fora o algoz sorri mansamente, amável, cheio de aparentemente, amável, cheio de aparente bonomia; lá dentro tortura, certo do segredo e da impunidade.

Outras vezes os sentimentos que desunem não se manifestam sob forma tão aguda; mas são contínuas picadas de agulha, desde manhã até a noite, que acabam por ulcerar a pele da alma, fazendo dela toda inteira uma chaga viva e sangrenta.

Outras vezes, ainda, o cônjuge que tinha o dever de sustentar a família, nada faz para isto e falta o pão, a roupa, tudo, abundando apenas contas e injúrias de credores, que o verdadeiro responsável atira sobre a outra parte impotente, esquivando-se ele covardemente a todos os atritos.

Ora, estes casos, em torno dos quais muitos outros gravitam, representados por taras físicas, vícios hereditários, lacunas orgânicas, mil coisas tristes e secretas – estes casos constituem evidentemente o inferno, que justifica o divórcio, na frase de Erasmo.

Mas, em nossa época, dada a moral viciosa da sociedade, tal dissolução significará um remédio? O marido divorciado, embora seja o pior dos canalhas, guarda o direito de conduzir a sua vida como quer. E se tem algum dinheiro, mesmo que a fonte não seja conhecida, e se coloca uma máscara de amabilidade no rosto falso, e se cala cuidadosamente os seus verdadeiros sentimentos, pode estar certo que alcança a adesão de muita gente. Há até imbecis que o aplaudem.

Ao passo que a divorciada, ah! pobrezinha dela!... Toda a ferocidade humana, apurada pelos requintes progressivos da civilização, toda a malquerência e toda a estupidez das massas vulgares lhe cai em cima como o peso de uma cruz. Se tem fortuna, vai vencendo a corrente; se não tem, braceja, luta, vítima dos maus, depois vítima do casamento. Ela, afinal, não pode gritar, como o Misanthropo de Molière, que a sua vontade

Est de rompre en visiere à tout le genre humain.

Assiste apenas, com amarga surpresa, às complacências dispensadas do seu algoz, que ela conhece a fundo em toda a sua perversidade, e constata a dureza que é o seu lote, após o infortúnio. Nem ao menos a liberdade lhe resta. Todos os seus atos são comentados, alterados.

E o próprio marido, que, muitas vezes, quando é realmente infame, a deixa com os filhos e sem recurso algum para a subsistência, depois de lhe ter não raramente absorvido o pequeno ou grande dote – o marido é o primeiro que atassalha a sua reputação entre os amigos.

É isto o divórcio, sobretudo entre nós, pequena aldeia, onde a mesquinhez humana fica mais em evidência.

Não é, pois, de admirar que, numa conferência realizada no Congresso das Unidades Católicas, de Cincinnati (sempre conferências!...), nos Estados Unidos, o Sr. arcebispo Moeller haja declarado, no meio da mais viva sensação que a poligamia é em todo caso preferível ao divórcio... Calcule-se o efeito de tais palavras numa grande reunião católica!

O solo tremeu, as senhoras desmaiaram, enquanto muitos maridos volveram em torno um olhar satisfeito, procurando já o lenço que mais tarde atirariam, e torcendo os longos bigodes conquistadores...

A poligamia!...

-Sim, meus irmãos! Prosseguia, no entanto, o arcebispo, porque ela constitui o *crime menor*. Agrupa sob o mesmo teto muitas mulheres que se detestam, mas sustenta e abriga essas mulheres, não as atirando à miséria e à sanha do mundo, enquanto que o

divórcio, no comum dos casos, abandona a esposa sem recursos...

Não creio que o arcebispo Moeller faça triunfar as suas audaciosas doutrinas, mas ele teve, em suma, o grande e belo valor de arremessar às nossas a sua opinião sincera, sem se importar com vulgares preconceitos.

Como, porém, terão recebido as comunidades católicas de Cincinnati esse conselho de uma pluralidade tão assustadora, meu Deus?... ***

A grande expectativa desta semana assenta nos anúncios dos dois espetáculos que vai dar a Associação do Theatro Lyrico Brasileiro com a ópera *Carmela*, do festejado compositor Araújo Vianna. E não é para menos. Uma ópera nacional, cantores nacionais e um teatro também nacional – oh! prodígio!...

Estou certa, porém, que não teríamos este feliz progresso a registrar, mau grado todo o talento do autor e dos interpretes, senão se houvesse posto desde o princípio à testa do movimento artístico nesse sentido o inspirado e ardente poeta Sr. Osório Duque Estrada, cuja energia venceu todos os obstáculos da querela e do indiferentismo da nossa gente.

O talento tem sempre necessidade de entusiasmos assim ao seu lado, pugnando, exalando, abrindo caminho à vitória e ao aplauso.

E o teatro Lyrico brasileiro deve levantar graças ao Sr. Osório Duque Estrada, que não cantava somente Calfope nem Polynio, dedicando também os seus esforços a Euterpe, imaculada e branca sob as suas roupagens clássicas.

Ele não é como o Sr. Alberto de Oliveira, que, embora poeta, não

distingue o *Miudinho* da *Marcha Nupcial* de Lohengrin.

A arte não lhe aparece sob a única face do assombro ou do êxtase diante do Paraíba transbordante ou de um entardecer em Niterói compreende as harmonias menos abstratas de um trecho musical, que fala ao sentimento, que comove a alma nas suas mais doces fibras e deixa lá dentro, a vibrar, uma aspiração de sombra ideal, infinito como a eternidade.

Alfredo de Musset, que detestava com carradas de razão, o piano tocado por mãos principiantes, gozou tanto, ouvindo uma vizinha executar *Le roi des aulnes*, que no delírio da morte, ainda julgava escutar dessa música interpretada pelos mesmos dedos, os quais, entretanto, já repousavam inertes no túmulo.

E consagrou um culto a Malibran, suave interprete do célebre romance *Le saule*, da ópera *Othelo*, de Rossini, que a imortalizou.

Não, mas nem se discute: a poesia foi feita para se aliar à música, e quem não sente isto nunca é verdadeiramente artista. As exceções em contrário não servem senão para fortificar a regra. Assim, o teatro Lyrico brasileiro tem por si um poeta entusiástico e convencido, não é fato? Pois então ele irá avanti – e desde já devemos felicitar-nos pelo triunfo de *Carmela*, de Araújo Vianna.

Já disse uma vez nesta coluna que os contrastes agradam ao meu espírito. Deste modo, passarei de *Carmela* a miserável agiotagem, que tão justamente tem sido verberada estes dias. E, não sei, mas talvez que um

certo fio invisível ligue os dois assuntos, aparentemente tão diversos.

Os preços dos lugares no teatro Lyrico nacional não são nada ao alcance de todas as bolsas... Ai, não! Infelizmente, não! E quem nos diz que algum faminto de harmonias não cairá na goela desses lobos agiotas, para usufruir a agridoce ventura de ocupar um camarote durante as noites da representação da ópera brasileira? As companhias italianas e francesas conhecem bem o processo que lhes fornece espectadores avultados, enriquecendo durante o inverno não poucos membros da tal sinistra confraria de agiotagem. Pelo menos, os leilões das casas de penhores regurgitam nessa época de objetos riquíssimos.

Essas vítimas são, aliás, pouco interessantes. Ostentando sedas e *strass* à frente das frisas, enquanto os brilhantes legítimos lá foram empenhados, sacrificaram-se apenas a vaidade e a bazófia.

As outras, porém, Santo Deus! Essas viúvas, essas costureiras dos arsenais, esses tristes empregados públicos, obrigados a certa decência, e que a feroz engrenagem dia a dia esmaga - que lastimoso e pungente espetáculo!

Foi-se agora para a sepultura um desses vitimados pela dívida empolgante. E pode bem ser que enquanto ele ingeria tragicamente a droga suicida, o Harpagão que o desgraçou estivesse a chuchurrear com estalos de gozo uma taça de champagne em mesa farta...

Ah! como rima bem **Harpagão** com **ladrão!**

Carmen Dolores.

A SEMANA 25/03/06 [7843]

Não é verdade, amigos leitores, que *embelezamento* é uma bonita palavra que soa bem? E contudo ninguém a pode ouvir mais sem um arrepio de medo...

Ela não sugere na atualidade senão a terrificante ideia que, agora, sim, é que tudo vai ficar feio deveras... E a razão é simples e justa. Ora, reflitamos.

Embelezam a nossa heroica cidade de S. Sebastião, e o resultado é tornar-se a dita cidade quase inabitável, dos subúrbios a Botafogo.

Embelezam o Manguê e o Manguê transborda à menor chuva, afoga o gás, impede o trânsito dos bondes e carrega com os cacaréus da população mais necessitada, além de ameaçar a vida de não pouca gente.

Embelezam a avenida Beira Mar, e os escoamentos pluviais não somente deixam de fazer-se, mas até a maré agora penetra por eles a dentro e vem inundar ruas e casas. A cada momento é um dilúvio aterrador... E por todas as vias públicas *embelezadas*, ao mínimo aguaceiro de verão, é isso que vemos agora: correntes caudalosas, vidas em perigo, desabamentos, desgraças, a interrupção completa, em suma, de todos os hábitos e privilégios da existência civilizada.

Lembro-me de ter visto em criança, como preciosa relíquia de família, bem guardada no fundo de uma velha arca de couro com pregos de metal amarelo, uma lanterna que servia outrora aos passeios noturnos dos meus avós.

Entendamo-nos, aliás: a significação de **passeios noturnos** não

é positivamente aquela que imaginam... Não se trata de coisas modernas e picantes, alegres voltas de um teatro leve, a ceia num café da moda, a cantarola a meia voz nos silêncios da rua escura e sob a sugestão da aríete que ficou dançando no ouvido. Não, senhores, naqueles tempos ainda não havia disso. E a inocente lanterna alumia apenas a volta pacata, antes do toque do *Aragão*, dos chás de família, muito joviais, mas despidos inteiramente da nota *modern'style*.

Um escravo respeitosa-mente vestido de *libré* carregava na frente a indispensável candeia, balançando-a com jeito para espalhar a baça claridade, e os meus antepassados seguiam atrás, na zona de luz, pisando o cascalho com nobreza e cautela. Assim iam pelas ruas fidalgas do Fogo, da Valla, do Sabão, e recolhiam-se a casas colossalmente grandes, construídas com pedra e cal, e que não desabavam assim com qualquer chuva mais cerrada...

Pois bem, pensando estes dias na célebre lanterna dos meus avós, senti haver perdido de vista entre as minhas agitadas e múltiplas instalações, porque hoje mesmo correria a oferecê-la à população da nossa flagelada capital.

Já Richepin disse numa das suas fogosas poesias:

*Rien n'est fini, tout recommence...*²⁸

E conquanto se referisse o poeta às rupturas do amor, nós podemos aplicar *El cuento* às rupturas do hábito das lanternas como meio de iluminação

²⁸ Nada termina, tudo recomeça...

pública nas ruas do Rio de Janeiro. Não é verdade que elas começaram a sua mansa peregrinação pelas praças e vielas escuras no ano de 1906? Dá-se até uma diminuição de prestígio nesta *reprise* dos costumes antigos: era outrora o servo que humildemente levava suspensa ao dedo a candeia protetora, ao passo que atualmente é o próprio senhor que carrega o farol salvador, se não quer naufragar nas torrentes bravias e em treva fechada.

Como meio de salvação há também agora a canoa, a banheira, a barrica cortada pela metade, uma escada de mão, remos, uma vela – objetos esses que todo o cidadão prudente deve possuir em seu lar, de preferência a móveis de estilo, cuja destruição garantida só lhe pode servir de dolorosa preocupação.

Deste modo, apenas o céu se cobre de nuvens e corre pela avenida um presságio sopro de chuva, o carioca abala às carreiras para casa e grita logo da porta:

“A postos, senhora! Saia a canoa! Iça a vela!...

Meninos, empunhem os remos... Onde as trouxas? Reparem os viveres...”

E ficam todos de prontidão e alerta...

Caso ao mau tempo se manifeste durante alguma visita, convém perguntar com franqueza aos donos da casa se eles dispõem de tinas ou banheiras, pois do contrário arriscam-se a ver as visitas transformadas em hóspedes por tempo indeterminado – verdadeiros Robinsons ilhados, sem a piroga de troncos d’árvore que lhes permita atravessar o oceano das ruas.

Tais são, sem exagero algum, as condições em que se acha atualmente

o Rio, depois de tanto, tanto embelezamento que, pouco a pouco, vai assumindo a forma de uma espada de Democles, pendurada sobre as nossas tristes e sucumbidas cabeças.

Não será fora de propósito tecermos aqui um elogio rasgado a essa parte occipital das nossas pessoas, que em parte alguma do mundo curva com mais paciência e docilidade as suas vértebras cervicais a quanto flagelo lhe vão atirando por cima.

Enquanto duram as enchentes e desabam casas e muralhas, um berreiro atoador; mas apenas surge o sol, cada um enxuga o seu lençol, enterra os mortos ou cura os feridos, gruda os cacaréus, compra nova criação, e tudo volta a faina pacata de sempre.

Oh! extraordinária passividade de uma raça, em cujo sangue persiste invencivelmente o micróbio apático e submisso de sua origem!...

Devemos admirá-la ou verberá-la?

A borrasca da natureza tem se estendido essa semana até aos corações.

E não é propriamente o amor puro e divino que está na moda:

*Sorbet à la neige avec un biscuit...*²⁹

Nada disso! Ao contrário:

*C’est l’amour feroce et l’amour solide...*³⁰

Amor aos murros, aos pontapés, aos tiros e às navalhadas.

Nem a negra cabeleira de uma amante, pulando em grossos anéis, esplêndida, forte e sugestiva, cheia de aromas e de poesia, conseguiu abrandar a ira, por exemplo, desse

²⁹ sorvete de neve com um biscoito.

³⁰ Este é o amor feroz e o amor forte.

cavaleiro Malagueño, que nos longos fios reluzentes entreviu apenas o rabicho da Geralda e, zás! Com o perigo profissional, de um só golpe abateu o régio manto perfumado. Oh! Feroz paixão!

E lá ficou por terra, nas sombras do redondel vazio, essa vítima de uma sorte tauromáquica de nova espécie, que não mereceu aplausos dos **aficionados**.

Lá ficou ao desamparo a triste Carmen, despojada do seu mais belo e natural ornamento, toda contundida pelo punho atlético do toureador e pensando entre gemidos que nem sempre a força de um guapo e *saleroso* querido convida a mulher a chamá-lo o seu leão soberbo e generoso.

Assim esse outro caso referido pelos jornais destes dias, e que, do *flirt* cor de rosa descrito por João do Rio, leve e caprichosa renda sentimental de variados arabescos, fez uma espessa massa brutal cor de vinho do Porto, que depressa tomou a feição do amor que está em moda, amor sólido, que ruge, esfaqueia.

*Et frappé à coups durs
l'enclume des temps.*³¹

Ali, contudo, não haveria algum atenuante para o marido enfurecido?

Na peça: *Il ne faut jurer de rien*,³² de Musset, conta o protagonista que ele tinha apenas 16 anos, quando uma bela dama o distinguiu. Estava certo dia reunido o *trio* feliz: esposo, mulher e favorito, quando o primeiro declara

que é obrigado a sair para um negócio. E imediatamente trocam os dois cúmplices um olhar de fogosa expectativa, que se finge inocente para seguir com avidez os preparativos de partida do pobre homem.

Está ele de pé, calçando desajeitadamente umas luvas enormes de pele de veado, esverdeadas, gastas com o polegar descosido. E enquanto dura tão laborioso esforço, o favorito, voltando-se, divisa nos lábios irônicos da amante um sorriso imperceptível que esboça duas covinhas gaiatas nas faces redondas...

Esse sorriso causa-lhe profundo estremecimento. E a lembrança das horas deliciosas que vieram, ficou para sempre ligada a dessas pobres mãos confiantes entrando penosamente nas luvas esverdeadas. Tinham as duas grossas patas avermelhadas qualquer coisa de tão triste e lastimável durante a comprida operação, acompanhada sofregamente por quatro pupilas brilhantes e impacientes, que o bem-amado nunca mais pode pensar nisso sem ver também aquele pérfido sorriso esvoaçando numa boca purpurina.

E desde então jurou aos seus deuses que jamais ele, ele próprio, calçaria dessas luvas... Jamais!

Quem nos diz que o marido agora em questão, e cuja brutalidade foi citada pela bisbilhotice de notícias diárias, não tenha também jurado nunca usar as luvas esverdeadas que inventou Musset?

A parte acusada só tinha em mente, estou certa, afiar armas femininas nesse jogo requintado e *chic* que se chama o *flirt*, que já se chamou *marivaudage*, que na Cidade Nova tem

³¹ E bateu com golpes duros a bigorna dos tempos.

³² Não se deve jurar de nada.

por nome *namoro* e que o lisboeta denomina *derriço*.

Aliás, sem hipocrisia, a julgar pelo desenvolvimento que assume, o dito jogo não é desagradável. Que acham os leitores?

O espírito e a vaidade têm nele o papel mais preponderante, e o riso chega sempre a tempo de dissimular artificialmente a promessa mais formal que a boca fremente já ia deixando fugir... É o *zig-zag*, do amor, arte suprema de caminhar sem nunca chegar...

O esposo, porém, a que me refiro, não entende essas sutilezas. Acredita que, logo que dois entes de sexo diferente enlaçam os dedos numa atitude de partida, como na patinação, é com o fim muito decisivo de irem dar a alguma parte.

Pouco importou a ele que, no caso que interessa, fossem os dois entes dar apenas a uma confeitaria. E a vingança zelosa tomaria sérias proporções, se o vinho do Porto, bebido em demasia, para insuflar coragem, e o pulso heroico de um *Marie* não lhe impedissem a desforra brutal, que ainda assim ensanguentou umas lindas mãos brancas e delicadas.

Em todo o episódio, o que admirei foi o altivo indiferentismo da dama ameaçada.

- **Corra! Fuja!** diziam-lhe.

- **Qual! Isso passa!** Respondia ela com experiência.

E cerraram-se discretamente as portas sobre Hercules adormecido e sobre Omphale fiando serenamente aos pés de tanto furor inútil...

Oh! Psicologia feminina!

Carmen Dolores.

A SEMANA 15/04/06 [7864]

Dessa tão clara e linda cidade de Petrópolis, quando faz sol, onde a cor do céu e o aroma das flores encontram mais vista e o olfato do que em qualquer outro lugar de nossa terra, acaba de desaparecer um ente que muito a amou e nela espalhou largamente as mais vivas energias do seu ativo temperamento de batalhador, sempre na brecha, ardente e febril como um rapaz.

Refiro-me ao Dr. Francisco Figueira de Mello, cujo enterro saiu tristemente, segunda feira, da sua residência, para o cemitério local, atravessando as avenidas petropolitanas, sob uma chuva de raios de ouro que faziam ao seu esquife um dossel de luz, apoteose de suprema despedida dessa natureza bendita ao vulto que tanto viveu no seu seio fecundo.

Não era contudo Figueira de Mello uma figura amada, no sentido vulgar. Estava muito fora dos moldes burilados pela convenção social, estreita e monótona, para agradar a todos.

Era um tipo superior de homem, muito original, filósofo, sempre metido numa quinquena coçada sem pretensões a grande barba branca de apóstolo ao vento, e que andava por montes e vales, ao bom ou mau tempo, rindo-se com um bom riso sem maldade das manias *snóbicas* e roçando pela vida movimentada dos veranistas, sem jamais tomar parte nos seus divertimentos. Outras ideias tinha ele na bela cabeça já desguarnecida, mas onde a firmeza das linhas atestava o formoso e puro tipo árabe que

outrora fizera de Figueira de Mello um dos homens mais bonitos da sua época.

E o que exclusivamente a preocupava e absorvia era a sua advocacia, o direito, divindade à qual votara toda a tenacidade da sua inteligência: jurisconsulto consumado, forte na argúcia das razões, cuja elaboração lhe devorava noites inteiras de um trabalho sem tréguas, encarniçado na defesa dos seus direitos, implacável nos seus ódios, Figueira de Mello se erguia nas questões forenses a uma altura inacessível a banal compreensão dos meios mundanos, frívolos e conciliadores.

Daí a balela irônica que ele era um original! Pudera! Mas que lhe importava a ele, que o julgassem dessa ou daquele modo?

Sacudindo filosoficamente a sua vasta barba emaranhada, entre a qual brilhava o bom sorriso amigo, sempre apressado, atarefado, ocupadíssimo, lá ia o saudoso Figueira a correr até que a morte lhe tolheu bruscamente os passos no caminho da atividade e empolgou para sempre, algemando-o no repouso eterno.

Que quietude no pequeno cemitério petropolitano, estendendo o seu campo de mortos pela encosta verdejante do morro, cujo arvoredor murmura, trazido pela brisa, a melancólica canção da saudade, ou à noite borrija de silenciosas lágrimas de orvalho as lousas solitárias, branquejando a luz das estrelas!

Possa a minha emoção misturar um adeus às saudosas canções dessas ramagens ou uma lágrima às gotas de orvalho, sobre o tumulto ainda fresco

do meu fiel amigo Dr. Francisco de Carvalho Figueira de Mello.

E agora à vida, que a vida não para agora à máscara, à luta, à discussão, ao riso que não é riso, ao torneio que não é combate, e no qual nem ao menos se ganha na ponta da lança em riste a clássica argolinha das triunfantes cavalcadas da roça. Mas não há remédio senão galopar febrilmente em torno do poste árido da existência, de onde não pendem fitas, nem anéis, nem recompensas...

Pois galopemos... Chega-te, minha obscura pena de tosca madeira, sem brilhantismos nem cintilações, e sê tu a minha pobre lança quixotesca, para combatermos juntas alguns moinhos de vento.

Falemos ainda do feminismo, que está em moda, que é *the great attration* do momento, como o jogo de *bridge*, como o sinuoso e lânguido *tea gown* das receções íntimas. Aqui entre nós, já que saímos no terreno das locuções britânicas, que constituem agora o último grito do *chic*, eu sempre direi que o único desses termos sonoros, cheirando bem a bife, a cerveja e a carvão de pedra, que devemos insistentemente fazer passar à frente de todos os outros, é: *money*, cuja concisão decisiva tem caráter muito especial e apropriado no caso. Sem *money*, afinal, como entrarmos na deliciosa moda do tal flexuoso e adorável *tea gown* de macios tecidos, ou no *bridge-jacquet* de linhas serpentinas, que deixam, um e outro, ao corpo feminino toda a graça indolente das atitudes ondulosas?

Demais, a palavra *money* tem uma vibração rápida, seca e autoritária, que

instiga as molezas preguiçosas da nossa raça. E, portanto, quando nos acenarem com as coisas boas e modernas que fazem vir água à boca dos quem leem notícias sensacionais da vida elegante e cuja inovação chega em linha direta da Grande Bretanha, não esqueçam os amigos de colocar logo à frente das apetitosas locuções do *chic* inglês o termo significativo *money!*

E como todos obedecerão pressurosos à moda!...

Este ligeiro circunlóquio pouco me afastou, de resto, do principal assunto do meu período: o feminismo.

E dizia eu que está ele no sabor da atualidade, interessando os espíritos mais elevados, de plebiscitos e discussões, que não parecem dever acabar tão cedo.

Assim, não cessam de chegar-me cartas de senhoras, de moças, de operárias e até de marmanjos, que me fazem a honra de solicitar o meu apoio bem inútil, ou a minha opinião, que raramente dou. Que me pode ela adiantar, meu Deus! Num terreno tão murado, onde as pesquisas jamais encontram uma porta de saída?

Ainda no domingo último, ao voltar da missa semanal, encontrei sobre a minha mesa, entre a correspondência e os jornais, uma esquisita missiva – esquisita pelo formato alambicado e pelo dístico de uma espécie de banda estreita, onde se lia: “*Société des femmes laboureuses*”.

E fez-me espécie o erro desse feminino *laboureuses*, que absolutamente não existe em francês, quando a carta parecia provir de um centro de mulheres francesas abrigadas

sob os nossos céus mais quentes e azuis, e reclamando do fundo do seu nostálgico isolamento em terra estranha uma animação para as suas ideias adiantadas de progresso e luta feministas.

Com certeza, porém, essas mulheres eram criadas, operárias, umas humildes da vida, o que explicava a ignorância da língua; e, logo, cheia de piedade, pus-me a bordar não sei quantas fantasias acerca das pobres anônimas que, numa doce ilusão, vinham pedir a minha coadjuvação para qualquer quimera de sofredoras. Laboriosas, queriam juntar-se para pedir trabalho; solitárias e tristes, ansiavam pelo conformo amigo de palavras cálidas, que lhes insuflassem coragem e alento.

Imaginei-as magras, desbotadas e loiras, errando pela cidade num brutal atrito com os preços excessivos da existência corrente...

Imaginei-as... Mas, que não imaginei eu, senhor?...

E afinal de contas, nada soube, porque não abri a tal carta... Ela não fora selada, vinha do Correio com multa – e eu tenho por hábito inveterado e sistemático devolver toda e qualquer correspondência que me chega em semelhantes condições.

Assim fiz ainda esta vez: devolvi a alambicada missiva da ignota sociedade das mulheres *laboureuses*, e aí está como ficarei sempre ignorando o que seja essa ideia social, que iniciou a sua apresentação por meio de um erro na língua que lhe serve de fachada.

Disse bem Olavo Bilac num dos seus cintilantes *Registros*, que é

incalculável o número de cartas de todo o gênero que recebe qualquer pessoa escrevendo para o público. Ele, então, nome ilustre nas letras, publicista conhecido, deve viver realmente sitiado por pedidos, recomendações, inércias, imbecilidades. Mas, mesmo os que obscuramente usam a pena, não são menos importunados e muito teriam a fazer, se se prontificassem a servir quantos lhes solicitam conselhos e remédios.

Eu, por mim, tenho o maior cuidado, como senhora, no exame dessa correspondência anônima, para salvar sempre os melindres da minha dignidade. E mesmo, da redação, só me enviam o que foi expurgado de toda e qualquer nota suspeita. Resta, porém, muitas vezes a nota *Calino* que bastante diverte, e ainda esta semana pude ler as seguintes linhas, que são características de um espírito ingênuo:

“Sra. Carmen Dolores, não se esqueça de por sua na crônica que eu passei terça-feira por sua casa de saia preta e blusa azul, e que eu estava bonita, para meu noivo ler...”

Como no? Ainda não abri nestas crônicas uma seção de modas, senhorita de blusa cor de miosótis, mas é tão divertido o seu pedido, que consinto, por uma vez, em mencioná-lo aqui.

Ficará satisfeito o noivo?...

Foram todos estes dias de recolhimento, preces, jejuns e peregrinações aos templos, repletos de fieis, onde a grande imagem quase humana do Senhor Morto recebe a fremente homenagem dos piedosos

ósculos, que se repetem cada ano com a mesma emoção e em todas as partes do mundo, umedecendo os lívidos pés do divino crucificado.

Reviveu o sublime poema da morte de Cristo. O novo cardeal brasileiro levou à catedral metropolitana a rubra pompa decorativa das suas vestes majestosas, contempladas com êxtase pela turba deslumbrada.

Alguns pobres lavaram as suas tristes extremidades mais afeitas ao lodo das ruas do que ao requinte das abluções, em vista da simbólica cerimônia da quinta-feira santa, devendo expor a olhares indiscretos, embora enternecidos, essa parte das suas pessoas, mais habituadas ao sigilo das botas rotas, do que a claridade das deificações apostólicas.

E surge hoje o magnífico domingo da Ressurreição, em que tudo fala de celeste glória e de eterno renovamento. Brilham as luzes entre os *velariums* rasgados das igrejas, rompem os cânticos de alegria – mas nada disto consegue mais chamar à vida esse mísero vencido da sorte, morto à fome na derradeira tentativa para encontrar recursos, cuja história pungente foi referida pelos jornais, justamente na sexta-feira da Paixão.

A via dolorosa desse desgraçado não encontrou ao cabo a ressurreição... Ele morreu mesmo de cansaço, de fome e de sede, estirado num campo, ao sol ardente, entre dois irmãos chorosos, mais fortes para resistir à luta e à privação do que o primeiro...

Mas, como ficam longe estas cenas do *brigde* e do *tea-gown* das crônicas otimistas! Não é verdade que só o

money deve ser o britanismo desta época?

Ah! *Money! Money!* Eterno salvador dos homens!...

Carmen Dolores.

A SEMANA 22/04/06 [7871]

Estão chegando de todos os lados as mariposas políticas... Que vivo frêmito de asas algumas já experientes e de voo certo, outras álacres, estonteadas, debatendo-se nas zonas de claridade que ainda conhecem!

Mas vão vindo as mariposas irrequietas, que emprestam ao Rio um cunho especial de novidade e agitação. Chega uma, chegam duas, três, dez, como pombas de Raymundo Correia; reforça-se, enfim, o bando, que esvoaça em torno da luz do poder, obscurecendo os espaços em que respiram os simples mortais. E os Estados, aliviados dos seus grandes homens, dizem *uff!* ao mesmo tempo que se preparam para exigir vorazmente o triunfo dos seus interesses locais, confiados à verbosidade meridional, à *Numa Roumestan*, desses representantes da Nação.

No seu belo livro: *A conquista de Roma*, a grande escritora italiana Matilde Serão pinta ao vivo o estado da alma de um deputado eleito pela primeira vez, que chega ao funda da sua longínqua província besuntado de ideais, ardendo de ambição, disposto a cavalgar e vencer com as forças da sua inteligência a cidade dos Césares e dos papas, dos eternos bronzes e dos orgulhosos mármore, hoje a *cosmopolis*, como lhe chamou

Bourget, de lindas estrangeiras louras e morenas **furtam** com o Bodocker na mão, admirando os suntuosos palácios antigos, à luz do sol, os das ruínas do Capitólio, à luz da lua.

Esse deputado mal suporta a viagem que o arranca as monotônias do seu bravo canto natal. Trepida dentro do trem como a própria locomotiva do expresso a todo o vapor, que galopa para Roma, a imortal, centro de luta e ação.

Não podendo dormir nem sossegar, ele traça mentalmente a seu programa político, que é longo e brilhante, baseado numa energia de convicções que jamais afrouxará. Quer o sucesso... Há de obtê-lo.

E nestas disposições batalhadoras desembaraça na cidade que vai conquistar, ocupa a sua cadeira na Câmara e inicia a obra de ambição e força de vontade, cujo plano lhe ferve no cérebro.

Efetivamente, em breve tempo, o novo deputado consegue colocar-se numa evidência que antigos colegas em muitos anos jamais puderam alcançar. O vigor dos seus discursos, a sua assiduidade, a voz sonora, a concentração de ideias, a figura máscula e voluntariosa – tudo impõe à atenção. Combate com veemência o gabinete, entra a ser tem do e apontado, e o caminho do sucesso parece na verdade desbravar-se ante a afoiteza das suas passadas ativas e ambiciosas.

É em suma a vitória?

É a conquista de Roma?

Ai dele! Não... bastou que roçasse por tanta energia acumulada a graça fina e tranquila da esposa de um ministro, para que Sansão abdicasse a

sua força de rude provinciano aos pés da frágil Dalila.

Esqueceu ideais, programas, sede de poder, tudo; abandonou as sessões parlamentares; deixou a poeira amontoar-se lentamente sobre relatórios e papéis importantes, abandonados na mesa de trabalho, solitário agora a um canto do quarto de pensão. Nem para as votações compareceu mais ao recinto da Câmara, deixando sem resposta os protestos começando a chover-lhe do fundo da sua distante província.

E os dias inteiros passava-os o ex-conquistador de Roma a morna e misteriosa penumbra de certa casa alugada num bairro afastado, cuja ornamentação custosa exaurira todas as suas pequenas economias de provinciano. Era ali que ele vivia horas e horas de interminável angústia, suspenso, ansioso, de ouvido à espreita, consumindo a sua energia em esperar a rara e caprichosa aparição da divindade que merecera tão ardentes sacrifícios. Era ali, entre ricos dóceis de seda e bráçadas de flores, sempre renovadas, que o pobre deputado vencido deixava fugir toda a sua ambição política, como um fio de sangue rubro e generoso, a correr de uma veia rasgada pelo fino estilete de alguma fantasia feminina, em lutas de amor e *coqueterie*. E a divindade vinha às vezes, respirava o aroma das rosas, permitia que a sua beleza fosse admirada entre esses brocados artísticos, mas depressa fugia, consentido apenas um platônico beijo na aristocrática ponta dos seus dedos. As dívidas, no entanto, acumulavam-se. O deputado sentia submergir-se, até que o ministro foi quem um dia lhe

apareceu, como cabeça de Gorgona, no misterioso templo onde a esposa era adorada!... Supremo golpe! Sansão, decididamente por terra, renunciou ao seu mandato, tomou o trem e voltou para a província, cabisbaixo e murcho... Nem cadeira de deputado, nem amante e nem dinheiro!... Em que dera a conquista de Roma!...

Eis aqui um romance que deve sempre ser lido por ocasião da abertura das Câmaras, quando começam a chegar dos longínquos Estados as mariposas irrequietas, audazes e conquistadoras, esvoaçando impacientemente em torno dos focos de luz, na Avenida ou no *Palace-Theatre*, à celebre rua do Passeio...

Quanta aza ali se queima! E em que dá também muitas vezes a triunfante conquista da Capital Federal!...

Estamos, porém, atravessando um mau período, não é, leitores? A boa terra fecunda anda com o flato.

A boa terra ruge, treme, fende-se, engole edifícios e gentes, vomita fogo e pedras, vomita cinzas, sacode tudo como a petecas, deixa-nos tontos e desorientados. Já nem pode mais uma criatura dizer, quando desembarca de um vapor onde enjoou terrivelmente: “hoje, graças a Deus, vou para terra firme...” A firmeza é tão duvidosa! Diga-o a Calábria; diga esta semana a triste Califórnia, cujas convulsões repercutiram até cá, fazendo oscilar os pêndulos sísmicos do Observatório. E quantas pessoas vão agora afirmar que sentiram perfeitamente o abalo! O caso passou-se às 11 horas da manhã; nesse momento – contarão muitos de

olhos dilatados – a xícara de chá do almoço tremeu violentamente entre os dedos que a levavam à boca...

Ouviu-se em tinir de colheres... O roto de cabelos da avozinha desmanchou-se sozinho... O gato, que dormia, virou de repente de cabeça para baixo...

E uma série de incidentes, só lembrados depois que os jornais noticiaram a horrorosa catástrofe de S. Francisco.

O fato é que o globo anda descontente, sombrio e aos pinotes. Faz-me isto recordar uma frase de certo comandante de um transatlântico francês, erudito e ateu, que me dizia gravemente a bordo, em caminho para o Brasil:

*“Voyez vous, madame, lorsque le monde est trop plein, les guerres et les cataclismes e se chargent de rétablir l'équilibre. C'est indispensable...”*³³

Será isto? Depois da encarnçada luta russo-japonesa, é preciso que os terremotos, as explosões de toda a espécie e as trombas d'água, que sei eu mais? Acabem de engolir o excesso de homens que pesa sobre a terra?

Assim parece.

Mas então, sob tal ameaça, seria talvez uma ocasião oportuna de abjurar os maus seus pecados em praça pública, e mesmo de todas as

criaturas se congraçarem fraternalmente, num antegozo da igualdade da morte.

Poderíamos ver cada grupo que esbarrasse noutro, à rua do Ouvidor, estender ardentemente os braços para um amplexo de simpatia. Ósculos cordiais estalariam por toda a parte, até na livraria Garnier ou nas redações de jornais, entre escritores e jornalistas rivais. Assistiríamos a conferências médicas à cabeceira dos moribundos, sem que os Esculápios brigassem por questões de terapêutica.

Para que discussões? Lembra-te, irmão, que a Califórnia tremeu...

Em resumo, pacificadora, conquanto sinistra, a ideia de uma possível destruição em três minutos anularia ódios, dissensões, vaidades, resistências do orgulho e mil outros abonáveis sentimentos humanos...

Ora, aqui vos deixo, amigos leitores, a fantasia desse congraçamento geral *in-extremis* – caso único, aliás, em que ele talvez fosse possível entre os homens.

E nisto os animais nos são superiores, confessemos.

Mal o céu escurece, nos campos, e reboa ao longe o primeiro ronco da trovoadas, o gado vai logo se juntando numa solidariedade aflita, para mugir a um tempo, de focinho alçado e ansioso, aguardando o desencadear da tormenta que presente.

Mas nós... nós não gostamos de gemer em companhia, ante a perigo... E todavia, não seria delicioso voltarmos à idade de ouro nestes tempos de fogo, lava a morte?...

Meditai, leitores...

³³ Veja, minha senhora, quando o mundo está muito cheio, guerras e cataclismas se encarregam de restaurar o equilíbrio. É indispensável...

O *snobismo* tem coisas na verdade cruéis... Acontece que uma companhia lírica bem agradável se acha atualmente entre nós, disposta a facilitar a audição de boas óperas à classe média de nossa população, que não tem os meios de frequentar a ópera à *grand prix* do luxuoso inverno carioca.

A companhia é mais que regular e por isto despertou logo a atenção dos entendidos. Que sucedeu, então? Numa preocupação inquieta, entrou certa roda a clamar que os preços eram demasiado baratos, em relação ao valor da companhia, e alcançou logo que houvesse uma récita da moda; mais cara, para os favorecidos da sorte não se acharem em contato com a plebe, que paga como pode os seus lugares.

Sejamos francos, isto é simplesmente odioso. Se o empresário, que trouxe a companhia, estipulou preços modestos, ao alcance de todas as bolsas, é que isso lhe convinha; nem se tratava de nenhum cordeiro inocente, estendendo mansamente o pescoço à faca que o degolasse.

E incitá-lo a levantar esses preços, foi ser mais realista que o próprio rei; foi sobretudo roubar pouco generosamente a facilidade de ouvir boa música a classes menos abastadas, que não poderão concorrer para as assinaturas por quantias exorbitantes, que constituem cada ano o monopólio dos *habitués* do grande Lyrico.

Demais essa récita da moda constitui outra espoliação.

Está bem visto que para ela serão agora reservadas todas as óperas mais importantes.

E aqueles que se regozijavam em ouvi-las com os seus módicos recursos, já têm de acompanhar os ricos e os *snobs* no aumento dos preços, ou então ficarão para a cauda, reduzidos aos artistas mais cansados e as óperas mais estafadas...

Mas tudo isto é cruel.

Bem aconselha a Bíblia ao pobre que ceda sempre o seu manto e o seu pão. Esqueceu com certeza o livro santo de acrescentar:

Cede também a tua cadeira barata do Lyrico popular a quem a puder pagar mais caro...

É verdade que naqueles beatos tempos não havia Lyrico nem *snobismo*...

Gente feliz!...

Carmen Dolores.

A SEMANA 13/05/06 [7892]

Não há quem não conheça o velho aforismo: *senectus est morbus*,³⁴ que nós todos quantos aprendemos um bocadinho de latim, nos habituamos a ler ao lado de *pueri ludunt*³⁵ e muitas outras frases que já passaram a chapas, intituladas de algibeira.

E não há também quem ignore que, efetivamente, a velhice é uma doença, é usura orgânica, enfraquecimento de todas as energias vitais – o que existe – em resumo, de mais triste e lamentável neste mundo de misérias, onde contudo ainda

³⁴ A velhice é uma doença.

³⁵ Meninos brincam.

palpitam, às vezes, ilusões de felicidade tão doce!...

Entretanto, nem o corriqueiro aforismo, acima citado e tão geralmente sabido, nem a ciência que cada um vai irremediavelmente adquirindo, por experiência própria, podem nem devem impedir que a velhice siga pela vida a fora o seu caminhozinho *cahin, cahá*, como dizem os franceses, até soar esta misteriosa hora do mergulho definitivo no aniquilamento, inscrita no livro do destino e que ninguém jamais prevê.

Ela, afinal, coitadinha! tem o direito de finalizar a sua peregrinação pela terra com a inconsciência das efemeridades progressivas que a vão empurrando fatalmente para o túmulo, não é assim?

E calar ao velho esse *morbus* da idade constituiria não só um ato de generosa bondade, como até manteria nele uma energia moral necessária, para que não faltassem o seu apoio, a sua utilidade e os seus serviços, não raramente mais preciosos que os de um robusto rapaz, na esfera em que tivesse de girar a sua atividade até o fim.

O velho, em suma, é quase sempre o burro de carga de uma família ou de muitas famílias inteiras; é o avô educa os netos; é o antigo funcionário, experiente e zeloso, com longos anos de prática, braço direito do serviço a seu cargo; é o estadista pensador e calmo; é o professor encarecido no magistério, que ainda sente orgulho em transmitir o que sabe... O velho, enfim, é o querido amigo do passado, que nos viu pequenos, que conheceu nossos pais, que nos conta adoráveis crônicas dos tempos idos, no

gênero dos folhetins do nosso tão estimado Dr. Vieira Fazenda...

E ninguém tem a licença de anular-lhe o último vigor, abolindo-lhe os préstimos, com esse fantasma sinistro que agora entrou na moda, com os termos britânicos e o automóvel, e é — **a arteriosclerose**.

Grande Deus! O que se anda agora a fazer entre nós com este nome terrificante, empolado e sonoro, é simplesmente incrível! De cada consultório médico ele parte, perfurante como uma bala; está engatinhado em cada canto, em cada bico, em cada olhar... É hoje o flagelo da nossa cidade, monomania apavorante, no meio de morte mais seguro que a febre amarela, a varíola e a própria tuberculose. Mas não se morre da moléstia diagnosticada: morre-se do diagnóstico, fatal veneno que fica no organismo, a minar e a destruir, tirando o apetite e impossibilitando o sono. E com que naturalidade alegre e despreocupada o médico dos nossos dias crava no peito do seu consultante esse dardo envenenado, que fica lá dentro a matar, mais seguramente do que o mal que serviu de base à consulta!

-Meu amigo, o que você tem é **ela**, é a **arteriosclerose**... E o doente, em geral um velho, arregala os olhos espavoridos:

-Mas então sou um homem morto, Sr. doutor?...

-Não; pode viver ainda alguns anos, com *cuidados*...

E pronto! O velho nunca mais saberá o que é bem-estar.

Entrou para aquele gabinete apenas cansado, mole, dispéptico: volta para a sua casa condenado, marcado, já mais

morto do que vivo. E para que ainda reagir, lutar e trabalhar!... Pois se está com a **arteriosclerose**?

Agora é só questão de demorar o termo. Com cuidados...

Não! Mas deveras essa mania moderna dos nossos médicos constitui positivamente um crime!

O velho, outrora, era risonho e namorava, casava, tinha filhos, vivia como qualquer outro... Se enfim um dia lhe estourava o coração gasto pelos anos, esse coração ia alegre e satisfeito para o desconhecido. Não levava o negrume de meses de meses de lenta agonia, como agora.

Mas por toda a parte é isto: esclerose, artérias endurecidas, ateromas, um horror! Num banquete, se a pobre criatura cai em se queixar que a lagosta lhe faz mal, o vizinho crava-lhe logo em cima um olhar esquisito e inquisidor. Ao cabo do exame, ele murmura:

- O senhor está realmente lívido... Já consultou sobre o seu sistema arterial?

E zás! Está implantada a ideia atroz no espírito, até aí descuidoso, do infeliz.

Eu própria, quando atualmente fito uma pessoa idosa e que se diz doente, como que já entrevejo através do seu arcabouço umas artérias duras, estreitadas, um sangue negro fervendo aos cachões, que não acha passagem, e o coração a arfar como um fole, tudo desorganizado, estragado, pronto para o estouro final da caldeira...

Oh! Meu Deus, que obsessão! Quando há por aí tanta palavra bonita, gongórica, importante, estupenda, por que se haviam de lembrar os senhores médicos de generalizar e pôr na moda

essa **arteriosclerose** – o espectro dos nossos tempos?

Porventura já não tinha artérias o nosso pai Adão? Mas ninguém se referia a elas, que me conste. Abraão, tão velho! Mesmo quando passou pelas emoções naturais a um marido, entre Sara e a escrava Agar; mesmo ao sofrer tamanhos sustos, quando lhe foi imposto o sacrifício de Isaac, jamais acusou, que eu saiba, embaraços da circulação...

Em nossas eras, parece que houve aqui uma febre chamada da *polka*; veio depois, e rigidamente também, a *influenza* e logo atrás a **peste bubônica**... A estatística dos hospitais registra, de resto, todas essas outras moléstias que já conhecemos... Mas o mal que fica na frente de todos os mais, o mal misterioso e *chic*, no gosto dos novos esculápios, o mal último grito, competidor de todos os inventos da atualidade, é esse que eu mencionei, que a Bíblia jamais conheceu e que degenerou no pior dos flagelos da velhice entre nós: a **arteriosclerose**.

Nem se morre mais agora de outra coisa, funesto espantinho perturbando a circulação do sangue de toda a cidade...

E confessemos que esta mania é cem vezes mais perniciosa que a das trombas d'água e dos terremotos, não é verdade?...

A opereta *Les Brigands*, do inolvidável Offenbach, mostra-nos sempre, entre os seus ritmos leves e petulantes, esse batalhão de soldados que chega inevitavelmente tarde demais, quando é esperado. Caiu até no domínio popular o célebre

estribilho: *Nous arrivons toujours trop tard*,³⁶ aplicando, quantas vezes e com carradas de razão entre nós as autoridades policiais.

De fato, logo que há crime, roubo, sarilho, apitos, clamores, os repórteres dos jornais chegam correndo, aos bandos, mas os delegados, os inspetores e as praças de polícia aparecem marchando a passo lento, isolados, como que atacados desse estranho mal de fundo nervoso que paralisa os músculos da locomoção.

E, contudo, não me parece que nos devamos queixar muito do vagar tradicional que retarda sempre a chegada dos denominados defensores da ordem pública.

Não sei!... mas da minha infância guardo um doentio terror de tudo quanto tem o título oficial de autoridade, como se dessa investidura despótica saísse um tremendo papão... Nem avisto nunca um posto policial, uma sala de delegacia, sem me por a imaginar mil abusos cruéis, mil incoerências, injustiças, arbitrariedades, coisas inconfessáveis e acobertadas pelo bruto poder da força que jamais discute nem explica os seus atos.

Assim, que importa obedeça essa força ao exemplo dos carabineiros de Offenbach?

O que nos deve terrorificar é antes que ela chegue cedo demais, exercendo às avessas e sob a proteção do mistério as funções que lhe cabem, isto é, assaltando ela própria e roubando, em vez de impedir os

assaltos pelos que tem por obrigação combater.

Pois não é isto que nos conta justamente esta semana uma folha do Rio Grande do Sul – teatro fecundo de acontecimentos emotivos e preciosos para noticiar?

Dois indivíduos que imagino romanticamente embuçados, altos e sinistros, pedem hospitalidade numa casa de família e às dez horas atacam duas senhoras, exigindo dinheiro. Uma delas entrega quinhentos reis, mas finge ir buscar outra quantia e desperta um moço que acidentalmente ali pousava e cujo socorro solicita contra os bandidos. Esse moço, espécie de herói antigo, saindo fêrvido do leito de repouso, como um d'Artagnan sem medo, acode rápido e detona o seu revólver num e noutro dos ladrões, prostrando-os mortos. E, no dia seguinte, sai em busca da autoridade policial do distrito para participar o ocorrido, mas não a encontra em parte alguma do lugar.

Oh! Senhores! Mas onde está o subdelegado? Onde está o inspetor do quartelão?

Indaga, procura; ninguém responde... Afinal, como que o moço já atira aos quatro ventos o velho *refrain* do café dos *Ambassadeurs*: *Qui qu'a vu coco? Ou Avez vu papa?*³⁷ Que só o eco recolhe. Até que, por último, alguém informa, graças a Deus! Que as duas autoridades tinham saído à noite para uma diligência e,

³⁷ Refrão do café dos Embaixadores: Quem viu coco? Ou Viu papai?

³⁶ Chegamos sempre tarde demais.

diante disto o d'Artagnam decide-se a levar alguns vizinhos como testemunhas do acontecimento fatal.

Ora, quem reconheceram esses vizinhos como sendo os bandidos estirados sem vida a casa das senhoras assaltadas? O subdelegado e o inspetor, tendo ainda o primeiro apertada nos dedos, que a morte enrijara, a nota de quinhentos mil réis, objetivo da **diligência policial** efetuada essa noite...

E aí está como, para essas duas senhoras, melhor seria que os representantes da garantia pública houvessem chegado demasiado tarde – fora do tempo, em suma, para perpetrarem o assalto de que, aliás, foram eles próprios as vítimas.

Mas tudo está bem quando acaba bem, não acham leitores? Agora mesmo é que essas autoridades nunca mais hão de chegar nem muito tarde, nem muito cedo... Ficaram no posto que nunca se deserta...

Se alguma coisa neste mundo me diverte, é o telegrama oficial... Eis neste momento um de Petersburgo que anuncia a cidade em galas e festas por motivo da solene abertura da Duma Nacional. Depois, realizada a tal gloriosa instalação da Duma, o czar falou – e que sublimes palavras disse o nervoso imperador sobre a liberdade, sobre o importante papel das classes trabalhadoras e a respeito dos benefícios da instrução!...

Foi de espanto, o seu discurso.

E quem ouvia sua majestade orando com tamanha convicção, pequeno e simpático na moldura da sua barba em ponta e toda a corte

religiosamente atenta, tê-lo-ia deveras como um pai do seu povo...

Esse pai, no entanto, vive encerrado em Tsarskoye Selo, com medo dos seus filhos; e estes filhos só têm uma vontade – e que vontade!... a de fazerem o pai saltar pelos ares como um foguete...

Oh! Mentiras oficiais dos telegramas! Como elas me divertem!

Carmen Dolores.

A SEMANA 20/05/06 [7899]

Quando Sulgeloch, depois Gutenberg, nome de sua cidade natal, na Bohemia, inventou a imprensa e mereceu estátuas em Mogúncia, Strasburgo, Paris, por toda a parte do mundo civilizado, enfim, onde o seu nome é sempre aclamado e quase endeusado em festas e centenários, mal sabia o grande homem que atirava entre as criaturas uma arma de dois gumes, servindo para fins tão variados, tão contraditórios!

De fato, ao lado da força universal que a imprensa distribuiu pelos povos, abrindo largo o campo do progresso e da civilização, um inconveniente logo surgiu e foi crescendo temerosamente na proporção do desenvolvimento das más paixões humanas. Atrás da inocente Bíblia de quarenta e duas linhas, que celebrou Gutenberg em 1456, forma vindo outros livros menos cândidos; chegou finalmente o jornal, primitivo e ingênuo nos seus moldes, depois já com disposições para combates e polémicas, chegou o pasquim, chegou a seção livre, chegou por último o americanismo da imprensa moderna, a notícia

devorante, a notícia audaz, febril, que tudo descobre, averigua, explora e publica, na ânsia passional e profissional de fornecer alimento à goela insaciável do leitor dos nossos tempos.

Já eu não me refiro, como um dos gumes perniciosos da arma que Gutenberg legou ao mundo, à injúria torpe em letra redonda, que afinal só acha uma limitada guarida em jornalecos sem imputabilidade, cujas colunas, na triste avidez da *réclame*, estão prontas sempre a abrigar a vingança imunda dos indivíduos acostumados à descompostura anônima - o que eu conheço de mais reais na terra.

E não me refiro a esse desvio da dignidade humana, a essa pulhice degradante e covarde que só rasteja na sombra, porque a julgue indigna, simplesmente, de figurar no rol dos inconvenientes nascidos dessa bela e poderosa invenção da imprensa.

Outros há, contudo, que saltam à vista. O próprio Calino os apontaria. E aqui, nos estreitos limites desta crônica, citarei apenas um deles que se tornou o fator do mais trágico drama da semana.

O ilustre escritor que faz o *Registro*, na *Notícia*, encarou a causa desse drama por um prisma; eu tomarei a liberdade de encará-la por outro, que se prende exatamente a um dos mais fortes defeitos originados da letra de forma. E esse defeito é a publicação de tudo quanto pode apanhar a voraz curiosidade dos repórteres, no estímulo do *furo* sobre os seus colegas.

Há, na verdade, indiscrições que são de todo o ponto incorretos,

penetrando nos recessos invioláveis da vida íntima de cada um e atirando ao público, como notícia sensacional, a dor ou a vergonha que lá se ocultam. Há inexatidões precipitadas e levianas, cujo alcance só a vítima delas pode medir; e se um espírito vigoroso e sobretudo prático fica indiferente a tais abusos, dando-lhes o valor que merecem na sua efêmera passagem pelas folhas do dia, logo esquecidas, uma mentalidade fraca, ao contrário, atribui-lhe uma importância, cujos resultados nem ousa calcular, no seu pueril e infundado pavor da publicidade e do escândalo.

Foi assim que, estes dias, o filho de um homem honrado não suportou a impressão de ver o seu nome envolvido num caso noticiado pelas folhas da manhã. Ligado ele casualmente, como poderia suceder a qualquer um, a uma dessas agências que arranjam empregos e fianças, mediante o depósito de certa quantia, leu com vexame uma denúncia lançada a quatro ventos, com todos os títulos sensacionais hoje na moda, em que a sua individualidade aparecia ao lado da do agente, explorador da boa-fé dos necessitados. Já o efeito dessa notícia lavrava surdamente no íntimo do desgtraçado moço; mas a interpelação de seu pai acabou de acabrunhá-lo.

E todos sabem o que aconteceu: a desesperada tentativa de suicídio, a luta da família para lhe arrancar da mão a arma mortífera, uma dor e uma confusão tão desvairadas, que os tiros foram errando o alvo e ferindo a mãe e matando a filha do louco protagonista da cena...

Ah! Estou bem certa que se os primeiros noticiaristas do fato da agência houvessem conhecido o melindre sensitivo dessa alma de fraco, jamais teriam estampado nas folhas o seu nome, como participante de negócios ilícitos.

Mas, eis aí: quando é que o repórter pode saber ou não saber o alcance do que anuncia com requintados pormenores? E, na ignorância desse alcance, cujas proporções podem às vezes tomar caráter irremediável, como no triste drama atual, ou na dúvida sobre o fundamento do fato que vai servir de adubo à curiosidade pública, sempre sôfrega de escândalo, por que não hão de os noticiaristas usar de mais prudência e discrição na colheita das suas notícias? Não se levantará esta semana, como um remorso, ante algum deles, o quadro atroz desse mísero moço, transformado em parricida, olhando através de seu próprio sangue o cadáver da filhinha, inerte nos braços da jovem mãe, alucinada de horror?...

E tudo isso por causa de uma *nouvelle à sensation*!

Sempre há coisas, na verdade, bem estranhas e terríveis...

Preciso, porém, deslizar nestas linhas para terreno mais ameno e risonho, de acordo com a nota *ultra chic* e *smart* da época atual, que lápis otimistas descrevem trepidante de alegria sob o céu azul deste insistente verão, que muitos chamam inverno... Inverno!... Boa vontade de tê-lo, não há dúvida... Eu também acreditei na chegada do elegante *snob* vestido à europeia, de sobretudo e luvas, um

pouco arrepiado sob a deliciosa brisa, conservando toda a frescura da sua tez e todo o rijo esplendor do seu alto colarinho. Acreditei, e até me pus imprudentemente a contar os encantos do mês de maio, introdutor dos primeiros friozinhos, abrindo a porta a *season* tão falada pelos que devem ser entendidos na matéria.

Mas, aí de mim! É que eu escrevia tendo então sobre as minhas pupilas a divina venda dessas brumas petropolitanas, tão brancas, tão leves, tão docemente apaziguantes, a rolarem, espessas como nuvens ou esgarçadas em celestes farrapinhos de neve flutuante, entre mim e as abrasadas realidades do Rio. Maio aparecia-me deste modo, como o alvíssimo anunciador do inverno – que é, para nós outros, habitantes do país do sol, como uma gota d'água na calcinado Saara.

Ai de mim! Repito, porque, apenas descida a serra que me separava deste forno, não me foi mais possível evocar, simplesmente, o inverno tão cantado, tão sonhado, prelibado no antegoço de todas as delícias descritas pelas penas mundanas...

Oh! *Season* de fogo! Como te apreciar sob a luz ofuscante destes céus implacáveis e ardentes! Como fruir a magia das noites **sonoras**, se debalde os nossos pulmões buscam no ar parado, em que flutua a poeira asfixiante um sorvo de viração mais fresca e mais pura, mais consoladora, mais vivificante!...

Pois que está na moda Botafogo, Botafogo me atraiu os passos. Lá estava o *bar* iluminado, como todas as noites, refletindo n'água as suas luzes e a animação de algumas das suas

mesas ocupadas. O maior movimento, porém, era de *serenos* às entradas, gozando-lhe a música sem pagar, olhando de fora os grupos que apareciam bebericando os seus refrescos – e não eram muitos.

Nas aleias e nos passeios asfaltados do jardim, com os seus maciços de plantas recém-nascidas, dividia-se a massa de errantes em pessoas que viam e pessoas que se faziam ver. Avultavam as *morenas*, isto é – as morenas dos versos de Mello Moraes Filho, e mesmo algumas outras mais sombrias, cuja raça nunca recalcitra contra o calor; o que não impedia que a essas bandas se misturassem as dos alvos lírios *snóbicos* da nossa roda mais elegante, indo e vindo com patricia indolência.

Automóveis fugiam, voltavam, atirando as nuvens de pó deslocadas o seu abominável cheiro a petróleo; muita gente bocejava, entorpecida nos bancos, deixando correr as horas, e do céu constelado baixava um hálito quente, que envolvia toda a praia aristocrática numa temperatura de estufa.

Entretanto, do portão de um jardim particular, graciosas jovens de cinta esbelta e rapazes de coletes a Christiann de Souza divertiam-se em lançar com fidalga desenvoltura chufas alegres nos que inocentemente transitavam pela calçada.

Linda moça, último grito, que já deve saber dançar o passo canadiano, gritava gentilmente às costas de uma senhora idosa:

Oh! que baiacu!...

E esta expressão, que textualmente reproduzo, deliciou-me... admirei o progresso de tamanha civilização, mas

admirei-o deveras, convicta, entusiasmada, e retirei-me, murmurando exaltadamente às árvores secas e magrinhas da antiga praia:

“Agora, só tu, Botafogo! Só tu, puro centro de modernismo carioca mais *chic* e apurado...”

E ah! pareceu-me ouvir um como gemido distante, que vinha talvez do mar... mas houve seguramente engano meu, e de resto os berros de dois automóveis abafaram logo esse possível clamor do passado, que passou, fugiu, como inútil queixume de uma vaga, a quebrar-se, impotente contra o duro granito do cais novo...

Aconselho os amadores da música religiosa, tão estupendamente bela, quando bem executada, que a vão ouvir na igreja S. João Batista da Lagoa, durante os ofícios do mês Mariano.

Eis aqui um ponto em que a justiça manda confessar que o Rio bate o *record* sobre Petrópolis – o que se custa a crer. Mas é assim.

Lá, por estreiteza de ideias de certo pessoal, nunca renovado, que dirige a organização musical das festas religiosas, o canto é eternamente o mesmo, cada ano, as vozes pobres e inexperientes, salvo uma ou outra exceção, e a incompreensão da arte completa e absoluta.

Onde o tempo em que uma Carlota Paixão eletrizava a igreja, executando a esplêndida *Ave Maria*, de Escragnolle Taunay?

Tudo isso acabou. Hoje só se ouvem ladainhas monótonas, e até os *solos*, o que parece um cúmulo: são cantados a muitas vozes, para se evitar

o desenvolvimento da vaidade na solista...

Pobre arte! Com que *sans façon*³⁸ a trata o bico da carolice.

Em S. João Batista da Lagoa, porém, a música religiosa é cuidada por mão de mestre. O órgão, as cantoras, as vozes, os trechos escolhidos – tudo é divino e arremessa a alma dos fiéis às alturas da crença, da fé e da esperança.

Oh! arte, suprema consoladora!...

Carmen Dolores.

A SEMANA 27/05/06 [7906]

A viagem do Sr. Afonso Pena e o duelo do Sr. Pinheiro Machado preencheram estes sete dias, serviram de assunto obrigatório, apimentaram as palestras, vibraram, repercutiram em toda a cidade...

A primeira, como acontecimento oficial, não deixa margem aos comentários da crônica.

O segundo, porém, anda a fazer cócegas, sobretudo, em todas as penas, diabolicamente agitadas pela novidade. Um duelo! Não é assim fato corriqueiro de todas as semanas...

Habitado o carioca ao clássico desforçozinho na rua do Ouvidor ou, quando muito, no princípio da rua Gonçalves Dias, até às alturas do *Jornal do Brasil*, não pode ainda admitir que esse regato do desforço público haja mudado de ponto e de forma, abandonando a velha artéria pelos areais oceânicos e o soco ou a

chicotada pelas armas corretas e mortíferas usadas na grande Europa.

Mas pegará mesmo essa moda do duelo entre nós?

Pensando na febre de injúrias que lavra sob feição epidêmica em algumas das nossas folhas, parece o duelo realmente necessário, indispensável até, senão como cobro às descomposturas, pelo menos como solução a certas polêmicas cujo gradativo *crescendo*, no desafio dos impropérios, leva tão longe os contendores, que nem eles próprios atinam mais com o meio de voltar atrás nem de por um termo à questão.

Vão indo, vão indo... Cada artigo sai mais violento que o da véspera, porque o polemista não pode deixar-se vencer pelo adversário no terreno das coisas pessoais e desagradáveis, entendendo muitas vezes com a honra.

Tem de forçar também progressivamente a nota, quando responde – dato que sucede igualmente com o outro, no dia seguinte. E, nesse andar, até onde chegará a polêmica?

É isto exatamente o que pergunta a ávida massa dos leitores de jornais, debruçada no palanque da curiosidade e a gritar:

Kss!...Kss!... aos contendores, com um delicioso frêmito de satisfação e esperança.

Se, entretanto, o duelo começar a intervir com o ponto final nesses casos, que podemos chamar de todos os dias, atendendo à aluvião de debates pela imprensa – não será de temer a ressurreição do reinado de Ferrabraz? Por qualquer motivo, desafio, testemunhas, um, dois, três, estocada ou tiro, uma academia de

³⁸ Sem modos, sem educação.

golpes de Jarnac, lâminas de sabre ou florete lampejando ao sol dos bairros amorosos, onde só cantara até então a voz dos misteriosos beijos – a demolição completa, em suma, de todos os hábitos mais pacatos da nossa terra...

Nem me admirarei se monsenhor Arcoverde, transportando a Ipanema a rubra pompa autoritária das suas novas vestes, por necessidade de fazer proclamar por um arauto alguma ordem pouco mais ou menos no gênero de certo edito, posto antigamente em vigor por um outro homem vermelho, que se chamou Richelieu e foi o temido ministro do rei Luiz XIII.

Lembram-se os leitores? Considerando esse cardeal que, malgrado todas as proibições, os duelos se repetiam mais do que nunca, ele e o rei ordenaram que:

*Les duellistes, felons qui de
sujets nous privent,
Qu'il ne survive un seul ou
que tous deux survivent,
Solent, pour être amendés,
traduits en haute cour,
Et, nobles ou vilains, soient
pendus haut et court...*³⁹

³⁹ Os duelistas, criminosos que nos privam de temas,
Que não sobreviva um só ou que ambos sobrevivam,
Costumam, para serem perdoados, traduzidos em alta corte,
E, nobres ou vilões, sejam enforcados bem alto e bem curto ...

Assim decretou Richelieu, conforme os poderosos versos de Victor Hugo; e, dando de barato as felizes alterações do tempo, dos hábitos e dos regimes, hoje macios como o cetim, comparados ao férreo absolutismo de outrora, admitamos que o edito dessa nossa época ameace apenas com a ira dos céus ou com a polícia da terra os que se baterem em duelo na Copacabana ou algures, infringindo as nossas leis.

Mas, depois? Voltaremos ao inocente murro onde à amável chicotadinha *pour vire*, da rua do Ouvidor? Serão esses os exclusivos desforços de ofensas muitas vezes sangrentas?

Não, não!... Pois que a nossa civilização está marchando vertiginosamente, no dizer de tantos, marche também o progresso no sentido do novo hábito de uma bela estocada ou de um bom tiro, quando se achar em jogo a questão de honra entre dois contendores. Ressuscite Ferrabraz, não há remédio! E talvez que assim termine, ou ao menos se modifique, este sistema, entre nós, de andar sempre meio mundo a se injuriar pelos jornais.

Basta a maledicência à flor dos lábios, visto como as palavras voam, não é verdade?... Basta a maledicência cor de rosa dos salões *modern'style*, quando a dona de casa, em vaporoso *tea gown*, vai lacerando finalmente com a pontinha da sua tesoura mundana a reputação da conhecida que teve a petulância de parecer mais nova ou mais bonita do que ela, no teatro, na rua, no baile, no mês de Maria ou nos chás de madame X...

Mas para a decompostura impressa, nenhuma indulgência, amigos leitores! Ipanema com ela – Ipanema, hoje célebre, erguida da sua frívola reputação do passado, triunfadora do Leme, agaloada por uma pendência de honra em suas areias de ouro.

Como se decide de repente o destino de uma praia!

Não é, porém, só em melhoramentos da cidade e em questões de brio que a civilização tão preconizada se acentua, em nosso meio.

Uma inopinada face dessa evolução se impôs ao meu espírito, esta semana, e posso assegurar que de um modo tão encantador, tão extraordinário e tão interessante, que as minhas ideias pularam de contentamento, como as de uma criança esfomeada que subitamente esbarrasse numa vitrina cheia de manjares finíssimos, de uma deliciosa novidade.

O caso é que eu me achava na igreja S. João Batista da Lagoa, já citada numa destas minhas obscuras crônicas, como levando de vencida todos os outros templos daqui e de Petrópolis na execução de música sacra, durante o mês Mariano. Estava eu, pois, ali, e toda a minha alma vibrava e tremia às largas sonoridades do órgão, manejado pelas magistras mãos de um discípulo de St-Saëns, que tira desse instrumento efeitos por tal modo dominadores, empolgantes, que a criatura se ala ao céu da exaltação mística, num estremecimento próximo das lágrimas.

Toda a vasta nave ribombava sob as harmonias fugindo do coro, espalhando-se, crescendo, morrendo em gemidos celestes, de uma doçura já divina – quando o silêncio bruscamente se fez.

Era o sacerdote que se adiantava para falar de pé, como sempre, comentando algum trecho da vida de Maria.

E, de ordinário, ninguém presta muita atenção a essas práticas. Estrangeiro, ou velho, ou pouco ilustrado, o sacerdote, em qualquer destes casos, limita-se a ler alguma coisa em meia voz, que poucos entendem – indeciso murmúrio ou lento escorrer de frases curtas, em que entra o nome repetido por extenso de Nosso Senhor Jesus Cristo e Santíssima Virgem Maria, Nossa mãe, como meio de substituir a ideia ausente, de falar e nada dizer. São lugares comuns, muito usados pelo clero ignorante, e que deliciam as pretas velhas, sempre a se benzerem, tanto mais estáticas quando menos elevada é a predica...

Esperava eu, portanto, naquele dia, a repetição da leitura ou do frouxo improviso do costume, quando, no silêncio abafado do templo, uma voz ecoou, rolou, encheu o espaço – e essa voz, que era a de um padre, era também, o prodígio! Ó surpresa! A de um homem e a de um intelectual... É verdade: a de um intelectual, ouviram bem? Num relance, todos os olhos atônitos se cravaram nele; num relance, todos sentiram que estava ali um verdadeiro pregador, um ente que saltara fora de todos os moldes convencionais e vulgares instituídos pelo padre ignorante, um filósofo e um

pensador, que tratava seu auditório por *Meus senhores!* E discorria masculinamente, inteligentemente, sobre os progressos da evolução religiosa, apontando a Virgem Mãe não unicamente como o alimento da credence beática, estreita, cega, mas como a mais sublime e luminosa inspiração da arte, da pintura, da escultura, das letras, e também das mais elevadas virtudes cristãs...

Esse pregador tão moderno e de tão forte originalidade, que rompeu a grilheta da rotina e fala aos homens como a seres de raciocínio e ideias, e não como a nenês de mamadeira na boca e papa de araruta nos miolos, esse pregador, infelizmente, não é brasileiro: é português, compatriota de Ramalho Ortigão, de Eça, de Guerra Junqueiro, dos grandes e ousados espíritos lusitanos, e chama-se o padre Álvaro Coelho.

Não pude vê-lo; ignoro se a sua figura corresponde à máscula energia da sua voz tão clara, tão persuasiva e dominadora.

Mas só essa voz ao serviço de tal intelectualidade, representa um tão violento salto na ordem do progresso em matéria religiosa, que reputo a predica do padre Álvaro Coelho um dos mais sensacionais acontecimentos da semana, e por isto a registro sem medo nestas linhas entusiásticas.

Não há dúvida que tudo caminha neste mundo, e longe vai o tempo em que os médicos eram considerados subalternos, os comediantes sofriam a pena da excomunhão e a nobreza tinha o direito de maltratar a plebe.

Ah! se Molière conhecesse hoje a Sarah e a Réjane, que assombro! E se

os marqueses de Cotogan empoados assistissem à infância de alguns dos nossos comendadores, que revolta!... Assim também o clero caminha no sentido de quebrar preconceitos – mas às vezes caminha de mais, como agora na Murcia, em Espanha. A aspiração dos instintos vence tudo.

Se até o papa suporta mal a reclusão no Vaticano, não obstante os imensos jardins onde o carro pontifical roda como numa cidade de *villegiatura!* Mas, por muito largas e compridas que sejam as aleias desse parque, o Vaticano constitui ainda assim uma prisão, pela monotonia das suas flores e das suas voltas, eternamente percorridas pelos mesmos pontífices e a sua guarda de nobres romanos.

Em Murcia a monotonia da falada submissão clerical aos dogmas da igreja, pareceu por demais pesada a dois sacerdotes – um presbítero e um jesuíta.

Que silenciosas paixões agitavam esses dois entes?

Ninguém o sabe, mas eles sentiram-se homens sob o férreo jugo da batina que anula toda espontaneidade dos fortes sentimentos humanos – e atiraram-se furiosamente um contra o outro na sacristia do templo de S. Domingos.

O presbítero sacou do bolso um revólver e disparou-o sobre o jesuíta, matando-o instantaneamente; saiu em seguida para o adro, voltou contra si próprio a arma e fez-se imediata justiça. E agora, quem desvendará o sombrio segredo desses mortos, filhos da igreja e vítimas de ódios por ela condenados?

Onde fica, diante deste negro fato, que sacode tragicamente as convenções humildes da estamena monástica – onde fica o progresso ora introduzido entre nós do duelo na Copacabana?

A verdade, a propósito do caso de Murcia, é uma só, é esta:

*Toujours le coeur de l'homme
est sous l'habit du prêtre...*⁴⁰

Carmen Dolores.

A SEMANA - 03/06/1906 [7913]

Ainda não há dois meses que Gaston Calmette, o ilustre redator-chefe do *Figaro* parisiense, teve a gentileza de dirigir-me uma carta dessa sua linda redação da Rua Drouet, no simbólico papel em que uma pena de pato atravessa um grande F. atirado obliquamente no cimo da primeira folha.

Nessa missiva, escrita com a clássica e fina *patte de mouche* francesa, Calmette me falava no atravancamento das letras, em Paris, dizendo-me quantas desilusões amargas que se contam na proporção de um sucesso.

Mais por cima, podia ele garantir-me, por experiência própria, esse sucesso não era devido, às mais das vezes, senão ao puro acaso.

Quanto verdadeiro talento afundava no esquecimento e no desânimo, por falta desse acaso caprichoso, que de repente faz um Deus do desconhecido da véspera.

Esse acaso, porém, espécie de sorte grande de uma loteria, nem sempre escolhia os mais dignos da sua eleição, e frequentemente, ao lado de mediocridades triunfantes, graças a essa incompreensível e misteriosa lei dos *engouements* públicos, outros méritos mais reais agonizavam, debalde lutando contra uma fria corrente de indiferentismo que, pouco a pouco, os impelia para a atonia infecunda dos supremos desalentos.

Gaston Calmette descreveu-me também o encarniçado combate contra os editores, que curvam o espinhaço diante dos autores *arrivés* tenham ou não tenham valor, e exploram os obscuros, mesmo que os assinale uma centelha de gênio. E isto, que é muito velho, fez-me sorrir...

Achei consolador poder repetir a esse propósito o título de uma revista teatral que tanto voga teve:

Cá e lá, ajuntando: más fadas há...

Concluindo, finalmente, o brilhante redator-chefe do jornal mais lido da cidade luz soltou este grito característico, como formato do pensamento:

*Paris, ah! Paris! on y lutte, on y souffre, on s'y brûle...*⁴¹

E eu então pensei que doce incêndio era esse, criadora chama em que se agitam tantas e tantas salamandras de ouro, fulgindo à luz de inebriantes vitórias. Mas que diria Calmette, se aplicasse a lente da sua análise à vida literária entre nós?

Queria-o aqui, numa neutralidade

⁴⁰ Sempre o coração do homem está sob o hábito do padre...

⁴¹ Paris, ah! Paris! Aí luta-se, sofre-se, queima-se...

de observador imparcial, assistindo ao monótono e inglório debate nesta arena apertadíssima das letras e do jornalismo, onde só um punhado de privilegiados, sempre os mesmos, conseguiu cavalgar a opinião simpática e hoje segue, faça o que fizer, por uma trilha desbravada e segura, conduzindo ao sucesso.

Nem ao menos podemos nós invocar o atravancamento da produção, como a causa determinante da hostilidade que mata qualquer esforço de origem ainda não consagrado pelos caprichos da voga.

Não! não há aqui *encombrement*, como em Paris. Há, pelo contrário, deficiência, esterilidade, por motivo, justamente, da atmosfera inóspita que acolhe qualquer tentativa de um nome desconhecido, que não soube triunfar das rochas Tarpéias da moda, que não investigou os segredos para conquistar adesões, aplausos e simpatias.

O que sucede, então?

E que se estabelece a monotonia no campo de ação, onde os contendores são sempre exatamente os mesmos; e nem há batalha pelo sucesso, porquanto a vitória está de antemão garantida, seja qual for a arma com que se apresente o chamado pelejador, na realidade mestre do terreno, triunfador certo, antes mesmo do triunfo.

— Mas então como é feito esse misterioso *quid* de que depende o sucesso? Perguntava-me há dias um tímido, e entretanto bem notável cultor das musas.

— Ah? meu amigo, respondi-lhe com inteira convicção, esse *quid* é demasiado subtil para ser analisado e explicado. Imagine o azar... Uma

questão de acaso, de momento, de simpatia, de moda, até de futilidade, muitas vezes... Pode se ter muito talento e não ter sucesso, assim como também pode-se alcançar o sucesso sem ter talento. É o capricho da sorte...

A verdade, entretanto, impessoalmente dita, entre nós, é que a animação do apreço, mais generalizada, devia sempre acoroçoar esta luta intelectual na concorrência moderna, tão desfibrante e exaustiva, tão dissolvente, tão triste, se um pouco de alento amigo a não bafeja.

Quem escreve para o público nem sempre o faz porque quer, nem porque o espicaça a ambição da glória e do renome. Obedece muitas vezes a circunstâncias particulares, à necessidade de viver ou então ao impulso incoercível de um temperamento artístico, que o atira invencivelmente às expansões da ideia.

A Arte, porém, sob qualquer forma, não é uma entidade que se sufoque em subterrâneos escuros. Requer um ambiente simpático, ar, luz, sugestões amáveis, o divino zumbido das animações que a estimulara ou dos aplausos que a festejam; e, privada de tudo isto, debalde inspirando e aquecendo ao seu influxo, obrigada a assistir de longe a caprichos, parcialidade da sorte restrita, a Arte acaba por encolher as asas inúteis, regelada e melancólica. Para que lutar, se a abelha de ouro do sucesso vai sempre pousar na fronte previamente marcada pelo doce mel da voga lisonjeira? Nada há mais lúgubre, no fundo, do que a situação de quem escreve livros ou jornais, tentando conquistar a simpatia do público nesse

concurso brutal da imprensa contemporânea — e a cujo espírito se impõe, contudo, cada dia mais e mais, a dolorosa e congelante convicção que esforços não valem e méritos não servem, logo que falta esse *quid* indefinível que não é nada, mas que é tudo, e que em suma se chama o *azar* na loteria dos forçados da pena.

Eis por que eu, no modesto e estreitíssimo limite das minhas atribuições obscuras, mas que em todo o caso me fornecem a regalia de externar as minhas opiniões — eu nunca regatearei o aplauso e a animação aos que me parecerem realmente, francamente dignos, embora ainda desconhecidos, desse benéfico acoroçoamento.

Abaixo a moda e a convenção nas letras! Campo aberto a todo e qualquer concorrente de valor!

Saliente-se, reconheça-se e aplauda-se o talento, seja quem for aquele que o assinala em trabalhos de merecimento.

E, se porventura me acharem demasiado masculinizada nesta declaração de guerra ao *parti-pris* que restringe o círculo dos eleitos, nesta aspiração energética de verdade e de justiça, que não tem talvez os laivos açucarados de um tom dolentemente feminino, oh! meu Deus! eu facilmente me consolarei, voltando o olhar para grandes sombras do passado.

Pudesse eu imitar-vos, geniais criaturas, cuja pena máscula domina o mundo; pudesse eu roubar-vos uma faísca de intelectualidade, gloriosa Staël, gloriosa George Sand, Delfina Gay, depois Madame de Girardin, a célebre! que até assinava as suas

crônicas lampejantes, que fizeram época pelo espírito mordente, pela incisiva ironia do ataque a coisas e pessoas, com um pseudônimo de homem: Visconde de Launay.

Não é verdade que vós todas jamais escrevestes os vossos livros, as vossas cartas, conservadas pela posteridade, as vossas polêmicas, os vossos artigos, com água de rosa em lugar de tinta?

Em França, a palavra *autor* não tem feminino, e diz-se: a *mulher-autor*, o que prova que o talento não tem sexo, mas tem asas, que o elevam muito acima de mesquinhas e piegas preocupações de feminismo. Malgrado tudo, foi aplicado a Madame Emile de Girardin um verso da sua própria lavra, que é este:

Ayant un peu d'orgueil peut-être pour défaut.

*Mais femme de génie, et femme comme il faut...*⁴²

Pois se uma coisa não exclui a outra!...

De resto, respondam com sinceridade a uma pergunta: a virilidade da pena não será talvez indispensável, como arma de defesa, à mulher que se atira às lutas literárias sozinha, sem padrinhos?

Oh! céus, se até no duelo a dois o padrinho é necessário, quanto mais no duelo com o monstro de cem cabeças, que é o público! Mas, enfim, quando falta esse padrinho, e a arena do combate aparece, hiante, sem que das

⁴² Antes, um pouco de orgulho pode ser um defeito
Mas mulher de gênio e mulher antes de tudo...

tribunas um sorriso animador alente a coragem do combatente, que resta a ele, a esse doido atrevido?

A independência varonil da arma com que se esgrime.

Ora, eis aí... E agora conversemos de outra coisa, se lhes apraz.

Nas rodas elegantes, o nome de Tina di Lorenzo forneceu o assunto mais fino da semana. Vê-la nos histerismos de *Magda* ou nos lindos gestos felinos de *Frou-frou*, comentá-la, admira-lhe a linha das *toilettes*, garantir que se não perdeu um só termo do seu belo italiano, mesmo nos instantes em que a paixão precipitava e entrecortava a voz da grande atriz, tal foi a ocupação agradável do mundo feliz que se diverte, que vai ao *bar* Botafogo, anda de automóvel e goza em suma todas as delícias mais suaves da vida *snóbica*, moderna e trepidante.

Em outra roda menos *smart*, a notícia que proporcionou matéria às discussões foi o revoltante atentado contra o reizito de Espanha, quando ele saía da igreja em que se acabara de casar, fremente de amor como qualquer mortal e longe, tão longe! das intrigas políticas!... Pobre reizito apaixonado, só homem novo, como qualquer outro, nos sentimentos que o dominavam naquele carro suntuoso, onde o virginal véu da sua noiva lhe roçava a farda de soberano — e que espreitavam contudo sinistramente essas bombas assassinas!...

Não, não concebo maior atrocidade do que tal premeditação de morte em semelhante momento. Houve nela um requinte de crueldade, que apavora; qualquer coisa feroz, de terrível, de vingativo, que se não

explica, tratando-se de um adolescente alegre e venturoso, como Afonso XIII, que nunca fez mal a ninguém durante a sua curta existência e ainda mais curto reinado.

Pela segunda vez, esse trêfego e bom rapaz, que é rei, teve o ensejo de fazer o largo e belo gesto cavalheiroso, de indizível bravura, que é bem espanhol. Salvo milagrosamente das bombas, levou a mão ao chapéu e gritou com juvenil entusiasmo.

- Viva a Espanha!

Igual gesto teve ele em França.

Quisera eu, porém, que, após esse rasgo corajoso de real sangue-frio, Afonso XIII se dirigisse à Rainha Maria Cristina, e não à Princesa Beatriz, para lhe dizer esta frase recolhida ali pela reportagem:

— Estamos ilesos, minha mãe!

Ah! esse espontâneo nome de mãe dado na sobre-excitação do perigo àquela que na realidade o não é, ficando esquecida em sua tremenda angústia a que tantos anos soube sê-lo pelo sangue e pela sublime dedicação — marcou o primeiro passo de Maria Cristina na ingrata via das abdições, que ela vai agora percorrer.

Foi uma rubra pétala do seu coração materno jogada aos pés de uma estranha, em homenagem a essa que é hoje a formosa soberana de Espanha e de Afonso XIII.

Mas a vida é isto: rei morto, rei posto...

Uma rainha se apaga: viva a rainha!

Carmen Dolores.

A SEMANA 10/06/06 [7920]

Tenho uma especial predileção pelas peças de Bernstein, e já uma vez citei nestas colunas o seu drama *A sotaina*, que pela audácia da sua tese produzida sobre o meu espírito a mais funda impressão.

Agora, que Tina Di Lorenzo pôs os seus altos dotes artísticos ao serviço dessa lufada de paixões que é *La rafale*, também de Bernstein, e que a próxima chegada de uma companhia francesa nos permitirá o gozo de ver a célebre Susanne Després interpretar outra obra quase inédita do mesmo escritor, não me contenho que, de novo, não me refiro ao superior talento desse dramaturgo, o mais vibrante e sincero analista desta época.

Ele é, decididamente, o másculo paladino da liberdade de consciência, da justiça e da verdade humana, contra o ferrenho preconceito, tantas vezes odioso, quando não perverso, e que hostiliza toda a beleza moral, todo o impulso generoso ou independente, qualquer espontaneidade, que se evadem nas apertadas malhas da convenção. E só por isso, eu a adoro; e pela intensidade do seu talento, eu o admiro.

Na obra atual, Bernstein atira-se arrojadamente a um assunto já mais ou menos tratado por outros notáveis comediógrafos, no sentido de visarem todos eles o preconceito social; mas nenhum desses outros atacou tão de frente, na opinião do eminente crítico português Swalbach, a tragédia que se origina frequentemente dos conflitos entre os estreitos princípios convencionais e certa ordem de sentimentos, estranha aos primeiros.

O enredo da peça *Le détour* faz-me lembrar um pensamento paradoxal de Adriano Dupuy: “**A virtude é muitas vezes mais perniciosa que o vício**”

E vamos ver como se pode aplicar com carradas de razão este singular paradoxo ao drama tão palpitante de Bernstein.

Uma cortesã cria sua filha na mais absoluta ignorância das atmosferas impuras, tão divinamente casta e virginal como qualquer outra donzela nascida entre arminhos – e casada com um burguês. Na realidade, confia toda essa pureza que ela, cortesã, soube salvar com as suas mãos envilecidas, à guarda de uma classe onde só reinam princípios de virtude – e é contudo essa virtude que exatamente anula a obra redentora da corrupção, levando a inocente vítima do seu meio intransigente e cruel, pelos processos de uma ferocidade requintada, ao grão de desespero em que a alma mais honesta se rebela.

Marido, sogros, cunhadas, toda a família honrada e estúpida, apoiando-se em convenções burguesas, faz barbaramente pagar à doce intrusa o pecado involuntário da sua origem, condenando essa mulher casta e ingênua, em nome da intolerância moral, às indignações que revoltam e perdem.

No eloquente dizer, finalmente, da crítica, vê-se neste belíssimo drama, sem violências nem grandes recursos cênicos, *a moral corrompendo um anjo...*

Ora, digamos a verdade, não é exato que, fora das ficções teatrais, abstraindo dessa figura de cortesã, criada pelo dramaturgo para os efeitos de cena, a fim de reforçar o contraste

romântico das situações, a gente assiste perfeitamente na vida real a tragédias da mesma natureza? José Prud'homme e a sua filiação, que se multiplica furiosamente pelo mundo como a dos mais nocivos micróbios, tendo até deles a resistência à guerra que lhe fazem, tem pervertido mais almas por meio da cólera, do ódio e do espírito de reação que provocam, do que todos os vícios da terra.

Contou-me certa vez uma amiga minha que a senhora mais virtuosa e rigorista que ela conhecera, em uma cidade próxima daqui, tinha ulcerado mais corações do que a própria lepra, plantando em todos eles o irritadiço gérmen da revolta contra a injustiça e a implacável sede de vingança contra ela mesma.

Como essa conhecida da minha amiga, quantas e quantas, meu Deus! Que perdem criaturas com a sua intolerância sistemática e inteligente!

E tudo isso nos prova que a nova peça de Bernstein assenta no mais profundo e consciencioso estudo de casos humanos, bem reais.

A sua heroína, essa pobre mártir virtuosa, vê-se exposta dia a dia, sem possível defesa, ao encarniçamento de toda a classe, decidida a maltratá-la e humilhá-la por fatos de que ela não tem culpa. E dessa longa e injusta agonia, que entenece de piedade o expectador, surge a lucidez no espírito da vítima, e da lucidez surge naturalmente a revolta.

A infeliz sonda toda a miséria moral dessa gente honrada que a espezinha em nome de preconceitos vãos; percebe a aridez e a insensibilidade egoísticas dessa tolerância burguesa, não somente má,

como hipócrita; e, desesperando de salvar-se pela inútil pureza e pelo amor ao bem, liberta-se, arrojando-se ao mal.

Em resumo, acabaram os convencionais moralistas por fazer de uma santa e ingênua criaturinha uma adúltera!...

É tão emocionante essa peça *Le détour*, assegura Swalbach, e Suzanne Després interpretou em Lisboa esse doloroso papel de mulher martirizada com tão finos toques de verdade, que nem um só espectador conseguiu fugir ao enternecimento, vibrando toda a sala do teatro D. Amelia ao impulso de tremenda indignação contra a jesuítica confraria de José Prud'homme & C.

Admirável Bernstein! Que triunfo! Chegue-nos depressa a sugestiva Suzanne Després e possa ela aqui obter sucesso igual, pondo em destaque o belo trabalho do audacioso e emérito comediógrafo.

Parece que S. Gonçalo de Niterói não é célebre unicamente pela fisionomia especial dos seus habitantes e dos seus bondes, cujos condutores marcam o limite entre as pretensões do bairro a lugar civilizado e o desleixo da raça, que já se pressente. Novo elemento de notoriedade surge agora a realça-lo, e S. Gonçalo, como a fulgida estrela Vênus, boiando num céu sem nuvens, atrai nesse momento os olhares dos observadores e curiosos que a luz da paixão interessa.

Trata-se de uma jovem de 17 anos apenas, que simboliza a fulgurante estrela, merecendo esta semana as honras de uma notícia sensacional sob o ponto de vista psicológico. (E hoje sabem todos que só a psicologia

interessa, cativa, acorda em suma as imaginações sonolentas).

Essa jovem de S. Gonçalves é Fedra *toute à sa proie attachée*, é Cleopatra, é a deusa Aurora, doida de amor por Céfalos, rei da Tessália e marido de Pocris, filha de Erecteu, rei de Atenas...

Felizmente para todas essas damas inflamadas de desejos, La Rochefoucauld declarou numa das suas sábias máximas que:

“De toutes les passions violentes, celle qui sied le moins mal aux femmes, c’est l’amour.” ⁴³

Mas infelizmente para muitas delas, embora justificadas por um tão notável entendido em matéria amorosa, o objeto das suas chamas teve o mal gosto de imitar o procedimento duvidoso de José, da Bíblia. A mísera Fedra, frequente e soluçante, esbarrou na virtude inabalável do pequeno Hipólito; Cleopatra, apesar de adorada por Antonio, sofreu seus bons insucessos em outras esferas; e a rósea Aurora, não obstante a sua essência divina, jamais conseguiu vencer as resistências de Céfalos, imutavelmente fiel à esposa.

A donzela de Niterói acaba de sofrer igual revés, e o seu Céfalos, além de firme na linha reta da fidelidade conjugal, requintou nos excessos da prudência a ponto de ir pedir o socorro da polícia contra a perigosa sedução da moça.

Aí, porém, é que foram vencidas todas as incomparáveis amorosas. Escondei-vos, Fedra, Aurora, Cleopatra, tantas e tantas outras que não soubestes combater pelo triunfo da vossa sede de beijos!... Uma simples estrela de S. Gonçalves, com 17 anos, bateu-vos o *record* no encorajamento do desejo que passa por cima de tudo para saciar a sua gana de posse.

Em resposta às admoestações de um frio e desinteressado delegado desse município, a ardente jovem declarou peremptoriamente que pouco se incomodava por ser casado e ter escrúpulos virtuosos o seu retrogrado bem. Ela era solteira, livre, amava-o, queria-o – e nem o casamento do homem, nem os conselhos da autoridade, tinham que intervir na sua paixão violenta.

À vista de semelhante e tão positiva declaração, a polícia não teve remédio senão engolir as suas palavras moralizadoras; e Céfalos, embrulhado na capa de José, foi saindo mansamente da delegacia, corrido e assustado, disposto talvez a ir agora se queixar ao arcebispo.

Que Santo Antonio, santo do seu nome, o proteja contra a tentação!

Fábio Luz, o distinto autor de *Novelas e Ideólogo*, teve a gentileza de oferecer-me um exemplar do seu novo trabalho, *Os Emancipados*, cuja lisonjeira e imerecida dedicatória muito agradeço.

No canal fantasioso da rotina, ideias adiantadas como as suas produzem um fervido e estonteante borbotão d’águas vivas que, no primeiro instante, tem o efeito perturbador e inquietante de uma

⁴³ De todas as paixões violentas, a que combina melhor às mulheres, é o amor.

voragem imprevista. E eu, embora me encontre em muitos pontos numa corrente de simpatia com os últimos livros de tese de Fábio Luz, ainda n'outros me sinto hesitante, como aturdida, não podendo abraçar com a sinceridade que me caracteriza certas ideias dessas páginas.

Assim o casamento livre...

Conquanto reconhecendo toda a verdade dos seus elevados argumentos, apalpando, para assim dizer, a inanidade das uniões legais como garantia da felicidade conjugal, e assistindo continuamente ao irreparável desastre do divórcio, que desorganiza e nunca liberta – eu me confesso com humildade amarrada às seculares convenções do casamento legalizado e consagrado pela igreja...

Que quer o ilustre escritor?

A tradição me enleia, me domina, me escraviza inteiramente nesse ponto delicado, em que a inovação me parece um sacrilégio...

Quanto, porém, é admirável a doutrina dos *Emancipados* sobre a *Regeneração Social* debaixo de muitas outras formas!

O capítulo do livro de Fábio Luz a respeito dos caprichosos processos da lei, tão injusta e cruel nas suas sentenças; essa audiência de um juiz, indiferente às misérias que dele dependem, numa egoística ânsia de apanhar a barca de Paquetá – essa parte é soberba de observação.

Todo o trabalho, de resto, é um generoso grito de piedade, que ecoa de linha e linha, num estilo claro e fluente, em favor dos vencidos da vida.

E eu, não como escritora que tal não me reputo, mas como simples e

frágil mulher, eu clamo, como Fábio Luz: “Justiça! Justiça! Quando será verdade?!...!”

Carmen Dolores.

A SEMANA 24/06/06 7934

Numa fábula que tem por título: *Les deux moineaux*, lê-se a história de um amor que nasce ao mesmo tempo em que as tenras e macias plumas num casal de precoces pardais, crescendo ninho a ninho entre as ramagens da mesma árvore, balançados pelo mesmo sopro cheiroso da brisa.

Cada vez que as mães se afastam para buscar o sustento da prole,

Ces jeunes et tendres amants

*Mettaient à profit ces moments...*⁴⁴

E a moralidade dessa fábula é que se deve vigiar muito as crianças, porque:

*Tous sont moineaux dans le siècle où nous sommes.*⁴⁵

Os tais senhores pardais, os passaritos mais desaforados em matéria amorosa que existem na terra, e petulantes, saltitantes, atrevidos, irrequitos, ainda assim ficam muito aquém dos nossos meninos de hoje, a julgar por certa notícia trazida há dois dias ao conhecimento do público pela mais lida das folhas vespertinas.

Nem mais nem menos uma paixão de rapazinhos de colégio por uma menina também colegial, que atravessava as ruas cada manhã de vestido curto e perna à mostra,

⁴⁴ Esses jovens e ternos amantes Aproveitavam esses momentos...

⁴⁵ Todos são pardais no século em que vivemos.

sobraçando livros e o pão com manteiga da merenda.

Quem sabe de resto a idade dessa menina, nova Helena das escolas? Tenho observado agora um hábito entre nós que cada vez se propaga mais, e é o de vestirem a mocinha de 16 e 19 anos, quando não mais, como uma criança de 11 anos. Este costume tem por fim dissimular a idade real das pequenas, consentindo-lhes maior demora nos estabelecimentos de educação; tem também como objetivo estender interminavelmente o período triunfal da mocidade em flor, e ao mesmo tempo, ou sobretudo, poupar a vaidade materna. É tão triste para a mãe *coquette* apresentar uma filha moça, vitoriosa concorrente nos pleitos da beleza! E encurtam-se os vestidos da menina, que continua *bebê* para todos os efeitos aparentes, mas não para os instintos próprios nem para o faro dos companheiros de brinquedos, que sentem nela a mulher já feita, com mais esse *quid* perversamente provocante da perna branca e nua exposta a todos os olhares, dos cabelos soltos e do riso ingênuo e livre.

Os requintes do americanismo na educação feminina têm até produzido o seguinte resultado: as próprias meninas é que recusam trajar de moças, quando chega a idade natural, no intuito de afastarem de si a responsabilidade das maneiras, podendo impunemente *flertar* e provocar rapazes, sob a capa dessa eterna infância. E vê-se tanto isto no modo dessas colegiais olharem, falarem, gracejarem, com bustos de dezoito anos plenamente formados, saindo de saíotes curtos e leves,

sacudidos por movimentos voluntariamente, faceiramente infantis – que o disparate não raras vezes incomoda.

A mamãe, entretanto, murmura, a sorrir, com artificial benevolência:

-Ainda é tão criança, a Mimi!...

São crianças dessas que provocam cenas como a que relatou a *Notícia* – muito mais frequentes, aliás, do que nós pensamos. E basta, para nos convenceremos, que assistamos às saídas diárias de alguns externatos de educação.

De um lado os pardais de bolsa a tiracolo, grulhantes, agitados, audazes, inventando mil loucuras no percurso até a casa. De outro as pardaizinhos, aos pares – as pequenas, gárrulas e travessas, as maiores, confidenciais umas com as outras, atirando olhadelas em roda, rindo alto, bamboleando propositalmente os corpos graciosos. Algumas são verdadeiras raparigas casadoiras, prontas para a maternidade, mas vão também no bando, de vestido curto e perna de fora.

Como não há de um daqueles turbulentos pardais inflamar-se por uma colegial assim apetitosa, com o mordente dessa falsa ingenuidade, dessa fingida infância?

Compreende-se, pois, o caso atual de S. Christovão; mas o que fica sempre incompreensível, e parece horripilante, odioso, é que o *flirt* entre dois bambinos e uma colegial possa ter impellido um rapazinho de 13 anos à ideia do homicídio.

Isto, realmente, é forte demais, mesmo para o nosso século.

Foi, contudo, o que sucedeu, provocado pelo ciúme; e o menino

desdenhado, jurando vingar-se do outro, mais feliz, esperou-o à passagem para as aulas, desafiou-o e enterrou-lhe uma faca na coxa.

Lá ficou na rua da Alegria, caldo, ensopado em sangue, o pobre pardalzinho precocemente amoroso, mal evadido ainda do ninho materno e já disputando os olhares de outra passarita, como ele, apenas emplumada...

Por onde estará agora essa Helena de saias curtas, Senhor Deus?!... E o pardal criminoso?

A verdade é que, segundo uma frase muito velha, a infância é sem piedade, logo que a dominam paixões e instintos frequentemente cruéis.

Abstraindo da questão de amor, que não se apresenta, por felicidade nossa, todos os dias, muitos outros pontos requerem estudo e observação a propósito dessa infância, entre nós.

Como se devem educar atualmente as crianças? Outrora o tipo ideal era um só, bem estabelecido num molde único, sempre o mesmo, liso e singelo.

A criança devia ser muito boazinha, dócil, respeitosa, inteiramente despretensiosa, nunca se permitindo críticas nem malevolências. Os tristes sentimentos mundanos lhes eram cuidadosamente dissimulados. Não podia conhecer ódios, invejas, rancores, orgulhos nem baixezas, acreditando que toda a gente era excelente, sem distinções de classe, e a todos lhe cumpria prestar uma atenção cortês e amável.

Assim educado entre esses brancos véus que lhe ocultavam as realidades da vida, o menino antigo era um pequenino ser delicioso, inocente, feito

de prismas angélicos, mas tão desarmado para a luta, que o menor choque, mais tarde, o prostrava desesperado e vencido. Que horrríveis ilusões! Que inesperados e brutais atritos! E essa doce alma infantil sofria martírios, assim ferida nas suas ingênuas crenças, no seu otimismo, na sua confiante cegueira de amor, em todas as suas fibras, enfim, mal preparadas para os combates a vida, e para a dor humana.

Hoje, porém, em que não há mais tempo para cultivar em estufas de ciosa ternura o coração das crianças, e elas aprendem logo cedo as maldades deste mundo, assistindo quase que diariamente as renhidas pelejas de interesse ou amor próprio, das quais são vitoriosos sempre o mais rico de dinheiro e prepotência, e nunca o que por si tem a justiça – hoje, como conciliar a educação infantil com os centros modernos e febris em que ela se faz?

Insistir na tentativa de isolar o menino na antiga atmosfera de cândida e suave compreensão do bem, como único motor dos homens, fora não só impossível, na existência atual, como até perigoso. O despertar espiritual desses bambinos seria então ainda pior do que dantes. E assim, entre a cruz e a caldeirinha, como se diz, surgido um meio termo de educar as crianças, que vai formando o mais curioso, o mais interessante, debaixo do ponto de vista observador, mas o mais lamentável dos tipos infantis. É a criança com sentimentos de gente grande, produto dos requintes da civilização, já preparada para as lutas de amor-próprio, muito mais inteligente que o bambino antigo, cheia de finuras e

malícias – mas completamente desprovida de qualidades afetivas, doces, ingênuas e bondosas. É a criança viva e galante, já *coquette* nos seus atavios, se é menina, já insuportavelmente vaidoso no *football* ou na *bicyclette*, se é rapaz – mas é a criança enfatuada, ávida de brilho e ostentação, impiedosa, má, feroz...

Assisti certa vez a uma cena em Petrópolis, que nunca mais esqueci. Fazia uma bela manhã azul e a orquestra do Club dos Diários tocava no pavilhão da praça D. Afonso. Nos bancos, em torno, as mais distintas famílias se agrupavam, e todo o espaço liso ao lado do coreto era ocupado, como sempre, pela linda criança aristocrática, formando uma roda infantil, ruidosa e alegre.

Sapatinhos brancos, perninhas nuas, saltavam, voavam entre as rendas finas dos vestidos ricos, só parando quando alguma nova menina aparecia.

E então, o bando todo sujeitava essa recém-chegada a um minucioso exame das botinas ao chapéu. Se ela estava na linha, perguntavam-lhe: “Quer brincar?...” e a nova menina entrava também na roda: no caso contrário, o maior desdém presidia à exclusão.

Aconteceu, nessa manhã, que se aproximou do bando um homem visivelmente provinciano, pesado, simplório, arrastado por uma filhinha dos seus oito anos, que parecia fascinada por esse círculo de meninas cantando e pulando com tanta animação.

Mal vestida, com os cabelos lustrosos de pomada, uma fita de cor vulgar, demasiado viva, à cintura, a

pequenita não esteve com cerimônias: largou a mão paterna e correu, jovialmente confiante, para entrar na roda.

Oh! Não saberei pitar o olhar de indignação terrível que acolheu essa temeridade da pobre inexperiente! Transformadas em mulheres cruéis, todas aquelas meninas tiveram gestos que me espantaram, ironias que me pungiram, para enxotar a intrusa – essa desgraçadinha ingênua, que não conhecia o valor da fachada, dos vestidos bonitos.

E durante uma hora, sem amor próprio, a pequenita permaneceu ali, fora da roda feliz, num suplício de Tântalo, sempre implorativa e sempre desprezada, repelida – até que o pai a levou...

Ora digam: é ou não sem piedade a infância, sobre tudo a atual à *modern style*?

O jovem colaborador desta folha, que assina com um V. não só os seus profundos artigos sobre a polícia exterior, como umas crônicas diárias, leves e brilhantes, a propósito dos nossos progressos sociais e outros, é de opinião que a polêmica travada em torno do nome da Sra. Tina di Lorenzo serviu de magnífica *réclame* à artista.

Tanto melhor para o talento dela; quanto à sua formosura de mulher, não se tronava absolutamente necessário qualquer instigação, porquanto, até certo tempo, só essa beleza era a nota que servia de maior base aos entusiasmos – o que não somente devia pouco lisonjear a atriz, como também apresentava aos seus olhos os brasileiros como homens que nunca,

em toda a sua vida, tivessem visto uma bela figura feminina antes da sua vinda ao Brasil. E, justos céus! Pode isto ser exato? Não protestam com despeito as lindas cariocas?

Continuando, porém, direi que – se a polêmica à qual alinde V. está contribuindo para a Sra. Tina de Lorenzo ser julgada e discutida sob um ponto de vista menos pessoal e mais artístico, acontecendo assim que o seu teatro se veja mais concorrido ao fim da temporada, é o caso de se congratularem os seus inúmeros admiradores.

Mas eu, pela minha parte, confesso sinceramente que nunca visei semelhante resultado, achando que o talento deve impor-se sozinho, dispensando campanhas e defesas.

Apenas, quando atacado e malferido em umas pessoas, para servir de pedestal só a outras, então, sim, venha a campo quem amar a generosidade e a justiça.

A Sra. Tina de Lorenzo não precisa de campeões; chegou, olhou e venceu, vendo todo o regimento masculino aos seus pés. E a minha intenção no assunto nunca foi de negar os seus méritos, mas sim de defender as eminentes artistas francesas, cruelmente ofendidas pelo que V. intitula com benevolência um **paradoxo** de ilustre jornalista.

Pretendi, enfim, restabelecer a verdade esquecida e sacrificada no altar do ídolo do dia, fazendo ouvir esta frase, como dirigida pelas aclamadas atrizes parisienses à sua colega italiana:

-Vous avez du talent, Madame? D'accord. Mais nous en avons aussi...⁴⁶

Foi só isto que eu quis lembrar. Mais nada.

Carmen Dolores.

A SEMANA 01/07/06 [7941]

Palavra que não posso arrependermes do engano que, parece, cometi em relação à nacionalidade da ilustre escritora D. Julia Lopes de Almeida, visto como ele nos valeu o mais belo, mais caloroso, mais vibrante e lisonjeiro protesto, que jamais haja sido lavrado, em honra do Brasil, por uma brilhante pena feminina.

Não me queira mal a distinta romancista pelo que escrevi... Em primeiro lugar há o seguinte, como atenuante ou explicação do meu erro, fui criada, desde pequena, amando Portugal, embora brasileira legítima, nascida de pai pernambucano e mãe carioca. Aprendi o português nos *Lusíadas*, analisando gramaticalmente estes versos grandiosos, mas complicados em matéria de sujeito e paciente, digamos a verdade, do imortal Camões. E logo me embebi, fascinada, nas obras do velho Alexandre Herculano. Que horas deliciosas passei com o bondoso garrocho da aldeia das *Lendas e Narrativas*, e depois a tremer ao som das gargalhadas dementes de Hemengarda, em *Eurico*, e enfim a chorar no *Monge de Cister*, quando o

⁴⁶ A senhora tem talento, Madame? De acordo. Mas nós também temos...

frade vingativo apanha o sedutor da irmã, esse lindo *Fernan d'Alfonso*, na ratoeira da igreja, onde ele se refugiou, e o fita sinistramente antes de entregá-lo às iras do rei... Deus do céu! Como então eu me sentia longe do Brasil, vivendo todas essas épicas aventuras do antigo, forte e romântico Portugal!

Foi assim que me acostumei a amá-lo, e mais tarde, à proporção que se desenvolvia o espírito, foi ainda nos escritores de lá e na língua de lá, mais clássica e mais enérgica do que a nossa, como irmã mais velha que melhor apurasse a sua forma, que eu busquei os mais vivos gozos de minha inteligência ou do meu instinto literário.

Outro amor, entretanto, surgiu em mim, rivalizando com o primeiro – o da luz intelectual, tão poderosa e criadora, da França. Mas aí, os novos moldes do talento de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, ambos tão acentuadamente parisienses no gosto e na cintilação, de um espiritualismo original e tão moderna, embora conservada intacta a nota estética de fundo português, consistiram-me aliar os dois cultos sem prejuízo de nenhum deles.

Conheci, finalmente, ramalho Ortigão em pessoa... Tive a satisfação de ser para ele uma amiga, nesta terra que o escritor honrou com a sua visita inolvidável. E no me salão, onde figurava a sua máscula e inteligente figura, do perfume da flor que lhe ornava sempre a botoeira do fraque, pude ouvi-lo falar-me longamente desses vultos cujo brilho me ofuscava, mesmo através do oceano. Garret, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, Antero de Quental, cujos

versos repassados de trágico desalento sempre tão fundamente me comoveram, a incomparável Maria Amalia de Carvalho, quantos, quantos outros célebres artistas portugueses da pena! Todos desfilaram, finalmente evocados pela eloquente palavra do mestre, diante da minha pupila incendiada de inveja...

E se eu já amava Portugal, a vigorosa construção da sua língua, as suas letras, os seus grandes vultos históricos e literários, acabei nesse tempo adorando-o...

Não é, pois, de estranhar que eu, tendo conhecido a família da distintíssima escritora D. Júlia Lopes do tempo em que ela se transplantou de Portugal para o Brasil, supusesse a mesma escritora também um pouquinho portuguesa. E nesse engano ou não punha o desejo odioso de repelir a minha pátria aquela que tanto a honra e trabalha pelo seu progresso. Oh! Não! Seria isso incompreensível! Nesse erro, de que peço desculpas, existia ao contrário uma homenagem do meu espírito entusiasta a uma nacionalidade que maior direito adquiria ainda ao meu culto, se representada entre nós por um talento feminino da ordem superior do da autora de tantos e belos livros, que conheço um a um, e sinceramente admiro.

Uma vez que me enganei, espero indulto da distinta escritora. Não fuja!...

Estendo-lhe a mão como a mais deliciosa das, minhas patricias e declaro-vos positivamente que a sua personalidade nos é um motivo de muito orgulho, para a deixarmos assim abandonada a uma pátria que é

também sua e merece-lhe tão nobre amor, tão nobre dedicação, tão ardente culto.

Abstraindo-me desse desacerto no fundo lisonjeiro como lisonjeiro foi o protesto que lhe respondeu, fico num ponto e absoluto desacordo com a brilhante escritora: é no que se refere a dezembro, à cigarras e às flores rubras do *flamboyant*. Não, não posso!... Sou brasileira também, mas odeio o sol e o calor.

Nem os formosos versos de Mario Pederneiras conseguem fazer-me palpitar de admiração **ante essa hora ardente e magnificamente colorida do ano**, que reputo, ao contrário de D. Júlia Lopes de Almeida, o trecho mais duro, mais angustioso e bárbaro da nossa existência de brasileiros.

A poesia tudo enfeita e transforma aos prismas fantasiosos da sua inspiração.

Nem por isto é menos verdade que os beijos deste sol tão cantado dão a morte, infiltram no sangue o mortal veneno da febre. Ah! foi no mês das cigarras e dos *flamboyants* porpurejantes, aos cânticos de Natal feliz, que meu marido cerrou para sempre os olhos no anseio do acesso pernicioso que se bebe aqui nos raios luminosos deste céu azul e fulmina em horas seres vigorosos, robustos, como era ele.

Eu tinha um filho, novo, forte, distinto, inteligente, já brilhando na carreira que abraçara... mas ele me escrevia sempre: "Que calor, onde estou! Este sol mata-me..."

Esgotou-o, de fato, o atroz clima, e ainda hoje, a terra maldita que lhe cobre os restos, longe de mim, arde e queima como as minhas lágrimas. As

estridulas cigarras que lhe rodeiam o túmulo, embriagadas de luz, cantam a morte e não a vida. E eu, durante o verão, nesse canto vibrante, no ar rarefeito, no sol que escalda, no azul que resplandece – eu só leio duas únicas palavras, flamejantes como feitas de viva brasa: desgraça e dor.

Já vê D. Júlia Lopes de Almeida, mãe venturosa e esposa bendita pela sorte, que nem sempre o **louro** sol é belo e inofensivo; que se a sua luz é por um lado fecunda, por outro, nos países quentes como o nosso, nos meses das cigarras e das flores do *flamboyant*, ele não cria somente: destrói.

Fulmina o jequitibá e cresta, mina, estiola os arbustos novos, quando expostos sem defesa aos seus raios mortíferos.

Divergimos assim, e sem possível remédio, na opinião que temos ambas do calor.

Mas é tão fácil compreender a causa da divergência! Nós duas partimos de pontos opostos, que não se encontram: a ilustre escritora vem da felicidade e vê o sol com os olhos da poesia; eu venho da dor e vejo o astro calcinante com os olhos do realismo, que é sofrimento.

Não impeça isso que nossas mãos se encontrem num raio de simpatia, e perdoe a distinta escritora o engano desta obscura cronista, que ainda irá agradecer-lhe a gentilíssima visita e tantos conceitos amáveis e generosos.

A pesada sentença que o Dr. Enéas Galvão, que o Jornal do Comércio da sexta feira publicou a propósito da questão atual da mulher e da advocacia, constitui um padrão de

glória para o digno juiz, hoje da provedoria desta cidade.

Realmente, já não falando da face erudita dessa importante decisão, que deixo aos entendidos do ofício, jurisconsultos, chicanistas, latinistas, graves citadores das substanciosas leis do *Digesto* ou outras, só inventadas para serem torcidas a capricho dos interessados, ressalta da referida sentença uma tão bela, tão justa e humana, sobretudo tão rara, concepção do direito e da liberdade feminina, que não posso impedir-me de consagrar aqui um aplauso ao distinto juiz que firmou tal parecer.

A lei é engraçada, não há dúvida. Não protege absolutamente a mulher, não lhe faculta na vida uma só garantia, um só privilégio, e ainda por cima quer vedar-lhe os meios de ganhar altiva e honestamente a sua independência!

Assim também, além de engraçada, a lei é absurda e sustenta incoerências que até fazem rir. Admite por exemplo que a mulher curse a faculdade jurídica e queime as suas pestanas no estudo do direito, até obter, como qualquer homem, o grau de bacharel – porta Berta para a livre carreira da advocacia. E até aí, a lei obriga essa mulher, como qualquer estudante de outro sexo, a pagar matrículas, a prestar exames, a habituar-se enfim para o resultado final, que é um objetivo claramente conhecido e tacitamente aprovado pelos poderes competentes.

Chegada, porém, a esse derradeiro março, o que sucede a mulher? Vê-se esbarrada num grande muro irônico, por cima do qual lhe fazem caretas muitos homens sapientes, brandindo

livros de direito romano, pesadas leis e doutrinas de jurisprudência, que todas se resumem nisto:

“Alto lá, frágil criatura! Nós brincamos contigo. Nunca fruirás o legítimo fruto do teu esforço, das tuas despesas, das tuas vigílias, do teu trabalho, porque nós, que te aceitamos na faculdade de direito, como capaz de lhe seguires o curso, nós te reconhecemos incapaz de receberes o prêmio desse curso e te negamos as qualidades legais para a profissão de advogado.”

Não é verdade, Sra. Myrtes de Campos, que as coisas se passam assim? E quanto latinório para sustentar essa asneira! Que dilúvio de textos obsoletos de Justianismo e Theodosio, de outras eras, para unicamente excluir a mulher moderna, laboriosa, inteligente e superior a muitos homens, do direito de ganhar honestamente a sua vida com uma profissão ao seu alcance!

Em boa hora, a publicação dessa importante sentença do Dr. Enéas Galvão, que vem de 1899, mitiga um tanto a nossa mágoa ante a ingloria discussão atualmente travada sobre o assunto que agito. E faço empenho, torno a dizer, em exprimir o meu aplauso contra a arbitrariedade a propósito do **título acadêmico alcançado em igualdade de condições por um homem e por uma mulher.**

Um bravo ao Dr. Enéas Galvão!

Tratemos, porém, de coisas mais alegres e menos indigestas do que o *Digesto* jurídico.

Um grande salto que vença montanhas tão altas como o Himalaya,

mas não de neves eternas, como esta, para não chegarmos gelados – e eis-nos nos domínios risonhos da arte e da poesia. Sabem os leitores que aqui vem, que aqui talvez já esteja a esta hora, Jacques Richepin, marido da atriz francesa Cora Laparcerie e o filho do fogoso, do leonino poeta Jean Richepin, autor de dois livros de versos *Les caresses e Blasphèmes que hurlent de se trouver ensemble*, mas são fortes e belos de apaixonar e aquecer mesmo quem chegue dos cumes congelados do Himalaya?...

É do Richepin filho que eu devia ocupar-me, como autor de *La Cavalière*, que veremos agora representar, e por ter o sabor da atualidade.

Mas, além de pouco conhecer, é sempre o nome do pai que insistentemente me acode, e não consigo afastar da imaginação esse tipo de poeta vibrante, de inspirada cabeleira revolta e olhos de brasa que soube cantar as graduais estações de amor: *Floreal, Thermidor, Brumaire e Nivox*, com os gritos da alma e do temperamento mais ardentemente sugestivos que jamais tenham ecoado num livro de paixão.

E relembra assim o nome do pai, não é também um modo de prestar homenagem ao filho, nosso hóspede nesse momento?

Acredito que sim. Possa Jacques Richepin, ao visitar o meu país, repetir estes versos do seu progenitor:

Tout est joyeux, les fleurs, les couleurs, les odeurs,

*Les abeilles vibrant, les papillons rôdeurs...*⁴⁷

Carmen Dolores.

A SEMANA 08/07/06 [7948]

Como eu desejo fugir!... Assalta-me este agudo e talvez pueril anseio cada vez que me vejo agora a gramar as ruas da nossa cidade, entre tanto melhoramento e progresso, esperando debalde, ao sol ou à chuva, os bondes cujo ponto foi bruscamente mudado ou a linha desviada para bem longe, senão extinta pela força maior dos mesmos embelezamentos.

Ah! Que triste período para quem não possui automóvel.

Patina-se na lama em enormes distâncias, faz-se acrobacia sobre montes de vigas, aprende-se a pular valorosamente fossos profundos à entrada das próprias casas, esbarra-se em barricadas de pedras e tijolos, respira-se pó, ensurdece-se ao estrondo das mil picaretas rasgando a um só tempo as camadas resistentes do solo – e nem ao menos a gente pode transportar-se mais com rapidez de uma extremidade a outra da metrópole, como nas épocas de atraso!

Abstraindo mesmo dessa questão de comodidade, o movimento febril desses operários, dessas marteladas, desses andaimes por toda a parte, a irregularidade da vida exterior, tanto

⁴⁷ Tudo é alegre, as flores, as cores, os odores,
As abelhas vibrando, as borboletas vagando...

constrangimento, tudo isso crispa os nervos, enerva, exaspera...

Quando o passageiro de algum elétrico olha para o pavilhão de S. Luiz, como exige o *lie* do momento, detido e obrigado a essa contemplação por alguma fila de imundas carroças que despejam montanhas de canos de ferro com medonho estardalhaço, é impossível que não lhe acuda uma vaga saudade dos anos em que a rua do Ouvidor se chamava de Aleixo Manoel e cresciam pitombeiras frondosas à esquina da rua da Quitanda. Ninguém pensava em Congresso Pan-Americano... Tiravam-se pacamente rezas às ave-marias, quando batia o sino da nova igreja de S. José, cuja capela-mor entrava pelo mar adentro; e depois, sobre as calçadas primitivas, em frescas esteiras dobradas, as famílias regalavam-se da boa peixada com molho de limão e pimenta de cheiro – as senhoras de mantilha e os homens de... tamancos.

Meu Deus! Estavam essas casas todas bem longe dos atuais requintes da nota *smart*, cada dia mais imperiosa, absorvente, dominadora, delirante de febre e ambição, no terreno da vaidade mundana, nunca fatigada nem saciada; mas, por isso mesmo, que doce paz consentiam aos nossos antepassados! O sangue girava sem pressa nas veias. Respirava-se um bom ar puro e oxigenado pelas matas circundantes, onde o macaco, nosso irmão, vivia descansadamente, embalando os seus macaquinhos nos aéreos berços de ramagens, forrados com o fino algodão das paineiras do velho morro do Desterro.

Nenhum rumor estridente de repiques metálicos de bondes a ferir os ouvidos, ou o possante berro das locomotivas lembrando desesperadamente a hora de correr, de partir, de arquejar dentro de abafados vagões, na feroz luta pela vida.

Só o silêncio das florestas embalsamadas, hoje destruídas; só o marulhar das ondas claras, nas lindas praias de areia, hoje aterradas de lixo; só o lento, o suave escoar de existências sem febre, que fruía a incomparável ventura de amar sem precipitação, de trabalhar sem açodamento, de deslizar, enfim, sem emoções nem exagerados apetites, cada dia aguçados por espetáculos sugestivos, no trilho da tranquilidade até à morte.

Podia-se até, nesses remotos tempos, fazer visita sem o desconfiado temor de ser importuno... E tal era a ingênua confiança dos felizes habitantes do Rio de Janeiro de então, que uma família, ao seguir para alguma casa amiga à rua de Matacavalos, não afivelava no rosto sorrisos de encomenda, mas afivelava um cadeado no baú de folha que lá ia atochado de roupas de muda, para *os dias* da visita. À volta, levantavam-se todos de madrugada para chegarem com a fresca à cidade...

E tudo isso, justo céu, parece inefável, caricioso, doce como uma sopa de leite, comparado à ardente e febricitante civilização dos nossos dias. Tanto embelezamento! A cidade toda parece uma colossal forja de gigantes em ebulição, vibrando, tremendo, flamejando ao impulso de criaturas agitadas, que nunca dormem, nunca sossegam, suadas, estafadas,

devoradas... Não há mais conforto... Só o rumor, a novidade, a *réclame*, o delírio das grandezas, o estímulo do luxo, sem os meios de satisfazê-lo, as lutas da vaidade, a inveja dos pobres, frangalhos humanos sem refúgio nesse cenário de gozos; e cada dia, invenções, fantasmagorias, o artifício do prazer lampejando em centelhas coruscantes aos olhos dos favorecidos da fortuna, mas tornando mais densa ainda, pelo duro contraste, a treva em que se debatem os condenados à penúria.

Não bastava, todavia, pelo que vejo, o dantesco inferno desta nossa vida atual, feita só de luz e sombra, sem as meras tintas harmônicas da paz e da serenidade, acessíveis em certas condições normais ao próprio infeliz. O *steep le chase* da agitação requer já outro objetivo, como novo marco de corridas requer a mudança da capital... E sob o terror que me incute esta ideia imprevista só um desejo me empolga, cresce no meu íntimo com a violência de um pânico, fustiga-me e sacode-me furiosamente o desejo de fugir quanto antes, de evadir-me para bem longe, correndo, correndo, antes que me apanhe aqui essa última novidade, cujo bafo já me queima como a ígnea e ameaçadora reverberação de um jorro de lava do Vesúvio a perseguir-me...

Compreendam-me bem todos: não trato nisto de política, da vantagem ou desvantagem do projeto... Deus me livre! Nem em tal cogito. Refiro apenas uma impressão pessoal que se prende a todas as outras passadas por meio de um *engrenage* muito claro e muito lógico.

Há mais de dois anos que a população desta capital suporta com

paciência canina todos os horrores de uma desordem impossível, de um incômodo de todos os dias e de todas as horas, suspensa unicamente da esperança dos embelezamentos que resultarão da dita desordem.

E de repente, zás! lá se irá a Capital Federal para Belo Horizonte? Será isso o prêmio da nossa tolerância e dos nossos longos e incalculáveis sofrimentos?

Mas, então, por que não nos deixaram como d'antes éramos? Teríamos ao menos evitado a era de inúteis amolações por que passamos e estamos ainda passando.

Eis aqui o meu único raciocínio. Sinto-me de resto tão aturdida e azoinada, que talvez nem saiba mais que digo. E fecho estas linhas queixosas, que Jeremias não renegaria, com o mais Lyrico dos anelos... É este: fugir, dormir, sonhar... e nunca mais acordar senão depois de prontas todas as avenidas e construções da mui heroica e leal cidade de S. Sebastião, capital ou já não capital do Brasil.

A revisão da minha crônica passada cochilou demais em dois períodos, alterando por tal modo o meu pensamento, que sou obrigada a uma retificação para não parecer impertinente aos olhos da distinta escritora D. Julia Lopes de Almeida.

No ponto em que lhe peço que não nos fuja e declaro que a sua personalidade nos é motivo de muito orgulho, para a deixarmos **abandonar** assim uma pátria que é também sua, a revisão achou que devia, para o seu único prazer, trocar inteiramente o sentido.

Cheia de protetora magnanimidade, declarou, ela, à digna autora da *Falência*, que a sua pessoa era motivo de muito orgulho, para deixarmos **abandonada** assim numa pátria, etc. Ora, nunca eu poderia ter tido a petulância de imaginar a ilustre romancista **abandonada** com ou sem a minha aquiescência, e muito ao contrário lhe rogava que não nos privasse, por um engano meu, da sua valiosa coadjuvação nas letras pátrias. O protesto, portanto, se impõe a bem da verdade, e aqui o lanço.

No tópico relativo a Ramalho Ortigão, a revisão omitiu tão sem cerimônia todo o princípio de uma frase, que fiquei eu, no meu salão, a ouvir do alto de um perfume o que me dizia o admirado estilista português. Ora, muito grata embora à intenção de me emprestarem uma tão extraordinária leveza, que me fosse possível pairar no espaço morno de uma atmosfera de salão, rolando como intangível nuvem entre os bafejos trescalantes evoados da rosa ou da gardênia que floria à botoeira do mestre – não posso também deixar de protestar contra a inexactidão. Não possuo a sutileza de uma essência, declaro humilhada e confusa, à *trop aimable* revisão desta folha... E nem gosto das coisas vagas, imprecisas, e sobretudo... incoerentes, pedindo apenas a graça de comporem o que escrevo exatamente como foi escrito, em toda a sua clareza rude, prosaica, mas ao menos compreensível.

Outrora, em França, a divisa era punida com a célebre prisão de Clichy, imortalizada pelos velhos romances de Alphonse Kar, Alexandre Dumas, Paul

de Kock e outros, que jamais [se] esqueciam de aureolar o herói do livro com essa coroa de martírio – aliás bem pouco espinhosa, segundo as descrições do tempo.

A casa era vasta e tinha um excelente jardim; os presos comiam bem, à custa da administração, formavam *clubs*, faziam música, e ao mesmo tempo descansavam dos credores.

Dickens, também, nas suas obras, nunca deixava de apresentar em cena um incorrigível tipo de jogador e boemia, sempre trancafiado na prisão por dívidas, de onde o tirava de quando em quando a generosa intervenção de algum amigo, invocado pela andrajosa família do detido. Mas a prisão inglesa já tinha uma face mais trombuda e sobretudo menos asseado, constituindo a garrafa de gin, obtida com dificuldade, o único regalo dos pobres caloteiros.

Ainda assim, pergunto, não seria um precioso refúgio em certos momentos contra a ferocidade de alguns credores implacáveis?

Quanto à extinta detenção de Clichy, essa ultrapassava tudo quanto podia sonhar de divinamente oportuno um desgraçado penurioso, perseguido por dívidas que lhe era de todo impossível pagar. Aquilo não significava mais reclusão, nem constrangimento: era ao contrário o palácio da salvação, a grade libertadora elevada entre o tirano e a vítima...

Ora, neste momento, entre nós, dadas as dificuldades da vida atual, as casas de aluguel por alto preço, os senhorios intratáveis e as criaturas impedidas pelo regulamento policial

de se instalarem com móveis e colchões no meio da rua, porque não se construiria na avenida um edifício de oitenta andares, colossal, grandioso, todo de ferro, bem no estilo de época, para servir de prisão por dívidas — coisa que o governo criaria com duas penas entre a pena e o queijo? *Un nouveau décret coûte si peu et est si vite fait!*⁴⁸.. E esse refúgio torna-se indispensável hoje às classes médias, forçadas imperiosamente a se endividarem, único meio que a vida moderna lhes faculta para subsistirem, e sem nenhum recurso contra a brutalidade exigente dos credores.

Que nos relatou um jornal da semana? Simplesmente que um proprietário furioso agredira e maltratara a pontapés a infeliz esposa de um empregado da Saúde Pública, atrasado nos seus aluguéis de casa... Ah! se essa indefesa senhora tivesse a proteção de uma prisão por dívidas!...

Sr. prefeito municipal, por caridade! Mande já construir um asilo inviolável para os míseros caloteiros!

Carmen Dolores.

A SEMANA 15/07/06 [7955]

Como é que a inteligente e brilhante mocidade acadêmica não levou os seus entusiasmos juvenis ao espetáculo de segunda-feira, no Lyrico, para aplaudir com Justiça a bela obra poética Jacques Richepin, um moço, como eles, em todo o viçoso valor desses luminosos sonhos da

primavera da vida, cujo pujante arrojo só mesmo uma alma nova deva bem compreender?

Mas, Santo Deus! esses versos todos da *Cavalière*, tão intrépidos e sonoros, cadentes, cavalheirescos, de um lindo romantismo florente nos trechos de amor, onde balotes de caça interrompem beijos, entre o alegre estalido dos chicotes que fustigam a indômita matilha atrelada, perdendo-se ao longe no bosque perfumado, e a terna amante se transforma na valente cavaleira que faz luzir a lâmina da sua espada na defesa do ente que acordou seu coração de mulher — todos esses versos são feitos exatamente para serem ouvidos e entendidos por moços de espírito largo e vibrante, abertos no sopra ardente das paixões que o jovem Richepin cantou.

E todavia, Senhor! a briosa mocidade acadêmica do Rio desertou seu posto habitual nessa festa de arte. Os olhos de poeta francês debalde a procuravam lá em cima, nessa galeria de que tanto lhe tinham falado à sua chegada ao Brasil, como o ponto mais alto, em todos os sentidos, de onde convergiam para a cena os aplausos mais sinceros e calorosos que possam premiar o esforço e o talento do um autor os seus intérpretes. Não! Mas não só achava ali! As galerias apareciam tristemente vazias, nuas, sem a alma coletiva que tamanha vibração lhe imprime em certas noites.

E para admirar a peça juvenil de Jacques Richepin para palpar à harmonia quente desses versos exuberantes, para gritar **bravos!** à beleza, ao donaire e a maestria artística de Cora Laparcerie, soberba nesse difícil papel da [ilegível], só

⁴⁸ Um novo decreto custa tão pouco e é feito tão rápido!

uma sala convencional de *snoobs*, frios e *blasés* — senhoras idosas e sonolentas, homens cansados dos negócios do dia, moças elegantemente frívolas, apenas preocupadas com o gracioso efeito dos vestidos e chapéus arvorados nessa *première*.

Carmen Dolores.

A SEMANA 22/07/1906 [7962]

De que falar nesta semana, em que só aclamações, banquetes, festejos e programas encheram hora a hora todos os dias?

A torre de Babel, isto é, o pavilhão de S. Luiz, estremeceu, vibrou, ao atrito precipitado e febril de centenas de mãos que o vestiram, adornaram, pintaram, decoraram e completaram para a cerimônia iminente. Através da tapagem que lhe ergueram em torno, como discreta alcova, via-se dos bondes um enxame dos homens trabalhando lá dentro, aplainando o jardim, plantando a grama verde, as palmeirinhas magras, enquanto cá fora crescia a azáfama ensurdecadora no preparo da praça asfaltada. E, à noite, a tardia volta dos teatros, alguma coisa de verdadeiramente fantástico arrancava os passantes ao seu sonolento torpor: era um jorro de luz partindo de cada janela ou de cada óculo do pavilhão, rompendo a treva e acordando a ideia de uma colossal e interminável festa de ciclopes e gigantes. Nas ruas, a solitária calma noturna, a aragem fria, a casaria toda cerrada e adormecida. Naquele recinto, o rumor, o movimento, fogos acesos, vida infernal... E contos de fadas voltavam ao espírito, na surpresa

sempre nova daquela visão ofuscante nas sombras da noite.

Era talvez o casamento de Riquete da Crista, quando das entranhas da terra salta um palácio maravilhoso com um batalhão de cozinheiros de barrete branco e avental, empenhados tumultuosamente no aviamento de um festim brutal... Ou antes eram as bodas do gigantesco Briareu, que já surgia lá das bandas do mar, ansioso de claridade e estrépito... Ou uma ceia de Gargantua, entre tochas ardentes luzindo até raiar o pálido alvor da madrugada.

Mas para trás ia ficando a visão dessa enorme cúpula a vomitar luz por todas as suas abertas e frinchas, e reentrava-se no prosaico realismo das ruas mergulhadas tranquilamente no seu sono de cada noite.

Então, nessa vaga sombra sucedendo ao deslumbrante clarão, outro mistério se impunha como um sonho das trevas.

As árvores do Passeio Público falavam num cício queixoso, mas falavam umas com as outras, abanando dolorosamente as altas frentes pensativas! E como era triste essa voz das árvores!

Aludiram à barbaridade com que eram esgalhadas, decepadas, destruídas, desde que aquele pavilhão ali próximo se erguia, devorando o espaço...

Mostravam-se reciprocamente os seus troncos despojados de ramagens, subindo magros e nus, como uns esqueletos de inverno pelo ar acima. Para que tanta crueldade inútil, Senhor? Que mal faziam elas naquele velho jardim, outrora tão sombroso e fresco, por efeito de suas massas imponentes de

verdura, hoje amputadas, reduzidas a uma estreita copa balançada pelos ventos? E, contudo, além de as desfolharem assim dos seus ramos, deixando-lhes apenas um longo esquelético; além de lhes cercearem a área onde à larga vicejavam e floriam, retalhando sacrilegamente dois flancos do formoso passeio popular, propriedade do público, como bem o diz seu título, ainda mais tinham feito esses algozes, ai delas! Tinha condenado à morte muitas das suas irmãs, as mais belas e frondosas, fortes, eretas, vestidas de cipós e ervas enroscando-se nos seus galhos, vivendo da sua seiva, e cuja cimeira gloriosa destacava-se cor de esmeralda no azul do céu.

Zunira o criminoso machado, o tronco tremera e cada uma dessas árvores abatera, varrendo com a longa cabeleira as aleas arenosas do jardim, hoje bem árido e cheio de claros, por onde transita livremente a luz do sol, crestando o veludo fofo e macio das extensas gramas do parque.

E inclinado para a terra, gemente, murmurando queixas no grande silêncio protetor de noite escura, o arvoredor que ainda resta do Passeio Público chorava, rumorejando tristemente, e grossas lágrimas pingavam das suas filhas como gotas diamantinas de orvalho noturno...

Quem me dirá se tudo isto foi visão ou realidade?

Ah! Pobres árvores: a civilização marchou, passou – e as sacrificadas fostes vós, verdes e humildes representantes da simples natureza, que a grandes e bárbaros golpes é expulsa da cidade.

E à hora em que aparecer este inútil e ridículo lamento, voz discordante entre tão vivos clamores de alegria, o Congresso Pan-Americano estará, como se diz, no oratório, já aberto ou na véspera de selo, dentro do seu pavilhão todo calita, rebrilhando entre ornamentações descritas longamente, entusiasticamente, por todos os jornais.

Só discordante, como o meu queixume, a sombra de Olaziou aparecerá errando atrás das grades do Passeio Público, e o seu olhar severo medindo o espaço roubado de um lado e outro ao belo e antigo jardim, exprimirá o seguinte:

“Como é que se despe um santo para vestir outro?...”

Conhecem os meus leitores a modesta, gentil e provecta artista brasileira que se chama Olivia da Cunha – professora adjunta do Instituto Nacional de Música, onde completou os cursos de canto e violino, e bastante apreciada nas rodas mais seletas e inteligentes da nossa sociedade?

Sim, quem não conhece, ao menos de vê-la passar com a sua amável e despretensiosa simplicidade, na digna faina diria das lições proveitosas que dá aqui e acolá, ministrando a outros o ensino dessa arte que a prestigia?

A senhorita Olívia da Cunha foi uma das alunas do falecido professor Gilland, que sempre a distinguiu na sua classe de canto. Voz maleável, doce, educada, era um encanto ouvi-la interpretar qualquer trecho de música nesse estrado onde tantas discípulas soçobravam, na incompreensão

daquilo que o velho mestre exigia dos seus esforços.

Laureada, enfim, cantora emérita, não lhe bastou esse triunfo: o violino cativou a sua alma de artista, e ei-la alcançando igual ou maior sucesso no estudo consciencioso desse instrumento difícil. Como cantora e como violinista, enfim, a senhorita Olivia da Cunha já não conta as suas vitórias, sem que isso altere, ao invés de outras, a gentileza do seu ameno e fino trato.

E é por isto que lhe dedico estas linhas, assinalando com sincero prazer o concerto que ela dá hoje, domingo, com o concurso do outro; exímios professores, como os Srs. De Larrigae Faro, Teixeira e Tatti. É por isto que não lhe regatearei nunca os meus aplausos e os de todos aos quais eu puder transmitir os meus sentimentos de admiração a seu respeito, visto como eu penso que o talento, a superioridade, sob qualquer aspecto, não isentam jamais a criatura admirada da obrigação de ser cortês e delicada para aqueles que a admiram e louvam. E essa cortesia transluz sempre no suave sorriso com que a jovem e simpática artista acolhe quantos lhe exprimem seu lisonjeiro sentir, seu lisonjeiro pensar...

Oh! meu Deus! A *morgue* está-se tornando demasiado frequente, para que eu não a verbere um bocadinho nestas insípidas linhas.

Assim, por exemplo, uma senhorita, também professora e célebre pelos seus grandes ares impertinentes, passou por mim sem me abaixar, simplesmente a cabeça, no dia seguinte aquele em que um artigo meu lhe dedicava a mais amável das

menções honrosas. Eu não precisava desse cumprimento, nem escrevi para o ganhar, mas ela me o devia, como uma prova de boa educação, como se diz obrigado! A quem se desvia primeiro, num encontro de rua, ou cede um lugar no bonde ou algures, ou enfim apanha o lenço ou o embrulho caídos no chão por descuido.

A família do outro artista, esse apreciado calorosamente, convictamente, num juízo meu, e quando esse artista recebia mais, a convite dele, uma prova de consideração, achou que devia afastar-se majestosamente de todas as pessoas que ali se achavam prestando homenagem ao referido professor. Era ele o artista: ela, a família, apartava-se dos cumprimentos que o visavam nesse caráter.

Ah! mas não! é um grande erro! É uma grande indelicadeza! E quem sofrerá com esse modo de entender as regras da polidez, será o próprio artista. *Tant pis*⁴⁹ para ele, que permite certos menospreços àqueles que distinguem o seu talento.

Pois bem, a senhorita Olivia da Cunha não partilha, felizmente para ela, essa errônea compreensão do código da boa educação. É fina, amável, insinuante, gentil; e essas qualidades dão extraordinário realce ao seu incontestável e brilhante mérito de artista; apuram o gosto que a gente tem de elogiá-la com sinceridade e aplaudi-la com fervor. É o que farei no seu concerto de hoje, desejando-lhe desde já a mais bela sala de auditores e palmas convencidas, como as minhas.

⁴⁹ Tanto pior

Se alguma coisa pode esta semana fazer-me experimentar um movimento de viva e real satisfação, foi o telegrama anunciado que ia ser publicado em Paris o decreto oficial que condecora com a Legião de Honra a eminente atriz Sarah Bernhardt.

Bravo! Não há [como] negá-lo: esta distinção consagra uma vez por todas a artista extraordinária, que ela positivamente é, ao mesmo tempo que levanta bem alto a mulher, sem admitir as sarcásticas ressalvas que a arbitrariedade masculina quer sempre antepor ao direito feminino às honras e regalias consideradas pelo homem seu monopólio.

A França mostra-se, aliás, neste sentido, a nação cavalheirosa por excelência, de um espírito sempre tão largo e fulgurante, que dela partem as irradiações progressistas iluminando o caminho a seguir por todos os outros países menos adiantados. As mulheres ilustres desta terra inteligente e generosa são distinguidas sem preconceitos de sexo.

Caminham lado a lado, numa igualdade completa de privilégios, quando as assinala o talento, com os vultos másculos mais célebres em qualquer terreno de superioridade. São romancistas, historiadoras, poetas, escultoras, pintoras e até exploradoras de regiões longínquas e inóspitas, como qualquer valente viajante de calças.

E à volta, se se ilustram neste caráter anti-feminino, pela coragem, pela tenacidade e pelo espírito de observação, elas são recompensadas publicamente, com todas as

demonstrações de apreço oficial, como os homens.

A verdade, meus amigos, é que a França, consagrando assim justamente as suas mulheres notáveis, engrandece a si própria, reforçando de todos os modos e cada dia mais o seu vivo foco intelectual. Mas, vede: a grande Sarah é uma glória nacional; e assim prestigiada pelo governo do seu país, é a própria glória francesa que ela transporta de um ponto a outro do mundo, impondo-a, fazendo-a rutilar, admirar, aplaudir pelos povos estrangeiros.

E se, por acaso, em alguma monumental barraca igual a que levantou ultimamente a fantasia de Sarah entre os lanques, para contrariar um *trust* americano, suceder que um espectador mais atrasado ignore a significação dessa fita vermelha ornando como uma flor o peito elegante da prestigiosa ou *Sorcière* da inimitável Margarida Gauthier, fiquem sossegados, que alguém sempre se há de achar ali para explicar, em louvor da França, que sabe consagrar os seus grandes vultos femininos:

**É a ordem da Legião de Honra!
Carmen Dolores.**

A SEMANA 29/07/1906 [7969]

Esteve linda, linda, anoite da inauguração do Congresso Pan-Americano, e contam-me que o próprio Passeio Público muito lhe perdoou, pobrezinho! No deslumbramento do espetáculo novo, da civilização ardente, da iluminação policroma e da chuva finíssima de ametistas, rubis, esmeraldas, safiras e topázios, que pulverizava o ar,

jorrando preciosamente da fonte luminosa do jardim.

Muita gente aos encontrões, pasmando para o grande pavilhão, em cujo recinto flamejante se apinhavam fidalgamente, numa rija atitude oficial, todos os tipos mais diversos da América, morenos, ruivos, castanhos, unidos pela mesma sobre-excitação efêmera do patriotismo e do discurso.

Vestidos claros cantavam ao reflexo multicolor das lâmpadas, traçando arabescos entre os canteiros do hipismo; rostos juvenis pareciam mais formosos, erguidos para a viúva claridade elétrica, que os banhava de poesia e mistério. E a onda popular crescia de momento a momento, em torno do pavilhão, girando, girando, como em rutilante redondel, escoando-os aqui para se avolumar ali, comentando, admirando, ao deslizar dos carros descobertos ou no trombetear previdente dos despóticos automóveis, redemoinhando também no lado, no mesmo círculo de luz.

Dizem que um baile nunca fulgura com maior animação do que poucos instantes antes de acabar. Assim também a fogueira cripta mais intensamente, mandando aos céus a suas mais formidável e brilhante labaredas, quando está prestes a extinguir-se, consumido todo o combustível.

Um derradeiro arranco... tudo arde, refulge, espalha clarão ofuscante, desfere faíscas de fogo – mas logo se transforma em braseiro e depois em cinza...

Quis o tempo limitar esses dois focos luminoso, a propósito da inauguração do Congresso Pan-Americano.

Reuniu para esta noite as suas mais fúlgidas estrelas, traçando-lhes o programa obrigatório de rivalizarem em limpidez com o jato poderoso do holofote assestado na Ilha de Villegaignon; resistiu às imposições tirânicas de Eolo, que já se pusera a soprar, de quando em quando, no seu búzio de mau agouro; e assim decidido a vencer, fez brilhar para a cidade em festa horas incomparáveis, que consentiram todo o movimento e toda a alegria à população satisfeita. Foi um supremo clarão... E logo desceu à treva, desencadearam-se os elementos contrários, veio a chuva desabalada – e o pavilhão de S. Luiz conheceu o desalento das umidades tristes, após a caída exaltação das luzes terrenas e celestes, que o cercaram de esplendor toda a noite.

Felizmente, para ele, monumento oficial, poderemos aplicar-lhe o esperançoso verso de Jean Richepin, o pai, que diz:

“Rien n’est fini. Tout recommence.”

Oxalá nos fosse dado repetir a poética afirmação com referências às coisas que mais intimamente nos tocam, não é verdade?

A propósito de festejos públicos, pelo grande movimento de bondes que eles provocam, sou de opinião que se verbere com certa veemência o modo por que é feito o serviço desses veículos, entre nós.

A estação elegante do elegante carioca está no seu mais brilhante apogeu, abrem-se cada noite os teatros, saem todos para a avenida, a rua do Ouvidos, o “bar” Botafogo, as visitas, os chás das cinco horas, as

recepções diplomáticas – e os bondes transportam hora a hora uma quantidade incalculável de pessoas, que naturalmente não pretendem estabelecer nesses carros um gabinete de meditação ou um “*fumoir*” de ópio, em que sonhos fantásticos adejem ao lento embalar das rodas. Não! A vida é febril, o tempo foge e cada um tem pressa de chegar ou de voltar, espicaçado pela sensação vertiginosa dos minutos, que irreparavelmente voam... Se o próprio “bolina” está se tornando mais raro, pela agitação do momento!...

Pois bem: enquanto o passageiro, que contribui com o seu rico dinheiro para a prosperidade das companhias de bondes, pagando o seu transporte, assim trepida de impaciência sob o acicate da hora, o cocheiro ou o motoneiro, homem venturoso e sem nervos! Cede gostosamente no carro que dirige à mais doce das sonolências e nada há que o arranque a tão manso torpor. De lencinho ao pescoço e ombros vergados, num indiferentismo de filósofo antigo, ele não se importa absolutamente com o horário, nem com a exasperação dos pobres passageiros.

E não me refiro somente aos carros da Companhia S. Christovão, já celeberrimos pelos eu pachorrento vagar; refiro-me também aos próprios elétricos de Botafogo, apesar da sua pretensão a excepcionais e aristocráticos – qualidades que positivamente lhes recuso. São umas carroças, como os outros, e cuja marcha está do mesmo modo sujeita ao capricho absoluto, até ao temperamento, do seu motoneiro. Se este é um indivíduo esperto e alegre, a

viagem de Botafogo à cidade se faz no tempo determinado; mas se ele, ao contrário, é o tipo que esbocei há pouco, o mais comum e frequente, aliás, a viagem se arrasta, ah! mas se arrasta de uma forma exasperante, com o mais profundo desprezo pela revolta justa do público pagante.

Este, de resto, contaminado pela indolência provinciana dos processos, abandona igualmente toda a cerimônia.

Cada um faz parar o elétrico à sua fantasia, um segundo adiante o ponto em que já parou, não dando às vezes tempo nem ao [ilegível] que a sua porta é um número acima do outro, e sua excelência quer poupar-se o incômodo de uns simples dois passos na calçada. E como todos os passageiros procedem mais ou menos assim, acontece que uma volta da cidade, à tarde, é a coisa mais atroz e mais crispante que se possa imaginar para o suplício de um nervoso. Os repiques metálicos repetem-se de minuto a minuto, atroam os ares, ensurdecem, rasgam os tímpanos e os miolos; o carro estaca desabridamente a cada instante, com um choque brusco, retesado pelo freio, e logo parte da mesma maneira, com o mesmo solavanco duro, para suspender penosamente o impulso dois passos adiante. São arrancos infundáveis, que martirizam, no meio da orquestra enlouquecedora dos “zuns-zuns” em cromática e dos repiques estridentes, vibrantes, desesperados. Cansado, por fim, ou embrutecido, o braço dormiente de tanto rodar a manivela, o motoneiro já não obedece prontamente aos toques de partida, que se repetem numa

gradação aterradora em todo o comboio rebocado; e, depois que se apeia alguém, ele, fleumático, deixa o elétrico imóvel uns bons segundos, antes de se resolver a nova marcha, que continua sempre com iguais interrupções bruscas e dolorosas para a medula dos passageiros.

À noite, então, nem sei que lhes diga!... À noite o elétrico dorme, mas dorme como gente que trabalhou o dia inteiro, deslizando nos trilhos apenas por hábito, aos cochilos e sem consciência do que faz...

Eu não sei, verdadeiramente, qual o remédio par ao mal que aponto; mas deve haver algum, não acham os interessados? E esse precisa ser empregado com urgência, nesta época em que avulta o movimento dos bondes, numa proporção estupenda.

Não se contentem as companhias em embolsar os lucros das passagens e não se resignem os passageiros à fatal nevrose, que forçosamente lhes advirá dessa maneira de transitar – e talvez, quem sabe? Cheguemos a um acordo.

Da discussão sai a luz e de atrito do fósforo para a chama. Da apatia paciente, porém, só resulta isto que vemos: o serviço dos bondes...

É curioso observar nestes tempos modernos de febrilidade, em que os sentimentos humanos não chegam a amadurecer, tão rápidos nascem, vivem e morrem numa atmosfera aquecida e não sei quantos grãos de egoísmo e pressa d gozar a existência – é curioso observar o efeito de uma velha peça de Racine, como “Phedra”, representada diante de uma sala de *snoobs* e mundanos.

A princípio, é um alto assombro que os domina, a todos, sob a impressão desse estranho arcaísmo, surgindo ali debaixo da forma elástica, tão enfática e tão solene. Os versos grandiosos do poeta francês, essa paixão que ruge tragicamente, em confidências declamadas com um sóbrio ardor crescente, essas roupagens antigas desfigurando o alegre ator da véspera, a tradição que força o juízo de cada um, sob a pena de mau gosto ou ignorância, tudo conserva a sala suspensa e grave, numa atenção concentrada. E se os artistas que interpretam a obra de Racine são todos afinados, superiores, sabendo declamar sem monotonia os belos versos vigorosos, acontece às vezes que os espectadores se deixam, enfim, empolgar sinceramente e a alma moderna, tão pequenina e frívola, estremece e vibra ao sopro dos épicos sentimentos do passado.

Tal não era o conjunto da companhia francesa, que representou “Phedra”, na festa artística de Suzanne Deprés.

Ah! não, não, não! E logo a nobreza da peça foi ficando deprimida, embora mantivesse corretamente a sala a sua primeira atitude de interesse.

De resto, a “Phedra” ideal que foi a Després, bastaria para conquistar inteiramente a atenção. E pergunto a mim mesma, como é que uma mulherzinha daquele tipo miúdo consegue a majestade e a beleza desses gestos, dessa linha, desses arrebatamentos imperiosos, mantidos pela arte num limite tão justo, nota suprema do talento que se encarna no personagem criado, a ponto de transformar o próprio físico n’outro

físico? Nem era mais ela a Suzanne da “*Petite amie*”, a parisiense da saiazinha preta e blusa de cor, modesta caixeira numa casa de chapéus... Era realmente a grande “Phedra”, arrastada pelas fatalidades de um amor incestuoso; era a criminoso esposa de Theseu, soberba e impetuosa, torcendo tragicamente os belos braços brancos, na ânsia do seu desejo insatisfeito, “*Vénus toute à proie attachée*”...

O seu exíguo corpo crescia entre as pregas clássicas da túnica antiga... O timbre quente da sua voz e essa dicção puríssima, que faz o seu mais vivo encanto, não deixavam perder uma única intensão dos magníficos versos de Racine.

Mas os outros, os outros, grande Deus?! À exceção de Dorival, todos os mais davam vontade de rir, enfardelados assim nas roupas de Melpomene, visivelmente emprestadas. O adorado Hippolite, sobretudo, parecia um carnavalesco, cuja voz enlouquecera de tanto gritar “*Evohé*”! Olhando-o e ouvindo-o, não se podia absolutamente compreender os furores e os delírios da madrastra.

Esse ator, contudo, fora tão bem na antevéspera, numa peça moderna: “*La massière*”!

Evidentemente, o antigo não lhe assentava... Nem também a Mme. Marie Sauze, excelente nos papéis de francesa idosa e trêfega, tratando da sua casa, falando muito e depressa – mas de todo inaceitável nesse grave papel de confidente de um horrível incesto. A pobre Anone perdeu completamente o tipo e o feitio dentro dessa roupagem antiga, que a torna enorme, com as proporções cômicas de uma bola, a se fazer de trágica. Até

Mlle. Taillade, no excesso oposto, não se achava bem como Arícia. Demasiado magra e angulosa, aspirando com aspereza todos os versos.

Ah! não! o conjunto de “Phedra” deixou imenso a desejar. Mas que importa, se a noite foi ainda e sempre de triunfo para Suzanne Després? Quanto a mim, fiz-lhe apenas, na seguinte “*tournés*”, melhores cenários para realce do seu talento magnífico. E tão impregnada sai do gênero clássico, que ao relatar em casa o aguaceiro que me acolheu à saída do teatro, surpreendi-me a declamar:

“*A peine nous sortions des portes de Trézene...*”

Carmen Dolores.

A SEMANA 12/08/1906 [7983]

Quando Jayme Séguier, o tão conhecido e ilustre *Alter-Ego*, do *Jornal do Comércio*, de reputação já feita e mesmo arquiteta, chega a protestar de além mar contra inofensivos cochilos da revisão nos seus cintilantes escritos, sobre cuja correção, entretanto, ninguém jamais ousaria levantar uma dúvida hostil, atribuindo-lhe qualquer descuido de estilo ou gramática – calculem todos o que deve então sentir uma ignorada rabiscadora de frases ao ler a sua pobre crônica reduzida ao estado em que eu li a minha do domingo último!

Suprimindo, logo aos primeiros tópicos, pontos e letras maiúsculas e ligando assim orações a orações, a revisão conseguiu formar um período de tal extensão e de tamanha incoerência, que eu própria estaquei

diante dele, desorientada, sem fôlego, como perdida em emaranhado labirinto, cujo fio me escapava...

Nem mais nem menos, *Il dédalo*, posto agora em moda por Tina di Lorenzo.

A verdade, contudo, é que a peça de Hervieu ainda não tinha sido representada, nessa ocasião, o que priva os Srs. Revisores do possível atenuante de uma sugestão produzida pelo título italiano. Que o meu triste trabalho, porém, parecia realmente um *dédalo*, isto é que não padece dúvida; e adubado, além de tudo, por acenos jogando o *foot-ball* com regras gramaticais, e um infalível o sempre que era a, ou quando era o – mixórdia de uma crueldade que seria humorística, no gênero americano, último sucesso, *pince sans rire*, se não fosse pungente para quem escreve sem a impunidade das consagrações estipuladas. Quero eu dizer que, muito naturalmente, pelas leis humanas, cada cochilo da revisão será interpretado como mais uma reverenda sandice de quem se atreve a meter o bedelho em coisas que não entende.

E é por isto que eu venho gritar **alto lá!** à digna revisão desta folha, ao mesmo tempo que ofereço com modéstia o meu protesto às pessoas amáveis que me leem. Ah! o que deve ser repetido o provérbio: “A Pedro o que é de Pedro”.

Fique eu com a minha obscura crônica conforme a escrevi, perante os meus juízes, e fique a revisão com o que suprimiu, ligou, cortou, alterou, acentuou, para a sua exclusiva recreação, para o seu malsão prazer.

Dada esta rápida explicação, que andava a tornar-se muito necessária,

indispensável até, para os meus créditos de desconhecida, passemos a assuntos mais interessantes.

O distinto escritor brasileiro Escragnolle Doria, em cujas veias corre um sangue tão autenticamente azul, trazendo-lhe à alma, de muito e muito longe, pelo mais nobre atavismo, o amor artístico da natureza, das belas paisagens verdes e sombrosas, das árvores magníficas, cuja folhuda copa dá frescura e vida ao solo ingrato dos países quentes, ou encanto e harmonia à nudez dos países frios - Escragnolle Doria não acompanha a nota do momento, a nota da atualidade, a nota oficial, manifestando assim tão exuberantemente os seus gostos e entusiasmos, como no belo artigo *Sumaré*, do dia 6 do corrente.

Cumpra-lhe saber, aprender, como ente moderno, que o grito da época é: **abaixo as árvores!** E quem discorda dessa senha, traz consigo o vestígio atávico do temperamento dos tamoios que aqui viviam há quatrocentos anos; e passasse-lhe, muito expeditamente, um diploma de macaco...

Assim, pois, o ilustre tio do Sr. Doria, barão de Escragnolle, que adorava e conservava o formoso arvoredado do *Excelsior*, um rico escrínio – tinha simplesmente os instintos de um mono, não é verdade?

O velho barão de Taunay, venerando avô do Sr. Doria, erudito e fidalgo, que lia Rabelais, Montaigne e Lafontaine, numa contemplação de idolatra diante da linda e rumorosa cascatinha do Alto da Boa Vista, acariciando com o seu olhar de sábio as doces folhagens orvalhadas de

espuma; ele, finalmente, um artista, irmão de artistas notáveis, pai de outro artista, como foi o grande, o inolvidável visconde de Taunay, e todos eles cultores da natureza, amigos e protetores da árvore, da sombra, dos admiráveis entrelaçamentos das heras e cipós em troncos nodosos – toda essa gente preclara e célebre nunca passou de umas amostras de macacos, não é assim? E Glaziou, o grande e insigne Glaziou, que fez o nosso, outrora belo, Passeio Público, com todo o amor e toa a arte; eu coitadinha de mim! Que cai em lastimar a sorte das soberbas árvores desse jardim, abatidas criminosamente pelo bruto machado de um vândalo inconsciente; o Sr. Escragnolle Doria, que celebrou no seu artigo *Sumaré* as maravilhosas pompas de uma paisagem arborizada, aludindo também com mágoa às mãos profanadoras que não respeitam a magnificência natural de um formoso sítio e preferem a mesquinhez decorativa de um parquezinho feito de *chic*; que foi o hábil Glazion, que somos eu e o Sr. Doria, pela doutrina corrente, senão bichos do mato, macacos, cobras, índios selvagens?

Ainda Glasiou se poderia salvar desta última pecha: era francês, logo não tinha instintos atávicos de tamoio.

O próprio Sr. Doria, pela qualidade azul do sangue que lhe alimenta o cérebro inteligente, tem do mesmo modo o direito de declinar a honra de ter tido avós que andassem nus pelo mato, trepando em árvores com a agilidade forte de um orangotango... Mas eu, eu, positivamente, não escapo de ser mona, visto como não encontro avoengos estrangeiros aos quais me agarre, excetuando um só, português.

E assim desprotegida, desabrigada, pura brasileira, devendo por força contar algum tamoio entre os meus antepassados guerreiros, eu tenho de curvar-me irremediavelmente à qualificação lançada aos que em nossa terra amam os jardins que são verdadeiros jardins, cheios de sombra e doçura.

Pois bem, seja assim!

Eu prefiro que não me achem civilizada, a ser vândala profanadora e sacrílega.

Sustento que não se tinha o direito de mutilar e desabar as velhas, as belíssimas e frondosas árvores do nosso Passeio Público, centro popular, onde, nos tórridos meses de dezembro e fevereiro, a população encontrava um pouco de refrigério para o corpo devorado pelo sol. Era um oásis para os pobres, de que fizeram um descampado aberto e árido, em satisfação ao capricho dos ricos ou sistemáticos, que lá não entram.

E cumpria que se erguesse um padeiro a essas fantasias municipais, que atentam ao inocente regalo do povo, ao mesmo tempo que destroem barbaramente belezas nacionais, que não são propriedade de um grupo privilegiado.

Quando, em Paris, quiseram por abaixo algumas árvores do *Bois de Boulogne*, houve quase uma revolução. Todos os jornais se sublevaram.

Mas aqui, não! o oficialismo abafa tudo. Manda quem pode, e tudo grita *amén!*

Afinal, que mal faziam as magníficas árvores do Passeio Público? Por que as derrubaram?

Queriam parques de **gente limpa**,
lavadinhos, escovadinhos,
arranjadinhos à mão, sem uma sombra,
de caminhos afastados, com umas
árvores magrinhas, um, muito sol,
muito calor?

Mas, Santo Deus! não faltavam
praças novas para se ajardinarem
assim!

Durante os meses de calor, esses
parques abrasariam, escaldariam; mas,
a propósito deles, ninguém mais
confundiria o amor das árvores com o
amor do mato... E, bem definidos,
ficariam eles reservados às pessoas de
alta civilização, amando o limpo, o
claro, o *chic*, o moderno.

Nós outros, contudo, nós, os
tamoios, os macacos, as cobras, os
sonhadores, os bucólicos, nós
continuaríamos a possuir o nosso
refúgio de mau gosto, esse velho
matagal do Passeio Público, cheio de
harmonias e sombras, veludoso,
clamo, onde árvores seculares
sacudiam à brisa as suas gloriosas
copas douradas pelo sol... Era ali a
fresca e consoladora guarida entre as
ruas ardentes. Só a vista refrescava... E
agora?

É verdade que nos apontam uma
compensação: através do jardim
mutilado, já se vê passarem do outro
lado os bondes de Botafogo...

E que mais pode querer além disso
o zé povo, nos dias caniculares? Tome
sol e veja bondes – já não é pouco.

Não torne, porém, o sr.
Escragnolle Doria a escrever coisas
tão bonitas a propósito de Sumaré,
porque muita gente que eu conheço,
sem linha nem civilização, acabara
chorando ante essa visão verde, com
saudades de outras árvores que já

existiam e não existem
mais... Saudades do *mato virgem*, sabe
o Sr. Doria?

Ah! Incorrigíveis macacos!

*Chassez le naturel, il revient au
galop...*⁵⁰

Encheu a semana a consternação
produzida pelo naufrágio do *Sirio*, que
acarretou tantas mortes em cenas de
supremo horror. O impulso festivo,
entretanto, domina a cidade, continua
a rolar a sua onda agitada, tão agitada
quase como a desse mar que tantas
vítimas tragou. Não tardarão festas de
caridade, bazares, quermesses, bailes...
Felizmente, creio eu, não chegamos
ainda por aqui ao grau de
aperfeiçoamento que inspirou certa
vez ao caricaturista Grévin esta feroz
charge a propósito de uma horrível
catástrofe.

Um pai lia o seu jornal:

- "**Medonho acidente! duzentas e
cinquenta pessoas mortas...**"

E a filha, menina de dezoito anos,
saltava de alegria, exclamando:

- "*Ciel on va danser!*"

Isto conta uma revista.

Mas eu não sei, repito, se por cá
nós já atingimos semelhante
culminância nos requintes do egoísmo
mundano, que tem na verdade as suas
ferocidadesinhas bem valentes.

Uma força nos tem trazido a febre
de divertimentos – e essa com uma
certa nota cavalheiresca, de absoluta
novidade em nosso temperamento de
brasileiros. É a força contra a moléstia,
a resistência contra a própria morte, o

⁵⁰ Expulse a natureza, ela retorna
correndo...

indiferentismo contra as destruições vitais – reações da vontade que atualmente mantém cada indivíduo sempre rijo e ativo, mesmo quando minado por implacável mal, passeando em todos os centros de regozijo a sua indomável resolução de gozar e divertir-se, a sua avidez de espetáculos jubilosos, a sua coragem, o seu heroísmo...

Sim, heroísmo! Ainda não há muitas noites, eu tinha ao meu lado, no teatro, um lívido tuberculoso no último período, que tanto ria, como tossia, ofegava, sofria, agonizava... E eu pasmava para esse espectro folgazão, como para um herói.

Outrora, pelos antigos hábitos, esse tísico, esse condenado, não ultrapassaria mais o lumiar do seu quarto morrinhento, a remoer tragicamente, atabafado em flanelas, sombrio e desesperado, o seu próximo aniquilamento.

Hoje, o tísico de *smocking* e com uma flor à lapela, aplaude canções e pede *bis* com a sua voz enrouquecida, preparando uma bagagem de estribilhos alegres para a derradeira viagem.

C'est crâne! Dirá um francês.

É o triunfo da febre mundana sobre a febre amolecida da nossa raça, trocando agora a lânguida volúpia das queixas morbidamente suspiradas à sombra das alcovas rescendentes a alfazema, todas cerradas à vida exterior; trocando a doçura insípida das tisanas ou a quentura dissolvente das cataplasmas, o regalo, enfim, de gemer baixinho entre mimos e desvelos, pelo americanismo ousado e resistente, por um dandismo de aço, meio riso, meio ironia, a Marc Twain,

que desafia a fraqueza, a dor e a própria morte.

Os meridionais, evidentemente, afiam os nervos. E nesse sentido, em outras terras, bate o *record* o delicioso, o interessante reisito Affonso XIII.

Ameaçado de um fim sinistro, não quer todavia saber de etiquetas nem resguardos. Passeia livremente ao sol da Granja a sua resplandecente felicidade de marido novo e apaixonado.

E quando encontra um anarquista, colhe uma rosa no ramo que a rainha traz ao peito e oferece-a ao sombrio inimigo, que chora...

Um bravo! Ao denodado reisinho!

Carmen Dolores.

A SEMANA 19/08/1906 [7990]

O sucesso é uma charada, escreveu um dia Ramalho Ortigão.

E a mesma soma de merecimentos que levam uns à consagração, deixem outros no esquecimento ingrato.

De que depende, em suma, o sucesso? Da firmação do talento? Não. O sucesso depende, na maioria dos fatos, de um acaso feliz, de um incidente mínimo, muitas vezes de uma frase pronunciada por alguém em momento de otimismo, como prova espirituosamente Fradique Mendes numa das suas cartas faiscantes; de uma invisível corrente que se estabelece ninguém sabe como, surgindo de misteriosa fonte simpática e arrebatando no seu curso quantos recuam diante da canseira de discutir e bracejar, de modo que a correnteza assim engrossada cada dia com novas, táticas e até indiferentes adesões,

empola, ferve, rola, acaba por conquistar rumorosamente todo o terreno, como propriedade exclusivamente sua, que ninguém mais ousará contestar-lhe e ainda menos disputar-lhe.

Esta é a corrente do sucesso: e o seu ponto de parada é a consagração definitiva do monopólio, com a odiosa preterição de muitos outros direitos tão justos, tão respeitáveis, tão brilhantes, tão fortes e tão reais, como os que servem de base ao dito monopólio.

Eu refiro-me, pela última vez, nesta secção, à atriz Tina de Lorenzo e ao privilégio que ela mereceu de ver o seu nome gravado numa lápide comemorativa, nesse teatro nosso, onde tantos outros artistas célebres e ilustres deixaram a irradiação do seu talento, sem a recompensa de igual favor, de igual marca de apreço.

Por que ela só, quando essas outras partiram daqui sem lograrem o mesmo assinalamento da sua passagem?

Ristori, a Maria Antonietta sem rival, a Pia di Tolomei inextinguível; Eleonora Duse, divinamente grande, apesar do seu miúdo tipo de Tanagreta – grande como a imortal verdade humana dos sentimentos que interpreta; Sarah Bernhardt, a eterna triunfante! que transporta de um ponto a outro do mundo a glória intelectual da França; Clara Della Guardia, aqui já tão aclamada e seduzindo com o encanto pensativo dos seus olhos; Réjane, admirável encarnação da arte moderna, fina sutil e vibrante – todas essas ilustraram o nosso palco brasileiro, deram-nos a maravilhosa centelha de ouro do seu gênio, mas aí! delas, não alcançaram a misteriosa, a

excepcional graça de que só Tina di Lorenzo foi julgada digna.

E por quê? por que, repito?

Por ser a Tina formosa, além de ter talento; pelo fato de haver agradado às vistas, agradando aos espíritos, segue-se que ela, só por isto, deve ser considerada a “única”, a “única” entre tantas outras que nós vimos, conhecemos, admiramos e aplaudimos com fervor?

Assim, não há dúvida, semelhante excepção confirma plenamente as minha primeiras palavras: o sucesso não depende da exclusiva afirmação do merecimento, mas, sim, de um especial concurso de circunstâncias, de causas invisíveis, inexplicáveis, que agem fora do claro domínio da lógica, da justiça e da razão.

O sucesso é, finalmente, uma charada, bem o disse Ramalho, cuja decifração, no entanto, algumas vezes não é difícil. Seria até fácil, se o quisessem... Em certos e determinados casos, porém, a mensa e prudente cordura das opiniões prefere não decifrar o segredo, ficando todos na boa ignorância, no bom acordo, na amável harmonia que reforça o coro laudatório; e o sucesso aparece como um ardente acesso, entretido pela benévola conveniência geral, ganhando com essa luz o ídolo do momento, cuja apoteose escurece todas as irradiações alheias, com igual direito às glórias do triunfo.

Ah! mas tenham paciência, que a minha obscura voz discordará sempre do coro. Dou um piparote na mansa cordura das opiniões, assunto sem medo a impopularidade da minha rebeldia às aquiescências que não assentam na aprovação da minha

consciência e declaro, nesta crônica que ninguém lê, que a placa comemorativa da passagem de Tina de Lorenzo pelo nosso teatro fica representado do Rio de Janeiro, não uma homenagem à distinta atriz italiana, mas a mais odiosa e revoltante seleção que pudesse fazer a prepotência, com o prejuízo de direitos mais antigos à mesma consagração.

Se a formosa e notável artista mereceu ter o seu nome gravado na pedra do nosso melhor teatro, gravem-se também noutras idênticas placas os nomes ilustres das artistas estrangeiras que antes dela iluminaram e enobreceram a mesma cena. Ou então ficarão autorizadas as pessoas insuspeitas a crer que o privilégio concedido a Tina de Lorenzo não assentou no único valor do seu talento, e que a maior recomendação para uma atriz que se destine aos nossos teatros, será antes de tudo a beleza física, deslumbramento dos olhos.

Ora, alí está como a mesma soma de merecimentos que levou uns a consagração das lápides comemorativas, deixa outros e outras no esquecimento ingrato. Sarah! Ristori! Duse! Grandes trágicas, em toda a parte aclamadas e endeusadas, faltou-vos aqui o secreto, o misterioso, indizível “quid” que engendra as apoteoses. Faltou-vos a voz do mestre de cerimônias, que, nas festas públicas, marca o instante dos “vivas”! do propocolo... Faltou-vos, enfim, a pedra, alápide, a inscrição triunfal do monopólio...

Ah! mas isto só Tina di Lorenzo obteve – tornando-se por esta forma “a divina! a augusta!” como nos clássicos tempos em que homens

onipotentes, possuídos de inspiração poética, coroados de rosas e vestidos de branco, celebravam em maus versos, ao som de líras de ouro, os privilégios das deusas...

Consolai-vos porém, ilustres e prestigiosas esquecidas, porque a história vos há de vingar.

Se a parcialidade mesquinha se emboscou nesta cidade contra vós, que importa isso à vossa trajetória gloriosa através tantos outros países cultos, que vos rendem preito e justiça? Vivas ou mortas, o vosso grande nome não ficará gravado numa lápide do teatro brasileiro, mas, sim, na memória dos povos e na mais luminosa página da história da arte dramática nos séculos XIX e XX.

A semana contínuou em festas, como convém a uma quadra em que a senha é de divertir um infinito número de hóspedes. Sucedem-se os divertimentos, anunciam-se outros novos, junta-se à nota moderna a nota do passado, com o velho dia da Glória, ou com a recepção na Academia de Letras de um “imortal” muito moço cujo nome é muito antigo, e as alegres crônicas “smart” não tem mãos a medir cada manhã com as notícias mundanas e sensacionais de folguedos, elegâncias, prazeres, “toilettes”...

É um turbilhão!

Dir-se-ia que a civilização desviou para cá as ondas chispantes do rio Pactolo ou fez um pacto com Danae e participa com ela do privilégio de ser gratificada com uma rutilante chuva de ouro, tão cerrada, que a vista

Se ofusca, não distingue mais na cidade inteira senão como rajadas de libras esterlinas, “autos de luxo, espelhantes, ruidosos, carruagens

balançadas em oito molas e puxados por alazões de raça, pedras fulgurantes em anéis femininos, vestidos “Empire” de contos de reis e deliciosos chapéus de plumas valendo três meses de ordenado de um jornalista sem

Voga – e móveis de estilo, espelhos, lustres, tapeçarias, “bibelos” raros, serviços de mesa de puro Sevres, em que se saboreiam espargos, ou taças de um extraordinário cristal em que neva e espuma o champagne, todo um luzir e faiscar de gozo e riqueza, evocando pelas ruas, pelas salas, pelas festas, uma visão de brilho oriental que deslumbra e ao mesmo tempo titila recessos de alguns figados menos favorecidos, onde esverdinha a bilis revolta e desculpável...

Mas, porventura, ainda há bilis, Santo Deus, nesta região feliz? Ainda há pobreza, sofrimento, dor? Ainda se morre? Há tempo ainda para chorar aqueles que se vão para sempre, caminho de um outro mundo de igualdade e paz?

Não sei. Penso bem não. Mas uma coisa agora se deu:

Nesta época de fulgores, alguém decidiu protestar contra a nota “*smart*” do momento, contra modernismos, anglomanias, todo o aparato e todo verniz da grande civilização reinante. É esse ousado alguém foi um velho de barbas brancas, que se meteu num trem dos subúrbios com destino à cidade e entrou a “bolinar” escandalosamente, a antiga maneira, uma senhora.

Ele, entretanto, se tinha barbas cor do passado, tinha roupas cor do presente, segundo contam os jornais: usava colete claro “*up to day*”, tinha joias, tinha linha, tinha aprumo, tinha

“chic”... E contudo o cavalheiro não passava de um “bolina”! Mas parece, justamente, que ele andava abarrotado de tudo isso, farto de respeitabilidade, de aparências, de verniz, porquanto, não satisfeito por ter incomodado brutalmente a senhora, o cavalheiro, mal chegou a Central, foi empinando o belo colete branco “*up to day*”, ensaiado o gesto clássico dos velhos capoeiras de fama e dizendo a quem lhe reprimira no trem as audácias de conquistador barato:

-Olha: comigo é no pé e na cabeça...

E esta memorável frase anda a cantar-me no ouvido e tem-me tronado pensativa...

Quem me assegura hoje que sob tantos outros coletes claros último grito, que desejam caracterizar esta época de radioso contentamento e de alvinente civilização, em que a rígida linha “*yankee*” vai substituindo a bondosa “*nonchalance*” da nossa raça latina – quem me assegura que a frase desse velho do trem suburbano não estalará muitas vezes ainda, partindo como um foguete do fundo enganador das aparências mais envernizadas?

É fato que o aspecto distinto de uma “*toilette*” masculina, o laço da gravata, o feitiço de um jaquetão ou de um fraque, dizem alguma coisa, dão o ar “*comme il faut*” – mas não dizem tudo... E de repente, quem sabe lá?... Pode romper a linha a crepitante gíria:

-Comigo é no pé e na cabeça...

Oh! very shocking, indeed!

E vejam o que é o progresso: até eu já estou falando inglês – eu, a latina por excelência, a latina “*for ever*”!

A República Argentina não apanhou o nosso glorioso tempo de

ouro e azul para a recepção do Sr. Elihu Root, e muitos olhos portenhos, belos e pestanudos, devem ter fuzilado o ingrato céu com raios de despeito e cólera, em vista da chuva torrencial que irreverentemente alagou as primeiras manifestações de júbilo popular.

Ainda assim, vai tudo bem seguindo o seu curso. A família Root vai vendo, continuará a ver corridas, festas, exposições; o Sr. Root perfila a sua linha ativa e profere discursos rápidos e claros, com uma fria decisão, sem mímica, que diz tudo em curtas frases nítidas; o mercado aqui e na república vizinha começa a ficar esgotado de gêneros finos, tantos têm sido, são e continuam a ser os almoços e os banquetes oficiais. Uma geral dispepsia acomete os Srs. Root e a sua comitiva, os congressistas aqui, o Sr. Affonso Penna e o seu séquito lá, no incerto percurso através dos nossos Estados, e fala-se que já começa por toda a parte um uso imoderado de águas minerais, como prudente corretivo da demasia abastança das mesas políticas, diplomáticas e outras, onde o “*fole gras*”, a turfa e os “*toasts*” abundam por um modo nocivo às funções gástricas.

E ali está, leitores, como o reverso da medalha se estabelece, para consolo dos que roem a corriqueira costeletas, haurindo com raiva o aroma quente das iguarias oficiais, a *Lucullo*. Quem não pensa nessas coisas é o negociante Ribeiro de carvalho, só absorvido pela preocupação bem razoável de provar que não é doido. Mas conseguirá mesmo prová-lo? Não partirá a última hora um sonoro “cocoricó” da sua

garganta, para elucidar os juízes e esclarecer o exame de sanidade?

Console-se também o negociante suspeitado com esta péssima sentença do sábio Salomão:

“La folie d’un homnme vaut mieux que la sagesse d’une femme”...⁵¹

Carmen Dolores.

A SEMANA 02/09/1906 [8004]

Quando eu aprendi em pequena um bocadinho de latim - por sinal que muito contra a vontade e com imenso vexame - sucedia-me às vezes não encontrar absolutamente o significado desejado para a tradução de alguma terrível página de Cornelius Nepotis, Tito Lívio ou o quer que seja, que já não recordo mais, e cujas orações invertidas pareciam rir-se à minha custa.

Dizia-me então o mestre:

- Feche os olhos, concentre-se e espere...

E eu obedecia docilmente, mesmo porque tinha um sono invencível, e concentrava-me, e esperava... Ao reabrir, porém, as pálpebras, o espírito não me visitara e eu continuava a não descobrir o maldito significado, perdido, emboscado lá nas brenhas do *Magnum Lexicon*. O mistério da página latina permanecia inviolável para mim, embora eu me enervasse em fitá-la, primeiro com curiosidade, depois com ansiosa imploração, e

⁵¹ A loucura de um homem vale mais do que a sabedoria de uma mulher.

finalmente com uma raiva tão profunda, que ela conserva até hoje o vestígio da furiosa crispação dos meus dedos de criança...

Pois bem: O Congresso Pan-Americano ficou representado exatamente essa página de latim ante os olhos do público brasileiro. Toda a gente a princípio encarou-o atentamente, e como ele se conservasse mudo, inviolável no mistério das suas sessões tão nobres e solenes, de onde até a reportagem jornalística foi banida, toda a gente fechou os olhos, concentrou-se e esperou. O Congresso abriu-se, funcionou, encerrou-se; os congressistas vieram, trabalharam ou não trabalharam, viram, partiram, estão partindo – e nada transpira dos segredos agitados ao clarão de tantas luzes nos recessos inescrutáveis do palácio Monroe, ao murmúrio dolente do mar e o meigo piar dos passarinhos do viveiro do fundo. Ninguém decifrou ainda coisa alguma...

E agora já começa toda a gente a interrogar com certa impaciência a impenetrável página do Congresso Pan-Americano de 1906.

Que foi que se discutiu entre aquela porção de americanos gordos e magros, unidos pela confraternidade do café e do champagne, bebidos ao som dos discursos mais calidamente patrióticos e mais exuberantemente meridionais? Já chegam muitos a perguntar irreverentemente:

-Mas deveras, eles discutiram, eles decidiram mesmo alguma coisa?...

Oh! senhores, nem tanto! Façam mais justiça ao ilustre congresso...

O fato é que principiam algumas manifestações algumas manifestações

a produzir-se. Um jornal da manhã publicou um protesto contra os mistérios, agora que as luminárias se afagam, e esse protesto teve a coragem de aludir com despeito à ignorância em que ficaremos para sempre do quanto se despendeu entre nós com a recepção do Sr. Enhu Root.

Parece que Buenos Aires já anunciou limpamente, até pelo telegrafo, as suas despesas com o recebimento do mesmo Sr. Root, declarando que o seu caderninho de contos está em dia. Ao passo que nós...

As donas de casas, porém, compreendem bem isto, não é, leitoras? Quando elas despendem demais, tratam prudentemente de não dizê-lo, escondem a soma total dos gastos e acusam mesmo uns belos ares de superioridade, afim de que ninguém as interrogue nem meta o bedelho em tais melindrosas questões do *budget*.

Como quer que seja, toda a brilhante história do Congresso Pan-Americano, das festas e recepções oficiais, permanecerá sob as vistas do povo como a folha do meu livro em latim – indecifrável, muda.

O espírito nunca nos há de visitar, embora cerremos cordatamente as pálpebras, à espera de uma iluminação, como a propósito dos significados; e como os regozijos acabam, os lustres vão se apagando, um a um, a prataria volta aos armários, as colchas de seda se dobram, direitinhas, e os móveis de luxo revestem as suas capas protetoras, eu ando a temer que chegue muita gente ao meu terceiro período das crispações dos dedos, que começam a arranhar muito expressiva e furiosamente o papel.

Só vejo um meio de continuar tudo em boa paz: reacendam as luminárias festivas!

Não acham bom o conselho?

Similia similibus curantur...

Uma senhora que passeava ao braço de um filósofo, seu amigo, entrou a escarnecê-lo a propósito da excessiva simplicidade do seu vestuário.

Isso sucedia nos tempos idos, devo avisar, e a ilustre dama trazia anquinhas que lhe tornavam a cinta mais fina, usava o cabelo empoado, e sobre a face, avivada por uma pontinha de carmim, a mais assassina das moscas indicava o lugar onde o beijo devia pousar.

O filósofo, coitado! Vestia realmente como todos os seus colegas: bem *à la diable*, com meias descendo-lhe em forma de parafuso pelas magras tíbias, um gibão desbotado e chapéu de plumas comidas pelas traças.

Aos remoques da sua bela amiga, ele respondeu com este *quatrain*:

Je vois d'illustres cavaliers

Avec laquais, carrosse et pages;

Mais ils doivent leurs équipages,

Et je ne dois pas m'esouliers.⁵²

A dama, empurrando para trás o seu *verlugin*, conseguiu avistar sob a fimbria da saia de seda os seus dois minúsculos pés calçados de cetim azul

diminuídos ainda pelo grosso *pompon* fitas em cujo centro rutilava uma fivela de ouro, cravejada de brilhantes; e medindo a lindeza desses sapatinhos e comparando-os aos sapatões do seu amigo, ali ostentando a sua rudeza bruta, tão grandes, tão acalcanhados, ela sorriu com malícia e respondeu:

- Às vezes, meu caro, é preferível dever...

Ora, os tempos mudam, mas as criaturas nada variam em seus institutos, sempre os mesmos. E eis porque uma senhora da atualidade pensou exatamente como essa fidalga de *paniers* de cetim e cabeleira empoada, rescendendo à *marechala*. O seu sorriso exigia a claridade perfeita de uns dentes lindos e brancos, e ela abriu conta no dentista.

-Em certo caso, disse consigo, é preferível dever...

Outras necessidades, outras exigências elegantes, foram sugerindo o mesmo cômodo sofisma, dissolvente enérgico de todas as resistências da razão. E a *poverina*, arrastada, foi obedecendo ao sofisticado e imprudente argumento.

Mas, repito, se as criaturas não mudam, as épocas mudam, os meios evoluem, tornam-se outros bem diversos.

Outora o fidalgo encalacrado, perdido de dívidas, fugia às dificuldades com a injúria insolente e o desprezo.

-Patife! Gritava ele quando perseguido pelo credor, dando um desdenhoso piparote nos bofes aristocráticos do peitilho.

Hoje, o fidalgo endividado anda a correr pelos agiotas, aflito e ansioso, uma frenética busca de dinheiro, para

⁵² Vejo ilustres cavaleiros

Com lacaios, carruagem e pagens
Mas eles devem suas equipagens,
E eu não devo meus sapatos.

amansar os credores atrevidos, que o ameaçam com mil humilhações. Estão, pois, invertidos os papéis. O luxo, porém, cresce, desferindo centelhas sedutoras, tanto mais fascinantes quanto a sociedade moderna só tem homenagens para aqueles que se apresentam com as aparências da fortuna, exista ela realmente ou não.

E uma mulher nova, um pouco frívola e *coquete*, que só vê as fosforescências felizes da vida, percebe com mágoa a diferença do trato que se estabelece conforme os vestidos exibidos e as joias ostentadas. O marido, que a ama, também frívolo e também fraco, suggestionado, aliás, pelas ideias odiosas da época que só o luxo dá valor e dá importância – o marido acaba achando, como a amiga do filósofo, que é preferível dever a usar sapatos reais e roupas baratas.

E o casal endivida-se. O casal veste bem, colhe embriagantes triunfos de amor próprio, lê seus nomes nos jornais, com lisonjeiros qualificativos acerca das belas rendas de Malines da *toilette* adorável de *madame*, ou sobre a fidalga amabilidade de *monsieur*; entra, em suma, no ambicionado e glorioso rol da gente da *elite*, que vai a toda a parte.

A dívida, entretanto, rasteja surdamente atrás desse sucesso; e um dia ergue-se sobre a cauda, desenrolando os seus anéis, como uma cobra, e pica, e morde, e ameaça enlaçar com mil voltas visguentas as mãos, os braços, a cabeça, o corpo inteiro dos dois alucinados. É preciso amansar o monstro e adormecê-lo... Atire-se-lhe alguma ração, por conta, afim de lhe apaziguar um bocadinho a fome que o enraivece.

Mas onde buscar essa ração?

Os olhos do marido e da mulher erram perdidamente por todos os lados, buscando um recurso, um expediente, de modo que se não lhes interrompa a marcha triunfal através dos salões dourados, a cuja porta o dragão da dívida escancara as goelas, ameaçando devorar-lhes o cartão de ingresso permanente, que é a exterioridade.

E nessa busca ansiosa, aturdidos, loucos, o marido e a mulher avistam umas joias sobre o toucador e não resistem mais à tentação horrível.

Subtraem essas pedras que representam dinheiro, fogem com elas, perdem num minuto todo o seu passado de dignidade e honradez – e hoje soluçam, cobertos de vergonha, interrogados por uma autoridade policial...

Santo Deus! esse exemplo da semana é tão atroz, que a alma se confrange, entre o horror e a piedade – mais piedade mesmo que horror.

E quão longe dessa consequência gravíssima, irreparável até, fica a impunidade graciosa e leve dos mesmos sofismas no passado, quando a frioleira dos costumes e a arrogância da nobreza abriam ao calote elegante tão ilimitada margem, na indiferença altiva por quaisquer resultados que pudessem advir!

Para o atual caso, entre nós, não faltará quem traga a cena a cleptomania e outras nevroses iguais. Eu, porém, rejeito positivamente a nevrose e atiro a responsabilidade do lamentável incidente sobre as condições da sociedade brasileira moderna, a qual, pela sua intransigência feroz em matéria de

luxo e aparato, pela desigualdade do seu trato, calculado sobre as aparências de fortuna, pelas tristezas e invejas que provoca, impele os espíritos fracos ao grau de sofrimento em que a tentação se torna fácil.

Se, enfim, eu fora juiz, não carregaria a minha mão sobre o jovem e infeliz casal desta semana; mas sempre lhes diria:

-Meus amigos, às vezes é preferível usar os sapatos daquele filósofo que andava malvestido ao lado da amiga fidalga, coberta de cetins e pedrarias...

Pois não é?...

A boemia rica desta cidade devia ter um Bossuet que exclamasse quinta feira:

- *Loulou se meurt! Loulou est mort!*

É que, em todas as classes, há uma realeza, e no seu meio excêntrico, dissipador e alegre, Luiz Ferreira de Almeida, o conhecido, o famoso Lulú, foi um príncipe pela fantasia ruidosa da sua larga existência até a sua morte teve o traço venturoso que caracteriza o fim das criaturas fora de todo o convencionalismo estreito das leis e práticas. Morreu por ter desafiado na sua jaula um leão, cujos dentes se lhe enterraram no braço destemido de *sportman*; e se ainda vigorasse e tecnologia elegante de 1880, eu classificaria o *tour de force* derradeiro desse belo rapaz, de desafio de um leão a outro leão. Não tinha lugar na sociedade burguesa, pelas suas extravagâncias, mas todo o mundo o conhecia, todo o mundo admirava o arrojo com que ele desbaratava o dinheiro e a saúde. E ao vê-lo passar

nas suas glórias de boêmio forte, risonho e simpático, mas empalidecido às vezes pelos excessos da *noce a tout casser*, raros deixavam de dizer baixinho:

- Coitado do Lulú! Falta-lhe o pai, falta-lhe a mãe!...

À última hora é desmentida a morte de Lulú... Originalidade sobre originalidade, Lulú resistiu à dentada do leão e assiste vivo ao seu necrológio...

Tanto melhor! E o Bossuet da boemia que corrija a sua oração fúnebre, exclamando:

- *On a dit Loulou trépassé, mais Loulou ne meurt pas, Loulou n'est pas mort!*

Carmen Dolores.

A SEMANA 09/09/1906 [8011]

Bom dia, leitores! Deus vos conceda o feliz repouso dominical, feito de indolência e tédio, que nos conserva vinte e quatro horas sob a deliciosa sensação de um interminável dia de preguiça, adubado com bocejos capazes de desarticular até mandíbulas inglesas – as mais fortes e duras que o mundo conhece na arte de bocejar.

A verdade é que, sob a temperatura africana de 31,4 graus, que tem sido a nossa, e asfixiadas, ainda em cima, as minhas ideias pelos espessos rolos de pó que redemoinham pela cidade inteira, eu sinto neste momento, quando devo divertir-vos com alguma novidade destes sete dias, que só um desejo flutua no meu cérebro de cronista; o de bocejar com a mesma energia britânica que mencionei acima. Mas, que é apenas latino – isto

é, fraco e [ilegível] – contra os repuxões dos músculos?

A novidade começa, entretanto, a fazer-se rara... E conquanto eu sopite os espasmos faciais de meu fastio, nem assim vejo surgir o assunto que corajosamente procuro e esquadrinho. É que o verão já vai chegando a passos mansos, e o seu bafo de forno ardente começa a crestar quando encontra em seu caminho. Desfazem-se em cinza questões de controvérsia, debates artísticos ou literários, malícias palpitantes da vida mundana, tudo o que, em suma, fornece tema para alguns comentários semanais.

Até os delegados do Congresso Pan-Americano vão abalando aos bandos, barra afora, como um enxame de gaivotas dispersadas. Partem umas após tanto banquete, papo cheio e azas robustas; fogem outras, como quarta-feira, em seguida ao belo almoço derradeiro, cujo sabor acompanhou o voo largo sobre os mares.

E cada vapor que sai, deixa nos jornais uma extensa lista de nomes sonoros de retirantes, nomes fidalgos, de uma retumbância espanhola, ou nomes enérgicos, de uma precisão imperiosa, no gênero Root, que pela última vez são proferidos durante a leitura das partidas e depois, pouco a pouco, se esvaem da memória popular, até constituírem apenas um leve traço cada vez mais esbatido e vago, até que de todo se apaga, como o próprio penacho fumarento do paquete em que eles figuram no rol dos passageiros.

E adeusinho, gaivotas!

Dissolvendo-se, porém, deste modo, a *saison* mundana, escasseando festas e regozijos, devemos desde já ir envolvendo as vistas para as serras de

vilegiatura, que de longe nos acenam com o seu refrigerante arvoredo, com a música das suas águas e a fragrância das suas brisas. Eu, por mim, nunca volvo os meus olhos com ansioso apetite senão para elas, tendo fome desses verdes, dessa luz, dessa paz e desse aroma, em que passam fluídos vitais que tonificam o corpo e inebriam a alma.

Contam que um negociante de carne seca virou poeta só de acompanhar o enterro de um amigo ao cemitério de Petrópolis, no mês de maio.

Imaginem quanta estrofe alada não salta então de sub as lousas que recobrem os habitantes fixos desse sítio encantador, tão docemente repousante, tão estupendamente sugestivo! Parece que, em certos dias primaveris, de muito azul e muito sonho no ar, escuta-se não sei que estranho murmúrio de recitativos e cadências poéticas, gênero antigo do *Era no outono...* ou gênero terno: “*Por que choras, bela rosa?*... ou mesmo gênero [ilegível], todos os feitios, enfim, todas as escolas e todas as inspirações, acompanhando misteriosamente o frêmito das ramagens e o palpar das coroas das flores desse lindo local.

E se o campo da morte sugestiona assim o defunto espírito daqueles que lá dorme, que acontecia então aos vivos que, na plena posse das suas forças orgânicas, aspiram a plenos pulmões vigorosos o ar balsâmico, tônico, reparador, embriagante e capitoso dessas serras?

É da gente fazer alexandrinos, poemas, obras de arte grandiosas e imortais – a menos que a rápida

substituição do pó e do fétido da gasolina dos automóveis daqui pela etérea aragem de lá, não traga, como consequência prosaica, mas bem humana, o sono bestificante da reação e do regalo sibarítico...

Ainda é cedo, todavia, para pensarmos nisto. Um bocado de chuva prolongava a estação e ainda temos, de resto, no horizonte a esperança de apreciar e aplaudir o doce trabalho *Pastoral*, de Coelho Netto, que será levado a cena no teatro do Parque, em favor de uma obra de caridade.

Nada, realmente, pode ser mais próprio de uma festa de tal ordem do que esse evangelho em um prólogo e três quartos, em que vozes místicas celebram mistérios divinos na linguagem colorida e de um tão fino ativismo, sob a singeleza aparente do maior escritor do nosso tempo.

Mas depois? Até que chegue a data fixada pelo *snobismo* para o definitivo encerramento do inverno elegante? Depois, meu Deus! a julgar pelo calor principiante e pelas tórridas lufadas com que o vento norte nos vai incendiando os miolos, como na época das grandes queimadas da roça, não nos há de faltar para distração a nota vermelha dos crimes, facadas e estripações, que o verão fartamente sugere.

E até então, leitores, um pouco de paciência com o vazio destas linhas, sim?

A propósito dos cronistas portugueses, na sexta-feira nesta folha um artigo de Luiz da Câmara Reis que me encontrou pela similitude dos seus juízos com os que modestamente alimento no meu íntimo. Porque,

afinal, não há negar que é um prazer encontrarmos aquilo que pensamos desenvolvido simpaticamente, convencidamente, por uma pena adestrada, que justifica assim os nossos conceitos.

Trata-se de João Chagas, o **cronista-mor do reino**, conforme o classificou uma última caricatura da atualidade lisboeta — a voz forte, declara Câmara Reis, que em Portugal mais graceja, mais aconselha e mais belos comentários faz aos costumes, às instituições e as ideias...

Ora, há muito que cada trabalho de João Chagas, por diminuto que fosse, um simples quadro, uma rápida impressão, a curta narrativa de qualquer incidente, dava-me a sensação de um gozo intelectual que eu buscava definir, analisando o processo de arte desses escritos sugestivos. Aquilo era sempre conciso, despretensioso; mas daquilo saía uma claridade que ria e empolgava o espírito. Disse até a minha impressão a um dos homens mais notáveis da nossa época pelo seu talento, acrescentando que das crônicas de João Chagas se levantava não sei que visão da forma inexcelsível de Eça de Queiroz, com as suas finas ironias, a destreza da crítica, a elegante audácia do inconventionalismo das opiniões. E foi justamente por eu ter tido a imprudência de referir-se ao grande Eça, que não encontro no meu distinto auditor a soma de entusiasmo que esperava dele...

Esse amigo tem, devo explicar-lhes, uma falha na sua extraordinária capacidade intelectual: não gosta do autor dos *Maias*... Não gosta!...

E isso parece até monstruoso, não acham? Sim, é realmente feroz, é sobretudo incompreensível, qualquer coisa de mórbido, que não assenta bem na ofuscante lucidez do seu espírito. Mas há tantas idiossincrasias iguais no mundo das mentalidades superiores!

Esse amigo é de resto um clássico, que só aprecia deveras a majestosa correção da ideia antiga, tão fria e tão solene. E o faiscante Eça foi sempre um moderno, como moderno é João Chagas, como moderna é hoje a fisionomia predileta de arte literária, na sua evolução para os moldes leves e cintilantes, que consentem a graça da forma sem excluir a solidez do fundo.

Pois bem: reforçando todas as minhas considerações neste sentido, a propósito dos escritos de João Chagas, publicados algumas vezes no *Paiz*, eu tive a alegria de ler agora o que disse Camara Reys, cujo juízo autorizado confirma plenamente o meu instintivo conceito.

O Chagas tem, efetivamente, aquilo que eu mais preso e menos vezes encontro num cronista: a independência de vistas, a incomparável superioridade de nunca obedecer ao *snobismo* das ideias da época, ao seu interesse individual, o dom supremo, enfim, de jamais se curvar às influências do luxo e do poder.

E, meu Deus! se alguma coisa podia na verdade encantar-me fortemente, era, além da poderosa firmeza das ideias de João Chagas e da agilidade do seu estilo claro e incisivo, essa completa liberdade da sua crítica variada e original, que não se deixa escravizar pela convenção e vai picando com a fina ponta lampejante

do seu florete todas as questões que lhe parecem no caso de merecer esse arranhão. Uma, duas, três! O esgrimista que ele é, fere o ponto que serve de alvo sem hesitações, sem bordejar prudentemente em torno do assunto, apalpando o terreno, consultando primeiro as opiniões correntes, para nunca saltar fora de um certo círculo de coisas convencionais e não desagradar, não melindrar, não parecer isto nem aquilo ao elemento burguês ou ao elemento poderoso da ocasião.

Mas *viva Dios!* a arte sob qualquer aspecto deve ser assim livre, independente, sincera, exprimindo-se como sente, sem rodeios, sem ressalvas mentais e hipócritas, abstraindo finalmente da galeria que vai julgar.

Quem escreve a indagar no seu íntimo a cada instante o que pensarão do que está dizendo, é um cativo intelectual que perde as asas, e não voa mais nunca.

É por essa, independência luminosa e intrépida, levada tão longe, que eu adorei o imitável talento de Eça de Queiroz, que aprecio loucamente as *Farpas*, de ramalho Ortigão, e que amo hoje os escritos de João Chagas, aparecendo em destaque no meio de tantos outros também dignos de nota, mas ao quais falta decididamente a nota de espontaneidade original, que faz caretas aos ideais convencionalistas do tempo.

O crítico vestido de M.Proud'homme, grave e solene, comentando fatos e pessoas com o respeitável servil a tudo quanto representa o número e a autoridade, já não é mais crítico, nem coisa

nenhuma. Contente-se em ser o conselheiro Acácio e escrever tulhas de livros que ninguém compra, e ainda menos lê.

Eis o que nunca será João Chagas, nem ao peso dos anos que vierem; e eu, daqui deste cantinho, eu bato-lhe as palmas mais sinceras e grito-lhe:

- Assim! Muito bem! Eis-te consagrado, na opinião dos próprios entendidos. Mas olha lá que não te estrague a consagração, como a muitos outros que eu conheço...

Dizia Schopenhauer que os homens são entre si indiferentes, mas que as mulheres, por natureza, são inimigas. Basta que se encontrem na rua, para trocarem olhares de guelfos e gibetinos...

Entre nós, Schopenhauer está destronado e as suas doutrinas perderam, felizmente, a importância que a maldade masculina tantos anos celebrou. Ele falava de tais horrores do sexo fraco! E parece que, de quando em quando, por um instinto de reação, aliás inútil, o homem tem prazer em assistir à imolação dos ídolos que adora com excessiva paixão.

Manda-me, porém a justiça confessar que o autor de *Metaphysica do amor* e do *Esboço sobre as mulheres* foi perfeitamente verdadeiro no ponto referente aos encontros femininos na rua. Basta uma viagem de bonde para provar a fidelidade da sua observação.

O veículo segue cheio de moças elegantes, que vão fazer a avenida e pedir uma *bombe glacée a l'orange* no Castelões. Lá a cada instante o bonde para e outras moças sobrem, instalam-se, com graciosos movimentos

De busto, a cabecinha ereta, a mão enluvada de branco corrigindo a harmonia dos cabelos pretos e castanhos.

Analisar, porém, a expressão do olhar com que essas senhoritas se examinam umas às outras, rapidamente, com uma hostilidade surda e rancorosa, que parte como um raio dardejado pelas pupilas de veludo, é compreender a *boutade* do filósofo pessimista e dar-lhe toda a razão. São, de fato, olhares de guelfos e gibetinos...

Carmen Dolores.

A SEMANA 06/09/1906 [8018]

Uns belos versos juvenis nesta quadra de opressivo realismo dão a impressão do fino e leve polvilhar de uma chuva de verão, que rompe de súbito a carregada atmosfera do dia e fulge aos raios teimosos do sol quente em fios longos de cristal frisado ou em mil gotas de ouro e prata, derramando pelo espaço abrasado o consolo, o aroma e o refrigério.

Sente-se a princípio um assombro... A alma, comprimida pelo excesso da civilização, já não entende bem essa música das estrofes, que não é o *fon-fon* dos automóveis, ou o estridente repique dos elétricos, ou o metálico ressoar das picaretas abatendo cimalhas, ou o estardalhaço das carroças de materiais, levando a todos os pontos da cidade os elementos da demolição e da reconstrução... Parece estranha a voz que canta em rimas vibrantes a pompa e a glória dos bosques, a doçura do trinado das aves, a magia das manhãs

cheirosas, a volúpia dos plenilúnios brancos e a onipotência do amor.

Pouco a pouco, entretanto, essa voz começa a distender os nervos irritados; uma sensação de frescura e repouso invade o espírito. E, enfim, a divina música da poesia, que empolga, encanta, bafeja, a carícia, penetra, todo o horizonte como se alarga e misteriosa luz vai conduzindo ao ambicionado e tão distante país dos sonhos, onde a ilusão, de azul vestida, oferece em frágil taça alabastrina o olvido da chata vida corrente.

Podem então trombetear a gosto os *autos* à disparada.

Podem ruir com pavoroso estrondo as paredes do velho hospital do largo da Carioca, semeando pelas ruas, em nuvens de calça, os germens das moléstias que tristemente impregnam durante tão longos anos aquele casarão das suas misérias.

Rolem rumorosamente por ali afora bondes que matam e carroças que dão vontade de matar, e atraí dos ares o fragor das vigas, tabuletas e varandas arremessadas da altura dos mais elevados andares às elegantes vias de maior frequência. A verdade é que ninguém escuta mais isso quando tem diante dos olhos e diante da alma uns belos versos sonoros, cujo ritmo embala...

E eu, justamente, tenho neste instante sob as minhas pupilas o livro de Oscar Lopes – *Medalhas e Legendas*, que constitui, entre os atuais apuros da nossa entontecedora civilização, fumegante como uma locomotiva que vomitasse brasas, a irizada chuva em fios de cristal e pingos de ouro e prata, a que me referi no princípio deste escrito. As

Medalhas brilham e acariciam a vista; as *Legendas* refrescam a alma com orvalho do ideal.

E do *Poema do Amor* saltam chispas, beijos, visões, anseios, fantasias, baladas, desesperos, que abrem na escura uniformidade da vida trivial um vivo clarão de sentimentos juvenis, cujo remate é, felizmente para o autor, a expectativa da mais gloriosa aleluia.

Não me cabe fazer aqui a crítica desse livro do brilhante poeta e contista, que toda a imprensa aplaude e admira.

Fraca de resto seria a minha pena entre tantas outras abalizadas, sabendo analisar devidamente as formosas poesias de Oscar Lopes.

Registro, porém, nesta crônica, a aminha impressão pessoal e, ao mesmo tempo que agradeço ao poeta o seu gentilíssimo oferecimento, ponho em destaque a encantadora sensação artística que os seus bonitos versos me produziram.

Foi para mim a mais agradável novidade da semana, esse livro

A propósito de livros, e já que comecei, porque não dedicarei pela segunda vez algumas linhas ao bom trabalho do Sr. Alberto Biolchini sobre o direito, matéria de que nada entendo, tanto a acho teimosa e intrincada como trilha mal aberta era matagal cerrado, mas que é finalmente indispensável à defesa dos nossos interesses ou... ao ataque aos interesses alheios?

Da primeira vez que aludi a essa obra, declarando-me grata à lisonjeira carta que o autor me endereçou, a referência não saiu por falta de espaço.

Sinto entretanto que devo insistir, e gostosamente me desobrigo desse dever.

O Sr. Alberto Biolchini é um distinto quinto anista da faculdade jurídica, que compilou e desenvolveu com talento as eloquentes lições do Dr. Inglês de Souza, lente da mesma faculdade; e esse livro, escrito com clareza, proporciona ótimos pontos de direito, de muita utilidade para os que precisam consultá-los.

Tal não é o meu caso, em boa hora; mas ainda assim posso apreciar a vantagem de estarem todos eles tão bem enfileirados nessas páginas.

Outra vez agradeço, e releve o autor o meu prudente silêncio sobre a parte técnica da sua obra.

No seu interesse, creia, é melhor assim.

Um pensamento de conhecido filósofo francês declara que a velhice se recorda sempre com imensa saudade dos namoricos da adolescência.

- *C'est le parfum de l'innocence qui nous suit jusgu'au tombeau.*⁵³

E eu começo a crer que em nenhuma parte do mundo esta ideia tem sido aceita como aqui, a julgar pelo ardor com que se cultiva, já não digo na adolescência, mas até na quase infância, essa arte do namoro, cuja fragrância embalsamará mais tarde a decadência da vida.

Chega a ser uma mania, admitida e [ilegível] respeitada pela gravidade das famílias, o que constitui pouco a pouco uma face característica dos

nossos costumes, muito original, exclusivamente brasileira.

Há, por exemplo, em França, o que se chama *passionnette*, sentimento da colegial de dezesseis anos por algum tímido adolescente que lhe faz versos às ocultas, e uma outra vez, nas férias, corando muito, acha o meio de lhe insinuar as quadrinhas entre os dedos trêmulos e frios.

Mas tudo isso é escondido, ignorado dos pais, furtivo e cândido. A menina ruboriza-se se por qualquer coisa; o rapaz continua os seus estudos e cumpre deveres, numa instituição ou com o preceptor ao lado.

O amor bafeja-os, mas não os arreda das obrigações próprias da idade.

A *passionnette*, porém, não pela forma de amor juvenil que se observa nos nossos hábitos. E o *flirt*, aliás já admitido aqui como gênero de importação americana, ocupa também uma esfera diferente daquela em que se enraíza e medra o namorico da adolescência. É outra coisa. É um jogo da moda, como o *foot-ball*, o *cricket*, o *taw-tennis*, que envolve na mesma rede de largas malhas elásticas solteiros e casados, velhos e moços.

Todo o mundo flirta, representa essa comédia elegante do amor-desejo, que exige requintes de faceirice e de provocação mundana.

Mas o *flirt* não se parece absolutamente com o que se tornou uso aqui entre **pequenos e pequenas** – doce nome que recebeu nesta cidade a **inocência amorosa**.

Quanto a *marivaudage*, nem falemos nele. O autor dos *Jeux de l'amour et du hasard* nunca encontraria entre nós, se vivesse, um

⁵³ É o perfume da inocência que nos segue até o túmulo.

terreno favorável para a preciosidade do seu gênero de espírito.

Marivaux jmais faria parte aqui da Academia Brasileira, como fez parte da Academia Franceza, em 1743.

De resto, os **pequenos** nem sabem que ele existiu.

E os outros, meu Deus! os **grandes...** que direi?

O brasileiro não aprecia o floreio das frases em questão de amor, nema reverência galante ao depôr um beijo na mão perfumada da sua dama. E a brasileira não é Celimene...

Abolido, pois, o *marivaudage*, e sendo o *flirt* um jogo *snoob* de todas as idades, fica só de pé, afimde ser analisado, o namorico dos adolscêntes, a que me referi, como começando a cosntituir uma especialidade característica da nossa terra, não é verdade?

Ora vejamos. Desde os doze anos, a menina tem o seu ou os seus **pequenos**; e desde os quatorze, o rapaz tem a sua ou as suas **pequenas**. O fato é aceito e até comentado com alegre ingenuidade pela família de ambos. E quando alguém estranha certa intimidade excessiva entre rapazinhos e meninas à janela, em passeio e na própria casa, a bondosa mãe explica depressa que aquilo é inocente: são filhos com suas namoradinhas, ou filhas com os seus infantis **palitos**.

Crianças! Isso já entrou nos costumes domésticos.

Às vezes, em dias de festa, aparece um meninote suado, vermelho, mas orgulhoso ao peso de mil embrulhos que o mandaram buscar. E a dona da casa, enternecida, diz à vista, abanado-se devagar:

- Este é o **pequeno** da Cotinha... Muito serviçal!

Que sucede, entretanto? O rapaz pouco tempo dedica aos estudos, quando não passas a ser exclusivamente o **pequeno** das **pequenas**; e seu ofício é seguri as meninas, escrever-lhes postais, rondar-lhes a casa, tornar-se por vezes o interesseiro criado de certas famílias menos escrupulosas, indo a recados, carregando capas, fornecendo doces com o dinheirinho extorquido à fraqueza dos pais – tudo isso com o sacrificio da sua educação. No Rio Comprido, é raro passar à noite por algum jardim sem lobrigar um vulto de minino na rua, rente do gradil, rondando, ou igual vulto debaixo de janelas, ciciando para cima, onde se destaca à luz do lampião de gás um infantil rosto feminino.

São praças do batalhão dos **pequenos...**

Na avenida Beira-Mar, em Botafogo, eles marcham em pelotões cerrados atrás das meninas, que a princípio só voltam a meio a cabecita gentil. Em breve, porém, uma delas fromula qualquer apresentação, as mães sorriem com a indulgência – e o bando já segue daí em diante flanqueado pelo imberbe esquadrão, que nesse serviço ativo emprega todas as suas noites, enquanto os livros de estudo mofam em cima das mesas, em casa.

Na cidade Nova o tipo da **pequena** é muito curioso.

De saias curtas, ela oferece à observação um olhar de mulher sabida, lânguido, requebrado e piegas. Mal sabe escrever, porque cedo abandonou o colégio, para se alistar namorada;

mas repenica bemol violão, chora modinhas com grandes *ais!* sentimentais e faz os mais imoderado consumod e postais fornecidos pelo seu menino, que os torna a receber adornados com pensamentos aos quais sobre em arronhos inconvenientes o que falta em ortografia...

Constituirá tudo isso o tal perfume de inocência que acompanha os velhos até o túmulo, do dizer do filósofo que citei aqui?

Não creio; mas que esse namorico de crianças tem-se tornado uma especialidade nossa, é um fato; e que este fato tem lados lastimáveis, não padece dúvida.

Não há muito tempo que um colegial enterrou noutro uma faca, por amor de uma menina de escola. E esta semana, à rua do Uruguai, encontrando-se dois querubins rivais sob a mesma janela, o cacete roncou tão ferozmente, que um deles caiu banhado em sangue e a *pequena* rolou com um delíquio...

Que fazia a mãe?

Segredou-me a fantasia que, no caso de ser aprovado o projeto de lei apresentado agora pelo Sr. Tertuliano Coelho no Conselho Municipal, teremos de ver abrir-se em 1907, no ponto mais central da zona urbana do Distrito Federal, um armazém de roupas de calçados gratuitos para o povo.

E acredito que a minha fantasia tem razão. O governo precisará abrir o dito armazém, para fazer cumprir a lei. Se não, como há de ser? Sem casas para morar, pagando aluguéis exorbitantes quando quer um teto, o povo, que anda mal comido, há de

andar bem vestido à sua casa? Não é possível.

Chamo a atenção dos jornais filantrópicos para essa questão. A *Etoile du Sud*, que tão brilhantemente defende os interesses do Brasil na Europa, e que por experiência conhece as amarguras da desproteção nesta cidade, onde trabalha com ardor há perto de trinta anos, sem outro resultado além do apreço platônico – ela e outros que auxiliem o povo.

Primo, habitare; deinde vestire...

Carmen Dolores.

A SEMANA 23/09/1906 [8025]

E outras pessoas entraram a discutir essa escolha do Sumaré para aquisição de um terreno, onde se construa o refúgio ideado pelo Sr. Turot para o gozo das suas férias, cada ano, levantando-se o parecer que ele devia ter preferido Petrópolis – a cidade dos estrangeiros de mais gosto.

Aí, porém, adeptos de Friburgo protestaram, em nome desta localidade poética, ao que acudiu um inglês “*pur-sang*”, rubro e ofegante, que a preferência dada ao Sumaré constitua uma legítima afronta à Tijuca...

Foi nessa ocasião, por entre o burburinho das vozes opinando pelos sítios prediletos da terra, em cuja enumeração vinham em tropel Santa Tereza, Corcovado, Copacabana, Paquetá, até o Engenho de Dentro e a estação do Encantado, que um compatriota do ilustre viajante declarou com visível sentimento de amargura:

- *M. Turot est parti au bon moment...*⁵⁴

E pôs-se a explicar largamente as suas palavras. Despedindo-se agora, na qualidade de hóspede festejado que só viu a face risonha das coisas e pessoas, o Sr. Turot pode levar intacta a sua feliz impressão de um país na realidade grande e belo; mas se aqui ele ficasse, quanta hostilidade e quanta decepção não se ergueriam talvez em torno dos seus passos! As picadas de alfinete acabariam por triunfar da solidez da sua envergadura.

Ora, uma vez que o Sr. Turot pretende dar-nos a honra de voltar gentilmente a estas plagas, às quais o prenderá como um cabo submarino o título de proprietário num arrabalde brasileiro, estabelecendo o fio das comunicações permanentes entre o Conselho Municipal de Paris e Rio de Janeiro, eu ousou sair da minha insignificância feminina para lembrar ao nosso hóspede e único meio de viver sempre bem, com muita honra, muita glória e muitos proveitos, neste lindo país de céu azul que tanto encantou os seus olhares: é alistar-se aqui na vasta e ilustre confraria do Amém...

Não saberá ele talvez o que isso seja... Mas eu explico.

“Isso” é uma irmandade grande como o exército da salvação, e que se volta exclusivamente ao culto de um certo santo dotado de muitos braços, cujo nome é: Santo Poder.

A única obrigação desses devotos é murmurarem de contínuo: Amém! A tudo quanto emana do prestigioso santo,

cujas mãos, pendentes dos numerosos braços, derramam sem cessar bençãos, dádivas e favores sobre os seus acólitosconvencidos ou que fingem sê-lo; e todos quantos não se filiam à confraria, só merecem apodos e censuras.

Cumpre agir sempre, em frente ao ídolo, como aqueles vassalos de um rei que um dia saiu à rua vestido de um tecido invisível, qualificado de estofado de púrpura e ouro, devendo todos sem exceção clamar com entusiasmo: - Bela túnica! Deslumbrante fazenda!...

E na realidade o rei estava simplesmente nú... Mas quem ousasse dizê-lo, seria marcado com um ferro em braço.

Assim os dignos irmãos do Amém, que passam a vida a dizer convencidamente ao santo nu: “Que linda túnica a sua !” e, além deste doce hábito, ainda têm outro, copiado do regulamento do exército da salvação: levam cantando,cantando, cantando...

Cantam louvores, superioridades; e se há abusos, cantam também os abusos; e se há prepotências, cantam as prepotências, sendo o estribilho de todos os hinos esse tal Amém! que deu nome a vasta irmandade.

Evidentemente, quem é ambicioso e quer fazer o seu caminho na vida, trata de incorporar-se nesse grupo forte – e as obrigações são simples, não acham?

É preciso apenas ter certa finura, para sempre farejar se é mesmo ministro do santo poder, ou amigo do ministro, ou sacristão do culto, aquele de quem o acólito se ocupa. No caso afirmativo e seguro, o irmão inflama-se e entoa com vibrante ardor o aprovativo “Amém!” da senha. Mas,

⁵⁴ M. Turot partiu em boa hora...

no caso negativo, oh! leitores, nem sei como lhes descreva o desdém que explode, nem as ironias que lampejam! O irmãozinho perde até a amável unção, o feitio gracioso, e pega a gritar: - Fora o atrevido ou o tolo!

Outras vezes finge achar esse tolo tão finitamente pequeno, que sopra sobre ele como em cima de um vil inseto, ou então simula nem vê-lo, nem percebê-lo...

Eis porque, para se viver em nossa terra, com honra, glória, paz e muitos proveitosos, confraria do “Amém”, espécie de Cooperativa Mutualidade, que por pouco preço – a simples palavrinha incondicionalmente aprovada – fornece apoio, socorros e remédios...

E foi tudo isso que eu quis lembrar, diante da frase tristemente, justamente apreensiva, sugerida pela experiência do compatriota do Sr. Turot.

Há, entretanto, nesse regulamento, uma condição que o altivo membro do Conselho Municipal de Paris nunca estará disposto a cumprir: é a de andar por cá, junto ao santo poder, na atitude cara aos irmãos dessa confraria: de espinhaço curvo, turíbulo na mão, olhos admirativos pregados nos extravagantes e variados pinotes do santo, inteiramente despido, a bradar:

-Que admirável túnica é a tua, meu santo! E que lindo pontapé na justiça e no direito! Assim, meu santo! Mais ainda! Amém, amém! Só os néscios não te aplaudirão...

E sem jeito naturalmente para isto, é melhor mesmo que o Sr. Turot parta com todas as suas ilusões e só nos volte de passeio.

Mas, até lá, não terão já erigido um altar ao santo poder nas verdes alturas do Sumaré?..

Correu toda a semana sem acontecimentos de sensação, servindo de assunto às notícias e palestras e recenseamento, a baixa do câmbio, a caixa de conversão e festas, sempre festas, muitas festas...

Deus me livre de tocar nas primeiras questões, cujo título simplesmente já me queima os dedos; e quanto ao 4º tema, mencionarei entre os eu variado número de motivos o festival realizado ontem no teatro Lyrico em favor do recolhimento de Nossa Senhora Auxiliadora, pelo fato de ter dirigido a orquestra a senhorita Celeste Jaguaribe de Mattos, do Instituto Nacional de Música.

Nesta época de ardente luta em prol do feminismo, em que uma fidalga como lady Warwick não trepida em pleitear o direito das mulheres ao voto, e jornais e revistas estampam os retratos das apóstolas célebres nesse terreno pelo seu proselitismo, como sejam as Sras Maxence e Hera Mirtel, é de bastante importância que aqui já uma aluna do nosso conservatório empunhe a batuta e maestrina com o desembaraço de um chefe de orquestra e dirija vozes e instrumentos confiados ao seu governo.

Confessemos que é mais agradável à vista uma regente nova e simpática, de cinta fina e “*toilette*” clara, do que um vulto masculino pesadão e calvo, como são em geral os chefes de orquestra, que temos ocasião de apreciar nos teatros.

Só posso, portanto, aplaudir a ideia do organizador ou da organizadora do

festival aludido, que chamou a esse posto uma disciplina do nosso Instituto de Música. Mas, a tal propósito, se as alunas desse estabelecimento têm bastante sangue frio para que uma delas houvesse aceitado esse posto difícil, de responsabilidade e exibição, e se também nunca lhes faltou energia para irem pessoalmente, aos bandos, a repartições e jornais, no intuito de reclamarem contra o que lhes pareceu incorreção ou abuso – como se deve entender a passividade com que toda a classe do extinto e grande professor Luiz Gilland aceitou como sucessor deste o Sr. Amaro Barreto?

Ainda mais: estou bem informada que a incapacidade conhecida desse senhor exige que, a bem das aulas, cujo processo ele de todo o ponto ignora, e afim de que prossiga aparentemente a rotina do ensino de canto superior, venha sempre uma das antigas alunas, mais adiantada, dirigir a lição e mostrar como se faz. E ela vem – e nenhuma das outras tuge nem muge...

Deveras, bem me diziam que o Sr. Amaro Barreto é tão amável e insinuante, que ninguém lhe resiste. Assim realmente parece.

Mas será suficiente esse gentil poder de insinuação para realizar o programa do velho Instituto Nacional de Música, que era o de formar bons artistas brasileiros?

Ora, adeus; o instituto de hoje está sorrindo e cantarolando estes versos de Berenger:

*Tant qu'on pourra, larirette,
On chantera, larila...*⁵⁵

E por tudo isto não vale a pena que ninguém se esforce.

Arthur Azevedo já desanimou da sua campanha em favor do teatro brasileiro, e Osório Duque Estrada está prestes a abandonar de todo a sua ardente propaganda em prol do teatro Lyrico nacional... A verdade verdadeira é que só existe aqui uma coisa proveitosa: é aquela de que já lhes falei, leitores – a confraria do Amém.

E o Sr. Amaro Barreto, ao que me consta, é irmão da ordem...

A propósito de feminismo, há um livro de Marcelle Tinazre, que é um encanto, e deve ser lido por todas as pessoas intelectuais, no caso de apreciarem um romance de sabor moderno, cuja psicologia desce aos recessos mais sinceros de uma alma de mulher. Chama-se “*La rebelle*”. E nunca uma existência de lutador por necessidade, cujas aspirações delicadas reclamavam outro viver, mais fino e mais suave; nunca essa existência de atritos obscuros e de heroísmos ignorados foi mais admiravelmente analisada, do que nas páginas de semelhante livro, escrito por uma pena feminina. Já tem de resto vinte e duas edições esse romance; e a sua autora, que lê continuamente o seu nome em revistas literárias e jornais ilustrados, coma história de sua vida, servindo de texto explicativo as lindas vistas da sua casa, do seu jardim, do seu gabinete e da mesa onde trabalha – a autora,

Se cantará larila...

⁵⁵ Enquanto se puder, lararirará,

casada, rica e feliz, descreve os sentimentos de uma criatura inteligente, mas pobre, obrigada a trabalhar para subsistir, como se ela própria estivesse dentro da pele dessa lutadora.

A nota é moderníssima, encantadora. “*La rebelle*, casada com um indivíduo doente e incapaz de ganhar a vida, jornalista, escreve as seções da moda, da bibliografia, da correspondência, e faz os “menus” da semana, numa revista elegante, chamada “Mundo feminino”. E aí, nesse trabalho diário, apesar de nova e bonita, ela acaba por simpatizar com a questão feminista da atualidade.

Afinal, ela, como as outras no seu caso, teria preferido o amor protetor do homem e as doces servidões do lar; mas uma vez que esse elemento favorável lhe faltou, que remédio senão fazer concorrência ao trabalho masculino, para evitar a fome?

E então, nesse reforço, que desenvolve a energia e o orgulho da sua personalidade, a rebelde e as suas companheiras descobrem que lhes é possível conquistar mais do que o pão cotidiano, a roupa e a casa: elas merecem a independência moral, o direito de pensar, de falar, de agir, e até de amar, como um poder que o homem sempre monopolizou e insistiu em lhes recusar...

Eis aí o feminismo, num resumido programa.

Mas, ai! de nós, ideias são ideias, e a realidade faz timbre em zombar de todas as fosforescências teóricas.

Todo o sonho da heroína do romance de Marcelle Tinazre, toda a sua convicção de poder dispor livremente da sua pessoa, de acordo

com as formas libertadoras da doutrina feminista, toda a sua revolta de emancipada pela luta e pelo esforço pessoal – tudo se esvaiu, de emancipada pela luta e pelo esforço pessoal – tudo se esvaiu, tudo se quebrou, cedeu, diante do cúme absorvente e exclusivista do amante. Foi uma derrota completa de todas as rebeldias e convicções, ficando único vitorioso o amor verdadeiro, o amor forte e belo como a própria vida...

Devo prevenir, para tranquilizar a moral, que essa paixão triunfadora de todos os ideais feministas veio encontrar a protagonista do livro já viúva. O marido doente, que não fazia nada, enquanto a mulher labutava numa redação de jornal, tivera a feliz lembrança de sair para sempre do teatro da vida. E nenhuma cena é mais linda, nessas lindas páginas, do que esta que aqui assina. A pobre jornalista chega à casa exausta de cansaço, sem ter jantado, e obrigada a acabar ainda nessa noite a crônica da moda e a correspondência da revista. O esposo, porém, galvanizado pelo éter, feio, grotesco, repelente, prende-a entre os braços, subjuga-a...

E mais tarde, à luz do lampião tendo comido às pressas, ela escreve:

“- Os tecidos lisos dos costumes de inverno serão substituídos este ano pelas lãs estampadas. A alpaca...”

Mas a pena cai-lhe da mão e as lágrimas descem-lhe sobre a tira de papel...

Quanta realidade!

Carmen Dolores.

A SEMANA 16/12/1906 [8109]

Não exagerava eu, infelizmente, quando, nesta mesma secção, previ há tempos a onda de sangue que regaria as ruas desta cidade, mal explodisse o calor bárbaro de dezembro, assanhando os ânimos e tornando o assassinato um fato quase que normal, repetido não raro mais de uma vez no mesmo dia ou da mesma noite e nas zonas mais diversas, solitárias e frequentadas. Assim está sendo.

Os jornais só noticiam homicídios ou tentativas disso, navalhadas, tiros, vinganças e desforras sanguinárias, rixas, cacetadas – como se dá combinação do álcool, hoje entrado nos hábitos do povo, com a escaldante temperatura, se originasse uma sede feroz de violência e morte.

O atentado contra a arborização dos jardins, das praças e vias públicas, tão cantado dá meses, durante o nosso relativo inverno, teve exatamente o resultado que eu anunciei, incorrendo embora na pecha de nutrir instintos atávicos de macacos ou tamoios: tornou a cidade um foco de luz branca e ardente, que cega, tonteia e alucina. O solo, descoberto e árido, ferve sob os pés, como a chapa aquecida de um forno. Os raios solares descem em todo o rigor causticamente, livres de abrasarem, sem a peia intermediária de uns cimos espessos de velhas e frondosas árvores, estendendo a sua ramaria como chapéus de sol mandados por Deus contra a inclemência dos climas tropicais.

Mas assim é que ordena a estética do momento, não? Assim quer a religião do “chic” e do “amém”, que não consulta o bem estar do mísero

povo, a cair de insolação ou a se exacerbar em fúrias delirantes, sob o efeito patológico desse reverbero assassino sobre cérebros em ebulição.

Pois devem andar contentes os senhores idólatras da aridez... Ela existe atualmente em toda a sua ferocidade africana. Ainda um destes dias, ao fazer a volta do Passeio Público, num elétrico, eu abrangia com a vista toda essa perspectiva brilhante e bem moderna da avenida Beira-Mar, jardim e os minaretes do pavilhão Monroe, alvejando ao sol, dou outro lado. A avenida faiscava e ardia, toda branca, junto a fita espelhante do mar, de um azul intenso, crú, refulgente; o Passeio Público abraçava, sem uma sombra, com as suas relvas de um verde metálico, desprotegidas, sem frescura: e as cúpulas do pavilhão erguiam para o ar de fogo os seus espigões coruscantes, cuja alvura ofuscava, sob a claridade forte. E de todo esse conjunto flamejante, emanava uma sensação tão viva de calor, de desabrigo, de aridez e opressão, que a gente se punha instintivamente a arquejar, como se do peito lhe fugisse todo o fôlego, evocando, por um processo de associação de torturas, a lembrança da escala de um transatlântico em Dakar, quando se contempla de bordo, sob um límpido e ardente céu azul ferrete, a cidade de S. Luiz de Senegal branquejando duramente ao longe, entre magras verduras, sob um sol desabrido banhando espaços nus, descobertos, causticando a vontade, incendiando e endoidecendo. Abaixo as árvores! Venham arbustos!

E até, na ilusão da faina civilizadora, já se trata de mandar vir

pardais da Europa, para alegrarem os jardins com o seu voo esperto e atrevido. Apesar do calor, que arrasta aos moles indiferentismos, alguns chegam a discutir a vantagem de semelhante transplantação passarinhiera, invocando ciosamente os méritos galantes dos nossos tico-ticos e bem-te-vis, que bastam para realce das ramagens d'aqui. Ora, acho eu que o esforço, certamente louvável sob o ponto de vista patriótico, de tal discussão em favor da nossa gentil passada, é perfeitamente dispensável, e por uma razão muito simples: é que os trêfegos pardaezitos, boulevardistas incuráveis, nunca suportarão a canícula brasileira. Nós os veríamos cair, uns após outros, sobre o asfalto ardente, de biquinho entreaberto e asas pendentes, fulminados pelo sol. O melhor, pois, é deixá-los na sua terra, debaixo dos céus clementes, de um doce azul caricioso, cuja claridade beija e não mata, como cá: deixá-los livres e felizesd, saltitando pelos “*boulevards*” e “*squares*” amenos, na impudência encantadora dos seus adsmores e das suas rivalidades – em plena rua, onde as casas são sombra, ou na espessura dos jardins, onde as árvores, quanto mais frondosas (o contrário da nossa opinião), mais belas e admiradas são.

E nós, amigos meus, fiquemos com os bem-te-vis, já aclimados e com a soalheira larga e os seus frutos – que são os homicídios em cada canto da cidade em fogo, bem clara e descoberta, onde pompeia à luz alucinante e rubro pavilhão do crime.

A este propósito, não bastou para encher a semana toda a série de

assassinatos, entre gente baixa, praças de polícia, raparigas de estalagem, carregadores e outros indivíduos da plebe. “- *Sol lucet omnibus*”⁵⁶, não é verdade? Assim os seus efeitos devem produzir-se também em todos. E a sanha da morte subiu de esfera, galgou as escadas de ordi

Ordinário pacatas de um gabinete dentário e foi invadir o coração do doutor em odontologia, que lá em cima se familiarizava com o sangue, arrancando caninos com uma turla ultimamente também canina...

Era o calor que já estava a lhe incendiar o cérebro, de envolta com a paixão amorosa por certa viúva rebelde, cuja labareda lhe ia lambendo todas as resistências do lúcido raciocínio.

Pimpão, encalmado e frenético, o dentista entrou a vociferar o verso de uma serenata usada na Córsega, quando a bem querida risiste aos apelos do seu namorado:

*E ti voglio, ó cara diva
Morta, so non posso viva.*⁵⁷

Entre nós, como na terra das “*vendettas*” célebres, o amor agora não toca baladas ternas em guitarras enlaçarotadas de ouro e azul: o amor impõe, injúria, exige o coração ou a vida, e finalmente badala o “*De profundis*” em lúgubres sinos de bronze cujo rebate espanta Cupido, travesso e nu. São as mãos sinistras das Fúrias que desenlaçam os braços que já se estreitam com delícia. E ao impulso de tais sentimentos, o nosso

⁵⁶ O sol brilha para todos.

⁵⁷ Te desejo, ó cara Diva, morta se não te posso ter viva

dentista foi à casa da sua deidade resistente e desfechou-lhe, nem mais nem menos, três tiros de revólver, ajuntando ainda uma punhalada e ferindo-a gravemente.

Em seguida, mais acelerado com a terrível veemência de tão feroz covardia, o homem tratou de suicidar-se. Limpou o suor e deu-se também um tiro; deu-se depois mais uma facada no peito; mas parece que o primitivo vigor se lhe exauriu, porque de nada disso morreu. Está muito bem.

A vítima, sim, é que ficou nas mais desesperadas condições e veio enfim a falecer, segundo as últimas notícias.

Inditosa senhora! Diga embora Ovídio que o ódio sucedendo ao amor é ainda uma explosão do próprio amor, a verdade é que ela dispensaria bem ter inspirado a paixão que lhe varou o corpo com balas e lhe enterrou uma mâmica nas carnes, roubando-lhe a vida, a preciosa vida! E passou-se esse horrível fato quarta-feira, na capital do vizinho Estado de S.Paulo, onde por vezes, a cujo exasperante influxo os homens se exaltam, deliram e trucidaram os seus semelhantes

Sob qualquer prtexto, por amor ou ódio.

Imagine-se agora aqui...

É o caso de paradiarmos um poeta já de paródia, esse Lyrico Alencar de alemquer, criado pelo cortante humorismo, adote-se a nota de sangue da atualidade:

Dezembro chegou! Matemos

Diz ao apache o sol feroz.

Eu sempre queria que me dissessem os poderes competentes e dirigentes onde a classe média tem de se aboletar nesta bela cidade

reconstruída e próspera – isto é, onde poderá essa infeliz classe encontrar uma casa para residir, onde colocar as suas mobílias, as suas louças, o seu trem de cozinha, para viver enfim sob um teto, como todo o mundo, dispensando os processos árabes de se estender numa clçada com trouxas e bugigangas.

Sim, eu queria que esses magnos poderes me dissessem isso, porque, francamente, as misérias que se tornaram o lote exclusivo dessa classe dos medianos, entre o luxo novo da nossa “urbs”, começam a exceder tudo quanto a paciência pode suportar.

Essa questão da habitação é a mais importante, grave e urgente, que se impõe à consciência do governo. É uma questão capital. Sob pena de que, ao lado dos formosos palácios erguidos com ostentação e alugados por preços fabulosos, se levante a queixa pública, o angustiado protesto de muitas criaturas que, não pertencendo à classe dos pobres, se veem contudo privadas de qualquer conforto, sem asilo proporcionado aos seus meios, condenados ao desabrigo, quando afinal possuem recursos para a decência. Mas é clamoroso, é injusto!

“*N’est pas riche qui veut...*”⁵⁸ E se spo para os ricos há casas de alugar, onde se há de aboletar os que não têm fortuna de sê-lo! Mas respondam...

O outrora, não há muitos anos, os empregados de uma secretaria, oficiais e chefes de secção, encontravam moradias bem razoáveis por cento e poucos mim réis por mês, um conto e

⁵⁸ Não é rico quem quer.

oitocentos ou dois contos anuais, o que lhes permitia equilibrar o orçamento com os seus ordenados. Aceitando a proporção para mais de todos os “ônus”, estabelecida pelo progresso e aceita como justa e natural, embora não aumentem as fontes de receita – demos que essas moradias do passado hoje tenham subido de preço, mas que existam outras, menos confortáveis, pelo aluguel outrora pago, único ainda permitido à bolsa dos medianos. É todavia o que justamente não sucede – e contra tal ordem de coisas é que protestam os desfavorecidos de dinheiro nos vancos e companhias e forçados a se arranjamem cada mês com uma renda certa e pouco larga. Não há quase em toda a cidade habitações por cento e sessenta mil reis, a menos que não sejam os velhos e indecentes casinhas de rótula das ruas Costa e Sant’Anna, a que não está de certo [ilegível] gente limpa e de certa distinção.

O aluguel das casas, agora, parte invariavelmente de duzentos e cinquenta mil reis para cima, animada tal exorbitância pela risonha e fácil condescendência dos abastados, que não acham custoso pagar e aceitam deste modo qualquer cifra, por mais elevada que seja. Ainda ontem eu lia o seguinte anúncio:

Precisa-se alugar um prédio para família de tratamento, em Botafogo, pelo aluguel de 600\$ mais ou menos...

Só isso, *s’ill vous plait*?”

Ora, diante de tão nobre arrojo, de tão rasgado oferecimento, abrindo [ilegível] ao orgulhoso [ilegível] que não está a [ilegível] além do preço a princípio fixado, que resta à

mesquinha, à desgraçada classe dos que, sem serem mendigos, têm contudo de medir o que gastam com o seu passado?

O problema é sério, a menos que o sofrimento do povo não importe ao governo desse povo. E ao Sr. Affonso Penna, que não é *snoob* felizmente, e pode aliás veritariamente outrora, em outra temporada da sua vida pública, como a nossa população usufruía as facilidades da existência, segundo os seus recursos, tendo casas para morar e pão para comer sem os desvarios da luta, ao Sr. Afonso Pena a classe média desta cidade dirige o seu desesperado apelo, por intermédio da minha obscura pena de apagada cronista.

A classe média requer habitações porque enfim tem de morar em alguma parte, não é assim? Ela não pode alastrar-se pelas ruas, indecorosamente, os empregados públicos com as suas sobrecasacas estendidas pelas pedras, as senhoras suspendendo aos ramos das árvores magrinhas os seus vestidos, os seus chapéus, a criada cozinhando o caldo sobre três tijolos, a bacia de banho cheia d’água, esperando as caladas horas da noite alta, quando o guarda noturno cochila no vão de uma porta... Não, não pode...

Que diria a gente dos palácios quando passasse nos belos automóveis trepidantes?

Só por isso, espera merece quem se queixa...

Carmen Dolores.

CRÔNICAS 1907

A SEMANA 06/01/1907 [8131]

Inaugurava-se a Avenida Central, lembro-me bem, quando caiu copiosa chuarada sobre esta cidade e eu assistia às cenas mais extraordinárias que olhos pudessem ver em dia de festa oficial, destinado à consagração do grande melhoramento que outorgou à nossa capital o seu retumbante diploma de centro civilizado.

Assisti à repentina transformação da cidade triunfante em um temeroso *meistron* de águas sujas, rolando furiosas pelas ruas, espadanando-se, dividindo-se em braços mais largos ou estreitos que iam desaguar em outras correntes rumorosas – dificultado pouco a pouco e afinal impedido por completo o trânsito dos bondes e carros, que já boiavam perigosamente sobre essa superfície de oceano lamacento, maralhante, empolado, com um balanço de escaler em alto mar. Do mangue, só apareciam as palmeiras, emergindo da massa líquida.

A rua Malvino Reis era um rio acachoadado, em que nadavam, braceando, aos berros, garotos alegres e nus em uma liberdade de jovens indígenas em nossas florestas primitivas.

O Catete todo e Botafogo inteiro desapareciam sob um lago tempestuoso, cor de sépia, cuja perspectiva recordava a pantomima dos circos tão querida dos petizes, que se representou aqui há tempos com o título de: *S. Pedro debaixo de água...*

E eu vi, mas vi na realidade passageiros de bonde, que voltavam da

inauguração da soberba avenida, imitarem os personagens da dita pantomima aquática, atirando-se e mergulhando nas ondas, de sobrecasaca e cartola, para ganharem a porta salvadora das suas casas.

Foi isto a 15 de novembro de 1905...

Dessa data para cá, entretanto, as cenas que pareceram extraordinárias, tornaram-se ordinárias, comezinhas até; e toda a gente começa a achar naturalíssima a associação do magnífico progresso, tão cantado, com a deficiência dos escoamentos pluviais, a tremenda invasão das marés, todos os males, em suma, das enchentes, outrora raras, hoje sucessivas, repetidas, ao menor aguaceiro de verão. D'antes, com o declívio lógico dos encanamentos para o mar, as águas fugiam por eles; agora com o declívio para a terra, é o mar que deságua em nossas ruas, quando crescido pelo temporal.

Ora isso vai se tornando intolerável!

No dia 30 de dezembro, uma família que tinha um doente febril e ignorava ainda os excessos da inundação em Botafogo, viu-se aos poucos cercada pela água, que subia em proporções assustadoras em torno a sua casa toda, fundos e frente, penetrando aos cachões pelo porão.

Um rio próximo, perfeitamente consentido pela higiene, verdadeira vala de lama em que moleques pescavam peixes lodosos e camarões – esse rio transbordou, empolou, misturando sua cachoeira furiosa às enxurradas da rua. E às 8 horas da noite, nesta rica cidade em que reboam a todos os instantes os inúmeros sinos

da “reclame” e do engrossamento, glorificando melhoramentos, prosperidades, belezas, teve essa angustiada família de transportar o seu doente, que saíra de um acesso de febre, pelo meio das águas espumantes que remoinhavam à roda do seu corpo enfraquecido, para uma casa vizinha, mais alta. Foi uma marcha tétrica, com o doente a tremer, absolutamente como se habitassem as margens inóspitas e alagadiças de algum rio do interior mais atrasado, e não o bairro aristocrático do Botafogo, pagando uma casa cara, impostos, todos os ônus da civilização.

De outros prédios vinham também gritos de terror. Carroças de bombeiros apareceram, por fim, recolhendo gente assustada, que pedia socorro.

Isto sucedeu outro dia, ia se reproduzindo ainda na quarta-feira, talvez já se tenha repetido outras vezes, quando lidas estas linhas – e o remédio contudo não chega, nunca talvez chegará...

O doente que foi obrigado a furar a enchente, para se evadir, piorou muito, como era de se esperar. E a higiene de que se reclamou, com urgência, o saneamento dos porões inundados, nem de longe acudiu...

Assim ficamos, assim havemos de ir vivendo, senão morrendo, a respirar miasmas de lamas pútridas, acumuladas embaixo de moradias.

Mas que importa, não, é?

A nossa Avenida é uma pura glória, os nossos palácios, os nossos largos ajardinados são maravilhas.

Fonfonam os automóveis, prepara-se um teatro colossal de mármore e ouros, para ficar vazio e contentar platonicamente a nossa ânsia de

ostentação que mais podemos desejar, meu Deus?

Venham inundações de semana em semana, impedindo o trânsito público, carregando com os cacarecos da população mais pobre, ameaçando a vida de muita gente, que tais males jamais hão de alterar a beatitude dos astros superiores.

Somente, acontece isto: eu, que ainda gracejei em 1905, eu não gracejo mais em 1907.

Ah! Certamente que não.

Longe de troçar, eu retenho antes a minha pena, que treme sob o acicate da mais legítima e justificada das indignações. *Mais glissons...*⁵⁹

Entre os cartões de festa que neste período me tem gentilmente trazido cumprimentos e amáveis saudações, um me produziu fundo abalo, comovendo meu espírito por meio de umas frases singelas, mas altamente tocantes. Foi o cartão de Francisco José Vieira de Sá. Esse criminoso por amor, pode-se dizer, que enlouqueceu e matou, defendendo esse amor, ameaçado pelos ataques a sua honra, à sua reputação.

Mal sabia eu por ocasião da minha simples visita de curiosidade à Casa de Detenção, que um lampejo psicológico da minha simpatia feminina demorando-se instintivamente sobre Vieira de Sá, provocaria tão lindo e enternecedor movimento de gratidão.

E afinal que fiz eu, pobre moço! Para merecer tais palavras, escritas na tristeza opressiva desse cubículo em que se debate e agoniza a sua ansiedade? Nada, senão exprimir o

⁵⁹ Mas passemos...

meu sentimento acerca da justiça que merece o seu doloroso caso. E esse sentimento – eu o exprimo ainda; e, se me atrevesse, tornaria a pedir, como já o fiz. Que o absolvessem. Que o deixassem ir, pobre dele! Demais castigado por tudo quanto sofreu, está sofrendo e há de sofrer sempre. Vítima do desvario que lhe armou a mão, até esse horrível dia impoluta e honesta.

Ele matou! Sim, mas cumpre analisar com atenção toda essa cadeia de insultuosas calúnias com que o seu rival o ia agrilhoando a um poste de infâmia, onde se despedaçaria o seu futuro de homem e de noivo, a fim de compreender a natural exaltação de uma alma espezinhada cada dia e perdendo gradualmente o domínio sobre si próprio. Não é só a alma que se exacerba em semelhantes casos: são também os nervos esticados e violentados pelo desespero, que, num momento dado, não obedecem mais à ação da vontade e transformam a criatura num demente.

Tem Vieira de Sá para pleitear a sua causa um dos nossos mais conhecidos e notáveis advogados no crime: Crê-lo, porém, que mais ainda do que a eloquência do seu defensor, falará por ele essa doce e incrímosa ternura de sua nova, que não cessa de levar-lhe através das grades da prisão, o divino bálsamo do consolo e da esperança.

Não roubem os senhores jurados a essa triste noiva o porvir que ela sonha ao lado do homem que ama e cujos sofrimentos tem podido medir... Não lhe deixem, finalmente, o atroz remorso de haver sido causa, embora inocente, da irremediável desgraça dele...

Não estamos, por ventura, na época das suaves festas cristãs, em que a justiça, as indulgências e os perdões se afirmam?

E, agora, conversemos em tom mais alegre, leitores meus.

A verdade é que nós, habitantes do Rio, fixos ou de passagem, somos uns grandes simplórios, que levamos a desvendar todos os nossos males para gaudío dos outros, descrevendo as enchentes com que se aprouve mimosear-nos o novo ano, noticiando os nossos temporais, acidentes, tudo.

E isto não é de uma cidade esperta. Não, não é. Tanta franqueza prejudica. Por que não tomarmos como exemplo o lindo centro Petro – mais fortes aguaceiros, não cessa de comunicarmos que o tempo anda por lá tão claro e seco, tão azul, tão radioso, que é mesmo uma delícia viver em tão excepcional região? A gente que lê essas notícias sorri, não pode deixar de sorrir – porque, afinal de contas, sabem todos que ainda aqui não choviscou, já em Petrópolis choveu, e se aqui tivemos carga d'água, lá em cima, então, nem se fala. Já o céu abriu as suas mais largas torneiras.

Todos conhecem muito bem, enfim, essa adorável serra das brumas, que eu, de resto, adoro tal qual ela é, enfarruscada, arrepiada, chuvosa, consentindo o regalo picante de nos enroscarmos com volúpia numa *chaise-longue* da bela Biblioteca Municipal, diante das suas mil revistas e jornais estrangeiros, olhando cair, através das límpidas vidraças, lá fora, o **ruço** alvacentos que nos dá a encantadora ilusão da neve a descer,

da neve, sim, bem friazinha, gostosa e civilizada...

Mas deste gosto, que muitos classificarão de aberração, à credulidade indígena, vai muita diferença, não é assim?

A verdade é que as festas correram por Petrópolis tão molhadas como aqui – e quem soube descrevê-las com uma exatidão sincera e melancólica, foi unicamente o E., correspondente da “Notícia”.

Agora, o que sucede, é isto: o “comitê” de divertimentos está a fazer de Josué da Bíblia, de braço estendido, ordenando ao sol que pare – e todos gritam de uma vez que o sol de fato parou, mas parou mesmo sobre essas doces montanhas e lá se acha imóvel, submisso, enorme e rutilante, enxotando as nuvens com o seu calor, brilhando só para Petrópolis, numa subserviência, não de astro-rei, mas de astro-satélite, como homenagem à força...

Tudo isso, afinal, é engraçado, é risível, não ilude a ninguém, e pois que o mormaço reaparece às vezes, façamos por acreditar que ele é o sol – *et vogue la galère!*...

Mas, por que não imitamos nós essa gente esperta, e consentimos assim que os nossos noticiários falem a verdade e contém as nossas inundações, os nossos temporais, os nossos flagelos? Eu própria...

Deveras, somos uns simplórios!

Neste recente período que abrange o fim do ano último e o tenro princípio deste, uma coincidência se encarregou de unir na mesma glorificação à intelectualidade feminina três destinos

de mulher, que evoluíam nas esferas mais separadas de países distantes.

Em França, Mme. Curie deu sua primeira lição na Sorbonne parisiense, mantida pelo admirável governo francês, nessa cadeira que seu marido ocupara com tamanho renome. Foi uma solenidade brilhante, à qual concorreu toda Paris notável, sôfrego por prestar homenagem à ilustre sábia, que tão dignamente ia substituir o esposo nas suas funções de professor.

E no Brasil, duas senhoras foram nomeadas para o cargo de 2ª oficial do Museu Paraense, dirigido pelo sábio naturalista Dr. Goeldi.

Assim, pois, em Paris e num dos mais adiantados Estados do norte brasileiro, mulheres são distinguidas por uma escolha de seleção que a rotina, outrora, não consentiria que recaísse senão sobre homens. É um passo à frente na senda do progresso feminista. E eu, se me fosse possível, buscaria nas extraordinárias descobertas da eletricidade neste tempo, um meio dessas três mãos que imagino, quero imaginar brancas e finas, mãos de sábia e de naturalistas – se unirem através toda a imensidade do Atlântico que a separa, num enérgico *shake-hand* de felicitações recíprocas, ardentes e vitoriosas.

Ondas glaucas ou sonoras! Levai pelo menos as minhas saudações a esse trio de laboriosas...

Carmen Dolores.

A SEMANA 20/01/1907 [8144]

Os nonagenários resistem mal no calor que lhes acelera a circulação do sangue nas artérias estragadas por um longo serviço – Canais pouco a pouco esboroados pela continua onda da vida a rolar por eles na sua indômita pulsação, e vão desertando este mundo, cansados e vencidos pela destruição final.

Ainda não há muitas semanas, partiu o visconde de Sinimbu, jequitibá do passado, que parecia esquecido pelo tempo; foi-se agora para a eternidade o visconde de Cabo Frio, cujo pálido e gelado aspecto, aliás, já era há muitos anos mais de um morto do que mesmo de um vivo.

Puro engano, porém, essa aparência, feição de família, todos os Amarais assim brancos de tez e de cabelos como feito de uma neve imaculada, os compassados, frios, solenes. A verdade é que no meio de toda essa cancele alvíssima, destacando-se na face de cera, dois olhos negros e penetrantes rutilaram sempre na fisionomia impassível do visconde de Cabo Frio, traindo-lhe a vivacidade íntima do pensamento e da inteligência. Era como ele o irmão que me fez a honra, de antes de ser tão meu amigo – esse João Carneiro do Amaral, da mesma secretaria do exterior, e cuja figura muito alta e muito hirta, diáfana, aureolada pelos mais finos, mais lindos e mais níveis cabelos de prata, regelavam os que pela primeira vez a viam, como uma aparição de legenda. Ele próprio me dizia, porque era no fundo o mais amável e encantador dos velhos: “Eu sinto-me condenado a uma forma de

gelo, quando no entanto cá dentro me palpita a alma mais cálida e afetuosa que se possa ter...”

E era assim, efetivamente. A morte, que lhe sobreveio há alguns anos, não deve ter alterado muita coisa nesse lívido aspecto já de além-túmulo, assim como, provavelmente, não teve muito o que transformar agora na face desmaiada do venerando visconde de Cabo Frio. Apagou-se apenas o olhar agudo e autoritário, que brilhava finamente entre as leves sedas tão brancas da cabeleira e da barba, pondo uma nota de vida – a única! – no rosto macerado, já morto, qual simbólica máscara diplomática de cera.

E assim vão partindo um a um os nossos velhos homens do passado, relíquias saudosas que levam consigo tradições em breve olvidadas, reminiscências, lembranças, ideias de outros tempos, coisas esvaídas que nunca mais tornarão à luz da realidade. *Les vieux s'en vont!*⁶⁰ E os moços, que lhes sucedem, só buscam ser extra-modernos, arrivistas frenéticos, que destroem com ânsia quanto representa a história antiga.

Não importa! Uma coisa fica sempre: é a saudade indestrutível...

São poucas as novidades da semana, não valendo certamente a pena comentar o monstruoso caso desse filho de 52 anos que matou a mãe enferma, diante do neto, por constituir tal fato uma aberração isolada que é preferível sepultar no silêncio, em honra da humanidade.

⁶⁰ Os velhos se vão!

Não seria contudo mau que a mão da justiça pesasse com seu maior rigor sobre semelhante fera, que nem ao menos pode invocar a cólera irrefletida de uma criança, ele próprio chegado às raias da velhice em que se afirmam todas as responsabilidades.

Parece incrível, não é assim? Que haja pelo mundo um miserável ser capaz de agarrar num cacete e vibrá-lo brutalmente contra o seio de onde saiu, até ver esse corpo gasto pelos anos, tão familiar aos seus olhos, tombar desfalecido e ensopado em sangue... É simplesmente assombroso, desnaturado, horrível, meu Deus! E todos os castigos, por maiores, parecerão leves, contrapostos a tão hediondo delito contra a natureza.

O que eu receio, em favor desse monstro, é a incoerência do tribunal do júri, que muitas vezes solta cada criminoso de fazer medo, para condenar severamente algum pobre ratoneiro em seu primeiro ensaio, apanhado a empolgar um queijinho redondo e untuoso, rescendendo e lourejando entre palhas, às portas largamente abertas das confeitarias. E quantos outros caprichos, muitas vezes trágicos, porque mergulham para sempre nas trevas do cárcere criaturas que só pecaram sob alucinação passageira, não por instigação de uma alma perversa e habituada ao crime, e podiam redimir-se, levantadas pela indulgência dos juízes da sua falta! Assim esse infeliz rapaz João Faria Ribeiro, que por fatalidade matou em defesa própria, ainda menor um dos quatro marinheiros que o agrediram, em estado de embriaguez e foi condenado, um pequenote! a 15 anos de prisão celular. Quinze anos!... e um

Abílio Saraiva sai entretanto absolvido!...

Trata-se ultimamente da revisão do processo crime desse Faria Ribeiro, sob o número 1067, tendo dado o mais favorável parecer o Dr. Eptácio Pessoa, quando procurador da república, e mostrando-se não menos benigno o Dr. Oliveira Ribeiro, além de que são todos uníssonos em proclamar as excelentes qualidades desse pardinho, filho família, morigerado, vítima apenas do instinto de conservação que o levou a defender a própria vida, ameaçada por um grupo exaltado de bêbados e desordeiros.

Há de resto irregularidades flagrantes no seu processo, que tive a curiosidade de ler e que o anulam.

Ora, será possível, em tais condições, que mantenham a iníqua sentença? Fora uma barbaridade. Ah! guarde o tribunal do júri o seu justo e inflexível rigor para celerados como Roca e Carleto, como esse atual matricida, sem atenuante para os seus crimes ferozes – mas salve das tristes e contagiosas promiscuidades da cadeia uma alma simples, como a do pobrezinho Faria Ribeiro, que deve volver às claridades sociais. No seu caso, a palavra **perdão**, com todas as mais amplas significações, pareceria tão bela e generosa, tão justa, tão magnânima!

É alias em fatos somente dessa ordem positiva, que não invade os meandros sutis e misteriosos da psicologia, que o perdão tem seu lugar bem determinado - segundo o livro atual de Mathilde Srao, tão moderno e tão vibrante, que se chama: *Aprés le pardon*.

Vale a pena lê-lo, como de resto todos os trabalhos dessa ilustre escritora italiana, psicóloga profunda, requintada mesmo, cuja sensibilidade altamente feminina dolorosa, intensa, destoa de todo ponto do retrato que dela traçou um dia a pena sugestiva de Jayme de Séguier.

Foi em Roma, por ocasião do Congresso Internacional da Imprensa, que Séguier reparou durante um almoço de mil talheres, oferecido no Monte Palatino, em uma senhora vestida de verde, morena e atarracada que se destacava pelas plumas espalhafatosas do chapéu e pela vivacidade excessiva dos olhos, das palavras e dos gestos.

Parece, porém, que nos centros intelectuais da Itália não se presta só atenção às figuras assinaladas pelo *snobismo* dos *cartes* mundanos, porquanto essa dama de uns sólidos 40 anos, em suma feia e de maneiras vulgares, horrorosamente vestida, gesticulando demais, um pouco teatral e **cabotíne**, atraiu apesar disso a atenção do espirituoso jornalista português pelas homenagens de que era alvo no meio de outras senhoras muito mais interessantes.

Devia ser uma celebridade!

E era-o! Era Matilde Serao, a fogosa italiana, que tem imprimido o cunho do seu fecundo talento em um sem número de romances luminosos, admiráveis de força, de sentimento e observação, como *Al paese di Cocagna*, *Addio, amore!* *La conquête de Roma*, *L'aventurière*, e tantos, tantos outros, onde o seu estudo humano vai das mais baixas camadas populares às mais altas e maneiradas regiões aristocratas. Seus quadros da

vida elegante são deliciosos; e, coisa curiosa! Essa mulher de letras que se veste tão mal, enfia nas suas heroínas umas *toilettes* de um gosto tão artístico, tão fino, tão aprimorado, que parecem ideados pela imaginação da parisiense mais *chic* e engenhosa. Não lhe esquece o detalhe de um cinto, de uma joia indo bem com a cor do vestido, de um véu completando a harmonia do conjunto – nada, nada!

No livro em que agora aludo: *Après Le pardon*, há uma *fragolata* – festa de caridade, onde só se vendem flores e morangos – que consente à vibrante escritora descrever toda a magia desse divino parque da Villa Borghese, animado pela clara teoria das *toilettes* brancas, femininas, umas de rica seda, outras de leve musselina, errando sob as árvores seculares (que lá ninguém ousa cortá-las) e oferecendo cestinhos rústicos e galantes enfeitados com laços de fita e cheios de rubros morangos, ou braçadas de rosas escarlates, nevadas, amarelas, quase negras, cujo perfume se evola no ar sutil da tarde azul, muito serena...

Rosas, rosas... morangos, e vestidos brancos, maciços de verdura, fontes que cantam, arvoredos frondosos, uma luz que desmaia em tons de sonho e risos juvenis ecoando em áleas floridas – que combinação de cores e de sons para um artista!

Mas a tese do livro consiste em provar que o perdão no amor e no casamento, após a falta da mulher, é sempre inútil, uma vez extinto o rápido movimento de exaltação que o provocou.

O homem perdoa, mas não esquece, e entra a torturar, a suspeitar

de tudo e de todos, a torna enfim a vida um legítimo inferno para essa que ele julgou redimir com seu fugitivo rasgo de grandeza moral, logo sufocado sob os instintos violentos do ciúme retrospectivo.

O perdão é uma coisa sublime, diz Mathilde Serao, mas com a condição de ser também sublime a alma que o outorga, numa sinceridade completa e absoluta – do contrário, que miséria humilhante e insultuosa para a penitente perdoada! E tal sublimidade masculina não existe. O homem é sempre o homem, apenas reatado o viver normal entre ele, que perdoou, e ela que delinuiu... Vendo-a novamente de perto, malgrado tudo ainda sedutora, nova, com o encanto físico do seu sexo, o furor do marido se reacende, à lembrança dos beijos de amor que umedeceram esses lábios culpados e estremece de seu ódio, julga-se um imbecil, de que o mundo inteiro escarnece e maldiz a cobarde fraqueza que o levou a abrir os braços indulgentes e aceitar a desonra. Ela, por seu lado, após meiga imolação do seu orgulho, embora arrependida dos íntimos d'alma, e contrita, resignada, conciliadora, doce e triste – ela acaba desanimada ou revoltada. E a solução de atroz problema se resume nesta frase desesperada do esposo: que é sempre cobarde perdoar esse gênero de ofensas; que mesmo a uma amante não se deve relevar uma traição; mas, que à mulher legítima que claudicou, é impossível jamais, jamais perdoar...

Esta é a tese do romance de Mathilde Serao, mas desenvolvida com que talento, com que fina e sutil psicologia, bebida no mais apurado

esmerilhar do pobre e confuso coração humano!

Neste momento, o assunto parece interessante e pode ser aplicado a certos casos modernos, no sabor da atualidade, o que faz com que ele não fique deslocado nesta crônica da semana...

Mais insolúvel do que tal questão de amor e perdão, é o caso do Dr. Urbino Freitas, condenado ao cansativo papel de Ahasverus, com o recurso, aliás, de tomar uma passagem fixa no caminho de Ferro Asiático, da Avenida, o que lhe permitirá viver nos domínios ainda não vedados da Palestina, sem todavia sair daqui.

O governo português, de mãos dadas com o brasileiro, e em vista dessa dificuldade de residir o referido médico em algum ponto da terra, deve conceder ao proscrito o direito oficial de passar sua existência em viagens transatlânticas. Comendo e bebendo a bordo, sem pagar um vintém de seu bolso. Poderão também chamar o Santos Dumont, e dar-lhe o Urbino como constante companheiro aéreo, sempre balouçando entre as nuvens, sem nunca descer ao chão... Do contrário como há de ser?...

Carmen Dolores.

A SEMANA 03/02/1907 [8158]

O céu velou-se às vezes, estes dias, compadecido da nossa calcinação, e tem deixado pingar das nuvens derretidas pelo bafo ardente da terra, umas chuvinhas preciosas, que dão vontade à gente de recebê-las sem guarda-chuva, como um carinhoso borribo da providência, em atitude até de agradecimento e pedindo suplicemente **mais! mais!...**

Se porém, vier esse **mais**, quantos protestos em nome da vida *smart*, que requer sol e poeira para sua completa irradiação – segundo a opinião esclarecida das pessoas *up to day!*

O fato é que, por um processo de requintes cruéis, os reservatórios celestes estão retendo a sua dose abundante d'água para a despejarem barbaramente sobre a cidade durante o próximo Carnaval. Vejo a lua minguar, virando para nós a sua estreita face recurva e irônica - mau sinal, dizem as bruxas, quando a lua toma esse ar de troça – e vejo mais os passarinhos a voejarem muito baixo, assim a modo de assustados, com o biquinho voltado para a banda das sociedades carnavalescas, as mais tristes vítimas pode-se dizer, das chuvaradas intempestivas dos três dias de folia.

Como já devem andar palpitando ansiosamente tantos corações chocalhantes, como pandeiros em vibratilidade! Ainda ontem fui abordada por uma jovem cor de ébano, descendente, ao que consta, do falecido Gungunhana, a qual, malgrado as suas formas demasiado desenvolvidas, mesmo protuberantes de um modo anormal, vinha inquirir-

me sobre o tempo que fará no domingo das loucuras. Eu, como cronista, escrevinhando nos jornais, devia sabê-lo... E ela tinha aprontado um tão lindo dominó! Mostrou-me o... Era curtinho, batia-lhe pelos tornozelos, todo de cetineta azul berrante, com uma guarnição de tépidos arminhos estampados, protetores contra o calor tórrido – e entre a manga curta e uma luva branca de guarda civil, também curta, ficava o braço alentado da senhora Gungunhana, negro, luzidio e suarento...

Oh! gritei-lhe, que adorável mascarada! Que sorte vais dar, *puellina*, *demoiselle* ou mais que seja, sem embargo da rotundidade passageira! Mas, não choverá! Mas que importa a ti, aliás, que chova? Nem o azul do teu dominó pode desmaiar, nem o ônix da tua pele desmerecer. Diverte-te, pois à larga e como tu se divertirão milheiros de *puellinas* do teu gênero – abre os diques da alegria e marcha pelas ruas apinhadas de gente empunhando um bumbo ou uma corneta – tanto mais engraçada, quanto mais grotesca te mostrares! E se a chuva desabar, deixa, por Deus! Que ela te escorra em fios pelo corpo e se misture ao teu abundante suor...

Eu, por mim, confesso aos leitores, quisera apenas dispor dos privilégios de Júpiter – dispor de uma nuvem que me isolasse e tornasse invisível, permitindo-me gozar o delírio das massas sem correr o risco de ser asfiziada por elas. Tenho, sim, tenho um velho terror das façanhas de Momo. E quando me vejo numa rua por onde desfilam préstitos ou em que

cabriolam cordões tumultuosos, comprimida pela onda entusiástica dos curiosos, entre altos carros de ideias, patas de cavalo e policiais alerta – toda eu tremo de susto e ponho-me logo a evocar alguma das comédias de Aristophano, onde, no meio de um furioso carnaval de deuses fantasiados, no apogeu da febre do prazer, os riscos cessam de repente, as aclamações se calam e o sopro da orgia se faz trágico. Nas peças do poeta ateniense, é o coro dos iniciados de Eleusis que interrompe a gargalhada com hinos sacros e tristes, mas, na *Divina Comédia* é uma procissão de anjos chorosos, velando a face com as asas alvinitentes, que atravessa subitamente as regiões infernas, forçando ao silêncio os uivos e as blasfêmias.

Pois bem, entre nós, é o conflito de dois cordões rivais, ou o atrito belicoso de duas sociedades inimigas, que transforma num relance a alegria em pânico, a gritaria foliona em berros de socorro, a rua ornamentada e o seu tapete fofo de *confeti* em campo de luta, de terror, de correrias, de apertões, e não raro mesmo de sangue... **Não pode!** é o grito inicial. E desencadeia-se a tempestade popular com a violência de uma ventania nos pampas... Como conclusão – tem havido exemplos – faz-se repentinamente um silêncio trágico: é a morte que passou entre as mascaradas de Arlequim... E lá vai aos boléus sobre braços pintalgados de cores violentas, um pobre corpo inerte e sangrento, a púrpura líquida que lhe escorre das veias por alguma larga ferida...

Eu, pelo menos, já assisti a uma cena de tal gênero, sendo assim natural

que só me agrade apreciar o carnaval no isolamento de uma nuvem. Mas que o meu egoísmo não torne cruel o meu prognóstico. É possível que não chova e desde já vos desejo, leitor amigo, uma esplêndida festa de Momo, um calor *smart*, muita alegria, fanfarras, luzes, tumulto, combates de *confete*, aventuras, intrigas – tudo enfim quanto possa fornecer-vos três dias inteiros de loucura e agitação!

E por falar em loucura, parece que desta vez a humanidade perde um louco, mas que sublime louco! Leão Tolstoi, o grande pensador que, por se esgrimir sempre pela verdade, pelo amor e pela justiça, vai acabando no banimento e no ouvido, a se fundar, com um velho astro nas glórias do seu poente, longo esmorecer de intensa claridade.

Dizem-no moribundo as últimas notícias da semana, e talvez, quem sabe? ao aparecerem essas linhas, já a sua grande alma tenha ascendido às regiões da eternidade, tão luminosas, segundo a consoladora doutrina cristã – ou comece então a apodrecer sob a terra a sua forma humana e com ela aja entrado no nada quanto de mais elevado palpitou no seu ser, conforme as teorias materialistas. O repouso eterno é neste caso a imobilidade na cova de um esqueleto nu, verdadeiro vestígio da criatura que os vermes da decomposição não conseguem destruir.

Pouco importa, porém, estas ou aquelas doutrinas, em se tratando de Tolstoi, porque a imortalidade das ideias dele o colocam a parte. O destino da sua alma, após a morte, é indiferente, quer ela se ale ao céu dos

católicos, quer seja suprimida de chofre como uma função cerebral, à suprema pulsação do seu sangue: outra alma legou ele já ao mundo, que é a essência da sua divina propaganda de abnegação, justiça e solidariedade entre os homens – e essa essência frutificando pela terra, a despeito dos maiores obstáculos, goza desde hoje os privilégios de imortal.

Mas é curioso observar: um gigante como Tolstoi, apóstolo do bem, que votou inteiramente a sua longa existência ao ideal peregrino da proteção aos humildes que sofrem, à bela fraternidade, enfim pregada por Cristo – um filósofo dessa ordem, um espírito extraordinário, vive sempre combatido, discutido, odiado e até perseguido...

Tratam-nos muitos de doido.

A sua própria pátria o afasta, como perigoso foco de luz, inconveniente no regime das trevas do despotismo.

E contudo, qualquer indivíduo sagrado pela mediocridade, imbecil, mau, vulgar e baixo, encontra logo milhares de vozes que o proclamam águia, que o sustentam e o admiram.

É horroroso! E é lamentável, sobretudo, compreendendo-se que o gênio se faça cada vez mais esquivo, raro, raríssimo, em vista do acolhimento que merece das criaturas.

Felizmente que, no caso de Tolstoi, a humanidade que sofre se levante em número superior à humanidade que se regala de gozos para proclamar o bem que proveio do seu misticismo sereno e grave, cujo sonho belo, ardente e vigoroso foi a igualdade entre os homens.

E a sua morte, supremo descambar de um velho astro, será

pranteada nas mais longínquas e diversas partes do mundo – que longe, bem longe da Rússia ecoou pela terra o efeito das suas transcendentais doutrinas.

Salve, sublime louco! Venerando leão moribundo, que de um leão generoso e forte tens até o nome!...

E agora um pulo – do assunto sério para a nota casquinante e leve da novidade. Está-me a impressionar esse jornal irreverente, ilustrado por Calixto e redigido por um grupo de escritores que não são candidatos à Academia do Imortais, que agora apareceu entre nós sob o título flamejante: *O diabo*, e cujo segundo número desta sexta-feira veio ainda mais gaiato e trocista do que o primeiro.

O diabo! Terrível nome! E muita água benta já deve andar a preparar-se em pias de mármore para o exorcizar e mais a Proserpina que surgiu esta semana, vermelha e desenvolta, buscando o infernal esposo, esquecido a esmerilhar com uma indiscrição positivamente satânica os melhoramentos da nossa cidade... pelo avesso...

Confessemos que a ideia, conquanto diabólica, revelou um satanás um espírito muito agudo, perspicaz e sobretudo ansioso de verdade – qualidades que me deixam boquiaberta. Lembrou-se o anjo mau de descobrir com seus olhos furantes aquilo que anda tão bem escondido – e é o real Rio de Janeiro que fica por trás das avenidas de luxo e dos palácios magníficos, com ruas por onde não passam carroças, quanto mais automóveis e carros! e casas que

nunca viram um tijolo em suas paredes nem uma telha em seus tetos...

Admiram-se os leitores? Pensam que é mentira? Pois comprem o *Diabo* e verão pelo óculo desse terrível denunciante as gravuras que representam ao vivo as construções a dois passos do largo da Carioca, onde vivem aqueles que não se podem meter dentro do queijo da fartura. E não os desalojem, míseros deles! senão em que casas e em que pontos há de essa pobre gente morar? Morros, cujo solo é aterrado com lixo e cacos de vidro como ainda há dias o descreveu a pena da brilhante escritora Dona Júlia Lopes de Almeida, no seu artigo *Os abandonados*, e casinholas feitas de tábuas e retalhos e de zinco, eis tudo quanto resta às classes necessitadas neste rico centro de tão cantada civilização.

Mas, ninguém vê isso dos palanques superiores. Só o diabo vê... Vi eu também com os meus olhos apesar de míopes, indo procurar uma casa para morar, *avis rara!* no aristocrático bairro das Laranjeiras, em certa rua que alia ao nome de Cabral um outro que já esqueci, e em cuja extremidade cai em cheio, espavorida e assombrada, n'uma positiva *Place des Truands* de Paris, no romance *Notre Dammé*, de Vitor Hugo, onde se agitava entre pardieiros e mundos erguidos ao acaso sobre montículos de areia, a mais sórdida e sinistra população de infelizes que se possa imaginar...

E bem sabem o nome dessa espécie de praça *des gueux*?⁶¹...

É *Retiro Guanabara*, que une a rua deste nome à do Roso, onde se estende uma longa fila de casas modernas e... não baratinhas, pertencentes ao abastado industrial Sr. Guinle.

Por tudo isto, um bravo ao irreverente *Diabo*, que acaba de aparecer fora de todos os pesados e sacrossantos moldes do convencionalismo servil, que vê, que ouve, que solta a boa piadinha engraçada e certa, e bate nos magros flancos satânicos, com espírito, e esfuzia a bela gargalhada rubra e franca, cujo eco incomoda às vezes umas tantas pessoas acostumadas só ao *amém* das turbas interesseiras... Um bravo e parabéns ao atrevido jornal!

Mas, entre nós leitores, aqui muito, muito em segredo, quais serão os escritores que não cobiçam uma poltrona de imortal e redigem com tanto chiste *O Diabo*?

Palavra que ando intrigada!...

Carmen Dolores.

A SEMANA 10/02/1907 [8165]

No seu lirismo de 1750, Mlle. de'l Espinasse, célebre pelo seu espírito e pelas suas ardentes *Cartas au comde de Guibert*, escreveu o seguinte trecho a propósito da famosa questão: amor e dinheiro, que é de todos os tempos, valendo, porém, a pena apreciar o modo sentimental como uma preciosa daquele século encarava o assunto espinhoso, delicado e sempre interessante, sob o ponto de vista do estudo psicológico.

Diz a amiga de Dalember, com o mais elegante pieguismo:

⁶¹ Dos miseráveis?

Tudo neste mundo é apreciado e pago com dinheiro: a consideração, a aventura, a amizade, mesmo a virtude, tudo, tudo é calculado e comprado, equiparado ao peso de ouro. Só existe uma coisa que fica acima da opinião, sem manchas, como o sol (já agora elas existem), e tendo desse belo astro o calor, que vivifica a alma, ilumina-a, torna-a mais forte, mais comunicativa. Esse presente da natureza – único que dispensa o dinheiro, é... o amor!...

O amor! Sim, que linda e mágica palavra, evocativa das mais fortes, mais deliciosas ou torturantes, mais profundas e inolvidáveis impressões de todas as existências desde as camadas superiores até a região da miséria!

Há um conto encantador de Paul Ginisty, que tem por título *O albergue dos amantes* e transporta o leitor a uma certa pensão, em Veneza, onde se costumam hospedar exilados da família, velhas desqualificadas, párias sociais - todo um grupo heterogêneo de errantes que removem juntos, numa solidariedade passageira, as saudades do seu passado.

E todas essas ruínas da vida maldizem a uma só voz o amor que as arrastou a tanta decadência. Uma célebre cantora, feliz adulada, perdeu a sua posição por se ter loucamente apaixonado por um aventureiro inglês. Um homenzinho calvo amou furiosamente tantas mulheres, que acabou arruinado, desconsiderado e doente. Declara-se um perfeito desgraçado...Maldito amor!

Uma mulher que fora bela, mas nem dissimulava mais os fios brancos do seu opulento cabelo, contava com os olhos marejados de pranto, que tinha um dia abandonado o esposo e os filhos, para fugir com um homem que ela só conhecia pelas palavras perturbadoras que ele lhe dizia ou escrevia...

Não tardou o desengano com as humilhações de uma existência errante, ambos arrependidos, um inferno de cenas e tormentos, até que o abandono a largou no mundo sem lar nem proteção. Ah! execrável amor!

Um homem de máscaras feições sulcadas de cicatrizes, tinha tentado assassinar a amante por ciúmes, e voltara depois o revólver contra si próprio. Ela fugira, ilesa, e ele ficara para sempre marcado e desesperado. Uma princesa real fora encerrada, por ter amado um formoso oficial, numa casa de saúde, como louca; e agora, pela morte do antigo soberano, fora banida e vivia pelo mundo sob um nome de empréstimo, sem ter às vezes com que pagar a sua conta de hotel. Oh! Deus! amaldiçoado amor!

Assim clamavam todos os hóspedes dessa pensão, em Veneza, e depois baixavam as pálpebras, calados, meditando sobre as aventuras lembradas ou chuchurreando cálices de conhaque, último consolo da sua miséria moral.

Eis, porém, que se apeia à porta do hotel um casal de amantes novos e ardentes, que passeavam a sua paixão pela Itália. E imediatamente, olhando esses dois entes moços, tão belos, tão absorvidos no desejo do outro, todos aqueles que acabavam de maldizer o

amor, sentiram-se sacudidos por um grande arrependimento de inveja.

- Ah! se se pudesse recomeçar a vida! Bradavam num só impulso. E a cantora ajunta:

- Eu abandonaria ainda o teatro e a glória pelo meu aventureiro!

Diz o homenzinho calvo:

- Eu amaria ainda todas as mulheres...

A mulher dos fios brancos no cabelo exclama com fogo:

- Por um único mês de febre e de loucura como aqueles que já conheci eu arriscaria ainda o meu destino...

Entre dois **tiés** nervosos, devido às suas cicatrizes, o homem de feições másculas declara que para possuir uma vez a adorada, ele cometeria um novo crime; e enfim a princesa real suspira:

- Cai muito... A verdade, porém, é que só o amor vale tudo – e por uma hora de paixão, pode se desafiar todas as expiações...

Assim, pois, com séculos de intervalo. Mlle de l'Espinasse e Paul Ginisty, se acham de acordo para engrandecer o sentimento amoroso, o que explica e atenua o erro de tanta gente, as claudicações que desesperam a moral e, finalmente, este recente idílio de uma senhora viúva e proprietária no Engenho Velho, que se desfez em queixas em uma delegacia.

Mas, é aqui, neste ponto, que surge a diferença entre os ingênuos lirismos da amiga e depois rival de Mme. Du Deffant, e os realismos da sua época. No dizer da *Bas-bleu* de 1750, o amor é a única coisa que dispensa o dinheiro e paira acima dele; nestes nossos tempos, mais práticos, o amor é, ao contrário, o meio de cavalheiros novos

e bem apessoados de se fornecerem de dinheiro e joias.

Fazem-se noivos ou tecem simplesmente um poema de fingida paixão aos pés da incauta vítima – em seguida ao que, os gentis cavalheiros entram a simular a mais negra melancolia. Tomam atitudes abatidas. Erguem a sobranceiras em forma de acento circunflexo, como à dolorosa procura de uma solução impossível para as angustias que intimamente o devoram. E o resultado não tarda sob o feitiço de meigas e insistentes perguntas: Que tem o adorado Affonso? ou o querido Arthur? ou o mimoso Armandinho? Chiquinho ou Manfredinho? Ele, contudo, abanando languidamente a bonita cabeça, vai respondendo que não tem nada. Segura por fim a mão estrelada de anéis da sua amada e suspira que... se ao menos possuísse um desses ricos anéis, talvez...sim, talvez pudesse vencer a horrível crise em que se debate a sua alma.

Rompe então um grito de felicidade... Oh! pois, era isso, amor?!...

E o mais belo anel passa incontinentemente para a falange propositalmente trêmula de Affonso. Outros mais vão passando, passando, como os patinhos do conto infantil da *Mãe Gansa*, até que se vão todos os anéis e só ficam os dedos nus da crédula namorada, indicio certo para Manfredinho que chegou também a hora dele abalar... E abala. E Ariadne, desesperada, põe a boca então no mundo e chama pela polícia, que manda notícia para os jornais. O terror do escândalo à vista disso, abafa a fúria bem justificável da vítima, que

arrolha os seus gemidos; e Arthur, que contava mesmo com isto, manda fazer roupas no Raunier, enfia na falange agora firme, os faiscantes anéis da ex-amada, e parte intrepidamente, digno e correto, à conquista de novas tolas. Diria ainda que Mlle. de'l Espinasse, diante deste caso e tantos outros iguais, que o amor é o único presente da natureza que dispensa ouro? Mas talvez repetisse ela, como os hóspedes da pensão, em Veneza, como talvez repita neste instante a abastada protagonista do fato desta semana, no engenho Velho – que uma hora sincera paixão vale bem todos os enganos e todas as expiações...

Será assim? Abre-se concurso à resposta.

A verdade é que, leitores, com as efervescidas do carnaval à porta, estes dias tem trazido um notável aumento de dramas passionais, lutas de Romeus e Julietas à pacata sombra de ruas até aqui só habituadas a um sossego burguês, onde a pancadaria e os tiros de dois rivais puseram a nota do alarma através de um gradil – e a raivosa desforra de um marido, que era um modelo de ternura, contra os tédios da vida conjugal, empatando-lhe a liberdade de divertir-se nas festas de Momo, e a sanha das ciumentas em embeberem as roupas em álcool ou querosene, nos mais vários pontos da cidade...

Acrescente-se a tais façanhas provocadas por Cupido assanhado, a febre das ruas e das casas, que já terá explodido em seu maior delírio à hora de aparecer esta crônica da semana, adube-se o concerto com os gritos fanhosos de **mamãe!** soprados por

centenas de bocas e o outro grito mais trágico, mas não menos frequente, de **acudam-me!**... dos esmagados pelos carroções e automóveis! rolando furiosamente pelas vias públicas, e salpique-se tudo isso com pingos de chuva e algumas faíscas elétricas – tereis assim a rápida visão destas vésperas do Carnaval.

Não sei se fazem parte também das surpresas de Momo uns bichos muito feios e muito negros, espécies de enormes baratas cascudas com dois possantes ferrões, que deram agora de se atirar do alto do edifício Castelões sobre as mesinhas da calçada, enchendo de espanto e nojo quem está a prelibar tranquilamente o seu saboroso *spumone* ou seu purpurina trago de suco de uvas. Se trata de uma novidade de momento, penso que a casa Castelões deve recolhê-la prontamente aboli-la, espana-la para longe, destruí-la como está fazendo o Dr. Alfredo pinto a outros bichos, menos repulsivo, entretanto, do que esse a que me refiro.

Do contrário, convidarei os frequentadores da dita confeitaria a desertarem às suas mesas, e seguirem para o próximo *Caminho de Ferro Asiático*, que inaugurou agora um panorama interessante e digno de ser visitado, como seja *A viagem à volta do mundo*.

Fora a desejar mais cidades e menos portos de mar, nessa longa e instrutiva excursão, assim como a noite não se devia fazer tão densa em Veneza, impedindo quase por completo a visão; mas, mesmo assim, há muito que se apreciar nas vistas de S. Francisco da Califórnia e de Valparaíso, antes dos terremotos, bem

como nas perspectivas curiosas do Japão, da China, do Egito, do templo em ruínas de Minerva, em Athenas, e enfim dos portos de Buenos Aires, com a grandiosa obra do seu dique, e Nova York, onde se levanta a imponente e colossal estátua da Liberdade.

Por que não se dariam o luxo original dessa viagem os cordões carnavalescos, nos três dias de folia, mediante o pagamento de uma entrada, bem entendido, aliado à singularidade da ideia, que provocaria aclamações, como tudo quanto é imprevisito, o prazer trocista de uns bons rufos de bumbo Zé Pereira à face nobre, chata e indignada de Memphis ou de algum deus distante dos pagodes chineses?

Ora, posso gabar-me de ter tido uma lembrança engraçada e proveitosa a muitos - e já não é pouco tê-la uma vez na vida...

O caso é quererem utilizá-la...
Quererão? *Dubito quia absurdum...*

Uma nota lutuosa, agora, e bem sincera, embora imprópria do dia, para lastimar o prematuro falecimento de um moço que já ocupou a atenção da imprensa e tem, pois, o direito de ser pranteado em algumas linhas desta folha.

Refiro-me ao Dr. Adolpho Emmanuel de Azevedo Guimarães, filho do comendador Domingos Theodoro, que, na idade de 30 anos, belo, rico, inteligente, vendo tudo a lhe sorrir na vida acaba de baixar dolorosamente ao túmulo.

Não bastara a Emmanuel Guimarães a frivolidade *snóbica* do seu viver de rapaz abastado e elegante.

O seu espírito cobiçava mais do que essas fofas satisfações de vaidades e tinha se voltado para coisas mais altas, como a literatura a arte, a observação fina dos costumes e dos caracteres.

Em vez de inventar figuras de *cotillon* escreveu romances de certo valor para um diletante como esse Jorge Barral, que tanto ocupou a crítica, e um outro, cujo título não me ocorre agora, mas que tem um incontestável mérito, lembro-me bem, a par de algumas incorreções naturais nos primeiros trabalhos, de quem inicia uma carreira, para a qual não foi educado.

Figura tão gentil, finalmente, de artista-fidalgo, cercado na sua fazenda de livros, jornais, revistas estrangeiras, obras de arte, obras de arte, objetos de gosto - e tão querido dos seus, tão novo ainda, ei-lo que baqueia na eternidade!

- Por que, Senhor Deus!?

Todos os meus sentimentos em memória de alguém que foi tão amigo dele, ao desolado pai...

Carmen Dolores.

A SEMANA 17/02/1907 [8172]

Uff! Até que afinal, por este ano, estamos livres de Momo... Morreu o carnaval!

Ouvi-lhe na madrugada de terça-feira os últimos guinchos e estertores, por entre um vago sono de fadiga, em que ainda perpassavam visões de cortejos espetaculosos de huris girando numa apoteose teatral de escumilhas, ouros e luzes, no alto de carros alegóricos, de cordões empunhando estandartes flamejantes, de fanfarras, de bumbos, de berros de toda a espécie – visões tão semelhantes a um pesadelo, que a cada instante eu acordava, estremecendo e levando as mãos à cabeça atordoada e dolorida! Jesus! Que repercussão da algazarra desses infernais três dias de excitação e incoerência!

Rompia enfim a manhã de quarta-feira, quando eu tornei a abrir os olhos e nada mais ouvi pelas ruas, em torno de casa. Tinham-se enfim, calado os bumbos furiosos; calado as vozes avinhadas que entoavam o **Abre alas!**, calado cornetas, clarins, chocalhos, pandeiros, gaitas, falsetes de mascarados, gargalhadas, vozerias, tudo!

Como se um formidável sopro houvesse varrido subitamente da cidade a loucura que lhe enchia as ruas de rumor e extravagância, o mais completo silêncio substituíra toda aquela violenta agitação.

E eu sorri então nas trevas do meu quarto, como se remontasse ao céu da paz, depois desse percurso de tão longas horas na região aflitiva da insânia.

Sorri penetrada de beatitude; pus-me a pensar com imensa alegria que, agora, só daqui a 12 meses voltará para mim, se ainda viver, a obrigação de divertir-me, comprimida entre as ondas assustadoras de povo, asfixiada, ensurdecida, maltratada pelos empurrões, a vista irritada pelos traçoeiros jatos de éter dos lança-perfumes, o cérebro ourado, os nervos crispados e todos os músculos dos pés e do pescoço retesados e doridos pelas longas estações em atitudes forçadas, sobre bancos ou cadeiras, para ver, ver sempre, ver ainda, tornar a ver aquilo exatamente que sempre vimos todos os anos, durante a vida inteira, desde pequeninos: o carnaval!

Se a criatura humana não é um extraordinário animal – que me cortem a mão direita com que tenho o prazer de escrever esta indiscutível, embora triste, verdade!

Uma coisa, aliás, eu ainda não vira: era a Avenida Central assim repleta de ponta a ponta dessa tremenda massa popular que se movia em todos os sentidos, variegada, irrequieta e ... pavorosa...

Confesso que, de uma das vezes em que alonguei o olhar por aquele mar encapelado de cabeças, a que se sentia o surdo frêmito de vagas prontas a se desencadear braviamente, ao menor motivo – um calafrio de terror me percorreu a medula.

Encolhi-me nervosamente contra a parede. Senti-me um átomo insignificante no meio de toda aquela força temerosa – que, de resto, conservou a mais louvável calma, a mais admirável ordem, que possa almejar uma cidade como irrefutável prova de sua civilização. Mas ainda

assim, ordeira e alegre, essa massa acordava uma impressão de respeito e mesmo de medo.

Os bondes é que fizeram da volta de cada qual para suas casas o mais angustioso martírio.

Caminhavam caravanas em busca do apetecido veículo - e nunca havia lugar! Os carros eram insuficientes e os assaltos assumiam caráter verdadeiramente bélico, ocupando seis e sete pessoas o mesmo banco, moças ficando em pé nos estribos, um aperto e uma confusão indescritíveis, agravados ainda em cima pela pilherias de certos máscaras já *good esprit*, por motivo de repetidas libações, de modo que essas viagens de regresso nos bondes representavam uma legítima tortura.

Assim acabou o carnaval de 1907. *De profundis!* E eu, que mal dedicara umas curtas frases ao seu aparecimento, deixando a outros o trabalho ou o prazer de escrever crônicas a respeito, com ou sem espírito, segundo a variedade das opiniões - eu surpreendo-me agora a lançar largamente minha pena neste comentário da semana terrível, em sinal de alívio e júbilo pela terminação dos folguedos de Momo.

Uff! Já não sou mais obrigada a divertir-me!

Agradecida, meu Deus!...

Não faltarei agora ao dever de felicitar as classes dirigentes desta cidade e á ilustre confraria do *Amém*, pelo triste mal que atacou o arvoredado da Avenida Beira Mar, ainda tão novo e belo, coitadinho! apenas infante, ao mesmo tempo que acometeu as palmeiras do mangue, velhas e rijas,

cujas frondes soberbas viviam ali, segundo o verso de Alberto de Oliveira: “Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando”.

Assim pois, velhas ou novas, a epidemia das árvores vai levando-as todas para o paraíso cor de ferrugem; e em breve, os adeptos da calvície urbana terão a alegria de ver todas as nossas avenidas e praças de acordo com a sua estética particular, bem descobertas, lavadas pelo sol, sem um galho de árvore, uma verdura, uma sombra...

Que satisfação, não é?

Ouvi até dizer que em pouco se [falta parte do jornal] entre nós uma festa esplêndida, ...s árvores, como é de uso em ...ais cultos e menos ardentes, ...contudo a sombra é zelada ...privilegio de luxo e bom ? gosto [falta parte do jornal] Mas, ao contrário, pela queda das últimas árvores das nossas ruas. Já o machado subiu à de D. Luiza, na Glória, cuja íngreme ladeira era adoçada pela frescura das espessas ramarias do arvoredado que lhe orlava as calçadas - bem inestimável, preciosíssimo! - e zás! Deceitou todas as copas verdes, em pleno verão, deixando apenas o tronco rugoso, bem rente do solo.

Consta que no Éden novamente descoberto do Sumaré, já clareiras se abrem, a pretexto de alargar a perspectiva. No Passeio Público, é o que vemos: toda a irregularidade pitoresca dos velhos gigantes de cimeira ao sol, cortando o ar com os seus gloriosos e possantes galhos em que se enroscavam cipós antigos, numa trama admirável - tudo veio abaixo, acabou, foi destruído.

Ficaram só as árvores delgadas como meninas comprimidas em coletes *devant droit*, com os seus troncos finos e compridos, bem eretos, palitos espetadinhos com regularidade em toda a extensão das gramas esmeraldinas.

Vê-se perfeitamente através, vê-se a outra banda, os bondes que passam, o defunto terraço, tudo...

E diante da tanta devastação, a mãe natureza deliberou acabar ela própria com o que pareça incomodar por este modo as classes dirigentes de nossa cidade.

Mandou para cá a bubônica das árvores e debalde a junta de higiene acudiu de creolina e outros desinfetantes. Vão agora extirpar todas as nascentes copas minadas pelo mal, e veremos outros tantos palitos enfiados, muito direitinhos, ao longo de toda a Avenida Beira Mar. Será uma original decoração, não acham?

Por outro lado, os trêmulos leques das palmeiras do Mangue, feridos de morte, começarão a oscilar, a pender e a tombar com fracasso, amarelecidos e murchos, lá das alturas onde os agitava o vento. Mas aqui, se os troncos permanecerem, embora despojados das suas elevadas frondes, não será uma linha de palitos que há de ficar beirando o comprido canal, mas sim a mais curiosa e formidável fila de postes negros, severamente perfilados como sentinelas do progresso.

E diante de tal intervenção da inteligente mãe natureza faço questão em ser a primeira que felicite os que pugnam pela eliminação de tudo quanto é arvoredado espada em nossas ruas e passeios, cumprimentando-os pela completa calvície que

proximamente se estenderá, nua, branca e faiscante à luz, por toda a zona da nossa cidade tropical.

Mas cumpre confessarmos que a natureza tem admiráveis perspicácias, não é verdade?

Acabaram de encher a semana o caso chamado da baronesa e o julgamento seguido da prevista absolvição dos assassinos do monsenhor Olympio de Campos.

Sobre o primeiro fato, não creio que haja muito a comentar, tratando-se unicamente de uma senhora, que, por gosto, por caridade, ou por motivos de ordem particular, fora da alçada policial, recolheu ao seu lar o desditoso filhinho de um feroz criminoso, com pleno assentimento da mãe dessa criança – hoje um destroço a rolar pela vida. E se alguém em toda essa história rebatizada merece verdadeira compaixão, é o mísero menino, que dos braços carinhosos que o estavam amparando, voltou à penúria triste dessa vivenda materna, onde agora definhará, privado repentinamente o seu tenro organismo dos cuidados que só uma certa fartura de meios proporciona à infância.

O outro caso, porém – esse do julgamento dos filhos do Dr. Fausto Cardoso – merece especial menção, porque pôs em flagrante relevo a desigualdade que se levanta entre nós, desde que entra em ação o que ironicamente se intitula justiça.

Declaro, antes de tudo, que nunca alimentei prevenções contra esses moços, hoje absolvidos do seu crime, embora também não pudesse admitir a glorificação teatral que, desde o dia do atentado, cercou esse ato nefando de justificativas e louvores. Não.

Juntarem-se três robustos rapazes, na flor dos anos, para sangrar um velho padre em uma praça pública, como a um porco – jamais poderá isso constituir, sob nenhum pretexto invocado, um feito meritório e digno de aplausos.

Mas assim não julgou o nobre tribunal do júri, aceitando como base de defesa a irresponsabilidade dos réus.

Segundo os advogados, “um cérebro acionado por uma comoção violenta, pode guardar por muito tempo o desvario, como um fato permanente.”

Ah! mas se é assim, como então decidem justamente o contrário os peritos que acabavam de proceder a exame de sanidade na pessoa de Faria Lacerda, o jovem e infeliz protagonista do crime passionnal da Tijuca?

Será porque os defensores dos filhos de Fausto Cardoso tinham necessidade de declará-los irresponsáveis, para lhes restituir a liberdade, ao passo que, no caso Lacerda, a acusação, mais forte, porque recebe a influência vingativa de mais fortes, precisa exatamente da lucidez do réu, para fazê-lo condenar?

Sim, está bem claro que sim.

Mas, em tudo isso, onde anda a justiça? Aqueles moços estão julgados, prontos, livres, aclamado o tribunal que os absolveu entre nuvens de *confetti* carnavalescos, o que parece até uma alusão desrespeitosa... Para os outros presos, porém, só o adiamento, a chicana, o indiferentismo pela tortura moral de uma expectativa infundável.

Ora, santo Deus! o atenuante que sempre encontraram para o assassinato do padre Olympio de Campos, foi o

impulso de amor filial, que provocou essa alucinação de sentidos. Mas agora pergunto: e porventura o ciúme, a paixão, o desespero não podem provocar desvairamento igual e a ânsia consecutiva – até instintiva – da vingança?

Que sentimento existe mais alucinante do que o ciúme exasperado?

Todo o crime passionnal se baseia quase sempre nele, e qualquer de nós, que lê serenamente um desses inexplicáveis e terríveis dramas de amor, é muito capaz de se tornar protagonista de outro semelhante, se lhe toca por casa o motivo que desencadeou.

Considerem, afinal: Lacerda amava essa mulher, havia cinco anos tinha as mais fortes e recentes razões para se julgar também amado – e ela, contudo, zombava dele, ia casar com outro... Os dias corriam e a razão do sacrificado fugia com eles...

Oh! como eu absolveria Faria Lacerda, se fosse jurado!

Carmen Dolores.

A SEMANA 24/02/1907 [8179]

Não há dúvida: a civilização galopa entre nós.

Vão chegando todos os adiantamentos, requintes, inovações, audácias, que outrora mal ousaríamos conhecer pela leitura dos jornais estrangeiros e um pouco apimentados discutidos com trejeitos de reprovação – e se os meus pobres avós ressuscitassem, que tremendo espanto, o deles! Um dos mais brilhantes no seu tempo – segundo me contam – porque residia num casarão (hoje se denominaria palácio) à rua do fogo e foi um dos primeiros que aqui arvorou sege com cocheiro e lacaios de libré, pasmaria para os ventiladores dos teatros e das confeitarias, muito murcho e contrariado. Porque foi ele também o primeiro que aqui introduziu um *panká* da Índia, que refrescava a sala de jantar, agitado pela paciente mão de um escravo, sentado no chão, de pernas encruzadas; e à vista de todos os atuais *pankazinhos*, coitado do meu ilustre avô! Agora tão leves, faceiros, inúmeros, já banais gira girando numa independência misteriosa ao alto dos tetos, em cada canto, por toda a parte - esta vista o faria morder os lábios de despeito, empurrando a sua novidade para o tempo das antigualhas.

Coube, porém, a esta semana mais um assinalamento do progresso febril, que atira para frente os nossos costumes, em passadas de *cake-walk*. E o fato recebeu sobretudo uma importância especial do centro de onde partia, casa de educação com um nome pio, consagrada pela sua austeridade e equiparada - já se sabe - ao Ginásio

Nacional, e de cujo seio, todavia, saltou como uma bomba a declaração do seu digno diretor, um monsenhor, *s'il vous plait*, que desde essa data ele deixava de exercer as suas funções sacerdotais...

Um *defroqué* a mais!... sim, porque tal declaração, no fundo, assim publicada em entrelinhas numa folha de circulação e dirigida ao Sr. Cardeal arcebispo, com todas as letras, equivale perfeitamente ao grito sedicioso de: abaixo a sotaina!

Por onde, porém, anda Berstein, meu Deus! que não me acode para comentar o caso em alguma das suas vigorosas peças de teatro? E estou eu aqui a remoer o assunto na minha prosa chocha, que não sabe apresentar em suficiente relevo o alcance estrondoso deste ato público do padre Manoel Lobato Carneiro da Cunha, diretor do Colégio Pio-Americano, em S. Christovão, que sacode ao vento sua batina!...

Mas, que esse alcance existe e se impõe – compreendem-no todos muito bem, não é assim? Uns contristados e desviando cautelosamente a vista prudente, outros sorrindo a meio, e alguns mesmo rindo francamente...

Imagem que o colégio de monsenhor Lobato era um cenáculo religioso, recomendado calorosamente – basta dizê-lo – por monsenhor Molina, o terrível pregador da Glória... Era, e talvez continue a sê-lo, tanto os desencontros se conciliam. O corpo docente dos seus professores é composto de homens distintos, alistados sob a protetora bandeira dessa austeridade de princípios do mesmo estabelecimento.

Os alunos ajudam a missa, dita no próprio colégio, rezam, cantam hinos sacros, fazem-se bacharéis no temor à igreja... E, entretanto, de súbito, é o próprio diretor, um padre! que briga com essa igreja, na santa pessoa de um cardeal de roupas carmesins, resigna escandalosamente as suas funções sacerdotais e o comunica oficialmente a todos os seus amigos, **que devem sabê-lo...**

Se isto não é feito diabólico do progresso, que já nos cabriola por casa, a exemplo de outros países, então não sei!

Resta agora averiguar se não conviria melhor ao caso, que o dito estabelecimento de educação passasse a chamar-se unicamente: **Collegio Americano**, atirado o Pio à pia hoje desdenhada da capela, onde a mão profana do adiantado monsenhor não mergulhará mais a pontinha dos seus dedos, ao lento e misterioso murmúrio das orações em latim.

E uma coisa pergunto curiosamente a mim mesma: não terá o padre Lobato lido o último romance clerical, agora aparecido, que tem por título: *L'abbé Changine*?

Ah! se ele leu, está tudo explicado! Mas, se não leu, que extraordinária intuição dos mais requintados processos do modernismo!

Outra inovação: os delegados de polícia são agora invocados para colar os *ménages* desconjuntados, pela intervenção de um terceiro, que é sempre o D. Juan, tão temido e tão cantado nas rampas de teatro, nas salas, nas ruas, em toda a parte.

Foi essa semana um dominó verde, que andou a ser causa de uma

autoridade ter de assumir certo papel que até hoje, não entrara nas suas atribuições policiais: e calculo o embaraço em que se viu o digno auxiliar do Dr. Alfredo Pinto para... conter o riso, que naturalmente lhe fazia tremer a cada instante os lábios, durante a essa cena a Labiene.

De um lado, o esposo, grave e aflito, queixando-se de que D. Juan por ocasião do carnaval, não cessara de farejar-lhe a mulher, vestido com um dominó verde. E ele apanhara as cartas que atestavam a sua imensa desgraça...

Neste ponto, lágrimas e súplicas ao enfiado delegado, para que lhe seja restituída a perdida felicidade... A polícia pode tanto! Se ela acaba com o jogo dos bichos, por que não acabará também com o jogo do amor ilícito?!...

A autoridade lê as cartas íntimas, cofiando o bigode, e interroga enfim a esposa – dezoito anos, ar cândido e sonso – que responde com a sinceridade ingênua de uma *soubrette* (**empregada doméstica**) de comédia:

Pra que mentir? Eu gosto dele... E “ele” é o D. Juan, o dominó verde, o espantalho do infeliz marido, que volta no dia seguinte, para ser conferido com o sedutor, também convocado, toma o advogado deste pelo venerando pai do mesmo e atira-lhe aos braços, num rasgo patético, invocando a sua intervenção paternal para que cesse o desvario do filho, perturbador da sua ventura conjugal....

Se isto não fornece assunto para um imbróglio do mais desopilante *vaudeville*, é o que os nossos gostos já estão embotados pelo abuso dos condimentos picantes, no teatro. E é moderno, muito moderno,

moderníssimo, isso de um delegado de polícia ser consultado por D. Bartholo a respeito de Rosina, e ter de chamar à sua presença autoritária o conde de Almaviva, ainda de guitarra em punho, para o exprobrar pela sua mania de cantar serenatas à mulher dos outros....

Sim, é mais um passo à frente do progresso, a menos que, pelo reverso da medalha, não seja antes um recuo dos costumes na singeleza do velho passado, que repõe uma autoridade policial destes nossos tempos febris, na pacato e bonacheirão papel de um senhor regedor de aldeia, dos adoráveis romances, simples e suaves de Julio Diniz.

Tudo depende da maneira de se julgar os fatos.

O Nepomuceno, o insigne artista brasileiro, que ainda uma vez ostentou os seus belos princípios de independência no caso de Petrópolis, e mostrou à evidência que é sempre o mesmo espírito altivo e superior, não transgride, e sobretudo não dobra a sua personalidade aos despotismos *snóbicos* da moda.

Nobre cearense! Em cujos olhos geniais rutila o talento, a par da livre isenção de animo, que lhe insufla o sentimento da justiça e da hombridade, com o horror das curvaturas servis.

Já por ocasião das questões do Instituto Nacional de Música, quando nomeado pela primeira vez diretor desse estabelecimento de ensino, Alberto Nepomuceno preferiu pedir tranquilamente a sua demissão desse cargo, a transigir com umas tantas coisas que não podia aprovar. E voltou com a mesma serenidade a ser apenas o professor de harmonia dessa casa,

onde renunciara a autoridade de chefe – e chefe prestigioso.

O futuro deu-lhe razão repondo-o neste posto brilhante com todas as satisfações ao seu melindre de artista consciencioso – e nem outro existe, entre nós, com a sua competência para continuar a obra de Leopoldo Miguez nesse Instituto de Música.

De sonhador, tem ele apenas o bonito perfil nazareno, que a vontade e a energia residem muito bem dentro da sua alma de nortista – e caba agora mesmo de prová-lo.

Uma *coterie* invadiu a linda cidade de Petrópolis e vai avassalando-a inteiramente, cerceando por meio de cabalas toda a liberdade dos que não pactuam com as leis despóticas do seu grêmio. Fecham-se todas as portas, num trabalho lento, mas formidável, aos independentes; e a esta hora, os artistas que d’antes davam, livremente os seus concertos em Petrópolis, compensando assim os prejuízos das concessões gratuitas do seu talento às festas de caridade – esses artistas não podem mais aparecer como concertistas, em virtude da imposição de 50% sobre o ganho do pobre artista, em favor do fundo de beneficência do opulento **comitê** que requer sempre mais dinheiro para divertir seus adeptos.

E, não concordando com essa maneira de agir, Adalberto Nepomuceno, o altivo e fecundo compositor brasileiro, declinou em delicada missiva a honra de tomar parte no festival em benefício do hospital de Santa Tereza, que vai realizar-se naquela cidade.

Alega o distinto maestro que não pode ver com bons olhos o modo

como estão sendo tratados os artistas, os quais, logo que, não aceitam a tal imposição do **comitê** e tentam dar particularmente os seus concertos, assistem à devolução de todos os bilhetes distribuídos, por efeito de bem organizada cabala, e são até obrigados a abandonar a encantadora cidade serrana...

Deram a entender ao nosso ilustre artista que, afinal, ele não é necessário às festas do **comitê**... E eu credito bem que é verdade.

O **comitê** não precisa do talento de Alberto Nepomuceno, embora ele, até este ano, fosse quem abrilhantasse com o seu glorioso e **gracioso** concurso todas as festas de caridade organizadas em Petrópolis pelas mais distintas senhoras.

O **comitê** tem coisa melhor: tem o Marchioro, chefe da banda de música da Cascatinha, que canta a *Cavalleria Rusticana*, e tem o zeloso empregado do correio, a quem muito estimo e aprecio, o Sr. Emilio Pereira, que delicia a alta sociedade com o seu obsequioso e afinado violão.

Para que outros elementos de diversão?... A arte, a verdadeira arte, é sempre exigente e importuna. Requer até, impertinentemente, que a compreendam...

Ainda a este propósito, um voto de louvor a Luiz de Castro, que se mostrou solidário com Alberto Nepomuceno.

Creio bem que ele não tem muitas razões para gostar de mim, mas que importa isso? Imparcialmente, estendo as minhas mãos para o conferencista musical e bato-lhe palmas.

Muito bem!

Carmen Dolores.

A SEMANA 24/03/1907 [8207]

Sempre ouvi dizer que se descobrem as verdades quando brigam as comadres. Mas o caso da semana, aliás bem triste, inverteu o rifão, pois só brigaram os compadres depois de desvendada a verdade - e de um modo terrível, cujo desfecho foi o assassinato de um deles.

Isto me leva a fazer algumas considerações sobre o alcance exagerado que assume nas classes mais ingênuas; e sobretudo na roça, essa questão de compadresco, levantada à altura de uma responsabilidade, de um laço de sangue, de um forte vínculo de amizade e confiança entre as famílias.

Ser compadre da casa, é ter todos os direitos à intimidade mais estreita, que já não explica entradas inoportunas e abre portas, devassa alcovas, intervém nas histórias mais melindrosas, fareja tudo, participa de tudo. Se é o compadre!

E ser comadre, é coisa ainda pior. Incompreensível às ideias modernas, mas que o povo simples e bondoso aceita com ardor e fé.

A senhora comadre tem o primeiro lugar em todas as festanças domésticas, é consultada por ocasião das moléstias, dos casamentos, das brigas, dispõe do afilhado como de um filho e, não raro, provoca desavenças com as suas bisbilhotices.

Aí por fora não se escuta senão isto: **Meu compadre! Minha comadre!** E as meninas vão de continuo passar tempos sob teto protetor desses parentes pelo batismo, numa união que algumas vezes

descamba nos inconvenientes do fato agora ocorrido.

Evidentemente, esse pobre homem de Barra Mansa era um simples, um crédulo, que chegava a passar as rédeas do governo do seu lar, quando empreendia qualquer viagem, como essa de romaria à igreja de Nossa Senhora da Aparecida.

Não lhe passara despercebida certa predileção excessiva do dito padrinho de um dos seus filhos pala mais velha, a desempenada Maria José, na louçania dos seus vinte anos: mas que podia fazer, se ele era o **compadre**, o marido da **comadre**, o íntimo da casa, o conselheiro, o auxiliar, tudo?

E as suspeitas debandavam diante desses múltiplos títulos, como um rancho de urubus diante de qualquer coisa de liso e de aceitado.

O Chico Maria, entretanto, não era só compadre no título, mas também na esperteza: e o resultado foi esse, que deixa uma moça sem honra, quatro crianças na orfandade, e um mísero pai de família com crime de homicídio na consciência.

Mas se pensam que de agora em diante o compadresco vai gozar de menores imunidades, de menores direitos ao credito ilimitado no seio das famílias ingênuas – enganam-se redondamente. O prestígio do compadre já está entranhado nas ideias populares, sobretudo da roça; e este tipo continuará a ocupar sempre, malgrado, todos os abusos e inconvenientes, o primeiro lugar na confiança e na estima, entre o senhor vigário, o chefe político e o coletor.

Pois se é costume!

* * *

Houve de antes um poeta nosso, discípulo de Esculápio, além de cultor das musas, que se tornou muito conhecido por meio desta poesia da sua lavra: “Não me dirás de onde vem/ Que uma flor traduz paixão?” em que ele repetia a indagação a propósito de saudades, de estrelas, de olhos negros ou azuis, de segredos de amor e muitas outras coisas mais, superiores ou prosaicas. “Donde vem que?...”

E por uma extravagância da memória, não cessa essa forma poética de perseguir-me o espírito estes dias, a propósito de uma questão que é bem adversa, todavia, aos lirismos do verso. Mas que fazer contra desconcertos da obsessão? Surpreendo-me, assim, a perguntar a cada instante aos meus botões: de onde vem que todo mundo se queixa do serviço doméstico e contudo, mal se trata da sua regularização, uma grita incontinenti se levanta contra essa tentativa, e surgem protestos, argumentos em favor dos inocentes e infelizes criados, temores pela diminuição da sua liberdade...de exasperar-nos – um movimento, enfim, de incoerência que, francamente, me perturba e desorienta?

Se os criados são, na verdade, tão boas pessoas, tão ativos, tão fiéis e dedicados aos seus patrões, que a simples exigência de uma caderneta atestando um regular proceder, como se usa na Europa, representa uma injúria arrogada à suscetibilidade justa desses excelentes servidores, officiosos ou como os queiram chamar, sem ofensa – de onde vem, então, que as donas de casa se lamentam tanto, os maridos se arrepelem um coro geral

enche a cidade de gemidos e cada boca agoniada suplica uma medida, uma lei, que lhes garanta a comodidade do serviço não lar?

Sou de todo o ponto insuspeita nesta questão, eu, porque tenho a privilegiada ventura de não conhecer as agruras de uma busca e de uma mudança contínuas de criados, mantendo desde longos anos as mesmas criaturas sob o meu governo.

Mas que vejo sob outros tetos? Uma revista de caras patibulares, entrando, saindo, sucedendo-se, roubando, insultando, abandonando a casa nos momentos mais críticos, de moléstias, até de mortes, ou então de festas e visitas – e usufruindo, em todos esses atos, a mais absoluta impunidade.

Já assisti à entrada violenta de uma cozinheira na sala onde jazia o corpo inerte do chefe da família, entre os círios acesos da eça, para gritar que se ia embora e lhe fizessem as contas, porque ela não estava para a maçada de preparar jantar para tanta gente anormal. Bastava de alvoroço... e a viúva, em lágrimas e com a casa cheia de parentes, ainda foi suplicar a esse monstro que ficasse. Mas as lúgubres marteladas do pregar do caixão mortuário ressoaram de envolta com o furioso tinir da louça, que essa cozinheira atirava lá dentro aos resmungos, num total desrespeito à solenidade daquele ato supremo.

E não há de haver repressão para entes dessa espécie?

Tive o ensejo de acompanhar há dias uma amiga a certa agência da rua Sete de Setembro, pertencente a um velho legendário que acode ao nome de Guimarães – e confesso que recuei

de pavor diante das fisionomias que atulhavam aquele estreito e mal cheiroso recinto.

Parecia um cenário dantesco, positivamente, com negras cínicas arrimadas à parede, numa atitude mole ou então de desafio e arrogância, e espanholas, portuguesas, italianas de caras impudentes, sentadas em círculo e escarnecendo os pretendentes numa gíria baixa e torpe, enquanto aspirantes a criados, num sórdido e pestífero grupo masculino, evocavam os tipos mais repelentes da Casa de Correção.

E era entre aquela gente, que os patrões tinham de escolher os seus serviçais, baixando as pálpebras ante olhar canalha de todos eles – e sem a mínima garantia para os aceitar no interior do seu lar, entre as suas pratas, as suas joias e ao lado dos seus filhos.

Pois bem, diante desse espetáculo que se repete em cada canto, que todos conhecem, lastima, e justifica perfeitamente a queixa geral da nossa cidade, é lícito admitir que esse protesto que se levanta em defesa dos mesmos criados, apenas se cogita em organizar um modo conveniente o serviço doméstico entre nós?

Palavra de honra que não posso compreender semelhante filantropia, que pleiteia com simpatia os interesses de criaturas necessitando da mais urgente repressão, e assim prejudica as classes respeitáveis, que continuam ao abandono nesse terreno, gastando inutilmente o seu dinheiro e lutando dia a dia, sem jamais encontrarem um remédio para esse papel de vítimas dos seus subalternos, pagos do seu bolso.

Pois uma caderneta com o atestado dos antigos amos, não seria, além de bem inofensiva exigência, um

testemunho da boa ou má conduta dos criados, como base de qualquer contrato novo? E quando mesmo uma ou outra injustiça, uma ou outra vingança de patrões, presidissem algumas dessas atestações, não restariam as demais pra generalizar um juízo a respeito, ao menos, da simples moralidade do empregado, estabelecendo uma garantia para sua admissão?

Repito: não compreendo esse interesse pela liberdade da criadagem, que hoje representa a praga mais indecente da nossa capital.

Livre já é ela demais: até desenfreada. E assistindo, como ainda esta semana, ao calor de defesa que logo explode à notícia de qualquer melhoramento projetado nesse sentido, não posso impedir-me de evocar a forma lírica das múltiplas indagações do nosso antigo vate baiano, e a todo o momento pergunto a mim mesma, variando o tratamento: “Não me dirão de onde vem/Tanto amor pelos criados?...”

E, como devem rir-se da nossa generosidade os **Scapins**, as **Martons**, todas essas caras rapadas cínicas e patibulares, que devassam as nossas gavetas!...

Anunciou sexta-feira a Gazeta de Notícias que foi aqui fundada uma associação protetora das moças solteiras, com estatutos, já a sua sede estabelecida e sócias, naturalmente muitas sócias... Oh! uma aluvião de sócias... Se a associação é casamenteira e oferece um dote às associadas que se casarem!

Estamos a ver o sucesso triunfante da ideia, caso não se trate – o que

também é possível – de algum espirituoso *canard*.

Eu, porém, acho que a inovação é dispensável, em vista do desenvolvimento prodigioso da liberdade que o americanismo tem trazido entre as nossas gentis senhoritas. Seria até curioso assistir à estupefação de algum nosso avoengo ressuscitado se mostrássemos aos seus olhos aturridos a evolução *yankee* dos modos da moça solteira atual, na sua independência de mover-se, de julgar a vida, os pais, tudo, e de *flertar* e procurar livremente um marido, após os mais variados e repetidos ensaios, com passiva aquiescência da família.

Por toda a parte nós a vemos, galante e viva, desdenhosa dos mais velhos e agindo exclusivamente de acordo com lei dos seus caprichos. Neste ponto, houve até uma completa alteração de hábitos na nossa sociedade, triunfando a nova e audaciosa América da velha França espiritual, na personalidade sedutora da mulher de salão, já feita e casada, deslizando com passos de rainha entre uma corte que respeitosa, que lhe admira a graça e He escuta a conversação fina e levada. Este tipo acabou... *La femme à Balzac, quoi!...* E venceu a *miss*, que não sabe conversar, mas ri e mostra os dentinhos brancos, diz tudo quanto lhe passa pela cabeça, joga o *lawn-tennis*, o *croquet*, despreza convenções e sentimentalismos, ouve enormidades, e desenvolta com arte, é alegre por tática, e evolui dia a dia na glória da sua livre impunidade, desprezando outras, muitas vezes mais lindas mas cuja posição de casada já não lhes faculta as mesmas imunidades. A este

propósito, apreciei uma cena característica. Uma encantadora moça de vinte e poucos anos, mas já viuvinha, recusava-se, por cansada, a tocar mais tempo para fazer dançar, e pedia o concurso de uma senhorita, mais velha e mais feia do que ela, ali presente. Mas a *miss* empertigou-se, indignada, e respondeu com aspereza: “eu tocar? nunca, que sou moça e vou dançar...Tinha graça!...”

E ficou a deliciosa viuvinha condenada a divertir os outros, pelo fato de já ter tido um marido, o que lhe dava um diploma de senectude desprezível...

Em vista deste estado de coisas, para que mais uma associação protetora de moças solteiras? Acho-a bem inútil...

Carmen Dolores.

A SEMANA 31/03/1907 [8214]

Correu ainda uma vez a Semana Santa, com seus mistérios, retiros e jejuns; os esquifes abertos em cada igreja, mostrando o corpo inanimado e lívido do Senhor Morto, no seu sudário roxo, e as romarias aos templos iluminados, as prédicas de lágrimas, as consagrações de cada ato da Paixão, até que hoje raiou o resplandecente dia em que Jesus ressuscitou e se apartou dos homens, para do céu velar por eles.

Depois de um pesado silencio convencional, todo um bimbalar de sinos que parece renovar o prazer da vida e do ruído. Há por todo o mundo cristão um movimento de alívio e consolo, intraduzível suspiro de bem-

estar que exalam milhões de peitos humanos, desafogados pelo final da lendaria tragédia, cujo sopro atravessa os séculos e vem cada ano entenebrececer e abalar o espírito católico, durante sete dias inteiros de suspensão da existência costumeira, febril e alegre.

E a reação excede os limites maoris, para abranger prosaicamente o terreno material: O estômago folga, o estômago resfolega e dilata-se de contentamento, vendo findar o triste regime de peixe e de bacalhau, embora com os mais variados molhos, a que esteve condenado. Triunfante na sua animalidade voraz, ele requer o bife, a bela costeleta sangrenta, tantos dias ausente; e diante desta violenta desforra, a dispepsia encolhe as asas amarelentas e arrepiadas, numa amarga retirada, mas ainda se volta com um aceno malévolo – e este aceno significa: deixa estar, que aí ficam vestígios meus...

Como quer que seja, passou mais este ano a Semana Santa, com todos os seus ritos tradicionais: e quantos de nós já não se dobraram às práticas estabelecidas pela religião, estendidos por sua vez num esquife mortuário – mas esse privado dos privilégios divinos, jamais se abrindo gloriosamente para a eterna ressurreição entre cânticos angélicos e brados humanos de júbilo e esperança! É um esquife de tampo bem leve, todavia, simples madeira contraposta à espessa laje do túmulo de Jesus: mas, se o espírito se evolva, o corpo carregado de pecados jamais consegue erguer as tabuas que o comprimem, e ali fica eternamente, e ali se consome e se desfaz, como os ossos agora

encontrados nos terrenos devolutos da rua Conde de Bonfim.

Neste caso, porém, a ressurreição não se teria afirmado, zombando das leis que agridem o despojo humano à terra imunda?

As raízes de uma mangueira penetraram nas caveiras enterradas, atravessaram-nas, sugaram-lhes a derradeira seiva na derradeira podridão – e dali, daquele monte de ossadas, a árvore rebentou e cresceu, mais bela e florescente, mais pujante, fortalecida pelo húmus sinistro, fecunda em magníficos frutos sumarentos, vida luxuriosa, explodindo a morte e realizando a ressurreição que hoje canta em todos os repiques de sinos, no espocar dos foguetes, na luz do sol, nos hinos sacros e na alegria do povo...

* * *

A propósito de coisas religiosas, fui conhecer nas ingênuas regiões caxambuenses o sacerdote que mais fundo feriu a minha alma e lavou-a ao seu aspecto simplesmente de todos os meus velhos ressentimentos, de muitas das minhas hostilidades, e amarguras, brotadas em um meio fatal onde o culto à igreja foi transformado no exercício das mais odiosas intrigas, no incentivo à vaidade, à maledicência e ao ódio. Nestas condições – é bem fácil compreender – um espírito observador, que recebe a influência da opressão exercida e analisa friamente, lucidamente, os processos da parcialidade clerical, de braço dado com as injustiças, e as incoerências do esnobismo mundano, não pode deixar de rebelar-se, ulcerado e descrente. Deus anda tão longe de tudo isso!

A palavra de tais ministros de Jesus Cristo perde inteiramente o

prestígio da verdade, uma vez que aconselha do púlpito os sentimentos que justamente faltam àqueles que todos esses sacerdotes cobrem com a sua mais larga, mais ampla e mais afetuosa benevolência. Torna-se claro que a virtude que eles reclamam é dispensável para merecer o apoio da igreja, sendo apenas necessário ter dinheiro e importância para granjear o benefício superior.

Ora, repito, diante desta desanimadora evidência, o espírito que estuda, observa e sofre encolhe-se, desiludido, e sente a sua fé combatida pelo ressentimento mórbido e azedo, que acampa no coração magoado. A luta é inútil. Ninguém conquista a confiança machucando com desigualdade e desvendando mesquinhez, cálculos e hipocrisias.

Pois bem, fui conhecer em Caxambu um verdadeiro, santo padre, monsenhor Marcos, vigário de Baependy, onde há trinta anos ele ensina aos seus paroquianos os preceitos da genuína religião de Cristo: e confesso que esse velho sacerdote me conquistou inteiramente. É de resto um artista, que admira na natureza o belo de uma linha, de uma forma e tem cultivado intuitivamente na sua arcaica igreja de Baependy a arte da arquitetura, tomando por modelos as nossas flores, as nossas plantas. Ele próprio desenha os motivos, uma linda piteira, de rijas folhas metálicas, as nossas variadas avencas, um original cacho de parasitas, o cálice muito puro de um lírio alvejando à beira de um córrego, folhagens rendilhadas da nossa mata selvagem: e um pessoal já educado executa a sua planta, ele próprio ajuda,

corrige, embeleza, de modo que seu velho templo apresenta o aspecto mais curioso e mais artístico que se possa imaginar.

É de mais um lindo velho, esse monsenhor Marcos, todo branco e rosado, macio, amável. Com todos, desde tropeiro até o potentado da terra, e instruído, analisando com finura um livro ou um caráter, um artigo de jornal ou uma frase de palestra – e bem sincero apresentando a religião sob uma face tão atraente e elevada, que é uma delícia ouvi-lo.

Ceguei a dizer-lhe, conquistada e humilde, beijando-lhe a bonita mão sacerdotal, untuosa e branca: “Ah! monsenhor, se todos os ministros de Deus fossem feitos à sua imagem, quanta gente convertida!...”

Ele sorriu-se finamente, e respondeu: “A religião deve sempre ser amena, para atrair os corações...”

Vi-o descer do trem na estação de Pouso Alto, onde ia celebrar uma cerimônia festiva: e a sua despedida foi cavalheirosa, nobre, com um rasgado cumprimento fidalgo do seu grande chapéu clerical.

Onde aprendeu aquele velho padre da roça esse gesto tão belo, essa larga maneira de saudar? Só na sua alma de artista, conselheira intuitiva de todas as elevações. E acompanhei com um doce olhar enternecido a sua veneranda figura, caminhando ao longo da plataforma do trem – a sua figura de padre, cansada e digna, tão branca e tão simpática, que talvez meus olhos jamais tornem a ver. E quando ele desapareceu, surpreendi-me a murmurar sentidamente: Por que não são os outros padres como monsenhor Marcos, vigário de

Baependy, a arcaica, a silenciosa e distante cidade mineira.

* * *

Parece-me que a ocasião em que escrevo estas linhas desculpa bastante a sua feição eclesiástica, oportuna na Semana Santa.

Agora, porém, que já findou o sábado de Aleluia, com os seus condimentos carnavalescos, enxertados pelo último modernismo; agora que também caminha para o seu termo o domingo da Ressurreição, encerrando as cerimônias convencionais, creio que podemos passar a outros assuntos mais profanos, não acham leitores?

Um que me está a cair do bico da pena é o referente ao regime Vidigal, que o Dr. Alfredo Pinto, ou as autoridades à s suas ordens, estão renovando entre nós, com prejuízo de todas as liberdades de uma cidade civilizada como a do Rio de Janeiro quer prezar-se de o ser. Quem não conhece o tipo de Vidigal, pelo romance que o imortalizou, sob o título: *Um Sargento de Milícias*? Mas nesses tempos, a capital principiante podia aceitar arbitrariedades e abusos, despotismos, absurdos, vexames; mas agora, no pé em que estamos, voltar a ordem de recolher às 10 horas da noite, como na época do famoso sino Aragão de S. Francisco, e serem conduzidas às delegacias, para averiguações, quaisquer senhoras ou mulheres sós, retardadas por alguma imprevista circunstância ou qualquer homem que, ao banco de um jardim?

Não! isto é simplesmente inadmissível.

Há dias, duas senhoras que voltavam de visitar um doente e

esperavam um bonde de S. Christovão, já atrasado, forma abordadas por um guarda, que as avisou de terem batido 10 horas... Ele seria obrigado... E elas, apavoradas, tiveram de pedir a um conhecido cavalheiro, ali também aguardando o seu bonde da Tijuca, que lhes consentissem fingirem-se da sua família. No Botafogo, duas raparigas que corriam a uma farmácia, às 10 horas e meia, por ordem dos patrões, para buscarem um remédio urgente, viram-se perseguidas pelo rondante. Quase não puderam voltar para casa, malgrado as explicações – e tudo isso representa um absurdo ridículo da forma de coação da liberdade individual, que um grande centro como este não pode, não deve aceitar, sob pena de voltarmos aos tempos coloniais em que o Vidigal mandava e dispunha, como um chefe supremo.

É curioso que a moralidade exija que uma senhora só arranje sempre um acompanhador, quando, ao se recolher de um jantar em casas familiares, às 9 horas da noite, ela veja o seu bonde demorar-se e gaste mais tempo na viagem, ou more longe do ponto de onde parte, de modo que a chegar em casa após as dez.

Mas imaginem o suplício! A cada volta do ponteiro do relógio, consultado avidamente, o olhar feminino relanceia, angustiado, pelos passageiros, e o pensamento indaga: “a qual destes suplicarei que me siga, grande Deus?...”

Será este o resultado das novas medidas vidigalescas, podem ter certeza, e nenhum outro...

* * *

Mme. Emile de Girardin, a cintilante e espirituosa cronista,

Delphina, Corina, visconde de Launaz, e tantos outros pseudónimos que se resumem na individualidade da mais encantadora mulher que fez as delícias do Paris literário de 1834 a 1855 – escreveu uma deliciosa comédia para o *Theatro Francez*, que se chamou *La joie fait peur*.⁶²

Pude ver essa peça nesse mesmo teatro, em Paris, e por esse conjunto de incomparáveis artistas da *Comédie Française*, cujo jogo constitui o mais fino, o mais puro regalo do espírito, dos olhos e dos ouvidos, do espectador. E o seu enredo me voltou agora à memória, lendo sexta-feira, sob o título de *Alegria que mata*, a notícia desse marido que tinha a esposa no hospício e, ao receber a comunicação que ela estava em via de restabelecimento, perdeu a cabeça, entrou numa grande exaltação de felicidade, caiu de uma pedreira e afinal... morreu.

Será pois verdade, meu Deus! que uma suprema alegria faz medo e o organismo humano, forte contra as vibrações da dor, é todavia fraco contra as explosões de uma inesperada, de uma viva e intensa ventura?

Triste lei a nossa: o sofrimento nunca surpreende; o júbilo, sim, o júbilo sobressalta, enlouquece e mata.

É tão raro!

Carmen Dolores.

⁶² A alegria faz medo.

A SEMANA 07/04/1907 [8221]

O ilustre M. A. da *Notícia* saiu a campo, na sua *Ordem do dia* de quarta-feira, em defesa da classe dos criados, ao seu ver tão ameaçada na preciosa liberdade por umas vagas ideias de cadernetas e atestados, que andaram a correr por aí, como bolhas de sabão, logo desfeitas.

E a voz autorizada do distinto escritor não terá contribuído pouco para varrer dos nossos horizontes essas leves bolas irisadas de reflexos verdes, cor da esperança, que muitos olhares já seguiam no ar com interesse e ansiedade.

Francamente, porém, não me parece que M.A. tenha procedido bem a representar assim de Eólo, soprando tão antecipadamente sobre as pobres bolhazinhas esverdeadas, sem lhe dar tempo a criar impulso, força e resistência na sua trajetória entre os habituais obstáculos, nascidos da rotina sentimental.

E penso assim, porque me apoio na observação dos fatos – e os fatos deixam bem claro que a nossa vida doméstica não pode, não deve continuar como vai, sob pena de perdermos os foros de civilizados, malgrado a Avenida e o Theatro Municipal.

Se a existência compusesse só de grandes rasgos de gênios ou de sentimentos, de ações sublimes, de satisfações intelectuais, de puros gozos no domínio exclusivo da Arte e do Belo, compreende-se que essa questão de criados fosse até ridícula, além de desnecessária. Quem afinal se lembra de voltar o pensamento para o seu cozinheiro ou a sua engomadeira, em frente a um formoso Corot, a um

Rembrandt, a um mármore de Carrara ou a um vaso antiquíssimo de Perusia, e frescos de Carrache, telas de Miguel Angelo, esplêndidas plásticas de Phidias?...

Percorrendo os vastos museus dessas raridades, as exposições, os lindos centros artísticos – ou lendo a *Divina Comedia* de Dante, quando mesmo a não entendamos, não há dúvida que esquecemos todos que temos uma casa com a sua engrenagem lastimosamente trivial, com as suas preocupações estreitas de serviço e bem estar, com os seus banheiros, as suas cozinhas, o seu pessoal doméstico...

Mas, aí de nós! A realidade depressa nos puxa do alto desses píncaros transcendentais para as regiões prosaicas da vida corrente normal, em que nos são precisos o bife e a roupa engomada, os trastes espanados, as salas varridas, a decoração, enfim, exigida pelo uso e indispensável aos hábitos de conforto. E nesta triste contingencia que é quase uma escravidão, quem encontramos nós ao nosso lado para exercer a profissão de serviçal a troca do nosso dinheiro?

É afinal uma troca, não padece dúvida. Eu digo ao criado que contrato: dou-te um ordenado, tu me dás o teu serviço.

Entrego-lhe, na verdade, esse salário combinado, mas o criado faz tudo para me roubar na moeda do seu trabalho, que representa o equivalente ajustado da quantia que lhe pago. Desobedece-me, furta-se às ordens, deixa tudo por limpar, é malandro, é insolente, é gatuno – e contudo, eu, que cumpro fielmente cada mês o meu

trato, até com sacrifício muitas vezes, sem o que o patife iria embora, eu tenho de respeitá-lo, de deixá-lo impune, porque a essa pobre criatura do povo assiste rigorosamente o direito de conservar a sua liberdade de proceder como quiser.

Nenhuma lei, nenhuma coação a restringem.

Ora, o interesse pela continuação desses privilégios absurdos e nocivos, constitui um sentimentalismo exagerado que, sinceramente, não posso entender, partindo de um espírito tão enérgico e refratário a *sensibleries*, como o do ilustre M. A.

Para que em suma, romantizarmos a questão?

Isso de padrões violentando empregados, é coisa hoje rara, mesmo porque o velho tipo, explorado por novelas e dramas da boa mãe preta, ou do vetusto pai Antonio, dedicando-se à família, em cujo seio sempre viveu e participando de todas as suas dores, ou alegrias, tende a desaparecer completamente – ou, se alguém ainda tem a dita de possuir em casa um desses exemplares preciosos, zela-o com estremecido carinho, e nem de longe pensa em maltratá-lo. Eles representam a relíquia, o fenômeno, o melro branco da lenda.

O que avulta agora entre nós, é o novo tipo do criado feito pelas reações do cativo extinto, de mistura com os defeitos importados pelo serviço estrangeiro, que nos vem da sua terra, saído das mais baixas esferas do vício.

As nossas pretas e mulatas, estragadas pela convivência com esses indivíduos, tem da liberdade, enfim, adquirida, uma concepção tão falsa e ao mesmo tempo tão lata, que nem

uma imperatriz se julga mais independente nem senhora de si. Só quem lhes manda é **ele**, e esse **ele** é exatamente o sujeito transplantado, o cúmplice, o branco, que lhes ensina as manhas.

Não é verdade que hoje as relações difíceis entre os membros de uma família, cujos gênios não se entendam, possam trazer complicações para a vida do criado na casa, visto como o serviço moderno é absolutamente um estranho, um adventício, agora aqui, amanhã ali, que não se interessa por ninguém, nem por coisa nenhuma.

Nem tampouco a saída do empregado significa que ele teve razões para se retirar, incorreu no desagrado ou foi maltratado. Neste rico país, que é o nosso, onde a fome é desconhecida, tenho ouvido centenas de criadas declararem, como causa de imprevista retirada, o tédio, uma cisma esquisita, simples vontade de variar de casa e ver caras de padrões novos. Estão aborrecidas!

Entretanto, se o caixeiro de taberna se queixa de aturar no lombo as pauladas do vendilhão, ninguém lastima a sua sorte; riem-se todos por vê-lo, às vezes bem pequenino curvado ao peso cruel do feixe de lenha ou do caixão dos gêneros. Ora, sujeite-se que o trabalho é a obrigação dos pobres.

Mas, se a empregada ladina e de avental de rendas protesta contra qualquer exigência do serviço doméstico – que lhe é pago, quando o mísero caixeiro de venda não recebe um real – aqui d’El-rei!... todos lhe dão razão contra os seus anos. E a ideia de uma garantia para estes, sob forma de atestados ou cadernetas,

acorda imediatamente um clamoroso sentimentalismo, que pleiteia com força a causa da liberdade dessa pobre classe doméstica, tão sacrificada!

Deveras, chega a ser estupefaciente. E começa-se a indagar se todos os países civilizados onde existem essas leis, essas garantias, são privados inteiramente dos sentimentos generosos, que vieram acampar em bloco no Brasil, só no Brasil...

* * *

O fato é que se torna mil vezes preferível pertencer à tão defendida associação dos inocente criados, a merecer nesta época o lisonjeiro apelido de *Ninon de Lenclos*, para acabar tragicamente aos tiros de um dos admiradores, cujo crime foi denunciado por uma criança espavorida, nestes termos: “Estão matando a vovó!...”

Oh! meu Deus! mas com que orgulho, malgrado o seu terror da morte, não deve ter visto esta Maria Clara de Jesus o seu velho e desvairado amante arremessar-se contra o seu corpo glorioso, nas fúrias do ciúme!

Ele era idoso e... careca; ela era idosa e avó; e todavia a paixão rugiu entre ambos, como entre Othelo e Desdemona, saltou sobre a mulher, sagrou-a eterna invencível, que desafiava os anos, e transformou-lhe as roupas, ensopadas em sangue, no rubro pavilhão do amor que resiste ao tempo e a carície, que delira, que tortura e mata...

Mas não é tudo. Essa pobre mulher do povo era sem dúvida uma privilegiada. Adorava-a o marido – e com que submissão de tolerante cão; estremecia-a o número um do trágico

episódio; e morria, enfim, por ela o número dois, o Antonio Careca, mais intransigente que o legítimo dono, e que por zelos se fez assassino. Era, pois, um trio amoroso a incensar de continuo os passos dessa lavadeira rude que tinha os atributos de uma deusa, que se via desejada, disputada, quando netos já lhe beijavam a mão.

Certamente, muita compaixão merece a triste sorte dessa desventurada mulher. Melhor fora para ela não ter inspirado tanto, tanto amor...

Se contudo é verdade, conforme dizia Mme. de Stäel, que a eterna glória feminina reside na paixão despertada em muitas almas, essa Ninon popular conheceu tal glória no seu ocaso e até, após a morte, conseguiu o que raras conseguem: o beijo simultâneo de duas bocas geralmente inimigas, irreconciliáveis, que deveriam morder-se sobre a sua face fria, caso não as dominasse ainda ali o incompreensível poder dessa morta pelo amor de um terceiro.

Durante isso, o velho homicida é que deve ter amargado no seu cubículo, a pensar nas inutilidades da vingança, que não lhe impedira **esses outros** de lhe oscurem a vítima, chorando-a numa tocante harmonia, como a uma santa, entre os soluços, das filhas, dos netos, de toda a família...Pobre careca!

Pobre e velha Ninon!

Tive imensa pena de não ver os belos trabalhos de D. Nicolina de Assis, cuja reputação de artista me tem despertado vivo interesse, tanto mais que me recomenda o juízo, que considero valioso, de um parente, que

é professor nessa Escola de Belas Artes.

Infelizmente, a moléstia prostrou-me no leito, de onde apenas mandava os meus insossos artigos, escritos com sacrifício; e quando recuperei a saúde e a liberdade, a sua exposição fechara com brilho e sucesso, mas deixando-me a magoa de não ter admirado as suas produções. Permita entretanto a distinta escultora que eu a cumprimente pelo seu talento, pela sua energia, pelos seus triunfos, e ao mesmo tempo que a felicite pela simpatia tão justa que a cerca, coroando os seus esforços, premiando o seu merecimento, que é grande. Mas grande embora, podia não receber essa consagração simpática que fortalece o ânimo e o incita a novos empreendimentos. Sem o talento da ilustre artista, há outras viúvas com família, e que para ela trabalham renhidamente, sustentando o seu lar com um trabalho másculo. E nunca ouvem a palavra que consola, que levanta, que encoraja, serve de recompensa. Lutam, apenas. Bracejam...

Receba pois D. Nicolina de Assis as homenagens de quem sinceramente a admira, lamenta não ter visto os seus trabalhos e sorri ao sucesso que bafeja a sua coragem.

* * *

Agradeço ao Sr. Xavier Pinheiro a graciosa oferta do *Inferno da Divina Comedia*, de Dante, traduzido por seu ilustrado pai.

Se me falta a competência para julgar tão importante obra, sobra-me sentimento para aquilatar o seu esforço filial e para ser grata à sua dedicatória.

Carmen Dolores.

A SEMANA 14/04/1907 [8228]

Sete dias ingratos, não há dúvida, estes que acabam de escoar-se, tão vazios de assunto para a crônica, tão áridos e tediosos, malgrado a triunfal chegada do inverno ameno, anunciado em sopros divinos, que parecem provir de um respiro de anjos condoídos da nossa longa calcinação – tão despidos, enfim, de interesse, estes magros dias, que não tenho remédio senão aludir à questão das cervejas, como fato dominante, mas bem prosaico e já por demais discutido.

A versatilidade humana é grande e o medo é o seu profeta – medo das opiniões, medo da maledicência, dos comprometimentos, dos amigos e parentes que empobrecem, medo, em suma, da morte, que é o maior de todos e leva a todas as credulidades e a todas as cautelas. É o caso atual. Há pouco, ninguém passava por cafés ou confeitarias sem que visse ferver em cada copo a linda espuma alviniente, encimando o ouro líquido da Brahma e outras cervejas, que constituíam o regalo geral.

Mil bocas hauriam a um só tempo e a qualquer hora, diurna ou noturna, aqui, ali, nos mais diversos bairros, o amargo refresco, sugestivo à vista, detestável ao paladar, no meu fraco parecer; e a cerveja escorria em fios rutilantes das garrafas que alegremente estouravam, transbordava dos copázios finos ou grossos, plebeus ou aristocráticos, alagava o mármore das mesas das tascas ou das fulgentes casas da Avenida, estrelava de nevados flocos a barba jubilosa dos bebedores... A cidade inteira, como colossal Gargantúa, escancarava a

goela e pedia que lhe entornassem por ela abaixo todo o conteúdo das cervejarias...

Bastou entretanto que o Dr. Azurém Furtado falasse, como Mahomet, e o terror dos sulfitos espalmou a sua garra adunca e negra sobre a nossa população, que enfiou, tremeu e olha hoje para a bebida favorita nos anseios da vacilação, parodiando a meio fatal monólogo de Hamlet: “Beber ou não beber?...Oh! que fazer?!...”

Há corajosos, contudo, que riem das análises químicas, troçam as substancias venenosas e continuam a deliciar-se impavidamente com o flavo líquido gelado, que saboreiam com estalo de língua mais irreverente para o estardalhaço do momento, vindo encher os laboratórios de rumor e atividade. E são estes os felizes seguros da sua opinião, bem firmes na sua tranquilidade, tratando as descobertas do Dr. Azurém de simples *blaff* do modernismo ambicioso – tão serenos na olímpica incredulidade, que os brados de Mahomet os não abalam...

Mas serão mesmo incrédulos sinceros ou tapam os olhos e os ouvidos para não interromperem a prelibação da tão amada cerveja?

Isto pode também ser...

Anunciam os telegramas de Lisboa que foi julgado no Porto, por um juiz de instrução, o ilustre poeta Guerra Junqueiro, pelo crime de liberdade de imprensa. E foi condenado o célebre autor da *Mocinha do Padre Eterno* e dos *Simples* a 30 dias de prisão, remíveis pela multa e às custas e selos do processo...

Sacrilégio! Condenarem essa velha e poderosa águia a papelórios poeirentos, a chicanas incoerentes de tribunais, a arrazoados absurdos de um processo, a multas, a coisas vulgares, até a prisão, como qualquer ratoneiro, pelo fato da águia não saber cercar convencionalmente o voo livre das asas fortes! É revoltante.

Escreveu um dia Ramalho Ortigão que Guerra Junqueiro era na poesia portuguesa, como fora Victor Hugo, antes do exílio, em França, e Swinburne em Inglaterra, o porta-estandarte do espírito novo. Efetivamente árduo e belicoso, vibrante, audaz, dominador, sem temer encolerizar curas e cônegos com seus versos irônicos e cáusticos, onde contudo, se encontra esta ideia tão finalmente espiritualista e elevada:

Creio que Deus é eterno e que a alma é imortal.

Sim, creio que depois do derradeiro sono

Há de haver uma treva e há de haver uma luz

Para o vício que morre ovante sobre um trono,

Para o santo que expira inerte numa cruz...

O grande poeta encantou com um poder sugestivo ainda mais vivo o coração da mocidade, quando compôs a *Morte de D. João* e a *Musa em Férias*. Nos seus poemas cantou a irrequietação atrevida da alma moderna, cheia de dúvidas e cheia de paixão.

E é todavia a um homem destes que movem agora no Porto um processo ridículo, com todas as suas ferrenhas e obsoletas alicantinas, e o

irritam, e o condenam a 30 dias de prisão!

Estranha sorte, a de alguns homens de letras, justamente os mais célebres, os que conseguem fundar uma escola com seu talento, como, por exemplo, Flaubert, que teve de responder a juízo pelo crime de ofensa à religião e à moral, ouvindo discutir o seu admirável romance *Madame Bovary*, hoje, proclamado no mundo inteiro uma obra prima.

Estigmatizando a literatura realista, berrava o promotor público, inflamado e convencido, a citar com indignação prudonêsca as mais belas cenas do livro de Flaubert:

Tendes, senhores, três grandes culpados diante deste tribunal: M. Flaubert, autor do romance; M. Pichat, gerente da Revista que o publicou, e M. Pillet que o imprimiu.

Mas estes últimos vêm em segunda linha: o principal acusado é Gustavo Flaubert, que escreveu um livro mau, que ultrajou a moral pública e a religião – e para ele deveis reservar todo o rigor da vossa severidade...

Pobre e excelente colosso, esse adorável Flaubert, consciencioso até a tortura do seu próprio eu, e honesto, puro, de uma sensibilidade quase feminina voltado todo para o culto do real e do vivido, que a sua extraordinária observação estudava nas suas mais sutis nuances! Nem há livro mais moral, do que esse que mereceu num tribunal de Paris tão violenta discussão.

E passou-se isso em 1857. Outros processos semelhantes têm havido,

mas nenhum mais ruidoso. Agora finalmente, 50 anos mais tarde, Guerra Junqueiro aparece condenado por crime de liberdade de imprensa...

Homens de letras, jornalistas, poetas! Acautelai-vos...

A doutrina de Malthus se acharia singularmente desorientada no nosso estado do Amazonas, tão vasto e tão pujante, onde a fecundidade assombrosa do solo, coberto de árvores gigantes, de plantas túmidas, de uma seiva infrene, se casa com a fecundidade maravilhosa das mulheres, de modo a provocar notícias, como uma que li sexta-feira, nesta folha.

Uma amazonense, residindo numa colônia de Manaus, deu à luz a uma criança, mas as dores não cessaram, e veio ao mundo uma segunda criança, uma terceira...

Assim, pois, três filhos de uma só vez, como três frutos de um só rebento, de uma só haste, demonstrando as qualidades eminentemente prolíficas da árvore, cuja força não encontrava bastante expansão num único produto normal.

Foram necessários três filhos para aliviar da sua plenitude fecunda esse ventre, ubérismo como uma terra luxuriosa banhada pelo sol criador.

Ah! se Lola vivesse e fosse informado desse caso, que página vibrante ele ajuntaria ao senhorio doutrinário *Fecondité*, como um convite e um exemplo a todas as mães francesas, tão receosas do ato mais natural da vida e evitando-o por todos os meios ao seu alcance! Fora preciso, contudo, que elas ficassem ignorando o desfecho dessa gloriosa maternidade

brasileira, que se afirmou em três **bebês** de uma só vez, exigindo no seu trio de vagidos um terceiro seio que a Providência não forneceu, acreditando que dois já bastavam para um caso anormal de gêmeos – único que ocorreu à sua sabedoria.

Enganou-se. No Amazonas as mulheres deviam ter três peitos, como medida providente, atendendo-se à prodigiosa fecundidade do lugar em todos os sentidos.

A mãe atual, porém, mísera dela! Não teve que aleitar os filhos com que, num só esforço, enriqueceu o seu lar. Embalando o seu pobre corpo dolorido, caiu da rede – e tão desastrosamente, que morreu, morreu como uma planta que exalasse toda a sua seiva depois de ter oferecido aos beijos da luz um broto viçoso, do qual partissem três botões de flor, ainda fechados, mas robustos e prometedores. Por essas tenras vidas deu a sua.

Mas, santo Deus! sentimentalismo a parte, valia a pena o sacrifício de uma existência já completa, útil, preciosa, para que o espaço fosse aberto ao vagaroso desenvolvimento de três embriões nascidos do seu sangue, e ainda inconscientes, larvas humanas mais que criaturas?

Qual! Não creio.

E a francesa tem às vezes suas razões no sentimento, de temor egoístico com que defende a saúde, a beleza e até o equilíbrio financeiro da casa. No lar com muitos filhos e sem pão, todo o mundo fala e ninguém tem razão – diz o adágio. E é verdade.

Afinal de contas, nem tanta esterilidade como lá, nem tanta fecundidade como nas terras

esplêndidas e produtoras do Amazonas, onde as crianças nascem aos **trios**...

Cada vez penso mais que o gatuno é o ente mais parvo que o céu cobre, e a prova está no desaso de suas rapinagens, das suas aventuras. O Dr. Alberto Torres perdeu esta semana uma carteira recheada com novecentos mil réis, num escritório reservado, onde só ele estivera com a pessoa procurada e mais um indivíduo que aguardava ali uma carta de recomendação.

Ora, está bem visto que, desaparecendo dali a carteira, só o dito indivíduo podia ser suspeitado, perseguido e preso como ladrão...

Pois o imbecil assim não pensou e lá se foi com o dinheiro, doido por se lançar numa festança alegre, renovando tudo quanto lhe faltava, provando um *spumone* à calçada Castelões e já fazendo infinitos castelos no ar para todos os dias seguintes. Que néscio!

Se não era melhor que ele, afetando modos honestos e contritos, fosse entregar a carteira ao seu dono, declarando (intencionalmente) que era muito pobre, muito desgraçado, andava a procurar uma colocação, mas enfim era um homem honrado... Ali tinha a Sua Excelência o seu dinheiro inteirinho. Contasse.

E o Dr. Alberto Torres, muito naturalmente, no contentamento pelo achado, tiraria logo uma nota para recompensar com generosidade aquele ente tão virtuoso, portador fiel da sua carteira. Deste modo, sem os riscos da polícia, podia esse homem usufruir sempre alguma coisa do tentador

conteúdo do objeto perdido, e comprar a sua fatiota nova, prelibar o seu *spumone* no Castelões, gozar uma noite cheia no *Moulin Rouge*... Ainda por cima, teria o seu nome nos jornais cercado de qualificativos lisonjeiros: e o emprego era certo, após tanta notoriedade...

Ao passo que agora...

Sempre são muito néscios os senhores ratoneiros! Onde o Vantrin, celebrizado por Balzac?...

Carmen Dolores.

A SEMANA 21/04/1907 [8235]

Na *Notícia* de terça-feira e no *Paiz* de quarta, encontrei eu dois tópicos que me fizeram refletir profundamente, com uma gravidade talvez... acadiana – e não resisto a comentá-los aqui, tão importantes ambos me parecem.

Os *Pequenos Echos* da folha vespertina do Sr. Salvador Santos, tão bem orientados sempre em questões *snoobs*, lastimam a falta de estímulo da nossa população para aproveitar as diversões que esta capital lhe oferece; deploram o melancólico deserto dos teatros, *bars*, jardins e restaurantes, aludem à possibilidade de porvir semelhante esquivança das lutas de uma vida que se tornou talvez áspera para todos; mas, pensando melhor, acreditam antes que podem também originar-se esse vazio do retraimento adquirido em tempos piores.

Piores?...

Não creio que os haja havido, no sentido financeiro; e os *Pequenos Echos*, deixando em amável dúvida o único motivo da reserva do povo carioca, terão obedecido a um

generoso ou conciliador desejo de não apoiarem o bico da pena no ponto exclusivamente doloroso da ferida, onde ela sangra e lateja com mais força, mas de certo não consultaram a verdade inteira dos fatos, desdenhando assim a análise e a observação.

É fato – e fato lamentável, mas lógico – que todos os divertimentos cuja entrada é paga ou exige o custo de uma consumação obrigatória, são abandonados pelo nosso público. Mas isto não provém de uma insociabilidade inveterada, nem da resistência burguesa do antigo sangue colonial às práticas elegantes da vida civilizada, que imaginam agora iniciada entre nós – o que é um erro flagrante. O *Provisório* dos nossos avós enchia-se de gente, ao que contam as crônicas do tempo; o enorme bojo do teatro Pedro II era ainda pequeno para conter o número incalculável de espectadores que corriam cada noite a ouvir a Marie Durand, o Tamgno, o Gayarre, o Broggi, o Sparapani, a Borghl Mamo; e lembro-me ainda de ter aceitado um *strapontin* no fundo da sala, pela desesperada impossibilidade de encontrar outro lugar, quando cantou aqui a Scalchi-Lolli, com o admirável timbre da sua estranha voz de clarim.

Os grandes bailes do antigo Cassino eram estrondosos, e a estação de Petrópolis reunia cada tarde de verão uma tal quantidade de pessoas seletas sobre a sua plataforma, à espera do trem da cidade, que se tornava difícil evoluir entre os numerosos grupos ali aglomerados. Pela manhã, era também penoso encontrar uma cadeira vazia no amplo recinto do hotel Bragança, onde se

estabelecera a moda de uma aula de ginástica e exercícios físicos, frequentada pelo conde d'Eu, pelos jovens príncipes, pelas mais importantes famílias veranistas da época. Os saraus da condessa d'Eu eram concorridíssimos, e os concertos clássicos de Joseph White, bem como os do Club Beethoven, tão belos e sugestivos, atraíam sempre toda a nossa melhor sociedade, que não era talvez a de hoje, creio bem, mas que, apesar disso, não deixava de ser a nossa melhor sociedade.

Já se vê, pois, que a insociabilidade não existia nos hábitos da nossa população, nem se pode admitir que um só **bar** criado em Botafogo, uma avenida novamente rasgada e alguns automóveis estacionado nela, é que venham de repente ensinar-nos a civilização, a arte de gozar e divertir-nos.

Mas, nesses tempos que chamam **piores**, a família imperial dava o exemplo da simplicidade, e podiam todos frequentar as diversões sem o ônus tremendo de um luxo quase forçado, sob pena de rebaixamento.

Quem hoje não traja bem, mesmo que só o consiga jogando no bicho pela certa, do alto de posições consagradas, que todos garantem, não merece apreço nem consideração. Já se foi o tempo em que o poeta dizia: *Nimium ne crede colori*.

Atualmente é o contrário: não se acredita senão na aparência, fachada ou coisa que o valha.

Acresce que a vida material é difícil, torturante. Faltam de todo casas para residência, ou, se algumas aparecem, são de um aluguel exorbitante, que devora quase todo o

rendimento das famílias medianas. Daí o desequilíbrio, tristeza, sofrimento, privações...E como na dessa gente, que dificilmente regulariza o orçamento, concorrer às diversões onerosas que representam o supérfluo?

Vontade não lhes faltará de divertir-se, e vão uma vez, com sacrifício, gozar alguma coisa: mas o esforço não pode repetir-se. Impõe-se fatalmente a deserção...

Ficam reservados os teatros, as festas, os bares, os restaurantes, os passeios de automóvel, tudo quanto é alegre, civilizado, brilhante, mas dispendioso, à classe dos opulentos, que, por ser limitada a um certo número, sempre o mesmo, de pessoas em evidência – o *tout Rio* – não pode encher a um tempo, certamente, todos os lugares de diversão.

Confessem isso os *Pequenos Echos*; concordem realmente que épocas piores do que esta, jamais existiram, com tanta penúria, a par de tanta tentativa de progresso, com tanta lágrima oculta, sob tanto riso aparente; e terão explicado com verdade a causa do afastamento da nossa população dessas salas de prazer, cujas cadeiras exigem o dinheiro de que ela não dispõe.

Mas não diga a *Notícia* que adiantamos a nossa civilização material um pouco demais; em relação aos nossos hábitos sociais: nem sobretudo que a esquivança provém do retraimento adquirido em tempos piores...

Oh! isso nunca! nunca!

As reflexões suscitadas no meu espírito pelo tópico do Paiz de quarta-feira, foram, ao invés das que acabei

de expor, muito agradáveis e satisfatórias.

Na sua *Palestra* desse dia, A.A. não concorda com uma estranha carta que alguém lhe endereçou em letra feminina, congratulando-se com a sociedade carioca por já poderem as senhoras sair sozinhas à rua, sem se arriscarem a ouvir graçolas pesadas de indivíduos desocupados. Não concorda A.A. e entra em considerações que reputo acertadíssimas.

Afinal, meu Deus! parece pura ironia, que a autora de semelhante missiva ache chegado o momento de dar como findo o sistema habitual dessas graças, desses desacatos, quando justamente mais ele se afirma, e com tal brutalidade crescente, tal desrespeito à mulher, uma tamanha insolência na audácia e na injúria, que o ânimo mais parcial e fleumático se enche de justa indignação.

Não é só com a palavra, o dito grosseiro, o cumprimento ultrajante, que o homem chicoteia hoje a fina suscetibilidade da senhora nova e bonita que passa sozinha: é como olhar lento e cínico com que a fita e a despe, parecendo avaliá-la, é com o sorriso parvo, mas ofensivo, que troca depois na roda dos seus iguais, exprimindo o resultado dessa análise afrontosa. E isto se repete vinte, trinta, cem vezes na rua do Ouvidor e na Avenida, paralisada a pobre vítima desse agravo público pelo terror do escândalo, que a torna tímida, com o sangue todo a inflamar-lhe a face, que lhe retém na mão crispada o leque e a sombrinha e entretém assim a impunidade do audacioso.

Mas não é tudo. O digno autor da *Palestra* ainda ignora talvez de certos

requintes do gênero, que entendem, esses, com os processos mais sutis e mais covardes da calúnia masculina, desonrando a mulher e pondo-a assim ao alcance da sedução.

Uma senhora sozinha entra, por exemplo, no Garnier, para comprar o seu livro.

E a moça, interessante, mas honesta, e vai ali numa despreocupação inocente, não percebendo sequer que um imbecil a saudou de certo canto da livraria.

Esse imbecil, entretanto, que não a conhece senão de olhá-la na a passar nas ruas, cochichou já qualquer coisa com o amigo – e esse cochicho significou que ele, pateta, tem as relações mais íntimas com essa moça, que nunca o viu. Ela sai e ele segue-a, toma o mesmo bonde e fica a passear uma hora em frente à casa onde essa senhora penetrou. À noite, volta; e, se o prédio é assobradado, introduz pelas tabuinhas da veneziana versalhadas cartas idiotas, que a criada encontra e entrega sem mistério à família.

De quem serão estas inépcias? perguntam todos. E ninguém sabe responder. Mas, quando essa pobre moça volta à rua do Ouvidor, um sorriso malevolente e insultuoso propaga-se à sua aproximação como um rastilho de pólvora, no círculo em que está o imbecil, devorando-a com olhares apaixonados. E saltam as graçolas, os insultos, porque não está ali um pai, um irmão ou um marido, para erguer uma bengala justiceira contra os autores de semelhantes crimes de ordem moral, mais graves sem dúvida do que um ataque à mão armada num canto sombrio de viela, porque escapam aos tribunais e

destroem impunemente uma coisa tão preciosa como a vida – que é a frágil reputação de uma mulher indefesa, cujo nome atassalham sem dó e sem razão, maculando-a por vaidade e rindo como brutos.

Felizmente que esses lindos cavalheiros também têm esposas e irmãs – e a pena de Talião é infalível.

Mas agora pergunto: em que se funda a correspondente de A.A. para congratular a sociedade carioca, diante de tais exemplos que variam de forma, mas nunca de essência e se repetem cada dia e cada noite?

Acho que ela não deve insistir, senão poderemos pensar que lhe dá imunidades especiais contra a grosseria masculina das ruas, uma idade já distante da aurora da vida ou então... um físico parecido com o das filiadas ao exército da Salvação, do general Booth...

Noticiaram as folhas estrangeiras que Miss Maud Roosevelt, prima do atual presidente dos Estados Unidos, dedicou-se à carreira teatral e acaba de ser contratada pelo diretor do teatro municipal de Erberfield, devendo debutar durante a próxima estação, interpretando obras de Wagner.

A prima de Roosevelt, cujo nome é o seu, apresenta-se pois em toda a franqueza como cantora, e vai estreiar abertamente numa cena lírica, expô-se à crítica, receber aplausos ou manifestações de desagrado de todo um público julgador – sem que isso escandalize o seu poderoso parente, nem cubra, a ela, de descrédito e menosprezo. E que dizem a isto os ferrenhos cultores do preconceito social, tão feroz em nossa terra? Já

ouvi certa vez um compatriota declarar do alto do seu ridículo rigorismo, que arte é sinônimo de desqualificação – e fiquei estarecida de assombro, a olhar essa fenomenal amostra do obsoletismo mais ininteligente e carranca. O homem, porém, mostrava-se tão cômico da superioridade dos seus conceitos, que abaixei as pálpebras... envergonhadas.

E agora que o feminismo caminha em nosso meio a passos de gigante, pela força da necessidade que impele a mulher a aproveitar suas aptidões em socorro da vida material, cada vez mais árdua – não seria conveniente apartarmos as penas de galo de alguns desses pobres de espírito que se fingem de brilhantes pavões e cujos tacanhos pareceres vão sempre dando para baixo nas mulheres que lutam pelo pão ou pela glória, trabalham, escrevem, ensinam, fazem arte, são pintoras, escultoras, médicas, advogadas, jornalistas?

Penso que sim.

A verdade é que, se a prima de um presidente da República se lembrasse aqui de entrar para o teatro o seu excelentíssimo parente logo lhe mandaria pedir que mudasse de nome. E quando a encontrasse em público, desviaria jeitosamente a vista antiestética, carregada de cautelosa e parvônica gravidade...

Oh! Maud Roosevelt, lido pássaro cantor, branca Elza do *Lohengrin*, a quem o prima do ideal seduziu com a sua diamantina miragem – como és feliz por teres nascido longe deste meio!

Carmen Dolores.

A SEMANA 09/06/1907 [8284]

Ando com muita pena, oh! muita! do Instituto dos Advogados... Parece que a douda corporação esqueceu de estabelecer nos seus estatutos o direito da...**rolha**, não contra os casos graves, que para eles há o recurso do levantamento da sessão, mas contra os absurdos, os abusos da paciência alheia, de modo que se viu agora esta coisa memorável: durante duas e meia, quase três sessões inteiras, a propósito do divórcio, um conhecido advogado dominou toda uma sala exasperada com a força única da sua voz enraivecida e tonitruante, monopolizando a palavra e substituindo qualquer lógica da argumentação pela torrente impávida das suas frases violentas e – digamos a verdade – sem muito sentido, nem aplicação em semelhante meio.

Se a intenção maligna do ilustre advogado era desvirtuar a discussão, ainda se pode compreender; mas de outro modo, é impossível.

Assim foi que, numa reunião jurídica em que se tratava de assunto jurídico-social, S.S. lançou-se em sermões mais próprios do púlpito de alguma igreja; S.S. bateu nos peitos, com fervor de um Rapozinho das *Relíquias*, de Eça de Queiroz; destruiu o casamento civil, só com um sopro dos seus pulmões valentes; pulverizou o **bezerro de ouro**, que não adora, como todo o mundo sabe; descreveu, enfim, o deus Budha, sentado, em êxtases, contemplando o próprio corpo, e o deus Siva, da trindade indiana, que conseguiu montar um touro, malgrado as suas cinco cabeças, quatro mãos, não sei

quantas pernas – riqueza física, aliás, que lhe deu o poder de carregar ao mesmo tempo um tridente, uma linda flor de lótus, uma *tchakra* (roda simbólica), muitas serpentes e um colar de crânios humanos... Uff! Quanta coisa carregou o pobre deus! Mais suportou, porém, o animal que ele montava, simples bicho normal a vergar sob o peso da superabundância desses membros divinos...

Prosseguindo, contudo, nessa forma tão original e pitoresca de argumentar contra o divórcio, o orador chegou a bradar explosivamente que o casamento não representa um contrato, é simples sacramento; e enfim, para contrariar o calmo aparte de um colega, que lembrava o **Crescei e multiplicai** da Bíblia, S.S. teve uma ideia que pareceu a todos espantosa: é que essa frase tradicional dos livros santos se referia a Madalena, a pecadora, e acoroçoava o vício...Oh! sem comentários.

Em resumo, o ardente advogado falou, falou, falou, e só no terceiro dia cansou e descansou, mas para logo sufocar com contestações mais ruidosas que cortesias, a palavra do orador que se lhe seguiu, a favor do divórcio, e cujos órgãos vocais não estão na altura dos pulmões extraordinários do primeiro, nem do valor da sua própria exposição moderada, mas clara, racional e lógica.

Os roncões do trovão abafavam o sussurro da límpida corrente... E que fazer? Foi entoa que outro trovão surgiu na tribuna, mas esse tão vibrante e desferindo logo tanta luz aos primeiros relâmpagos oratórios, que a sala do Instituto respirou, vingada, enquanto o Rapozinho ia

murchando, como um balão sem gás, e enfim tomou o partido de calar-se, encolhendo-se na atitude de um escolar em penitência, vencido e amuado...

Mas, no meio de tudo isso, em que fica a discussão do divórcio, a discussão da tese do distinto advogado Dr. Marcílio de Lacerda, se a douta corporação não dispõe de uma **rolha** para impedir as digressões ociosas que enfraquecem o assunto, e deixa que um só membro, muito violento, e muito parcial, monopolize de contínuo a palavra, em proveito das suas ideias, exclusivamente?

Isto não é justo, não é direito: favorece os desígnios maquiavélicos do monopolizador da tribuna, tão ilógico e tão cruel, apesar de citar Deus, em todas as suas orações, que à pergunta humanitária de um colega sobre o que ficava sendo o destino da desquitada atual, trancadas diante dela todas as portas do futuro, sem liberdade para melhorar de sorte, sem recursos, sem o apoio social, o frio advogado teve esta resposta odiosa:

- Ora, como nos naufrágios, ninguém pensa nos **cadáveres**... Eles ao fundo do mar!

Então, doutor, a divorciada, muitas vezes na flor dos anos, quase criança, vítima incauta – essa divorciada tem de considerar-se para todo o sempre, e ainda viva e cheia de aspirações um **cadáver**?

Oh! mas como isto está de acordo com as belas doutrinas de Cristo, o sublime salvador, o grande protetor dos infelizes!

E que certeza tem o ilustre advogado que alguma das suas inocentes filhinhas, tão citadas ao

correr das suas preleções jurídicas, não pertença um dia ao número desses **cadáveres**, que devem ser lançadas ao fundo abismo do ostracismo social? O futuro a Deusa pertence – e todas as divorciadas já forma pequeninas, criadas com mimo, adoradas pelo papai e pela mamãe, que sonharam ambos para esse delicado ser indefeso o porvir mais venturoso. Pensaria então o distinto advogado, se se tratasse de uma causa atingindo as fibras mais profundas do seu coração, do mesmo modo que está pensando agora?

Não, não pensaria.

Finalmente, raras são as famílias que não tenham ou não hajam tido uma divorciada no seu seio. Mas parece que o **cadáver** rico não vai para o fundo das águas, sobrenada sempre, suspenso por uma rede de ouro; o **cadáver** pobre, sim, fica obrigado a desaparecer, a sumir-se – e todos lhe atiram pedras em cima, para melhor enterrá-lo na vasa das situações perdidas. Debalde a Escritura prega o mandamento de Deus, que devemos amar o próximo como a nós mesmos... Qual! histórias... *Il est des accommodements avec le ciel..*

A verdade resumida é esta, em suma: pode o conhecido advogado clerical continuar como vai, na questão do divórcio, que a recompensa já lhe está garantida: será conde, senão marquês...

É só falar, trovejar, abafar e esperar.

Eu não sou socialista, nem acredito mesmo que o socialismo possa jamais vingar entre os homens, cujo egoísmo remonta ao pecado original; mas há

injustiças que compungem e se se ergue então uma voz autorizada em nome do direito sempre preterido, uma alegria imensa brota da alma ressequida e amargurada que sofre em frente às desigualdades sociais, e não se contém o aplauso ao forte que ousou falar, ao sincero que não receou ir de encontro à arbitrariedade aceita e dominante.

Ora, esse aplauso, a minha pena, muito humilde e obscura, embora, vem trazer aqui ao vibrante **Microcosmo**, de quinta-feira, em que o senhor Carlos de Laet tomou a peito defender, e com que lógica! Os miseráveis interesses dos habitantes do morro da Favela.

Francamente, a mim mesma pergunto: que pretende o governo com esse despejo continuo das classes desgraçadas, quando habitações mais salubres não são criadas e essa pobre gente enxotada não tem onde viver? Pretende a exterminação da pobreza pelo desabrigo e pela perseguição? Onde, porém, se irá depois buscar o braço operário para o trabalho da vasta cidade? Será a greve pelo extermínio e pela expulsão da zona habitável.

Algumas vezes chego a pensar que o novo Rio de Janeiro se tornou tão exigente em matéria de brilho e estética, que determinou varrer do seu seio todos os elementos capazes de marear a sua aparência de luxo. Morram os penuriosos à falta de um teto, mas abaixo tudo quanto é casebre — e nem se construam casas de operários, de indigentes, porque tem sempre de ser pobres e serão feias, indignas do aparato moderno. O que se quer, são palácios, automóveis, assinaturas exorbitantes para a Duse,

exibição de *toilettes*, fosforescências, espetáculos felizes... Quanto ao resto, empregue-se a eloquente expressão francesa, que diz: *Qu'ils crévent, voyons!*...

E abaixo os misérrimos refúgios de morros da Favella e da Babilônia, onde a necessidade se esconde dos palácios, encolhida, selvagem e intimidada: abaixo choupanas, choças, palhoças, ranchos, a lareira onde ferve um pouco de sopa, o teto de folhas que protege contar os aguaceiros, o cercadinho das galinhas, cuja venda fornece o pão e o café... Abaixo tudo! E marcha, novo pai Adão, para fora do teu lastimoso paraíso, que nem este, nem outro, pior ou melhor, tu encontrarás mais para teu abrigo. A cidade enfeitou-se, pôs-se bela e só tem casas para os ricos.

Nestas condições, um artigo como o do Sr. Carlos Laet, palavras tão generosas, aliás também repetidas por alguns outros jornais humanitários, fazem bem à alma, deixam a impressão que, no meio das superficialidades arrogantes da vida dinheirosa, alguns espíritos mais profundos pensam no triste reverso da medalha e pleiteiam a causa de indigentes e perseguidos, pedindo ao menos para eles um lar, por mais humilde que seja, nas furnas da Tijuca, na Favella, em qualquer canto muito feio, mas onde o pobre possa também viver, comer, dormir, como todo mundo...

Fui esta semana, pela primeira vez, a uma palestra musical do Sr. Luiz de Castro, e confesso que gostei, agradecendo aqui os bilhetes que me foram diretamente oferecidos.

Sala cheia de senhoras elegantes, perfumadas, e que trocavam impressões, cumprimentos, alguns beijos e maior número de *shake-hands* modernos sacudidos. Notei logo que há uma roda certa de *habitués* das conferências literárias – e estas têm a crítica mais livre e mais segura, o juízo mais apurado, confidenciando opiniões ao ouvido das pessoas novatas, que se mostram curiosas. Fulano? não presta. Sicrano? oh! esplêndido!...que voz! Que maneira de falar, vibrante, clara!...(Creio que não preciso dizer quem é esse **sicrano**, ontem mesmo geralmente aplaudido.)

Na palestra do Sr. Luiz de Castro porém, ele apareceu recitando Musset com uma fina e perfeita pronúncia francesa. E desenrolou-se a história do grande conquistador, cantado em prosa, em verso, em música, que Mozart imortalizou e desde 120 anos empresta o seu nome célebre de Dom Juan a quanto libertino se entrega a façanhas amorosas. É curioso, a propósito, que nem Elvira, nem a pobre D. Anna, tenham alcançado o mesmo poder de ligar o seu apelido a tipos apaixonados.

Ainda Elvira, pode ser; mas uma D. Anna em derriço, sem o diminutivo ao menos de Aninha, é coisa que ninguém pode suportar, não acham os leitores?

A conferência, em suma, foi interessante, instrutiva e correu bem, cantando com arte os intérpretes musicais esses doces trechos da música antiga, tão singela e tão formosa.

Mas a tarde invernosa ia descendo rapidamente, o crepúsculo já invadia a sala, às 5 horas e meia, quando o Sr.

Carlos de Carvalho atacou com **brio** a tradicional serenata de D. Juan: *Deh! vieni alla finestra...* e nós todos, logo após, fomos saindo pela larga porta do Instituto de Música, não sem que eu tenha dado um cordial aperto de mão ao seu simpático diretor, Alberto Nepomuceno, de pé no alto da escadaria...

E agora, meus senhores e minhas senhoras, preparem-se, que as conferências já começaram!

Carmen Dolores.

A SEMANA 30/06/1907 [8305]

Fulgurou domingo último nas colunas do *Jornal do Brazil* uma carta aberta, escrita pelo Dr. Carlos de Laet naquele estilo inimitável, puro e conciso, que tanto admiro, e dirigida à distinta doutora Myrthes de Campos, a propósito dos debates do divórcio.

Não me cabe certamente responder às palavras endereçadas a outrem; e demais estou certa que a ilustrada e jovem advogada não deixará sem contestação a carta do seu notável contendor. Já declarei também – e com sinceridade – que nunca discutirei a palpitante questão da atualidade sob o ponto de vista religioso. Assim, pois, por toda sorte de razões, não me compete escrever coisa alguma a propósito da extensa carta que abrilhantou domingo a folha mais popular desta cidade.

E contudo, um trecho do artigo do Sr. Laet me impele forçosamente a fazer algumas considerações, não só porque esse trecho me parece injusto e mau em desacordo com a bondade cristã que tanto distingue o apreciado

escritor, como também porque nessas linhas a minha susceptibilidade enxerga não sei que alusões que podem atingir também a minha humilde personalidade.

Se me engano que me seja perdoada a pretensão, mas se estou com a verdade, consinta o brilhante adversário do divórcio e do feminismo que eu lhe dirija do meu lado umas curtas palavras nesta crônica.

Escreveu o Dr. Carlos de Laet, num dos tópicos da missiva que dirigiu a D. Myrthes de Campos:

Falou V. Ex. em mulheres viciadas e perigosas à sociedade. Não as acha no pedantismo feminista, que desamparado deixa o lar doméstico, dando ao homem, não uma doce companheira, mas uma rival nas rudes competições da vida?

E quando não existe esse homem, pergunto eu agora ao Dr. Laet, e a mulher, em vez de ser a doce companheira de alguém que trabalha para ela, é, pelo contrário, aquela que labuta para todos? O feminismo não vai de certo arrancar meigas esposas ao lar bem amparado pelo competente chefe, assim como a lei do divórcio não obrigará jamais alguém que se considere feliz a divorciar.

O feminismo faculta apenas à mulher isolada e em luta pela vida, como o homem, os mesmos direitos de ganhar essa vida, tão dura e tão penosa quando falta o pão.

E por que se há de dizer que isso significa o desamparo do lar, quando justamente, assim, é que a mulher sustenta honestamente esse lar?

Se a ilustre escultora D. Nicolina de Assis não se tornasse uma rival de Bernardelli nas rudes competições da arte, não sustentaria com dignidade que todos lhe reconhecem a numerosa família de que a viuvez a tornou único arrimo.

Se as numerosas professoras que cruzamos nas ruas, abatidas pelo cansaço, não saíssem das suas casas para ensinar as crianças – então é que desamparado lhes ficaria mesmo o lar doméstico, o pobre lar! Porque dessas perambulações e dessas fadigas é que provém o lume e o pão para os filhos e até para as mães enfermas.

Permanecessem essas heroínas, sim, heroínas inglórias, no aconchego das alcovas fechadas, para evitarem a pecha de pedantes rivais do homem na concorrência ao trabalho, e eu queria ver como é que, no estado da vida atual, tudo a preços esmagadores, elas haviam de equilibrar a existência.

Eu não devia referir-me a mim própria, Dr. Carlos de Laet: mas enfim o meu caso pode também vir à cena como um exemplo impessoal, citado apenas para confirmar a contestação destas linhas ao conceito cruel do ilustre publicista.

Outrora escrevia eu sob a capa impermeável do anônimo, só como **diletante** muito oculta e que até com vexame cedia ao seu arrastamento pelas coisas literárias.

Deu-se, porém, a prematura morte do meu estremecido filho, chefe da minha casa, discípulo, amigo e ardente admirador do Dr. Laet; e de chofre, espavorida, eu me vi sozinha em face da realidade atroz... Escuso insistir nas etapas dolorosas da minha via-sacra... Mas há muito que a minha coragem

venceu e tenho hoje o orgulho permitam a confissão, de sustentar honestamente, dignamente, eu só, o meu lar, toda a minha família, com o exclusivo esforço da minha pena de mulher.

E sabem-no bem os diretores dos jornais para os quais eu escrevo.

Não tenho gozos, é fato, mas enfim vivo e faço viver.

Fora talvez preferível, não é assim Dr. Carlos de Laet? Que, para fugir aos pedantismos, aliás tão longe de mim, eu me refugiasse no fundo do quintal, a lavar e engomar... Artistas, professoras, médicas, advogadas, jornalistas! vós todas que fostes criadas fora do rude labor manual, que o ignoreis ou careceis da força física indispensável a tais meios de vida, que exigem, à falta de cérebro, o músculo possante e um conhecimento exato da conta de somar, para os róis da roupa dos fregueses – considerai que esse afastamento da tina de barrela ou do ferro quente vos condena à desqualificação do feminismo... Obedecei à singular imposição de uma carta ignóbil, com que certo desavisado julgou dever responder anonimamente a alguns dos meus artigos:

Solteiras, divorciadas ou viúvas, se são pobres, sejam pedintes (é estupendo, não?), mas fiquem dentro das suas casas, abandonem essas asneiras de trabalhar como os homens. **Vocês** foram feitas pra outra coisa...

Compreendem agora a amplidão desse significado **pedintes**, não é verdade?

E chega a ser pavoroso que alguém prefira a mulher aviltada à mulher concorrente do homem no sério ganhapão – por amor das estagnações da rotina.

Verdade é que imbecis de tal ordem são raros, mas enfim existem, e basta um só para degradar a humanidade. Depois, a menos de se ter um *atelier* de costuras em grande pé ou lavanderias a vapor com numeroso pessoal, o que exige um capital para a montagem, que rende o pequenino trabalho da mulher que lava para um número limitado de fregueses, levando calotes, ou cose para as famílias modestas da vizinhança, pois que a gente rica vai às costureiras de fama? E trabalho por trabalho, não é todo ele digno de animação e não de menospreço?

Ah! Dr. Laet, em nome dos seus princípios católicos e se não quer ser injusto, deixe em paz a concorrência da mulher à luta pela vida, como a temos hoje, porque atrás dessa competição há muita dor e muita lágrima!

As notícias jornalísticas têm isso de bom: é que na sua concisão profissional, poupam muito os nervos dos leitores. Imaginem que a gente vivesse a vibrar cada manhã e cada tarde com a exposição pungente de casos verdadeiramente emocionantes na essência e na forma, e sempre repetidos com a única variante dos detalhes! A cardiopatia e as neuroses acabariam por triunfar de todas as resistências orgânicas; e ninguém desdobraria mais a sua folha diária sem se munir previamente de um lenço

para enxugar o copioso pranto da sensibilidade abalada.

Ao passo que assim como temos as notícias, o efeito é outro.

“Ontem às 3 horas da tarde, um indivíduo de 30 anos atirou-se às ondas, da Avenida Beira Mar. Não houve meio de salvá-lo. O seu cadáver trajava...”

Aqui, uma descrição sucinta do fato usado pelo infeliz nessa hora suprema. E todo o horror desse ato de destruição à plena luz de um sol radioso, numa hora de tanta febre e tanta alegria, bondes transportando à cidade centenas de pessoas satisfeitas, que vão exibir-se, vão passear, *lunchar*, palestrar, comprar bilhetes para a Duse ou a Palmyra Bastos – cada uma tem seus devotos – todo esse horror fica suprimido pela feição lacônica da referência.

Li esta semana que, pouco depois do meio dia, um velho de 60 anos, trajando pesado luto, penetrou no cemitério de S. João Batista e matou-se com um tiro certo de revólver junto ao túmulo de sua esposa, onde se ajoelhara, orando.

Que coisa tão simples, afinal, não acham? O ancião desceu do elétrico, subiu a rua da necrópole, pôs com dificuldade o joelho em terra, olhou um momento a lápide que recobria os restos da sua companheira, disse-lhe talvez baixinho um **até já!** Com os lábios trêmulos e... a bala partiu. Pronto! Só isso.

Mas que nos conta a gradação dos sentimentos angustiosos que levaram aquele velho a um suicídio na idade dos desalentos apáticos, resignados, sem reações desesperadas?

Sensação do cruel isolamento? saudade da velha companhia que desertara do seu lado? tortura infligida à sua fraqueza de solitário pela família que o rodeava? Não sei. Nem se deve apurar o mistério dessa tragédia íntima, cujo desfecho foi, como em todas as tragédias a morte!

Mas pensava eu, lendo esse fato comovente, que para aquele ancião e a esposa, cujos restos ele procurou para morrer mais perto deles, unido ainda e sempre à metade do seu próprio ser, a lei do divórcio não constituiria mais perigo que tantos apontam. E sabem por que? porque o genuíno casamento, união mais perfeita do homem e da mulher que se amam deveras e se sentem felizes na convivência mutua – esse casamento não receia portas abertas à liberdade individual.

Nem sequer pensa nisso.

E toda a celeuma levantada contra o remédio com que se acena unicamente aos casais infelizes, é tão feroz, como o caso dessa preta antropófaga de S. Fidelis, que devorou o filho ensopado com raízes de aipins...

Oh! céus! pois estamos assim tão retrógados, que uma mãe enforca, cozinha e come um filho de quatro anos, que já fala raciocina, sem experimentar a picada lancinante do eterno remorso, sem acordar da medonha alucinação, bestial como o não eram os primeiros homens da terra ainda bárbara?

Não diz o jornal que a perversa fosse uma vesânica; mas, por honra da humanidade, devemos acreditar firmemente que sim, que a Ugolina é uma pura demente.

No teatro Lyrico, Eleonora Duse continua a encantar quantos tem a ventura de ver-lhe os belos gestos e ouvir-lhe a voz... de prata, creio eu, pois a voz de ouro é propriedade exclusiva de Sarah Bernhard.

Pode também ser a voz de cristal... É escolherem.

No Instituto de Música, sucedem-se as conferências literárias sobre o sonho, o namoro, os bailes, o beijo, assuntos leves que acariciam o auditório como um bafejo perfumado de brisa.

E no Instituto dos Advogados continua a discussão contar o divórcio. É curioso!

Falam de Augusto Comte, do positivismo, da biologia, dos termos **ultramontano** e **jacobino**, segundo as suas diversas interpretações e da mulher encarada como sogra, e fazem profissões de fé políticas, científicas e religiosas – mas propriamente do divórcio, que os oradores debatem, nem palavra! Eu não entendo bem essa exclusão do verdadeiro assunto do debate, que se perde em **florituras** de retórica; mas quem se regala na sua cadeira, à vista desse desvirtuamento da matéria primordial, é certo adversário da ideia adiantada, que ajuda com os seus apartes a confusão dos argumentos. E das suas pupilas saltam involuntariamente duas faíscas maquiavélicas, triunfantes, mas que têm um inconveniente: iluminam e traem estas palavras soltas do pensamento oculto: “Deus!... fervor!... Roma!... um título!...”

Oh! que faíscas indiscretas!

Carmen Dolores.

A SEMANA 21/07/1907 [8326]

Se o prefixo foi a pedra em que, mais uma vez, encalhou a passagem da reforma ortográfica para o campo das coisas consumadas, conforme anunciaram, os jornais, um hosana ao bendito prefixo, que retardou o crime! Um hino de gratidão ao pequenino encalhe que fez de providência, dando tempo à reflexão.

Não é que eu suponha que a limitada ação de alguns ilustres acadêmicos, em sessão no Syllogeu Brasileiro, consiga abalar a forte construção camoniana da nossa bela língua.

Em primeiro lugar, continuará a escrever como lhe ensinaram as gramáticas sensatas; em segundo lugar, os próprios reformadores acabarão achando horríveis os seus ensaios de ortografia nova e voltando, por um natural sentimento de estética em homens de letras, a usarem dos processos antigos. A reforma representa simplesmente um capricho – e os caprichos, todos sabem, têm vida curta. São agitadas falenas que perpassam pela luz, queimam as asas e morrem.

Mas isso mesmo – tentativa, projeto, discussão, malgrado o platonismo que os condenam a razão, a lógica e a resistência da massa, não deixa de constituir qualquer coisa que irrita.

Como? Pois a *Academia de Letras* no Brasil, só armada dos seus títulos amáveis, graciosos e modernos, se julga com o direito de reformar a ortografia da língua de Alexandre, Herculano, Garret, Castilho e outros, que esculpiram no bronze imortal da

história clássica os moldes do português verdadeiro, do português puro – fonte onde todos podem encontrar a orientação, num qualquer caso de dúvida?

Não ousa, de certo, qualificar a temeridade, de que devem sorrir os grandes espíritos dos nossos clássicos, lá no eterno Além, onde vagamente fluam.

Eles os genuínos imortais, a despeito de tudo quanto seja tentado no febril redemoinho da atualidade, têm por força de achar uma nota cômica no tentame destes outros imortais em título que pretendem alterar a formosa forma da língua que o talento deles solidificou para sempre. E não seria o caso de se proceder a evocação desses espíritos numa sessão de magia?

Ah! mas imagino com que cerrado sobrececho acudiria o ilustre solitário de Vale de Lobos – Alexandre Herculano, o ardente e impoluto escritor, que se impôs pela autoridade do espírito sobre o espírito, pela autoridade da ideia e da linguagem, pelo saber, pelo pontificado intelectual, finalmente, que tão nobremente exerceu! Ele, chefe de uma escola, que olhar lançaria para a supressão dessas letras, que representam a alma da própria língua?!...

Tanto zombamos da fonética positivista e, entretanto, parcialmente, estamos a cair nela...

Oh! é questão apenas de mais ou menos... E os conciliábulos progridem, as sessões da academia repetem-se, a cabala se alastra, aliciando votos conciliadores, pacíficos – sem que se

levante uma voz vibrante protestando contra o sacrilégio.

E o processo das alterações me faz pensar, talvez, sem propósito, numa possível (hoje tudo é possível) fantasia de algum doutor em medicina, desses férteis inovadores da ciência, que inventasse um dia suprimir certos órgãos do corpo humano, para o fim de aperfeiçoar o homem. Para que dois pulmões, dois rins, dois olhos? Excesso orgânico, estupidez do criador!

A civilização manda simplificar tudo, e os indivíduos de espírito aberto às leis do progresso devem extirpar esse órgão em duplicata, que o modernismo condena. Viva-se com um pulmão só, um único rim, apenas um olho – que os outros são desnecessários.

- Mas doutor, geme o paciente, eu ficarei com o aparelho pulmonar diminuído, sujeito mais depressa às nefrites e sobretudo feio, porque me tornarei caolho...

Ao que o douto médico responderá com autoridade:

- Histórias, meu amigo! Você é um atrasado! Pois a beleza e a força estão justamente na supressão do que lhe parece essencial!...

A uma distinta professora pública que há dias me falava, alarmada, no perigo dessa reforma, que talvez desorganizasse todos os princípios fundamentais do ensino nas escolas – perigo que ninguém, avista derrocada de todas as regras da gramática que ninguém percebe – eu indiquei muito confiadamente o Conselho Superior de Instrução Pública.

A professora sorriu...

Precisava a semana do seu crime passionai – e teve-o, para satisfação dos leitores de jornais que nutrem decidida preferência pelos dramas emotivos.

Amor! Ciúme! Sangue! Desvairamento! Que magníficos títulos para um folhetim sugestivo! No fundo, a mais triste e lastimosa prova da incapacidade do homem para ser fiel à mulher que confia nele; a mais triste e lastimosa prova, também, do quanto a justiça da terra é cega e má. A tragédia girou entre três seres, dois postos fora de combate pela vingança dos zelos e pelo desespero alucinado; e o terceiro, que ficou ileso, conservando a invulnerabilidade da graça, juvenil e triunfante, é exatamente aquele do **trio** que merecia o castigo, único responsável do sangue derramado. Ah! não há dúvida que existe um deus da mocidade em flor – e isto explica a crueldade que é frequentemente o distintivo dessa idade vitoriosa: crueldade da *coquetterie*, da ingratidão, da perfídia, dos egoísmos risonhos... As lindas mulheres novas deviam lembrar-se, entretanto, que, segundo as palavras do sábio Fontanelle, elas morrem duas vezes: quando deixam de ser novas e lindas, e quando chegam à hora final da vida, como toda a gente. Mas vão lá infundir ideias de Fontanelle numa cabecinha jovem e bonita, onde só torvelinham pensamentos alegres e planos de vaidade, sempre contente!...

No caso da semana, a vaidade de uma moça de vinte anos assumiu o caráter mais odioso que se possa imaginar. Recolhida desde criança por uma mulher dedicada, em cujo lar cresceu, pôs-se menina e fez-se

apetitosa, não vacilou em acender à concupiscência do dono da casa, já quarentão, mostrando-lhe as graças de pequena desenvolta ao lado dos encantos já murchos da antiga companheira de 21 anos de existência comum.

Aquilo tudo foi torpe e cínico, debaixo do mesmo teto que agasalhara a bambina órfã, quase uma filha do casal! E a infeliz traída, diariamente supliciada, percebendo projetos que cada vez mais a distanciavam e até suprimiam, como uma letra condenada (sem metáfora), a infeliz perdeu a tramontana e fez justiça com as próprias mãos crispadas de dor e ciúme. Mas, que digo eu? Justiça?... Não; isto é que a desventurada não fez, porquanto, se desfechou um tiro no tal negociante, seu velho companheiro, que alguns declaram um homem conceituado, mas que eu reputo um indigno – e por causa dela, e por causa da outra – deixou contudo de desfechar outro tiro na pequena que desgraçou o seu lar e hoje ainda assume ares atrevidos, aludindo ao drama:

Sacrificou-se, a si própria, no auge da tortura moral, virando a arma contra o cérebro exasperado, que enfim deixou de ruminar a ideia atroz, a ideia amarga, mergulhando no repousante torpor do desmaio, irmão da morte.

Mas a outra, verdadeira culpada de tudo, foi poupada, está bem viva, e triunfa sobre o pedestal de sangue que erigiram à sua mocidade. O homem ferido, naturalmente, pouco se importou com o sacrifício da primeira, que achou até muito justo, muito merecido. A justiça, para ele, foi

aquilo mesmo – escapar a sua pequena...

Ah! deveras, o ciúme...

Sem querer, pensa-se em Mollière:

C'est que la jalousie...entendes-tu bien, Georgette? Es une chose, lá ...

Que ninguém compreende, senão quando lhe entra por casa... É o sentimento, segundo o espirituoso comediante e autor, de quem vê arrebataram-lhe a tigela de sopa que lhe mata a fome...

Depois da sua última conferência no salão da Sociedade de Geografia, parte para a sua luminosa pátria Mme. Raoul Toché, que o *Binóculo*, da Gazeta de Notícias, denomina com tão feliz propriedade, a gentil Rarahu, do *Casamento de Loti*.

Foi uma ideia encantadora. Mme. Toché é realmente um tipo de Rarahu, e tão espirituosa e trefega, de uma tão linda coragem, afrontando o estrangeiro sozinha, sem desfalecimento d'alma – que o seu exemplo consola e alenta.

Não foi contudo feliz entre nós a intrépida visitante, que trocou a cálida familiaridade amiga da sua roda literária, em Paris, pelos atritos de uma tentativa, perfeitamente legítima e até acoçoada, quando se trata de um homem, mas que ela, como mulher, só logrou ver desdenhada e até... escarnecida.

Não me parece que ela deva levar boas impressões da nossa terra, embora nada me tenha dito nesse sentido, com a sua fina delicadeza de parisiense. Mas eu adivinho, e sinto não havê-la conhecido antes da sua vinda, porque lhe teria dito:

- Minha cara amiga, veja bem que o meu país não está ainda preparado

para compreender o papel da mulher nas lutas pela vida. Ele, por ora, só encara a mulher por dois prismas: como a velha criadeira de netos, nos fundos das casas, muito respeitada em aparência, mas na realidade apoucada como um trapo inútil, ou então como bonita rapariga, que regala as vistas. E a minha amiga não representa nem um, nem outro desses tipos. É apenas uma mulher laboriosa e instruída, que quer ganhar o seu pão. E assim mesmo tenciona ir ao Brasil? Mas que vai fazer... nessa galera?...

Assim eu lhe teria falado, mas a verdade é que Mme. Toché não me consultou, nem eu a conhecia, senão de nome, e aqui a tivemos, e agora a perdemos. Levem-lhe estas linhas o adeus de uma brasileira que a apreciou com a maior sinceridade, como espírito vivo e finalmente cultivado.

A conferência dela e a do simpático poeta Luiz Edmundo marcaram o fim de semana.

Infelizmente, à hora deste último falar, estarei rolando no expresso mineiro, com destino a Belo Horizonte. E foi bem triste para mim que Luiz Edmundo tivesse deixado de realizar a sua linda palestra no dia 6, quando o conferente inscrito na série, que era Alberto de Oliveira, lhe cedeu a vez, porquanto hoje estarei de viagem e deste modo impedida de aplaudi-lo como tanto desejaria fazer.

Mas que importa ao conferencista a minha ausência? Palmas, e muitas não lhe hão de faltar, e manifestações justas de muito apreço e de muito agrado. De resto, eu já tive a fortuna de ouvi-lo ler-me o seu interessante trabalho, assunto da palestra de hoje,

posso, sem artifícios, gritar-lhe mesmo de longe:

“Muito bem! Muito bem!”

Carmen Dolores.

A SEMANA 11/08/1907 [8347]

Cumprimento em primeiro lugar, que eu felicite o Instituto dos Advogados pelo seu triunfo de quinta-feira, quando 16 votos contra oito promulgaram, que enfim o espírito inteligente vai compreendendo a necessidade indeclinável do divórcio como lei vencedora da rotina; e depois, especialmente, cumprimento que eu cumprimente o Dr. Marcilio de Lacerda, antes da tese que foi discutida, e o Dr. Avelar Brandão, e sobretudo D. Myrthes de Campos, a jovem advogada, cuja mentalidade serena e altiva jamais se deixou asoberbar pela covarde onda de insultos com que tentaram refrear-lhe a ação feminina.

Um dos principais argumentos contra a simpática defensora do divórcio, é que ela é solteira e não pode entender do riscado. É boa! Como se fosse preciso passar pelas situações, em pessoa, para estudá-las profissionalmente ou para analisar **de visu** os tristes efeitos da separação judicial que se impõem em nossa terra, exigindo urgentemente um corretivo, um remédio, uma solução.

Tanto mais razão sobra à corajosa advogada de se imiscuir na questão palpitante, quando podem verificar as dores caladas das suas irmãs, que no homem só encontraram a ironia ou então a condenação dura e sistemática, baseada no preconceito, de toda a ideia

reformatora de costumes tirânicos, abrindo nesgas em portas ainda cerradas às vítimas de um destino injusto.

É curioso observar como adversário dessa libertação do divórcio tornea as faces do assunto, de modo a nunca entender certos modos claros e lógicos de apresentarem os defensores da ideia os seus argumentos. O que o adversário quer, é ferir a imaginação do povo com grandes palavras acarianas, afim de aliciar adeptos à controvérsia. E vem logo à cena as célebres frases rotineiras já muito estafadas de encherem o papel: “A desorganização da família! O divórcio é uma imoralidade clamorosa, que destrói a segurança do lar...” E por aí além, toda gama moralista costumeira!

Protesta então com muita calma o propagador da evolução, perguntando:

-Mas qual é a organização de uma família já desorganizada pela separação de corpo e bens do casal? E quando, por exemplo, foi o marido que abandonou o lar, deixou a esposa desamparada, sem meios de subsistência esmagada pelo abandono e pela ferocidade social contra a sua posição anômala – por que não há de essa esposa encontrar para o seu caso perdido o único remédio que é a libertação completa, o divórcio com a dissolubilidade do vínculo matrimonial, representando a viuvez, e que lhe permitirá reconstituir honestamente o seu destino de mulher, que precisa de amparo e de afeto? Onde está nisso a imoralidade, com a dissolução radical de um lar que já não existia, porque a própria lei o tinha destruído?

Mas aí se faz imediatamente o silêncio por parte do antagonista do divórcio. Ele não entende. E voltam as frases solenes, como um dobro de finados: “Degradação! Degradação! O divórcio significa uma propaganda de que a moral se ausenta...”

Insiste o generoso pugnador, que não tem absolutamente interesse pessoal na questão, mas penas, analisa, observa e estuda, com imparcialidade de um desapaixonado – e só assim é que se deve realmente discutir a tese:

“E quando um homem bom, laborioso e simples, cheio de filhos, assiste à deserção da esposa, que resvala na vida, e fica sozinho no lar desonrado, chorando sobre a sua desdita? A lei cortou o laço conjugal como pode. Esse homem só tem diante de si o isolamento, entre crianças sem mãe, como um viúvo.”

“E que mal existe contra a moral que a lei do divórcio o torne verdadeiramente viúvo, livre do contrato anterior, já inutilizado de fato, podendo refazer a sua vida com outra companheira legítima, que o console e lhe crie os filhos? Será então preferível que ele coabite com a criada, para que se salve o preconceito social?...”

Mas aí silencia o adversário do divórcio. Ele não ouve, nem entende esses argumentos singelos, mas tão eloquentes e poderosos na sua singeleza, porque se apoiam na pura verdade.

Passa por cima e vai debater coisas da jurisprudência, coisas teológicas, coisas vagas, absurdas, que abrem margem a uma série de investidas sem fundamentos. E o mesmo faz em

relação ao feminismo, que o seu sarcasmo sistemático ridiculariza, apresentando-o logo de roupas masculinizadas e grotescas – sempre a velha e batida chapa, já sem curso – aliás de não enxergar outra feição elevada, corajosa e nobilitante da questão.

Isto me lembra a mania francesa, filha da ignorância, de só representar o brasileiro na Europa como um tipo de macaco, reluzente de ouros e faiscante de pedras preciosas. No teatro, nos livros, o pobre brasileiro tem de assumir forçosamente essa forma burlesca do rasta coberto de joias. Entre nós, a feminista há de também ser evocada sempre pelos espíritos estreitos como uma individualidade picaresca e híbrida, de jaqueta viril e chapéu de palha, representante de um terceiro sexo, sem as graças da mulher nem a capacidade do homem.

Oh! a chapa das ideias! Que flagelo, e que barreira a tudo o que é inteligente!

E quanto não existe de nobre e valente na mulher isolada, que por causa desse isolamento entre as forças egoístas da sociedade, se tornou feminista – isto é, se atirou corajosamente ao trabalho, como um homem, para se manter, e naturalmente reclama os direitos que lhe dá esse trabalho honesto – tudo é obscurecido, confundido, por um mesquinho temor da concorrência. A arma é o ridículo – triste arma da covardia! E à legião das heroicas que a luta cruel pela vida empurra para a arena do esforço; a todas essas mulheres, muitas vezes sublimes, dignas, caladas, despretensiosas, valendo cada uma, não raro, pela soma

de inteligência e energia, muito mais do que dez homens protegidos abertamente pela solidariedade masculina, e pelas leis, e pela rotina; a todas essas lutadoras, os antifeministas só acham parta arremessar, com um risinho que supõem muito fino, mas é apenas tolo, frases como esta: *Allons, soyes sages, pas de bruit: on vous donnera de belles robes...*⁶³

Bonitos vestidos? Mas é justamente o que a feminista não quer que lhe deem, porque vestidos dados custam muito caro: Custam a desonra, a humilhação e depois o desprezo, sob a forma de um dedo que aponta na rua – o dedo do próprio que deu o vestido.

E por isso a feminista trabalha e compra aquilo que lhe é necessário com seu dinheiro, fruto do seu nobilitante labor. Estão ouvindo? E começa a parecer um tanto impertinente, além de parvo e atrasado, que nesta época de egoísmo e combate, em que o sexo feminino tem de entrar por força em cena, quando lhe falta a fortuna, dos pais ou dos maridos, a menos que não queria morrer à míngua ou entrar para a fileira da galanteria rendosa, que fornece belas *toilettes* – ainda que haja alguém que, fingindo espírito, queira tratar a mulher laboriosa, a mulher valente, como uma espécie de Sinhá pateta, aquém se promete balas e cocadas se ficar quietinha na cozinha, brincando com as suas teteias...

Ora, façam o favor... Isto é que é ridículo, e o tempo não está mais para semelhantes frioleiras.

Pondo final no assunto, que já vai longo, volto ao Instituto dos Advogados e torno a felicitá-lo pela sua vitória – triunfo grato a todo Brasil, que necessita da lei do divórcio como os pulmões necessitam de ar.

Pregue a asfixia quem quiser: mas o ar é indispensável. E um aperto de mão ao Dr. Marçílio de Lacerda, que reabriu um caminho que as urzes já iam invadindo.

Avante a mensagem ao Congresso!

Os tempos seguem-se, mas os tempos não se parecem, não é verdade? De resto, a imaginação popular sabe tão bem que um Cristo não estaciona duas vezes na terra, vivível na sua forma humana e invisível na sua essência divina pregando inutilmente o amor às criaturas que o aparecimento de um novo Messias, como enviado do céu, fanático e maluco, é recebido a vaías e pedradas, segundo aconteceu esta semana na estação da Piedade. De nada serviu ao tal regenerador das almas apresentar-se de vasta cabeleira em cachos, a nazareno, com a mesma barba em ponta, emoldurando a face oval e melancólica: o embuste falhou ou a vesania foi descoberta e o novo Messias, em vez de ficar no alto de uma cruz a verter por nós seu sangue, como o Redentor de há dois mil anos, foi parar numa delegacia, corrido e apupado pelos garotos como demente ou farsista. Nem uma leve vacilação da credence plebeia. E quando as bruxarias ainda exercem tamanho efeito sobre o espírito do povo, esta falsa figura do Messias só excitou descontentamento e até furor.

⁶³ Ora, sejam boazinhas, nada de barulho: ganharão belos vestidos

Representou ele mal o seu papel sacrílego, ou os nossos dias já não aceitam mais com facilidade o milagre, as aparições, os santos que empunham cruzeiros ornadas de fitas e pregam a fé com exaltações de iluminado pelas ruas suburbanas?

Chi lo sa?...

Tenho diante de mim dois livros que me agradam muito – tanto mais que foram escritos por portugueses e deste modo escapam à sutil desconfiança que agora me persegue fatalmente, mal lanço as vistas para alguma pagina escrita por um puro compatriota meu. Virá por ali reforma ortográfica, pergunto aos meus botões? E já tremo toda, horrorizada... Mas os livros a que hoje me refiro estão isentos do medonho contágio: um foi escrito por um legítimo português que aqui nunca veio; e o outro por um português mais brasileiro hoje que mesmo lusitano, mas que enfim deu à luz o seu trabalho antes da epidemia ortográfica cujo perigo é a contaminação. E, de resto, o seu espírito vigoroso, que recebeu o cunho primitivo e forte da língua mãe, esta à prova do fogo. A reforma não lhe pegará...

O primeiro livro, juvenil, leve e bastante original, com o título *Paris*, me foi enviado de Coimbra pelo seu autor, Luiz da Camara Reys. São impressões da cidade-luz, traçadas num estilo conciso e moderno, que empurra pela retina adentro em breves frases sugestivas a cena descrita e dão razão ao primeiro juízo que merecem as crônicas principiantes da Camara Reys, nesta folha. Ele próprio imaginou que eu exagerava, por

ignorância ou por troça. E respondeu-me com uma pontinha de ironia. Mas não, é que eu sentira apenas que essas crônicas de estudante já revelavam um temperamento de escritor, que se havia de afirmar. E o tempo vai me dando razão. *Paris* é um lindo trabalho, elegante e atraente.

Que direi agora do *Amor, tragédia e farsa*, de Armando Erse (João Luso)? Não é fácil falar da obra de um mestre, por mais simples que ela seja. E João Luso é um mestre. As suas crônicas da [ilegível], nesse estilo macio e límpido que empolga o leitor como um fio de cristal, brilhante à luz – as suas crônicas me encantaram.

E neste momento, embora já conhecendo todos esses quadros dialogados, que O Paiz publicou, encontrei novo prazer em reler o volume inteiro, em que a finura e a observação, a psicologia e o espírito andaram sempre juntos, numa cintilante harmonia.

Todos os meus agradecimentos.

Carmen Dolores.

A SEMANA 18/08/1907 [8354]

Se alguma coisa merece especial referência entre os assuntos de atualidade, é sem dúvida essa instituição que se chama Centro Mineiro e funciona ao largo da Carioca, realizando os fins mais úteis, de mais calorosa solidariedade conterrânea, que possa almejar um espírito filantrópico.

São esses fins, de um positivo e elevado alcance:

Pugnar pelos interesses do Estado de Minas Gerais.

Acolher fraternalmente os mineiros, sócios ou não, que aqui venham e fornecer-lhes todas as informações que desejam.

Criar uma biblioteca e manter na sede social um centro de palestra e leitura para seus associados.

Facilitar a educação e o ensino moral e profissional dos menores e desprotegidos, filhos de sócios, conceder a estes, pensões, quando enfermos ou inválidos, ou em caso de morte, concorrer para os funerais, promover e manter na sede social uma exposição permanente dos principais produtos de exportação do Estado de Minas – praticar, em suma, todos os benefícios e todos os atos de propaganda em prol do Estado natal.

E bem se vê por esta enumeração que o Centro pensou em tudo, favoreceu em tudo os seus conterrâneos, abriu-lhes na cidade estranha um asilo contra o isolamento, com salões de leitura e palestra, com médicos gratuitos e até mesmo um prêmio (medalha de ouro), conferido anualmente ao mineiro que apresentar um trabalho literário, artístico ou científico, digno de distinção.

Ora, quando eu lhes dizia, amigos leitores, que as letras jamais são esquecidas em Minas Gerais, decerto não mentia. E o Centro Mineiro não representa senão o próprio berço consagrado outrora pelos nomes de Gonzaga, Silva Alvarenga, Barbara Heliodora, Maciel, cônego Vieira da Silva e tantos outros. É um pedacinho do grande Estado para aqui transplantado, e onde os seus filhos, ainda aturdidos pelo estridor da grande capital, alheios ao seu movimento e saudosos da sua terra e da sua gente,

encontram o eco bem vivo de lá entre os produtos, os hábitos, o aconchego, as palestras, as ideias, os jornais e a cordialidade conterrânea desse centro.

Possui de resto a instituição um lindo patrimônio de oitenta contos de réis e conta mais de mil sócios, entre os quais estão os vultos mais ilustres de Minas. E por que não há de cada Estado nosso imitar o referido Centro e criar assim o seu círculo próprio, onde baianos, pernambucanos, sergipanos, e por aí além, possam haurir os benefícios de uma solidariedade preciosa, tanto mais agradável quanto a vida agitada e ruidosa de uma enorme cidade, como é esta, torna mais difícil a fusão social para o provinciano aqui exilado e sedento dos costumes do seu meio natal.

De mais a mais, ter o funeral garantido, por estes malsinados tempos de perigo amarelo e elétricos de Botafogo, além dos trens dos subúrbios, e, que o cidadão sai de casa com as suas pernas perfeitas e volta apenas com o busto entre mãos alheias – olhem que isso não é pequena vantagem... O enterro, finalmente, constitui hoje uma das maiores preocupações do homem vivo... E o Centro Mineiro, não esqueçam, poupa até esse cuidado aos seus sócios queridos. Enterra-os com prazer e carinho...

Oh! que amável Centro!

Se o tempo de quando em quando tem agora as veleidades de fingir-se de parisiense, mandando-nos a clássica *averse* ou pancada d'água, que em Paris obriga os passantes a se refugiarem depressa no vão de alguma

porta, à espera do *fiacre* salvador, a verdade é que nós também estamos ficando uns verdadeiros boulevardistas, aprendendo a sair e divertir-nos a despeito das inclemências do céu. Enfarrusque-se embora o horizonte: todos se atiram à rua; enovelem-se as nuvens, caia a chuva e a ventania de agosto fustigue asperamente a face – correm todos assim mesmo aos divertimentos, arrepiados com elegância, o nariz um pouquinho enrubescido na ponta, mas aspirando com denodada bravura o ar saturado de moléculas úmidas, que amolecemos colarinhos lustrosos dos *gentlemen* e desfrisam lamentosamente os grandes *boas* de plumas das *ladies*.

No domingo último, entretanto, um sol de ouro resplandeceu para as regatas de Botafogo; e como eu passasse casualmente por essa bela avenida, senti um estremecimento de admiração ante o espetáculo que se oferecia aos meus olhos. As sombrinhas de cor formavam toldos policromos e movediços, em que a grande luz tremia, e a diversidade dos tons das *toilettes* femininas mantinham essa nota intensa, colorida variada e palpitante, que ofuscava. Era uma onda multicolor a ondular, a engrossar, crescer, recuar, desferindo reflexos, como espumas irisadas, e de cujo seio desprendia de quando em quando algum vistoso grupo, mais distinto, aguardando a passagem de um elétrico já cheio, à beira das calçadas. E tinha-se ali, durante um segundo, a visão mais clara e definida de uma figura de mulher, ruborizada pelo sol, a visão de um chapéu cor de rosa, de uns grandes olhos negros, de uma boca polpuda e

entreaberta... Mas era um relâmpago! E voltava a perspectiva confusa da massa policroma e ondulante, das tribunas do pavilhão destacando-se no ar luminoso, negrejantes de gente, das embarcações traçando um sulco ao longe, na água azul, ao som dos apitos e das buzinas – todo um quadro ardente e empolgante do mais belo efeito... por alguns momentos. Estacionar, porém, no atropelo dessa confusão, ao calor desse sol, sentindo a enervação das longas expectativas ante um espetáculo sempre o mesmo – embora radiosos, eis o que parecia aos meus nervos o mais intolerável dos suplícios. E por isso, olhei, vi e ... fugi.

Cá tenho na pupila a fotografia da regata, num bonito instantâneo e sem as maçadas da espera.

Um volver de olhos... Pronto!

Ça y est. Para a impressão geral, já basta.

Logo depois, a chuva e o vento, desafiados pelo parisiânismo a que me referi atrás hoje encouraçava o brasileiro moderno contra as intempéries do céu. Quanta novidade se anuncia! Já A.A. se levantou contra a ocupação do teatro São Pedro de Alcântara pelo circo Frank Brown, cuja vinda encheu de alvoroçada alegria muita gente grande, além da criança. E se A.A. tem certamente razão na sua queixa melancólica contra a invasão – aliás tantas outras vezes repetida – de um circo de cavalos e elefantes no velho teatro construído por D. João VI, cumpre todavia, meu Deus! que ele seja coerente. Pois que a tradição só presta hoje para ser destruída ou ridicularizada, e nem respeitamos a nossa própria língua, tão antiga e formosa, por que se há de respeitar o

teatro de D. João VI, de tão somenos importância comparado à língua pátria?

E, francamente, não sei se a *Caravana*, essa nova associação fundada pelo verdadeiro artista que é Coelho Netto, auxiliado por tantos outros artistas também – não sei se a *Caravana* logrará ou mesmo tratará de fazer respeitar **o espólio sagrado dos nossos avós**, segundo a frase do próprio autor do *Dote*. A tradição anda muito por baixo ou dão-lhe para baixo, o que vem a ser o mesmo; e querem uma prova decisiva no presente? Lucinda Simões, a extraordinária Lucinda, deixou definitivamente a companhia Christiano de Souza, por que? ninguém o sabe, e quem é que ainda lhe fala n'alma? Raríssimos. Estreou justamente agora a Guilhermina Rocha num dos seus papeis, lá na Bahia, e ninguém a rememora, em se tratando de uma companhia de que ela foi a estrela. A Guilhermina passou a ser uma artista de primeira ordem, uma *mistress* Clakson, a Estrangeira, de jogo inimitável; a Guilhermina passou a ser tudo – e isso se no mesmo plano em que trabalha Christiano, e sem que se lamente a falta de Lucinda...

Ora, isso já é uma ingratidão! Verdade é que Lucinda era também uma grande ingrata... Mas então sejamos todos ingratos, esquecidos, pisemos sempre no ídolo da véspera e não se fale mais em tradição, em espólio sagrado, em nada disso...

Acabou-se!

A propósito dessa negação de tudo, li há algumas semanas um artigo do Estado de S. Paulo, com o título

Divagações, cujo princípio dizia: “Está o mundo em crise.” E pode bem ser que o aparecimento nestas bandas do cometa Daniel signifique a chegada de tal crise por cá, o que explica o mergulho de todas as teses verdadeiras ou elevadas num fundo poço como aquele em que caiu o próprio Daniel, mas quando profeta e ainda não cometa, entre leões e panteras. Respeitaram-no então esses bichos, apesar de ferozes, mas os leões de agora não respeitam certas ideias – e tudo isso é porque o mundo está em crise. É bem grave, não? O mundo está em crise!... E por que? Porque a mulher por toda a parte se lembrou de afirmar a sua individualidade, os seus direitos; porque a mulher, sem abandonar o aventalzinho garrido de seda preta, com quem espaneja os *bibelots* da sala, lembrou-se de também ler, pensar, dar a sua opinião, e, se se encontra de súbito ao desamparo, de trabalhar, fazer concorrência ao homem.

Oh! mas é excessivamente grave... e o mundo entrou em crise. Como na Inglaterra as mulheres não desprezam o seu whisky ou a sua genebra, o desejo dessa independência degenerou depressa em exaltação, em berreiro – e a polícia pôs-lhes o guante ao ombro.

Feministas ao posto – isto é, ao xadrez. Em França mais delicadas e finas, as mulheres vão vencendo a sorrir, sem abdicarem a graça do sexo: e por uma **virgem vermelha**, por uma Luiza Michel, outras mil guardam o encanto na força e na inteligência. Assim também o francês se curva mais dócil ao domínio feminino, porque o sente gracioso apesar da sua independência.

Ora, nós aqui, temos ainda mais que a francesa a graça da debilidade aparente, que desarma.

A brasileira mais inteligente e preparada, trabalhando como um homem muitas vezes não trabalha ou suprimindo até o trabalho ausente desse homem, que vive do esforço dela; essa mulher que sustenta a casa, é o apoio dos seus, gira todo o dia, moureja, e podia portanto, ser uma revoltada, uma independente – essa mulher, ao contrário, embora conheça os direitos que lhe dá essa atividade masculina, é contudo uma criatura sempre amena, sempre meiga, não raramente até tímida, por que esta é a nossa índole. Como que pedimos perdão da nossa superioridade, quando ela se manifesta em qualquer terreno disputado pelo homem.

Pois, senhores, nem assim. E levam a pintar-nos como entes anômalos, ridículos, estranhos, de cabelos cortados como as estudantes russas – e por um pouco nos mandariam a força, como elas, já que não nos podem mais encerrar na cozinha ou então limitar ao estreito e fútil espaço de uma sala à hora *five o'clock*, percorrendo exclusivamente sobre a cor do vestido de Mme. X ou o mau procedimento de Mme. H.

Pode-se também falar no retiro da capela tal ou no sermão de monsenhor J. ou do padre Z. Mas fora disso, nada mais, senão... senão... fico logo o mundo em crise...

Oh! mas é excessivamente grave! Não achais, Steinbroken? Entalai o vosso monóculo e respondi-me...

Carmen Dolores.

A SEMANA 26/08/1907 [8361]

Ora, amigos leitores, eis-me de volta a esta bela capital cheia de luz e movimento – tanto movimento, que ninguém deu pela rápida viagem a São Paulo da obscura cronista.

A vida ferve, nestes dias e nestas noites de inverno carioca, tão preenchida cada hora que se escoia por novos divertimentos, novas festas – hoje a conferência, amanhã o concerto e o Coquelin, que a todos absorve, e o circo Frank Brouwn, e cem espetáculos a um só tempo, cem novidades, cinematógrafos em cada canto, as avenidas sulcadas de automóveis e carros, as ruas asfaltadas cheias de gente e cheias de sol, os elétricos transbordantes, as confeitarias transbordantes, as lojas transbordantes – por toda a parte o rumor, à vida!

Nestas condições, que importa a fugitiva duração de um átomo perdido entre as turbas trepidantes?

Segrega-se esse átomo da massa, volita, solta-se, torna a vir agregar-se fazendo parte do todo, e a massa nem percebe os giros dessa minha porção do seu vasto corpo. Debalde o generoso Comercio de S. Paulo abriu a sua notícia da minha conferência na capital paulista com estas magnânimas palavras ditadas por excessiva benevolência: “Foi um sucesso...” Debalde os outros jornais locais me trataram com uma cortesia não menos cavalheiresca e lisonjeira, e senhoras ilustres me abraçaram e visitaram, provando que S. Paulo pode ser hospitaleiro: o eco de tudo não esmoreceu ao estridor do nosso inverno festivo e alegre, que tudo

devora e tudo abafa sob as fanfarras dos clarins mundanos. E o átomo voltou a ocupar tranquilamente, obscuramente, o seu lugar nestas colunas, contente aliás, porque se sentia deslocado fora do seu foco habitual de existência – e daqui ele saúda os leitores e torna a oferecer a sua prosa, tão constante, quão sensaborona...

Ai de mim! Não é porventura a sorte dos átomos, parecerem sempre sensaborões? ...

A título de reentrada em matéria falemos de Coquelin, que revii nesta temporada sob a gaforinha vermelha e medonha do Quasimodo, de Notre Dame de Paris.

Os críticos acharam inaturável que o grande artista se apresentasse sob aquele aspecto repulsivo, recebendo açoites sobre um pelourinho; mas eu admirei-lhe a coragem, o denodo – e sobretudo a obra de arte que esse ator ofereceu ao público.

Onde Coquelin, o elegante *diseur* de monólogos, o espirituoso intérprete de Molière, o homem das salas, condecorado com a Legião de Honra, familiar de cabeças coroadas, sabendo vestir e pisar com naturalidade os tapetes das cortes reais?

Tinha desaparecido radicalmente e o que os olhos viam em cena era de fato o sineiro de Notre Dame disforme, monstruoso, acalanhado, torcido, sardo, com uma expressão bestial na face rude, que jamais se desmentiu um segundo, durante o espetáculo inteirinho... E considerem que esse espetáculo não foi curto... Ao contrário! Um dos piores defeitos da

velha peça que pouco agradou e antes cansou.

Pelo lado, entretanto, da ressurreição de uma época esvaída, não deixa esse dramalhão de ser pitoresco. E Coquelin compensou bem a feição tenebrosa, antiquada e já pouco aceitável de todos estes quadros infundáveis – tão infundável que ninguém assistiu mais ao último – com essa extraordinária e arrojada criação de Quasimodo torturado, Quasimodo bestial, mas dedicado, Quasimodo amoroso, com inflexões de voz enternecedoras, e Quasimodo, enfim, violento e assassino.

Deixem lá a fealdade do papel: é uma fealdade assombrosa! E por que não falamos de Claudio Frollos, personagem clerical tão de acordo com o tipo de sempre, de hoje, de todos os tempos, cauteloso e hipócrita, fazendo servir a religião de capa às suas inconfessáveis paixões?

Assistia eu da minha cadeira, pensativa a remoer coisas tristes, a essa terrível cena da marcha de Esmeralda pobre inocente! Para o suplício para a fogueira purificadora de pecados não cometidos, entre monges alinhados e graves, à luz fúnebre das tochas acesas e ao som terrível do cantochão da morte.

Uma senhora, alma doce e impressionável, terrificada pelo efeito teatral desses padres mandando ao martírio uma criança inofensiva, em nome de Deus, levantou-se nervosamente e saiu da sala do espetáculo. Eu fiquei sorrindo; e, quando Claudio Frollo, brandindo a alta cruz sagrada aproximou-se da condenada e conjurou-a a confessar as suas faltas e arrepende-se, antes de

morrer, murmurando-lhe contudo, baixinho entre as severas palavras **eu te amo! eu te quero! dize que me aceitas e eu te salvarei!...** meu espírito evadiu-se do teatro e foi vagabundear pela estação da Piedade, evocando as últimas cenas ali passadas numa igreja e que provam continuar o amor a perturbar as altas serenidades eclesiais, no século XX como no século XV. De mais transcendente nos crimes sacrílegos do passado, havia a ciência erudita dos Claudios Frollos, que gravavam a expressão grega *ananké* nos vitrais góticos do claustro desculpando com a fatalidade as exigências do temperamento.

E essa erudição desapareceu da igreja, assim como desapareceram os vultos de envergadura de Savonarola, que governou três anos Florença, do fundo da sua cela e do alto do seu púlpito; Lutero, monge angustino, reformador violento das doutrinas católicas; o grande Bossuet, célebre pela beleza das suas orações fúnebres, padre e ao mesmo tempo teólogo, historiador, filósofo e político; Fenelon, arcebispo de Cambrai, autor de inolvidáveis obras, e outros, muitos outros, cuja ilustração fez época. Eram sábios; eram pensadores. Ora, todo esse saber desertou do nosso clero em geral, ao qual basta hoje, entre nós, elaborar a elementar prédica dos domingos e redigir os assentamentos das missas, dos casamentos e dos batizados.

Mas, se fugiu a erudição monástica dos séculos passados, o pecado do amor ficou sempre escondido, atrás da hipocrisia clerical, acobertada por solenes frases, cheias de mentiroso rigor. Ainda o Claudio Frollos de

Victor Hugo, era um homem novo, e quando cometia o feio crime do sacrilégio, brandindo uma cruz mortuária a soluçar de paixão, era obedecendo aos selvagens impulsos de um sangue rico de seiva.

Mas que dizemos desse padre Benjamin, da Piedade, com setenta anos e disputando a sua presa amorosa aos pés do próprio altar em que dizia a missa? Foi uma luta entre dois padres rivais, o moço esmurrando o velho, que ciciava justamente: *Dominus vobiscum!* Aos fieis ajoelhados, (assim contam os jornais). E se não pode chamar positivamente a essa troca de socos uma luta romana, a verdade é que os mal-intencionados ficam no direito de denominá-la uma luta católica, apostólica e romana, pois que teve lugar entre dois sacerdotes católicos e junto ao altar de um templo católico e romano.

Não reza, entretanto a crônica se a causa do pugilato sacrílego se achava presente e atirava aos sagrados campeões o célebre verso:

*Sors vainqueur d'un combat don't Chimène est le prix.*⁶⁴

Não; a crônica silenciou a tal respeito. Mas... é de presumir que Chimène, como boa devota, estivesse ouvindo contritamente a sua missa dominical. De resto, estas considerações estão me afastando tanto de Coquelin, que paro aqui. Claudio Frollo, no trágico, e padre Benjamin, no burlesco – tudo tem a mesma origem, não é verdade? Neste caso, a discrição se me impõe...

⁶⁴ Sairás vencedor de um combate em que Chimène é o prêmio.

*Passons, glissons, n'appuyons pas...*⁶⁵

E já que se trata de festa, nesta época tão festiva, cumpre que eu anuncie uma que já se prepara com muito brilho para comemorar o aniversário natalício do general Osório, marquês do Herval, cuja bela estátua domina o nosso antigo largo do Paço, hoje ajardinado e transformado em praça de luxo.

Uma ilustre comissão, composta de militares e civis, presidida pelo marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet e secretariada pelo tenente-coronel Jonathas de Mello Barreto e capitão Lobo Vianna, se encarregou nobremente de prestar homenagens à memória do general Osório e pretende até, entre outras coisas, inaugurar no dia 10 de maio de 1908 o Orfanato Osório, destinado a ministrar educação às filhas dos militares mortos em combate. Uma generosa ideia, não acham? Uma tocante ideia, que deve ser por todos acolhida com muita simpatia, porque o legendário vulto da nossa guerra do Paraguai, figura rude, mas alma heroica, cujo ponche esvoaçou com bravura gloriosa nos campos onde combateu pela honra do Brasil, merece tudo do povo brasileiro.

A digna comissão, a que aludi, tem como membros, além dos mais distintos militares, todo o mundo jornalístico e um enorme número de representantes das nossas mais elevadas classes sociais, tendo o

governo, que ampara o Orfanato, cedido um prédio para a sua instalação.

Teremos assim uma espécie de casa Saint Cyr, fundada outrora por Mme. de Maintenon para as filhas dos militares, ou a casa Saint Denis, instituição também para moças e de caráter militar, de mais próxima memória.

O governo deu o prédio, disse eu, mas a comissão promove os meios de adaptar esse prédio às necessidades indispensáveis do Orfanato – e para isso precisa de recursos, envidando os seus máximos esforços para alcançá-los. Trata-se de uma homenagem ao glorioso defensor da nossa pátria, e o presidente da comissão que planeja a justa e devida homenagem é também um valoroso militar, o marechal Medeiros de Mallet, cujo nome é suficiente para granjear adeptos à sua feliz ideia.

Vamos leitores e amigos, as homenagens serão festas e as festas são sempre bem vindas, se delas, sobretudo, resulta a prova de veneração a um grande vulto e uma obra de caridade útil e duradoura. Quantas moças não vemos nós às vezes abandonadas, sem educação, descendo a um nível inferior, quando os pais foram militares briosos, homens de prestígio? Mas o soldo do defunto foi insuficiente para educar os filhos – e eles vão resvalando, resvalando, com prejuízo da dignidade do nome paterno.

O Orfanato Osório virá solver essa triste dificuldade, e resta apenas que o público auxilie agora a nobre ideia do marechal Mallet, do tenente-coronel

⁶⁵65 Passemos, deslizemos, não apoiemos.

Jonathas Barreto e capitão Lobo Vianna.

Possa o legendário ponche do marquês do Herval, adejando aos olhos da memória do público, relembrar heroísmos passados e avivar sentimentos de gratidão patriótica.

Carmen Dolores.

A SEMANA 08/09/1907 [8375]

Não se poderá censurar a D. Olga Sampaio Prudente, que percorreu quarta-feira sobre *Os aniversários*, e com desembaraço e graça, o defeito de tantas outras pessoas que têm feito palestras nesse salão do Instituto, mas que só a mim foi verberado com uma insistência talvez... menos amável, senão proposital e como desconhecendo a senhora atrás da conferencista: o de haver sido a conferência **sussurrada e não falada**. Eu, de resto, agradeço a escolha do termo **sussurro**, que é gentil, poético, lembra o frêmito da brisa perpassando entre folhagens, e cujo sentido rigoroso, no meu caso, pode bem ser que tenha dependido – perdoem a imodéstia a que me arrastam – da extraordinária enchente com que o generoso público julgou dever favorecer a minha estreia na tribuna das conferências literárias.

Não tenho tu culpa, não é fato? Se tal concorrência abafou, como abafava a mim mesma, as sonoridades desse salão, de acústica já ingrata, tanto assim que... Mas passemos adiante.

Ainda esta semana, a propósito da estreia da companhia lírica, em que sopranos e tenores podem à vontade lançar as notas mais agudas do seu

peito, escrevia nesta folha o conhecido crítico musical Oscar Guanabara que a **rarefação do ar com a enchente da sala tinha impedido a propagação dos sons**. (Leiam crítica teatral no *Paiz* de quinta-feira.) E tratava-se do canto, de notas emitidas com todo vigor de pulmões italianos, fortes e educados – não uma simples palestra feminina.

Eu, de resto, discuto essas coisas só por obediência à minha índole, que reclama sempre nos casos de uma injustiça demasiada flagrante, trate-se de mim ou dos outros; mas com uma diferença: se defendo os outros, é com veemência e paixão, pouco me incomodando com os convencionalismos correntes, porque há em mim algo de D.Quixote; se, porém, defendo a mim própria, é sorrindo e indiferente, em virtude de uma razão muito simples, muito forte e muito cômoda: não tenho pretensões.

E assás o provei, escrevendo longos anos e em vários jornais, sob o anônimo, sem nunca disputar a primazia de ninguém. Fazendo a crítica literária na *Tribuna*, durante largo período, como *Leonel Sampaio*, passaram-me pelas mãos livros e mais livros, de Olavo Bilac, de Graça Aranha, de Afonso Celso, de D. Julia Lopes de Almeida, de Thomaz Lopes, muitos, muitos outros – e a todos analisei, a todos me referi com gentileza e absoluta imparcialidade, sem jamais me prevalecer do incógnito para ferir, nem da faculdade de escrever para me apresentar, impor, suplantar quem quer que fosse ou angariar gratidões.

Do Sr. Viriato Correia, então aparecendo com o volume *Minaretas* e ainda desconhecido, eu escrevi:

Eis um colorista de pulso. Os seus contos são vigorosos, sanguíneos, de cunho brasileiro bem acentuado.

E terminava assim:

Dê-nos o Sr. Viriato um outro volume do valor de Minaretas e bastante ganharão as letras com o seu valente concurso. De artistas como ele, genuinamente brasileiros, precisa a nossa raça de escritores.

E eu não visava agradecimentos, que de fato não recebi, nem tampouco o troco dos meus elogios, porquanto persistia sob o inviolável anônimo. Dizia apenas o que me parecia justo acerca do novo escritor que surgia lá do maranhão, descrevendo com tão pitoresca nota o rumorejar das ingarazeiras e dos cajueiros floridos, onde cantam corrupções.

Olavo Bilac mereceu-me este hino sincero:

Percorrer um livro de versos do Bilac é o mesmo que mergulhar a vista ofuscada num punhado de finas pedrarias resplandecentes, onde a gema irisada de uma, o fulgurante brilho de outra, etc.

Tratei da *Fallencia*, de D. Julia Lopes, lembrando um seu antigo conto *A cega*, como delicioso, e enaltecendo as qualidades literárias da ilustre escritora com sinceridade e calor. Toda a psicologia do romance foi minuciosamente estudada por mim – e contudo eu não podia esperar

reciprocidade, como recompensa, nem qualquer reação, como castigo, porque me escondia. Todo o terreno da impunidade me estava aberto, mas eu só o aproveitava de acordo com a minha consciência de crítica.

Não é enfim de hoje que escrevo para o público. Sempre jornalizei, mas incógnita, ouvindo muitas vezes, e calada, maliciosa e risonha, atribuírem artigos meus a outras penas em vista.

“Leia!...” diziam-me. E eu prometia ler, sim... o que o meu próprio punho traçara...

Ora, claro está que semelhante proceder representa a mais completa despreensão.

Assim é. Nunca me impus, não me imponho, não disputo o lugar a ninguém, que o mundo é largo – mesmo o das letras, que fazem tão mesquinho – e o meu lema é unicamente este:

*“Fais ce que tu dois,
advienne ce que pourra.”*⁶⁶

Somente, compreendem, a descortesia gratuita sempre surpreendente e a injustiça revolta. Se o defeito de não ter conseguido dominar a má acústica da sala do Instituto me é apontada, apontem-no também, então, a outras pessoas que incorreram na mesma pecha, e flagrante, evidente...

Mas não! Eu só... É então um *parti-pris*? Ora adeus, o caso é até de rir.

E resta-me atirar para um lado a tola questão, afim de saudar a

⁶⁶ Faz o que deves,
Aconteça o que acontecer.

conferência de quarta-feira, que evitou escolhos, soube falar, agradecer e fazer-se escutar.

Com manifesta prática de dirigir-se ao público, D. Olga Sampaio Prudente mostrou raro desembaraço, foi alegre, desprentensiva, denotando uma feliz memória – e a maneira como recitou a bela poesia de D. Adelina Lopes Vieira arrancou ao auditório, pouco numeroso, mas amável, uma salva de palmas. Se a sua conferência não foi um trabalho literário, teve a graça de um monólogo ou de um folhetim do saudoso França Junior, divertiu, fez correr leves minutos passados à sombra desse grave salão do Instituto – e a estreante nessa espinhosa tribuna merece os aplausos que eu, pelo menos, não lhe regateio...

É um consolo, a meio da indiferença que cerca em geral todos os casos dignos de pena, quando não se trata de alguma clamorosa desventura que sacode o egoísmo humano, assistir a uma espontânea e espirituosa defesa, como essa que apareceu na simpática *Notícia* de quinta-feira, em artigo da redação e no luminoso *Registro* de O.B., a favor do pobre padre Pellegrinette.

Evidentemente, o vendedor de fósforos está sendo e continuará a ser perseguido, primeiro de acordo com os recursos legais da nossa terra, pondo-se em jogo a polícia, ameaças, intervenções de guardas civis, a pretexto de ajuntamento nas ruas, mas depois sob uma forma mais pérfida e manhosa, que se há de dissimular de baixo de aparências inatacáveis.

E isso porque o imprudente Pellegrinette não quer por abaixo a batina de padre!

Mas já é teima, embora o autor do *Registro* a que aludi atribua essa obstinação à completa falta de meios para substituir o padre o seu traje eclesiástico por uma roupa em relação com o novo ofício de vendedor de fósforos de cera.

Pois eu, no caso dele, andaria a tremer, que a situação me parece grave, a despeito de todas as aparentes garantias da nossa civilização tão brilhante. Em vez de insistir no negócio dos fósforos, conservando a batina, eu iria jeitosamente indagar qual o destino do padre Vigo - outro que também afrontou as leis eclesiásticas e de repente foi visto a retratar com uma estranha e inopinada humildade todos os seus atos de insubordinação, declarando que corria a expiá-los contritamente na severa paz de um retiro. Foi? Não foi? Ninguém sabe, porque ninguém viu mais o padre Vigo, nem dele notícias teve. Está contudo bem vivo ainda na memória de todos o tipo desse velho, perfilado à porta das igrejas, à hora das missas, metido numa batina surrada, já verde, e estendendo a mão aos fiéis que entravam ou saíam, com estas memoráveis palavras:

“Esmola a um velho padre que foi baleado, perseguido, e não tem que comer...”

Pois, senhores, esse padre violento e escandaloso como que escorregou por um alçapão, sumiu-se, evaporou-se... É possível que esteja neste momento bem tranquilo num convento, de batina nova e chorando a horas certas, com regularidade e

calma, os pecados cometidos contra a obediência à santa igreja; mas também não é impossível...

Não, mas esta ideia é pura extravagância da minha imaginação! Fantasiar-se nesta época de companhias líricas, agências Cooks, snobismos e festas, o misterioso horror de algum secreto *in pace*, como nos tempos idos, tragando para sempre um padre acusado de infração às leis discretas e submissas que o dogma religioso impõe aos seus ministros?! Isto já é loucura...

Em todo o caso, porém, eu, no caso do padre Pellegrinette, e mau grado a generosa intervenção da *Notícia*, eu ia guardando a minha licença, liquidando o negócio dos meus fósforos e tratando com o seu produto de passar a outras terras, onde, já sem batina, me faria moço de recados, sentado a uma esquina de rua e chupando laranjas.

Não acham, efetivamente, que o mais prudente é o padre não insistir em usar dos seus direitos de negociante ambulante? Vejam bem...

Pensa a gente que está num regímen de adorável modernismo, só assistindo a coisas alegres, jantando no *Pavilhão Mourisco*, a olhar celebridades que vêm visitar-nos, ou discutindo a garganta do Zenatello, que, por já ter vindo cá uma vez, não logrará sucesso igual na segunda *tournee* (oh! nós somos exigentes!), contemplando embevecidamente o *corso* das quartas-feiras, prelibando a delícia de falar mal de quem passa pela Avenida, a sorver um gelado às mesinhas do Castellões – e contudo uma criatura humana, como nós, é

condenada a receber açoites cruéis, de estômago cheio, e estoura sob as vergastadas que lhe retalham profundamente a carne, igual à nossa, como um animal! Disciplina – dizem. Barbarismo – corrijo eu; ferocidade, atrocidade! Era um *Chico Diabo*... Que importa? Era, antes de tudo, um homem, e, pois que não temos em nossa legislação a pena de morte, não se podia assim assassinar de um modo disfarçado, sob o látego de um bruto, outro bruto, que era finalmente um marinheiro nacional.

Há poucas semanas, representando a Companhia Coquelin o velho drama *Notre Dame de Paris*, senhoras nervosas protestaram, incomodadas, contra essa cena do pelourinho, em que o disforme Quasimodo recebe chicotadas teatrais, de brincadeira e, ao giro da roda infame, apresenta ao público um dorso escorrendo sangue.

“Estes horrores não são mais para o nosso tempo!” Disse-me alguém com indignação, voltando o rosto.

Pois são, perfeitamente. Apenas em vez de correr um bocado de tinta vermelha, manchando artificialmente uma camisa de ator, espadana em verdadeiro sangue humano, vivo e rubro, jorrando de um corpo sensível, que estrebucha de dor e enfim se imobiliza, mas vencido pela morte.

É a suprema submissão ao castigo atroz! Esse rude marinheiro, esse *Chico Diabo* nunca mais se insubordinará contra o mestre de armas!...

Mas, que sanguinolenta vitória de tantos contra um só!

Carmen Dolores.

A SEMANA - 15/09/1907 [8382]

Eu já previa — como fiz ver aqui há bastante tempo — que os nossos gramáticos e homens de letras haviam de permitir com o seu cômodo processo de indolência, de condescendência, de indiferentismo, de temor das polêmicas, de egoístico silêncio, que a célebre reforma ortográfica fosse ganhando criminosamente terreno, a despeito das suas próprias opiniões, emitidas em toda a parte, que ela representa um horror, uma incoerência, uma insensatez flagrante.

Não há dois pareceres contrários entre esses senhores todos: a reforma é um absurdo! A reforma nem merece ser discutida! E baseados nisto, entregues à mais soberba confiança, calam-se, acham efetivamente que não vale a pena discutir e contrariar o absurdo.

Esse absurdo, entretanto, vai caminhando clandestinamente, vai aproveitando o beato ócio dos seus contendores, vai solapando o bom senso, a fraqueza, a imbecilidade, a subserviência, manejado na sombra por mão adestrada, que sabe explorar todas, todas as armas, quando se trata de fazer triunfar um capricho, constitua ele embora um crime, na ordem moral — e o resultado explodiu esta semana pelo modo que todos viram...

O ministro do Interior declarou aos membros das mesas examinadoras que não é lícito reprovar ou desclassificar quaisquer examinandos que usem nas suas provas escritas e mais trabalhos da nova grafia adotada — não pela Academia de Letras, mas por alguns

membros dessa academia... O ministro vai recomendar a mesma atrocidade a todos os diretores de estabelecimentos federais de ensino e fiscais nos Estados... E que dizem a isso aqueles senhores que julgavam desnecessário combater o absurdo? Fazem-me lembrar o papagaio da fábula que, sacudido por uma tempestade em alto mar, dentro de um navio, gritava incessantemente: **isso não é nada!** Até que o navio afundou.

No nosso caso atual, a língua portuguesa é o navio em perigo, assaltado por monumental borrasca: e deixarão, Deus meu! que o navio soçobre, afunde, sempre ao referido grito da fábula que isso não é nada?

Mas acho impossível. Tanto otimismo seria até um crime.

Já de fato um jornal da manhã se levantou com energia, denunciando cabalas de votos, o pedido, como **deferência pessoal**, do apoio de vários membros do conselho de instrução para o fim de se assassinar a mesma instrução, revolucionando o ensino, impondo à infância uma grafia monstruosa, que toda a pessoa sensata repele até como ridícula.

Esta folha transcreveu uma crônica literária do *Diário de Notícias*, de Lisboa, que increpa a incongruência dos que se meteram a reformar uma língua, sem autoridade para tanto. Mostra essa crônica à evidência o atentado da dita reforma contra a morfologia da nossa bela língua, declarando que as conclusões de semelhante e absurda tentativa se opõem à história e à gramática da mesma língua e se desviam do campo científico, quando é certo que nenhuma reforma ortográfica pode

vingar em oposição à ciência da linguagem. E esses portugueses, felizes, felicíssimos! Falam de longe, com o natural desprendimento dos que assistem a um incêndio; sem temê-lo por casa; eles não são obrigados a encontrar cada dia numa folha da tarde certa seção incoerente, escrita num idioma incompreensível, que faz a gente saltar, com os nervos crispados, a razão ofendida e o bom gosto afrontado...

É semelhante grafia que nos querem impingir!

Ah! mas ainda é tempo, grito eu destas colunas uma vez mais, chamando por socorro com o auxílio da minha débil pena de mulher.

Acudam os fortes. Acordem os que dormem o sono da confiança otimista. Esclareçam-se os espíritos ingênuos, cegos ao horror que se prepara.

A tal reforma, estão ouvindo? a tal reforma é simplesmente o assassinato da nossa admirável língua portuguesa. E ao menos por patriotismo devem defendê-la — e também por vaidade, pois se a aleijada grafia triunfar, estão também ouvindo? Portugal ficará de posse, ele sozinho, da língua pura, correta, gramatical, ao passo que a nós, brasileiros, e por causa de um capricho, só restará o aleijão e o ridículo.

Ponderem isto, sem as alucinações do novo, apanágio das nevroses; pensem os senhores professores, homens sensatos e encanecidos no provecto officio, libertando-se orgulhosamente, como têm direito, de qualquer nociva influência, que o ensino público está em perigo, por causa do absurdo de poucos e da indolência de muitos.

E revoltem-se, reúnam-se, protestem contra semelhante barbaridade. À mocidade acadêmica eu também me dirijo. Se entre ela há — como em toda a parte, inteligências mais preguiçosas que talvez folgassem com a determinação inaceitável do ministro do Interior, mandando aprovar os estudantes que não souberem escrever nos seus exames — a maioria da briosa classe se compõe de rapazes atilados, ambiciosos, de espírito literário e patriótico, que não hão de querer a mutilação da nossa língua portuguesa, por amor de uma facilidade de momento, assoprada interesseiramente no ouvido de um ministro complacente, como meio de conquistar a falange do futuro... Não! Essa bela falange que não se deixe iludir e creia no seguinte: é mais nobre ser reprovado num exame por escrever português correto, do que ser aprovado por ter aceitado a disforme grafia da reforma atual.

E aqui fico, pois nada mais posso dizer. Cabe o resto à imprensa, ao professorado, à classe acadêmica, aos homens de letras que não receiem obedecer à sua consciência, a todo o mundo, enfim, que for sensato e corajoso. Lembrem-se que, se a reforma medrar, os escritos dos nossos filhos serão ridículos.

E não descansem, que o inimigo age, fazendo avançar governantes como os reis nas peças do xadrez. Estão ouvindo bem? A partida aqueceu, por distração dos parceiros do jogo, e não há tempo a perder.

Alerta! E cuidado!

Li sexta-feira na seção “Furos”, de *O Paiz*, que outra campanha se

anuncia no Senado sob bons auspícios: a do divórcio. À adesão já publicada de um senador, de um ilustre chefe político, juntou-se mais a de outro de talento e capacidade iguais, que declarou o seu propósito de dar muito breve, na alta corporação a que pertence (termos do *furo*), o seu concurso decisivo à lei projetada, com a mesma firmeza com que foi restaurada a lei financeira... Uff!... eu de finanças nada entendo, mas compreendi que uma firmeza que pôde restaurar a lei financeira deve ser prodigiosa, capaz de sustentar realmente essa outra lei do divórcio — e folguei deveras com a notícia.

Vamos a ver agora o que dirão ou antes escreverão certos tocadores de sete instrumentos, que fazem das luzes da sua inteligência um caos impenetrável e têm por hábito agredir personalidades, quando não podem convencer mentalidades. A tais contendores eu nunca respondo, não só porque me apraz oporá vaidosa ânsia das exibições um malicioso silêncio, como também porque defendo ideias e não pessoas. E logicamente, em qualquer discussão, a minha pessoa fica afastada da luta, mesmo que o mau gosto, a indelicadeza e a deficiência de argumentos elevados encontrem em alguma coluna de jornal guarida para alvejarem a minha individualidade e não a minha opinião. Foi isto mesmo que decidiu D. Mirtes de Campos, também alcançada, como eu, pelos projetis menos cortesões visando o feminismo e o divórcio: ela não tratará de personalidades, discutindo teses com a sua proficiência de verdadeira advogada, que não precisa envergar uma toga que lhe não

pertence para sair a campo.

Mas, como ia dizendo, sempre quero ver agora como os adversários do divórcio procederão em frente aos dois defensores que vão apoiá-lo no Senado.

Uma senhora que trabalha honestamente, exercendo uma profissão, é um cisco para certos espíritos; mas afinal um senador é sempre um senador e representa uma autoridade, sobretudo para os ambiciosos que querem estar sempre bem com os representantes das altas corporações.

Uma mulher advoga ou escreve, na defesa da tese do divórcio; pode ser atacada; mas um senador legisla, dois senadores legislam... E agora? Qual o instrumento, dos sete, que entrará em cena para ferir o Senado, na pessoa dos seus dois membros?

Será o bumbo estrepitoso, para chamar a atenção dos povos sobre o ridículo manejado contra Suas Excelências?

Qual! Não creiam. Esse gênero de artistas é muito menos corajoso e agressivo diante de uma cadeira senatorial do que em frente a um leve vestido feminino.

Mas, entre nós, leitores, há verdadeiramente um *parti-pris* formidável contra qualquer protetor da lei do divórcio.

Assim, na terça-feira desta semana, Coelho Neto, na sua brilhante conferência sobre “A mulher”, depois de a descrever menina, moça, casada e mãe, rematou com a mais bela e vibrante peroração a propósito do feminismo e do divórcio. O seu eloquente apelo reboou pelo salão do instituto, proclamando a necessidade

dessa lei libertadora, que nada tem de imoral e representa apenas um remédio para os casais infelizes.

Pois bem, nenhum jornal deu a peroração dessa esplêndida conferência literária: pararam todos, num *sublime* acordo, pararam todos... na maternidade. Oh! pode ser tocante, *ma noti è vero*. E o que ninguém quis dizer, grito eu: Coelho Neto, o eminente homem de letras, acabou a sua última conferência lançando à sala inteira que o ouvia, a sua larga e generosa defesa do feminismo e do divórcio. E eu, que o escutava, encantada, ia pensando num certo romance de Zola que se chama *Pot-Bouille*, e onde, num enorme prédio habitado coletivamente por um enxame de gente cheia de taras, de vícios, de fraquezas, mas que vive a se acusar reciprocamente, implacável cada um desses avariados para o seu semelhante — só os inquilinos do segundo andar se mantinham à parte, serenos e bons. Era um escritor que fazia livros e vivia feliz entre a sua mulher e dois filhos, não se ocupando de ninguém, senão a título de documento humano para os seus romances. E que maior autoridade do que a desse homem, são entre os viciados, benévolo entre os maus, feliz entre os torturados, e que se ocupava de restabelecer a verdade em seus trabalhos imparciais? Pois essa autoridade, na questão do divórcio, eu a reconheço — e soberana — em Coelho Neto, justamente porque ele tem um lar adorável, é o mais venturoso e simpático chefe de família, e não pode portanto ser acusado de pleitear causa própria.

Quanto a mim, como também não preciso dessa lei para uso próprio, sinto-me completamente livre para discuti-la, usando do meu direito para defender as duas coisas que hoje me apaixonam: a minha língua pátria e a liberdade da mulher, que considero uma irmã.

No sexto Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, em S. Paulo, foi observado ao ilustre Dr. Clemente Ferreira que ele, nos seus relatórios, não fizera menção das providências tomadas aqui, para melhorar as condições do nosso meio, em relação à tuberculose infantil. Pobre Dr. Clemente Ferreira, com os seus profundos olhos de incansável apóstolo! Já ele não faz pouco em sustentar sozinho a sua tremenda luta antituberculosa e o seu dispensário, com uma serena e modesta atividade, digna de melhor sorte. E ainda se há de ocupar dos outros! Mas quem é que se ocupa dele e da sua grande obra? A sua resposta provou bem que lhe falta certa dose de charlatanismo, hoje indispensável a quem quer impor-se e dominar opiniões.

Carmen Dolores.

A SEMANA - 22/09/1907 [8389]

O calor chegou, leitores, e com ele o torpor das crônicas alinhavadas sem prazer, sob a influência enervante dos céus pesados, dos ventos momos ou do sol de brasa.

Se as cigarras se desabotoam agora em rumorosas e alegres estridências, cantando o início estival, segue o meu espírito processo oposto, qual o de confranger-se, amuar, ficar tristonho e casmurro. Ao inimigo que aponta, rubro e formidável, as minhas ideias tentam mostrar o punho cerrado (desculpem a figura sugerida pelo desespero), mas logo reconhecem a inutilidade e então murcham, encolhe-se, ao sopro de um desânimo tão devastador como o próprio Simon dos desertos. Para a ilusão nem sequer faltam as colunas de areia ou pó levantando-se em espirais sufocantes à passagem das caravanas (sem alusão a Coelho Neto), representadas entre nós pelo corso às quartas-feiras, em Botafogo.

Contam os jornais que as nuvens dessa poeira cegavam, depunham sobre as lindas cabeleiras femininas, sacudidas pela trepidação dos autos, mas, progressiva camada grisalha. Mas, com certeza, mais lindas elas pareciam aos olhos dos que amam o calor, assim polvilhadas de areia — podendo bem suceder que se tome moda *up-to-date* empoar atualmente por essa forma os penteados das senhoras. As crônicas *smarts* aludirão logo a essa inovação último grito, último berro. As vitrines do Schmidt poder-se-ão contemplar vidros alinhados com a competente rolha crivada de furinhos, em feitio de

peneira, com o dístico *snob*: “Poeira da Avenida Beira-Mar para os corsos das quartas-feiras”.

Ah! como é bom ser como as cigarras—cantar estridulamente quando o verão começa, ver na brasa o refrigério, na refulgência da luz um motivo mais de alegria, nas pedras aquecidas das ruas, no asfalto incandescente, um tapete apenas tépido, caridoso e macio, e até nas próprias febres estivais uma afirmação de saúde e força, talvez mesmo um consolo!

Cigarras dos meses flamejantes, que se aproximam, quanto eu vos invejo!

Ao invés do vosso gárrulo júbilo, já arremete contra mim a tristeza dos opressivos verões. E tudo me desperta a reflexão pessimista de uma verdadeira misantropia, escrava de nostálgicas saudades do inverno e que deve ter tido por longínquo antepassado algum filho das geladas regiões polares, cuja herança atávica foi este meu horror à canícula e um entranhado amor ao friozinho picante e inteligente, que fustiga os nervos e o cérebro, sugerindo ideias e acordando a fantasia trêfega e risonda.

Falei em reflexões pessimistas... Eu as fazia por uma noite destas, já perto das duas horas da madrugada, esperando pacientemente um elétrico à esquina da Rua Paissandu e Marquês de Abrantes.

O cenário era de luxo material, ao mesmo tempo que de magnificência natural — a rua toda branca e aristocrática, prédios bonitos dentro de jardins bem tratados, um silêncio nobre e essa admirável e dupla fila de

formosas palmeiras, erguendo soberbamente até as nuvens o seu vigilante perfil de sentinelas de casas ricas.

— Alerta! murmurava uma fronde a outra fronde. E as palmas, em que tremia um pálido luar, respondiam, agitando-se como obedientes leques:

— Alerta estou!

As casas dormiam. Tudo dormia, exceto um guarda noturno, que passava arrastando as botas, um mendigo com cara de gatuno, armado de um saco, que depressa se esgueirou — e eu, nós, porque éramos alguns e conversávamos, encostados aos muros.

Que beleza de cenário!

O nosso ar de civilização encantava-nos. Acresce que, na minha pupila, a visão persistia de uma linda sala iluminada e hospitaleira, vibrante, moderna, em que se conversara, rira e se fizera música, numa fina fusão mundana e intelectual. Um conto ou apólogo, espirituosamente dito por voz conhecida, sonoros versos juvenis, o sussurro alegre das conversações, dos risos, os sons do grande piano dedilhado com arte ou de uma voz feminina interpretando músicas brasileiras — tudo cantava ainda ao meu ouvido, como encantadora nota do *chic*, do modernismo. Eu saíra de um salão parisiense, aperfeiçoado pela cordialidade da nossa raça mais sincera. E exultávamos, gabando o nosso progresso em todos, *todos* os terrenos. Os elétricos, porém, é que não apareciam. Onde os elétricos, Senhor? E de repente uma labareda a partir dentre os troncos vigilantes das palmeiras — e essas sentinelas imóveis, caladas, sem darem aviso do

perigo às casas fidalgas que guardavam! Incêndio? Não. Simples brincadeira de um lixeiro, que ateara fogo a uma pobre árvore crestada, mirrando entre os coqueiros, como mais pronto meio de limpar a via pública. E o guarda noturno, arrastando as botas, passava e repassava indiferente, sem compreender o risco de tão insólito fogaréu a dois palmos do fio elétrico, nem também a estranheza de semelhante archote a tais horas da noite, ameaçando propagar a labareda às cabeleiras das sentinelas dos prédios.

Achei que a tolerância desse guarda destoava da nossa civilização presente; e ao mesmo tempo a demora dos elétricos foi me tomando também pensativa. Seria possível que a Companhia do Jardim Botânico estivesse afinada pelo indiferentismo desse rondante? A aristocracia [ilegível] entrou a escurecer aos nossos olhos. Por um triz estivemos a gritar:

—Um elétrico! Um veículo qualquer! O nosso reino por um bonde, mesmo caradura! ...

E eis enfim que um rumor ecoa ao longe... Mas não! Não é a vibração do elétrico, é um rumor solene, grave, como se um carro antigo viesse rodando hereticamente pelas mas desertas, sob o plenilúnio, puxado por juntas de bois tranquilos e pesados, caminhando numa paz virgiliana. Oh! céus! mas são efetivamente carros puxados a bois que aparecem nas mas asfaltadas!

Sob a beleza imaterial da noite tardia, entre os prédios ricos, onde *snoobs* descansam das recepções e do

Lirico, sonhando com trechos da *Danação de Fausto*, com *flirts*, com automóveis — juntas de bois passam lentamente, arrastando carroções cheios de ferro, seguem pela Rua Marquês de Abrantes, atingem a aristocrática Praia de Botafogo, dormindo toda branca, entre as suas arvoretas decorativas, ao luar... E ali, nessa esquina de vias seletas, *ultrachics*, à volta de uma recepção moderna e à espera de um elétrico supercivilizado — eu tive uma visão bíblica de carros antigos saindo de Jerusalém com destino ao lago de Tiberíades e desfilando no repouso dos solitários campos, ao passo vagaroso dos grandes bois rústicos e calmos.

Veio-me depois uma visão pagã... Aqueles bois eram Apis, Mnévis, Pacis e Onúfis, marchando para o velho Egito, para Mênfis, a presidir oráculos... Lá iam eles misteriosamente, mansos e lentos, caminho dos templos arcaicos...

Mas um repique metálico enfim vibrou no espaço... Eu já sonhava... Todos nós sonhávamos, apoiados aos postes, aos muros... Era um elétrico com o letreiro *Gávea*: e depressa o tomamos, seguimos.

Mas lá adiante cruzamos ainda os bois imortais, os canos antigos... Deus! onde estaria a realidade? no modernismo do elétrico ou no atraso desses carroções rolando pela Rua Marquês de Abrantes, puxados por juntas de bois?

Não sei! não sei!...

Dizia alguém que viver é triunfar. Com efeito, a sensação do sucesso e da vitória entorna pelas veias humanas o calor vital mais forte, mais duradouro,

mais intenso, mais rico em elementos de resistência do que tudo o mais que se possa experimentar.

Do triunfo escorre a consciência da força. Do triunfo vem o estímulo, vem a febre da felicidade, o sentimento do domínio, a satisfação do orgulho. E se, num período assim triunfante, a morte chega, traiçoeira e cruel, pode se afirmar que houve uma dupla morte: a da matéria perecível e a dessa indefinível essência de vitoriosa alegria, que devia ser imortal.

E imperdoável, é odiosa a ação do aniquilamento supremo em tais condições de sucesso. Não acham? E quando se trata então de uma linda mulher que vai justamente encontrar esse aniquilamento numa praia *chic*, como Deauville, em França, entre o riso cantado das suas elegantes, e exibitivas companheiras e a corte rasgada dos banhistas masculinos, de roupa de flanela branca e cinturão de couro?! Nesse caso, além de cruel, a morte é estúpida. Não se compreende uma apendicite atacando em plena *season* da moda uma artista encantadora, uma rapariga tão bonita e alegre, como essa pobre Jane Margyl que acaba de morrer em poucas horas, sem que a pronta intervenção cirúrgica lograsse salvar tão radiosa vida.

Jane Margyl, lembram-se? começou *divette*, passou a *diva* e debutou na grande Opera, cantando *Sanson et Dalila* ao lado de Alvarés e de Noté. As revistas de teatro estampavam-lhe o retrato. Hoje, porém, só lhe hão de consagrar linhas de reminiscência — as derradeiras, antes de baixar de todo o pano do esquecimento.

Ah! que querem? o mundo é

assim. Deixa T de figurar no cenário das atividades vitais é fazer jus ao triste, mas lógico olvido. Se não existes mais, tu que morreste, por que se há de falar de ti? E deve constituir esta certeza a maior agonia de uma alma que, em plena irradiação do triunfo, sente a destruição final puxá-la para fora do círculo de estonteante e vitoriosa luz, onde adejava, para a impelir ao negro abismo em que se calam de súbito todos os aplausos, todas as aclamações, todas as febres.

E por isso que a morte de uma atriz, de uma cantora, dos que apenas interpretam a obra alheia, parece duplamente digna de piedade. Do cantor ainda fica às vezes, nestes tempos, algum fonógrafo perpetuando o som maravilhoso da sua voz. Mas do ator e da atriz, simples intérpretes, resta apenas a lembrança da dicção, do gesto — frágeis recordações que a cinza dos meses acumulados se encarrega de amortilhar.

Mais vale escrever um livro, quando há talento — livro que sobrevive sempre ao seu autor, se tem mérito real, e desafia a morte, os anos, a inconstância do público, tudo, tudo...

E a propósito de livros, seja-nos dado reparar aqui uma culpada omissão da minha parte, mas que teve origem num fato trivial em nosso meio. Emprestei imprudentemente o volume *Poesias*, do Sr. Eugênio Sá Pereira, e tanto o demoraram, apreciando naturalmente a leitura desses versos; que esqueci de referir-me ao trabalho do mesmo poeta. Outros já lhe fizeram a crítica e eu viria muito atrasada para o mesmo fim, além de me faltar competência para tanto. Mas o Sr. Eugênio de Sá

Pereira sabe muito bem que os seus versos agradaram muito e eu junto os meus aplausos aos de todos os mais, hipotecando os meus agradecimentos à sua lisonjeira oferta.

Tenho também a mencionar a coleção de sonetos do Sr. Artur Goulart, com o título *Azul celeste*, que Artur Azevedo prefaciou. E devo dizer que lhes achei uma harmonia suave, como tirada da alma, repetindo-lhe os lutos, as dores, as visões, com uma viva expressão de verdade.

Apreciei sobretudo o soneto “Três estrelas” tão docemente triste:

Jamais, jamais a acerba dor se
acalma do pai que abriu três
covas dentro da alma e lá
deixou três lírios de alabastro!

Os três lírios são as três filhinhas do Sr. Artur Goulart — todas mortas. E compreende-se que os seus versos sejam magoados...

Carmen Dolores.

A SEMANA 13/10/1907 [8410]

A semana foi ígnea, flamejante, com bombeiros sempre à disparada pelas ruas, a sinistra sineta a repicar ao galope das bombas, bimbando: arreda, povo, que corremos a salvar, como no *Trovador*! E os prédios ardendo todos, inteirinhos, mau grado esse furioso socorro, como se tivessem feito um misterioso pacto coletivo de se deixarem devorar do teto às lojas, à maneira de casas de papelão... Mas é curioso, não acham os leitores? Arde tudo, só ficam quatro paredes enegrecidas e o monte de escombros, por mais cedo que cheguem os denodados bombeiros, atrapalhando a

cidade – e isto justamente quando a arte de apagar incêndios atingiu a máxima perfeição nos seus processos, e o nosso corpo de bombeiros é reputado um dos melhores, pela temeridade e coragem.

Assim, porém, como vamos, Deus meu! Prevejo em breve para o mesmo corpo a desmoralizadora denominação de carabineiros de Offenbach, visto como toda a precipitação da correria pelas ruas, ao menor sinal de fogo, nunca impede que as bombas cheguem tarde e as chamas lambam tudo como fúrias vermelhas, prédio incendiado e outros ao lado ou aos fundos, ainda não incendiados, ficando sempre a casaria e quanto ela continha em móveis, roupas, valores, papéis, reduzidos a montões de cinza.

Não foi o que sucedeu com a Companhia Typographica da rua dos Inválidos? E ai, que grave responsabilidade! Entre esses escombros lúgubres, que os últimos aguaceiros transformaram num pegajoso lodo, frutos do trabalho cerebral de muitos entes durante longos anos, se acham destruídos, enterrados, diluídos na mesma lama. Sei de obras que ali se imprimiam, cujo aniquilamento se constitui um mal irreparável para os seus autores, já tendo dobrado a idade em que de novo se concebe e escreve corajosamente um livro de ciência. A labareda consumiu brutalmente o derradeiro e heroico produto de mais de um velho cérebro, tragando num segundo o manuscrito que representava meses e meses de cansado labor – e agora só restam fragmentos de papel negro, encarcados d'água...

Ah! Carabineiros de Offenbach!

Pois há bem pequena distância da rua do Senado à rua dos Inválidos, assim como da rua do Senado à rua da Constituição, onde foi agora devorada também pelo incêndio a casa Costrejean, com os seus trastes de estilo, tão elegantes, tão lindos! Imagino-os a se torcerem e a estalarem sob a ação violenta da chama crepitante, rubra, insaciável, e torno a exclamar, ideando a sempre inútil carreira dos bombeiros pela rua, com suas buzinas, as suas sinetas, o estardalhaço das carroças, a encenação das mangueiras, escadas, aparelhos e cordas, para chegarem sempre tarde, quando tudo é já uma indomável fogueira:

“Ah! Carabineiros de Offenbach!”

Em suma, e apesar da constante chuva que tem alagado a cidade, uma semana de incêndios, fogo aqui, fogo acolá, paredes fumegantes onde havia casas, tenebrosas cavernas hiantes, cheias de coisas negras, em cujo limiar se senta placidamente um polícia, guardando as ruínas – e já ninguém estranha, os jornais pouco falam, o corpo de bombeiros, em suma, parece feito para que as labaredas, logo que rompem em algum prédio, devorem tudo, tudo, nada deixando em pé...

All right! Nem vale a pena estranhar, pois que todos acham natural.

Passemos adiante, não querem?

A moda é das ligas, contra isto, contra aquilo; e se a solidariedade da palavra nem por isso obtém muita coisa no terreno da defesa contra o inimigo combatido, a ilusão fortalece e agrada. Já em longínquos tempos, a Santa Liga que nasceu Perona,

fundada pelos católicos de França, embora fosse condenada por Bossuet no século XVII e estigmatizada por Voltaire no século XVIII, acabou por se tornar mais tarde um partido forte e importante, mesmo facioso, protegendo os Guise e a Espanha.

Ora, nestas épocas mais prosaicas em que não temos guerras de capa e espada, a Liga pode com maior razão muito alcançar com o seu princípio de coletividade, que ao menos entretém a esperança nascida da união de muitos interessados. Assim, neste momento, uma Liga que se me afigura de imensa vantagem é a dos inquilinos – e desde já me inscrevo nela, platonicamente bem se vê, mas disposta a elogiá-la como ardor do mais sincero entusiasmo. Surjam de todos os lados inquilinos a se alistarem – e não hão de ver como o precioso partido cresce, engrossa, assume um papel preponderante entre todas as Ligas! Porque os inquilinos formam uma legião, meus amigos, e aposto como, a esta hora, entre os que estão a ler-me, já muitos procuram o chapéu e a bengala para correr a indagar onde é a preciosa sede desse anunciado Instituto a favor dos vitimados pela crise das casas.

Como parecem pálidos todos os Guise, todos os Henrique III e Henrique de Navarra, contrapostos os seus tipos do passado e os seus motivos de luta feroz à individualidade atual dos inquilinos da nossa terra e à terrível questão do aluguel da moradia! Problema insolúvel, atroz, fatal! Enquanto misteriosas e abundantes verbas, a que ninguém alude por prudência senão no recesso impenetrável do lar, são distribuídas

largamente a pessoas já liberalmente favorecidas pela pronta fortuna ou posição, em nome da propaganda do Brasil, o pobre do brasileiro remediado ou pobre é que vai ficando sempre em casas baratas para morar, condenado, é penurioso confesso, a levantar com suas próprias mãos algum barracão nos morros de Santo Antonio e da Favella, e se é desvalido inconfesso, a sacrificar-se ou a calotear errando de bairro em bairro, sempre endividado, sempre desesperado. Tudo se faz nesta cidade: palácios, avenidas, teatros, jardins, menos prédios de aluguel modesto. E se aumentar o imposto predial, será ainda pior, conquanto a poesia dos otimismo convencionais tente sempre – e com sucesso, ai de nós! – tecer uma linda gaze de seda e outro sobre a miséria dos que só têm diante de si o reverso fosco da medalha desta nossa civilização.

Pois, muito bem, a Liga dos Inquilinos vai facilitar à classe vitimada o direito ao menos da queixa e do protesto; vai dar-lhes a ilusão que, assim unidos, poderão talvez imprimir um movimento salutar à indispensável construções de casas baratas... E só essa esperançosa ilusão vale ouro, *reclames*, *animação*, palavras calorosas – tudo quanto for um caridoso engano e uma generosa mentira. Regozijem-se, finalmente, os inquilinos! Porque vão ter essa coisa vantajosa que é uma liga. Três ou quatro? O que os nomes brilhantes, desses que figuram no primoroso plano em toda a parte, como um arabesco de página ilustrada, atraído atenções, terão todas as honras oficiais, os outros hão de servir apenas de obscuros pilares utilitários. Mas que

importa? O que se quer é uma ilusão que alente, vai portanto ser criada a Liga dos inquilinos. Tremam, proprietários! Tremam, classes dirigentes da terra! A verdade entretanto, é que está a parecer-me que os ouço todos rir e não os vejo tremer...

A luta romana progride, caminha, cria cada dia novos adeptos, estende-se até à Escola Politécnica daqui, onde um lente e um secretário, esta semana, deram provas do seu vigor físico. E achei curioso, porque, geralmente, o engenheiro é um homem abstrato, calmo, adverso a essa questão do músculo poderoso, hoje tão predominante na nova geração. De fato, os campos do *football* estão sempre repletos de jogadores; nas regatas, rapazes vigorosos ostentam à bela luz meridional uns bíceps formidáveis, que prometem à nossa raça futura alguns representantes menos fracos do que a maioria presente. Já se joga o soco; já se diz, entre as senhoritas: *ele* não é bonito, mas é forte...

Vai assim ficando destronado o tipo romântico de Musset, encostado sempre a uma coluna, cansado, lânguido, sonhando com estrofes e amor. O poeta de olhos quebrados morreu, e mesmo quando lhe faltam músculos, sobra-lhe muito espírito prático, tino financeiro, a arte de enriquecer e gozar a existência. Assim, como uma gentil sonhadora murmurasse sentimentalmente ao ouvido de um certo Byron, com quem dançava e que cobicava por marido:

Ah! Quando on est aimé, qu'importe la richesse?

O bardo respondeu-lhe incontinentemente com este verso:

*L'amour, quel qu'il soit, ne donne point á vivre...*⁶⁷

Bem clamaria contra este realismo os Lyricos do passado, que viviam no país das quimeras, sob influências românticas, amando devotamente e tudo sacrificando à paixão e a um beijo trocado ao luar. Mas outros tempos, outros sentimentos.

O lirismo morreu e o músculo surgiu, foi tomando proporções de escola nova, foi invadindo tudo, até que chegou à escola Politécnica, perturbando fundamente espíritos graves, só acostumados até então ao culto dos áridos problemas agitados na solidão pacífica dos gabinetes de trabalho.

Um momento de cólera, uma discussão, e voaram cadernetas, engalfinharam-se dois homens sérios, teve lugar uma verdadeira cena de pugilato, que em todos acordou o assombro. Que querem?

É fatal. Estamos no régimen do músculo e da luta romana, que se exhibe cada dia, como nos antigos circos, e vai fazendo sempre novos adeptos. Chagaremos outra vez à luta com os animais ferozes?

Isso então é que seria mesmo um regalo... Já se fala em monóculos de uma só esmeralda – reminiscências evocadas pelas conferências de Ferrero. Se Olavo Bilac reconheceu,

⁶⁷ Quando se é amado, que importa a riqueza?

Só amor, qualquer que seja, não dá para viver...

lendo um velho número da *Semana Ilustrada*, dos tempos da guerra do Paraguai, que nada é novo e tudo se repete...

Consinta este fim de sensaborona crônica que eu, não saturada de lisonjas de colegas jornalísticos, e portanto ainda sensível a algumas, exprima aqui a minha gratidão ao jornal *Novidades*, de Lisboa, de 20 de setembro, em que tão cavalheirosamente fui tratada num artigo do Sr. Visconde de Boaventura, que sinto muito não conhecer. Todo o resumo da minha conferência sobre *A cidade e o Campo*, feita em S. Paulo, mereceu uma transcrição longa, cuidadosa, amabilíssima, e cercada ainda por cima das mais delicadas e imerecidas referências à minha pessoa. Não sei como agradecer tanta bondade, partindo de um jornal estrangeiro e de um jornalista a quem nunca prestei o serviço do meu louvor. É uma espontânea e adorável generosidade, que me torna grata.

E cada vez me convenço mais que tenho razão, eu brasileira pura, com antepassados todos brasileiros, à exceção de um avô, de tanto amar por instinto e afinidade de gostos, sem calar as minhas simpatias, Portugal, a sua literatura, os seus escritores, a sua linguagem, o seu estilo, e agora os seus jornalistas.

Carmen Dolores.

A SEMANA 20/10/1907 [8417]

Por um destes dias, ao voltar da cidade, que eu deixara entre as suas galas das tardes primaveris, com todas as lojas rindo para a grande luz, claras *toilettes* femininas adejando nos mais vários sentidos, um rumorejo alegre de turba enchendo a rua do Ouvidor, a Avenida larga, as confeitarias tentadoras, os armarinhos vistosos - uma local da Notícia caiu sob os meus olhos, no elétrico que me transportava. Dizia essa local que uma senhora ainda moça se atirara ao mar de uma barca da Cantareira, nessa mesma manhã, que tinha sido resplandecente de sol e de azul: e salva, levada à casa, interrogada sobre os motivos do seu ato de desespero, contou que a agravação da moléstia da vista que andava sofrendo, a impelira ao suicídio. Tinha recuado, horrorizada, ante certas ameaças de catarata, cegueira, a treva, enfim, para suas pupilas doentes - e preferira a morte.

Eu lia vagamente essas linhas lacônicas e sinistras, na altura da Glória, por onde corria o elétrico, margeando o cais; e erguendo as pálpebras, senti de chofre como um estremecimento e fiquei a olhar, a olhar avidamente a paisagem que me cercava, quase esboçando um gesto de maravilhada descoberta, como as estátuas do monumento de Cabral. Ah! Deus do Céu, é que, se não sou, nem serei jamais, uma convencional otimista, escrava do desejo de agradar a todos, não me furto entretanto à espontânea e às vezes até excessiva admiração pelo que é realmente belo e digno de entusiasmo sinceros. Assim, esse trecho da Glória, aformoseado,

como está pelas mãos do progresso, entre a sua moldura natural de mar cerúleo e morros esmeraldinos, com o jardim tão moderno a se espriar cá em embaixo e a igreja tão antiga a branquejar lá em cima, no tradicional outeiro das novenas populares de cada ano, onde a casaria velha ainda alastra, caiada de cores vivas; com os recentes canteiros de cravos embalsamados a nova fonte de Adriano Ramos, toda branca e pura entre os maciços verdes que a namoram, enquanto vetustas palmeiras recostam na altura os seus leques escuros sobre o azul refulgente do espaço; com sua civilização elegante, o seu admirável monumento de Bernardelli, os automóveis que voam, os elétricos que transportam o mundanismo irrequieto da moda, e ao mesmo tempo toda essa perspectiva pitoresca de mar de anil e terra ainda luxuriosa – deveras, esse trecho da Glória tem sempre o poder de arrebatarmos, inebriarmos, transportarmos... É um ponto único da cidade. É simplesmente maravilhoso, divino, por uma bela tarde de ouro, como sol claro, as montanhas da outra banda desenhada num horizonte límpido, brancuras a faiscarem uma brisa macia vindo da barra, que se abre, larga, à sôfrega curiosidade do olhar que passa, mil encantos de colorido, mil efeitos de luz, um primor, um deslumbramento...

Pois bem: ao se desviarem as minhas pupilas entristecidas dessa local da *Notícia* que falava em cegueira, em trevas, encontraram esse esplendor bem denominado a Glória, e, num compreensível estremecimento de toda a minha sensibilidade, entendi aquela tentativa de suicídio e... dei-lhe

razão. Nunca mais ver aquilo? Entrar para sempre na escuridão espessa? Dormir e acordar no negrume que jamais se rompe, guardando entretanto no fundo da memória a lembrança do céu, da luz, das árvores, da natureza, do matiz das flores? Não! Antes de certo afundar no aniquilamento eterno.

E, repito, compreendi o ato desesperado dessa revoltada contra a cegueira, do mesmo modo que também achei a razão no outro protagonista desta mesma semana, o qual, por idêntico motivo, acabou com a vida no Passeio Público.

Discordei, porém deste outro suicida num ponto: na escolha do lugar.

Que ele, outrora, buscasse as sombras discretas e virgilianas desse jardim, que alguém classificou saudosamente de **perdido documento de nossa pujança tropical**, afim de ali misturar o seu último alento ao ramalhar das velhas frondes – eu admitiria. Mas, agora, nesse parque ainda ontem outra vez tosquiado, porque novos ramos tinham indomitamente rebentado nos troncos rapados por mão sacrílega, e todo aberto, hoje, todo nu, como o mais banal dos jardins banais, procurar um desditoso o solene recanto onde findar os seus dias – eis o que não achei de bom gosto, não, não achei.

Foi uma ideia infeliz. Por que não subiu ao Sumaré? É verdade que por lá também já andaram a derrubando o arvoredor. Então à Tijuca? Era muito longe. A Santa Tereza? Enfim, deuses imortais, creio que outros lugares devem existir onde esse desesperado pudesse ir matar-se, com sombra, refrigério e comodidade, que breve,

mesmo em vida, ele não veria mais, olhando os raios de sol dançarem entre as ramarias, ouvindo a chilrada dos pássaros, saturando-se, em suma, pela derradeira vez, de beleza, de encanto, de luz, de poesia... E escolheu entretanto o atual, o árido, o medonho Passeio Público, em que os próprios cisnes nem mais se podem esconder, perdendo a inefável graça do mistério!

Esses pensamentos me irritaram por tal modo, que a sensibilidade se me foi apagado e acabei esquecendo esses suicidas da semana, por temor da cegueira.

Ainda bem. A única cegueira em que se pode pensar sem abalos nocivos à saúde, é a dessa gente que vai tosando o nosso velho Passeio Público como si fora uma gorda ovelha, propriedade de alguns e não de todos. É a cegueira de olhos sistematicamente fechados ao belo: e essa não inspira compaixão, apenas raiva, um sentimento estimulante que até pode servir de poderoso tônico contra a anemia moral.

É o sentimento que faz neste minuto correr a minha pena sobre a nívela lisura do papel, confesso agora.

Quinta feira. Ainda um esplêndido dia de sol, com safiras no céu e vestidos brancos pelas ruas. E enquanto na *matinée* naval, a bordo do *Floriano*, oficiais chilenos, alemães, brasileiros fundiam simpatias a goles de fervilhante *champagne*, cujos glóbulos borbulhavam, subiam, desfaziam-se no ouro líquido das taças nevadas, e moças galantes valsavam entre flores e canhões – um grupo de fieis penetrava no *Palace-Theatre*, à rua do Passeio, quase em frente ao

palácio de açúcar, atraído pelo primeiro *Four-ó-clock concert* que ali se ia realizar.

Um concerto popular, pelos preços, e sinfônicos, pela forma, com uma excelente orquestra de 56 professores, dirigidas pela batuta do talentoso maestro Francisco Braga! Uma tentativa de arte do Centro Musical do Rio de Janeiro, nesta época de materialismo alegre – que prazer e que consolo! Numa jubilosa expectativa, pois, entrei na sala, julgando encontra-la repleta, mas logo pasmei tristemente para muitos camarotes desocupados, para muitas cadeiras vazias. A Avenida Central, lá fora, contudo, andava cheia de senhoras e cavalheiros... Porque não vinha toda essa gente para dentro do *Palace-Theatre*, associar-se a um esforço artístico, digno de todo o acoroçoamento, insuflar ânimo e entusiasmo nesse punhado de lutadores, ouvir boa música, elevar a alma à diamantina torre do ideal, aplaudir uma fina execução, vibrar, gozar?

Por mim, confesso, tudo deixo pela música. Nada me parece preferível à volúpia que se exala da voz das harmonias, das cadências, dos acordes, de um canto bem sustentado, de uma instrumentação sonora e bela. Aprendi o desenho, a pintura, mas ambas essas manifestações da arte não conseguem sacudir os meus nervos mórbidos.

Admiro com tranquilidade; analiso, guardo o poder da reflexão. Ao passo que a música me empolga toda, me põe a tremer, como uma vibração do infinito. É de resto o efeito que ela produz sobre todas as criaturas nervosas, quer a tenham apreendido,

como eu, quer a ignorem e recebam apenas a sua influência misteriosa, como muitos outros seres, alguns até incultos, de espírito rudimentar, mas alma sugestionável.

Pois bem, a Avenida continuou sempre cheia de transeuntes, mas a sala do Concerto das 4 horas, ficou até o fim com os seus claros de cadeiras vazias entre um pequeno auditório, felizmente inteligente e possuindo do louvável empenho de apreciar e aplaudir.

E isto é imperdoável, meus senhores! Transbordaram sempre as conferências do historiador Ferrero, que tanta gente não entendia, cujo assunto a bem poucos interessava – e deixam todavia de frequentar o bom concerto organizado por um artista da ordem de Francisco Braga, nosso patricio, que a preços reduzidos põe ao nosso alcance a audição das mais lindas peças, executadas por uma soberba orquestra? Não é possível. E ali sentada comodamente nessa sala, sorrindo aos graciosos compassos de *Ma belle qui dance*, ou estremecendo à sonoridade apaixonada e forte de *Salvador Rosa*, ou seguindo a epopeia dessa grandiosa marcha de *Tannhauser*, compreendi com lucidez que só um elemento poderá salvar do abandono a tentativa do Centro Musical: é o *snobismo*. Senhores e Senhoras que me leem, escutem o meu apelo: é preciso que entre na moda das quintas-feiras, como no *Corso*, nas quartas, o Concerto das 4 horas da tarde.

Seja o *chic* não faltar a ele. E ara a semana já pode todo o mundo seletos comparecer num lindo farfalhar de

sedas, porque o concerto se repete com peças ainda não ouvidas.

Outra novidade: foi visto esta quinta-feira à porta do *Palace Theatre* o *Chambrenoir dos retratos e binettes*, como implacável *Kodack* a tira-colo; foi visto o festejado grupo do *Binóculo*, que debandou por falta da sua galeria elegante das *habituées* das festas cariocas. Não devem pois faltar agora, estão compreendendo? A música reclama um auditório convencido – que só pode ser o das *premières* e das conferências históricas, em italiano. Avante, pois. Haverá também música italiana, e com ela ganharão a vida artistas brasileiros...

Trouxe –me o correio esta manhã um grande livro que me emocionou. Só o título impressiona logo: *Prometheu acorrentado*, poema de Eschylo; mas é só isso, há outra: o original de Eschylo foi literalmente vertido para o português pelo nosso velo e querido imperador, D. Pedro II, e houve depois uma transladação poética do texto pelo eminente cultor das letras barão de Paranapiacaba. Demais, acompanha o importante trabalho uma parte preciosíssima de cartas e memórias abrangendo o largo período de 1846 a 1889 – e ler esse livro será para mim o mais delicioso, mas também o mais pungitivo dos prazeres.

Quem não conhece o ilustrado e venerando barão de Paranapiacaba, cujo talento brilhou sempre e brilha ainda no primeiro plano da cena literária e sobretudo poética? Um velho poeta, já morto, que me tocava de perto, mereceu-lhe com razão um

belo prefácio aos seus versos. Eu não esconderei a minha admiração pelo livro hoje recebido, que agradeço, vou ler e citarei mais tarde, quando percorrido linha a linha do princípio ao fim.

E por falar em livros, um salto do épico ao singelo, ao feminino, ao despretenso, para aludir ao lindo volume de *Contos para crianças*, de *Chrysanthème*, com ilustrações interessantes de Julião Machado, que a Casa Laemmert acaba de editar e expor à venda em sua mostra.

Não me é talvez permitido elogiar muito *Chrysanthème*, pseudônimo que encobre uma estreante de fina intuição literária, que sabe sobretudo falar à doce alma curiosa dos pequeninos; mas faço calar a modéstia e deixo agir a justiça, porque o livro de contos infantis é realmente bom, delicado e atraente. Há uma historieta: “*A morte de mamãe*”, que é encantadora.

Terei excedido o que posso dizer?

Não, não creio...

Carmen Dolores.

A SEMANA 08/12/1907 [8466]

Nesta época de tanto calor e tantas aventuras, como ainda quinta-feira lembrou uma folha vespertina, acho de todo o ponto cruel esse ruído em torno da moça vestida de branco que morreu na igreja da Lapa e dos dois amantes que, ao menos incômodo moral, absorviam cocaína e tombavam, insensíveis.

Por que não há de ter cada um o direito de descansar como a sorte quis ou a própria vontade entende? Evidentemente, a desconhecida da

igreja está gozando a esta hora as beatitudes celestes, pois faleceu quando orava, toda a sua alma purificada pela reza e ali mesmo recolhida, tão alva como as suas vestes de noiva, por uma legião de anjos ainda mais alvos e tocados de luz, espiralando-se ao frêmito das grandes asas de prata. Ninguém viu de certo esse misterioso arrebatamento de um espírito, porque essas coisas são vedadas a olhos ainda vivos e curiosos, mas o fato sem dúvida se passou deste modo, de acordo com todas as tradições que até nós chegaram. E então por que se há de mais agitar o caso dessa estranha mulher que teve a ventura de morrer em graça, num tempo de tanto pecado, ao doce aroma do incenso e ao reflexo pálido dos círios dos altares, abismada na oração que redime ou acalenta, entregue à ilusão dos ritos, suspensa já da vida e os seus grilhões – pronta enfim para esse desligamento da matéria, supremo e atroz, ao que consta, na ausência dos êxtases consoladores que adormecem todo o instinto vital, como uma dose de ópio?

Não me admirarei nada se em breves dias inventarem alguma nova exumação, após a qual, em frente aos restos profanados, algum médico-filósofo empunhando a caveira sardônica, de onde se desprenderão cabelos que foram brilhantes e dentes que foram claros, e cravando olhos de juiz nessas órbitas vazias e enigmáticas, desfiar o seu rosário de indagações shakespearianas:

“Quem és tu, finalmente, oh! caveira? que pensamento encerraste, oh! crânio?”

E sacudindo com mais violência fragmentos do vestido outrora branco, e ossadas, cabeleira, tudo, clamará, indignado:

“Mas responde... Não vês que estamos a estourar de curiosidade? Alguém te propinou veneno, tu mesma te mataste ou foi a congestão que te levou? Explica esse mistério. Houve “provavelmente” crime, não é verdade? Confessa...”

Porque é um crimezinho que todos farejam com ânsia, ávidos de escândalo, embora logo depois o crimezinho torne a ser enterrado, já sem interesse e com muita pedra em cima.

Mas então, Santo Deus! acho preferível que deixem desde já quieto esse despojo feminino, fazendo o silêncio em torno do seu eclipse da vida, tão discreto. Ela existiu, morreu, era um dia uma espécie de noiva que fechou os olhos para sempre murmurando uma oração – e acabou-se.

Que adianta à miséria a descoberta de algum criminoso fantástico ou do seu suicídio? A morte é irreparável, e aliás tão boa! tão compassiva! Só ela resolve problemas insolúveis, extingue ódios, serena amarguras, reúne na mesma clama vitoriosos e vencidos, desafia ironias e perversidades, revela a inabilidade de tudo e assim permite o descanso eterno, sem mais sonhos inúteis, sem mais trabalhos estéreis, e ambições, lutas, misérias, sofrimentos...

Já Lamartine disse nas suas velhas *Harmonias*:

*Qu'était-ce que la vie? Exil, ennui, souffrance...*⁶⁸

Abandonem pois a desconhecida da Lapa ao sigilo da sua libertação consoladora, pouco importando o meio por que ela se libertou entre nuvens cheirosas de incenso. E assim também deixem tranquilos esses dois maníacos que, na falta de coragem completa para uma viagem ao decisivo *nirvana*, andavam a esvaziar frascos de cocaína-ilusão, afim de amortecerem choques.

Um tilintar da campainha da porta, a conta do padeiro, uma visita incômoda, a chegada de alguma autoridade bisbilhoteira ou de um repórter perigoso – e zás! corriam os dois namorados para a alcova e depressa, depressa, um após o outro desarrolhavam os vidros e ingurgitavam o líquido anestésico com ânsia e volúpia. Depois, um baque de corpos no assoalho, o esquecimento a dois – e podia agora o padeiro berrar pela conta, ou a visita berrar pela gente da casa, ou a autoridade policial berrar pelas praças e mandar segurar os viciosos, ou o repórter, de chapéu para a nuca, berrar pelo seu precioso *interview*, que as criaturas não sabiam mais nada... Insensibilidade plena – dos bens da terra, o mais raro e invejável. Oh! meus senhores! deixem essa gente sonhar, dormir, até não acordar mais nunca... Que há melhor do que isso?!...

No dia em que eu tivesse a certeza de não poder externar com franqueza a

⁶⁸ O que é a vida? Exílio, tédio, sofrimento...

minha preferência acerca de qualquer das músicas executadas no *Four ó clock concert* das quintas feiras, nesse dia eu me absteria inteiramente de frequentar os mesmos concertos. Ora, ninguém perderia com semelhante abstenção senão eu própria; logo, para me poupar esse golpe e por um dever de golpismo, tenho de dar sempre a minha opinião pessoal, e dar-lhe-ei, a despeito de tudo, de todos, da grande arte e dos delírios convencionais. Afinal, isso de convenção não é comigo, e ainda está por nascer quem me haja visto enveredar por uma trilha aberta, só porque vão seguindo por ela os legendários carneiros de Panúrgio. Não, isso não.

Eu penso assim; quem quiser, pense de outro modo, mas exigirem que eu vá na pegada dos mais, muito direitinha, passo miúdo para não sair da linha – essa subserviência aos juízos correntes, nunca, nunca! Nem com uma mordaca, porque o meu gesto substituiria a palavra, dizendo *sim* ou *não*, ao saber da minha ideia sincera; e se me algemassem as mãos, o sacudir da cabeça exprimiria a mesma liberdade de pensar; e só ao efeito da cocaína, morfina, clorofórmio ou o que quer seja do mesmo gênero, eu acabaria enfim calada, inerte, e, portanto, de acordo com os adversários da minha opinião. Asseguro-lhes, aliás, que isto não é teimosia ou peronismo. É simplesmente o direito da independência de minhas impressões, que zelosamente eu defendo contra as tiranias do convencionalismo aceito, tanto em letras como em música, pintura, tudo.

Veio a propósito do concerto das quintas feiras esta minha profissão de fé, porque andam a criticar uns aplausos e uns *bis* em que eu também entrei e que favoreceram certas músicas da festa musical passada, julgadas fora da altura em que um auditório entendido pode ou deve aplaudir.

Há pois uma demarcação estabelecendo o que se acha ou não no caso de agradar ao público? E qual é então o papel do maestro Francisco Braga, que oferece todos os gêneros ao mesmo público, no intuito de contentar os gostos mais vários dos que frequentam esses concertos?

Os admiradores da grande música podem clamar de entusiasmo, mas os outros, que apreciam a música leve, como deleite de um instante, esses devem recolher-se ao silêncio grave da vergonha, não é assim? Digam-me, porém, uma coisa: é porventura a sala do *Palace-Théâtre* propriedade exclusiva dos entendidos consagrados em música? Oh! seria extraordinário, a dois mil réis por cadeira, preço visivelmente popular e ao alcance de todas as bolsas – sabichonas ou não. O fato a que desejo chegar é o seguinte: não sou crítica musical, Deus me defenda! Nunca pretendi tão duro encargo, mas guardo comigo o pleno direito de gostar do que acaricia em mim certas faculdades artísticas e de aplaudir sinceramente, abertamente, isso que me agrada sem indagar primeiro se a peça é de Pai-sielo (1741), Glock, ou apenas a malsinada *Aube de Printanière*, de Lacombe.

Com referência a esta vítima da ironia clássica, uma pequena malícia: entre os *bis* que a favoreceram, no

penúltimo concerto, entravam os de uma gentilíssima senhora que é artista de valor e até profissional... E agora? Outra consulta – esta muito humilde, porque me diz respeito: o que me agradou mais esta semana foi a *Suite antique*, de Alberto Nepomuceno...

Andou mal o meu gosto?

Ai! Papai, mamãe... com que medo estou da palmatória dos críticos! Eu devia ter preferido o Pai-sielo dos duzentos anos passados, e não o nosso compositor de bela face nazarena, ainda tão novinho comparado ao outro!... Perdão, perdão, senhores críticos, que eu não faço mais... Prometo nunca bater palmas de ora em diante senão a Mozart, Glock, gente muito velha, sagrada pela tradição e pelas vossas palavras de religioso apreço: e se algum trecho gracioso for executado pela orquestra do Braga, *Ma belle qui danse, Ronde d'amour* e outros assim, tapei os ouvidos, relanceando olhares furiosos para o tablado dos artistas...

É assim que a crítica me queria ver, não lhes parece, leitores? Pois sim – Isto é que nunca sucederá.

E tire o inteligente maestro Francisco Braga o caráter popular e eclético aos seus concertos, por este calor senegalesco e às 4 horas da tarde, que agora mesmo é que a sala do Palace jamais se há de encher – sou eu que lhe asseguro.

O incidente Seraphina, de triste memória, veio por em moda as criadinhos que se queixam à polícia das patroas; e não houve dia desta semana em que os jornais não noticiassem novos casos de pequenas a

correrem delegacias com denúncias, queixas e reclamações.

Isto aqui é assim... Atrás de um incêndio ou de um suicídio, mim incêndios, mil suicídios; e nas águas de uma infeliz Seraphina, com outras Seraphinas, uns reais, outras falsificadas, usando da lufada do momento em proveito de uma vingança ou de uma antipatia contra as amas e não raro verdadeiras protetoras. Eis por que já estes dias a autoridade teve de declarar infundada mais uma queixa. Mas apesar disso as pequenas em questão lograram não voltar mais para as casas onde foram criadas e sustentadas, vestidas, suportadas, alegando algum natural puxão de orelhas que os nossos próprios filhos recebem e de que não se queixam.

Assim pois, a defesa da liberdade dessas criadinhos está logicamente trazendo, por um insensível processo de exagero reacionário, a coação da liberdade dessas criadinhos está logicamente trazendo, por um insensível processo de exagero reacionário, a coação da liberdade dos patrões. Por causa de uma D. Justina de Mendonça, todas as senhoras que criaram de pequena e com sacrifício alguma negrinha, estão ameaçadas à mínima repressão de ouvirem à dita negrinha estas palavras *up to date*: “deixe estar, que eu vou à polícia!” E Deus sabe que o resultado depende da lábia histérica das tais crias, muitas vezes de uma faculdade inventiva terrificante.

Tudo isto, repito, representa uma violação de direitos e não sei se poderá continuar como vai, como tem sido, desde o caso Seraphina. A culpa reside na falta que sofremos de uma

regularização do serviço doméstico, deixado ao capricho das criadas e das amas. Nenhuma lei consegue ser ao menos estudada.

E nesse ponto, Petrópolis nos está levando de vencida, segundo as últimas notícias, graças ao Dr. Sá Earp, digno presidente da Câmara Municipal, que parece decidido a organizar todo um regulamento para o serviço doméstico.

Confessemos, aliás, que a monomania do baile torna bem necessário na linda cidade serrana esse freio, destinado às raparigas trêfegas que preferem a valsa ao trabalho e abandonam a casa onde servem nos mais críticos momentos para as suas donas.

Mas Petrópolis, em suma vai inaugurar talvez essa medida que nós ainda não temos. E que superioridade isso lhe dará! Qual é a superioridade, de resto, que Petrópolis não tem, meus amigos?...

Carmen Dolores.

CRÔNICAS 1908

A SEMANA 02/02/1908 [8522]

Ao ler a autobiografia do senador Christiano Ottoni, que tanto tem interessado os espíritos curiosos do passado e constitui mesmo a nota importante destes dias, evoquei o vulto venerando destes dias, evoquei o vulto venerando desse ancião, percorrendo nos seus últimos anos de vida as avenidas de Petrópolis, sob o seu tradicional chapéu desabado - e um melancólico ponto de interrogação se ergueu ante as minhas vistas pensativas.

Que imaginar de uma alma incapaz seguramente de faltar de propósito à verdade, como reputo a do Sr. Ottoni, mas que fixa entretanto fatos e pessoas na objetiva da sua visão íntima com uma linha alterada, que a sua autoridade moral imporá mais tarde, como linha real, às vindouras gerações que não apreciaram de *visu* os acontecimentos?

Que imaginar dessa visão falseada, repito?

Porque está claro que arredo do meu pensar qualquer suspeita contra a sinceridade de um velho respeitável, cujo prestígio sempre acatei e cuja memória continuo a acatar.

Simplesmente, antes dele dica o restabelecimento da verdade; e se a outras penas incumbe o dever sagrado de sair a campo nesse sentido, não impede isto que algumas leves frases eu dedique ao assunto, no correr desta simples crônica semanal, que odeia a política, mesmo porque não a entende... Não se trata, porém, dessa divindade de todos os tempos,

fantasmagórica como a serpentina Fuller em evoluções sobre uma cena teatral.

Voam as roupagens, mudam as cores, reflexos vêm, reflexos vão, fogem, voltam - e ninguém deve analisar de perto os cambiantes e bizarros efeitos. Trata-se, ao contrário, de alguma coisa de fixo, de belo como o clássico nu da arte, em que nenhum dedo sacrílego pode irreverentemente tocar - e é a Verdade.

É em nome dela, que eu digo aqui: por que apresentou o Sr. senador Ottoni aos seus vindouros o extinto e magnânimo imperador do Brasil sob um aspecto que não se pode chamar aquele que ele próprio viu e observou, com os seus olhos e a sua inteligência?

Ainda há dias, notável e venerando político, bem insuspeito ao regime atual, porque o abraçou, comentava a autobiografia a que aludo aqui, declarando nobremente que nunca o imperador teve o costume de expandir-se com os seus semanários, admitindo-lhes estranhezas e recriminações sobre atos de outros homens do seu governo. Fora preciso desconhecer a altiva reserva do soberano - e não a desconhecia o Sr. Ottoni - para apresentar como verídica essa história do Sr. D. Pedro II a murmurar com os seus camaristas, a propósito da nova estrada de ferro:

- Deixem o Ottoni: ou ele faz a estrada, ou é um homem perdido...

Singulares obliterações da memória! Foram elas, sem dúvida, que eliminaram das interessantes páginas da autobiografia a arrojada inversão de um verso de camões a que o excesso do entusiasmo levou o Sr. Christiano Ottoni, por ocasião de ser inaugurado

o túnel grande - esse mesmo que serve de base a outra piada contra o excelso imperador. Intrépido e corajoso. D. Pedro II quisera por força descer numa caçamba ao fundo de um poço, e quando subia, quando emergia apenas à luz, gritou-lhe da beira o Sr. Ottoni, mais áulico do que respeitador dos *Lusíadas*:

"O forte rei faz forte a fraca gente"

O verdadeiro verso é, contudo, este, exatamente contrário ao arranjado de momento, num ímpeto admirativo:

"Que um fraco rei faz fraca a forte gente."

Canto 3 dos *Lusíadas*, fim da estrofe 138...

E que prova tão temerária inversão atirada à coragem do soberano, como uma hiperbólica do endeusamento?

Prova que o senador Ottoni teve ali um rasgo se lhe apagou inteiramente da memória, e o que ele traçou no seu canhenho de notas para mais tarde servir do livro agora publicado, foi antes de significação oposta, prestando-se a uma frase pérfida contra o bondoso monarca, que o apresenta, a ele, Sr. Ottoni, sacrificado logo após a conclusão do túnel.

Meus Deus! Longe de mim a ideia de atirar, eu, tão pequenina, qualquer censura sobre um vulto como o do senhor Ottoni, que atravessou três gerações brilhantemente, e tomou parte em tantas e notáveis lutas, pondo em destaque o seu nome ilustre.

Mas sempre torno a perguntar aos meus botões: como se explica que uma alma assim grande, ao que contam, e incapaz de mentir de firme propósito, haja todavia fixado fatos e pessoas na

retina da sua visão íntima com uma linha tão profundamente alterada e contrária à verdade?

É o eterno enigma, aquele que obriga depois os Guglielmo Ferrero a desmentirem trechos inteiros da velha história, mal contada...

* * *

Quinta feira, ao desdobrar esta folha, encontrei na correspondência de Petrópolis uma transcrição da *Tribuna de Petrópolis*, que muito me abalou, justificando as suspeitas e os receios que há muito nutro e me entristecem.

Os empregados ao serviço da reparação das linhas telegráficas devastam as árvores que ensombram as avenidas daquela cidade, e até à linda rua Central, à avenida Quinze de Novembro, os malvados já ousaram chegar, levantando o machado sacrílego contra essas velhas ramagens sagradas, proteção dos transeuntes contra o sol, e proteção também do casal, cujas águas precisam de sombra para não secarem tão depressa ao ardor do verão, com sério prejuízo à saúde pública. Sabem todos afinal, muito bem que o estado sanitário de Petrópolis depende bastante das condições dos seus encantadores rios, cujo fundo nunca deve ficar a descoberto, por causa das exalações. Não fora mesmo o admirável clima serrano, esse ar tão fino e tão puro que entorna vida pelos pulmões a dentro, e já teríamos tido a deplorar nos meses de seca alguma epidemia de febres malignas.

E contudo esses senhores do telégrafo, brutalmente, estupidamente, excedendo com certeza as ordens recebidas, vão derrubando o delicioso arvoredor das ruas petropolitanas,

podando, decepando, e até arremessando os galhos arrancados a Piabanha, cujo curso fica obstruído.

É uma calamidade! Um absurdo incrível, que indigna.

Felizmente, o digno diretor da *Tribuna de Petrópolis* já oficiou ao ministro da viação, solicitando enérgicas providências contra a selvageria criminosa. O Dr. Hermogeneo Silva, presidente da Câmara Municipal, também já saiu a campo, defendendo as árvores de Petrópolis.

Mas um susto me fica. Ninguém ignora as delongas de toda a medida salvadora, enquanto que as destruições e os descatos têm rápido curso; e quem me assegura que o machado não continue lá em cima a derrubar durante o tempo em que os ofícios vão e vêm? Aqui exprimo o meu terror.

A verdade é que, na última vez em que subi a Petrópolis, muitos claros descobri ao longe nas minhas amadas serras, contempladas com o minucioso enlevo que inspiram as coisas preciosas. E o meu coração confrangeu-se, confrangeu-se...

Senti depois um desusado calor - sinal evidente do desaparecimento das vastas cúpulas verdes da floresta, protetoras dos mananciais dos rios que formam a soberba e excepcional fisionomia de Petrópolis. Então, já com o espírito apreensivo e melancólico, sai para o meu costumeiro passeio pelo Palatinado fora - esse divino trecho que era outrora um escrínio verde entre gazes vaporosos, com uma fonte de cristal a chorar num recanto sobre um tapete de nenúfares estrelados de cálices brancos, e mil outros fios d'água

murmurantes, grandes pedras vestidas de musgo entre as cachoeiras queixosas do rio, sombras pacificantes de arvoredos, um delicioso refúgio para o corpo e o pensamento - frescura e encanto, poesia e doçura.

E que pude observar no meu saudoso percurso? A continuação da mudança já antes lastimada. Em vários trechos, ao longo das margens, árvores foram arrasadas: e todo o mistério da rumorejante cortina de ramarias entre os chalés de um e outro lado, com a água de permeio, escorrendo sob um fresco abrigo - tudo isso desapareceu. Vi largas zonas descobertas de aterro barrento, o veio d'água exaurido pelo sol a pino, uma luz crua, muita aridez, muita destruição sacrílega - e uma tumultuosa indignação encheu-me o peito. Como, mas como se ousa tocar na maravilhosa paisagem de Petrópolis? Quem foi o selvagem antiestético que se atreveu a assassinar a soluçante náiade da fonte dos lírios, enterrando-a com a sua túnica frutuosa de ínvias flores balsâmicas, e mau grado os seus queixumes, o seu pranto doce, sob montões de terra e de calhaus? Ah! não poder eu inverter os papéis, substituindo a branca e gemente náiade pelo selvagem, sob aqueles duros calhaus!... Mas não posso: só me é dado protestar, o que é platônico, logo que se não tem o direito do mando na mão. Não obstante, aplaudindo o ato de defesa da *Tribuna de Petrópolis* e da Câmara Municipal dessa cidade, invoco o amor dos seus moradores pelo lindo torrão e peço-lhes que protejam com denodo e com fervor os seus arvoredos contra a sanha do machado telegráfico. Abracem-se com os rugosos troncos;

façam-lhes em torno uma cinta de combate; subam às florestas, lutem, defendam os gigantes verdes, cujo cimo aninha pássaros - mas não deixem, por Deus! Que os senhores ao serviço da reparação dos fios do telégrafo, ou os bárbaros que tudo arrasam, para fazer lenha, devastem as magníficas serras ou derrubem as árvores das avenidas, despindo Petrópolis da sua grande beleza e da sua grande salubridade.

Serei atendida na minha invocação de panteísta? Não sei...

* * *

Referi-me com indignação à obra destruidora de alguns empregados do telégrafo, na cidade serrana, mas as minhas palavras não atingem, de certo, todo o pessoal e muito menos os estafetas da Repartição Geral dos Telégrafos da nossa capital - esses pobres moços laboriosos que andam a entregar pelas casas dia e noite o **envelope** oficial, sofregamente rasgado por mais de uma expectativa angustiada. O telegrafista e o carteiro são os entes fatais ou preciosos, que se espera em certas horas com a febre da alucinação.

Coitados! Mal entregue a carta ou o telegrama, são logo esquecidos - e lá vão eles sob um sol de queimar, ou debaixo de aguaceiros formidáveis, continuando a sua faina inglória de cumpridores heroicos do dever.

Pois bem, neste momento, alguns desses moços fundaram uma Associação Beneficente dos Estafetas da Repartição Geral dos Telégrafos do Distrito Federal, tendo por base promover a solidariedade da classe e auxiliar os seus associados, socorrendo-os, quando enfermos,

facilitando-lhes assistências, pensão, quando inutilizados para o trabalho, funeral, quando mortos, e até defesa por meio de um advogado, se coagidos em sua liberdade.

A ideia é generosa, digna de todo o acoroçoamento; e nós, que tanto aspiramos por um estafeta do telégrafo, quando ansiosos por qualquer notícia esperada, uma resposta, uma solução urgente, porque não animaremos a obra desses ativos moços, como prova de gratidão por alguma hora de sofrimento moral que a chegada deles nos tenha um dia minorado?

Seria uma justiça.

Carmen Dolores.

A SEMANA 16/02/1908 [8536]

Em um artigo publicado quarta-feira nesta folha com a epígrafe *D. João da Câmara* e onde era comentada a suave personalidade literária do escritor português que agora desapareceu, sem ter felizmente assistido ao regicídio que ensanguentou Lisboa; nesse artigo do vibrante cronista Luiz da Câmara Reis, encontrei eu observações e ideias que muito se amoldaram ao meu pensar e trouxe-me aqui a referi-las. São ideias de um moço, e que acaba apenas, se me não engano, de deixar Coimbra: mas, desde a sua primeira crônica mandada para o Brasil com o título *João Chagas*, e que aparece hoje abrindo o belo volume das *Cartas de Portugal*, esse mancebo me agradou tanto, se impôs por tal modo à minha atenção, já pela forma dos seus escritos, já pelo denodo das opiniões

que emitia, bem suas, independentes, claras - que eu considero um prazer muito vivo apreciar quanto a sua pena traça. E estou bem certa que a figura de Câmara Reis se destacará em breve no primeiro plano da literatura portuguesa, substituindo enfim ilustres mortos ou vivos que já não trabalham, com o seu estilo conciso, mordente e impressionista, a frase que tudo desenha em um traço, a arte dos contrastes - sentimento e ironia, suavidade e violência.

As *Cartas de Portugal* formam um livro verdadeiramente moderno, porque Luiz da Câmara Reis é sobretudo um moderno, que compreendeu bem a distância que hoje existe entre os processos literários antigos e os do nosso tempo. Eis por que diz ele no artigo de quarta-feira que, para nós, mudaram as ideias ingênuas de nossos avós. O que eles viam com o seu sentimentalismo fácil, procuramos nós ver com um sentimento profundamente humano...

Sim, é exatamente isso.

Tem anota atual de ser humana, para ferir os espíritos da nossa época, menos cândidos, menos sensíveis, porém, mais sequiosos da impressão forte da verdade como gravada em água forte, dando a ideia nítida da vida em ação, verossímil, palpável.

A exuberância piegas da frase, a fluência romântica do assunto, tudo foi transformado. E compreende-se a revolução profunda que fizeram na literatura Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, quando declaram e provocam, originalmente, superiormente, que o fim da Arte é a reprodução exata da natureza, da realidade, do tipo, do sentimento, por uma forma audaciosa

e impessoal. É por isto que as heroínas de Georg Sand já aparecem hoje, com as lamúrias do seu incontestável amor, a sua eterna morbidez, essa existência votada exclusivamente às agitações da paixão como simples fantasma de um lirismo irreal.

Todo o talento grande e forte da fecunda escritora não arranca mais as suas criações femininas da bruma pálida em que se dissolvem, cada vez mais distantes e monótonas pelo exagerado sentimentalismo em que passam exclusivamente os seus dias e as suas noites, gemendo em *hamacs* de seda, ao rumorejar da floresta, como *Indiana*, ou revolvendo os bandós do cabelo negro e frouxo com dedos trêmulos de febre, como *Lélia*. A aventura da pobre criada que é *Germinie Lacerteux*, interessam mais no romance de Goncourt, pela sua psicologia intensa e vivida, do que todo o artificialismo Lyrico, descabeladamente Lyrico, da velha escola de Mme. Sand e a sua geração. Essa criada é em suma uma mulher, estudada em sua verdadeira natureza de mulher do povo, nos seus instintos, nos seus defeitos, nos seus vícios. Ao passo que as chorosas figuras da escola antiga são apenas ornamentais, não emocionam.

Pois bem, tive a alegria de verificar pelo artigo de Câmara Reis que, embora muita opinião nos separe - ele deve ser republicano, eu talvez o não seja - estamos em pleno acordo sobre os processos da velha e da nova literatura. E todavia, mau grado a evolução que se observa nesse ponto das ideias, muita, muita gente se deixou ainda ficar presa aos moldes do artificialismo piegas - esse que só

desenha a mulher irreal, perfeita, alva como um lírio, ingênua, enlouquecendo facilmente por um amor contrariado, sempre sonhando e sem um único traço prático das dualidades e complicações da alma humana, que determinam cada natureza individual.

Essa mulher ama aos suspiros, fita eternamente a lua, não come, não precisa de dinheiro nem de saúde, nunca cessa de clamar **Ah! Deus!** ou **Oh! Céus!...** e, finalmente, essa mulher não existe. Digo mais: nunca existiu.

É, porém, essa figura de ficção que agrada ao vulgo, e logo que o escritor segue o processo da dissecação moderna e apresenta, não um fantoche de melenas chorosas e alma de arcanjo, mas uma criatura verdadeira, com as paixões e os vícios da sua época aliando não raro uma heroica nobreza a falhas que se não explicam, ente complexo, porque é humano e imperfeito - logo a grita se levanta entre o burguês sentimental? Que audácia e que indecência! Mas a indecência está para mim em inventar falsos tipos e apresentados como reais, sacrificando a Arte.

De resto, que sei eu? Muito mais fácil é criar figuras de mulher com o vinco antigo, obra de pura imaginação para contentar certos espíritos acanhados, do que estudar e analisar a criatura real que cruzamos na vida trazer o cérebro em tortura para dele arrancar a imagem viva e palpitante, calcada fielmente sobre os moldes sinceros da verdade, que observamos. Isto é que custa esforço e representa o triunfo da psicologia.

Mas repito, para que, em nosso meio tão pouco favorável às letras? Disse Câmara Reys que os defeitos de D. João da Câmara se acentuaram por causa da sua vida atribulada, do seu trabalho extenuante pelo pão de cada dia - o que o impedia de melhor burilar as suas obras, feitas algumas de afogadilho, com o empresário ou o edito à espera.

O velho escritor, continuou o jovem cronista, foi uma das numerosas vítimas do meio literário nacional, em que o mercado nunca pode assegurar ao artista essa desafogada e livre existência de homens de letras, que precisam de não se preocuparem com os prazos para findarem as suas obras mais carinhosamente concebidas. Miserável vida, angustiada e desesperadora!

Sim, miserável! Desesperadora!

E aqui no Brasil, ainda mais do que em Portugal, essa miséria e esse desespero se impõem a quantos tentam fazer vida pelas letras e sonham escrever e livro belo e bem sentido, mas esbarram na engrenagem da luta cotidiana pela subsistência, que os leva até à morte a rabiscar ingloriamente tiras e mais tiras de papel, sempre correndo, na horrível caça ao pão. Morre-se, escrevendo. D. João da Câmara traçou, já perdido, a sua última crônica, publicada aqui após o seu enterro.

Foi o derradeiro esforço desse mísero cérebro a se esvaír no fundo do nada, para proporcionar à família o necessário. Teve-o, sim, essa gente amada o derradeiro produto da mentalidade agonizante de seu chefe: mas que sabor amargo havia de ter esse dinheiro, meu Deus! José do

Patrocínio expirou num vômito de sangue sobre o artigo que rabiscava e saiu assim truncado pela morte, a fim de que não perdesse a viúva o preço dessa agonia vermelha.

E quantos, quantos outros assim partem, havendo trabalhado duramente durante a existência inteira, sem um proveito, uma compensação, um descanso - a não ser o último! Dão todo o seu cérebro - e recebem... coisa nenhuma.

Ah! torno a ler o vibrante artigo de Câmara Reys, nesta folha, e vejo que o autor das *Cartas a Portugal*, apesar de tão novo, observou profundamente o que é uma triste existência de forçado das letras em certos meios ingratos. E peço licença para tornar minhas as palavras que serviram de remate ao seu escrito e são estão:

O artista, para formar o seu talento, talvez lucre em conhecer a dor - mas, para realizar as obras que a vida lhe fez conceber, deve viver em uma branda e carinhosa atmosfera de existência fácil, de prosperidade risonha e de imperturbável tranquilidade...

Perfeitamente. Mas onde se encontram esses bens celestes, entre nós? Só no outro mundo... talvez.

* * *

Evidentemente, o assunto literário me afastou dos comentários habituais sobre fatos da semana, mas foi melhor assim, porque, finalmente, de que poderia eu falar? Da tragédia de Portugal? Parece-me, porém, que tudo já foi dito quanto ao lamentável caso principal - e os detalhes, por ora, deixam muito a desejar sob o ponto de vista da novidade.

Trataria do sorteio militar? Deus me acuda, nunca!

Pelo peso que terão nela as minhas opiniões sinceras, não vale a pena debatê-la, bastando-me as muitas cartas congratulatórias que saudaram as minhas curtas, e aliás inúteis, palavras. Sopro sobre elas como sobre uma bola de sabão irisada, lampejante à luz, que se evadisse do meu cérebro pensante - e lá se vai à bola pelos ares fora, rumo do vento, perdida, errante...

Acabou-se.

Poderia eu deplorar, como assunto o desastre que feriu o Feminismo na sua força, com esse ataque de nervos em uma candidata à cadeira do magistério primário, por ocasião da prova prática no concurso a que se está procedendo no *Pedagogium*.

A injustiça de uma classificação baixa nessa prova, quando ela se elevava em todas as outras, obtendo o primeiro lugar, pungiu por tal modo a jovem professora, que o seu espírito cedeu ao sentimento do desespero. Mas não devia ter cedido, lembrando-se que, no seu papel, a luta faz parte do programa e cumpre representar para a galeria, sempre à espera de alguma fraqueza feminina para folgar com ela.

Eis por que, não aproveitando a matéria, deixo de comentar mais longamente o caso. Mas aconselho ao Feminismo que entra em concorrência com o homem, uma coisa útil: vá todo ele incorporado, ao gabinete médico do Dr. Álvaro Alvim, pedir-lhe banhos elétricos, aplicações elétricas, todos os meios de enrijar o sistema nervoso e torná-lo apto para os combates da vida.

O riso também é de efeitos ótimos - e a lutadora ri muito pouco no *maelstron* dos seus dias tormentosos.

Lembro-lhe, então, um passeio ao cinematógrafo Rio Branco - e verá como sai dessas interessantes secções desafogada e alegre.

Riu muito, ouvindo o tenor, cuja voz estrondosa faz desabar paredes e impede qualquer contrato; viu o *Corso*, em Botafogo - e da boa maneira, sem gastar em carro ou *auto*, e o resultado é que volta para casa contente e divertida. Que custa experimentar o regímen, ó Feminismo?!...

Carmen Dolores.

A SEMANA 23/02/1908 [8543]

Quando me chegou estes dias a lutuosa e imprevista notícia do falecimento do dr. Furquim Werneck, mal pude conter um movimento de cólera, achando que a morte às vezes tem caprichos bem estúpidos e revoltantes. É, decididamente, uma degenerada. Deixa viver, sem que se saiba para que fim, entes perniciosos ou entes inúteis, malvados, carrascos do próximo, larvas humanas, viçosas e sem préstimo, a não ser o de atulharem o mundo, embaraçando o caminho aos bons e aos ativos - e contudo, de repente, por uma manhã que despontou em risos e flores, vai ferir o homem necessário, estimado, precioso, fulminando-o em plena despreocupação.

E foi pensando nisto que a custo sopitei a minha raiva, ao saber que deixara de existir o Dr. Werneck, médico tão hábil, tão antigo, tão

experiente, e cavalheiro, tão distinto, que toda a nossa sociedade conhecia, prezava, e cujos cuidados tanta frágil vida feminina haviam salvo.

Deveras, por mais que os poetas atenienses aconselhassem não se encarar a existência senão como uma viagem e este mundo senão como uma feira, lugar de emigração para os homens, com a multidão em torno, mercados, jogos de azar, hotéis onde a gente se demora mais ou menos - a verdade é que ninguém se acostuma as partidas repentinas, guardando nos olhos e no coração o assombro do nirvana, sucedendo as palpitações fortes da vitalidade, o terror desse desaparecimento e em fim o protesto da dor e da saudade. Debalde os túmulos romanos ensinavam aos passantes o segredo da paz e da resignação ante a ideia da morte, por meio destes epitáfios: *Securitati perpetuo* ou *Bono quieti...*

Por um pouco, eles convidariam, como à porta dos cinematógrafos atuais, a entrar no sepulcro como no único lugar onde a beatitude reside, como quintessência da voluptuosidade de nada mais sentir que agite ou perturbe.

Mas qual! Não pega o convite, como não pega a ironia, a troça, a divisa que nada é melhor do que a morte e pior do que a vida, coisa nenhuma que pregue o aniquilamento aos homens vivos, respirando, olhando a luz clara, a natureza incomparável, e gozando a doçura dos sentimentos humanos, o amor, a ternura, a amizade, a união da família...

E foi tudo isso que ficou de chofre privado o Dr. Furquim Werneck, na sua encantadora vivenda do Morin, em

Petrópolis, onde os amigos lhe formavam uma contínua roda familiar de afeições e solitudes. Nascia o dia, rompendo a teia das neblinas brancas e baqueava na escuridão do nada o ilustre e simpático médico, cuja mão eu ainda não há muitas semanas apertava cordialmente no Alto da Serra. Um bocado mais de ferrugem nas artérias, o curso do sangue perturbado em seu implacável giro do coração para o cérebro - e assim se morre num minuto, sem perceber o que acontece.

A claridade do existir sucede a noite do não existir - e acabou-se!

Ah! não há dúvida: é brutal, é cruel, quando se trata de um ente bom, necessário e útil. É estúpido.

Felizmente, no caso do Dr. Furquim Werneck e sob o ponto de vista da ciência, resta uma consolação: temos o filho, para substituir o pai, e não menos ilustre e hábil, talvez até de espírito mais modernizado, naturalmente, por ter estudado na Europa os mais recentes processos da arte difícil da ginecologia. O Dr. Hugo Werneck é um médico admirável.

As suas curas são assombrosas.

Ao contrário do que acontece quase sempre - que os filhos das celebridades em qualquer gênero são de ordinário uns medíocres, privados de asas para acompanharem o largo voo da tradição paterna e explorando apenas o prestígio do nome, o Dr. Werneck filho é uma notabilidade no ramo da sua profissão.

Estudioso, calmo, profundo, é um ginecologista de força.

Mas ai! por desgraça de nós outros, cariocas, um vírus, pérfido, que se lhe insinuou no organismo, obriga

esse médico tão moderno a só respirar o ar seco e saudável de Belo Horizonte, entre as magníficas rosas mineiras e longe de todo o *surmenage* do Rio. Ali vive, na paz do seu gabinete e da sua família, só atendendo aos doentes no consultório e granjeando uma reputação bem merecida e cada vez mais brilhante.

Se ele pudesse vir para cá, sobretudo agora, com o desaparecimento do seu ilustre progenitor, que enorme clínica lhe fora reservada! Mas não pode. E lastimando o caiporismo que fere a nossa capital, com a morte do pai e o afastamento do filho, resta-nos apresentar a este distinto moço, que tão bem representa um nome prestigioso, a expressão mais viva e mais sincera do meu sentimento.

* * *

Outro assunto, agora, e bem diferente. O *Dominó Azul* escreveu-me, leitores... E eu gostei da carta, que é também azul, e da forma, dos termos, do aroma sutil do papel - porque assim me agrada a caridade, misteriosa, discreta, velada nem que seja por uma leve roupagem de cetim, e com a sua pontinha fina de bom gosto e fantasia, que nada prejudica ao caso. E pois que o *Dominó Azul* me convida, em vésperas do carnaval, a simpatizar com a sua missão, que consiste em percorrer durante as festas de Momo os salões dos clubes e teatros, esmolando para os pobres patrocinados pelos jornais da capital e pela benemérita Irmã Paula - aqui estou de pena em punho, garantindo-lhe a simpatia reclamada.

De fato, nesses três dias carnavalescos, de tanto rumor e tanto

dispêndio supérfluo, em que o dinheiro rola pelas ruas, transformando em bisnagas e rodelinhas de cor, em serpentinas, em máscaras, em lança-perfumes, borboletas, roupas efêmeras, brilhos de uma noite, há muita gente que nem sequer tem o direito de sorrir. Chora, ao contrário, enquanto o bumbo dos Zés Pereiras atroa alegremente as ruas. Chora, enquanto os salões dos clubes refulgem, transbordantes de hauris cobertas de seda e pedrarias, na ostentação de um luxo quase oriental, ao calor das ceias opíparas. Nos teatros, igualmente, desfilam as sociedades no esplendor de um luxo delirante, sócios vestidos de veludo rico, estandartes bordados a ouro - toda a teoria da magnificência rutilando sob os lustres acesos e aos gritos do prazer e da folia.

Ora, não é muito que, nessas noites febris, um *Dominó Azul* atravessasse as turbas folhentas, discreto e tranquilo, explorando a instintiva generosidade das almas contentes em prol das almas chorosas; esmolando a migalha que sobra dos supérfluos para alívio dos pobres; fundindo, em suma, a loucura e a tristeza num programa comum, que enobrece a primeira e, ao mesmo tempo, por meio do mistério, salvaguarda a dignidade da segunda.

Para quem é a esmola? Para os Pobres - palavra triste, mas que não denuncia a personalidade do socorrido.

E ao *Evohé, Bacchus!* O auxílio cai das mãos trepidantes da Folia, nas mãos enluvadas do *Dominó Azul*, e passa destas para as humildes mãos benfazejas da Irmã Paula, verdadeira representante das doutrinas de Jesus, simples e boa mulher, o que a torna santa - e enfim, desses dedos

magnânimos de legítima irmã de caridade, o auxílio rola para a palma estendida e trêmula de quantos sofrem e precisam, até não restar mais um único óbolo das belas dádivas carnavalescas. Dinheiro bem empregado, não lhes parece, leitores?

Quem é, porém, o *Dominó Azul*? Ninguém sabe. Mas quando ele surgiu originalmente, o ano passado, despertando interesse, curiosidade e desconfiança, foi apresentado por pessoa altamente colocada aos redatores dos jornais.

A que intuito obedece? Fez algum voto ou promessa?

Continua a ignorância. E que importa, de resto? Ele é o *Dominó Azul*, simboliza a caridade, e assim disfarçado, uma máscara de cetim sobre a face, incaracterístico, impessoal, cerúleo fantasma do bem, vai passando através do bulício guizalhante do carnaval, ao som dos bumbos e das trombetas, dos clamores populares, dos cantos dos cordões e aos jorros de luz, presa de uma ideia única: favorecer aos desgraçados, desviar em favor deles alguma parcela de todo o ouro que nesses dias rola...

Para que mais indagar? Vai, *Dominó Azul*! Prepara-te para a próxima data que tantos já esperam febrilmente, e segue a tua formosa missão, velado pelas pregas amplas e discretas da tua linda fantasia... serás como um reflexo azul do céu, brilhando para os olhos tristes dos que não sorriem pelo carnaval.

E aqui tens a minha resposta à tua carta cor de anil, misteriosa e sutilmente perfumada...

Agrada-te?

* * *

A semana tem sido política, altamente, quase que exclusivamente política, preenchida por questões *pró* ou *contra* o Bloco - e eu disse não entendo patavina. Aperto às vezes a cabeça entre as mãos, mergulhando com a mais conscienciosa atenção em um longo artigo do Sr. Fulano ou do Sr. Sicrano, decidida a descobrir... já não digo a pólvora, mas apenas quem está com o direito e a razão - mas tão bonitos e profundos são os argumentos de cada qual, no seu campo, que continuo na mesma, sempre incerta, perplexa e... muito infeliz por não perceber nada. Há dias, entretanto em que a luz parece raiar no meu pobre espírito. E bato na testa, gritando: "em fim! Agora sei por quem devo optar..."

Que maravilhosa coisa é a convicção clara!..."

Mas logo 48 horas mais tarde, um banquete, um discurso, uma profissão de fé, alguma chegada, outros artigos - tornam a baralhar as minhas ideias.

Sinto-me quase a virar a casaca - estilo político e muito conhecido. Então, nessa flutuação da ignorância, o melhor é que eu não me refira ao magno assunto da semana. Antes aludir ao crime da Villa Ruy Barbosa, assunto menos grave, apesar do nome célebre que denomina o cenário, ou falar desse corajoso conde de Lesdain, que subiu em automóvel ao alto do Corcovado, atraindo sobre si todas as vistas, *sportivas* ou não, para mim, o resultado mais prático e mais útil do aparecimento desse herói francês, é que ela vai lançar entre nós, ao que dizem, uma empresa de automóveis pelos preços da tabela exigida pelo Dr. Alfredo Pinto - e todos devem folgar com a notícia, que abre um grande

horizonte aos nossos meios de locomoção. Os fiacres são poucos; os velhos carros são uns calhambeques imundos e lentos; os *autos* da atualidade ficam reservados unicamente ao mundo dinheiroso.

Resta-nos, portanto, o bonde, só o bonde, o que é muito pouco em dia de pressa ou de aguaceiro. Seja, pois, bem vindo o conde de Lesdain, se nos trouxe alguns *teuf-teuf* a preços normais - e quanto à política da semana, se eu descobrir qual é o meu partido, juro, leitores, que vo-lo direi domingo próximo.

Carmen Dolores.

A SEMANA 08/03/1908 [8557]

Enquanto a cidade se refazia estes dias da febre do carnaval, e Garis arrastavam filosoficamente as últimas camadas de *confetti* e serpentinas, grudadas ao solo das ruas numa obstinação de saudade, as reminiscências da festa de Momo continuavam a vibrar fortemente em cada indivíduo isolado. E a áspera e insaciada recordação de todos esses folientes constituía um coro saudoso, entusiástico, ainda perpetuando o folguedo popular, interrompido pela inexorável mão da Quaresma.

Entrei, por exemplo, numa loja de sapatos, onde vários fregueses aguardavam em círculo a sua vez de serem servidos; mas o dono da casa, pequeno, seco, de olhos rebrilhantes, cabelo branco à escovinha e gestos delirantes, não pensava absolutamente em sapatos, nem em freguesia: o velhote pensava, mas era em descrever os préstitos carnavalescos e o direito

que assistia aos Tenentes do Diabo de afirmarem o seu triunfo sobre os Democráticos. Debalde, algum de nós insinuava timidamente que talvez se pudesse ouvir a maravilhada descrição provando ao mesmo tempo um par de borzeguins... Qual! um gesto indignado cortava-nos o protesto e lá seguia em verbo flamejante a pintura do luxo asiático dos Tenentes, da pompa e do espírito dos seus carros alegóricos. O homenzinho brandia um *Walk-Over*, parecia louco, dava pinotes para a esquerda e a direita, arreganhava a cara, tinha mesmo o jeito de um carnavalesco em todo o seu delírio trepidante.

Então, prudentemente, renunciei por esse dia ao calçado e penetrei no vasto recinto do Parc Royal, desfilando por entre as duplas sanefas de saias, rendas, blusas, fitões, peças desdobradas de estolas multicores, numa luz desmaiada de templo feminino e ao aroma abafado, mas característico, empolgante, de todas essas coisas delicadas, vaporosas, fazendas dispostas habilmente, quebrando-se em pregas artísticas onde se confundem reflexos, as sombrinhas abertas por cima em cúpula policroma, os leques, as bolsas de prata, os cintos, as travessas, fulgindo atrás das vitrines - toda a ciência, em suma, da decoração, da tentação... Não conheço, finalmente, nada mais sugestivo, encantador e perturbante do que a vista de um grande rolo de veludo ou cetim *pervenche*, cor de morangos ou verde musgo, que o empregado de uma dessas casas de modas desdobra de súbito sobre o tapete do balcão, num vivo e faiscante lampear de tons

incomparáveis, que correm, tremem, dançam na trama acetinada ou veludosa. É uma irradiação mágica, prazer dos olhos, delícia dos dedos que apalpm timidamente, numa cobiça extática, esse tecido de raios luminosos. E nem a própria *toilettes*, quando pronta, iguala jamais o efeito da peça assim inteira, aberta, desenrolada, fulgurando livremente, imprevisivelmente, sobre o mostrador, numa opulência de reflexos quentes, vivazes, que acordam o desejo de rolar-se a gente nessa esteira macia, de que saltam chispas cambiantes...

Pois bem, foi em frente a uma dessas perturbadoras peças de seda, numa secção do Parc Royal, repleta de clientes, à hora *chic*, que me vi de repente abandonada entre três empregados, mais ocupados em discutir e rememorar o carnaval, do que em me servir.

Eram três rapazes novos, ainda escaveirados por motivo dos dias de folia: e a pergunta de uma freguesa curiosa, se as sociedades carnavalescas haviam passado pelo largo de S. Francisco, só essa pergunta bastou para que rompesse a discussão renhida. Um deles era Feniano, outro era Democrático, o terceiro pertencia ao Club dos Tenentes do Diabo, e cada qual engrandecia a vitória do seu estupendo préstito... Esquecidos de tudo, manejando automaticamente os artigos, mas sem escutar o que lhes era pedido, eles lançavam por prudência um olhar de soslaio para o ponto de onde pudesse surgir qualquer inspeção e partiam no endeusamento dos respectivos *clubs*. Acendiam-se as pupilas... De outros mostradores, vozes ciciavam apartes enérgicos...

Um empregado que passava carregando enorme caixa de fitas, depositou-as sobre uma cadeira e avançou para a discussão...

Bandos de fregueses detinham-se um instante, atônitos, supondo que lavrava naquele ponto algum conflito entre o pessoal da casa; mas logo compreendiam o que era e seguiam, sorrindo, quando não intervinham também com a sua própria opinião. E o carnaval revivia ali com todo o seu furor popular, aquecendo os ânimos, pondo uma chama de recordação, de saudade e de entusiasmo febril entre os circunstantes. As meninas, então!... É só aludir, às noites carnavalescas, na Avenida, e logo os lindos olhos se alargam, como hipnotizados pela visão íntima dessas horas únicas, tão curtas, de suspensão de todas as garantias maternais, durante as quais a densa Razão, enfarruscada e vaiada, cedeu por completo o bastão à deusa Liberdade. Oh! rubra Liberdade! Como foste apreciada, gozada, prelibada, fruída, espremida, como um verdadeiro lança-perfumes do momento!

Arrancaram-te a máscara e a túnica, ergueram-te nos braços, toda nua e palpitante, cantaram-te hinos estonteantes, embriagaram-se do aroma forte do teu suor, cobriram-te de flores, de beijos e também de beliscões, de dentadas, no desvario do frenesi corrente – e eis por que, na quarta-feira de cinzas, quando a pobre liberdade se eclipsou pela madrugada, enfim vencida pela Razão, que retomou o cetro das convenções, uma negra mágoa se alastrou pela cidade inteira, que voltava ao jugo da vida real, e não cessam desde então os

suspiros, as reminiscências, as tristezas e as evocações de vibrar aqui e ali, tanto na sala *smart*, como na loja de sapatos ou na casa de modas, por toda a parte.

É uma saudade funda e comunicativa! É um suspiro que nunca mais acaba de exalar-se. Oh! Carnaval! Oh! suspensão das garantias sociais! Até para o ano!...

Carnaval pungente, porém, foi o desse Banco União do Comércio, que arvorou, não a liberdade de rir, de gritar, de abusar talvez um pouco das prerrogativas da data, mas sim a liberdade de roubar as economias de uma porção de criaturas pobres e laboriosas, cujas lágrimas desesperadas esbarraram na mudez impávida dessas portas do estabelecimento, trancadas, cerradas.

Carnaval sinistro representou esse banco, aceitando ainda 24 horas antes da catástrofe, e já preparada, ao que consta, a petição para a liquidação forçada, o depósito dos últimos dinheiros confiados pela ignorância de míseros homens do povo. Oh! Senhor! Mas que abominação! Com que máscara horrível, a legítima máscara da impudência e da ladroeira, forma empolgadas através do postigo dos recebimentos essas derradeiras quantias, sacadas por uma grossa mão calejada pelo trabalho do fundo de um bolso surrado, com muito vagar e muita reflexão, as tristes notas, juntas uma a uma, contadas e recontadas, o olhar humilde e inquieto seguindo-as atrás do arame e vendo-as desaparecer na gaveta de onde não mais voltariam!... Eles, entretanto, eles, pessoal do banco, impenetráveis e

talvez até altaneiros, tratando os saques, o cobre, mais que viesse, antes de suspender as transações.

Que mascarada revoltante!

E vem-me uma indignação violenta, tanto maior, quando tenho a mais plena certeza que todos esses humildes espoliados nunca mais hão de ver um civil das suas duras economias, choradas tão amargamente, ao passo que os diretores do Banco União do Comércio, conforme já disse um valente cronista, sair-se-ão muito bem de tudo, por meio de algum arranjo escandaloso com síndicos, juízes e mais graúdos interessados que apareçam. Conservarão os seus prédios, de moradia e para renda, os seus automóveis, as assinaturas do Lírico, as joias de família, a consideração social, enquanto aos roubados – míseras vítimas incautas! – só restará tornar ao trabalho insano de cada dia, e agora sem a força, a coragem e a confiança antigas.

Esse Banco da União do Comércio ainda se há de reconstituir; e por que não? há tantos exemplos! Nem se admirem se ele ainda servir de amparo a outro que futuramente se encontre nas suas condições atuais.

Em esfera superior, não se tratando do depósito de pequenas quantias, mas sim de grandes capitais, o Banco da República do Brasil fez perfeitamente o mesmo – posso dizê-lo de cadeira, eu, que lá deixei parte da minha fortuna – e ei-lo, contudo, sob um nome levemente alterado, representando agora um banco forte e servindo de esteio aos banquinhos, sem que, aliás, me tenha pago o que me tirou.

Fez um rateio amável, após seis longos anos de silêncio sem um dividendo, entregou uma migalha a cada acionista e pronto! Abriu novo voo para as esferas atuais de grande importância e grande capital... Ora, aí temos como que se fazem os bancos fortes.

O do Brasil tem hoje em fundo próspero de fazer medo: eu, eu... estou aqui escrevendo estas verdades inúteis e um tanto ridículas...

Já se vê que o da União do Comércio ainda pode renascer muito bem, das cinzas de agora; mas deveras, se eu fora Zé povo, ah! com que energia furiosa renovaria as proezas do sábado do carnaval contra a *catraia* da Avenida!!

Um governista de talento, insuspeito, portanto, à prudência de certas pessoas, declarou a propósito desse incidente que ninguém tem, como a multidão, a percepção nítida do abuso da força, da exceção escandalosa, da proteção ilegítima.

E fica escrito: onde a justiça e a autoridade desfalecem, a anarquia impera. Com relação à quebra do banco desta semana, o mesmo brilhante governista ajuntou:

Enquanto as vítimas dessas ladroeiras eram os que andam ordinariamente metidos em negócios, a coisa passava. Agora, porém, o expoliado é o povo; e quando o povo perde a fé na justiça, faz, como fez, outro dia, ao tablado Juca Reis.

Infeliz Zé povo, olha que estas palavras são as de um amigo do governo...

E agora, quando te sacrificarem em qualquer terreno, lembra-te delas, não sejas tolo!

Carmen Dolores.

A SEMANA 12/04/1908 [8592]

Indubitavelmente, está na moda entre nós a manifestação ruidosa e delirante pelas ruas e avenidas, a pé ou de carro, o manifestado braço dos admiradores, vermelho, de olho lânguido e agradecido, a ensaiar tímidos gestos de pudor violentado, o povinho atrás gritando também, sem saber porque o faz, e curiosos atônitos às janelas, gozando o espetáculo imprevisto que os diverte. Sim, a moda é esta; e já ninguém pode verberar mais Sarah Bernhardt, apelidando-a de *cabotine*, por ter consentido uma noite que alguns estudantes entusiasmados lhe puxassem a carruagem, entre aclamações à artista extraordinária que ela se mostrara. Uma vez que essa fórmula exibitiva da manifestação se estendeu até a um padre, como esta semana, eis a grande Sarah absolvida do feio pecado de cabotinismo; eis a bela Tina de Lorenzo também redimida da culpa de haver provocado arruaças, seguindo como andor de procissão aos reflexos festivos de uma *marche aux flambeaux*, desde o teatro até as portas do seu hotel. A opinião vos releva desses delitos contra a modéstia que deve presidir todos os atos humanos, oh! encantadoras estrelas da rampa teatral! a opinião vos rende justiça, declarando-vos, finalmente, lógicas no vosso papel de astros do palco, destinados a brilhar,

ofuscar, cativar, seduzir, tanto em cena, como fora de cena.

Mas que diremos, entretanto, do padre Julio Maria, que, ao sair de uma conferência religiosa no templo oficial da terra, e quando acabava de se referir, muito amenamente, aliás, aos defeitos da sua classe, mereceu e recebeu manifestações iguais às obtidas por essas estrelas de primeira grandeza cênica e foi visto, como elas, passando de carola – espirituosa expressão de uma notícia – pela Avenida iluminada, ao som de vivas ou talvez foras da multidão sobre-excitada?

Não diremos nada, pela simples razão que dá no mesmo dizer ou não dizer; mas é inegável que o reverendo redentorista faltou a um dos principais deveres eclesiásticos, podendo proporcionar-lhe a própria redenção na outra vida: o Dr. Julio Maria deixou-se entontecer pela embriagante vaidade de pregador do momento e esqueceu de fugir à carola pela sacristia por alguma dessas portas inúmeras da catedral imensa, que o subtrairiam facilmente aos delírios do povo.

Logo, ele aceitou tacitamente a manifestação pública e ruidosa, ensaiando apenas lânguidos gestos de confusão, como os outros, mas pondo-se a marchar *quand même*⁶⁹ pelas ruas, aos berros dos manifestantes – e o padre Julio Maria faltou assim à humildade de ministro de Deus, faltou à modéstia do seu cargo impessoal de pregador, órgão apenas das doutrinas da igreja, pecou por vaidade, por

orgulho, e deve expiar a sua culpa com sessenta dias de *in-pace* e jejum...

Que dizem os leitores da minha sentença? Confesso que fui severa, lá isso fui, visto como o pecado da vaidade é hoje perfeitamente admitido por certas leis clericais, não escritas no Evangelho; a verdade, porém, é que revolta ver umas certas coisas taxadas de *cabotinismo*, quando cometidas por outros.

Carola de Sarah Bernhardt, ou da Tina, ou da Réjane – exibição *cabotine*; carola do padre Julio Maria – uma consagração popular! Ora, valha-me Deus, que não entendo as distinções jesuíticas, assim como também acho esquisita, ambígua e afinal injusta, esta frase da conferencia religiosa de quinta feira: “A culpa dos padres no Brasil é uma culpa contra o amor”.

Bem sei que o Dr. Julio Maria se referia ao amor ao mestre, à Deus, à religião, ao seu sacerdócio, mas os maliciosos podiam enxergar no trecho uma ironia, talvez justificada no Brasil, tanto mais que o pregador continuou:

“Como remediar a falta de amor? Amando. Não há outro meio...”

Ao que alguém contestou baixinho: “Isto é pleonasmão, não há necessidade de conselho...” enquanto o padre descrevia a lindíssima figura de Madalena, esse doce arrependido, tocada pela graça do amor divino, cujo tipo foi imortalizado pela arte, e a manifestação entrava a ferver mesmo à porta da catedral, no meio de alguns apupos e protestos pouco reverentes. Logo depois, o cortejo, os vivas, o espetáculo ao longo da avenida...

⁶⁹ Apesar de tudo

E assim acabou mais uma conferência redentorista, muito aclamada.

O ilustre operador Dr. Daniel de Almeida andou esta semana também intrigado, não com os exibicionismos de um sacerdote que verbera os pecados alheios, mas conserva cuidadosamente os seus, porém, sim, com as singulares interpretações que aqui merece qualquer disposição, por muito clara e simples que seja, uma vez que apareçam interessados em torcê-la para este ou aquele lado, a seu favor. O caso de agora, entretanto, revestiu caráter sobremaneira grave, e que exige comentários. Nenhuma das pessoas que me faz a honra de ler estas linhas, quereria decerto concorrer para aumentar a formidável, a tremenda estatística de variolosos, que atualmente apavora esta cidade, não é fato? A varíola causa horror, sobretudo porque marca e desfigura. É a mais perigosa praga, que pode assolar qualquer centro populoso. E todavia, as medidas preventivas contra o flagelo tão fatal, hoje eliminado de quase todas as capitais civilizadas, essas medidas necessárias, indispensáveis, que a higiene reclama com justo rigor, são torneadas, burladas e inutilizadas pelo capricho de qualquer indivíduo que se julgue um pistolão, com direitos ao mando e ao abuso. Assim, agora, no vapor *Ceará*, com três bexigentos ainda a bordo, todo o navio infeccionado e sofrendo as lavagens antissépticas, o distinto Dr. Daniel de Almeida foi desacatado no cumprimento do seu dever, qual o de impedir a entrada de qualquer pessoa no recinto do paquete,

antes do seu completo saneamento. Qual o direito arrogado para desatender deste modo a uma ordem generalizada e assentando em medidas de segurança pública contra uma epidemia terrível, que vai lavrando muito mais do supõe a nossa incauta população? O direito foi simplesmente o de quatro galões dourados, brilhando no uniforme, e servindo para justificar o mais grosseiro desacato ao ilustre médico, que defendia o portaló do navio, ao mesmo tempo que permitindo uma arbitrariedade que nada explica nem atenua. As ordens são, enfim, para todos, sem exceção, e não me parece que deva partir da farda o exemplo da indisciplina, como sucedeu no fato do *Ceará*.

A este propósito, eu compreenderia ainda que o major Fileto Pires mostrasse assim o seu denodo, arrostando os perigos do contágio e forçando o ingresso do vapor infeccionado por tantos casos de varíola. Ao que me dizem, o ex-governador do Amazonas não pode aspirar ao prêmio de beleza, devendo ser-lhe indiferente ficar ou não picado de bexigas. A ele basta o prêmio da prepotência coroando os autoritários quatro galões do seu uniforme. Mas como explicar a coragem do Sr. Sá Peixoto, que tem, sem dúvida, outras e legítimas razões para temer que a varíola desfigure o seu amável físico? Muito influi o gosto do poderio e do abuso, que assim leva dois homens a contrariarem uma ordem justa, sem medo do contágio, só para gritarem bem alto, um como militar, outro como senador, que não admitem regras do diretor do serviço médico-sanitário do Lord Brasileiro, mesmo que ele

seja uma notabilidade como Daniel de Almeida, e por bem ou por mal entram num navio que lhes não pertence, quando bem querem e malgrado tudo...

Manda quem pode.

Choveram estes sete dias os suicídios, contrastando com a beleza do mês de abril, cheio de luz e de aromas, que abre as portas ao amor, ao sorriso, à esperança. É o mês dos poetas. Já o velho Alencar dos *Maías* cantava em Cintra, inebriado com o luminoso silêncio:

Abril chegou...

Sê minha,

Dizia o lírio à rosa...

Era uma pequena malícia que o seu lirismo inventara, com essa pausa no *Sê minha*, quando recitava em frente a alguma linda mulher do seu gosto. Mas logo o lírio e a rosa surgiam para inocentar a alusão...

Pois bem, sem embargo dos encantos deste mês suave e convidativo, andam todos por aqui a matar-se, a matar-se... É um delírio.

Quanto às meninas de quinze anos já toda a imprensa falou e eu chegaria tarde para também falar. De resto, vou ser franca, não são elas que mais me apiedam, achando a senhoria de hoje, pela educação que lhe dão, um pobre ser inútil, de tão egoísta e superficial, que se torna vítima da ociosidade em que vive. Tivesse ela que ajudar os pais, num país sem fortunas, como é este nosso; tivesse ela de contribuir desde os 18 anos para o bem-estar da casa, como as *misses* das classes medias de Inglaterra, ou como as *instrutrices* da Alemanha, ou como as caixeiras, telefonistas, caixas, livreiras e pintoras de leques, da França, e

cairia menos no romantismo piegas de brasileira sentimental ou histérica, aquém a mãe, as vezes já cansada e idosa poupa todo o trabalho, toda a responsabilidade. Fica só o exercício a imaginação vadia – e lá vem o ácido fênico ou o querosene. Seriamente, de todas essas jovens suicidas, só uma me interessou: a que residia com uma irmã e o cunhado, recebendo prováveis picadas diárias no orgulho, tudo esperando talvez de um amor que começara a recuar, até que, de gota em gota, o copo da amargura transbordou e ela, virilmente, decidida e forte, empunhou o revólver e pôs termo a tudo.

Essa, sim, foi um mísero ente que sofreu e se evadiu da dor. Mas as outras, esses passaritos gárrulos e voluntariosos, de penugem sempre arrepiada por causa de zelos, arrufos, malcriações, desobediências, rivalidades, sonhos doentios, namorinhos com meninos de esquina – essas não me fazem pena alguma. São uns seres nocivos. Digo apenas: coitada da mãe, que ainda chora!

De resto o suicídio como no desastre, quando eles abundam, há sempre algum caso que interessa mais particularmente este ou aquele leitor da notícia.

A mim, esta semana, impressionou, entre diversos dramas, um desastre muito obscuro que não feriu a atenção de ninguém.

Descia um comboio de aterro pelas ruas às horas caladas e frias da madrugada.

Silêncio. Dormia ainda a cidade. De súbito, perde o equilíbrio um homem de pé na plataforma do quarto vagonete, talvez por cochilar, e rola

sob as rodas, morre imediatamente. Ninguém o conhece; é apenas um trabalhador, branco, louro, de quarenta e tantos anos, e revistam-lhe o corpo.

Que encontram? Um único níquel de tostão, numa bolsinha sem valor – e esse único níquel, atestado de uma imensa penúria, descoberto ali sobre aquele pobre cadáver anônimo, à penumbra da madrugada triste, deu-me a impressão de um abandono tão cruel, tão lastimoso, que... que a vista se me empanou...

Que fazer? São coisas!

Carmen Dolores.

A SEMANA 17/05/1908 [8627]

A velhice, tão cantada por Stendhal, teve esta semana a sua mais pomposa e sensacional consagração.

Tudo quanto é velho, escreveu o autor da *Chartreuse de Parme*, representa uma flor que, depois de haver sido rosa pela manhã, na estação das flores, se transforma em delicioso fruto à noite, quando finda a época da florescência.

Flor... Fruto... Que é melhor? Parece-me, contudo, a mim, que um fruto centenário deve ser terrivelmente murcho, engelhado, no gênero da face desse grande sábio francês, que as *Ilustrações* do tempo immortalizaram, como um triunfo dos rendilhados da ruga sobre um tecido sem mais resistências.

Pois a semana foi toda, entre nós, de centenários, do marechal Osório, da intendência da polícia civil, do regimento de cavalaria: e todas essas velhices juntas deram realmente um fruto, não mirrado, segundo o meu

falso parecer, mas esplendidamente saboroso, de acordo com a opinião de Stendhal, e que durante dias e noites encantou esta cidade como um pomo luminoso Aladino.

Foi o fruto do divertimento público, da festa popular, garrida e tumultuosa, com bandas de música, procissões cívicas, estandartes brilhando ao sol, fardas bordadas simbolizando a Gloria ou o Poder aos olhos da massa, tropas em desfile, janelas apinhadas de gente vistosa e o murmúrio alegre de milhares de bocas, entreabertas pelo prazer do espetáculo gratuito e empolgante.

Deveras as consagrações de cada período ilustre de cem anos conseguissem arrancar os heróis comemorados ao profundo sono da morte, ao menos por ocasião dos festejos que lhe oferecessem, a recompensa da antiguidade seria preciosa, assistindo cada lembrado à sua apoteose... Mas assim não acontece... E o fruto dos centenários radiosos é colhido sempre por outros e, sobretudo, pelo povo, que goza o esplendor dessas velhices e diverte-se a valer, saracoteia pelas ruas e praças aos deliciosos empurrões, pasmo para as bandeiras tremulantes, para os coretos, para os personagens oficiais, para os cortejos de automóveis luzidios, para os batalhões, para tudo – e enche a urbe revolucionada com a claridade das suas roupas festivas, o rumor dos seus passos contentes e o burburinho das suas vozes álares.

Quanto ao herói consagrado, esse permanece, como o ínclito marquês do Herval, no seu frio e mudo pedestal de bronze, insensível a aclamações, do mesmo modo que a indiferenças; ou

por trás de um vidro posto a algum velho retrato desenterrado em alfarrábios, contempla como o intendente de polícia Vianna, com o seu olhar morto, arregalado e vazio sob a peruca do tempo, esse movimento levantado em torno do seu nome, recoberto pelas cinzas de um século.

Assim, pois, a despeito da alta e nobre significação moral das comemorações solenes, a festa dos centenários é só para os vivos, para a família dos mortos e principalmente para a massa popular, que nem indaga qual a causa do festejo: o que faz é divertir-se, regalar-se de aperto e foguetes e músicas, sem inquirir nada.

Confesso, entretanto que a festa popular não me seduz, seja qual for o motivo que a promova e por maior que seja o brilhantismo que a reveste. Não me atrai. Apavora-me, ao contrário.

E ainda no domingo último, ao atravessar a multidão aglomerada no largo do Paço, à roda da estátua florida do legendário guerreiro, como visse de perto todos esses vultos agitados, todas essas faces inflamadas pela expectativa e pela soalheira, toda essa mó de gente que se premia fervilhava, num desassossego de avidez curiosa, devorante, febril e egoísta, um terror me empolgou, tão forte, que só tive uma ideia: fugir, fugir...

Não dispondo, todavia do mágico poder da ninfa Arethusa, que, segundo a fábula, conseguiu vencer, invisível, as ondas amargas que tentavam submergi-la ou arrastá-la, tive de estacionar em pleno torvelinho: e que terror nervoso! Um amável convite para as janelas da Repartição Geral

dos Telégrafos, punha sob meus dedos a luminosa brancura de um cartão que simbolizava, na verdade, o refúgio certo nas alturas privilegiadas e representativas. E alcei as vistas, talvez tentada. Mas lá em cima, igualmente negrejava uma massa compacta de gente aos raios do sol causticante desse dia. Era povo em baixo e povo no alto.

E o meu grupo, então, cerrando os dentes e a um sinal de ataque, marchou de cabeça baixa e cotovelos ativos, ferozes, contra o esquadrão inimigo, que lhe impossibilitava a deslocação do centro de movimento. Foi na realidade um belo feito de guerra, aceditem.

O povo rosnava; o povo reagia; vestidos de um azul intenso ou de vermelho afogueado, lutavam como numa arena de combate, brandindo leques de papel, que pareciam lanças. Crianças mordiam, como cãezinhos de luxo exasperados pelas pisadelas brutais dos combatentes. Mas o meu grupo, impávido embora arquejante, mantinha o corajoso ataque; e quando o ânimo lhe ia abatendo, no esforço enorme, bastava que o olhar se volvesse para a figura de bronze, ereta gloriosamente no meio da praça e coroada de flores, e novo jato de valor lhe inflamava as veias... Era então uma investida em regra, que abria claros à frente... E passávamos entre rugidos de leões vencidos... Um cheiro acre, de suor e de extrato, pairava no ar belicoso, polvilhado de luz. Havia contatos rudes, protestos, ameaças, empurrões, gemidos de vestidos bem engomados que se rasgavam...

Um alentado carroceiro esboçou um soco, mas logo recebeu outro. E o

marechal Osório pareceu gostar daquilo e sorriu de cima do seu cavalo.

Era a guerra, o ataque, a luta, a avançada...

O meu grupo, porém, ia furando a massa hostil: e passávamos; e, enfim, passamos...

Uff! Da outra banda da praça, a consertar os estragos provenientes da marcha forçada através dessas hostes implacáveis, tivemos ainda de resfolegar de cansaço uns bons minutos, antes de seguir para Niterói, que era o ponto do nosso agitado destino.

Largou, finalmente, uma barca da Cantareira, conosco e a nossa fortuna dentro do seu oscilante bojo: e que suave alívio sucedeu a tão encarniçada peleja!

Comprendemos os amolecimentos voluptuosos de Aníbal nas delícias de Cápuá; compreendemos o dissolvente prazer do ócio após renhidas lutas.

E cerramos babosamente as pálpebras, fatigadas de colorido, de tumulto e movimento... Enfim!

Acordou-nos um ranger de correntes... Era a hora do desembarque. Pois já?! E corremos a Niterói. Mas, oh! decepção cruel!... Niterói estava solitária, vazia, deserta, como invicta cidade afinal rendida ao inimigo e jazendo ali, de portas abandonadas, entre os coqueiros tristes.

Niterói representava um Saara ao sol... Niterói estava toda, toda, mas toda inteira na praça Quinze de Novembro da Capital Federal; e era com ela que nos tínhamos batido, que tínhamos empurrado, com que

háviamos lutado a força de punhos e de dentes cerrados...

Misericórdia! E vínhamos visitá-la! Mas ela, certamente, nos havia de querer muito mal, por causa da luta e ainda mais em virtude dos processos da luta...

Fugimos, então, confundidos.

E assim acabou para o meu grupo esse dia cheio, da festa do glorioso general Osório e do passeio a Niterói. Belo dia! Triunfante centenário de um herói! Eterna impressão de uma cidade deserta, engolida por festejos!...

Mas não importa: o turbilhão popular sempre apavora os meus nervos. É doença. Desculpem.

Consintam agora os leitores que eu, antes de entrar no assunto que vai servir de rápido remate a estas insossas linhas dominicais, deplore o engano de certo espirituoso colega de imprensa, a meu respeito, e piedosamente o reponho no caminho da verdade – o único bom – no interesse da justiça. Esse colega, que tem a cintilante especialidade dos retratos a pena, feitos em dois traços incisivos, tão certos, que atiram logo com o retratado em plena tela pública, exposto a todos os comentários; esse colega, muito amável e muito lisonjeiro, em geral, labora, contudo, em erro, sempre que se trata de mim. Assim da primeira vez em que a sua pena coruscante traçou a minha silhueta, deu-me a envergadura do Chico Redondo: e tive de provar com cifras a sua ilusão de ótica. Da última vez, apareço eu sempre de escuro, concentrada, com uma pilha de livros debaixo de um braço e o exemplar do *Drama na Roça* bem à vista na outra

mão, como uma tocha acesa alumando os meus passos de Musa severa...

Linda ideia, sim, mas infelizmente fantástica... E venho declarar ao colega, para restabelecimento da verdade inteira, que isso que trago, às vezes, à mão não é tal o produto pedante do meu cérebro, mas sim a esperança fagueira do meu apetite.

É quase sempre um pastelão do Paschoal (eles por lá me conhecem), um embrulho de doces da Cavé, qualquer outra gulodice, que adoro.

E em lugar de pensar em glórias literárias, como uma *bas-bleu*, quando ando na rua, penso femininamente nas bonitas *toilettes* que vejo às vitrines e trivialmente indago dos meus botões se encontrarei logo o meu bonde no ponto, para voltar à casa.

Isso de pretensões ostentadas, não é comigo, garanto ao colega: nem procuro nunca o *fon-fon* da *réclame*.

Há dias, entretanto, andava eu com uma carta na mão: e era um conto anônimo, que alguém me dedicara, assinando *Myosotis*, e eu acabara de encontrar numa redação, tendo por título: **Até o bonde!...**

Pois foi no próprio bonde que perdi, sem o ler, até que sexta-feira, com surpresa e alegria, o vi publicado na *Imprensa*. Quem o achou? Ignoro. E quem o escreveu e m'o dedicou? Também não sei. Mas *Myosotis* deve ser mulher, pela finura dolorosa dos sentimentos, embora o realismo da narrativa denote uma bela virilidade de ideias. Sabe observar e sabe sentir. Não tem a nota artificiosa, que arma ao efeito, tão comum no meu sexo. E, só por isto, além do conjunto do conto, *Myosotis* me agrada e sinceramente

lhe digo: "Continue! Apanhe outras cenas da vida, reais, verdadeiras e conte-as sem pieguice. A arte é sincera."

Atender-me-á *Myosotis*?

Carmen Dolores.

A SEMANA 02/06/1908 [8648]

Já tardava algum trágico fato como o que ocorreu agora em Paris, à transladação dos gloriosos restos de Zola, para repor em evidência essa infame campanha entre dois partidos que, desde tempos, semeiam na França o ódio e a separação.

Oh! esses nacionalistas! Essas folhas católicas pregando a injúria e os ultrajes contra um morto genial e contra um vivo ilustre mártir!

Confesso que tudo isso me apavora, descobrindo aos meus olhos o fundo, que aliás já suspeito, da hipocrisia humana que reage furiosamente contra qualquer explosão clara e bela da verdade e da justiça. Porque, afinal, disputaram tanto ao eminente vulto que foi Zola esse lugar que lhe era rigorosamente devido entre os imortais, no Pantheon, templo das consagrações? Por que, antes disso, cobriram de enraivecidos ápodos e afinal suprimiram misteriosamente o mais forte, o mais vibrante, o mais prestigioso, e por isso mesmo mais discutido, dos escritores franceses? Ah! porque a sua tremenda psicologia fazia medo. Porque a sua admirável faculdade de penetração, varando preconceitos, aterrava o vício. Porque o seu escalpelo enérgico descia ao lado mais profundo da alma das criaturas, velada pelas convenções e pelos

artificialismos hipócritas, e trazia esse lodo à luz do estudo como a purulência de um tumor furado.

Voltavam-se então os homens, fingindo repugnância; mas com que direito? Isso que lhes repugnava era o próprio pus das suas degenerências, das suas pústulas, das suas corrupções secretas, exibidas pelo romancista psicólogo e fisiologista, a bem da verdade humana.

Sempre então a impunidade? Não! Zola não a admitia: e pois, nobremente, generosamente, num arremesso quixotesco da maior beleza, o autor desse estupendo *Germinal*, outro livro de realidade intensa e dolorosa, escreveu *J'accuse!*... Deus do céu! Que clamor entre os antissemítas franceses! Um rugido de ódio ecoou de um ponto ao outro da França legitimista, convencional, carola e partidária.

E enquanto um homem inocente morria degredado sob uma condenação injusta e atroz, defendido só pela única voz de um outro homem, verdade é que valendo mil, todo um bando se levantava e encarniçava contra uma desgraça imerecida e contra uma defesa sublime, em nome dessa pequenina coisa, tão mesquinha em face de um martírio iníquo, como uma questão de raças e de religiões, nos modernos tempos. Que estreita cobardia! Gyp, a condessa du Martel, martelava em infundáveis volumes de romances dialogados em *argot* boulevardista a nota do anti-dreyfusismo, ridicularizando tudo quanto era judeu admitindo até o adultério, logo que o marido enganado tivesse nas veias algumas gotas de sangue judaico. Era a Barbara

campanha contra um supliciado injustamente, contra um soldado brioso desonrado, prisioneiro nessa ilha do Diabo, sofrendo misérias, horrores, o martírio do isolamento e do silêncio dos parias sociais, sem família, sem galões, sem notícias do mundo – e contra o qual, todavia, se insurgia ainda a sociedade francesa dos velhos castelos do *faubourg* St. Germain, em nome da honra, do sangue e do catolicismo, porque essa vítima corajosa era um judeu!

Francês era ele, e bem francês, porque teve a indômita força de resistir à onda de tamanha ferocidade; e bem francês era também esse outro que foi o único a enfrentar a malta e defender o acusado com a energia exclusiva da verdade.

Honra a esse Zola que agora entrou no Pantheon, enfim! E teve a glória, quando vivo, de arrancar um inocente ao estigma injusto e trazê-lo à pátria, limpo e reabilitado, podendo usar novamente da sua espada de militar.

Mas quanta ignomínia desvendou aquele eloquente e audaz *J'accuse!* Quanta infâmia arremessada à luz pública em palavras tremendas de clareza e exatidão!

Foi o que não perdoaram ao sublime romancista dos Quatro Evangelhos, ao terrível dissecador de tipos como o de *Saccard*, no *Argent*, ou de indústrias como as de *Lourdes* – esse livro amargo e perturbador, que destrói mentiras. E por isso o mataram, pensando que com ele morreria também a verdade que requeima como um ferro em brasa.

Engano, engano! E de Zola ficou a influência *post mortem*, promovendo na França a política que acabou com

as congregações religiosas que nós aqui herdamos. Ficou sobretudo a vibração luminosa do seu talento soberbo, extraordinário, raras vezes encontrado com essa tranquila força de análise – e que dele fez o vulto ilustre que nunca pode ser esquecido por um intelectual de espírito largo e esclarecido.

Foi em 1861 que Zola, graças à recomendação de M. Boudet, membro da Academia de Medicina, obteve um lugar de cem francos mensais (!) na casa editora Hachette, onde ele acabou de escrever os seus *Contos a Ninon*, primeiro alicerce do estupendo edifício que essa capacidade literária ia levantar. Era pobre, era triste, tendo da vida uma concepção dolorosa: e o Hachette lhe dizia: “Você, Zola, é um revoltado!” Daí correram anos de luta e de trabalho, anos de explosão como no volume *Mes haines*, de vários ensaios, de crônicas aqui, ali, até que Villemessant encarregou o jovem escritor de fazer o *compte-rendu* do salão de 1866.

Lembrar-se-ão os leitores do que então sucedeu?

Um escândalo! Zola lavrou sobre o respeitável júri um artigo tão sensacional, tão fora dos moldes comuns, que uma gritaria se ergueu contra ele e Villemessant, um tanto inquieto, pediu ao seu colaborador que não continuasse. Nem mais, nem menos, corajosamente, andaciamente, e contra a opinião do júri, Zola proclamara Manet, pintor preterido, um grande e admirável artista.

Era já a lança de Dom Quixote que substituíra a pena mercenária e dependente.

Pouco depois, acusaram Zola, a propósito de *Thereza Raquin*, de fazer uma *literatura pútrida*. Mas o colosso ia sempre subindo, estudando a psicologia e a história natural, colecionando notas, preparando a série dos *Rougon-Macquart*, primeira etapa da sua fortuna.

De resto, daí em diante, por causa dos ataques violentos que o visavam com o azedume da inveja, os seus livros entraram justamente a ser esperados com febre e sofreguidão. Cada um deles determinava um acontecimento. E Madame Zola pode enfim deixar de servir os seus jantarezinhos do domingo, oferecidos a uma estrita roda de amigos, nessa tradicional sala de jantar dos tempos de luta e penúria, tão pequenina, que a criada não conseguia circular com os pratos e tinha de depô-los todos de uma vez sobre a chaminé. Estendendo então para trás o braço, fazia a própria dona da casa o serviço da mesa.

Mas quanto triunfo, depois, para o grande naturalista, o poderoso pintor de todos os quadros da vida, o épico defensor da justiça, da verdade e do amor, até ser esse gênio criminosamente suprimido pelas mãos do ódio e da maldade!

Nem os seus restos gloriosos foram respeitados à entrada desse último asilo do Pantheon; e como não fosse mais possível matar um morto, eis esse fanático militarista Gregori que alveja com seu revólver a vítima libertada pelo morto: Dreyfus!... Pobre Dreyfus! Não lhe perdoam a reintegração na honra e na sociedade. A bala, porém, teve escrúpulos, desviou-se, não assassinou: e o mártir da ilha do Diabo ainda vive, ainda

respira, ainda pode defender com a nobre espada a pátria ingrata.

Ora, *tout est bien qui finit bien...* Zola está no Pantheon, ao lado dos imortais, e Dreyfus não, morreu do tiro. Podia ser pior, não acham?

O jovem senhor Hermes Fontes, a quem muito agradeço o seu belo volume de versos aplaudidos e hoje já consagrados por todas as críticas entendidas e ilustres, devia trocar o seu trivial chapéu de moço moderno, escravo da nossa supercivilização, pela antiga coroa de louros das belas épocas idealistas do Parnaso.

–“É uma revelação de força lírica!” Diz Bilac.

–“É um legítimo poeta!” Repetem outros. E eu quisera ver o jovem autor das *Apotheoses* com a branca túnica do grego Lycophronte, segundo o último *Je sais tout*, ou com os colarinhos encanudados e os calções de seda de Malherbe, ou enfim entre a plêiade inspirada de Rousard, recebendo flores e aclamações em troco da sua obra poética e festejada.

Mas não é preciso. Bem novo embora e sem o metro e setenta de altura exigido pelas leis do sorteio militar, o Sr. Hermes Fontes domina malgrado os trajes prosaicos deste século pela única força do seu esplendido talento de poeta. Não sou crítica. Deixo-me apenas guiar pelo que me parece beleza, sonoridade, harmonia, encanto, correção de forma, na poesia que leio; e tudo isso encontrou a minha ignorância no livro atual *Apotheoses*.

Não sei qual seja considerada a mais perfeita dentre essas produções, mas preferências não se discutem e eu

gostei sobretudo de *Restos*, muito da *Visão de sempre* e em geral de todas, todas essas poesias quentes, ricas, cheias de ideia e sentimento, que consagraram de súbito o seu autor e colocaram o seu nome num primeiro plano.

E pois que falei num artista, citarei também outro num gênero diverso, mas digno de referências simpáticas, na altura do seu valor. É o Sr. Soucasaux, irmão desse hábil Francisco Soucasaux que imortalizou em admiráveis fotografias artísticas trechos e trechos do grandioso Estado de Minas, como se encontra no *Album* desse Estado, que me foi oferecido em Caxambú, e cuja morte legou a este Antonio Soucasaux o piedoso encargo de continuar a obra fraterna. Em boa hora, porque tão bom artista é ele como o irmão falecido e o álbum mineiro continua a enriquecer-se com as mais lindas vistas de matas, rios, cachoeiras, arraías, velhas cidades, tudo quanto Minas tem de belo e interessante. Sexta-feira, enfim, o Sr. Soucasaux abriu uma exposição no Museu Comercial, em nossa Avenida Central, de quadros de arte, natureza e costumes de Minas, destinados a ornamentar o pavilhão desse Estado, no certame nacional de 1909 – e ninguém deve faltar, porque vale muito a pena admirar esses trabalhos.

O artista, de resto, é um moço português, muito inteligente, vivo, original, instruído, e o seu conhecimento agrada. Eu, pelo menos, apreciei-o em Caxambu e aperto-lhe a mão como a um amigo muito amável.

Carmen Dolores.

A SEMANA 19/07/08 [8690]

Leitor amigo, eu desanimo ao oferecer-te sempre a minha crônica dominical neste tipo, que mal podes ler sem o auxílio de uma lente, raras vezes à mão de quem compra de passagem o seu jornal do dia. Mas, parece que a matéria é muita, o espaço é pouco, e só resta decifrares o que aqui vai, caso aches que tanto vale a minha insossa prosa, triturada como picadinho à baiana nesta coluna e meia da mais linda folha destes tempos modernos.

Isto afinal de tipos de imprensa ou da vida corrente, é uma questão de gostos. A estética para uns consiste no tamanho microscópico, para outros na envergadura alentada de encher a vista.

Mas eu distingo: se se tratar do tipo humano, posso aceitá-lo miúdo ou grande, porque ambos os gêneros se encontra a beleza ou a harmonia que acaricia o olhar; se, ao contrário, é o tipo de imprimir que nos referimos, ai! Então o meu juízo é outro, muito diferente, e não hesito em gritar bem alto: abaixo a letrinha infinitesimal, que sacrifica tudo quanto um pobre escritor rabisca com esmero e atenção. Esta opinião, aliás, tem o seu lado duas vezes suspeito: *primeiro*, sou parte interessada na causa; *segundo*, a minha intensa miopia agrava ainda a feição de hieróglifos que apresentam os tipozinhos discutidos. Seja-me pois retirada a palavra nesse assunto e falemos antes de tipos humanos, tipos sociais, artísticos, de rua, de palco, tudo, enfim, que não entenda com molde das tipografias jornalísticas, tão

variado e servindo para todos os paladares.

Destacou-se durante a semana o tipo dessa mulher de 22 anos apenas, mas já degradada, abjeta, que matou um soldado, seu amante, para que ele não a matasse.

Foi pois de legítima e natural defesa o ato de semelhante desprazada, que a sorte acou em uma situação sem saída senão pela porta do assassinato; mas quem lhe dará razão? A classe que ela simboliza basta para despir o seu caso de todas as circunstâncias atenuantes, simpáticas e tocantes. É a criatura de viela, sórdida e lamentável, com um repertório de vício, escrava da polícia, batida pelos frequentadores de uma hora, maltratada e explorada pelos que se demoram mais tempo – de qualquer modo, um rebotalho da vida, sem direitos à piedade e ao amor.

Como, pois, essa condenada à abjeção e à pancada, quando não à faca e ao tiro dos que a procuram, como há de ela despertar o interesse dos que a vão julgar?

Estou aqui a ver a expressão de asco de todas as fisionomias, nesse tribunal do júri que tem de lavar a sua sentença de homicida apanhada em flagrante.

E, todavia, eu, se a julgasse, não a condenaria.

Não, absolutamente. Porque essa infeliz, primeiramente, estaria a esta hora já enterrada, se não houvesse desfechado o revólver pela fresta da porta que o soldado tentava forçar – o que explica o assassinato por terror, por desespero, pela ânsia de defender a própria vida. E depois, se da individualidade baixa da criminosa

vem um sopro de miséria moral que entibia o interesse, poderemos nós responsabilizá-la por essa miséria que parte da humanidade vencida, exalando por toda a parte pó seu grito de dor ou escondendo a sua podridão sob inúmeros aspectos? Para que fôssemos implacáveis, seria preciso sermos coerentes. E acaso o somos? Não me parece.

Só sentimos o fétido do monturo, quando o não recobre a gaze, aliás transparente, das aparências convencionais. Demais, não glorificamos assim tanto a honestidade, quando ela não tem a figura da juventude e da beleza, para que guardemos o direito superior de vilipendiar o vício provocado por causas pungentes, como a decadência, a privação, a fome e o abandono da própria sociedade egoísta e cruel, que repele do seu seio todo o sofrimento rela humano. Os homens dão joias de alto preço às mulheres vestidas já de seda e veludos caros, mas negam o pão àquela que, faminta e andrajosa, lhes estende a mão suplicante, para não resvalar na viela frequentada por soldados e ébrios que esfaqueiam. Então diante dessa lógica, julgue-se a criminosa de tais meios infames com uma tolerância mais larga e compassiva, porque ela é um produto social.

E acresce, no caso a que aludo, que a assassina tem uma filhinha e por ela chora como qualquer outra mãe, vendo nela o resgate da sua imensa miséria, única luz da escuridão da sua alma, toda a sua razão de ainda gemer e sentir no lodo que afunda, empurrada pela corrente da estrumeira que é a sua vida.

Não é verdade que semelhante deserdada deve ser absolvida por ter obedecido ao instinto animal da sua conservação?

Penso que sim.

Mas tratemos de individualidades mais elevadas e interessantes, que cativam nesta atualidade a nossa mais viva atenção de intelectuais e *dilettantis*. Estou certa, leitor, que já adivinhaste os nomes que vão cair do bico da minha pena: Brandés, Féraudy...

Efetivamente, são eles que tenho agora de contínuo na imaginação, empolgada cada noite de espetáculo pelas novas e admiráveis interpretações de pura arte que se vão gravando na minha memória com um relevo enorme. E acabei descobrindo que Féraudy, em alguns papeis, tem nos olhos a mesma faíscação maliciosa das pupilas de Coquelin. Este, entretanto, apesar de mais idoso, tem a linha mais elegante do que o primeiro, por isso mesmo superior na caracterização de um tipo burguês como o de Lechat, que requer um físico especial a Labiche.

No advogado de Dijon, da peça *Les deux hommes*, Féraudy apresenta igualmente esse tipo a que sua figura empresta um cincho de caricatural naturalidade.

Um homem alto e desempenado jamais entraria assim na pele desses personagens da burguesia, que a sua convenção ou o hábito, não sei! exigem sempre dessa marca pequena e busto grosso, face redonda e cabeça grande. Vê-los com outra figura, fora uma decepção terrível. Mas os olhos de Féraudy, como os de Coquelin –

esses olhinhos sagazes, expressivos, falantes, extraordinários, que poema!

Assim os seus risos, os seus gestos as suas reticências, tudo quanto ele diz ou faz em cena com essa estupenda singeleza que abisma, como a mais perfeita interpretação da vida real transportada ao teatro.

Como ficamos longe da escola antiga e dos seus processos! Das rudes e brutais apostrofes da tragédia ou dos diálogos declamados do drama que se desenrolava entre esparres e exclamações, para determinar sentimentos dos protagonistas, passamos a uma simplicidade tão completa de meios de agir sobre o público, que o espectador chega a esquecer que assiste a uma ficção. Aquilo é a vida, como a conhecemos, sem violências e transportes. Mas que arte consumada nessa naturalidade aparente – ciência dos jogos fisionômicos, ciência do olhar, do sorriso, da atitude, da inflexão justa da voz... Meu Deus, é um mundo de coisas – e eles nada esquecem, como experimentando deveras tudo quanto exprimem, tudo quanto mostram e dizem.

Quando Marthe Brandés me apareceu à sua estreia, no *Passé*, a impressão que tive foi que essa artista não representava – vivia... Essa máscara tão humana, onde os olhos pequenos refletem conscienciosamente, com uma verdade nunca desmentida pela mínima distração, o sentimento contínuo do papel – essa máscara sutil e vibrátil não me pareceu a face *maquilleée* de uma simples atriz. Assim os seus gestos, essa linha tão bela e flexível do seu corpo nervoso, eloquente como o

olhar e como o sorriso – nada disso me deu a ideia do artifício cênico. Ah! que importa não tenha a Brandés, como a Després, essa formosura que sacode as plateias em um delírio pagão?

Ela tem incontestavelmente coisa superior: o talento indiscutível, que destrói, como temos visto, a própria incapacidade para experimentar os efeitos da arte fora dos domínios do sensualismo. Os que a negavam, hoje a aplaudem; e alguém chegou a dizer-me em segredo: “Sabe? creio que acabarei para o fim da *tourné* achando a Brandés até bonita!”

É o supremo e definitivo triunfo sobre os recalcitrantes, vencidos pelo aperfeiçoamento dessa arte moderna superiormente interpretada.

E por que não sermos justos com o resto da companhia que nos proporcionou o Sr. Celestino? Não vejo que falte assim a homogeneidade sempre tão discutida, logo que há em uma *tourné* certas celebridades, como se todos os artistas pudessem ficar na mesma linha de astros de primeira grandeza. É impossível. Apesar disso, reputo excelente o conjunto da companhia francesa atual, nenhum desses atores destoando da harmonia geral, ao contrário! Esse Rousselle, a quem alguns criticam a *brosse carrée* dos seus cabelos e a cor das suas gravatas, uma delas de um verde, na realidade um pouco berrante, é um galã muito distinto, presença correta, uma linda boca e toda a naturalidade no modo de representar.

A nossa conhecida Marie Lanre é a mais adorável das mães e das velhas e espirituosas amigas. Acho Henri Baur o tipo mais perfeito do *noceur* e do fidalgo arrebatado. E a Lelz, a Lelz...

Ora, eis aí uma atriz que não precisa da minha recomendação, nem dos meus elogios. Bastou que ela apresentasse o seu tipo encantador de Tanagrette, vestida por Paquin, *chapeantée* como o último figurino, e irresistivelmente bonita, com atitudes palpitantes – bastou isso para que toda a sala se deixasse conquistar. Nas cadeiras e nos camarotes, discutiram talvez mais as suas *toilettes* colantes como uma luva e os seus chapéus enormes do que mesmo o talento da Brandés. Ela, de resto, é também uma boa atriz; a sua dicção clara, a sua voz sonora... E com aquela linha maravilhosa de *chic*, meus amigos, que sucesso garantido!

Não esqueçamos, porém, os outros artistas, e ao Lyrico, onde as noites correm no gozo perfeito da arte... Vamos, leitores, ao Lyrico!

Carmen Dolores.

A SEMANA 02/08/1908 [8704]

O assunto da minha crônica de hoje não é talvez o mais próprio deste gênero de trabalho, cujo cunho característico reside sobretudo em certo superficialismo leve e elegantemente risonho e cético, roçando pelas questões do dia, mas nunca as atacando ou defendendo com gravidade prudonesca ou acaciana.

Domina-me, porém, nesta ocasião um sentimento tão intenso e profundo, de alcance tão emocionante, vindo aliás de causas já antigas e acumuladas, cujo efeito foi pouco apouco se tornando irreprimível, que a mão me treme e não governo mais a pena, deixando que ela siga o seu

insofrido impulso – mitigante, de resto, como todo o desabafo. E acusem-me depois do que quiserem – de ser ridícula ou de ser violenta.

A verdade é que o Sr. Conde de Afonso Celso, espírito fino e elevado, que muito acato no terreno particular, acaba de fazer uma conferência no atual Congresso Católico, muito interessante, como todos os discursos do distinto homem de letras, mas cuja essência se me afigura um perigo, no momento presente, em que esse perigo pode tomar proporções assustadoras

Comparou o Sr. Afonso Celso a igreja católica a um exército em campanha, declarando que ela deve ter, como a arte militar, a estratégia, a tática, a diversidade dos modos de se disseminar na consciência humana. Mas, ao mesmo tempo, citou as palavras de Leão XIII, a todos acessíveis, como as de Jesus – disse o orador – e que resolvem a questão social:

“Caridade em cima, resignação em baixo, em todos a fé, isto é, a esperança de outra vida melhor, de reparação, justiça e verdade.”

Ora, não me parece que haja muita coesão entre o que pregam estas palavras citadas e o conselho do ilustre conferente à igreja, para que ela arregimentasse as suas forças bélicas, aliás já possuídas da fúria invasora, e marche por cima de todas as barreiras, de todas as liberdades de um país que se não sabe defender contra coisa nenhuma, de todas as verdadeiras doutrinas de uma religião de paz e de amor, transformada em religião de ódio e domínio, desenvolvendo, como na arte militar, a estratégia dos planos, a tática manhosa e sutil, todos os

meios, enfim, de contentar a paixão partidária e vencer – em nome de Deus.

Não, não a coesão absolutamente entre a aparência untuosa das palavras diplomáticas de Leão XIII, hábil político, e o fundo real da oração do Sr. Afonso Celso, que sintetizou, de resto, todo o pensar do congresso em massa. Ele, congresso, quando se reuniu, neste período já melindroso, se teve em vista o fim. Achando azada a ocasião, de aproveitar o terreno submisso ou simplesmente passivo, de esmagar as últimas resistências de alguns espíritos ainda rebeldes ao formidável jugo clerical, de impor o espetáculo das suas forças reunidas e agindo ao abrigo de máximas divinas, habilmente deturpadas, e de estabelecer, enfim, neste Brasil, a sua influência avassaladora, que desafia até os poderes governamentais da República.

Foi isto que deu motivo ao caso da bandeira – tentativa dos supremos abusos, entrada em matéria dos decisivos ataques a qualquer autoridade que não seja a única e exclusiva dessa igreja, que quer, de algum tempo para cá, acampar entre nós com os despotismos dos sombrios séculos de Isabel de Castilha, a Católica, de Leão X e de Maquiavel.

Quando, há apenas curtos meses, para não relembrarmos inúmeros exemplos mais antigos, o pavilhão brasileiro recobriu, tal qual é, os ataúdes dos almirantes Barroso e Saldanha da Gama dentro de um templo e sem nenhum protesto eclesiástico, como se deve entender o súbito reestabelecimento no instante presente de uma lei de 1887, nunca

posta em execução? Fica bem claro: esta ação foi determinada pelo impulso coletivo do atual Congresso Católico, que não precisou da fina conferência do Sr. Afonso Celso para arregimentar as suas forças bélicas, de antemão congregadas para o fim muito pensado e preparado de dar os decisivos assaltos a tudo quanto não represente o governo absoluto do clericalismo neste país insensato.

Pois bem, eu, fraca pena feminina, venho declarar que tudo isso se me afigura um temeroso perigo – e não compreendo até como o fanatismo religioso possa perturbar espíritos de pais de família, ao ponto de fazê-los sustentar o que está dissolvendo e vai cada vez mais dissolver a família brasileira, os princípios de união, a sociedade, os poderes constituídos, tudo, com o estandarte da carolice a velar os processos da voraz ambição clerical.

Que quer mais, finalmente, o Sr. Afonso Celso, quando aconselha do alto da tribuna oratória, quase diria de um púlpito, essas estratégias, essas táticas de guerra, todos os modos de estender ainda a soberana dominação eclesiástica? O povo brasileiro já é carola por índole, por tradição, e curva-se ao mando da igreja sem discutir os seus atos. O chefe do nosso governo é um súdito do clero e aceita para a República que dirige os contínuos arranhões da igreja, sem nunca pensar em antepor à autoridade preponderância a força igual do Estado.

E foi preciso agora que a imprensa e a briosa mocidade acadêmica se levantassem em coro, contra um ultraje à bandeira nacional, para que

ousassem surgir protestos, e estimulando alguma reação por parte da escola Naval, ela própria mais amordaçada do que fora de desejar, no caso atual, por esse respeito medroso à temível força negra, sutil e insidiosa, que se sente escudada por qualquer igreja, não símbolo da religião divina, mas símbolo do monopolizador poder dos seus ministros.

Quando todas as nações fecham os seus portos às congregações religiosas estrangeiras, elas aqui desembarcam aos cachões, enxotados do seu país, e tudo alastram como uma torrente invasora em praça conquistada.

Excelente Brasil, terra dos padres! Acampemos. E tudo se transforma. Petrópolis degenera em um legítimo centro de hipocrisia e absorvente carolice, em que vícios se tornam qualidades dignas de manso louvor, se acobertados pelo beneplácito clerical.

O partido eclesiástico solapou todas as tradições afetuosas da terra e criou um *snobismo* especial, que parte da igreja e alicia constantes adesões por meio da verbiagem melíflua dos padres. E lá como aqui, surgem dia a dia colégios religiosos, novas instituições jesuíticas, sufocando todo o esforço honesto do ensino particular, e dando escoamento às manadas de sacerdotes estrangeiros que é preciso colocar com honras e proveito nesta terra preciosa para quem sabe desfrutá-la. Já se fala que os Dominicanos vão aqui fundar uma universidade...

Quosque tandem, Catilina?

Durante este triste estado de invasão sem peias, pois o governo republicano está demonstrando uma fraqueza de que jamais seria capaz o

governo monárquico, tão acusado contudo de mórbida frouxidão – a sociedade brasileira se separa sem partidos que se hostilizam: o clerical, com indulgências plenárias para todos os seus atos, e o anticlerical, só temente ao verdadeiro Deus bondoso da religião católica, ferido sempre por toda a sorte de insultos, quase excomungado. Desagrega-se a nossa família, aconselhada pela intolerância dos padres. Irmãos repudiam irmãs, parentes afastam parentes, praticando atos de um revoltante egoísmo, de uma intolerância ou de um desprendimento odiosos, mas guardando foros de virtude só porque tem os pés na igreja e cantam bem a ladainha.

Todos os sentimentos humanos, em resumo, estão hoje, subordinados, no Brasil, à influência temerosa da carolice, que manda agora sobre nós, dita leis, absolve bandidos sociais ou condena justos, sem consentir outra vontade que não seja a dessa igreja sustentada por fanáticos e ambiciosos, a qual determinou, pelo que se observa, fazer ressurgir aqui os processos do sombrio e remoto catolicismo espanhol, indiferente aos poderes constituídos da nação, porque previamente conta com a submissão passiva ou medrosa do governo.

E o Sr. Affonso Celso ainda pede mais, mais?...

Ah! muito confio na sincera fé do ilustre conferente, principal adepto do Congresso Católico, e admiro nele o homem de letras, mas mesmo assim peço licença para lhe perguntar, presa de uma emoção violenta que me faz tremer os dedos: aonde quer o autor de *minha filha* e o amigo de Pedro II, que a religião nos atire, nesta proporção

em que a leva o fanatismo atual? À fogueira? Às intransigências ferozes? Às lutas horríveis? Já um jornalista prudente declarou que acha a questão tão delicada e perigosa, que não quer levar a sua acha de lenha à fogueira... É então o caso disso?

Reflita o Sr. Affonso Celso.

Quanto a mim, não tratarei hoje de outro assunto, porque só este encheu, e palpitantemente, a semana.

Atravessava eu quinta-feira o largo da Carioca, quando esbarrei no *meeting* acadêmico, de protesto contra o desacato à nossa bandeira. Tive de parar, fremente e pálida, olhando, à luz gloriosa do sol, todos esses rostos juvenis em volta do nosso pavilhão auriverde, desfraldado ali como um vibrante desafio a qualquer afronta. Confesso que tive um movimento de orgulho, assistindo a essa manifestação que rompia a tácita e servil aceitação de tudo quanto o clericalismo nos impõe, como a um rebanho de escravos. E assim, como o Sr. Thomaz Cavalcante chorou a essa janela de Câmara, segundo contou esta folha, à passagem da mocidade acadêmica, eu também senti nos olhos lágrimas, sim, lágrimas de entusiasmo, quicá de esperança que o verdadeiro Deus da justiça e da verdade nos acuda e livre o catolicismo dos abusos cometidos em seu nome sublime. Salve, cidade briosa!

E agora, vou preparar-me para receber os insultos do estilo, a que já estou acostumada. Quem diverge, é injuriado. Mas insultos não me movem, porque não me convencem. E se minha pena de mulher é uma acha ou pelo menos uma brasa – atiro-me

sem medo à fogueira. É o meu protesto.

Carmen Dolores.

A SEMANA 09/08/1908 [8711]

Quando eu lancei domingo último o meu artigo contra o absolutismo clerical em nossa terra, nunca duvidei que me respondessem doestos e ainda menos a proverbial e cortante ironia do Sr. Carlos de Laet, amigo de todos os bispos e de todos os padres, advogado incondicional dos seus interesses, sistemático defensor de quanto colégio jesuítico e de quanta congregação religiosa existem por aí – entusiasta conhecido, enfim, da sotaina, desde a do formigão até a púrpura cardinalícia, e do chapéu da irmã de caridade.

Se a própria prosa clara, firme e também cortante do Sr. Medeiros e Albuquerque, argumentando com transcrições concludentes e decisivas sobre a moralidade de certas poesias do Sr. Laet, não conseguiu embotar o fio agudo do florete que representam as respostas se S.S. como poderia eu, senhora, pertencente a um sexo detestado s sempre atacado, logo que ultrapassa os limites conventuais da cozinha – como poderia eu nutrir a ingênua, a tola esperança de escapar agora aos sarcasmos do mesmo ilustre esgrimista? Confesso que nem em tal cogitei.

Segue-se, porém, que o ataque da pena sardônica do Sr. Laet me haja posto fora de combate? Ah! isso não. Nem mesmo o hábil polemista assim pensa, apesar de confiante na sua força, porquanto há muitos anos nos conhecemos e jamais ele me viu fugir

de uma arena de luta, por mais feias que sejam as cataduras que se arreganham para mim, no desafio ou no sarcasmo. Muito já tenho repetido e provado: caretas não me metem medo.

Venho, entretanto, protestar contra algumas inverdades proferidas pelo Sr. Laet – embora, segundo as máximas eclesiásticas, o que saia de uma boca santa, santo fique: e de tanto conviver com santos homens, S.S. deve já ter essa boca sacrossanta, que santifica a própria mentira, imposta nesse caso como indiscutível e luminosa verdade.

Mas argumentemos um instante como leigos, dando às palavras a sua genuína significação. Quis S.S. ridicularizar-me com esse neologismo de *confreira*, ligado ao meu pseudônimo de mulher que ganha honestamente a sua vida, escrevendo com energia e sinceridade o que pensa: mas eu dispo o novo termo da sua obscura intenção afrontosa e só aceito dele o sentido honroso que me coloca ao lado do notável mestre da nossa língua.

Confreira do Sr. Laet? Oh! a descoberta do título encerra uma distinção para mim, uma vez que confreira eu seja só no jornalismo e nunca nos estabelecimentos religiosos onde S.S. usufrui regalias e prestígios que não me tentam.

De resto não me envergonho de ser jornalista – se o sou, escrevendo o que escrevo sem a mínima pretensão e jamais analisando o meu papel; e não me envergonho porque, quando a adversidade bateu à minha porta, não me perguntou se eu era mulher ou homem, confreira ou confrade do Sr. Laet: aconselhou-me apenas que eu usasse a faculdade que mais viva se

encontrava em meu cérebro, para ganhar o meu pão e o de minha família. Que culpa tenho, afinal, se me não educaram pelas cartilhas dos conventos ou das instituições religiosas, aprendendo a preparar doces e biscoitos, nos primeiros e nas outras a fazer bem à reverência nos *parloirs* amáveis, a recitar fabulas em francês e a conhecer o exato valor da hipocrisia social e da reza nas capelas floridas, como governo da vida? Criada em uma escola prática, recebendo ensino forte dos conscienciosos homens do passado, quando Deus era ainda adorado sem os fanatismos piegas, excessivos, convencionais e ambiciosos do presente, é natural que me pareça perfeitamente justo usar da pena como uso.

E tentativas de chacotas esbarram na firme impassibilidade das minhas opiniões.

Nem por isso me considero feminista, livre pensadora ou coisa que o valha. Histórias! Tenho pelo contrário a consciência de ser uma boa mãe de família – assaz o hei provado – e um espírito profundamente temente a Deus, diante de cuja onipotência me curvo, sempre reverente, como a mais convicta das católicas.

Exigir, porém, o Sr. Laet, exigirem os outros fanáticos sectários da igreja, que eu aceite todos os abusos do clero, todas as suas injustiças e despotismo, falsidades, invasões, monopólios e mandos, como a fiel expressão da vontade de Deus – ah! isso, jamais! Se o meu crime é este, confesso-o e orgulho-me dele. Tragam-me algum bondoso padre brasileiro da nossa roça, humilde, caritativo e justiceiro,

que eu verei nele o legítimo ministro da igreja católica e beijarei comovidamente a sua mão sacerdotal, como digna de me abençoar ou repelir: mas diante da supremacia arrogante dos outros, que tão mal entendem o Evangelho, pondo a igreja a serviço das suas ambições despóticas, não, tenham paciência! Nunca me curvarei. O padre tem de ser humilde, porque fez voto de humildade cristã, quando enverga a batina; pode querer convencer almas, no seu caráter religioso, mas não lhe assiste o direito de destruir a liberdade das consciências por meio da imposição, em uma época como esta que vivemos e num país civilizado, como o nosso.

E chegamos aqui ao tópico dessa ignorância que o Sr. Laet pretendeu atirar-me em rosto, como um labéu deprimente, e eu repilo com a singeleza que me caracteriza. Certamente, não posso ter a erudição do Sr. Laet, que é um professor, quando eu não passo de uma diletante nas letras; mas ainda assim, vejamos... Tem aí a palmatória, mestre?

Fui acusada de néscia por ter citado Isabel a Católica, Leão X e Machiavel, como representantes de uma sombria época de lutas religiosas.

Mas porventura essa Isabel, esposa de Fernando, também o Católico, apesar de inteligente e haver animado a gloriosa descoberta de Colombo, não consentiu nos horrores da inquisição?

Conta a história que houve repugnância da sua parte, mas essa boa rainha deixou, em suma, com toda a sua virtude, que o Santo Ofício levantasse as fogueiras onde os *ímpios* eram grelhados como bifes. Foi seu marido, esse que do mesmo modo

mereceu o cognome de católico – excelente pessoa, só por isso, não? – quem estabeleceu violentamente a unidade religiosa com a introdução da força infame de Torquemada, e reorganizou a Inquisição no Aragão, aqui, ali, expulsando os míseros judeus não convertidos e arrasando todos os obstáculos antepostos à suprema e sinistra dominação da *Santa Hermandad...*

E esses tempos não foram de um sombrio catolicismo na Espanha? Oh! mas então é o Sr. Laet que está com a visão viciada, vendo tudo luminoso através dessas labaredas dos *autos de fé*, que o seu fanatismo evoca, mas para exaltá-los como fontes de claridade moral, desejoso, talvez, quem sabe? novo Torquemada, de atirar comigo e alguns outros impenitentes dentro das chamas purificadoras. Infelizmente para o seu íntimo anseio, é com o intuito de privá-lo desse prazer que vou desde já reagindo.

Agora, Leão X. Ninguém ignora que esse Medicis, cardeal aos 13 anos, foi o Mecenas, da Renascença, ardente promotor do movimento literário e artístico da Itália, no século XVI. Mas que importa brilhasse no seu tempo o talento de Raphael, de Miguel Angelo, Leonardo da Vinci, Ticiano, André Del Sarto, e outros? Ele, pontífice, consentiu, na Inquisição, foi o amigo de Inquisidores. Sua Santidade, animando o ódio clerical, tem a sua memória enegrecida pelo fumo das fogueiras, que os seus frades armaram de crucifixo alçado, na destra, matando ao cicio das rezas. E se o bairro do Ghetto ainda existisse na sua feição passada, contaria as medonhas

cenas de que foi teatro, enquanto o papa faustosamente animava a arte e a literatura no Vaticano.

Pois foi a isto que me referi, citando leão X. E quanto a Machiavel, só lhe evoquei o tipo como símbolo do maquiavelismo sutil e tortuoso que hoje preside, entre nós, aos processos religiosos.

Mereço bolos? Não me parece. Concluindo, pretendeu o Sr. Laet atirar-me a última flecha dos Parthos, declarando-me republicana. Devolvo a flecha, porque não tenho política. O meu credo único é a saudade do Sr. D. Pedro II, esse vulto sublime que nos deu a felicidade, mais perfeita e, atualmente mesmo sem a República, já teria desaparecido, arrebatado pela morte. Então, que me importa o resto? Se a condessa d'Eu viesse a reinar, protegeria o absolutismo clerical, do mesmo modo ou ainda mais que o governo republicano o protege... Neste caso, e pois que se foi o nosso Marco Aurelio, o único justo que marcaria o equilíbrio, que me fazem régimens, instituições?

Apenas — entendamo-nos — a bandeira nacional não é o regime, é a pátria: e vê-la repelir sem maior desagravo por um sacerdote estrangeiro, em nome de um alei nunca executada, eis o que ainda arranha um pouco a fibra do orgulho e do patriotismo.

Foi por isto que eu vibrei... Tolices, não? A pátria, pelo que vejo, é o padre, só Le. E agradeço ao douto Sr. Carlos de Laet a lição, que passo adiante.

Como as reuniões e os projetos do Congresso Católico, ora encerrado, constituíssem o prato de resistência do

princípio da semana, creio não me ter demasiado do título dessa crônica ao calor da minha defesa. Houve oportunidade no assunto. Mas é tempo de referir-me a outra coisa, e com júbilo mencionarei a comemoração do 8º aniversário de uma obra enfim útil e que a Providência deve proteger — a Liga contra a Tuberculose. Nessa alegre casa toda branca da rua Nova, onde a dor se torna esperança de cura, o benemérito presidente da Liga, Dr. Azevedo Lima, viu no dia 4 reconhecidos os seus esforços por esses que em eloquente oração expuseram a sua tenaz e admirável intervenção contra o flagelo da tísica. As palavras eram comovidas e com emoção as ouviam quantos ali se achavam presente, louvando a pertinência humanitária, proveitosa e abnegada dessa associação que não entoa o *Laus perenne*, mas busca salvar a vida ameaçada de uma população. E isto, tenham paciência, vale mais aos olhos de deus do que fanatismos estéreis, escondendo sede de domínio.

Tenho dito. *Amém!*

Carmen Dolores.

A SEMANA 06/09/08 [8739]

Acabei de ler um delicioso conto de Camillo Mauclair, o incisivo dissecador da alma humana que rubrica os seus tipos de estudo com este nome: *des passants modernes*. E tanto me impressionou essa página de forte observação, que mais lembra uma parábola de fundo e meditado sentido; tão linda e bem-feita achei a referida historieta, que não resisto ao

desejo de expô-la aqui aos leitores como pequenina obra da verdade.

Da verdade, aliás, só de verdade esse conto se ocupa: e ironia acerba que dele emana queima como uma fina ponta de fogo. Mas não antecipemos. A história é isso: assistindo uma menina às misérias pungentes ocultas sob a comédia da vida, abraçou numa revolta feroz, a resolução firme de nunca mentir... Nunca mentir!

Calculem o perigo a que se arremessou imprudentemente a denodada mas ingênua criatura, uma vez que o teatro da sua existência tinha de ser a sociedade amável e não uma floresta virgem! E desenrolou-se uma série de desacertos.

Ao primeiro pretendente, respondeu a amiga da verdade: eu não o amo e resumido é o meu dote, ao contrário do que diz minha família, mas se quiser assim mesmo, posso casar... O candidato aceitou e o casal foi infeliz, porque o marido jamais engoliu essa certeza de não ser amado.

Chegou então a hora da paixão, e a rapariga revelou-a lealmente ao esposo, abandonando a casa, até que, ao conhecimento exato do caráter baixo desse com o qual fugira, sentiu que já o não amava e sinceramente lhe o disse, odiada logo pelo despeito desse que se via assim a descoberto.

A ânsia da fraqueza absoluta, entretanto, avassalava cada vez mais essa alma feminina, ardente, cega, e, anos mais tarde, já viúva e presa numa ligação elevada que iludira toda uma pequena cidade do interior, granjeando-lhe a estima e o respeito que bafejam as uniões legais, ela, sequiosa de verdade, desvendou a sua situação real e foi despedida

insolentemente das casas que a recebiam.

Daí em diante, a sua vida foi uma escala ininterrompida de desazos, inconveniências, esquisitices e originalidades, visando a franqueza absoluta em todos os atos, mas cujo resultado era sempre deplorável, atroz: e uma profunda surpresa invadia sua alma, sem contudo a desviar do seu supremo objetivo – nunca mentir!

Um homem adorou-a e pediu-lhe a sua mão; ela que o sabia honesto e bom, declarou-lhe: não quero enganá-lo, o meu passado está cheio de erros. E quando supôs que ele cairia aos seus pés, reconhecido a tanta lealdade, viu-o fugir, penetrado de rancor e ódio.

A beleza dessa mulher revestiu então a expressão de um desespero trágico. Ela cerrou os dentes, mas persistiu em nunca mentir.

Amiga, enfim de um poeta, maravilhado com a retidão perfeita do seu espírito, julgou ter alcançado a meta dos velhos desejos – viver com sinceridade; mas, um dia, caiu em declarar que o novo livro do artista não valia os precedentes, e foi condenada sem apelo nem agravo. Em política, em assuntos sociais, ela continuava a manter a mesma nota simples, pronunciando livremente a sua ideia: e um vasto concerto de rancores e maldições acompanhava agora os seus passos envelhecidos, porque não quisera enganar, mentir à sua própria opinião e à confiança alheia, roubar o apreço, iludir a estima. Dera a todos a rica moeda da sua sinceridade, mas era o artifício que lhe pediam; e o último abrigo que lhe restava era o confessionário, uma vez

que também ali não revelasse todas as suas aventuras passadas.

Foi então que ela penetrou numa sala de conferencias, onde um homem de casaca perorava brilhantemente diante de numeroso auditório. E ouviu que esse conferente dizia, num arroubo de eloquência que levantava tempestades de admiração e aplausos:

“Sim, a humanidade inteira sofre por causa da mentira! Venha a sinceridade sem rebuços, abra-se a alma humana à luz da franqueza, sem a mínima ressalva ofensiva do sentimento da verdade, e os homens não hão mais de sofrer no mundo...”

Nesse instante, uma onda de furor submergiu a razão da mulher que nunca mentira; e de pé, revoltada e soluçante, gritou numa gargalhada sinistra: **é falso! é falso!**

Houve um escândalo. Rompeu uma vaia. O conferencista, no estrado, erguia as mãos para o céu, invocando o deus da verdade. Enxotaram da sala a infeliz, batida, injuriada, aos gritos de **velha doida! feminista!**

E pela rua, onde chovia, regelada, impelida por uma fria lufada de vento, a coitada fugiu, mas soluçando sempre: “é falso, é falso!”

Eis o conto de Camile Monclair. Mas como aplicar a moralidade dele, sem cair nos mesmos desazos da heroína dessas tristes linhas? Resta apenas aproveitar a lição e mentir, mentir sempre e bem, enrolar o verdadeiro pensamento, acender uma vela à esquerda e outra à direita, se ambos os lados são fortes, ou só a direita se a esquerda pouco vale e vice-versa, sorrir como o Steinbroken dos Maias se a opinião compromete, demolir por trás, mas fingir apreço

pela frente, parecer bom, parecer inofensivo — e arranhar, entretanto, solapar, matar, com uma expressão gentilíssima.

A varíola assola, por exemplo, mas a gente diz, sorrindo graciosamente: qual! não há varíola! A vida é penosa para os desfavorecidos de privilégios; mas a gente garante: qual! histórias! são exageros.

Um livro é medíocre; a opinião declara: extraordinário! Outro é bom, mas não convém dizê-lo, porque o autor não é querido... Silêncio! E assim é que vale e, por não seguir o processo, o tipo feminino de Monclair acabou apupado. Cumpre mentir, mentir, nunca falar a verdade.

E foi por ter mentido a esta necessidade primordial da existência, que uma mulher desesperou esta semana. O marido bebia, mas ela devia fingir que o ignorava, atribuindo as fúrias a qualquer nevrose, os cambaleios às tonteiras da digestão, o halito alcoólico ao chuchurrar passageiro de um simples cálice de licor de cacau oferecido por amigos, no Paschoal.

Mas a mulherzinha disse a verdade, atirou em rosto ao marido o seu vício, e ele tanto, tanto a espancou, mísera! Que a criatura se jogou debaixo de um elétrico.

Moralidade, do conto literário e das feias realidades da vida, saibas mentir com engenho e arte, naturalidade e sorrisos, leitor amigo! Se prezas a tua felicidade e tens como objetivo o sucesso nos mais disparatados gêneros.

Aqui fica a lição: quem não mente é tolo e sacrifica-se.

Há muito tempo que eu desejo falar aqui dos trabalhos de uma senhora que reputo uma das mais vigorosas escritoras do seu tempo: e fá-lo-ei hoje, em que me falecem assuntos, já tratados por outros com abundância e brilho, restando-me assim maior espaço para matéria que não seja pura obrigação semanal.

A escritora a que me refiro é Anna de Castro Osorio, autora de vários artigos publicados nesta folha, que ela ilustra com o seu talento, e cujo esposo teve a gentileza de oferecer-me os livros firmados por essa pena distinta como também algumas produções suas, de merecimento.

Devo dizer que o que mais aprecio na literatura feminina é a insexualidade espiritual da escritora, cronista ou romancista, porquanto a arte veste uma chamyde luminosa sem distinções de sexo que o olhar da crítica não tem o direito de transpassar. Não entendo essa coisa de escrever como homem ou como uma mulher: deve se escrever simplesmente como artista, obedecendo livremente à sua visão própria, ao seu temperamento, à sua maneira de sentir. E, pois, quando vejo uma senhora como D. Anna Osorio lançar um livro como esse belo volume *As mulheres portuguesas*, ou as suas crônicas robustas sobre o divórcio, ou um romance forte de costumes da sua terra, como *Ambições*, onde nunca se encontra a preocupação da pieguice ou do cuidado de agradar e desarmar opiniões com uma feminilidade posta propositalmente em evidencia, afim de cativar a simpatia do homem – sinto o respeito associar-se à minha admiração e murmuro: esta é realmente artista,

não angaria votos. Foi este o sentimento que sempre me inspirou Mathilde Serao. É o que impele a minha pena neste momento a elogiar com a mais pura sinceridade a escritora portuguesa a que me refiro, e cujas obras, mesmo as mais singelas, como as quatro Novelas ou mesmo os livrinhos infantis, mas sobretudo o romance *Ambições*, tem sempre um cunho próprio que não se disfarça sob arrebiques feminis, simples, calmo e poderoso.

Sem medo de ir ao encontro de opiniões correntes, ela aponta os vícios. O seu estilo é claro, genuinamente lusitano, e, se não concordo com a ortografia de alguma das suas palavras, também não a discuto, hoje, em que a votada pela Academia de Letras da minha pátria é de um absurdo que me despe o direito de qualquer protesto.

Em resumo, vejo em D. Anna de Castro Osorio uma alma superior de escritora e tenho prazer em lhe protestar a minha admiração.

A árvore cortada, do Sr. Paulino de Oliveira, esposo da citada escritora, é um bonito poemeto que canta a agonia de uma pobre faia que o machado brutal derrubara. Leio dele mais uns sonetos de homenagem ao 1º centenário da morte do poeta Manoel Maria Barbosa Du Bocage, e exprimo-lhe o meu apreço, a par da minha gratidão, pela valiosa oferta que mereci.

Parto agora a acabar de ler o interessante livro *Através da Europa*, do meu ilustre amigo e confrade Garcia Redondo, e domingo, deste cantinho obscuro, direi o quanto essas páginas são lindamente

impressionistas e como vale a pena lê-las demoradamente, como estou fazendo, aos sorvos, como um regalo...

Carmen Dolores.

A SEMANA 11/10/1908 [8774]

Se alguma coisa há que me desperte sempre, invencivelmente, um sentimento vivo de desgosto e de revolta, é a injustiça, é a desigualdade no modo de se tratar pessoas expostas a um juízo, que não obedece à verdade, mas sim à predileção particular de uma roda, ao espírito prevenido dos partidos, a convencionalismos estreitos e mesquinhos.

Isto tem sempre o dom de irritar os meus nervos por tal maneira, que não mais consigo dominar-lhes a exacerbação e cedo à ânsia quixotesca e inútil de desfraldar aos quatro ventos o grito do meu protesto, o desafogo do meu generoso arrebatamento.

Evidentemente, esta mania impopulariza-me nos meios que tem por nome a *coterie*, de qualquer gênero; mas que me importa, se obedeco ao meu belo ideal de justiça e sinto a alma levantada acima de interesses egoísticos?

É este ideal que hoje me guia a pena – e oxalá possam compreender-me os insuspeitos que me leem e julgam as minhas palavras.

Quando há dias deu Nicia Silva o seu concerto no salão do Instituto Nacional de Música, o sentimento que o seu canto provocou em todo esse numeroso auditório de entendidos, de críticos, de professores e outras pessoas, foi o de uma admiração intensa, que aumentava a cada novo

trecho interpretado impecavelmente pela nossa patriciã, com uma pureza de timbre, uma beleza de som, uma facilidade de emissão nos agudos mais audazes, uma maneira de dizer e uma escola, enfim, que colocam hoje Nicia no primeiro plano, como cantora. Ela é perfeita.

E não confiando só na minha opinião, colhi a de um abalizado professor, que, não obstante a sua conhecida circunspecção, se achou de pleno acordo comigo.

Mais ainda: como Nicia Silva, correspondendo gentilmente à chuva de aplausos, atacasse o trecho de *Cherubin* imediatamente após a difícil e admirável interpretação da ária *Les colchettes*, de Delibes, que exige a arte de vocalizar mais pura e afinada – esse professor, encantado, fez notar a perfeição respiratória da cantora, que trazia sem um sinal de cansaço, um ofegar mais leve do peito a dizer essas frases lindas do *Cherubin* ao sair apenas do trabalho vocal de uma caprichosa peça de concerto.

Não havia negação possível: ali estava uma artista feita e consumada; uma soprano ligeiro de raro mérito, porque a sua voz tem um volume insólito nesse gênero de vozes, às quais falta na pluralidade dos casos o vigor, que em Nicia se alia à doçura dos pianíssimos – timbre de cristal, delicioso ao ouvido como uma carícia. Ora, essa artista eximia é uma patriciã nossa, que saiu do nosso conservatório para ir apurar o seu talento com os grandes mestres de Paris, de onde nos volta a apresentar ao público brasileiro todos os aperfeiçoamentos que ganhou, certa de uma simpatia fraternal.

Brasileira, os seus triunfos são uma glória nacional.

Contratada pela Ópera Cômica de Paris, reverte esse sucesso sobre a nossa terra, que se vê distinguida na pessoa de uma cantora que nos pertence.

E, portanto, em seguida a este concerto de Nícia Silva, e pois que o seu talento se afirmou desse modo incontestável, brilhante de pura gema, não pedra falsa impingida como verdadeira, era de esperar que no dia seguinte a crítica toda galardoadasse com um unísono admirativo o esforço glorioso da nossa compatriota – hoje sagrada como artista.

Pois, leitores e amigos, tal não sucedeu... Houve de alguns lados a restrição de um silêncio inabalável e descortês – absolutamente como se uma cantora nossa não houvesse exibido em pleno estrado do Instituto um talento peregrino, e não tivesse agradado imenso ao seu auditório, e recebido calorosos e sinceros aplausos, que lhe teceram uma consagração.

Enquanto as Morosinis e outras merecem cada dia baforadas de incenso, uma compatriota ilustre mereceu o silêncio. Mas sabem por que? Porque canta pela escola francesa. De resto, que sei eu? O Sr. Corbiniano Villaça também canta pela mesma escola francesa e foi julgado entretanto digno dos mais férvidos louvores.

Quererão dizer que Nícia tem o canto nasal? Oh! mas é impossível!... Então é que não foram ouvi-la, por prevenção.

A propósito de desigualdades odiosas, não posso deixar de sorrir,

trazendo pelo menos uma, talvez, das mais ridículas deste tempo.

Foi o seguinte. Em um dos últimos e mais brilhantes concertos, a que a imprensa deu uma repercussão estrondosa, merecida de resto pelo velho mestre que oferecia essa festa e é digno de todas as homenagens, apareceu certa cantora de quem muito se falava e eu ia ouvir pela primeira vez, ingenuamente confiada no seu merecimento.

Calculem porem o meu pasmo e a minha decepção, quando escutei uma voz cansada a cortar sílabas, para que os pulmões respirassem incorretamente, com notas agudas de uma estridência desagradável, os sons desiguais, sem método nem ao menos sentimento – coisa realmente insuportável, que produziu na sala um instintivo incômodo...

Pois na seguinte manhã, cada folha continha um hino em tinta fresca... Mas que hinos! Que delírios, senhor! (escuso a dizer que essa senhora pertence à escola italiana), eu, confesso, eu preguei os olhos no chão... Fiquei desorientada como aquele inglês dos Maias, ao assistir ao inverossímil e furioso abraço de reconciliação de dois transbordantes portugueses que acabavam de insultar-se violentamente.

Insistindo porém ainda um pouco na minha referência às desigualdades da crítica não posso deixar de aludir a um certo moço bonito que a arte aqui distingue, nefelibata em música, pobre de talento verdadeiro, mas rico de arrogância, já apanhou um título de mestre e com ele se enfeita, como um pavão.

Quanto mais o belo moço compõe nefelibatismos insossos e enigmáticos, mais crescem à sua roda as admirações e mais se lhe desenvolve o pedantismo oco. Olhava-o outro dia encostado ao vão de uma porta... *Quelle suffisance, Maitre!* Ah! se um legítimo mestre que aqui temos quisesse falar, ele nos diria o que vale esse anjinho – compositor. Mas... silêncio! O menino é trunfo.

Ora, diante de tudo isto, compreende-se a revolta do meu amor à justiça, que me impele a sair em defesa daqueles, cujo elevado mérito alcança entretanto menos do que o artificialismo de outros. Está claro que nenhum interesse me liga a Nícia Silva, que apenas admiro pelo seu belo talento e estimo pela sua tenacidade e pela sua coragem. Ela em breve partirá daqui – nem deve deixar de fazê-lo, tudo lhe o está mostrando. E eu a perderei de vista nesses horizontes artísticos onde o aplauso não é convencional, como entre nós. Mas, desinteressadamente, como escritora sincera, direi que o silêncio de alguns diante do triunfo dessa patrícia nossa foi uma ofensa à verdade, não a ela. E acrescentarei, finalizando, que todas as ovações escritas que se seguissem a esse concerto de 2 do corrente, vitoriando Nícia e a sua auxiliar Paulina d'Ambrosio, que desencadeou um furacão de aplausos no *Trillo del Diavolo* e no trecho para uma só corda de violino, de Bach – tudo ainda seria pouco, contraposto ao real valor de quanto ouvimos nessa noite.

Valha-nos agora o resultado do concerto na recepção em honra do Dr. Miguel Calmon, no pavilhão de S. Paulo, e em que entram os mesmos

notáveis artistas, cujo nome ocupa a minha crônica.

Mas, entre nós, como deve a minha razão parecer estranha, não é? Quer aquilo que não existe e se intitula ideal quixotesco, ou justiça e insuspeição...

Pois sim... Vá a minha razão esperando...

Na exposição, as inaugurações sucedem-se com o mesmo cerimonial e o mesmo brilho. Assisti à de barcos e pescas e confesso que não contava com o agradável efeito que me produziu essa pequena sala cheia de modelos de embarcações, uma indígena, outras já modificadas, adiantadas, mas todas tão interessantes, que o olhar fica preso à pitoresca variedade, tão dificilmente colecionada pelos expositores.

São porém os barcos propriamente indígenas – a canoa, a jangada, a balsa, o ubá, o casco, a pelota, que maior curiosidade desperta. A jangada, sobretudo, atrai vivamente a atenção. Quem não se lembra de tê-la entrevisto nos mares de Pernambuco ou do Ceará, correndo com o vento sobre a crista das vagas, de vela enfunada, audaciosa e rápida, um musculoso caboclo a dirigi-la numa intrepidez de fatalista?

O almirante Alves Camara e o Dr. João Marques, dois entusiastas da ideia de se criar uma escola de embarcações, salientaram em algumas palavras eloquentes a necessidade dessa ciência da piscicultura, que valorizará tanto a pesca, facilitando os seus meios, por ora ainda rudimentares. E não há dúvida que dessa exposição de barquinhos de todo o gênero, dessas redes, desses remos,

uma poesia se desprende, cheirando a salsugem, a brisas marítimas, a céus largos e a ondas azuis. Sente-se nos aparelhos de pesca, desde o anzol até os jequis, as gambas ou currais de peixe, a grandeza da luta do pescador com o pérfido e glauco elemento que não raro o devora. E estuda-se, aprende-se.

O Museu Nacional, por condescendência do seu ilustre diretor, Dr. João Baptista de Lacerda, apresentou várias riquezas nossas nessa exposição curiosa. E a propósito do seu nome, lembro-me da conferência que fez esse senhor no palácio Monroe, no mês de agosto como membro do congresso na seção da indústria pecuária, e a cujo proveitoso trecho sobre a sua antiga e preciosa descoberta do permanganato de potássio contra o veneno ofídico, um caso da semana veio dar atualidade. Foi na Ilha do Governador que um pobre roceiro, derrubando umas matas, teve a perna mordida por uma enorme surucucu. E morreu. Como ele teria evitado tão horrível fim, se estivesse munido do importante preservativo!

Outro mordido, que usou do remédio, salvou-se...

A conferência do Dr. Lacerda trata das vantagens colhidas com a aplicação da vacina anticarbunculosa no Estado de Minas e em outros Estados da República; e cumpre que o Brasil saiba ser grato aos grandes benefícios prestados por esse nosso sábio, que não cessa de fazer descobertas úteis, não lhes parece?

Para acabar, um bravo à exposição de barcos de pesca.

Carmen Dolores.

A SEMANA 18/10/08 [8781]

A sociedade brasileira está decididamente atravessando um período de transformação, em que despe todo seu antigo feitio, grave e doce, para se lançar na febre do modo contínuo – vertigem que faz a vida girar como uma roda de fogo de artifício, deitando milhares de fagulhas por segundo.

Se, outrora, no tempo dos nossos antepassados, a existência corria talvez monótona demais, na excessiva concentração da mulher em seus domínios caseiros reinando mais do que fora para desejar o comodismo burguês dos chinelos de tapete e da bisca em família; se, depois os hábitos se modernizaram e afinaram, mas sem destruir uma aliança inteligente entre a nota mundana, já desenvolvida, e o ainda resistente amor ao lar – a verdade é que dessas duas fisionomias nenhum vestígio ficou, e o nosso aspecto social é hoje completamente novo, absolutamente como se outro povo tivesse brotado das entranhas da cidade atual.

Notem que isto não é uma crítica. Eu aponto apenas, não censuro. Mas, realmente, a evolução se fez por um modo tão rápido, provocando resultados tão consideráveis, divergências tão profundas entre a índole passada e a moderna, uma tão radical modificação dos hábitos, de gostos, de ideias, de sentimentos – que um observador pasma e indaga: onde a sociedade brasileira de há dez anos?

Porque não remonta a muito mais a agitação que sobreveio entre nós, transformando a crisálida que era a brasileira, na borboleta do bulício

constante, da superficialidade e da frioleira, que ela é hoje. E o que se torna lastimável é que tal movimento, cuja graça gárrula e fosforescente é talvez decorativa, haja destruído um elemento de antes capital na vida da mulher: a sólida instrução, sem fanfarrices.

Pois é pena. E por que há de ser assim? Exatamente porque a falta de tempo, a febrilidade geral, a preocupação da faceirice e do prazer, empolgam hoje por tal maneira a nossa compatriota, ainda menina, que não lhe restam horas para ler e educar o espírito. Daí a mais deplorável vacuidade cerebral. Ignora tudo quanto não seja a arte de agradar, de brilhar, de *flertar*; e quando muito, poderá escrever *Le cachier d'une mondaine*, como se encontra nos jornais de modas.

Mas outro inconveniente resulta também da vertigem da nossa vida atual: não se conversa mais. Sobretudo, ninguém escuta os que falam, os que ainda tentam imprudentemente lançar uma ideia, discutir um livro, um quadro, uma coisa inteligente, fora dos domínios do *smartismo enrage*, avassalador. E é interessante observar, sorrindo, a desatenção indomável, refratária à própria vontade, que tenta obedecer às regras da cortesia, mas não pode mais reagir contra a febril mobilidade dos pensamentos fúteis. É interessante, repito, observar essa desatenção ou distração da pessoa que ouve alguém falar-lhe, sem tratar de festas e elegâncias, mania absorvente da época.

Todo um poema – o jogo fisionômico dessa pobre criatura que

quer disciplinar o interesse, mas já não pode, acostumada só a uma leviandade de passarinho.

Os olhos chegam a envesgar, na retração da ideia que corre longe do assunto a face se arrepanha em uma imobilidade forçada, penosa, quase espasmódica; e o esforço acaba por se tornar superior à vontade de ser cortês, de modo que o auditor não retém mais o bocejo de tédio e a ânsia de passar a outra coisa que lhe está despertando acolá algum divertimento, os comentários de outro – e abala a buliçosa avezita.

Assim pois, o que há de mais difícil neste momento, é entreter conversação em uma sala – com exceção, já se vê, dos meios intelectuais elevados, que resistem à onda. Mas fora desses centros, confessemos, a palestra espirituosa e animada não existe.

Se a vida dos nossos avós, pela sua concentração gerava a monotonia e o fastio, a vida dos nossos filhos – em regra geral – pela sua vertigem, produz a neurose.

A missão social da mulher, enfim, transformou-se, na altura das novas e grandes avenidas da cidade: ela fez-se frívola, febril, substituindo a antiga influência da família pela sede do exibicionismo e da riqueza. Vive da parada entre multidões, e não do amor entre os seus, pouco a pouco estranhos, pela dissolução que o americanismo da vida traz aos sentimentos da intimidade. E se crescem as elegâncias, reduzem-se na mesma proporção os cérebros femininos, que degeneram em leves cata-ventos, rodando alegremente ao vento da folia geral.

É um bem? É um mal? Não apuro. Digam-no os observadores, que eu me limito a registrar a evolução.

Mas como da luz nasce a sombra, e da sombra parte o efeito mais favorável à luz, sirva-me o quadro ligeiro que esbocei, como contraste, de fundo a um simpático, a um elevado e excepcional vulto de brasileira atual.

Refiro-me à doutora Myrthes de Campos que, nestes tempos de frequente mundanismo, só conhece da vida os lados sérios, o estudo, o esforço e enfim o trabalho.

É moça e é franzina. Tudo lhe aconselharia o voo para a região fácil da futilidade, que só tem o riso como objetivo constante e exclusivo. Mas ele, sentindo a pulsação forte da sua inteligência, decidiu não desperdiçá-la nesses certames ociosos da frioleira e lançou-se, ainda quase menina, na aplicação das aulas de direito, dos exames custosos – todo esse curso jurídico de que saiu brilhantemente com um título raro entre mulheres.

A sua ilustração, o seu espírito nativo, agudo e fino, a sua argumentação clara de advogada, a forma conscienciosa dos seus trabalhos – tudo isso faz de Myrthes de Campos uma individualidade feminina em destaque sobre as tendências da época. E agora, o que ela escreveu e apresentou ao Congresso Jurídico Brasileiro, no sentido de ser abolida a incapacidade civil da mulher casada, pedindo que haja perfeita igualdade nos direitos civil e da família entre os cônjuges, é mais um atestado do seu mérito intelectual e da sua dedicação à causa feminina, em direito tão sacrificada.

Começa ela o seu importante trabalho pela transcrição do parecer de Lyon Caen:

*“Il est temps que la femme mariée soit émancipée des puissances traditionnelles et que l’incapacité, ce dernier vestige de son antique domesticité, soit enfin abolie.”*⁷⁰

E, ao decorrer dessas 15 páginas concisas e vigorosas, a doutora Myrthes de Campos mostra a injustiça da subordinação da esposa e a conveniência de ser elevada a sua condição jurídica em questões de regime de bens.

Perfeitamente. É um ótimo trabalho de defesa e digno de quem o elaborou; mas, se a jovem jurista prega a capacidade do nosso sexo, a influência *smart* aí está a transformá-la em roda giratória de fogo de artifício. E em que ficamos? Está apta a mulher dos nossos tempos para reger seu dinheiro ou para gastá-lo todo em rendas, cachos e chapéus?

Deixo suspensa a pergunta, porque não lhe acho resposta de acordo com as diplomacias necessárias de um Talleyrand. E agradeço à minha inteligente e laboriosa amiga, Myrthes de Campos, a oferta do seu belo trabalho jurídico.

Os sucessivos incidentes desses elétricos à louca disparada pelas ruas ou até penetrando desgovernados, através de muros e jardins particulares,

⁷⁰ É tempo que a mulher casada seja emancipada do poder tradicional e que a incapacidade, este último vestígio de sua antiga domesticidade, seja, enfim, abolido.

como ainda esta semana, e partindo pernas, endoidecendo senhoras de susto, provam bem que a época é de eletricidade e só eletricamente pode a crônica tratar dos assuntos que lhe confiam.

Só de passagem, pois, falarei da publicação mensal *O estudo*, revista da sociedade de estudos pedagógicos, de professores do Distrito Federal, que tem diversos fins da viva utilidade e traz artigos amenos e versos de bons autores, ao lado de trechos bastante instrutivos. Uma louvável tentativa de conhecido grupo de professoras de merecimento.

E ainda não acabei de aludir ao *Estudo*, descubro já sobre a mesa, disputando minha atenção, outra revista mensal, mas essa de artes e letras, *A Nova Cruz*, dirigida em S. Paulo por uma brilhante plêiade literária que dispõe de excelente colaboração de escritores paulistas e cariocas. O Sr. Arthur Goulart, seu diretor, é um inspirado poeta, cujo coração de pai acabou de ser cruciantemente retalhado pela sucessiva morte, em curto prazo, das suas três filhinhas – as três estrelas dos seus versos.

É um simpático moço, a quem aperto cordialmente a mão. E aludindo, tangida pela falta de espaço como pelo furacão que desencadeou quarta-feira contra a batalha de confete, da exposição, à interessante conferência em verso: *O lar do pobre*, do Sr. Mario Bejal, que pretende imprimir-la, para gozo do público, lamento vivamente que a eletricidade da época haja só parado com relação a diversos convites que me tem sido dirigidos ultimamente, para as

redações e já tarde param às minhas mãos.

Assim é que já sem tempo recebi o convite para a inauguração dos salões de belas artes, no palácio da exposição, cuja comissão é composta de artistas que me merecem um apreço tão profundo e intenso.

Nem sequer, entretanto, pude agradecer a atenção, na ignorância dela. E agora, enfim, por ocasião de inaugurar a exposição e o pavilhão mineiros, no dia 7 do corrente, só a 13 encontrei o meu convite bem escondido entre uma camada de cartas e bilhetes, na caixa da minha correspondência jornalística. Ainda desta vez, o meu pesar foi grande, porque o Estado de Minas me é tão simpático, direi mesmo caro, que eu quisera ter assistido à abertura solene do seu pavilhão, fundindo ali a minha alma com a dos mineiros presentes.

Seria então pedir muito, para tolher tais desencontros, o reclamar que todos os amáveis convites me sejam diretamente remetidos para a minha residência, e não para as vastas redações movimentadas?

Basta uma *adresse*: voluntários da Pátria; e um nome: o muito modesto de

Carmen Dolores.

A SEMANA 25/10/08 [8788]

A impressão que me produziu o desaparecimento quase fulminante de Arthur Azevedo, foi dessas que deixam os nervos trementes e o coração alanceado pela grande tragédia da morte despedaçando assim, repentinamente, uma vida preciosa.

Ainda bem se não ouvira dizer: “Ele está muito doente!” Já a lutuosa e imprevista notícia chegava: “ele vai morrer, ele já morreu! E um frio de pavor corria pela medula de todos, ante a consumação brutal da obra destruidora dessa moléstia ignorada, que num momento suprimiu dentre os vivos uma individualidade popular, querida, vivendo conosco por meio dessa palestra diária no *Paiz*, boa e simples como a sua alma de ouro, e de tão incontestável valor intelectual, afirmado pela sua prodigiosa bagagem literária e pela influência que exerceu toda a sua produção.

Não era porém Arthur Azevedo um rebuscado, a pretexto da arte: a sua psicologia do homem de letras como de homem particular resumia-se nestas três únicas palavras: simplicidade, naturalidade, bondade...

E talvez por isso alguns tentassem às vezes discutir um merecimento que era contudo inegável, que sempre se impôs e hoje assegura ao ilustre escritor tão cedo desaparecido uma consagração que ninguém poderá disputar-lhe.

Ai dele! que importam consagrações a quem morre? O seu exemplo, de resto, torna patente o efeito lamentável do extenuante labor literário em nosso meio, onde os que verdadeiramente trabalham e não burilam frases repousantes vagares, queimam todo o seu vigor sob um clima que devora e nunca repara, e ganham a vida atirando-se à morte.

Arthur Azevedo era ainda moço. Que são na Europa 52 ou 53 anos para um intelectual em voga?

Nem conta menos do que isso qualquer dos que conhecemos pelos

seus trabalhos, pelo renome, pela popularidade, que as reputações não se conquistam sem provas e as provas só se afirmam na plenitude da idade do talento.

Mas no velho mundo há férias no campo, os ócios que refazem as energias, a despreocupação do ganho que permite lazeres, ao passo que aqui a existência do ente que vive da pena é a eterna engrenagem que não consente um respiro. E envelhece-se depressa; e morre-se, como morreu Arthur Azevedo, o incansável trabalhador que enfim tombou, vencido, inerte...

Pessoalmente, só de longe conheci durante muitos anos esse que se finou – através da sua fecunda obra, ou em rápidos encontros na sociedade. Mas nestes últimos tempos, por infelicidade minha, visto como devia hoje chorá-lo, deu-se entre nós uma aproximação que me o tornou acessível, conhecido, todo o seu adorável coração impresso nas palavras e cartas que trocamos, nos juízos que lhe mereci, na simpatia que me demonstrou – e isto fez com que a sua morte me causasse o rude efeito de um golpe.

Fui vê-lo na triste noite da vigília do seu corpo, já deposto sobre a peça com as pompas funerárias de tão negro e sinistro aspecto. Coroas artificiais, fitões, ouros, panos de luto, tochas acesas – eis a tradicional decoração do cenário em que o meu pobre amigo dormia o seu derradeiro sono, sem oficialismos, nem afetações.

Mas todo ele desaprecia sob múltiplas camadas de rosas, dalias, jasmims, lembrando a poética frase final da sua última peça representada no teatro da exposição, que as flores servem na vida e na morte; e como

que, traspassando todo esse montão de pétalas cheirosas, um raio de luz ideal vinha das copiosas lágrimas que o choravam, dos lamentos dolorosos que proclamavam alto a generosa ternura da sua alma, as abnegações do seu largo espírito humano, a delicadeza das suas ações – e, iluminando os finos cabelos grisalhos, resto de vida nesse corpo extinto, desenhava na sombra um aureola onde se lia: Bondade.

Bem mais vale isto do que honras oficiais a um símbolo vazio. E ao traçar estas linhas sinceramente sensibilizadas, eu não choro apenas o fecundo escritor, o insubstituível comediógrafo, querido das massas em todo Brasil: choro, sim, choro, sobretudo o bom amigo, o excelente pai de família, que deixou para todo o sempre ermo do seu valente apoio e do seu doce carinho o lar que tanto queria, e onde hoje só fica a parte intangível do seu ser, o espírito, entre o reflexo dos seus quadros tão amados e o vulto da saudade que o pranteia.

A verdade é que Lamartine já escreveu estes belos versos:

*Et qu'est-ce que la vie? Un
reveil d'un moment!*

*De naître et de mourir un court
étonnement...*⁷¹

Mas durante esse despertar de um momento, que dura às vezes muitos anos, segundo a resistência de cada qual, a surpresa de viver e morrer se complica de toda sorte de sentimentos

terrestres, superficiais, dispensáveis, mas humanos, que ajudam a encher o tempo até se mergulhar no sono do qual ninguém acorda mais.

A certeza do prazo é relativa: para o poeta, um simbólico instante; para nós outros, um horror de meses recomeçando o giro dos 360 dias até que a Parca de a tesourada no fio da nossa existência; e cumpre achar graça em tudo, mesmo não achando, e falar de tudo, e tudo discutir, e todo bisbilhotar... Que maçada!

Entretanto, alguns assuntos prendem e enganam o interesse, e a gente despende calor e eloquência em agitá-los.

Assim é que, na refutação a uma carta de crítica à companhia dramática que trabalha no teatro da exposição, e impressa na *Gazeta*, os *Pequenos Echos*, da *Notícia*, dizem coisas muito justas e acertadas. Defendendo a companhia com razão, acham os *Pequenos Echos* singular a organização do certâmen da literatura dramática nacional, feito quase em família, passando despercebido a muita gente, antes da inauguração dos espetáculos.

“Custa a aceitar, diz a Notícia, que em relação aos autores modernos não se convocasse um concurso...”

E teve Coelho Netto a mesma ideia, com o mais generoso altruísmo, embora na sua qualidade de mestre para figurar brilhantemente nesse cenário. Todos os outros eleitos tinham o mesmo direito à distinção, ao triunfo.

“Mas é incontestável, continua a Notícia, que outros escritores possuíam

⁷¹ E que é a vida? Um despertar de um momento!

De nascer e de morrer, uma curta admiração...

direito de entrar em concorrência leal com esses”.

E por que não entram, pergunto eu? Não foi de certo por culpa desse homem bom que acaba de desaparecer e cuja animação jamais faltou a todos quantos tentavam fazer teatro e lhe pediam apoio e conselhos. Os próprios principiantes encontravam sempre da sua parte um alento, uma esperança... E foi graças à excelente vontade que me provou Arthur Azevedo, que a minha pobre peça de ensaio: *O desencontro* furou a barreira e lá está em preparos no teatro João Caetano. Mas agora, nem sei, fica dependente da gentileza do Sr. Álvaro Peres.

Voltando, porém, aos *Pequenos Echos* e aos seus justos reparos, não se pode deixar de indagar o que eles indagaram: por que, mas porque não se abriu mais largo esse concurso de trabalhos dramáticos, favorecendo a concorrência?

E, como é claro adivinhar, nunca se terá resposta satisfatória à pergunta. Mistérios!

Diante disto, é passar a outro assunto e dar graças a Deus por não ter ido a bordo do *Porquoi pás?*, malgrado a contagiosa corrente da curiosidade ardente e bem justificada, mas cuja satisfação acarretaria a inevitável queda na frase preparada em casa e que cada um levou guardadinha no bolso ao visitar o interessante navio, para desfechá-la a bordo com o mais fino sorriso de admiração e literatice.

“Oh! Mme. Charcot, deixe-me contemplar a neta do grande Victor Hugo! Como apreciei *L'art d'etre grandpère!*... Li dez vezes! cem vezes!” E por todos os recantos do

convés, ressoava o nome glorioso, atestando os nossos conhecimentos: “Victor Hugo!... o extraordinário Hugo!...”

Final de contas, esta Mme. Charcot não é mais a Jeanne, e cada uma dessas frases admirativas não representava senão o que os franceses chamam com uma careta de confusão: *une gaffe!* Ainda bem que eu dela me livre; mas agora, para ser sincera, confessarei, que, se me houvesse sido fácil visitar o navio do arrojado explorador, mesmo para cair infalivelmente, como os outros, em igual equívoco, eu iria dizendo comigo: *Pourquoi pas?*

A propósito de um poeta francês, um poeta inglês – esse inditoso, bizarro e perturbador Oscar Wilde, que mereceu do vibrante colorista que é João do Rio a bela tradução do seu poema *Salomé*.

Sou uma apaixonada das peças. *O leque de Lady Windermere*, relida um sem número de vezes, *Uma mulher sem importância* e outras, que possuo reunidas num só volume; mas o poema dramática *Salomé* entontece com a sua magnífica forma de arte antiga, que fez surgir das eras remotas figuras estranhas e perversas, rebrilhantes de pedrarias, dançando, amando e odiando ao aroma de pétalas rubras de rosas, que parecem manchas de sangue, imprimindo lábios de volúpia em uma boca morta – e agradeço a João do Rio o prazer imenso que me proporcionou com a versão desse trabalho na sua prosa magnífica, que imprimiu a esses tipos esquisitos um relevo de luz.

Salomé é justamente o vulto de mulher que, pela sua beleza fatal, pela graça desses pequeninos pés nus que semelham **pombas brancas, lembram florinhas alvas a bailar entre as árvores**, pela perversidade do seu desejo desse beijo último e sinistro, mais devia tentar a imaginação de um artista amante das suntuosidades da forma, como é o tradutor do poema de Wilde.

Tarde falo deste trabalho, porque também tarde o encontrei na casa Garnier, à minha espera; e confesso-me grata ao oferecimento, assim como aos termos da dedicatória.

Carmen Dolores.

A SEMANA 08/11/08 [8802]

Quando toda a gente grita contra a chuva, eu calo-me, com um sorriso dissimulado, afim de não escandalizar os autores de um protesto bastante justificado pelos muitos inconvenientes do mau tempo; mas, no meu íntimo, esse sorriso se dilata, franco e regalado, porque a chuva se me afigura um consolo, uma delícia – orvalho da paz abeberando a nossa cidade febril ressequida pela sua agitação.

Rio-me também por malícia, a pensar que muita casa vê enfim reunidos os seus donos, bocejando, é certo, de nariz grudado às vidraças, na interrogação ao céu nevoento, e de visível mau humor uns com os outros, no desuso desse familiar convívio, mas em todo o caso juntos, sentados na mesma sala – o que representa nestes tempos um fato extraordinário. Cochicham os móveis entre si,

contentes... O piano põe-se como a oferecer as brancuras do seu teclado às meninas, que nos belos dias de sol nem se lembram que o harmonioso instrumento está ali para um canto, a cobrir-se de pó. O bordado da mamãe sai do cestinho enfiado de fitas azuis. O papel das revistas deixa de ser apenas decorativo sobre as mesas, e as gravuras são olhadas sem precipitação, alguns textos são mesmo lidos, sim, asseguro, são lidos por bonitos olhos que, geralmente, não se fixam senão sobre figuras de modas, vitrinas de lojas e pares de valsa... Ah! só por isto, ó chuva! Sê bendita!... Quanta ideia de passagem não se apanha sobre coisas inteligentes em uma página do *Je suis tout*, percorrida por desfastio, em uma noite tempestuosa – e cujo sentido fica a vibrar no pequenino espírito galante até que de repente irrompe sob a forma de um conhecimento profundo, encantando algum cavalheiro que não preza somente os pulinhos a compasso de uma *schottisch*... E são esses que casam!...

Os outros... *Mais passons*... Já se percebe, porém, o efeito vantajoso de umas horas de chuva entre o reboliço da vida normal – suspensão da febre ardente que regulariza o pulso, consente a reflexão, a leitura de umas dez linhas, o convívio da família, o dedilhar de um trecho de Grieg ao piano, o bocejo consolador em comum, a volúpia de apetecer ansiosamente a volta do bom tempo e esboçar projetos: e não é estranhável o sorriso conivente que me inspira um céu plúmbeo.

Mas esta parte do meu riso fica pertencendo a uma ordem de sentimentos altruístas; a outra só me

diz respeito e, naturalmente, pela força das coisas, é a que mais me interessa. Dissesse embora Mlle. de l'Espinasse, com as suas preciosas afetações de uma bondade requintada e anti-humana, que a criatura egoísta é um monstro, não se devendo viver senão para outrem, a verdade é que a lei do instinto faz todo o mundo ocupar-se mais consigo do que com os outros. E aí de quem assim não procede, porque esses outros passam por cima do seu direito com a serenidade de quem pisa sobre insensíveis calhaus. Tanto pior se és tolo, pensam os espertos, porque te esmagarei.

Eis porque, a despeito da predileção geral pelo sol e pelo calor, eu, que sou às vezes egoísta, fico a sorrir de prazer quando chove, enterrando-me na minha cadeira de balanço com algum livro novo à mão, como agora o último de Mathilde Serao: *Histoires d'amour*, e penetrada toda de uma beatitude em que não deixa de entrar uma pontinha de vingança contra o turbilhão que aturde...

Cai, chuva! Rolam os pingos de água em cadencia dos altaneiros leques das minhas palmeiras sobre o ladrilho do terraço, como uma lenta canção que pacifica os nervos e adormece frêmitos. As relvas molhadas do jardim têm uns tons frescos de verdura tenra que seduzem a vista com seu ar de inocência. E pelos ásperos flancos do Corcovado, cujo cume se esconde numa carapuça de brumas, descem fios d'água listrando de prata esse ereto perfil. É a doçura do refrigério por todos os lados. E como rescendem as flores aljofradas de perolas líquidas, ou de

corolas tão pesadas de chuva, que vão desprendendo as pétalas úmidas e semeando-as sobre as gramas, que se transformam em tapetes de folhas rubras ou brancas!

Não vejo a lama, não vejo a monotonia, não vejo senão esse encanto da chuva; e cerro as pálpebras para imaginar que estou em Petrópolis, único lugar onde chove bem e único lugar que eu amo bem – o que não impede que viva longe dessas chuvas de lá, que eu adoro, e perto das de cá, finalmente raras e que um dia cessarão por completo, à força de serem adiadas. Fatalidade dos destinos humanos! E o pior é que já estou percebendo uma amarelidão de mormaço a traspassar o novelo das nuvens chuvosas.

Valha-me Deus! Vai acabar-se a calma...

O curioso é que a chuva entre nós já nada impede, nem mesmo o incêndio. Lavra o fogo sob as rajadas d'água como se imprudentemente as desafiasse. E a prova disso se me impôs quarta-feira, às 11 horas da noite, ao romper o incêndio da rua Bambina, cujo clarão pude observar das janelas de uma casa amiga. Todo o horizonte aparecia tingido pelas labaredas e sobre esse fundo abrasado, entretanto, o aguaceiro continuava a riscar as suas linhas oblíquas, que alagavam tudo, menos o foco do incêndio.

Alagavam os pobres moradores espavoridos do prédio incendiado, correndo pela rua com crianças e roupas entre os braços; alagavam os míseros trastes e colchões arrojados sobre as calçadas, no esforço da

salvação; fustigavam árvores, telhados, claraboias, paredes – mas contra as temerosas línguas de fogo devorando todo um edifício, é que nada podiam. A água recuava, o incêndio vencia. Esguichos das bombas ou esguichos da chuva, tudo era inútil. E consumou-se o sinistro sob as cataratas que rolaram do céu nessa noite.

A este propósito, já fiz e trono a fazer observar que a ação dos nossos bombeiros, de um certo tempo para cá, se limita sempre a impedir a prorrogação do incêndio de uma casa a outras casas, e nunca impede a destruição total do prédio atingido. Mas nunca!

Atribuíam outrora semelhante fatalidade à falta d'água. Hoje, porém, temos água com fartura. Por que então chegam sempre tarde ou inutilmente esses carabineiros de Offenbach, cuja correria à luz de archotes e com um estrepito espetaculosos, tanto promete e tão pouco cumpre, deixando sempre à ruidosa partida um montão de cinzas, onde havia uma casa a salvar?

Ainda assim, não é? Demos graças por ter um serviço organizado de bombeiros, quando o incêndio acaba de destruir em uma hora todo o Grande Hotel de Belo Horizonte, sem outro elemento de socorro além do esforço dos populares e do cordão de segurança estendido pela polícia em torno do foco das chamas.

É bem pouco para uma vasta capital e sirva o exemplo para se tronarem os mineiros mais previdentes nesse sentido.

Mas que magoa senti, ao imaginar esse belo prédio da rua Bahia reduzido a um monte de escombros! Quantas

vezes o olhar de fora, passeando pela formosa capital mineira, cujo nome sugestivo, com franqueza não me sugere mais hoje senão pensamentos de tristeza e de saudade.

É que os dias se seguem, mas não se parecem. O número dos que lá se me fizeram caros e pouco a pouco desaparecem, levados pela morte ou à dispersão, vai singularmente avultando em muito menos de dois anos.

O primeiro que partiu, foi esse grande amigo Josaphat Bello, e depois o pai, e agora o eminente homem que erra o Dr. João Pinheiro.

Deveras sem João Pinheiro, Belo Horizonte é uma capital incompleta. De resto, pelas suas raras qualidades, a independência de caráter, a superioridade de vistas, a ausência radical de toda essa carolice *snobica* que hoje nos estraga os governos, esse mineiro [ilegível], sincero e natural era exatamente o cidadão que o Brasil devia procurar com uma lanterna acesa, como Diógenes, e agarrar, mal o encontrasse, com os seus braços musculosos de caboclo farto de mentiras e artificialismos.

Estamos descaracterizados, dizia-me ainda ultimamente alguém de espírito muito sagaz e observador. E de João Pinheiro, como governo, nos viria a tônica reconstituição do que perdemos.

Pois é, todavia, um homem dessa tempera rara em nossos tempos que a morte estúpida arrebatou. E quando penso em semelhante brutalidade; quando me lembro dessa encantadora família, hoje privada do seu chefe, a esposa de um trato ameníssimo, as filhas sem conhecerem a *pose* das *parvenues*, amáveis, simples,

familiares – quando penso em toda essa cruel viravolta, não tenho mais vontade de voltar a Belo Horizonte, onde a dispersão também opera, além da morte. A viúva de Josaphat Bello, o mais doce tipo de mulher, transferiu residência para Formiga; e um dos mais ardentes acadêmicos do meu tempo, Tancredo Martins, uma intelectualidade forte, já terminou o seu curso de direito e ocupa atualmente o cargo de promotor de justiça em Uberaba. Lá mesmo, entretanto, entre sertões onde pasta o zebu, ele não olvida as letras e lançou uma bela revista: *A instrução*, órgão da 24: circunscrição literária de Minas Gerais, cujo valor é incontestável e merece todo nosso mais sincero aplauso.

Mas como quer que seja, a dispersão dos entes que conheci muda para mim a face social da capital mineira; e agora até o incêndio do Grande Hotel veio alterar a visão que guardava da rua Bahia... Não é demais! Não se suporta tanto em pouco mais de um ano e meio. É cruel!

E a exposição agoniza, agoniza mansamente, entre alternativas de chuva e sol.

Será uma das últimas festas, talvez, o belo concerto da pianista Fanny Guimarães, transferido, por causa do mau tempo, para quando se anunciar, e que nos permitirá ouvir os magistrais concertos de Beethoven, Schumann e Listz, para piano e orquestra. Mas a exposição agoniza... Se tudo acaba!

Carmen Dolores.

A SEMANA 29/11/08 [8823]

Quando me lembro, neste momento, em que temos Enrico Ferri como hóspede ilustre, das conferências do professor Ferrero no palácio Monroe, há tempos, entre as solenes pompas de um *snobismo* desencadeado, cochilando gravemente, enlevadamente, de face babosa e olhos pesados de sono, ao fio da lenta e monótona exposição do historiador italiano, cuja esposa se agitava muito entre a solicitude fremente das nossas compatriotas, tenho o ensejo de ainda uma vez medir toda a diferença que separa a convenção aplicada ao talento da irradiação espontânea do próprio talento, quando real – sinto-me possuída de uma alegria profunda. Ora, vejamos. Aparecia Ferrero sempre escoltado por uma corte de *acadêmicos* pressurosos, todos de casaca, ele próprio também encasacado, à fulguração decorativa desse recinto luxuoso que deslumbrava e por entre cujas colunas brancas se apinhava a cerimoniosa multidão em filas cerradas e atentas, tão atentas, que cochilavam, num brilhantismo variegado de plumas femininas, sedas e gazes.

Não era permitido à imprensa uma palavra só que destoasse do incondicional louvor ao sábio que toda a Academia de Letras referenciava, acompanhava, aplaudia, incensava; e nem a imprensa é tão ingênua que fosse atirar-se contra a corrente.

Assim, pois, nessa apoteose feérica, disputados os convites aristocráticos para as preciosas conferências, cuja entrada não era de certo facultada pelo vil metal, mas sim

por um favor representando um privilegio honroso concedido a alguns – privilegio de ouvir Ferrero, privilegio de sentar-se naquele salão resplandecente de claridade e oficialismo, privilegio de privar com *snoobs* e conservadores – nessa apoteose que marcou aqui uma época, o historiador italiano ia diluindo os seus conhecimentos e apresentando superiormente ao público uma Cleópatra, um Antonio, uma Júlia e um César, de todo o ponto inéditos.

Aquilo era uma festa da aristocracia intelectual; era o regalo da fina flor do *snobismo* requintado.

E... no entanto quase todo o mundo cedia a uma incoercível sonolência; e só acordava em sobressalto para aplaudir, e só aplaudia para acordar, acudir a modorra terrível.

A vingança da sinceridade contra a pose das convenções mundanas, estabelecidas num meio que deveria somente ser espiritual, era exatamente esse invencível sono com que lutava o *snobismo* em galas: senhoras houve que não mais lutaram – cederam ao suave cochilo. Homens piscavam nervosamente as pálpebras, porém mantinham ereto o peitilho de cerimônia, recolhidos como no recinto sagrado de alguma igreja.

A douta assembleia, enfim, com vagos sorrisos de inteligente aprovação trocados maçonicamente entre os seus filiados, concentrava as suas forças espirituais ouvindo a fastidiosa elocução do grande professor Ferrero – e o resultado era cabecear escandalosamente, irreverente no excesso da própria reverência...

Pois bem, vem agora Enrico Ferri precedido do grito de alarma dos clericais de S. Paulo; a opinião carioca vacila, entre a curiosidade e a prevenção; grupos hostis formam com antecedência uma cadeia de segurança e defesa levantando vozes assustadas e recriminatórias que avisam as ovelhas incautas do perigo encarnado nas doutrinas do recém-chegado.

E é nestas condições pouco favoráveis que o eminente sociólogo, criminalista e pensador sobe ao palco de um teatro acessível a todos, mediante o pagamento de um lugar, fala ao público de dentro da sua sobrecasaca democrática, sem o séquito de letrados e *snoobs* de outro, sem a rutilância sugestiva de um cenário oficial – e, todavia, de pronto, empolga os espíritos com uma única força do seu talento superior, da sua erudição, da sua eloquência, do seu calmo raciocínio e da independência em suma das ideias que expõe, mas não impõe, porque Ferri compreende a liberdade de consciência que deve usufruir o homem moderno e não pretende dominar o seu auditório. Acontece entretanto que ninguém dorme a ouvi-lo: vibram todos, das galerias à plateia, sente-se o frêmito vencedor que do conferencista se comunica ao público – e não há preconceito, rotina, prevenção, convencionalismo, resistência afixada, controvérsia pueril, que não esbarrem no triunfo tranquilo desse velho professor de olhos fulgurantes, porque o talento dele é verdadeiro e assenta numa base primordial: a sinceridade.

Oh! mas então este sentimento ainda conquista espíritos entre nós e vence o próprio trabalho renhido das

prevenções rotineiras e hostis? Neste caso a independência moral não morreu totalmente em nossa terra, e podemos respirar mais desafogadamente e esperar, confiar na ação de ideias francas, livres do arrocho conservador e pesado das convenções, que se libram no espaço com serenidade e tato.

Por minha parte, estou tão contente com esta prova devida às conferências de Enrico Ferri, que toda a minha alma exulta de gratidão, malgrado as palavras do ilustre professor, domingo acerca da mulher.

Ele foi injusto: tratou da sua tese sob um ponto de vista demasiado científico, talvez com uma superioridade excessiva de biologista, esquecido das evoluções modernas do espírito feminino, apurado de século em século até deixar para trás perdido em brumas, o tipo da mulher inferior, primitiva, escrava do homem e só dele vivendo, como a vinha enroscada na árvore.

Pobre criatura! Se ela continuasse, como humilde vinha, a nunca esperar arrimo senão do másculo tronco em que se enrolasse!

Os troncos são muitas vezes ociosos, estão a tombar de podres e mal podem consigo, quanto mais com os frágeis pés de vinha!

E o eminente cientista, fugindo do sentimentalismo, caiu exatamente numa comparação toda sentimental, que a observação da vida moderna e real contraria, descarnando essa ilusão de sábio.

Ele devia ter visto que, na mesma proporção há homens imprestáveis e mulheres heroicas, não lançando portanto essa asserção generalizada a

respeito de uma inferioridade que não tem fundamento. Nega o professor Ferri o gênio na mulher... Meu Deus! o gênio é coisa tão rara e tão relativa, que mesmo nos homens é difícil encontrá-lo com um caráter definido, visto como é feito de lampejos.

Quer, porém, o notável conferencista que o gênio seja a criação, a inovação de obras imortais. Mas então Ninon de l'Enclos foi um gênio transcendente, por que criou a legenda de uma eterna mocidade.

Gracejo a parte, Delphina Gaz, depois Mme. de Giardin, a célebre Stael, Mme. de Sevigné, que criou a arte epistolar, Judith, que cortou a cabeça de Holopherne, Joanna d'Arc, que venceu os ingleses, Sarah Bernhardt, na vida contemporânea, e Rose Bonheur, a incomparável artista, e essa Clemence Isaure, de um valor tão ao alcance da apreciação dos sábios — todas essas mulheres, e outras, muitas outras, dos mais vários e longínquos países, foram e são geniais. A própria Dalila da Bíblia, foi genial na criação do precioso tipo contra os Sansões... Mas o professor Ferri deve sem dúvida abominar tal forma de gênio, que dominou a força do tradicional senhor a mulher, não é assim?

Não obstante, porém, as injustiças de Ferri contra o sexo feminino, que ele estudou por um falso prisma, sente-se lhe nas palavras a íntima e reta sinceridade, que não exclui, aliás um grande respeito e mesmo uma viva ternura pela mulher, embora encarada como nula, faca e dependente do homem.

Talvez, quem sabe? que aos seus olhos de gigante, nós, de fato

apareçamos pequeninas, mais infantis do que realmente somos: mas que importa assim nos julgue um espírito superior? O desaforo é quando algum imbecil se mete nesse papel – mas ele, Ferri, não! Tem toda a competência, tanto mais que se compreende bem elevação das ideias que emite serenamente, na convicção de dizer a verdade.

É sempre um sincero, servido por um extraordinário talento, por uma rara erudição. E eis por que, a despeito das alavancas atiradas aos seus passos, ele venceu, acordando entre nós o nobre sentimento da liberdade da consciência; e todos nós o aplaudimos com inteligente fervor, com ânsia, aceitando o livre pensador recriminado porque, atrás da sua sugestiva figura, alguma coisa estava que poucas vezes encaram os nossos olhos afeitos às hipocrisias convencionais – e é branca e refulgente aparição fugitiva, a singela imagem da verdade que se afirma, com tato, mas sem fingimentos, nem artificialismos.

E por essa raridade que nos trouxeste, ó Enrico Ferri, sê bendito!

Do conferencista da moda ao Instituto de Música, um rápido pulo: e conversemos sobre a nossa casa de arte.

É que uma curiosidade e uma estranheza me assaltam o espírito; e não hesito em desembaraçar-me destes sentimentos incômodos, lançando-os aqui nestas linhas.

Imaginem que tenho uma gentil amiguinha chamada Clara Vilhena da Cunha, a qual fez todo o curso de piano do Instituto de Música, durante

nove anos, *s'il vous plait!* Obtendo distinção em todos os seus exames.

Ora, acabou ela no dia 19 deste mês o referido curso, sempre com o mesmo sucesso brilhante, soberbas aprovações, embora sem empenhos nem pedidos. E esta honrosa aluna não viu todavia o seu bonito nome incluído na lista lisonjeira a que tinha direito, não mereceu uma referência, nada... Só o silêncio respondeu ingratamente ao seu esforço de nove anos inteiros... É justo? Não, é revoltante. E aqui deixo o meu protesto.

Carmen Dolores.

A SEMANA 13/12/08 [8837]

Partiu sempre o professor Richet para o Amazonas, a despeito dos conselhos em contrário dos Drs. Daniel de Almeida, Oswaldo Cruz e outros ilustres colegas, justamente alarmados com o risco a que se vai expor naqueles climas o sábio francês, ainda por cima acompanhado de um filho homem, também médico, robusto e decidido.

E se a febre os assalta por lá, calculem a satânica alegria do Sr. Zeballos, além da repercução lamentável que teria semelhante eventualidade por toda a Europa!... Mordidos, porém, pela vontade de contemplarem o nosso grande e famoso rio, primitivamente chamado *Guinea* pelos indígenas e sem dúvida o maior do mundo, pois só a sua imensa bacia compreende mais de um quarto da América Meridional, a nenhuma advertência solícita quiseram atender os nossos hóspedes intrépidos – talvez mais incrédulos do que mesmo

intrépidos – e ei-los já a caminho, acariciando visões de terras extraordinárias, de florestas magníficas, de seivas luxuriosas, de margens estupendas, onde, por entre serpentes e onças, perpassam vultos esbeltos dessas mulheres armadas que outrora combateu Francisco Orellana, em 1539. Segundo a rica imaginação francesa, aguçada pelas palestras sobre o Brasil, hoje em moda no velho mundo, a raça das fortes amazonas do passado não deve estar extinta neste tempo: e com atenção, um grande óculo de alcance e as ilusões da curiosidade intensa, é possível que acabem os excursionistas valentes por enxergar alguma coisa no gênero, cuja referência ilustre as suas notas de viagem.

Sempre será um assunto mais interessante pelo menos do que o bicho de pé, flagelo nosso hoje discutido com exclamações de pavor, à hora do aperitivo, nos *boulevards*, estrangeiros.

Il biscio!... Braços se alargam, exprimindo num gesto: ele é grande assim, do tamanho de volumosa garoupa... O que contesta a reflexão de terceiros, indagando judiciosamente:

“O bicho é então maior do que o próprio pé atacado?”

E faz-se um silêncio de assombro, durante o qual as imaginações trabalham apreensivamente; e na espiral das fumaças do absinto e do cigarro sobe e avoluma-se a figura de um animal terrível, quase pré-histórico, de cauda escamosa e presas de rinoceronte, que se atira no Brasil aos cinco membros divisos (vulgo dedos) dos pés dos colonos, delicioso manjar nem sempre branco por falta de

água, e deles se repasta até não deixar senão um disforme coto no lugar onde havia antes um pé... Fatalidade!

Pois bem, em vez dessa imagem espiralada de um bicho imaginativo, apareceu talvez ao sábio professor Richet o vulto curioso de uma amazona de arco e flecha, emboscada nas matas virgens do nosso vasto e longínquo Estado para, de um salto, enriquecer com o seu atrevido aspecto as impressões de um viajante europeu. E ele não resistiu a encantadora visão, tanto mais que os efeitos da sugestão devem ser prodigiosos sobre o espírito do grande médico. Foi ele que abriu o seu livro alucinante *A Sugestão mental*, com esta frase de Argo: “Aquele que, fora das puras matemáticas, pronuncia a palavra **impossível**, não tem prudência.”

Diante desta asserção, todos os fenômenos e milagres parecem possíveis, mesmo a ressurreição de tipos de fantasia ano grandioso quadro de uma natureza tropical; e não é de admirara que o professor Richet e seu filho, parisiense moderno, surdos a todos os protestos dos prudentes colegas brasileiros, hajam resolvido *quand même* afrontar a temperatura canicular do Amazonas, os enervantes suores que lá deprimem os organismos mal aclimatados e enfim as febres insidiosas ou agudas, algumas já muito nossas conhecidas, que daqui forma expulsas, mas naquelas zonas de fogo ainda não encontraram algum Dr. Oswaldo Cruz para afugentá-las.

Sua alma, sua palma, como diz o rifão. O Estado é vasto, é novo, é belo: e talvez nada sofram os corajosos viajantes que seguem no *Olinda*, penso eu, e dentro de algumas semanas

conhecerão o regalo de dormir em maqueiras de fibras de mirity ou redes de tucum e saborear um prato de farinha de água com pirarucu seco, regado por um excelente molho de arribe picante.

Cuidado, porém, Richet amigo! Com os passeios em montaria pelo rio abaixo ou acima, sob a soalheira inclemente que produz a febre. Porque, na verdade te digo, se fores vítima do clima amazonense, tu, hóspede ilustre e sábio em evidência, ninguém se lembrará dos nossos conselhos e da tua obstinação em não os ouvir: mas um clamor se levantará por toda a Europa que, chorando a tua vida, enterrará contigo a nossa reputação de salubridade. E desse perigo é que devias livrar-nos, ao menos por gratidão ao acolhimento que aqui recebeste, não insistindo em imprudente viagem de que todos te dissuadiam. No entretanto, pois que levaste por diante a tua teima, segue e sê feliz, professor Richet, certo dos nossos votos, porque eles são interesseiros. Que a França te veja brevemente de volta com seu filho, são e salvo, e que o Zeballos não tenha ocasião de falar a teu respeito, tratando do Brasil – eis o ardente e egoístico desejo de todos nós, brasileiros.

E agora, leitores amigos, de que falaremos nesta semana vazia?

Há suicídios – e o *smartismo* no gênero é atualmente a morte por suspensão em uma trave, num fecho de janela, num galho de árvore, mesmo num cabide em que se fica a representar roupa pendurada, oscilando ao vento. Só as pontas dos pés é que traem a realidade, esticadas para baixo, apontando a terra.

Mas, se este meio é fácil, não é formoso. A busca de uma corda tira ao ato do enforcamento a beleza do gesto impulsivo que sacode a vida como um tapete – e fica a trivialidade dessa procura burguesa pela cozinha, pelos varais da lavanderia, de côcoras no escuro, o gato da casa miando atrás, o suicida a experimentar nós e a puxar laçadas com a língua antecipadamente de fora, muito atrapalhado.

Depois, sejamos francos, a atitude do enforcado é pouco elegante, dá-lhe um ar ridículo, como de pescoço na canga, sem a altivez das resoluções supremas. Falem-me, sim, do ato de bravura dessa pequena de dez anos apenas, mísera! já ferida pelas infâmias da intriga, ultrajada por uma injusta acusação de roubo, sem encontrar meios de defesa, atirou impetuosamente o seu frágil corpo de avesita desamparada nas águas do rio Paraíba, que a tragou.

Mas, Santa Mãe dos inocentes! Que pungente coisa é o suicídio de uma criança!

Por que processos dolorosos passa uma alma infantil, toda luz e esperança, para chegar com firmeza ao sinistro apetite da destruição da existência!

Não sei, nunca vi e espero nunca ver o cadaverzinho de um desses prematuros desesperados; mas, se porventura algum encontrasse no caminho da minha vida, que é áspero, creio que novas lágrimas ainda acharia nos meus olhos para chorá-las sobre o tenro corpo inanimado, em nome da humanidade cruel que vitima os fracos.

No excelente livro do Sr. Laudelino Freire: *Ensaio de moral*,

que acabo de receber agradeço e li atentamente, procurando compreender o que está acima dos meus conhecimentos, vi esta frase que me impressionou profundamente à página 128:

“Liberdade, dever, justiça, virtude são os principais cardeais de toda a existência e por eles o homem se comunica com a verdade suprema.”

Mas se esses princípios são na realidade sempre adulterados e a tirania dos fortes é a única lei que preside a vida, onde encontrar essa verdade suprema que é o ideal das almas sequiosas de justiça?

Ai de nós! palavras, palavras. O melhor é não agitar esses pensamentos graves, deixar em paz os suicidas infantis que buscam a morte antes de conhecerem o que é viver, na verdadeira acepção do termo e sorrir de tudo, como Fígaro, para não chorar.

Recebi por exemplo, agora uma carta bem traçada de alguém que não deseja revelar-se e, por entre conceitos a meu respeito por demais lisonjeiros e francamente imerecidos, que a modéstia me manda calar, indaga a razão de certa guerra injusta que me fazem em algumas rodas estabelecidas aqui.

Meu Deus, a solução do problema é bem fácil.

O meu espírito é inteiramente independente, oh! se o é!...e juro que o será sempre. Como senhora, pareço tímida e sorrio com gentileza a tudo, mas como escritora o caso é outro, tenho a minha consciência e só digo o que penso, o que quero e o que entendo. Mais depressa quebrarei a

pena que me fornece o pão, do que a molharei jamais em água com açúcar para angariar simpatias e adesões, festinhas e elogios, mesmo proveitos materiais, das *coteries* convencionalistas, como arauto dos poderosos – que aliás não fazem mais do que pisar os desprotegidos, em cuja conta me tenho.

E eis por que respondo ao meu amável correspondente, alguma coisa se passa a propósito da minha individualidade literária que é talvez... é talvez uma vingança. Que importa? O mundo é largo e eu não mudo.

Carmen Dolores.

CRÔNICAS 1909

A SEMANA 03/01/1909 [8858]

Augusto de Lima é sem dúvida um grande e profundo poeta, mas caso sejam ouvidos os seus belos versos através da música sonora e rica de uma voz como a de Alberto de Oliveira, quando recita, de acordo com as notícias da semana, eis um regalo que se pode chamar de deuses e foi, ou será contudo público, ao alcance dos simples mortais desta cidade, misturados com os imortais da nobre academia.

Longe de mim, certamente, a fantasia de Banville em sua *Lanterna mágica*, quando o caprichoso e fulgurante estilista pintou o estético Jacques Fabry estirado num cetinoso divã de cores pálidas, fumando cigarros do Oriente e ordenando à sua formosa amiga Laura que lhe o mais estupidamente que pudesse o Luar

sentimental, de Theophilo Gautier. Ela obedeceu e, sem inflexões enfáticas, como a ler apenas um artigo de jornal, desprezando efeitos e pausas, foi dizendo alto esta adorável estrofe dos *Emaux et Camées*, do cabeludo e talentoso Théo:

*A travers la folle risée
Que Saint Marco renvoie au
Lido,
Une gamme monte en fusée,
Comme au clair de lune un jet
d'eau..*

Mas a voz era tão cariciosa e vibrante, a despeito do tom monótono, que o fantasista Jacques sentia correr-lhe pela medula o divino calafrio do êxtase; e, banhado de gozo, balbuciava, cerrando os olhos:

- Oh! música! música da voz!... sem ti, que valem os versos?...

Não, eu não vou tão longe, seguramente, e não são poucas as poesias lidas mentalmente, no isolamento do meu quarto, que me tenham transportado ao mundo azul da ilusão feliz e do embevecimento intenso. Nenhum prestígio, então, de uma voz quente cantando nobremente a estância pura, cuja harmonia em valor entornasse pelo meu ouvido o encanto das rimas, vibrando como o som de uma lira de ouro tangida por anjos.

Nenhuma sonoridade de uma bonita fala máscula traduzindo com sentimento e paixão as doçuras ou as veemências do poeta lido, numa cadência de sonho. Nada, nada! Só o próprio ritmo e a própria beleza da poesia traspassando mudamente o meu pensamento e impregnando-me toda dos eflúvios sutis da arte.

A verdade, entretanto, é que a ciência da recitação tem muita importância para salientar a formosura de um verso; e sobretudo, ah! por que negá-lo as inflexões ricas de uma voz bem modulada, cálida, sonora e vibrante, exercem sobre o ouvido o irresistível efeito da música que extasiou o extravagante admirador de Gautier.

Eis porque, repito, a leitura das produções poéticas de Augusto de Lima pelo poeta do *Livro de Emma* constituirá regalo digno dos deuses, se é que já não o constituiu quinta-feira, como haviam anunciado os jornais: e a essa hora, na Academia de Letras, um sopro divino de arte terá apagado naquela sala o eco de muita discussão vazia, inútil e até prejudicial, ali agitada pelos imortais.

Durante isso, continuam a chegar no seu pungente realismo, bem distante dos exageros e artificialismos Lyricos os telegramas de Itália, descrevendo os terríveis estragos do recente terremoto. Não há mais de dois ou três anos que notícias iguais nos chegavam, creio, da região da Calábria: e eis agora Messina e Regio que são sacudidas, arrasados, ao clarão dos incêndios e ao assalto da onda trágica, que recua para melhor crescer e arremessar-se em fúria sobre a cidade condenada.

Qual o efeito artístico em prosa, verso ou música, que possa igualar em tremendo vigor com a simples narrativa em lacônico estilo telegráfico da cruel tragédia siciliana? Frases, gongorismos, adjetivos fortes, eloquências magistrais, tudo esbarra na singela realidade; tudo fica sempre

aquém da sua horrível grandeza. E é então que se vê a inanidade das ambições do talento, das tentativas da vaidade, dos artifícios do colorido, em frente à verdade solene e nua dessas inenarráveis convulsões da natureza, que nenhuma tinta humana consegue pintar e fazem do próprio gênio orgulhoso um ínfimo átomo desorientado.

Que acordar, o dessa mísera gente, que ainda na véspera se deitara sorrindo e formando projetos para o dia seguinte!

Que tumultuosa correria pelas ruas, ao desabar dos edifícios, à explosão dos gasômetros, em choros, em gritos de pavor, todos a meio despidos ao saltar dos leitos, crianças ao colo, alguns derrubados em caminho pela oscilação do solo, outros esmagados pelos escombros das casas que ruíam com estrondo – e todos em desesperada fuga para o mar, no terror da terra branca Barbara, para o mar, onde contudo já se erguia o vagalhão que ia devorar mais de quinhentas embarcações e não sei quantas criaturas possuídas de pânico...

Sinistro, não é? Sim, pavoroso, não resta dúvida.

Que faria, porventura, nesses transe um poeta que, mordido pela inspiração, se houvesse levantado e acendido a lâmpada das lucubrações na madrugada fatal, para terminar bela ode à sua amada – morena de olhos de ônix? Imaginemos.

Pouco formoso nesse momento, por se ter evadido da cama, cuja penugem branca se lhe teria agarrado às barbas eriçadas a aos cabelos em pé, o nosso vate, curvado ardentemente sobre a mesa de trabalho, estaria a

alinhar rimas sonoras, cujo compasso iria marcando com a mão espalmada e nervosa.

Que profunda absorção! Oh! sonhos ambiciosos de amor e de glória! Oh! devaneios! Tudo a dormir na casa e só ele, calado, a enegrecer papeis!...

...pode este fogo ardente

Resolver-se em fumaça? Ai! pode o vulcão d'alma

Cinzas ficar somente?

E o primeiro abalo do terremoto a sacudir ironicamente a mesa, a lâmpada, os versos e até as ideias do poeta inflamado...

Ainda outro movimento sísmico – e tudo salta pelos ares para ruir em destroços, enquanto o trovador esgueelhado arroja-se à rua e deita a correr sob um cheiro forte de chamusco, esquecendo a lira e a própria inspiradora dela.

Ai! se pode, num momento desses, onde tudo é só fumaça e pó! “Se os vulcões cinzas ficam somente?” Mas é justamente em cinzas que se convertem as labaredas dos vulcões e olhe o poeta em torno de si, que só verá detritos, destruição e horror... Que é pois do lirismo artificial das cantatas passionais? Infelizes que somos! Ante catástrofes como a da Martinica, de S. Francisco da Califórnia, da Calábria, de Messina e Reggio, de tantas, tantas outras que vão apavorando o mundo em segundos, a faísca vaidosa parece bem inútil, bem mesquinha, bem tola... E só se tem vontade de juntar ansiosamente as mãos débeis e arremessar para o céu a angustiosa suplica das horas tremendas:

“Valei-nos, Deus!...”

* * *

Este grito, que é o mesmo em todas as religiões do universo, porque a divindade suprema é indispensável à criatura fraca, precisando sentir acima de si um apoio poderoso contra os perigos que a ameaçam na vida; este grito faz-me pensar, mudando aliás, para assunto mais leve, que mais um órgão de propaganda católica apareceu em Petrópolis, pelo Natal, com o título: *Verão em Petrópolis*.

Esta publicação bimestral, tendo como redator e gerente o estimável e distinto moço J. Roberto d'Escragnolle, digno pela sua operosa atividade de todo apreço e da mais simpática coadjuvação, tem claramente em vista apoiar a feição clerical da cidade serrana. E no número de 25 de dezembro, a que me refiro, esse desígnio se manifesta de modo patente, de maneira a não deixar dúvida alguma a tal respeito. Assim, nesse jornal ilustrado, à exceção de dois ou três artigos sobre o finado imperador, cujo monumento ele patrocina, e a fisionomia do antigo Petrópolis, relembrada por amáveis colaboradores, entre os quais o Dr. Ernesto Paixão, tudo o mais é exclusivamente matéria religiosa. Vemos os artigos: *Natal! Natal!* e *O jubileu de Petrópolis*, com rasgados elogios ao **Centro Cathólico** dessa cidade; o anúncio *Vozes de Petrópolis* apregoa a importância de uma revista religiosa, científica e literária, dirigida pelo P.P. Franciscanos, do mesmo lugar; aparece depois uma invocação a Jesus, de D. Carmen Romaguera, lembrando a oração de um manual de missa, e as gravuras são referentes à inauguração da casa da Congregação

de Nossa Senhora de Lourdes, representando: **A chegada do Sr. bispo diocesano e senhoras que vão assistir à solenidade.**

Já se vê que a nova publicação bimensal pretende medrar à sombra realmente eficaz e preciosa do **Centro Cathólico**, instalando na cidade risonha das vilegiaturas elegantes e mansamente a avassalando cada ano mais; e nem de leve esta verificação da minha parte significa uma censura.

Não, absolutamente. Não, não. Apenas eu digo: mas então por que esse título de *Verão em Petrópolis*, cheirando a magnólias em flor, a polvilhamentos de ouro, a risos, a *frou-frous* de vestidos claros, se o assunto tanto se presta às estações da primavera como de inverno? Para o silencioso evoluir nas igrejas, tanto faz o sol fulgurando em céus azuis como a chuva fria enevoando horizontes cinzentos; tanto faz que cante a cigarra como pie a andorinha regelada, em fuga para climas mais benéficos...

E é contra o título pouco sincero que eu me insurjo...

Deixem o *Verão em Petrópolis* e escrevam: **Petrópolis todo o ano!**, que a minha pena aplaudirá. Não acham que tenho razão, vamos?

* * *

Não tenho por hábito protestar contra os erros da revisão, que estropiam cada domingo as minhas crônicas, coitadinhas! Mas pois que o dono da casa protestou esta semana publicamente contra um atentado aos seus brilhantes três estrelinhas, há de ele permitir que eu siga nas suas águas, tanto mais que... os descuidos da última vez excederam um pouco os limites da minha serena paciência.

Estrelas em vez de **esthetas**, **chistá** por **christá**, **Alfredo Pollz** em lugar de **Alfredo Polly...** não, tudo isso e muito mais, já é um bocadinho duro para a autora.

Se começássemos melhor o novo ano? Eu agradeceria.

Carmen Dolores.

A SEMANA 24/01/1909 [8879]

Ao voltar a esta hospitaleira e amável coluna após dois longos domingos de ausência forçada, procuro em torno de mim as arruaças de que tanto ouvi falar quando encantada pela moléstia nas escuridões da dor; mas já nada encontro senão sob a forma de um eco dia a dia mais esmorecido e acreditaria até haver sido tudo isso um pesadelo febril, não fora a relação dada agora pela imprensa, dos vários feridos, assaltados e assaltantes, que aparecem de cabeça partida, braço fraturado ou olho furado.

Tenho para mim que nada prepara melhor o espírito para um juízo imparcial, sereno e justo, do que o afastamento do teatro da ação que agita os ânimos. Longe do contágio nervoso das opiniões, pesando silenciosamente o valor dos sucessos discutidos com paixão não raro partidário, sentindo o excesso das ebulições do ódio – chega-se a uma conclusão calma que o atrito direto das massas sobre-excitadas jamais permitiria. E assim é que eu, distanciada das arruaças ferozes que tanto apavoraram a nossa população, eu, calada, colhendo de uns e outros a narrativa do que ocorria na cidade ou

lendo as considerações dos jornais a tal respeito, eu acabei por formar muito bem o meu pequenino e obscuro parecer a propósito desses lamentáveis fatos e aqui o dou como ainda oportuno – eco também da trovoadas que se vai extinguindo ou já se extinguiu.

Penso – e perdoem-me se erro – que carregaram demasiado a mão sobre a polícia, que se tornou o bode expiatório da situação; e será prudente, deixem-me perguntá-lo, destruir todo o princípio de autoridade em uma capital quase cosmopolita, onde o elemento popular arruaceiro é composto de tudo quanto de pior nos vem do estrangeiro, vaza das velhas civilizações, de envolta com o nosso próprio pessoal de vadios e desordeiros, já numeroso? Pois é a isso que se chama enfaticamente o **povo!** Logo que surgem distúrbios e violências; é em nome dessa classe perigosa, agitada e perversa, que se clama contra qualquer repressão necessária em casos de motim na via pública. Ameaçando inocentes transeuntes e incautos passageiros de bondes; é por causa dessa legião de petroleiros, incendiários, berradores, revoltados, que se aproveitam de todo o pretexto para as suas depredações de ociosos e malandrinos, que a grita se levanta contra a corporação policial, que se exige dela tudo sem nada lhe dar senão apodos – e, sinceramente, é lá possível que isso seja razoável nem justo? Levamos a falar em **nossos irmãos, nossos irmãos** ameaçados pelos brutais soldados – e porventura não são também esses pobres soldados outros irmãos nossos, desafiados pela fúria popular, insultados, escarnecidos,

apupados, e devendo entretanto conservar uma impassibilidade sobre-humana?

Não me ocupo absolutamente das causas que promoveram tão ruidosas manifestações de descontentamento, sorrindo apenas ao pensar que a Ligth, com a abertura de uma represa em terras insalubres, lançou a morte fulminante pelo acesso pernicioso em uma população local indefesa, sem que ninguém aqui soltasse o grito de alarma, como aconteceu agora com os bondes; mas insisto em dizer com a mais plena convicção que, se o povo tem o direito de ser apoiado – e o tem indubitavelmente – às autoridades também assiste, se há equidade, o de não serem injuriadas e escarnecidas, como o foram ultimamente com o aplauso geral.

É simplesmente atroz! Então um policial não é um homem, um cidadão brasileiro, um patricio? Comandava por exemplo uma força, por ordem superior, um oficial muito digno, sério, prudente e de índole perfeitamente inofensiva. Moço de família, cumpria ele o seu dever com a calma da boa educação, de pé à beira de uma calçada, entre o povo exasperado, a dirigir e conter os soldados quando a provocação da plebe excedia todos os limites.

Por que razão, entretanto, essa mesma plebe o injuriava, como a responsabilizá-lo pela prudência da força que ele comandava? Homens rudes berravam-lhe quase junto à face, cujo olhar se desviava para evitar a provocante pupila inimiga; chamavam-no de **caixa d'óculos**, diziam-lhe torpezas – e o oficial impassível, mudo, sofrendo tudo com

o natural frêmito da revolta íntima, mas sem um gesto ou uma palavra de desforço...

É contra esses, contudo, que a opinião toda se vira, aclamando os outros, os arruaceiros, os vadios, os petroleiros, com frases de entusiástica aprovação?!...

Pois, leitores, em verdade lhes digo que este imprudente processo traz sérios perigos para a nossa segurança – e hão de vê-lo muito breve, uma vez que o povo aboliu todas as passadas submissões e hoje faz aquilo que entende por justiça com as próprias mãos alucinadas.

Quanto a mim, se tivesse a infelicidade de pertencer à corporação policial, nada me faria agora acudir a pedidos de socorro. Pois sim! Para me vaiarem... **“Aqui d’el rei..”** Eu imóvel. **“Acuda, camarada, que ali se dá um horrível conflito!...”** Nem um passo. Acabaria respondendo: **“Acudir eu, polícia? Mas tão parvo não sou... Arranjem-se vocês, civis, que eu não quero histórias comigo, nem pedradas, nem insultos...”**

E afastaria os passos lentos, acendendo o mais pacífico dos cigarros.

Pois não é isso que querem – um manequim, simples manequim sem ação? Assim hão de tê-lo. *Qui vivra verra...*

* * *

Nesta quadra opressiva e árida de assunto, os dias se arrastam vazios, entre um calor plúmbeo e chuvaradas mornas, quando não surge alguma arruaça para servir de alimento ao espírito público.

De que há de a crônica falar? De eleições, cabalas, votos? Mas, como

Ange Pitou, da *Madame Angot*, acho que a matéria é pouco poética, além de gasta, arqui-gasta, positivamente estafada pelo abuso das discussões a respeito.

Cada candidato se julga o único com direito pleno a ser eleito deputado ou senador; e isso, de resto, adianta tampouco aos interesses do país, que mais vale calar e deixar indiferentemente correr o marfim, não acham os caros leitores? Trataremos, pois, de outra coisa, lamentando com tristeza o caso desse aluno do Colégio Militar, que pereceu afogado por ocasião de um convescote na ilha do Bom Jesus. E não é o primeiro, como não será o último, tanto abusam hoje os meninos dessa liberdade incondicional que lhes dão os pais, os professores, os parentes, todo o mundo.

Vê-los na rua, nos bondes, à volta dos colégios, é assistir à independência completa de umas vidas tenras e inexperientes que exigiriam ainda a disciplina familiar e contudo se atiram sem peias à efervescência da idade, livres como pássaros no ar. É assim que lá forma ao piquenique da ilha fatal esses seis pequenos sozinhos, entregues à própria turbulência, ébrios de luz, atirando-se vorazmente aos cajus cor de ouro e rubi, ao farnel, às correrias, enfim, ao banho de estômago cheio, que tragou logo um do bando ruidoso. E lá ficou o mísero menino entre as ondas glaucas, rolando pelas marés, até que lhe apanharam o corpozinho gelado com destino à família, a esta hora sucumbida, mas já tarde.

Não fora melhor um pouco mais de autoridade judiciosamente exercida, impedindo tais acidentes graves?

Isso, aliás, de prevenir, não está muito em nossa mole índole brasileira, o que, dadas certas circunstâncias, degenera às vezes em positivo crime.

Eis, por exemplo, que de vários pontos, mas sobretudo dos subúrbios, me chegam queixas frementes e amargas contra o modo por que os médicos locais cumprem o seu dever profissional, quando chamados com urgência por famílias aflitas. Há pouco tempo viu um marido a sua jovem esposa quase expirar em abandono, num acidente de parto prematuro, fugindo-lhe a vida em jorros de púrpura, enquanto ele, desvairado, corria a todos os médicos do lugar, voltava à casa, tornava a correr, a pedir, a suplicar, nas trevas da noite, sem que um único desses doutores consentisse me sair do seu conchego e acudir à doente.

Esse marido quase enlouqueceu e, não fora um amigo que conhecia certo médico e serviu de empenho para uma visita, teria passado pelo desespero de assistir à morte da mulher sem um socorro profissional.

Ora, isso é verdadeiramente desumano e inadmissível numa cidade civilizada.

Assim, há apenas oito ou nove dias, ainda no subúrbio, um chefe de família que palestrava entre os seus foi acometido repentinamente de uma síncope.

Calculam todos o terror, o alarido, a busca angustiosa de um médico, na esperança da volta à vida desse ente tão caro e necessário no lar. Pois debalde bateram à porta de quatro

esculápios, porque nenhum deles assentiu em socorrer a vítima do ataque, acontecendo mais que nem para passar a certidão de óbito, no dia seguinte, qualquer dos quatro ainda se moveu, dando-a de longe, sobre a base das informações levadas por um parente – o que é um cúmulo de indignar. O terrível foi para a família, ao lado desse ente querido, cuja morte não havia sido finalmente verificada *de visu* por um facultativo – a família não ousava fazer inumar o falecido, no susto de um fim aparente; e só quando apareceram os primeiros sinais de decomposição, é que deixou sair o enterro. Entre parêntesis, essa dolorosa cena me lembrou a daquele admirável conto de Coelho Netto, *Os velhos*, onde a companheira do defunto velou o corpo apodrecido, na esperança de uma morte aparente, até chegar a negra revoada de urubus. Oh! que estupenda página!

Tornando, porém, aos médicos, eu, que só os tenho encontrado em Botafogo, de uma pressurosidade encantadora e digna de toda a minha mais viva gratidão, não posso impedir-me de verberar com indignação os de outros bairros menos felizes que não sacrificam um bocadinho de conforto à urgência de salvar uma criatura da morte. Que significa então isso que se chama tão solenemente o **dever profissional**? Ah! palavras, palavras...

Carmen Dolores.

A SEMANA 07/02/09 [8893]

Havia d'antes um cavalheiro de aspecto muito insinuante e risonho, que nunca era apresentado a alguém

ou conversava com um conhecido, sem dizer em um tom de enlevada rememoração:

–“Como me lembro!... A primeira vez em que tive a honra de vê-lo, estava eu comendo empadinhas em companhia do senador Malaquias, no Paschoal, ou ia visitar o presidente, ou assinava no cartório do tabelião Evaristo a escritura deste meu prédio das Laranjeiras, onde ainda resido...”

E assim, através dessa reminiscência lisonjeira, era sempre a personalidade exigente do homem amável que vinha à cena, que se afirmava, que insidiosamente se servia do pretexto para ocupar a atenção e espraiar-se à sombra de uma fingida e adocicada homenagem ao outro.

Não creio que me possam atirar o labéu de contrafazer os processos do cavalheiro citado.

Sou demasiado impulsiva para empregar esses macios cálculos felinos de quem jamais perde de vista a sua própria, a sua única e absorvente vaidade, mal dissimuladas sob as gentilezas que rendem.

Mas hoje, tenham paciência os que me leem, vou abandonar os velhos moldes costumeiros e adotar as práticas do amigo do conselheiro Malaquias, que continuam muito na moda e podem, finalmente, em boa justiça, tanto servir aos outros, como a mim própria *Why not?*

Dir-lhes-ei, pois, que a última vez em que falei a Paulo Barreto, à véspera da sua partida para a Europa, foi à porta da *Imprensa*, onde eu encontrara o Jacintho Silva, conhecem? O popular Jacintho ex Gasmer, hoje Chardron, o Jacintho que não é príncipe da Grã-Ventura, mas tem a ventura de ser

precioso, indispensável, e que me prestava contas ali da entrada para o prelo da casa Lello & Irmãos, do Porto, do meu livro *Ao esvoaçar da ideia*, bem como o da partida para o mesmo destino do outro: *Alma complexa* (novelas e contos).

Paulo Barreto, vestido de verão, vinha alegremente ocupado dos planos a sua viagem ao velho mundo. Eu o senti radioso, feliz. O seu aperto de mão teve qualquer coisa de triunfante ou de trepidante; e surpreendi-me a olhá-lo com a inveja de um pássaro cativo em frente a outro de asas fortes e livres, prontas a librar-se nos espaços azuis, em busca de horizontes novos.

Sim, confesso o meu feio pecado: tive-lhe inveja... Mas logo ele me falou do receio com que antevia a chegada dos seus dois livros: *O momento literário* e *A alma encantadora das ruas*, durante a sua ausência – medozinho instintivo em um autor que pensa no lançamento à circulação dos seus trabalhos, fora do seu meticuloso cuidado de pai espiritual, não obstante a plena confiança naqueles, aos quais delegou todos os direitos. Eu, porém, tive um belo sorriso de segurança, relembrando a admiração sincera que hoje cerca o escritor das *Religiões do Rio*, apontando a legião de amigos entusiásticos que velariam pelo sucesso dos seus novos livros – sucesso, aliás, garantido só pelo nome brilhante e aplaudido de quem os escrevera.

E, com efeito, parece-me que assim tem sido. *O momento literário* e *A alma encantadora das ruas*, essas duas páginas de uma psicologia e de uma graça tão vivas, tão

impressionantes, através de cujo colorido se sente o estudo pitoresco e ao mesmo tempo profundo a que se entregou João do Rio, na constante observação do seu espírito original e cintilante, vão recebendo dia a dia os elogios a que tem o mais legítimo direito.

E eu até, a este propósito, entro a comparar com uma ponta de ironia fina, fina como um estilete, a generalidade ardente dos cumprimentos, agora que a reputação de João do Rio está firmada, e o silêncio prudente de muitos desses que hoje o exalçam, na ocasião em que se deu o insucesso da sua revista *Chic-Chic*, que só eu talvez, como cronista, eu excepcionalmente, tive a coragem de defender nestas mesmas colunas, indignada contra a fúria exagerada e injusta da crítica.

Mas, *psiu!* essas coisas são mesmo próprias de uma espécie de tola intrépida como D. Quixote, nome que me devem dar, e que, por mal dos meus pecados, jaz, há trinta encarcerada na Torre das Sete Dores, escrevendo estas sensaborias sobre um livro de músicas apoiado no braço e contemplando o risonho esvoaçar das alegrias e agitações alheias para além do pano em que se debatem o seu tormento e a sua impaciência.

Mas quanta verdade se observa do fundo dessas passividades forçadas, só o cérebro trabalhando em uma assiduidade ainda mais viva, os olhos vendo passar como sombras todos os fatos, todas as paixões, todas as mentiras e todas as tristezas desta vida nem sempre nobre, nem alta, nem bela!

Silvio Pellico e Xavier de Maistre, apesar de grandes espíritos, não desdenharam registrar as suas impressões do cárcere e até da alcova; logo eu, pequenino e obscuro espírito, posso bem fazer da minha torre dolorosa um palanque de onde observo, analiso e sorrio, comparo... foi talvez pela lei dos contrastes que pensei d'aqui em Paulo Barreto, viajando, em Paulo Barreto tonificado pelo saudável inverno europeu, com os olhos cheios de espetáculos novos, imprevistos, e de rostos também novos, e de sorrisos mais atraentes pela novidade; e tão tristemente senti a minha desvantagem, que depressa me ocorreu a insidiosa ideia de fazer de amigo do senador Malaquias e aproveitar-me dos elogios ao brilhante confrade ausente, para introduzir manhosamente umas coisinhas a meu próprio respeito... *Ça y est...*

É agora, leitores, tenham paciência... Já falei. Pronto!

*** *

Duas festas artísticas se preparam neste momento, uma em Petrópolis, outra aqui. E, para evitar os assuntos tristes que nunca faltam e tanto afetam a nossa sensibilidade, como, por exemplo, o súbito e lutuoso desaparecimento do Dr. Franklin Sampaio, obedecerei à ordem convencional das coisas deste mundo, abafando a lágrima inútil com o riso social, máscara indispensável a quem marcha entre os seus semelhantes, obrigado a distraí-los.

Duas festas artísticas, pois, se organizam. Uma delas terá lugar em Petrópolis, privilegiado cenário com os seus arvoredos augustos, que contam lendas imperiais, e os seus

elfos brancos escondidos nos cálices cheirosos das magnólias, e as suas águas cantantes fugindo entre margens verdes como anseios caprichosos de uma menina faceira: e ao verdor dessas árvores, aos soluços desses rios e ao aroma dessas flores, é que Paulina de Ambrosio dará o seu concerto, com o concurso de Arthur Napoleão, o querido mestre, e de Mlle. Zevacco, a inteligente cantora.

Todos conhecem a soberania de Paulina, quando sobe ao palco com o seu violino entre os braços, pronta para as dolentes melodias ou os poderosos alentos que vão empolgar o público, já de antemão conquistado pela gentil figura morena e nervosa, ali de pé, a mandar-lhe a saudação despresticiosa dos seus largos olhos negros, cariciosos ou ardentes, conforme a expressão que alternativamente tomam.

E a artista apaixonada que ela é, se alia efetivamente a uma menina boa e simples que todos amam, independente do seu talento. Saberão os veranistas de Petrópolis, compreender devidamente na noite de 14 da corrente, todo o valor da violonista e todo o encanto da *giovinetta*?

A julgar pelas pretensões, de arte desse meio *snob*, é provável que sim, e que no salão do Club dos Diários, repleto de casacas pretas e de decotes brancos, retumbem os aplausos, glorificando Paulina, o maestro Arthur Napoleão e a graciosa Mlle. Zevacco.

A outra festa artística, que se realizará a 12 deste mês, é menos pomposa, mas talvez mais risonha, temperada com o condimento picante da novidade, da graça e do chiste.

Se há pessoas de gostos elegíacos que se abandoam à doçura calada das harmonias, alando as almas à região dos sonhos e das fantasias – e sou eu talvez uma delas – outras preferem o espírito leve que perpassa em uma copla brejeira bem sublinhada, no gesto petulante e gracioso, na desenvoltura elegante de um passo, de uma flexibilidade da cinta fina e redonda, que se quebra como junco airoso aos rufos do pandeiro travesso.

No gênero *vaudeville* e da opereta, possuímos nós uma artista que não tem rival – o que não impede que ela seja também deliciosa na comédia moderna, interpretando papéis de *coquetterie*, finura e malícia. E quase não preciso mais dizer que me refiro a Cinira Polonio.

Dá-se um engano entre as candidatas à arte dramática, qual o se suporem que podem aspirar a um destaque no palco sem a educação e instrução iniciais que lhes consintam compreender bem a psicologia dos seus papéis que lhe são confiados, a intenção dos autores, a sutileza dos sentimentos exprimidos nos diálogos das peças que representam. E assim ignorantes, não sabendo muitas vezes o sentido das palavras que pronunciam, mas julgando que com uns esgares, umas contorções do corpo, uns denges sensuais, terão preenchido perfeitamente os seus papelejos, ei-las interpretando pretensiosamente peças importantes e estragando-as, assassinando-as, sem consciência da barbaridade que praticam.

Pois bem, é o que não sucede com Cinira Polonio, que recebeu uma educação finíssima, desde a infância, e

mais a burilou com repetidas excursões à Europa, onde foi apurando a sua graça de mulher *chic* e o seu talento de *diseuse* e atriz.

Em Lisboa, mereceu ela da poderosa pena de Ramalho Ortigão o mais lindo, o mais fulgurante artigo, celebrando a loira *divette* brasileira que andava a fascinar o chiado com a linha encantadora das suas *toilettes*, sobretudo de um certo **paletó** de inverno de grande alfaiate, que deu na vista do autor das *Farpas*, e cuja fina voz de cristal era a maravilha dessas noites, no teatro. E se o tempo corre, o encanto da loira *divette* não se apaga e é sempre ela, ela mesma, a Cinira Polonio, que vai dar a sua festa artística a 12, com uma peça seu espírito, e mais uma revista de sucesso, e, enfim, uma marcha orquestrada da sua lavra: *A guarda civil*, porque a beneficiada é também compositora, e que regerá ela própria, com seu gesto airoso dos seus belos braços.

Desejo à inteligente artista o mais brilhante êxito.

Carmen Dolores.

A SEMANA 14/02/09 [8900]

Seguramente, durante esse belo festival realizado em Petrópolis, domingo último, com o fim de auxiliar o levantamento de uma estátua a D. Pedro II, enquanto ressoava pela sala do palácio de Cristal o verbo eloquente do Dr. Alcibíades Peçanha, evocando a branca figura do saudoso e venerando imperador, um vulto como tecido de claridades foi visto pairar sobre a assistência, espalhando luz ideal de um enternecimento de além-

túmulos pelo recinto onde essa manifestação rompia a ingrata apatia da cidade imperial. Embora não pudesse um republicano dizer quanto era preciso sobre as múltiplas formas da sublime elevação moral do extinto soberano, por ter de atender a reservas impostas pelo *regímen* vigente, ainda assim muito disse o ilustre orador, arrastado pela emoção que sugeria o assunto; e, sem dúvida o luminoso espírito aí presente recolhia essas palavras do representante daqueles que há vinte anos fizeram baquear a monarquia no Brasil, e exultava docemente com elas – porque enfim significavam o que sempre sorri à própria alma desinteressada dos mortos e é o restabelecimento, apesar de tardio e inútil, da verdade e da justiça, que consolam até as sombras dos que sofreram na terra.

Falando sobre o monumento que se vai erigir em Petrópolis, precursor da repatriação do sagrado ataúde que a Pátria reclama, teve o Dr. Alcibiades Peçanha palavras formosas, imagens inspiradas, que as suas opiniões políticas generosamente realçam. Mas foi quando ele se referiu ao parque natural que é Petrópolis, cidade ridente e viçosa trespalmando perfumes, antigo e amado refúgio desse que a fundou e sagrou sua e da sua dinastia por meio do forte selo moral da posse, do habito e da lenda, a despeito de quantos poderosos levantem aí os seus palácios mais ricos e modernos, custando ao povo exausto milhões de impostos e um mundo de privações – foi então que o brilhante tribuno fez vibrar com maior intensidade a nota sempre dolorosa das reminiscências, acordando a saudade em muito

daquele salão que tinham conhecido ao vivo quanto a oração imaginosa descrevia nos seus arroubos poéticos.

E um suspiro ansiado partiu de alguns peitos, evolou-se no espaço onde palpitavam estranhas claridades, foi juntar-se ao gemido que desferiam os lustres de cristal – som de harpa eólia chorando o desaparecimento eterno de um justo, de um mártir, de um santo, encanecido na pratica do dever. Ao mesmo tempo, em todo Petrópolis, como desperto de um torpor, as árvores rumorejavam, ciciando coisas do passado, as flores do velho e silencioso jardim imperial balouçavam-se nas hastes, aproximando corolas pálidas, túmidas de evocações e gotas de pranto, os rios corriam mais queixosos, trocando um abafado murmúrio de soluços – e de tudo, dessas árvores, dessas flores, dessas águas, das próprias estrelas piscando com um brilho triste no céu nevoado da cidade serrana, a evidencia fugia de uma lembrança inapagável que a palavra quente de um orador, mesmo republicano, bastara para avivar, reacendendo um amor sempre fiel, um culto sempre profundo, até no seio da passiva natureza e dos astros flutuantes na atmosfera petropolitana.

Eu não sei o que anda na sombra, mas sei que na luz dessas serras vive e viverá eternamente a lembrança de D. Pedro II – imagem gravada no fundo de todos os corações, como a refulgência do sol fica estereotipada no fundo de todas as retinas.

E se a distinta comissão organizadora do monumento projetado para perpetuar a memória do grande brasileiro, conseguir os fundos necessários para efetivamente erigir

em uma praça de Petrópolis, entre as montanhas que ele tanto amou, a velha e majestosa figura modelada em rijo bronze do extinto soberano, que terna romaria se fará em torno desse bloco inanimado, mas perpetuando Aquele que todos amaram, todos veneraram e todos prantearam à hora terrível!

Pela minha parte, como detesto a novidade e o *rastaquouerismo* nesse doce ninho das minhas mais peregrinas impressões, será logo à estátua de D. Pedro que dirigirei meus passos, em subindo à cidade das brumas poéticas: e erguendo para esse bronze os meus olhos marejados de lágrimas, eu lhe ofertarei um ramo das flores locais, tão belas! azaleias, cravos, hortênsias, violetas, rosas, e lhe direi em uma queixa triste:

“Imperador! Pai! Contigo eu tudo perdi na minha Pátria!...”

* * *

Voltando, porém, ao presente, com todas as suas galopantes inovações, febres e vertigens, e quando no próprio mundo clerical, de cujo seio só exemplos edificativos deviam partir, escândalos se alastram, noticiados com títulos de sensação para Gaudio dos papalvos, não é muito que a crônica semanal registre, como elemento de contrapeso, essa história sucedida num expresso italiano, perto de Ventimiglia, e toda em honra de um bispo e de um vigário geral regressando de Roma.

Escreveu um dia Alphose Karr:

*“Un homme désire dans son regard; une femme se donne dans le sien...”*⁷²

Pois, nesse expresso, rolando furiosamente pelas terras da Itália, ao aroma das laranjeiras capitosas, três mulheres não uma só, se entregaram, não também num único olhar, mas em muitos, e provocantes, convidativos, ardentes, aos dois eclesiásticos em viagem no mesmo carro – e todavia, a virtude de nenhum deles perigou, oscilou, tremeu, e ainda menos claudicou!... Um triunfo em toda a linha – moral, clerical e... férrea, até a estação próxima, onde as damas de pupila inconveniente foram mandadas sair, com inexprimível satisfação dos sacerdotes indignados, vermelhos e cansados de agitar o sinal de alarma, que vinha a tilintar pelos campos devorados pela locomotiva, como gritando a todos os ventos:

“Socorro! Há neste trem dois santos em grave perigo, ameaçados na sua inflexível virtude!...”

Respondia-lhes o berro irônico da máquina – e eles de olhos no breviário, e elas de olho neles, perversas, audazes, mostrando os dentes brancos e as rendas íntimas, fazendo rescender mais vivos os perfumes dos vestidos *sans dessous*, colados às formas sinuosas como as da cobra original, mãe do pecado, e que o bispo e o vigário esconjuravam baixo, ciciando ente os beijos secos:

“Vade retro! Vade retro!”

Evidentemente, segundo as notícias essas três mulheres elegantes pertenciam ao gênero das desclassificadas e profissionais, usando como campo de operações dessa linha de Ventimiglia a Nice – foco azul e ouro de todos os apetites. Mas por isso mesmo, praticas no

⁷² Um homem deseja com seu olhar; uma mulher se oferta com o seu.

ofício da sedução graciosa que enleia, perturba e arrasta, e cinicamente lindas, cinicamente engenhosas e matreiras, passando do tímido recato aos risos livres que desafiam, haviam de ter essas ousadas pecadoras esgotado todos os recursos para vencer a resistente gelidez dos santos varões à sua frente. E tanto mais digna de admiração se me afigura a virtude deles, justamente porque a qualidade das tentadoras excluía a responsabilidade de qualquer rápido desfalecimento da resistência, ao mesmo tempo que a vivacidade experiente das ousadias como que explicava essa mole, essa culposa, mas humana rendição de dois homens enfim vencidos, fracos...

Sim, incontestavelmente, nestes tempos de progresso, em que padres namoram na rua, nos bondes, até nas igrejas, padres amam, padres despem a batina, padres casam, deixam crescer o bigode profano e aceitam todas as responsabilidades viris dos seus atos e da vida prática, esse bispo e esse vigário geral regressando de Roam, ungidos da graça, cobertos de medalhas e resistindo assim ao pecado fácil e sem consequência, erguem-se tão alto nos anais da virtude eclesiástica, desde o papa Alexandre VI – esse Borgia apaixonado pela própria filha – que merecem ambos um lugar de honra entre os ministros da religião católica.

Somente... ó irreverência dos tempos! O ceticismo risonho é agora tão geral, que alguém, ao comentar o belo e nobre incidente discutido nesta crônica, terminou dizendo:

“Eles, se resistiram no trem, é que eram dois...

O bispo teve medo das indiscrições do seu inferior, e o vigário temeu a memória, depois severa, do seu superior...

Mas, se estivesse cada um deles sozinho, ninguém teria ouvido retinir o sinal de alarme... Positivamente!...”

Aqui, uma alegre gargalhada, algumas considerações pessimistas sobre a virtude dos homens em geral, padres ou não, e um vivo embaraço meu, após tantos elogios à sólida resistência dos dois sacerdotes italianos.

Como sair de tal passo? O melhor é calar-me. E assim faço, que o silêncio é ouro...

* * *

Um lindo, lindo artigo, não acham? O de Thomaz Lopes, publicado sexta-feira, nesta folha, XIV da série das crônicas sobre Montevideu e tendo por título: *Capurro – Um bosque e uma praia*.

Eu gosto muito dos escritos de Thomaz Lopes, não só porque ele é realmente um excelente prosador e tem demais viva a faculdade de descrição; sempre colorida e pitoresca, mas, sobretudo, porque a sua maneira de trabalhar é absolutamente isenta dessa **pose** dos que tem a mania de fazer prosa de arte, limando e arredondando períodos, rebuscando expressões, tecendo as linhas como quem borda à seda frouxa em um bastidor, procurando efeitos, na visível preocupação de agradar a terceiros.

Thomaz Lopes, não, tem o belo dom da espontaneidade: o seu estilo corre tem clarões imprevistos, ora manso e liso, ora violento, obedecendo às rajadas que sacodem o espírito do

genuíno artista, quando impressionado por uma ideia.

E a crônica sobre essa praia de Capurro, criação da moda e da elegância, mar morto, sem a fúria das ondas e dos ventos de Pocitos e Ramires, onde contudo se reúne aos rumos das músicas e ao zum-zum das vozes, a fina flor da sociedade montevidense – essa crônica é um primor.

Carmen Dolores.

A SEMANA 07/03/09 [8920]

Segundo as notícias, foi inaugurado quarta-feira, na cidade serrana, o novo Gymnasio de Petrópolis, estabelecimento filial do colégio Pio Americano do Rio de Janeiro.

E eu não sei o que mais admire: se o belo arrojo de consciência que já impeliu o DR. Lobato, diretor dessas casas de ensino a despir a sotaina de padre em desacordo com os verdadeiros sentimentos da sua alma, adversa à hipocrisia, se a estupenda coragem de que ele hoje deu mostra, instalando intrepidamente o atual ginásio, ele, *défroqué*, num meio todo clerical, onde a intolerância religiosa hasteou o seu pavilhão mais alto, mais autoritário e dominador, como firmando a posse de um a região conquistada a golpes de jesuitismo, audazes e solapadores.

Conheci o diretor do colégio Pio Americano quando ainda padre Lobato; e confesso que nenhum juízo pude então formar a seu respeito, tanto a batina esbate os contornos de qualquer caráter, por mais viril que

seja, condenando-o às linhas vagas, uniformes e monótonas que a dissimulação eclesiástica exige, como garantia da classe.

Desde, porém, que esse sacerdote de espírito claro e avesso à mentira, sentindo que lhe faltava fé, não hesitou em arrostar o monstro do preconceito com inabalável energia e formosa sinceridade, a preferir a paz consigo próprio ao sacrilégio do fingimento diário ao pé dos altares, o seu vulto foi assumindo aos meus olhos um aspecto novo, e crescendo, crescendo em importância e prestígio, como rara figura da verdade.

“Eis um homem!” disse comigo, assombrada e feliz. E quisera apertar-lhe a mão, felicitar essa força íntima que assim se afirmava tranquilamente à luz do dia, dando costas ao mistério cobarde, à dobras, à tartufice, para apresentar o peito descoberto à lapidação das injúrias.

Pois bem, é esse mesmo homem corajoso e firme que acaba de ousar um novo ato de serena confiança no seu direito, indo montar em Petrópolis, um magnífico ginásio leigo, imperturbável ante a insidiosa guerra que o partido clerical da terra não tardou a organizar contra o seu denodado tentame.

Compreende-se: a corrente beata que estabeleceu um cerco em regra na linda cidade de *villegiatura*, entregando exclusivamente a educação infantil na mão dos padres e irmãs da caridade, com o fim de preparar todos os elementos adesivos para o futuro, fortalecendo mais e sempre mais as hostes jesuíticas, fechando fileiras, banindo de todo o ponto do seio de Petrópolis qualquer elemento em

desarmonia com a catequização empreendida – essa corrente só podia ver com olhos desconfiados e prevenidos a instalação de um colégio laico no seu próprio centro.

Como no coro dos punhais dos *Huguenotes*, houve sem dúvida, confabulações em tom de murmúrio, e avisos, crescendo de cólera, uma geral conspiração tramada em todos os pontos da cidade contra o intruso que vinha perturbar a marcha tão próspera do monopólio clerical. Sacerdotes, no confessionário, aconselharam às mães que nunca pusessem seus filhos nesse colégio regido por um... **imoral**, que despira a batina sagrada para viver em sossego com a sua consciência. Tentaram a subordinação dos jornais – e observei ainda ontem a diferença flagrante e odiosa de duas notícias de inaugurações, mandadas de Petrópolis; a do Collegio de S. Vicente de Paulo, agora instalado no antigo palácio imperial, que já serviu de Collegio de Sion. Eram quatro linhas secas para o primeiro e um longo engrossamento para o segundo.

Alguém, finalmente, que assumiu a chefia do movimento religioso em Petrópolis, não cessa de entreter renhida campanha falada, escrita e murmurada, a todas as horas do dia e da noite, nas ruas, nas casas, em visita, nas barcas, em qualquer parte, contra o direito do Dr. Lobato, abrindo o seu ginásio nessa cidade; e fica-se pasmo, assistindo a tais manobras, que realmente não assentam bem em membros de uma religião de doçura e bondade como é a de Cristo. Parecem mais sectários fanáticos de um partido feroz, tendo por mira o exclusivismo

do seu domínio, sustentado por todos os meios, com insidia ou violência.

No entanto, que faz o Dr. Lobato? Presta um serviço importantíssimo a Petrópolis, porque, além de oferecer aos seus habitantes um colégio másculo, bem moderno, aperfeiçoado, com excelentes professores, mantido no pé do nosso progresso, formando homens e não tartufos, concorre, sem talvez ele pensá-lo, para restabelecer um bocadinho de equilíbrio nesse temeroso movimento que, sem encontrar peias diante de si, foi tudo invadindo, avassalando, transformando, pela ausência completa de qualquer elemento combativo ou comparativo que assim lhe entregou uma cidade amolecida e inerte, sem mais a faculdade do raciocínio e da reação.

Lembro-me da cantiga da Saloia:

**“Minha mãe era saloia
Eu saloia sou também...”**

Em Petrópolis pode-se cantar na mesma toada:

**“Minha mãe era beata,
Eu beata sou também...”**

E foi cantando deste modo que todo mundo se deixou ir, cedeu à onda, cerrou pálpebras do perigo solapador, que veio cavando, cavando...

Deus da misericórdia! Quanto já tem ele cavado nestes oito ou dez últimos anos! Chega a ser simplesmente pavoroso.

É evidente, portanto, que se deve considerar o ato do Dr. Lobato, estabelecendo em Petrópolis o seu colégio filial, do mais alto alcance moral nas condições melindrosas que esse lugar atravessa.

E não hesito em augurar a esse educador enérgico e experiente, de ânimo viril e vontade decidida, o mais brilhante sucesso, se, como espero, a guerra local não lhe esgotar a paciência.

Felizmente que o ginásio de Petrópolis tem como fiscal do governo federal um homem que também reputo impávido, forte, e poderá coadjuvar os interesses do mesmo estabelecimento contra o surdo combate aí travado na sombra. É um distinto engenheiro bem conhecido lá e aqui.

Mas, senhor! Por que essa sombria hostilidade onde há espaço para todas as opiniões? Por que não se respeitar o livre arbítrio de cada um?

Agora mesmo em um próximo Estado nosso, diversos seminaristas renunciaram às ordens, alegando casos de consciência, dúvidas incompatíveis com a carreira eclesiástica. Em outro lugar, quatro padres despiram a sotaina, por haverem perdido a fé nos ritos da igreja.

Que fazer a isso? Antes sinceros nas suas ações, do que hipócritas na continuação de uma simples aparência.

Depois, há contradições singulares e que até provocam um sorriso... Quando a muito fina e distinta superiora do colégio de Sion se achou em apuros para terminar as obras do novo edifício em frente à estação, onde hoje funciona o referido colégio, teve de obter um empréstimo para esse inadiável fim.

E onde encontrou a juroz favoráveis?

Numa sociedade alemã, protestante, estão ouvindo? **pro-tes-tan-te**, cuja primeira intenção de fundar um hospital para os doentes

estrangeiros da febre amarela, fora anulada pelo desaparecimento da mesma febre, e que não pôs dúvida em colocar o seu capital ao serviço de um colégio católico, que o aproveitou. Logo, nessa ocasião, a intolerância religiosa de Petrópolis aceitou perfeitamente que a casa de ensino de Sion concluísse as suas obras com dinheiro protestante; hoje entretanto, ruge e conspira porque um colégio leigo se instalou na cidade, dirigido por um cidadão que em tempo compreendeu ser mais útil à humanidade trabalhar às claras por ela, com retidão e atividade, do que fingir virtudes e cicizar *oremus!* desmentidos pela consciência...

Ora, pelo amor de Deus! Petrópolis que se aquiete e abra espaço ao novo e brilhante ginásio, porque essas formosas praças e avenidas não pertencem só aos clericais, do mesmo modo que a alma dos adolescentes que aí se educam não são escravas, que me conste, desse poder senhorial que pouco a pouco e mansamente, vai transformando a cidade serrana em um burgo da beatice...

* * *

Escrevo estas linhas sob o calor sufocante das 11 horas da manhã, vendo o sol de brasa crestar os meus bogaris e as minhas rosas — e exasperada contra o correio que agora não me fornece mais jornais e correspondência, em Botafogo, bairro que chamam privilegiado, senão depois desta hora cruel.

É curioso: fora daqui, tinha eu jornais mais cedo; em plena capital, recebo-os assim demorados... quando os recebo. E nada posso dizer, porquanto os dois carteiros desta zona

chegam por tal modo esfalfados e dignos de lástima, tanta rua tem eles sozinhos de percorrer, que a impaciência e o descontentamento se calam, vencidos pela pena dessa fadiga exaustiva. Mas então, por que não destina o correio maior número de carteiros a este lado da cidade?

Outro abuso. Outrora, quando se edificava uma casa entre outras vizinhas, já sabia a gente que tinha de aturar das 5 horas da manhã às 6 da tarde, uma espécie de coro de um dos atos do *Trovador*, marteladas, música de carpintaria, cantigas de pedreiros – um inferno, mas que terminava ao entardecer, permitindo à rua o restabelecimento da paz noturna. Só ficava ali, de pé, o arcabouço da construção, com sua lanterna suspensa dos andaimes.

Pois agora o costume é outro, pelo que vejo. Na travessa Salomão estão levantando dois prédios e, a princípio, em uma cabana de tabuas e depois no próprio interior da construção, em osso, apenas coberta em parte de telha, instalou-se um grupo de trabalhadores, aí vivendo, comendo, jogando cartas à noite ou tocando sanfona, brigando, contando aos gritos, casos escabrosos, em baixa gíria e fazendo enfim, do local, um verdadeiro monturo... Não há encanamentos... Calculem! Os mosquitos pululam... E a higiene? A higiene, a dois passos, cochila, não vê...

Carmen Dolores.

A SEMANA 04/04/1909 [8948]

A viagem presidencial, tufões, chuvas, insucesso da companhia dramática Arthur Azevedo em S. Paulo, triunfo da Clara Della Guardia nesse mesmo Estado, a próxima *season* teatral no Rio – eis o assunto destes sete dias, que se oferece ao comentário.

É muito pouco. Mas que se há de fazer? A agonia do verão promove uma época de transição muito aborrecida, em que escasseia toda a novidade.

A propósito, porém, da companhia Arthur Azevedo, supôs Sra. Lucilia Peres que entraria altivamente na capital paulista como uma Réjane, anunciada por clarins, conquistando críticas e opiniões só com alguns torcicolos exagerados, certos trejeitos afetados da boca e do queixo, que muito conhecemos, uma languidez mórbida que às vezes derreia os seus fortes pulsos, e esse soluço que agora adotou como mais alta expressão de sentimento nas comédias modernas – *La rafale*, por exemplo.

Ela pensou isso, pensou, e subiu ao palco do Polytheama como a celebridade já segura de uma brilhante vitória, que a vingaria das recentes e repetidas derrotas cariocas. Ai! não contou a pobre Lucilia com uma coisa: é que o povo paulista alheio a estas nossas convenções elogiosas, que supomos animação, e foi o que justamente estragou a atriz, ia julgar a chamada primeira intérprete do nosso teatro nacional, a primorosa! a extraordinária! Pelo que ela desse de si... E o resultado foi isso que vimos: uma frieza polar de arrefecer brasas...

Então diante de tal acolhimento, chegou até nossos ouvidos abatidos a declaração cruel, a ameaça pavorosa de um afastamento do Rio que nos cobre de luto.

Vejam só: levantamos o ídolo e o ídolo quer deixar-nos agora, por despeito, por ingratidão, ou porque ainda nutre porventura projetos de alguma tremenda desforra!

Fala-se em Lisboa como o sitio preferido pelo orgulho revoltado da artista brasileira, mal apreciada pelos patrícios. E se assim acontecer, veremos este feito curioso: Lucilia Peres a estudar com o exagero de todas as imitações os sinuosos ademais da fina Lucilia Simões, que ela pretende copiar, e acentuando por tal maneira as reviravoltas do pescoço e as contrações da mandíbula, que despertará nos seus amigos o mais sério terror de uma deslocação desses músculos. Se só de bocejar muito a gente desconjunta os queixos, imaginem então o efeito desse jogo desabrido, de todos, todos os tendões faciais!... É atroz!

Ao mesmo tempo, por aumentar o seu sotaque português, a fim de fingir de aflautada lisboeta, e considerando-se a rapidez vertiginosa da sua elocução, acabará Lucilia Peres por se fazer ainda menos entendida lá do que aqui – e a consequência será, para os espectadores que apanham de longe alguma frase, a ilusão de uma cena de mímica, quase seção de cinematógrafo, em que a heroína, pela gesticulação excessiva, parece dizer muita coisa e nada, entretanto, se escuta cá da sala.

A Clara Della Guardia, como contraste vivo desse feitio artístico,

agradou em S. Paulo, segundo os telegramas, como agrada em toda parte, pela sobriedade do seu jogo, pela admirável interpretação que dá aos seus papéis, pela beleza típica da sua máscara de atriz conscienciosa e séria, que desdenha macaquices e *ficelles*, consciente da importância da sua arte, quando nobremente exercida.

E como não havemos de aplaudir, se ela nos traz o glorioso fruto de um verdadeiro estudo que lhe desenvolveu e apurou o talento, e não simplesmente as fumaças de uma vaidade, fosfórica, sem a base sequer de uma instrução primitiva, que acerta por acaso hoje, amanhã já desacerta, leva a ensaiar caprichosamente efeitos tolos, sem saber o que faz, e ainda por cima se possui de tão oca e ridícula enfatuação, que chega a ser grosseira com aqueles que superiores por toda a sorte de razões?

Ora, S. Paulo refletiu entre a Clara Della Guardia e a Lucilia Peres; e optou pela primeira. Está claro que andou muito bem. E o gosto não se impõe, do mesmo modo que o amor.

Se uns apreciam caretas ou se julgam na obrigação de aplaudir-las outros pensam diversamente. A culpa é de quem tendo tido elementos para triunfar na carreira dramática, desprezou-os por fanfarronada, acreditando em poder logo abrir voos sobranceiros de condor, quando para isso lhe faltavam asas.

Verdade é que em terra de cego quem tem olho é rei; mas mesmo assim, mais gentil modéstia houvera melhor suprido a falta de envergadura para subir aos ares da fama, como balão sem gás. E agora é tarde!

Patatrás...

Vamos apelar para o futuro teatro nacional, que o presente, coitadinho! parece bem reduzido a zero... Não fora a Cinira Polonio!...

* * *

Mas, ainda a propósito de S. Paulo, pois que é esse Estado que atualmente mais fornece notícias sensacionais, seria impossível a esta crônica não se referir ao caso do Sr. Ignacio Arruda, ministro do Tribunal de Justiça, e do coronel Eloy Pompeu de Camargo, esse homem infeliz que tem todas as simpatias das pessoas de coração.

Deus me livre de meter o bedelho na espinhosa questão dos juizes que não obedecem estritamente à justiça, de que se dizem intérpretes e em cujo nome obram. Nenhuma competência me assiste para tratar de tão grave assunto, que assusta os próprios entendidos na matéria, como receosos, assim pelo menos parece, de não encontrarem a clara luz da insuspeição em certas sentenças discutidas pelos interessados e pela voz do povo.

Não! Deus me defenda de entrar por esse perigoso labirinto de ideias; mas como mulher, de alma aberta aos sentimentos da piedade assente numa justa base, eu não posso deixar de ser contra o ministro Arruda, esse juiz que conhecia as condições pungentes do coronel Eloy, que via um pai de família esbulhado de todos os bens que possuía legitimamente, baixando aos expedientes para matar a fome de seus filhos, oferecendo-os a um trabalho inferior e ainda assim os vendo repelidos, por incapacidade física de rapazes de outra educação mais alta, e lutando – esse pobre chefe de uma casa a esboroar-se – e envelhecendo, e torturando-se, e morrendo em vida,

sem que a sua consciência de órgão da justiça acordasse ante tamanha e imerecida desgraça de um homem.

Debalde chegavam os mais favoráveis pareceres dos importantes juriconsultos a que recorreu o coronel Eloy. A razão aparecia, toda a seu favor; a verdade se impunha... O juiz, porém, com uma penada, favoreceu a gorda e pletórica fazenda nacional e condenou o desventurado chefe de família a morrer de miséria com os seus...

Oh! deveras o meu espírito se revolta quase sempre contra os atentados à vida, mas no caso do coronel Camargo, não sei! eu creio que faria o mesmo que ele. Contra o uso do poder para praticar injustiças clamorosas, sob um falso manto de pura integridade, só mesmo um tiro. A gorda fazenda nacional que indenize agora o juiz da perda do relógio que a bala esmigalhou. E há de indenizar, não haja dúvida... Quanto ao antigo fazendeiro, outrora abastado, venturoso e tipo de honradez, esse é que ficará mesmo espoliado da sua fortuna e reduzido à penúria, ainda que o tribunal do juiz o absolva do seu ato de loucura e desespero. Como não?

Assim o quis o tribunal mais alto, que foi representado pelo Sr. Arruda...

Mas uma coisa eu asseguro a este último: não lhe há de dar felicidade essa sentença com que desgraçou um homem... Não! Tenha certeza disso.

* * *

Cumpra agora que estas duas últimas tiras me sirvam para agradecer tantos e tantos livros e trabalhos que cobrem a minha mesa, sem que me sobre tempo para a justa referência que merecem. Como não sou crítica, dou a

minha opinião despreziosamente, sem achar que ela vale alguma coisa: mas a minha gratidão a essas ofertas é muito sincera e profunda. Assim também o meu apreço.

O livro *Sangue*, de Costa e Silva, do Recife, é escrito com nervo e energia, contendo bonitos versos, como, por exemplo, os que abrem o volume, dão o título a essas páginas e são realmente sanguíneos e fortes:

...essência vital do sentimento,
Que, rubra, móvel, plástica,
incendida
Sobe do coração ao
pensamento,
Circulando nos vórtices da
vida.

Lindas também as *Poesias* de Vieira da Silva, da Academia Maranhense, e ingênuas e doces as narrativas e historietas em prosa que, com o nome poético de *Natal*, publicou o Sr. Astolpho Marques, outro acadêmico do mesmo Maranhão, tão fértil em homens de talento.

Confessarei agora que olho receosa para outros livros e folhetos que percorri conscienciosamente, mas sobre os quais não me julgo apta para escrever uma só linha. Assim, o *Século vigente*, do Sr. Affonso Duarte de Barros; a conferência *Sorteio militar*, do Sr. Alberto Jacobina – assunto de que tenho muito medo, para ainda o discutir; *Methodo de tachygraphia*, do Sr. Amaro Albuquerque, que me pareceu claro, bem compreensível, e alguns mais de que outra vez me ocuparei.

Por hoje mais nada, senão uma referência ao novo jornal das senhoras: *A vida elegante*, que é interessante, começa a viver e deve ser acoroçoado

por aquelas a quem se dedica com arrojo e arte... Uma linda tentativa: e por que não animá-la?

Carmen Dolores.

A SEMANA 02/05/09 [8976]

Poderá alguém que nunca assistiu a um terremoto, imaginar ao vivo esse tremendo horror que ultimamente tem assolado tantos países do nosso globo?

Não creio que se fechem os olhos, concentrando o pensamento numa visão imaginária, baseada naquilo que se lê, e se ouve contar, e se a ideia, de casas oscilando e caindo aos pedaços, de sinos badalando sozinhos, como se uma formidável mão agitasse as enormes torres de granito, de pessoas surpreendidas pelo mortal balanço nos momentos mais aprazíveis ou descuidosos da vida e morrendo em clamores de pavor, em correrias de pânico, esmagadas ou engolidas pelas fendas que abre a terra como bocas infernais, levando ao abismo do fogo – toda essa imaginação não representa, felizmente, a realidade, porque uma coisa é ver e outra é fantasiar.

Nós, aqui no Brasil, temos a suprema dita de só imaginar, longe das cenas atroz que o telegrafo descreve com a sua concisão seca e brutal; mas se a fantasia basta por diante da nossa retina espavorida espetáculos horríficos, calcule-se o que há de ser desempenhar neles um papel, tremer de susto, com os cabelos eriçados, abraçar os filhos para fugir com eles e ver desmoronar as escadas por onde se precipitavam os passos desvairados; correr a uma janela, afim de saltá-la, e sentir que ela desprende e baqueia no

espaço; atirar-se pelas ruas, percorridas em ameno passeio, minutos antes, e só ouvir fragores, uivos, quedas de paredes, imprecações, pedidos de socorro, entre nuvens de calça, fumos de incêndios e clarões de chamas...

Não, deveras, tudo quanto se fantasie, deve ficar sempre aquém da verdade verdadeira.

E quando penso em Lisboa, essa flor do Tejo, pitoresca e linda, pátria de Camões, ameaçada estes dias pelas caretas da terra ebullitiva e feroz, que pode de um instante para outro repetir as cambalhotas trágicas de 1755, que arremessaram ao outro mundo trinta mil pessoas – um terror tão profundo me enche o peito, que nem sei exprimi-lo, suspensa e batida. Todos esses caprichos sinistros da crosta do globo são positivamente terrificantes, por isso que o engenho e a força do homem se acham impotentes diante de tais fenômenos.

Nada a fazer: nem a fuga salva. Como em Messina e Reggio, o próprio mar se coliga contra a criatura em busca de salvação. E é cruzar os braços, aceitar a catástrofe, sentindo o éter azulado que nos cobre tão belo! Indiferente, como tudo quanto é indigável, aos pavores e às agonias cá de baixo.

O próprio Marquez de Pombal, esse onipotente D. Sebastião José de Carvalho e Mello, arbitrário, despedaçando tudo quanto resistia à sua vontade indomável, vencedor dos Távoras, dos Aveiros, dos avassaladores jesuítas, mais rei, como ministro, do que mesmo D. José I, soberano de Portugal – que pode ele contra o terremoto que destruiu

Lisboa? Só enterrar os mortos, cuidar dos sobreviventes e reparar as ruínas da cidade destruída.

Eis porque, evocando o berço lusitano dos meus avós, tenho o espírito sobressaltado, temendo novos infortúnios para esse simpático rei quase menino, apenas de buço e olhos ainda puros, o atual monarca português, que já assistiu à trucidação dos seus e vive hoje sob o medo de assistir ao arrasamento do seu reino por forças ainda mais temerosas, por invencíveis, do que aquelas que abateram do trono seu pai e seu irmão, tão desditosos!

Acontece, de resto, que certos edifícios e certos lugares ocupam um recesso especial em nossas preferências.

Esse incomparável convento dos Jerônimos, com os seus rendilhados de granito, faz-me estremecer sob o pavor que as irreverências de um terremoto possam atingir, até a sua formosa rijeza de pedra, à primeira vista inatacável.

Mas que não pode a violência de um abalo da terra? Eis atingida essa fértil região de Ribatejo, onde as debulhas lourejam aos reflexos de ouro do sol de verão. E o Espinho não escapou – o Espinho, que a pena descritiva de Ramalho Ortigão me tornou adoravelmente familiar, com os seus janotas de Lamego, da Regua e de Vizeu, a sua feição alegre de feira, os seus lavradores minhotos ou trasmontanos, de capotes de briche com forro encarnado, as suas batatas e o estourar dos foguetes na estação, à chegada dos comboios.

Pois, a esta hora, a forte gente campesina que Ramalho pintou, anda

aos gritos por fora das suas casas, invocando a misericórdia divina contar a desgraça que a feriu. E se é verdade que Granja e o Espinho são rivais e não se amam, aquela deve, a esta hora triunfar, caso um triunfo seja possível, quando só se fala a fraternidade dolorosa, como no triste caso atual de extermínio e morte.

Não lastimemos somente Portugal, nação irmã: lastimemos também Santiago, Valparaíso, tão flagelada, e Copiapó, e até Kamerum, esse pedaço estranho da África ocidental alemã, tão distante, mas onde vivem criaturas como nós, cujo coração angustiado pulsa de terror sob a pressão do desastre que as assalta.

O fato é que a terra anda muito agitada estes tempos.

Chega a ser de mais. E um pouco de bromureto ou choral talvez lhe fizesse bem aos nervos exasperados.

Terra, ó terra!... *pax vobiscum*...

A humanidade vos estende barcos aflitos e implorativos... Mais calma!

A lei das compensações em boa hora nos traz sempre alguma notícia agradável, depois das más novas; e é assim que, a contrabalançar os lamentáveis telegramas dos lugares assolados pelos terremotos, chegaram-nos de Recife o *Diário de Pernambuco*, anunciando o êxito triunfal do concerto de Arthur Napoleão e Paulina d'Ambrosio no teatro Santa Isabel, daquela cidade.

Como considero o ilustre pianista bem carioca e a notável violinista um querido tesouro aqui da nossa capital, congratulo-me fervorosamente ao vê-los aclamados em toda parte onde se apresentam, proporcionando-me o

mais delicioso frêmito de orgulho e satisfação cá no meu cantinho.

Paulina d'Ambrosio, sobretudo, é a minha *tziganiinha* muito cara, por cujo futuro me interesso com ardor, sentindo nesse cáldido tipo meridional de artista vibrante o cunho de um talento pessoal, independente, que não se subordina exclusivamente a escolas dogmáticas, de frio ensino, necessárias como base, mas não dispensando depois a centelha espontânea de cada natureza.

Em literatura, em música, em pintura, quem pretende ser escrupuloso e unicamente correto, sem um arrebatamento, uma explosão, uma chama própria, lampejos que cortam a monotonia da perfeição regelante, metódica e uniforme como uma marcha fúnebre em *andante* e compasso invariavelmente quaternário, arrisca-se a não inspirar senão uma admiração também compassada; mas nunca empolga.

E empolgar, empolgar o auditório, os leitores, o público, enfim, aí! essa é a suprema felicidade, sendo ao mesmo tempo o supremo objetivo de todos quantos afrontam o monstro de cem cabeças, de cem conceitos e de cem caprichos. Foi com as suas rajadas rubras que Richepin, o cantor das caricias e dos pobres diabos, dos risos e das lágrimas, alcançou a fama que acabou por levá-lo ao pináculo acadêmico, onde pode hoje dar-se ao luxo de ser frio...

Mas o poeta dos *Gueux* nunca o será, com seu temperamento fogoso e exuberante.

Querendo Massenet, o grande mestre, fazer obra por demais castigada em *Esclarmonde*, não

agradou. A ópera pareceu gelada. Faltou a essas páginas, aliás de uma harmonia grandiosa, admirável, um jato de espontaneidade mais vivaz e empolgante.

Mas a Paulina d'Ambrosio, tornando à atualidade nossa, ninguém poderá jamais exprobrar frieza, método excessivo e calculado, limitando o talento a uma questão de irrepreensível técnica. Ela é toda sentimento, vibração, alma apaixonada e vibrátil. E por isso a chamo de *tzigana*, tanto na sua figura morena, nos seus olhos negros e fulgurantes, no seu jogo nervoso, estranho, brilha o *quid* indefinível e agarrativo das organizações eslavas.

É talvez por isso que a ouvi tocar com um instrumento feliz que me empolgou, essa linda cena da czarda nº4, de Jenő Hubay: *Hejre Kati*, em que o ritmo arrasta o auditório para sombras e visões febris que não são da nossa terra.

E só um receio nutro com relação a Paulina: é que o nosso meio não a incite bastante ao estudo sério e insistente cultivo do seu talento. Ah! se ela me ouvisse bastante, quanto estudaria, apesar do cansaço do seu braço juvenil e da certeza desse sucesso que coroa sempre, sempre, o seu aplaudido trabalho!

* * *

Para terminar, mais uma boa notícia. O Instituto Secundário Feminino, fundado pela Sociedade de Estudos Pedagógicos de Professoras do Distrito Federal, vai manter três cursos: um modelado pela Escola Normal, outro livre, de ciências, letras e artes, e outro primário complementar, correspondendo mais

ou menos às escolas complementares francesas.

O corpo docente compõe-se só de professoras municipais, diplomadas, e escolhidas, com todas as aptidões, havendo o prefeito e o diretor da instrução acolhido com entusiasmo esse belo empreendimento, pondo à disposição das mesmas professoras o *Pedagogium*. E sem proveito pecuniário, a nobre ideia desses cursos deve ser altamente elogiada.

Carmen Dolores.

A SEMANA 23/05/09 [8997]

Ando triste... Alteraram estes dias o ofício do Mês de Maria, na igreja de S. João Batista da Lagoa, onde as horas corriam num tão suave e religioso recolhimento, inspiradas de ideias sãs, docemente apaziguantes; e conquanto a época seja toda voltada à correria atrás dos ídolos que a política faz às vezes surgir como cogumelos, o fato é que me pareceu tão séria e descabida a alteração introduzida agora no templo a que me referi, que não acho inconveniente misturar ao boatos politiqueros umas reflexões mais anódinas, mas talvez de maior utilidade para o bem do povo.

Nós não estamos na Quaresma, nem se abriu, que eu saiba, serie alguma de sermões importantes, eloquentes, desses que se propõem a revolucionar sentimentos, a converter ímpios, a bater do púlpito sobre erros e defeitos sociais.

O padre Julio Maria e outros sacerdotes já cessaram de instruir os hereges. E o culto de Maria é tão doce, aparece sempre rodeado de tanto amor,

de tão respeitosa fé, que inútil se me afigura, senão impróprio, escolher um ministro de Deus essa hora meiga para encher a nave de berros e protestos, que ele supõe eloquentes, para lançar invectivas absurdas e fora de propósito entre fieis perfeitamente contritos, quando o seu papel era de tratar ali da Virgem Maria, explicar a sua vida, render preito e homenagem à santa que a igreja este mês vazia venera – e nunca de imitar os missionários na roça, apostrofando furiosamente os católicos presentes.

Li ultimamente numa linda crônica de um colaborador desta folha, que um desses missionários, chegados a pregar por aldeias portuguesas, indagava no jantar que lhe oferecera uma beata, de que é que o povo daquele sítio gostava mais: sermão berrado ou sermão choradinho? Pouco depois, já ciente, esse padre iuvava, cuspia, praguejava, escreve o cronista, em uma predica desvairada e desconexa...

Nós, porém, estamos em Botafogo, não em uma aldeota do Douro, onde as mulheres se rojam pelas lajes, ouvindo um pregador exaltar-lhes o fanatismo da ignorância; e o **sermão berrado**, na verdade, destoa num risonho ofício a Maria, frequentado por gente culta e aliás muito submissa e crente, dispensando berros de pedagogo das almas rudes.

Antes o sermão choradinho que ao menos enternece os espíritos sensíveis, não irritando os outros, que analisam de sangue frio.

Mas, sobretudo, há o seguinte: entre nós, geralmente, o pregador fala mal, encontra com dificuldade a concentração do pensamento, de modo que estabelece, a cortar as palavras,

pausas imensas, a servirem de ponte à ideia embaraçada, que não atina mais com o fio projetado da oração; e isso cansa, cansa horivelmente o auditório, o qual acaba distraído, aborrecido, pensando em outra coisa.

Há dias, nessa igreja de S. João Batista, regorgitante de gente, a disposição dos fieis era visivelmente de um enlevo religioso muito profundo e muito doce.

Vibravam os cânticos. Todos, genuflexos, oravam com unção e fervor. Uma atmosfera de recolhimento e serenidade pairava sobre a nave inteira, ao aroma das flores oferecidas a Maria, ao reflexo dos círios acesos em seu louvor e à harmonia das vozes celestes do órgão. Eis quando a fala possante de homem retumba do altar-mor – e começam as pausas, quero dizer: as pontes, ligando palavras desconexas de uma pregação penosa, que nada tinha a ver com a doce e piedosa Mãe de Jesus.

Estava rompido o encanto...

Que maçada! E que saudade senti da vozinha trêmula e tocante do velho padre Monte! O pregador forte clamava:

“Bossuet... (ponte de silêncio) foi... (outra ponte) um santo... (ainda nova pausa) e um sábio! A sua... envergadura...”

Os humildes, que ignoram quem fosse Bossuet, entraram a cochilar na igreja, mas depressa acordaram, porque a voz dura do orador, agora trovejava contra os pais que não mandam os filhos e filhas para o confessionário, onde o sacerdote vê *as almas regeneradas pelo sangue de Jesus*.

Aqui, baixinho, palavra que não

entendi... Mas o que ficou muito claro, claro até demais, foi a diatribe violenta contra os pais, que esse pregador declara abaixo dos sacerdotes na direção moral dos seus filhos. O menino ou a menina, que não tem intimidade com os seus progenitores, abrem toda a sua alma, contam todos os seus pecadinhos durante a confissão ao padre: logo, o padre é que deve dirigir moralmente a criança e o pai não têm o direito de afastá-la do confessionário. É o caso em que o filho deve obedecer ao seu progenitor, porque, antes de tudo, o sacerdote, a confissão, a purificação das almas, e... *patati et patata*, entre berros e *tremolos* de eloquência sacra...

Deus santo! Confesso eu desde já, purificando publicamente a minha alma indócil, que me senti apavorada! A que vinha todo aquele clamor no meio de um meigo, pacífico e ingênuo culto à Virgem Maria, celebrado respeitosa e por cantos femininos?

Da igreja fugira todo o sentimento religioso, acordadas as criaturas do êxtase de fé ali as prostrava pelas retumbâncias dessa voz, que ia furiosamente, inconvenientemente, pregando aos filhos a desobediência contra os pais, em nome de Deus.

Era a substituição do pátrio poder pelo domínio sacerdotal, exigida por um padre imprudente, em proveito da confissão, em triunfo da invasão terrificante do eclesiástico nos recessos sagrados e invioláveis da família... E que pavor!

Então, enquanto muitos tipos de Steinbrocken iam naturalmente balbuciando ali: *c'est grave! c'est excessivement grave!* eu, calada, repetia apenas, mentalmente, os

mandamentos da lei de Deus, que a religião nos ensina, e não encontrava neles nada do que o padre gritava com tão autoritário ardor. Dizem os mandamentos:

“Amarás a Deus (e não ao padre) sobre todas as coisas.”

E mais adiante:

“Honrarás teu pai e tua mãe.”

Isto é que a religião católica manda, e não aceitar jugos clericais, vitória da batina cobrindo um homem pecador, com todas as taras humanas, como qualquer outro, em detrimento do direito mais belo, mais indiscutível, mais completo, mais amplo que exista sobre a terra, qual o dos pais sobre os seus filhos, nascidos da sua carne, amados pelo seu coração, como um pedaço dele, e criados e educados com carinho, com dedicação e não raro com sacrifício de todos os instantes da vida até o supremo suspiro.

Deveras, se chegarmos a admitir que o sacerdote tem o poder de abalar esse edifício de amor e respeito, orientando o filho contar determinações que porventura julgue o pai de acordo com os seus princípios de educação, é que merecemos ser tratados nesta capital como a gente da roça pelos missionários em *tourné* de sermões berrados ou choradinhos.

Numa povoação aqui do Estado do Rio, contou-me um amigo, certo barbadinho italiano, talvez calabrez, vociferava, apostrofando o povo: - *“De giolhos, canalha!”*

Pois, em Botafogo e sob o governo republicano do Sr. Affonso Penna, não andamos muito longe da apóstrofe do reverendo barbadinho. De *giolhos!* E em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, que também eu

terminei o meu sermão.

Amém! Continue a crônica do dia.

* * *

A sala do Instituto Nacional de Música, na noite de quinta-feira, apresentava o seu aspecto festivo das grandes ocasiões – chapéus ornamentais e cabeças nuas, que melhor diria cabeças vestidas de frisados, fitas, cachos e pompons. Creio que hoje, mesmo sem a copa do chapéu emplumado, mal se descobre um pontinho do casco cabeludo de uma cabecinha feminina. E se as senhoras imitassem exatamente o modelo em cera da vitrina do cabeleireiro Schmidt, agora então, é que ninguém veria mais a linha sequer de um crânio de mulher. Só ondas de cabelo, ondulações de oceano revolto, uma inextricável profusão de fios desenhando vagas procelosas, sem mais rumo nem norte, ao sabor dos ventos – o caos, enfim, das cabeleiras da moda, a pletora do pelo, o triunfo dos bandos e dosa postiços...

Mas, voltando ao assunto, era o concerto de Magdalena Tagliaferro, e todos estavam a postos, atentos, curiosos, interessados. Eu lembrava o que escrevera há cinco anos, de Petrópolis, sobre a galante menina de pernas ainda de fora, que então enfeitiçara toda a cidade serrana com seu talento precoce, a seriedade com que já interpretava os grandes autores clássicos, ao sair dos brinquedos com as companheiras da sua idade, a graça loura do seu lindo semblante – todo esse encanto de criança – artista que nos empolgou vivamente o coração, lá em cima. Parava-se na rua, quando Magdalena ia passando a correr, empurrando seu arco, para lhe erguer o

véu sedoso dos cabelos, sempre caídos sobre os olhos, e beijar-lhe com mimo a facesita cor de rosa. À noite, porém, mais respeito, que a menina era outra, encarapitada na sua alta cadeira alta, em frente ao piano, toda grave, tirando do teclado sons e harmonias que assombravam.

E a verdade é que ainda ontem ela tornou a assombrar, reaparecendo transformada de menina em moça e de esperança em realidade, sempre loura e linda, mas com uma musculatura nos braços e um vigor nos pulsos que bem demonstram o seu prodigioso trabalho ao piano.

Magdalena Tagliaferro é hoje uma pianista consumada. Toda a crítica o declara, sendo as peças que ela apresentou no seu concerto esses trechos de combate que servem agora em toda a parte para fazer julgar um artista do teclado.

Eu desejaria, ao contrário, que ela consultasse mais a nossa vibratibilidade meridional. Essas *Fugas* de Bach... só para *música de câmara*. Mas, silêncio! Consolo-me com o que ela executou, de Chopin, com tanta arte e finura. E não levo mais longe a minha coragem.

Carmen Dolores.

A SEMANA 06/06/09 [9011]

Xavier de Carvalho, o simpático e brilhante correspondente desta folha em Paris, contou-nos em sua carta de 6 de maio, publicada quarta-feira nestas colunas, o que foi a sua bela conferência no salão do Centro de Progresso Feminino sobre a mulher portuguesa, como literata, burguesa,

operária da cidade e dos campos.

Historiando a evolução da mulher nas letras, lastimando a falta de cultura nas burguesas pretensiosas, que não leem senão folhetins ou o livro de missa, e dando enfim, a notícia que, depois da sua conferência, falaram outros delegados das associações feministas da Suécia, da Holanda, da Rússia, da Austrália, da Polônia e do Canadá (*excusez de peu!*...), conclui Xavier de Carvalho a sua missiva com a declaração que o movimento pela causa internacional do feminismo vai-se desenvolvendo imenso na França, mas ainda há muito que trabalhar para se atingir aos maravilhosos resultados dos povos do norte da Europa.

Confesso que não retive um sorriso... Pensa assim o ilustre correspondente do *Paiz*, ao acabar de fazer livremente uma conferência sobre a mulher, nessa cidade-luz que ilumina o mundo, centro da intelectualidade mais ativa e onde são acatados todos os direitos de pensar e de sentir de cada indivíduo.

Acha o distinto conferencista que na França, berço das mais famosas liberdades do espírito, falta ainda muito para chegarem à triunfante compreensão do que é a independência moral e social de que gozam os povos do norte da Europa. E, todavia, ali mesmo, em Paris, a linda e talentosa advogada Helena Miropolski pode defender uma acusada sem medo algum das farpas do ridículo, sem a ameaça dos insultos vis, soltando a torrente da sua eloquência, usando do verbo e do gesto num tribunal de homens com plena segurança da sua profissão.

Mme. Dieulafoy, a velha

exploradora e arqueóloga, penetra em todos os salões com os seus esquisitos e audazes trajes masculinos, sem que lhe passe pelo cérebro o receio de um debique ou de uma injúria.

E as próprias mulheres bonitas e frívolas lhe invejam a glória, tanto na mentalidade parisiense mais fútil existe sempre uma faísca espiritual, viva e entusiástica, que se assente ao contato de uma força qualquer. Escritoras, enfim, médicas, pintoras, escultoras, jornalistas, a *Sévérine* e outras, por exemplo, conferencistas, mulheres *reporters*, fazem a sua vida como querem e entendem no meio desse movimento intenso, pensante e social, que alarga horizontes e ideias, estimula a inteligência até do povo ignorante, não dando tempo a preconceitos ferrenhos, filhos das horas vazias, às críticas vulgares e ferinas, ao latido estúpido daqueles que nem compreendem coisa alguma, mas acham que devem meter o bedelho em todas as questões elevadas da época, interpretadas não raro erradamente e logo combatidas com o malho da injúria torpe e anônima, em baixo calão.

Pois bem, se, vivendo num meio assim adiantado, foco favorável ao triunfo das liberdades que dignificam a criatura, Xavier de Carvalho pode achar, não obstante, que muito falta ainda à gloriosa França para conseguir os maravilhosos resultados do norte da Europa, que pensaria, que diria ele, santo Deus! se lhe fosse dado verificar *de visu* o atraso em que nos rebolamos aqui, contentes e até arrogante, julgando que a mulher inteligente é uma desqualificada, que a mulher que trabalha é um ente de que se devem rir

até os obeliscos, que a independência do pensar é um desaforo, uma pouca vergonha e que isto assim é que é bom, está muito bem, não deve, não pode ser de maneira alguma alterado pela evolução do progresso, ou bordoadas em quem tenta essa asneira formidável?!...

Uma hábil advogada, como Myrthes de Campos, tem de engolir os contínuos ultrajes que lhe são assacados, em estilo de gajo, por homens que se dizem sérios e são apenas desaforados, cobardes n fundo da sua insolência, porque só a usam com mulheres; e Myrthes de Campos tem ainda de calar, não responder, por dignidade feminina e profissional.

O seu diploma, aliás, conquistado pelo seu trabalho e pelo seu talento, só lhe vale isso: dissabores – mais nada! E a propósito da sua profissão, observei agora uma coisinha, um pequeno traço sem importância, mas significativo, e que de novo me fez sorrir.

A nova e brilhante *Ilustração Brasileira*, que acaba de aparecer, copiou da *Ilustração Francesa* para a sua primeira página a interessante gravura representando a advogada parisiense a que já me referi, Helena Miropolski, no momento em que ela defende a causa de uma criminosa, entrevista ao fundo, junto de um soldado.

A cena que tentou a nossa recente revista é, realmente, empolgante: essa formosa e inteligente senhorita de beca, falando aos jurados, a acusada atrás, de olhar ansioso, e todo o auditório, senhoras e homens, preso gravemente à palavra enérgica da jovem defensora. Sente-se que a

novidade conquistou a moderna Ilustração Brasileira; mas, logo no texto, o vago terror do preconceito e o desejo de agradar a certas camadas intransigentes motivaram um aditamento muito engraçado e que transcrevo aqui:

Entre nós, embora já tenhamos algumas senhoras diplomadas em direito, a profissão não parece que, ao menos por agora, lhes possa convir. A única ocupação intelectual para o sexo feminino no Brasil é o magistério primário, que lhe está quase exclusivamente entregue.

Oh! Govarinhos e Acacios! Ainda bem que vós mesmos proclamais o inefável adiantamento das vossas ideias. Mas para que, nesse caso, facultar-lhe o curso jurídico às moças, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, aceitar-lhes o duro sacrifício das matrículas, do estudo, dos exames e conceder-lhes por lei um diploma que a autoridade acaciana anula depois com um largo gesto reprovador? A frase solene: “Não convém aqui ser advogada!” Inutiliza esforços e ambições em nome... em nome... palavra que não sei de que... É melhor, então, de uma vez, que se não facultem cursos jurídicos ou médicos às mulheres.

E não ficamos nisto. Em nossa terra, quando se escreve para o público, é preciso muito cuidadinho com qualquer boutade, modo irônico de tratar do assunto, evitando a grave dissertação, porque aproveitam o sarcasmo, transformando-o em cinismo, para dar pancada. Coitados! Tenho pena, mas pena, entendam-me dos que assim dão tão má prova da sua

compreensão.

Como interpretariam por cá as cartas de Fradique Mendes, caso o Eça fosse mulher?

Sem dúvida, como imoralidades.

Se a espirituosa Mme. Emile de Girardin lançasse aqui os seus deliciosos folhetins, assinados com o pseudônimo de visconde de Launay, e em cujas linhas faiscava em *zig-zags* de ouro a mais adorável, a mais irreverente e acerba ironia, flagelando homens, costumes e fatos com um riso aparente, que escondia o látego, representado pela sua fina pena feminina; se, na atualidade, Gyp, a petulante Gyp, sem o talento da primeira, mas com toda a vivacidade zombeteira da pura parisiense, um pouco garota, comentasse certos hábitos e sentimentos nossos, como comenta as do seu país, com uma mordacidade tão disfarçada e gaiata, que até parece aplaudi-los, que diriam aqui alguns leitores, minha Nossa Senhora dos Aflitos? A célebre autora da *Joie fait peur* seria proclamada cínica; e a pobre Gyp, tão contra os judeus, seria apedrejada como judia, sem que a maioria lhe entendesse as intenções irônicas.

Pois eu que de longe, tão longe, ínfimo verme! Contemplo o humorismo perturbador do Eça, os arabescos irônicos de Mme. de Girardin, e não me comparo à leve e ambígua escritora que é Gyp, eu, por acusa de uma pesada, clara e flagrante ironia de certo artigo meu último, publicado noutro local, fui atrocemente injuriada pelo anônimo, como havendo preconizado aquilo que, justamente, meu espírito estigmatizara em frase mordente de revolta e amarga

zombaria contra determinados conceitos alheios.

Imaginem então como seria interpretada a ironia mais fina, maliciosa, enlaçante, cheia de sinuosidades e paradoxos, das penas que acima citei! Ah! não, não lhes compreenderiam jamais as piadas e era um dia pedrada nesses vultos, de matar cavalo.

Quanto a mim, no meu caso obscuro, só pude arregalar uns olhos espantados, dizendo com meus botões:

- Mas já é... **inteligência!** Como estamos **adiantados!...**

E repito: que adiantamento!

Tudo isto, porém, veio a pelo para mostra ao ilustre correspondente do Paíz na cidade-luz, que o movimento pela causa internacional do feminismo ou direito das mulheres às garantias do trabalho, não pode deixar muito a fazer em um terreno tão favorável à liberdade e ao progresso, como seja a França. Venha o Sr. Xavier de Carvalho ao Rio de Janeiro, estude aqui as nossas ideias retrógradas nesse sentido, vá depois aos Estados, estabeleça a comparação entre a maneira de encarar a mulher aqui e na Europa, e ficará tendo a prova do admirável desenvolvimento que, apesar de tudo, seja embora o norte europeu mais favorecido pela triunfante evolução social, ainda faz da luminosa Gallia o centro da mais bela e nobre independência do pensar e do sentir.

* * *

Que dizer mais depois desse maciço período e quando só algumas linhas em branco me restam na limitada coluna? Falar de política? Não, já me desinteressei.

Então de teatros? Antes isto, que é assunto do dia, avizinhandose a estreia do Theatro Municipal com produtos da arte nacional, uma bela peça em três atos de Coelho Netto, a *Moema*, de delgado de Carvalho, sinfonias de Alberto Nepomuceno, discurso de Olavo Bilac, um programa e tanto, que dará uma noite cheia, segundo me constou.

A Réjane, pois, e a Blanche Toutain já acharão a magnífica cena do municipal ilustrada pelos nossos artistas brasileiros: o Sr. Ferreira de Souza, a Sr^a.Luiza de Oliveira, o Sr. Marzullo, a Sr^a. Lucilia Peres, enfim, e o orgulho nacional, tão forte e tão vibrante entre nós, não terá motivos de queixa quanto a essa inauguração, feita só com elementos puramente brasileiros, dignos do nosso maior louvor...

Carmen Dolores.

A SEMANA 18/06/09 [9018]

Enquanto nós nos *smartizamos* aqui, aperfeiçoando a arte da aparência e da zumbaia, a América do Norte continua os seus hábitos rijos e fortes de povo independente, enérgico e prático, que prefere à politicagem e à superficialidade a largueza das ideias e dos empreendimentos.

No seu interessante livro América e Europa, a minha ilustre e querida amiga D. Maria Clara da Cunha Santos apresenta em um belo relevo esse viver do americano livre, que se esforça cada dia na conquista do seu conforto, sem se incomodar com a vida alheia, com o vizinho, com as ações dos outros, verdadeiro filho

dessa pátria de igualdade e liberdade, de força e de coragem, onde se não cultiva o inútil floreio da retórica fofa, como aqui.

E sente-se que no *struggle for life* da grande nação existe o elemento primordial da confiança de cada qual no próprio trabalho, no próprio valor, porque nessas bandas não reina o empenho, o favorzinho, o privilegio injusto, como entre nós, bafejando o medíocre e o vadio, e deixando na sombra o laborioso, o que tem merecimento real. Cada um sabe que depende de si vencer, e conta com o seu ardimento, estimulado pela ideia de uma luta que não é travada sem êxito, sem fruto.

Pois bem, o contágio dessa coragem extraordinária é tão poderoso, que o brasileiro domiciliado, mesmo passageiramente, nos Estados Unidos aparece outro homem, com novas aspirações, novas energias, ambicioso, viril, esquecido por completo das inércias desanimadas do nosso temperamento. Em todo o seu ser há uma renovação de fluidos e atividades.

Ele crê no resultado do seu trabalho e assume logo um ar diferente, empreendedor e másculo.

A brasileira aspira também com um narizinho já audacioso a aura libertadora de um país onde os homens não inferiorizam a mulher. E até as crianças mudam, aprendendo o sentimento da responsabilidade... É outra atmosfera, mais rude, talvez, menos adocicada do que a da nossa terra, mas que por isso mesmo enrija pulmões e músculos, robustece o caráter, faz cidadãos independentes e não subalternos.

Por que, porém, começo hoje a minha crônica semanal com estes entusiasmos? É que me os transmitiu, sem o pensar, o nosso compatriota Dr. Lourenço Baeta Neves, distinto engenheiro, delegado brasileiro no 16º *National Irrigation Congress* da America do Norte. Com sua distinta e jovem esposa e cinco filhinhos de sete anos para baixo, ele se instalou em Knoxville; e de tal modo o sinto animado, feliz, solidamente confiante em seu esforço nessa nação estrangeira, que fico pensativa, eu, a eterna triste, por não ver recompensa nem futuro para o meu labutar feminino, e uma pontinha de inveja me penetra à evocação da fecunda vida americana.

Assistindo ultimamente ao *Dry Farming Congress in America*, por delegação especial da nossa embaixada em Washington, o Dr. Baeta Neves tão brilhantemente representou o Brasil, que foi eleito vice-presidente do mesmo congresso, recebendo do Dr. Joaquim Nabuco belas palavras de louvor e animação.

E ainda tão moço, puro tipo de mineiro moreno e simpático, o nosso patrício deixa-se arrebatar pela febre ativa dos *yankees* ruivos e vermelhos – e ei-lo que viaja pelo sul, oeste e norte, sem os cansaços brasileiros, falando quarenta vezes em reuniões públicas, aproveitando os ócios de engenheiro para fazer a propaganda das riquezas da Pátria, tão americanizado, em suma, e enérgico, empreendedor, confiante em si, que se diria terem-lhe transfundido algumas gramas de sangue mais trepido, mais novo, nas veias.

Oh! Quanto felicito o meu jovem amigo ausente, por lhe sentir nas cartas essa vibração quente do sucesso, que se trai nos mínimos indícios!

Há nas suas palavras a segurança dos atos, a certeza confortadora de que, na América do Norte, o tempo não corre inutilmente como um fio de água morna formando poças estagnadas, mas sim como impetuoso veio fecundo, porque ali *the time is money*...

Deus permita não esqueça o ilustre engenheiro a temperatura daqui, sob este lindo sol, que nos dá tanta **morbidez**, tornando lema as palavras evasivas: **amanhã, depois, não há pressa**; e faço este voto no seu interesse, porque, do contrário, em contato outra vez com as nossas ideias, as nossas coisas, os nossos processos, que está desaprendendo, bem pode suceder que se lhe altere a formosa saúde moral que está agora gozando nos climas da livre, ativa e laboriosa América.

* * *

Manda-me o Sr. Manoel José Pereira de Novais, brilhante cidadão que não tenho o prazer de conhecer, o seu livrinho: *Reclamos de famílias ou guia prático do seguro terrestre* (nome sugestivo), considerado por notável juriconsulto (em grifo na obra) uma valiosa monografia sobre a importante matéria de que se ocupa esse autor, de nome ainda não chegado ao meu conhecimento obscuro.

Creio, porém, que houve um engano no oferecimento, que aliás agradeço como amável gentileza. Não admito livros contra o divorcio, porque os acho absurdos, incompreensíveis, ilógicos: e o Seguro terrestre, apesar

das suas amenas promessas, não tem o dom de seduzir-me com o engodo moralista, que já não pega de velho.

Nem o modernismo veio incutir no *Lar*, com l grande, uma orientação que deturpa a essência nobilitante dos seus fins. Veio, sim, a caminhar evolutivamente, como em todas as grandes nações civilizadas, corrigir uma falha da lei, apresentando o único remédio possível para certos casos perdidos, em que a felicidade do homem e da mulher, e o seu futuro, e a sua dignidade, ficam exclusivamente dependentes dessa pequenina coisa, um último elo, conservado ninguém sabe por que, uma vez que tudo o mais se espedaçou nesse casal, transformado em um par de irreconciliáveis inimigos que a própria sentença judicial separou.

E o divórcio é isso, meu caro Sr. Novaes: libertação apenas de dois galés que já se deram as costas, por incompatibilidade de mil sentimentos e hábitos, por ódios inextinguíveis, queixas inapagáveis, dores intensas, mas arrastam ainda o grilhão comum do vínculo estúpido, que lhes dificulta os passos por entre as sandices e incoerências da hipocrisia social, senhora de duas caras.

Se agora os outros se aproveitarem da lei salvadora, para desertar sem motivo o lar conjugal, é isso, porventura, razão para que se aferrolhe a porta da liberdade diante dos desesperados? Toda a lei é sujeita a duas interpretações, e não raro castiga o que não erra, em favor do outro, que delinuiu. São fatalidades a que não se pode fugir – mas a lei, finalmente, tem de existir, ou ficaremos sendo um país de cafres.

Depois... depois, sejamos sinceros, é, porventura, o divórcio que há de determinar as deserções conjugais?

Ora, meu Deus! pois se nós as registramos, tantas, tantas, e há tantos anos! E por cá ainda não chegou a dissolução do vínculo preconizado!... A única diferença, se essa dissolução necessária já tivesse sido decretada, é que um tão grande número de entes incompatibilizados para a vida comum, infelizes, muitos já separados judicialmente, não andariam a errar pelo mundo, como andam, com o futuro cerrado, se não tem a coragem de tornear a lei, ou então caindo na libertinagem, porque a criatura humana é, enfim, criatura, com aspirações, desejos, ânsias, fraquezas... Onde está quem tenha o direito de impor ao seu semelhante o sacrifício de todos os impulsos naturais?

O que se quer, pois, com o divórcio é fornecer um remédio às situações desgraçadas. Ora, vejamos.

Citemos aqui um caso masculino, pertencente aos fatos da semana, afim de que não me acusem de parcialidade feminista. Em Recife, cidade altamente católica, um padre⁴, capelão do hospital Pedro II e do asilo da Tamarineira, seduziu uma órfã e, receando as consequências, tratou de casá-la depressa com um honesto servente do hospital, que ele espiritualmente dirigia. Mas nem assim cessaram as relações afetuosas, muito afetuosas, entre o padre e a recém-casada, até que o marido, desconfiado de tanta devoção e tanta confissão, proibiu as idas cotidianas à igreja.

Talvez que alguém lhe tivesse dado a ler certos capítulos

interessantes do romance: *O crime do padre Amaro*, do grande Eça. Talvez que a esposa lhe voltasse das práticas sacrossantas com os olhos demasiado extáticos. O certo, porém, é que o esposo acabou com tamanhos fervores e o padre vingou-se, demitindo-o do hospital. Que podia fazer o pobre homem? Só procurar outro emprego. Procurou-o e alcançou-o no melhor local para os seus nervos, qual fosse uma fábrica de gelo, capaz de acalmar-lhe todas as febres da suspeita aflitiva. Mas nem desse modo sossegou, infeliz! Porque a infiel lhe fugiu de casa e ele foi apanhá-la no flagrante delito de uma confissão íntima em casa do sacerdote.

Não obstante, esse coitado não soube tomar um desforço do sedutor: apavorou-o o prestígio moral da batina; mas abandonou a mulher.

Aqui está, portanto, um casal irremediavelmente separado, embora a mesa da Santa Casa, terrificada com o escândalo, se reunisse para... tomar providências. Que providências, porém? A única para livrar esse marido ignominiosamente enganado da desonra e da vergonha, seria o divórcio, que tudo dissolvesse entre ele e essa criatura perversa. Ao passo que, nas condições atuais, que remédio existe contra semelhante desdita? Aí não basta a tal estúpida separação de corpos e bens. Fora preciso um corte absoluto, completo, decisivo, tornando estranhos dois entes já irremediavelmente desunidos por fatos gravíssimos, que ninguém pode mais apagar.

E eis porque eu não suporto, nem leio, livros ou artigos contra a lei do

divórcio, que reputo imoralíssimos, ao invés da opinião convencional.

É um consolo talvez inepto, mas já agora é assim: não leio. E fique-o sabendo o amável autor do *Seguro terrestre...*

Carmen Dolores.

A SEMANA 25/07/1909 [9060]

Foi há muito tempo, como nos lindos contos de fadas, em que o esplendor fabuloso das aventuras aparece sempre no recuo de épocas distantes, favoráveis ao prestígio da evocação maravilhosa...

E em Petrópolis, jardim tão formoso como os mais formosos dos países encantados, onde talvez, em noites de luar, ondinas de cabelos de ouro se mirem no espelho frio desse riozinho rolando mansamente sob magnólias cheirosas; entre o movimento ruidoso do verão, que eu então partilhava, e a poesia desse céu e desses aromas de flor, que já me sensibilizavam a alma, a pena me ia correndo em segredo – e qualquer impressão mais viva logo me passava do cérebro para o papel.

Ai de mim! quanta tira enegreci, no terror de que o soubessem! Mundana, então, eu já tinha a intuição do que poderia afigurar-se o tipo da mulher que escreve aos olhos prevenidos do mundanismo... E escondia as minhas penas e o meu tinteiro como elementos de confusão, quando na verdade, eles só me representavam o supremo objetivo, picante como a tentação, estonteante como um vinho forte, capitoso como o ardor funesto da mancenilha, que

embriaga e sugere sonhos e ilusões, antes de matar.

Mas foi assim que, certo dia, uma crônica manuscrita da minha pobre lavra, descrevendo uma recepção diplomática na *villa* mais risonha e mais intelectual da Petrópolis de então, caiu sob as vistas de um amigo caro, esse Dr. Almeida Cavalcanti, agora falecido subitamente no hotel Guanabara, sozinho, na véspera do enterro do Sr. Affonso Penna, a que ele pretendia assistir; e, iludido, talvez, sobre o meu valor, Cavalcanti arrebatou o meu trabalho e trouxe-o para o Rio, dizendo: “É preciso que o Alcindo veja isto!...”

E o Alcindo, que não é outro senão o Alcindo Guanabara, o mestre, o herói desta semana, leu de fato os meus rabiscos de amadora, publicou-os imediatamente — já se sabe, debaixo do anônimo rigoroso que eu exigia — e fez mais, o ilustre jornalista! Escreveu-me a carta mais calorosa, mais lisonjeira, e abriu-me generosamente as colunas do jornal que então dirigia.

Oh! contos de fada, rendilhados de imprevistos fulgurantes! Sem dúvida, já me não era novo o prazer de prelibar a minha insossa letra de forma, velada pelo pseudônimo variado. No *Jornal do Commercio* eu tinha sustentado uma polêmica inteira com Tobias Barreto e José do Patrocínio, a propósito de Mezerbeer, rindo-me no Cassino, entre duas valsas, dos comentários que atribuíam a nomes conhecidos a autoria de tais artigos.

Mas, não sei, o talento de Alcindo Guanabara já lhe aureolava a individualidade de tão radioso prestígio, que essa carta escrita pelo seu punho, fez-me o efeito mágico de

uma consagração. Sem o conhecer, fiquei positivamente doida alguns dias, sonhando glórias, até que, na estação, uma doce manhã, alguém me indicou um homem alto, magro e frio, que ia passando, com uma barba muito negra em destaque no oval muito pálido e grave da face, e me disse, a sorrir da minha curiosidade, que aquele era o Alcindo, astro que se levantara no horizonte político e literário do país...

Quantos, quantos anos correram depois disso!

A despeito dos acontecimentos e divergindo embora muitas opiniões das opiniões de Alcindo Guanabara, diretor do *República*, redator-chefe da *Tribuna*, do *Paiz*, e hoje proprietário da *Imprensa*, a sua personalidade ascendeu sempre a uma tal culminância, extraordinária de pujança, de brilho, de finura e de energia, que segunda-feira vimos a imprensa quase em peso celebrar lhe a força, festejar lhe o aniversário natalício e o jubileu jornalístico, oferecendo-lhe, como homenagem, hinos de tanta admiração, que o nosso primeiro jornalista pode assistir em vida à consagração que os grandes homens, em geral só alcançam depois da morte!

Eu daria prova de uma ingratidão bem feia, se, esta semana e deste cantinho, não recordasse a data em que, já ferida pela adversidade, indecisa e tímida, ouvi do generoso mestre a palavra acorçadora e forte que me deu a coragem de lançar-me na carreira do jornalismo. Se a ela devo alguns espinhos amargos, devo-lhe também a dignidade da minha vida e, afinal, a realização dos meus timoratos sonhos do passado feliz. Já não

escondo, em suma, a minha pena e o meu tinteiro...

Cabe-me, pois, o dever, que me é grato, de associar-me do fundo da minha obscuridade às homenagens prestadas ao ilustre jornalista, cujo talento enorme deslumbra o meu espírito. A sua erudição espantosa, o ativismo da sua linguagem, na aparência tão singela, esse vigor magnífico, a faculdade de discutir qualquer assunto com uma superioridade clara e luminosa, que logo se impõe aos próprios adversários – tudo faz de Alcindo Guanabara o mestre nas letras e no jornalismo, que hoje todos admiram.

E no reconhecimento dessa força a que se alia uma bondade que foi o sopro que insuflou coragem à minha pena de mulher, ainda presa nas malhas estúpidas do preconceito, eu ofereço aqui ao ilustre protagonista das festas da semana, cujo complemento é o banquete político de hoje, as expressões encomiásticas que transbordam do meu coração, incapaz de sacrificar a uma cobardia os ditames que vem de mais alto...

* * *

Falava eu da timidez que tive de vencer, no meio em que vivia, para aparecer de viseira levantada na arena da luta profissional. E vejo, contudo, sobre a minha mesa as linhas tão amáveis que me dedicou Xavier de Carvalho, na sua carta de Paris de 26 de junho, publicada há pouco nesta folha, incitando-me a trabalhar ativamente para o levantamento do nível intelectual e moral da brasileira...

Ah! generoso camarada que me escreveu essas coisas inteligentes! Que

me veio pedir a sua pena larga e adiantada?!...

Mas já não é só a credence secular, fruto da importação colonial, que agora nos atrasa, impedindo a ação da mulher intelectual e laboriosa em nossa terra. É o espírito da futilidade – uma futilidade horrível! – que nasceu aqui da mania espetaculosa de um luxo exagerado, em desacordo com os recursos brasileiros; que se desenvolveu na ânsia de uma continua figuração exibitiva, enxotando para planos recuados a instrução sólida, o pensamento elevado, até a simples arte feminina, tão fina! De conversar inteligentemente em uma sala, entre pessoas que não se ocupem exclusivamente do último figurino, do babado do vestido de Mme.X. ou da couraça espartilhada de Mme. Z. E depois da leve educação da capela, composta de aparências, rotinas e preconceitos, a mulher cai nessa superficialidade sem espírito, que constitui hoje – exceções à parte – a atmosfera generalizada do nosso país.

Ora, como pregar em meio tão estreito as grandes vitórias da feminista, que nem por isso deixa de saber vestir uma *toilette* elegante, porque o cérebro não exclui a linha nem a graça; como pregar os direitos da mulher à concorrência e ao trabalho, quando é preciso, ou, em qualquer caso, à superioridade da criatura que pensa, raciocina, lê, discute as grandes teses sociais, o livro novo, as conquistas da civilização, aliando ao sorriso gracioso o olhar cheio de luz, que vê mais alguma coisa do que a forma de um *chiffon* ou de um chapéu?

É impossível! E a malícia do homem domador e egoístico folga com essa mentalidade inferior, essa futilidade, essas crendices, esses preconceitos, essas estreitezas; e de muito alto a torcer os bigodes imperativos, ele grita por toda a parte, como um arauto:

- Abaixo a mulher intelectual, que vasculha todas as teias de aranha do cérebro!...

Diante disto, portanto, meu caro Sr. Xavier de Carvalho, brilhante correspondente do *Paiz* na capital do mundo, que se lhe há de fazer?

Eu passo-lhe a pena das reformas no terreno dos direitos femininos. Aqui, ninguém os quer, fique sabendo...

* * *

A senhorita Amada O'Donnell, distinta escritora espanhola, nossa hóspede neste momento e dotada de alta cultura, pretende fazer aqui umas conferencias muito interessantes sobre a intelectualidade da mulher moderna e sobre as repúblicas sul-americanas, que ela tem percorrido em excursões de estudo. Com vinte anos apenas de idade, tão inteligente quanto enérgica, essa escritora luta, entretanto, com o desconhecimento do meio novo em que se encontra.

Não fora o caso de ajudá-la a imprensa brasileira com seu apoio e os seus conselhos?

Talvez deva a mesma senhorita falar em alguma das belas sessões lítero-musicais, postas em moda pelo talentoso maestro Elpidio Pereira. Ainda quinta-feira, uma pequena, mas seleta sociedade se reuniu, às 4 horas, no salão da Associação dos Empregados no Commercio,

correspondendo ao esforço do distinto artista, e pode aplaudir o sempre delicioso violino de Cernicchiaro, a voz dúctil da senhorita Wilda Costa, interpretando com arte Bizet e Verdi, a doçura e o brilho, e o lindo *allegro* do Sr. Elpidio...

É de esperar que novos elementos concorram sempre para o sucesso dessas sessões, que precisam decididamente entrar no programa elegante de todas as quintas-feiras – e aqui deixo os meus votos de êxito. Ainda a propósito de música, partiu para S. Paulo a notável pianista Fanny Guimarães, a dar uma série de bons concertos na capital paulista. Felicidades!

Carmen Dolores.

A SEMANA 08/08/09 [9074]

Ainda bem que o Dr. Serzedello Correia, prefeito do distrito Federal, iniciou a sua prometedora administração visitando os casebres do morro da Favella e não os palácios das avenidas e ruas nobres, cujas fachadas ornamentais falam prestigiosamente ao povo de uma abastança que deve surpreendê-lo, quando não revoltá-lo. E parece que o Sr. prefeito pretende também percorrer o morro de Santo Antonio... Verá ele então como no próprio seio da cidade civilizada, nem ao menos em bairro afastado e marcado tetricamente pelo crime, mas atrás do Theatro Lyrico, que tantas elegâncias têm contido no seu bojo e onde agora mesmo artistas da Comedia Franceza cantaram em versos grandiosos as magníficas paixões de almas extraordinárias, melopeia

clássica agradando à frivolidade moderna como um requinte de luxo, verá como ali, a dois passos do maravilhoso Municipal, dos novos edifícios das Bellas-Artes e da Biblioteca Nacional, de todos esses muros que se elevam e branquejam ao sol, dominando as soberbas cúpulas que desferem raios, se alastra morro acima a triste urbe da miséria, com o seu formigueiro de choças de latas e tabuas de caixões, onde pulula a colônia dos párias da sociedade. Entre eles há artistas: constroem *chalets*, com seu jardinete à frente – uns palmos de terra em que vicejam rosas entre chuchus e pés de alface e de couve, dois verdes que se casam bem e dão apetite. São os mais felizes, por conseguirem que a fantasia disfarce um pouco o desamparo dessas habitações *hors la loi*.

Mas os outros, os outros, Senhor Deus! Que negra penúria! Que enxame de casebres aleijados, remendados, no meio do lixo, entre detritos de toda a espécie, de onde é tirado o material da construção desses disformes abrigos!

E, dia e noite, mulheres e crianças esqueléticas descem e sobem o morro com latas e barris para se proverem d'água no Largo da Carioca. Nunca cessa a estafada procissão – e assim vivem essas criaturas desprotegidas, mas apesar de tudo, engenhosas, porque, no tumulto alegre dessa civilização febril que as arrojou para fora de todos os direitos, sem casas na proporção dos seus minguados recursos, sem uma voz que fale em seu favor, exiladas da vida normal, souberam ainda elas talhar a sua parte ínfima de existência, explorando recantos ainda vazios da cidade

modernizada e aí acampando como uma tribo nômade e faminta em zona selvagem, onde acendem o seu lume. É justo.

Essa gente dos morros da Favella e Santo Antonio tem afinal de viver. E se a urbe da miséria enxovalha o progresso, é contudo o natural remédio que encontrou a horda errante dos penuriosos, banida da normalidade pelo próprio adiantamento, banida da proteção das leis pelas próprias leis, que excluem o necessitado das suas garantias – banida, em suma, de todos os hábitos civilizados pela própria civilização que os rejeitou do seu seio, trancando-lhe as portas de uma existência ao alcance da pobreza. A horda, portanto, subiu aos morros e acampou como pode. Tem um teto de folhas de zinco, um fogão primitivo, feito de três tijolos roubados, mas ali dorme e come a família, entre galinhas domésticas que cacarejam.

É ainda o lar; é o abrigo contra o sol e a chuva. E eu prevejo coisa mais grave: é o êxodo de uma classe mais fina e, portanto, mais infeliz, a dos remediados, para recantos como os que está visitando o prefeito federal.

À proporção que a cidade se embeleza, cresce a prosperidade dos gozadores e aumenta a luta pela vida dos que trabalham.

De que serve, finalmente, trabalhar neste tempo?

O que advém do esforço exaustivo chega para o sustento da vida cara – e tudo é devorado sem proveito pelos alugueiros enormes de uma moradia ridícula, pelo preço exagerado dos gêneros, pelo abismo desta existência moderna, ingrata e dura, em que só se tem a pena, o labor e a tristeza das

desigualdades sociais, sem jamais o apaziguamento do resultado próspero.

Como em França, nas proximidades da revolução de 1792, as classes privilegiadas sufocam as médias, que não possuem capitais. Lá, era a nobreza que esmagava o povo; aqui, é o mundo argentário, hoje nossa única aristocracia, roda especial, favorecida por altos empregos, comissões rendosas, arranjos, serviços inventados, que esmaga o forçado do trabalho infrene, inglório e ineficaz. Só se edificam prédios para ricos; os divertimentos são para ricos; os próprios artigos de primeira necessidade foram elevados pela ganância dos fornecedores, que exploram a época, a um preço inacessível à bolsa dos simples remediados.

E, sem dúvida, uma hora muito próxima há de chegar, já está chegando, em que esses remediados, sem habitações ao alcance dos seus ordenados, não podendo sustentar a família com a decência precisa, serão forçados a transplantar as suas tendas para lugares ínvios, onde arriem a tremenda carga da aparência convencional sem os meios de mantê-la.

Mas, torno a dizer, ainda bem que o Dr. Serzedello Correia começou a sua administração pensando nas classes mais oprimidas e desamparadas desta cidade. E, se é verdade que ele pretende aproveitar esses morros da miséria, construindo aí casinhas higiênicas e de pequeno custo para os pobres, com água e luz, entre postos de assistência e escolas para a garotada vadia, por que não esperarmos que ele deite também as

suas vistas para esse problema doloroso da habitação da gente média, obrigada a pagar alugueis palacianos por prédios insignificantes, e quando mal ganha para subsistir com decência?

Sim, esperemos. Eu quero esperar, mesmo se tiver, quase sempre, de desesperar...

* * *

O que me irrita bastante nestes tempos de sofrimento popular, é a irreverência com que, ao mínimo pretexto, agora, por exemplo, a propósito da questão dos versos do Hino Nacional, se vai logo exumar com irônicas referências o nome luminoso e sagrado do monarca honesto que não nos deu avenidas nem palácios, mas nos facultou longos anos de vida fácil, de vida feliz, igual para todos.

Não discuto absolutamente a ideia entusiástica do nosso primeiro e querido escritor Coelho Netto, reclamando uma poesia nova, mais perfeita e mais heroica, para acompanhar a música belíssima, vibrante e vigorosa, do nosso velho hino – o mais formoso e comovente de todos quantos conheço. Nem a Marselhesa o iguala. É preciso ouvi-lo romper num país estrangeiro, depois de outros, para estremecer com lágrimas borbulhando nos olhos, a sentir qualquer coisa de muito intenso, de grande e de sublime, que passa nesses compassos de uma intuição patriótica admirável.

Mas admitamos que repilam agora a antiga letra, muito ingênua, traduzindo os sentimentos de idolatria monárquica dessa época. Quem hoje lê poesias oferecidas aos presidentes da

República, pode bem relevar certo exagero de letras consagrando o imperador do Brasil.

Em todos os tempos se pegou no bico da chaleira, não é assim? O que, porém, não suporto e me desperta uma indignação profunda, é o desrespeito com que logo se alude à memória augusta de Dom Pedro II, para profligar os versos populares, simplórios, mas característicos, que ligaram o seu nome bendito ao hino que mais tarde vibrou largo no campo das nossas vitórias.

Criançolas que não conheceram o velho e extinto imperador, que não testemunharam a veneração imensa que o rodeava entre o seu povo, levam a admirar-lhe tolamente que o nome de Pedro II apareça nas palavras de um hino feito durante o seu reinado. Mas é até imbecil! Que outro, finalmente, podia ser então louvado? O do Sr. Affonso Penna? Ainda era cedo...

Em Inglaterra, o hino real diz que Deus salve o rei ou a rainha; todos os outros aludem ao soberano da nação; nós, porém, brasileiros, devíamos ter adivinhado já nesse tempo que D. Pedro seria enxotado e morreria no exílio... Oh! como tudo isto é triste! E eu ousou pedir: pelo amor da justiça, deixem na sua santa paz o nome do ex-imperador do Brasil. Ele está morto e só fez o bem...

Mudem, pois, os versos do hino nacional, mas não lhe ofendam a memória pura e indefesa com ironias...

Carmen Dolores.

P.S. -A distinta escritora espanhola Amada O'Donnell faz sábado, 14, a sua interessante conferência. Corramos a ouvi-la...

A SEMANA 26/09/09 [9123]

O assunto se impõe; não pode ser outro; e é, infelizmente, tão contristador, tão pungitivo, lutuoso, emocionante, que esta leve crônica dominical tem de envolver-se em crepe, associada aos funerais trágicos das duas adolescências em flor que desfilarão pelas ruas desta cidade.

Quarta-feira, deixando para trás o formigueiro alegre da Avenida Central, seguia pela rua da Uruguaiana o *fiacre* descoberto em que eu ia, quando estacou à esquina da rua do Ouvidor, detido pela rumorosa passagem do préstito de estudantes que caminhava entre descuidosas troças e gargalhadas para o largo da... Morte. Ficou o *fiacre* encravado mesmo na fila do galhofeiro cordão: e eu, debruçada, via bem ao alcance dos meus olhos e dos meus risos toda essa mocidade exuberante de seiva que ali marchava - algumas carinhas tão novas e lisas, que ainda eram quase infantis; outras faces apenas penugentas em que o buço apontava; e rostos morenos do norte, rostos claros do sul. vultos franzinos, vultos compridos, desproporcionados pelo crescimento, com os punhos magrinhos saindo fora das mangas já curtas dos casacos; toda uma meninada, em suma, simpática, despreocupada, cheia do alvoroço próprio da idade e correndo, ao gracejo como um bando álcree das esperanças juvenis da pátria e da família.

Em todas as bocas despontavam sorrisos complacentes, bondosos, entre o povo. Sentia-se que cada um daqueles rapazes representava a parte

de um coração de mãe, talvez inquieto a essa hora, à ideia do seu pequeno metido nessas histórias de farsas acadêmicas, sempre um pouco imprudentes e tumultuosas. Mas onde está a mãe que possa reter o filho nas malhas da excessiva e zelosa ternura, quando o pequeno entra a emplumar como a ave que vai desertar o ninho cálido e macio do amor materno?

E os acadêmicos passavam, passavam... Das fileiras partiam gritinhos finos, simulando ataques de nervos, ou choros comicamente exagerados, ou badaladas da sineta, marcando o movimento do préstito, ou risadas comunicativas de gente nova... O carro venceu um pouco a onda final e, soerguendo-me, eu avistei à entrada da rua do Ouvidor a massa compacta dos moços que chegava ao largo de S. Francisco, ao drama, ao punhal de emboscada perto da igreja para mergulhar em gargantas de dezessete e dezoito anos, ainda intumescidas de risos inofensivos.

Meu Deus ! que horror !...

O meu *fiacre* fez a sua corrida rápida, logo voltou e, no entanto, ao cruzar de novo a rua do Ouvidor teve ainda de estacar, mas já diante de grupos desordenados de rapazes lívidos, chorosos, fora de si, dirigindo-se ao palácio presidencial - porque os crimes nefandos já haviam sido perpetrados!

Quanto custa a criar e educar, um filho, e com que rapidez, contudo, a faca de um boçal sicário elimina assim da existência um ente tão precioso e querido! Um golpe certeiro de mão adestrada, instrumento vil, e cai por terra o corpinho sangrento, exânime; outro cai mais adiante; e lá vão os dois

cadáveres em cima de uma maca para a mesa das autópsias, para o embalsamento e para a solidão do túmulo, esperanças cortadas, futuro aluído, bocas enegrecidas pelas violetas da morte imprevista, quando as enrubesciam há pouco as rosas da adolescência e da vida, em todo o seu lindo viço!...

Não, é terrível. E compreende-se a solidariedade na consternação e na piedade de toda esta capital, fundamente abalada esta semana pelos fatos que inopinadamente mancharam os seus foros de urbe civilizada.

Consintam, entretanto, que eu estenda a minha simpatia compassiva a todos os membros da corporação [ilegível] inteligentes, finos e moderados, exceções, se quiserem, mas que enfim existem nessa brigada, e que, por culpa exclusiva de um chefe autocrático, violento e mau, esse comandante Souza Aguiar, que deles fez sempre as suas vítimas, hoje se veem dolorosamente responsabilizados por crimes que os enchem, ao contrário, de aversão e horror.

Toda uma classe, em que há também gente boa ao lado de gente bruta e perversa, ao mando de superiores ainda mais brutos e perversos - toda essa classe sofre agora, em uma responsabilidade injustamente generalizada, as consequências do gênio alucinado e vingativo do general que, por ocasião dos tumultos da Light, a franzir os imperiosos supercílios, maltratava os oficiais que não cumpriam as suas ordens de acutillar o povo, como assassinos. E muitos houve que resistiram às suas ordens cruéis; esses ficaram marcados pela má vontade de

Sua Excelência, que sempre lhes atrapalhou daí em diante o caminho, rancoroso e implacável, usando de uma prepotência que enfim baqueou.

Foi já tarde, porque ninguém pode mais insuflar a chama vital nas míseras vítimas acadêmicas. Mas enfim já é um princípio de castigo e, sobretudo, uma lição, um exemplo - não tanto a demissão, como desafronta, mas sobretudo essa revolta de uma cidade inteira, esse furor popular, que imprimem como um ferrete na fronte do indigitado mandatário do abominável crime. E, sobretudo, agora que a população inteira mostrou bem que não admite o abuso da autoridade militar para punir com barbaridades homicidas qualquer inocente ofensa que possa ferir desmarcados e intransigentes orgulhos, cumpre também que essa mesma população não ultrapasse à justa nota do seu ressentimento, e jamais se exceda em vinganças e represálias, capazes de atingir odiosamente membros inofensivos - tão inofensivos como os próprios acadêmicos - desse numeroso corpo policial, onde a par dos instrumentos da desumanidade, há homens excelentes, hoje tão desolados e abatidos como qualquer outro brasileiro de alma justa e sensível.

E acabou-se! Baixou o pano da vida sobre os dois meninos que entraram pela rua do Ouvidor, em galhofeiros esgares de farsa e voltaram já imóveis, lívidos, ensanguentados - um morto, outro expirante, ambos merecendo este assinalamento conciso no auto da autópsia: o cadáver era de um indivíduo branco, de compleição física franzina... Ai deles! quem não é franzino nessa idade, em nossa terra?

Os pais e avós prodigalizam o leite, os cuidados, a boa alimentação, a esses organismos débeis no trabalho do desenvolvimento... E vai, chega a mão brutal de um negro ou mulato e enterra à traição uma faca no peito estreito do rapaz estremecido, que estrebucha e morre em plena rua. Ah! deveras! é atroz! é de fazer medo!...

* * *

Que dizer mais, porém, fora do trágico e absorvente assunto destes dias tristes?

A verdade é que uma espécie de nuvem de sangue paira sobre o Rio, e até o sol nasceu todo rubro, sexta feira, como um grande balão afogueado, pressago de mortandades e desgraças.

Era há pouco Euclides da Cunha que tombava numa poça vermelha, onde afundaram para todo o sempre as promessas do seu talento. E quem o matou foi um rapaz educado à moderna, de alma e corpo blindados pelos exercícios físicos, sem nervos, sem sensibilidades, todo músculos de aço, habituado a manejar armas de fogo, sabres, floretes e só ligando importância à habilidade certa do tiro e do bote. Essa forma de educação salutar multiplica-se, numa imitação dos costumes ingleses.

O rapaz moderno só se ocupa de *sport* e esgrima, retesa as bossas da musculatura, numa exibição de força, aprende a atirar ao alvo, a remar, a boxar, a dar pontapés rijos, só anda de um certo modo, para fingir a sólida marcha britânica, e rola os olhos, como um espadachim.

Mas, sucede o seguinte: enquanto o anglo-saxão conserva no desenvolvimento prodigioso do seu vigor toda a calma fleumática do seu

sistema nervoso, o brasileiro, aqui, pelas fatalidades da raça, trazendo no sangue a fácil brutalidade do temperamento irritadiço, exacerba-se logo que entra em jogo a força adquirida pela educação dos músculos.

Ele é sempre um pouco selvagem, escravo dos nervos, e o vigor obedece à impulsão nervosa que excede limites, **fecha o tempo**, como diz a gíria, quer logo desafiar, brutalizar, até matar, sem mais ligar a este ato a sua significação atroz. É hoje muito comum ouvir-se dizer: eu dou-lhe um tiro! eu meto-lhe duas balas! eu enfio nele uma faca! Deve-se, portanto, reprovar este feitio de educação física que aguça no brasileiro certa ferocidade latente de natureza pouco equilibrada, sujeita a súbitas impulsões, a súbitas cóleras desproporcionadas, a furores que se aproveitam da superioridade da força para irem até o crime sem remorso?

Não, não vou tão longe, o que seria até estúpido da minha parte. O exercício físico é indispensável para vencer o abastardamento da nossa raça. Mas cultivemos também a sensibilidade e o horror à fria bruteza baseada na valentia, uma vez que nos falta e faltará sempre a refletida moderação do anglo-saxão, cujos músculos vivemos a invejar.

E basta por hoje, que tenho a alma entristecida...

Carmen Dolores.

A SEMANA 26/12/1909 [9214]

Passou ontem a grande, a doce e luminosa festa tradicional de cada ano - e ainda nas salas onde se festejou

Natal, aparece num canto de mesa o espalhado e verde pinheirinho que despojaram de todas as suas quinquilharias refulgentes, tiradas à sorte pelos pequeninos jubilosos, mas de que pendem duas ou três últimas velinhas azuis e escarlates que de todo não arderam. Serão arrecadadas com o pinheirinho e os musgos do pedestal, para o ano próximo. A festa cristã, porém, ainda hoje continua com o chamado enterro dos ossos, disputadas às refeições caseiras as carcaças dos inúmeros perus sacrificados à data consagrada, únicas e verdadeiras vítimas do lindo e risonho dia; e do mesmo modo lourejam ainda restos de bolos, douradas fatias de ovos, tudo quanto serviu para reunir a família no remanso do lar, celebrando a paz e a harmonia que o divino Jesus pregou entre os homens.

Ai de nós! essa paz e essa harmonia são muitas vezes mentirosas... Comem o peru, bebem o vinho, devoram o pudim flamejante e aludem ao Menino Deus que morreu pela fraternidade humana; mas, no fundo dessas almas que parecem comungar juntas, unidas pelo sentimento de amor, reside o egoísmo, residem rancores, aversões, pequenas maldades, acidulando as camadas morais que se não desvendam ao olho do próximo, por seu lado encobrendo falhas iguais. E o Cristo bambino fica muito alto, no seu bercinho simbólico, todo branco; o Cristo fica muito longe, mesmo se mais tarde pregado a uma cruz dolorosa, golfando sangue pelas chagas que lanças brutais lhe abriram nas carnes ainda mortais, para que a evocação da sua imagem na vida quotidiana modifique o incurável mal

da humanidade, que é a desarmonia das criaturas mais aparentemente unidas, partindo lado a lado o pão das festas de Natal.

Afinal de contas, sejamos francos, dessa tradição tão bela e que solenizamos sempre com as mesmas palavras, as mesmas formas, o Menino Deus entre cetins e franjas de ouro, a Virgem Maria iluminada pelo raio místico da lenda cristã, S. José de humildes mãos postas, e os Reis Magos, chegando vergados sobre os bordões, enquanto fora dos presepes a estrela cintila nos doces céus de papel azul, guiando para esse berço sem época peregrinos e animais diversos; dessa tradição poética só resta a história emotiva, mas dos fins visados por Cristo nada se salvou.

E quando se vê, em vésperas do suave dia de ontem, um velho e honrado oficial de marinha buscar a arma suicida para acabar de um só golpe as torturas que o alanceavam, compreende-se que a alma do homem não tem mais hoje o consolo das crenças indestrutíveis, que encorajam os mais fracos a sofrer com paciência e esperança.

Séculos e séculos de luta, azedaram e irritaram os espíritos, hoje rebeldes à dor. E, de fato, se era possível sofrer com ânimo nesses tempos idos em que tudo ainda estava por construir e bastava como roupa uma túnica de lã e por alimento de um enxame de gente um pão e dois peixes, multiplicados pelo milagre divino à sombra das oliveiras; se uma rosa de Jericó era suficiente como ornato de um seio alabastrino de mulher, e bálsamos e resinas constituíam o único perfume que ungia as formosas

cabeleiras da época, penteadas sem espelho, à luz do luar ou das estrelas - a verdade é que, nesta idade que atravessamos, presenciando tanto gozo, tamanhos requintes de civilização, tanta febre ativa, e apalpando o luxo que vem da concorrência e do combate para conquistá-lo, a passividade dolorosa não é mais suportável. A condenação à apatia leva todos os nervos do ente moderno à exasperação, à explosão final que busca um revólver, um punhal ou o veneno.

Ah! dulcíssimo Cristo! nasceste quando os pastores ordenhavam ovelhinhas no cimo dos montes, cândidos e sem ambições. O canto das aves era a música que unicamente ouviam esses ouvidos ingênuos ao clarear das maravilhosas madrugadas, quando ajuntavam os rebanhos pacíficos. E nada mais queriam. Morriam como justos, estendidos numa pele de cabra, sem as moléstias que hoje tão inutilmente preocupam as faculdades intituladas sábias.

Sem conhecer a dor física nem a dor moral, porque também desconheciam os ardores, os grandes apetites e as vivas alegrias destes tempos, morriam como morre o dia, serenamente, sem convulsões, nem saudades.

Saudades de quê? Esse inocente e esbatido viver não comportava à derradeira hora saudades de nenhum bem em destaque.

Hoje, porém, a vida é a febre, o estímulo, a luta, a sede de felicidade, o esforço para obtê-la ou conservá-la, enrijando músculos para não perder o lugar conquistado a pulso.

E o lento mal que derruba, afastando o mais valente das arenas da atividade, entorna pela alma adentro o filtro das resoluções desesperadas. Assistir aos outros viverem, não é mais viver. E ninguém condene o velho marinheiro que fez saltar os mioslos, nas proximidades do poético Natal.

Perdoai-lhe, Cristo, que a culpa é tua. Deixaste que o mundo marchasse com a força impetuosa de um furacão - e já não há mais lugar nele para a dor e para a paciência. Todos querem viver, gozar - e o suicídio é o exclusivo recurso dos padecentes. Ou tudo, ou nada!

Entre parêntesis, boas festas aos graciosos leitores e as mais amáveis saudações para 1910.

* * *

A propósito de paciência, estou a crer que não é só para aturar uma existência sem atividade e prazeres que ela vai mas também para resistir à onda forte, verdadeiro vagalhão de maremoto, que nos chegou toda esta semana de São Paulo, espumante de discursos, de conferências, de respostas verbosas, de profissões de... fé (um modo de dizer), para inundar e asfixiar as colunas dos jornais com uma prosa cerrada e afinal já irritante e insuportável.

Não se trata aqui de política, nem eu teria a pretensão de meter o bedelho em semelhante assunto, hoje o mais grotesco, o mais ridículo, absurdo, tortuoso e no fundo tenebroso, que possa ameaçar um país, quer se ocupe do Sr. Ruy Barbosa, quer do seu adversário. Mas viver o povo inerte, e afinal o único sacrificado em toda essa odiosa questão de partidos, que não

lhe consulta os interesses palpitantes; viver o povo a engolir diariamente tanta, tanta falação incoercível, partindo daqui, partindo daí, a diluir mentiras enfáticas e pomposas que não encobrem a única ideia dominante, que é a fremente ambição pessoal - isto, francamente, se torna exasperante ao fim de alguns meses de forçada tolerância. Se, de resto, não exaspera, porque o brio das existências já criou calos sob o abastardamento dos nossos hábitos de bestificação, faz rir, oh! mas faz rir como diante da farsa mais engraçada.

De S. Paulo nos têm vindo o eco de frases desopilantes, em que se encontra fatalmente o **timoneiro do progresso**, ditirambos ao patriotismo ardente (coitado do patriotismo! que boas costas!...), rasgos de repentina modéstia, súbitas investidas de um heroico orgulho, e palavras, palavras... Meu Santo Deus! por que é que o brasileiro há de gostar tanto de retórica?...

É, porém, quando surgem certos incidentes, dados como espontâneos, mas muito preparados, ao contrário, que a cócega do riso faz verdadeiras e inconvenientes explosões de troça nos irreverentes.

Há sempre, por exemplo, não importa se em Minas ou S. Paulo, por ocasião de certo gênero de excursões, umas interessantes meninas vestidas de branco, que vêm às estações dizer unia poesia e ofertar um belo e vistoso ramalhete ao excursionista. Este, então, de olhos úmidos, agradece logo com um discurso, em que entra o timoneiro do progresso e enfim beija a encantadora criança entre uma chuva de aplausos delirantes, multiplicados

pelos telegramas partidários, e que o povo lê aqui sob o maremoto de outras discursseiras; igualmente transmitidas, por desgraça nossa integralmente, sem a omissão de um só termo da parlenda ambiciosa e interesseira.

E é isto. Há sempre agora excursões, banquetes, parolagens, meninas de vestidos cândidos que oferecem ramos de flores para ganhar um superior beijo comovido de quem mais tarde poderá conceder mais do que ósculos, pensam os papais - e o zé povo aplaude, zé povo não vê nada, bate as palmas para a direita, para a esquerda, segundo o clamor, não percebendo que a sua pátria está neste momento representando àquela pérola da fábula de Lá Fontaine, a que se julgavam com direito dois indivíduos pouco escrupulosos que se tinham posto a brigar por causa dela.

Felizmente, para a pérola, sobreveio um terceiro que... Mas, infelizmente para nós, os apólogos raros se realizam nestes tempos de trivial submissão aos mais tristes acontecimentos, entendendo com a altivez de um governo disputado como a fatia de um bolo de Natal - e só nos resta o ácido prazer de comentar, observando tão odiosas ambições, e de talvez rir, para não chorar sobre aquilo a que assistimos.

Carmen Dolores.

CRÔNICAS 1910

A SEMANA 16/01/1910 [9235]

Se há alguma coisa que me exaspera, que me revolta, me faz subir à face a chama das indignações que se não podem expandir, é a forma por que os partidos políticos contrários se exprimem nos jornais acerca dos personagens representando uns ou outros, ocupando cargos em vista ou, muita vez, nada sendo senão as mais inocentes, as mais inofensivas cabeças de turco, batidas para ferir a terceiros.

Mas não é só isso. Em toda a parte do mundo, efetivamente, as oposições combatem com rude punho os adversários na luta e eu gosto até da oposição, acho-a vibrante, destemida, forte.

Se eu fora homem e outra aparecesse a mira do terrível combate de agora, travado pelos oposicionistas, a eles é que eu me filiaria de preferência, com ardor e zelo. Noutras condições, enfim, eu seria civilista, ao passo que nada sou, como vão as coisas, e só de palanque assisto às batalhas, julgando-as assim com uma imparcialidade completa, repassada de ironia.

Mas por isto mesmo que me sinto insuspeita, lúcida, fico enfurecida contra certos meios pouco generosos com que hoje se combate um adversário, que na maioria dos casos se não pode defender contra uns tantos feitos de agressão.

Estes feitos são vis, não hesito em dizê-lo, são sobretudo covardes, porque em lugar de atacar o homem nos seus atos públicos, de que ele deve satisfações ao mesmo público, vão

atacá-lo cruelmente na sua saúde, invadindo a parte delicada, íntima e, em suma, inviolável da sua personalidade.

E com que direito a crítica ferina procede deste modo, usando de processos mais dignos de um apache do que de homens civilizados que dão opiniões ao povo do alto das tribunas jornalísticas? Com que direito se expõe um funcionário, que é uma criatura humana, e pode ser impressionável, sensível, melindroso, a olhar caricaturas desapiedadas que excedem todos os limites permitidos a uma luta política, e podem até abalar uma imaginação de nervoso, magoando-o naquilo que nada absolutamente tem a ver com questões de lugares e partidos?

Ainda é bom quando não tocam na vida particular dos indivíduos combatidos, insultando pessoas, de todo alheias a semelhantes manobras e vivendo pacatamente à sombra das suas casas. Isto, porém, de ridicularizarem o personagem na sua saúde, no seu estado físico, inventando males deprimentes que podem muitas vezes assaltar mais depressa os próprios autores da perversa graça, isto é tão grave como o outro meio: representa uma covardia igual.

E não pode o meu espírito admitir que a paixão partidária consinta o uso e o abuso impunes de tais recursos para demolir um adversário, que tem afinal a sua face pública para ser atingida pelos doestos e conserva o pleno direito de negar aos seus inimigos a outra face da sua personalidade, que só pertence a ele e à sua família.

Tais não são esta semana os excessos tão brutais, tão cruéis, tão pouco gênero a que aqui me refiro, que a minha indignação foi crescendo até transbordar nas linhas talvez imprudentes que hoje me escapam.

E nenhum sentimento de particular estima, fique-se sabendo, ou de solidariedade sob qualquer forma, me prende as vítimas de semelhantes ataques. Nada lhes devo, nada lhes peço, pouco as conheço. Mas as armas empregadas para combatê-las me têm parecido tão descorteses, antes tão brutais, tão cruéis, tão pouco generosas, tão calculadamente perversas, enquanto do outro lado só responde o silêncio, que os meus nervos femininos se sublevaram. Não posso ficar calada. E se a política é isso, torpe coisa é a política e estimo ver-me hoje sem um objetivo, encarando friamente os tristes fatos que se passam em nossa terra.

Eis também porque, neste momento, em que muitos calungas são desenhados com tintas venenosas como expansões de bílis, tanto aprecio os de Julião Machado, em cuja variedade de cada dia se encontra o espírito que só arranha, com finura e nunca com a intenção feroz de maltratar, de demolir adversários pelos meios mais bárbaros e sanguinários. Oh! a justa linha!... Atacai com cortesia!... Mas isto não é dado a todos.

* * *

Em vista destes processos do: "**ou vai, ou racha!**" tão publicamente exibidos nesta própria capital do vasto Brasil, cuja propaganda exigimos se faça pelo mundo a toques sonoros de clarins, não se me afigura assim tão

estranhável esse assalto de bandidos mascarados a um trem paulista de pagamento. E depois, é pitoresco, lembra velhos romances de capa e espada, velhas hospedadas em ruínas onde vivem quadrilhas de salteadores jogando e bebendo, enquanto esperam o aviso de uma passagem de viajantes, coisas interessantes, aventureiras, que cortam a monotonia da vida corrente e banal, como um *bonnet de nuit*.

Ora, aqui entre nós, muito baixinho, que significa a paixão feroz dos partidos políticos que se combatem, senão a anciã de sustentar ou provocar uma ordem de acontecimentos favoráveis a mil interesses em jogo, a mil ambições, esperanças, sonhos de posição ou riqueza?

Ninguém sustenta um ídolo no campo político só por amor do ídolo. E quando a febre explode mesmo com força, ninguém mede mais os meios com que tenta agarrar a vitória; e assalta, desenvolve os recursos menos lícitos, vai à unha, ataca, até mata, como se observa em eleições, bem às claras.

Pois os salteadores de S. Paulo, que queriam dinheiro a todo o transe, assaltaram esse trem que o levava. Por que tanto carregarem a mão sobre eles, coitadinhos? São filhos do seu tempo e sabem o que fazem. Quem é hoje alguma coisa sem dinheiro? Os pobres de Deus também precisavam de gozar um pouco a vida, de visitar a nossa Avenida, de ir veraneiar umas formosas semanas no aristocrático Petrópolis.

Tinham talvez, além disso, parentes a colocar, uma família exigente, filhas casadeiras, um horror de obrigações: e o trabalho nunca dá

lucro bastante para se adquirir prestígio e solver dificuldades.

Então, míseros! compraram as suas máscaras do carnaval e atacaram o trem.

Por que agora atacam os homens que não têm outra culpa senão a de imitarem, com alguma violência de gesto, isto é verdade, os costumes mais ou menos usados com certa dissimulação mais jeitosa, e certos pretextos, e certas ostentações de sentimentos desinteressados que aliás não engazopam ninguém?

No que eles andaram mal, foi faltando à nota bem pitoresca, como o exigia o caso tão verberado do roubo. Antes de tudo, o trem paulista devia passar por aquele desvio da estrada alta noite, sob a escuridão do arvoredo; e os assaltantes tinham de sair do mato, para ser perfeitos, armados de fachas rubras, despejando claridades sinistras e próprias do ato que se consumir.

Como quer que seja, apesar da luz intensa do meio dia, que prejudicou a beleza do quadro, se foram os salteadores com os seus quarenta e cinco contos, ao que dizem. E deixá-los, pobrezinhos! Que muito mais do que isso carrega inúmera gente boa, que jamais é perseguida, nem simplesmente acusada.

Pois não vemos o conde Saturnino de Matos gozando na Europa as beáticas recompensas do seu furto grosso de oitocentos e cinco contos? Muito ficou por aqui entre mãos que serviram de esponja, para limpar os acusados; mas, enfim, Santo pode triunfar e até já caiu nas graças do Papa, que purificam qualquer consciência. Então por que perseguir

os bandidos de S. Paulo? E' uma incoerência.

* * *

O que também está incoerente é este calor alucinante, que nem ao menos cedeu à chuvarada de quarta-feira. Sentei-me debaixo dos borrifos de água, que me vinham dos leques das minhas palmeiras; tentei penetrar-me dos eflúvios úmidos que devia mandar o Corcovado todo envolto em brumas, bebidas ansiosamente pelas minhas vistas ávidas, pela minha boca seca, e nada! Sempre calor, a despeito dos longos fios de chuva fustigando o arvoredor.

E quando o temporal passou, fugiu, o sol abriu outra vez uma pupila enorme e avermelhada e a temperatura crestou.

Meu Deus! que tempo! e que terra, que durante cinco meses do ano sofre esse martírio atroz abrasamento estiolante, sob um céu de azul africano, violento, agudo, implacável!

Bem-aventurados os que se evadiram para Petrópolis - e penso nesses felizes com a amarga inveja de um condenado à fogueira que do alto das chamas visse alguém tomando um sorvete bem gelado.

Petrópolis justamente está hoje em festa. A nossa tão gentil patricia Fanny Guimarães e De Larrigue de Faro, o nosso tão querido artista, dão um concerto em *matinée* - e pode-se calcular a seleta concorrência que ambos hão de atrair...

Fanny é sempre a delicada e loura miniatura que encarna uma grande e vigorosa pianista, vencendo as maiores dificuldades ao teclado, interpretando as intenções das músicas que executa com rara maestria; e Faro é o

expressivo *diseur* que todos apreciam tanto.

E no dia 23 há outro concerto, seguido de um baile... Felizes petropolitanos!

Carmen Dolores.

A SEMANA 20/02/1910 [9269]

"Então?... vai ainda falar domingo sobre o arrasamento do morro de Santo Antônio?"

Esta pergunta me foi várias vezes dirigida nestes sete dias, com um significativo sorriso acusando-me de querer gastar cera com ruim defunto. É preciso não levar muito longe o amor patriótico pelos edifícios e outras construções dos tempos idos... Abaixo esses admiráveis arcos seculares, obra como já hoje se não faz igual! Abaixo chafarizes tradicionais, tudo quanto dá um cunho de nobreza antiga às grandes cidades, tesouros arqueológicos, beleza dos velhos monumentos, atestados históricos do tempo que se foi... Abaixo tudo! E triunfem eminentes opiniões, ilustres pareceres, palavras repassadas de um untuoso mel, a que só se pode responder com docuras iguais, *como no?* enquanto a picareta se afia e vai mesmo tudo raso...

Eu respondo, porém, que não, não falarei sobre o condenado morro, porque bons padrinhos tem ele, sem que precise de mim.

Tenho aliás, como consolo, no meu campo de visão, o nervoso perfil do Corcovado, furando as nuvens, altaneiro e forte, e cuja soberba linha de pedra desafia os caprichos derrubadores da especulação.

Vejo logo mais adiante a frescura montanhosa da Gávea, toda florida de campânulas e parasitas, e onde voam em liberdade grandes borboletas azuis. Mais longe, em suma, o Pão de Açúcar interrompe a monotonia do traço reto, surdindo da onda, dominando a barra, e ora, como feito de púrpura, ora, de claridades de ouro... Que regia perspectiva, não é ? E ela me consola de perder talvez em breve prazo a do velho e querido morro, que entrou em julgamento, como um pobre réu acusado pelo melífluo promotor e defendido por ardente advogado. Senhores jurados!... Não, não! outros interesses ocupam mais nesta data a minha nota humana, que é, talvez, muito platônica e sem utilidade alguma, mas que, no entanto, vibra às vezes deveras ao contato de um nobre projeto ou de um belo empreendimento, que entendam com as necessidades inadiáveis de uma população.

Há serviços que primam os aformoseamentos materiais de qualquer capital com foros de adiantada: e entre esses, cumpre enumerar o importantíssimo programa da inspeção sanitária escolar, agitado por um grupo distinto de médicos convocados pelo prefeito municipal, Dr. Serzedello Correia, que os incumbiu do magno assunto, e o já realizado trabalho do socorro médico de urgência na via pública e em domicílio particular da Assistência do Rio de Janeiro.

Os dois serviços, de um enorme valor, podem ser classificados da seguinte forma: a inspeção sanitária escolar prepara vidas, corrigindo a propagação da tuberculose e outras

moléstias pelo contágio nas escolas ou nos estabelecimentos onde trabalha a infância; e a Assistência Pública repara desastres e conserta existências que pareciam já votadas ao aniquilamento supremo.

A propósito da primeira, vi que, em 1907, o Dr. Moncorvo Filho tomou a iniciativa de, estudando as condições das conectividades infantis, averiguar a proporção das crianças tuberculosas, para o que, com o auxílio dos seus colegas Drs. Domeque de Barros e Almeida Pires, examinou demoradamente todos os menores da Imprensa Nacional e Casa da Moeda, encontrando a terrificante média de 70% de meninos tuberculizados...

Mas é assombroso e é também atroz! Compreende-se que, depois desses e muitos outros exemplos iguais, provas sinistras do que lavra na Escola Normal, nos institutos profissionais, nos colégios públicos e particulares, uma fiscalização oficial se impõe, sendo de louvar altamente a mensagem do Dr. Serzedello Correia, que pugna com entusiasmo e convicção pelo estabelecimento da inspeção médica escolar, desejoso de regulamentá-la, para o que reuniu uma brilhante comissão de médicos entendidos, que deram cada qual o seu parecer. É bem curioso seguir essa discussão e ler, sobretudo, o bem feito histórico, acompanhado do projeto de lei regulamentada, que apresentou o Dr. Moncorvo Filho, quase que o autor da ideia, tendo-a pelo menos sugerido na sua ardente filantropia, a respeito de semelhante serviço inadiável e merecedor de todo o acoroçoamento oficial.

Mas, ai! nem tudo caminha sobre lisos trilhos de aço em nossa terra. Além de questiúnculas levantadas sobre artigos, parágrafos, ficaram suspensos todos os trabalhos da comissão, para dar tempo ao Conselho Municipal de votar a lei - e o Conselho Municipal...

Está, portanto, parada desde 5 de novembro de 1909 a relevante tentativa da organização do serviço da inspeção sanitária escolar: e até quando permaneceremos à espera da necessária realização de tão humanitário projeto?

Mais depressa vai abaixo o morro de Santo Antonio, e bem mais feliz é a Assistência Pública, que, depois também de mil dificuldades entre a cruz e a caldeirinha - a União com a Municipalidade - foi ganhando terreno, entrando nos hábitos do povo, até que os prefeitos Passos e Souza Aguiar lhe imprimiram o decisivo impulso, apressando este último a terminação do posto central da rua Camerino, que em breve será transferido para o brilhante edifício em construção na praça da República.

Quem não conhece hoje o rápido e admirável serviço da Assistência Pública e Privada, que tem tido como incansável propagador o Dr. Cotrim? Nenhuma vítima de qualquer acidente, por mais miserável que seja, fica atualmente ao abandono. Postos de socorros em todas as zonas, auto ambulâncias precipitando-se em auxílio dos que precisam, munidos de todos os recursos urgentes, e que são aplicados no próprio carro por um pessoal médico dedicado, caridoso, que não olha a classe daqueles aos quais acode com todo o zelo;

magníficas salas de curativo e até repouso no posto central; nomes distintíssimos de clínicos conhecidos fazendo parte do grupo superior que se aplica ao trabalho diurno e noturno - eis a Assistência, que o povo hoje respeita e a cuja caridade rende o preciso preito de aplauso e reconhecimento.

Ora, com estes dois preciosos assuntos referentes à inspeção sanitária escolar e Assistência Pública a me caírem do bico da pena entusiasmada, e que não são desta ou daquela semana, mas sim de todas, de todos os meses e de todos os anos, por que me ocuparia eu ainda do pobre morro que entrou no júri? A infância que se desenvolve e constitui a nossa raça, precisa sem dúvida de maiores dedicações do que o embelezamento material da cidade. Para que servem avenidas rasgadas, parques de luxo e o mais, se a tara da tuberculose se alastra nas escolas, propagada livremente pelos já doentes e muitas vezes pelos professores, cujo estado nunca é fiscalizado?

E bem sabe disso o Dr. Moncorvo, com a sua larga experiência bebida na prática do Instituto de Assistência e Proteção à Infância, que tão habilmente dirige; de modo que só devemos, todos nós da imprensa, acoroçoar os seus esforços e aplaudir as suas vitórias, que são todas em favor da humanidade.

Pela minha parte é o que faço, animando aqui a ideia da inspeção sanitária escolar e louvando a Assistência Pública e Privada, em cujo pessoal de médicos conto diversos amigos, cujo desvelo admiro - e entre eles um muito particular, deveras

digno de apreço, que é o Dr. Lassance Cunha.

Quem me querará ajudar no empenho da minha tão justa homenagem? Apareça, que é simples justiça...

* * *

Em geral, quem viaja não faz lá muita questão de discursos, explicações e loquelas eloquentes e puxadas, como diz o povo, à sustância.

Isso é bom para os candidatos presidenciais, último grito, que só excursionam através de frases. Frase com café com leite e biscoitos; discurso entre a *mayonaise* e o peru; mais frase com o *lunch*, a sopa, as frutas e o cálice de cognac...

O particular, porém, que viaja, não pretende senão ver, ver, olhar, conhecer, singelamente, sem maçadas, sem pedantes ao seu lado, com a liberdade completa do *touriste*. E a estes eu aconselho lerem o interessante, grosso e desataviado livro do Dr. Simoens da Silva, que, com o título de - *Viagem pelo interior da República Argentina*, acaba de aparecer; e garanto que nem um só minuto se hão de enfastiar de percorrer essas 304 páginas de impressões, que se conservam sempre vivas, pitorescas e agradáveis, do princípio ao fim do volume.

O Dr. Simoens da Silva é claramente um temperamento feliz, um homem sempre alegre, enérgico e bem disposto. O seu equilíbrio lhe transparece no riso fácil e saudável.

Compreendo, pois, o bom humor comunicativo que ele conservou sempre nessa longa excursão, de Buenos Aires a Mendoza, a San Juan, Tucuman, Jujuy, Salta, Mar del Plata,

mil lugares, até Roca ou Rio Negro, visitando vinhas, criações, campos, estâncias, tão depressa a cavalo como em trens ou carros de bois; atravessando zonas abrasadas ou contemplando os gelos dos Andes; extático ante o *high-life porteño*, a beira-mar, ou já fascinado pelas provocantes *cuecas* ou o *gato*, dançados por *muchachas* costureiras - ou então bebendo *chica* com os índios bolivianos, mansos, de Salta...

E tudo isto é risonho, movimentado, natural e vivo.

Leiam o volume.

Carmen Dolores.